ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.
(PHILOBIBLION. CAP. XVI)

1902

VOLUME XXIV

RIO DE JANEIRO
Officina Typographica da Bibliotheca Nacional
1904

INTRODUCÇÃO

Constituem, quasi exclusivamente, o presente volume dos Annaes os quatro primeiros livros da obra inedita de D. Domingos do Loreto Couto, intitulada — Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco.

Tendo feito copiar o manuscripto existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, cumpria á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro dar publicidade a esse extenso repertorio de curiosas e interessantes informações, escripto sem pretenção ao apuro da forma, mas recommendavel aos estudiosos da historia patria pela grande copia de subsidios que fornece, historicos, biographicos e bibliographicos e pelo tom de sinceridade que o auctor imprime ao seu trabalho e com que desempenha o seu papel de chronista.

Os outros quatro livros, que completam a Parte Primeira, unica existente, serão insertos no proximo volume dos Annaes, seguindo-se uma noticia a respeito da obra, escripta pelo illustrado Professor Capistrano de Abreu, cuja competencia é de todos reconhecida.

Fecha o presente volume o relatorio dos trabalhos effectuados e do movimento occorrido na Bibliotheca durante o anno de 1901.

Apparelhado como está este estabelecimento com uma officina typographica, onde são pela primeira vez impressos os seus Annaes, é de crer que não mais se atrazará semelhante publicação, devendo sahir ainda no correr d'este anno os volumes correspondentes a 1903 e 1904.

Fevereiro de 1904.

M. C.

DESAGRAVOS
DO BRAZIL
E
GLORIAS
DE
PERNAMBUCO

DESAGRAVOS

DO BRAZIL

E

GLORIAS DE PERNAMBUCO

DISCURSOS

BRASILICOS, DOGMATICOS, BELICOS, APOLOGETICOS, MORAES E HISTORICOS

REPARTIDOS

Em oito livros, nos quaes se descrevem, o descobrimento do Brazil, e conquistas das capitanias de Pernambuco, com varias noticias Historicas, e Geograficas do mesmo Paiz, memorias dos seus principaes habitadores, acçoiñs illustres de seus naturais, sem razão de varias Calumnias, nascidas de menos verdadeiras noticias, e outras couzas dignas de atenção

TOMO I

OFFERECIDO

A Sempre Augusta, e Fidelissima Magestade, de El Rey

D. JOZE I.

NOSSO SENHOR

POR MÃO

Do Exm.º Senhor Sebastião Joze de Carvalho e Mello, do Concelho de Sua Magestade, e seu Secretario de Estado de repartição dos Negocios do Reyno, e Merces; oriundo de Pernambuco

POR SEU AUTHOR

D. Domingos do Loreto Couto

Presbytero Profeço da Ordem do Principe dos Patriarchas S. Bento, na congregação de Santa Maria de Crudacio, da Diocese vivarience, do Reino de França, natural do Recife de Pernambuco, e Visitador Geral que foi d'este Bispado

SENHOR

A incomparavel clemencia, e piedade verdadeiramente Regia, de que Deus adornou o elevado espirito de Vossa Magestade, me animou a offerecer aos Reaes pes de Vossa Magestade este livro, que o Amor da minha Patria emprendeo, e ordenou o meu trabalho; sem outro fim mais, que mostrar ao Mundo, que em Pernambuco tem Vossa Magestade vassallos, de espiritos tão animosos, que não contentes com a gloria herdada de seos mayores (porque a querem a força de seos brios adquirida) souberão com a sua espada sojugar o furor dos inimigos; desterrar com a sua doutrina, as trevas da Gentilidade; e assombrar com a sua constancia, a crueldade dos Tiranos. E se a Vossa Magestade que nos governa, se devem attribuir os illustres progressos de seos vassallos, assim como ao sol que lhes preside devem os Astros todo o Ser de seu luzimento, tambem a Vossa Magestade se devem consagrar estas memorias, mas que por obsequio, por restituição. Se ao Principe que rege hum Imperio, pertence patrocinar-lhe a Historia, sirva-se Vossa Magestade de tomar a conta de sua Soberana protecção esta obra, que parece se faz digna da Real attenção de Vossa Magestade, por comprehender a sublimidade de tantos espiritos, que ennobrecerão a Patria com os nomes, dilatarão a Fama com as proezas, acreditarão a nação com as façanhas, e com igual decoro, illustrarão o Estado Ecclesiastico, Politico, e Militar. A Real Pessoa de Vossa Magestade goarde Deos por tantos annos, quantos são os vassallos, que em Pernambuco obedecem a Vossa Magestade, com promptissima obediencia, fidelissimo Amor, e exemplarissima lialdade.

D. DOMINGOS DO LORETO COUTTO.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

Sebastião Jose de Carvalho e Mello

ILLUSTRISº

e

Exm̃ Senhor

O motivo que me persuadio a offerecer a ElRey Nosso Senhor este livro, por mão de Vossa Excelencia, foy julgar, que era facil absurdo por na presença de Sua Magestade, húa obra, que posto que muito grande pela materia, era muito humilde por minha, sem primeiro procurar, que da benefica Sombra do Soberano asylo de Vossa Excellencia se dirivem as luzes, com que fiquem lustrosos os borrões com que saem da minha mão. A esta razão accompanha o alto interece, que aspiro para a minha Patria, qual he, que conheça todo o Mundo, que Vossa Exc[a] he oriundo de Pernambuco. E se as causas para este atrevimento que tomey, são tão justas, espero seja recebido para o patrocinio com aquella afabilidade propria de hum sogeito, a quem Deus foy Servido enriquecer de tantas honorificas qualidades, e de prendas tão relevantes. Os raros talentos de Vossa Exc[a] tão acreditados no Mundo, a todo Mundo persuadem húa grande veneração a Pessoa de vossa Exc[a] e a Pernambuco húa gloria, e húa grande confiança. E se como disse S. Ambrosio, quem da valor as couzas, e lhe poem o devido preço, he o affecto, este deve suppor em vossa Exç[a] hum livro que trata das heroicas acçoẽs de muitos parentes de Vossa Exç[a]. Aqui desejava eu dilatar-me em referir as proezas dos inclitos Avos maternos de Vossa Exç[a], mas basta dizer que Vossa Exç[a] he neto dos senhores Jeronimo de

Albuquerque, Filipe Cavalcante, João Gomes de Mello, Dom Filipe e Dom Paulo de Moura Rolim, e Francisco de Mendonça Furtado, cujas esclarecidas calidades, e virtudes, são tão reconhecidas, que não sey haja quem as ignore. Destes tão exclarecidos, e augustissimos troncos recebeu V. Exçª, pela parte materna em Pernambuco o ser, empenhados os illustres Avos de V. Exçª. em tirarem successivamente a luz do Mundo hum luzido traslado, servindolhes como de ensayo para obra tão alta, outros netos, Tios de V. Exç.ª, varoens certamente emminentes, como testemunhão sem algum hyperbole os annaes da Fama, que no Militar, Politico, e Eclesiastico, occuparão sublimes empregos, e que com a felicidade de suas memoraveis façanhas, darião larga materia a dilatados volumes. Desta verdade podera duvidar somente aquelle, que não tiver noticia, de que muitos forão os Tios que pelo tronco materno teve V. Exç.ª naturaes de Pernambuco, que não só forão celebrados na America, mas na Europa, Asia, e Africa; pelos eminentes postos, e estados a que os sublimarão seus gloriosos merecimentos; e pelo generoso valor com que forão o terror dos inimigos, e a dessolação dos contrarios da Monarchia Portugueza. E se não digam os noticiosos em que volume cabem as heroicidades do senhor Jorge de Albuquerque Coelho, Primo da Senhora D. Catherina de Albuquerque, quinta Avo de V. Exc.ª, e Pay dos Exm.os senhores Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete, Governador de Pernambuco, e Bahia, General do Exercito do Alentejo; e de Duarte de Albuquerque, Governador destas Provincias, e Marquez de Basto; que, acompanhando a ElRey D. Sebastião na memoravel batalha de Alcacere-Quibir, a não ser tanta a fatalidade daquelle infausto dia ecclypsara com os rayos da sua Espada as luas de Mafoma; não sendo bastantes onze penetrantes feridas que recebeo, para a largar das mãos; nem poderoso, o horror da morte, e perigo em que estava a sua vida, para não dar mayor preço a de seo Principe, largandolhe o seo cavallo, para que nelle se salvase; ficando-se cahido no campo, entregue ao furor dos barbaros. Que escrito podera cabalmente referir as proezas do senhor Duarte de Albuquerque seo Irmão, que na mesma batalha assistindo a ElRey na primeira fileira, se deo por obrigado a desafiar o inimigo, alentando aos nossos, pondo-se deante dos soldados, para que a vista do seo sangue gloriozamente derramado o seguissem, e o seu generozo exemplo imitassem. Que Livro pode comprehender as façanhas do senhor Jeronimo de Albuquerque, Governador, e Capitão General do Maranhão Irmão da dita Senhora D. Catherina, Avo de V. Exç.ª, que com a bizarria das suas armas abateo o orgulho da nação Franceza, tirando por duas vezes do seu dominio aquelle grande Estado. Em que annaes cabem as façanhas do senhor Dom Francisco de Moura Ro-

lim, Governador Geral da Bahia, Irmão do senhor Dom Paulo de Moura Rolim, terceiro Avo de V. Exç.ª, sendo o primeiro, que nas campanhas da India, Flandes e Brasil se expunha intrepidamente aos mais arriscados conflictos, e a quem deveo a Bahia a sua restauração. Finalmente em que volume cabem as heroicas acçoens dos senhores Affonso de Albuquerque, Governador do Rio de Janeiro; Lourenço Cavalcante de Albuquerque Governador de Cabo Verde, Alexandre de Moura, Governador de Portalegre, Nuno de Mello e Albuquerque, General da Frota de Indias, e Marquez em Castella. Alvaro Fragoso de Albuquerque, Commissario Geral da Cavalaria, no Reyno. Pedro, e Antonio de Albuquerque, Governadores, e Capitaens Generaes do Maranhão. Antonio de Albuquerque Coelho, Governador, e Capitão General do mesmo Estado. Antonio, e Mathias de Albuquerque Governadores da Paraiba, todos muito conjunctos por parentesco com a senhora D. Maria de Mello, e Moura Avo de V. Exc.ª, cujas insignes, e illustres proezas se podem ter por fidelissimas testemunhas as quatro partes do Mundo, não podem caber em muitos volumes. Não bastando porem para producção tão maravilhoza arvore tão fecunda de heroes, se enxertou a que nacera em Pernambuco, na que existia em Portugal, para que tão bem fossem progenitores de tão admiravel fruto, os melhores Carvalhos, Ataydes, Coutinhos, Sás, Souzas, Azevedos e outros, que por seos Ascendentes pegão em conhecido grao com as primeiras nobrezas de Portugal. Aqui tambem se me offerecia largo campo para me estender largamente em referir as insignes acçoens de V. Exçª., mas nem sei o que calle, nem o que escreva, quando por todos os lados reconheço huã tão crecida multidão de virtudes em V. Exc.ª, que pela menor merecia a primazia dos maiores cargos, e a honra dos mais illustres Titolos; e juntamente he razão o deixe para outras mais bem aparadas pennas, que com mais eloquente estylo as fação patentes. Queira a Magestade Divina, que neste Reyno sejão muy prolongados os annos de V. Exç.ª para que nelle se acrescentem as felecidades, e tenha Portugal um Menistro, que com solicito disvelo trate dos seus intereces, e augmentos. E eu minimo capellão de V. Exç.ª receba o favor que da sua benevolencia espero, que he patrocinar esta obra, parto do mais inculto engenho, para que da Soberana Magestade delRey Nosso Senhor consiga o agrado, que por ser minha não merece. Recife 26 de Março de 1757 annos

Excellentissimo Senhor

B. A. M. de V. Exc.ª

Seu mais humilde Capellão

D. Domingos do Loreto Coutto.

Prologo ao Leitor

Não compus esta obra com os olhos no lucro, nem com a pertenção de dar documentos, nem com esperança de applauzos, porq̃ o primeiro motivo seria vileza, o segundo orgulho, o terceiro vangloria; fui somente levado da justa magoa de ver o grande descuido, q̃ teve Pernambuco em perpetuar as virtudes de seus filhos, q̃ com ellas o illustraram ; e que insensivelmente hia o tempo consumindo a noticia de tantos exclarecidos Heroes, por faltar quem se rezolvesse a escrevellas. Por esta razão, mais attento a gloria da Patria que a reputação do meu nome, pertendi romper o tenebrozo cahos, em q̃ estavão sepultadas tantas glorias illustres, para fazer patentes aquellas noticias, q̃ o Mundo ignorava. Acrescentando-se ao motivo referido outro mayor estimolo, q̃ foi avaliar como obrigação preciza, refutar alguns erros, e calumnias, com q̃ alguns Autores, que tem escrito do Brazil, mancharão a opinião dos nossos Indios, e de alguãs pessoas benemeritas, sem mais fundamento, q̃ o de huãs tradiçóes tão suspeitozas, como mal nascidas, e falsas. Estes forão os motivos, q̃ me persuadirão a tão difficultozo empenho, e para poder conseguir o fim deste illustre argumento, q̃ emprendi com algũa satisfação dos leitores discretos, e com menos reparo dos criticos me foi necessario hũ particular estudo, e aquelle trabalho, q̃ fez precizo a distancia de mais de dous secolos; por q̃ não podendo colher da lição dos Livros as noticias, por não haver athe agora algũ impresso, q̃ trate desta materia com bastante individuação, e copia, e somente algũas escaças memorias, q̃ andão por varios Autores introduzidas em diversos assumptos, não tive materiaes, de que formar este edificio, mais q̃ de memorias de Archivos, e de noticias particulares, q̃ certamente logrão o privilegio de seguras, constantes, e verdadeiras; hũas por serem extrahidas de documentos livres de suspeita e outras por serem dadas por pessoas fidedignas; sendo tão bem muitos os factos modernos de q̃ trato q̃ podem contar hoje por milhares as testemunhas. Bem quizera fazer em hũ sò tomo memoria das esclarecidas virtudes dos naturaes de todas as provincias do

Brazil, porem hè tanto o q̃ se pode dizer de suas heroicas acçoens, q̃ me não foi possivel escrever tudo em hũ sò volume; e sendo este primissas do meu trabalho, entendi estava obrigado a escrevello em obsequio dos meus Patricios; e sem q̃ me assuste a mordacidade do Leitor malevolo o offereço a luz do Mundo. Se alguã satisfação entender o Leitor pio, q̃ mereço pelo meu trabalho, não quero outra recompensa, q̃ o conhecimento, de q̃ despendi largos disvelos com o fim de q̃ sahissem fieis, e verdadeiras as noticias q̃ escrevo.

PROTESTAÇÃO

DO AUTOR

Obedecendo aos Decretos do Santissimo Padre Urbano oitavo publicado em 13 de Março de 1625, na Sagrada Congregação de Ritos, aprovado em 25 de Junho de 1634, e modificado pelo mesmo Pontifice em 5 de Junho de 1631, protesto, e com o animo mais ingenuo e expressivo declaro, que tudo que relato, e escrevo neste volume, e que pareção milagres ou successos sobrenaturaes, não he meu intento que tenhão mais credito, ou authoridade, que aquella que merecem as mesmas em si, e cabe na Fé meramente humana, deixando ao juizo rectissimo da Igreja o discernir os verdadeiros milagres, e santidade. Declaro mais, que todos os elogios que faço a algũas pessoas conteudas neste Livro, não he minha intenção, que sobrecayão nellas immediatamente, mas sim nas virtudes que exercitarão: e de que assim o affirmo, e protesto, firmo aqui de meu proprio nome, em Fe de que me sugeito em tudo, como filho obediente, ao parecer da Santa Igreja.

D. DOMINGOS DO LORETO COUTTO.

TABOA

DOS CAPITULOS QUE CONTEM ESTA OBRA

LIVRO PRIMEIRO

PERNAMBUCO CONQUISTADO

LIVRO SEGUNDO

PERNAMBUCO VENCIDO, E GLORIOSAMENTE RESTAURADO

LIVRO TERCEIRO

PERNAMBUCO RENASCIDO

LIVRO QUARTO

PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM VIRTUDES

LIVRO QUINTO

PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM AS LETRAS

LIVRO SEXTO

PERNAMBUCO ILLUSTRADO PELAS ARMAS

LIVRO SETIMO

PERNAMBUCO ILLUSTRADO PELO SEXO FEMININO

LIVRO OUTAVO

PERNAMBUCO CONSTANTE, VALEROSO E FIEL NAS CALAMIDADES

LIVRO PRIMEIRO

PERNAMBUCO CONQUISTADO

CAPITULO 1º

DESCREVE O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, E AS CONQUISTAS DAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO

1. A America, toma o seu nome de Americo Vespucio Florentino, que em nome do glorioso Rey de Portugal D. Manoel, tomou posse della no anno de 1497, posto que fora primeiro descoberta por Christovão Colon. Para melhor dizer, a hum Portugues se deve o descobrimento deste novo mundo : Por que navegando para as Indias Orientaes hua Caravella Portugueza foy levada dos ventos, e das correntes, ao Poente, e a vista daquellas terras ate então desconhecidas. De fome, e trabalhos do mar pereceo toda a equipagem, excepto um Piloto, e tres ou quatro marinheiros, os quaes pouco depois de arribados a hum porto da Ilha da Madeira, morrerão em caza de Christovão Colon Piloto Genovez, que de Genova sua Patria passara aquella Ilha, e nella cazara.

2. Foy este Colon tão venturoso, que em seu poder ficarão cõ a relação da viagem do Portugues as alturas das terras descubertas, e dezejoso de se aproveitar das noticias, que tinha, se offereceo a ElRey D. Affonço de Portugal, e a Henrique VIII de Inglaterra, os quaes ouvindo a preposição do descobrimento de hum novo mundo, a despresarão, como delirio. Na corte de Castella lhe socedera o mesmo se o Thesoureiro mor Affonço Quintavilla, e o Arcebispo de Toledo D. Gonçalo de Mendonça, não persuadissem a Raynha, e a ElRey, que não desprezassem o alvitre. Prometerão-lhe as Magestades Catholicas, que acabada a guerra que tinhão com os Mouros, lhe darião o necessario para execução da Empresa.

3. Foy finalmente Colon despachado com 160 crusados, que se lhe derão da fazenda real, para que aprestasse navios, e com promessa da decima parte de tudo, quanto descobrisse. Animado com esta merce

sahio da Corte, fez companhia com Martim Fernandes Pinçon; e seu Irmão Affonço Pinçon. Armarão tres caravellas, de duas erão capitaens os dous Irmãos, e da terceira Bertholameu Colon, Irmão de Christovão Colon. Derão principio a sua viagem saindo de hum porto de Castella chamado Pallos de Mugel, com 120 companheiros, a 3 de Agosto do anno do Senhor de 1492. Chegando a Gomeira hua das Ilhas Fortunadas, a que hoje chamão Canarias, e daly no primeiro de Setembro tomarão a derrota, caminho do Poente, e a 11 de Outubro descobrirão hua das Ilhas Lucayas, e logo a Ilha de Cuba. Corridas estas Ilhas, e communicada a gente dellas, edificou Colon um castello, e presidiado cõ quarenta soldados, voltou para Espanha, levando em sua companhia dez homens naturaes da terra, Papagayos, Aves e frutos nunca vistos na Europa.

4. A tres de Abril do anno de 1493, entrou Colon na Corte de Castella, foy recebido com aplausos e feito Almirante das Indias, e a seu Irmão Adiantado das mesmas; derão-lhe armas de cavalleiros, e poz nellas Colon por Orla = Por Castilla, i Aragon, nuevo mundo hallo Colon = e desta Casa descendem hoje os Almirantes das Indias de Castella, com titulo de Duques de Peragua. Com dezoito navios bem esquipados fez outra viagem, em que descobrio a Jamaica, e outras Ilhas, e na terceira viagem fez outros muitos descobrimentos, dos quaes se seguio toda a noticia, que hoje temos da America, mas sempre com obrigação ao Piloto Portuguez, que deu as primeiras luzes deste descobrimento.

5. O Brazil foy descoberto por Pedro Alves Cabral, que hia por Capitão mor da segunda armada, que ElRey D. Manoel de felice memoria mandou a India, e partio de Lisboa em nove de Março de 1500, do nascimento de Christo. Correndo tormenta, por descair muito al oeste da Equinocial para o Sul, avistou no mez de Abril prayas incognitas. Em 3 de Mayo surgio com a armada em hum porto, ao qual por lhe parecer seguro dos perigos do mar chamou = Porto Seguro.

6. Tem o Brazil o principio da sua parte maritima da foz do Rio das Amazonas, em cuja fronte, que fica ao Norte, tem sua maior Latitud em dous graos da Equinocial, e dahi se vay estreitando, e dilatando com differentes gyros em forma quase triangular por mais de mil e duzentas legoas de Costa, ate rematar quaze em ponta no cabo de Santa Maria e boca do Rio da Prata em quarenta e sinco graos ao meyo dia.

7. Divide-se o Brazil pela costa maritima em quatorze Capitanias ou Provincias: a saber, Tamaracá, que he a mais antiga de todas; Bahia, aonde reside o Vice Rey do Estado; Pernambuco, Para,

Maranhão, Ciarà, Rio grande, Parahyba, Sergipe, Ilheos, Porto seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente.

8. O Bispado de Pernambuco tem principio no Ciarâ, que corre athe o Rio grande, por distancia de 160 legoas: continua do Rio grande por espaço de quarenta, e sinco legoas athe a Parayba. Dá Parayba athe Tamaraca, por vinte e sinco; Tamaraca tem sette legoas. E de Igarassû termina a Capitania de Pernambuco no Rio de S. Francisco, com noventa e sinco legoas de costa. E vem a ter este Bispado, que comprehende sinco Capitanias, trezentas e trinta e duas legoas pela costa maritima, e da parte do certão assentado em campinas, e cortado com bosques, se estende tanto que penetra o interior da America, onde se poderião bem fundar grandes Reynos, e dilatados Imperios.

9. Fez merce da Capitania de Pernambuco, ElRey D. João o 3º, a Duarte Coelho, em remuneração dos muitos, e grandes serviços, que lhe havia feito na India, e na tomada de Malaca. Preparado Duarte Coelho de tudo, que lhe pareceo necessario para invadir e povoar esta terra, em hua armada de sinco navios sahio de Lisboa no anno de *1530*, trazendo em sua companhia a Senhora D. Brites de Albuquerque, muitos fidalgos seus parentes, e amigos; e outra muito e nobre gente, de q̃ procedem muitas familias illustres destas Capitanias.

10. Com prospera viagem chegou ao Brazil; avistou terra em 27 de Setembro, e entrando pelo Rio de Santa Crûz, vio hûa grande povoação, e fora d'ella multidão de Gentios, que valentes correrão a disputar-lhe a entrada. Travou-se a briga porfiando os nossos para tomar terra, e os Gentios para lhes impedirẽ o desembarque, durou igual largo espaço, sem inclinar-se a victoria a parte da multidão, nem a do esforço.

11. O Capitão mor vendo a constancia com que aquelles barbaros despresadas as vidas, defendião o logar, que occupavão, foy refrescando os nossos com outros descançados; os quaes, tendo por affronta achar valor em gente barbaramente disciplinada, accometterão por entre hûa nuvem de setas, e tomarão terra, ferindo e matando os inimigos; que não podendo sofrer golpes tão pesados, nos forão cedendo o lugar, deixando tendidos na terra o principal, e outros dos melhores; que, companheiros na sorte, comprarão o nome á custa das proprias vidas, que offerecerão em beneficio da Patria, e por sacrificio da honra.

12. Attribuirão os nossos a victoria aos Inclytos martyres Santos Cosme e Damião; em cujo dia ã alcançarão: e em reconhecimento do beneficio levantarão aly um Templo, que consagrarão ao nome dos gloriosos Martyres; onde são muito venerados, pelos muitos milagres, e repetidos prodigios, que obrão; e no mesmo lugar foi situada a

villa de Igarassú, tomando o nome que naquella occasião lhe deo a admiração dos naturaes, vendo a grandeza das nossas embarcações, sendo o mesmo em seu idioma Igarassũ, que nao grande em Portugues.

13. Neste lugar se deteve Duarte Coelho todo ō tempo, que lhe foy necessario para povoar, e guarnecer a nova villa; daqui partio com ō grosso da sua gente, correndo a terra para a parte do Sul, sempre a vista do mar, dezejoso de achar sitio conveniente para nelle edificar huã povoação, que servisse de cabeça da sua Capitania.

14. Avistou hum ameno, e aprasivel monte vesinho ao mar em altura de oito graus da Equinocial para o Polo Austral com a comodidade do Porto, que aly fàz ô mar, abrindo a natureza em huã dilatada corda de serrania, que metida pelo mar cinge muita distancia de terra, hũa abertura a qual chamão os naturaes Pernambuco, que na lingoa Brazilica val o mesmo que mar furado, ou Rio fuoado. Por que como os Arabes, dizem: Guada, a todos os Rios; dizem, Parâ, os Indios do Brazil; a que ajuntando a palavra Nambuco, dirá Rio furado; o que se tomou dos Rios Beberibe e Capiberibe que são as mais vezinhas correntes do seu destrito.

15. Foy Duarte Coelho recebido dos Topinambás (que assim se chamavão os Gentios que habitavão este monte, e suas ribeiras) com demonstrações gratas, respondendo n'elles o contentamento a grandeza do beneficio para que os convidava o Capitão Mor, offerecendo se-lhes companheiro, se invadidos de outras nações, necessitassem da assistencia das nossas armas. Como os nossos forão tratados do mayoral com mimos de hospedes, e dos mais com agasalho de companheiros, pode sem contradição levantar Duarte Coelho huã torre, ou castello de pedra e cal, (de que ainda aparessem ruinas), para nelle viver com a sua familia, e ao pê delle huã povoação em que assestisse a sua gente. Algum tempo se conservou em boa correspondencia, e paz com os Topinambás, que alterou a desconfiança dos Gentios, parecendo lhes que mais que sociedade, era industria, com que os Portuguezes pertendião, com aparencias de amigos, não só apoderar-se de suas terras mas violentar lhes a liberdade; suspeita, que fomentavão os Francezes, que naquelle tempo arribarão em alguns portos, levados da cobiça. Com este receyo tomarão as armas, e de repente assaltarão a nossa povoação. Os nossos, creando alentos nos brios, forças na desesperação, se avançarão a encontrar a vanguarda do inimigo, aonde o estrago igualou o valor com que nos receberão firmes, sustentando a peleja com esforço, não so natural, mas adquirido nos affectos do odio, e no receio da escravidão.

16. Por muito tempo durou este primeiro conflicto, athe que,

perdidos muitos dos seos, nos forão abandonando o campo. Repetirão por muitas vezes os assaltos, e investidas, athe que acautelados se abstiverão delles, vendo que para derrotar aos Portuguezes não era necessario investillos, senão sustentarse inteiros, por terem com os caminhos tomados, impedida a retirada, e tolhidos os bastimentos. Com este cerco puzerão a Duarte Coelho em tão grande aperto de fome e sede, que era o pior inimigo; porque contra este não valião balas; e ainda que os de dentro espalhavão muitas nos de fora, de que morrião muitos Gentios e Francezes seos auxiliares, não erão bastante para fazer com que os Topinambas desistissem do empenho, apostados a acabar com todos os Portuguezes.

17. Nesta grande consternação, e perigo em que os nossos se vião, ferido o Capitão, e morta muita gente, Deos, que excitou o animo de Raab, para que escondesse as espias do seu povo, e fosse o instrumento da victoria, que alcançou contra os de Jericó, excitou tambem o coração de huã moça filha de hum principal dos Topinambas, que se havia affeiçoado a Vasco Fernandes de Lucena, para que com outras mulheres, que venceo com seos rogos, e persuações valessem aos sercados. Com muito segredo, e cautela trasião mantimentos, e agoa a fortaleza, com que os sitiados poderão conservar a vida, e resistir aos assaltos.

18. Era Vasco Fernandes estimado entre os Gentios. O principal se honrava de õ ter por seu genro, e os mais o temião, porque o supunhão feiticeyro. Como virão que os Portuguezes, apezar do cerco mais apertado, se conservavão mais vigorosos se resolverão a darlhes hum forte asalto. Temerão os nossos a sua ultima ruina, o que vendo Vasco Fernandes sahio fora, e na lingoa Brasilica, que entendia, e fallava bem, lhes disse que os apertos do cerco os não tinha posto em fraqueza, antes sim com mais força para a resistencia. Que soubessem que os Francezes que o persuadião, erão os que os enganavão, e os trasião aly para serem mortos, e destruidos, para assim ficarem senhores das suas terras. Que sò cuidassem em serem amigos dos Portuguezes, pois os Portuguezes o erão seos. E logo fes um risco na terra com o bordão que trazia; dizendo lhes que aquelle que temerario intentasse passar aquella raya para acometer a Fortaleza, infalivelmente morreria. Zombarão os Indios do ameaço, e oito se lançarão sobre ó Lucena para o matarem; mas apenas derão os primeiros passos alem daquelle sinal cahirão mortos. O que visto pelos mais levantarão o cerco, e se puzerão em fugida.

19. Naquelle lugar onde Vasco Fernandes fes aquelle risco se edificou depois hum sumptuoso Templo dedicado ao Salvador do mundo, que foy Igreja Matriz da Villa, e hoje é a cathedral de Olinda, aonde

se celebrão os officios divinos com muita pompa e solenidade. E assim sò se deve atribuir este cazo a divina providencia, que quiz com este prodigio sinalar o sitio, e immunidade do seu Templo, e acodir por este modo aos apertos em que se vião aquelles sitiados.

20. Com esta e outras muitas victorias, alcançadas mais por milagres divinos, do que por forças humanas, cobrou Duarte Coelho tanto animo, esforço e valor, que se resolveo a continuar a conquista da sua capitania. Navegou pela costa abaixo, arribou a seus portos, e foy lançando fora delles aos Francezes, que achou nos resgates do pau Brazil, e outras drogas, pondo fim a sua navegação e conquista no Rio de S. Francisco, termo da Capitania de Pernambuco.

21. O Rio de S. Francisco é o terceiro na grandesa dos que regão os Estados que os Portuguezes tem no Brasil. Nasce das vertentes das grandes serranias do Chili e Perû, donde tambem o Rio da Prata, e ô das Amasonas toma a sua origem. Passa por junto da villa do seu nome, e com uma foz de duas legoas, aberta em duas abras dezemboca no mar, dez gráos e meyo para o Sul. De húa e outra parte o habitão os Caetes e Tupinambas; e pelo Rio assima Tupinães, Amoigpyras, Ibyraras, e outras muitas nações. No meyo da sua corrente faz muitas Ilhas todas povoadas: quarenta legoas pela terra dentro se despenhão juntas todas as suas agoas de huã grande rocha com grande estrondo; e não satisfeito d'esta e de outras famosas catadupas, chamadas vulgarmente cachoeyras, dez jornadas mais ao certão, lanca se na boca de outra rocha medonha, que o sorve, e neste sumidouro desaparesse com curço subterraneo pelo espaço de dose legoas, donde novo Alfeo rebenta de novo, e continua o seu curço. Demarcadas as terras vencidos perigos, conseguidas victorias, se recolheo Duarte Coelho a sua Fortaleza de Olinda, para daly melhor ordenar o que convinha a conservação, e augmento da sua Capitania.

CAPITULO 2º

DESCRIPÇÃO, E CONQUISTA DA FAMOSA ILHA, E CAPITANIA DE TAMARACA

22. Fez ElRey D. Joao o 3º merce a Pedro Lopes de Souza de sincoenta legoas de terras no Brazil; e por nova graça lhas concedeo repartidas. Vinte e sinco legoas na Capitania de S. Vicente, e outras vinte e sinco em Tamaracà. Desta ilha de Tamaracà se tinhão os Francezes apoderado, e levantado n'ella huã Fortaleza, que, guarnecida de muitas municões, e artilharia, lhes servia de abrigo, e defença. Por esta cauza assim neste porto, como nos mais comerciavão com os

Gentios, e os alteravão contra os Portuguezes, induzindo-os para que lhes fizessem em todas as partes cruel guerra.

23. Sendo ElRey informado destes procedimentos, ordenou hũa armada bem provida de todo necessario e mandou nella a Pedro Lopes de Souza para que viesse a esta Ilha, e lancasse della os Francezes, demolindo suas Fortalezas e Feytorias; levantando outras, aonde lhe carregassem o Páo Brazil por sua conta, droga que somente reservava para si.

24. Partio de Lisboa esta armada, e prosperamente navegando arribou a Ilha Tamaracà a tempo que de seu porto sahia hũa náo Franceza carregada para a França. Seguio-a huã ligeira caravella, de que era capitão João Gonçalves, da Casa de Pedro Lopes, e a rendeu, depois de lhe matar algũa gente, e a desarvorar com um pelouro de cadea que ã colheo de popa a proa. Tendo noticia o Capitão mor de outra náo que vinha de França com monições, e resgates, à mandou esperar por duas caravellas, de que erão capitães Alvaro Nunes de Andrade, Fidalgo Galego, da familia dos Andrades, e Gamboas, e Sebastião Gonçalves Alvelos; os quaes ã tomarão e entrarão com ella na mesma maré em que João Gonçalves entrou com ã outra.

25. A vista da nossa armada, e da tomada das duas náos desmayarão os Francezes, que presidiavão a Fortaleza; e tomarão animo alguns Portuguezes seos prizioneiros para se levantarem, e amotinarem os Gentios contra elles; de tal modo embravecidos, que se Pedro Lopes lho não impediria, serião todos mortos, e destruidos. Rendida a Fortaleza, despejada da artilharia, e do mais que nella havia, foy demolida, e se fez outra em lugar mais conveniente para defença da Feitoria de ElRey, que depois o mesmo Senhor deu a Duarte Coelho. Carregados de Páo Brazil os navios da Armada, voltarão para Portugal, e Pedro Lopes continuou a empresa de lançar fora dos mais portos os Francezes, que nelles estavão ao resgate do páo Brazil, e outras drogas.

26. Chama-se esta Capitania Tamaracà, de hua Ilha que tem este nome, e dista do Porto de Reciffe oito legoas, tem dez de circuito; em sette graos e meyo da Equinocial para o Sul. Ao redor della dezaguão sinco rios, que tem o seu principio no certão, dos quaes o primeiro é o Rio Igarassu, que demarca e divide esta Capitania da de Pernambuco, alaga a ponta da Ilha da parte do Sul, donde esta situada a Villa, e o porto dos navios; os quaes para entrarem tem por baliza, e sinal, certas barreiras vermelhas, com as quaes, pondosse Nordeste, Sudoeste, entrão pela barra sem algum impedimento. Tem outra barra da parte do Norte, pela qual entrão embarcações da costa. Os outros Rios que vem da terra firme, de que se divide a Ilha por um

pequeno canal, vem a desembocar ao redor da mesma Ilha, e são, Araripe, Tapirema, Tujucupapo, e Gucena ; e tão bem dão entrada a embarcações ligeiras. Nesta Ilha se demorou Pedro Lopes de Souza todo tempo, que lhe foy necessario para segurar esta sua Capitania das invasões dos Gentios, que com repetidos assaltos ô troxerão inquieto; e depois de concluidas as principaes dependencias se retirou para Portugal.

CAPITULO 3º

DESCRIPÇÃO E CONQUISTA DA FAMOSA CAPITANIA DA PARAYBA DO NORTE

27. Do cabo de S. Roque, que fica em quaze tres graos da linha Equinocial para a parte do Sul, corre a costa para este Polo em gyro convexo por espaço de noventa legoas athe o cabo de S. Agostinho, que fica alem de Pernambuco sete, e na distancia destas legoas, cujas prayas são de areyas brancas, e limpas entre cabo e cabo, correm ao mar treze caudalosos Rios. Entre estes fermosos Rios, Reyna, e he o Principe entre elles o Rio Parayba, e he chamado do Norte, porque ao Sul ha outro Rio Parayba, chamado do Sul, entre o Rio de Janeiro e Cabo Frio. A este Rio chamão tambem de S. Domingos, por ser descuberto em dia deste glorioso Patriarcha; porem pelo nome de Parayba, que na lingoa Brazilica (quer dizer, Rio caudaloso) he mais conhecido. Està este grande Rio em seis graos e tres tercos. Vem do interior do certão onde tem seu nascimento, e se vay engroçando com aguas de muitas ribeiras, e fontes, que nelle entrão. A foz, que faz, tem de largo hũa grande legoa, e o canal que vay pelo meyo, a que chamão barra, tem mais de hum quarto. O fundo deste Rio he area limpa, e clara, assim o seo porto he excellente e capas de grandes embarcações. Dista da barra de Pernambuco vinte e seis legoas por costa para a parte do Norte. Pelo Rio assima hũa legoa distante tem hua fermosa, e aprasivel Ilha, com hũa legoa de comprido, e mais de hum terço de largura, ornada de arvoredos, coqueiros, e outras arvores de fruto, marinhas de sal, e bons edificios; o que tudo a faz muito agradavel. Defronte della está o surgidouro das nâos, capaz de hũa immensa quantidade dellas, abrigado de todos os ventos, e a marê chega pelo Rio asima mais de sinco legoas por onde podẽ navegar grandes caravelloẽs. Tem hũa varzea de mais de quatorze legoas de comprido, e de largo quaze tres mil braças, toda retalhada de esteyros, e copiosos rios de agua doce, povoada de quintas, e engenhos reaes, para os quaes daõ os mangues do salgado muita lenha para se cozer o assucar, e cinza para a decoada com que se alimpa.

28. Neste Rio entravão os Francezes a carregar de Páo Brazil com ajuda que lhe davão os Gentios Potiguares, que senhoreavão toda aquella terra, e fazião guerra aos Portuguezes. Teve o Capitão João Tavares meyos de fazer pazes com esta nação e em sinco de Agosto de *1581* deu principio a huã povoação em huã planicia 5 legoas pelo Rio asima, e por ser em dia de Nossa Senhora das Neves se pôz esse nome a povoação, e tomarão a Senhora por sua patrona, e he o Orago da Matriz. Debaixo do amparo desta Senhora se sustentou a nova povoação, que pouco depois se honrou com a prerogativa de cidade, com o nome de Parayba, que lhe deo o mesmo Rio. No tempo da uzurpação dos Olandezes, foy chamada: Frideriestad, que val tanto como Frederica; de Frederico Principe de Orange, e Reynando Phelipe em Portugal, lhe chamarão : Philippea.

29. Os seus primeiros povoadores ordenarão hum forte de madeira para a sua defença, que depois o Ouvidor Geral Martim Leitão, mandado de Pernambuco fez de pedra e cal. Este Ministro que não só era bom letrado, mas hum grande soldado, com oitenta e sinco Portuguezes, e cento e oitenta Indios da mesma nação Braço de peixe, sahindo da Povoação, passarão o Rio Tibiri, e no seguinte dia chegarão ao campo das hortas, aonde se ajuntarão com os Gentios confederados. Deste lugar marcharão em boa ordem, e caminhadas alguãs legoas, se encontrarão com hum grande troço de Gentios, que furiosamente acometerão aos nossos. Passada a primeira nuvem de frechas, que Deus desviou sem offender a algum dos nossos, serrados em hum esquadraõ, deraõ húa forte carga nos contrarios, de que cahirão muitos, e entrando com os inimigos os carregarão com tanto vigor, que, cortado do nosso ferro, ouve de retirar se, e deixar a marcha livre.

30. Passou o Ouvidor adiante, e arribando ao Rio Maranguape, o passou com grande trabalho, o que feito passarão a noute com boa vigia, e ao romper da menhãa asaltarão de repente hum forte que aly tinhão os inimigos: e matando muitos dos que o defendião, o entrarão, e levarão a escalla. Os que puderão fugir se recolherão a hua náo Franceza, anchorada naquelle porto. Varejava a náo a sua artilharia sem dãno nosso, antes sim ô recebião grande dos arcabuzeyros, que passandosse para o Arrecife, que forma o porto, não perdião tiro. Vendo se apertados os Francezes, sem lhes poder valer a sua artilharia, temendo que por mar viesse algũa esquadra levantarão ferro, e se fizerão a vela na volta de França. Assegurado o porto da Bahia da Treição, e o que pareceo necessario para boa defenção daquella costa, se retirarão os nossos para a Parayba, onde Christovão Lins havia dado a ultima perfeição a fortaleza, e outros reparos, o que feito se recolheo o Ouvidor geral a Pernambuco no fim de Janro de *1586*.

CAPITULO 4º

DESCRIPÇÃO E CONQUISTAS DAS CAPPITANIAS DO RIO GRANDE, E CEARÁ

31. A Cappitania do Rio grande, chamado Potaengi dos Gentios, tomou o nome do mesmo Rio (grande já no seu nascimento) por que nasce em huã notavel Lagoa, que se estende a vinte legoas de circuito, onde se achão perolas finas. Fica em trez gráos da Equinocial para o Sul, pouco mais ou menos. Informado ElRey das couzas da Parayba, e de que todos os progressos, e augmentos desta capitania lhos impedia o Rio grande aonde os Francezes mais livremente comerciavão com os Potigares, que daly sahião a roubar os navios, que vinhão, e hião para Portugal, ordenou a Manoel Mascarenhas Homem, e ao Capitão mor Feleciano Coelho, fossem ao Rio grande, e nelle fizessem uma fortaleza, e que o Governador Geral D. Francisco de Souza assestiria com toda â despeza da sua Real fazenda. Assim se poz em execução com hũa armada de seis náos, e sinco caravellas, e por terra com o Capitão mor de Pernambuco forão tres companhias de pé, e hũa de cavallo. Na armada hia o Pe Gaspar de S. Pero da companhia, com o seu companheiro o Pe Lemos, e o Pe Fr. Bernardino das Neves, Religioso Franciscano do Brazil por ser muito perito na lingoa Brasilica, e na particular dos Potigares, e dos mesmos amado pelas suas grandes virtudes.

32. Chegou a armada em *17* de Dezembro de *1597*, que na viagem teve vista de sete náos Francezas, que estavão no porto dos Buzios contratando com os gentios, e vendo a nossa armada picarão as amarras, e se fizerão na volta do mar. No dia seguinte se juntou com os da armada Hyeronimo de Albuquerque com a gente de Pernambuco, e foi mandado Manoel Mascarenhas descobrir o Rio, e descuberto se intrincheyrarão com hũa estacada de páo a pique para se defenderem dos gentios, que não tardarão em vir em hũa madrugada infinitos, acompanhados de sincoenta Francezes, que havião ficado no porto dos Buzios. Rodeando a cerca, a acometerão por todas as partes, lançando dentro innumeraveis armas de arremeço; foy terrivel o asalto, e ouverão de hũa e outra parte muitos mortos e feridos. Os Portuguezes com valor, e constancia sustentarão o peso do combate, e saindo fora da serca offenderão aos inimigos tão animosamente, que os obrigarão a levantar o serco e retirar-se.

33. Trabalhando assim Portuguezes, como os Indios Tabayares nossos amigos levantarão hũa boa Fortaleza, da qual se encarregou

Hyeronimo de Albuquerque; e Manuel Mascarenhas com a gente da armada se retirou para a Parayba. Conciderando Hyeronimo de Albuquerque quanto era conveniente para concervação, e augmento daquella capitania fazer pazes com os Potigares, se valeo de hum principal d'esta nação, que em hum choque ficara prisioneyro. Depois de o tratar com urbanidade, e o prender com algũas galantarias, que lhe deo, o mandou tratar com os seus pazes com os Portuguezes; obrigado o Indio do bom tratamento, e agasalho, que achou em Hyeronimo de Albuquerque, restituido aos seos, taes cousas lhes disse, e tanto os soube persuadir, que os reduzio a fazer pazes com os Portuguezes, que se fizerão com toda solenidade, e assistencia de todos os cabos, e pessoas principaes sendo interprete o Pe Fr. Bernardino das Neves, no anno de *1599*. Feytas as pazes se deo principio a Povoação, hũa legoa retirada da Fortaleza, a que derão o nome da cidade do Natal, que brevemente logrou as preeminencias de cidade e se povoou de muitos moradores que ahy acodirão de diversas partes.

34. Na Capitania do Ceara, que fica distante de Pernambuco mais de duzentas legoas, e em altura de dous graos e meyo para a parte do Norte da Linha Equinocial, e no mesmo continente, e terra firme, asima do Rio grande, mandou ElRey D. Pedro 2º levantar hũa villa dedicada a S. Jose de Ribamar, e fazer hũa Fortaleza para defença dos piratas, que continuamente infestavão aquelles mares, e com ella se remediarão os roubos, e damnos que causavão. Esta Fortaleza he guarnecida com a Infantaria que todos os annos sae de Pernambuco para este presidio.

35. Desenganados os Topinambas Pernambucanos, que eraõ os mais valentes gentios do Brazil, e resistirão por muitos annos a dominação Portugueza, que não podião prevalecer contra os Portuguezes, auxiliados dos Tabayares; alguns se sujeitarão ficando em suas proprias terras, outros com mais generosa resolução, e determinados a não servir, se meterão pelo certão, onde ficarão muitos, outros cahindo para a parte do mar forão sahir as terras do Maranhão, e aly como soldados exercitados com o mais poderoso inimigo, fizerão facilmente a seos habitadores, o que os Portuguezes tinhão feito a elles.

36. Desta perigrinação, e desta guerra se seguirão naquella gente os dous effeitos, que sinala Isaias no celebradissimo Texto do Capitulo 18. o qual foy sempre julgado por hum dos mais dificultosos, e escuros de todos os Profetas, e sobre o qual trabalhavão muito os Interpretes antigos por acharem a verdadeira applicação; mas nem atinarão, nem podião atinar com ella, porque não tiverão notticia, nem da terra, nem das gentes, de que fallava o Profeta. O Texto he este: *Væ terræ cymbalo alarum, quæ est trans flumina Æthiopiæ, qui mittit in mare legatos,*

et in vasis papyri super aquas. Ite Angeli veloces ad gentem convulsam et dilaceratam, ad populum terribilem post quem non est alius; ad gentem expectantem, et conculcatam cujus diripuerunt flumina terram ejus. E como se mostra, ficou hũa, e outra gente arrancada, e despedaçada. Os Topinambás arrancados, por que os lançarão de suas terras os Portuguezes, e tambem despedaçados; assim porque forão ficando a pedaços em vario sitios, como porque depois da victoria lhes foi necessario para conservarem o seu dominio dividirem se em colonias, muy distantes huns dos outros. Os vencidos tambem ficarão arrancados, porque os Pernambucanos Topinambás os arrancarão das suas Patrias, e tambem, e com muito mayor razão despedaçados, porque não podendo resistir, muitos delles fugirão em magotes pelos matos, e pelos rios tomando diferentes caminhos, onde fizerão assento, não sem novos inimigos, que ainda mais os despedaçassem. Assim que huns, e outros ficarão gente arrancada e despedaçada.

CAPITULO 5º

DESCRIPÇÃO, E CONQUISTA DA CAPITANIA DO PIANCO, PIRANHAS E CARIRY NO CERTÃO DE PERNAMBUCO

37. Retirados os Topinambás das terras maritimas de Pernambuco, fizerão muitos delles assento em varias partes do certão. Desde a serra da Burburema athe o Rio do peixe, que comprehende setenta e oito legoas formarão muitas aldeas. He terra dilatada em fertilissimos campos, vistosos oiteiros, e cortada de altissimas serras, e por isso acomodada habitação para muitos milhares de homens. Sofrião mal que os Portuguezes cada dia fizessem entradas por aquellas terras, fazendo-se senhores do mesmo certão, em que hiaõ fundando sitios, e fazendas de criar gados vacuns, e cavallares. Como conservavão o odio contra os Portuguezes que lhes havião tomado os lugares maritimos, confederados com os Xacurús, Panatís, Icos, Icosinhos, e Coremas, levantarão se, e pondo se em armas davão de repente em diversas partes, matando e roubando nellas, e pelos caminhos tudo quanto achavão, com confusão desordenada dos moradores, que em nenhum lugar se davão por seguros das suas hostilidades. Soberbos com as victorias, que no certão alcançavão, descião em tropas, e acometião as nossas povoaçoẽns, que asolavão a fogo, e ferro. Chegavão aos Governadores as noticias de tantos estragos, e logo se renovavão outras encarecidas na dor dos miseraveis, que na invasão daquellas gentes sem piedade, perdidas as familias, fazendas e escravos, choravão com hũas mesmas

lagrimas a falta dos bens, mulheres e filhos. Porque como aquelles barbaros ainda que por natureza homens, erão por costume feras, sem perdoar a oppostos, ou rendidos, fazião passar pelo rigor do ferro athe os que ou a idade, ou o sexo izentava das leys da espada.

38. Ouvidas as queixas pelos Governadores procuravão por muitas vezes emendarlhes o orgulho, e castigarlhes a ouzadia, fazendo entradas com gente armada, mas ainda que conseguissem hũa, e outra vez a destruição de algũas partidas, ou com a morte ou com o captiveiro, não era suficiente o remedio para tamanho mal, porque sendo inumeraveis os gentios, senhores do campo, praticos nos terrenos, so hum grande poder, e hum capitão de valor, e experiencia, poderia conseguir a conquista daquellas terras, cuja amenidade tributando regalos, e segurança aos naturaes, convidava aos estranhos com intereces.

39. Crecião os insultos por que não havia opposição, q̃ lhes fizesse as empresas arriscadas, e os sucessos perigosos. Descerão sobre os moradores de Pajaû, e com deshumanidade estranha ainda ao furor barbaro os acometerão. Os nossos como erão no valor soldados, na resolução promptos, sem perderem o acordo no repente, tomarão as armas, se oppuzerão aquella multidão tumultuaria, detendo-os emquanto se formarão, e unirão em hum esquadrão serrado para melhor fazerem rosto a todo campo inimigo. Disparadas as bocas de fogo cahirão alguns, que investirão primeiro. Infurecidos com a morte dos companheiros, lanção hum cerco para acometerem ao pequeno corpo dos nossos por todas as partes, sobre o qual descarregão hũa dença nuvem de frechas com tanto estrondo de vozes, e alaridos medonhos, que causarião pavor ao peito mais destemido. Eys que de repente condensando-se as nuvens se formou hum espantoso diluvio com muitas torrentes de agoa, que precipitando-se das montanhas vezinhas na planicia arrastavão pela violencia tudo que encontravão. Os Gentios tomarão logo as montanhas, e deixarão a peleja. Os nossos quasi de nado se retirarão para a parte contraria, e se salvarão fugindo, declinando o golpe com menos honra, que fortuna.

40. Avisarão logo ao Governador Geral D. João de Alencastre dando-lhe relação do attrevimento com que os Gentios descorrendo com absoluto imperio por todos aquelles certoens tratavão nossas cousas com desprezo. O Governador Geral que vivia escandalisado da liberdade, com que aquelles barbaros descorrião soltos por todo certão, sentindo como injuria da pessoa que em seu tempo continuasse a baixa da nossa opinião, a que dava calor a falta de castigo, resolveo dar lhes a conhecer como erão pesadas nossas mãos, mostrando-lhes que a nossa paciencia daquelle tempo, mais era disciplina, que temor.

41. E como os males, que exprimentavamos necessitavão de

remedio não so prompto, mas applicado por mão de pessoa de respeito, authoridade, valor, e zelo, na escolha da pessoa se dilatava o soccorro. Os moradores daquelle lugar conhecendo o motivo da tardança, pedirão ao Governador Geral mandasse em sua defença o coronel Manoel de Araujo de Carvalho, a quem os Indios temião, e respeitavão pelas muitas occasioens em que havia mostrado ser hum fulminante rayo contra os rebeldes, e para com os rendidos hum benigno Astro. O Governador a quem não erão occultas ao proezas com que Manoel de Araujo havia por muitas vezes refreado os violentos impetos dos Gentios lhe escreveo hũa carta honroza, convidando-o para aquella empreza, que só fiava da sua actividade e valor.

42. O coronel Manoel de Araujo, que neste tempo residia em hũa sua fazenda no Rio de S. Francisco, recebida a carta do Governador Geral, respondeo a ella com attençoens de subdito, e agradecido. E sem interpor dilações na obediencia, se dispoz para a empreza. Porem como faltavão meyos proporcionados para a execução, julgava temeridade arrojar-se a tão grande empenho, sem forças, e disposiçõens, que assegurassem o bom sucesso, so com o qual grandes acçoens se qualificão. Parecendolhe menos decoroso pedir contribuiçõens a fazenda Real; com despeza da sua propria armou cento e sincoenta homens, e com elles marchou pela ribeira assima do Rio de S. Francisco, fiado mais no valor, que no poder que levava.

43. A poucos dias de jornada chegarão a distancia, em que ou sendo acaso, ou avizado dos vigias, que sobidas em sima de troncos mais levantados, occultos entre as ramas espião os caminhos, que guião a seos quarteis, se achou a nossa gente metida em hũa emboscada artificio Marcial, de que muito uzão os Indios do Brazil; mas sendo a tempo conhecida, ainda que nos ferirão alguns soldados dos que avançados marchavão diante a descobrir o campo, o coronel vendose de subito acomettido, animando aos seos com o exemplo acometteo ao inimigo com tanto vigor, que com o mesmo repente, com que o assaltarão, com o mesmo se puzerão em fugida, deixando no campo muitos mortos e feridos.

44. Desembaraçado deste primeiro encontro continuou a marcha vencendo perigos e alhanando dificuldades. Em varias partes lhe sahirão partidas de Indios rebeldes, que cortados sempre do nosso ferro, levavão no castigo a pena da sua ouzadia. Chegou finalmente ao Pajaú, onde tiverão os mayores ataques, porque sendo aly mayor o poder, foy mais vigorosa a resistencia. Hum anno foy necessario para asegurar aquelle destrito das invasões dos inimigos, o que conseguido a custa de repetidas vitorias, passou Manoel de Araujo ao destrito das Pinharas, donde se achava o Capitão mor Theodoro de

Oliveira Ledo posto em campo contra os Panatís, que asolavão aquella campanha com barbaras hostilidades. Com este gentio tiverão continuados choques, até que feitas pazes, respirarão os moradores da oppreção com que vivião.

45. Continuou Manoel de Araujo a conquista do Pianco, e Rio do peixe, para a qual lhe forão necessarios tres annos. Era a nação Corema sobre valerosa, tão encaprichada em sua opinião, que nem forças a abalavão, nem razoens a movião; despresava partidos e zombava das nossas armas. Tinhão por gloria e honra morrer na campanha, quantos mais lhe matavamos, tanto mais se metião nos conflitos.

46. O coronel, que desejava de hũa vez acabar aquella guerra, sabendo que os inimigos se achavão juntos nas cabeceiras do Rio, resolveo ir buscallos dentro de seus mesmos alojamentos; mas como aquella empreza tinha de gloriosa, o que lhe sobrava de arriscada, e não respondendo o sucesso a seos pençamentos, virião a ser julgados demazia os intentos, o valor culpa. Propoz aos cabos e soldados o seu intento, como o perigo, e a honra havia ser de todos, os não quiz privar da melhor parte da victoria, que conseguia cada hum aconcelhando os meyos de a conseguir. Ouvida a proposta, no rosto de huns se estava lendo a grandeza do coração, cuja alegria presaga da victoria promettia o triunfo; no semblante porém de outros se estava vendo a fraqüeza do animo, cuja tristeza, anuncio da covardia, profetisava o máo sucesso.

47. Não quiz Manoel de Araujo emprender aquella empreza, que conheceo não ser da aprovação de todos, mas para não malograr os pençamentos hũa vez concebidos de ir buscar o inimigo em seu proprio arrayal, emprendeo, e conceguio hũa das mayores facanhas, que publica a fama. Sem o fazer saber a algum dos officiaes, e soldados, pega de um principal e tres Coremas prizioneiros, e atravessado pela meya noute o Rio Piançô chega ao romper da menhaã aos alojamentos inimigos. Alterão se estes julgando ter sobre si o nosso poder; socega os Manoel de Araujo, e pede audiencia ao seu Mayoral. Avizado este tinhão por hospede o seu mayor contrario, sahio a recebello com cortezia alhea da sua barbaridade.

48. Recolhidos ambos a tenda do mayoral, com tanta efficacia e valentia lhe propoz as conveniencias da paz, lhe segurou cabal satisfação dos partidos, que o Corema se deo por obrigado, e rendido. Enquanto Manoel de Araujo, tentava estas couzas com o Mayoral, os prisioneyros não cessavão de encarecer a seos parentes, e amigos as revelantes qualidades deste cabo. De comum parecer acceitarão as pazes, que no terceiro dia se celebrarão com festejos e aplausos de ambos partidos, e por penhor da sua conservação entregou Manoel de Araujo

o seu bastão ao Mayoral dos Coremas, e deste recebeo uma grinalda de vistosas penas, diadema com que ornão as cabeças os principaes de cada nação, que respondem a Regulos feitos por eleição do povo, dominando, ainda que com imperio enfermo, hum em cada Aldeya, sem dependencia, ou subordinação a outro superior, e sugeitos a coroa de Portugal, recebem aquella dignidade por patente dos Capitaes Generaes.

49. O coronel deleitandose como intereçado n'aquellas glorias, ajudava aos aplausos com que todos aplaudião aquellas pazes, pelo muito que todos nellas intereçavão. E para melhor render aquelles corações endurecidos em nosso odio, repartio entre elles varios dixes de sua estimação, hermanandose tanto com elles, que totalmente depuzerão as suas custumadas desconfianças. Levou a fama athe aos lugares mais remotos d'aquelles certões a bondade com que erão tratados deste cabo, o que moveo aos Icosinhos a nos convidarem com a paz, que nos offerecerão voluntarios, exemplo que seguirão outras muitas aldeyas daquelles contornos onde chegou a notticia das pazes feitas com os valerosos Coremas, entre os mais, respeitados por ajuizados e valentes.

50. O Coronel que pratico no estillo do certão conhecia com a experiencia dos annos a natureza daquelles barbaros, a q̃ a falta da Religião faz não admittir mais fe, que a que lhes entra pelos olhos; poz toda diligencia para que nenhum dos Portugueses obrasse acção de que podessem tomar motivo para a desconfiança. E tendo disposto tudo que lhe pareceo necessario pª quietação daquella Capitania, fez viagem para a cidade de Olinda, trazendo em sua companhia dous Coremas dos principaes da sua nação. Foy recebido do Bispo, e Governador com especiaes honras, deferindolhe sem demoras, a todos os requerimentos que fez em utilidade dos Indios.

51. Voltou para o certão, e levou em sua companhia trez sacerdotes seculares, que pedio ao Exmo Bispo, para que tratassem da converção daquella Gentilidade, aos quaes acompanhou com veneração e asestio com grandeza, sinco annos que se occuparão naquelle santo exercicio, em que a Deus e a Patria fizerão grandes serviços.

52. Via Manoel de Araujo que os moradores occupados ate aquelle tempo em guerras licenciosas, sem Pastores, que lhes pudessem ir á mão, crescia nelles a corrupção da sensualidade, e depravação dos costumes, e faltos do uzo dos sacramentos, não tinham de christãos mais do que o nome. Levado do zelo de tantas almas perdidas, pedio ao Exmo Prelado, hum sacerdote que Pastor, e Parocho daquellas perdidas ovelhas, as encaminhasse para o rebanho do Ceo, e offereceo fazer-lhe de sua fazenda por seis annos suficiente congrua para sua honesta sustentação. Conseguida

esta graça, tratou de levantar no Cariry hũa fortaleza para o ceo e deu principio a hũa Igreja, que em breve tempo poz capaz de se poder nella dizer missa, e administrar os sacramentos aos fieis. Desde seos principios foy a Igreja do Cariry, que erigio Manoel de Araujo, parochia, e a primeira dos certõens do Cariry, Piranhas e Piancó.

53. Livres os moradores destes certões das hostilidades, que exprimentavão no furor dos Indios, se vião combatidos de grande chusma de gente atrevida, e dissoluta, que procurando naquellas terras hũa vida livre, e licenciosa, cometião roubos, homicidios, e outros enormes peccados, porque não havia Tribunal, onde pedissem satisfação dos agravos, nem Justiça que castigasse os seus insultos. O comercio era a medida de suas vontades, e dividas só as pagava quem queria, e muitas vezes o pagamento era hũa balla, porque o matar e ferir mais que culpa, era bizarria.

54. De todas as mizerias, e fatalidades referidas teve notticia o Fidellissimo Rey D. João 5º de gloriosa memoria, e para acudir com o remedio a tanto daño, ordenou a João da Maya da Gama, Governador da Parayba, que ouvido o Ouvidor Geral, nomiasse hum Juiz com alçada naquelles certões, em pessoa de authoridade, valor, e zelo, que bem a podesse introduzir, em lugares tão remotos, e rebeldes á Justiça, para conservação, e paz de seus vassallos. Fez o Governador, e Ouvidor Geral eleyção do Coronel Manoel de Araujo de Carvalho, entendendo que nenhum outro, mais do que elle, poderia vencer as grandes dificuldades que se offerecião na introdução, e administração de justiça, em povo somente acostumado as leys de seu apetite. Faltando a Manoel de Araujo pretexto com que pudesse desviar-se do cargo, sem que parecesse intentava poupar-se com receyo dos trabalhos, ou temor dos riscos, asseitou o cargo mais grato à memoria, que ao beneficio. Nove annos exerceo aquella occupação com a prudencia, e rectidão, que se deve supor em quẽ soube e pode criar de novo hum lugar que a todos se fazia odioso.

55. Não damos aqui a ler todas as acções illustres com que este famoso capitão debelados muitos gentios em repetidos conflitos recuperou neste estado o credito das nossas armas, porq̃ não cabem em hum so livro, que deve tratar de outras materias, todos os feytos de homem tamanho. Baste lhe para elogio saber se que não lograrão seos grandes serviços mais premio que a gloria de merecellos. O R. P.e M.e Fr. João de S. Angela Alagoas com bem aparada pena em verso heroyco na lingoa latina, trata a este capitão como hum dos Heroes digno da Fama immortal q̃. soube adquirir valente, merecer facil em arriscar pela Patria a vida, a pessoa pela opinião. Escrito que dedicou a seu filho o R. P.e Manoel de Araujo Carvalho Gondim, Mestre em Artes, e Doctor em Canones pela Universidade de Coimbra.

56. Conquistadas estas capitanias, metidas de paz todas as naçoẽs, que habitavão Pernambuco, poderão sem contradição os Portuguezes fazer suas habitaçoẽs em todas as partes assim maritimas, como do certão, augmentarão-se as fazendas de gados vacuns, e cavalares, crescerão as povoações, multiplicarão-se as freguezias, e cada dia se augmenta mais esse povo, riquezas, e edificios.

57. As terras que constituem o bispado, e Governo Geral de Pernambuco erão habitadas pelos Indios que entre todas as naçoẽs do Brazil logravão a preminencia de primeiros senhores, e povoadores destas terras. Os principaes, entre todos erão os Tobayares, cujo nome mostra a sua primazia, porque, yára, quer dizer senhor, e Toba, significa rosto, e vem a dizer senhores do rosto da terra, que entendem pelas terras maritimas de toda costa. Em segundo lugar, erão habitadas pelos Topinambas, que entre as mais nações erão respeitados pelos mais valerosos, e destemidos. Em terceiro lugar pelos Potigoaras sempre opostos aos Tobayares, e com quem trazião continuada guerra. Os Topinambás habitavão o lugar em que hoje está situada a cidade de Olinda, estendião-se pelas ribeiras dos rios Beberibe, e Capibaribe, e por mais de oitenta legoas para o Sul. Esta nação se opoz rigorosamente aos Portuguezes, e não conceguindo lançallos fora destas terras, se retirarão muitos para o Maranhão, outros para os certões, e alguns ficarão entre os nossos, de que se compoem muitas aldeas, q̃ hoje existem. O certão era povoado de varias naçoẽs, e os chamados Tapuyas vivião nas entranhas das brenhas, e na parte mais occidental de Pernambuco.

58. Sendo os Tobayarás, Topinambás, e Potigoarás as naçoẽs mais afamadas, e principaes, escolherão para suas situaçoẽs as terras mais deliciosas, e aprasiveis. Sem controversia he Pernambuco o mais deliciozo Paiz de toda America Portugueza. O seu clima he por excellencia o melhor entre os bons. He hum segundo Parayso em ares vitaes, e benignos. O terreno he outra nova terra de promissão. Logra huã continua Primavera, com que se enfeyta a terra, alegra a vista, recrea o olfato, sustenta o gado, cura os homens, e enriquece aos pobres. Treze generos se contão de erva que serve de pasto aos animaes, por cuja bondade he em Pernambuco tão grande a copia de gado vacum, e cavallar, que destes consumindose infinitos no serviço destas capitanias, saem para fora todos os annos mais de quarenta mil, são ligeiros na carreira, doceis ao ensino, e tão fortes no trabalho, que sahindo de Pernambuco para as minas geras com a carga de seis arrobas, andão seis centas legoas desferrados, e chegão sem diminuição nos alentos. Do gado vacum ha tanta abundancia, que pobres, e ricos, brancos, e pretos se sustentão das suas carnes que são as mais saborosas de todo

Brazil; fora da que se gasta na terra; para Bahia, e Minas saem todos os annos mais de trezentos mil boys. Os mais generos de Ervas mayores floridas, cheirosas e medicinaes não se podem reduzir a numero, e no presente anno de 1757 se descobrio huã semelhante ao cravo da India, tendo nas folhas, e fruto, o mesmo sabor, e gosto.

59. No anno de *1742*, se descobrio a prodigiosa erva chamada do chumbo, por hum caso socedido na fasenda do Brejo no certão do Rio do peyxe, que hoje he do R.do D.or Manoel de Araujo de Carvalho Gondim. Com duas ballas de clavina foy passado de parte a parte pelo ventre um Indio da nação Icozinho. No campo o deixarão como morto. No seguinte dia teve notticia deste suceço o Thente Coronel Manoel Alves Correa, assistente na dita fasenda, sahiò com alguns escravos para mandar sepultar aquelle que supunha defunto; não o achou no lugar, nem procurado por outras partes o descobrirão. Passados oito dias apareceo o Indio são e robusto, somente com sinaes das feridas, que de todo não estavam cicatrisadas. Admirados da cura, que parecia milagrosa, lhe perguntavão porquem, e com que fora curado. Repugnou declarar o segredo, mas veyo a descobrir que esta erva fora o seu remedio, porque o era para qualquer penetrante ferida, que não privasse da vida executivamente. Em hum cão se fez logo a experiencia, e mostrou ser verdade. Accontecendo ferir certo marido a sua mulher com o tiro de hũa espingarda, passada pelo ventre com duas ballas dando se lhe a erva, em poucos dias se vio livre da morte, tendo abortado uma criança que trazia no ventre. Está esperimentada varias vezes, e he remedio infalivel. Toma se pela boca em quantidade de huá oitava, ou em pó subtilissimo, ou posta de enfusão, e da mesma erva se forma emplasto, q̃ se poem na chaga. Logo que se toma, faz lançar pela ferida quanto sangue se acha extravasado, alenta os espiritos, correbora as forças, e restitue os sentidos.

60. Nasce èsta erva na terra, sobe pelas arvores, e tanto que está enlaçada suspende a raiz, contra a ordem natural de todas as mais ervas. Faz um galante texido entre as ramas da arvore, que abraça, lança um delgado talo acompanhado de miudissimas, e estreitas folhas, nas extremidades brota huãs quase imperceptiveis flores, que exalão cheiro agradavel. Todo o viandante pelos certões não anda hoje sem o provimento desta erva, que em muitos cazos tem mostrado a sua prodigiosa efficacia.

61. A bondade dos arvoredos de Pernambuco he singular pela sua formusura, prestimo, e preço, de que ha matas immensas, gloria e coroa de todos os bosques do mundo. Produz todas as arvores que produz o Brazil, e muitas outras que se não achão em outras partes. Os violétes, Jatubás, condurús, Rabuge, e Gonçallo Alz, os mais

estimados para obras sò nas terras destes Paizes se achão. O páo Brazil he o melhor, e em muita quantidade. Os Balçamos sò esta Capitania, e a do Espirito Santo os produz, sendo o nosso o mais precioso, e mais extimado.

62. Os seos frutos não tem inveja aos das outras Provincias, na cor, no cheiro, fermosura, e sabor excedem aos mais extimados em outras partes. O cajueiro que emquanto arvore hé a mais aprasivel, e graciosa quando nos mezes de Julho, e Agosto se veste da gala de suas flores, e nos de Novembro, Dezembro, e Janeiro da pompa de seos frutos; em Pernambuco ha legoas, e legoas cobertas destas arvores, que com seos maravilhosos frutos servem de regalo, e sustento, o que se não acha nas Provincias do Sul, por que fora de Pernambuco, não ha estas arvores, e se outra terra produz algũa, he degenerando da pompa das suas ramas, e da bondade de seos frutos. O mesmo socede com as Mangabeyras, arvores que dispostas pela natureza em terreno de huã, duas, e mais legoas, parece um pomar bem concertado pela arte. So as prayas desta Provincia verem-se cobertas do vistoso arvoredo que compoem os coqueiros, o que se não ve em outras capitanias. As sapucayas são tantas que se poderão carregar muitos navios com as suas saborosas, e medicinaes castanhas. As Pitombeyras arvores tambem proprias deste Paiz, com os seus frutos em cachos, á maneyra de uvas, são innumeraveis, como são todas as mais arvores de frutos cultivados, e agrestes, e que exalão suavissimos balçamos, preciosos aromas, e medicinaes oleos sendo o nosso bejuim melhor, que o da Ilha de Somatra.

63. Seriamos muy difusos se quizessemos referir individualmente a facilissima produção, e quantidade immensa dos frutos, e flores da nossa terra, so genericamente dizemos que de frutos e flores tem mayor copia, e com menos cultura que a que logrão as mais partes do mundo. Todo anno he geral pelos campos a abundancia de flores, que ou se desvanessem no vistoso das folhas, ou se qualificam com o suave da fragancia. Entre todas sobresae magestosa huã prodigiosa Rosa, que sendo toda folhas faz o mais sezudo papel da gentilesa, trajando pela menhãa de neve, ao meyo dia se veste de purpura. Se S. Ambrosio diz, que no Paraiso terreal a Rosa fora creada sem espinhos, e que estes sahirão na sua planta depois do peccado, parece que està Rosa concervando a bellesa, e inocencia com que fora creada. As plantas medicinaes, aromaticas e exquisitas não tem numero, não se sae ao campo, que senão sinta logo algum genero de fragancia, porque ha flores que exalão ambares, outras balçamos, outras almiscares, e todas com suaves exalações, fazem agradavel impressão no olfato.

64. Para a montaria tem os nossos matos onças, Tigres, gatos

sylvestres, raposas, e outros muitos animaes. Para a caça ; Antas, veados, porcos montezes, capivairas, Pacas, Tatus, Cotias, Tamanduás, Lebres, Coelhos, e Quatis. Para o gosto; Monos, Macacos, Bugios, Guaribas, Saguins, Preguiças, Parigues, e Maritacas. Em nenhũa parte do mundo passeão seos ares, nem mais em numero, nem mais fermosas aves, logrão as mais finas, e engraçadas cores, e tem o mais doce, e suave canto. So nas nossas prayas arroja o mar com abundancia o precioso Ambar. Finalmente os rios abundantissimos de peixes, e mariscos, os campos de gados, os matos de animaes, e os ares de passaros, constituem as nossas terras hum segundo Parayso terreal.

65. No seo destrito estão situadas as rendosas minas do Paracatú, e proximamente se tem descuberto as dos Cariris Novos com ouro de vinte e quatro quilates, finissima prata, e pedras de mayor preço ; as do Ceará Grande, e de outras partes; que parece he Pernambuco hum monte de ouro, e productor de metaes, e pedras preciosas; de frutos, e plantas raras, de aromas, e oleos suaves, com o que fica superior a todas as mais Provincias do Brazil.

CAPITULO 6º

MOSTRAN-SE MENOS VERDADEIRAS AS AFFRONTOSAS NOTAS COM QUE SÃO INFAMADOS OS INDIOS NATURAES DA AMERICA PORTUGUEZA

66. Assim como são felices os embustes, que dão lustre a hũa nação, assim são infelices os que lhes servem de affronta. Para esta desgraça, ou fortuna basta, que hum autor Autor escreva apaixonado, ou falto de verdadeiras notticias, porque sendo muitos a transcrever o que achão por outros escrito, em pouco tempo passão as falcidades, a verdades inconcussas. Lastima causa ver que Authores de boa notta deixassem em seos escritos pintados os Indios do nosso Brazil com a mais escura tinta. Não suspeito que os movesse principio vicioso, ou reprehensivel, mas sim que forão faceis em escrever noticias mal comprovadas. Pintam-nos os seos defeitos com os mais negros borrões. Huns homens que apenas podemos crer sejam na natureza homens, supondo-os nas acções tão brutos; mais feras que as mesmas feras, selvagens que vivem ao som da natureza, sem fé, nem Ley, nem Rey, que em sinal da sua brutalidade lhes negou o Autor da natureza as letras F. L. R. na sua lingoagem. Mais brutos em pé, que racionaes humanados, sem arte, nem politica, sem prudencia, e sem humanidade, preguiçosos, covardes, comiloens, medrosos, mentirosos, cubiçosos, e dados a vinhos. Finalmente huns Faunos, huns semicapros, huns satyros dos antigos Poetas.

67. Provarão a Justiça da nossa cauza contra tantas calumnias, os feitos dos mesmos Indios, e as Historias que escreverão esses mesmos Autores. Todas as virtudes que ennobrecem hum homem se dividem em intelectuaes e moraes. Aquellas illustrão o entendimento, estas rectificão a vontade. Em ordem as segundas comprobaremos com ditos, e feitos, não tudo que se poderia dizer, mas o que baste para concider a esta nação dotada de valor nas armas, de amor a Patria, de humanidade, lealdade, nobreza de animo, e de outras partes de que constão os homens illustres. Emquanto aos feitos dos Indios da America Portugueza serâ preciso propor sô os mais insignes, pois não há campo para mostrar, nem ainda para reduzir ao mais compendioso Epitome, tantas historias. Faremos o que fazem os Geografos que para dibuxar hũa região grande em pouco papel, somente apontão com breves caracteres as povoações mayores. Ou imitaremos aquelle celebre pintor, que para pintar a grandeza de um Elefante, lhe pintou um so dedo.

68. Os Indios Brasilianos a quem hoje despreza o vulgo da nossa nação Portugueza, são altamente celebrados de valentes, valerosos, constantes, e liaes por aquelles mesmos Authores que em seos escritos os infamão de covardes, medrosos, infieis, e desleaes. Não negão, nem podem negar que para os prosperos sucessos das conquistas do Brazil, forão os mesmos Indios de grande adjutorio. Talvez não se conceguiria a conquista de Pernambuco, tendo os Portuguezes contra si os valentes Topinambás, se da sua parte se não puzessem os Indios da nação Tobayar. Foy esta nação a primeira que se poz da nossa parte apezar dos Topinambás, Caietes, Potiguaras, e outros muitos. Em defenção dos Portuguezes obrarão maravilhas debaixo da conducta do famoso Tabyra, capitão de valor, esforço, e arte. Assombro dos nossos inimigos, venceu batalhas, matou innumeraveis, fez tantas proezas, e era tão timido, que o mesmo era saber se, que vinha no Exercito Tabira, para dar a empreza por perdida. Dispunha ciladas, asaltos nocturnos, e repentinos, trazendo com elles os seos contrarios sempre inquietos, assustados e temerosos. Rondava disfarçado os arrayaes do inimigo, e ouvia quanto entre si tratavão, e no seguinte dia lhes descobria suas imaginadas traças, como por elle advinhadas, com o que os metia em espanto, confusão, e medo.

69. Desesperadas as nações contrarias de tantos estragos quantos cada dia recebião do valor, e arte do famoso Tabyra. Apellidarão suas gentes, e formarão um tão numeroso Exercito, que os campos se virão cobertos de ferozes guerreiros, e com tão grande obstentação de poder, que causaria terror ainda aos mais esforçados; ajuramentados todos a morrer, ou acabar de hũa vez com este assoute comum de todos. Fizerão se fronteiros ao arrayal de Tabyra, e por hum valente Indio lhe mandarão

intimar desafio. Com desenfado ouvio ao mensageiro, alegrando se de ver seos inimigos juntos, imaginando lhos trazia aly a fortuna para de hum golpe acabar com todos.

70. Com o desejo de ver aquella empreza rematada, toca a recolher, e posto de hum alto falla a seos soldados neste sentido. Este he o dia parentes, amigos e companheiros, que com ancia, e trabalho procuravamos, no qual havemos de dar a nossos inimigos o castigo que merece a sua obstinação; ou havemos de receber hũa affronta, que não poderão extinguir as idades. Se vos não esqueceis das injurias que delles tem recebido a nossa nação, dos parentes, e amigos, que nos tem morto, tempo he este em que nos podemos satisfazer dos daños recebidos. Para este effeito procuray desempenharvos, imitay o que virdes que faço, e vereis hoje acabados todos esses inimigos, que a fortuna nos pòz diante dos nossos olhos.

71. Disse, e com hũa exalação entra pelo exercito contrario com tanto impeto, ruido de vozes, bater de pes, som de barbaros instrumentos, que parecia fundir-se a terra, arruinar-se o mundo. Ferirão-se primeiro com setas, paos de Juncar e outras armas de arremeço. Porem não sofrendo a ira o menor intervallo, investem furiosos, e com as mãos, e dentes como raivosa feras se despedassão, e matão No primeiro fervor do conflicto descarregarão os inimigos sobre o valeroso Tabyra hum diluvio de frechas, e huã se lhe pregou em hum olho, porem Tabyra arrancando a frecha e com ella o olho; Brama como Touro, ruge como Leão, silva como Serpente, morde como perro, desgarra como Urso, mata como Basilisco e esgrime como cobra; pisa, aterra, atroa os ares, e scintilando faiscas de fogo pelos olhos, e boca, concebe tanto ardor, que como trovão, e corisco, asola, e poem por terra o que mais lhe resiste. Animados os seus soldados com a voz do seu capitão, excitados com seu exemplo, carregarão com tanto impeto aos inimigos, que inda que se valerão estes das ultimas reservas, não podendo jà resistir a tanto valor, começarão pouco a pouco a ceder, e carregados cada vez mais, ultimamente voltarão as costas os que ainda tiveram vigor para a retirada. Os mortos, e feridos foram tantos, que se lhe não soube dar numero; antes que o sol se puzesse ficarão os nossos senhores do campo, e de hũa victoria das mais famosas, que andão nos annaes da Fama.

72. Não foy inferior no valor, arte, e disciplina militar o grande Piragibá que voltando como braço de peixe, taes façanhas obrou em defença dos Portuguezes, que mereceo ser apremiado com habito de Christo, e hũa boa tença. O mesmo obrou o afamado Itagiba Braço de ferro; os valerosos e nunca asáz louvados Piragiba, Exuig (?), Jucuguaçú, Taperiry, Tapiroaba, Tarapagong, Aparaitiçabuçú, Aparaitiçamiri, Pindaguaçú, Ibitinga, Ibitingapeba, todos capitães da

nação Tobayaras afamados em proesas, em armas, em fe e lealdade christãa.

73. Da mesma sorte o grande Potigoaçú, o famoso Guiraopina, o valente Araruné, o destemido Corobabe, o esforçado Meiruguaçú, o arrojado Ibatatá, o famosissimo Abaiguijà, todos Principes de grandes povos punhão em campo cada hum delles de vinte athe trinta mil arcos em defença dos Portuguezes contra muitas outras nações que lhes erão contrarias.

74. Que façanhas pode Roma, ou Grecia pôr em paralelo com as proesas dos famosissimos Potiguaçus D. Antonio, e D. Diogo Pinheiro Camarão? assombro que forão dos Olandezes. ElRey os premiou com Habitos de Christo, tença, Dom, foro de fidalgos da sua casa, Governadores, e Capitaẽs Generaes. E se para escrever suas proesas não bastavão muitos livros, bastou o apertado lugar da enchovia do Reciffe, para ecclipsar tantas glorias, para escurecer tantas luzes em seu netto D. Domingos Pinheiro Camarão, que imitando o valor e lealdade de seu Pay, e Tio, nas sublevações, e guerras civis de Pernambuco, foy a redempção desta villa do Reciffe nos apertos do seu cerco, provendo-o de mantimentos, posto em campo em sua defença. Se nos escandalisou vermos em tão injuriosa prisão hum homem merecedor de immortal gloria, e tão abatido aquelle Heroe que viramos ser recebido nesta mesma praça como em triunfo; muito mais nos escandalisou o motivo de exceço tão extraordinario. Dizia o Governador, que o prendeo, que o castigava para que tratasse melhor do que tratava a sua mulher. Na cadeya acabou a vida opprimido da sua afronta, sem lhe podermos valer mais que com o sentimento.

75. Não com meros generosidade, e valor procederão nas guerras as Indias em favor, e defença dos Portugueses. Debaixo da conducta e vanderas de seos maridos destroçavão varias vezes os nossos contrarios. Sem os hyperboles da fama, sem os defeitos das fabulas virão as nossas terras Marthesias, Lampedos, Antiopes, Menalipes, Orythias, e Pantasileas, verdadeiras Amazonas.

76. Não ficarião enteramente satisfeitos os nossos Indios se os Authores que delles escreverão não lhes concedessem outra prerogativa que o valor nas armas, porque he muito limitado elogio o que se estreita a só hũa prenda. Porque a ousadia do coração, a intrepidez nos perigos da guerra, separada de outras qualidades nobres que illustrão a natureza racional, não he tão propria de homens, como de brutos, e mais deve chamar-se ferocidade que valor. A animosidade intrepida com que os nossos indios se metião entre os perigos parece que os coloca entre os brutos, se erão como os pintão intrataveis, feroses, e desaprasiveis, dá motivo pª crer que o que nelles chamo valor, he

somente fereza, porem dá a conhecer muito bem que as notas de covardes, e temerosos são tambem falças.

77. A pintura porem que dos nossos Indios fazem os Authores, representa nelles todos aquelles nobres attributos; que fermoseando a parte racional dão as suas valentias todo lustre de hum verdadeiro valor. De sua indole benevola, aprasivel, e urbana se deve julgar que quanto esforço mostravão nas campanhas era filho legitimo da fortaleza. O Pe Simão de Vasconsellos na sua Chronica do Brazil, L. 1. § 10. f. 9. escreve que arribando Pedro Alves Cabral ao Brazil, e entrando pela barra de Porto Seguro, ao estrondo da artelharia se aballarão immensos Indios, descendo das serras a praya ao som de guerra, que aos Portuguezes pòz em grande cuidado verense cercados da immensa multidão daquelles Gentios. Mas logo depuzerão o seu receyo vendo que com sinaes, asenos, e dadivas erão hospedados. Traçarão em sua presença mostras de alegria a seu modo gentilico, galanteados elles, e ellas de tintas de varias cores, e pennas de passaros, fazendo festas, bailhes, e jogos, lançando frechas ao ar em sinal de amisade, e prazer. Que asestindo entre os nossos a missa e mais habitos christãos dos Religiosos de N. Seraphico Padre S. Francisco, estiverão decentemente compostos, pondose de joelhos, batendo nos peitos, e levantando as mãos ao ceo. Antes que voltasse a armada regalarão aos Portuguezes com quantidade de animaes, Aves, e frutas. Acompanharão ao General quando se embarcava com mostras de prazer, metendose huns pela agoa, outros em Jangadas, e outros nadando athe a náo, mostrarão quanto lhes fora grata a sua vinda, e quanto sentião a sua auzencia.

78. Com as mesmas caricias, agasalho, e mostras de amisade, forão os Portuguezes tratados dos nossos Indios em todos os portos, que arribarão. Achavão-nos liberaes, benignos, e obsequiosos, em tanto que não conceberão aquella desconfiança, que lhes ministrou a suspeita, e fomentou a oposição Franceza. Em quanto entenderão que os Portuguezes pacificos e desarmados querião a sua sociedade, tudo era exprimentar humanidade, carinho, e bizarria. Mas quando se vem acometidos com mão armada, tudo nelles era ira, furor, corage, e raiva.

79. A sua fidelidade se acha altamente acreditada com a experiencia. Desde que o Brazil se descobrio, e povoou de Portuguezes, sempre se servirão dos Indios não so para condução dos gados, mas tambem para escolta dos que descem das minas carregados de ouro. Tem acontecido innumeraveis, em que a cobiça de alguns, tem tirado a vida a outros, para senhorearem suas riquezas; mas não se acha Indio, que cometesse semelhante delicto. As naçoës que se puzerão pela parte dos Portuguezes assim na conquista destas capitanias como nas guerras com naçoës estrangeiras, nunca conceguirão Francezes, e Olandezes se

rebelassem contra nos, observando inviolavelmente aquella lialdade que a principio nos prometerão. Os titulos ou brazoẽs da sua nobreza consistem em ossadas dos inimigos, que matão, e guardão com cuidado, em colares de dentes que trazem a tiracolo, em Grinaldas, e fraldoẽs compostos de varias pennas; nas pedras preciosas, ouro, ou prata, que trazem nos furos das orelhas ou beicos. Dada huã caveira destas, dente, ou pedra da orelha em penhor da sua palavra, não faltarão com ella ainda que lhes custe a mesma vida. Vasc.[s] L. 1. n. 136. f. 79.

80. He verdade, não o negamos, que entre as innumeraveis nações, de que se compunha o nosso Brazil, tantas que se julgou ter o Brazil no tempo de seu descobrimento, mais gente que toda Europa; havião então alguãs nações que mais irracionaes que as mesmas feras, fazião o que não faz bruto algum, que era alimentar se dos individuos da sua propria especie. A este uzo destinavão commumente os prizioneyros de guerra. A crueldade de outras nações não se saciava com dar morte aos prizioneiros, senão que a fazião mais dilatada, e dolorosa com quantos generos de tormentos lhe dictavão o odio, e a vingança. Mas tambem hé certo, que infinitas nações abominavão esta crueldade, que aborrecião, e detestavão fortemente.

81. Nem nos deve admirar a barbaridade destes povos, quando sabemos que aos descendentes de Tubal e de outras naçoens politicas, com que se povoou Portugal, se reduzirão muitos de seos descendentes a tanta brutalidade, que matavão, e comião aos que dos povos vezinhos apanhavão, ou em guerra ou em ciladas. Esta mesma ferocidade se vio entre os Russianos, Alemaẽs e outros povos da Ẽuropa; e ainda se exprimenta em alguns gentios de Africa e Azia.

CAPITULO 7º

MOSTRA SE COMO OS INDIOS DO BRAZIL NÃO SÃO PRIVADOS DAS VIRTUDES INTELECTUAES

82. Temos celebrado aos nossos Indios pela parte do coração, agora os veremos pela parte da cabeça. O conceyto que desde o descobrimento da America se fez de seos habitadores (e ainda hoje dura não so entre a plebe, mas entre os que se conciderão fora da Esfera do vulgo) he que esta gente não tanto se governa pela razão, quanto por instinctos. Como se algũa Circe os ouvesse transformado em brutos. Mas muito pelo contrario está não só o que daquelles primeiros Indios nos contão os Estoriadores, mas a nossa quotidiana experiencia. O Illm.º Palafoz, não se contenta com a igualdade da sua, a

nossa capacidade, pois no memorial que apresentou a ElRey em favor dos Americanos das Indias de Castella, intitolado Retrato natural dos Indios, diz que excedem aos Europeos. Aly conta de hum Indio que chamavão Seis officios, porque outros tantos sabia com perfeição. De outro que aprendeo a organista em poucos dias; de outro que com quinze dias soube tocar bem esse instrumento. Refere alguãs subtilesas, em que mostrão a sua rara habilidade. Mas para que he buscar exemplos em Authores, nem dos Indios do Peru, e Mexico se os temos nos nossos do Brazil.

83. Não sofro a enorme equivocação com que se confunde o defeito da habilidade, com a falta de aplicação; a possibilidade com o facto. He certo que são poucos os Indios, que vemos exercitar officios ou artes, mas he evidente que por se lhes não permittir a aplicação, não mostrão habilidade. Esses poucos que se aplicarão, sahirão excellentes. Vive hoje na Bahia hum Indio tão famoso escultor que parecem as suas obras feitas por mãos Angelicas. Neste Reciffe houverão dous entalhadores que obravão maravilhosamente. Em casa de hum meu cunhado se educou huma India da nação Tobayar que em seis mezes soube coser, bordar e fazer rendas de todo primor. Tenho presente um rapaz da nação Gramacio, de doze annos de idade, que aplicando se a ler, e escrever em menos de dous mezes lê bem, e não escreve mal. Alguãs Igrejas das aldeas dos Indios deste Bispado tem organos, para com mais solenidade se celebrarem as suas festas. Os Indios são os organistas, e musicos, que beneficião as missas. Em todas as missoens se cantão as ladainhas officio da Senhora e Jaculatorias, que a devoção tem inventado, o que fazem os Indios, e Indias com bem concertadas vozes.

84. Por mais que nos queirão pintar nos nossos Indios hũa torpe estupidez, sabemos que suposto que os Portuguezes quando entrarão nestas Capitanias os achassem ignorantes na arte de guerrear ao modo de Europa, nem por isso deixava de sugerir lhes seu discurso tão agudos estratagemas, que forão admirados dos mesmos Portuguezes. O Grande Tabyra se valia do que ouvia disfarçado, a seos contrarios, para lhes fazer supor alcançava por via extraordinaria as suas resoluções mais secretas, traça de que uzarão outros famosos Caudilhos.

85. Havia entre elles hum Concelho de guerra. Elegião por votos quatro, ou sinco dos mais afamados em valentias. Eleitos se sentavão em roda, em lugar separado, o mais velho propunha a materia que se tratava, e cada hum dos concelheiros dava o seu parecer livremente. Emquanto estavão neste conclave não era licito a pessoa alguã fallarlhes, nem ainda chegar a avistallos. O que aly se resolvia sem alguã fallencia se executava ainda que soubessem que a execução lhes havia custar a propria vida. nem era permittido reclamar, ou contradizer as resoluções deste

veneramdo consistorio. Por este conselho era eleyto o General das armas, que governava a guerra emquanto não cometia alguã cobardia, mas se dava mostra de fraco era deposto e privado para sempre dos officios honrrosos. Na sciencia da medicina sem as lições de Avicena, Hypocrates, ou Galeno são peritissimos, aplicando com grande destreza os remedios. A sangria descoberta como por milagre na Europa, della uzavão os Indios, servindo se de agudos e subtis dentes de peixe, em lugar de lancetas. Das nossas frutas sabem estrahir generosos vinhos. Nas suas caças são tão destros no modo de prender feras, e enlaçar aves, que admira a subtileza, e habilidade com que o fazem. Finalmente para tudo que se aplicão mostrão genio, e capacidade.

86. Dirão os que são de contraria opinião, que a carencia de Religião, que se observou nos Indios do nosso Brazil, preciza a fazer hum baixissimo juiso de seos talentos. Responde-se que ainda que os erros em materia de Religião são os peyores de todos, não provão absolutamente rudeza nos homens. Ninguem ignora que os antigos Gregos e Romanos erão muy habiles para sciencias, e artes, com tudo que gente mais fora de caminho emquanto ao culto. Em começando o homem a buscar a Deidade fora de si mesma não ha que fazer conta da mayor, ou menor capacidade, porque anda tambem fora de si mesma a razão. Emquanto a dizerem que os nossos Indios carecião totalmente de Religião he engano dos que assim o publicarão por falta de suficiente trato, e por lhes não entender bem o idioma não penetrarão bem a sua mente. Clama toda a natureza a existencia do Creador com tão sonoros gritos, que seria impossivel que ainda que tivessem a razão mais adormecida não despertassem a suas vozes, esta não só seria injuriosa aos Indios, mas a mesma Divindade, porque he querer que faltasse o Criador de imprimir em hũas Criaturas dotadas de razão algum conhecimento da sua grandeza. Conhecião hua excellencia superior a que chamavão Tupã, que quer dizer Excellencia espantosa, pela qual rasão tinhão grande medo dos trovões. Tinhão conhecimento da immortalidade da alma, notticia do diluvio universal, crião haver espiritos malignos, de que tinhão grãdissimo medo, e chamavão com varios nomes, lhes offerecião sacrificios, não como a Deoses, mas como a mensageiros da morte para que os não empecesse. De tudo se colhe que nelles não havia carencia de Religião, e sim huã gentilidade sem simulacros, e infinidade de falças Deidades. O conceyto pois que dos nossos Indios devemos fazer, he, que entre os Gentios erão os mais avisados, e entendidos em materia de Religião, porque se adoravão a Deos com hum temor servil, que declara o nome de Tupã, com que o reconhecião, a que he incomparavelmente superior o temor filial com que chamamos ao Criador, e arbitro

do mundo Deos da palavra grega Theos, que val o mesmo que temor, e nas criaturas racionaes com o amor de Deos se deve unir aquelle temor do mesmo Deos, que he o principio da verdadeira sabedoria: Initium sapientiæ timor Domini; tambem não adoravão como os Romanos Deoses aduteros, perfidos, e malignos; nem como os Egypcios vis sevandijas, e ainda os alhos, e cebollas das suas hortas; nem, como os gentios antigos moradores da Beira, e marinha de Setubal, que a huã baleya que o mar arrojou a suas prayas tributarão adorações como a Deidade. Ao abrir aquelle monstro a boca, boqueijos de morte, a que se via exposto fora do seu centro, entenderão selvagens, lhes pedia sacrificios, que aly logo mulheres, e homens liberalmente offerecerão em suas vidas. Sacrificio que continuarão até muito depois da vinda de Christo com huã donzella, e hum moço, a quem permitião todo o anno gosar-se livremente. Se os erros muy repugnantes aos principios naturaes em materia de Religião provão barbaridade, he preciso declarar por barbaros aos Inglezes, Dinamarquezes, Suevos, e muitos Alemães, pois em todas estas naçoẽs està muito dominante o erro, de que não pecamos por eleição, senão por necessidade, que Deos nos obriga a peccar, e nos he impossivel evitar o peccado.

87. Pela experiencia que tenho destes homens estou tão longe de assentir as vantagens de capacidade em outras naçoẽs, que vivo persuadido que se lograrão igual cultura, lograrião vantagens sobre muitas. Forão, e ainda são os Alemaẽs notados de genios tardos, e grosseiros, em tanto gráo, que houve Author que poz em questão se desta nação poderia sair algum espirito revelante. Entre os Romanos para expressar hum entendimento tardo, era proverbio: Auris Batava: orelhas de Inglez. O discurço dos Moscovitas estava pouco hà tão desacreditado, que delles se dizia não terem de homens mais que a exterior figura. Os Scythas erão reputados pelos mais selvages, e barbaros de todos os homens. Os Turcos, Persas e Japoens se representavão como congregaçoẽs de satyros, ou homens meyos brutos. No nosso Reyno de Portugal entre Celorico e Trancoso habitavão povos tão brutos, e silvestres como animaes indomitos, tão rudos que huã familia não entendia a lingoa de outra com menos de duas legoas de distancia, pelo que erão julgados pelos povos confinantes como bestas mais feras, que as mesmas feras.

88. Mas apenas entre estas naçoẽs e cultivarão as letras mostrarão que não ha gente alguã, que possa com justiça ser capitulada de barbara. Dos Alemaẽs se admirão na Republica das letras como Gigantes das sciencias hum Rabano Mauro, e hum Alberto o Grande, gloria o primeiro da Religião Benedictina, o segundo da Dominicana, Trithemio,

o Abbade Ruperto, Athanasio, Scioppio, Kircher, Gaspar Schoti, e outros muitos. Entre os Olandezes apenas ha arte que não cultivem com primor. Tanto que o ultimo Czar Pedro Alexowitz introduzio entre os Moscovitas as sciencias, e artes se vio que são os Moscovitas habeis para todas as letras, e artes. Tanto que no Cairo ouverão profeçores, que ensinão a Astronomia, a Geometria, a Arithmetica, a Poesia, a lingoa Arabica, e Persiana, mostrarão a sua capacidade, e na Policia apenas ha nação que os iguale, nem subtilesa, que se lhes occulte. Tanto que entre os Persas se levantarão colegios, e universidades, donde estudassem Arithmetica, Geometria, Astronomia, Philosophia natural, e Moral, Medicina, Jurisprudencia, Rhetorica, e Poesia, mostrarão que estavão muito fora da rusquitez, e ferocidade que delles concebiamos. Tanto que se introduzirão em Portugal as escollas, e universidades, corresponderão os descentes daquelles povos, que seos vesinhos julgavão salvages, com igual numero de homens doutissimos aos que sahirão das naçoens mais cultas. Se os Iroqueses, Lapoens, Troglodytas, e Garamantes, a quem hoje mal admittimos por membros da nossa especie, se empregarem no exercicio das sciencias, e letras, lhes succedera o mesmo, pois he certo que se não dâ perceptivel desigualdade, em ordem ao uzo do discurso.

89. Por se não examinar na pedra do toque do estudo està certamente occulto o preciso metal do entendimento dos Indios do nosso Brasil. Entre elles não se achão letras mas sim grande capacidade para ellas, pois vemos que se se applicão, adiantão mais em seis mezes, que outros, em hum anno. O certo he, que em tão severa censura não se reprehende hoje, o que se julga que he, se não o que muitos apaixonados querem que seja. Estas verdades os incommodão, e ninguem està mal co huã verdade, que lhe não chame mentira. Como se interecem particulares conveniencias, não haverá contradição, a que não venha logo hum ruido de vozes, que sufoque a voz. Para ahy he ponderar gravemente a sabedoria dos que julgão, e rustiquez dos julgados.

90. He certamente muito para reparar aquelle grande empenho, que mostrão muitos dos Regentes das Aldeas para que estes homens se conservem empantanados na ignorancia, rudeza, e impericia. Provarey este pençamento com caso succedido a poucos annos em hũa das Aldeas desta Provincia.

91. Era esta Aldea da administração de outros Religiosos Estrangeiros. Entrou na residencia della hum Religioso, que esquecido da paciencia, com que devia tolerar a huns, reprehender a outros, e sofrer a todos, mostrou que o genio lhe não deixava liberdade para dissimular faltas ligeiras, julgando excesso athe o que não chegava a descuido.

Rigor que os Indios interpretavão satisfação a queixa de lhe não corresponderem com os emulentos, que elle quizera, avaliando o procedimento por indignação, e o castigo por vingança. Alguns casaes se resolverão antes a largar suas casas, e meter se pelos matos, e brenhas, que expor se a exprimentar os rigores do superior. O Capitão mor dos Indios, que certamente logra extremada capacidade, procurava todos os meyos de moderar o missionario, e socegar os seus subditos, mas não chegava a conseguir hua, nem outra cousa pela obstinação do Frade. Não passou muito tempo, que não investisse com o mesmo Capitão mor, que tanto obrava para que todos lhe vivessem sugeitos, e obedientes.

92. Sentirão-se os Pays desta demazia, queixarão se ao seu Prelado, que pedindolhe a rasão do excesso, respondeo, referindo com tantas rezõens encarecidas os descuidos dos pobres Indios, que chegarão a parecer atrevimento. Julgando por grande desatenção a sua autoridade a queixa dos offendidos, determina tomar o despique do seu imaginado agravo. Não podendo ja sugeitar seos affectos, chegou a destemperar se com tanta demazia na extenção da sua Jurisdição, que se resolveo a assoutar ao mesmo Capitão mor. Chama-o ao seu Hospicio, tanto que o teve de portas a dentro, ajudado do companheiro, e de hum preto escravo da caza, lanca se sobre elle para o maniatar, o Indio que se vê assim acomettido, e conhece o intento, os aparta de sy com valentia; Ao estrondo das vozes, acodem os Indios, que se achavão mais perto, entrão por outra porta, que o descuido deixou aberta, e vendo ao seu Capitão mor naquelle aperto, o ajudão a livrar-se delle, sem se atreverem a fazer acção, que fosse contra o respeito devido ao seo Padre.

93. Deixou este a Aldea, veyo para este Reciffe, tão fora de conhecer o seu erro, que lhe parecia ter feito um grande serviço ao Estado, impedindo as liçoẽns, que de ler e escrever dava aos Indios o seo companheiro; e não obstante estar pouco acreditado o seu talento, muitos o crerão innocente, e lhe approvarão a resolução. Porem a que alma, que não tenha ou o entendimento estupido, o a vontade depravada, não cauzará horror, que os Padres Missionarios uzem de castigar com assoutes, não a rapazes, mas a todos os pobres Indios, sem distinção de sexos ou idades.

CAPITULO 8º

MOSTRA-SE QUE NA LINGOA BRASILICA NÃO HE DEFEITO FALTAREM NO SEU ALPHABETO ALGUÃS LETRAS

94. Tão empenhados se mostrarão os antigos Escritores em persuadir ao mundo a torpe ignorancia, e incomparavel barbaridade dos

Indios do Brazil, que não satisfeitos com o que inculcarão de seos costumes, até na sua lingoa puzerão taxa. Seis são as primeiras lingoas que fallão os Indios do Brazil, e entre estas seis especies, ha huã geral, e comua que fallão os Toboyaras, Tupes, Tupinambas, Tupinaquis, Tupigoáes, Tumiminos, Amoigpyras, Aróbayâras, Rariguoáras, Potigoares, Tamoyos, Carijós, e outras muitas nações, ainda que em algũas se achem corrupções da lingoa geral, como os Dialectos ou lingoagens particulares das provincias, que são corrupções da lingoa que se falla na corte, e cabeça do Reyno, o Gascão v. g. o Normando e o Provençal em França. O Genovez, o Milanez, e o Bergamasco em Italia. Esta lingoa fallão com mais ou menos diferença os Indios de Pernambuco, pelas mais partes do Brazil fallão outras muitas, e excedem todas a cento, e sincoenta lingoagens diferentes. A lingoa geral he formada com tão acertadas regras da Gramatica, que não falta um ponto na perfeição da praxe, de nomes, declinações, conjugações, activas e passivas, que não dão vantagem as mais polidas artes dos Gregos, e latinos. Pela sua perfeição julgão muitos que logra as prerogativas da lingoa Grega.

95. Quatro cousas se conciderão nas linguas. Energia nas voses, duçura nos assentos, riqueza nas frazes, e abundancia nas palavras, que corresponda a abundancia das ideas; e verdadeiramente admira a delicadeza, copia, energia, e facilidade desta lingoa. No seu alphabeto não admittem as letras F. L. nem o R dobrado, e o que é primor da lingoa, conciderão defeito da nação, e da mesma lingoa. F. segundo Prisciano Gramatico, he letra muda, querem outros que seja letra semivogal, porque começa por vogal, e pela propria vogal acaba: como exprimentamos, quando pronunciamos, Effe. No seu tratado de ortographia affirma Dausquio que os Romanos ignoravão esta letra, e que fora iventada pelo imperador Claudio, e usara della as avessas nesta forma Ⅎ, como ainda hoje se vê em letreiros antigos do seu tempo, onde se vê TerminaⅎIt, Ampliaⅎitque por terminavitque, et ⅎixit por vixit; mas não foy recebida de todos esta letra, e morto o dito Emperador, tornarão ao V., ou Vau Eolio, com que tem alguã semelhança na pronuncia, posto que soa o F mais aspero. R dobrado he tambem letra semivogal, pronuncia-se com tremula vibração da lingoa, levantando-a ao padar, e lançando com a ponta della o ar com força, e ao ouvido é tão aspera que Socrates lhe chama instrumento, e sinal de todo movimento, pelo tremulo soîdo, com que se pronuncia. Tão bem he o instrumento de toda a aspereza, e acrimonia verbal, por isso lhe chama Persio letra canina.

— Sonat hic de nare canina
Littera.

Porque o cão quando encrespa o nariz, e arreganha o dente, dá, e

repete um soído, semelhante a R, o que (segundo advertio Turnebo, Lib. 29. 17) se chamava Irrire, donde se originarão os verbos Irritare, et irruere, quia canes irrindo, irritantur, et irruunt; ao que allude o Poeta Lucilio, aonde diz:

Irritata canis quod R quam plurima discat.

E advertio com varios exemplos de Autores antigos, que a letra R. serve de esprimir materias, em que a ira, o furor, a desgraça occasionarão sucessos tragicos.

96. Sendo pois a lingoa Brasilica dotada de hũa grande brandura, facilidade, e docura na sua pronuncia, com rasão excluio do seu alphabeto hũa letra que é o instrumento de toda asperesa, e acrimonia verbal. Pela mesma razão excluhio tambem a l. F. letra aspera, e muda. Nenhũa falta lhe faz esta letra, pois com as do seu alphabeto logra riquesa, e abundancia de palavras. A falta da letra L. não é falta. Assim como na nossa lingoa Portugueza mudamos a letra L. em R. que de blandus dizemos brando; de Planctus, pranto; de Clavus, cravo; de Placére, prazer; e de Suplere, suprir; E em varias palavras latinas quando L vem depois destas trez letras C. F. P. corrompe se em Ch, como de Clavis, Chave; de Flama, Chama; de Plaga, Chaga; sem que se possa dizer que faltando o L a estas palavras lhe falta a gala da lingoa, assim tambem não diminuye o primor da lingoa Brasilica a falta desta letra, que por semivogal é menos branda, e os nossos Indios excluirão quanto poderão da sua lingoa todas aquellas letras que podião fazer soar aspera a sua pronuncia.

97. Pela parte com que alguns Autores capitularão de brutos aos nossos Indios, tomando a falta das letras F. L. R. por fundamento da gravissima cençura de que vivião sem Fe, Ley, nem Rey, passe por chiste. Bem estava o mundo com semelhantes illaçoés, seguiria se que todas aquellas naçoés que ao Ente Supremo não chamassem Deus como chamão os Latinos, ou Deus como dizem os Portuguezes; ou Dios como o apelidão os Castelhanos; ou Dio como os Italianos; ou Dieu como os Francezes, seriam reputados por Atheistas. Julgariamos erão semelhantes aos Borussos, povos da Sumatra Europea, os Hebreos q̃ chamarão a Deos, El, Elion, Adonai, e Jehova; os Allemaés que dizem Gott, os Inglezes, God; os Bohemos, Bub; os Abexins, Emlacb; os Armenios, Astas; os Vascoenses, Jaincona; os Esclavoés Bug; e os Japoēns Dairiche.

98. Seguiria-se que os povos que não chamarem Fe, o que se cre na Religião, que se profeça, Ley o que manda, e determina quem tem poder para mandar, Rey, ao que tem jurisdição sobre os que vivem no seu Reyno, não tem fé Ley, nem Rey. A seos Principes chamão os nossos Indios: Morobixaba, que vem de poro mudado

o p. em, m, e yxaba. Poro significa gente, yxaba, o que manda. Da criação do mundo the o tempo do diluvio, na computação do Alapide correrão 1656 annos, e em todo este tempo não consta do sagrado texto, ou de Autor algum, houvesse filho, ou descendente de Adão, que dominasse na terra com titulo de Rey; por que cada hum governava a sua familia como Pay, e cabeça della. Veyo o diluvio, e ainda se passarão 170 annos semque no mundo se ouvisse o nome de Rey: neste anno estando Noe com todos os seus filhos retirado para o campo de Senaar, entre o Rio Tigris, e Eufrates para onde vierão no anno 131 depois do diluvio, e tendo dado principio a fundação da Cidade de Babilonia, e Torre de Babel, Nenrod principal agente de toda esta machina, começou a mostrar-se poderoso na terra, a dominar aquelle povo, e a fazer-se senhor delle, ate que no anno 184 do diluvio estava reconhecido, e adorado de todos como Principe, Rey, e Monarcha absoluto; e assim foi Nenrod o primeiro a quem se deve o nome de Rey. E porque antes de Nenrod não se ouvia no mundo o nome de Rey devemos dizer, que todos os homens que houverão no mundo erão barbaros e não reconhecião alguã superioridade, por que essa tinhão as cabeças das familias em todos seus individuos, sendo essas nomiadas com diverso nome que significava poder, e dominio, assim como significa a palavra Morobixaba dos nossos Indios. Fé dizem Tupanrerobiara, vem de Tupan, que significa Deos, e do verbo, Arobiar; que significa crer, e acreditar. Ley, ou Mandamento dizem, Acerecomonhangaba: vem de Ace, que significa uma pessoa, reco -a vida; monhangaba o que se ha de fazer, e obrar; e vem a dizer o que hade huã pessoa fazer para regular a sua vida. Com estas frazes dão genuinos sentidos, e explicação com propriedade a essencia das palavras Fé, Ley, Rey. As palavras Fe, ley, e Rey, não tem mais energia que Tupanrerobiara, Acerecomonhangaba, e Morobixaba, porque na energia nenhũa lingoa vence a outra, pois a mesma força de expressão tem Galerus em latim, que chapeo em Portugues. Cadeira, Candieiro, e Panella em Portugues que silla, vellon e olla em castelhano. Tanto diz o Portugues quando diz Mosquito, Borboleta, nada e tudo, como diz o Francez Moucheron, Papilhon, Rien, Tout.

99. D'estas, e outras muitas razoens, que deixo em silencio se infere que a lingoa Brasilica he tão boa, como as lingoas boas. Na origem, ampliação, e armonica propriedade de todas as lingoas do mũdo, preside, e domina o Espirito Santo, porque procede da infinita facundia de hum Pay, que desde a eternidade diz tudo em huã palavra; e da pessoa de hum filho, que he essencialmente sabedoria, sendo pois todas as lingoas admiraveis em as naçoens deste divino Espirito, nenhũa dellas foy indigna da declaração de suas verdades, em todas

ellas fallou ao mundo por boca de seos Apostolos. Tam certo he que toda a lingoa he perfeita e bella.

CAPITULO 9º

APONTÃO-SE OS MOTIVOS DE ALGUÃS CALUMNIAS CONTRA OS INDIOS. DA-SE NOTICIA DA SUA ORIGEM, E NOME, DE SEUS ANTIGOS CUSTUMES E RELIGIÃO

100. Tam encaprichado está o mundo do occulto influxo do sangue que querem que os filhos por força d'elle herdem aos Pays, não so aquellas paixoens, que dependem do temperamento, mas ainda a propenção a Religião de seos mayores. Levados desta errada opinião, querem alguns persuadir que os Indios não admittem a fé com aquella constancia, que deverão, e por isso continuão em seus gentilicos ritos, que seguirão seus mayores. Nenhũa censura mais alhea da verdade.

101. Não so o assento que presta o entendimento a Religião verdadeira, mas tambem a pia affeição, que da parte da vontade procede precede ao assento, he sobre natural, e por conseguinte não pode, segundo boa Theologia, nem o sangue, nem outra couza natural ter connexão algua nem com o assento, nem com a pia affeição. Esta toda he obra da divina graça para quem não ha nem ainda disposição remota em toda esfera da natureza, e só podem admittir disposiçoens naturaes negativas, que unicamente concorrem removendo impedimentos como o bom entendimento, e boa indole. Nem estas boas disposições, em os que as gosão dependem de que seos Pays hajão profeçado a Religião verdadeira.

102. O assento a Religioens falças, não ha duvida que he absolutamente natural, pois não pode ser sobrenatural o erro; mas he certo que não depende em maneira algũa do temperamento, nem da organisação, que he no que pode influir a semente paterna. A Razão he, porque o dar assento a hum erro, depende da representação objectiva, a qual em diversos temperamentos, e organisaçoens pode ser huma mesma, e em temperamentos, e organisaçoens semelhantes diversa. Que duvida tem que entre os homens, que seguem a ley de Mafoma ha innumeraveis homens desemelhantes nestas, e outras disposições naturaes? Sem embargo todos crem os mesmos erros.

103. O que talvez sucede, he, que algum que sendo menino foy instruido em Religião distinta da de seos Pays, sabendo depois em idade mayor que estes profeçavão outra ley, se acha interiormente movido a seguir seos passos. Mas isto he claro que não depende de que dentro das veas tenha semente algũa de Religião paterna, senão

que o amor, e veneração a seos progenitores o inclina a imitallos. E he muito natural que lhe faça mais força o exemplo dos que lhe derão o ser, que a imitação dos que lhe roubarão a liberdade. Porem he tanta a força da educação, do costume, e da communicação, que prevalesse contra todas as demais attenções.

104. Assim o estamos espirimentando com os filhos dos Gentios idolatras que de Africa se conduzem em grande numero todos os annos para a nossa America, que educados na Religião Christãa, vivem totalmente apartados de todo o pençamento de tornar a idolatria, que profeçarão seos Pays.

105. Não basta porem esta quotidiana esperiencia para desterrar o erro vulgar, que ha nesta materia. Dizem, que assim como segundo a natureza da semente sae a arvore, ou segundo a arvore sae o fruto, assim taes são pelo comum os homens, qual he a extirpe de donde vem, e em suas operações copião os costumes de seos ascendentes. Esta preocupação em desabono dos Indios he tão geral, por falta da devida reflexão, que se devia fazer nesta materia.

106. Todo fundamento desta cençura consiste, em primeiro lugar, mostrar a esperiencia, que trasidos alguns meninos tirados das aldeas em que nascerão, para as cidades, e povoações dos Portugueses, sucede que passados alguns annos se retirão para companhia de seos Pays e parentes. Em segundo lugar, ter se visto, que se ajuntão alguãs veses em suas danças, comidas e bebidas, a que elles chamão paracê. Estes são os motivos para se julgar destes que tornão a seos antigos ritos, e lhes falta a presistencia para a concervação, trato e policia.

107. Para desterrar esta falça aprehenção, que redunda em grande prejuiso dos Indios; bastarà que não percamos de vista os testemunhos, e experiencias que podem servir para o desengano. Huma das maiores provas do valor, he tomar huã resolução para todos os dias da vida; porque a nossa natural inconstancia, busca na variedade dos Estados o seo descanço, e nas mudanças as suas melhoras. Andão os homens na roda da sua fortuna como sol no gyro da sua Esfera, todos os meses muda o sol de caza, e conforme a variedade dos signos, em que entra se mudão as Leys do Estado que profeça. Com a mesma instabilidade correm os homens a carreira da vida, sem nunca tomarem assento no estado que tomão. Huns passão da profição das letras, para o exercicio das armas, dos Tribunaes para a milicia, e do Parnaso de Apollo, para os campos de Marte. Outros largão o arado, e poem mão ao leme, e preferindo a navegação a agricultura, lanção as ancoras da sua esperança na Patria dos naufragios. Outros se retirão dos embaraços da Corte, para a tranquilidade de hũa vida solitaria, e cançados com o ocio da soledade, tornão a

se enredar nos Labyrintos da Politica. Assim correm os dias, e não socegão os corações, passão os annos, e não parão os desejos; e como discretamente advertio Seneca, os homens sempre começão a viver, por que nunca acabão de se determinar; murcha-se a idade, e ainda não estão maduras as resoluções, e finalmente chega a morte, primeiro que se tome assento no theor da vida.

108. Daqui se infere que se chama culpa nos Indios o que he penção nos mortaes. Querem nestes homens hũa constancia, que triunfe das inconstancias da propria natureza. Querem nelles hũa resolução para toda a vida, e hũa obstinação, que os ponha em Estado de nunca poderem mudar de Estado. E se para os mais homens he desafogo da naturesa a mudança das occupações nelles he remedio para se livrarem d'hum injusto captiveiro. Pintemos o caso. Traz hum vesinho para sua casa hum rapaz Indio, serve-se delle não como criado, mas como escravo, occupando-o nos mais vis, e laboriosos exercicios. Neste disfarçado captiveyro, com innocente credulidade perdem a liberdade, ainda para aquellas acçoes, que lhe permittem as leys da natureza, e piedade. Cresce nos annos, e com os annos vem a advertencia para conhecer seu miseravel estado; depois de perigosos encontros arriba enganado da Esperança, ou desenganado da Esperiencia, vendo-se tratado como captivo, determina de se retirar, e o poem em execução tanto que acha algum dos seos parentes, que lhe facilite a jornada. Este he o delicto dos pobres Indios, que com impiedade chamão defeito de Religião. Miseraveis homens, Proteos da fortuna, camaleões do destino, não so a sua liberdade hade estar presa, senão que querem esteja em hũa moral impossibilidade de se recuperar.

109. Vista a rasão da chamada inconstancia, vejamos a sem rasão das superstições, em que os considerão submergidos. Superstição e hum culto não devido ao verdadeiro Deos, ou a algum Idolo, ou falço, e fabuloso Numen. A oração v. g. feita com circunstancias indebitas, ou superfluas do tempo, lugar, postura, &.ª a invenção de milagres falços, a impertinencia de varias devoções não usadas, e não aprovadas da Igreja, são superstições, que se reduzem ao culto não devido ao verdadeiro Deos. A superstição pois como culto de algum não verdadeiro Nume, se divide em idolatrias, adevinhações, cerimonias magicas, e vaãs observações, como as dos Romanos na concideração do voo das Aves, das entranhas das victimas, e hoje na escrupulosa, e totalmente irreligiosa fatuidade dos que receão como pronostico de algũa desgraça, o encontro de hum torto pela menhãa, o derramarse o sal na meza, o quebrarse hum espelho, o cantar do cuco, ou galinha, o chover da boda, o espirrar o murrão da candea, o huivar do cão, o entrar com o pé esquerdo, e outros ridiculos agouros.

110. E por qualquer destes capitulos serão supersticiosos os nossos Indios? He certo se não sabe dem algum culto não devido ao verdadeiro Deos. Entre elles não se pratica devoções não usadas, ou aprovadas pela Igreja, muito menos algũa sombra de Idolatria, não usão de serimonias magicas; nem entre elles consta tenha algum uso a Nigromancia, Piromancia, Aromancia, Hydromancia, Geomancia, Metoposcopia, Sortilegio, Chiromancia, Agouro, Auspicio, Aruspicinia, por que não sabemos fação advinhações pelos corpos mortos, pelo fogo, pelo ar, pelos sinaes das agoas, pelos pontos feitos na terra, pelas feições do rosto, pelas sortes, pelas linhas das mãos, pelo canto das aves, pelo voar dos passaros, ou pelas entranhas dos animaes. Logo he injusta a cençura que os condeña supersticiosos.

111. Talvez que entre os Indios se ache tal ou qual individuo destas naçoēs, em que o Demonio conserve algum resabio de seus antigos erros, mas he evidente que não vemos algum punido, por que haja largado a fé catholica que recebeo. Muitas vezes se tem procedido contra individuos das nações de Africa por continuarem nos seus ritos, e feitiçarias, mas não mostrarão Indio que haja sido castigado por semelhante culpa. A vista de tantas, e tão patentes provas da sua ignocencia, e constancia na fé, o que por esta parte se quer dizer delles, he voluntario, e sem algum fundamento, causa ou razão.

112. Bem tem mostrado os nossos Monarchas o quanto attendem, e extimão os serviços que lhes tem feito os Indios do nosso Brazil: e quanto querem que os não maltratem e offendão. Para esse effeito tem despedido repetidos Decretos, em sua utilidade, abono, e defença. Nos agrados da Magestade do nosso Rey e Senhor D. Jozē 1º, que Deos guarde, acharão de prezente agasalho mais que ordinario. Não se occultando a sua soberana prespicassissima comprehenção, o abatimento a que os tem redusido a emulação, e odio dos q̃ os maltratão, e com os injuriosos nomes de Caboucolos, e Tapuyas os affrontão foy servido dar a conhecer o quanto he de seu desagrado q̃ assim os offendão, com hum decreto com que bem mostra o affecto piedoso com que attende a estes vassalos, e quanto quer se augmentem as suas povoações, e se facilitem os progressos da sua geração.

DECRETO

DO MUITO ALTO E PODEROSO REY, E SENHOR DOM JOSÉ I.º A FAVOR DOS INDIOS DO BRAZIL

113. Eu ElRey Faço saber aos que este Alvará de ley virem que conciderando o quanto convem, que os meus Reaes dominios da America se povoem, e que para este fim pode concorrer muito a cõmunicação com os Indios, por meyo de casamentos. Sou servido declarar,

que os meus vassallos deste Reyno, e da America, que casarem com as Indias della, não ficão com infamia algũa, antes se farão dignos da minha real attencão, e que nas terras, em que se estabellecerem, serão preferidos para aquelles lugares, e occupações, que couberem na graduação de suas pessoas, e que seos filhos e descendentes serão habeis, e capases de qualquer emprego, honra, ou dignidade, sem que necessitem de dispença algũa, em rasão destas alianças, em que serão tambem comprehendidas, as que se acharem já feitas antes desta minha declaração: E outro sim prohibo que os ditos meus vassallos casados com Indias, ou seus descendentes sejão tratados com o nome de Caboucolos, ou outro semelhante, que possa ser injurioso; e as pessoas de qualquer condicção, ou qualidade, que praticarem o contrario, sendolhes assim legitimamente provado perante os Ouvidores das Comarcas, em que assistirem, serão por sentença destes, sem apellação nem agravo, mandados sahir da dita comarca dentro de hum mez, e athe mercê minha. O que se executarâ sem falta algua, tendo porem os Ouvidores cuidado em examinar a qualidade das provas, e das pessoas que jurarem nesta materia, para que se não faça violencia, ou injustiça com este pretexto, tendo entendido, que só hão de admittir queixa do injuriado, e não de outra pessoa: O mesmo se praticarâ a respeito das Portuguesas, que casarem com Indios, e a seos filhos, e descendentes, e a todos concedo a mesma preferencia para os officios, que ouver nas terras em que viverem; E quando soceda que os filhos, ou descendentes destes matrimonios tenhão algum requerimento perante mim, me farão a saber esta qualidade, para em rasão della mais particularmente os attender; e ordeno que esta minha real resolução se observe geralmente em todos os meus dominios da America. Pelo que mando ao ViceRey, e Capitão general de mar, e terra do Estado do Brazil, Capitaẽs Generaes, e Governadores do Estado do Maranhão, e Parâ, e mais conquistas do Brazil, Capitaes mores d'ellas, Chancelleres, e Desembargadores das Relaçoẽs da Bahia, e Rio de Janeiro, Ouvidores Geraes das Comarcas, Juizes de Fora, e Ordinarios, e mais justiças dos referidos Estados, cumprão, e guardem o presente Alvarâ de ley, e o fação cumprir, e guardar na forma que nelle se contem, o qual valerâ como Carta, posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, e se publicarâ nas ditas comarcas, e em minha Chancellaria mor da Corte, e Reyno, donde se registarâ, como tambem nas mais partes, em que semelhantes Alvaras se costumão registar, e o proprio se lançarâ na Torre do Tombo. Lisboa quatro de Abril de mil setecentos, e sincoenta e sinco

El Rey.

114. Nem este decreto se empregaria melhor a favor dos Indios do Brazil, e seos descendentes, que quando vay a destruir humas vozes que são perjudiciaes, e injuriosas não sò a esta nação, mas a hum grande cumulo de seos descendentes com parte de Europeos. Assim como he inclinação das almas mais vis deteriorar a opinião do proximo, he occupação dignissima de hum Rey pio, e de hum genio real, defender a honra de seus vassallos, e desvanecer a calumnia com que os maltratão.

115. Perdeo se com Adão a Philosofia nominal, e com ella se perderão os nomes, quiddidativos e expressivos do ser, porque o nome, que deu Adão a cada um dos viventes, era o seu proprio nome, outro nome da propria creatura, não o podia haver, por que era nome difinitivo do ser, e como o ser não se muda, não se pode mudar este nome. Do cahos porem de Babel se seguio o instituto dos homens, o genio e uso das gentes, que formarão, introduzirão, e autorisarão em todas as partes do mundo infinitos vocabulos para o trato natural, civil, politico, e militar. Desta diversidade socede, que palavras que (segundo o nosso uso) tem gala em lingoagens alheas, as veses são injuriosas, e vituperios. Lama que entre nos he lodo, para certos povos da Tartaria, he o titulo do seu legislador o Gran Lama. Poderà ser que na lingoa dos Indios do Perù que chama ao Sol, Inti, a lua Quilla, a estrella de Venus Chascha, e ao arco celeste Cuychu; as nossas palavras, sol, lua, Venus, e arco, scjão immundicias, e torpezas.

116. Por esta rasão, para cada nação as palavras nacionaes são as melhores, porque respondendo ao conceyto, e idea de quem usa dellas, nos limites da sua esfera, não correm tanto risco de affrontosas equivocações. Desta razão se infere que vay errado todo aquelle que usa de hua palavra sem entender o seu significado, por que se expoem a dizer hũa injuria ou a publicar-se ignorante. Na mente humana toda noticia supoem noção, ou ella propria he a idea geral, ou particular que formou o homem do que lhe veyo ao conhecimento. Para a noção não basta a noticia do nome, mas emquanto se não sabe o que o nome significa, fica o entendimento sem noção do significado. Isto mesmo sucede aos que chamão Cabocolos, ou Tapuyas aos naturaes do Brazil, ignorando talvez o que significão estes nomes.

117. O nome de cabocoro, que com erro se escreve, e pronuncia cabocolo, deriva-se dos nomes, caab, e oca, dos quaes o primeiro significa matto, e o segundo, caza, e vem a dizer homem que tem casa no matto. A falta das letras nasce da sincopa de que usão, e o acabar em o, e não em a, he corrupção da pronuncia. Tapuya, não he nome proprio de nação, he só de divisão, e val tanto como dizer contrario, porq̃ era o mesmo ver hum Tapuya, que ver hum inimigo. No tempo da conquista do Brazil derão este nome de Tapuya, aos Aimorés, Potentús, Guaitacás,

Guaromonis, Goarigoarés, Jeçarurus, Amanipaques, Paycás, Potigoares, e a outras muitas nações, que passavão de cem com lingoas differentes, e que forão oppostas, e contrarias aos Portugueses.

118. De dois principios pode proceder a noção de hũa palavra, da sua etymologia, e da sua diffinição. A etymologia abre o caminho, a diffinição o corre athe o fim. Quando sey que esta palavra cabocoro, significa, homem que tem caza no matto; e Tapuya quer dizer inimigo, começo a entender que cabocoro é hum selvagem, que como fera vive no matto; e Tapuya hum homem contrario e inimigo, e tendo assim huã noção perfeita destas palavras, segue-se fasermos destes povos affrontosos discursos.

119. O nome de cabocoros lhes foy imposto em seu principio, porque muitas destas nações virião dispersos pelos mattos em cabanas que formavão de ramas, e folhas de arvores; e os que viviao em suas aldeyas, ou povoações chamavão aos outros cabocoros. Assim como entre nós chamão os cidadãos aldeanos, aos que vivem em aldeyas fora dos mayores povoados; mas he certo que esse nome não era affrontoso; como tambem o não era o de Tapuya, porque assim como os nossos parciaes chamavão aos que nos erão contrarios Tapuyas, isto he inimigos; com o mesmo nome apelidavão estes aos nossos auxiliares.

120. Como o principal ministerio da palavra é significar, o por que foy instituida, mais se attende a sua significação, que a sua origem. As palavras cabocoro e Tapuya significão certamente cousas injuriosas, logo com muita razão se offendem os Indios, e seos descendentes déstas voses, que partos abortivos da confusão, com odiosa mistura a todos offende. A huns, por que se no tempo da conquista, nos forão contrarios, hoje são amigos. A outros, por que sendo sempre amigos, vem que os tratão agora como contrarios.

121. A alguns Autores pareceo que com impropriedade erão chamados Indios os povos da America, por lhes parecer que este nome competia somente aos da India Oriental, que do rio Indo tomarão o nome; mas he porque ignorão o motivo de serem chamados Indios todos os Americanos. Por tradicção continuada de muitos seculos affirmão os naturaes da America, que seu primeiro povoador foy Ophir Indico, filho de Iectan, netto de Heber aquelle de quem falla a sagrada Escritura no capitulo decimo do Genesis, e a quem coube para senhorear o ultimo da costa da India Oriental. Deste pois dizem, que passou daqui a povoar, e senhorear a região da America, entrando pela parte do Peru, e Mexico, dilatando por aly seu Imperio. Assim o traz o Padre João de Pineda da Companhia de Jesus de rebus Salomonis, onde refere por esta opinião Arias Montano. Deste seu primeiro

povoador dizem que tomarão o nome os naturaes da America, e India occidental. E por respeito do mesmo nome disserão muitos que a America era o mesmo que o Ophir tão celebrado na sagrada Escritura. E segundo esta opinião, o principio da povoação desta terra foy pelos annos da creação do mundo de *1700*, quarenta e sinco depois do diluvio, e antes da vinda de Christo ao mundo *2088* annos.

122. He bem verdade que não corre esta opinião tão inconcussa que não tenha contra si outras muitas. Por que affirmão alguns Autores, que os primeiros povoadores destas terras forão daquelles, de que falla o Texto divino no capitulo onze do Genesis, que pertenderão edificar a torre de Babel. E destes dizem, que vendo se frustrados e confundidos por Deos nas lingoas, para que se não entendessem na obra, espalhados por diversas terras, vierão habitar a nossa America, e com estes povoadores fasem habitada esta região na era de *1788* da criação do Mundo, *2174* antes da vinda de Christo a elle.

123. Outros disserão que estes povoadores forão daquelles Hebreos que Salamão enviava em suas náus do mar vermelho a região chamada Ophir. E tem para si que Ophir he região da America, especialmente, o Perû, Mexico e Brazil. Os fundamentos da opinião que o Brazil he o Ophir, he a mais verosimel entre todas as opinioẽs que o constituem em outras partes. Teve Salamão conhecimento da disposição de todas as terras do mundo, e conseguintemente destes thesouros, e riquezas do Brazil, porque não mandaria a estas partes as suas armadas, sendo a viagem menos dificultosa? Por que partindo como costumavão suas naus do mar vermelho, vinhâo correndo aquella parte da India Oriental, costeando Samatra, e daqui direytas a Ilha de São Lourenço, desta ao Cabo da boa esperança, e d'ahy em derrota facil, e direita ao Brasil, viagem de pouco mais de dous meses, e menos custosas que para Africa, e Phenicia, onde dizem os A. A. chegavão as náus de Salamão.

124. Outros disserão forão os primeiros povoadores de nação Troianos, e companheiros de Eneas, que desbaratados pelos Gregos se dividirão entre si, buscando novas terras, em que habitassem. Alguns dos quaes se engolfarão no occeano, e passarão as partes da America; e segundo esta opinião foy esta terra povoada pelos annos *2806* da criação do mundo, e antes da vinda de Cristo *1156*.

125. Outros tiverão para si que forão Africanos, os quaes depois da destruição de Cartago feita pelos Romanos, embarcados da mesma maneira que os Troianos, desgarrados, e levados do impeto das agoas, e violencia dos ventos, vierão a costa do Brazil, e não he de admirar que a estes navegantes lhes socedesse o que vimos socedeo no anno

de *1742*, a hũa embarcacão pequena que sahindo de hum porto da India, para outro porto vesinho, com homens e mulheres que passavão de hũa para outra parte; assaltados de hũa contraria, e furiosa tormenta dobrarão o cabo de boa Esperança e dahy correndo ao som das agoas, e ventos vierão parar ao cabo de S. Agostinho, onde ainda chegarão com vida tres mulheres, e dous homens, que trasidos para este Recife recuperarão as forças que havião perdido, naquella inda que breve, trabalhosa derrota. E se os Africanos forão os primeiros povoadores da America, passarão a ella na era da criação do mundo de *3833*, e antes da Redempção dos homens 149.

126. Outros querem fossem estes daquellas gentes dos dez tribus dos antigos Judeos, que ficarão captivos no tempo do Profeta Oseas, segundo a historia de Esdras no l. 4. cap. 13. onde diz dellas, que pela virtude divina forão guiadas a huma região desconhecida, onde nunca habitara gente humana, e por caminhos compridos de anno e meio de viagem. Entendem esta região pela nossa America, e estes homens pelos primeiros povoadores della. E segundo esta opinião passarão os povoadores pelos annos da criação do mundo *3226*, e antes da redempção dos homens *724*.

127. Outros seguem a opinão de Diodoro Siculo, que tem para si que os primeiros povoadores forão daquelles Phenices Africanos que em tempos antiquissimos, saindo a navegar fora das colũnas de Hercules, e correndo a costa de Africa, forão levados do impulso das ondas e ventos a hũa terra nunca vista, de notavel grandesa, no meyo do Oceano, que defronte da Africa corria a parte do Poente; e era terra amenissima, fertilissima, chea de campos, bosques, rios e fontes. E esta terra nenhũa outra podia ser na parte demarcada, senão a grande America. Segundo esta opinião passarão estes povoadores a estas partes na mesma era pouco mais, ou menos, em que a opinião antecedente faz aportados a ellas os Cartaginezes.

128. Contra todas estas opinioẽs em geral trazem os Authores hũa instancia ao seu parecer grande, e que destroe todos os seos fundamentos. Dizem, que quando se concedesse passarem a America os sobreditos povoadores, em náos ou desgarradas dos ventos, ou mandadas a estas terras, não se faz crivel que nas mesmas embarcaçoes trouxessem Tigres, Onças, Serpentes. e outros animaes ferozes, e peçonhentos, de que abundão estes Paizes: nem era possivel que esses animaes passassem nadando por mares tão dilatados. Por esta razão, que se não pode negar ser grande, e concludente, tiverão para si outros Autores que os primeiros povoadores destas partes passarão a ellas por algũa terra contigua, favoresse esta opinião a de Jacobo Chinco que affirma, que inda athe agora não consta de certo se America, he,

ou não terra firme. E quando queiramos assentir a que hoje he Ilha, e não terra firme, não faz contra a suposição que podemos fazer de que em tempos antiquissimos, esteve esta mayor parte do mundo unida com as outras de donde passassem homens, e animaes, que povoassem a nossa America, cuja união os continuos, e violentos combates do occeano fossem rompendo pouco a pouco athe abrilla de todo, e fazer mar o que antes era terra; assim como separou Sicilia de Italia; a Euboea que hoje chamamos Negroponte, da Boecia; Cypre, da Siria; Leucosia, do promontorio das sereyas. Com o que fica entendido o como passarão os animaes; Emquanto a mim não destroe esta opinião as outras que temos referido. Porque nenhũa implicancia faz que povoada a America de homens, e animaes que passassem da Azia, ou Europa, com que estivesse contigua; pelos sucessos referidos, viessem por mar outras gentes que fossem povoando ja hũa, ja outra parte desta vastissima região. Não duvidamos que o Piloto Portugues, que navegava para a Ilha da Madeira, levado do impeto dos ventos viesse parar as costas do Brasil. Não duvidamos tambem, que indo Pedro Alves Cabral para a India, descahisse sobre as mesmas incognitas terras. E a menos de quinze annos, que trasida de agoas e ventos contrarios, veyo hũa caravela dar em Pernambuco, com homens, e mulheres, que se estivera a terra dezerta, e despovoada a poderião pelo discurço dos annos, povoar de muita gente. Em cento e sincoenta e sinco annos vio Tubal secenta e sinco mil pessoas descendentes de seos tres filhos, e o mesmo poderia soceder com as tres mulheres, e dous homens, se ja não estivessem estas terras povoadas.

129. Depois da destruição de Troya arribou ao Tejo Ulysses, e seos companheiros, e fundou Lisboa. Asolada a cidade de Tyro com as armas de Alexandre magno, derramando se os Tyros por varias partes, hũa veyo cahir na Luzitania, e povoarão. Hercules Tebano e os Argonautas impelidos de tormentas, surgirão em Espanha. Nabucodonosor vindo sobre Cadiz, ficarão em Espanha muitos Judeos que se espalharão por todos os seos Reynos. Diomedes constrangido de naufragios entrou pelo rio Minho, fundou Tuy, e povoou Galiza. Os Gregos aportando ao Rio Douro, fundarão Gaya, e depois a cidade do Porto; e destes Gregos, ou Grayos tomou o nome Gaya, ou Graya, conhecida com o nome de Porto Grayo, e de ambos Portogalo e Portugal. Arabes, Cartagineses, Egipcios, e Africanos pelo mar vierão a mesma costa; e se tantas nações diversas, ou levadas da fortuna, ou perseguidas da desgraça arribando a Portogal, nelle fiserão assento, e habitação; porque não diremos que os povos do nosso Brazil descendem huns dos Hebreos, que mandava Salamão em suas náos. Outros, dos Troyanos companheiros de Eneas. Outros, dos Africanos de Cartago. Outros dos antigos Indeos, que por

virtude divina forão levados a regioẽs remotas, e muito distantes; outros, dos Phenices que trasidos da furia dos ventos viessem arribar a nossas prayas; e outros do Indio Ophir de quem tomassem todos o nome de Indios, assim como os povos das Espanhas o tomarão de Godos, não obstante que m[tos] erão Alanos, Suevos, Vandalos, e Visigodos; os Romanos de Romulo, de Luso os Lusitanos, de Lisias Lisitanos, de Agar os Agarenos, de Israel os Israelitas.

130. Favoresse a nossa opinião (emquanto assentimos a que a America foy povoada em tempos subcessivos) a diversidade de seus costumes, e ritos. Os custumes, e ritos dos Indios do Brazil no tempo que os Portugueses descobrirão, conquistarão, e povoarão essas terras erão os seguintes. Não tinhão morada certa, os abrigos de alguns erão hũas pequenas choupanas armadas em quatro paos, cobertas de palha, ou palma. Outros formavão cabanas, ou barracas compridas, sem repartimento algum, e nellas se alojavão vinte ou trinta casaes. Dormião suspenços em redes, tecidas de algodão, e alguns a terra era o seu leito. As iguarias pendião de seu arco, e neste tão destros, que nem as aves no ar, nem as feras na terra, nem os peyxes na agoa, escapão de seos tiros; o seu enxoval, hũa rede, hum patigua, hum cabaço, hũa cuya, hum cão. Servia-lhe a rede para dormir, o patigua (arca de palha) para guardar rede, cabaço, cuya; igaçaba (he como cantaro) este para guardar seos vinhos, o cabaço para a farinha de mandioca, e a cuya para pucaro, para por ella beberem, e o cão para as suas caçadas. Estes trastes levavão as mulheres as costas, e os homens somente arco e frechas. Para as consultas dos negocios mais importantes, escolhião quatro ou sinco dos mais anciãos, afamados em valentias; e eleitos, se juntavão em lugar separado, nem era licito a pessoa algũa fallarlhes nem ainda chegar a avistallos emquanto estavão no conclave. O que aly se determinava sem falencia se cumpria, ainda que soubessem lhes havia custar a propria vida. Estes quatro, para as guerras elegião hum dos mais valentes, este comandava os exercitos emquanto não desmerecia o cargo por covardia, que cometesse. Cometendo-a era deposto, e ficava para sempre inhabel para qualquer emprego honrroso. A este capitão competia o officio de Pregador dos seos, corria suas estancias, pregavalhes certas horas do dia, e noite e em altas voses lhes advertia, e ensinava o que devião fazer. Trazialhes a memoria as façanhas de seos mayores, as covardias de seus contrarios, para animallos. As suas pelejas, erão por ciladas, asaltos, investidas, e retiradas.

131. Algũas nações matavão, e comião os prisioneyros de guerra, a outros maniatados levavão cativos com algazarras a maneira de triunfo. Em seos casamentos não havia respeito a parentescos (exceptuando o primeiro grão) por via feminina, antes a filha da Irmãa era

commumente a mulher do Tio, ou a mulher que foy do Irmão difunto. As mulheres em acabando de parir, como se o não fizessem, continuavão em seu mesmo serviço, e occupavão como dantes, Porem os maridos lançavão-sse na rede, e erão visitados, e tratados como o ouvera de ser a mulher. Os seos mortos, ou enterravão em hum vaso de barro, que chamavão igaçaba, com sua fouce, e enchada ao pescoço, para que pudessem na outra vida faser suas plantas para se sustentarem; ou os repartião em miudos pedaços pelos parentes, e amigos, para que em suas entranhas lhes dessem a melhor sepultura. Vestião de luto, entre huns era sinal delle cortar os cabellos, entre outros deixallos crecer; e outros ou se tingião de cor amarella, ou se ornavão de pennas pretas. Levantavão o dó com festas, vinhos, e bailhes. Os titulos da sua mayor nobreza, para com huns consistia nas mayores ossadas dos seus inimigos, que matavão na campanha, e concervavão junto a suas cazas, como sinal de ter vencido mais inimigos na guerra. Para com outros consestia em como Tusão, ou habito em colar de dentes enfiados dos que matavão em suas guerras, que trasiam lançado ao pescoço, tanto mais de estimação, q[to] constava de mayor numero de queixaes. Para com outros as unhas crecidas, ou o cabello tosado. Para com outros hum fraldrão, e grinalda, de lustrosas penas, que tecião com pompa, e bisarria; Para com outros o mayor numero de buracos nas faces, e beiços, que enchião com pedaços de ouro, ou com pedras preciosas. Estes e outros semelhantes sinaes da sua nobreza, tambem erão, o penhor da sua palavra e não faltarião com ella ainda que lhes custasse a vida. Presavão se muito dos brazõens da nobreza das suas cazas, por sua defenção darião as vidas, e passarião por todos os inconvenientes do mundo por não desdizerem, do que pedia cada hum dos seus titulos.

132. A vinda dos amigos recebião lancando lhes os braços ao pescoço, apertandolhes a cabeça a seos peitos ao principio com suspiros, como compadecendose dos incomodos, que no caminho passarão; e feito isto se mostravão festivaes e alegres. Enfeitavãose de diversas maneiras nas occasioẽs de alegria, ou pintando o corpo de varias cores, ou ornandose de vistozas, e lustrosas pennas de araras, guararas, canindés, e outros passaros, que a natureza vestio de maravilhosas pennas. Destas fasem grinaldas, coroas, braceletes, franjoẽs, plumagens para a cabeça, braços, cintura, e pernas. Os mais poderosos tecião hũa rede de algodão, com pennas de varias cores, e a maneira de manto bordado, se cobrião da cabeça athe os joelhos. O seu mantimento farinha de mandioca, legumes, carnes de suas caças, peixe de suas pescas, assado, e cosido ao modo ordinario. Emquanto comem observão raro silencio. Sofredores de grandes fomes quando he necessario.

Em fazer varias castas de vinhos, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta a que chamão cajà, outros de Aipy, e sao de duas castas, a hũa chamão cavycaraçú, a outra cavymachaxera; outros fazem de banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy; outros de ananaz, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy. Outros de Jenipapo, chamado bacutinguy, he muito confortativo. Outros de beiju que chamão tepiocuy, outros de assucar, ou mel, este he fresco, e de bom gosto. Outros de caju, e deste em muita quantidade, cor palhete, e de sabor agradavel, e assim de outras frutas, que fora fazer esta relação muito extença se quizeramos nomiar todos. São muito dados a banhos, lavandose muitas veses nos rios.

133. Zombão de medicamentos compostos, so nos simplices, que lhes offerece a naturesa pelos campos, tem sua confiança, e o uso os fez tão peritos, como a arte aos melhores Medicos. Cada hum he Medico de si mesmo, e da sua familia. Aplicão com grande destreza os remedios, assim interiores, como exteriores, especialmente contra venenos. Uzão de sangria, quando conhecem ser necessaria, raspando as veas com dentes de peixe; que lhes serve de lancetas. Rarissima vez se acha entre elles torto, cego, aleijado, surdo, mudo, corcovado, ou outro genero de monstrosidade, comuas em outras partes do mundo. Os instrumentos musicos ou fazem de ossos, a que chamão cãgoeira e muremure; outros fazem de conchas. a que chamão membyguaçû, e outros urucã. Outros são feitos de cana, a maneira de gaitas, que chamão urucapy, curupitara, guaibipaye, quaibiabuçû, o mais solemne bailhe entre elles, he andarem a roda prezos pelas mãos sem mudarem o lugar, cantando arengas das suas valentias, e feitos famosos. Chegão a mais annos de idade, que todas as outras nações, passão m[tos] de cento e trinta, e cento e quarenta annos, e nunca se lhes faz o cabello branco.

134. Os Indios do Brazil não adoravão expreçamente Deos algum tinhão com tudo conhecimento de huã Excellencia superior a que chamavão Tupã, que quer dizer Exelencia espantoza, e desta mostravão que dependião, pela qual rasão tinhão grande medo dos trovoens, e relampagos, que disião erão effeitos do Tupã superior, por isso chamão ao trovão Tupã cunanga, que quer dizer estrondo feito pela Excelencia superior. Tinhão conhecimento da immortalidade da alma, e da outra vida, e crião que os varões famosos, que nesta vida forão valentes, e as femeas que os ajudavão, depois que morrião, se ajuntavão a ter seu Parayso em certos valles, que chamavão campos alegres, e que aly fasião banquetes, musicas, e danças. E os covardes, que em vida nenhũa façanha obrarão, hião penar na companhia de certos espiritos maos, a que chamavão Anhangas.

A esta notticia da outra vida alludia o modo com que enterravão seos defuntos, com rede, e instrumentos de seu trabalho. Crem que ha espiritos malignos, de que tinhão grandissimo medo, e chamão com varios nomes, curupira ao que influe pençamentos. Machachera aos espiritos das obras, Jurupary, ou Anhãga aos espiritos, que chamão maos, ou diabos. Maraguigana aos Espiritos, ou almas separadas, que denunciavão a morte, aquem davão tanto credito, que bastava imaginarem que lhes denunciava a morte, para logo se entregarem a ella. A estes fasião certos sacrificios como a Deoses, senão como a mensageiros da morte, e tinhão para si que com as offertas se aplacavão. Entre elles havia feiticeyros, e agoureiros, que com falças aparencias os enganavão. Alguns crião invisivelmente no Diabo nas rediculas formas de mosquitos, çapos, ratos, e outros animaes immundos, e despresiveis. Os Agoureiros tinhão varios modos de oraculos, e adivinhar futuros. Quando querião dar seos oraculos fasião fumo com certas ervas dentro de hum cabaço, e recebido pelos narizes, e bocas, perturbado o Juizo fasião visagens, e dizião depois o que lhes vinha a boca, ou lhes ministrava o Demonio, e tudo que disião firmemente crião.

135. O Padre Simão de Vasconcellos na sua Chronica do Brazil traz hum caso socedido a vista dos Portuguezes, por onde se manifesta, o muito que o diabo trazia por meyo dos seos feiticeyros, a q̃ chamão Caraibas, enredados estes miseraveis. Fiserão alguns Portuguezes hũa entrada no certão em companhia de hum grande troço de Indios seus auxiliares. Postos a vista dos inimigos duvidarão acometellos, por se acharem fortemente intrincheirados. Eis que um dos Indios, que pelos Portuguezes militava, sae a um terreiro fronteiro ao inimigo, e fixando na terra duas forquilhas, atou fortemente sobre ellas hũa clava, ou maça de pao, que lhes serve de espada, e chamão Tangapema, toda ornada de pennas de passaros variadas em cores. Depois de bem segura a clava, convocou a muitos dos seos, para que dançassem, e cantassem ao redor della. Acabadas estas danças, e cantos fez o feiticeyro outras só po si, acrescentando visagens e momos. Feito isto chega a maça, pronuncia entre dentes certas palavras mal pronunciadas, e peior entendidas, e assoprando tres vezes sobre a espada, de improviso se soltou esta das ligaduras em que estava, saltou fora das forquilhas, e voando pelos ares se foi meter entre os inimigos. Daly a pouco virão todos voltar voando pelos ares a mesma espada, e se pôr no mesmo lugar, e sobre as mesmas forquilhas ensanguentada, estillando sangue qual se tivera feito muitas feridas, e executado muitas mortes. Admirados ficarão os Portuguezes do que vião, e o feiticeiro sobremaneira contente. O suceço mostrou a certeza do prognostico, porque matarão mais de quatro mil, e puserão em fugida innumeraveis.

136. Quanto a fe de Christo corre entre elles por tradição vièra S. Thome a esta sua terra, e lhes ensinara grandes misterios, mas que não fora recebido dos seos antepassados. Naquella parte da costa que vem correndo ao Norte do porto de S. Vicente em hũa lagem, que o mar alaga, cobre e descobre em suas marés, são vistas duas pegadas de hum homem em acção de passar para o mar. Por cousa milagrosa e santa forão sempre respeitados dos Indios, e affirmão serem de hum homem branco, com barbas, e vestido, que em tempos antiquissimos andara naquellas partes, e se chamava Somé, que he o mesmo que na nossa Thomé: Fora da barra da Bahia duas legoas distante desta cidade no lugar de Itapoá, se vê em huã lagem huã pegada de homem, metida na substancia da pedra, e a parte posterior para a terra, a anterior para a agoa, e dizem os Indios que aly està a pegada do S. Apostolo, e lhe tem grande veneração, e nenhum por aly passa que a não visite. Dentro da barra da mesma Bahia, como tres legoas de distancia em a paragem que chamão Toqué Toqué, em outra lagem deixou o santo outras duas pegadas de seos pes impressas na mesma forma que a da Itapoã, e em distancia uma da outra o que requer a proporção dos passos. Forão sempre tidas, e veneradas por milagrosas pegadas do S. Apostolo. Por tradição de Pays a filhos affirmão os Indios que naquellas partes andára o Santo, ensinando hum modo de viver muito diferente do seu, que seos mayores induzidos dos feiticeiros o quizerão prender, e elle se fora ritirando para a praya, descendo por hum monte tão ingrime que por aly o não poderão seguir, e o virão ir pelo mar, e por memoria da sua retirada deixara aquellas pegadas, que com as areas crecerão sobre a lage já ao presente se não vem, e so permanece hũa fonte milagrosa no monte vêzinho, e hũa capella dedicada ao mesmo Santo.

137. Na cidade de Cabo frio distante dezoito legoas do Rio de Janeiro em altura de vinte e seis gráos e hum setimo para o Sul, no lugar chamado Itajurũ se ve hum penedo em que estão esculpidos oito sinaes de bordão, como se as pancadas forão dadas em branda cera; E he tradição entre os Indios que aquelles sinaes são do bordão de S. Thome em occasião em que os Indios resistirão a doutrina que lhes pregava, e lhes quiz mostrar, que abrandandosse os penedos a força do seu bordão, os seos coraçoẽs mais duros q̃ pedras resistião a brandura, e efficacia da ley que lhes ensinava.

138. No destrito da cidade da Parayba, se vê outro penedo com duas pegadas, huãs mayores, outras menores, e certas letras esculpidas em hũa pedra. Por tradição dos Indios são pegadas de S. Thome. E segundo o que diz S. Thomas, e S. João Chrisostomo, que acompanhava a S. Thome hum dos Discipulos de Christo, as segundas pegadas devem ser deste. Das letras não se entendeo ate agora a significação.

139. Não so no Brazil, mas por toda a nova Espanha ha m^tas^ tradições que confirmão a vinda do glorioso Apostolo a nossa America. Fr. Joachim Braulio na historia do Peru refere que no mar do Sul em hũa aldea chamada Guatulco, era constante tradição, que hũa cruz que aly adoravão com sũma veneração lhes fora dada por S. Thome, cuja imagem, e proprio nome tinhão esculpido em a pedra de hũa rocha. O mesmo refere o P.e Gregorio Garcia l. 5º, cap 5º, onde acrecenta que esta cruz é a mesma, que pertendeo queimar o hereje Francisco Draque, quando descobrio o estreito de Magalhaẽs, mas sem effeito com o maravilhoso portento de resistir as chamas, ainda que o herege lhe ajuntou materiaes em que melhor prendesse, e se ateasse o fogo. Foy esta milagrosa cruz tresladada para Guaxaca, onde he venerada, e obra grandes milagres, e prodigios.

140. D. Fr. Bartholameu de las Cazas, Bispo de Chiapa affirma que consta por antiquissima tradição, que aos Indios daquellas partes forão annunciados os mysterios da Santissima Trindade, nascimento, e paixão de Christo, por homens brancos, barbados, e vestidos talares, o que confirma o que asima dissemos das diferentes pegadas da Parayba. Fernão Cortes entrando na Ilha de Corumel da nova Espanha, vio hum fermoso muro de pedra quadrada, e no meyo delle arvorada hũa cruz de dez palmos de alto, venerada de toda aquella gente como Deos da Chuva, que alcançavão em suas secas, fasendo a seu modo processoẽs, e preces. Era este lugar tido por sacrario de todas as mais Ilhas circunvisinhas, e não havia povoação onde não houvesse cruz de pedra, ou de outras materias. Refere o P.e Affonço de Ovalle da companhia de Jesus, na Historia do Reyno do Chilli, que ouvio contar muitas veses ao P.e Diogo de Torres da mesma companhia, Provincial, e fundador daquellas Provincias, que caminhando por hum valle de Quito, vio hum dia de festa hum Indio, que ao som de hum tamboril que tocava, cantava em sua lingoa certas historias, que os mais attentamente ouvião. Perguntou o P.e que cantava e dizia aquelle Indio, e lhe responderão, que repetia cantando as couzas memoraveis de seos antepassados, porque como não tinhão livros com aquella diligencia conservavão nas memorias os sucessos antigos. Perguntou-lhe o P.e o que de presente cantara? Respondeo, que em primeiro lugar cantara a historia de hum diluvio, que ouvera no mundo, e innundara toda terra, que depois deste diluvio, passados muitos seculos, viera ao Peru hum homem branco chamado Thome, a pregar hua ley nova, nunca ouvida naquellas regiões.

141. Dos muitos vestigios que Colon, e seos companheiros acharão em as primeiras Ilhas da America, consta que reconhecião hum só Deos infinito, e omnipotente, que este Deos tivera Aly. Em Cumana

entre seos idolos adoravão huã cruz, com ceremonias de grande devoção, com ella se benzião a si, e aos filhos novamente nascidos, para livrar se, e livrallos a elles de males e perigos. Estes e outros vestigios da magnificencia de seos templos, da diversidade de suas ceremonias, de seos jejuns, e abstinencias rigorosas, de hum arremedo da christandade em confiçóes e communhóes, que recebião em huns bolinhos, feitos de milho maiz com manteiga, e asucar, feitos pelas Esposas do Sol, que como Religiosas em claustro vivião encerradas, entendendo que nelles comião os ossos do seu Deos. A formosa cruz que tinhão os Reys Ingas em Cusco, em hum de seos Palacios reaes em certo apartamento chamado Huaca, lugar para elles sagrado, e de muita veneração, do que tudo se manifesta serem verdadeiras as tradiçoéns de haver vindo as partes da America este santo Apostolo.

142. Sendo os costumes dos Indios do Brasil os que demos temos referido, bem conjecturamos forão estas terras em diversos tempos, e por diversas naçoéns povoadas, e por essa rasão tomarão dos Judeos conservadores da geração de seos irmãos, casando-se com as cunhadas, quando aquelles morrem, lavarem-se a cada passo nos rios, serem supersticiosos, e terem outros muitos uzos, que com elles conformão. Dos Gregos serem dados a advinhaçóes, matarem os inimigos prisioneiros de guerra, cantarem louvores aos que morrião pelejando, ser entre elles gala os cabellos compridos, pescarem em barcos feitos de hum só tronco, e levarem as mulheres a pelejar em suas guerras. Dos Africanos pelejarem com assaltos, e ciladas, investidas e retiradas. Dos Phenices uzarem de arco e frecha e paos tostados. A diversidade de lingoas tambem nos persuade que forão de diversas naçoés os primeiros povoadores da vastissima Região da America.

CAPITULO 10

TRATA SE DO CATIVEIRO DOS INDIOS

143. Quizerão huns Autores que a escravidão fosse contra a ley da naturesa, o que he muito alheo da razão, porque sendo isto verdade seria o captiveyro contra o direyto natural, pois este não he outra cousa que a natureza racional, cuja conçonancia he a primeira regra de nossas acçoens, e se o captiveyro fosse contra o direyto natural de nenhum modo a poderião ter feito licito o direyto positivo, nem o das gentes, contra a doutrina de S. Paulo, e de S. Pedro, que em muitos lugares dão regras aos servos, de como hão de servir a seos senhores, e a estes de como devem tratar a seos escravos, sem

mandar a huns que lhes dem liberdade, nem dar licença aos outros para que fujão, e deixem a seos senhores, antes S. Paulo depois de haver no carcere baptisado a Onesmo escravo de Filemon, que andava fugitivo, o remeteo a seu amo, com hũa carta de recomendação, de donde infere esta mesma doutrina S. Bazilio, e sobre este ponto tem havido muitas difiniçoẽs na Igreja. E está tão fora de ser este estado contra o direyto natural, que Aristoteles he de parecer que he muito conforme a natureza, e em grande proveyto, e utilidade dos mesmos Escravos, e S. Agostinho, e S. Thomas ajudão a esta opinião. Nem se pode negar, que não seja com louvavel, e caritativa guardar hum prisioneyro de boa guerra, alimentallo, vestillo, e não matallo como poderá fazer o vencedor, havendo sustentado a guerra com Justiça. Esta foy a primeira porta por onde pode entrar no mundo a Escravidão, e de donde os escravos se chamarão servos, como resolve S. Isidoro, e S. Agostinho. Nem se pode por em duvida que se faz grande beneficio a hum homem inhabil para governar-se, e que nem tem arte, nem beneficio de que manter se em administrallo, servindo se delle; e o que mais he, cuidando de seos custumes, ensinando-o a viver honestamente, e conforme a doutrina da Igreja. Nem ha quem não veja as grandes misericordias que ha usado Deos com homens boçaes por meyo da escravidão, trazendo-os a poder de senhores christãos, que lhes hão dado luz do Evangelho, baptizando-os, e mantendo-os na Fé, por donde caminharão ao porto da salvação das suas almas, que se viverão em sua liberdade se haverião perdido miseravelmente. Entre esta doctrina, e a contraria devemos dizer que a Escravidão he contra a permição do direyto natural, porem não he contra suas prohibiçóes ou leys. As permições naturaes podia, e pode derrogar o direyto das gentes, como se vê em muitos cazos. Chama-se a liberdade permissão do direyto natural, porque a natureza a todos permite livres, e a nenhum somente ao serviço de outro, porem não se chama perceyto natural, por que nunca a natureza mandou que fossem livres os homens, e assim deu lugar a que os direytos humanos introdusissem a escravidão, sem contradizella, como tão pouco repartio os dominios das couzas, que dividio o direyto das gentes. Nem irritou os matrimonios em muitos cazos, em que as leys humanas os tem declarados nullos; sem opor se a natureza cujas leys são firmes, estaveis, e invariaveis. E ainda que S. Gregorio Nanziazeno louvando o estado da innocencia, em que foy creado o nosso primeiro Pay, diz, que nelle não haverião escravos, e q̃ os houverão depois que as guerras, e rebelioẽs introduzirão o captiveyro; de que alguns tomarão motivo para entender, que naquelle Estado fora contra a ley natural a servidão: Tão pouco se ha de dizer que naquelle Estado o seria, porque

ficaria sempre a porta aberta a que hum homem de sua vontade se podesse vender a outro; se bem a grande felecidade daquella vida tão alhea de trabalhos, e molestias, não traria ja mais aos homens a tão dura necessidade.

144. Esta liberdade de poder cada hum vender se a outro homem foy o principal motivo porque se introdusio o captiveyro dos Indios do nosso Brazil. Huã notavel fome que padecerão os Gentios no anno de *1564*, de maneira que vivendo jà em populosas Aldeas, reduzidos ao gremio da Igreja, venderão muitos seos filhos, e se venderão a si proprios para não acabarem as vidas ao rigor da esterilidade. Valendo-se a cobiça dos Portugueses da necessidade dos mizeraveis Indios, que descião em tropas das suas terras a buscar nas povoações dos Portuguezes o seu remedio, a troco de os fartarem huã so hora os captivavão para toda vida. Vinhão outros trazidos com enganos, e ou por força, ou por industria cahião nos laços da escravidão. Excederão tanto os primeiros Povoadores do Brazil no modo de captivar os Indios, que os Padres da companhia com louvavel zelo, grandes molestias, e indignas mormuraçoẽs, sahirão a favorecer aos desamparados; nada aproveitarão as suas fervorosas deligencias porque julgando-se as razões dos mizeraveis Indios, e dos cobiçosos Portuguezes, o Tribunal da Conciencia na corte de Lisboa, resolveo; Que constrangido de Extrema necessidade podia o Pay vender o Filho, e cada hum vender-se a si mesmo para gosar do preço. Provarão os moradores ser o captiveyro em que tinhão muitos Indios, voluntario, sendo manifesta a violencia, e entre afagos, e ameaças os obrigavão a dizer o que querião, quando hião a registar, crescendo com o que pareceo remedio, o mesmo dano.

145. Causou tambem grande perjuiso húa sentença, que se deo contra a nação dos Caetes, condenando estes, e nelles todos seos descendentes, a perpetuo captiveyro, em castigo da atrocidade com que matarão o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, e a gente da sua náo. Socedeo este lamentavel cazo em *16* de Junho de *1556*, em que deo a costa a náo, em que voltava para Portugal nos baixos do porto, que chamão dos Francezes do Rio de S. Francisco para o Norte. Com menos certeza, que piedade escreverão alguns que o lugar em que pelos Gentios foy morto este veneravel Prelado, nunca mais creara alvores, nem erva, e a que tinha se secou, e ficou o lugar escalvado, e que nelle se cria tal, e tão pestifera casta de mosquitos, que a toda a pessoa, que por aly passa fazem logo fugir a toda pressa com o importuno de suas picadas. Aproveytandose os Portuguezes desta sentença, senhoreando copiosas familias (fossem da nação que fossem) affirmavão e com testemunhas sobornadas provavão ser d'aquella progenie, e em

abono de sua pertenção allegavão: Que os Indios tragadores de carne humana, de costumes irracionaes, e rustico instincto, nascidos entre as brenhas, como bichos do mato, se vierão a bestializar em tal forma, que degenerando de homens, antes os differençava de brutos a semelhança, que a essencia, e assim a propria natureza os produzira já, como produz tanta copia de animaes, destinados a huã vil escravidão. Que se obrigalos a esta, por esta cauza era licito aos Portuguezes, ainda lhes era mais preciso, por arrancarem de suas Patrias, suas mulheres, trazendo-as a regioēns tão distantes, com riscos e trabalhos superiores ao sexo feminino, para as servirem a ellas, e não para que ellas os servissem, nos usos ordinarios de que necessitão todas as cazas.

146. Acentousse de com̃um parecer na Bahia pelo Governador do Estado, Ministros de letras, e Padres da Companhia: Que para os Indios não padecerem total captiveyro, nem gosarem de perfeita liberdade; como em sinal d'ella, lhes pagarião certo preço de soldada cada anno. E fugindo alguns, fosse permittido aos amos, prendellos, e castigallos, mas não vender, ou mandar fora do Brazil. Porem quantas resoluçoēns se tomavão erão mal interpretadas sempre em dano, e perjuizo dos Indios; ate que os Reys de Portugal repetindo em diversas occazioēs apertadissimos Decretos, declararão por nullos todos os mais que se expedirão, e sentenças que se derão; promulgando ultimamente hũa ley em o anno de *1655;* Para que sò os Indios presos em justa guerra, com ordem firmada da authoridade real, ou declaração espreça dos Missionarios Apostolicos, intervindo os cabos principaes. E os que impedissem pregar o sagrado Evangelho, ou resgatassem das cordas onde estão atados para os comerem, podessem legitimamente ser cativos, e não por outro algum acontecimento, causa, ou titulo.

147. Não podia a ambição dos Portuguezes valerse ja dos pretextos de que os Indios impedião a pregação do Evangelho, por que em nenhum tempo a impedirão, nem tambem podião dizer, fazião resgate dos que estavão em cordas para serem comidos de seos inimigos, por que se he certo que ouve tempo, em que estes Gentios exercitarão essa barbara crueldade, tambem é certo, que a cem annos a esta parte se não ouve entre elles a pratica de semelhante ferocidade. So lhes ficou o fundamento de guerra justa, tomando-o maliciosamente de algum leve choque que tiverão com estes, ou aquelles Indios, maquinados muitas vezes sem motivo justo, para se aproveitarem da condição da ley, e chamarẽ captivos, aos que verdadeiramente são livres. A rectidão com que administra Justiça o Doctor João Bernardo Gonzaga, Ouvidor Geral, actual, e Juiz das Causas dos Indios tem posto muitos em liberdade, de que injustamente estavão privados; e a seu zelo,

inteireza, e rectidão devem muitos mystiços veren-se livres do captiveiro, e muitos Portuguezes dos encargos de suas conciencias.

CAPITULO II

A COR VERMELHA DOS NOSSOS INDIOS NÃO HE DEFEITO, NEM FAZ DIVERSA CASTA

148. Democrito, e Epicuro forão de opinião que as cores não estavão nos corpos, mas na luz, que os alumia. Empedocles, e Platão chamarão as cores chamas, querião dizer luzes. Os Pithagoricos não distinguirão as cores das superficies luminosas. Porem das razoens e observaçoẽns da moderna Philosofia consta, que as cores não são propriamente luzes, e q̃ nem tão pouco são hũa pura modificação da luz, mas que essencialmente dependem da disposição dos corpos, a que chamamos corados, porque sem estas disposiçõens, naturalmente diversas se não pode entender como a luz se modifique em tão differentes reflexos. V. g. a alvura da neve não procede da substancia da agoa, porque em se dissolvendo a neve desvanece a sua candidez; nem se pode dizer, que o frio seja causa da alvura da neve, porque o caramelo, ainda que frigidissimo, nem por isso he candido. Finalmente não procede a brancura da neve de algũa disposição intrinseca, como de gravidade, ou levidão, ou outra qualquer qualidade, porque o leyte, a escuma, a cal, e outros corpos são alvos, ainda que não convenhão em as mesmas qualidades. Logo a alvura da neve procede de huma particular modificação da luz, mas esta modificação essencialmente depende de alguma disposição, assim na neve como nos outros corpos, consiste nas diferentes figuras, sito, e combinaçõens das partes insensiveis que compoem a superficie dos corpos opâcos. Na opinião de outros o branco, e o preto não são cores, mas privação de cor, e segundo estes as quatro cores principaes respondem aos quatro Elementos. Ao fogo a cor vermelha; a Agoa, a cor verde: ao ar a cor azul; e a terra a cor amarella. E assim como o Elemento da agoa he mais opposto ao Elemento do Fogo, e ao do ar, o da terra, assim na pintura o verde faz mais opposição e realça mais com o vermelho, e com o azul o amarello. Assim resolvem os Philosophos sobre as cores, vejamos o que resolvem sobre a sua cor os mesmos Indios.

149. Perguntados pela razão de não conservarem as cores, que terião seos ascendentes, para terem elles hũa cor quasi vermelho tostado, respondem que a mudança da sua cor procedeo do demasiado calor que fere suas carnes, e fallão conforme a Philosophia, e experiencia, por que querem alguns Philosofos, que a cor branca proceda

de hũma frieldade, e a negra de sũmo calor, e conforme os gráos deste mais ou menos preta. Por isso atribuhio Aristoteles a brancura do cysne, a frieldade do ventre da May, e a negrura do corvo, ao calor do ventre da mesma, e destes dous extremos quizerão outros se tirasse a cor vermelha. He tambem a sua opinião conforme a Experiencia, por que se vê, que os Europeos quanto mais chegados ao Polo gelado tanto mais brancos são; e pelo contrario, quanto mais chegados a zona torrida, tanto mais pretos, e que daqui vem nascerem huns alvissimos, outros menos, huns baços, tostados, fulos; outros vermelhos, pretos, azevichados, e muitos cor de azeitona. Contra esta doctrina se offerecem varias instancias, por que se fora toda causa de sua côr, o calor não viramos que os Portugueses que vem a viver nesta região, no mesmo clima, e calor e talvez despidos pelos certoens, são sempre brancos, e de suas mulheres brancas gerão brancos, e pelo contrario os Indios, em qualquer clima sempre são vermelhos, e gerão filhos vermelhos. E suposto vejamos que os brancos que sofrem por muito tempo o calor do sol sem reparo, fiquem da mesma cor dos Indios, sempre os filhos que esses taes gerão em mulheres brancas, são brancos, o que não socede aos Indios.

150. Quiseram dizer alguns Philosofos fundados no axioma de Aristoteles, que a imaginação he causa de maravilhosas produçoens, e que a imaginativa dos Indios era causa da sua cor vermelha. Para illustrar esta opinião dizem que Quintiliano defendeo de adulterio a hũa mulher branca, que parira criança preta, so com mostrar que estava em seo aposento ao tempo da conceição o retrato de hum Ethyope; que Tasso escreve da Clorinda que nasceo branca de Pays pretos, so por estar onde foy concebida a pintura de huma virgem branca. Que Cariclea nasceo branca, so por que a Rainha de Ethyopia sua May costumava olhar para hum retrato de Andromeda branca; e o Padre João Eusebio Nioremberg, em sua Philosofia curiosa refere outros muitos prodigiosos effeitos causados pela imaginativa; doctrina que não pode ter lugar no nosso cazo, pois seria necessario que todos os Indios ao tempo da conceição tivessem bem empregada na memoria a sua cor vermelha, o que não tem probabilidade alguma. O Padre Vasconcellos tem para si que procede sim a cor vermelha do calor, mas não calor de qualquer modo, senão depois de convertido em natureza. Aquelle primeiro homem, ou homens, que no Brazil, começou a receber em suas carnes sem defença o calor do Sol, pela continuação do tempo ficaria certamente vermelho adusto, como a experiencia nos está todos os dias mostrando nos que andam muito expostos ao calor do sol, estes forão adquirindo em si, e em seos descendentes hum temperamento mais calido, que dantes, e suposto

que nos primeiros não foy bastante para mudar especie de calor total, porque esta necessita de gráo de calor mais intenço, foi com tudo bastante para embaçar lhe as cores e adquirir hum temperamento diverso, com este gerou o filho, o filho vivendo na mesma forma que o Pay, acrecentou outro grau de temperamento, o neto outro, ate que de huns a outros vierão a ter aquella intenção de calor, e temperamento, que variou a primeira cor, e ficou subcessiva de huns a outros como convertida em natureza. Favorece esta opinião a Esperiencia pois conhecemos muitas familias que vivem nos campos nas suas propriedades, que pelo custume dos Pays e Avos andarem expostos ao calor do Sol se fiserão vermelhos como os Indios, e he cõmum nascerem os filhos menos alvos, e parece que se continuarem seos descendentes em andarem expostos ao calor do sol, virião a ficar como os mesmos Indios, de que quasi não tem diferença. Aponto as opinioens, cada hum siga a que lhe parecer melhor, que aos Indios lhes basta, nelles não ser deffeito (que os prive de algũa honrra) a sua cor vermelha.

LIVRO SEGUNDO

PERNAMBUCO VENCIDO E VENCEDOR

CAPITULO 1º

MOSTRA-SE O ESTADO, EM QUE ESTAVA PERNAMBUCO QUÃDO FOY VENCIDO PELOS OLANDEZES, E REPROVÃO-SE OS JUIZOS, QUE FIZERÃO ALGUNS AUTORES SOBRE A CAUZA DA SUA PERDA

1. Tantas testemunhas tem contra si a virtude, quantas desgraças a cercão. A huã ainda que concertada Republica, basta-lhe ser infelice, para parecer criminosa. O santo Job, a quem o mesmo Deos havia canonisado, foi julgado por homem de ma vida, tanto que o alcançarão os golpes da adversa fortuna. Perdeo a fasenda, perdeo os filhos, perdeo a saude, e está tão pobre que nem a pelle lhe ficou com q̃ue se cobrir, logo nao é Job aquelle varão santo, que supunhamos, dizem, os curiosos interpretes das tribulaçoens alheas.

2. Cansarão se varios Historiadores em persuadir ao mundo com discursos predicaveis, que os peccados, e vicios dos Pernambucanos com vos tão reforsada, que chegando ao ceo, obrigarão a Justiça divina a decretar lhes o castigo, e que este fosse executado pelas cruelissimas mãos dos infieis Olandeses. Mas que innutilmente cansarão seo Juiso nas especulaçoens da causa das nossas calamidades! Quem athê agora soube a verdadeyra rasão da intempestiva morte de Abel? E quem me podera dizer por que rasão permittio o Senhor que Jose fosse vendido, Tobias cego, Daniel offerecido a voracidade dos leoẽs, e Susana exposta aos infames testemunhos de huã lasciva velhice. Por ventura não era Abel innocente, Josê virtuoso, Tobias caritativo, Daniel santo, e Susana casta, e castissima? Sim: Pois como acharão os infortunios, lugar no meyo de tao singulares virtudes? A Abrahão prometteo Deos q̃ se na cidade de Sodoma se achassem dez justos, perdoaria os abominaveis excessos daquella nefanda cidade; e pelo contrario não perdoou o Senhor a cidade de Samaria, em que se encontrarão sette mil justos, que a superstição sugeitou ao profano culto dos Idolos. De maneira, que Sodoma tam bem afortunada que bastão dez justos, para

a livrar do incendio, e tão mal afortunada Samaria que nem sette mil justos impedirão a sua destruição. E haverá quem possa dar desta ventura, e deste infortunio a rasão? não: que a hum tão alto, e profundo juiso de Deos pasmão os juisos e emmudecem as lingoas de todos os sabios do mundo. Indagar a cauza do acresentamento, e declinação dos Imperios; das victorias e destroços dos Exercitos; da Exaltação, e abatimento das Republicas; se não he paixão, he temeridade.

3. A providencia divina governa o mundo, deixando obrar de maneira as cauzas segundas, que por milagre atalha o curço dellas. Para Pernambuco ser conquistado pelos Olandeses, ouve naquelle tempo tanto concurso de causas naturaes, que só por milágre poderia livrarse de se ver opprimido de gentes estrangeiras. Para mayor claresa desta verdade, he preciso desenvolver um pedaço de historia, que será grata aos que não tiverem noticia da origem da nação Olandeza, e dos motivos da rebelião com que sacudirão o jugo com que estavão sugeitos ao dominio de Espanha.

4. Flandes, assim chamada, de huã de suas Provincias, tem diversos nomes. Chamão lhe, Paizes baixos, pelo sitio, ou segundo querem os Alemaẽs, Alemanha baixa, pelo que se parece em lingoa, e custumes com a alta. He húa pequena porção de Europa, pois excede pouco a quinta parte de Italia. Em seu destrito, ainda que limitado, se contão trezentas, e sincoenta cidades muradas, mais de mil e trezentas aldeas mayores, alem de innumeraveis menores, e castellos, de que a cada passo estão povoados os seos campos. Toda esta região está dividida em desasete Provincias, unidas em outro tempo debaixo de hum senhorio. Felippe foy o primeiro dos Duques de Borgonha em quem se encorporarão mayor numero de Provincias, que em seus antecessores, por que teve Borgonha, Brabante, Flandes, Limburgo, Lacemburgo, Artois, Henau, Namur, Holanda, Zelanda, Frisia, e o Marquesado do Sacro Imperio. Carlos seu filho ajuntou, Gueldres, e Zutfen. Primeiro comprando-as a Arnoldo Duque que havia deserdado a seu filho Adulfo, e posto em prizoens. Porem morto Carlos na batalha de Nanci, e continuando a guerra contra sua unica filha, Luis II Rey de França, perdeo o senhorio de Flandes, a Artois, e outras cidades em Borgonha, e ainda que parte dellas restituio a Flandes com a victoria de Guinegat, Maximiliano Archiduque de Austria, casandose com Maria, feitas as pazes entre elle e o Frances, e desposada Margarida filha de Maximiliano, e Maria com o Delfin Carlos, ficou desmembrado, por dote, o condado de Artois, e Borgonha do Corpo dos Estados. Rupudiada Margarida de Carlos ja Rey, depois da guerra, que por esta causa se moveo, Carlos para passar com mais brevidade

a Italia a conquista de Napoles, consertandose com Maximiliano, e seu filho Felippe, restituio tudo que em Flandes havia Margarida levado em dote, reservando somente algũas praças, que depois Luis XII restituio graciosamente. Os de Gueldres e Zutlen tomando depois desta entrega as armas, principalmente contra a Jurisdição de Utrec, forão outra vez conquistados de Carlos V Imperador, filho de Felippe, vencidos Carlos Duque de Gueldres, e Guilherme Duque de Cleves. A titulo dos gastos desta guerra adjudicou Carlos a Flandes as duas Provincias, de Utrec, e Overisel, largando-as livremente Henrique de Baviera, Senhor, e Prelado de Utrec. Assegurada tambem Groningen contra o de Gueldres, e aplicadas Cambray, e Cambresi, ao Estado de Artois. Finalmente depois da victoria de Pavia ficou Carlos V constituido absoluto Senhor de Flandes.

5. Pela renuncia que o Imperador Carlos V fez de todos os seos Reynos, e Senhorios, entrou na posse delles seu filho Felippe II de Castella, e 1º de Portugal. Indo a Flandes cuidou em ordenar aquellas Provincias, por estarem vagos os governos dellas, e para remunerar os serviços, que os naturaes lhe havião feito nas guerras anteriores, repartio pelos que julgou mais benemeritos o governo das Provincias, menos Barbante, que devia ser governada pelo Principe; ou seu lugar tenente em Flandes. Nas fronteiras por presidios de Espanhoes; e porque para as desasette Provincias muito povoadas, não parecião bastantes quatro Bispos, determinou ElRey augmentar este numero, e enviando a Roma Francisco Sonni Theologo de Lovayna, alcançou poder erigir de novo catorze Bispados, sobre os quatro antigos, consignando outras tantas cidades de Flandes para cabeças delles, das quaes tres forão preferidas para Arcebispados, Cambray, Utrec, e Malinas, e a esta ultima foy dada a primazia. A forma, que se tomou para as rendas dos novos Bispados, foy, que os Bispos sucedessem em lugar de alguns Abbades, como estes fossem morrendo, e que de tal sorte entrassem nos titulos, rendas, e outras honrras dos Abbades, que nem por isso se diminuisse o que pertencesse aos Mosteyros. Tendo entrado nestes Payses os heresias de Lutero, Calvino, e outros Heresiarcas, pareceo conveniente levantar em Flandes hum Tribunal da Santa Inquisição, para que melhor se defendesse a Fê, e se castigassem os Apostatas, e hereges.

6. Governando Margarida de Austria, Duqueza de Parma se comesarão a sentir os primeiros movimentos da rebelião dos Estados de Flandes. Entendião os principaes Flamengos que haver ElRey feito mercê a alguns do governo das Provincias não era bastante remuneração a seos serviços: queixavão-se outros por se verem preteridos; ao que se agregava que o Principe de Orange, e o Duque de Egmont,

se havião persuadido, que lhes era devido o universal governo de todas as Provincias; perdida esta esperança não so julgarão pouco o governo de particulares Provincias, mas desestimarão o beneficio, aspirando a novidades, ou para satisfação das suas iras, ou para emprego de suas cobiças. Apenas ouve em toda Flandes quem recebesse bem a multiplicação de Bispos, e consignação dos dotes. Queixarão se os antigos Prelados que augmentado o numero dos Bispos, ficavão elles com mais estreitos termos de Jurisdição. Os Mosteyros disião, que ElRey e o Papa lhes tirava o direito immemorial de eleger Abbade. A nobresa se indignava, porque os Bispos havião entrar nas Cortes Geraes em lugar dos Abbades, com o que sendo o poder dos Bispos mayor que o dos Abbades, não só seria concideravelmente menor a authoridade da Nobreza, mas tambem a liberdade. O que mais turbou os genios Flamengos, foi a Inquisição contra os hereges; disião: que para que augmentou ElRey o numero dos Bispos, pois estes não havião evitar a injuria que se fisesse a Religião. Que os concilios decretavão que os Pastores, que fossem descuidados de exterminar de suas Dioceses a ruim semente da heresia, fossem depostos, Que os Bispos cumprissem com a sua obrigação, e não o fasendo fossem privados da sua Dignidade, e que seria mais conveniente não meter em terror a Flandes com a multiplicação de tantas Mitras: quando por muitos seculos tinha florecido a Religião em Flandes, so com os cuidados dos Magistrados das cidades, sem aquella pompa da severidade Pontificia. Ultimamente que ElRey havendo jurado os privilegios de Barbante, e promettido que não imporia aos povos novas formas de judicatura, não podia (salvo o direito) obrigar a sofrer estes povos a severidade da Inquisição, e dos reaes decretos. Despresando a Governadora estes rumores, que fomentavão hereges incubertos, castigando o Deos, mandou que se promulgasse em Flandes, por ordem de ElRey o Concilio Tridentino, que se havia no mesmo tempo concluido. Bramava em algumas partes publicamente o povo, e se arrojava a tirar meyo vivos os justiçados das mãos dos Ministros. Começarão-se a faser juntas secretas nas cidades, e depois mais ao claro, nos campos. Os nobres em grande numero se juntarão, e fiserão entre si certos concertos. Espalharãose livros entre o vulgo, outros se presentarão a Governadora. Finalmente para moderar os tumultos, se moderarão os Decretos reaes; foy dado perdão geral aos deliquentes, e suspendida a execução por Inquisidores nas cidades, em que se não havião posto. Nenhum proveito se seguio a causa publica, antes acodindo grande multidão de hereges dos lugares vezinhos, ousarão os Predicantes publicamente nas praças de mayor concurso a contradizer a Fê catholica, aos quaes juntando se repentinamente hum exercito de populares, e homens

perdidos, acometerão aos Templos, saquearão os bens, profanarão as cousas sagradas, e com sumo atrevimento, violencias, e latrocinios, sem cabeça nem capitão, que os guiasse cahirão abertamente na infamia de treição e Apostasia. Havendo chegado a este Estado, se excitou tão prodigioso incendio, que com incrivel velocidade penetrou todas as Provincias de Flandes.

7. Havião introdusido a heresia os mercadores, com cujas mercadorias esta peste ordinariamente navega. Os Exercitos de Suizos, e Alemães, de que se servirão por muito tempo o Imperador Carlos V, e seu filho Felippe II, os desterrados e fugitivos de Inglaterra, que a Raynha D. Maria, procurando expurgar o Reyno da heresia perseguio com rigorosos decretos, mais de trinta mil, que de outras partes se introdusirão na Ilha, obrigando-os a sahir aceleradamente de Inglaterra fizerão assento nas cidades, e Provincias de Flandes. Estes alimentavão, e fomētavão a heresia, que se havia introdusido. Principalmente inficcionavão os Flamengos os povos vesinhos, confundindo com o muito comercio a lingoa e os custumes. Inficionada pois grande parte da multidão de Flandes, se fasião cada dia mais atrevidos, com o favor e assistencia da nobreza. D'estes havião muitos indignados contra os Espanhoēs, e com fundamento punhão a esperança da sua mina no tumulto, e sublevação dos povos. O principal fomento destes disturbios era a direcção maligna do Principe de Orange, com o designio de empunhar o senhorio de Flandes, promettendo que entrarião em parte os companheiros no trato. Na vespora da Assumpção da Senhora, se deo principio em Flandes ao saque dos Templos, o que fiserão os hereges publicando a mais cruel guerra ao ceo. Por não deshonrrar o genero humano, não relato as abominações, com que no destroço das couzas sagradas se ouverão os atrevidos Flamengos, vomitando todo veneno da sua raiva contra Deos, e contra seos Santos: mas para que se conheça pela unha o leão, referindo o que obrarão em seos principios aquelles hereges, quando ainda havião fieis, que se opunhão a seos excessos, e justiças que castigavão seos insultos, conhecerā melhor o mundo o que esta villissima canalha obrou em Pernambuco.

8. He a Senhora da Assumpção patrona da cidade de Amberes, no dia que celebra a Igreja a gloriosa, e triumphante Assumpção da virgem sacratissima, em huā procissão festiva levavão triunfalmente a sua sagrada Imagem desde a Igreja mayor pela cidade. Alguns herejes mais atrevidos, com risadas, e sylvos derão principio a motejar, e excarnecer deste devoto acto de Religião, impiamente descarados reverenciavão a effigie da May de Deos com mofas, e escarneos e com claras contumelias seguião a procissão, o que obrigou aos catholicos a recolherem-se, temendo a maldade dos impios Apostatas, e para

livrarem a Imagem de mayores desacatos a puzerão dentro do choro, e com boa goarda, Porem no seguinte dia, crecendo a ousadia, acometerão ao Templo em mayor numero, e mofando diante da capella da Virgem, perguntarão blasfemos, que medo a havia obrigado a recolher-se apressada. Hum celeyro subindo ao pulpito, depois de haver arremedado com ridiculos modos as palavras e acçoẽs dos Pregadores, pedio lhe levassem ambos os Testamentos da Sagrada Escritura, e com elles, resou aos catholicos e continuarão em faser ultrages ao Templo, e as couzas sagradas, ate que se retirarão por se dizer vinhão, contra elles os catholicos armados. Em vinte e hum de Agosto augmentadas as tropas dos impios, entrarão no mesmo Templo com as armas escondidas como se tratarão de dar batalha campo a campo, depois de repetidas escaramuças dos dias antecedentes. A horas de vesporas com descompassadas voses começarão a clamar: vivão os Gheusios, e mandarão a Imagem da Santissima Virgem, que com elles repetisse a mesma aclamação, ameaçando-a com feridas, e com a morte se não obedecia, Hum dos herejes entoou hum Psalmo de David, e, ao soido deste clarim investem todos com impeto as sagradas Imagens do Redemptor, e de sua May Santissima, e dos Santos, derrubadas huãs por terra as pizao, outras cortão com as espadas, cabeças e braços. As mulheres com as velas dos altares, alumiavão para que melhor empregassem os golpes. Huns saltando sobre os altares, lançavão por terra as cousas sagradas, despedaçavão os retabulos, e paineis, outros com immundos borrões sujavão as pinturas; a hum Santo Christo pendente da cruz que estava collocado em hũa riquissima capella o fiserão pedaços com pasmoso atrevimento. Atrevendo-se a pôr as impuras e sacrilegas mãos na sagrada arca do pão do ceo, e sacando o sacrosanto corpo do Senhor, puzerão (horrivel maldade) debaixo de seos immundissimos pes aquella Divindade, a cuja presença estremece todo ceo. A capa das santissimas formas, e sagrados calices enchião de vinho, com que se brindavão, untavão os sapatos com a chrisma. Finalmente não se contentando com o destroço de todo sagrado, acrecentavão ao destroço, injurias, escarneos, despresos e oprobrios. Com tal furia, impeto, e raiva executarão todas estas cousas, que em hum Templo celeberrimo em Europa, de extraordinaria grandeza, e magnificencia, cheio de Imagens e Estatuas, adornado de muitos altares, e setenta capellas, não deixarão cousa inteyra, e que não profanassem. Crivel he que os Demonios mesclados com aquelles homens, ajudarão, com valente esforço, para que em espaço de quatro horas fossem despojadas as aras, derribadas as Estatuas, despedaçadas as Imagens, transtorñados os sepulchros, cuberto de oprobrios todo sagrado, desmantelada, roubada, e destruida aquella magnifica, e sumptuosa casa de Deos.

9. Como desatadas furias do Inferno sahirão do Templo, que deixavão arruinado, e sacrilegamente profanado, e engroçada a tropa da villissima canalha, com outros que ás portas os esperavão, para imitallos em semelhantes desacatos, envestem os Templos mais vezinhos, batem as portas, entrão, destroem todo sagrado; sobem pelos claustros Religiosos, entrão no mais retirado de seos aposentos, e tudo abrazão, tudo destroem, e tudo roubam com violencias e ultrages. Atterradas, e sem alentos as Religiosas vendo entrar pelos seos claustros aquellas furias infernaes, não tiverão outro remedio que sahir meyo vestidas fugindo para casa de seos Pays, e parentes, emquanto aquelles sacrilegos se occupavão nos roubos, e nos impetos da sua ira contra o sagrado, e por isso forão menos as torpes maldades de gente tão precipitada, e que sem haver quem se oppuzesse a suas temeridades, se arrojava, aos mayores desatinos, absurdos e sacrilegios. Foi tanta a pressa que se derão, que antes que o sol pudesse ser testemunha de suas atrocidades, quantos Templos, conventos, e Mosteyros magnificos havia em Amberes, estavão saqueados, e violados.

10. Quando parece que passado o primeiro sobresalto dos catholicos, sahirião a vingar tantos agravos feitos a Deos, e aos homens, sobprendidos todos de hum temor, que lhes causou a suspeita, de que a osadia da canalha, tinha mais alta origem, não ouve quem contra elles se armasse, com o que asegurados, e ufanos os sacrilegos, repetem os assaltos, tomão as Igrejas, e conventos ainda mais ferozes, e atrevidos; immundos no corpo, e alma affeão indigna, e asquerosamente as vestiduras sagradas, untão com manteyga os livros das Bibliotecas, e lhes poem fogo; armão como Estafermos as Imagens dos Santos, acometem-as com as lanças e prostradas as insultão. Continuão por tres dias em Amberes a profanar, e saquear as cousas sagradas, com perda tão grande de obras magnificas, que affirmão muitos Escritores, que so o dâno, que causarão ao Templo principal foy avaliado em quatro centos mil escudos de ouro.

11. Sahindo da cidade executarão iguaes latrocinios, e sacrilegios nas Igrejas, e cazas dos arrebaldes. No mesmo tempo em Gante, Audenarda, e outras cidades da Provincia de Flandes, pela parte que corre desde Lysa ate Escalda, e Tenara, com o mesmo furor corrião os sacrilegos saqueando, e profanando todo sagrado, os Barbantinos, Flandros, Holandezes, e Zelandezes, a Gueldres, Frisia, Over-Yssel, e o resto de Flandes, menos tres ou quatro Provincias Namur, Luxemburg, Artoes, e parte de Henao. E sendo Flandes povoadissima de Cidades, Villas, e Aldeas, em espaço de dez dias, a toda ella comprehendeo esta calamidade; violadas em só a Provincia de Flandes quatrocentas Igrejas, ou tambem abrazadas com infinitas violencias, e

incriveis desacatos, que fomentava Ludovico de Nassao, em cujas mãos paravão a mayor parte dos roubos, que nos Templos se fasião.

12. Em Delph cidade de Olanda arebatadas grande numero de mulheres de hum diabolico furor, depois de determinada entre todas a sacrilega empreza, acometem o Templo dos Padres Franciscanos, e com infernal raiva, e presteza, fazem em pedaços as Imagens sagradas, e tudo que servia aos altares destroção, e profanão. Passão as furias adiante, entrão violentas no Convento, e com furioso impeto, correm, roubão, e destroem quanto encontrão. Os Religiosos aterrados com a inopinada vista das sacerdotizas de Baco, e crendo que tocavão a matar (corria hũa voz que estava entre os herejes determinado tirar as vidas a todos os sacerdotes catholicos) huns cuidarão salvarse com a fuga, outros escondendose nos lugares mais secretos. As Olandezas não encontrando opposição, que as reprimisse, atrevidas executão a seo salvo quantos absurdos lhes sugerio o Demonio.

CAPITULO 2º

CONTINUA A MESMA MATERIA

13. Com as armas, com concertos, com perdoẽs trabalhava a Duquesa Governadora por socegar motins, e redusir aquelles Estados a constancia da Fe, e obediencia delRey, e quando parecia tomarião melhor semblante as perturbaçoens de Flandes se vio que as principaes cidadẽs de Flandes, Amberes, Bolduc, Mastric, Utrehct, Amsterdão, Gronigen, Tornay, augmentadas de milicia ameaçavão rebelião contra ElRey. A Bolduc cidade de Barbante havia tomado Henrique Brederod dos antigos condes de Olanda, e a obtinha ajudado dos hereges, que nella dominavão, Antonio Bomberg, natural de Ambers o q.[l] vindo de França, onde havia militado pelo Principe de Conde, se engolfou nas sediçoẽs Flamengas, e augmentou o numero dos conjurados. O que sabendo a Duquesa Governadora manda ao conde de Alega, que com algũas tropas entre naquella cidade, com cartas escritas ao Senado, para que pacificamente recebão a guarnição, e tornem ao Estado da antiga lialdade. Chegarão as cartas a mão de Bomberg, e em seu lugar fingio outras em nome da Duquesa, tratando nellas com sobrada soberba aos legados, espalhando ao mesmo tempo entre o vulgo, que o chanceler, e Alerot erão traydores contra a cidade, que a querião entregar para passarem todos pelo rigor dos mais crueis castigos. Amotinada a plebe enveste a ambos, e depois de os tratar com afrontosas contumelias, os sitiarão em suas cazas até que Bomberg

dispusesse outra cousa: elle valendose do frenesi do povo, os persuadio, que quem manejava a trayção era Alega, e era conveniente sair contra elle com as armas, empresa, que tomava por sua conta, pois se via empenhado em sua defença. Alista oitocentos soldados, e manda disparar alguãs peças contra Alega, que vinha marchando, o que o fez retirar da cidade, por se não achar com forças para atacar tão forte praça. Encaminhou a marcha para Utrecht, por que lhe havia sido encarregada tambem esta jornada, e com mayores veras, por se temer mais a visinhança de Viana, donde se juntavão de todas partes as tropas dos rebeldes. Os de Utrecht com boa vontade receberão a guarnição, e multiplicarão as fortificações. Não menos deligente Brederod chamado a Amsterdão pela facção Gheusia, disfarçado se meteo em Viana, recebido com grande aplauso dos hereges, e então se conheceo, haverse confirmado na esperança de apoderarse de Olanda, em que havião as parcialidades de catholicos, e hereges, no que fundava suas esperanças.

14. A Duquesa Governadora acodindo a todas partes com os remedios mais proporcionados, alcançando varias victorias contra os rebeldes, executando castigos nos mais culpados, perdoando a outros, e condescendendo com as suplicas mais arrezoadas, conseguio reduzir a seu Imperio as cidades rebeladas. Os conjurados de Olanda, forão rotos e desbaratados, e expelido Brederod, que a havia tomado, e maltratado com correrias, e saques; e quatro mil rebeldes, a cargo de Andeloto, Uinglin, e Celdoli, nobres coligados. Os mais destes estando a ponto de invadir Amsterdão, e sahindo-lhe ao encontro o conde de Alega com treze companhias, não so desistirão da empresa de tomar a cidade, mas forão obrigados a recolher-se em Waterlandt, parte de Olanda, cercada de agoa, e por isso de dificil entrada: mas vendo que nem aqui estavão siguros das armas do Conde, embarcados passarão a Frisia. Hum navio em que com toda preza dos templos de Olanda, hião cento e vinte soldados com hum Piloto chamado Dunquero Hartigan, cahio nas mãos de Ernesto Alularti, o qual pouco antes havia chegado em hũa galera bem aprestada, para dar caça aos fugitivos. Os cabos com as pessoas principaes, huns ficarão presos em Harlinga, outros forão passados para o carcel de Vilvorde por mandado da Duquesa, e poucos mezes depois governando a Flandes o Duque de Alva, mortos por justiça.

15. Restava dos conjurados somente Brederod contumas com a esperança de recobrar a Holanda: admoestado da Duquesa, que se retirasse de Amsterdão, zombou do mandado, e a Turri secretario de Estado que pela Governadora foi inviado para que em nome de ElRey sahisse logo da cidade, despojando-o de todas as cartas e papeis que

trazia, o teve preso em sua casa: ate que o Governador, receando o que poderia soceder de noite lhe facilitou a sahida, sem que o prezumisse Brederod: Este vendo destruido o seu partido, e que os conjurados, ou se escapavão fugindo, ou buscavão com o perdão a graça delRey, que sobre elle carregara ja todo golpe do risco, e da sublevação. impossibilitada a reconciliação, e ouvida finalmente a fuga das reliquias dos rebeldes, que havião ficado em Olanda, se resolveo a desterrar-se da sua patria, e deixar por então a esperança de se senhorear de Olanda. Deixando poucos criados seos no forte de Viana com sua mulher e filhos, passou a outras cidades, combatido por todas as partes de aflições, e duvidas, vendo burlada a esperança do Reyno Batavo. Emquanto procura refaser-se com tropas do condado de Escauvemburg, e solicita contra Flandes a Justo conde da terra, arrebatado de huã enfermidade, e nella de hum furioso fernesi, acabou com sua ambição, e com sua vida, em Escauvemburg. Lançado Brederod de Holanda, se entregou a ElRey: porque não só os vianezes com apreçada embaxada pedirão perdão, e presidio, mas tambem Amsterdão, Leyden, Harlem, Delft, e outras cidades com rendimento receberão a guarnição. O mesmo se executou em Migdelbourg, e outras cidades de Zelanda. Não ficou em toda Flandes cidade, villa, Aldea, ou castello, que lançando de si a porfia os Ministros hereges, e os Autores dos motins, não se entregasse ao arbitrio, e clemencia Real. A Duquesa solicita em conservar o adquerido, e estabelecer os bons suceços, por suficientes guarniçoēs nas cidades rendidas, lançou multas pecuniarias aos cidadaōs, para subcidio das milicias, mandou em alguās partes levantar Fortalezas. Feita inquirição dos profanadores das cousas sagradas, e Imagens, e das cabeças dos motins, provado o delicto, castigou a quantos pode haver as mãos, mandou reparar os templos com os bens dos reos, fez derrubar os oratorios dos hereges, que em muitas cidades se havião erigido, dando se tanta preça na execução destas obras, que em Gante no espaço de hũa hora, puzerão por terra hum templo de Luteranos. Deste modo aquelle incendio que começou das faiscas dos povos queixosos, ou offendidos, que os hereges soprarão com seu infernal alento, que fomentou a inveja, e ambição dos nobres, que espalhou chamas, que abrasavão toda Flandes, afogou de sorte a prudencia, valor, e força da Duquesa Governadora, que restituida em todas partes a Religião, e obediencia, refreados os herejes com as penas, ou obrigados a sair d'aquelles Paizes; huns recebidos com amisade, outros privados de seos bens, e da Patria, se vio restituida a paz, e tranquilidade em toda Flandes.

CAPITULO 3º

CONTINUA A MESMA MATERIA

16. Para conservar Flandes na obediencia e Religião e precaver novas rebelioens foy mandado o Duque de Alva com hum exercito de Espanhoẽs, e Italianos, chegou com grande obstentação a Bruselas, e bejando a mão a Governadora se foy a posar nas casas que lhe estavão preparadas. O dia seguinte enviou a carta delRey, para que se lesse a Duquesa, e os despachos em que lhe dava por inteyro a elle o governo das armas, deixando intacto todo politico, e civil a Governadora, e nesse mesmo dia com grande esplendor, e pompa sahio a visitalla. Foy recebido da Duquesa, movendo-se alguns passos do lugar em que estava; despejada a salla de testemunhas, mostrou o Duque mais amplos poderes, para levantar castellos, deppor Magistrados, e Governadores de seos postos, conhecer, e castigar os motores dos tumultos passados. E perguntando-lhe a Governadora se tinha outros poderes, respondeo o Alva, que sim, e muitos, mas que se não podião explicar na primeira visita, que os iria participando, conforme as occasioens se offerecessem. Margarida sem se perturbar com a resposta, louvou a resolução delRey, com tanto que se praticasse de sorte, que não se alterasse a paz em que estava Flandes, irritada de violencias. Retirousse, e escrevendo a ElRey, se queixou que dando se tanta authoridade ao Duque, e tanta gente de guerra, o primeiro era contra o seu credito, e o segundo contra o socego de que estavão gozando as Provincias, porque se contavão quase cem mil homens, que com receyo de futuras calamidades, que lhes havia causado tanto aparato guerreiro, havião sahido para outras terras, e acudirião promptissimos a Patria chamados de qualquer novidade; e por fim lhe suplicava a aliviassẽ do governo, que por nove annos havia sustentado com excessivo trabalho, e disvello. Pouco tempo depois recebeo reposta delRey, dando-lhe licença para deixar a Flandes. Disposta a jornada, acompanhada do Duque de Alva ate a raya de Barbante; e da nobresa Flamenga ate Alemanha, chegou a Italia donde a recebeo com grande cortejo, e comitiva seu marido Octavio. Sentirão excessivamente os Flamengos a sua auzencia. O ardor da sua affeição se manifestou vivamente quãdo os Flamengos a pedirão a ElRey, depois da morte de D. João d'Austria, como a remedio unico, e termo de suas calamidades, e do summo contentamento, e aplauso com que depois a receberão com seu filho Alexandre.

17. Vendose o Duque de Alva com todo governo de Flandes, aconselhado do seu genio severo, entendeo que devia dar principio a seu governo castigando a alguns Magnates Flamengos de suspeitosa lealdade, cuidando que tirados do mundo não teria o povo quem fomentasse, ou sustentasse seos impetuosos rompimentos. Com este pensamento fez prender muitas pessoas principaes, e no primeiro de Junho de 1568 mandou cortar as cabeças a desanove dos nobres conjurados na praça de Bruselas, condemnados por traidores. Destes, oito morrerão catholicamente, e onze pertinases na heresia, que havião abraçado. Nesta conformidade se proceguirão as execuções nos seguintes dias em que forão mortas muitas pessoas das primeyras qualidades. Erão estes suplicios perludio da morte dos condes Egmont, e Horn, que no castello de Gante havião estado presos nove meses, sem lhes aproveitar as deligencias feitas pelos reos, com o Alva, com ElRey, com o Imperador, com os Eleytores do Imperio, e com os cavalleyros do Tusão / sem cuja consulta affirmavão que nenhum da sua ordem podia ser condenado / solicitando a defença ardentemente a Irmaã do conde de Horn, Maria Memorási, e Sabina Palatina de Baviera, mulher do Conde de Egmont. O memorial desta foy remetido a ElRey pelos Duques de Parma Octavio e Margarida, representando os foros, que se custumão guardar nas causas dos daquella ordem, notando os capitulos das leys, e dando exemplares; trazendo a memoria da Magestade os trabalhos, que seu marido, ainda não cumpridos dezoito annos havia passado pelo Imperador Carlos V, e pelo mesmo Rey Felippe, nas jornadas, e guerras de Argel, Gueldres, e França, despresando por seu serviço tantas vezes a vida; ultimamente rogando a clemencia do Principe, não permittisse ficasse ella, e onze filhos innocentes, com tanto damno, e discredito expostos as mayores calamidades. Nada aproveitarão tantas deligencias; forão os dous condes degolados na praça de Bruselas, o funesto fim do de Egmont, sentirão os Flamengos com mayor odio, que pranto. Alguns atropelando por todo perigo ensoparão os lenços no seu sangue por prendas do seu amor, e para incentivo da vingança. Outros sem resguardo, abominavão o Duque de Alva, e dizião que este conservava o odio a Egmont, como antigo emulo da gloria militar, e por outros particulares respeitos: affirmando que com aquella morte, cobrava nova vida, e forças o partido dos conjurados. Não pode o Duque prender ao principe de Orange, que mais advertido se poz em salvo, e concideravão os prudentes que livre este, não podião aproveitar ao socego publico tantas mortes executadas; o que bem se verificou com as futuras rebelioens, movidas pelo Orange, que não tardou muito em por se em campo assestido de hum numeroso exercito, que cada dia engroçava mais com descontentes, e hereges que o buscavão como asilo de seus temores, e na primeira guerra que fez a

Flandes deu a conhecer quão grande inimigo se dispunha nelle contra seu Rey.

18. Muy odioso fez o nome de Duque de Alva hum novo imposto, em que os Flamengos havião pagar dos bens moveis, sempre que se vendessem, a decima parte, dos de raiz a vigessima, e de tudo a centessima uma vez. Juntos os Estados lhe fiserão oposição, indignado o Alva desta, privou a alguãs cidades dos seos privilegios, em outras poz presidios, e a todos em terror. Com o que as mais das Provincias aceitarão a centessima, alguãs remirão o tributo com dinheiro anticipado, outras enviarão deputados a Espanha pedindo absolvição da Decima, offerecendose a centessima que era o que somente podião; sentio o Alva esta apelação, e para socegar os rumores do povo, publicou o perdão geral, que muito tempo havia suspendido, mas de tal modo, que se não davão por siguros aquelles, que concorrerão para as sublevaçoês, nem esse perdão suavisava o sentimento de serem oprimidos com o novo imposto. O Principe de Orange, que conheceo a disposição dos animos, e achou hũa cauza, que se fazia geral a todos, por que todos se julgavão perjudicados com o tributo, inflamados no odio, e diminuido o medo, que havião causado os castigos, lhe pareceo empreza muito facil apartar os povos da obediencia delRey, ajudado de occultas inteligencias com muitas cidades, que ja vacilavão na lealdade, refeitas as suas tropas com vagares, excitou em Flandes taes incendios de Marte, que por muitos annos, nem as ruinas das cidades poderão opprimir, nem muitos rios de sangue apagar.

19. Principiou a guerra pelo mar de Olanda, como se ja então reconhecerão suas forças, e entenderão desde o principio, em que parte havião de dominar ao prezente. E suposto havião desejado, e muitas vezes intentado a rebelião os Gheusios assim os que chamavão urbanos, por viverem nas cidades, como os sylvestres que infestavão os bosques somente os Aquatides, acabarão a empresa com prospera ouzadia. O caudilho destes Aquatides Gheusios foy Guilherme conde de la Marca, senhor de Lumey, que trazia nas divisas da sua bandeira o odio contra o Duque de Alva, levando nellas pintadas dez moedas, para acender pelos olhos os animos dos soldados com a memoria do tributo. Seos primeiros companheiros forão Guilherme Blosio, Treslon, Lanceloto bastardo de Henrique Brederod, Bertholameu Entês, Sonoy, e outros muitos, a quem havia encarregado que andassem a corço infestando a costa de Olanda, e Frissia. Elles por odio dos Espanhoês, e cobiça das prezas, de que pagávão ao Orange a quinta parte, pirateavão desde o porto, em que desagua o Ems, ate o canal de Inglaterra, e quase sempre se abrigavão nos portos desta Ilha. Prohibido este recurso pela Rainha de Inglaterra, a rogos do Duque de Alva, como a

a inimigos cõmuns, occupados em saquear hum navio Biscainho, forão acometidos de hũa tempestade de ventos contrarios, que deu com elles em Vorna, Ilha de Olanda. Aqui reputados por mercadores derrotados do contratempo, converterão o perigo em arrojada ousadia, acometem a Brile, porto da Ilha, e antes que os do lugar entendessem, que não arribavam com mercadorias, senão com as armas, com inexperado sucesso, sem haver quẽ lhes resistisse em hum Domingo de Ramos se apoderarão da terra. Lumey, depois de faser em pedaços as Imagens dos santos, sem perdoar a cousa alguã sagrada, nem as ordens sacras, fortificou de sorte o porto, que não só rachaçou valentemente ao conde Bossu, Governador de Olanda, senão que a sua vista lhe queimarão algũas naos, sendo o capitão desta empreza Guilherme Treslong. Com a noticia da conquista desta Ilha, foy pasmosa a mudança que se seguio em Flandes. Porque muitas cidades, favorecião voluntarios aos rebeldes, outras os convidavão: outras neutraes, nem sofrião ao Duque de Alva, nem se declaravão contra ElRey; e poucas erão as que de boa vontade tomavão as armas por Espanha. Dort, principal cidade de Olanda, negou a entrada ao Governador que a ella se quiz recolher, fechando-lhe as portas, com o malicioso rumor, de que os Espanhoẽs vinhão cobrar a decima. Em Flissinga, porto de Zelandia, e chave do oceano, que por aly se cerra, no mesmo dia da Paschoa da Ressurreição pelas exortaçoẽs do seu Parocho popularmente amotinados lançarão fora o presidio Espanhol, com tão desapiedado furor, que enforcarão a Alvaro Pacheco, coronel e parente do Duque de Alva, ordenandose-lhe desse morte tão ingnominiosa, Treslong, vingando assim a morte de seu irmão Juão, a quem quatro annos antes o Duque havia condenado a degolar. Não muito depois Enchus porto defronte de Frissia, se rebelou contra ElRey. Seguirão o mesmo, Alemar, Edam, e outros lugares ao Norte de Olanda. Ao meyo dia, Goud, Oudavater, Leydin, Coricem, e quase toda Olanda, e grande parte de Zelandia: perdendo de sorte o medo ao Duque Governador de Flandes, que o desafiavão com com chanchonetas. E ainda que alguãs cidades estiverão por algum tempo indecizas no partido, que havião de seguir, obstinadamente determinadas a não sofrer o novo imposto, se passarão ao partido do Orange, que fasia guerra ao Duque pelas outras Provincias. De França e de Inglaterra em espaço de quatro mezes, no porto de Flissinga estava já aprestada hũa armada de sincoenta naos atrevendose a invadir os lugares da parcialidade de Espanha, e suas embarcaçoens, e affirmão os mesmos Escritores Espanhoẽs, que por este tempo, como os dez annos seguintes, pelejandose muitas vezes por mar, e terra, teve sempre o Olandez prosperos sucessos, sendo hũa so vez vencido, e as demais ficando com a victoria. De sorte que

desde então annunciarão aquellas victorias, o grande poder que agora tem, que constitue Olanda, não so Republica independente, mas hũa grande e poderosa Monarchia. Deste modo se formou das agoas, e dos pobres pescadores esta formidavel Republica, ajudada do vergonhoso auxilio da heresia. Queixandose, e lastimando o Bispo de Namur da Rebelião dos Olandezes, em carta a Margarida de Austria, Duqueza de Parma, e Governadora de Flandes, conclue dizendo, que com este preço da Decima e vigessima se comprarão para o Olandez as maritimas Provincias, e o Principado.

CAPITULO 4º

INTENTÃO OS OLANDEZES A CONQUISTA DE PERNAMBUCO, E A CONSEGUEM SEM CONTRADIÇÃO

20. Empunhou o sceptro de Espanha Phelipe III de Castella, e II de Portugal, em tempo que Olanda cada dia crecia mais pelas armas, nem no mar, nem na terra reconhecia superior, corrẽdo pelo oceano com grandes armadas, havia entrado pelas mais remotas partes da terra, asentado Embaxadas, e alianças com os Principes, e ombreando com os mais poderosos Reys, havia erigido em Europa hum novo Principado, apezar de todo poder de Espanha. Desorte que parece que Marte, peregrinando pelo orbe havia assentado em Olanda fixamente a sua praça de armas. Fatigadas as armas Espanholas, consumidos os povos, apurados os thesouros, empenhadas as forças aconselhado da necessidade abraçou ElRey a suspenção de armas por dez annos, com menos decorosas condiçoẽs do que o mundo esperava, e com desatenção, e impiedade de deixar fora della as nossas praças expostas a furia, ambição, e vingança dos rebeldes Olandezes. Hum Rey que se não lembra destas Provincias, para as meter no tratado das tregoas, como cuidaria nas suas fortificaçoẽs? Cahio o Imperio de Espanha /dizem os historiadores nacionaes/ oprimido do peso da sua mesma grandesa, por decreto da Fortuna, que não consente cousa permanente; E porque não cahiria Pernambuco fraco e desarmado? A hum corpo ainda que grande se lhe falta o vigor e alento, basta arrimar-lhe huã mão para que venha logo a cair.

21. Creceo a cidade de Olinda, subirão aos ares suas maquinas, soberba em edificios, illustre em cidadoẽs, esmerada em policia, engrãdecida em trato, fausto, e riqueza. Os seos braços se estenderão em opulentas cidades, grandiosas villas, innumeraveis aldeas e lugares. O seu corpo se vio armado de reaes engenhos, e rendosas quintas;

vestido de ouro, prata, pedras finas, e preciosas drogas; e como se fez tão conhecido, e aplaudido, igualmente se fez cobiçado. Como toda esta maravilhosa maquina se sustentava em fundamentos debeis e fracos, cahio e com acelerada mina foy despedaçada, e feita ludibrio de gentes estrangeiras.

22. Em todas as historias acho, que a ambição levou naçoens inteyras a conquista das mais poderosas Monarchias. A ambição levou os Persas contra os Babilonios; aos Gregos contra os Persas; aos Romanos contra os Gregos: aos Godos e aos Vandalos contra os Romanos; e para que entre nós não faltasse a experiencia desta verdade, a mesma ambição trouxe a Pernambuco os Olandeses. Vião se em Olanda com os olhos da inveja, e ouvião com os ouvidos da cubiça nossas riquesas. Sabião erão faceis de conseguir pelo remisso da Defença, como de conservar pelo util do comercio; prometia-lhes corresponder os sucessos as esperanças; os intentos de hũa liga, com o pretexto da liberdade de Italia, que se dizia ter começado em Avinhão anno de 1622 entre diversos Principes, e Republicas, contra a Monarchia de Espanha, e seos parciaes; cujos designios ameaçavão diferentes Religioens, e todos se havião de intentar quase ao mesmo tempo, para impossibilitarem a defença com a diversão; De que resultou as armas dos Protestantes cometer ao Imperio; França pelo condestavel Lesdigueres, e o Duque de Saboya o dominio de Jenova; Inglaterra a Cadiz; e Olanda ao Brazil.

23. Costumados a vencer sentião vivamente o golpe contrario recebido na Bahia, aspiravão a soldar a sentida quebra das suas armas, e não sofrião que o Brazil ficasse livre do seu Imperio. Determinados a empresa, animados com as noticias do Estado das nossas capitanias, intentão a conquista. Em vinte e nove de Junho de mil seiscentos e vinte e nove, poz a companhia occidental de verga de alto sincoenta e quatro náos, guarnecidas de sete mil dusentos, e oitenta homens, municiados, e fornecidos para todo sucesso da dilação, da resistencia, e da conquista. Esta expedição e conquista fiarão do General Henrique Lonc, do Almirante Pedro Adrian, do Sotta Almirante Justo Traper, do coronel de guerra Theodoro Wandenburg, todos capitaens de valor, experimentados nas guerras de Europa.

24. Chegou a Pernambuco a noticia, de que em Olanda se aprestava hũa poderosa armada para conquistar estas praças, mas com vos tão remissa, que apenas entrou pelos ouvidos de alguns sem faser algum aballo nos corações; porque em todos achou ou duvidas, ou despreso. No mesmo tempo em que devião cuidar nos reparos, se aplicão a festejar o nascimento do Principe D, Balthazar Carlos Domingos, engolfados no entretenimento, de todo perderão a memoria do receyo.

Chega o dia coartose de Fevereyro de 1630, e nelle avista o cabo de S. Agostinho. Em quinze se mostra aos olhos dos moradores aprasivel e formidavel. Arriba sobre o Páo amarello dando mostras de querer por ahy faser o assalto pª capear com hum engano outro engano, para que acodindo os moradores onde ameaçava o perigo, fizesse em outra parte o emprego. Vem sobre o Reciffe, em sete horas lhe mete dentro duas mil ballas, com mais terror, que perjuiso. Entra a noite a confundir tudo com suas sombras, vira da volta do mar, e tem Wandenburg tempo para no Pao amarello, por a sua gente em terra sem algũa opposição. Com horas de escuro se publica em Olinda que o inimigo tinha posto em terra muita gente, e que esta marchava para a cidade. Esta nova não esperada, que fazia mais medonha o funesto da noite causa tal confusão nos moradores, que a rarissimos deixou acordo para acodirem a defença. A pressa em todos era tanta, que se atropelavão huns aos outros, com esta perturbação saem muitas familias da cidade, para se salvarem nos campos. Seguindo o mesmo exemplo, correm outros em desordenado tropel pelas ruas, a ganhar aquelles lugares, em que se consideravão mais seguros. O Governador Mathias de Albuquerque, acompanhado de poucos, se oppoẽm ao inimigo na passagem do Rio doce, mas ouve de ceder o valor a multidão. Marcha o Olandez com quatro mil soldados, e sem que encontre q.ᵐ lhe dispute a entrada, entra pela cidade, e se apodera do alto della. Aloja se no Collegio da Companhia, e destacando daly tropas se faz senhor de Olinda sem encontrar resistencia. Acode Mathias d'Albuquerque a defender o Reciffe, mas não tolerando já o desacordo dos moradores alguã obediencia forão desemparando os postos, e tratando de salvar se nos mattos com o precioso de suas fazendas. Ve o Governador impossivel a defença, manda atear o fogo em tantas partes, que brevemente lhe servirão de alimento mais de quatro milhões.

25. Passa Mathias de Albuquerque o Rio Beberibe, aloja-se em hũa casa chamada de Asseca, lemanta em hũa eminencia um Forte, que chamou do Bom Jesus. Aquartelado neste sitio, se defende largo tempo com grandes calamidades e insigne constancia. Manda ElRey em socorro o conde de Bañolo Italiano, arriba sobre o Porto Calvo, retirase para as Alagoas, intentando fortificar se em dous sitios, que segurassem tres portos, que havia entre elles, em que podessem desembarcar os socorros, que esperava de Portugal e Castella; sahe de Lisboa hũa armada composta de duas Esquadras de trinta navios. Governava a de Portugal D. Rodrigo Lobo, a de Castella D. Lopo de Hoses e Cordova. Vem na capitania D. Luiz de Roxas e Borja, para render em Pernambuco a Mathias de Albuquerque, traz titulo de Mestre de Campo General do Marquez de Valada, que fica nomeado por Capitão General desta guerra. Avistão

as armadas o Recife, passão adiante, e vão dar fundo nas Alagoas. Deitão o socorro em terra mais para embaraço, do que para remedio, passão as armadas a Bahia, e na mesma jornada faz por terra Mathias de Albuquerque. Fica seu irmão com titulo de Governador de Pernambuco, que estava perdido, e o conde de Bañolo com patente de General da Cavallaria sem haver tropa algũa, que governasse. Determina D. Luiz de Roxas desalojar o inimigo da guarnição de Porto Calvo, sae a campanha, he derrotado, e acaba a vida na contenda. Socede-lhe o conde de Bañolo, e fortificase. Vem João Mauricio Conde de Nassau, filho de João conde de Nassau, e Diremburg, e de sua segunda mulher Margarida Princeza de Alcacia, e he tão cortes o conde de Bañolo, que sem contorversia lhe larga o posto, e passa para as Alagoas. Parecendo lhe que ainda aly não estava seguro marcha para o Rio de S. Francisco. Segue-o o Nassau, e dando temorosas ao Bañolo, de hum vôo se poem na cidade de Sergipe delRey. Não permite o Nassau descance muito tempo neste posto; segue-o, e o Bañolo mais que depressa dá comsigo na Bahia, tão destro em fugir, que nenhuã ligeiresa o pode alcançar. Este fim tiverão os pomposos aparatos de socorro que parece, só vieram a Pernambuco para fazer desesperada a nossa perda, e mais insolentes os nossos contrarios.

CAPITULO 5º

CONTINUA A MESMA MATERIA

26. Pelo modo referido foy a conquista de Pernambuco, couza facilissima, que so pedia, da parte do Olandez ambição, e ouzadia, e não valor. Estavão as nossas praças sem presidios, e sem reparos. Para defender Olinda, que tem de circuito mais de legoa e meya, somente havia hum Fortim levantado altura de hũa lança com terra e tijollo, e nelle montadas tres pessas de inferior calibre. Tomarão armas poucos homens, sem algum exercicio militar. Que m[to] vencessem os Olandezes, se acharão os Pernambucanos desarmados? Nem para que era necessario tanto aparato belico, com que nos acometerão os inimigos, se em nos não havia resistencia. Para tão facil empresa forão superfluas as suas maquinas. Para que he logo excogitar causas affrontosas da nossa desgraça, se a temos no descuido do Principe, natural e manifesta? Mas como ha Escritores, que cobrindo suas particulares ambiçoẽs com adulaçoẽs aos Principes, para não culparem o descuido destes, deitão a culpa das adversidades, que padessem os vassallos ou ao tempo, ou aos costumes dos desgraçados. Porem esta

curiosidade, lisonja, ou paixão de inquirir a causa dos nossos males, não passou sem offença da divina Justiça, que tanto quizerão supor irada contra as culpas dos nossos mayores, por que foy usurpar a jurisdição de acresentar, e multiplicar os trabalhos, que Deos permitte. Investigar a causa de hũa desgraça, he o mesmo que tentear hũa ferida, escandalisar uma chaga, e juntamente despertar e augmentar a dor. A desgraça de que se não penetrou a causa, he hũa só desgraça, mas logo que a esta desgraça se lhe busca hũa causa em desabono da pessoa, que a padece he dobrada desgraça, Sobre ser Pernambuco infelice tem o pesar de que julgue o mundo que com depravados costumes deu causa a sua propria infelicidade. Fechão estes Estoriadores os olhos para não verem causas naturaes, e patentes a vista de todo mundo, e so os abrem para enxergarem nos nossos peccados a causa das nossas desgraças, para com maliciosa curiosidade nos faserem hũ Epitaphio de oprobios, e hum padrão de ignominias.

27. Rebelados os Olandeses, não só pegarão nas armas para defender a rebelião, e sustentar o seu partido, mas tambem para invadir atrevidos os Estados do seu Rey. Na Asia se apoderarão da costa de Coromandel, das Ilhas Amboina, Banda, Ternate, Ceylão, Malaca, Massucar, Padau, Timot, e Cochim, Ispahão, Guameran, Agra, Amadabet, Bengalla, Palimbang, Iambi, Ligor, e outras muitas praças, que os portuguezes havião conquistado, e estavão dominando. Em Africa se senhorearão dos Reynos de Angolla e Loanda, S. Thomé, e Castello de S. Jorge. Na Europa de muitas praças cidades e castellos. E he muito para reparar que todas as historias somente condenão a perfidia, e ambição Olandeza, ajudada da infame canalha dos herejes, e desculpão os vencidos com o improviso dos asaltos, com as faltas de preparos, ou com as sobras de treiçoẽs.

28. Então os Africanos em Espanha, em anno e meyo se apoderão de todas suas Provincias, fazendo a conquista no tempo que parecia breve para tomar pacifica posse de tão vasto Imperio, se lhes tocara por herança. A causa de tamanha desgraça atribuem os historiadores aos desatinos de hum Rey motivados da fermosura de hũa mulher. A perfidia de hum sõ homem (O conde D. Julião) que por vingarse de hum sõ christão entregou a ira dos Infieis tantos Templos de Deos, tantas Provincias catholicas, e tantas mil almas christaãs. A ira de hũa mulher, que sentindo mais o golpe de um despreso, que a injuria de huã violencia, desafogou a paixão no trato da vingança, e por redemirse do dezar de hũa offença, em que lhe havia asestir a lastima de todos, solicitou hum desagravo, que a fez ludibrio das idades. De maneira que apenas aparecem no tribunal da Fama tres reos culpados na ruina de toda Espanha, ficando livres todos os mais Espanhoẽs da censura e da culpa. Nem

a essas tres pessoas faltarão Autores, q̃ desculpassem as suas acções, e as defendão das culpas que outros lhes imputão. Nos seus juisos he desculpada Florinda como innocente instrumento daquelle estrago, porque violada por ElRey D. Rodrigo, participou a injuria a seu Pay, no q̃. não fez mais do que buscar desafogo a sua pena, e aflição, que lhe rebentava no peito, o que não era influir em seu Pay a maldade não presumida de introdusir em Espanha os Africanos, e Pineda em sua Monarchia, diz, que não se perdeo Espanha pela filha do conde D. Julião, senão por haver ElRey D. Rodrigo usurpado o Reyno, quitando-o a seos sobrinhos; que estes ajudados do conde, pedirão favor e socorro aos Mouros, e com elles entrarão por Espanha; e victoriosos se ficarão os infieis com as Provincias conquistadas; e desta sorte aparece tambem o Conde desculpado, e asestindo fiel a huns Principes injustamente despojados dos seos Reynos, e senhorios. Dizem mais que ainda sendo certo que ElRey violasse a sua filha ou a sua mulher, como querem outros, se elle achara nos Espanhoẽs aquella disposição que Colatino achou nos Romanos para despicar o agravo feito a sua Esposa Lucrecia, não se valera para vingarse do agravo feito a sua filha, de tropas estrangeiras. Que se Colatino e Lucrecia são celebrados, Julião, e Florinda detestados, he por que o cõmum dos homens, nem para o aplauso, nem para o vituperio considera as acções em si mesmas, se não em suas accidentaes resultancias. A ElRei D. Rodrigo desculpão huns com a fragilidade humana, provocada com o despreso insofrivel em hum Principe que julga licito tudo que apetece, e se acha agravo na resistencia, busca o despique na violencia: quanto mais, que sendo aquella força impulso do amor, desculpado fica o desatino. Por este modo, ou não são culpados, ou tem a culpa, desculpa nos seos escritos.

29. Se consultamos os annaes cronologicos, vemos que no tempo em que entrarão os Africanos em Espanha, era Espanha huã universidade de vicios, um centro de todas as maldades. Seu Rey Witiza havia negado a obediencia ao Romano Pontifice. Elle e seus vassallos assim Ecclesiasticos, como seculares, se casavão com quantas mulheres querião, todos a redea solta corrião pela carreira dos mais enormes vicios. Estava Espanha tão cheya de abominações, qual nenhũa outra Provincia do Mundo; tudo erão entretenimentos encaminhados a deleites carnaes, perdido o temor de Deos, e pejo dos homens, e com o governo delRey D. Rodrigo, crescerão torpemente os vicios, chegando a tocar as rayas do incrivel. Este era o estado, em que se achavão aquelles povos, apostados a seguir todas as maldades, que praticavão os grandes.

30. O conde D. Julião depois de haver tratado com Musa, Governador de Africa, e com Miramolim o modo de entrar em Espanha, vierão a esta Empreza somente cem cavallos, e quatro centos infantes, e

bastou poder tão limitado para render as Ilhas maritimas, matar, saquear, e roubar quanto quizeeão. Com este bom sucesso, engroçarão o poder, e com doze mil homens entrou Tarif, apoderouse do monte Calpe, e da cidade de Herachea, chamada hoje Gibaltar. Sahio ElRey D. Rodrigo a defença com um Exercito de mais de cem mil homens, ficarão os christaõs vencidos pereceo o inclito nome dos Godos, o esforço militar de Espanha, a fama gloriosa do tempo passado em hum so dia, por muito menor numero de barbaros capitaneados por hum torto, qual era Tarif, para que fosse mais lamentavel, e affrontosa sua desgraça.

31. Ponderado o estado em que estavão as provincias de Espanha, a corrucção dos custumes de seos moradores, os muitos peccados, que se cometião, os escandalos, que com seos vicios causavão, parece estavão desafiando a justiça divina para seu castigo, e que era proporcionada pena a christaõs que vivião como infieis, entregalos a barbaros, para que oprimidos de hum senhorio cruel, aprendessem a viver obedientes ao suave jugo da ley divina: mas passando por este juiso que se podia livrar de temerario, buscão os Escritores outras causas, para não affrontarem a sua nação. O Padre Marianna, Autor sincero, e que na sua historia poem aòs olhos do mundo os vicios dos seos naturaes, e supoem forão aquelles cauza das suas ruinas, he acusado de pouco affecto a sua Patria, querendo erdase de hum ascendente oposição a sua mesma nação, e que por este titulo fosse mais estrangeiro, que peregrino. Assim todos os Autores se empenhão em desculpar, em semelhantes casos, a seos naturaes; e para as suas adversidades, tem as suas culpas, desculpa. Somente para os Pernambucanos não ouve desculpa, porq̃ na opinião desses historiadores, erão as suas culpas, sem desculpa.

CAPITULO 6º

VALOR COM QUE OS PERNAMBUCANOS RESTAURARÃO SUA PATRIA

32. A conquista de Pernambuco bem fora de contribuir glorias a vaidade Olandeza, se pode considerar como a sua mayor ignominia; não só pelas infamias, que executarão nestas Provincias, senão por que aquelle orgulho, aquella ousadia, aquella força, com que se atreveo a competir, e vencer a hum potentissimo Monarcha. Aquellas mãos que na Europa soberão destruir armadas, e desfaser exercitos. Aquella milicia exercitada em Flandes como em huã universidade da sciencia militar, soberba com o despojo de varões esforçados, e almas grandes, se vio em Pernambuco abatida, e despresada; escurecida a sua gloria

militar, e vencidos os seos mais valerosos capitaẽs, pelos Pernambucanos, desarmados, famintos, e poucos. A perda de Pernambuco, deu a Pernambuco um supremo lustre; sem tão fatal ruina, não se lograra restauração tão gloriosa. Quanto sangue derramou a espada olandeza nas nossas terras, servio para fecundallas de palmas e laureis. Nenhuã nação pode gloriarse de haver conseguido tantos triunfos em toda larga carreyra dos seculos, como os Pernambucanos lograrão em vinte e quatro annos, que se gastarão na total expulção dos Olandezes. Não se recobrou palmo de terra, que não custasse hũa façanha; não havia movimento sem perigo, não havia perigo sem combate, e pelo numero dos combates se contavão as victorias.

33. Cansados os Pernambucanos das muitas crueldades, roubos, e tiranas vexaçoẽs, com que os oprimia a heretica maldade dos Olandezes, que como feras se deleitavão em martyrisar, atormentar, destruir, e roubar, procurarão sacudir de seos hombros jugo tão pesado, e tirano. No tempo em que os inimigos se achavão mais poderosos, e insolentes, e os Pernambucanos pobres, e desarmados, appellidarão liberdade, e se poem em campo para libertar sua Patria do poder, daquelles perfidos, e cruelissimos hereges. A todos pareceo esta acção desesperada pela sum̃a desigualdade de hum, e outro partido. Os Olandezes senhores de todas as forças, asestidos de socorros, muitos em numero, exprimentados na guerra, bem armados, e valerosos. Os Pernambucanos, poucos, sem mais armas, que os bordoens que lhes permitia o inimigo, e poucas espadas, e clavinas, que alguns conservarão ocultas, e escondidas; pobres, e sem esperança de socorro, nem favor do Principe, que os via, como vassallos de outro senhorio; circunstancias, que estavão pronosticando infelice sucesso da nossa parte; mas desprezados com valor, e confiança em Deos (cuja causa tambem defendião) os pareceres dos homens, se resolvem a esta empresa com insigne constancia, Como lâ os Godos fugindo dos Mouros se refugiarão nas montanhas das Asturias, se retirarão os nossos para o monte das Tabocas. Aqui são acometidos do inimigo, q̃ com grande poder pertende de hum golpe acabar com os nossos, travousse peleja, virão-se os nossos oprimidos da multidão, mas com tanta valentia se defendem, e cortão pelos contrarios, que conseguirão hũa illustre victoria, com morte de mil e tresentos dos inimigos, e muito mayor numero de feridos. Aqui se refizerão os nossos das armas, que não tinhão, e estando muitos faltos de roupas, não ouve soldado, que despisse algum dos mortos para se aproveitar de seos vestidos.

34. Irritada a soberba heretica com este assoute que não esperava, conduziu nova gente, e com ella sahio determinada a roubar e destruir tudo. Executou horriveis crueldades pela Freguesia da Varze, cativou

muitas senhoras, e com roubos, que havia feito se recolheu ao Engenho de D. Anna Paes. Aqui os procurou a nossa gente, e apezar de toda resistencia, poder, e valor dos inimigos, conseguio segunda victoria. Vio o Olandez com assombro no campo da batalha mortós mais de quatrocentos dos seos, deixando duzentos prisioneyros, não havendo da nossa parte, mais mortos que dezoito, e trinta e cinco feridos, e mayor fora o seu estrago se se não renderão seos cabos pedindo quartel.

35. Sinco annos com secenta soldados se defendeo de todo poder inimigo a Fortaleza de Nazareth sete legoas para Sul do Recife. No anno de 1635 sahio o General Sigismundo Vanscop, e com hum grande poder cercou a Fortaleza apostado a rendella a todo custo. Constava a guarnição de quarenta e hum homens, apertou de tal sorte os ataques, e forão tão fortes as batarias, que ja nella erão mais as ruinas, que os reparos; não havião moniçoês, e faltavão totalmente os socorros. Rendida a constancia aos pes da impossibilidade, capitularão a entrega com condiçoês honrosas, que os fez mais triumfantes que vencidos, bastando quarenta e hum homens para resistir todas as forças, e ataques de dous e cem soldados olandezes por largo tempo. Era a Fortaleza de Nazareth a melhor que tinhamos por toda costa, pela grandeza, pelo porto, pelo sitio, pelas circunstancias que lhe davão a mayor estimação, de nos impedir por aly a entrada de socorros, e sahida das fasendas para outros portos. Bem municiada a possuirão muitos annos, ate que com os primeiros movimentos da liberdade se resolverão os moradores circumvisinhos a sitialla ao largo impedindo-lhe os provimentos. Pedirão ao Mestre de Campo Martim Soares Moreno os ajudasse nesta empresa, marchou sem demora para o sitio, e lho poz mais apertado (sobre o que ja havia posto o Capitão Andre de Araujo) o Mestre de Campo Andre Vidal de Negreyros com o seu terço engroçou o poder, e com a sua chegada se resolveo o Governador Theodosio Estrater a entregar aquella importante praça, que nos deixou fornecida de boa artelharia, e muitas muniçoês.

36. Escondidos pelas brenhas, fugindo a tirania, e crueldade dos inimigos, cada vez mais insolentes, andavão os nossos. Com o pretexto da rebelião, em que supunhão a todos cumplices, sahião tropas a destruir, roubar, matar. Carregados dos despojos desta insolencia vinhão muitos Olandezes pela margem do Rio Beberibe, dando escolta a hum magote de negros, seos escravos, que levavão parte da carga, e caminhavão todos para o Recife. O desejo de augmentarem o roubo os fez assaltar a caza de Luiza Barboza, viuva nobre, que com outras suas Irmãas donzellas estavão recolhidas e temerosas. Com insolente arrogancia tratarão arrombar-lhes as portas. Apelidarão ellas favor

contra ladroẽs, que as querião matar. Ouvio Manoel Barboza, retirado a hum matto vesinho os golpes da violencia, e os gritos da aflição. Estavão com elle de companhia mais sinco moços todos de dezoito, athe vinte annos, persuadi-os a que o ajudassem a livrar suas Irmaãs d'aquelle perigo; não havia entre os seis companheiros mais armas, que duas espingardas, duas espadas, hũa fouce de roçar, e hum bordão ferrado, derão sobre os Olandezes, com animo tão destemido, que matarão muitos, ferirão aos que logo não escaparão das suas mãos fugindo, ficarão senhores das armas de todos, que erão mosquetes, clavinas, e pistollas. Com as armas cresceo nos seis o brio, e em outros o desejo de se lhe agregarem. Formousse hũa companhia de vinte mancebos receberão a Manoel Barboza por seu capitão, os quaes como filhos de Pernambuco souberão vingar os agravos da sua Patria ferindo, e matando innumeraveis Olandezes em embuscadas, e assaltos. Augmentada esta companhia com trinta moços, todos de valor, e brio se entrarão por Olinda, no mesmo dia que na Varze alcançarão os nossos a victoria referida, por espaço de quarenta dias defenderão os moradores assim dos Olandezes da guarnição, como dos da guarita de João de Albuquerque, ate que despejados os inimigos, e engroçado o presidio, continuarão a obrar maravilhas de valor em outras partes.

37. Avisados os moradores da Parayba, que os de Olinda e Reciffe apelidarão liberdade, e estavão postos em campo para sustentar a empreza, se disposerão para a mesma façanha; alistarão se em companhias, e em hum mesmo dia se aclamou a liberdade na Cidade, e lugares circomvisinhos de toda Capitania e nelle o soube o Governador Olandez Paulo de linge. Não o alterou a nova porque a esperava certo na sublevação, incerto no dia. Formou hum exercito de mais de mil homens bem armados, governados por hum cabo escolhido. Sahirão da Fortalesa do Cabedelo, onde se alojava o Governador, em demanda do arrayal / que os nossos havião formado no Engenho de S. Antonio, huã legoa da Cidade / a tempo que pelo rio mandou subir hum suficiente numero de embarçaçoẽs com aparencia de irem cometer a cidade. Não tinha o fim da embarcação desvio, nem o da marcha certeza, e foy facil enganarnos com a industria, para que acudissemos onde nos chamava o ardil, e não a parte que necessitava de socorro. Persuadidos os cabos, que por mar e terra cometia o inimigo a cidade, a socorrerão com todo poder. A furto das sentinellas passou o exercito adiante levando a cara ao Arrayal, em que ficarão tão poucos, que apenas bastavão para as guardas. As lanchas com voga escaça fingião subir, sem avançarẽ a chegar. Francisco Gomes, que ficou no Arrayal, tanto que conheceo que sobre elle cahia todo poder do inimigo, com valeroso acordo sahio a receber

o inimigo que encontrou na campina de Inhobim. Investirão se os Esquadroẽs iguaes no valor, e muito desiguaes no numero, e nas armas, as do Olandezes todas de ferro, e fogo, as dos nossos quase todas de paõs tostados. Deu o inimigo a primeyra carga, passada esta com pouco estrago, envestirão os nossos a Espada, e pancadas, com braço tão robusto e valor tão destemido, que desatinado o Olandez com golpes tão pesados nem acordo teve para conhecer o pequeno numero, que o acometia. Por muito tempo sustentou a porfia o combate. O capitão Antonio Rodrigues Vidal sobrinho do Famoso e grande Andre Vidal de Negreyros, ambos naturaes da Parayba provou nesta ocasião, que com o apelido herdara o valor de seo Tio, vio o Olandez o campo coberto de mortos, deu as costas ao combate tão med rosamente desordenado que não parou senão dentro da Fortalesa do Cabedelo. Setenta e sete mortos ficarão no campo, porque com hum grande numero de feridos, retirou não só os mortos de mayor conta, mas todos que pode para assim esconder a nossos olhos o seu grande estrago. Sinco soldados nos matarão, entre elles o capitão Francisco Leytão. Os feridos não forão muytos, e os fez parecer menos a breve convalecencia de todos. Recolhidos os despojos derão a Deos as graças de tão inopinada victoria. Desde este tempo ate o rendimento do castello não descançarão os nossos de molestar ao inimigo com toda hostilidade valendo-se de embuscadas e asaltos, em que erão sempre bem sucedidos, com prisoens, e mortes de muitos olandezes.

38. Cuidando atalhar os progressos da aclamação da liberdade, a que chamava rebelião o Olandez, mandou no Porto Calvo prender a todas as pessoas principaes. A prisão de Rodrigo de Barros Pimentel pessoa de callidade, e respeito naquelle destrito servio de rebate para se porem em salvo os moradores. Christovão Lins que ouvira a resolução, com que João Fernandes Vieira se poz em campo a beneficio da liberdade, apelidou tambem esta com muitos que o seguirão. O Governador da Fortaleza que intendeo quanto importava apagar o fogo, antes que tomasse mais força o incendio, deitou fora hum Esquadrão de escolhidos soldados á obediencia de hũ valeroso cabo, com ordem que assaltassem os Rebelados, e a todos prendessem ou matassem. Não se escondeo Christovão Lins, e sim animosamente os espera, e com insigne valor sae ao encontro aos contrarios, que carregou com mão tão pesada, que a todos tirou a vida, sem deixar algum, que levasse ao Governador as novas de tão fatal estrago. Com esta victoria, e armas que ficarão para os nossos, se virão mais ousados, porque melhor guarnecidos. Pelo Rio Mongoaba subia hũa Embarcação, a que chamamos Sumaca, que vinha em socorro dos inimigos, derão sobre ella e a tomarão, com morte dos Olandezes, e muitas

armas de fogo, munições, e mantimentos. Animados com a voz destes sucessos acodirão todos os moradores, e se resolverão a por sitio a Fortaleza; posto este com boa ordem, mandarão hũa embaixada aos sercados que se entregassem a bom partido. Foy a Embaixada despedida sem resposta, e a Fortaleza oprimida com tanta força, que se resolveo o Governador a entregar aquella Fortaleza com oito peças de bronze, quatro de vinte e quatro livras de balla, e outras muitas de ferro, armas e munições não só bastantes, mas sobejas para sustentar hum largo sitio, arrasarão os moradores aquella fortaleza, porque cada hum a tinha em seu peito.

39. A mayor ou menor distancia dos lugares aonde se aclamou a liberdade, foy a que medio o tempo. Em 17 de Setembro se entregou a Fortaleza do Porto Calvo, em 19 se entregou a do Rio de S. Francisco, aonde os acontecimentos forão quase os mesmos, sem haver entre huns, e outros mais diferença, que a do lugar, e do tempo. Na Villa do Rio de São Francisco se divulgou o Decreto, em que se mandava tirar as vidas aos moradores. Valentim da Rocha Pitta (nobre e respeitado morador) com diligente cuidado avisou aos confederados se pusessem em cobro. Com esta advertencia se virão livres do perigo, e so esperavão occasião de aclamar a liberdade, tiverão logo esta, porque mandando o Governador Olandez prender a hum homem principal, que residia duas legoas distante da Fortaleza, alvoroçados os vesinhos, sahirão ao encontro do preso, e dos Ministros, matarão a estes q̃ erão hum sargento, e des soldados, e puserão em liberdade ao preso; ardendo em colera manda o Governador hum capitão com setenta soldados, que desse sobre os agressores, e que a elles e a toda cousa viva que encontrassem, abrasassem e consumissem. Em huma emboscada que os nossos armarão aos setenta, os castigarão de tal sorte, que nenhum pode escapar da morte. Por terceiras vias chegou a noticia do estrago ao Governador, que o deixou sobrearrependido de se mover pelos impetos da colera, temeroso daquelles mesmos homens, que athe aly despresava a sua Soberba. Receoso da ousadia dos nossos se recolheo com todos os seos dentro da Força, buscando nas paredes os reparos, e no jugar das peças os desvios. O movimento das nossas armas lhe não deixou mais esperança, que a dos socorros, que lhe prometia o mar. Estavão os nossos faltos de armas, e a fortuna lhes offereceo em hum caravelão que o inimigo mandava de socorro a Fortaleza, asaltado dos nossos o largarão os olandezes com as vidas. Erão entre os sercadores, e os sitiados os encontros tantos como erão as occasioẽs, e as occasioẽs como erão os dias, e sempre o inimigo ficava de pior partido. Navegava hum barco com onze Olandezes a ordem de hum Ajudante, em huma canôa o investirão oito moços, captivarão o barco

com morte dos Olandezes, sem haver entre os nossos morto ou ferido. No mesmo dia sucedeo outro encontro em que os inimigos que erão vinte, ficarão mortos, e os nossos sem algum perigo. Cada dia acontecia o mesmo. A importancia da Fortaleza desvelava grandemente o cuidado do governo Olandez. Despedirão em socorro hũa náo, e dous barcos com Infantaria, armas, muniçoẽs, e mantimentos, apenas forão vistos dos nossos saem alguãs canoas ao mar largo, e com ousadia procurão abalrroar embarcaçoẽs d'alto bordo, sendo vazos compostos de hum so tronco, tanto temor causarão aos inimigos que contarão como triumfo, faserem-se na volta do mar, e arribarem outra vez ao Reciffe donde havião sahido. Apertado o serco, e repetidos os ataques tratarão os Olandezes de entregar a Fortaleza. Feitas as capitulaçoẽs sahirão dellas duzentos, e sessenta e seis Olandezes, sinco Indios, vinte e quatro mulheres, desoito meninos, e outros tantos escravos. Deixarão na fortaleza setenta e sete olandezes enterrados, que tempo do serco morrerão de ballas, dez peças de bronze, todas de alcance, grande soma de pelouros; suficiente polvora, e abundancia de mantimentos. A Fortaleza foy arrasada, e artelharia conduzida para o nosso Arrayal.

40. A villa de Tamaraca bem fortalecida dos inimigos com trincheiras, e paliçadas se vio asaltada dos nossos com vigoroso combate. Para entrar na Ilha foy preciso render huã grande nao, e hum caravelão, que bem guarnecidas defendião a entrada. Com extremado valor forão entradas, e rendidas. Com o mesmo romperão as trincheiras, guarnecidas estas com alguãs companhias, o valor de huã parte, a multidão da outra concorrerão a fazer a sanguinolenta a peleja, que durava onze horas com gente que em vinte e quatro horas não havia tomado algũa refeição. Os Governadores da liberdade havendo recebido os Portuguezes, que ate aly gemião debaixo do pezado jugo dos Olandezes, se retirarão para Igarassu, forão da nossa parte sessenta mortos, e destes quatorse Portuguezes, os mais Indios, e Estrangeiros, que militavão a soldo no nosso exercito. Perdeo o inimigo mais de duzentos soldados, os feridos forão tantos, que se lhe não deu numero,

41. Militavão entre nos alguns Estrangeiros que se havião passado a nossa parte, corrompidos estes pelos olandezes, esperavão algum tempo, em que a trayção lhes desse o que não podião conseguir pelo valor das armas. Conferirão entre si como a seu salvo nos poderião perjudicar com mayor dâno e asentarão em que se esperasse occazião, na qual nossos mesmos soldados, e nossas proprias armas, fossem o instrumento da nossa total perdição. Muitas vezes com simuladas cautellas passarão ao Reciffe a concertar o preço da venda, e da entrega, donde voltavão tanto a tempo que nem a suspeitas derão o menor

indicio. Assentarão que nos encontros, em que se achassem /antes da occasião desejada/ os do Reciffe, não farião tiro com pontaria, nem os que entre nos militavão com balla, dando-se a conhecer por hum papel dobrado nas tranças dos chapeos. Aquella inclinação que os Portuguezes tem a seguir novidades no trajar, fez com que todos os nossos soldados imitassem aos Olandezes, com o que confundida a diviza se vio atalhada a malicia, e o dãno. O Governador João Fernandes Vieira aconselhado da suspeita que adquirio na observação de alguãs acçoẽs, mandou que em nenhum recontro pelejasse o regimento dos Olandezes unido, senão disperso, e entretecido com os Portuguezes de sorte que não lhes ficasse liberdade nem para a fugida, nem para a offença. Entre os Capitaens vivos do terço dos Estrangeiros militava hum chamado Nicolas /Olandez de nação/ este se fez cabeça de treyção, e todos nelle se comprometterão fiandolhe as disposiçoes do intento. Com obrigação de tudo conferir e firmar com os do Conselho Supremo, o que fez furtando occasioẽs de se avistar com elles, concluir, e assentar a trayção. Ajustados no modo, dia, e parte sahio do Reciffe, pelo lugar dos Afogados Jorge Gosmão Governador do Rio Grande com mil e tantos infantes, e sem ser sentido se emboscou de noute junto ao Engenho de Antonio Fernandes Pessoa. Estava por fronteyro naquelle sitio Pedro Cavalcanty de Albuquerque, o qual alheo da perniciosa vizinhança mandou hum Alferes com dous soldados, que ao romper da Alva sahissem a descobrir o campo, o que fiserão deligentes sem acharem vestigios de inimigo, voltando pelas casas do Engenho se virão asaltados do Olandez, perderão as vidas o Alferes, e hum dos soldados, mas o outro a quem não poderão atalhar a retirada, disparando a arma, tocou a rebate, ao qual acodirão logo os capitaẽs das estancias vezinhas, e asestidos das suas companhias se oposerão valerosamente ao Esquadrão inimigo, que confiado no poder, e no pacto, avançava furioso e destemido.

42. Distava o nosso Arrayal do sitio da peleja meya legoa, ouvio se nesse a mosqueteria, e servio aos Governadores Andre Vidal de Negreyros, e João Fernandes Vieira de rebate, para sahirem sem demora com todo poder, que os pode seguir. Tanto que chegarão ao lugar do conflito / onde alguãs bandeyras do terço Estrangeiro tinhão acodido com as companhias das Estancias / todas as companhias do Norte que se encorporarão com o socorro que os Governadores traziāo do Arrayal, se unirão com as outras, e todas deixarão o combate. Feitas em hum corpo separado, empregarão as cargas nos Portuguezes, que engolfados na pendencia não attendião a divisão do corpo, e dano que recebião dos seos traidores Auxiliares. Vio o sargento mor Antonio Dias Cardoso que aquella partida dos Olandezes cobria a gente

do capitão Paulo da Cunha que com mayor empenho carregava o inimigo, e atento ao seguro alheo a socorreo com a companhia do Governador João Fernandes Vieira, mandando aos Olandezes que se retirassem atraz, deligencia casual que atalhou a treyção naquella hora. Cobertos os traydores de outras companhias não poderão faser a menor acção de inimigos, sem o risco de serem descobertos, e aly feitos em pedaços. Continuou porfiada a peleja, e inda que bem sangrado o inimigo pelo nosso ferro não desestia, nem afrouxava com as esperanças que lhe dava a consertada treição, mas vendo o seu estrago cada vez mais crecido depois de sustentar o combate quase duas horas, e que os nossos a Espada os investirão a imitação dos seos cabos mayores, não podendo já soffrer vigor tão ardente, aconcelhados do temor, que lhes causou nosso esforço forão cedendo o campo aos triunfantes Pernambucanos, e com acelerada retirada se recolherão dentro da casa da sua Fortaleza, deixandonos com a campanha hũa illustre victoria. Sete homens nos matarão e ferirão trinta e sinco. Deixou o inimigo na campanha muitos mortos, que não pode retirar, os feridos forão innumeraveis. Na retirada da Fortaleza para o Reciffe os esperou Henrique Dias com os seos pretos, e os sangou de maneyra, que levarão tanto que chorar na despedida, como na peleja. Depois que com a fugida que Nicolas fez com os seos soldados para o Reciffe se conheceo claramente a maquina da treyção das tropas Estrangeiras, mandarão os Governadores da liberdade formar os terços da nossa milicia, e dentro delles o dos Estrangeiros, a todos os quaes se tomarão as armas, dando-se ao mesmo tempo busca em suas tendas, se descobrirão evidentes provas, de que erão cumplices na treyção. Com mulheres; e filhos se mandarão para a Bahia a disposição do Governador do Estado Antonio Telles da Sylva. O Mestre de campo Theodosio Estrater, e o seu sargento mor Francisco de la Tour, andados alguns dias alcancarão licença para se passarem a servir na Bahia, aonde o Governador os recebeo com agasalhos, e acomodou com honrra nos mesmos postos.

43. No porto do Reciffe estavão surtas muytas naos de guerra, que havião chegado de Olanda com socorro, dous soldados naturaes do mesmo Recife se resolverão a por lhes fogo. Em hũa jangada se embarcarão, e sem os acobardar algum temor navegarão por entre varias naos, que estavão no rio, escolherão entre duas mais alterosas, em cada qual pegarão hum artificioso composto dos materiaes mais obedientes ao fogo, que ateado nellas começarão a arder com tamanhas labaredas, que as via o espanto, sem atinar com o remedio, acodirão a livrar os que estavão livres cortando-lhes as amarras, deixando-as a discripção das agoas. Foy a confusão dos moradores tanta, que

receando paçasse o incendio aos Edificios desemparavão suas casas, e se retirarão para a cidade Mauricea. Os nossos soldados tomando terra na restinga de Olinda, carregarão sobre os hombros a ligeira embarcação, e passando-a para o rio se salvarão do perigo, que os ameaçava acção tão temeraria. Com semelhantes empresas, e quotidianos encontros, assaltos, e emboscadas trasião os nossos aos Olandezes tão cortados do temor, e tão assustados que em nenhũa parte se concideravão livres, e seguros do nosso ferro.

44. Pelos destritos do Rio Grande e Cunhau castigou D. Antonio Felippe Camarão com os seus Indios o orgulho do Olandez a ferro e fogo. Não houve vida a que perdoasse a Espada, nem fazenda que não consumisse o fogo. Com os fios de ira cortou a Espada, e o incendio por pessoas, e edificios. Ouviu o Olandes o golpe do castigo das suas crueldades dentro da sua Fortaleza, estremeceu ao primeiro grito, e cobrado do medo, determinou satisfazer a queixa com a mayor vingança; pedio auxilio as Fortalezas vesinhas, que junto a gente que tinha fez hum groço de mil e quinhentos soldados, poder com que se imaginava senhor da victoria. Era o numero da nossa gente de seis centos homens duzentos e sincoenta Portuguezes, e trezentos e sincoenta Indios obedientes huns, e outros ao Governador dos Indios D. Antonio Felippe Camarão. Marchava o inimigo em demanda do sitio onde a nossa gente se alojava, derão as sentinellas rebate, sem deter a marcha avançou o Olandes a nossa instancia, cobrindo com serradas cargas de mosquetaria as fileyras de machados, e alfanges destinadas para romperem a estacada da trincheira, e franquearem a entrada a sua gente. Os nossos os receberão com tanto valor, e força, e com tanta deligencia, e acordo, que desatinado o Olandes, não pode ver a perda dos seos senão com os olhos da colera, com a qual em lugar dos mortos, e feridos metia no combate novos soldados de refresco. Sem afroixar de hũa, e outra parte a bataria durou o conflito tres horas. Via o Olandez que os nossos com o trabalho criavão novas forças, fez pe atras, e formousse em tres batalhoens, com hum sustentou o combate, com o segundo nos mandou cortar pelo lado direyto, e com o terceiro pelo lado esquerdo, buscando caminho para nos acometer pela retaguarda. Cahio em duas embuscadas que o esperavão, e descomposto de duas cargas bem empregadas, fugio desordenado. Não podendo ja sofrer o nosso braço, tocou a retirar, e achou poucos que o podessem seguir, o que visto pelos nossos Indios levantarão hum estrondoso grito; entendeo o Olandez que se dispunhão a seguillo e carregallo, e se poz em desordenada fuga. Não seguirão os nossos o alcance por falta de munição, cento e quinze mortos deixou no campo, levando todos os de mayor graduação, e quinhentos feridos, e depois se averiguou que quase todos os que sahirão feridos perecerão, ou na retirada,

ou na Fortaleza, ou no Reciffe. Da nossa parte não ouve morte nem ferida que desse cuidado, porq̃ só tres soldados ficarão levemente feridos. Foy esta victoria não só digna de aplauso, mas de nome, conciderada a desigualdade do numero, da duração do conflito, da callidade do despojo, e do estrago dos vencidos.

45. Do Reciffe sahio o Olandez com hum groço Esquadrão, e grande numero de gastadores, a cortar o mato que pela vastidão não deixava laborar livre a sua artelharia. Mal tinhão pegado na obra quando o Governador dos pretos Henrique Dias (avisado das suas sentinellas) pegou das armas, e investio com os inimigos. Sustentarão estes o combate, que reforsarão com socorros, que acodirão de hũa e outra parte, durou a peleja quatro horas, os nossos sem temor algum de muitas ballas, que desparavão as suas fortalezas, fizerão tamanho estrago no Olandez, que o obrigarão a deixarnos com o campo semeado de mortos, a victoria. Era o inimigo picado com tanta viveza, e tão repetidas vezes, que não havia praça sua, que por todas as partes senão imaginasse escalada, e por muitas vezes se ouvia entre os nossos o receyo em que estava o Reciffe, pelos gritos, e alaridos espantosos, não descançando em toda a parte o nosso valor de influir em sua confuzão.

46 Entrou o mez de março de 1646, e com elle Henrique Dias em pençamentos de ganhar, e arrazar hum reduto, que o inimigo fabricara á sombra das Fortalezas das sinco pontas e afogados. Constava de hũa caza forte cingida de trincheiras de groços taboões, entulhada de fascina, e terra, com outra circunvalação de páu a pique que fazia huã robusta estacada, e huã profunda cava, que a defendia, tinha huã boa guarnição, coberta das Fortalezas do Reciffe que o desquartinavão a tiro de mosquete. Escolheo Henrique Dias de todo seo terço quatro companhias, entrou a noite, e passarão os destemidos pretos o Rio, asaltarão a primeira estacada, vencida esta passarão a segunda, e desta a casa forte, não escapando da sua ira mais que quatro olandezes, que poderão fugir, e se recolherão ao Reciffe.

47. Os dias que na campanha do Reciffe socedia o referido, gastou o Governador André Vidal de Negreyros na marcha para o Rio Grande. Vencendo encontros chegou a Parayba, onde achou D. Antonio Felippe detido por falta de muniçoẽs; determinados a castigar ao inimigo hũa sahida, que havia feito das suas Fortalesas com intento de levar a cidade, mandou Andre Vidal a seu sobrinho Antonio Rodrigues Vidal que com quarenta moradores praticos no terreno o fossem picar a sua força de S. Antonio, porque de seu valor e actividade fiava trazello ao laço. Correspondeo o sucesso a esperança. Apareceo o capitão ao inimigo, como por descuido; o Olandez ou despresando

o numero, ou temendo o ardil, não fez movimento; o nosso capitão para lhe acender a colera, cometeo a Fortaleza a cara descoberta, e dadas suas cargas se retirou a hum cumulo de area para se reparar das ballas. Provocado o inimigo se resolveo a sahir com dusentos e vinte homens, que os nossos receberão com desenfadado valor, e os forão cortando de tal modo, que vendo o Governador Andre Vidal que acabarião todos ao corte do nosso ferro, ou affogados nas ondas a que se arrojavão temerosos dos nossos golpes, bradou que lhe tomassem hum Olandez vivo, para delle saber o estado da Fortaleza. Dous soldados do Camarão se deitarão a agoa, e pelos cabellos tirarão dous do mar, matarão hum, e apresentarão outro ao Governador; Raro foy o que se pode salvar com a fuga, da nossa parte não ouve ferido, e so a morte do sargento mayor Francisco Cardoso. Disposto o que então pareceo necessario para se continuar a guerra naquella capitania, se retirou Andre Vidal para o Arrayal do Reciffe.

48. Estimulado o Olandez da dor de tão repetidos golpes que em todas as partes recebia, determinou empenhar todas as forças em hũa acção, que pudesse restaurar o credito, que tantas vezes havia perdido, para assim conseguir honrra e vingança. Havia chegado de Olanda segunda vez o General Sigismundo Wanscop a remediar tantas quebras da reputação da nação olandeza, e como lhe foy facil a primeira conquista, imaginava vencer aos Pernambucanos so com a sua presença, presunção, que em repetidos encontros vio desbaratada com grande confusão da sua vaidade. Em vinte de Julho de quarenta e sete aportou na barra do Reciffe com hũa poderosa armada, e nella quatro mil Infantes, que conduzia Jacob Estacourt, hum dos principaes da Companhia Occidental, mandados agora, pelo muito que obrarão no principio e conquista de Pernambuco. Deitarão ferro com multiplicadas salvas, desembarcarão no Reciffe com muitos vivas, forão recebidos com festivas aclamaçoẽs, effeitos da confiança, que a todos prometia a restauração do seu Imperio. Com sobeja arrogancia tinhão prometido em Olanda os dous cabos a restauração do perdido nas capitanias desobedientes, sem mais dispendio que o de quatro mãos de papel. No primeiro congreço, em que lhe assestirão todos os que tinhão posto na milicia, e no governo lhes disse, que se admirava muito que taes e tantos valerosos soldados se deixassem cercar, e oprimir de quatro bizonhos, que nunca virão guerra, tão fracos que so a voz do seu nome os poz em fugida pelos matos com menos temor das feras, que das suas armas, obrigando com o Estado presente a que a companhia julgasse necessaria a presença da sua pessoa, e o dispendio de armada tão groça. Hum dos da Junta, menos sofrido lhe respondeo, que os sucessos lhe mostrarião a diferença dos tempos, e q̃ aquelles mesmos

homens, que em outro tempo temerão o seu nome, no presente despresarião todo seu poder. Atalhou Sigismundo a pratica pedindo hum pucaro de agoa, apresentarão lha salobra, por não haver no Reciffe senão a que tiravão dos poços e cacymbas. Desgostou da bebida e prometeo melhorallos de agoa, mandando a buscar aquella parte da campanha aonde a ouvesse melhor, e mais delgada.

CAPITULO 7°

CONTINUA A MESMA MATERIA

49. Inteirados os Governadores da liberdade do poder do Olandez, e de seos intentos, e que Sigismundo havia de seguir os passos da primeira conquista cuidarão deligentes em se fortificar. Despacharão ordem a D. Antonio Felippe Camarão, qne assestia na Parayba, e a todos os cabos da milicia para que fisessem retirar os moradores que por froxidão se não tinhão retirado da Parayba, Goyana, e seos destritos, com todas suas familias, aos quaes comboyassem até os porem em seguro entre o Arrayal e a villa de Igarassú, que destinavão por fronteyra. Proverão aquellas distancias, que circunvalavão as Fortificaçoẽs do Reciffe, do que lhe pareceo necessario para a resistencia. Com prompta obediencia foy obedecido o mandado. Aos sinco de Agosto sahio Sigismundo do Reciffe com mil, e duzentos homens, e com pensamento de ganhar Olinda por entrepeza, e franquear aos seos a agoa della, e as sahidas para correrem a campanha. Fez a marcha pela praya, servindo-lhe o Rio de trincheyra, deixando se ver dos nossos, seu Esquadrão luzido, e ordenado de modo que enchia os olhos com a forma, e os ouvidos com o toque de caixas, clarins, e pifanos. O capitão Antonio da Rocha Damas /achava-se com trinta homens na guarnição de húa trincheyra, que se adiantava a cidade/ medindo a occasião pelo animo, e não pelo poder, sahio logo a recolher o inimigo, a quem seguio com igual presteza, e valor, o capitão Bras Soares da Infantaria, que em Olinda estava de presidio; cuja oposição deteve o passo ao Olandez ate que da Estancia das salinas acodio o capitão João Soares de Albuquerque com a gente da Moribeca, que erão cento e oitenta homens: sahirão a praya campo da peleja, investirão ao inimigo tão resolutos que primeiro os conheceo o dãno, que a vista. Com húa e muitas cargas os confundirão de sorte, que nem a multidão dos Olandezes, nem a deligencia dos cabos, nem a authoridade do General, poderão atalhar a desordem dos seos, mais obedientes ao temor, que ao perceyto dos superiores, virarão as costas

ao conflito, correndo a desfilada a salvar as vidas no amparo das suas Fortalezas. Assombrado Sigismundo do sucesso, entendeo que ou aquella não era a mesma terra, ou aquelles erão outros homens. Hum grosso socorro que lhe chegou, o recobrou da suspensão, em que o havia posto o valor dos Pernambucanos. Deu a sua gente nova forma, e segunda vez intentou romper os nossos, e passar adiante; achou os nossos firmes no posto da peleja, que, dada a primeira carga a investirão a espada, e romperão a sua forma. A hum mesmo tempo se vio Sigismundo desbaratado, e ferido, e foy o primeiro que fugio para o abrigo das suas Fortalezas. Terceyra vez formado intentou com a porfia vencer o valor, e obrigar a fortuna. Já tocava a investir, e a dar nos com a terceyra furia, terceyra victoria; quando a tirou das nossas maõs a vista do Governador João Fernandes Vieira, que em socorro chegava do Arrayal. Causou sua vizinhança tamanha alteração nos Olandezes, que desordenados e esquecidos da disciplina, e da vergonha, fugirão todos para o Reciffe. A perda dos inimigos foy grande, e da nossa parte so houverão quatro mortos, e poucos feridos. Para disfarçar o sentimento disse Sigismundo para os seos na occasião em que lhe curavão a ferida, que lhe abrio o nosso ferro, que se lhe não tirou a vida, lha deixou em muletas: que nunca sua opinião se enganara com mais desculpa, porque não podera imaginar, que a brandura do queijo, e das manteigas de Olanda, com que creara os mochachos de Pernambuco, os fizesse tão destemidos, e tão robustos, que com tanta gloria vencessem a quem sempre vencera, deixando lhe aquella primeira occasião nas maõs a mais honrrada Fama.

5o. Passados oito dias ordenou o General a seos cabos que com dobrado poder cometessem a entrepeza de Olinda, sahirão do Reciffe em doze de Agosto mais confiados, porque em mayor numero. Os nossos que se não descuidavão lhe sahirão ao encontro com tanto valor, e ouzadia, que depois de hũa cruenta peleja os fizerão vergonhosamente fugir para a praça. Bramava Sigismundo abrazado em colera pelo máo sucesso das suas armas, ordenou que no seguinte dia sahissem pela Fortaleza dos Affogados a ganhar aquella Estancia chamada de João de Aguiar, descobertos pelas nossas sintinellas, sahirão com incrivel presteza a investillos os capitaes Antonio Borges Uchoa, e Francisco de Abreu com os soldados das suas companhias, sendo poucos em numero, de cara a cara lhes detiverão a marcha, até que se encorporou com elles D. Antonio Felippe Camarão, a quem seguirão os Governadores da Liberdade com o socorro do nosso Arrayal. Com os braços crescerão os golpes e escolheo o remedio da retirada, cobrindo-se com a artelharia da sua Fortaleza, debaixo da qual se formou. Deixarão os nossos de seguir o alcance, e fizerão alto aonde os não podião offender as ballas. Impacientes

os nossos de verem os inimigos e não lhes chegar, desprezando as ballas, que como innundação se espalhavão pela campanha, avansarão de corrida em forma prolongada, e com a espada na mão cahirão como rayos sobre o inimigo, o qual primeiro ferido do espanto, que do ferro, com tumulto e desordem se lançou a cava da sua Fortaleza, em que muitos bebião a morte na agoa, que buscavão para remedio, com grande estrago se passarão a outra banda da Fortaleza, seguidos da perda e da injuria. Os nossos espalhados, e de corrida se retirarão depois que lhe faltarão inimigos que vencer, industria que servindo de estorvar o daño, augmentou no Olandez o espanto, com que o suspendeo o destemido do nosso animo. A nossa perda foy pouca que comparada com a que o inimigo recebeo nada avultou.

51. Em onze de Setembro sahio Sigismundo do Reciffe coberto com as sombras da noite, e pela praya do mar tomou o caminho da Jangada, quatro legoas distante, ao romper da manhãa deu sobre a povoação, o repente da invasão não deixou tempo aos moradores para a defença, com o que pode o Olandes a seu salvo saquear e destruir. O capitão Francisco Lopes acompanhado dos seos soldados acodio ao estrondo dos tiros, e mandou aviso aos nossos Governadores. De volta caminhava já o inimigo, ao rebate que no Arrayal deo o correyo, sahio Andre Vidal de Negreyros com a Infantaria, e porque a de D. Antonio Felippe Camarão estava posta em arma, por ficar mais visinha lhe ordenou, que com ella se adiantasse a entretello. Não se perdeo tempo na marcha, e foy tão acelerada quanto experimentou o Olandes, que primeiro vão sobre si as espadas dos soldados do Camarão, que pudesse suspeitar o encontro. Com a detença crescia o estrago, com o estrago o horror do inimigo, e concebeo tal receyo, que buscando a salvação na fuga, foy largando as armas, e o roubo, por aligeirar o passo. Quem mais que todos se imaginou perdido, foy o seu General Sigismundo; prometeo grandes premios a quem puzesse a sua pessoa em salvo, por que não podia acompanhar a ligeireza com que os seos corrião a meter se na sua Fortalesa da Barreta, ate que ajudado dos seos se vio dentro da sua fortificação livre do perigo, e não do medo. Sobido a hum alto vio como Andre Vidal de Negreyros com acelerada marcha caminhava em seo alcance, e disse para os seos. De boa escapamos. Ensinado da Experiencia asentou comsigo, que aonde as nossas armas estavão vigilantes não poderia conseguir sucesso que lhe não fosse contrario, que so onde ouvesse descuido nos poderia fazer guerra com melhor sorte.

CAPITULO 8º

RETIRASE O MESTRE DE CAMPO MARTIM SOARES MORENO, COM A GENTE DA BAHIA E CONTINUÁO OS PERNAMBUCANOS A RESTAURAÇÁO DA SUA PATRIA

52. Para que os nossos não lograssem com alegria o fruito de tão repetidos triunfos chegarão ao nosso Arrayal dous Padres da companhia, Manoel da Costa e João Fernandes, enviados da Bahia pelo Governador Geral do Estado Antonio Telles da Sylva (escolhidos para esta empresa por mais promptos ou por mais activos) com apertadas ordens de Sua Magestade, pelas quaes ordenava aos Mestres de campo Andre Vidal de Negreyros, e Martim Soares Moreno, /este natural de Lisboa e aquelle de Pernambuco, que depois da aclamação vierão da Bahia ajudar aos nossos nesta guerra/ que sem dilação se partissem com os terços do seu Regimento para a Bahia e largassem Pernambuco, e a sua campanha aos Olandezes; por que não convinha a sua reputação, que o mundo sospeitasse que se violava pela sua parte a paz, e amisade assentada entre sua coroa, e aquelles Estados. Lidas as ordens não ouve coração q̃ o pasmo não deixasse indiferente entre a obediencia, e a isenção. Replicarão, propondo, e declarando ao Principe o Estado da guerra, a tirania dos hereges olandezes, com que oprimião os moradores o perigo a que ficarião expostas milhares de almas sugeitas a hum Imperio tirano e infiel. Remeterão ao Governador Geral a sua replica para que a apadrinhasse; porem elle, ou persuadido de superior impulso, ou obrigado de obediente respeito, respondeo que se executassem as ordens de Sua Magestade. Obedeceo Martim Soares Moreno, despediose do cargo, e com alguns soldados da Bahia se retirou para esta cidade, e em poucos dias fez viagem para Lisboa. Andre Vidal, lhe tirou a mascara do pretexto, e com palavras claras lhe deu em rosto com o particular das suas conveniencias, ratificou deante de todos a resolução de continuar a restauração da sua Patria, dizendo que a todo o tempo defenderia seu zelo de toda notta e cençura. Com aplaudidos vivas lhe gratificarão seos Patricios a fineza, que por elles obrava. Não foy sentida a despedida do Moreno, e dos que o acompanharão, porque não fasia grande falta a sua pessoa.

53. Livres estas capitanias do mortal golpe a que as condenava o Real decreto poderão os Pernambucanos continuar na restauração da sua Patria, mas nem então, nem ainda agora se livrarão, nem livrão de lhes disputarem o asserto, ou erro desta acção, havendo alguns que nos

diminuem a gloria da restauração, com a notta de desobediencia. Este he o unico ponto em que achou a emulação que condenar nos nossos mayores, sem se lembrar que aquelle decreto foy escrito pelos apertos da necessidade, pesandose menos os inconvenientes futuros, que as rezoens de Estado presentes. Em grande cuidado poz o Decreto a Andre Vidal de Negreyros, e aos capitaẽs e mais soldados Pernambucanos, que militavão no seo Regimento, se obedeciam, era infalivel o dãno, se repugnavão podião temer ofender a quem devião servir com a vida e com a obediencia. Mas vendo que atalhado o escandalo, que supunha a real ordem, se abria a porta a outros mayores, lhes pareceo que aquelle decreto tinha notoria injustiça, e que podião os nossos, e devião representar ao Principe hũa, e muitas vezes o que os afligia, e em caso, que se pertendesse executar a ordem as cegas, não devião dar execução ao perceyto, ainda que por isso ficassem em desagrado da Magestade, e o que he mais, ainda que ouvessem de perder as vidas, pela chamada desobediencia. Esta resolução he certa, e catholica, por que neste caso procede a regra de S. Pedro: Obedire oportet Deo magis quam hominibus; Que he mais estreita a obrigação de obedecer a Deos, que aos Reys, e por esta parte louva a Sagrada Escritura as Parteyras do Egipto, porque sendolhes mandado por ElRey executar aquella crueldade tão condenada, momo era matar todos os Infantes varoẽs do povo Hebreo logo em nascendo ellas temerão a Deos, e não fiserão caso do que ElRey mandava: Et timuerunt obstetrices Deům, et non fecerunt juxta præceptum Regis Egypti (Exod. 1. 17). E tambem se celebrão as piedades de Tobias, que se encontravão com os intentos delRey: Sed Tobias plus timens Deum, quam Regem, rapiebat corpora occisorum (Tob. c. 2. 9): E pelo contrario he condenado Doeg Idumeo de temerario, e injusto, por que havendo mandado Saul a seos criados e Ministros que matassem os sacerdotes do Senhor, que havião hospedado a David, e não se atrevendo algum a levantar a mão contra elles, elle sem embargo executou a ordem, e degolou oitenta e sinco sacerdotes, revestidos para celebrar (1 Reg. 22. 18). Procederão pois muito bem os Pernambucanos, suspendendo a execução que por tantos capitulos era perniciosa, e seria ruina do Temporal, e Espiritual destas capitanias. Porque quem haverá que duvide, que não levando os Pernambucanos adiante a restauração de Pernambuco, cada dia engrosarião os Olandezes mais o seu poder, e se diminuirião as nossas forças, e ficarião para sempre senhores, não só de Pernambuco, que já dominavão, se não de todo Brazil, que certamente terião conquistado. De que se seguia reynar a heresia em todo este Estado, e perder Portugal a pedra mais preciosa da coroa do seu Imperio.

54. He muito deste ponto o capitulo:—Nos si incompetenter, e

suas glosas, singularmente o versic. Cum Balaam. De outra sorte como infere bem o Angelico Doutor S. Thomaz se excusarião os Algoses, que executavão nos Martyres as sentenças dos Tiranos, contra o que lemos em Daniel, que diz, que matou o fogo aos que lançarão aos tres mancebos na fornalha; cujos castigos forão infinitas vezes repetidos contra verdugos, e executores de semelhantes ordens, e sentenças, como sabem os Doutos S. Gregorio Nazianzeno, e infinitos Doutores seguem abertamente esta opinião, e aprovão esta doutrina contra a qual não se pode ir com nenhum pretexto. nem se deve gastar tempo em disputalla, nem responder a homens demasiadamente temporaes, que replicão ser duro lance a hum Governador, ou Ministro perder tudo, e que dos bons letrados, he procurar outros meyos, chamando meyos aos extremos da desigualdade; porque querem que tudo seja licito ao supremo poder dos Reys, para executar qualquer injustiça, a que vejam determinada sua vontade. Dura cousa será (não se pode negar) perder, ou exporse a perder tudo, por não executar huã ordem injusta, e muito amarga ley para a carne, aventurar a vida, por não desamparar a verdade, e rasão, porem como disse Seneca: Invicta opera virtutis, non ideo magis appetenda sunt, quia benignius â fortuna tractantur. As obras heroicas de virtude não devem levar menos os olhos porque as trate o mundo com mayor aspereza.

55. Este caso rarissimas vezes socederá, ou nunca com inteyro conhecimento da injustiça, o que de ordinario socede he que se despedem as ordens muitas vezes com hum suposto, que ou não existe, ou tem circunstancias, que em diversas partes aparessem com diferentes semblantes. Neste caso sempre se deve replicar informando a verdade, o que feito bastará certamente, para que ElRey não queira tal execução. E quando soceda que prevaleça o engano, ou erro que o Ministro conhece, de nenhum modo deve executar a ordem, porque não se acaba tudo com o corpo, esperamos depois da morte outra vida, pois nenhum acontecimento se deve cumprir com o que tem manifesta injustiça, e sobre isto não ha que replicar.

56. Toda esta doutrina he de S. Bernardo na Epistola setima, e de S. Gregorio Nazianz. na oração duodecima, cujas palavras ainda mais expressas são as seguintes, donde abertamente (diz o Santo) se descobre maldade, havemos de fazer rosto aos Principes, ao fogo, ao ferro, e aos tempos, e pelejar com todos por não consentir com o mal desejado, e participar nas maldades; e não devemos temer couza algũa mais que a Deos, porem quando nosso animo he tocado de sospeitas, e temores somente, sem estrivar em argumentos certos, então mais havemos mister brandura, que ligeiresa, e devemos condescender agradavelmente, e não repugnar com arrogancia, e contumacia.

Sem notta desta, faltarão os nossos ao perceyto, por que bem conhecião que se a grandesa, e piedade do real coração delRey tivera verdadeira noticia /e se não vira nos apertos da necessidade em que se via/ do que obravão os Olandezes em offença da Fé, e da honrra dos Pernambucanos, não quisera suspendesse a guerra, que fazião, para se eximirem do mortal odio com que antes da sublevação os determinava consumir a crueldade, e ambição heretica, nem era possivel, que desarmando nos, quisesse entregarnos a mesma espada de novo irritada, e offendida. E quando quizesse apurar a obediencia, não podia esperar mais que repugnancias de huns Portugueses, que se consideravão por naturaes vassalos de Portugal, e por desgraça subditos de Olanda. Não podia esta com todas as suas forças castigar a rebelião, e procurava que o nosso Principe, que o não era para o Governo, fosse quem nos tirasse da mão a Espada, para que desarmados podesse empregar em nos os golpes da sua vingança: mas como as acçoẽs humanas tomam o ser do fim, este deu a melhor solução as duvidas.

CAPITULO 9º

CONTINUAM OS PERNAMBUCANOS A RESTAURAÇÃO DA SUA PATRIA

57. Com dobrado animo emprenderão os nossos difficuldades que a mayor segurança parecião impossiveis. Animarão se dose soldados com desusado valor a empresa de ganhar um barco dos Olandezes, lançandose a nado com as espadas na boca; nadando os braços mais do que os remos do barco, chegarão a elle, e depois de mortos seis olandezes, o renderão trasendo outros tantos prisioneyros, e a mulher do Governador da Fortaleza da Barreta, quis elle acodir-lhe com o socorro, mas reconhecendo huã emboscada, antes de entrar no perigo della se tornou a retirar, e os nossos chegando a terra, livres do menor dãno receberão o merecido aplauso de acção tão insigne, unico premio, que lograrão as acçoẽs illustres desta guerra.

58. Como desesperado contava o General Sigismundo, pelo fio dos sucessos a continuação dos seos infortunios, e das nossas victorias, accumulado no Reciffe, aspirou a tentar sua fortuna pelo mar. Com esta resolução ordenou a seu sargento mor, que se chamava Andrezon, que com huã Esquadra de náos de guerra, e muyta, e boa Infantaria, fosse sobre a povoação do Rio de Sao Francisco, e nella, e todo seu destrito assolasse tudo que visse com vida, e com prestimo, recolhendo todos os mantimentos do roubo, e todos os gados da campanha. Sahio

Andrezon do Reciffe, tomou a barra, que emproava; nos primeiros dias de Outubro. Ao rebate que deu sua vista, se retirarão os moradores com tudo o que poderão levar para a outra parte do Rio, onde estava o Mestre de Campo Francisco Rabello com o seu terço; sahio ao encontro do inimigo, chocou, e venceo a Andrezon, que voltou bem castigado da sua ouzadia, e soberba com que enprendeo esta facção. Não sofria Sigismundo ver se despresado, quando entendeo seria temido. Excogitava modos com que fisesse sua desgraça menos publica, e sempre se via mais abatido, de modo que já se não atrevia a cometer alguã empreza. Ja com a falta de occasioẽs se embotava o fio da nossa Espada, e o ocio dos soldados relaxava o rigor da disciplina militar. Os nossos Governadores que não sofrião que aos Olandeses se desse tempo para convalecer das feridas, asentarão buscar occasião, e parte em que o cortasse o nosso ferro. Com mil Infantes marchou Andrè Vidal de Negreyros, para a campanha da Parayba em os primeiros de Novembro. A razão das nossas armas buscarem nesta parte o seu emprego, era pela grande copia de gados, que o inimigo apacentava naquelle distrito, desemparado dos moradores, e defendido a sombra das Fortalezas. Foy sentido, e se retirarão todos para as suas fortificaçoẽs, e por esta vez se contentou com faser o daño possivel em toda capitania, e se retirou para o Arrayal com alguns cativos. Nada satisfeito Andre Vidal desta empresa, por que lhe faltarão inimigos que vencer, determinou cometer a força, que o Olandez tinha na Barreta, sahio em dous de Janeyro de 1648 do nosso Arrayal com mil Infantes duas peças de Artelharia, e petrechos necessarios para cavalgar. A primeyra luz da menhãa se começou a bataria da nossa parte, sem que a artelharia do inimigo fisesse tiro que não posesse os nossos em cuidado por não haver lugar seguro senão dentro das cavas, que havião aberto. O Governador dos Indios com a sua gente trabalhava por levar a cava a dezembocar na porta da Fortaleza, deu com tanta agoa, que cobria os joelhos dos soldados impossibilitando-os para não poderem carregar os mosquetes sem que huns sustentassem as armas dos outros, causa do remisso, com que se combatia a Fortalesa. O General Olandez assim como no Reciffe teve rebate do perigo em que estavão os seos, despedio socorro, imaginando se poderia introdusir na Fortaleza pela Ilheta chamada então do Cheira dinheiro, e hoje de Fernão Fragoso, aonde achou a oposição que Andre Vidal lhe tinha prevenido, não so para a resistencia, senão para a investida que lhe fiserão os nossos com tanto vigor que fiserão voltar e fugir ao Olandez que com dobrado poder intentou em muitas lanchas e barcaças que por mar metessem o socorro na Fortaleza, não lhes socedeo como imaginavão, porque a nossa artelharia os fez

apartar da Fortaleza, a cuja vista estiverão ate que a maré descobrio os arreciffes aonde desembarcarão a gente, com ordem que hum e hum os tomassem de corrida. Esta industria atalhou a valerosa ousadia dos nossos, que sem faserem caso dos pelouros, que sobre elles chovião as peças e mosquetes do inimigo, assim como corrião os matavão com horrivel estrago, e tanto que fasendo se em hum corpo buscarão o reverso da Fortaleza, que a respeito nosso lhe servia de muro. O Governador Andre Vidal de Negreyros (que teve aviso do que passava) a força de braço abrio por entre os mangues, que estavão por aquella parte, larga estrada, ainda que molesta, pelo grande lamaçal, que tinha, e com os soldados entrou por ella com intento de acabar com as ultimas reliquias do socorro Olandez; porem receoso do designio, vendo o trabalho, teve tempo para sobir os seos a Fortalesa, levados por cordas, Pelas duas horas da tarde, sahirão duas náos costeando os Arreciffes e varejando as nossas Estancias, com hũa balla despedida dos nossos se hia a pique hũa, e com outra ficou sem masto, e vela grande outra. Sahirão oito náos grandes com intento de introdusirem novo socorro, entrou a noite, e tendo os nossos feito hum grande estrago nos inimigos se retirarão para o Arrayal.

59. No lugar da Boa vista leventarão os nossos, sem serem sentidos dos inimigos, hũa Fortaleza, capaz de sustentar muita artelharia e boa guarnição. Em hũa madrugada roçando o mato, que havia ocultado a obra se derão a conhecer de perto aos Olandeses, com tanta confusão dos moradores da cidade Mauricea, e Reciffe, que sem tino corrião pelas ruas desacordados do temor, que conceberão com a nossa vesinhança. Cresceo este quando na noite seguinte se vio o Palacio do Conde de Nassau, que fica no principio da povoação acometido, e despojado dos nossos, com morte, e fugida dos soldados de duas companhias que o guardavão.

60. Neste tempo entrou pela barra do Reciffe hũa armada olandeza, formidavel a toda a consideração, pela opinião, e pelo numero da gente; mas fiando os Olandeses menos das suas forças, e mais dos seos ardis, escogitarão enganos, arteficios e aparencias com que vencer aos Pernambucanos. Sahirão com hum proveitoso em outro tempo, porem no presente despresado com a experiencia de cavilloso. Formarão um amplissimo perdão que em varias copias mandarão espalhar por diversas partes, pelo qual prometião esquecimentos de culpas, e lembrança de premios, para todos aquelles, que redusidos, fossem ao Reciffe em termo de des dias tomar passa-portes de aliados, e juramento de fieis. Entendião que o temor da sua potencia faria obrar o ardil com efficacia. Passou o tempo, e com pasmo virão não ser de effeito algum a sua deligencia. Com arrogante soberba, e confiada

vaidade entenderão que fora desconfiança e não despreso, não acodirem os Pernambucanos a receber o favor com que a sua potencia os convidava. Julgarão que a promessa geral que não fallava em pessoas determinadas produsiria nos principaes cabeças da sublevação receyo, e que estes passarião a todo corpo da Republica. Mudarão lhe a forma, e dentro em cartas que mandarão a particulares superiores, remeterão o perdão, e em termo certo pedirão as respostas. O theor do perdão, e cartas tradusidas de Olandes em Portugues he o seguinte.

61. A carta que escreverão aos Governadores da liberdade dizia. Por ordem particular que tivemos, mandada a nos, pelos poderosos Estados Geraes, S. Alteza o Principe de Orange, e a Geral outorgada Companhia Occidental, a nos remetida com o poder ja chegado, e outro que estamos esperando, para proceder contra os que se eximirão do nosso dominio, conforme a dita ordem (ja outra vez a todos intimada) em que mandão os ditos Senhores que a qualquer pessoa, de qualquer nação, estado, ou condição que seja, outorguemos em seu nome Perdão Geral de rebelião, desobediencia, conspiração, e qualquer outro delito, ainda que se huã, e muitas vezes cometido. Em comprimento do que, o temos assim consedido, e publicado, e o noticiamos a vossas Senhorias com infalivel certeza, de que tudo da nossa parte sera comprido exactamente, e sobre esta declaração esperamos seis dias pelas respostas de Vossas Senhorias, feita em o nosso Concelho do Reciffe em dous de Abril de 1648.

João Bolestrater

Henrique Homel, Pedro Bekes, Pelo Secretario João Balbekes.

62. Inclusa nesta carta vinha húa copia do edital, que era como se segue: O Presidente, e mais concelheyros que representão o supremo governo nas terras conquistadas, e por conquistar n'este Estado do Brazil. Em nome, e da parte dos Illustrissimos, altos, e poderosos Senhores os Estados Geraes das Provincias Unidas o Senhor Principe de Orange, e Geral outorgada Companhia das Indias occidentaes; a todos os que estiverem presentes, ou ouvirem ler, saude. Fasemos saber, que por quanto a nosso cargo esta a restauração do miseravel estado desta terra, causado pelo levantamento dos moradores de Pernambuco assim Portugueses, como outros que com elles se unirão, todos os quaes contra o Juramento da fidelidade, se apartarão da nossa obediencia, e ate agora vivem protervos na rebelião, causa porque tem encorrido em perdimento de fazendas, e vidas, e em mayores penas pelos enormes crimes, e excessos, que tem cometido contra a nossa nação, durante o tempo deste alevantamento: e não obstante o sobredito, a clemencia dos Senhores Estados Geraes, Sua Alteza o Senhor Principe de Orange, inclinados a humanidade, e Nos ao bem, e conservação dos moradores destas

capitanias, em observancia das ordens recebidas (antes de sahir a campanha a potencia das nossas armas, e por evitar as extorções, que comsigo tras a guerra em daño das gentes, e das terras) de novo offerecemos geral perdão de todos os crimes, e excessos cometidos, de qualquer genero, e callidade que sejão a todos aquelles que dentro em dez dias desistirem da rebelião, sobmetendose ao nosso dominio com protesto e juramento de fidelidade, acodindo no dito termo a pedir passa-portes, e aceytação de fieis vassallos, com os quaes se farão capases de os tomaremos debaixo da nossa procteção, e amparo, para os conservaremos em suas fasendas, Estados e honrras, e para os defendermos em paz, e justiça de todos aquelles que o quizerem opprimir, vexar, ou qualquer outro agravo fazer; na forma em que o fasemos a todos os vassallos dos Estados: para o que se apresentarão deante nos, ou nossos Governadores /pelas freguezias de seos destritos/ todas as pessoas de desaseis ate sessenta annos. E a todos os que assim o não fiserem dentro do dito tempo, havemos por excluidos desta clemencia, e graça offerecida por nos, e em nome dos muy altos, e Poderosos Senhores Estados Geraes, Sua Alteza, e Companhia Occidental. Mas declaramos, que findos os ditos dez dias usaremos do poder, que por mar, e terra temos, o qual para este fim agora nos he mandado, e ainda para o diante esperamos, que venha alem dos soldados, e auxiliares, que de antes tinhamos, para castigar, destruir, a assolar a todos os rebeldes, sem distinção de pessoa, sexo, nem idade, mandando ajuntar os Tapuyas nossos confederados com geral licença, para que possão proseguir na extincção de vidas, e fasendas sem detença, termo, nem dessimulação alguã. Protestando da nossa parte, diante de Deos, e do mundo, seremos innocentes em todas as miserias, calamidades, mortes, deshonrras, injurias, furtos, e exorbitancias, que resultarem de se não aceitar o perdão offerecido, por nossa clemencia, e piedade. Dada em nosso Conselho, no Reciffe de Pernambuco a dous de Abril de mil e seiscentos, e quarenta e oito.

Presidente Vangoch

63. Com desenfado, e despreso responderão os nossos Governadores as cartas, mostrando que nenhum abalo fasia em seos peitos o poder com que os ameaçavão, nem em seos coraçoẽs o perdão que lhes offerecião, pois estavão determinados a não ceder do empenho, em que os pozera a Esperança da restauração da Patria, e da total expulsão delles Olandezes. Asentarão estes que a semelhante confiança não podião faltar fundamentos solidos. Muitos dias os teve suspenços e indecisos a nossa resolução até que se resolverão em sahir a campo. Achava se Sigismundo General de hum Exercito numeroso e lusido, cabos peritos, experimentados e valerosos, officiaes praticos, e destemidos; soldados de varias naçoẽs, porem exercitados, em hũa mesma

disciplina; destes erão muytos os que tinhão /pelos annos, e pelo uso/ inteyro conhecimento da terra, ensinados nas occasioẽs do proceder dos nossos, e do seu estillo, e modo de guerrear. Sabia com individuação, quaes, e quantos erão os nossos cabos, officiaes, e soldados, e as nossas armas, e munições. Sahio pois do Reciffe pela húa hora depois da mea noyte em húa seista feira 17 de Abril de 1648 com sete mil e quatro centos combatentes, alistados em tres terços, dos quaes erão coroneis Vanelles Kevert, Guilherme Autim Vandebrand, Oletz e Brinc. As companhias, de que se formavão erão sessenta e húa, e de retem deixava o Coronel Henrique Hus, (ja livre do nosso poder) com mil Infantes, e ordem que em tempo certo se fosse encorporar com o exercito nos montes Gurarapes, como depois fez. Soldados Auxiliares entre negros e Tapuyas mil e quatro centos, e sete centos gastadores, e para que Henrique Hus não perdesse tempo lhe deixou ordem secreta, que com o seu terço fosse saquear, e passar a Espada toda gente da Varzea, destituida de todo socorro pela opposição que imaginava lhe havia de fazer toda nossa gente no primeiro dia da sua marcha. Foy errado o conceito, e inutil a ordem. Os Escravos que carregavão a bagagem, e a ociosa multidão de gente que com a certesa da victoria, e esperança dos despojos levava a cobiça, e a curiosidade, fazia vulto de outro Exercito, e tudo junto hum corpo de doze para treze mil homens. Levava seis peças de artelharia, com muniçoẽs, armas, e mantimentos de sobre-selente, e muyta quantidade de algemas, grilhoẽs, cadeas, e cordas para prender, e manietar os cativos (demonstração segura de vencer a batalha, com o que se não enganava a si enganava aos seos) com belicosa obstentação de caixas, clarins, salvas, e vozes se formou, e pos em marcha para a sua Fortaleza dos Afogados, meya legoa para o certão sobre o Poente, onde fez alto. Levava a vanguarda o Coronel Venelles com o seu terço. Foy recebido da Fortaleza com tantas salvas, e vivas, que parecia adiantarse o triunfo a batalha.

64. Chegou a vanguarda do Exercito inimigo a picar a Estancia da Barreta, e o capitão della Bertholameo Soares Canha, enganado da imaginação, que lhe pintou ser cometimento de duzentos soldados Olandeses, que de ordinario o inquietavão, com desejo de os castigar os sahio a receber fora da Fortificação com quarenta, e seis soldados, deixando ordem a dous Alferes seos, que com o restante da gente se não movessem do posto q̃ defendião sem expressa ordem sua, e confiado nas sentinellas, que deixara ao largo, de que o inimigo lhe não poderia cortar a retirada, se empenhou com tanta demazia, que o arrependimento o não pode livrar do perigo; nem pelas razoens do sangue posso deichar de lhe condenar o excesso, de se expor (levado de húa

suspeita, que podia ser enganosa) a perigo de perder a si, e aos seos. Quando chegou a descobrir poder contrario, foy a tempo, que ouvio os tiros, dos que lhe cortavão a retirada, e combatião o alojamento, e pelejavão com os soldados que o defendião. O mesmo que para os nossos era o signal da batalha, foy para o General Sigismundo aviso do conflito de que advertido carregou os quarenta e seis soldados com aquelle impetú, a que o incitava a multidão e o dezejo. O Capitão Bertholameo Soares Canha falto de tempo e de palavras para a exortação, animou os seos com o exemplo, e com a espada na mão se meteo pelo Esquadrão inimigo com tal valentia, e destreza, que se deu a conhecer a si pelo estrago, e aos seos pela imitação. Não ouve entre elles quem não vendesse hũa vida por muitas, de sorte que primeyro o Olandez os vio mortos, que rendidos; alguns que dentro de hum alagadiço escaparão com a vida, foy com tanta disformidade pelas muitas feridas, que como a corpos desanimados os olhava a colera. O valeroso Capitão Bertholameo Soares Canha cercado de inimigos os fazia afastar, ou cahir com os golpes da sua Espada, até que os rompeo com espanto dos Olandezes. Estimouse o valor, e se lhe deu quartel contra o parecer de muitos, que com baixos Espiritos desprezavão a honrra por seguirem a vingança. Os que forão envestidos na Estancia, sustentarão o combate, com admiravel constancia, ate que vencidos do excesso buscarão nos matos o reparo, que lhes faltava no alojamento deixando na pendencia alguns dos seos mortos e cativos.

65. Celebrou o Olandez este sucesso por fausto principio da sua empresa. Quarenta e sete mortos servirão a victoria, e sete prisioneyros ao triunfo, estes mandou enforcar a vingança; pequena recompensa do grande estrago, que no inimigo fez a nossa Espada. O valeroso capitão Bertholameo Soares, na noite de sabado rompeo as prizões e com a espada abrio caminho para se por em salvo, ajudado de hum seu escravo que no choque da Barreta havia recebido sinco feridas. A soltura do prezo e valor com que rompeo as guardas, deu motivo para que as sintinellas tocassem rebate, e pusessem todo seu Exercito em arma com sobresalto de se imaginar investido da nossa gente. Chegou ao nosso campo, referio o poder do olandez, e o pençamento com que seguia, com tudo mais, que ate aquella hora tinha socedido. Com a certeza de que o inimigo nos tinha degolado o presidio daquella Estancia, não ouve soldado, a quem a nova não alvoraçasse, com desejos de vingança. Sem fazerem caso da limitada porção que se dava, tomarão as armas, e formados marcharão com todo poder (constava de dous mil e quinhentos homens, Portuguezes, Indios, e pretos) para guarnição dos presidios deixarão na Fortaleza do Arrayal a Manoel Ribeyro com a gente precisamente necessaria. Levando a vanguarda o Governador

Andre Vidal de Negreyros marcharão a passo largo, e forão acampar nos montes Guararapes em forma prolongada. A pouco espaço de tempo, tocarão arma as nossas sentinellas, avisando da marcha do Olandez, e juntamente sessenta mosqueteiros, que forão mandados a descobrir campo, derão a primeira carga na vanguarda do inimigo, e se retirarão com tanto acordo, que o inimigo presumio erão reliquias do choque passado, com o que irado os mandou avançar, porem elles sem perderem o compasso da retirada, nem o emprego dos tiros, de rosto a rosto lhe forão reprimindo o orgulho, e trazendo-os a hum boqueirão formado nos montes por onde os nossos havião entrado, no qual recolhidos deixou o olandez de os seguir.

66. Já nesta hora occupava a nossa Infantaria toda ladeyra do monte em forma de peleja, coroavão-se as eminencias dos montes de Olandeses, occupada a campina pela frente do mais lusido da sua Infantaria, as seis peças de artelharia compunhão temoroso solio ao Estandarte General, os officiaes montados, e vestidos ao lustroso, e valentes vagavão por entre os Esquadroens, tão certos na victoria, que entre os despojos da batalha se acharão alfayas, moveis, e serviços de casas mudadas. A nossa gente tinha o numero na substancia, e não na aparencia, sem poder sustentar mais tempo os nossos o ardente desejo de pelejar com o inimigo o cometerão por todos os lados, com aquelles instrumentos, e vozes, que inventou o furor para influir na obediencia, e na ira. Moverão-se huns e outros Esquadroẽs. Esquecidos do perigo rompião os nossos por nuvens de ballas, e fumo, sem que algum levasse a arma ao rosto. Quando ouvirão o sinal esperado, que se deu a tempo, não deixou a proporção da distancia perder tiro, derão conformes hũa carga, com tal effeito, que a turbação, e desordem dos Esquadroẽs contrarios mostrou que podera mais a perda que a ordem. Dada a primeira carga, investirão a Espada com tanta valentia e esforço, e vigor, que em breve tempo romperão os Esquadroẽs inimigos, fasendo cada hum dos nossos caminho tão largo, quanto o media a extenção da Espada. Meya hora sustentou, o inimigo a resistencia em duvidosa batalha, virão na oposição a morte certa, e forão largando o campo, e desembaraçando os montes com retirada mal socedida, por que a disposição das ladeyras, os sobmetia debaixo das espadas, que nelles descarregavão com tão alentado pulso, que se não via distinção entre ferir e matar. Ja neste tempo o cortar não era vencer senão destruir.

67. Não andavão as armas menos quentes na campina, sustentava o inimigo o posto com obstinação, e não com a esperança, por que se fasião rosto ao perigo era constrangidos das reprehençoẽs, e ameaços dos seus cabos, que os obrigavão com a injuria, e com o exemplo.

Não poderão os Olandeses sustentar por mais tempo o peso de nossas armas, rotos e desbaratados se puserão em desordenada fugida, deixando nos no campo a artelharia, a bagagem, e seu Estandarte General, que das maõs do seu Alferes tirou um sargento nosso. O praser com que os nossos apelidarão a victoria foy a causa de que o inimigo se cobrasse no uso da sua artelharia, e o ouvera de ser de nossa perdição. Escondido aos olhos, e as noticias da nossa gente tinha o Olandes em hum valle catorze companhias de reserva, com estas se forão encorporando todos os inimigos, que o conflito deixou com vida; seguia-os o nosso alcance, sahio o inimigo a rebater o nosso impetu, e foy carregado de pesados golpes o terço de Henrique Dias, que lhe fasia rosto com militar retirada. O General Sigismundo novamente formado, e com nova furia nos avançou pelo raso, vio se brevimente quebrada a sua valentia pelo esforço, com que os nossos o receberão, e foy tal a opposição, que presumio Sigismundo que ou a nossa gente libera novos alentos no trabalho de todo aquelle dia, ou se havia poupado so para aquella hora. Os olandezes resolutos a morrer ou vencer, desestimavão a vida, nas pontas da nossa espada os metia a sua colera, cahião os primeiros, e logo os segundos sustituião o lugar. Porfiava o conflito, despresando se o espanto que causava a todos o confuso estrondo dos instrumentos marciaes, o retumbar das peças, o fusilar dos tiros, o retinir dos golpes os gritos dos cabos, o gemer dos feridos, e agonisantes, causava hũa pavorosa dissonancia. Era tamanha a confusão, que pelos golpes, e pelos pulsos se conhecião os braços, e não pelas pessoas. A nenhum deixava a vesinhança escolha e cada qual se valia da arma, que lhe permetia usar a distancia, e talvez se vinhão a braços aproveitando se a colera de unhas e dentes. Fez o inimigo pé atras, tocando a retirar, formou novamente os seos, e tocou a investir, avançou furioso aos nossos não só achou resistencia senão repulsa e castigo; os mais atrevidos erão os mais castigados. O lugar de mortos e feridos occupavão outros sãos, e folgados; os nossos em vez de affroxarem com a perfia, se irritavão com a pertinacia. Cinco horas havia, que durava a batalha, e nellas se virão os nossos por poucos alguãs veses tão apertados, que se temerão perdidos; mas sendo cada Pernambucano hum Hercules invencivel não havia forças que os podesse vencer. Com propriedade de rayos buscavão os nossos cabos a resistencia mais dura, para a romperem mais violentos. Deixou a ira abrir os olhos ao General Sigismundo, e conheceo o grande daño que tinha recebido pela falta que lhe fasião os mortos, e pela queixa com que se lastimavão os feridos, sendo muyto poucos os que sem ella, os podião ouvir, e hum delles o mesmo General, ferido no artelho do pe, com golpe, que se lhe não tirou logo a vida,

lhe deixou bem que sentir ate a morte. Augmentou se lhe a magoa com a certesa de que seos coroneis Henrique Hus, e Vanelles ficavão mortos no campo, e o ficaria tambem Kever, se hum capitão do terço de João Fernandes Vieira, o não tirara das maos dos soldados despojado ja das galas, e das insignias, e o não apresentara ao seu Mestre de campo. Com a falta destes vio tambem a de cento, e oitenta officiaes de sargento para sima, e a de trinta e tres bandeyras, com o Estendarte General, que da mão do seu Alferes arrebatarão os nossos. De sãos, e feridos formou um Esquadrão, a cujo vulto fiava a persuação do engano, que era mostrar, que ainda esperava pelejar. Com esta frente, esperou a noite e coberto do escuro, e acompanhado do silencio se pos em fugida para o Reciffe. Acaso o picarão vinte soldados pela retaguarda, e imaginando que maior poder o seguia, fugio com tal desatino. que deixou muitos feridos, e as poucas armas que levava para caminho mais ligeiro.

68. Aclamousse entre os nossos a victoria com todas as demonstrações de alegria, e de gratificação a Deos, confeçando recebella da mão do Altissimo. Deixou o inimigo no campo mil e duzentos mortos, sem entrarem nesta conta os muitos, que esconderão os matos, e retirarão para o Reciffe, onde morrerão depois innumeraveis das feridas que receberão na peleja. Não se pode dar numero aos feridos, por que rarissimos escaparão de o ser. Os despojos não parecerão de Exercito guerreiro, senão de cidade pacifica. Entre os prisioneyros foy o seu coronel Kever o principal. Custounos a victoria oitenta e quatro mortos, e os feridos de quatro centos passarão. Concedeonos o Ceo esta victoria em o Domingo da Pascoella 19 de Abril de 1648, gloriosa para todo Estado do Brazil, porque nella escreveo a Espada Pernambucana com o sangue olandez a sentença de pleito tão renhido. Utilissimo para o Reyno de Portugal, porque lhe julgou o seguro dominio deste grande o opulento Estado; é glorioso para a nossa Patria, por que nella cada hum dos seos naturaes bem mereceo o nome de heroe, de lial, de valeroso e de benemerito vassallo da corôa Portugueza. Os casos particulares fez o valor comuns; por que todos obrarão maravilhas. A todos deve a Patria gratas memorias, e a Monarchia incorruptiveis Estatuas.

69. Pelas mãos da incredulidade se derão e receberão as novas da victoria na Bahia, como sonho as avaliava quem com mais atenção as ouvia, até que com certeza as divulgou o conde de Villa Pouca. Fora o sucesso tão alheo da esperança de todos, e do conceyto do Governador do Estado, que informado da desigualdade do poder, certo que seriamos vencidos, mandara hum capitão com duzentos soldados, assegurar a passagem do Rio de São Francisco, para que podessem melhor passar os nossos para as partes da Bahia, quando escapassem das mãos

do Olandez. Foy a nossa victoria festejada na Bahia do conde General, da armada que nos havia deixado sem socorro, passando ao largo quando veyo de Portugal, dos soldados, e do povo, enchendo os ares de vivas, as ruas de festas, e os templos de lagrimas, com que gososos e cumpungidos tributavão a Deos as graças de tamanho beneficio. O mesmo effeito causou a nova em todas as povoações do Estado, por que todas intereçavão no nosso vencimento.

CAPITULO 10

CONCEGUEM OS PERNAMBUCANOS OUTRAS VICTORIAS

70. Com lagrimas, prantos e luctos, foy o General Sigismundo recebido no Reciffe, porque não havia pessoa, a quem não alcançasse a magoa. Vio a todos tão queixosos, e cahidos de animo, que temeo os perniciosos effeitos do temor, e da desconfiança, excogitoua o reparo, e conferido seu pençamento com seos cabos, assentarão que sem interpor dilação se empenhassem a tomar Olinda por entrepresa, pois estava sem presidio para a resistencia, nem promptidão para o socorro. Escolheo o General para esta facção soldados de valor, e officiaes de reputação; na tarde do mesmo dia sahirão do Reciffe, marcharão pela praya, entrarão pela cidade sem achar pessoa, que os encontrasse, por que alguns soldados que nella ficarão se tinhão recolhido no reduto de João de Albuquerque. Com grandes demonstrações do gosto, festejou Sigismundo o suceço, encarecendo os interesses, e conveniencias de ficarem senhores da povoação, mas não lhe durou o festejo mais tempo, que o que tardarão os nossos em vir sobre elles, e o fiserão com impetu tão acelerado, e violento, que sentindo o Olandez sobre si a nossa Espada largou a Cidade, e com precipitada fugida se recolheo outra vez no Reciffe. Cento e sessenta olandezes deixou estirados no campo o nosso ferro, e a este respeito se podem contar os feridos. Custou-nos a restauração de Olinda sette feridos. Deixou-nos o inimigo quase todas as armas, de muniçoẽs, moveis, e mantimentos não levou couza algũa. Guarneceusse Olinda, e ficou tão abatido o orgulho Olandez como o deixou a renovação da primeira chaga com esta segunda ferida.

71. Havia chegado de Olanda hum coronel, homem de grande opinião entre os seos; foy recebido mais com desmayo, que alvoroço; os lutos manifestavão a tristesa, os prantos a desgraça, informousse da cauza, gastou poucas palavras de comprimento, e com as da altiveza disse ao General, que não haveria juiso, que se pudesse persuadir, que quatro paisanos, bisonhos, despidos, e famintos havião

contrastar o poder da Olanda, que fasia tremer a toda Europa; e que para as naçoēs do mundo seria ouvido em todo tempo com irrisão, e despreso, a pompa, e gastos com que Olanda viera sepultar sua opinião nos mattos de Pernambuco. Ouvio Sigismundo o arrogante coronel, e lhe respondeo que o despreso, com que tratava aos Pernambucanos, elles responderião por si mesmos, que de seos soldados era hum Henrique Dias, Governador de hum terço de pretos despidos e descalços, que sahisse a chocar com elles, e depois os estimasse pelo que merecessem, e do que lhe sucedesse inferisse pelos pretos, que homens erão os brancos, para o que lhe concedia a escolha, e o numero dos soldados que quizesse levar, mas que se guardasse não viesse com as mãos amarradas levandoas soltas.

72. Com presunçoēs soberbas aceytou o coronel o offerecimento, escolheo os soldados de que tinha mais satisfação, gastou alguns dias em os exercitar nas armas, e aprestado de tudo o que lhe pareceo necessario, sahio do Reciffe com dous mil Infantes em vinte e hum de Mayo dia da Ascenção do Senhor, marchou para a Estancia de Henrique Dias; a poucos passos deu com as suas sentinellas, e as seguio ate se recolherem dentro das trincheiras; foy recebido de hũa, e muitas cargas de pontaria tão certa, que vio cahidos muitos dos seos. Já o coronel estava menos ardente, e lhe entravão os frios quando vio que Henrique Dias sahia das trincheiras a dar lhe as boas vindas na campanha. Cerrarão os pretos com tanta gentileza, que ao primeyro encontro se considerou o Olandez perdido, carregado com pesados golpes largarão o campo, e virarão as costas, sem que a pressa lhe desse lugar a retirar os mortos. Fugio vergonhosamente para a sua Fortaleza da Barreta aonde vencido, e obstinado escondia o medo proprio, condenando a fraqueza, e pouca disciplina dos seos.

73. Confiado segunda vez na multidão dos seos, impaciente de que tão poucos vencessem a muitos, deu nova forma a sua gente, e tocou a investir, foi desta vez recebido como da primeira, horrivel foi o combate pelo estrago, e pela tenacidade. O general Sigismundo que estava na cama, e com o sentido no conflito, inferio o sucesso pela dũração, despachou ordem ao coronel, que logo se retirasse, o que elle logo fez, passado de hũa balla pela garganta o carregarão os seos, bem merecido castigo da sua soberba, e vaidade. A sua perda foi concideravel, a que ouve da nossa parte forão sette mortos, e vinte e sinco feridos.

74. Duro freyo foi em todo tempo para o olandez a Estancia de Henrique Dias. Era a mais vesinha do Reciffe, em tal sitio, e em tal forma, que não sahia olandez por aquella parte, que não cahisse nas maõs dos seos soldados. Metidos estes valerosos pretos pelos lodaçaes

ate a cinta se emboscavão entre os mangues (arvores que tendo as raizes na agoa salgada, conservão todo anno hũa aprasivel verdura) tão perto das suas fortificaçoẽs, que não movia o inimigo hum pé, que logo o não sentissem. Nelles tinhão socorro, e seguro todos os que se querião passar da nossa parte; e morte, ou captiveiro os que sahião a faser qualquer serviço. Insofrido de jugo tão pesado, e daño tão certo, fez o General Sigismundo todo possivel pelo atalhar, sem nunca o poder conseguir. Por muitas vezes os assaltou com groço poder, e na resistencia encontrava sempre o estrago dos seos. Em desoito de Agosto veyo sobre esta Estancia com dous mil e tantos soldados escolhidos, sahirão os pretos a recebello em campo aberto, com desenfado e galhardia, retirousse deixando cincoenta mortos na campanha, e levando muytos mais feridos. A continuação do castigo, os fez desistir do empenho, mas não deixar a memoria dos Pretos, que não sabião dar quartel a hereges, por que só com lhes tirar a vida se satisfazião. No principio da guerra a todos que matavão, cortavão as cabeças, e com èllas nas pontas das lanças andavão pelas portas dos moradores, das quaes se não apartavão sem algum estypendio. Custou muito aos superiores apartallos desta ferocidade, e reduzillos em algũa parte aos perceytos da milicia, porque emperrados nem davão, nem queriam quartel dos olandezes.

CAPITULO II

CONSEGUEM OS PERNAMBUCANOS GLORIOSAMENTE A RESTAURAÇÃO DA SUA PATRIA

75. Não sabião os olandezes atinar com o remedio para se restituirem suas antigas prosperidades, quando vião que nem ardis, nẽ armas erão bastantes para adiantarem os seos intereces, e esperanças. Acendeo se entre os particulares o desejo e pratica de intentarẽ outra vez a sugeição da nossa campanha. Fomentava este pençamento o coronel Brinc, que governava as armas pelo impedimento de Sigismundo, que lhe não deixava dar passo sem animo; pareceo-lhe que poderia merecer a propriedade do lugar, se emendasse as quebras do posto, e da pessoa; elevado da ambição, aprovava na opinião, e influencia, no parecer do povo. Neste tempo fogirão do nosso Arrayal para o Reciffe dous Italianos, e publicarão que a mayor parte da nossa gente andava remontada por falta de mantimentos, noticias com que Brinc esforçou muito a sua pertenção exagerando a oportunidade do tempo. Os do governo namorados das razoẽns, e da viveza do coronel, lhe derão poder para que dispuzesse a empresa como mais acertada lhe parecesse.

76. Fogoso, e altivo com o supremo mando determinou tudo, que lhe pareceo necessario, e conveniente para hũa empresa de tanta expectação; e em dezoito de Fevereiro de 1649 sahio do Reciffe com sinco mil homens de guerra, todos soldados escolhidos, e settecentos gastadores. Dos homens do mar formou um terço, e por coronel o seu mesmo Almirante, e duas tropas de negros seos escravos, seis peças de artelharia de bronze. A sua vanguarda constava dos homens mais corpulentos, e robustos, e destros, armados de partasanas, alabardas, e chuços, para descomporem, e rebaterem os golpes das nossas Espadas, e de semelhantes compós a frente de todos os Esquadroens; marchou para a Barreta, e tomou o caminho para os Guararapes. Ao mesmo tempo que se recebeo a noticia se tocou arma no nosso Arrayal, e sem controversia se resolveo se seguisse o inimigo athe lhe dar batalha. Constava o nosso poder de dous mil e seiscentos homens entre Portuguezes, Indios e Pretos. Pelas quatro horas da tarde chegou o nosso Exercito ao primeiro monte, ja nesta hora tinha o inimigo ocupado as montanhas vezinhas, e as fraldas dos montes, pela parte que fasia frente ao boqueirão aonde na occasião passada carregou a mayor força da batalha. Não sofrião os nossos detença em envistir o inimigo. Vio o Governador Francisco Barreto de Menezes os soldados alvoroçados, e fogosos, mandou tocar a envestir, sinal a que obedecerão mais de voo que de passo, descobrio o inimigo o avanço a tempo que a investida o buscava, travousse a peleja com desesperado furor. Em igual balança, se sustentava o combate de hũa parte com o valor, de outra com a multidão. O sangue de hũa e outra gente mostrava a colera de todos, de nenhum a ventagem, esperando a victoria os inimigos pelo numero e pela constancia; o nossos pelo costume; como se a natureza os produsira, davão aquelles montes inimigos, do estrago de huns Esquadões nascião outros. Para os Olandezes que hião de vencida era alivio o morrer, tal era o horror do seu estrago. Para os vencedores deleito o matar, tamanha era a sede da sua vingança. Oprimido o inimigo da nossa violencia, largou o campo, e virou as costas, com o que em todas as partes se via estrago sem batalha. Não havia contrario que o quisesse parecer, as armas que os acusavão inimigos deitavão longe de si, para que os não vissem opostos; os cançados e feridos com submições fazião da necessidade virtude. Desatinados e perseguidos do horror, do estrago, e da sombra do ferro corrião a precipitar se nas cavernas das montanhas, nas quaes primeiro achavão a sepultura, que a morte. Os nossos que por todas as partes seguião o alcance, já cativavão com despreso, já matavão sem colera; nos Indios e Pretos exprimentavão os tristes vencidos mais viva a perseguição; por que como a caça de feras, os buscavão e

matavão. Parece, que não virão os olhos /em seu tanto/ campo de batalha em q̃ se conciderasse tamanho estrago.

77. Durou a batalha sette horas, quarenta e sette mortos nos custou a victoria, entre elles o sargento mor de Andre Vidal, Paulo da Cunha, duzentos e sete forão os feridos. Deixou o olandez no campo por cima de dous mil mortos; hum delles o coronel general Brinc, os feridos se não forão todos os que livrarão da morte, ficarão muy poucos por asinalar. O de mayor nome foy o coronel Authim atravessado pelo pescoço de hũa balla, que sem fazer nova chaga, lhe abrio segunda vez a ferida, que recebera na batalha passada no mesmo campo. Entre os despojos forão dez bandeyras, e de mayor estimação o Estandarte General. Seis peças de artelharia de bronze, armas de toda a casta sem numero, munições de todo genero, mantimentos em grande copia.

78. Subio esta victoria a opinião do valor dos Pernambucanos, e a reputação das armas Portuguezas. Aquelles officiaes olandezes, que escaparão da batalha dizião que nunca virão, nem ouvirão o que experimentavão em Pernambuco; porque nunca se vira gente que sem ter conta com o numero, nem com o perigo, romper formidaveis Esquadrões, sem temor de ballas, e sem fazer caso de piques, pratazanas, chuços, e dardos, que abatião com as espadas, como se a sua vontade obedecerão os pulços alheos, e proprios; e a morte e a fortuna estiverão as suas ordens. Que entre as outras gentes andavão os Exercitos a vista mezes, e annos, passando os dias em leves escaramuças, até que ultimamente se dava huã batalha campal; e que não poucas vezes se desfaziam os Exercitos com mutua retirada, temendosse de hũa e outra parte a contingencia de hum conflicto. Mas que os Pernambucanos, não gastavão mais tempo em envéstir hum Exercito, que aquelle que tardavão em avistar o inimigo; sem haver conciderąção, nem reparo que lhes detivesse o impetu, o que testemunhavão tantas batalhas entrando nellas como se entrarão em algum jogo festivo, e concluião, que em nenhũa parte do mundo dava a natureza semelhantes homens, provida em serem poucos, que a não ser assim, seu coração e seu braço os tiverão feitos senhores do ambito da terra. O General Sigismundo /com mais larga experiencia/ disse aos do Concelho do Reciffe, que os Senhores da Companhia occidental, não tinhão que esperar outros sucessos, de gente tão resoluta, e valerosa, nem de empreza tão custosa, em que sempre havião perder como a todos ensinava a experiencia de tantos annos, em que sustentavão a guerra com armadas copiosas, e repetidas; com dispendio de milhões, perdendo batalhas, armas, Fortalezas e gente em grande numero, e que assim como o dizia a suas Senhorias, o dizia, e tinha escrito a Olanda para que se dezenganassem.

79. Desde este tempo gastava o Olandez os dias em conciderar,

e sentir o Estado, a que o tinha reduzido as nossas armas; via o General o pouco que ja podia obrar; não sofrião os do Governo a inutilidade do excesso no dispendio que fasião a companhia as pagas ordinarias, o sustento da gente, a concervação, e reparo dos navios, sem que do mar, e da terra podessem esperar o menor lucro. Intentarão varias sortidas, sahidas, e assaltos por todas as capitanias, e exprimentavão que todas as suas facçoẽs erão para nos multiplicar victorias, e a elles perdas, mortes, injurias, e affrontas. Desesperados com o ruim suceço de todas as empresas, que intentavão, apertados do cerco, aperto, e consternação, em que se vião, ajudados dos temores, e clamores que o povo do Reciffe levantava vendo já sobre si a nossa espada, se resolverão a entregar com as mais favoraveis condiçoẽns, que podessem conseguir, receando que o não fasendo logo ficarião em pior estado do que ao presente tinhão. Resolvidos a entrega das nossas praças, pedio suspenção de armas, para mandar um Enviado; veyo este ao nosso Arrayal, de pé o ouvio o Mestre de Campo General. Falou e disse: que sua Senhoria nomeasse tres deputados, para virem a falla com outros que sahirião do Reciffe. Foy mandado para o Congresso Andre Vidal de Negreyros, Affonço de Albuquerque, e o Ouvidor Geral Francisco Alveres Moreyra, e por Secretario Manoel Gonçalves Correa, os quaes no dia vinte e quatro de Janeiro de 1654 forão para o posto destinado, aonde já os esperavão os deputados do Olandez: Gisberth With, Presidente do Concelho Politico, o Capitão Governador das sinco pontas Vouter Vanlo, o Thenente General Vandervaut, e por secretario Brest superior dos Escabinos. Congregados os oito se determinarão as capitulaçoẽs, conferidos os capitulos de hũa, e outra parte, e com negar e conceder se ajustarão, e se firmarão no dia seguinte. Amanheceo a terça feyra vinte e sette de Janeiro de 1654, e neste dia se vio, como em hua hora se desvanesse toda gloria do mundo, e que não é necessario muito tempo para o mais levantado se ver mais abatido. Vencedores, e vencidos madrugarão naquelle dia, huns por que os despertou o alvoroço da posse; outros por que os afligio a vesinhança da perda. Quase todo o dia de vinte e sete se gastou em tomar posse das Fortalesas: e forçado do tempo dilatou o General Governador a sua entrada para o seguinte dia vinte e oito de Janeiro, em que sahio do seu quartel com authoridade de General, e galas de soldados; asestido dos cabos, e da cavallaria que militava, caminhou para o Reciffe. Na entrada da cidade Mauricea o sahio a receber o General Sigismundo a pe como cahido, humilhado como sogeito. Apeousse o nosso General, e dando sua mão direyta ao General Olandez, caminharão para o Reciffe, pela ponte, que o divide da Cidade Mauricea, no meyo della o esperavão os Ministros do Concelho

Supremo, e Politico, que recebeo com agrado e cortezia, e os foy levando pelas portas das suas casas, ate que se recolheo ao Palacio da praça do Corpo Santo que os esperava rica e vistosamente adornado.

80. Neste dia renderão os Pernambucanos as Fortalêsas do Reciffe, Altamar, Affogados, Azeca, Brum, Perresil, Buraco, e os castellos do mar e terra; a cidade Maricea, e Reciffe com todos os Fortins, Plataformas, e batarias, com que se guarnecião. Cortou tão largo a nossa espada, q̃ já sucessivamente tinha despejado o inimigo de mais de trezentas legoas de costa, com as Fortalezas, que nella levantarão e possuirão. Juntamente renderão as cidades de Olinda, Parayba, e Rio Grande; as famosas villas do Penedo, Alagoas, Porto Calvo, Serinhem, Tamaraca, e Igoyana, a Ilha de Fernão de Noronha, e capitania do Ceará. Aquella potencia que o mundo julgava invencivel, aquella nação, que apostou ventagens com a mayor potencia da Europa, defendida de insuperaveis Forças, asestida de valerosos caudilhos, de repetidas e poderosas armadas, de exprimentados capitaens, de destemidos soldados, de immensa quantidade de muniçoes, e de avantajados premios, puserão debaixo de seos pes poucos Pernambucanos, sem perceyto que os obrigasse, sem Principe que obedecessem, nus, descalços, famintos, despidos, desarmados, faltos de socorros, e sem alguã esperança de premio.

81. Não sey eu, pondera hum grave Autor (Fr. Raph. de Jes.), quando a fidelidade se vio mais apurada, nem quando a paciencia militar mais sofrida. Nunca o valor dos homens sobre sahio mais esclarecido, que nesta occasião. Tudo quanto a antiguidade nesta materia nos deixou escrito para asombro das idades, chegará quando mais, a ser sombra do que obrarão os Pernambucanos, quando opprimidos dos olandezes. Que vassallos ouve no mundo, que em rasão de vassallos, se possão comparar com os moradores de Pernambuco, que no mayor desfavor do Principe, na mais dilatada perfia de tribulaçóes perdessem fasendas, e offerecessem vidas por não faltarem a fidelidade, avaliando por menos sensivel a perpetuidade do perigo, e a continuação da perda, que a observancia da lialdade. Digão-me os noticiosos em que idade tiverão os Principes semelhantes servos. A que gente não alterou o animo, nem a falta do socorro, nem o despreso do serviço, nem a desesperação do premio para abrir em seu peito a menor brecha, por onde podesse entrar, o minimo pençamento de infedelidade? Que coraçoés achou a Experiencia /entre os de todas as naçoés/ sempre firmes no serviço da sua Patria, quando por espaço de vinte e quatro annos, huás veses sugeitos a tirania, outras a necessidade, constantes nos infortunios, vigorosos nos trabalhos, incansaveis na tolerancia, despresados, famintos, e despidos, rogados da abundancia,

e comodidade, sem quė por imaginação claudicassem na firmesa de leaes ; mais promptos em dar a vida, que em resolver a treyção. Resolutos em tomar as armas, a beneficio da sua liberdade, sem imperio que os obrigasse, sem esperança que os persuadisse, e sem premio que os disposesse, continuarão hum, e muitos annos, de noite e de dia, com as armas as costas, sem recusarem as marchas, sem fogirem as expediçoēs, sem temerem os perigos, vencendo as oposiçoens do tempo, e da fortuna. Nas ditas comedidos, nas desgraças animados, nas ordens obedientes, nos trabalhos alegres, nos castigos reportados, na disciplina observantes, nas occasioēs valentes. Nunca vencidos do medo, sempre vencedores do perigo. Nos encontros mais animados, sem terem conta com o numero, a tinhão so com a honrra, avaliando o poder inimigo por contrario, mas não por desigual, olhavão o excesso para o vencer nunca para o recear. Que valor foy semelhante a seu valor? Julgava sua ousadia que nem as ballas dos inimigos ferião, nem suas espadas cortavão, tão senhores do proprio perigo, e do poder alheo, que nunca a desgraça os achou sem animo, nem o infortunio sem ordem. Em fim, que em todas as idades, e a todas as naçoēs do mundo podem servir os Pernambucanos de exemplo na fidelidade, no valor, na disciplina, na constancia, na Fe, e no sofrimento, que não importa que os Antigos fossem primeyros no tempo, como fiquem excedidos de ventagem, pois he certo que não adianta a idade, senão o merecimento.

CAPITULO 12

CONTINUA A MESMA MATERIA

82. Verdade he, que interpos a omnipotencia divina muitas vezes em nosso favor extraordinarios auxilios, porem esse he o nosso mayor brazão. Taō unidos estavão os interesses do ceo, com os de Pernambuco, se explicava como seu auxiliar o mesmo ceo. Os Inclitos Martyres Santos Cosme e Damião, o Glorioso Portugues Santo Antonio, ou com o suor do rosto de suas Imagens, ou com a improvisa abertura das portas de seos Templos davão a entender que sahião comnosco a campanha, e pelejavão a nosso favor. E que grandesa iguala a ser vista a serenissima Raynha dos Anjos, May de Deos, e Senhora nossa, na batalha das Tabocas, entre os nossos Esquadroēns, vestida de azul, e branco, com seu bendito filho nos braços, acompanhada de seu bemaventurado Esposo S. Jose, na representação de hum autorisado varão, repartindo pelos nossos polvora e ballas? Que maravilha mayor, que

no mais apertado conflito da batalha no Engenho de Anna Paes, verse o rosto de huma Sagrada Imagem da Senhora, a que o hereje havia cortado os braços, e nos seos a sustentava um devoto morador, coberto de perolas, ou pingos de suor, que hũas a outras succedião, para com esta prodigiosa demonstração influir nos nossos zelo, e coragem, com que vencerão seos inimigos? Que favor semelhante, fazer se Maria Santissima na batalha dos Guararapes, auxiliar nossa, animando os Pernambucanos por entre seos Esquadroẽs, com pasmo, horror, assombro, e confusão dos hereges, que contra esta bellissima Senhora disparava o seu odio ballas, que a May de Deos recebia em seu precioso manto, para as repartir com os seus fieis escravos? Por este maravilhoso modo era o empenho da guerra de Pernambuco comũm a triunfante milicia do Empyreo, por que juntandose nos Pernambucanos os dois motivos do amor da Patria, e zelo da Religião, quanto para si ganhavão de terreno, tanto augmentavão ao ceo o culto.

83. Porem nesta sua cauza, e dos Pernambucanos, dispençou Deos com sabia conducta suas asistencias extraordinarias; de modo que sempre ficava muito que vencer as nossas naturaes forças. Tomava a omnipotencia a seu cargo, não as emprezas comũas, nem ainda as mais arduas, senão as impossiveis, deixando por conta do valor dos Pernambucanos tudo aquillo de que o humano esforço he capaz. Milagres fazião os Pernambucanos com o seu valor, e donde não alcançava o valor obtinhão de Deos outros milagres de superior ordem. Assim se virão na nossa Patria maravilhas todo tempo, que foy necessario, para a total restauração destas praças, maravilhas do esforço humano, e maravilhas da virtude divina.

84. Cahio Pernambuco da sua primeyra grandeza, porque nada ha permanente no mundo, nem o Imperio he firme, nem a grandeza he constante. O que se julga mais seguro, esse he o mais arriscado, nenhũa potencia tem reparo, que a exceptue dos golpes das adversidades; gravissimos forão os com que a fortuna ferio Pernambuco, mas como fosse arvore de rayzes muy profundas, ainda quando mais impetuoso o asaltou o vento das perseguiçoẽs, estas nem o dobrarão por fragil, nem o renderão por fraco. Conheceo que os trabalhos são o golpe, com que se descobre o brilhante ouro da constancia, e que Deos pela medida do valor, e virtude, corta os trabalhos; e recebeo estes como aplicados por aquella divina mão, qun com as penas toca o instrumento, que forma a suave armonia do ceo. Com quatro asas nos descreve o sagrado texto aos Querubins, e aos Serafins com seis, para que, como as asas se formão das penas, entendamos, que sendo os Serafins mais amantes, mais asas, e por conceguinte mais penas havião de ter. (Exech. c. 10. Isai. c. 6). Não fia Deos grandes empresas

de corações, què não são fortes. Ao Diabo deu permissão para que ao valeroso, e paciente Job atormentasse com toda sua ira, industria e furia; por que era Job aquelle esforçado varão, que a nenhúa bataria de adversidades rendia seu forte, e constante animo; se os Pernambucanos não forão tão constantes na Fé, tão amantes da ley divina, tão firmes na lialdade. e tão valentes nos infortunios, não fiaria delles o Senhor o combate de procellosas ondas das mayores infelicidades, e tiranias, que ja mais ouvirão os seculos.

85. Conquistado Pernambuco pelos Olandeses ficarão os Pernambucanos sugeitos a todo rigor das armas, e da tirania heretica. Procurou todos os meyos de extinguir os exercicios da Religião Catolica. Permitio sinagogas em que os Judeos com publicidade exercitassem seos condenados, ritos, não sofrião o uso da Religião Catholica, nem ainda nos mais secretos retiros. Perseguio, desterrou, e matou os sacerdotes, e Religiosos. Manda por todas as partes pregar a torpe doutrina das suas seytas. Prohibe o recurso aos superiores ecclesiasticos. Desconhece totalmente as leys da Justiça, a nenhúa pessoa dava o que era seu, com o braço da Justiça roubava o alheo, em todos os Tribunaes presidia a ambição, injustiça e crueldade. Se algum queria ferir, matar ou roubar concertava-se primeyro com os Ministros da Justiça, e pago de ante mão o delito, o cometia com seguro. Pronunciavão pelo dictame de sua malicia as mulheres casadas da mais clara honestidade, com fingido respeito, buscava hum de seos Ministros sua casa, e lhe mostrava na devaça provado o delito; as innocentes Matronas vendo posta em maos tão infames a sua opinião, compravão a reputação a peso de ouro. Tres veses por editaes, e bandos tomarão as armas aos moradores, prohibindollas com pena capital, e perdimento de bens, mandavão esconder alguá, perto da casa de qualquer vesinho, que querião despojar da vida, e fasenda, e descoberto a seu tempo executavão a injustiça, sem appellação nem agravo. Vião passar pelas suas portas hum morador bem tratado, chamavão-no, e tanto que o tinhão dentro de casa, escondiase o marido, e gritava a mulher, que a solicitava, ate que as vozes acodia o marido, e vezinhos, e não livrava o inocente sem primeyro lhes fartar a cobiça. Criarão se aos peitos do Imperio e ferocidade olandeza tão horriveis deshumanidades que as teme a concideração, e referidas todas não acharão credulidade. Andava a razão tão prostrada a vista do apetite, que igualmēte despresava o pejo, e o escandalo. Em todo tempo, que dominou o Olandes, não ouve pessoa que possuisse bens de fortuna, senão a merce da tirania. Convidavão os Escravos para que acusassem a seos Senhores, e erão muitos os que o fasião. Os sacrificios, as injustiças, as perfidias, os roubos, as crueldades, as injurias, e as insolencias com que os

Olandezes oprimião os Pernambucanos parecerião incriveis, senão forão executadas aos olhos do mundo.

86. No crisol das mayores tribulaçoês, quis Deos entre as chamas de tantos trabalhos descobrir os quilates do ouro dos Pernambucanos, para os faser capaz de formar delle em seos escolhidos, a coroa da sua gloria, delles não fiara tanto, se tanto delles não fiara. (Sapient. c. 3. v. 6). Parece quiz o Senhor mostrar ate onde pode chegar o valor humano ajudado dos auxilios divinos, para confundir aquellas naçoês que combatidas ou de hũa vil conveniencia, ou de hum torpe momentaneo deleite, ou de hum transitorio medo, derão as costas a sua ley, e abraçarão indignas seytas.

87. Na gloria das armas não seria temeraria a primazia dos Pernambucanos aos Romanos. Com mayores façanhas que as que Roma admirou nos seos Marios, Tarquinios, Marcellos, Sillas, Manlios, Sertorios, Curiacios, Pompeos, Horacios, e Cesares, se fiserão mais famosos os nossos Albuquerques, Vidaes, Rabellos, Camarões, Lacerdas, Vieyras, Canhas, Costas, Sylvas, Soares, Bezerras, Achioles, Cavalcantes, Mouras, Velhos, Lins, Barretos, Rochas, Pittas, Barros, Araujos, Regos, Fragosos, Pereyras, Abreos, Carvalhos, Coutinhos, Henriques, Pachecos, Souzas, Dias, e outros muitos que não he possivel reduzir todos a tão pequeno numero.

88. He certo que nunca combaterão os Romanos Potencia superior, nem ainda igual a sua, hião ganhando terra pouco a pouco, empenhando se de tal modo, que nunca procuravão senão a quem concideravão com inferiores forças, assim tardarão pouco mais, ou menos quinhentos annos em dominar toda Italia. A rudeza d'aquelles tempos deverão todas as suas conquistas, e mais tarde não menos que duzentos annos em conquistar a Espanha. Sim lançarão os Espanhoes dos seos Reynos e dominios aos Africanos, mas he certo que para o conceguirem forão necessarios oito seculos. De maneyra que o valor Romano com disciplinadas tropas, com escolhidos capitaẽs, conquistou Italia em quinhentos annos, e Espanha em duzentos. Os Espanhoes asestidos de seos Principes, e dos afamados Cides, Carpios, Viriatos e outros famosissimos heroes tardarão oitocentos. E quem não vê a ventagem, que a todos faz o valor dos Pernambucanos, que aclamando liberdade, so tardarão sinco annos em despejar, e lançar a golpes, fora da sua Patria, os poderosos Olandezes. No maravilhoso mapa de tantas proesas, e no cristalino espelho das virtudes dos nossos mayores, podem os nossos censores ver a causa dos nossos trabalhos, onde verão melhor os triunfos da inocencia, inda que lhes custe sofrer o resplendor da gloria nas venturas.

CAPITULO 13

CONCLUSÃO DESTE LIVRO SEGUNDO

89. Entre tantos milhares de naturaes de Pernambuco, que fieis, leaes, constantes e valerosos concluhirão a grande empresa da gloriosa restauração da sua Patria; ouve hum /não o negamos/ que com deliberação violenta, e atrevida rebeldia, seguio o partido inimigo, e foy vil instrumento da ruina de muitas praças. Chamava-se Domingos Fernandes Calabar, mulato manhoso, atrevido e pratico dos lugares da terra, e portos do mar. Com boa opinião e alguãs feridas, havia dous annos servido nesta guerra, e pouco satisfeito da sua fortuna, buscou ambicioso, e soberbo entre os olandezes no premio da traição, o augmento que lhe impedia entre os nossos a vileza do nascimento, para com os damnos publicos abrir caminho a seus interesses particulares. Introduzido com o inimigo, offerecendose para guia, persuadio hũa entrada a villa de Igarassũ, que entrou, saqueou, e abrazou com morte de muytos moradores, roubos e desacatos do sagrado e profano. Mostrando-se zeloso, e deligente, em se recolhendo de hũa jornada, logo inculcava outra aos Olandezes. No Rio Formoso queimou sinco naos, que havião chegado do Reyno, com oito embarcaçoẽs e quinze lanchas; assaltou o forte, que os nossos levantarão neste porto, e estava a cargo do capitão Pedro d'Albuquerque, e o rendeo com morte de quaze toda guarnição, e prisão do Albuquerque passado pelos peitos de hum mosquetaço, e deitando o depois de convalecido nas Indias de Castella, se embarcou para Espanha, onde o fes ElRey Governador do Maranhão. Por alvitre de Calabar assaltarão os inimigos com grande poder o nosso Real em quinta feira de Endoenças, sahirão mal desta empreza, e receando que por induzir os inimigos ao assalto do Real, mal socedido pelo muito que nelle perderão de gente, e armas, lhe darião alguns a culpa, como Autor da obra, alvitrando outra de mais Fama, que perigo aos Olandezes, embarcarão dous mil soldados a ordem do coronel Sigismundo Escup que exercitava o posto do General Rembach, acompanhado de Mathias Coutio, e forão sobre a Villa da Conceyção, que com cento e vinte homens de presidio acharão extremamente impossibilitada, pela falta de socorro, sendo esta villa a principal povoação da Provincia de Tamaracá, defendeo-a o capitão mor Salvador Pinheiro, quanto lhe foy possivel, e morto o capitão Antonio de Moraes entre alguns soldados, sahirão livres os nossos, com suas armas, rendendo a praça, e toda a Ilha. Da qual se pagarão tanto os Olandezes, que discorrerão largamente em transferir para

ella o principal assento do seu governo militar e politico, quando a hum e outro mandarão depois estabelecer na melhor forma o conde de Nasao João Mauricio.

90. Fez Calabar hũa entrada em Goyana, trouxe desasete moradores prisioneiros, entregando diversas fasendas ao fogo, e ao saco. Levou os Olandezes embarcados em quinze navios, e oito çumacas as povoaçoẽs das Alagoas, e queimou a primeira, commettendo innumeraveis hostilidades em outras. Pelas suas instrucçoẽs nos tomarão os inimigos a Provincia do Rio Grande. Queima-nos algũas náos em Porto Calvo, e entra atrevidamente com lanchas por hũa aberta dos arrecifes, por onde nunca entrarão canoas. Subindo em quatro lanchas, e hum pataxo pelo Rio Mamangoape, prisionou outro carregado de assucares, queimando algũas embarcaçõens, que ainda não tinhão recebido carga, mas encontrandose com o capitão Francisco Rebello, lhe degolou trinta e seis olandezes, prendeo dez, salvandose mal ferido o mesmo Calabar junto ao Porto Calvo. Nesta Villa se achavão os nossos já de retirada para a Bahia, por se haver perdido tudo que havia em Pernambuco; e para segurar melhor a transmigração dos Povos, se deteve o General Mathias de Albuquerque no oiteiro de Amador Alvares. Era morador do Porto Calvo Sebastião de Soutto, dotado de esforço, e industria exquisita, ficou naquelle lugar com os Olandezes quando o conquistarão, offerecendose agora ao Sargento mor Alexandre Picard, que governava a Praça, foy a cavallo como a reconhecernos. Meteuse tanto entre as sentinellas, que escapando de muytas ballas, deitou huã carta, donde a virão, e trouxerão a Mathias de Albuquerque. Avisava: como o dia antecedente havia chegado Domingos Fernandes Calabar, jà com posto de sargento mor, e duzentos homens de socorro. Mas que estivessemos advertidos, por quanto procurava a toda deligencia, e a todo risco, a perda dos contrarios. Incitou depois ao Picard, persuadindo-o: serem menos de vinte Indios, e poucos mais soldados, que mandava Mathias de Albuquerque ào entreter para não lhe ir tomar o passo, e cabedal de tanta gente rica sem nenhũa defensa, pelo trabalho, sentimento, e confusão, que a trasia cançada, afligida, e sem ordem naquella tão deploravel, e lastimoza retirada.

91. Soube de tal maneira persuadillos, que erão tres horas da tarde em doze de Julho de 1635, quando sahio o sargento mor, e duzentos dos seos a escaramuçar com os nossos. Passou se logo o Sotto aos que estavão de embuscada, e afervorisados do novo companheiro, pelejarão todos, como se esperara cada um vencer só ao inimigo. Mortos sincoenta, e perdido o campo, fugirão cheyos de sangue, e de temor; os nossos metendose entre os contrarios entrarão pelas portas da Fortificação principal, que havião feito na Igreja velha, guarnecida de

seis pessas de artelharia, e cento e dez soldados, de que só ficarão com vida quarenta e sinco prizioneiros. Chegou neste tempo Mathias de Albuquerque, e se tomarão as portas para impedir os socorros; e apezar de hũa porfiada resistencia entrarão a primeira caza, que acabarão a forro e ferro; salvandose alguns dos inimigos na outra caza, a qual por ser mayor, com a gente que guarnecia a Igreja nova se recolheo Picard e Calabar; via se este sem remedio, e que não querião os cercados arriscar os bons partidos, que so concedia Mathias de Albuquerque sendo escritos com o seu sangue. Posto que, lhe affirmassem, que estavão resolutos a perecerem, pelo não entregarem, conhecendo o engano, e sentindo mais o fingimento, que a ingratidão dos Olandezes, dispondose com a vontade ao que havião de obrigallo por força, soube religiosamente offerecer, como em sacrificio a sua alma, a infamia da sua vida, e com melenconisada alegria, e triste riso, fallando no semblante, o que callava nas palavras por mostrar que sem explicarse, os entendia: Reconheço /lhes disse/ que me vejo perdido, para me não perder; pois buscou Deus este caminho de me salvar. E persuadindo-os a se renderem, capitularão: Que saindo com armas, e sem bandeiras; os mandarião do Brasil a Espanha; e de Espanha a Olanda. Alem dos cabos, forão trezentos e oitenta os Infantes com que excederão aos sitiadores os sitiados.

92. Domingos Fernandes Calabar, com piedosas mostras de verdadeiro arrependimento forão tantas as lagrimas que derramou nascidas mais do temor de Deos, que do receyo do castigo; e tão eficacissimas as palavras de penitencia, e arrependimento, que disse publicamente a grandes vozes, e com fervor nunca visto, que todos que se acharão presentes ao suplicio, ficarão bem satisfeitos, que mediante a misericordia Divina se salvou, e alcançou perdão de seos peccados; o mesmo se pode inferir de hum successo extraordinario. Quando primeiro se meteu com os Olandezes, procurou Mathias d'Albuquerque reduzillo a desemparar o partido inimigo. para servir a Patria com o seu valor, e industria, sigurando lhe mayores augmentos entre os proprios, que os que poderia conseguir dos contrarios. Abusando dos favores que sem pedir lhe offerecia, soberbo com esta demonstração a que nos obrigavão tantas maldades pelo damno que causava a todo Brazil, o atrevimento de hum so homem, não se contentou de obstentar na reposta sentir pouco o delicto, mas delinquio de novo, pela arrogancia, com que julgou offensa o perdão com que o rogavão, e premios que lhe offerecião. Para tirar de Pernambuco, e do mundo este escandalo das gentes, e esta causa de grandes damnos, prometeo o nosso General a hum seu Primo chamado Antonio Fernandes, que lhe recompensaria liberalmente atrever se a

matallo, para que se passaria tambem ao inimigo, fingindo-se da mesma opinião. Resoluto ao faser, espreitou occasião, e passado ao inimigo reconhecendo de longe a Calabar, correo a juntar se com elle, quando se lhe dezembaynhou a espada da cinta, e cahindo sobre a ponta, atraveçado pelos peitos o que hia a matar, morreo no mesmo instante. Que como a Providencia Divina reserva os maos para melhor fim delles, ou para flagello de outros, parece que agora que acabava Pernambuco, acabou Calabar enforcado na villa do Porto Calvo, onde havia commettido grandes delictos, dilatando se a pena dos seos insultos emquanto servio de instrumento para o castigo dos nossos peccados, e vindo a tempo, em que disculpando as ultimas acçoẽns, os erros das primeyras, alcançasse perdão de suas culpas.

93. Esta he a unica mancha, que se divisa no cristalino espelho da lialdade Pernambucana, porque ainda que forão mais os que desempararão a Patria seguindo o inimigo, nenhum era natural de Pernambuco, e hum que acompanhou a Calabar no suplicio, morrendo enforcado no mesmo dia, tinha o nascimento em Portugal, e a origem em Olanda. No meyo dos Astros mais resplandecentes ha Estrellas nebulosas, que muyto he, que entre milhares de homens liaes, fique hum com a notta de infame? Grande foy a rebeldia, e traição deste mulato se se mede a vulto, porem deve descontar se ao rigor da censura tudo que da parte daquelle rebelde forão motivos para o levar a tão arrojado atrevimento. A maldade do Traidor he vicio criado occultamente no coração, he crime em sangue frio executado. As suas finezas se encaminhão para minas, os seus serviços para estragos. A suavidade no trato, e no obsequio he como o mel de Heruclea, que na boca he doce, e engulido amarga. Com esta especie de traição mandou Antipater filho de Cassandra tirar a Demetrio a vida depois de o convidar para hũa cea; e Calipo tomou a Dion por hospede para o desterrar deste mundo; mas Calabar com hũa traição soberba, e orgulhosa fasendo arrogante obstentação da sua maldade mostrou ser mais que traidor, insolente, rebelde. A Ambição o levou a este precipicio, he a ambição um dezejo immoderado de honrras não merecidas, ou mayores das que se merecem, por isso anda sempre o ambicioso rodeado na Republica com violento gyro para se introduzir em lugares honorificos que lhe não competem. Esta furiosa paixão fez que muytos dos capitaens de Alexandre Magno se rebelassem. A Monarchia dos Romanos teve tantos cidadoens rebeldes, que no tempo de Galieno se virão nella muytos Augustos. No Reynado de noventa e dous Reys, ficou Espanha toda desmembrada em tantas partes, quantos forão os rebeldes, que a desunirão; levados da ambição aspirarão a ser mais do que erão. E se ha homens que com qualquer

serviço, que fação a Republica se enchem de vaidade para aspirar a lugares que não merecem; He hum mulato sugeito a tal condição q̃ qualquer sopro da Fortuna o incha, e com ventosa inchação lanção muytas veses as ancoras da sua esperança, em hum mar de perigos e naufragios. He necessaria nesta casta muyta virtude para se reconcentrar no seu nada, isto não souberão faser os Anjos no ceo, nem o homem no parayso, com o fará um mulato no Brazil, tendo comumente hum temor de espirito, que em muytos nem com a miseria do captiveiro se abate. Com poucos merecimentos aspirava Calabar sobir a grandes honrras, sem esperar lhe fizesse nobre o sangue vil, criando aquelle depois que por illustres feridas recebidas em defença da Patria esgotasse este. Cego com a nuvem da sua ambição, perdeo o tino, e por isso degenerarão os resplendores da sua valentia, em sombras de treição, e so no fim da vida deo a conhecer toda grandeza do seu Espirito, motivando a sua culpa hũa heroica conformidade, e gloriosa penitencia. Se entre nos servira como mulato, pelejara como branco, e esperara como prudente, corresponderião os premios a seos meritos, como corresponderão ao famoso Henrique Dias, que sendo preto soube com o esforço do animo, e maravilhosa constancia emmendar o defeito da naturesa; e se bem o não estimarão os Portugueses, quanto o temerão os inimigos, o despachou ElRey com Foro de Fidalgo, larga tença, posto de Mestre de Campo, e Habito de Christo suprindo as suas provanças os seos grandes merecimentos.

94. Nem he novo, dizia, Paterculo, no senado, e povo Romano julgar por mais nobre o melhor: que he o que ja havia dito Isocrates. Aquelle tem mais nobreza, que tem mais de virtude; e Alepandro affirmava que não pode deixar de ser nobre quem he bom, nem queria conceder Euripides que houvesse nobreza entre os màos; por que accrescenta Aristoteles, pela malicia, ou bondade se diferencea a villania, e nobreza, e esta gosa mais qualificada, o que logra hum natural inclinado a virtude, ainda que seja filho de uma escrava. Assim o entendeo Anaxilao, Rey dos Eginos, que deixou por tutor dos Infantes seos filhos a seo escravo Miscito, prometendo se mais Fe de sua virtude, que das illustres nobrezas do seu Reyno, e lograrão os pupillos hum segundo Pay em seu escravo. Tambem o foy Esopo, mas que mayor nobreza que a que mereceo seu grande engenho. Escravo foy Diogenes e confessava Alexandre, que so por ser Alexandre, se podia deixar de ser Diogenes. Escravo foy Epitecto, e deo mais luzes ao mundo com sua doctrina, e virtudes, que muytas series de herdadas nobrezas.

95. Verdadeiramente he inhumanidade despresar a virtude pelo defeito da natureza, se foramos todos consultados na sorte do nascimento nenhum nascera pobre, nem humilde, todos forão da familia

dos Cesares, porem emquanto os homens não são a naturesa os governa, e os arroja donde quer. Quem foy Mario, se em seos mayores o vemos, humilde, e pobre; e no seu consulado nada tem, mais glorioso que terse a si mesmo por Author de si mesmo! A Servio teve Roma por Rey, em cujas luzidas virtudes, nada ha que brilhe, como a baixeza do seu nôme. Quem fez ditoza a Roma se não a pobreza d'aquelles que desde o arado vitorioso trespassavão a mão ao triunfo, e sabião desde o triunfo reduzir-se outra vez ao arado? Todos se olhamos para a nossa primeira origem, temos a Deos por principio. Socrates não foy Patricio; Cliantes foy Aguadeiro; de Servio se ignorava o Pay; de Tulio Hostilio a May. Augusto foy ourives; Vitellio remendão; Vespaziano, pastor; Pertinaz neto de hum escravo; e todos não obstante a pobreza e humildade do nascimento forão Reys de Roma. Marcio Septimio, havia sido ferreiro; Galerio Armentario, pastor; emfim os Maximianos, Pupienos, Aurelianos, Dioclesianos, Licinios, Maximinos, Valentinianos, Leoens, e Basilios de hum nascimento humilde, pobre, e abatido passarão para o Imperial throno.

96. Despresar os homens pelo que forão, não os estimar pelo que são, he crueldade, com este injusto despreso que fasemos d'elles, nos fasemos cumplices daquella ma disposição de animo que occasionarmos nelles. Elle terá justo motivo para se queixar de nos outros, e assim a nossa insolencia devernos imputar qualquer despique, que intente a sua paixão. Temos hum notavel exemplo das violentas iras que excita nos homens a irrisão dos seos defeitos, e despreso das suas pessoas. Hum dos mais ardentes, e eficazes motores da famosa conspiração contra o Cardeal de Richelieu, em que entrarão o Duque de Bulhom; Henrique Marquez de Cinqmars Gran Cavalheiro de Luis XIII, e Francisco Augusto Tuano, concelheiro de Estado foy hum Francez, chamado Fontralles, homem de grande sagacidade e ousadia. Este não so produzio a ultima disposição para a empreza, agitando o espirito fogoso de Cinqmars, mas se encarregou da parte mais dificil, e arriscada della, que foy ir a Corte de Madrid, a negociar com o conde Duque de Olivares, primeyro Ministro, assistencia de tropas Espanhollas para o empenho, como com effeito concluio com aquelle Ministro o tratado, que desejava, e o levou firmado a França, bem que sendo a tempo descuberto o projecto pelo Cardeal, tudo se desvaneceo, e o Tuano, e Cinqmars perderão as vidas no cadafalso, salvando se com a fuga o astuto Fontralles. Moveo a este homem a fomentar a conspiração, e tomar a sua conta os passos mais arriscados della, verse por algumas vezes despresado do cardeal, que se divertia com lhe dizer chançonetas sobre defeitos pessoaes que tinha, e este foy todo motivo que ouve da parte de Fontralles, para arriscar a vida, e honrra, solicitando a vingança.

97. Em nenhum caso se deve despresar o proximo, a Justiça, e a Caridade o prohibem, nem cabe na rasão que se desestime o serviço, por ser feito por um sugeito vil; a virtude sempre em si mesmo hé illustre, e deve ser extimada. Não se despresa a perola por encerrada na dureza de huma concha, nem se desestima o ouro porque se occulta no profundo da terra. Ate agora não ouve no mundo nação tão barbara nos costumes, que se não achasse obrigada a honrrar as prendas e virtudes illustres de sugeitos, posto que humildes. Da fonte do valor nascerão as famosas Antonomasias de Macedonico, Numidico, Numantino etc., e do mesmo principio se originarão as coroas de Palmeira em Creta, de hera na India, de oliveira em Esparta, de loureiro em Delfos, de Aypo nos Jogos Olimpicos, e no Capitolio, as coroas civicas, Muraes, Castrenses, obsidiaes, juntamente com a variedade, e riquezas das insignias, e adornos; as clamides, as Togas, os Paludamentos, os Aneis, os Colares, e finalmente os triunfos, as ovaçoens, os Ferculos, os Trofeos, as Estatuas, os simulacros, as imagens, os Encomios, os Panegyricos, e todos os mais premios politicos, e militares, gloriosos distinctivos do merecimento.

98. E se não necessita do favor da Fortuna para logro do premio quem assentou a sua exaltação na base dos meritos, bastantemente pede quem servio bem, e esta callado; e se não tiver bom sucesso a modestia do seu silencio, a culpa sera de quem deixou de premiar. Ninguem se desanime, nem pela falta de premio, nem pela baixeza do nascimento, cada hum he capaz de faser se nobre, este he o segundo nascimento que depende do proprio valor, e em que se nasce, não para huma vida breve, mas sim para a eternidade de hum grande nome. Por ignorar esta verdade, se precipitou Calabar em hum abismo de maldades, formou conceyto de que todos o olhavão com despreso, e que nunca entre os seos chegarião a lograr suas obras o premio que annelava a sua ambição, buscou-o entre os estranhos; das sobras da sua paixão, mais que das faltas de lealdade, resultou o desafecto, que o fez para comnosco malevolo, injusto, e vingativo; e para com o seu Principe, e Patria, infame, atrevido, e traidor.

CAPITULO 13 (*)

MEMORIAS DOS DONATARIOS, E GOVERNADORES DE PERNAMBUCO, DESDE A CONQUISTA DOS PORTUGUESES ATE QUE OS OLANDEZES SE FISERÃO SENHORES DAS SUAS PROVINCIAS

99. O primeiro Donatario, e Governador de Pernambuco foy Duarte Coelho Pereira, a quem ElRey D. João 3.º deu esta Provincia,

(*) *Segundo Capitulo n. 13. Não consta da Taboa.*

que veyo conquistar, e povoar, no anno de 1530, e governou ate 7 de Agosto de 1554, em que falleceo.

Foy segundo Donatario Duarte de Albuquerque Coelho seu filho que passando a Portugal, e acompanhando a ElRey D. Sebastião, morreo em Africa captivo. Succedeolhe na donataria seu Irmão Jorge de Albuquerque, e foy terceiro Donatario, e segundo Governador e governou ate 5 de Março de 1576, dia em que se embarcou para Lisboa.

Jeronimo de Albuquerque Irmão de D. Brites de Albuquerque, e Cunhado de Duarte Coelho Pereira, governou na minoridade, e ausencia do sobrinho ate 1593, em que lhe succedeo Alexandre de Moura, e a este D. Felippe de Moura ate 5 de Julho de 1600. Deste anno ate o de 1621, forão Governadores de Pernambuco João Paes, Felippe Guedes, D. Luiz de Souza Henriques, Gaspar de Souza, e D. Francisco de Gouvea, a quem succedeo Mathias de Albuquerque filho de Jorge de Albuquerque Coelho, e governou ate o anno de 1624, que passou para Governador Geral da Bahia. Succedeo lhe Francisco de Albuquerque, e a este Andre Dias Ferreira, ate 16 de Janeiro de 1629, que entrou a servir segunda vez Mathias de Albuquerque mandado por ElRey Felippe IV de Castella, e III de Portugal para o governar, e defender da conquista dos Olandezes.

A Mathias de Albuquerque succedeo no governo das Armas D. Luiz de Roxas e Borja, em 25 de Novembro de 1635, com o posto de Capitão General, e por seu Thenente Manoel Dias de Andrade, que com D. Alonso Ximenes lhe havião de servir de assistentes, e concelheiros. De hũa balla acabou a vida na primeira peleja, que teve com os inimigos, e vinha nomiado para lhe succeder no posto hum Castelhano, cujo nome escondeo a morte; por que no mesmo dia em q̃ o chamou a posse, lhe tirou a vida.

Succedeo-lhe D. Antonio Vicencio Sam Pheliche, Conde de Banholo, ordenando ElRey que Mathias de Albuquerque ficasse assestindo no Governo Politico, tendo boa correspondencia com o Governador das armas, retirandose Mathias de Albuquerque para a Bahia, ficou governando o politico Duarte de Albuquerque Coelho seu Irmão, e as armas o Conde de Banholo, e governarão ate o anno de 1637, em que os Olandezes concluirão a conquista destas Provincias.

Duarte de Albuquerque quarto Donatario, em sua mulher D. Joanna de Castro, teve unicamente a D. Maria Margarida de Castro e Albuquerque, que casou com D. Miguel de Portugal setimo Conde de Vimioso, que foy herdeiro do Senhorio de Pernambuco. Por não ter successão forão para a coroa as casas, e titulos de Basto, e Alegrete, e o dito senhorio, posto que já corria sobre elle pleito por ser

restaurado Pernambuco sem dispendio dos Donatarios, e a custa da fazenda, e sangue dos seus moradores, e por ordem de 4 de Novembro de 1664, havia ja mandado ElRey se não consentissem aqui ordens de Donatarios.

LIVRO TERCEIRO

PERNAMBUCO RENASCIDO

CAPITULO 1º

DESCRIPÇÃO DE SUAS CIDADES, VILLAS, LUGARES, E ENGENHOS, E DOS ESTADOS ECCLESIASTICO, MILITAR, E POLITICO

1. He a Phenis Ave grande, e pomposa na galla, grave e veneranda no aspecto; alta e magestosa a cabeça, a quem adorna um custoso diadema de Estrellas gravadas em lusentes plumas, o collo se enfeita com dourada gargantilha, esmaltada de faiscas brilhantes, naturalmente herdadas da chama em que resuscita, veste o peito de celestes pennas, a quem servem de guarnição brilhantes fios de ouro; nas azas finge hum manto colorido com a vivacidade da Fenicia grãa, da qual com justa causa herdou o nome de Phenis. Vive solitaria nos desertos da Arabia, mas nas suas Excellencias sempre unica. Depois de lograr muitos annos de vida em sentindo debeis as forças descoloridas as pennas, fraca a vista, e triste o semblante, destituida do seu vigor natural, e da magestade da sua formosura preferindo aos desconcertos do tempo as ruinas da morte, ajunta huma cama de aromas, em que se deita, e batendo aos rayos do sol as azas, acende hũa preciosa fogueyra, em que se queima, e conçome. Sacerdotiza e holocausto voluntariamente conçagra a vida a si mesma em obsequio da sua immortalidade, por que no meyo das suas cinzas se gera hum feto animado, que pouco a pouco se veste de lanugem, animando se a melhor vida renasce, com novas pennas se veste, com vivo alento resuscita. E por este modo dá a Phenis no mesmo dia materia ao Epicedio das suas Exequias, e ao Genethliaco do seu nascimento, por que ao mesmo tempo, que parece ter acabado, abrindo as azas busca nos ares novos triunfos. He o unico dos viventes, que zomba da morte, por que a sabe fazer ministra da vida. He May, e filha de si mesma, e abaixo de seu criador, deve tudo o que ella he a si propria.

2. Suposta esta descripção quem não vê que nesta prodigiosa Ave temos hum perfeito geroglifico de Pernambuco, hum adequado symbolo da sua restauração. Era Pernambuco pomposo na galla, alta e magestosa Olinda sua cabeça, e nas Excellencias unica, matizavão as suas azas douradas pennas. Com as suas preciosidades formou se fogueyra, em que se acendeo a fogo da ambição Olandesa, foy homicida de si mesma pelo remisso da sua defença. Acabou nos incendios, e das suas cinzas novamente animado renasceo com melhor gala, nelle se virão as metamorphosès dos seculos. Zombou da morte, porque a soube fazer ministra da sua vida. May, e filha de si mesmo, porque abaixo de Deos deve Pernambuco tudo que hoje he a si proprio.

3. Todo Juizo prudente em que se representasse o lamentavel, e fatal estrago, e luctuosa tragedia de Pernambuco, com os horrores, afliçoês, mortandades, perdas, ruinas, estragos, e incendios, que padecião seos moradores debaixo do cruelissimo Imperio do Olandes, se persuadiria constantemente, que nunca mais os Pernambucanos tornarião a seu antigo esplendor, nem lhes seria possivel jamais resurgir de debaixo de tão altas ruinas. Não haveria quem se capacitasse a que huns homens desfavorecidos do seu Principe, deixados como vassallos de outra potencia, perseguidos com ordens contrarias a seos designios, pobres, desarmados, e sem soccorros podessem sacudir de seos fracos hombros o violento e pezado jugo da heretica tirania. Mas muy contra esta persuação que parecia probabilissima, resuscitou Pernambuco, sepultado nas sombras da morte vinte e quatro annos. Quasi em hum momento renasceo das cinzas, em que fora abrasado, e com tanto vigor, e alentos, que poz em esquecimento a sua ruina, para coroa das idades passadas, inveja das prezentes, e exemplo das futuras. Para assombro dos Estrangeiros, affronta de suas armas, portento do valor, honrra de Portugal, desagravo do Brazil, e gloria de Pernambuco.

4. Renascido assim como Phenis de suas cinzas, se foy propagando notavelmente em habitadores, em opulencia, riqueza, fausto, culto, pompa, e grandeza, de maneyra que se vê hoje mais ennobrecido do que fora antes da sua destruição, e ruina. Tem as nobilissimas cidades de Olinda, Parayba, e Rio grande, o illustrissimo Reciffe, as famosas villas de Igarassú, Tamaracà, Goyana, Icò, Aracaty, Aquiraz, São Pedro, Penedo, Ciarà, Alagoas, Porto Calvo, e Serinhem. Povoaçoês innumeraveis, Aldeas sem conto, e mais de trezentos Engenhos Reaes, que trabalhando todo anno, não podem muytas vezes acabar os frutos. A nobreza, a Policia, a Gente; opulencia, Comercio, edificios, e riquezas lhe dão a Magestade de hum grande Reyno.

CAPITULO 2º

DESCRIPÇÃO DA NOBILLISSIMA CIDADE DE OLINDA

5. Olinda cidade episcopal e cabeça das capitanias de Pernambuco edificada sobre sinco montes, mais moderados, que altos: no mais elevado delles está edificada a sumptuosa Igreja Cathedral, a Misericordia com magnifico Templo, e grandiosos hospitaes, o Real Collegio da Companhia de Jesus, o devoto Recolhimento da Conceição, e o Palacio dos Exm.os e Rm.os Senhores Bispos. No monte que fica ao meyo dia está a Parrochial Igreja de S. Pedro Martyr, o nobillissimo Mosteiro do Patriarcha S. Bento, e o famoso Palacio dos Ilm.os e Exm.os Senhores Governadores, Capitaens Generaes; nos que olhaõ para o nascente estão edificados os sumptuosos conventos do Patriarcha S. Francisco, e Carmo. Em o que fica para o setemptrião está fundado o celebre Santuario da Senhora do Monte, com hospicio para os Religiosos, que com ferveroso zelo cuidaõ no asseyo do Templo, e serviço da Senhora. Para a parte do Poente, como em circulo estão os Templos de Agua de Lupe, da administração dos homens pardos, do Rozario dos pretos, de S. João dos Soldados, do Amparo, e de S. Sebastião que fica no varadouro. A coatrocentos passos para o Norte está situada em hum ameno oiteyro á famosa Igreja de S. Amaro, onde se erigio o convento de N. Senhora da Encarnação, para se agregarem em hũa devota Recoleta, muytos varoens Apostolicos do habito de S. Pedro, que se empregavão incançavelmente em piedosos desvellos de perpetuas missoens.

6. Teve esta cidade principio no anno de 1531, em que Duarte Coelho trazendo em sua companhia a sua mulher a Senhora D. Brites de Albuquerque, muytos Fidalgos seos parentes, e amigos, e outra mais gente nobre, veyo povoar esta capitania. Desde 1531, em que teve principio a sua fundação athe o anno de 1549, cresceo tanto, que chegou a ser antes emula, que inferior as mais ricas e deliciosas Cidades da America, habitada de Illustres cidadoens, e immenso povo; com duas nobres Parochias. Coatro sumptuosos conventos, dez magnificos Templos, muytos authorisados edificios, frequencia de comercio, abundancia de riquezas, fausto, e pompa que a fasia aplaudida, e cobiçada.

7. Antigamente foy chamada Marim, mas a sua lindeza, e amenidade do sitio lhe mudou o nome em Olinda. Escreverão alguns Authores, que descubrindo Duarte Coelho este sitio, namorado delle

disse para os seos: o que linda situação para se fundar hũa villa! E para que a verdade não ficasse livre da adulação, e lizonja, puzerão a nova villa o nome de Olinda, porque uniformes aprovarão e aplaudirão o parecer do seu Capitão. Porem esta etimologia não se conforma com o nome de Marim, que teve desde seu principio, e conservou por muytos annos, o que não socedia se em contemplação do dito do Capitão Donatario, e fundador desta cidade fora chamada Olinda.

8. Em algumas memorias achamos que Duarte Coelho, fora em hum dos muytos combates, e pelejas, que teve com os Indios, ferido em hua perna de que ficara com aleijão, e parece que da palavra *Barin,* que na lingoa Brasilica significa Coxo, mudado o B, em M, vierão a dizer, Villa Marim, isto he, villa do coxo; ou tambem tomaria o nome da palavra, Mirim que na mesma lingoa, quer dizer, pequeno, aludindo os Indios ao limitado ambito da nossa primeira povoação, que toda se reduzia a hum pequeno castello de pedra, e cal, de que por muytos annos permanecerão as ruinas na rua nova. A esta povoação chamarão, Mirim os Indios, e desta palavra tomaria nome a nova villa, de Villa Marim, mudado o *i* em *a*, ou villa Mirim, como vy escrito em escrituras daquelle tempo, nome que conservou emquanto não admitio o de Olinda para mayor indicação da amenidade do sitio, em que lavada do mar por huã parte, e do Beberibe por outra, entre perpetua, e agradavel verdura obstenta a sua fermosura, e belleza.

9. Depois que no anno de 1630, foy assolada, destruida e queimada pelos hereges olandezes, so lhe quadrava bem o nome de solitaria, e dezerta, por que arruinados os seus edificios, destruidos os seos templos, abrasados os seos palacios, nem semelhança tinha do que dantes era; mas o seu nome bello, e lindo apesar de tantas ruinas, tornou a renascer das cinzas do esquecimento, em que esteve por vinte e quatro annos sepultada. Bem se reparara das suas antigas perdas, e estendera a muyto mais a sua grandeza; se não suspendera e impedira seos augmentos, empregarem os moradores os dispendios da riqueza, e os primores da arte na magnificencia, pompa, e grandeza do Recife, que lhe fica hũa legoa distante para o Sul. Porem não bastando tamanhas perdas, nem tantas oposiçõens da Furtuna, se vê hoje ennobrecida com Igreja Cathedral, sinco sumptuosos conventos de Religiosas, e nos de São Bento, Carmo e S. Francisco estudos de Filosofia e Theologia. No collegio da Companhia Latim, Philosophia, e Theologia para Estudantes de fora. Hum convento, que sendo feito para Religiosas professas, faltando as licenças, ficou servindo para Donzellas recolhidas. Casa de Misericordia composta de bellas officinas, e suficiente renda para remedio de muytos enfermos, e necessitados. A sua Igreja tem doze Beneficiados, que rezão em choro, capellão mor, e da

agonia, outros capellaens com obrigação de dizerem missas, Ministros, e officiaes competentes para serviço da Igreja e casa.

10. Nesta fermosa e deliciosa cidade habitão tres mil duzentos e setenta e dous visinhos em quase mil moradas de cazas, entre as quaes se vem muytas de boa architectura feitas ao moderno. Clerigos Presbiteros quarenta e sinco, e quase todos com o grao de Mestre em Artes. Nos conventos cento e quarenta e seis Religiosos entre estes muytos leitores de Filosofia, e Theologia, e grandes pregadores. Para sua guarnição tem hum lusido Regimento de dez companhias de Infantaria paga, Coronel, Thenente Coronel, Sargento Mayor, Capitaens, Ajudantes, Thenentes, Alferes, e mais officiaes respectivos.

11. O Rio Beberibe a lava pelo lado do Poente, e vem sair ao Nascente por vinte e quatro bocas, ou bicas formadas em huma soberba ponte de cantaria lavrada, lançando sobre as agoas salgadas sua doce, clara, e precipitada corrente, serve de recreação, e utilidade aos moradores. Alem desta ponte para o Sul em lugar plaino, e aprasivel, está fundado o sumptuoso convento dos Religiosos Carmelitas Descalços da Reforma da glorioza Madre Santa Thereza.

12. Os conventos e Palacios assentados em lugares altos, a verdura das arvores, misturadas entre os edificios, juntamente com as Torres das Igrejas, fazem em huma so vista o mais agradavel espectaculo, que os olhos podem ter no mundo. E ainda que por dentro estejão alguãs ruas descompostas pela falta de casas, que desde sua destruição, não forão reedificadas, nem esteja occupada toda sua dilatada circunferencia, não diminue a sua fermosura essa falta, que o he mais da pompa, que da belleza. Em contemplação da sua lindeza as armas, que o conde de Nassau deu a esta cidade representavão com hua linda Donzella, que olhando para hum espelho se via, e admirava surpendida da sua gentileza, com huma cana de Assucar na mão, denotando a Formosura, e fertelidade deste Paiz.

CAPITULO 3º

NOTICIA DAS FUNDAÇOENS DOS CONVENTOS D'ESTA CIDADE

13. O Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, cuja Igreja tem por invocação N. Senhora da Graça, he fundação delRey D. Sebastião, com o numero de vinte Religiosos, com a penção da residencia das missoens. Foy dotado com a renda de quatrocentos mil reis annuaes, pagos nos dizimos dos assucares, em o mesmo genero, por provisão de seis de Janeiro de 1576. Era naquelle tempo o preço do

assucar branco coatrocentos e sessenta reis por arroba, e o mascavado trezentos e vinte reis. Feita a conta, para pagamento dos coatrocentos mil reis erão necessarias, oitocentas arrobas de assucar branco, e cem do mascavado, e este numero de arrobas, mandou depois o cardeal Rey D. Henrique se dessem ao dito collegio annualmente por ordem de 24 de Abril de 1579, mandando senão fisesse mais menção dos coatrocentos mil reis, que lhe havia doado seo sobrinho ElRey D. Sebastião, e so sim das oitocentas arrobas de assucar branco, e cem de mascavado, cujo numero de arrobas pelos preços arbitrados hoje pela nova ley da Inspecção importão mais de dous mil cruzados.

14. O convento dos Religiosos de S. Francisco, tem a sua Igreja da invocação de N. Senhora das Neves, fundação de huã devota Beata da sua Terceyra ordem, chamada Maria Roza. Foy o primeyro convento, que teve a ordem Serafica no Brazil, e de quem tiverão principio os mais conventos das Provincias de S. Antonio e Conceyção do Rio de Janeyro. Foy estabelecido em o anno de 1585 pelo Padre Fr. Belchior de S. Catharina, filho da Provincia de S. Antonio de Portugal, o qual com oito Religiosos veyo a Pernambuco a fazer missoens, e fundar conventos a requerimento do seu Donatario Jorge de Albuquerque, e de Felippe Cavalcante por ordem do Remº Padre Geral Fr. Francisco Gonzaga, e com licença del Rey D. Felippe II de Castella, e 1º de Portugal, que fez por esmola ordinaria cada hum anno a doação de hum quarto de farinha para hostias, e de hum quarto de azeyte para as alampadas, duas arrobas de sera para os officios divinos, e huã pipa de vinho para as missas em 9 de Novembro de 1594.

15. Os companheiros do Padre Custodio Fr. Belchior que com elle vierão de Portugal, forão Fr. Francisco de S. Boaventura, Frey Francisco dos Santos, Fr. Antonio da Ilha, Fr. Affonço de S. Maria, Fr. Manoel da Cruz, sacerdotes, Fr. Antonio dos Martyres chorista: Fr. Francisco da Cruz, leigo Recoleto da Provincia de Portugal. Logo que chegarão, forão hospedados em caza de Felippe Cavalcante, de donde se passarão para huãs cazas junto do hospital da misericordia, aqui lançou o Padre Custodio o habito de leigo ao primeiro noviço que recebeo. Neste hospicio estiverão ate 4 de Outubro de 1585, em que se passarão para a Igreja de N. Senhora das Neves, e fundarão o seu primeiro convento. Maria Roza, com as suas companheiras, que vivião neste recolhimenfo, se passarão logo para o da Conceyção.

16. O convento do Carmo dos Religosos da antiga observancia teve principio em hũa Ermida de S. Antonio, de que Jeronimo de Albuquerque fez doação a quatro Religiosos desta Ordem, que para o

emprego de Missionarios passarão de Portugal ao Brazil. Era o Prelado destes Religiosos com o titulo de vigario o Padre Fr. Domingos Freyre, seos companheiros os Padres Fr. Bernardo Pimentel, Fr. Antonio Pinheyro, e Fr. Alberto de Santa Maria. Chegados a Pernambuco derão conta da sua vinda ao Bispo do Brazil D. Antonio Barreyros, que os mandou animar a proseguir a santa empreza da conversão dos Gentios. Em o anno de 1589 o Donatario Jorge de Albuquerque lhes deo licença para fundarem convento, os officiaes da Camera lhes derão terra, para sua situação, Francisco Fernandes lhes doou hum sitio vizinho, e o Donatario lhes deo outros mais mandãdo se pagassem as bemfeitorias a seos donos; por ordem de 9 de Março de 1598 a requerimento do Padre Fr. Pedro Vianna Vigario Commissario, que passara ao Brazil a continuar a dita fundação. Na caza dos contos se acha hũa ordem real, em que manda sua Magestade se reparta a congrua, que se dava ao convento de Lisboa, pelos conventos de Lisboa, Olinda, Bahia e Rio de Janeiro. Foy este convento pela sua antiguidade cabeça de todos os do Brazil, nelle asestirão os vigarios Provinciaes ate o anno de 1630, em que os Olandezes senhorearão Pernambuco.

17. Dezejando Jorge de Albuquerque Coelho como Donatario, e natural de Pernambuco augmentar a fabrica Espiritual da sua Patria, e Capitania, pedio ao Rmº Padre Fr. Gonçallo de Moraes, Geral da Congregação de S. Bento de Portugal, Monges para fundarem Mosteyros nas suas terras, para o que lhes fez doação de hũa legoa de costa no Cabo de S. Agostinho, e de coartoze legoas de terra correndo para o certão, para fundarem villas, com seos castellos, e nellas fazerem Mosteyros. Vierão os Monges, e frustando-se com a morte do Donatario o intento, se recolherão na Igreja de S. João, que hoje he dos soldados do Regimento de Olinda, desta Igreja passarão se para a de N. Senhora do monte, e comprando hũas terras, que ficão eminentes ao varadouro, concorrendo os devotos moradores fundarão hum magnifico Mosteyro, com copiosa renda para muytos Religiosos.

18. Vendose João Fernandes Vieyra acometido pelos Olandezes em o sitio das Tabocas no anno de 1645, votou de edificar a Senhora do Desterro hũa casa se ella fosse servida de lhe dar victoria. Alcançada esta victoria e livre Pernambuco do dominiõ heretico, se dispoz Joao Fernandes Vieyra para dar inteyro cumprimento a seu voto, mas considerando, que o sitio das Tabocas era muyto deserto, e entre matos, onde a senhora não seria servida, e buscada, com aquelle aseyo, e devoção que merecia, se resolveo a fundar a sua casa nos arrebaldes de Olinda. Ajudado de sua mulher D. Maria Cezar deu principio ao Templo, que a Senhora havião prometido, no sitio que hoje chamão

do Desterro, e lhe derão fim com muita grandeza, e generosidade. Por morte dos fundadores, se derão os moradores de Olinda por obrigados a servir a May de Deos, e a cuidar muyto do augmento da sua caza, para que perpetuamente os amparasse, e livrasse de seos inimigos, e a festejavão todos os annos com muyta grandeza e despesa.

19. Em 30 de Abril de 1686 chegarão ao Reciffe o Padre Fr. Manoel da Natividade Carmelita descalço, com o cargo de visitador ultramarino, seu secretario o Padre Fr. Manoel de S. Ignes e os Padres Fr. Estevão de S. Jose, Fr. Manoel da Crus, Fr. José de S. Theresa, e o Padre Fr. José leitor, que passavão a Bahia para no seu convento abrirem collegio de Artes. Forão recebidos do Governador João da Cunha Sotto-mayor, e pessoas principaes com amor e urbanidade, e lhes asignarão o palacio do conde de Nassau, para que n'elle se recolhessem. As obras de caridade que exercitarão, e a sua compostura religiosa, fez com que apetecessem os moradores, que estes Padres fundassem casa nesta Provincia. Vencidas algũas difficuldades, lhes foy feita doação da Igreja da Senhora do Desterro no anno de 1686, e por que era annexa a Parochia da Sé, a confirmou o Bispo D. Fr. Francisco de Lima, ficando por este modo isenta da sugeição, que ate aly tinha. Concorrerão os moradores, com tanta liberalidade com esmolas, e offertas, que em pouco tempo se formou hum magnifico convento, e hum rico, e bem ornado Templo.

20. O convento de S. Amaro de Padres Recoletos, com a invocação de N. Senhora da Encarnação, foy fundado pelo veneravel Padre D. João Duarte Sacramento, Bispo eleito, e confirmado desta Diocesi. Em companhia do Padre João Rodrigues Victoria veyo de Lisboa sua Patria para Pernambuco logo depois da sahida dos Olandezes, abrazado no zelo da converção das almas. Vendo estes virtuosos sacerdotes, que a seara era copiosa, e os operarios poucos, e não podião acodir a todas as partes, que estavão pedindo, e carecendo missionarios, determinou o veneravel Padre Sacramento fundar um Recolhimento, onde se criassem sugeitos, que depois sahissem a missionar pelos dilatados certoens destas provincias. Pedirão ao vigario Geral lhes concinasse algũa Ermida onde dessem principio a sua congregação, apresentando-lhe os Estatutos, e Regra que havião feito, para que aguardassem os que voluntariamente se quisessem alistar n'aquella nova milicia do ceo. Como era notorio o seu zelo, e manifesta a sua virtude, e de alguns companheiros, que já o seguião, lhe foy concedido o que pedia com a liberalidade de se lhe concinarem tres Igrejas, a de N. Senhora de Guadelupe, a de S. João, e a de S. Amaro, sitas em diversos sitios da cidade, para que escolhesse a que mais conta lhe fizesse. Fez o veneravel Padre aceytação da de S. Amaro, por ser

mais retirada do concurço do povo, e mais conforme ao recolhimento de seos Espiritos.

21. Vista a Eleyção dos Padres, foy lhes concedida a Ermida, pelo Vigario Geral, e Provisor o Doutor Antonio Velho da Gama, consentindo nesta doação o Lecenciado Manoel Ferreyra Nunes, que era o Parocho a quem pertencia esta Ermida, fazendo della desistencia, o que o Senhor lhe remunerou no mesmo dia, livrando-o das ballas de hum bacamarte, com que lhe atirarão por húa janella das casas, em que morava. No anno de 1662 tomarão posse, e fazendo alguns aposentos se recolherão no mez de Agosto do mesmo anno. Para dar principio a sua congregação tomou o Padre Sacramento a roupeta das suas proprias maôs, e a lançou depois aos companheiros. Era a roupeta de pano da serra pardo, cingião se com húa correa, não uzavão voltas brancas nos pescoços, e trazião barretes de coatro cantos, como os mais clerigos. Para mayor firmeza desta congregação, não havendo ainda Bispo em Pernambuco, e sendo fallecido o da Bahia, recorrerão ao cabido, sede-vacante, rogando lhe confirmasse a licença dada pelo seu vigario Geral, e Provisor, e os Estatutos, que para a nova congregação havia feito o véneravel Padre Sacramento, ate que comodamente recorressem a Sé Apostolica.

22. Vista a suplica, e precedendo exactissimas deligencias, e verdadeiras informaçoẽs se fez na Bahia mais manifesta a grande virtude destes zelosos congregados. Dando o Illustrissimo Cabido por muy justificado o procedimento destes Padres, lhes concedeo amplissima licença, confirmando a sua fundação, e aprovando a sua Regra, e Estatutos, ate ultima resolução da Sè Apostolica. Vivião os novos congregados de Pernambuco com grande fervor, e santidade, acudindo as missoens, e observando pontualmente a sua Regra, e Estatutos. Passados nove annos mandarão a Roma o Padre Victoria, primeyro companheyro, e filho desta congregação, para que informando a Sua Santidade dos seos progressos, impetrasse a confirmação. Chegando a Lisboa teve communicação com o veneravel Padre Bertholameo do Quental, que nesse tempo principiava a fundar a congregação de Lisboa. Valeo-se do Padre Victoria para que fizesse a mesma suplica ao Santo Padre, para confirmação da Regra que havia feito para a de Lisboa. Assim o impetrou o Padre Victoria a Santidade do Summo Pontifice Clemente decimo. Examinado pelo Collegio Sagrado o vigor e novidade do Instituto, se não defirio a suplica, por se não multiplicarem novas Regras, e congregaçoens, e so pode o Padre Victoria conseguir confirmarem se as congregaçoẽns de Pernambuco, e Lisboa, ad instar da de Roma com os proprios Estatutos do Santo Patriarcha Felippe Neri, aos 17 de Julho de 1671, como consta do Breve = Ex injuncto nobis

cœlitus, concedendo Indulgencia plenaria a todos os que tomassem a roupeta, mostrando lhe o Santo Padre tão paternal affecto de amor, e extimação, que entre outras notaveis graças, lhe mandou muytas das Sagradas Reliquias, com que os thesouros da Igreja, enriquecem os Templos da Christandade.

23. Remetteo o Padre Victoria os Estatutos que Sua Santidade mandara guardar, ficando se em Roma, para cuidar nas dependencias, que se seguissem a sua congregação, e la com opinião de santo falleceo. Os congregados de Pernambuco aceitarão logo os Estatutos, e em tudo, e por tudo se conformarão com a sua observancia ; e pelo contrario não se conformando os de Lisboa com aquelle Instituto, escreveo o veneravel Padre Bertholameo do Quental outros que continhão algũas modificaçoens acomodadas ao Reyno, e avisando da sua pertenção ao veneravel Padre Sacramento, pedindo-lhe seguisse o seu dictame, recorreu segunda vez a Roma, por nova confirmação de Estatutos para as duas cazas de Pernambuco e Lisboa. Não teve dificuldade este requerimento, e o mesmo Pontifice Clemente X os aprovou, e confirmou em 24 de Agosto de 1672, em forma do Breve que começa: Ex injunctis nobis cœlitus, com clausula sublata, e decreto irritante. Estes Estatutos se guardarão logo na congregação de Lisboa, porem na de Pernambuco não tiverão aceytação, por se lhe oporem a mayor parte dos votos da cõmunidade, que por reverencia do Santo Patriarcha Felippe Nery, continuarão em guardar os seos Estatutos, obedecendo a primeyra confirmação da Se Apostolica, e primeyro parecer do vigario de Christo ; e em acção de graças, e determinado animo com que estavão de guardar os primeyros Estatutos feitos por S. Felippe Nery, e confirmados pelo Papa, fiserão os congregados no anno de 1675, tres dias de festa, pela solemnidade do Espirito Santo, implorando do divino amor graça para sua perfeita, e inteyra observancia.

24. Indo a Lisboa os Padres Andre Luis, e Servan Louzel como Procuradores desta congregação se communicarão com o Padre Quental, e resolverão trazer os Estatutos d'aquella congregação, para se observarem nesta, e com o pretexto de ajudar os nossos congregados veyo para Pernambuco o Padre João Lobo, e com elle vinte sugeitos entre Padres e Irmãos. Chegarão a Pernambuco aos 10 de Mayo de 1687 ; forão recebidos dos Padres congregados de S. Amaro, por entenderem se lhes multiplicavão companheiros para seos virtuosos exercicios: mas congregados em 13 do dito mez todos os Padres e Irmãos, se propoz a aceytação dos Estatutos feitos, ou modificados pelo veneravel Padre Quental, e concorrendo mayor numero de votos forão aceitos aquelles Estatutos.

25. E por que nem tudo que o zelo inspirase acomoda com a razão de todos, e pessoas ainda que santas são sugeitas a temerarios impulsos, entenderão muytos d'aquelles virtuosos padres, que se não devião sujeitar a outros Estatutos. A innocencia de seus costumes, o fervor e santidade das suas obras fez parecer a muytos homens circunspectos, e doutos, que tinhão razão, o effeito mostrou o contrario; depois de varias sentenças tendo os da parte contraria o amparo do serenissimo Rey D. Pedro 2º de gloriosa memoria, com cujo favor alcançarão hum motu proprio do Senhor Papa Clemente undecimo. Vencidos os primeyros largarão a Recoleta, e huns profeçarão em Religioens aprovadas, e outros, que ficarão no seculo fizerão sempre hũa vida exemplar e penitente. Aonde por nimio zelo se erra, o erro he mais digno de reprehenção, que de castigo, e aquelle que assim errou, antes merece premio que pena. Os Padres vencedores passarão a fundar casa no Reciffe onde tem florecido em virtudes, e letras, a da Senhora da Encarnação de S. Amaro ficou servindo para casa de convalecença, e recreação destes Padres congregados, e por este modo desapareceo de Olinda aquelle grande theatro de virtudes, edificação, e exemplo.

26. Os moradores da cidade de Olinda, com os desejos de terem na sua cidade hum convento de Religiosas para recolherem nelle as suas filhas, que com desejos de mayor perfeição pertendem o Estado Religioso, fundarão hum convento com hũa boa Igreja, dormitorios, claustro, e todas as mais officinas. Representarão a Sua Magestade, que indo suas filhas deste Estado, a ser Religiosas no Reyno, se expunhão aos naufragios, e ao captiveiro dos Mouros, que muytas tinham padecido. Valião-se do exemplo da Nova Espanha, conquista de Castella, onde ha infinitos conventos de Freyras. Ainda que parecião muyto justas as causas alegadas, faltarão as licenças, e povoarão esta caza alguãs donzellas virtuosas, e Matronas amantes do recolhimento, honestidade, e virtude. Entrando os Olandezes nesta cidade, foy destruido este convento, depois da sua sahida se tornou a reedificar, com aventajada perfeição; tem renda suficiente para sustentação de certo numero de recolhidas, posta por D. Antonia de Soto Mayor, Senhora de esclarecidas virtudes; e sendo muytas mais as recolhidas, as sustentão seos parentes.

CAPITULO 4º

DESCRIPÇÃO DO NOBILLISSIMO RECIFFE

27. Reciffe cidade populosa, com o nome de villa, assentado sobre os caudalosos Rios Beberibe, e Capibaribe, que o cortão pelo meyo, formando duas Peninsulas equivalentes as duas cidades. Fica o que

propriamente chamamos Reciffe na extremidade de huma restinga de area, com que a natureza dividio as agoas do Rio, das ondas do mar, inexcusavel transito para a comunicação de Olinda. Chama-se assim da serrania de hum Arreciffe que lhe serve de abrigo contra o impeto das ondas, posto que em alguãs partes coberta de agoas, se estende pelo espaço de muytas legoas com elevação moderada, talhado da natureza com tanta igualdade, que parece hũa muralha em que trabalhou cuidadosamente a arte. Gaspar Barleo supondo que Reciffe não he palavra Portugueza, deriva Reciffe do verbo latino: Recipere; o que tomou do porto a que se entra pela boca, que no Arreciffe abrio a natureza, para permitir a entrada de hũa nao atras de outra. Desta barra para dentro fica o surgidouro, chamado poço, que dá lugar a hũa grande armada. Pelo Rio asima entre a serrania do mar, e os edificios da terra forma hum canal, que admitte muytos navios, defendidos de ventos, e tempestades.

28. Estendese a sua povoação em forma prolongada de Sul a Norte por mais de hum quarto de legoa, com quinhentos passos de largo. Todo este terreno está occupado de mil e oitenta e duas casas de dous e trez e 4 sobrados, feitas ao estillo moderno de singular architectura. Quase todos seos moradores são homens de negocio, com grande cõmercio, trato, fausto, e luzimento. Ao meyo dia està fundado o nobilissimo convento dos R. R. Padres da Congregação do Oratorio de S. Felippe Neri: a sua Igreja com a invocação da Madre de Deos, he sumptuosa. A capella mor grande, e magnifica, as seis que tem o corpo da Igreja de primorosa talha dourada; tudo neste Templo he asseyo e riqueza, e devoção. Na sacristia se esmerou a arte, e se empenhou a liberalidade. Dao estes R. R. Padres Estudos Geraes de Filosofia e Theologia. No centro desta praça esta fundada a Igreja Parochial de S. Fr. Pedro Gonçalves, Corpo Santo, tudo que nella vem os olhos he ouro, prata, e sedas preciosas, nella se celebrão os officios divinos com magestade pompa e grandeza.

29. Sobre a porta que sahe para Olinda, no fim da grande e espaçosa rua da Cruz, da parte de dentro se vê hũa rica capella adornada com tanta riqueza, decencia e aceyo que he hũa maravilha. Nesta capella se venera com grande devoção, e concurso dos moradores huã devotissima, e muyto milagrosa Imagem do Senhor Crucificado, a quem dão o titulo do Senhor Bom Jesus das Portas. Sahindo desta porta fica a lingoa de área, que serve de estrada para a cidade de Olinda, a poucos passsos estão fundados os quarteis, em que se recolhe a gente de guerra, que vem nas armadas, a grande casa da Junta, e hũa comprida rua que formão cento, e quarenta cazas, e tem por coroa a Igreja de Nossa Senhora do Pilar.

30. Deu principio a este santuario da Senhora João do Rego Barros, Provedor da fasenda real. Hindo a Lisboa a dar suas contas, receoso que as não daria como desejava, encomendou se a Senhora nestes seos justos temores, e fez voto de que tendo bom suceço na sua conta, de lhe edificar hũa capella, em que fosse venerada. Sahio bem da empreza, e obrigado ao favor, que a Senhora lhe fisera, na mesma Corte mandou fazer a Imagem da May de Deos, na mesma forma que se vê na primeira copia, que na mesma cidade se venera no real convento de S. Vicente de Conegos Regrâtes de S. Agostinho. Logo que chegou ao Reciffe deu principio a obra, que acabou com perfeição, e dotou com suficiente renda para sua fabrica. Ten-se augmentado muyto este santuario, porque assim os moradores, como os mareantes, que vem de fora concorrem com boas offertas, que se empregão no adorno, e aceyo desta Igreja, para a qual pagão tambem os navios, e embarcaçoêns, que entrão pela barra, certa devota penção.

31. Duzentos passos adiante deste devoto santuario fica a real Fortaleza do Brum; e no meyo da restinga, o Forte do Buraco. O castello do mar está fundado sobre o Arreciffe naquella ponta, em que faz barra, fazendo impossivel a entrada de qualquer náo, por lhe ficar debaixo da sua artelharia. Pela face do Nascente estão quatro trapiches, que dão prompta execução a carga, e descarga das embarcaçoens; ao pe dellas a Alfandega, e casa dos contos. Faz o Rio ao meyo dia hũma volta dobrando pelo Forte do Mattos para Poente, e dilatandose logo para o Norte forma outro braço em que vem surgir embarcaçoêns que demandão menos fundo.

CAPITULO V

DESCRIPÇÃO DA ILLUSTRE CIDADE MAURICEA ALIAS PARTE DE S. FRANCISCO

32. Divide se o Reciffe, da povoação de S. Antonio pelo Rio e fica reunido por hũa magestosa, e soberba ponte, que sobre si sustenta secenta casas de pedra, e cal, e nellas secenta logeas de mercadores na longitude de trezentos passos, com arcos de maravilhosa architectura nas duas entradas della. Toda esta pomposa maquina está assentada sobre dous espaçosos e fortes caes de cantaria, quatorze pilares de pedra, e columnas de groços e incorruptiveis madeiros.

33. He chamada essa nobilissima povoação de Santo Antonio, por que o primeiro Templo, que neste territorio se fundou foy consagrado ao inclito Portuguez S. Antonio. Em tempo do Olandez, pelo importante sitio foy povoada com muytos edificios, logrou a preheminencia de

cidade, com o nome de Mauricea, que tomou de João Mauricio Conde de Nassau, Principe de Orange. Estende se de Norte a Sul por mais de meya legoa, em huma deliciosa e aprasivel planicie. Está cercada do Rio que lhe serve de fosso, assim como os arreciffes de muralha.

34. Tem por coròa no principio da sua circunvallação o magnifico Palacio dos Illm.os, e Exm.os Senhores Governadores, e Capitaens Generaes, que com tres quadras, e duas excellentes torres representa magestade e grandeza. Por face tem o sumptuoso Convento de S. Antonio dos Religiosos do Patriarcha S. Francisco, a que está unida a grandiosa Capella da Veneravel Ordem Terceyra com seos claustros, Hospital, consistorios, e mais officinas, o que tudo junto faz hum magnifico aparato. Occupão seos braços, e corpo todo terreno, em que se contão mais de duas mil cazas com seos quintaes, ou jardins com poços de agoa clara, e doce, que serve para rego das plantas, e gasto dos moradores. Quatro maravilhosos conventos, caza da Misericordia, dez grandiosas Igrejas, e sete praças capazes de nellas correr touros, termina se a sua opulencia com a Real Fortaleza das sinco pontas que lhe fica ao meyo dia.

35. Vista de fora, servindo lhe a ponte com suas cazas de frontispicio, ella e o Reciffe de lados representa hum bello Amphitheatro, com agradavel engano dos olhos. He muyto fermosa por dentro, por que tem as ruas largas, e limpas, os edificios altos, e nobres, e as cazas sempre bem cayadas de branco, e as sacadas de verde, os Templos ricos, os conventos sumptuosos, e o sitio dos melhores pela sua alegre, e espaçosa vista.

36. Nesta cidade assistem os Excellentissimos Governadores, os Ouvidores Geraes, para o crime e civel; Juizes de Fora e Orphaős, Provedores e Procuradores da fazenda real, e coroa, seis Escrivaẽns do civel, e crime; dous de Orphaős, e hum de defuntos, auzentes e capellas, vinte advogados, e todos os mais officiaes de Justiça para a boa administração d'ella. Tambem neste mesmo lugar assistem o coronel, Thenente Coronel, Sargento Mayor, Capitaens, Thenentes, Alferes, e mais officiaes du lusido Regimento da sua guarnição; e nestas duas povoaçoens, que chamamos Reciffe habitão mais de vinte mil pessoas. O luxo, aceyo, e grandeza com que se tratão seos moradores não tem que invejar o tratamento das Cortes mais ricas, e polidas. Não uzão de carruagens, mas sim uzão as senhoras de cadeyrinhas a maneyra de liteyras, que carregão escravos; e homens, e mulheres de palanquins, carruagem grave, modesta, e mais comoda que estrondosa. Enriquece a fabrica espiritual desta nobilissima villa cento e sincoenta e oito Religiosos em virtude, e letras singulares. Cento e sincoenta e hum clerigos Presbyteros, seis Diaconos, e quatro subdiaconos, que

com a honestidade da vida, perfeição de custumes, exercicio de virtudes, e letras dão o mayor lustre a sua Patria. Para mayor desempenho das obrigaçoēns do seu Estado irigirão hūa illustrissima Irmandade, em que todos servem a seu sagrado Patriarcha o Apostolo São Pedro, na sumptuosa Igreja que fundarão a poucos annos com tão liberal dispendio, que não estando ainda de todo acabada, tem gasto nella mais de cento e trinta e tres mil cruzados. O corpo deste magnifico Templo he em forma rotunda como a Igreja de S. Maria a redonda em Roma, toda cercada de ricas capellas, e tribunas. He de huma so nave grande, fermosa, e muyto alegre. Tem hūa magestosa capella mor, e hum espaçoso cruzeyro, he de perfeitissima architectura, com hum soberbo frontispicio a que darã mayor magestade duas elegantes torres em estando acabadas. A materia he pedra fina, e clara e madeyras preciosas.

37. Compoen-se esta Illustrissima Irmandade de mais de quinhentos Irmãos, em que entrão sacerdotes moradores em outras partes, e alguns seculares, que dão cem mil reis para serem admittidos, e cumprem igualmente com as obrigaçoēs do compromisso, e todos com extremosa caridade se assistem em obras de piedade, fasem ferverosa assistencia a seos Irmaōs na ultima infirmidade, acompanhando todos em corpo de cōmunidade com sirios brancos, esquife proprio, estações com responsos, ao Irmão que morre, e lhe fazem muytos sufragios pela sua alma.

38. A veneravel Ordem Terceira de Nosso Padre S. Francisco tem hūa capella composta de muytas capellas, e tudo que nella se vè he ouro. Na espaçosa casa de seos exercicios, na do noviciado, e sacristia tudo he aceyo, primor e riqueza. Compoen-se esta veneravel e illustre ordem de mil, e oitocentos Irmaōs, devotos em seos exercicios, ferverosos no augmento do culto divino, e grandiosos nos dispendios que annualmente fazem com as suas festividades, e assistencia dos necessitados. A porcição de penitencia, que fasem em quarta feira de cinza com os santos da sua ordem, he com tanta devoção, aceyo, e riqueza, que na corte se não faz melhor. Todos os annos dispendem em missas que se dizem pelos Irmãos defuntos, em esmollas aos necessitados e no culto divino mais de desaceis mil crusados.

39. Os Terceyros do Carmo, tem por capella huma famosa Igreja de admiravel architectura, com sette capellas de maravilhosa talha dourada. Compoen-se esta illustre Ordem de *2000* Irmãos, que se empregão em obras de piedade, e devoção. As suas festividades, e porciçoens fasem com toda pompa e solemnidade.

40. A Igreja dos Congregados de Nossa Senhora da Conceição he de excellente architectura, muito fermosa, e bem ornada, nella he a

Senhora servida, e louvada pelos seos devotos congregados, que com ferveroso zelo, e muita devoção se empregão nos seos louvores, e serviços. He composta esta congregação de innumeraveis Irmãos, e assestidos em seos exercicios pelos Padres da Companhia de Jesus.

41. Os Militares do Regimento de guarnição desta praça fundarão hũa fermosa Igreja, que dedicarão a Senhora da Conceição, a quem servem com grande devoção, e dispendio. A grandeza do edificio, o primor do seu aceyo, e riqueza do seu adorno lhe dá a primasia sobre todas as capellas, que tem os militares de Portugal, ou Brasil.

42. Unidos os homens pardos em hũa fervorosa, e discreta devoção para com a May de Deos, que sempre nos ampara, e livra de todos os perigos, trabalhos, e penalidades da vida, lhe dedicarão hũa casa particularmente sua. Para esta fabrica concorreo a liberallissima piedade destes homens com mão tão larga, que em pouco tempo erigirão hum fermoso Templo, com paramentos tão preciosos como ricos. Neste santuario he a Senhora servida dos seos confrades com grande devoção, primor e grandeza.

43. Os homens pretos, e captivos se mostrão tão affectuosos no amor e serviço da May de Deos, a Senhora do Rosario, que elles mesmos ainda que pobres, se lhe resolverão a fundar hũa fermosa Igreja, em que so elles são os fundadoros, e administradores. He este Templo de curiosa e sumptuosa estructura, o seu frontespicio, pomposa fabrica de pedra branca, admiravel desempenho da Architectura edificativa. He a Senhora do Rosario o alivio, e consolação destes homens, por que todos em seos trabalhos recorrem logo por seu meyo a soberana Imperatriz da gloria; e na fé, e devoção com que a buscão, experimentão os seos favores, e assim se não apartão da sua prezença offerecendo lhe as suas oraçoens. He certamente de grande, edificação, e ternura, ver o fervor, zelo, e dispendio, com que servem a sua Senhora. Todos os dias do anno sem que os estorve algum acontecimento cantão o terço com ladainha. Nos sabbados cantão a canto de orgão a ladainha as sinco horas da tarde, e as sete da noite o terço, Nos dias de perceyto assistem todos a missa do seu capellão, que beneficião com canto de orgão, rezão o terço, e officio parvo, as tres horas da tarde cantão outro terço, e a noite a porta da Igreja outro. Na segunda dominga de outubro festejão a Senhora com grande solemnidade, e para mayor fervor da sua devoção, formão danças, e outros licitos divertimentos, com que devotamente alegrão o povo.

44. Nas sinco capellas da sua Igreja estão colocadas as Imagens da Senhora do Rosario, orago da caza; da Senhora da Boa Hora, e de S. Domingos, e as dos Santos pretos, Elesbão, Moyses, Benedito, Antonio de Catalagirona, Eufigenia, e o S. S. Rey Balthazar. A todos

festejão com a solemnidade de Senhor exposto, missa cantada e sermão, precedendo a estas festividades novenas, que fazem com muyta devoção, e grande concurso. Todos os sabbados, e primeyras Domingas de cada mez saem pelas ruas cantando o terço da Senhora, com tanta consonancia, e concordia das vozes, que della resulta hũa suave armonia, que ao mesmo tempo agrada, e edifica.

45. Em todos os conventos se celebrão os officios divinos com devoção, magestade, pompa e magnificencia. E assim nas Igrejas dos Regulares, como nas do ordinario ha secenta e seis Imandades, que se empregão no culto dos seos Oragos, festejando-os com o Santissimo Sacramento exposto, Missa solemne, e sermão, e muytas com porcissão de tarde, e solemnissimas vesporas. Os Estudantes do Collegio da Companhia se esmerão, e empenhão com a festividade da Senhora do Ó, sahindo a May de Deos em hum triumphante carro ornado de ricas, e preciosas sedas, seguida de outros carros, charollas, figuras, e danças tudo ornado com custo, aceyo, e riqueza. As duas Irmandades do Espirito Santo com os seos actos fazem os dias mais fermosos. A meuza em que publicamente comem os Emperadores he officina, em que os pobres achão abundancia e regalos; com os pratos mais exquisitos he a pobreza nestes dias regalada.

46. Quarenta e dous oratorios perfeitos pelo primor da arte, e custo, embutidos nas paredes das cazas, dao as ruas mayor lustre. Das Ave Marias por diante com agradavel e sonoro canto he a serenissima Raynha dos Anjos Maria Santissima, louvada. Em cada hum destes oratorios se faz cada anno huma solemnissima novena, em que toda rua se illumina, com musica, fogos, e luzes, competindo entre si os vesinhos com devova emulação em se aventajarem nos obsequios da May de Deos. A todos os oratorios excede o do arco da Ponte em que he adorada, servida, e venerada hũa formosa Imagem da Senhora, com o titulo da sua Conceyção immaculada. He grande a devoção, com que os fieis a buscão todos os dias, valendo se em seos trabalhos do seu amparo, e patrocinio, que achão tão propicio, como testeficão as muytas memorias de quadros, e de varios sinaes de cera, que o estão publicando.

47. A Irmandade das almas, empenhada em soccorrer as almas do Purgatorio lhes acode com aparatosas Exequias, e quotidianos suffragios. Todos os annos alivião as penas das benditas almas com quinze e dezeseis mil missas. E para que aos vivos não falte o alivio em suas pobrezas, e necessitados, em hum magnifico hospital, que fundou D. João de Souza, e sua mulher D. Ignes Barreto de Albuquerque, são curados os enfermos e a multidão de pedintes a quem mais que a fortuna fez pobres a preguiça, acodem os moradores com extremada caridade.

48. Parece ser este nobilissimo Reciffe feito de alambre para atrahir, ou que tem virtude magnetica para acariciar com mais doces laços do que comenta a fabula, que tivera Hercules de cadeas para prender homens; armado de mais suaves prisoẽs do que sonhou o hyperbole, que tivera Anfion de cordas para enrredar penhas, e Arion de redes para enlaçar agoas; está sempre atrahindo vesinhos, que acrescentem o numero de seos moradores, e por isso não cabendo já no seu recinto passarão a povoar no lugar da Boa vista, que lhe fica ao Poente, e que se lhe une com hũa fermosa ponte de fortes madeyras com quatrocentos passos de longitude, e de latitude dezaseis palmos.

49. Està assentada esta nova e já numerosa povoação em hũa deliciosa planicie, cercada de amenas, e vistosas arvores, hortas, e sitios, quintas, e casas de recreação. O caudaloso Rio Capibaribe dilatando por este valle suas cristalinas correntes, parece que compassivo da sua sede quer sair a regallo. Occupa o centro deste ameno valle, em que se achão já fundadas mil cento e trese moradas de casas de pedra, e cal, e muitas dellas de dous sobrados feitas ao estillo moderno. Sete sumptuosas Igrejas, e seis fermosas capellas; corre de Oriente a Poente, e por todas as partes se dilata em espaçosos campos, que pelo setemptrião se vem fermoseados com as abundantes correntes do prateado Beberibe, que emulo da grandeza de edificios com que se obstenta Capibaribe, offrece em competencia sua quatrocentas e sincoenta e duas cazas sitas nas suas margens, tres excellentes Templos, e oitocentos vesinhos.

50. Sem que as suas agoas se dividão em braços desde a parte superior, antes chegar a estas dilatadas campinas, são tão ferteis pela bondade da terra, que ao meyo dia não offende o sol as caminhantes defendidos da pompa de larangeiras, limoeyros, cajueiros, oitizeiros, Mangabeyras, cajazeyros, e de outras infinitas arvores, que lhes formão verdes pavelhoens com suas folhas, flores, e frutos. De toda esta fermosura, fora de ser a terra pingue, e abundante são cauza innumeraveis fontes subterraneas, que dando humor as plantas contra os rigores do sol lhe conservão a vida, como o sangue nas veas do homem. Admiraveis são estas veigas e feitiço da natureza, com que convida os vesinhos, sendo innumeraveis os que procurão gosar da sua deliciosa vivenda, de maneyrs que já aly se não vê edificar huma, e outra casa, senão huma e outra rua.

51. Movido da sua grande piedade o Excellentissimo senhor Bispo Dom Frey Luis de Santa Thereza, erigio neste lugar hum fermoso Palacio, por conhecer que a sua continua assistencia em Olinda causava grande detrimento as partes, que todo os dias os buscavão com

seos requerimentos, o que não socedia assestindo tambem neste sitio, de donde os despachava com promptidão, e sem detrimento. Defronte deste Palacio demos principio a hum convento para Religiosas profeças, por que alcançamos licença do nosso Fidelissimo Rey e Senhor D. João V de gloriosa, e saudosa memoria para esta fundação. Estando a obra em termos de se lhe dar fim, se vio impedida com grande sentimento dos moradores, que para ella concorrião com liberal dispendio. Como este edificio corria por conta da minha deligencia, e zelo, não declaro os fundamentos da suspenção, para que não pareça que os explico com paixão. Espera se pela solução das duvidas, que serão desatadas muyto a favor deste Mosteyro.

52. Para a parte do sul se alargarão tambem os moradores, e em huma deliciosa planicie (chamado lugar desafogado) a que se vay por hũa fermosa calçada, que principia ao pe da Fortaleza das sinco pontas fundarão hum arrayal, que se compoem de trezentas e tantas moradas, hũa Igreja dedicada ao Divino Espirito Santo, e hum Recolhimento de Donzellas, que enrriquessem, e augmentão a fabrica Espiritual desta cidade com a sua oração, recolhimento, pureza, e santidade.

53. He a nobreza alma da Republica, por que com seo poder, riqueza, e autoridade a une, defende e soccorre; a que encerrão estas povoaçoens he tanta, que se faz impossivel reduzilla a hum breve compendio sem agravalla. Forma se o corpo Politico desta republica de Illustres cidadoens, o militar de dous Regimentos, hum de Henrriques com seu Mestre de Campo, e sargento mor, e Ajudantes pagos. Duas companhias de Artilheiros com sargento mor, e Mestre de Campo de Enginheiros. O Governador da Fortaleza do Brum serve com patente de Thenente Coronel. Os das Fortalezas das sinco pontas, Buraco e Castello do Mar, com patente e soldo de capitaens, alem de outros emolumentos, que lhes dã mayor authoridade.

54. O Estado Ecclesiastico se compoem nestas quatro povoaçoens (a que se pode chamar cidade, composta de quatro cidades) de dez conventos de Religiosos, com oito Collegios de Philosophia, Theologia, e Moral. Dous Hospicios, dous Recolhimentos de Donzellas, quarenta e trez Igrejas, desoito capellas, donde em duzentos e trinta e seis Altares offrecem cada dia o incruento sacrificio do cordeyro immaculado quinhentos e vinte e seis sacerdotes.

55. São estas povoaçoens visitadas do Sol tanto que nasce, o qual com seos rayos desfaz as humidades, e adelgaça os vapores, que dos Rios se levantão, purificando seos ares de sorte que ficão as mais salutiferas do mundo. Nellas não ha verão que aflija; nem inverno, que moleste. O temperamento he benigno, o ar tranquillo, e o terreno

uberrimo. Respira em todo tempo vapores suaves, amigos da natureza, e inimigos da corrupção. Os Ares purissimos, e de noite tão claros, e transparentes, que deixão ver os atomos, e argueiros do ceo nas mais pequenas Estrellas. Não ha na terra felecidade mais constante, nunca sahe Flora dos seos campos, nem Pomona das suas hortas, por que ao pe das flores nascem os fructos. Nunca lhe volta cara a primavera. O Estio he huma estação tão cortes, que com o abanico da viração a todos refresca. Agoas salutiferas, que confortando a saude no mesmo tempo, que matão a sede, sempre com regallo, e nunca com damno se bebem.

56. Os Rios por debaixo de arcos triunfaes, quantos são os das pontes, que os atravessão, sem fazer violencia, nem ruina algũa,-vem correndo tumidos, e ufanos por deixarem as suas margens, e coroas povoadas de infinitos mariscos, e trazerem envolvidos nas suas cristalinas agoas mais de cem castas de peixe, que esperdiçando os engodos, aproveitam as iscas. Na perpetua abundancia dos mantimentos se vê aqui o mayor theatro da Providencia Divina, com que não so acode com o necessario sustento a mais de trinta mil pessoas, mas ate a innumeraveis ociosos, que não trabalhão para adquerir o pão para a boca, sustenta, e regalla.

CAPITULO 6º

NOTICIA DAS FUNDAÇÕES DOS CONVENTOS DO RECIFFE

57. O Convento de S. Antonio dos Religiosos Franciscanos do Reciffe teve principio no anno de 1606. Para fundar o dito convento deo de esmolla Marcos Andre, sincoenta e seis braças de terra. Feita esta doação fazendo os Religiosos o seu capitulo no convento de Olinda, em vinte e seis do mez de Outubro do dito anno a que presidio o R.do Padre Custodio Fr. Leonardo de Jesus, determinarão fundar este convento, e nomiarão para Guardião delle o Padre Pregador Fr. Bernardino de Jesus, e Fr. Manoel de Santo Antonio, chorista; e a Fr. Gaspar de S. Antonio Frade leigo, filho primogenito da familia Franciscana no Brazil, por ser o primeyro a quem lançou o habito o Padre Custodio Fr. Belchior ainda antes de fundar a caza de Olinda, como fica referido. Não teve para sua fundação mais que as esmollas dos moradores, e com ellas se sustentão mais de sincoenta Religiosos.

58. O Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, foy fundado por ordem delRey D. João IV de vinte e seis de Abril de 1655, em hũa Igreja que tinhão fundado os hereges Francezes, da seyta de Calvino. Esta Igreja com hũas cazas contiguas deo aos Padres o Mestre

de Campo General, Governador destas Provincias, Francisco Barreto de Menezes, depois da Restauração de Pernambuco, na qual doação conveyo o senhor do sitio, em que estava a Igreja, e cazas, para fundar o collegio, eschollas, e estudos, sem determinação de numero certo de Religiosos.

59. O convento do Carmo da Reforma, teve o seu principio em hum Hospicio de Observantes da mesma Ordem. O Padre Fr. João de S. Jose com o favor delRey D. Pedro II, introdusio a Reforma da Provincia da Turonia em França, fasendo lhe Sua Magestade merce, que se erigisse o convento, no sitio em que hoje se acha, por decreto, que se acha registado no L. 7 dos Resistos da Secretaria deste governo, em vinte e dous de Mayo de 1687; não tem determinado numero de Religiosos, ao presente vivem neste magnifico convento quarenta e sinco.

60. O convento de N. Senhora da Penha de Franciscanos Capuchinhos, foy fundado pelos Religiosos barbadinhos Francezes, que assistião no mesmo lugar, chamado, fora das portas de S. Antonio, em hum pequeno oratorio. Chamavão-se estes Religiosos Fr. Cyrillo, que era o superior; Fr. Fabiano, Fr. George e Fr. Antonio, aos quaes em desaseis de Abril de 1656, doou Belchior Alves Camello, e sua mulher Joanna Bezerra, corenta braças de terra, pelo rumo de Norte Sul, e quatro de largo, para fundarem a sua Igreja, e convento, com a invocação do Espirito Santo. Na Igreja que logo fiserão, colocarão hua devotissima Imagem da Raynha dos Anjos, a quem derão o titulo de Nossa Senhora da Penha de França, de pincel em hum grande quadro, a quem recorria a piedade dos moradores com grande devoção e frequencia. Esta Imagem pintada está posta no meyo da tribuna da capella mor, e outra Imagem de alabastro com o mesmo titulo está colocada em hum nicho no meyo do sacrario; he muyto milagrosa, e tem obrado, e obra grandes prodigios, em todos que com viva fe a invocão nos seos trabalhos. Os milagres da Senhora da Penha de França derão o nome ao convento, esquecendo o do Espirito Santo, com que foy fundado. Mandando ElRey de França retirar estes Religiosos para suas terras, e Provincias em o anno do 1701, ficou este convento recomendado aos Padres da Congregação do Oratorio, onde asestirão athé o anno de 1709, em que ElRey o mandou entregar aos Padres Capuchinhos Italianos, a requerimento do Padre Fr. Jeronimo de Genova, Superior, e Procurador dos Missionarios Capuchinhos, para agasalho dos que voltão de S. Thome, e Angola, e para melhor provimento das residencias, que tem nestas Provincias. O Autor do Santuario Mariano Tom. 9. L. 2. tit. 12, diz que o Senhor Rey D. Pedro II fora quem mandara sair a estes Padres Francezes deste convento, e de

todas as mais terras das suas conquistas por cauzas muyto justificadas, e por lhe constar não lhe convinhão n'ellas estes Missionarios. Ignoramos o motivo que ouve para a sahida destes Padres, mas por ordem do dito Senhor do anno de 1701 a D. Fernando Martins Mascarenhas, Governador destas Provincias lhe manda dar todo favor, e faser todo bom cōmodo para se passarem a Portugal em cumprimento do decreto do seu Monarcha Francez.

61. O principal emprego dos Padres congregados de S. Amaro de Olinda, era o exercicio da oração, missoens, e conversão dos Gentios, e peccadores, e os seus primeyros Estatutos se ordenarão a estes virtuosos empregos. Entravão pelos certoens mais incultos, reduzindo a Fé innumeraveis naçoens, e por que quando voltavão ao seu convento vinhão muytas vezes com as roupetas rotas, e os pes descalços; e com menos aceyo em suas pessoas, lhes era muito conveniente aquelle sitio retirado; mas prevalecendo os nossos Estatutos, e com elles a obrigação de sermoens e praticas todos os Domingos, e dias santos; e effectiva assistencia nos conficionarios, que na casa de S. Amaro se não podião observar por ser lugar deserto, e de pouco concurso, determinarão fundar no Reciffe hum Hospicio, onde melhor podessem satisfazer com suas obrigaçoēns. Impetrada a licença lhe foy concedida para a fundação de hum Hospicio de doze Padres, o que com brevidade se executou. Em pouco tempo se augmentou grandemente esta caza, assim em edificios sumptuosos, como no numero dos Padres, sendo mais de sincoenta os sacerdotes, que nella habitaõ e se occupão em virtuosos exercicios. ElRey D. Pedro II lhes deo ampla licença para que este convento fosse o principal da Congregação, e lhe consignou hũa congrua de quinhentas arroubas de assucar todos os annos. Tambem conseguirão breve Apostolico para que fosse a casa do Reciffe cabeça da Congregação, ficando a de Santo Amaro servindo de hospicio para os convalecentes.

CAPITULO 7º

DESCRIPÇÃO DOS TERMOS DA CIDADE DE OLINDA E VILLA DO RECIFFE

62. A cidade de Olinda tem por termo a freguezia da varse, que lhe fica ao Sul, assentada toda em vistosas campinas, e aprasiveis planicies. A sua povoação consta de duzentos, e vinte visinhos com hũa rica, e fermosa Igreja, que lhes serve de Parochia, tem mais as Igrejas do Rosario, e livramento no seu destrito se contão onze Engenhos Reaes, desaseis Templos, muitos sitios, quintas, seiscentas, e setenta e

duas moradas, e quatro mil, duzentas e quarenta almas de confição. A Freguezia de N. Senhora da Luz, que fica ao poente, a sua povoação está assentada na planicie que faz hum fermoso oiteiro, he de mais de cem visinhos, extendese pela ribeyra de Capibaribe com desoito Engenhos, com mais de mil fogos, e seis mil duzentos e quarenta e quatro pessoas de confissão. A freguezia de S. Lourenço fica ao certão, he de apraziveis vargens, vistosos montes, e frescas ribeyras; a sua principal povoação tem mais de duzentos visinhos, e em toda Freguezia vinte Engenhos, vinte e seis magnificas Igrejas oitocentos e quarenta e nove fogos, e sinco mil quinhentos e vinte e sette pessoas de confição. A Freguezia de Santo Antão fica no Norte da de São Lourenço. A povoação principal tem quase duzentos visinhos, e no seu destrito doze Engenhos, quinze Templos, oitocentos e quarenta e seis fogos, e quatro mil seiscentas e oitenta e oito almas de confição. Tem mais por termo as terras que correm ao sul do Rio Beberibe ate a ribeyra de Paratibe onde vem topar a Jurisdição da villa de Igarassu. Todas estas terras estão bem cultivadas, e povoadas de muita nobreza, casas nobres, Palacios, e Templos sumptuosos.

63. A muita nobre e sempre leal villa do Reciffe tem por termo a famosa Freguezia do Cabo de Santo Agostinho. A sua principal povoação consta de mais de trezentos visinhos, coatro sumptuosos Templos, tem vinte e oito Engenhos reaes, muitos Palacios, e cazas nobres, e mais de sette mil moradores. No seu destrito tem os Religiosos de Nossa Senhora do Carmo o seu magnifico convento de Nazareth, onde está huma boa Fortaleza para defença da barra, que no tempo do Olandez foy o mais importante porto para as suas armadas. Hoje não admite mais que embarcaçoens ligeiras por se atravessar na sua barra hum grande penedo, que aly nasceo. A Freguezia de Ipojuca fica ao Norte, he fundada em vistosas veigas, e aprasiveis campinas, tem duas principaes povoaçoens, a primeira está situada em hum alto com mais de duzentos vizinhos, sumptuosa Matriz, hum magnifico convento de Religiosos do Patriarcha São Francisco, e tres Igrejas. A segunda está fundada em hum lugar a que dá nome do Ó, o devoto, e celebre santuario da Senhora do Ó, tem mais de mil vizinhos, aqui asiste ordinariamente o Reverendo Parocho, e o seu coadjutor na primeira povoação. Tem esta notavel Freguezia vinte Engenhos, vinte e seis Templos, e mais de sete mil almas de confição. A Freguezia de Santo Amaro está fundada a sua principal povoação na deliciosa planicie de hum monte que se levanta pela margem do famoso Rio Jaboatão, tem quase trezentos visinhos, e no seu destrito desoito Engenhos, vinte Igrejas, mais de oitocentos fogos, e sinco mil e tantas pessoas de confição. A Freguezia da Moribeca, a sua principal povoação tem mais de duzentos

visinhos, e no seu distrito mil, e secenta e dous fogos, e mais de sinco mil almas de confição. Tem desoito Engenhos e vinte sinco Igrejas.

CAPITULO 8º

DESCRIPÇÃO DAS FAMOSAS VILLAS DE SERINHEM, PORTO CALVO, ALAGOAS E PENEDO, E SEOS TERMOS

64. A muito nobre villa de Serinhem, a que dá o nome de Formosa o delicioso Rio, que a banha toda por hum lado, fica quinze legoas ao *Norte* da cidade de Olinda. O seu porto é frequentado de muitas embarcaçoens da Bahia, e Reciffe por causa do comercio. Está sentada na aprasivel Chãa, que faz um espaçoso, e alegre oiteyro, tem boas casas, e nellas são moradores mais de quinhentos vizinhos, Ao meyo dia em hum alto está fundado o magnifico Convento do Patriarcha São Francisco. Tem quatro sumptuosos Templos, onde se celebrão os officios divinos com pompa, aceio, e riqueza. Comprehende o seu termo parte da freguesia de Ipojuca, e da de Una, e nellas tem mais de trinta Engenhos, e nove mil, oitocentos, e sincoenta e tres almas de confição.

65. A celebre villa do Porto Calvo, assim chamada de hũ morador, que no tempo que se deu principio a povoar estas terras, habitava ao pé do seu porto, e havendo pela costa outras muitas barras por onde entravam as embarcaçoens, distinguião a barra, que aly fes o caudaloso Rio das pedras, com o nome de porto do Calvo, pela calva que tinha aquelle morador. Tem descahido muito da sua antiga grandeza, nos seos arrebaldes fiserão as pessoas principaes as suas moradas; tem por termo as freguesias de Camaragipe, e São Bento, e nellas oito mil dusentos, e secenta e sinco almas de confição, muitos, e bons Engenhos, e grandes Igrejas.

66. A nobre villa das Alagoas está fundada em hum alto, o seu porto he muito frequentado, tem muitos Engenhos reaes, os edificios da villa são de boa architectura, em que habitão mais de seiscentos visinhos, nella tem os Religiosos do Patriarcha São Francisco hum dos melhores conventos da sua Provincia, e os Religiosos de Nossa Senhora do Carmo hum Hospicio. Governa o civel e o crime dous Juises Ordinarios, e hum Ouvidor Geral, Corregedor da Comarca; esta se estende as Freguezias de Santa Luiza do Sul, São Miguel, do Norte, Poxim, e Santo Antonio Merim, e nellas são moradoras mais de desaseis mil pessoas de confição. Tem grandes Engenhos, e muitos e sumptuosos Templos.

67. A famosa villa do Penedo está fundada em hum alto e com seos edificios a que sobresahe o magnifico convento dos Religiosos de São Francisco, com hua sumptuosa Igreja. faz huma fermosa representação, tem bom porto, e de grande comercio; he banhada do Famoso Rio de São Francisco, tem esta Freguezia oitocentos e secenta e sinco fogos, e quase quatro mil visinhos. O seu termo he muito dilatado correndo pelo Rio asima mais de oitenta legoas, e vay confinar com o termo da nova villa de São Francisco do Sul do Cabrabo, e toda esta Ribeyra, em que estão as Freguezias de Nossa Senhora do Ó, São Pedro, Cabrabo, e duas mais que proximamente se erigirão, estão bastantemente povoadas, com varias povoaçoens, e innumeraveis fazendas, e sitios de criar gados vacuns, e cavallares.

68. A Freguezia de Santo Antonio da Manga, situada no certão confina com os Bispados do Pará, Marianna, e S. Paulo. Tem de comprimento mais de cento e trinta legoas, e de largura secenta. Os caudalosos rios, Corrente, Uurucujo, Paracatu e Abayte lhe facilitão o comercio por serem navegaes e limpos. Tem muitas ribeyras que a fazem fertil e deliciosa, comprehende no seu destrito as opulentas e dilatadas minas do Paracatu. Tem duas sumptuosas Igrejas Parochiaes, e muitas Igrejas, e capellas adornadas com magnificencia, e aceio. As povoaçoens de São Romão, Salgado, e Paracatu, podem competir com boas cidades; conta no seu termo trinta Engenhos de fazer açucar, e he habitada de mais de trinta mil pessoas. O parocho desta Freguezia, he Vigario Geral e Provisor independente do Geral do Bispado, e tem por destrito a dilatada comarca da Freguezia do Rio Grande do Sul, com o rendimento de mais de vinte mil crusados. Todo mais certão está repartido em muitas Freguezias todas populosas, com sumptuosas Matrizes, e capellas ricas, os seos Parochos são curas annuaes, e muitos com a dignidade de vigario da vara.

CAPITULO 9º

DESCRIPÇÃO DAS CIDADES DA PARAYBA E RIO GRANDE, E MAIS VILLAS E LUGARES DA PARTE DO NORTE

69. A cidade da Parayba tomou o nome do Rio que a banha, que concervou sempre esquecendose do nome de Felippea que lhe derão os nossos, tomado de Phelipe Rey de Espanha, e de Frederica que lhe puzerão os Olandezes, em contemplação de Friderico, Principe de Orange. He habitada de quase tres mil visinhos, com huã sumptuosa Igreja Mayor, Misericordia, sete Templos, conventos de São Bento,

São Francisco, Carmo, e Collegio da Companhia, que tem annexo hum magnifico Seminario, onde se dão Estudos de latim, e Filosofia, e nos conventos de São Francisco, e Carmo Filosofia, e Theologia. O parocho desta Freguesia he vigario da vara. e tem a freguesia mais de dez mil pessoas de confissão, por se estender o seu destrito fora da Cidade. No seu termo habitão mais de vinte mil pessoas, tem muitos Engenhos reaes, sumptuosos Templos, e ricas capellas. O Governador desta Capitania, he independente do Governador e Capitão General de Pernambuco.

70. A Cidade do Rio grande, tomou o nome do Rio sobre que está assentada, suposto não seja em si populosa, consta a Freguesia de coatro mil, e quinhentas almas de confissão, e tem seu termo mais de dez mil, com muitas fazendas de criar gados vacuns, e cavallares, e bons Engenhos de fazer assucar.

71. No anno de *1671* se descobrio grandissima Provincia do Piagui, que està em altura de dez graos ao Norte alem do Rio de São Francisco, no Continente de Pernambuco, e não muy distante do Maranhão. Tomou o nome de hum Rio assim chamado. He regada dos rios Caninde e Itaim, São Victor, Puti, Longazes, e Piracuruca, que todos por diversas partes concorrem a enriquecer o rio Parnaiba, que com elles opulento sae ao mar na costa do Maranhão. Hum dos primeiros que entrarão por aquellas dilatadas terras foy Domingos Afonço Certão, neste descobrimento se encontrou com Domingos Jorge, natural da Cidade de S. Paulo, que desejando novas conquistas sahira da sua Patria com numeroso troço de Indios domesticos a descobrir terras ainda não penetradas, e atravessando varias Regioens entrou nesta, e com Domingos Afonço proceguio a empreza, e cada hũ por sua parte conquistarão todo aquelle Paiz, cuja circunferẽcia comprehende grande numero de legoas. Em breve tempo se forão povoando de moradores em tanto excesso, que hoje se contão n'aquele grandissimo terreno, mais de seiscentas fazendas de gado, e cada hũa de larga extenção, e cria tanto, que para a Bahia vay muito, e delle se sustentão todos os Povos das Minas do Sul. Logra preeminencia de capitania, e hũa villa, que o Serenissimo Senhor Rey D. João V, mandou fundar pelo Doutor Vicente Leite Ripado, Ouvidor Geral do Maranhão no anno de 1718, com a invocação de Nossa Senhora da Victoria, e o titulo de Moxa, nome do sitio, em que está. Não cabendo no dominio de hũa so Provincia pela sua muita extenção, foi sugeita a Jurisdição de trez. No civel a Relação da Bahia, no Temporal ao Governo do Maranhão, e no Espiritual ao Bispado de Pernambuco, mas hoje está sugeita ao do Maranhão por desistencia que della fez o Exm.º Bispo D. Frey Jose Fialho attendẽdo a dificuldade, que havia pela sua muita distancia para ser governada pelos Prelados deste Bispado.

72. A villa do Aracaty fica ao Norte do Rio grande pela costa maritima, com bom porto, e grande comercio. A villa dos Aquiraz muito povoada, com hum Seminario, que governão os Padres da Companhia. Ao certão está a grande Villa do Icó, tendo estas villas dilatadas comarcas, muito povoadas, e opulentas. Os cariris novos, em que no anno de 1751 se descobrirão minas de ouro, prata, e pedras preciosas, he hum dilatado, e delicioso Paiz. Tem muitos Engenhos, aprasiveis campos, rendosas fasendas, e tudo quanto se pode desejar para a comodidade, regalo e conveniencia. A sua primeira povoação he dedicada ao Glorioso S. Jose. Vay em notavel augmento aquella capitania, e serà hũa das mais ricas, e opulentas de todo Brazil.

73. A famosa villa de Igarassu a mais antiga de todo Brazil, sinco legoas ao Nôrte da cidade de Olinda, està situada em hũa moderada elevação. A sua Igreja Matriz he de excelente architectura, e tem preciosos ornamentos. Tem um maravilhoso convento, caza de noviciado dos Religiosos Franciscanos, e hum convento de Religiosas Ursulinas, Caza da Misericordia, e quatro fermosos Templos. Nesta Freguesia habitão quase sinco mil pessoas maiôres, e no seu termo mais de nove mil. Tem desasete Engenhos, e boas cazas de campo, e deliciosas quintas, sitios, e fazendas.

74. A nobre villa de Igoyana, a quem deu nome o Rio, que a cerca, fica treze legoas de Olinda, e oito de Igarassu, tem mais de 600 vezinhos, he governada por hum Capitão Mor, Juiz Ordinario, o Ouvidor. O convento de Nossa Senhora do Carmo é magnifico. A Igreja Parochial, e a da Misericordia são sumptuosas, e quatro Templos muito asseados e ricos. Nesta freguezia são moradores quase dez mil pessoas de confissão. A villa de Tamaraca he hoje de seu termo, e as Freguezias de Tacoara, Tigicupapo, e Desterro com mais de vinte e quatro mil almas de confissão.

75. O ultimo termo do Governo, e bispado de Pernambuco pela costa he a Capitania do Siará. A villa da Fortaleza, he cabeça desta grande Provincia, onde asiste o capitão mor Governador. Tem Ouvidor Geral, Corregedor da Comarca, alguns Engenhos, e innumeraveis fazendas de gado. He habitada de mais de trinta mil pessoas de confissão, e no seu termo se descobrirão no anno de 1755 varias terras que crião finissimo ouro.

CAPITULO 10

RELAÇÃO DAS ALDEAS POVOADAS DE INDIOS QUE ESTÃO SITUADAS NAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO

76. Aldea de Nossa Senhora da Escada na freguezia de Ipojuca. Aldea do Limoeyro, na freguezia de S. Antonio de Tracunhem. Aldea do de Arataguhy na freguezia de Tacuara. Aldea do Siry na freguezia de S. Lourenço de Tijucupapo. Aldea de Unna na freguezia do mesmo nome. Aldea de Santo Amaro nas Alagoas. Aldea da Gameleyra, no Palmar. Aldea do Uruca, nas Alagoas do Norte. No destricto do Rio de S. Francisco estão situadas as Aldeas de S. Braz, da Alagoa comprida, do Pão de açucar, da Alagoa da Serra, do Comunabi. Aldea do Ararobá, na freguezia do mesmo nome. Aldea dos Carnijos na Ribeira do Panema. Aldea do Macaco. na mesma Ribeira. No certão do Cabrobo, freguezia de N. Senhora da Conceição do Rodellas, estão situadas as povoaçoẽns seguintes. Aldea da Missão nova de S. Francisco do Brejo, na Ribeira do Pajau. Aldea de N. Nossa Senhora do O, na Ilha do Zorobabé. Aldea de N. Senhora de Belem, na Ilha do Acará. Aldea do Beato Seraphim, na Ilha da Vargea. Aldea de N. Senhora da Conceição, na Ilha do Gambu. Aldea de S. Francisco, na Ilha do Aracapá. Aldea de S. Felix, na Ilha do Cavallo. Aldea de Santo Antonio, na Ilha do Arapuá. Aldea de N. Senhora da Piedade na Ilha do Inhenhum. Aldea de N. Senhora do Pilar na Ilha dos Coropos. Aldea de N. Senhora dos Remedios, na Ilha do Pontal. Aldea do Senhor Santo Christo no Araripe. Aldea do Aricobe, no Rio grande do Sul.

77. As Aldeas da Capitania da Parayba, são as seguintes: Jacoca da invocação de N. Senhora da Conceição. Utinga, N. Senhora de Nazareth. Bahia da Treição, S. Miguel, Preguiça, N. Senhora dos Prazeres, Boavista, Santa Thereza, e Santo Antonio Tapicurema, Cariry, N. Senhora do Pilar, Campina grande, S. João, Brejo, N. Senhora da Conceição, Panaty, S. Jose, Corema, Nossa Senhora do Rosario, Pega e Ico.

78. Aldeas da Capitania do Rio grande do Norte. Guajaru, Apody, Mipibú, Guarairas, Gramacio. As do Ciarà são as Aldeas dos Tramambes, Cancaya, Parangaba, Panpina, Payaçú, no destrito da villa dos Aquiraz, Palma, na Ribeira de Quicherem mobim, Aldea Velha na Ribeira do Quichelou, Aldea do Miranda, Cariris novos; e Aldea da Serra da Ibiapaba na Ribeira do Acaracú.

79. Todas estas Aldeas estão povoadas de innumeraveis Indios de varias naçoens; muitas são povoaçoens bem ordenadas com suas] ruas, e praças. As Igrejas sumptuosas, e bem ornadas. Tem cada hũa dellas Capitão mor com patente de Governador, e Capitão General, e divididos os moradores em companhias com seus capitaens, e mais officiaes. São regidas no Espiritual por clerigos, e por Religiosos, as que tocão as Religioens por custume são izentas do Ordinario. Algũas ha que os Missionarios governão o Espiritual, e Temporal, ficando os capitaens mores so com o nome, sem mais exercicio que fazer executar as ordens, que lhes dão os Padres Regentes da missão. Na Aldea da Ibiapaba tem em si coatro diversas naçoens, as principaes são a dos Taboyaras, e dos Topez, e desta he o Governador, Capitão mor, e Mestre de Campo, cavalheiros do Habito de São Tiago. He habitada esta Aldea de mais de dez mil pessoas, e a sua milicia consta de doze companhias, que se achão sempre promptas para tudo, que he do serviço de Deos, de ElRey, e do Estado; e a mesma promptidão se acha em todas as outras Aldeas, e naçoens.

CAPITULO II

DESCRIPÇÃO DE HUM ENGENHO DE LAVRAR ASSUCAR

80. A officina do Assucar, chamada por Antonomasia Engenho, por ser espaçoso theatro da industria do humano Engenho, he hũa admiravel fabrica, onde se beneficião as marinhas do admiravel Sal, que com superior nobreza, a todos os saes da natureza não abate a sua generosidade, a conservar com Escabeches, e salmouras carnes, nem peixes, mas cõ nativo orgulho escumando, espera que da Região do ar, e das mais nobres plantas do campo se lhe entreguem as produçoẽns, que o seu fervor sabe sublimar, e exaltar ao ponto da perfeição inacessivel ao rigor da maior intemperança do anno. Extreminador dos corpusculos etherogeneos, e perito collector das partes homogeneas da mais pura substancia da cana. Ao primor do seu magisterio deve a Republica deliciosas utilidades.

81. Para se esta maravilhosa maquina, que requer arte, e grande despeza he necessario hum grande terreno de duas, trez, e mais legoas, e que sejão terras em que hajão as bondades, e comodos, sem os quaes não pode ter subsistencia. A primeira obra de que se trata, he fundar hum Açude, nome que se deriva do Arabico Zud, ou Cud, que quer dizer, Regador, ou do Hebraico Zub, que val o mesmo que Regar, e de Zub, ou Zoub, se formou Asubda, que he Engenho de

fazer correr agoa. Segundo esta Etymologia chamão os Castelhanos, Açuda, a hũa grande roda, com que dos rios caudalosos se tira agoa para regar hortas. Em Portugal açude he obra de pedra e cal, muy escarpada para ter mão na parede que repreza as agoas de hũa levada, ou de hum rio, e divertilla para hũa azenha, ou outra utilidade. No Brazil Açude nos Rios, he obra de pedra e cal que corte o Rio, e reprezadas as agoas venhão direitas ao Engenho; na extremidade do Açude se fazem escovinhotes com duas portas, huã para que abrindo-se se solte a agoa, e moa o Engenho; outra, para que em tempos de mayor abundancia se dê sahida as agoas superfluas, e não arruine o Açude. Destas portas saem duas bicas, por hũa saem as agoas fora da roda, e pela outra que chamão caldeferir, vem a agoa, que se arroja sobre os cubos da roda. Não tem comprimento, ou largura determinada, he conforme a distancia em que fica o Rio. O Açude que he fundado em vertentes, he obra de pedra, e cal, em que se ajuntão estas agoas, e as da chuva, e pede mayor espaço para poder ajuntar suficientes agoas para todo tempo da moenda.

82. Da disposição do Açude tomam os Engenhos diversos nomes, por que suas agoas vem de alto, chamão Engenho Copeyro, se vem de menor altura Covilhete, ou meyo copeyro; e se correm baixas, rasteyro. Este pede mais agoa, que o covilhete, e este mais que o copeyro, por que açoutando neste a roda por sima, com pouca agoa circula o que não socede apanhando esta pela parte inferior, ou pelo meyo. O copeyro he o melhor por que rarissima vez sente faltas de agoas, cuja falta he de grande prejuizo, fazendose preciso, faltando aquellas, armar molinotes para moer com bestas, que he o mesmo que uzar duas diversas fabricas. As bicas por onde correm as agoas, ficam entre duas paredes, que vem das duas portas, onde estão os escovinhotes, e devem ser fortes, e grossas. Em correspondencia destas se formam outras de maior altura, tanto quanto baste para a roda circular, andando esta preza em quatro aspas de páo o mais forte, nas quaes com cavilhas grandes se prende a roda grande; e as aspas em hum serrilho com grandes cunhas, sendo as cabeças do serrilho argolladas, e ferradas com dous aguilhoẽs de ferro, que assentão sobre dous metaes de bronze, que muitos fazem de sicupira, abrindo se de goiva tanto quanto caiba o aguilhão, para nelle circularem os metaes, pela conveniencia de aquecerem menos, e carecerem de menos tempo para esfriarem os aguilhoens por que estes em secando com o impetuoso movimento, pegão fogo, e podem alluir de sorte que venha abaixo a roda, com notavel ruina da fabrica. Para atalhar este dano, poem-se nas costas da roda canas, e folhas, que recebem as gotas de agoa que sacode com seu movimento a roda e as vão distillando em

hum taboleiro grande, e deste correm por duas biquinhas, que despejão sobre os aguilhoens do serrilho, para que estejão sempre frios, e se não possa introduzir o fogo. Estes dous aguilhoens carregão sobre dous chaproens de pào, que tem de grossura hum palmo, e chamão mezas de guarnição, cujas menzas assentão sobre os paredoẽs do caboco, pelos quaes vem as agoas com que move o Engenho. A roda grande he conforme a ferida com que moe o Engenho, mas sempre deve ter cem palmos de circunferencia, pouco mais, ou menos, e se faz de paus amarellos, ou de pau arco com oito pessas de cada banda, que com boas escorias, e bem juntas se segurão com pregos palmares, e cavilhas de ferro, e se juntão os dous aros, presos nas aspas, de sorte que pelo meyo dellas vão os cubos que se ferrão por dentro desta roda com cocoeyras de amarello, e depois se brea tudo em forma, que se não aparte a agoa dos cubos, quando açouta nelles, para que assim faça mayor imprenção, e moa melhor, e com mais violencia. Na junta do serrilho da parte da moenda está outra roda, a que chamão rodete, pregado somente com quatro aspas, e estas bem seguras no serrilho. Esta roda tem de circunferencia a terceira parte da que tem a roda grande, nella estão gravados dentes de páo do comprimeno de hum palmo, e devem ser a terceira parte dos que tem a outra roda, chamada Bolandeyra, que é do mesmo tamanho da roda de agoa; moe a Bolandeira deitada, e tem os dentes pela parte inferior com o que prende os dentes do rodete, de sorte que dando o rodete, e roda de agoa trez voltas, dá a Bolandeyra huma somente. Esta se segura em quatro aspas mayores, e quatro menores, em cujas pontas com cavilhas se prende a Bolandeyra, e as aspas atravessão a emenda que, vem do Eixo do meyo, na qual se imprensa. Circulandose com argollas de ferro, vay o Eixo asima prender com o aguilhão de ferro, gravado na cabeça, e este em hum metal de bronze, que se sustenta em hum chaprão groço, a que chamão = Porca, que descança em dous Tirantes de seis palmos para dar lugar a Bolandeyra a que circule. Os Tirantes descanção sobre quatro esteyos grossos, e fortes. O Eixo da parte inferior é ferrado com outro aguilhão de ferro, e argolado seguramente na cabeça. O aguilhão està sobre huma carapuça calçada de aço, e esta açouta sobre um dado de ferro calçado de aço que chamão = Mancal. Desta sorte circula o Eixo tendo em si gravados nove dentes de páo santo, estes atrochão em outros tantos de cada hum dos dous Eixos pequenos que não passão da altura onde se emenda o Eixo grande, os dous Eixos pequenos são varados pelo meyo de parte a parte com aguilhoens de ferro, e argolados nas cabeças de sorte que se não abrão. Estes tres eixos se vestem com sinco argolagens de ferro pelas quaes passa a cana quando se moe;

ditos tres Eixos assentão em huma groça trave a que chamão = Ponte, e esta assenta em duas traves chamadas = Dormentes, e estes assentão em quatro traves de grande groçura, a que chamão = Virgens, estas se enterrão no chão gateados na parte inferior, e na superior com gatos de secupira, que tem dous palmos de largura, e hum de grossura. Na parte de sima dos gatos se metem metaes de bronze, nos quaes assentão as pontas dos aguilhoens dos Eixos pequenos para que se não apartem com o aperto quando se moem. Debaixo deste ponte tem huma caixa grande, feita de taboas largas, onde cae o caldo da cana, e cobre esta com huma taboa cheya de furos, que servem para por elles se coar o caldo que passa para a caixa. Sobre os ditos Eixos se prendem pela parte inferior com humas xumaceyras de páo, nas quaes da parte dos Eixos se metem dous metaes de bronze, em quaes assentão os aguilhoens dos Eixos para que com o grande aperto que levão, com o espremer das canas, não se movão. De hum a outro se poem taboas couvas por onde corre o caldo para esfriar os aguilhoens, de forma que sempre estão humidos, no que deve haver muito cuidado, para que não cheguem a secar o que socedendo pega fogo, e cae o Eixo com dano dos Escravos que trabalhão.

83. Para esta grande fabrica he necessaria huma casa que tenha ao menos cem palmos em quadra; destes sessenta são para circular a Bolandeyra, e os quarenta para se recolherem as canas. Contigua está outra caza da mesma grandeza, chamada das caldeyras, onde se assentão em proporção pelo comprimento da caza quatro caldeyras, e oito taixas, ficando outra parte para se assentarem as formas. Cada caldeyra de vinte e sinco athe quarenta arrobas de cobre. A fornalha he feita de tijolo com altura, que fiquem as caldeyras levantadas do chão tres palmos e meyo, para dar lugar a lenha. Tem mais duas fornalhas para as oito taixas, que devem ter vinte palmos em roda; na que he de receber tem tres palmos de fundo; na do caixão dous e meyo, na da porta dous, e na de cozer palmo e meyo, para melhor conservar o mel, e não se queimar, e todas ficão em altura de sete palmos e meyo, ou oito do ladrilho onde se queima a lenha, para que no mayor vacuo lavre melhor o fogo, que não tendo esta largueza, coze pouco, e dá pouco aviamento, e menos expedição a moenda. Para o Engenho moer, abresse a porta da agoa, e solta vem dar sobre os cubos da roda, e a faz circular, e ao rodete, este entroxando na Bolandeyra a faz circular tambem, o Eixo do meyo puxando pelos dous dos lados, andão em compencia igual, recebem a cana, e a expremem, e da parte contraria se metem outra vez nos Eixos de sorte que passam trez vezes para bem largarem o sumo. O caldo exprimido cae na caixa, e della passa por huma bica para hũ parol de cobre, e delle se guinda

aquelle caldo para ir por bicas a casa de caldeyras, e nellas se vay alimpando com huma escumadeyra de cobre botandose agoa no caldo da cana com um reminhol de cobre para faser abater a fervura, e com decoada feita de cinza se alimpa. As escumas se deitão em hum coche de madeira, que está metido na terra ao pe das caldeyras, em falta de parol de cobre, e limpo o caldo se passa para huma vasilha de cobre, chamada Pomba, em hum coche grande feito de madeyra, que fica de alto, e delle se côa para outro mais pequeno por hum pano ralo. A este caldo chamão melado, o qual se deita em huma das quatro taixas que chamão de receber, e depois se reparte pelas outras chamadas de bater, desta passa para huma bacia grande de arrefecer, depois de se lhe ter dado o ponto necessario; e com huma repartideira se passa para as formas, que são feitas de barro abertas com hum furo na parte inferior, e os furos se fechão com rolhas para não derramar o mel, e ahi he mexido com huma Espatula de pao, e tanto que esfria, coalha. Estando o assucar coalhado nas formas, e ja frio, carregão cada huma dous pretos para a caza de purgar. Esta caza he muito espaçosa, para poder recolher grande numero de formas e dar lugar para os tanques em que vay parar o mel, que corre das formas: nella se fasem os andaimes assoalhados de taboado furado, e nas abertas se assentam as formas, tendo por baixo taboas couvas, que chamão correntes, e tiradas as rolhas, cae nellas o mel e d'ahy corre para os tanques. Depois de escorridas as formas, do mel, que nellas não chegou a coalhar, aparece o assucar seco, este se abate com macetes, e se lhe deita em sima barro branco bem amaçado em polme ralo, e se lhe vay deitando tambem agoa em sima do barro, mechendo este com a mão, para que faça o barro, goma, e com a humidade vay branquando o assucar. Estando com o barro oito dias, cada dia se lhe deyta meyo quartilho /que he meya canada de Portugal/ de agoa por duas vezes pela menhãa, e pela tarde. Passados oito dias se faz a mesma deligencia, e em outro tanto tempo se deixa correr o mel superfluo, e passados quarenta dias tirão o açucar em paẽs de forma piramidal, de tres, quatro, e sinco arrobas, deixando no fundo em menos quantidade o mascavado, que separão do branco, fasendo-o partil ao sol, e depois de seco accomodar nas caixas.

84. Para sustentar esta importante fabrica, são necessarios em cada cadeyra dous pretos, hum para meter lenha, outro para alimpar. Para as taixas carece tambem de dous cada huma, hum que trabalha no mel, outro no fogo. Os Escravos que trabalhão na casa do Engenho, e de caldeyras se mudão a meya noite, e so tem descanço nos dias de perceyto. Para o meneo de toda fabrica são necessarios sessenta Escravos, sessenta Boys mansos. Em huma safra de mil, e quinhentos

paẽs de açucar gastão-se tres mil carros de lenha, levando cada carro mais de sincoenta arrobas de pezo. Para trazer esta lenha do mato ao Engenho são necesarios seis carros, e seis carreyros, e oito escravos para cortar, e carregar. Todos os annos faz grande despeza com carpinteyros, ferreyros, Pedreyros, e caldereyros, ferro, cobre, cebo, e azeite, decoadas, e madeyras; o Mestre do Açucar ganha todos os dias seiscentos e quarenta reis, e o Banqueyro tresentos e vinte reis. Todos os Engenhos tem capella, e muitos sumptuosas Igrejas, com patrimonio nos mesmos Engenhos, que fiserão seos primeyros fundadores. Ao P.e Capellão paga o Senhor de Engenho sessenta arrobas de açucar branco, e se lhe faz outras conveniencias para administrar os sacramentos aos vezinhos.

85. Ha outros Engenhos, que não são de agoa, e são de bestas, a que chamão Molinotes, em parte tem diversa forma, porque no eixo do meyo não tem roda Bolandeyra, nem as mais, e tem humas traves cravadas no dito Eixo, que chamão aspas, e nas pontas se pregão outras traves, que vem quaze ao chão, ficando em cruz, quatro em que se fazem assentos para as pessoas que tangem as Bestas, pondo se em ajojo duas em cada parte, com correntes de ferro, e coiro cru, que prendem a trave chamada almanjarra, e para circular carece de oito Bestas, que andão em hum continuado gyro, e se mudão de tres em tres horas. Para estes Engenhos de Bestas, são necessarios quatro Escravos mais que os de agoa, que servem para tanger as bestas, e tem como os mais sua muda. Suposto temos declarado os Escravos precisos para a fabrica do Engenho, muitos tem ate duzentos, e todos são necessarios, se os Senhores do Engenho não tem Lavradores (ou os não admittem) e plantão canas de que so pagão disimo a Deos. Em outro tempo moião tambem com Boys. So a grande falta de Bestas obriga a servirem-se delles, pelo tardo com que circula a moenda, por terem o passo, ou galope mais vagaroso, que sendo mais rapido, e violento da mais expedição a moagem. Trata-se de hũa nova fabrica que será de curço mais veloz e de menor despeza.

CAPITULO 12

CONTINUA A MESMA MATERIA

86. Ao açucar chamão os Arabes, e os Persianos, Succar, os Turcos = Scheker; no seu Periplo, ou navegação do mar Erythreo, diz Arriano, que os Gregos lhe chamarão = Sacchari, com todos estes nomes tem Analogia Açucar. Na setima parte do seu primeiro clima

escreve Aredrissi, Autor Arabe, que nas Ilhas de Ranug na India as canas de Açucar são negras. Querem alguns que o Açucar fosse conhecido dos antigos, fundados nas observaçoens de Schrodero, que na sua Pharmacopeia quer que Galeno, Paulo Egineta, Plinio, Avicena, e outros fação menção delle com o nome de Mel in cannis concretum, Sal Indicus, Sal ex India advectus etc. De sorte que querem (fundados nas observaçoēns deste Autor) que antes que fosse descuberta a America, vinha o Açucar não so da India, mas de outros lugares da Azia, e de Africa, e nascia e se fazia em alguãs partes da Europa. Contra estas observaçoens esta a Esperiencia com que vemos que em nenhũa dessas partes se fabrica hoje Açucar, o que não socederia se em outros tempos o fizessem Nem as palavras de se vale aquelle Autor se entendem precisamente de Açucar feito de canas, semelhante ao nosso, pois seria do que se extrahisse de outras plantas como ainda obrão os Quimicos, e servem para varias composiçoens Medicas, ou certo orvalho congelado a modo de orvalho. Ou tambem fallarão no açucar, que se forma do mel de Abelhas com que por muitos seculos se conservarão as frutas, e temperarão os regalos, que introduzio a gula, e a delicia.

87. Gorgoris Lusitano, o descobrio, dando por acaso com hum panal, em que as Abelhas fabricavão o mel. Com este bocado tentou de sorte aos Lusitanos, que o aclamarão seu Rey, sendo que nenhũ modo querião consentir ouvesse entre elles, quem com podestade real os governasse, mas tendo o descobrimento por cousa muito grande a pagarão com huma coroa. Por esta cauza foy o industrioso Gorgoris adorado dos Portuguezes, e depois dos Valencianos, ate que Reynou em toda Espanha com o nome de Melicula, por que havia sido o inventor do mel entre os Espanhoes. O mel Athico, ou Hibleo /de Abelhas/ era o encarecimento dos Antigos, e o Nectar, e Ambrozia tão celebrada dos Poetas. Cahiu da extimação que logrou por largos annos o mel de Abelhas, e composiçoens feitas com elle depois que os nossos entrodusirão o açucar, que igualão o lucro importantissimo da mesma prata das minas do Peru. Aos doces de que usavão os Antigos chamarão os Latinos: Placentæ, scriblitæ, Crustulæ, Lucunculi, Hami, Lacertuli, spicæ, globuli, Enchyta, Circuli, Liba, etc. Sendo todos os seos doces de massa a maneyra das argolas, cavacas, Bolos, Biscoutos, e outras golodices que se fasião com mel, e farinha, e não com açucar de canas, por que o não ouve senão depois que na America se descobrirão as doces canas, e se inventarão os maravilhosos Engenhos.

88. Por antipathia de temperamento, por melindre, e nimio cuidado da saude, por miseria para poupar despesas, ou por não haver cousa boa de que se não diga algum mal, tem alguns por certissimo

o Aphorismo da Escola Medica que diz: Todo doce se converte em colera. He maxima geralmente recebida; Todo doce fomenta, e propaga lombrigas. Crem a Miradella quando affirma ser o açucar quente, e corrosivo; a Mourrava que lhe supoem acidos agudos, que o faz danoso em queixas de fluxionarias; a Franco, e Fonceca quando querem que o humor bilioso /ou como vulgarmente dizem, humor colerico/ se augmenta com a comida de doces. Não há duvida que o humor bilioso quando excede, he nocivo a saude, mas quẽ nos pode segurar, que o açucar se converta em colera, torne o sangue salsiginoso, e se faça acto para excitar esses males, e infirmidades? Não ha alimento por excellente, e necessario que seja, que tomado com exceço não cause dano, ainda tomado com moderação, na sua propria natureza sempre tem algũa calidade peccante, que necessita de correctivo, e que com o tempo poderia perjudicar a quem o tomasse quotidianamente, com a moderação, e outros correctivos se evita este inconveniente. Boehmero, e outros mais Autores Medicos descobrirão no açucar singular virtude para as toces rebeldes, e ferinas, para as queixas do peito, para mitigar a acrimonia das lymphas, para as dores de colica, para as chagas canceradas, para as nevoas dos olhos, e para outras muitas infermidades, de maneyra que rarissimo medicamento se prepara sem a companhia do Açucar. Francisco Redi Florentino com repetidas experiencias descobrio que morrem as lombrigas postas em mel, ou açucar. O insigne medico Boer'have segue o mesmo em seu tratado de Materia Medica. He excellente perservativo, o que bem se exprimenta em todas as frutas, que as perserva de toda a corrupção. No seu livro intitulado, villa, para a conservação de muita casta de pomos, propoem João Baptista Porta muitos modos, tomados a mayor parte do Medico Apuleio Celso, mas todos para poucos mezes, e pouco certos; mas essa virtude sem alguma duvida se acha no açucar que a todos os pomos conserva sem corrupção, com verdadeira perservação toda fruta adquire com o açucar novo ser, dilata a duração, e com preciosa existencia se conserva.

89. Será assim que a continuada, e demasiada comida de doces augmenta o humor colerico, mas a experiencia nos mostra que pessoas muito amigas de doces são flegmaticas; e talvez q̃ da abundancia deste humor proceda aquella preguiça que a tantos reduz a hum mizeravel estado. He o humor fleumatico, ou Pituita, aquelle humor que predominando no homem, o faz em tudo vagaroso, descançado, tardo, sonolento, e preguiçoso. Assim o definem os Philosofos. Horacio Flaco lhe chamou humor descançado, e lento. Aristoteles diz, que os sugeitos em quem abunda este humor saõ os mais tardos em obrar, e discorrer. Muitó certamente predomina este humor em muitos homens do Brazil.

Passão muitos a vida, com huma mão sobre a outra, e nascendo o homem para o trabalho, elles so querem descanço. Ha alguns que num dia inteiro não dão hum so passo. Gostão estes do que aborrecia David, e tem por merce o de que David se queixava. Duas couzas neste mundo amão os homens sobre tudo, honrra, e fasenda, estes são os dous Idolos mais adorados, e que mais levão apos si as affeiçoens dos homens, e com a sua preguiça nem honrra nem fasenda adquirem, e perdem a que de antes tinhão. A mão remissa, e fleumatica o que obra no que obra, he muita pobreza; porque ahy ha obrar de dous modos, ha obrar fasendo, e ha obrar desfasendo, ha obrar edificando, e ha obrar derrubando o edificio. A mão destes preguiçosos não obra fazendo, obra desfazendo, o que achou feito pelos seos maiores; não obra edificando a caza, obra lançando por terra a que fizerão seos Pays; e maos que assim obrão, que hão de obrar, senão em lugar de adquirir a fasenda perder, e empobrecer a casa. Quem quer semear nada, e depois colher muito, saiba que desde Adão athe hoje ninguem o vio. O mesmo Adão o que suava, isso era o que comia, e não deixou cá outros morgados a seos filhos, senão para comerem, suarem. O castigo destes Fleumaticos, he não comerem, mas a abundancia do nosso Paiz os livra desta pena; por que todos comem, ainda que não trabalhem, mas ja que nunca lhes falte o pão, padessem outras faltas a que irremediavelmente os leva a sua perguiça.

90. Ao Idolo da honrra adorou o primeiro homem, e foi lançado do melhor lugar, para o posto mais abaixo. A muita Fleuma, e preguiça de Adão, foi castigo do que perdeo, quiz o posto que desejava, pelo caminho por onde se perde; cahio porque sem cançasso, nem estudo quiz saber tudo; e quem sem trabalho, quer adquirir honrras, as perde; mas como Deos tinha decretado tornar a levantar Adão, o manda trabalhar, para se levantar. E sendo esta verdade irrefragavel, he para rir, ou chorar, ver a muitos que sem sahirem dos ninhos, querem voar, occupar postos, e conseguir honrras. Não decreta Deos para tanta fleuma grandes lugares; as honrras merecemnas os trabalhos, não o descanço; o negocio, não a preguiça; os suores, e não a Fleuma. A náo que lançou á Anchora não quiz viagem, a que trinca a amarra, e larga as vellas ao vento, essa he a que navega, e voa. E se a Fleuma he hum humor de tão pestilentes qualidades, e que de tal sorte entorpece os homens, que os faz ineptos não so para a gloria das empresas publicas, mas tambem para as pertençoens particulares, e se he arruina do que mais se ama, athe dar com o Fleumatico, em lugar da honrra, na mayor deshonrra, em lugar da riqueza, no lugar da mizeria, que humor pode haver peor que este? E se tal humor se augmenta, e altera com a muita comida de doces, com rasão

deve ser condenado, e aconcelhada a parcimonia para que sejão menos os preguiçosos, e não sintamos tantas ruinas, que cauza o pestilente humor fleumatico.

CAPITULO 13

REPROVA-SE A SEVERA E INJUSTA SENTENÇA QUE CONDEMNA POR CULPA GRAVE TRABALHAR NOS DOMINGOS, E FESTAS DE GUARDA NA FABRICA DO ASSUCAR, CONFORME O ESTILLO DO BRAZIL

91. He a calumnia sobre este assumpto, hũa terrivel bombarda, que com seu estampido faz palpitar o coração mais animoso; mas faltando lhe (como lhe falta) a balla da culpa, todo o estrondo se desvanece em fumo. Que exclamaçoens não ouvimos sobre esta materia, que hyperboles não gastão certos censores de alheos custumes, com capa de zelo, e ar de Magisterio, em exagerar esta maldade, estendendo sem exceição este nublado a todos os senhores de Engenhos, lavradores de canas, e officiaes de assucar.

92. Ensinão que gravemente peccão todos os que trabalhão ou mandão trabalhar por seos escravos em Domingos, e festas na factura do assucar, por ser o trabalho servil prohibido pelo terceiro preceito do Decalogo, em o qual se nos manda santificar as festas, e guardar os sabbados, os quaes mudou a Igreja para os Domingos. Dizem, que a Constituição do Bispado L. 2, Tit. 13, n.º 378 determina penas aos transgressores desta ley, e só permitte trabalhar em taes dias nos Engenhos em algũa necessidade precisa, como offerecer se algũa cana queimada, ou em tal estado, que provavelmente se perderia com a dilação, ou outra semelhante necessidade, pedindo primeiro licença ao superior. Concluem que os senhores de Engenho, lavradores de canas, e officiaes de assucar, ajuntando aos peccados cometidos, novos peccados com detestavel abuzo, e escandalosa publicidade mandão lançar a moer os Engenhos e se occupão em obras servis nos Domingos, e Dias santos, sem necessidade, que as precise, e sem licença que as desculpe. Com o que não guardão a ley Divina, desprezão a Ecclesiastica, causão notavel escandalo, e peccão gravissimamente.

93. Sendo doutrina certa por ser fundada na ley Divina, e Ecclesiastica; a conclusão he falça, injuriosa, e temeraria. Para que não succeda que hũa tão severa, e unniversal sentença produza em almas fracas aquella inquietação de espirito, que he nascida do amor proprio dos que com medo servil temem o rigor da Divina Justiça; e conciderando a impossibilidade de observar este preceyto sempre estarão em

receyo da eterna condenação, he conveniente não hajão duvidas em materias de conciencia. Talvez pode acontecer que muytas obrem com conciencia duvidosa, ou que na estreita campanha de conciencias timoratas dem com os escrupulos, que fomentão grandes batalhas, e fique duvidosa a alma entre peccado, e não peccado como se estivera pendente entre o Ceo, e o inferno.

94. Em atenção ao socego das conciencias me concidero obrigado a correger como nociva a nimia satisfação com que alguns condemnão a vulto por culpa grave o trabalho dos Engenhos em dias de preceito. Para resolver este caso devemos suppor como couza certa, que a moagem dos Engenhos depende principalmente do tempo de verão, por que entrando o inverso com as suas chuvas ou pejão os Engenhos, e ficão as canas no campo, ou esssas canas faltão com o rendimento, por ficarem aquosas, e insulsas, por que de maduras as torna verdes, ou verdosas, rasão por onde se sente claramente a falta do rendimento. Tambem com o inverno se impossibilita a condução das canas para os Engenhos, por causa das muytas lamas, em que se atolão os carros, e se consomem os animaes pelas enchentes dos rios, e ribeyras, de cuja vezinhança resulta a impossibilidade, ou quase impossibilidade, da mesma condução. Pelo que entrando as chuvas, ou se deixão de moer as canas, ou no caso, que se moão, e sejão condusidas para os Engenhos, sempre se sente notavel diminuição no seu rendimento; por que como se tem observado faz, ou desfaz a chuva na cana, de sorte que de madura, a poem verde, ou em peyor estado; e a razão he, porque como esta planta he mimosa, e sucosa, pois he a Arvore do assucar, assim como a este o liquida, e desfaz a agoa, redusindo-o de pedra, em que o poz o artificio, e industria humana, a mesma agoa, ou licor aqueo, de que principiou; assim tambem a cana depois de madura, e endurecida com o calor do sol, a desfaz a agoa, e chuva que lhe sobrevem depois de madura; pois cahindo-lhe esta nas pontas, e extremidades superiores, que chamamos olho, corre com toda a doçura, e assucar, que ha na cana, e o leva as raizes de donde principiou, ficando a cana insulsa, insipida, e sem substancia. Desta cauza procede que canas de hũa mesma planta moidas no verão, dão com hum, ou dous carros hũa forma de tres ou quatro arrobas; e moidas pelo inverno para se fazer hũa forma, que sempre tem diminuição no pezo, he necessario quatro, sinco, seis e mais carros de cana. Isto he emquanto a quantidade, que no que respeita a qualidade do assucar, se exprimenta, que aquelle que he fabricado no Inverno fica na bondade inferior aquelle, que he fabricado no verão; por que assim como o sol com seu calor tem virtude para o secar, e endurecer, assim tem a chuva, e frio virtude para o humedecer,

e disconglutinar; e he certo que quanto mais seca, e conglutinada aquella materia, mais sahida tem, e melhor preço.

95. Nem se diga que tambem alguns assucares fabricados em tempo de sol, e pelo verão saem de inferior bondade; porque se responde, que se esses taes em tempo conveniente saem de ruim qualidade, sendo fabricados em tempo de Inverno, ou serão muito mais inferiores, ou não farão assucar, por que irão as correntes, pelo modo de fallar dos officiaes desta fabrica; quando depois de cosido o mel das canas, e lançado dentro das formas, o tratão de purgar, para que lançando pelo fundo as viscosidades, fique o assucar limpo, e puro; e quando o procurão limpo, achão limpa a forma, porque tudo, e todo se sahio pelo fundo, pela fraqueza da materia que se não pode suster para serẽ purgadas suas vescosidades.

96. Por este principio, e necessidade de que se não perca esta colheita, e se aproveite esta seara, que não pode sofrer dilação para outro tempo; se mostra claramente não ser culpa mortal trabalharem nos Domingos e dias santos os officiaes de assucar, e escravos dos senhores de Engenhos no Estado do Brazil. E esta opinião que levo, me parece que não fica comprehendida na proposição 52 condemnada pelo Santissimo Padre Innocencio undecimo: mas antes he fundada na doutrina que levão os Theologos Moralistas, que escreverão depois: por quanto hũa das cauzas, que admittem para se poder trabalhar em semelhantes dias, he a necessidade; ou seja commua, ou particular; propria, ou alhea; como se pode ver em Castro palao, 2. part. punct. 10. Felix Potest. de 3 præcept. Decal. pag. 194, n.º 2027 e outros communmente. E alem desta necessidade ha outras varias cauzas pelas quaes se excusão de peccado mortal os que trabalhão em taes dias, como são, o custume, a utilidade, temor de perder grande lucro, e outras semelhantes das que apontão os Doutores, as quaes todas, ou quase todas se achão juntas, e unidas no nosso caso.

97. Primeiramente se vê a necessidade, que ha de se trabalhar nos sobreditos dias pela razão já apontada de se não perder a colheita por causa da chuva, que a destroe, e que por isso no tempo de semear, e colher se pode trabalhar nos taes dias sem nota de culpa grave; ensina Felix Potest. in 3. præcept. Decal. pag. 194. nº 2028, e o mesmo ensinão Suares, tom. 2. de Relig. Lib. 2. de festis, Cap. 21. nº 4. Bonacin. disput. 5, de tertio Decal. præcept. quæst. unica, part. 3, nº 9. Azor, 2. part. lib. 1, cap. 27, quæst. 2. Fagund. lib. 1, de quinq. Ecclesiœ præcept. cap. 14, nº 11. E ainda que estes referidos Autores ultimos dizem, que saltem cum dispensatione, esta no nosso cazo se deve suppor pelo custume legitimo tempore præscripta et à Pastoribus Ecclesiœ tolerata, pois havendo nestas partes Parochos, e Bispos tão

doutos nũca ate hoje prohibirão semelhante trabalho. Nem contra a constituição do Bispado vão os que assim trabalhão, antes se conformão com a sua disposição, pois sendo de que somente em necessidade urgente possão trabalhar para aproveitarem os seos frutos, isso he o que fazem os que trabalhão nos Engenhos, donde he manifesta a necessidade, que os obriga. E he bem verdade que este custume assim tolerado pelos Pastores da Igreja, he por atenderem a necessidade que ha, e por saberem que o tal trabalho naquelles dias não he feito por despreso do preceito, por quanto podem se querem accomodar com o preceito, ficando livres as festas principaes do anno, como sao o Natal do Senhor, e suas outavas; a festa da Epiphania, da Paschoa, da Ascenção, e do Pentecostes, em as quaes pejão os Engenhos, e se abstem de todo trabalho, e ainda em qualquer Domingo, ou dia Santo se abstem muitas horas no trabalho; se bem que este não pode cessar ao mesmo tempo em todos; porque ainda que cesse o trabalho em huns, não pode cessar em outros, por ser o trabalho dos Engenhos muy gravoso e pesado. Declaremos melhor este trabalho.

98. Obriga o preceyto de não trabalhar nos dias prohibidos pelo Decalogo, e pela Igreja desde a meia noyte do Sabbado, ate a meya noite do Domingo, incluindo-se aqui o dia prohibido. No sabbado antecedente ao Domingo, que he dia prohibido, para o Engenho do trabalho de moer das trez para as quatro horas da tarde, e assim cessa o trabalho de moer as canas ate o outro dia as mesmas horas pouco mais, ou menos. E já aqui temos este tempo livre, e sem trabalharem estes, parte ou grande parte do Domingo: mas por não deixar de aproveitar as canas, e ficar a safra para o Inverno, custumão aquelle tempo, que vay do Domingo a tarde ate a meya noite a trabalharem na moenda, ou moagem das canas. Isto se passa na caza do Engenho, que na caza de caldeiras, que he aonde se cose o caldo das canas passa de outra sorte, porque ao tempo, que descança o Engenho, e os que nelle trabalhão, então he preciso trabalharem na caza de caldeiras, o Mestre de Assucar Banqueiro, e mais officiaes, e pessoas para isso precisas, por que como das canas moidas no Engenho, corre o caldo para a caza de caldeiras necessariamente se deve este logo cozer, e aproveitar com todo cuidado, deligencia, e desvello para se faser o assucar ou disposição para elle; nem pode este retardar se para o outro dia, nem ainda para a tarde do mesmo, por não azedar o caldo em sy, ou cauzar azedume nos paroes, em que esta; por que he tão melindrozo, que creando algum azedume, não só não faz assucar, mas nem ainda, muytas vezes chega a coalhar o mel ficando de todo perdida hũa tarefa inteira, e as vezes, o que he mais, pelo azedume, que cria nos paroes deita a perder toda hũa safra, que he o trabalho de todo hum anno, entre

tantos intereçados, que lamentão em taes successos sua desgraça. Assim para os sobreditos officiaes acodirem a evitar qualquer damno, ficão cozendo o caldo desde a hora, que peja, ou pára o Engenho ate o Domingo pelas nove horas da menhãa pouco mais ou menos; e então deixado o trabalho ate as sete, ou oito da noite descanção, e vão depois continuar na sua officina, por quanto já o Engenho tem lançado de si caldo para a caza de caldeiras; e aqui temos como em parte guardão huns algũa parte do Domingo, e dia Santo, outros outra; o que basta para mostrar que não trabalhão por despreso do preceito, se não pela necessidade, que dizemos, por que se por desprezo o fizessem, não haveria dia Santo, ou Domingo algum, que logo a vespora não pejassem, ou parassem os Engenhos.

99. O mesmo acontece aos lavradores de cana emquanto ao trabalho do dia Santo, porque como estes hão de moer as suas tarefas he necessario aquelle a quem pertence na segunda feira prover o Engenho de canas, e mandallas carrear para o picadeiro, onde se ellas lanção para estarem promptas, e não fazerem falta a moenda, ou moagem, e para estar previnido a tempo, he necessario, que aquelle a quem toca a tarefa uze do trabalho de escravos, e carros, e do mais conducente para aquelle ministerio; e assim se vão alternando, e succedendo huns a outros, de sorte que guardando huns Domingos, não guardão outros por respeito de aproveitarem com tempo a sua seara, antes que as chuvas, ou o tempo de pouco rendimento, por que se tem observado, que as canas moidas, e beneficiadas ate o Natal, tem melhor rendimento, do que aquellas que se moem de Janeiro exclusive, por diante: e assim concluimos, que nenhum por desprezo deixa de observar o santo, e Divino preceyto, e que cessando nos taes dias o penoso trabalho na mayor parte do dia em huns, não pode cessar em outros, ou em todos. O que supposto devemos sentar na nossa conclusão principal, que a necessidade que ha, com o costume inveterado, e outras circunstancias, o que tudo se não aparta muyto da mesma necessidade, exclue de peccado mortal aos que assim trabalhão nos sobreditos dias em a fabrica do Assucar. Esta necessidade de se não perder a safra por se não moer a cana, e trabalhar nos Engenhos em tempo conveniente se pode provar com todas aquellas razoens, e fundamentos, que dão, e tem os Theologos Moralistas em cazos semelhantes. Pois admittem estes que sendo prohibida a pescaria de rede em os dias prohibidos pela Ley, e pela Igreja, comtudo excusão de peccado mortal a aquelles que pescão os Atuns, e outros generos de peixes semelhantes, que so custuma apparecer naquellas partes em certo tempo determinado do anno, e passado dito tempo desaparecem. E a rasão que dão he, porque o deixar de pescar taes peixes naquelles

dias ainda que prohibidos, reputa-se por hum grave damno, e que por isso a dita pescaria he concedida por direito no capitulo Licet de feriis, exceptuando somente a pescaria nas mayores festividades do anno, convem saber, no Natal do Senhor, na festa de Epifania, da Paschoa, da Ascenção, e do Pentecostes. Assim o ensina Navarro dist. cap. 13, n.º 9. Fagundes Lib. 1. Cap. 14. n. 13. Bonacina disput. 5. de tertio Decal. præcept. quæst. unic. part. 3. n.º 15. Azor. 2. de instit. moral. Lib. 1. Cap. 18 quæst. 11, e veja-se a Diana neste ponto nas suas resoluçoens moraes, Resol. 34, pag. 230. E Castro pal. part. 2, punct. 10, pag. 99, e outros. Logo tambem pela mesma razão o deixar de trabalhar no assucar no verão causaria hum notavel damno, por serem as chuvas muito nocivas ao rendimento da dita lavoura, e assim deve favorecer o mesmo capitulo de direito Licet de feriis; com tanto que cesse o dito trabalho de assucar nas festividades do Natal, da Epifania, da Paschoa, Ascenção, e Pentecostes; e parece que esta he a genuina mente dos Doutores neste ponto, por que alguns com Bonacina no lugar ja citado estendem a sobredita doutrina da pescaria dos Atuns, e semelhantes peixes em os taes dias a outro qualquer trabalho necessario, para que se não perca algum lucro grave, por se reputar a dita perda por hum grave damno, e que conseguintemente ha urgente necessidade do dito trabalho. E supposto que Castro pal. loc. cit. se não accomode com a extenção a outro qualquer trabalho sem que se alcance licença do Prelado para o dito trabalho, no nosso cazo se presume já concedida, e alcançada pelo custume legitimo tempore præscriptam, e á pastoribus Ecclesiæ toleratam. E posto que diga que a dita pescaria em os dias prohibidos não cede tão somente em utilidade privada, e particular, mas sim em utilidade, e bem commum, e que pela necessidade da Republica, e bem della se concede a dita faculdade pelo dito Capitulo licet de feriis, para poder se pescar nos dias sobreditos sem agravamento de culpa mortal: logo tambem sendo a fabrica do assucar não só em utilidade propria, mas tambem de toda Republica, como he patente, devem gosar do mesmo privilegio sem onus de cnlpa grave os que trabalhão nos mesmos dias na fabrica do assucar.

100. Finalmente devemos sentar, que se excusão de culpa mortal aquelles que trabalhão em dia de preceyto para poderem honrradamente sustentar a sua familia, contanto que não trabalhem mais daquillo, que carecem, ouvindo Missa nesse dia, e trabalhando secretamente por amor do escandalo, como ensina Azor 1. part. Lib. 1. cap. 18 quæst. 4. Suares Lib. 1. de fest. cap. 32. n. 2. Tolet lib. 4, sum. cap. 25 n.º 3. Fagundes de quinque Ecclesiæ præcept. lib. 1. cap. 14 n.º 7. Bonac. disp. de tertio Decal. præcep. quæst. unic, part. 3. n.º 17.

Como se não excusará de culpa mortal aquelles que trabalhão nos sobre ditos dias para poderem honrradamente sustentar suas familias, em tempo que vivem empenhados em dividas, e mais que nunca carecidos: e para utilidade tambem da Republica, aonde não ha escandalo por não poder ser o trabalho de assucar feito em secreto, e por isso o permittem, e consentem os Prelados por verem ser necessario pelas razoens ja alegadas; e que não faltão em ouvir e mandar ouvir a seos escravos Missa, e para que esta lhes não falte algum dia tem seus capellaens e capellas, tudo com grande despeza da sua mesma fazenda.

O que suposto devemos advertir que se não livrão de culpa grave aquelles que em dias de preceito trabalharem sem urgente necessidade; o que talvez fazem alguns tendo somente canas que bem podem moer no tempo do verão sem os prejuisos declarados, guardando os Domingos, e festas. Estes forão os que derão cauza a escandalos nesta materia, e a elles he que adverte a Constituição se abstenhão de trabalhos, ou mandar trabalhar nos taes dias; e não prohibe aquelle trabalho que se faz precizo por urgente necessidade, como della se ve, ibi, com offerecer se algũa cana queimada, ou em tal estado que provavelmente se perderia com a dilação, ou outra semelhante necessidade, se permitta em tal caso trabalhar.

CAPITULO 14

DA IGREJA DE PERNAMBUCO

101. Foy esta Igreja por muitos annos governada pelos Bispos do Brazil sendo o primeiro Dom Pedro Fernandes Sardinha, clerigo do habito de S. Pedro. Estudou em Pariz, e voltando para Lisboa sua Patria, passou a India, onde foy vigario geral com tanto zelo do serviço de Deos, que El Rey D. João III, attendendo a seus grandes merecimentos o nomiou Bispo do Brazil, aonde chegou no primeiro de anno de 1552, e voltando para o Reyno no de 1556, nos baixos do porto, que chamão dos Francezes, junto ao rio de S. Francisco em dez graos Austraes, padeceo naufragio a sua náo, onde com Antonio Cardoso de Barros, que fora provedor mor da Fazenda, e mais de noventa pessoas, livrando da fortuna do mar, correo mayor tormenta na terra, sendo morto, e comido pelos barbaros Caetes aos 14 dias de viagem em 16 de junho do dito anno.

102. Dom Pedro Leitão, clerigo do habito de S. Pedro tomou posse a 4 de Dezembro de 1559, faleceo na Bahia, e está sepultado na

capella de N. Senhora do Amparo da Santa Sé, que n'aquelle tempo era do Santissimo Sacramento. O anno, e dia he incerto.

103. D. Frey Antonio Barreiros, da ordem militar de S. Bento de Aviz, de que era Prior mor, chegou a Bahia em dia da Ascenssão de 1576. Foy sepultado na capella mor do collegio da Companhia de Jesus.

104. D. Constantino Barradas, clerigo collegial de S. Paulo, lente de Theologia na universidade de Coimbra, foy Bispo por Bulla de Clemente VIII, entrou nesta Igreja no anno de 1600, governou desoito annos, e morreo o primeiro de Novembro de 1718, está sepultado na capella mor do convento de S. Francisco da cidade da Bahia. No tempo deste insigne, e zeloso Prelado por Breve do Papa Paulo V se separou Pernambuco daquella jurisdição nomiando-se Administradores desta Igreja sugeitos somente aos Bispos da Bahia quanto a inquirição, e correpção das suas pessoas, e Aggravo das suas sentenças. O primeyro Administrador foy o licenciado Antonio Teixeira Cabral pelos annos de 1616, e a este se seguirão outros ate o Reynado do serenissimo Rey D. Pedro Segundo, que para melhor governo espiritual das almas de seus moradores, erigio este Estado em Bispado, separado do Bispado da Bahia fazendo cabeça delle a cidade de Olinda. Foy erecto, e confirmado pelo Santissimo Papa Innocencio XI no anno de 1676, e em 21 de Mayo de 1679 dia em que cahio a festevidade do Espirito Santo se deo principio a resar horas canonicas na Se de Olinda, e se formou corpo de cabido pela antiguidade das provisoens. Tem Deam, Chantre, Thesoureiro mor, Mestre Escola, e Arcediago, seis conegos, e alem destes hum conego Doctoral, hum Magistral, e outro Penitenciario, quatro conegos de meya prebenda, hum subchantre, oito capellaens, coatro moços do choro, hum sachristão, hum cura, que administra os sacramentos aos freguezes da Parochia da Sé, hum coadjutor, hum organista, hum Mestre de capella, hum Mestre de cerimonias, e hum Porteiro da Massa. Rende para os senhores Bispos dez mil cruzados, quatro que lhes da El Rey por congrua, como Grão Mestre da Ordem de Christo, a quem pertencem os Disimos, e seis /pouco mais ou menos/ que renderão as cameras chancelaria, e mais pençoens. Divide-se em trez comarcas, que são Olinda, Manga e Ceará, onde residem Vigarios Geraes, sendo o de Olinda de todo Bispado, para cujo Tribunal apellão as partes dos Vigarios Geraes da Manga, e Ceará, e dos da vara de varios destritos. Tem dous Provisores hum em Olinda, outra na Manga. Das Freguezias huãs tem vigarios collados, confirmados por El Rey, outras curas annuaes, todas tem coadjutores, sachristaens, e Mestres de Musica. A Freguezia do Reciffe, tem vigario confirmado que assiste da parte do Reciffe, dous Administradores dos

Sacramentos, hum sachristão, e hum sotta sachristão, hum Prioste, hum clerigo do Bangue, que acompanha á sepultura os pretos defuntos, que não são Irmãos do Rosario, e hum Mestre de Capella. Da parte de S. Antonio assiste hum coadjutor que he confirmado por El Rey, dous Administradores, e hum sachristão. Rende esta Freguezia para o seu vigario mais de sinco mil cruzados. A Freguezia do Manga tem varios Administradores dos Sacramentos, e para o vigario rende mais de doze mil cruzados. A da cidade da Parayba tem dous Administradores, coadjutor, sachristão, e Mestre de Muzica, e rende mais de tres mil cruzados; e o mesmo rendimento tem a Freguezia de Goyana. Todas as mais Freguezias deste Bispado tem coadjutores, sachristaens, Mestre de Muzica, e Padres com authoridade para administrar os Sacramentos aos Freguezes, e nenhũa rende menos de quatro centos mil reis para o seu Parocho. Todos os Engenhos tem capellaens, que por penção, que lhe fasem seos donos, e lavradores de canas, são obrigados a dizer missa em Domingos e dias de preceito para a ouvirem os moradores do lugar.

105. Sendo quase todas as Freguesias deste Bispado tão extenças, que algũas tem de comprimento vinte, trinta, coarenta, sincoenta, e mais legoas, e nenhũa menos de seis, não he possivel que os Parochos as possão curar bem; assim pelo extenço, como pelo povoado dellas, tendo todas de coatro mil almas de confição para sima, mas he tal o zelo, com que os sacerdotes moradores d'aquelles lugares acodem a administrar os Sacramentos aos moribundos, que se faz incrivel. Com aquella virtude, que em nenhũa cousa se busca a si propria, mas só a gloria de Deos, e bem das almas, obrão sem dificuldade, servem sem interesse. Quanto mais ardem no amor do proximo, mais lhe infunde Deos do oleo da sua graça, para desprezar perigos, e vencer com a magnanimidade do espirito os obstaculos da execução.

106. Tem este Bispado dous Mosteiros e quatro Hospicios de S. Bento, oito conventos de S. Francisco, hum de Religiosos Barbadinhos Italianos, e hum Hospicio dos Esmoleres de Jerusalem. Quatro conventos, e sinco Hospicios de Carmelitas reformados. Dous conventos, e dous hospicios de Carmelitas Observantes, e hum convento, e hum hospicio de Carmelitas descalços. Tem quatro collegios, dous seminarios, e hum Hospicio dos Padres Jesuitas. Hum convento e hum hospicio dos Pabres Congregados de S. Felippe Nery. Quatro Recolhimentos de Donzellas, e mulheres honestas, que vivem em clausura como Religiosas em seus clausttros. O da antiga, e celebre villa de Igarassu está com as licenças necessarias para ser profeço. Tem sinco cazas de Mizericordia, e dous Hospitaes onde são curados muitos enfermos. A Mizericordia de Olinda tem capellão mor, doze Beneficiados,

que rezão em choro, hum capellão de Agonia, homens, e moços do azul, e outros officiaes para serviço da caza e Igreja. A do Reciffe tem dous capellaens, e officiaes necessarios. O amparo da pobreza, e necessidades do povo, e peregrinos está a cargo dos moradores; porque todas as suas cazas se podem com razão chamar cazas de misericordia. Tem innumeraveis residencias que administrão Ecclesiasticos seculares, e Regulares, e infinitos Templos, Igrejas, Capellas, e Oratorios. Oito collegios, em que autualmente se ensinão as sciencias severas, e mais de cem classes em que aprendem os naturaes as Artes, e letras amenas. O clero he comedido, grave, virtuoso, e douto. Os constituidos em Dignidade como pelos gráos do merecimento subirão com justiça. Sabem uzar da sua autoridade com modestia. Os Regulares são recolhidos, exemplares, e penitentes. As Ordens Terceiras fervorosas exercitão com devoção, grandeza, e decoro todas as funçoens concernentes a honrra, e ao serviço de Deos. As Irmandades, e confrarias illustrão sua piedade, no obsequio dos santos, no subsidio da pobreza, e no ornato dos Templos, e dos Altares.

CAPITULO 15

MEMORIAS DOS ILLUSTRISSIMOS BISPOS DA IGREJA DE PERNAMBUCO

107. O Illustrissimo D. Estevão Briozo de Figueiredo, clerigo do habito de S. Pedro, filho de Manoel Martins e da Catharina de Figueiredo, naturaes da cidade de Evora, que havia sido Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa, e a quem não menos as letras, que as virtudes fiserão entre muitos benemeritos mais digno da eleição para primeiro Bispo de Pernambuco, foy eleyto no anno de 1676, sagrado no de 1677, e recebido em a cidade de Olinda em Abril de 1678 com as demonstraçoens mais grandes do amor, e reverencia. Ao tempo que se esperavão copiosos frutos do seu Pastoral zelo, succedeo em a noite de 16 para 17 de Dezembro do mesmo anno dar-se hum tiro de espingarda em hũa janella do seu Palacio, onde custumava sentar-se alguas vezes, ficando asinalada de hũa balla a parede immediata, e innocentemente ferida a reputação dos moradores. A funebre noticia deste sacrilogo acontecimento encheo a todos de horror, e pasmo, e entrando os Ministros na averiguação do delinquente, depois de exactas deligencias, e rigorosos exames descobrirão, fora hum criado do mesmo Prelado executor d'aquella maldade, e temeraria irreverencia, que nunca ouvera sido conhecida, se não se fizera primeiro conhecer nas suas temeridades, e se não disposesse a Divina Providencia, que hum

vesinho, homem de verdade, fosse o lynce a cuja vista nao pode esconder se de sorte que não chegasse a divisallo. Entendeo-se que para excesso tão escandaloso lhe dariâo forças as demasias da gula, que muitas vezes o alienava das potencias, e o fasia tão atrevido, que a nenhũa pessoa por eminente que fosse tinha respeito. Porem como o Prelado estava menos satisfeito do lugar, e ainda que se fazia algũa força, não podia, ou não queria acabar de vencer a repuguancia que tinha creado a esta bellissima Espoza, que não lhe desmerecia os agrados, vendo que a occasião lhe abria na porta deste successo caminho facil para conseguir o fim dos seos intentos, defendia o delinquente, e presumia culpado quem na realidade era innocente. O pouco amor foy a Esfera, em que se gerarão as suas sospeitas, por que faltando aquelle, qualquer sombra serve de corpo real para animos mal affectos. Era o juiso dos subditos agulha de marear, que para outro polo não achava que para o genio do Prelado, e descobrindo quanto antepunha falças suspeitas, a manifestos indicios, entenderão que a representação incerta, e pençamento duvidoso he sementeira, que facilmente brota, e frutifica nos campos ja preparados com o arado da displicencia. Representou finalmente a ElRey que vivia cuidadoso da sua vida mal segura em Pernambuco pelos sacrilegos excessos de seus moradores, e não lhe dando a impaciencia lugar para esperar pela resolução de ElRey, representando-se a sua Dignidade facil a execução da sua vontade, se embarcou para Lisboa, deixando mais sentidas que saudosas as suas ovelhas. Conseguio ser transferido para o Bispado do Funchal, promoção, que no semblante, não menos que nas palavras mostrou extimar muito. Este desejo não teve mais motivo, que a misera inquietação do coração humano, que deixando-se levar do soborno da variedade accusa o mesmo que antes amava, e fasendo senhor dos seus affectos o antojo com injuria da razão desdenha o bom, e talvez o melhor pelo novo. Perdeo esta Mitra por possuida aquella extimação, que lhe animava a esperança, e acendia em outro tempo os desejos, e veyo na posse de outra a conhecer que nunca são mais para temidos os desejos, que quando bem logrados, pois são poucas as vezes, que se gosão seus frutos, sem azares. No Funchal lhe forão mais para temidos os perigos, e serião mais justos seus temores. Em 17 de Abril de 1685 tomou posse daquella Igreja, e residindo nella poucos annos, passando a corte, cegou e falleceo no de 1689 a 20 de Março em Lisboa, e jaz no collegio de S. Patricio.

108. D. Joao Duarte do Sacramento, natural de Lisboa, sendo credenciario da capella real, cresceo em virtudes no Paço, e com as suas fervorosas admoestaçoens moveo a muitas pessoas de mayor calidade a se recolherem nas Religioens de mayor observancia. Ainda que

recebia dos Principes singulares favores, procurou fugir as honrras que outros tanto procurão, e movido de superior impulso deixou os applausos, que lhe vaticinavão exaltaçoens a sua pessoa, e escondido se embarcou nas náos da India por ser a sua maior inclinação annunciar o Evangelho nas vastissimas regiõens do Oriente. Por ordem da Magestade foy por duas vezes tirado das náos, mas não descançando o seu espirito emquanto não conseguia o effeito da sua vocação, veyo a Pernambuco, onde exercitou o seu zelo com insigne piedade, e immenso fruto de copiosas almas que reduzio a Fé, e ao caminho da salvação. Foy nomiado estando em Pernambuco por Bispo desta Igreja no anno de 1685, e antes de se sagrar se vio acomettido da morte, que com muitos actos de piedade, esperou constante, e resignado na vontade Divina entregou seu espirito nas mãos do Creador.

109. O Illustrissimo D. Mathias de Figueredo e Mello, clerigo do habito de S. Pedro, nasceo na villa de Arganil do Bispado de Coimbra, onde teve por Pays Andre Quaresma, e sua mulher D. Izabel de pelos quaes foy educado com especial affecto, e summa vigilancia, como prevendo o grande credito, que lhes havia de resultar de hum filho, que logo na idade pueril deu claros indicios dos dotes em que havia ser insigne na adulta. Aprendidos os primeiros rudimentos na Patria passou a estudar as letras amenas e severas na Universidade de Coimbra em cuja palestra deu iguaes argumentos do talento que tinha para as sciencias, como inclinação para as virtudes. Formado em Direito canonico levou por opposição o Priorado de Ventosa, tendo ordens menores, e ordenado de Presbitero procedeo tão louvavelmente que foy eleito vezitador, cuja comissão executou com summa prudencia. O serenissimo Rey D. Pedro II o nomiou Bispo de Pernambuco no anno de 1685, e foy sagrado pelo Emminentissimo Cardeal D. Verissimo de Lencastro, na Igreja da Congregação do Oratorio de Lisboa, sendo Preposito o veneravel Padre Bertholameu do Quental. Embarcado em Lisboa no mesmo anno, entrou no Reciffe com pompa moderada, e foy recebido das suas ovelhas com excessivas demonstraçoens de jubilo, como certos vaticinios da summa benevolencia, com que havião ser regidas por tão insigne Pastor. Discorreo pela maior parte do Bispado, reformando abusos, extirpando vicios, plantando virtudes, e consolidando animos discordes. As suas censuras e reprehençoens erão sempre acompanhadas de amor, e caridade, e custumava dizer, que toda reprehenção sem amor, era affrontosa, e que por isso não havia quem de boa vontade ouvisse hũa reprehenção, pelo risco de receber hũa affronta. Trazia na lembrança a Piscina de Jerusalem, em que todas as doenças achavão successivamente o naufragio, revolvendo porem o Anjo as agoas, primeiro que nellas entrasse o enfermo,

porque sabia quanto desejão os homens, que se lhe não saibão os achaques, ainda quando se lhe applicão os remedios. O seu Palacio era norma de mosteiro mas reformado, bastando que alguem tivesse o foro de seu criado, para ser conhecido com o caracter de virtuoso. Nas acçoens foy magnifico, na meza parco, e no vestir modesto. Amou com tanta observancia a continencia, que nunca a contaminou com a mais leve palavra. Sempre conservou o animo illezo da paixão da ira, e ainda que fosse provocado rompia em palavras brandas, e suaves. Foy liberal para com os pobres, compassivo para os aflictos, e para todo genero de pessoas suavemente affavel. A estas e outras heroicas virtudes dava calor, e alma sua ardentissima caridade, que em perpetuo gyro corria de Deos para o proximo, e do proximo para Deos, cingindo neste breve mappa a inteira observancia da Ley divina. Sendo para com o proximo tão benigno, era com a propria pessoa rigoroso; macerava com tantas mortificações o corpo, que muitas vezes se não podia sustentar em pe; quotidianamente se levantava da cama, que sempre foy huma taboa nua, muito antes de amanhecer, e posto de joelhos aprendia na escolla da oração mental os documentos conducentes ao serviço de Deos, e bem dos proximos. Com tal excesso se arrebatava na suave contemplação das delicias celestiaes, que era preciso para se restituir aos sentidos, que o despertassem os seus domesticos com grande violencia, como de hum profundo lethargo. Cumulado de todo genero de virtudes chegou o tempo de serem eternamente premiadas, e foy acomettido de hũa aguda febre, que logo se deo a conhecer por maligna. Correo a voz do ultimo aperto em que se achava, acodirão todos os Capitulares a seu palacio em prova do amor, e reverencia que lhe tinhão. Recebeo a vizita com singulares expressoens de gosto, e lhes compensou este amor com hũa exortação em em que lhes deo saudaveis concelhos, encaminhados a concordia com que devião viver; deo a todos osculo de paz, e com estillo ferveroso, lhes disse: Filhos, e Irmãos a paz, concordia, e bom exemplo vos encõmendo. Estas ultimas palavras pronunciou com alento tão vigoroso, que seus ouvintes não poderão conter as lagrimas, e sahirão da sua presença muy tristes, e compungidos. Não dava tregoas a infirmidade, obrando por instantes mayores forças, e debilitando as do enfermo, que reconhecendo que hia depressa sua jornada, poz todo seu cuidado em as mais importantes deligencias. Chamou a seu confessor, e deu ordem que mais não deixassem entrar vizitas de seculares, porque necessitava muito do silencio da soledade para fazer a Deos a ultima entrega do seu coração. Confessouse, e pedio os mais sacramentos, que recebeo com grande reverencia, e com tanto acordo que alternava os Psalmos penitenciaes com os circunstantes. Havendo estado em abstração

mental, dando testemunhos dos jubilos de seu espirito os resplendores do rosto, levantando as mãos, e olhos ao ceo entregou placidamente o espirito a seu creador em de de 1694, o cadaver ficou fermoso, em nada desluzido com a palidez da morte, dando bem a entender que para os Justos he a morte doce sono e felicissimo descanço. Recolhido a hum precioso caixão foy conduzido ao cruzeiro da cathedral, por entre multidão de povo, que com sentidas expressoens, lamentavão a falta do seu insigne Prelado. A esta universal comoção contribuirão todas as cõmunidades Religiosas, de Olinda e Reciffe unidas com o clero de ambas cidades, para celebrar com magestosa pompa seu enterro, porem os clamores, e tropel do povo era tanto, que davão pouco lugar as solemnidades desta função, em que a confusão, o tropel, e o ruido, erão devotas circunstancias, q̃ derão mais calor a piedade. Virão-se nesta funebre pompa todas aquellas demonstraçoens, e devotos excessos, que obrão os instinctos da piedade christãa em obsequio da santidade, e virtudes dos servos de Deos, e em esta occasião foram tão excessivos, que a não haver a prevenção de guardas ao feretro não se poderião atalhar muitas temeridades de indiscretas devoçoens. Cerrou-se o cadaver em hũa arca, e se lhe deo sepultura na capella mor da parte do Evangelho, e sendo aberta depois de muitos annos, se achou o seu corpo inteiro, fresco e incorrupto.

110. O Illustrissimo D. Frey Francisco de Lima, filho de João de Lima, e Maria das Neves, nasceo em Lisboa, e no convento carmelitano da Patria recebeo o habito a 19 de Setembro de 1649, e fez a profição solemne a 25 do dito mez, do anno seguinte. Admetido por collegial em o collegio de Coimbra em 31 de Outubro de 1652 estudou as sciencias severas com tanta applicação, que sahio nellas muito perito. Foy eleito Reformador, e visitador do convento da Villa da Horta, na ilha do Fayal, onde se applicou igualmente a reforma espiritual, e material d'aquelle edificio. Neste tempo succedeo padecer aquella Ilha os lastimosos effeitos de hum terrivel terremoto, e foy o Jonas, que persuadio seus moradores a penitencia para applacarem a ira Divina, e conseguio com a efficacia dos seus sermoens prodigiosas transformaçoens. Restituido a Lisboa foy nomeado Vigario Geral do Brasil, onde cumprio com todas as obrigaçoens de vigilante Prelado, que igualmente observou, quando exercitou o lugar de prior do convento de Lisboa no anno de 1686. Foy dos insignes Pregadores do seu tempo, e igual a profundidade das suas letras era a ĭnocencia dos seus custumes, merecendo distintas estimaçoens das pessoas da primeira Jerarchia assim Ecclesiastica, como secular, principalmente da Magestade del Rey D. Pedro II. Attendendo este Principe aos seus merecimentos o nomeou Bispo dos Estados do Maranhão, e Pará a 9 de Outubro de 1691, sendo

sagrado em 20 de Abril do anno seguinte em o convento do Carmo pelo Emminentissimo Cardial de Lencastre Inquisidor Geral, e forão seus assistentes os Illustrissimos D. João de Souza, Bispo do Porto, que depois foy Arcebispo de Braga, e de Lisboa; e D. Jose de Vasconcellos e Alarcão Bispo do Rio de Janeiro. Antes que partisse para o Maranhão foy provido no Bispado de Pernambuco no anno de 1694, e chegou a Olinda no anno de 1696, e como se lhe fosse revelada a breve duração do seu governo, se empenhou a faser em pouco tempo, o que outros não farião em dilatados annos, praticando aquellas virtudes proprias de hum vigilante Pastor, assim na larga repartição das esmollas, como nas continuas visitas que fez pelos certoens. Para que os seos familiares evitassem a ociosidade, fecunda May de todos os vicios, lhes determinava horas para a lição dos livros Espirituaes, e para o estudo das artes, e sciencias dignas do seu Estado. A sua meza era cômua, como as iguarias, onde havia continua lição de varios Autores. Do que lhe rendia o Bispado dispendia a mayor parte em soccorro dos pobres, e amparo dos necessitados. Era verdadeiramente sabio, e profundamente humilde. Foy varão de contemplação altissima, e nella muy favorecido da piedade de Deos com singulares merces. Acomettido da ultima infirmidade, se dispoz com os sacramentos, e resignado no divino beneplacito espirou placidamente em 29 de abril de 1704 as trez para as quatro horas da menhãa. Foy seu enterro solemnissimo com assistencia do Clero, Religioens, Nobreza e Povo; e sepultado no capitulo do convento do Carmo, onde determinou seu sepulchro.

111. O Illustrissimo D. Manoel Alvares da Costa occupou com credito da sua virtude, literatura, e prudencia os lugares de Prior de S. Justa, e S. Marinha, e de vigario Geral do Arcebispado de Lisboa. Foy nomeado para Bispo de Pernambuco no anno de 1705, e chegou a Olinda no de 1707, onde se applicou com igual disvello, que prudencia a cultura das virtudes, e extirpação dos vicios. Pouco tempo exercitou com socego o seu Pastoral officio, porque alteraçoens populares lhe impedirão os progressos. Foy chamado a corte para que desterrado na Patria recebesse o castigo de alguas demasias de que fora notado, ou o perdão dos excessos que se supunhão cômettidos. Impunhão-lhe alem de outras faltas, a culpa de não acudir a socegar a sublevação, que ouve no seu tempo, de que havia fama tivera noticia anticipada ao successo; não faltando quem affirmasse, que em odio do Governador Sebastião de Castro Caldas fomentava o tumulto do povo, maiormente na opinião dos que fasião argumento dos procedimentos legaes de alguns Ministros Ecclesiasticos deste Estado murmurados de menos justificados, e que de algum se dizia o aconselhara de publico.

Embarcou-se para o Reyno no anno de 1715 e depois de examinados com individuação todos os cargos. se achou que em algũa parte faltara sem culpa, em outras que as circunstancias as fasião menos graves, e que o mais erão faltas ligeiras, que não servião mais que de enfastiar os ouvidos com relação importuna, que ainda na opinião dos malaffectos não tinhão de culpa mais que aquella parte, que na brandura do genio, se notava de froixidão no sogeito. Promovido ao Bispado de Angra no anno de 1720 sentido do conceito que delle fisera a Patria em que nascera filho, e donde os merecimentos o predestinarão para os lugares, de tal sorte soube desempenhar se, que chegou a edificar com virtudes aos mesmos que lhe notarão vicios.

112. O Illustrissimo D. Frey Jose Fialho nasceo em Villa Nova de Cerveira na Provincia de Entre Douro, e Minho. Desde a primeira idade se admirarão unidas na sua pessoa em perfeito equilibrio a piedade do coração, e a subtileza do Juizo, de que procedeo cultivar igualmente as virtudes com exação, e as letras com desvelo. Deixada a caza de seus Pays o capitão João de Seixas, e D. Antonia de Andrade se adoptou por beneficio da graça em a illustre familia cisterciense no Mosteiro de S. Maria de Bouro, situado na mesma Provincia do Minho aos 23 de Janeiro de 1696, e no anno de 1699 foy mandado ouvir Artes no Real Mosteiro de S. Maria de Ceiça, e Theologia no Real Collegio de S. Bernardo de Coimbra, onde depois de faser insignes progressos nesta sagrada faculdade foy laureado com as insignias Doutoraes em Dezembro de 1710. Leu Theologia no mesmo collegio, e hum curso de Artes no Real Mosteiro de S. Pedro das Aguias, e no anno de 1712 em Novembro fez opposição a hũa Cadeira da Universidade em concurso dos mais eminentes Theologos, entre os quaes obstentou com grande esplendor do seu collegio, e credito do seu nome. Sendo informado o Fidelissimo Rey D. João V do seu grande talento, e virtude, o nomiou Bispo desta Diocese no anno de 1722, e no de 1725 foy confirmado pelo veneravel Pontifice Benedicto XIII. Recebidas as Bullas, o sagrou na Capella Real o Illustrissimo, e Reverendissimo Patriarcha de Lisboa aos 13 de Mayo do mesmo anno, Dominga infra octavam da Ascenssão do Senhor, sendo Bispos assistentes os Illustrissimos de Patara e Lacedemonia. Sahio de Lisboa para este Bispado Domingo 16 de Setembro do proprio anno, e fez viagem na náo de guerra N. Senhora de Nazareth, de que era capitão Pedro de Oliveira Muge, e chegou ao porto do Reciffe sabbado 17 de Novembro do mesmo anno. Foy recebido com demonstraçoens de jubilo, e reverencia, e fez entrada publica em Olinda em 21 do dito mez. A exacta observancia do seu instituto praticada no Estado Religioso conservou em a Dignidade de Bispo, sendo sempre

a alegre modestia do seu semblante, tacita censura dos vicios, e mudo despertador das virtudes. Como Anjo do Apocalypse trasia a espada na boca para cortar pelos delictos, e trazia Estrellas na mão para coroar os delinquentes. As suas reprehençoens erão rayos para destruição de culpas, a brandura com que reprehendia as transformava em coroa para consolação dos culpados. Na missão e vizita que fez penetrando pelo certão immensas legoas, empreza sempre difficil pela distancia das terras, fragosidade dos caminhos, e difficuldade de muitos incommodos, por todas cortou o incansavel, e animoso zelo d'este Prelado, por dar com a sua presença consolação as suas ovelhas, e para lhes dar pasto da sua doutrina não só por meyo da visita, com que reformava custumes, mas pelas fervorosas missioens, que fazia nas Igrejas que visitava. Lamentavão a sua falta com copiosas lagrimas as suas ovelhas quando em de Fevereiro de 1739 dos seos olhos foy tirado para Arcebispo da Bahia; ao passo que nesta cidade era recebido com as demonstraçoens mais fervorosas de contentamento, mas cedo exprimentarão as da Bahia o mesmo golpe sendo transferido para Bispo da Guarda no mesmo anno de 1739. Antes de chegar a cidade da Guarda enfermou gravemente na de Lisboa, e preparado cõ todos os sacramentos falleceo piamente a 18 de Março de 1741. Foy geralmente lamentada a sua morte não somente pelos pobres dos quaes foy amoroso Pay, mas do clero, e familias Religiosas, que lhe dedicarão solemnes Exequias com Panegyricos funebres em que se relatavão as virtudes heroicas de tão vigilante Prelado.

113. O Illustrissimo D. Frey Luiz de Santa Thereza, natural de Lisboa, filho de Antonio Salgado Governador de Chaves sargento mor de Batalhas, e de D. Archanja de profeçou as letras desde a primeira idade com progressos não vulgares; passou a cursar as escolas na universidade de Coimbra com emulação dos condiscipulos, e não sem inveja de outros que lhe precedião em tempo, sendo a sua applicação a huns estimulo, a outros exemplo. Aprendeo para a vida civel a Jurisprudencia, e para a vida christãa, e catholica a Theologia. Versando hũas sciencias por emprego, e outras por curiosidade em todas sahio consumado. Recebidas as insignias Doutoraes, oppositor as cadeiras, passou a corte onde seu grande entendimento lhe fez um bom lugar, logrando extimação entre os primeiros pelo sangue e ainda maiores pelo talento. A poucos dias de assistencia toy provido no lugar de corregedor de Coimbra, e condecorado com o habito da Ordem de Christo. Voltou para aquella cidade para exercer aquelle cargo, ainda que menos resignado no serviço do Rey da terra, cuja inconstancia lhe fasia recordar as estabilidades do ceo, lembradas com tanta efficacia, que por algũas vezes intentou largar aquella occupação, que

se lhe fasia pesada pelos encargos sem que lhe podesse suavisar a amargura, que o desgostava, o lograr dos principaes veneração, da plebe respeito, e ser de todos igualmente reverenciado pela qualidade, e pelas prendas de que era dotado. Não podendo resistir aos fortes impulsos da vocação divina, se resolveo em deixar as delicias, honrras, e prosperidades com que o estava brindando o seculo; deo libello de repudio ao mundo, largou a vara, e buscou nos orisontes da graça aquelle lusimento, que conseguira no oriente da natureza. Despresando as luzes da terra, se transformou nas luzes do ceo. Luz por que para ser pobre despresou os resplendores das riquezas; luz por que casto fechou os olhos a luzes de apparentes bellezas; e luz por que obedecendo não se quiz governar pelos dictames do mundo. Emulando ao Astro Celeste que Deos encerrou no limite da sua esfera, como Religioso em seu claustro, se recolheo nos apertos da Religião carmelitana. Logo que vestio o habito, todo se entregou ao trato interior com Deos, esquecendo se de toda communicação com os homens. Viveo na Religião alguns annos exercendo com perfeição e exemplo as virtudes, enriquecendo-a com os thesouros da sua sciencia, que abundantemente derramou em seos claustros, ensinando a seus domesticos a sagrada Theologia. Sahio depois a illustrar todo Reyno, com as enchentes da sua doutrina, de que forão claros argumentos os muitos sermoens que recitou em os mais authorisados pulpitos, e o ardente zelo da salvação do proximo que o levou por todo Reyno discorendo a pé sem algum genero de viatico tanto numero de legoas sendo o seu mais appetecido alimento introduzir nos coraçoens humanos com a efficacia dos seus brados a brevidade da vida, a incerteza da morte, o rigor do Juizo, os tormentos do inferno, e as delicias da Gloria.

114. O Fidelissimo Rey D. João V como conhecesse a profundidade da sua sciencia, e a integridade de seus costumes o nomeou Bispo de Angola cuja Dignidade constantemente regeitou, e sendo novamente eleyto para Bispo de Pernambuco, foy necessario instar ElRey, e mandar a obediencia para que consentisse na eleyção, e se sugeitasse a carregar o baculo Pastoral, que humildemente entendia, não ter forças para suster. Sagrado pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha D. Thomas de Almeida se embarcou, e teve na viagem materia para muito exercicio da sua paciencia, e caridade, porque enfermarão quase todos os navegantes. Arribou a Reciffe na menhãa de 24 de Julho de 1739, e foy festejada a sua entrada com fogos, e luminarias, e com musicas, e repiques; e em 29 do dito mez tomou posse do Bispado por seu Procurador Frey Francisco de S. João Marcos. Todas as virtudes q̃ fiserão veneraveis aos Prelados da primitiva Igreja copiou em si tão perfeitamente, que de muytos foy glorioso excesso, de que forão

manifestos argumentos a eloquente energia, com que pregando reprehendeo os vicios; a profusa liberalidade com que soccorreo a pobreza; a clemencia unida com a severidade, com que emendou as culpas; a generosa magnifiencia, e copioso dispendio, com que ornou a sua cathedral, acrescentou o Palacio de Olinda, e erigio o da Boavista para digna habitação da sua pessoa, e de seus successores; o incançavel trabalho, com que visitou a sua Diocese; a impertubavel constancia com que defendeo a Jurisdição Ecclesiastica sendo acerrimo defensor da sua Dignidade, punindo severamente aos violadores della, que se valião da authoridade real para livremente commetter enormes insultos. Contra estas virtuosas acçoens proprias da Dignidade que occupava se armarão fortissimas opposiçoens interpretando com o simulado pretexto de zelo serem muitas d'ellas procedidas de hum animo summamente austero, e vingativo, e totalmente alheyo da benevolencia Pastoral; e soube o odio de hum Ministro temperar com traidora bonança a tempestade, enfeitar com cauta simulação o golpe, e subprimir ao incauto Prelado com a tormenta desfeita da sua maldade, de tal modo que aparecendo no theatro da corte hũa fantasma de fingidas culpas, hum grande vulto de testemunhos, e hũa agigantada Estatua de calumnias, e totalmente faltando a defesa, ardeo, lavrou, e levantou hum incendio, que não pode apagar hum mar de lagrimas das suas ovelhas. Foy tanta, e tão incontrastavel a sua paciencia, que chegou a faser zombaria das affrontas, varão certamente forte nas adversidades. Não ser sensitivo dizia Seneca, seria não ser homem, mas tambem seria não ser o homem homem grande, se não fosse sofrido diz elle. Não podemos suppor que não sentisse tão grande affronta, mas para mostrar era mais que homem sofreo com extremada constancia o mesmo que sentia. Muito sentio Catão verse lançado fora do Senado em Roma, mas no mesmo dia da repulsa, se a colera lhe mudara as cores se poz a jugar a péla, sim sentio este Prelado ser tirado do seu Bispado, mas sentio como Catão jugando com o sentimento a péla; e divertindo a dor, o mesmo que sentia, sofreu e com desenfado, satisfeito da sua innocencia, não se deixou alterar por mentiras, certo que lhe não havia de faser mais peso hum opprobrio machinado por seus emulos, que o proprio testemunho de si mesmo. Qual Scipião soube merecer mais applauso despresando os despresos, que triumphando gloriosamente de Cartago. Em Junho de 1754 se embarcou para Lisboa, e não cuide alguem que lhe tirou a veneração o despreso dos máos, que quando o odio pisa as sagradas ruinas de hum templo, a Religião devota as adora cahidas. Teve a fortuna de ter favoraveis a sua innocencia o poder, e authoridade dos Ministros superiores, e desapaixonados, sem cuja sombra não ouvera podido resistir a fogosa actividade de seus Emulos, que

com o torpe borrão de calumnias atiravão a manchar o candido papel da sua ajustada vida. Emmudeceo a emulação vendo que ElRey o admettio á sua presença, e mereceo o agrado da Magestade.

115. O Illustrissimo D. Francisco Xavier Aranha, natural da Villa de Arronches em a Provincia de Alentejo, estudou as sciencias amenas na Patria, e passando em companhia de hum ministro seu tio para a Ilha da Madeira, estudou Artes no Collegio dos Padres Franciscanos da cidade do Funchal. Voltando para o Reyno cursou a Universidade de Coimbra applicado ao estudo da Jurisprudencia Canonica onde pela agudeza do engenho, felicidade da memoria, e gravidade do aspecto, conciliou universaes extimações. Acabada a carreira dos estudos Academicos, se recolheu a casa de seus Pays, e constando a D. João de Souza Carvalho, Bispo de Miranda a literatura, modestia, e prudencia de que era ornado o elegeo no anno de 1726 por Dezembargador da meza Episcopal, descançando n'elle parte dos seus pastoraes cuidados. Como se fizesse conhecida a sua grande litteratura unida com summa madureza, competião entre si os lugares mais honorificos da Jerarchia Ecclesiastica, qual devia nobilitar-se com a sua grande pessoa, pois sendo conego Doutoral da Cathedral de Miranda, e visitador ordinario do mesmo Bispado, foy nomiado pelo cabido, sede vacante, Vigario Geral, e Provisor. Tanto que lhe foy commettido o governo Ecclesiastico applicou todo o disvelo em administrar Justiça com prudencia, e rectidão. Ao tempo que mais se applicava em satisfazer com as obrigaçoēns do seu cargo, exprimentou, que provocado o cabido pela indescreta petulancia de alguns capitulares, emulos das suas resoluçoens, innopinadamente fizesse novos Ministros. Dissimulou este agravo, como doutrinado na escola da prudencia, e com imperturbavel animo tolerou a desatenção, sem mostrar no semblante o menor sentimento. Porem como a Fama das suas virtudes fosse patente a ElRey, constando-lhe a accelerada resolução do cabido, lha estranhou por hũa carta, com expressões tão severas, que atemorisados e receosos com a reprehensão delRey, o restituirão aos lugares de que injustamente o havião privado, e para mayor satisfação da Magestade o elegerão Vigario Capitular. Parecendo-lhes depois demasiada autoridade a q̃ lograva com esta Dignidade, arrependidos do seu proprio arrependimento, com aquella imprudencia, que acompanhada da autoridade causa furor, o deposerão tumultuariamente de todos os cargos. Esta desatenção tida com hum homem digno das mayores attençoens causou notavel escandalo, nem pode reparar-se aos furiosos golpes de tantos montantes; mas soube o seu entendimento descobrir meyo efficaz para alçançar o triunfo, sahindo a sua justa defença, para que seu silencio não desse armas, e forças a sem rezão, deixando infamada a sua innocencia.

Valendo-se do proprio entendimento, fez hum tratado muito douto sobre o ponto; que ornou de palavras de muita autoridade, e de razoens tão concludentes, que evidentemente mostravão o injusto procedimento do cabido; merecendo em attenção do que relatava mandar ElRey ao corregedor da comarca fosse a Sé, e convocados os capitulares a cabido, ahy os reprehendesse em seu nome, e lhes declarasse que sendo canonicamente eleyto Vigario Capitular, so poderia deixar de o ser por propria desistencia, e voluntaria deixação, mandando juntamente fizesse sahir extreminados sete capitulares trinta legoas fora do Bispado, e vinte distantes huns dos outros, com ordem para não requererem por si, nem seus procuradores, para que assim ficasse castigada a culpa da sua imprudencia, deixando-os conhecidos pela sua necedade. A severidade desta demonstração poz em confusão, e desalento a parte contraria, que ate este ponto estava ardente, e orgulosa, e não havendo quem mais se atrevesse a fomentar novidades, entrou a servir de vigario capitular. Tanto pode o seu bom Juizo acompanhado do sofrimento, e prudencia, que chegou a fazer empenhados na sua dita aos mesmos, que com todas as forças se applicavão a cortar-lhe os augmentos, e assim o pedião as grandes experiencias, que tinhão do seu grande talento. E posto que alguns tratassem com força de lhe impedir os progressos, não deixavão de o respeitar, nem de conhecer o muito que merecia por suas prendas. Para glorioso desafogo do seu agravo, pedio pelos companheiros suplica, que sendo bem ouvida, foy geralmente louvada. Com as suas representaçoens livrou do desterro da Patria aquelles que o havião desterrado do seu lugar, nem podia vingar mais gloriosamente a sua reputação do que ler no rosto dos seos Emulos o arrependimento do seu desatino. Não vinga a reputação, quê se vinga de quem lha tirou, vingou-a aquelle que se não vingou; politica que so entendem espiritos muito nobres, e virtuosos. Servio o lugar de Vigairo Capitular, até que daquelle Bispado tomou posse o Bispo D. Diogo Marques Mouratto, q̃ conhecendo o seu inculpavel procedimento, e profunda sciencia, o nomeou seu Governador, e depois que se recolheo ao Bispado o conservou Provizor, e Vigario Geral, e por ficar vaga a cadeira de Deam o nomeou nella. Sendo promovido ao mesmo Bispado D. Frey João da Cruz, Bispo que foy do Rio de Janeiro, na posse, que mandou tomar, o fez tambem Governador, e o conservou Provisor. Havendo illustrado a Cathedral de Miranda com as suas letras, e virtudes, testemunhou ElRey claramente o altissimo conceyto que fazia do seu talento, nomiando-o Bispo de Thermopoli, e coadjutor, e futuro successor do Bispado de Pernambuco. Foy sagrado em Lisboa na Parrochial Igreja de S. Miguel e Anjos, em 21 de Julho de 1754, pelo Illustrissimo D. Jose Dantas Barbosa, Arcebispo de

Lacedemonia, sendo Assistentes D. Jose Correa Lima Bispo de Constancia; e D. Frey Mario de S. Roza, Bispo de Machao, assistente no real convento de Mafra. Embarcou para Pernambuco, e com prospera viagem arribou ao Reciffe em 29 de Setembro de 1754, e foy recebido com excessivas demonstraçoens de jubilo. Tomou posse do Governo desta Igrêja em 14 de Outubro do mesmo anno. Aspirando o seu espirito a hum governo prudente he Argos vigilante para soccorrer necessidades, e remediar afliçoens. Aborrece na conversação toda pratica, que degenera em detração do proximo. Tem dous ouvidos para ouvir ambas as partes sem que jà mais admita a primeira informação, sem exame de outras. No seu governo lhe servem de conductores das suas acções rectidão do animo, maduresa do Juizo, e piedade do coração.

CAPITULO 16

DO ESTADO MILITAR

116. Depois de restauradas as Praças de Pernambuco do poder dos Olandezes se redusio o seu presidio a numero de quatro mil soldados pagos, divididos em varios Terços. A 14 de outubro de 1664 se reformarão ditas tropas a requerimento da Camera de Olinda, ficando somente dous Terços para guarnição da cidade de Olinda, e villa do Reciffe, e para Mestre de Campo deste D. João de Souza, e daquelle Antonio Dias Cardoso. No mesmo tempo se estinguio o terço dos artilheiros, e ficou reduzido a hũa companhia de cem homens, com seus officiaes respectivos. A cidade do Rio Grande tem duas companhias de Infantaria, e o capitão mais antigo, he commandante da Fortaleza dos Santos Reys Magos, a outra companhia assiste na cidade cabeça da Provincia, que tem Capitão mor pago, posto por ElRey, com subordinação ao Governador, e capitão General. A capitania do Ceará tem huma companhia e capitão mor pago, e posto por ElRey com a mesma subordinação. O terço de Auxiliares desta Provincia se reduzio por ordem real a sinco companhias comandadas por hum sargento mor, e subordinadas ao Capitão mor. A cidade da Parayba tem tres companhias de Infantaria comandadas por hum sargento mor, e dellas serve hũa de guarnição a Fortaleza do Cabedello. Tem hum Terço de Auxiliares, tres Regimentos de cavallaria, e seis Terços de Ordenança, subordinados aos capitaens mores de diversos destritos. Tem esta Provincia Governador independente do capitão General de Pernambuco, lugar que sempre occuparão pessoas de muita calidade, e merecimentos. A Provincia de Tamaraca tem duas companhias de Infantaria, que residem

na Fortaleza de Santa Cruz de que he cõmandante hum sargento mor; tem hum terço de Auxiliares, ordenanças, e Provedoria da fasenda Real. O Terço do Palmar, chamado de Paulistas, de que foy Mestre de Campo Domingos Jorge Velho foy extinto, e redusido a huma companhia de cem homens, que assistem naquelle destrito. A fortaleza de Nazareth no cabo de Santo Agostinho, tem huma companhia; a de Tamandare tem outra, e he governada por hum sargento mor, Olinda e Reciffe alem dos dous Regimentos de Infantaria paga, com que ficarão por sua guarnição, depois da Reformação das suas Tropas, tem quatro terços de Auxiliares, tres Regimentos de cavallaria, e varios Terços de ordenanças. O Terço dos Henriques de pretos forros, he composto de doze companhias, com mais de mil homens, tem Mestre de Campo, e sargento mor, e quatro Ajudantes pagos. O Terço dos homens pardos tem as mesmas companhias governadas pelos seus capitaens, e subordinadas a hum sargento mor. As villas, e suas comarcas são governadas por capitaens mores nomiados pelos Governadores, e confirmados por El-Rey, e nos seos destritos tem muitos terços de ordenanças, tendo cada Freguesia capitão Regente subordinado ao capitão mor. Pelos certoens ha innumeraveis terços de cavallaria, e ordenanças promptos para qualquer emprego do serviço de ElRey, e da Patria. A Ilha de Fernão de Noronha, que em sinco graos Austraes tem tres legoas de comprido, huma de largo, oitenta ao mar do Norte de Pernambuco, se acha hoje fortificada com tres grandes Fortalezas, e dous Reductos com suficiente presidio, e municiada com todo necessario para sua defença, e conservação. A milicia composta dos Indios naturaes he immensa, forte, destemida, horrivel, leal e constante. Os officiaes militares se tratão com bizarria, os soldados com aceyo, e todos bem exercitados na sciencia, e Arte militar. Para governo da Artilharia tem hum sargento mor. Os pretos assim do Terço dos Henriques, como de outras companhias vagas por varios destritos, são tão promptos no serviço, como constantes no trabalho, sem pertenderem outro premio que o credito das suas acçoens. O sargento mor do Estado serve para accodir a qualquer deligencia do serviço, e mostras das ordenanças. Ha muitos capitaens de entradas, e outros mais postos tudo para o bom expediente, e governo destas Provincias.

CAPITULO 17

MEMORIAS DOS GOVERNADORES E CAPITAENS GENERAES DE PERNAMBUCO DEPOIS DA SUA RESTAURAÇÃO

117. Considerando ElRey D. João IV os interesses que lhe seguirião de lançar da America os Olandezes, e estando bem informado

do valor, e constancia, com que os Pernambucanos continuavão na restauração da sua Patria tendo conseguido do inimigo muitas e gloriôsas victorias; ainda que conhecia lhe importava não romper com os Olandezes em Europa, resolveo mandar a Pernambuco com o Posto de Mestre de Campo General a Francisco Barreto, Senhor do Morgado da Quarteria, e mais casa de seos Avos, em que succedeo a seu Irmão Nuno Rodrigues Barreto, e quando seu Primo D. Fernando de Borja passou a America por vice Rey do Peru, veyo na sua companhia, e naquelle Reyno foy Governador do Calhao, o teve de húa mulher nobre natural da nova Espanha. Havia servido na guerra do Alentejo, e occupado os postos de capitão de cavallos, e Mestre de Campo com opinião de valeroso, e prudente. Embarcou se em Lisboa em hum de dous navios pequenos com trezentos soldados governados por Felippe Bandeira de Mello, Thenente de Mestre de Campo General; navegou ate altura da Parayba onde se encontrou com húa esquadra olandeza, foy rendido, ferido, e prisioneiro, depois de mortos parte dos soldados que o acompanhavão veyo para o Reciffe onde o puzerão em prisoens, destas se vio livre depois de nove mezes por intervenção de hum moço Olandez, chamado Francisco de Bra, filho do official a que o entregarão os do supremo concelho. Vencidas alguãs dificuldades chegou ao nosso Arrayal, onde foy recebido e hospedado como se devia a sua pessoa, e não a sua fortuna, o que elle soube extimar com tanto primor, que sem lembranças de superior, os tratava companheiros.

118. No mais vivo emprego das prevençoens, com que o inimigo ajudado de hum grande soccorro, que lhe viera de Olanda, se dispunha a conquistar o perdido; e os nossos para a defença; chegou a Pernambuco hum correyo da Bahia mandado pelo Governador Geral Antonio Telles, conde de Villapouca, com huma ordem aos Governadores da liberdade Andre Vidal de Negreiros, e João Fernandes Vieira para que entregassem o Governo das armas a Francisco Barreto de Menezes, e lhe obdeecessem como a seu Mestre de Campo General, nomiado e provido por Sua Magestade. O vulgo que se deixa sempre levar das primeiras aprehensoens, tumultuava inquieto, com se imaginar agora governado pelo dictame do mesmo conde General, de quem em manifestos apertos, e no que de presente estavão, se vio, e via desfavorecido. Accusava de suspeitosa a novidade na vesinhança do mayor perigo, e sem duvida se amotinara se a prudencia dos principaes cabos não vencera os montes de inconvenientes, que a intempesttiva ordem trazia comsigo. Em obsequio da união se sacrificarão as opposiçoens da altiveza, e da desconfiança, e se conformarão de sorte as vontades, que o Mestre de Campo General aprovava tudo que os Governadores

da liberdade dispunhão, e estes em nada faltavão a obediencia, e respeito, que lhe devião, recebendo nesta forma as armas outro Governador, porem não outro governo; e se pode dizer, que na entrega, que fiserão ao Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes do Governo, derão os Pernambucanos a coroa terras, e vassalos, que podesse governar, pois he certo que sem dispendio da fasenda real, de suas maos recebeo a coroa de Portugal, e o Governador em seu nome, huma e outra cousa; e a seu Principe derão a Gloria de o ser de vassallos tão obedientes, e leaes, que podem ser para todos os subditos doutrina, e para todas as idades exemplos. Depois da Restauração ficou governando ate 26 de Março de 1657. Foy remunerado com varias commendas, o Governo Geral do Brazil, e titulo de conde do Rio grande. Cazou duas vezes, a primeira em 13 de Julho de 1665 com D. Maria Francisca de Sá, veuva de D. Antonio de Castro, senhor da casa de Basto, senhora que foy de honor da Raynha D. Luiza, e filha de D. Francisco de Sá e Menezes, segundo conde de Penaguião, Camareiro mor etc. e da condeça D. Brites de Lima sua segunda mulher, filha de D. Luis Lobo, Senhor de Sarzedas, a qual era veuva de Nuno Alvares Botelho, Governador da India, de quem teve D. Antonia Maria Barreto, que foy senhora da casa de seu Pay. Casou segunda vez com D. Margarida Juliana de Tavora, que ficando veuva, foy mulher de Pedro Mascarenhas de Carvalho conde de Sandomil filha de Francisco Botelho de Tavora, primeiro conde de S. Miguel.

119. Andre Vidal de Negreiros, commendador de S. Pedro do Sul na ordem de Christo, Alcayde mor das villas de Marialva, e de Moreira, nasceo na cidade da Parayba sendo seus Pays Francisco Vidal de Negreiros, e D. Catharina Ferreira. Se os mais profundos, e caudalosos Rios são em seos principios regatos pequenos, os quaes pode sondar facilmente o discurso, a sobreelevada grandeza das preclarissimas acçoens deste Heroe Pernambucano qual outro Nilo ainda que mais se estreite, e a seos principios se recolha nunca se acha pequena, nem desta verdade he necessario outro autentico testemunho, que o recordo, do que emprehendeo na restauração da sua Patria, e das gloriosas proezas, que obrou ate a conseguir. Por isso quando ainda se achava nos annos da puericia deu evidentes sinaes daquelle esforço invictissimo, com que na idade mais provecta havia de servir de assombro a naturaes, e estranhos, porque logo então o admirarão ao exercicio das armas tão inclinado, que antes de ter obrigação de se achar nas campanhas, ja estava dictando a forma com que se havião de conseguir as victorias. Nao pode espirito tão guerreiro, e bizarro estar muito tempo escondido, apenas contou doze annos, quando ajuntando-se com outros da sua idade mostrou ao olandez, que a sua Espada

seria rayo, que cortasse pela mayor resistencia, crescendo ainda mais nos merecimentos que nos dias assestio a todas as obrigaçoens com valor, e satisfação, que se deixa ver nas historias desta guerra. Passou a Bahia, e teve a mayor parte assim no trabalho como na gloria de quanto se obrou na defença d'aquella cidade. Voltou a Pernambuco em defença de seus naturaes, e com o terço de que jà era Mestre de Campo, adiantou o cerco da Fortaleza de Nazareth, e rendeo aquella importante força. Soccorreo o Rio Grande, acodio a Parayba, castigou o atrevimento dos Olandezes, destrohio os inimigos, e triunfou com gloria do grande poder das suas armas. Rebateu os soccorros de Olanda, entrou na Capitania do Ceará, e a deixou livre de insultos. Na primeira batalha dos Guararapes commetteo o inimigo pelos montes, e o desbaratou; na segunda avançou intrepido, e com incrivel esforço o rompeo, e venceo. Atacou as Fortalezas do Reciffe, e desalojou o olandez da emminencia do Milhou. Ajustou as capitulaçoens da entrega que do Reciffe fizerão os Olandezes; tomou posse das praças, deixando-as com guarnição: Em tres de Fevereiro embarcou para Lisboa com a alegre nova da restauração de todas as capitanias occupadas pelo Olandez, e para representar a Magestade del Rey D. João o IV o successo, e a desculpa com que os Pernambucanos faltarão ao preceito que lhes mandava largar a campanha aos inimigos; e a muita razão, e Justiça com que se moverão a conquistar a sua Patria, para que não pezasse mais a desobediencia, que o serviço. Chegou a Lisboa, e foy recebido da Magestade, e de toda corte com tanto alvoroço, que o festejava a gosto de todos, e não o acabava de crer o espanto de muitos. Logrou com os applausos da plebe, veneraçõens da grandeza, e não vulgar extimação da Magestade que o galardoou com o governo da sua Patria, não por premio, se não como alviçaras. Tomou posse em 26 de Março de 1657, e servio até 26 de Janeiro de 1661, mostrando na prudencia com que governou que igualmente era Politico, que Guerreiro. O Senado de Olinda o mandou retratar, conservando-se ainda hoje nas casas da Camera a copia, a que os seus naturaes tributão grande respeito.

120. Francisco de Brito Freire nasceo na villa de Coruche situada na provincia do Alentejo quarto filho de Antonio Froes de Andrade Fronteiro em Tangere, e D. Catharina Freire, filha de Manoel de Andrade Commendador da Ordem de Christo, e sua mulher D. Beatriz Freire. O primeiro posto militar que teve foy o de capitão de cavallos na Provincia da Beira, onde crescendo com a idade seu merecimento, passou duas vezes ao Brazil com o honorifico lugar de Almirante da Armada de Portugal. Foy Governador da Praça de Jurumenha, e terceiro Governador e capitão General de Pernambuco, tomou

posse do governo destas Provincias em 5 de Março de 1664, e governou athe o ultimo de Julho de 1666, com tanta prudencia, discrição e affabilidade, como inteireza, e rectidão. Entre as virtudes, que conservou com escrupulosa observancia foy a fidelidade para com o soberano, de que deo o mayor testemunho quando sendo mandado em 24 de Mayo de 1669 conduzir a Ilha Terceira a ElRey D. Affonço VI, o não executou ainda com a merce do titulo de visconde de Jurumenha, e Governador perpetuo da mesma villa, cuja acção foy origem de varias calamidades, que tolerou constante, dissimilou prudente. Foy commendador da Ordem de Christo, conselheiro de guerra, Almirante da Armada real. Morreo em Lisboa a oito de Novembro de 1692, quando excedia a idade de setenta annos. Jaz sepultado em Coruche, que he Jazigo dos seos Mayores. Foy casado com D. Maria de Menezes, filha de D. João de Menezes, Alcayde mor de Penamacor, de quem teve a Antonio de Brito de Menezes, que morreo governando o Rio de Janeiro, e a D. Josepha Gabriel de Brito, herdeira da caza, que cazou a 7 de Fevereiro de 1720 com Jose Bernardo de Tavora commendador de S. Maria do Escalhão e de S. Maria de Midoens no Bispado de Viseu, filho de Miguel Carlos de Tavora Conde de S. Vicente, e de D. Maria Caetana da Cunha, herdeira de João Nunes da Cunha primeiro Conde de S. Vicente.

121. Jeronimo de Mendonça Furtado, cavalleiro de Malta, que não professou, foy filho de Pedro de Mendonça, Alcayde mor de Mourão, commendador de Santiago de Cassem ; e de D. Antonia de Mendonça filha de D. Jeronimo Manoel, e D. Maria de Mendonça, e Albuquerque. Servio na guerra do Alentejo, e foy capitão de cavallos, e Mestre de Campo de hum Terço da Guarnição de Lisboa, o qual largou, e se achou como particular na batalha do canal, de que foy mandado com a nova a ElRey D. Affonso VI, que lhe deo o Governo de Pernambuco, e governou desde 5 de Março de 1664 ate o ultimo de Julho de 1666, de sorte que para atalhar as ruinas, que prometião as suas violencias, e sinistras tençoens, o mandarão preso para Lisboa, e da prisão fogio para Castella ; voltando ao Reyno foy culpado em crime de Leza Magestade contra ElRey D. Pedro, então Regente ; pelo que foy sentenciado a morte, e confiscação de bens, e perdoando lhe a piedade do Principe a perda da vida foy degradado toda a vida para a India onde morreo. Governou desde 5 de Março de 1664 ate o ultimo de Julho de 1666, dia em que foy preso pela Camera de Olinda. Entrou em seu Andre Vidal de Negreiros, e servio ate 13 de Junho de 1667. Com aquelle acerto, prudencia, e rectidão, que exercitou em todos os seus governos.

122. Bernardo de Miranda Henriques, foy filho de Ayres de

Miranda, Commendador na Ordem de Christo, Capitão mor das Náos da India, Cativo na de Alcacer, e pagem do Cardeal Rey D. Henrique, e de D. Violante da Sylva filha de Vasco Fernandes Homem Commendador da Freiria de Evora, e capitão de Arzilla, e de sua mulher D. Elena de Andrade, servio na guerra da Acclamação. e occupou postos honorificos. Tomou posse deste governo em 13 de Junho de 1667, e servio com acerto, e reputação ate vinte e oito de Outubro de 1670.

123. Fernão de Souza Coutinho, Alcayde mor, e commendador na Ordem de Christo, nasceo em Pernambuco, e forão seus Pays Ambrozio de Souza, filho natural de D. Jorge de Souza commendador de Azambuja na Ordem de Christo, Capitão mor da Armada da India, e Governador da Mina, e de D. Anna Vaz, e o dito Ambrozio de Souza passando a esta Provincia casou com D. Justa de Azevedo, filha de Ayres de Magalhaens, e tiverão Jorge de Souza, que foy cazar ao Rio de Janeyro com D. Maria de Gallegos, de quem teve dous filhos sem estado, e Paulo de Souza passou a Lisboa, e cazou com D. Marianna Henriques, filha de Diogo Henriques Sodre, Governador de Cabo Verde, e de sua mulher Margarida Soares, e deste matrimonio nasceo dito Fernão de Souza Coutinho, que servio na guerra da Acclamação com os postos de capitão de Infantaria, e de cavallos, Thenente General da Cavallaria, e General da Artelharia, veyo governar estas Provincias, e tomou posse em 28 de Outubro de 1670, e servio ate 17 de Janeiro de 1674. Tendo com grande esplendor do seu nome consumado o governo, que lhe sigurava outros maiores empregos adoeceo, e conhecendo ser chegado o termo de sua vida, se preparou com actos de Fe, piedade, e resignação na vontade Divina, e recebidos os sacramentos expirou placidamente deixando illustre memoria das suas virtudes. Está sepultado na Igreja de Santo Amaro dos Padres Congregados da parte da Epistola.

124. D. Pedro de Almeida filho V de D. Francisco de Almeida, commendador de S. Maria de Lardoza e de D. Margarida de Atayde, foy commendador de S. João de Trancoso na ordem de Christo, capitão mor das naos da India, Mestre de Campo de hum terço de Infantaria, Almirante da Armada de Portugal, e por seu casamento Provedor dos Lisivias, e vallas de Riba Tejo. Casou com D. Luiza Antonia de Portugal, filha herdeira de Miguel de Quadros e Tavora, Provedor das Lisivias, e vallas de Riba Tejo, e de D. Catharina de Castro Portugal, filha de Antonio Pereira de Berredo, commendador de S. João de Castanheira, e de S. Gens de Arganil na Ordem de Christo, Governador, e capitão General da Ilha da Madeira, e da Praça de Tangere, General da Armada de Portugal, e de D. Marianna

de Portugal. Tomou posse em 17 de Janeiro de 1674, e servio ate 14 de Abril de 1678, sahindo deste governo com applausos, bem merecidos da sua prudencia, brandura e rectidão.

125. Ayres de Souza de Castro, commendador de Alpedroens, e de Rio mayor, foy filho de Pedro de Souza de Castro commendador de Rio mayor, Alpedroens, e Arruda na ordem de Aviz, e de D. Marianna de Noronha, filha de Francisco de Souza copeiro mor delRey D. Henrique, e dos Reys D. Felippe II e III, Alcayde mor da Guarda, commendador de Bornes, e S. Salvador na Ordem de Christo, e de sua segunda mulher D. Antonia de Noronha filha de D. Rodrigo Lobo, senhor de Sarzedas. Servio na guerra sendo capitão de cavallos couraças, se achou na Batalha do Ameixial no anno de 1663, sendo Mestre de Campo do Terço de Serpa na tomada de Valença, e no seguinte na famosa batalha de Montes Claros. Tomou posse deste governo em 14 de Abril de 1678, e servio com applauso ate 21 de Janeiro de 1682.

126. D. João de Souza, foy filho do primeiro Marquez das Minas D. Francisca de Souza, e de sua segunda mulher D. Eufrazia Felippa de Noronha, filha de D. Fernando de Mascarenhas primeiro conde da Torre. Foy vedor da Caza Real delRey D. Pedro II, Commendador de S. Maria da Villa do Prado, e S. Maria de Villa Franca na Ordem de Christo, General de Artilharia na Provincia do Minho com o governo das armas. Tomou posse do Governo de Pernambuco em 21 de Janeiro de 1682 e servio ate 13 de Mayo de 1685, com singular armonia. De todas as virtudes foy deposito o seu coração, administrando com tal rectidão a Justiça, que nunca deixou o merecimento queixoso, nem o crime impunivel. Em tudo que era do seu cargo se empregava com grande actividade, e não menos dezinteresse. No expediente dos despachos foy promptissimo ouvia a todos sem difficuldade da entrada por que a todos se franqueava em audiencias, sem mais tempo, que a necessidade dos pertendentes. Esta facilidade de ouvir, despachar, ou desenganar os pertendentes, unida a afabilidade e amor com que tratava os subditos, conciliou hum universal amor no povo; e para que ficasse a todas as idades recomendavel a sua memoria, os officiaes da Camera de Olinda o mandarão retratar.

127. João da Cunha Sotto mayor natural de Entre Douro e Minho, fidalgo da casa de Sua Magestade, commendador de S. Mamede de Trovisco, na Ordem de Christo, tomou posse em 13 de Mayo de 1685, e servio ate 29 de Junho de 1688. As semrazoens com que governou, o fiserão entre os subditos tão mal opinado, que ate as virtudes lhe notaram vicios.

128. Fernando Cabral, Alcayde mor de Belmonte, Senhor de Azurara foy filho de Nuno Fernandes Cabral Senhor de Azurara, Alcayde mor de Belmonte e de D. Margarida de Menezes, Irmãa de seu

cunhado D. Alvaro de Souza, e filho de D. Francisco de Souza capitão da Guarda Alemãa delRey D. Henrique, casou com D. Maria de Brito, filha de Antonio de Brito Freyre, e de sua mulher D. Izabel lobo. Tomou posse em 29 de Junho de 1688, e deu principio ao seu governo mostrando-se mais parcial da clemencia que do rigor. Acometido da Epidemia, que ouve neste tempo, se preparou para a morte com autos de verdadeira penitencia, e falleceo com summa piedade em 9 de setembro do mesmo anno, e jaz sepultado na Igreja do Collegio dos Padres Jesuitas do Reciffe. Ficou por seu fallecimento governando o Bispo D. Mathias de Figueredo e Mello ate 25 de Mayo de 1689.

129. Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, nasceo no anno de 1638, sendo filho de Ambrozio de Aguiar Coutinho e Camera, Senhor da Capitania do Espirito Santo no Brazil, e de D. Felippa de Menezes, filha do Aposentador mor Lourenço de Souza da Sylva, e de sua mulher D. Luiza de Menezes, sucedeo na caza, e Morgado de seu Pay, e na Capitania do Espirito Santo que vendeo a Corôa. Foy Almotacé mor do Reyno por renuncia, que com merce delRey fez nelle seu padastro, e parente Francisco de Faria, commendador de S. Miguel de Bobadella na Ordem de Christo; servio de Aposentador mor por seu primo o conde de Santiago, servio nas Armadas, foy capitão de Mar, e Guerra, e tendo servido este lugar foy nomiado Governador de Pernambuco, de que tomou posse em 25 de Mayo de 1689 e servio ate 5 de Junho de 1690, em que foy promovido ao governo Geral do Estado com patente de Mestre de Campo General, e ultimamente foy ViceRey da India para onde partio em 28 de Março de 1698. Todos estes lugares administrou com notavel dezinteresse, virtude que praticou toda a sua vida, que acabou vindo da India, e lograria mayores applausos dos seos governos, se não acompanhara a sua rectidão, hum impulso violento, que sendo talvez para rusticos necessario; para animos nobres he inutil. A severidade do seu genio o levava em os processos, a começar primeiro pela execução, que pelas provas.

130. Antonio Jose Machado segundo Marquez de Montebelo, foy filho de Feliz Machado da Sylva Castro, e Vasconcellos primeiro Marquez de Monte bello em Milão, cujo titulo lhe deo Felippe IV em o anno de 1630, neto de Manoel de Araujo de Souza e Castro, e de D. Margarida Machado da Sylva, e Vasconcellos, filha herdeira de Francisco Machado da Sylva Senhor de Entre Homem, e casado, e commendador de Souzel em a Ordem de Aviz. Possuhio a commenda de S. João de Coucieiro da Ordem de Christo, e o senhorio das casas de Castro, Vasconcellos, e Barroso, e os solares dellas situados na Provincia da Beira entre os rios Homem, e Cavado; e de Violante

de Orosco, Irmãa de D. Francisco de Orosco segundo Marquez de Mortara, e primeiro de Olias, Vice Rey, e capitão General de Catalunha e Governador de Milão. Tomou posse do governo destas Capitanias em 5 de Junho de 1690, e servio com louvor ate 13 de Junho de 1693.

131. Caetano de Mello de Castro, Commendador de S. Miguel de Azamor na Ordem de Christo, teve por Pays Antonio de Mello de Castro, commendador na Ordem de Christo, que servio na guerra da Acclamação, com distinção, sendo Mestre de Campo de Infantaria, e Vice Rey da India; e D. Anna de Mendonça, filha de Jorge de Souza de Menezes. Foy Governador e Capitão General dos Rios de Sena, Governador de Pernambuco, e ultimamente Vice-Rey da India para onde foy em Março de 1702. Cazou com D. Marianna de Faro, filha primeira dos segundos condes da Ilha do Principe, que fora Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. Tomou posse deste governo em 13 de Junho de 1693, e servio com geral aceitação ate 5 de Março de 1699. Em seu tempo se conquistou o Palmar em que infinitos negros por muitos annos estiverão rebeldes, e levantados.

132. D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastre, foy filho de D. Luiz Mascarenhas de lancastre filho de D. Fernando Martins Mascarenhas, senhor de lavre, e commendador de Mertola na Ordem de Santiago, e de sua mulher D. Catharina de Lencastre, filha de D. Jorge de Lencastre Governador de Ormuz na India; e de D. Brites de Menezes, filha de Damião Dias de Menezes, commendador na ordem de Christo, secretario das confirmaçoens del Rey, e de D. Anna de Castro sua mulher. Passou a servir na India, e foy Cavalleiro da Ordem de Christo, e tendo occupado postos naquelle Estado, foy Governador da India, em que succedeo a D. Miguel de Almeida a 9 de Janeiro de 1691, junto com Luis Gonçalves Cota, clerigo do habito de S. Pedro, secretario de Estado, que não governou mais que quatro mezes, e ficou governando D. Fernando, ate que em Setembro chegou o Arcebispo Primas D. Agostinho da Añunciação, Religioso da Ordem Militar de Christo, que era nomiado na via, e ambos governarão o Estado ate 13 de Mayo de 1693, que entrou em Goa o Conde de Villa Verde D. Pedro Antonio de Noronha, e D. Fernando voltou para o Reyno, e no anno de 1703 foy mandado para este governo, e depois para o do Rio de Janeiro. Tomou posse em 5 de Março de 1699, e servio com acerto, e reputação ate 13 de Setembro de 1703, casou na India com D. Maria Manoel de Albuquerque, filha de D. João Manoel de Albuquerque capitão de Dio, filho natural de D. Jorge Manoel de Albuquerque, Commendador de S. Mamede de Trovisco na Ordem de Christo, Senhor do Morgado do Grande Affonço de Albuquerque, de quem não teve successão.

133. Francisco de Castro de Moraes, tomou posse em 13 de Novembro de 1703, e servio ate 9 de Junho de 1707. No governo destas Provincias mostrou ter mediana capacidade para negocios politicos, transferido para o governo do Rio de Janeiro deu a conhecer que de homem como elle não houvera de haver lembrança no mundo, nem emquanto vivo, houvera de ser conhecido para credito da nação, a qual não pode servir senão de opprobrio. A sua cobardia foy total cauza de conquistarem os Francezes a cidade de S. Sebastião capital do Rio de Janeiro, com pouco credito das suas armas, e irremediaveis perdas de seus moradores.

134. Sebastião de Castro Caldas, Fidalgo da casa de Sua Magestade, commendador de S. Maria da Covilhãa na Ordem de Christo, foy filho de Antonio de Castro e Caldas, filho de Sebastião de Castro e Caldas, que casou com D. Maria de Abreu Barboza, filha de Gil de Abreu de Carvalho, e de D. Anna Pereyra Pitta, filha de Gaspar Pitta Serpe, que era filho de Joao Barboza Pitta, fidalgo da caza Real. Aprendeo a milicia servindo na companhia de seo Tio Diogo Caldas Barboza. Foy Governador da Torre de S. Lourenço da Cabeça Seca, que está no meyo da barra de Lisboa, na occasião em que se entendeo viesse contra Lisboa a Armada Ingleza. Foy Governador, e Capitão General do Rio de Janeiro, sendo primeiro eleyto por Governador da Parayba, e da nova Colonia do Sacramento no Rio da Prata. Nomiado Governador de Pernambuco tomou posse em 9 de Junho de 1707, e servio com desagrado das pessoas principaes, e alteraçoens populares ate 7 de Novembro de 1710, dia em que por cauza das sublevaçoens, a que dera cauza, se retirou occulto para a Bahia; e por sua auzencia entrou a governar o Bispo D. Manoel Alvares da Costa desde 15 de Novembro de 1710, ate 10 de Outubro de 1711. Casou com D. Antonia Thomasia de Miranda, moça do açafate da Senhora Infanta D. Isabel de Saboya, filha de Antonio de Vargas de Miranda, Cavalleiro da Ordem de Christo, e moço do guarda roupa del Rey D. Pedro II, sendo Principe

135. Feliz José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos nasceo em Lisboa a 22 de Março de 1677. Teve por Pays a Antonio Machado da Sylva segundo Marquez de Montebello, e XIII Governador e capitão General de Pernambuco, Alcayde mor de Mourão, commendador do Cazal, e Seixo da Ordem de Aviz, Senhor de Entre Homem, e Cavado, vedor da caza da Raynha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e a D. Luiza Maria de Mendonça, filha herdeira de Manoel de Souza da Sylva, commendador de varias cõmendas, e de D. Joanna de Mendonça. Foy casado com D. Eufrazia de Menezes, Dama da Raynha D. Maria Sofia, filha de D. Luiz Balthazar da Sylveira, vedor

da casa da Raynha D. Maria Anna de Austria, e de D. Luiza Bernarda de Menezes, filha do primeiro Marquez das Minas. Tomou posse deste governo em 10 de Outubro de 1711, e servio ate o 1º de Junho de 1715, e emquanto governou mais vezes lhe meteu a severidade nas maõs a espada, que a balança.

136. D. Lourenço de Almeyda, commendador de Borba na Ordem de Christo, foy filho dos segundos Condes de Avintes D. Antonio de Almeida, e D. Maria Antonia de Borbon, filha de D. Thomas de Noronha 3º conde dos Arcos. Estudou na Universidade de Coimbra, e largando esta vida passou a India no anno de 1697 para casar com sua Prima com Irmãa D. Maria Roza de Portugal, e naquelle Estado servio, e foy capitão de Infantaria, e Mar, e Guerra, Fiscal da Armada, e Capitão mor da Armada do Norte. No anno de 1706 voltou para o Reyno, é nomiado Governador de Pernambuco tomou posse em 1º de Junho de 1715, e servio com applauso ate 22 de Julho de 1718.

137. Manoel de Souza Tavares, foy filho de Bernardim de Tavora de Souza Tavares, que servio em tempo delRey D. Affonso o VI nas guerras com Castella, foy commissario da cavallaria na Provincia do Alentejo, Governador de Mazagão, e depois de Angola aonde morreo, e de D. Maria Lima, filha herdeira de seu Tio Alexandre de Souza Freyre, e de D. Joanna de Tavora. Neto de Luis Freyre de Souza, que cazou a primeira vez com D. Maria de Ayala, filha de Christovão de Mello, Porteyro mor e de D. Elena de Asevedo, de que teve muita decendencia, e cazou segunda vez com D. Joanna de Tavora, com a qual ouve em dote o Senhorio de Mira, filha de Bernadim de Tavora Tavares, senhor de Mira, e de D. Mecia Mascarenhas. Bisneto de Alexandre de Souza Freyre, capitão de Chaul na India, filho bastardo de João Freyre de Andrade, e de Ignez de Souza. Dito Manoel de Souza Tavares, servio com seu Pay em Africa, foy commendador na Ordem de Christo, coronel de Infantaria de hum Regimento no Reyno do Algarve, Governador, e Capitão General da Praça de Mazagão. Tomou posse do governo destas Provincias em 23 de Julho de 1718, e governou com bondade ate que falleceo a 11 de Janeiro de 1721, e jaz sepultado na capella mor do convento da Madre de Deos dos Padres congregados de S. Felippe Nery.

138. D. Francisco de Souza, Mestre de Campo do Terço da guarnição do Reciffe, commendador de S. Euricio na Ordem de Christo, Senhor do morgado de Jurisaca, nasceo no Reciffe, filho natural de D. João de Souza commendador de S. Euricio e S. Fins na ordem de Christo, Mestre de Campo do Terço de guarnição no Reciffe, e de Joanna Cabral mulher nobre. Governou bem porque governou com a experiencia, verdadeiro lugar topico, que da documentos solidos, e certos. Querendo

Homero representar na pessoa de Ulysses hum grande Estadista, não o gaba por ter estudado em Athenas, nem por ter aprendido de Calipso, a Astrologia, de Circe a Magia, de Eolo a Fisica, mas por ter visto com seos olhos o que a outros chegou so aos ouvidos; por ter posto mão a obra, por ter tratado com os Principes de varias naçoens, por ter observado os fundamentos das suas politicas, e custumes, e finalmente por se ter feito em todas as materias, com suas peregrinaçoens peregrino. Tinha D. Francisco de Souza pelo discurso de hũa larga idade observado os custumes de seos naturaes, e tomado o pulso aos achaques da Republica, e quando chegou o ponto de a governar, o fez com tão acertadas resoluçoens, que conseguio ser amado com respeito, ser reverenciado com carinho, ser obedecido com vontade, e ser com consolação dos Patricios, temido sem receyo. Governou desde 11 de Fevereiro de 1721 ate 11 de Janeiro de 1722.

139. D. Manoel Rolim de Moura, foy filho natural de D. Francisco Rolim de Moura XVI senhor de Azambuja, e senhor da casa de seu Pay D. Manoel Chil de Rolim; foy Governador do Maranhão, e ultimamente de Pernambuco. Tomou posse em 11 de Janeiro de 1722, e entregou a seu successor o governo em 6 de Novembro de 1727, com sentimento dos subditos, por acabar tão cedo hum imperio, que nem estragou a brandura, nem o rigor tornou violento.

140. Duarte Sodre Pereyra, foy filho de Jose Pereira Sodre X senhor de Agoas-bellas, do concelho del Rey D. Pedro II, Governador da Ilha de S. Miguel e das Ilhas de S. Thome, onde morreo e de D. Anna de Menezes, neta por varonia legitima dos Senhores de Bayão. Foy Capitão de Mar e Guerra de hũa das Armadas Reaes, e Governador da Ilha da Madeira. Cazou com D. Maria de Almeida, filha de D. Antonio de Almeida, e de sua mulher D. Catharina Maria Bernardes, o qual foy filho natural de D. Luiz de Almeida primeiro Conde de Avintes, e de D. Maria de Quadros, que foy natural da cidade de Lisboa, e filha de Manoel de Vargas, Irmão de Jose de Vargas Gracés, cazado com Simoa Bernardes, Pays da dita D. Catharina Maria Bernardes. Eleito Governador destas capitanias tomou posse em 6 de Novembro de 1727 e governou ate 24 de Agosto de 1737.

141. Henrique Luiz Pereyra Freyre de Berredo, foy filho de Bernardim Freyre de Andrade, capitão de cavallos, e Mestre de Campo, que foy na guerra da Acclamação, Governador de S. Thome, e de Peniche, sargentomor da Batalha, e Governador de Portalegre onde ficou prisioneiro. Governador da Artelharia do Exercito do Alentejo, e depois promovido ao posto de Mestre de Campo General, e do concelho d'el Rey por carta especial; e de D. Joanna Vicencia de Menezes, filha de Ambrosio Pereira de Berredo, Governador da Ilha de S.Thome, e

de sua mulher D. Maria Lobo da Sylveira, Irmãa de D. Angela da Sylveira, mulher do primeiro conde das Galveas. Casou com D. Maria de Brito filha illegitima de Pedro Machado de Brito, General de Batalha. Foy capitão de cavallos de Regimento da corte, Ajudante das ordens do General da Estremadura Marquez de Marialva. Nomiado Governador destas Provincias, chegou ao Reciffe em 15 de Agosto de 1737, tomou posse em 24 do mesmo mez, e anno, e servio ate 23 de Janeiro de 1746. Mais trabalhou em fazer-se temer, que amar; e conseguio ser mais aborrecido que temido. Em seu tempo nem os bons vivião seguros; ou punha a mira na satisfação do gosto, ou no desafogo da vingança. Com extraordinarias manifestações de jubilo festejarão os moradores a sua ausencia; e será eterna a lembrança dos seus desatinos.

142. D. Marcos de Noronha VI Conde de Arcos, vice-Rey do Brazil, e capitão General de Mar, e Terra, he filho de D. Thomaz de Noronha V conde de Arcos, General de Batalha na guerra da Aliança, filho de D. Marcos de Noronha IV Conde de Arcos, cavalleiro de grande entendimento, e generosidade, e de Maria Joseph de Tavora, filha do grande Luiz Alvares de Tavora, primeiro Marquez de Tavora, e da Marqueza D. Ignacia Maria de Menezes, filha dos Condes de Sarzedas, D. Rodrigo Lobo da Sylveira, e D. Maria de Vasconcellos. Neto de D. Thomaz de Noronha, que servio em Ceuta muitos annos, e nas Armadas do Reyno, foy camarista do Principe D. Theodosio, e de seu Irmão ElRey D. Affonço o VI e do seu concelho de Estado, e Presidente do Concelho Ultramarino. Foy terceiro conde de Arcos, por cazar com D. Magdalena de Borbon, filha do primeiro Conde de Arcos D. Luiz de Lima e Brito filho mais velho do visconde de Villa nova de Cerveira D. Lourenço de Lima e Brito, que foy do concelho de Estado delRey D. João IV e Presidente do Paço, e de hua dama capella D. Vitoria Cardailhac, e Borbon, Dama da Raynha de Castella D. Isabel de Borbon, filha de Francisco Gibbert de Cardailhac, e Aquino, Barão de Cardailhac, e capella Marival, e de Magdalena de Borbon, filha de Henrique de Borbon, Marquez de Maulosa, e Visconde de Lavedan, e de Madama de Miramon Senhora de Miramon em Avernia. E de D. Magdalena Bruna de Tavora, sua primeira mulher filha de João de Almeida Conde de Assumar. Foy recebido em Pernambuco com a mayor pompa, e festejado dos moradores com inexplicaveis demonstraçoens de jubilo. Tomou posse em 23 de Janeiro de 1746, e governou ate 15 de Março de 1749, em que foy transferido para o governo das Minas dos Goyazes. Com o seu prudente e suave governo respirarão estas Provincias das oppreçoens padecidas no tempo de Henrique Luiz. He dotado de tão avultado talento, e de tantas

honorificas qualidades de virtudes, de nobresa, de sabedoria, de descrição, de intelligencia, e de piedade; e de tanta paciencia em sofrer, industria em executar, vehemencia em correger, e de piedade em castigar, que lhe são devidos os mayores obsequios, e de quem so pode ser rethorico panegyrista o silencio.

143. Luiz Jose Correa de Sá, filho segundo de Diogo Correa de Sa terceiro visconde de Asseca, commendador das commendas de S. Salvador de Minhotaes, e de S. João de Cassia no Bispado de Coimbra, senhor de Tanquinhos, e do Couto de Penaboa, e das Villas de S. Salvador, e S. João no Brazil, e de D. Ignez de Lencastre, Irmãa de Vasco Fernandes Cezar de Menezes primeiro conde de Sabugosa Vice-Rey da India, e do Estado do Brazil, e filha de Luiz Cezar de Menezes Alferes mor de Portugal, Alcayde mor de Alenquer, commendador de S. João de Rio-Frio, e Tomar na Ordem de Christo, Governador do Rio de Janeiro, Capitão General do Reyno de Angola, e do Estado do Brazil; e de sua mulher D. Marianna de Lancastre, filha de D. Rodrigo de Lencastre, commendador de Coruche. Foy Porcionista do Collegio de S. Pedro da Universidade de Coimbra, e depois de ter feito os primeiros actos, largou esta vida pela militar; passou ao Rio de Janeiro, onde sentou praça, e voltando ao Reyno continuou o serviço, e foy capitão de Infantaria do Regimento da Marinha. Foy por Decreto nomiado Governador de Pernambuco em 26 de Julho de 1748. Sahio de Lisboa em 3 de Fevereiro de 1749, e chegou ao Reciffe em 14 de Março do mesmo anno. Tomou posse em 15 de Mayo de 1749, e governou ate 16 de Fevereiro de 1756. Foy recebido com excessivas demonstraçoens de jubilo, prometendo-se a Republica felecidades pela certeza que tinha da sua innata bondade; e do seu governo resoltou a estas Provincias a mayor ventura, porque na sua sabia, e prudente conducta, se admirarão todas as peregrinas qualidades, que em hum perfeito e cabalissimo Governador deseja o dictame dos mais bem entendidos. Assim soube ser Governador para o serviço del Rey, zeloso, para a inteireza da Justiça recto, para a remuneração dos benemeritos solicito, para o castigo dos criminosos brando, para o soccorro dos empobrecidos grandioso; para os discretos jucundo, para os militares grato, para os nobres politico, para os humildes urbano, para os Ecclesiasticos attento, para os santos devoto, e para a honrra de Deos fervoroso, que conciliou vontades, grangeou respeitos, e mereceo acclamações. E com razão porque todo seu cuidado se empregava em que cada hum cumprisse com as suas obrigações; assim vivião todos tão obedientes, e rendidos, que para lhe obedecerem, parece lhe adevinhavão os pensamentos. Com o seu pacifico governo creceo Pernambuco em sumptuosos edificios, e por sua ordem se fizerão em utilidade do

publico muitas obras. Tres pontes com dilatadas calçadas, e caezes de cantaria. As fortalezas de Tamandaré, Brum e Buraco forão reedificadas, mudada a casa da polvora, que estando no centro da grande povoação de S. Antonio, ameaçava algum lamentavel estrago, e por muitas vezes havia cauzado grandes sustos, e alguãs vezes com tanto excesso, que perturbados os vezinhos com o temor, que lhes causou hum incendio immediato, sahirão de suas cazas mal vestidos, e atropelando huns aos outros fugirão para fora da Praça, e muitos so pararão em distancia de tres legoas. Reedificou os Palacios de Olinda, e Reciffe, e quarteis dos soldados, que estavão totalmente arruinados. Tendo feito maravilhosas obras em grande utilidade do publico, as fez com tão singular providencia, que vendoas com admiração os olhos, não ouvirão os ouvidos clamores, nem queixas, se S. Gregorio acenta que saber governar a homens he Arte das Artes, soube governando a homens de hum mundo novo, ou a homens de todo mundo, asertar com esta Arte. Mas com que Arte ? Com huma nobilissima afabilidade, com huãs entranhas cheias de misericordia, com hum espirito todo doçura, com hum coração todo amor, que derrama mel e leite sobre todas as suas palavras, e sobre todas as suas obras. Por isso bem fora de enfastiar aos que governava, quanto era mayor a duração do seu governo, tanto se fasia mais apetecido; e que havia de durar pouco tempo, não podia considerar-se sem grande sentimento. O cumulo das suas prerogativas, e sobrelevadas virtudes, tanto resplandecem, que não havera quem não confece, que serão rarissimos os que se contarão na Monarchia Portugueza, nos quaes se vissem tantas perfeições juntas, e que estas sem alteração, nem quebra se continuassem por todo tempo do seu governo sem que nem desdicessem do seu lustre, nem no seu luzimento padecessem o menor Ecclipse.

144. Luis Diogo Lobo da Sylva, commendador de S. Maria de Moncorvo na Ordem de Christo, filho primogenito de Manoel Lobo da Sylva commendador de S. Maria de Moncorvo, de Santiago de Adeganha na Ordem de Christo, da do Forno dos Cavalleiros em Setuval da Ordem de Santiago, senhor do Morgado da Monga no termo de Montemor o Novo, Coronel de Cavallaria, Brigadeiro na Provincia do Alentejo, General de Batalha com o governo do partido de Beja, filho de Luiz Lobo da Sylva, Commendador na Ordem de Christo, Governador e Capitão General do Reyno de Angolla, e de sua mulher D. Margarida da Sylva, Irmãa de Diogo Luis Ribeiro Soares, filho de Manoel Ribeiro Soares, e de sua mulher D. Marianna da Sylva; e de D. Maria Catharina de Tavora, filha de Diogo Luis Ribeiro Soares, Thenente General da Cavallaria da Corte, General da Batalha, e General da Artelharia do Reyno, e do Concelho de Guerra, commendador

das commendas de S. Maria de Azave, e de S. Maria de Monte Alegre na Ordem de Christo; e de sua mulher D. Izabel Senhorinha de Castro, filha de Antonio de Eça de Castro, e de sua mulher D. Catharina de Tavora, filha terceira de D. Antão de Almada, e de D. Izabel da Sylva. Servia na Corte com o posto de Capitão de Cavallos do Regimento do Caiz da Corte, e nomiado para este governo, tomou delle posse em 16 de Fevereiro de 1756. He ornado de hũa suavidade de animo, que exclue todo amargor, e aspereza, e que acompanhada com gravidade, e semblante aprasivel observa em todas as acçoẽs hũa certa medida entre o respeito, e o agrado sem mostrar nas duvidas perplexidade, nem nos embaraços perturbação. Com espirito livre não sofre acção temeraria, indigna, e perjudicial ao bem publico, ou particular, mostrando grande empenho em zelar a utilidade da Republica, o serviço delRey, e honrra de Deos, para cujo effeito cuida em que todos pontualmente cumprão com as obrigaçoẽs do seu officio.

CAPITULO 18

MEMORIAS DOS GOVERNADORES DA PARAYBA DEPOIS DA RESTAURAÇÃO DESTAS PROVINCIAS

145. João Fernandes Vieyra, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, e do seu Concelho de Guerra, Alcayde mor da Villa de Pinhel, Commendador das commendas da Ordem de Christo, S. Pedro de Torrados, e Santa Eugenia de Aula, Superentendente das Fortificaçoens de Pernambuco, e de todas as mais do Estado do Brazil para o Norte; Governador, e Capitão General do Reyno de Angola; nasceo na cidade do Funchal, Capital da Ilha da Madeira no anno de 1613, e na idade de onze annos passou para Pernambuco, e quando contava dezasete, forão estas Provincias conquistadas pelo Olandez. Em tempo que a cobiça do inimigo era tão insaciavel, que não ouve morador que possuisse bens da fortuna senão a merce da sua tirannia, e que em tanto erão de seu dono, emquanto elle queria, e nunca queria. Soube João Fernandes Vieyra com industrias e sagacidades introduzir-se com o Olandez de sorte, que se adiantou a todos os Portuguezes na extimação, e confiança que delle fazia o inimigo, e pode com suas negociaçoens adquirir immensos cabedaes. Cazou com D. Maria Cezar, filha de Francisco Berenguer de Andrade, hũa das pessoas principaes desta Provincia. As riquezas que adquerio solicito soube depois dispender liberal, consumindo a maior parte de seus cabedaes em beneficio da

Restauração, de que foy hum dos primeiros Acclamadores. Foy pelos moradores nomiado Governador desta famosa empreza, por concorrer na sua pessoa capacidade, e valor. Não ouve occasião em que o vencesse o poder, em todas despresou o perigo; em muitas soccorreo a falta, em algũas atalhou os infortunios. Os quilates do seu grande merecimento relata a historia, que escreveo Frey Rafael de Jesus, com o titulo de Castrioto Luzitano, que servira a posteridade de manifesto, em que se veja a razão, com que a fama o deve colocar entre os seus capitaens. Conseguida a Restauração de Pernambuco, por patente do Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes, foy governar a Provincia da Parayba no anno de 1654, que governou ate o de 1657 como se mostra da copia de hũa carta, que lhe escreveo a serenissima Raynha D. Luiza então Regente, ordenando-lhe, que por haver de ir governar o Reyno de Angola largasse o terço de que era Mestre de Campo a Antonio Dias Cardoso, que teria esta Provincia em Governança, ate a chegada de Mathias de Albuquerque Maranhão, a quem tinha feito merce de lhe succeder no governo della, o que tudo consta da sobredita carta escrita em Lisboa em 19 de Dezembro de 1656, e registada na Camera daquella cidade aos 19 de Agosto de 1657.

146. Antonio Dias Cardozo, cavalleiro na Ordem de Christo foy segundo governador da dita Provincia, pelos annos de 1657, servio na guerra da Restauração com insigne valor, zelo, e constancia. Nas occasioens de peleja, era alvo de espanto dos contrarios, por entre chuveiros de ballas se metia no mais arriscado das batalhas. Elle foy o que por ordem dos Governadores da liberdade desarmou as guarniçoens das Praças Olandezas, depois de vencidas; e assegurou o Reciffe desarmando o presidio delle. Não chegarão os seus descendentes a lograr o fruto de seus grandes merecimentos; porque com a morte, que o levou sendo Mestre de Campo do Terço da Guarnição da cidade de Olinda, se sepultarão seus heroicos serviços.

147. Mathias de Albuquerque Maranhão, Fidalgo da Casa Real, commendador de S. Vicente de Figueira ; foy filho de Antonio de Albuquerque Maranhão, commendador de Ervedal, e das commendas da Ilha do Porto Santo, e Senhor da Ilha grande, Governador da Parayba, e Capitão General do Maranhão ; e de D. Joanna Luiza de Castello Branco, filha de D. Duarte de Castello Branco,conde de Sabugal, Meyrinho mor do Reyno. Nasceo na cidade de Olinda ; e assestindo na da Parayba em companhia de seu Irmão Antonio de Albuquerque Maranhão que governava aquella Provincia; vendo a sua Patria debelada e destruida pelos Olandezes, com o troço de cento, e sincoenta soldados sahio da Parayba, se não a restaurar o perdido, a vingar o agravo. Aquartelou-se pouco distante de Olinda na Ermida

de Santo Amaro, onde se eregio depois o convento de N. Senhora da Encarnação de clerigos congregados. Mas sendo aquelles debeis reparos, pequena Fortaleza para tamanha opposição, e temeraria defença, lhe juntou o General Mathias de Albuquerque duzentos e sessenta e quatro Paisanos, que repartidos em esquadras entre cabos de supposição, introdusirão nesta guerra, chamaremse capitaens de emboscadas, os quaes ora divididos, ora juntos, andavão de continuo, sahindo a cortar os passos do inimigo, e em poucos dias se exprimentou a manifesta utilidade deste exquisito modo de guerra. Debaixo de grandes arvores chamadas cajueiros (onde por ser no tempo do seu fruto, vinhão a colhello os inimigos) foy Mathias de Albuquerque com os capitaens Pedro Teixeira Franco, Estevão de Tavora, Estevão Alvares, Domingos Correa, João Mendes Flores, e duzentos homens embuscar-se hũa noite Sahindo as oito do dia quatro centos olandezes, largarão as armas para colherem a fruta, derão os nossos sobre elles, e sem perder hum so homem, matarão cento e sincoenta dos inimigos, fasendo prisioneiros aos que livrarão com vida. Do que estimulado o Olandez, marchou de Olinda para o lugar do Successo, os primeiros quatro dias seguintes com mil e quinhentos Infantes; e sendo tão inferiores os nossos, nunca os deixarão recolher, sem pelejar, repetindo continuas escaramuças, mais empenhadas, do que soltas, em que sempre o inimigo deixava muitos mortos, e levava muitos mais feridos, Em todas as occasioens, que teve, emquanto servio nesta guerra valerosamente mostrou a cara ao inimigo. Passou a servir a Bahia depois que vio a Patria desemparada do conde Banholo, e sem esperança de soccorro, por ordem delRey foi governar as Provincias do Sul, e por ordem da Raynha Regente veyo governar a Parayba, lugar que dignamente occupou ate o anno de 1663. Delle fasem illustre memoria Francisco de Brito Freire. Histor. da guerra do Brazil, liv. 4. nº 358. liv. 5. n. 384. Castr. Lusit. liv. 3. n. 12. e n. 24.

148. João do Rego Barros, Fidalgo da casa Real, commendador na Ordem de Christo, succedeo a Mathias de Albuquerque Maranhão, e governou até o anno de 1670; era natural de Olinda.

149. Luiz Nunes de Carvalho entrou a servir de Capitão mor, e Governador no anno de 1670, e servio até 1673.

Ignacio Coelho da Sylva governou desde 1673 ate 1678.

Alexandre de Souza de Asevedo servio até o anno de 1684.

150. Antonio da Sylva Barboza, natural de Pernambuco, servio na guerra da Restaução da Patria, e sendo capitão com a sua tropa atalhou atreiçoado intento; com que os Estrangeiros, que militavão entre nos levando a vanguarda na batalha de 9 de Novembro de 1645, pertenderão unidos com a do inimigo, virar encorporados sobre os

nossos; cobrindo de maneira os traidores: que sem manifesto risco de serem degolados, não poderão faser a menor acção de contrarios. Na batalha dos Guararapes rompeu intrepido o inimigo por hum lado, e fez taes proezas, que bastarião as deste dia para deixar glorioso o seu nome. Em o anno de 1684 foy nomiado Governador da Parayba, e servio ate 1687. Delle faz menção Castr. Lusit. liv. 7. n. 10. liv. 9. n. 7 e n. 26.

Amaro Velho Serqueira Cavalleiro na Ordem de Christo, entrou a governar em 1687, e governou ate 1692.

Manoel Nunes Leitão natural de Pernambuco, de quem em outra parte faremos distinta memoria, servio desde o anno de 1692, ate o de 1697.

Manoel Soares de Albergaria, servio desde 1697 ate 1700.

Francisco de Abreu Pereira, Cavalleiro na Ordem de Christo servio desde 1700 ate 1703.

Francisco de Barros de Vasconcellos, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, entrou neste governo no anno de 1703, e governou até o anno de 1708.

151. João da Maya da Gama, servio nas Armadas, e no anno de 1700 padeceo horrivel naufragio ao sahir da barra da Bahia, por se perder lastimosamente a nao em que hia por capitão de Mar, e Guerra em soccorro de Mombaça cidade na Ethiopia em altura de tres graos ao Sul, que ganhamos no tempo, em que governou a India o Vice Rey D. Francisco de Almeida, e perdemos no em que governou aquelle grande Estado, Antonio Luiz. Escapou a nado depois de vencer a opposição das ondas com oito horas de combate. Veyo governar esta Provincia no anno de 1708, e governou ate o anno de 1717.

Antonio Velho Coelho, tomou posse deste governo no anno de 1717, e servio ate 1719, em que falleceo; e por sua morte entrarão os governadores do politico ate 1720, em que tomou posse Antonio Ferrão Castello Branco, Thenente de Mestre de Campo General, por patente do Vice-Rey da Bahia, e servio ate 1722.

João de Abreu Castello-branco, governou deste 1722 ate 1729.

Francisco Pedro de Mendonça Gorjão, fidalgo da Casa de Sua Magestade, servio desde 1729 ate 1734.

Pedro Monteiro de Macedo, servio desde 1734, ate 1744, em que morreo.

152. João Lobo de Lacerda, natural de Lisboa filho de Jose Soares Lobo, e de D. Eufemia de Castro Correa de Lacerda, servio na corte onde foy capitão de hum dos seus Regimentos, veyo servir em Pernambuco com o posto de Thenente de Mestre de Campo General, que vagou por fallecimento de Antonio de Souza Marinho, natural do

Reciffe, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Cavalleiro na Ordem de Christo, e filho do capitão de Infantaria Antonio Martins Palha, e de sua mulher D. Domingas dos Santos. Com húa esquadra, que sahio do Reciffe em 1737, foy desalojar os Francezes da Ilha de Fernando de Noronha. Foy provido no posto de Mestre de Campo, por morte de D. João da Motta, Cavalleiro na Ordem de Christo, natural de Pernambuco; e por ficar vago o governo da Parayba, por patente do Vice-Rey da Bahia tomou posse do governo daquella Provincia em 1744, e servio ate 1745, e tornou para o seu posto de coronel do dito Regimento, que de presente occupa.

153. Antonio Borges da Fonseca, natural de Castello Rodrigo na Provincia da Beira, filho de Francisco Coelho da Fonseca, e Maria da Fonseca Velosa, e Irmão de Manoel Coelho Veloso, cavalleiro na Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, e secretario da Meza da consciencia, e ordens. Servio na Provincia do Alentejo, e Catalunha sentando praça de soldado em 31 de Julho de 1703, sendo cabo de esquadra, Furriel, Alferes, Thenente, Ajudante, e capitão de cavallos, achando-se na campanha de 1704, em que se tomarão as Praças de Barca Rota, e S. Vicente, na peleja de Marvão no Rendimento de Valença, e citio de Badajoz. No choque das Brocas, no citio, e rendimento de Alcantara, e em outros muitos citios, pelejas e rendimentos de ouras campanhas, procedendo em todas as occasioens com grande valor, zelo, e satisfação. Em remuneração de seus heroicos serviços foy provido no posto de Mestre de Campo do Terço da guarnição de Olinda, que exercitou ate o anno de 1745; em que foi governar a Provincia da Parayba com patente de Mestre de Campo Governador. Servio ate o anno de 1753, e por nova merce foy restituido ao posto, que tinha deixado com patente de coronel, que occupou até falecer; Casou no Reciffe com D. Francisca Peres de Figueiroa, filha do sargento mor João Baptista Jorge, e de D. Roza Lourença Thenorio, de quem teve Antonio Jose Victoriano Borges da Fonceca, Thenente Coronel do Regimento da guarnição do Reciffe, de quem em seu lugar faremos distinta memoria: o Padre João Caetano Religioso da Companhia, onde tem mostrado ser igualmente douto, que virtuoso; e D. Joanna Francisca Peres de Figueiroa, que cazou com Jose Gomes da Sylveira Bezerra, senhor do Morgado do Salvador do Mundo e ficando viuva cazou com João de Albuquerque da Camara, Fidalgo da Casa Real.

Luis Antonio de Lemos de Brito, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, cavalleiro professo na Ordem de Christo, commendador de Santa Maria de Verim, e S. Andre de Friande, Coronel Governador, entrou a servir em 1753.

CAPITULO 19

DO ESTADO POLITICO DE PERNAMBUCO

154. O Estado Politico de Pernambuco se compoem de quatro ouvidores geraes e corregedores, hum que reside na Cidade de Olinda e Villa do Reciffe, e outro na cidade da Parayba, outro no Ceará, e outro na villa das Alagoas, Juiz de Fora de Olinda, e Reciffe, e nas cidades da Parayba, e Rio grande, villas comarcas, e destritos, Juizes ordinarios do civel, crime, e orphaõs. Os Senados da Camera de todos os ditos lugares são compostos de pessoas muito nobres, porque em todas as partes se achão moradores de calidade, que com esplendor, e autoridade servem a Republica. Para a fazenda Real tem Provedores, e Juizes da Alfandega o Reciffe, Parayba, Tamaracá, e Rio grande, e Seará. O Tribunal de Junta, ou Relação he composto de quatro Ministros sendo o Governador General, Presidente com voto decisivo em cauzas crimes dos Indios, mulatos e pretos. O Tribunal da Inspecção tem dous Inspectores, e hum Escrivão, e he Presidente o Ouvidor Geral. Neste Tribunal se dá valor aos Assucares, se determinão as lotaçoes dos navios, e suas cargas, se examinão os generos do comercio de Africa, e tem outras muitas disposiçoens a seu cargo. A Junta das Missoens he formada da assistencia do Bispo, o Governador, ouvidor geral, Provedor mor da Fazenda, e de todos os Prelados das Religioens, que tem conventos em Olinda, e Reciffe. Neste Tribunal se resolvem as cauzas pertencentes aos Indios, assim no que toca ao Espiritual das Missoens, como ao Temporal das suas Aldeas.

155. A Nobreza como alma de todo este grande corpo he innumeravel, e illustre, como procedida de nobillissimas cazas de Portugal, Castella, França, Italia, e Allemanha, que passando em diversos tempos a Pernambuco, deixarão copiosas descendencias. O primeiro Fidalgo, que passou a Pernambuco como Donatario foy Duarte Coelho Pereyra, filho terceiro de Gonçalo Pires Coelho, filho de Martim Coelho, Senhor de Filgueiras, Ayo do Infante D. Pedro, e de sua mulher D. Joanna de Azevedo, filha de Lopo Dias de Azevedo, Senhor de Aguiar, e de Helena Martins, ou como outros dizem de Catharina Pereira, ou Figueroa. Trouxe em sua companhia a sua mulher D. Brites de Albuquerque, filha de Lopo de Albuquerque, filho de João de Albuquerque, e de D. Leonor Lopes, filha do desembargador Lopo Gonçalves, e de D. Joanna de Bulhão, filha de Affonço Lopes de Bulhão, cidadão de Lisboa, e de Isabel Gramacho, filha de Pedro

Nunes Gramacho. Tiverão em Pernambuco Jorge de Albuquerque, e Duarte de Albuquerque Coelho, de cujos faremos em seus lugares illustre memoria.

156. Veyo em companhia do dito Duarte Coelho Pereyra, Jeronymo de Albuquerque seu cunhado, Irmão de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Em D. Maria do Espirito Santo teve muitos filhos sendo a primeira D. Catharina de Albuquerque, que cazou com Felippe Cavalcante, Fidalgo de Florença, e dos mais esclarecidos daquella antiguissima Republica, que por diferenças, que teve na sua Patria, sahio fugitivo em companhia de Zenobio Achioli, e Nicolao Spinel, de quem teve D. Genebra de Albuquerque, que cazou com D. Felippe de Moura Governador, que foy desta Provincia filho de D. Manoel de Moura, e de sua mulher D. Isabel de Albuquerque, filha de Lopo de Albuquerque, Antonio Cavalcante, que cazou com D. Isabel de Goes, filha de Arnao de Olanda, sobrinho do Papa Adriano VI, e de Beatriz Mendes de Vasconcellos, filha de Bertholameu Rodrigues de Vasconcellos, Camareiro mor do Infante D. Luiz, filho d'ElRey D. Manoel: que vierão em companhia do primeiro Donatario; e D. Catharina de Albuquerque, que cazou com Bertholameu de Olanda, filho do dito Arnao de Olanda.

157. Foy segunda filha de Jeronimo de Albuquerque, e de D. Maria, D. Simoa de Albuquerque, que casou com Alvaro Fragoso, Desembargador do Paço, Cavalleiro na Ordem de Christo, que veyo exterminado para esta terra pelo crime de tomar com violencia hũa mulher casada a seu marido. D. Brites de Albuquerque, terceira filha com Gonçalo Mendes Leitão, Irmão de D. Pedro Leitão, primeiro Bispo do Brazil. D. Maria de Albuquerque, que cazou com Conrado Lins Fidalgo Estrangeiro, que veyo a esta Provincia com Sibaldo Lins seu Primo, que casou com D. Brites de Albuquerque, tambem filha do dito Jeronymo de Albuquerque, depois que ficou vẽuva de Gaspar Dias de Atayde. D. Antonia, que cazou primeiro com Jorge Teixeira, e por morte deste passou a segundas bodas com João Gonçalves Carvalhosa.

158. Foy Jeronimo de Albuquerque sexto filho do dito Jeronimo de Albuquerque, e de D. Maria, o qual duas vezes restaurou o Maranhão do poder dos Francezes e do dito Estado foy Governador, e Capitão General tomando o apelido de Maranhão por timbre das suas heroicas acçoens, casou nobilissimamente, e teve copiosa descendencia. Andre de Albuquerque setimo filho, cazou com D. Catharina de Mello, filha de D. Christovão de Mello, Governador da Bahia. Manoel de Albuquerque, cazou com D. Luiza de Mello, Irmãa da dita sua cunhada, e de sua Madrasta D. Felippa de Mello, com quem cazou seu Pay. Os mais filhos desta senhora morrerão sem estado.

159. Teve mais dito Jeronymo de Albuquerque de huma India principal, e de hũa mulher branca, que veyo em companhia de D. Brites de Albuquerque sua Irmãa, cujos nomes se ignorão, os filhos seguintes: Felippe de Albuquerque, que cazou com D. Magdalena, mulher nobre, e rica. D. Anna de Albuquerque, que cazou com Gaspar Gomes de Lemos. D. Luiza, que foy cazada com Antonio Leitão, e D. Marianna, que cazou duas vezes, e teve de seus maridos muitos filhos. Lope de Albuquerque, e outros morrerão sem estado.

CAPITULO 20

DOS FILHOS DE JERONIMO DE ALBUQUERQUE E DE D. FELIPPA DE MELLO

160. Cazou Jeronimo de Albuquerque em idade provecta, e depois da morte da senhora D. Maria, com D. Felippa de Mello, filha de D. Christovão de Mello, Governador da Bahia, e deste matrimonio nascerão onze filhos: Affonço, João, Duarte, Christovão, Jeronimo, e Jorge de Albuquerque, D. Maria, D. Felippa, D. Isabel, D. Cosma, e D. Luiza de Albuquerque.

161. Affonço de Albuquerque casou com D. Isabel de Tavares, filha de João Pires, e de sua mulher D. Felippa de Tavares, que era filha de Ruy Tavares dè Cabeya, que seguindo a parcialidade do senhor D. Antonio, e pervalecendo Castella, se retirou para esta terra com sua mulher, e filha. João de Albuquerque casou com D. Felippa de Sá, filha de Duarte de Sá de Lima. Duarte de Albuquerque casou com D. Anna de Souza, filha de Simão Falcão de Souza, e de sua mulher D. Catharina Paes ; cujo Simão Falcão veyo para Pernambuco provido no officio de Provedor da fazenda real, que exercitou muito attento aos interesses reaes. Ficando veuvo dito Duarte de Albuquerque, passou para o Rio de Janeiro, onde era Governador, e Capitão General seu Irmão Affonço de Albuquerque, e casou segunda vez na capitania do Espirito Santo com D. Ignez Coutinho, sobrinha do Donatario da dita Provincia, de quem teve copiosa successão. Christovão de Albuquerque casou com D. Ignez Falcão, filha do sobredito Simão Falcão de Souza, e Irmãa de sua cunhada D. Anna de Souza, mulher de seu Irmão Duarte de Albuquerque.

162. D. Felippa de Mello, que casou com Diogo Martins Ribeiro, filho de Antonio Martins Ribeiro. Jeronímo de Albuquerque e seu Irmão Jorge de Albuquerque passarão a servir na India, onde morrerão sem deixar successão, tendo occupado honorificos postos. D. Isabel, D. Cosma, e D. Luiza de Albuquerque conservarão se virgens, e

morrerão com fama de santidade no Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda, como escreveremos em seu lugar. D. Maria morreu com poucos annos de idade.

163. Trinta forão os Filhos, que teve Jeronimo de Albuquerque assim legitimos, como naturaes, posto que estes forão legitimados por ElRey, como consta de documentos, e do proprio testamento, com que falleceo, que se conserva no Archivo do Mosteiro de S. Bento da cidade de Olinda. De cujos forão, e são em tão grande numero os descendentes, que farião ate parecer difuza a precisa exacção de hum catalogo. Faremos memoria dos que mais se distinguirão em acçoens heroicas, quando tratarmos de Pernambuco illustrado pela virtude, letras, e armas de seus naturaes.

164. Assim dos descendentes de Jeronimo de Albuquerque, e de outros muitos parentes, e amigos seus; e de seu cunhado Duarte Coelho Pereira, que arrebatados do desejo de estender o Imperio Portuguez, lhe fizerão companhia na gloriosa empreza da conquista destas Provincias, e se perpetuarão nestas terras, como de outros muitos Fidalgos, e nobilissimas familias, que depois successivamente vierão habitar em Pernambuco, ha illustre e copiosa descendencia. Achão-se tambem estas Provincias illustradas com o esplendor de outras muitas familias preclaras, e nobilissimas ramas daquelles dous famosos Heroes Andre Vidal de Negreiros, e João Fernandes Vieira, e de outros muitos, que na Patria, e fora della souberão com segundo nascimento nascer não para huma vida breve, mas sim para a eternidade de hum grande nome.

165. Gloree-se a Nobreza de Pernambuco do esplendor do seu nascimento, mas attenda primeiro as heroicas acçoens de seus maiores, e seja sempre sentindo nobres inquietaçoens de os imitar; e não haverá espirito tão torpemente adormecido, q̃ não acorde ao ruido da sua Fama; não haverá quem aos golpes da sua espada não disperte; aos voos da sua heroicidade não se anime, e a luz do seu esprendor, não se inflame. Gloree-se da sua nobreza, mas advirta, que cada brazão, que logra, he hum empenho, que o obriga a obrar bem. Cada Avo illustre, hum torcedor; cada Estatua dos Ascendentes, hum concelho de bronze pelo eterno, e efficaz da sua persuação, que não tanto publica o que fez o morto, como ensina o que deve fazer o vivo. Tantas testemunhas terá da sua infamia, quantas imagens contar de sua nobreza, se faltar as obrigaçoens, em que o puserão as heroicas obras de seus mayores. O dia que degenerar de suas virtudes terá contra si sua mesma nobreza. Ao filho, que retira do sol a vista, e não se atreve a beber pelos olhos rayo, a rayo a luz, como a espurio, o arrojão do seu ninho as Aguias. A mancha, que no sayal tosco não se adverte, he

summa fealdade em hum borcado. Aquella raridade opaca, que na lua se equivoca, talvez com a luz moderada na formosa roda do sol fora delito, porque tem mais obrigação de luzir. O Plebeo esconde as vezes por desconhecido seus vicios, mas o nobre com seu proprio lustre se faz luz para que todos vejão seu delito; todos aquelles timbres, que o illustrão estão agravando suas faltas. Treslade pois em si mesmo os brios de seus mayores, e conheça, que aquella he a verdadeira nobreza, que se coroa de suas proprias virtudes.

CAPITULO 21

DA PLEBE DE PERNAMBUCO

166. Sendo a Nobreza a alma de hũa Republica, o seu corpo se compoem de homens mecanicos, assim chamados das artes mecanicas, ou servis, que exercitão, como carpinteiros, pedreiros, Alfayates etc., e de povo miudo, que he a gente Popular, Plebe, e Povo. Compara Platão ao vulgo com hum grande animal, do qual he preciso conhecer as manhas para saber como hade ser tratado, que se não tem este animal quem o amanse faz-se furioso, se o não guião não sabe por onde anda, he terrivel se não tem medo, começando a temer se perturba, e foge. Nas materias da sua propria conveniencia não distingue as apparencias das verdades. Quando se arroja a fallar em Principes, confunde coroas, e desfigura Magestades; dirá que Nero he mais gentil homem, que Galba, como se a gentileza, ou falta della importara para o governo. Que de grande freyo necessita este grande animal, por que cegamente corre apoz as novidades, e que he grande fortuna, que tenha pouco juizo, porque que seria do mundo se elle se governara a si proprio. Disse Scipião, que o vulgo era como o mar immovel por sua natureza, mas segundo os ventos, que o agitão quieto, ou proceloso. Outros dicerão que o vulgo era como a agoa, que sustenta as couzas leves, e mete a pique as pezadas. Disse Catão, que o povo era hũa carneirada, e que assim como nenhum carneiro obedece a pessoa algũa, mas todos juntos seguem o pastor, do mesmo modo faz aquelle. Disserão outros: que a multidão das cabeças, que o compoem erão como canas, ou espigas de trigo, que não tem outra inclinação, que a que lhes dão os ventos, ora por hũa parte, ora por outra. Ao Povo de Portugal chamão insolente, ao de Castella temerario, ao de França furioso, ao de Allemanha precipitado; e ao de Inglaterra atrevido; e nos podemos dizer que entre o povo de todas as naçoẽns, o de Pernambuco se levantou com o titulo de vaidozo.

167. Não he facil determinar nestas Provincias quaes sejão os homens da Plebe; porque todo aquelle que he branco na cor, entende estar fora da esfera vulgar. Na sua opinião o mesmo he ser alvo, que ser nobre, nem porque exercitem officios mecanicos perdem esta presumpção, e menos a perdem aquelles, que são como a grande machina do mundo, que tem o resplandor do firmamento por circunferencia, e o pó da terra por centro. Com a circunferencia de hum vestido flamante mostrão firmamento de luzes, ainda que seja a sua geração o centro da vileza. O vulgo de cor parda, cõ o immoderado desejo das honrras de que o priva não tanto o accidente, como a substancia, mal se accomoda com as differenças. O da cor preta tanto que se vê com a liberdade, cuida que nada mais lhe falta para ser como os brancos. Pela experiencia, que tem da condição deste vulgo affirmão os Governadores, e Ministros, que só pessoas desta Esfera dão que fazer ao seu governo, porem tambem he certo, que entre pardos, e pretos se achão muitos que cuidão em obrar bem, e com acçoens virtuosas se fasem merecedores da extimação a que aspirão.

CAPITULO 22

CATALOGO DOS OUVIDORES GERAES, AUDITORES DA GENTE DE GUERRA ETC. QUE TEM SERVIDO EM PERNAMBUCO DEPOIS DA SUA FELICE RESTAURAÇÃO

168. O Doutor Francisco Alveres Moreira, occupava no tempo da guerra dos Olandezes o lugar de Ouvidor Geral e Auditor da gente de guerra, eleito pelos Governadores da liberdade. A sua vasta litteratura, que se dilatava por hum, e outro direito o constituirão oraculo, não havendo naqulle tempo controversia grave, ou negocio importante, em que não fosse consultado, venerando-se os seus votos como decisoens, de tal sorte que bem conhecido o seu talento pela pendencia dos arbitrios, o nomiarão para assestir com o General Francisco Barreto, Andre Vidal de Negreiros, Affonço de Albuquerque, e Manoel Gonçalves Correa ao tratado das capitulaçoẽns que se celebrárão na Campanha do Taborda em 26 de Janeiro de 1654, em cuja negociação mostrou a madureza do seu concelho, unida a fidelidade do seu coração. Depois da restauração lhe succedeo Simão Machado de Miranda, eleito pelo Governador Geral do Estado.

169. Pouco tempo servio o Doutor Simão Machado que largando o lugar se embarcou para o Reyno, e em seu lugar entrou o Doutor Francisco Gomes Moniz por provisão do Mestre de Campo General, e servio ate 16 de Janeiro, em que tomou posse o Doutor Luiz

Marques Romano, que exercitou o dito cargo ate 18 de Março de 1657, em que falleceo. Entrou segunda vez a servir o mesmo lugar Francisco Alveres Moreira por provisão do Governador, e Capitão General Andre Vidal de Negreiros.

Succedeolhe o Doutor Marcos de Andrade, e servio ate o primeiro de Abril de 1662.

170. O Doutor Lourenço de Azevedo Motta tomou posse em o primeiro de Abril de 1662, o qual sahindo hũa noite ferido em hũa pendencia se recolheo ao convento do Carmo de Olinda a tratar da sua cura, onde o mandou prender o Governador Jeronymo Furtado de Mendonça pelo Juiz Ordinario João Pessoa Bezerra, em execução de hũa ordem delRey, que sendo encarregada ao Licenciado Manoel Moniz, que viera provido no lugar de Ouvidor Geral não executou ditta ordem. Por esta causa, e porque se não apresentou ao Governador para o reconhecer por Ministro Regio, o suspendeo, e mandou a Camera de Olinda lhe não desse posse, nem o reconhecesse por ouvidor desta Provincia: porem entendendo os vereadores devião obedecer a Ordem de ElRey, e não ao preceito do Governador lhe derão posse; mas não obstante a posse, que lhe deu a Camera, o fez o Governador suspender, e nomiou em ouvidor ao Licenciado Francisco Franco Quaresma natural da Parayba, que tomou posse em 2 de Outubro de 1664, a quem não quiz confirmar o conde Vice Rey da Bahia, que nomiou o licenciado Manoel de Freytas Reys, que tomou posse em 31 de Agosto de 1666, e servio até 25 de Agosto de 1667.

Succedeo-lhe o Doutor Manoel Diniz da Sylva e servio ate 15 de Mayo de 1669.

O Doutor João de Sepulveda e Mattos, tomou posse em 15 de Mayo de 1669, e servio ate 15 de Abril de 1679

O Doutor João Rodrigues da Serra, entrou a servir desde 15 de Abril de 1679 ate 16 de Janeiro de 1683.

O Doutor Dionisio de Avila Vareiro, que depois foy Desembargador da Relação da Bahia, tomou posse em 16 de Janeiro de 1683, e antes de acabado o tempo da sua residencia, deixou o lugar, e se retirou occulto para a Bahia, por aviso que tivera que o Governador João da Cunha Sottomayor o mandara prender.

O Doutor Manoel Ferreira da Costa servio desde 1687 ate 1689.

O Doutor Jose de Sa de Mendonça tomou posse em 23 de Mayo de 1689, e servio ate 30 de Março de 1695.

O Doutor Ignacio de Moraes Sarmento, entrou a servir em 30 de Março de 1695, e servio ate 30 de Agosto de 1697.

O Doutor Antonio Rodrigues Pereira tomou posse em 30 de Agosto de 1697, e occupou o lugar até 26 de Agosto de 1698.

O Doutor Manoel da Costa Ribeiro tomou posse em 26 de Agosto de 1698, e servio ate 16 de Setembro de 1700, em que falleceo.

O Doutor Ignacio de Moraes Sarmento, com provisão do Governador servio desde 18 de Setembro de 1700, ate 13 de Agosto de 1701.

O Doutor Dezembargador João Guedes de Sá tomou posse em 13 de Agosto de 1701, e servio ate 8 de Setembro de 1705.

O Doutor Jose Ignacio de Arouche tomou posse em 8 de Setembro de 1705. As diferenças entre elle, e o Governador Sebastião de Castro Caldas forão causa de hũa das mayores calamidades que tem padecido Pernambuco. Servio ate 3 de Junho de 1710.

O Doutor Luiz de Valansuela Ortiz, natural do Brazil, que exercitava o lugar de Juiz de Fora, lhe succedeo, e servio de Ouvidor ate 12 de Outubro de 1711.

171. O Doutor João Marques Bacalhau tomou posse em 12 de Outubro de 1711, e servio ate 5 de Junho de 1715, com igual prudencia que inteireza. Nunca se deixou penetrar da vil paixão do interesse, e muito menos dos artificios da lisonja antes armado de hũa louvavel liberdade increpava tudo quanto era oposto a Justiça, com tal observancia, que não sofria Advogados, e Procuradores de cauzas, que com maliciosos artificios as eternisavão com grave prejuizo dos litigantes. Para eterna recõmendação do seu nome basta saber-se que administrou este lugar em tempo, que se achava Pernambuco mal disposto por causa das sublevacoẽns dos povos, e soube prudente, e sabio administrar Justiça com applauso de todos. Deste lugar subio a outros mayores pelos degraos de seus merecimentos não concorrendo o favor alheyo para os conseguir, e muito menos a ambição propria para os pertender.

O Doutor José de Lima Castro entrou a servir em 5 de Junho de 1715, e com satisfação das partes litigantes servio ate 12 de Agosto de 1722.

O Doutor Francisco Lopes de Carvalho, tomou posse em 12 de Agosto de 1722, e com manifestos argumentos da sua insigne literatura, prudente capacidade, profundo talento, e summo desinteresse servio ate 17 de Dezembro de 1725. Saudoza será sempre a sua memoria, porque soube com a sua rara benevolencia, e excelente rectidão conciliar os coraçoẽns de todos.

O Doutor Manoel do Monte Fogaça occupou este lugar, e o não encheo, desde 17 de Dezembro de 1725, ate 29 de Novembro de 1730.

O Doutor Antonio Rodrigues da Sylva, entrou a servir em 29 de Novembro de 1730, e servindo ate 7 de Janeiro de 1734, deu a conhecer claramente a profundidade das suas letras, a capacidade do seu talento, a bondade do seu animo, e a rectidão da sua Justiça, e deixou eternisada a sua memoria com gloriosa fama do seu nome.

O Doutor Bento da Sylva Ramalho tomou posse em 7 de Julho de 1734, e servio ate 29 de Agosto de 1737.

O Doutor Antonio Rebello Leite entrou a servir em 29 de Agosto de 1737, e mais attento a seus interesses, que ao despacho dos litigantes, servio ate 24 de Dezembro de 1742.

O Doutor Francisco Correa Pimentel tomou posse em 24 de Dezembro de 1742. A erudição sagrada, e profana, a vasta literatura, a madureza do Juiso, a rectidão da Justiça, com o summo desinteresse se admirarão unidas neste Ministro. Servio ate 4 de Janeiro de 1749.

O Doutor Francisco Pereira de Araujo, em 4 de Janeiro de 1749 tomou posse contra o concelho do Espirito Santo, que admoesta, que se não encarregue o homem de ser Juiz, senão sente em si forças para bem faser sua obrigação. Remisso, tibio, e negligente servia de perjuiso aos litigantes. Sahio do lugar antes de acabar o termo da sua residencia.

O Doutor Manoel da Fonseca Brandão, Dezembargador da Relação da Bahia, por ordem delRey veyo a Pernambuco com o lugar de Ouvidor Geral, e syndicante, e servio ate 11 de Março de 1752.

172. O Doutor João Bernardo Gonzaga, nasceo na cidade de S. Sebastião Capital do Rio de Janeiro, em 20 de Agosto de 1710, sendo seus Pays o Doutor Thome de Soutto Gonzaga, e D. Theresa de Jasson, ambos de conhecida nobreza. Do sublime engenho, de que foy dotado seu Pay, não degenerou este filho, pois recebendo beneficamente da natureza comprehenção prompta, Juiso agudo, e feliz memoria se applicou na Patria a cultivar as Artes liberaes, e letras amenas, em que sahio egregiamente instruido. Com tão felizes principios fez grandes progressos o seu engenho na faculdade de Jurisprudencia Cesarea, e se formou com boa acceitação dos Cathedraticos. Provada a sua suficiencia no Desembargo do Passo, foy nomiado Juis de Fora de Montalegre, donde passou a criar o lugar de Tondella, o que fez com extremada prudencia, e insigne rectidão.

173. O justo conceito, que tinha formado ElRey da sua inteiresa, e capacidade foy causa de que o nomiasse Ouvidor Geral de Pernambuco, em tempo, que se via çoçobrado com as tormentas que levantarão as controvercias dos Ministros de Justiça, declarãdolhe que o mandava para socegar discordias, e reformar abusos; e participando lhe outros negocios graves, felizmente os concluio. Inspirado do genio, e da obrigação começou a examinar os processos, e com a sua laboriosa indagação animou com novos espiritos innumeraveis feitos, que jazião cadaveres nas urnas dos cartorios, sendo sempre a Justiça o Norte, por onde regulou as suas doutas deliberaçoens de que procede

o universal respeito, com que he venerada a sua incomparavel inteireza. Alem das virtudes, de que he ornado, he tão amante da gloria alcançada pelo merecimento, como inimigo do ocio, seguindo sempre a verdade sem preocupação de algum affecto, que faça menos solidas as suas sentenças. Por tão incansavel, e profundo estudo se vem aliviados das prisoens muito criminados, e findos infinitos letigios, recebendo da sua resolução as luzes, com que se deciparão as sombras, em que a muitos annos confusamente fluctuavão, sem que sirva de impedimento a sua profunda comprehenção ver-se obrigado a dar expediente aos grandes encargos de Ouvidor Geral, Auditor de Gente de Guerra, Corregedor, e Provedor da Comarca, Provedor dos Auzentes, Juiz das Justificaçoens, Conservador dos Familiares do Santo Officio, Juiz do Fisco, e dos Cavalleiros, Juiz da Corôa, Adjunto da Junta das Missoens, Juiz privativo dos Indios, Intendente do Ouro, e Deputado do Tribunal da Inspecção, lugar que creou com extremada prudencia e grande disvelo, mostrando summa independencia em beneficio publico. E para que nunca a malicia suspeite que na rectidão, com que procede se occulta utilidade propria, ate dos emolumentos do lugar se abstem muitas vezes. A recta administração praticada em tantas occupaçoens o habilita para que ElRey se sirva de seu grande talento em superiores empregos.

174, Ate o anno de 1696 tinhão os Ouvidores Geraes de Olinda Jurisdição civil, e criminal em todas as Provincias de Pernambuco. Crescendo as Povoaçoens, e o numero de seus habitadores, ficando alguns povos muito distantes da cidade de Olinda, que por este motivo exprimentavão grandes discomodos em acudirem a ella com as suas causas, suplicarão a ElRey fosse servido fazer-lhes outras comarcas, dividindo a Jurisdição, que estava somente no Ouvidor de Olinda. Em attenção ao seu justo requerimento mandou a Magestade do Serenissimo Rey D. Pedro II crear a Comarca da Parayba pelo Doutor Diogo Rangel de Castello-branco, e a das Alagoas pelo Doutor Jose da Cunha Soares, e depois mandou o Fidelissimo Rey D. João V crear a comarca do Seará, onde tambem poz Ouvidor Geral. No mesmo anno de 1696, introdusio ElRey nesta Provincia o lugar de Juizes de Fora da Cidade de Olinda, e villa do Reciffe sendo o primeiro, que servio este lugar de Juiz de Fora o Doutor Manoel Tavares Pinheiro, que tomou posse em 20 de Março de 1702.

LIVRO QUARTO

PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM VIRTUDES

CAPITULO 1º

DE MUITOS PERNAMBUCANOS, QUE PADECERÃO ILLUSTRE MARTYRIO EM ODIO DA RELIGIÃO CATHOLICA, E DEFENÇA DA FE

1. Se a maior honra, que das suas conquistas recebe hũa Monarchia não consiste, em que estas engrandeção o Estado, senão em que sirvão a propagação da Fe, e ao lustre da nação, que se adquire com as virtudes, para immortal gloria dos Portuguezes, quanto caminho abria a sua espada pelas vastas Provincias do Brazil, outro tanto terreno desmontava para que se derramasse, e frutificasse nelle a semente do Evangelho. Fonestissimos forão para a Igreja aquelles tempos, em que Luthero, Calvino, e outros Heresiarcas levantando bandeira pelo erro allistarão innumeraveis Provincias na milicia do Inferno. Com grande gloria, e consolação nossa ganhava o Evangelho n'este Emisferio muito mais terra, que a que perdia na Europa. Ao passo que em Allemanha, Inglaterra, Suecia, Dinamarca, com outros Reynos, e Provincias trabalhavão infernaes furias por arruinar o edificio da Igreja, pondo fogo aos Templos, e Sagradas Imagens, os Portugueses se occupavão em reparallo, e engrandecello no Brazil.

2. No anno de 1521 principiou Martim Lutero a pregar publicamente em Alemanha os abominaveis erros do seu entendimento, e foi de tal modo transcendente o seu pestifero voto, que inficionou muitas naçoens. No anno de 1530 sahio em Pariz Calvino mais cruel que as feras, e mais activo que o fogo, e fez immenso estrago na Christandade de França, e de outros Reynos, e Provincias. Neste mesmo anno entrava Duarte Coelho Pereira a conquistar, e povoar Pernambuco, onde contra aquellas indomaveis feras se forão logo alistando alentados soldados de Christo, que em gloriosas campanhas da Religião Catholica, havião destruir, e vencer os discipulos, e sequazes de tão perniciosos Dogmatistas.

3. Ja com a conversão dos Indios do Brazil a nossa Santa Fé desconhecião estas terras os seos proprios habitadores, vendo Angelicos costumes em homens, a que dantes faltava a humanidade. Ja admiravão os Emporios do mundo o comercio das suas profanas drogas, trocadas em Divinos contratos. Ja as ondas do mar batião brandamente as nossas prayas para festejarem a santidade de seos moradores. Ja o cheiro das suas virtudes era mais precioso que os seos aromas. Quando a eclipsar tantas glorias, a escurecer tantas luzes, a perturbar tantas ganancias, a destruir o edificio, que levantava o zelo, que ornava a virtude, e que sustentava a Fe; empenha o Inferno as suas forças, applica as suas artes, e tomando aos hereges Olandezes por instrumentos se esforça em arruinar de hua vez toda fabrica da Christandade de Pernambuco.

4. Para anniquilar os fieis exercicios da Religião, com diabolica furia procurou o perfido Olandez todos aquelles meyos, que lhe parecerão mais efficazes. O primeiro, que executou, foi affear a pureza dos Templos com tanta exorbitancia de desprezo, que fez em pedaços as sagradas, e santas Imagens pizando-as os sacrilegos pes tudo, que servia, e representava o Culto Divino. Ordenou que os Santuarios servissem a sujas, e torpes occupaçoens, para que o asqueroso do lugar communicasse aborrecimento a ley. Prohibio na cidade Mauricea, e Recife o uzo dos Sacramentos com pena capital a quem violasse tão execravel decreto, prohibição. que se estendeo a todo dominio. Vendo se os fieis obrigados a não ter outros templos, que as cavernas mais escuras, nem outras Imagens de Deos, e de seos Santos, que as que trazião gravadas em seos coraçoens: porque o furor de heresia não permittia outros templos, nem outros simulacros, porque so permittião sinagogas, em que os Judeos com publicidade exercitassem seos condemnados ritos, e o uso da Religião Catholica não soffrião, nem ainda nos mais secretos retiros. Empenhado em destruir a verdadeira Fe deu em perseguir os sacerdotes, e Religiosos, cuidando arruinar as columnas, para q̃ cahisse o edificio. Com pena de morte lhes mandou despejar a terra. Juntos em Tamaracá os mandou prender, despojados dos habitos, e de todo despidos, maltratados, feridos, e separados os fez embarcar, e mandou deitar em prayas desertas, e ainda não povoadas fora do termo do Brazil; a outros tirou a vida com tormentos, e a dous Religiosos poz na forca com ignominias. Desterrados, mortos, e perseguidos os sacerdotes, introduzio mulheres formosas, que em copos dourados dessem aos Pernambucanos a beber o veneno da herezia. Cuidou que ja os seos Predicantes não terião que faser com estas previas disposiçoens da sua maldade em introdusir nos nossos a torpe doutrina das suas seitas, mas vio que na falta dos sacerdotes havião soldados, que na mais adversa fortuna os confundirão. Não ouve morador que puzesse os olhos

naquellas fementidas bellezas, nem que quizesse ouvir a heretica doutrina. O mais abatido lançava de si com despreso o predicante mais authorisado. Ao mais fraco não fazião brecha no seu coração os enganosos cantos d'aquellas fementidas sereyas, sendo hum Aspide aos encantos, huma çarça aos carinhos, e no mar tempestuoso das estrangeiras tentaçoens, hum incontrastavel rochedo de castidade.

5. Seja motivo do mayor assombro durar entre os opprimidos Pernambucanos a peste, sem que se lhes ateasse o contagio. Não ouve Portugues, que pelo decurso de vinte e quatro annos prevaricasse na Fé assim Divina como humana. A nenhum virão os Olandezes contaminado; quando parecia que a perseguição os tinha reduzido a cinzas, e então estavão em seus peitos mais vivas as brazas da Fé. Como pedras de amollar erão as extorçoens dos Hereges, que sem poderem ferir davão fios a espada da Fe para cortar os seos erros. Não ouve penhasco tão firme ao contraste das ondas, como o coração dos Pernambucanos ao mais embravecido das perseguiçoens. Com tantos annos, com tantas deligencias, com que a infernal serpente pertendeo tentar os nossos com a formosura dos pomos, não conseguio que algum tivesse communicação com mulher hereje, nem ainda por matrimonio, abominando todos o erro, e as pessoas, que o professavão.

6. Uma das maiores graças e mercês, que Pernambuco reconhece dever a Magestade Divina, he havello fortalecido tanto, que nenhum rigor foi bastante para o fazer afroixar da sua constancia, illustrando-o ao mesmo tempo com tantos Martyres, que apurando o finissimo ouro da virtude com a purpura do seu sangue o esmalte de tantas grinaldas, quantos forão os tormentos, que tolerarão, e padecerão pela confissão dos mysterios da nossa Santa Fé Catholica.

7. As horriveis crueldades, e exorbitantes tiranias executadas em Pernambuco pelos infieis, e infames olandezes, forão taes, que arriscão o credito, e não se hade persuadir facilmente o mundo, que houvessem homens, em que coubessem tantas e tão incriveis deshumanidades. Os meyos de que se aproveitava aquella gente para conservar, e dilatar o dominio, e interece, erão injustiças, perjuros, perfidias, destruiçoens, mortes, tiranias, roubos, violencias, e injurias. Toda a crueldade dos Gentios sem o lume da Fé, comparada com as tirannias dos Olandezes ficaria a perder de vista.

8. Para que a sua barbara crueldade servisse mais a seu depravado deleyte, inventarão estes tiranos novos modos de tormentos, e exquisitos generos de deshumanidade. Condenavão a açoutes, executava-se a pena por taes braços, e com taes tormentos, que não se dava golpe que não abrisse ferida. Sentenceavão a morte, compria-se a pena com taes escarneos, injurias, e martirios, que se não podia saber,

se morrião a rigores do ferro, ou a violencias do pejo. Cada dia inventavão estranhos modos de matar. Estendião os corpos dos pacientes sobre humas rodas obradas com tal artificio, que com o movimento lhes moião os ossos, e se a vida suportava o tormento, lhes davão fim com huma maça de ferro, que lhes abatia os peitos. A outros fazião em migalhas jà pelas juntas dos dedos, que muy vagarosamente lhes hião cortando articulo por articulo, athe lhes arrancarem as linguas, olhos, faces, e dentes. A huns atormentavão em cavaletes de páo athe que fenecião. A outros com afilados trinchetes hião pouco a pouco desmembrando athe lhes ficarem os ossos descarnados, q̃ só servião de lhes intrincheirar as entranhas, em que conservavão a vida para mais sentir os tormentos. A outros penduravão, e ungião com azeite, ou emplastavão com pez deretido, para que a fogo lento acabassem as vidas. A muitos imprensavão entre duas taboas repassadas de agudos pregos, que juntamente os trespassavão, e mohião ate que com o sangue lhes espremião a vida, e por recreyo passeavão sobre ellas. A não poucos amarravão suspensos pelos pes, e atravessando entre hum, e outro grosso madeiro, e cavalgando em huma, e outra ponta, se balanceavão festejando com risadas as sentidas vozes, com com que os pacientes significavão as terriveis dores, que padecião. As mulheres de qualquer estado, ou qualidade cortavão as mãos, e rompião as orelhas, e ferião as gargantas, so para lhes tirarem os anneis, pendentes e gargantilhas. Abrião muitos pelas costas, ou pelos peitos, e lhes tiravão os figados, e coraçoens ainda palpitantes, esgarçavão as crianças vivas, e com as mãos as fazião em duas partes. A outras estrallavão nas pedras e nos troncos, ou de tiro, ou de golpe competindo-se na execução a destreza, e a força.

9. Callem as historias a atrocidade daquelles carceres, com que a natureza ferina de alguns tiranos desacreditou a piedade do coração humano com o inaudito rigor daquellas clausuras, os Tulianos de Roma, os Baratros de Athenas, os Ceramoens de Chypre, os Termerioens de Caria, os Arnes de Beocia, as Decadas dos Espartanos, os labirintos de Creta, as Torres Turcicas do Mar negro, os formidaveis palanques do Japão, as latomias dos Dionizios, os letes dos Persianos, o lago dos Geremias, e a cisternas dos Josês. Verdade he que todos estes carceres forão theatros horriveis de sanguinolentas crueldades, que ainda depois de tantos seculos so com a sua lembrança fazem hoje execrar a ferocidade de seos crueis inventores; mas parece que todos elles confrontados com as prisoens, em que punhão os Olandezes aos nossos, perdem muito da sua horribilidade. Seos prisioneiros ainda não estavão mortos, e jà totalmente se vião separados dos vivos, onde sem esperança de liberdade se sentião acabar as vidas com mil generos de

mortes, e para que acabassem para a vida, e mais para a honra, prendendo-os de sorte que so lhes ficassem livres os olhos, punhão diante delles as mulheres, as filhas, e as Irmãas; e violentadas na sua presença lhes fasião beber de hum trago a dor, e a infamia. Forão tantos, e tão repetidos os casos, que se não podem especeficar, porque em todas as partes, e lugares de Pernambuco se executavão com summa crueldade. As cauzas remotas das suas tiranias era commumente leves, ou fingidas culpas; a cauza proxima era sempre o odio da Fé Catholica. Sirvanos de exemplo, sobre infinitos que podiamos referir, o Vigario de S. Lourenço, Gonçallo Ribeiro; Domingos da Sylveira, Jeronimo de Albuquerque de Mello, Pedro Alveres Carneiro, Francisco Dias, e hum seu filho, que depois de remirem as vidas com grandes somas, forão em odio da Fe, impiamente atormentados e privados da vida.

CAPITULO 2º

CONTINUA A MESMA MATERIA

10. Não servirão menos os Pernambucanos a Religião com a virtude, que a Patria com o valor; porque se dignou o Ceo de abrir em nosso terreno hum amplissimo theatro de virtudes, e maravilhas. A demonstração mais evidente do muito que abominarão e abominão as detestaveis seytas dos herejes, não foy somente conservarem a puresa da Fe Catholica, que professamos, mas sim estarem todos dispostos a dar a vida em sua defença e confissão, sem que entre tantos e em taes circunstancias houvesse algum que fraqueasse nos conflitos, ou nelle se visse algũa sombra de inconstancia, duvida, ou temor.

11. Em dous de outubro de 1645, chegou João Bolastrater hum dos tres do Concelho Supremo dos Olandezes a fortaleza do Rio grande, para faser dar execução naquella cidade como Ministro, o que no Recife decretara como Juiz. Que todos os Portugueses de sete annos para sima se passasem a espada sem exceção de pessoa. Achavão-se naquelle dia na fortaleza o Reverendo Vigario da Freguezia Ambrosio Francisco Ferros, Antonio Vilela Cide o velho, Antonio Vilela Cide o moço, Francisco de Basto, Jose do Porto, Diogo Ferreira, Estevão Machado de Miranda, Francisco Mendes Pereira, Simão Correa, João da Sylveira, Vicente de Souza Pereira, e outros muitos, aos quaes mais illustre memoria escreveo os nomes, e com elle João de lustar Navarro, que o inimigo tinha em prizão. A todos mandou vir a sua presença João Bolastrater, e lhes disse que a praça estava falta de mantimentos, que fossem tratar das suas lavouras para acodirem com o provimento

necessario á guarnição, que para segurança das suas pessoas, e da campanha contra as invasõens dos inimigos puzera sufficiente presidio, e mandava huma companhia de soldados em sua guarda, e que para melhor commodidade lhe parecia bem fossem pelo rio ao outro dia /que se contavão tres de outubro/, e nelle acharião barcos prevenidos para a viagem.

12. Tres legoas da Fortaleza pela ribeira do Rio asima está um porto chamado Hiomavaçú, nas matas circunvizinhas estavão por ordem do olandez emboscados duzentos Barbaros, que havião condusido dos certoens para lhe serem companheiros nas crueldades. Arribarão a este porto os nossos, e sahirão para terra cercados da companhia dos Olandezes o capitão que os cõmandava, os mandou despir a todos, e que se puzessem de joelhos, sem repugnancia obedecerão todos, postos os olhos no ceo, ao qual se offerecião em sacrificio, certos de ser chegada a ultima hora da sua vida, que offerecião a Deos; e para que a ferocidade do verdugo fizesse mais sensivel o martyrio, e mais horrivel o estrago, derão sinal aos selvagens emboscados, sahirão estes dos matos com gestos, e medonhos alaridos. Não foy sufficiente a presença de hum objecto tão horrivel, e espantoso para diminuir hum ponto a constancia dos invenciveis soldados de Jesu Christo. Com a horribilidade de representação tão feroz cuidou o hereje vencer a constancia, e fortaleza dos nossos Martyres; cercados por todas as partes da multidão daquellas cruelissimas feras, mandou hum predicante, que entrasse a pregar-lhes as suas diabolicas seytas com a promessa de gloria, e esperança de vida, aos que convertidos aos hereticos erros apostatassem da verdadeira Religião. Com esta deligencia lhes dispoz a palma, cuidando privallos da coroa. Os soldados de Christo alentados com novo espirito, zelo, e fervor com palavras e acçoens abominarão a cegueira heretica, e os condenados erros de suas seytas, confessando a gritos a Fé, que professavão, detestando todos os articulos, que se desviavão dos sagrados decretos, e da pureza da Fé catholica, que cre, e ensina a Santa Igreja de Roma, e que estavão prestes a dar huma, e mil vidas se as tiverão pela confissão e defença da Fé, e verdadeira ley de Jesu Christo. Vencido, e despresado o herege, e sobre maneira raivoso da constante resolução dos valerosos soldados do Senhor, tomou por sua conta o desagravo das suas seytas. Qual feroz, e faminto lobo enveste com o innocente rebanho, que se offerecia com estremado valor as sanguinolentas espadas dos infieis, nos quaes ja faltava o cruel impulso, para as jogarem contra a innocencia dos Christaõs, que para acharem melhor vida, sacrificavão as suas pela confissão da nossa Santa Fé Catholica. Não foi bastante o ver correr o sangue em rios, para que se abrandasse a crueldade do Tirano, o qual indignado cruelmente

de perseverarem constantes em seu santo proposito, dispoz dar lhes maiores tormentos, com este fim /se já não foy disposição Divina para sua maior coroa/ cuidou em lhes prolongar a vida, para que nella achassem sentimento todos os martyrios da crueldade, que a firme constancia dos catholicos não so soffria mas despresava, animando-se huns a outros a vencer a tirania com a certeza do premio. De cançado chegou a desfalecer o braço da heretica crueza, porem não o valor da catholica paciencia. Retirarão-se os Olandezes, e entrarão de refresco os Barbaros, e não achando ja naquelles corpos parte, que de novo podessem atormentar, os forão cortando, e dividindo por todas as juntas, athe que neste cruelissimo martyrio derão as almas a seu criador envoltas nas confissoens da Fe, e nas gallas da esperança. Horriveis deixou a crueldade os bemditos corpos, que so tinhão forma de troncos. A muitos abrirão para lhes tirar as entranhas, depois de lhes cortarem as cabeças, as pernas, e os braços, para que não parecessem homens, e para disfigurarem as partes, lhes tirarão da cabeça as linguas, olhos, orelhas e narizes; dos braços as maõs, das maõs os dedos, e para que todos tivessem parte na crueldade não ficou herege, nem Gentio, que não cortasse a sua parte.

CAPITULO 3º

ILLUSTRE MARTYRIO DE SETTENTA PERNAMBUCANOS

13. Emquanto os Barbaros, se occupavão em destruir as reliquias d'aquelles bemaventurados Martyres, de que temos feito merecida memoria, e se deleitavão, com a vista do estrago, que a sua crueldade havia executado; marcharão os perfidos Olandezes em demanda de hum lugar, que distava meya legoa, onde com a defença de huma paliçada de páo a pique estavão recolhidos setenta Pernambucanos, para melhor se defenderem das correrias dos Barbaros capitaneados por hum herege chamado Jacobo, que por aquellas partes comettia horriveis crueldades. Chegarão a cerca, e com aleivoso trato, e costumado fingimento disserão aos nossos da parte do Governador da fortaleza, que tinhão ordem do supremo concelho para se faser entre todos certa concordata necessaria para o bem commum, e boa paz, em a qual era preciso assignassem as partes interessadas, pelo que convinha que com toda brevidade chegassem a Fortaleza, e com elles Olandeses se fossem embarcar ao porto de Hiomavaçú, aonde tinhão embarcaçoens prestes para fazerem a viagem com menos molestia. Os coraçoens presagos lhes dava a conhecer a falsidade da proposta, e que certamente erão

levados para o sacrificio; bem poderão fugir a morte, que os ameaçava: pois tempo tinhão e commodidade para o fazerem, mas quizerão antes expor-se ao perigo, para não desviarem a coroa, que os esperava; nas despedidas das mulheres, e filhos derão garrotes aos seos affectos, vendo já aos hereges com os alfanges levantados para cortarem aquelles nós mais que Gordios do amor conjugal, e paterno, so com os olhos postos no Ceo, e nas suas esperanças se poderão dispor a tão perigosa resolução. Chegarão ao lugar, que para a navegação era porto, e para o martyrio theatro, servindo-lhes o espanto de que vião executado nos companheiros de lhes reprezentar as circunstancias do suplicio, que esperavão. Como os primeiros forão acommetidos dos malvados predicantes ameaçando-os com o mesmo estrago, que vião, se se não sugeitassem as suas persuaçoens; os nossos Pernambucanos postos no campo, em que melhor obstentassem o seu valor, constantes na Fe se mostrarão insensiveis a vista do mais lastimoso espectaculo, cerrarão os olhos mais por horror do vicio, que por temor da morte, e soltando as lingoas em voz alta fizerão todos a protestação da Fe, publicando ja quase entre os verdugos que so crião no que a Santa Madre Igreja de Roma manda crer, e detestavão as infernaes seytas de lutero, Calvino, e todos os mais Hereges, e Apostatas, que se apartavão do que os verdadeiros fieis crião, e confessavão, porque so na ley de Jesu-Christo, como o ensina a Igreja Romana, se podião os homens salvar. Asanhada aquella vil canalha da confissão da Fe, que ouvião, como desapiedados Tigres arremetem aos nossos settenta Martyres a ferir, e matar com tanta ira e braveza, que se apostavão a qual seria o primeiro, que ensopasse a espada nos seos corpos. Com crueldade mais que de feras tiravão vidas, e lingoas, que confessavão a verdadeira Fe, e era meyo de abrirem mais bocas que a repetissem. Todos se empenhavão em empregar melhor o seu golpe, desatada a furia em iras infernaes não teve descanso, emquanto vio corpos inteiros, nos mesmos pedaços sem alma havia repetição de golpes.

CAPITULO 4°

ADMIRAVEL FORTALEZA COM QUE OUTROS SOFREM OS TORMENTOS

14. Não ha mais dureza que a de hum coração cegamente obstinado, o mesmo diamante symbolo da fortaleza no sangue de hum cordeiro amolece, mas hum coração indurecido he insensivel aos sentimentos, quanto mais sangue corria das veas das innocentes victimas, mais se embravecia a crueldade heretica com tão horrendos estragos, que

a mesma tirania se fasião estranhos. A hum mancebo cazado por nome Antonio Baracho, ao qual a natureza e a fortuna enriquecerão de aposta, amarrarão a hum tronco açoutado rigorosamente athe lhe aparecerem as entranhas, que de proposito lhe desgarraram, para que lhe enchessem o ventre de brazas encendidas, emquanto com ferros ardentes lhe denigravão o corpo por fora. Desejosos de verem coração, em que cabia o sofrimento de tantos tormentos, lho tirarão pelas costas, e tanto se desmandou nesta occasião a heresia, impiedade, e atrevimento, que com desaforo não so execrando, mas ainda impudico lhe cortarão a lingoa, e as partes humanas, que a mesma natureza ensina a encobrir, trocando a infamia da deshumanidade a cada hũa das partes o lugar que lhes dera a natureza. Com Matheus Moreira usarão a mesma tirania, deleitando-se a sua crueldade com a repetição de actos tão execrandos, athe que entre acerbissimos tormentos deu os ultimos alentos, dizendo: Bemdito, e louvado seja o Santissimo Sacramento; para que visse o hereje para sua maior confusão este Divino misterio no coração, que tirava, e na boca, por onde sahia. Os tormentos, affrontas, injurias, e despresos, com que martyrisarão ao Reverendo Vigario da Freguezia Ambrosio Francisco Ferros forão com tanto mais excesso, quanto mayor é o odio, que os hereges tem aos sacerdotes, e ministros dos sacramentos. Não se fartou a sua crueldade com lhe tirar a vida com exquisitos tormentos, não se saciou a sua infernal ira com apurar neste Martyr os mais rigorosos modos de atormentar hum corpo, passou o seu odio a deixar vencidos todos os despresos, e ignominias, que pode excogitar a mais torpe, e indigna maldade; forão elles taes, que não tem a lingoa palavras, com que sem grande offensa da modestia, e natural pejo se possão contar.

15. Admirados os verdugos da fortaleza, com que oito moços de menor idade triunfavão das affrontas, e martyrios, pedirão ao capitão olandez concedesse a vida. Concedeo o capitão o que se lhe pedia, desejoso talvez de os privar da corôa, com lhes deixar a vida, ou de lhes tirar a vida quando não merecessem a corôa; porem que seria com protesto, de que em nenhum tempo tomarião armas contra Olanda, senão contra Portugal. Ouvida a condição daquelles leaes, constantes, e invenciveis espiritos, responderão todos, que lhes rendião as graças pelo beneficio, com que os punhão em nova occazião de accrescentarem a coroa de Martyres da Fé, a coroa de Martyres da Patria; premio em cuja comparação era limitado o preço de hũa vida caduca, que com alegria escolhião a morte, porque para a sua extimação era a maior dita o morrerem pela Fé, e pela Patria. Vio se a deligencia despresada, a intercessão corrida, o ardil perdido, e estimulado o furor inventou novos martyrios, com que a olhos huns dos outros foy despedaçando

os corpos, que animava a mais invensivel constancia, até deixar a todos sem figura, e sem vida. A hum dos oito mancebos chamado João Martins, a cuja vista martyrisarão os sette (presumindo diminuido o esforço a tiros do mortal estrago, que havia visto) persuadio que conservasse a vida a troco somente da promessa de assentar praça em serviço da Olanda. Com alegre, e desenfadado semblante respondeo: que se não rendia a fidelidade de hum Pernambucano Catholico Romano a tão vil partido, quando victorioso de suas intancias, e crueldades esperava eternizar com sua morte a gloria de seu nome, confiado na misericordia Divina, que levaria sua alma ao logro da vida eterna. Aqui se acendeo de todo a Ira, por que se vio mais offendida a industria, não ficou tormento. que não executasse a tirania, e passou muito alem da morte a crueldade.

16. Não é possivel referir todos os particulares deste acto, em que se vio exgotada a crueldade de seos mais exquisitos tormentos; e em que se vio realçada a constancia e fortaleza em seos mais heroicos primores. Cansados de executar tiranias entregarão aos gentios o despojo, que erão as ultimas reservas da honestidade; porque do mais ja se havia apoderado a sua incansavel cobiça, e com estarem retalhadas dos golpes, e feitas em pedaços, deixarão separados de tudo ver melhor, o que encobrião as roupas; com pasmo dos mesmos infieis virão rodeados de asperos celicios, e de duras cadeas aquelles ditosos corpos, dispondo-os a virtude da penitencia para a paciencia do martyrio, Exercicio em que se occuparão tres mezes, que estiverão recolhidos na estacada com quotidianas preces a hum santo crucifixo; que com o exemplo os animava a imitação, como se com anticipadas vesporas solemnisassem o dia do seu transito, que succedeo no mesmo dia tres de Outubro de 1645. Para que não faltassem testemunhas dos particulares deste martyrio de tantos servos do Senhor, permitio a sua Divina providencia, que escondidos no mato visinho alguns Portuguezes vissem, e observassem todos os seos acontecimentos, que a mesma heretica malicia não pode tambem occultar para sua mayor confusão; e honra, e gloria de Deos.

17. Coroado o execrando acto com fim tão glorioso caminharão os Tiranos para o lugar da estacada, onde não cansada a sua crueldade das tiranias executadas, continuarão estas nas injurias affrontas, e tormentos, que derão as mulheres, filhas, Irmãas, e parentes dos nossos Martyres. Pedirão as aflitas senhoras licença para lhes darem sepulturas, e a não poderão alcançar, se não depois de passados quinze dias para que a corrupção não desse lugar a piedade, ou para que se anticipassem as feras em lhes dar em seos ventres horrivel sepulchro. Mas o ceo empenhado em publicar a victoria de seos servos permittio

que os meyos, de que se valia a heretica malicia para esconder aos olhos do mundo a sua crueldade, e o triunfo dos servos do senhor, esses mesmos servissem para mayor honra e gloria; porque passados os quinze dias estavão os seos corpos ainda que divididos, e despedaçados, intactos, não se atrevendo a tocallos nem a corrupção nem os bichos, exalando tão suave fragancia, que vencia a todos o aroma, e flores dos jardins (cheiro que neste sitio perseverou muito tempo) para que não houvesse quem não fosse testemunha de tamanho prodigio. Estava o sangue sobre a terra fresco, e as feridas da cor de preciosos rubins, mostrando a divina providencia com esta e outras extraordinarias demonstraçoens, o quanto fora grato a seos divinos olhos o sacrificio daquellas innocentes victimas. Na noite, em que as devotas mulheres derão sepultura aos corpos dos bemaventurados Martyres, ouvio a mulher de Gusman Governador da fortaleza para aquella parte onde se depositarão, hũa suavissima melodia de acordadas vozes, que como celestiaes movião, e admiravão; espantada de caso tão novo chamou o marido, que com outros Olandezes estava conversando, e todos ouvirão a musica com hum mesmo espanto. Sahio a hũa camara, onde se achavão alguãs mulheres Portuguezas, que compassiva tinha recolhido em sua caza, e achou que suspensas na suavidade da armonia, se esquecião da magoa, e do somno. Em o cerco, onde ficarão as mulheres, filhas e parentas dos Martires foy tão extraordinario o cheiro em todo tempo, que durou o martirio, que igualmente recreava e suspendia.

18. Para chorar sem perigo (por que tambem se reputava delicto o natural sentimento) se recolheo a hum aposento interior hũa menina filha de Diogo Pinheiro, aonde achou hũa fermosa senhora com hum azorrague na mão, que com veneravel gravidade lhe disse: Não chores filha, que com este açoute, que aqui vez, hão de ser castigados os Ministros da crueldade, que logo ouvirás; e desapareceo. Sahio a menina espantada, e medroza, e perguntada a cauza relatou o referido. Verificou o successo a verdade do aparecimento. Em breve tempo degolou o fio da nossa espada a todos os agressores, adiantando-se na paga aquelle perfido olandez Jacobo, que se adiantou na culpa, ao qual Gusman Governador da fortaleza matou a punhaladas. Todas estas noticias forão authenticadas por testemunho e juramento de muitas pessoas, que tudo presenciarão, e escrevem deste, e mais martirios o Padre Frey Manoel do Salvador no seu valeroso Lucideno, Frey Raphael de Jesus no Castrioto Lusitano, e em outras muitas memorias, e tradiçoens verdadeiras.

CAPITULO 5º

CONTINUA A MESMA MATERIA—COM A NOTICIA DE OUTROS QUE PADECERÃO MARTYRIO

19. Em quinze de Junho do anno de 1645 arribou a povoação de Cunhaú Jacobo Olandez com grande numero de barbaros, que o seguião companheiros nas suas crueldades. Tinhão lhe remettido do Reciffe os do governo as ordens, e instrucçoens do que havia de obrar, e das simulaçoens, com que havia executar seos execrandos mandados. Entrou na povoação, e com fingida paz mandou deitar bando, e fixar editaes firmados pelos do Concelho supremo, e jurado pelo dito Jacobo, ordenando aos visinhos do lugar que debaixo do seguro se achassem todos na Igreja o seguinte dia, que era Domingo, para que depois de missa, que lhes consentião ter naquella Igreja, conferissem certo negocio, que os senhores Estados lhes mandavão communicar, segurando-os de que a pessoa nenhũa se faria o menor agravo. A mayor parte dos moradores obedeceu ao bando, e ainda que receavão as traidoras tençoens dos hereges, o preceito da Igreja os fez acodir a Igreja em mayor numero, sendo o menor, o que se poz em cobro pelos ter ensinado a experiencia a falsidade de semelhantes tratos. A mayor parte, dos que acodirão, entrou para a Igreja, outra menos confiada se deixou ficar nas casas do Engenho. Os que entrarão no templo, encostarão as paredes do portico os bordoens, que levavão / armas que sô lhes permittia o Governo olandez). Vestio-se o sacerdote, poz-se no altar, deu principio a missa, e ao tempo, em que chegou a levantar a Deos, se fizerão os infieis senhores da porta do Templo, o que advertido dos moradores, conhecerão o perigo, e dando-se todos por mortos, recorrerão a Deos pedindo-lhes perdão de seos peccados, tão faltos de tempo, que se encontrava a oração na garganta com a espada, sem que a dos barbaros deixasse pessoa com vida. Pela mesma sorte passarão os que se recolherão nas cazas do engenho, se não que estes irritados do sacrilegio, e da perfidia morrerão matando.

20. Era o sacerdote, que celebrava, homem de noventa annos, varão de vida exemplar e virado para os infieis lhes disse : que todo aquelle que nelle tocasse, ou nas Imagens, e paramentos do altar, lhe ficaria tolhida a parte, com que o fizesse ; temerão os gentios, e se retirarão reverentes, outros infieis, ou mais assanhados ou menos respeitosos lhe tirarão a vida. Todas aquellas partes de seos corpos, que servirão ao sacrilegio, lhes ficarão pasmadas, e insensiveis, e todos em

brevissimo tempo morrerão despedaçados dos seos proprios dentes: e para que se não duvidasse da causa do castigo, permittio Deos q̃ na dureza das portas da Igreja, como em branda cera, ficassem impressas as mãos do sacerdote buscando com ellas arrimo nos ultimos alentos da vida. Verificou-se o prodigio com se ver por largo tempo o sangue dos padecentes tão vivo, e fresco, como se na mesma hora fosse derramado.

21. A tres soldados Portuguezes do Reciffe condemnou o Olandez a morte de forca por levissima causa. Forão lhes intimar a sentença de prisão. Com os Ministros de justiça entrou hum predicante, parecendo-lhe que a profissão de soldados, que traz comsigo a soltura das acçoens, o amor da vida em poucos annos de idade, e o medo de hũa morte affrontosa, serião motivos, que os persuadissem ao desejo da conservação da vida, lhe prometterão esta, se abraçassem as seytas de Lutero. e Calvino: nestes dourados vazos lhes quiz dar a beber o veneno da heresia. Adiantou se aos mais um dos prezos, e com inteireza, e defendendo, lhe disse: va se dali Ministro infernal, Predicante de Borrachos, em seytas de bebados poderà haver quem nesta vida beba, mas não quem para a outra vida viva. Viva a Fe Catholica, que professamos, e em que morremos, e leve o Diabo tanto herege com seo Lutero, e Calvino. Deixou a fiel constancia assim cortados, e corridos a todos os circunstantes, que furiosos appellarão do despreso para a vingança. Toda força dos algozes, toda maquina dos tormentos se empenhou em satisfação, e desempenho da sua colera. As injurias, e affrontas excederão a imaginação. Tudo sofrião alegres, e constantes os valerosos soldados com os nomes de Jesus e Maria em suas bocas, confessando em vozes altas a Fè Catholica, em que morrião, entregarão suas almas ao Creador, que lhes daria a merecida coroa, que alcançarão por firmes, e constantes na sua Fe.

CAPITULO 6º

DE MUYTOS PERNAMBUCANOS QUE FLORECERÃO EM VIRTUDE

22. A mayor finesa do amor de hum Christão he sacrificar a vida pelo amor de Deos, e da sua honrra. Com este cruento sacrificio procurarão nossos martyres de se desempenhar de algum modo das infinitas obrigaçoens, que tinhão ao Redemptor do mundo, offerecendo a cabeça as espadas, o peito as settas, os pez aos grilhoẽs, as maos as cadeas, o corpo aos patibulos, e a vida aos tormentos, innũdarão os theatros com as correntes do seu sangue, saciarão com suas carnes a voracidade

das feras, e lançados no fogo cobrirão com suas cinzas a terra, achando por este modo na crueldade dos tiranos, o desempenho do seu agradecimento. A falta de verdugos fez com que pelo martyrio não dezempenhassem outros muytos as obrigaçoẽns de agradecidos, mas souberão com o amor, e com a innocencia da vida suprir a falta dos Tiranos, sendo o mesmo amor o inventor das suas penas, e o artifice dos seos tormentos.

23. Doze são as portas por onde se entra na Jerusalem celeste, por que são diferentes os caminhos por onde a graça divina dirige os Justos. Temos visto nos nossos martyres assombros de paciencia, prodigios de constancia, e raros exemplos de Fortaleza; agora notaremos os empenhos virtuosos de outros Espiritos relevantes, que se admirarão na esfera da perfeição Evangelica; por que ainda nesta se achão outras diferentes varedas por onde se caminha para a bemaventurança. Não acabarão no martyrio dos Tiranos a vida, mas imitando o caminho dos Santos, atropelando os vicios, despresando o que o mundo extima, e seguindo fielmente a Christo cada hum com a sua cruz, conseguirão dos inimigos da alma gloriosas victorias.

24. Em continua guerra, e repetidos conflitos passou os dias desta vida o veneravel Padre Antonio Manoel Feliz, Presbitero do habito de S. Pedro, natural do Reciffe. Sempre venceo por que teve um grande e alentado coração. Rompendo pelos esquadroens dos inimigos da alma, exercitando com bellicas violencias o seu valor, apurou a sua paciencia nos hospitaes, servindo aos enfermos, curando leprozos, confortando os agonizantes, amortalhando os defuntos, e passando o melhor da sua vida entre tumbas, ataudes cadaveres, e sepulturas. Os Martyres da Fé sacrificarão a vida para gloria de Deos, e este virtuoso sacerdote como Martyr da Caridade, se offerecia muitas vezes a morte para bem do proximo. Na Companhia dos Leprozos, e no centro dos contagios, com mayor valor, que se servira nos theatros da crueldade, e nos cadafalsos dos Tiranos, arriscava muitas vezes a vida com valente acto de amor.

25. Sendo Secretario da vizita que fez n'este Bispado o conego João Maximo, teve occazião para ver varios pretos feridos do asquerozo mal de lepra. Buscavão aquelles miseraveis nas sombras das arvores o abrigo, que em suas cazas lhe negava a crueldade de seos senhores. Compadecido o caritativo Padre de tanto dezemparo os conduzio para o Reciffe, e alugando hũa caza no lugar da Boavista, os acomodou nella, cuidando no alivio das suas dores, e no remedio de seos males com cordialissimo disvello. Cresceo logo o numero dos enfermos ao reclamo da sua fervorosa caridade. A todos recebia alegre, e a todos com grande amor hospedava. Encontrando se com doente desemparado

sem o recolher no seu hospital, não aquietava o seu coração. A pobres mortos pelos caminhos, carregava com elles ás costas, tumba animada em que o silencio da mesma morte publicava o triunfo da caridade. Sendo quasi todos os enfermos pretos de horrivel, e torpe aspecto, genio buçal e condição aspera, em quem as ruinas da vida escandalisavão a sympathia do affecto, e destruião os atractivos de inclinação, com estupenda constancia chegou muytas vezes a lanber em seos disformes corpos abertos em nojentas chagas, virulentos homores. Por ventura porque reconhecia, com duplicada veneração, nas chagas dos pobres, e nas chagas de Christo as sagradas insignias da victoria de sua paixão sagrada.

26. Estas e outras prodigiosas façanhas forão effeitos da sua ardente caridade, e com este fogo do amor do proximo curou em si mesmo os contagiozos amores da terra. Com hum soberano dominio sobre os contagios da ambição, e cubiça, tudo que possuhia se apostou a gastar em beneficio da pobreza alhea, ate vir a empobrecer, obrigando-o a mayores arremeços a virtude, que ao Prodigo os vicios: mais prodigo que o mesmo Prodigo, para renascer a melhor vida, não só se despojou de seos bens, mas ainda do que era de si, se emprobreceo a si mesmo. Era por genio, e criação muyto aseado, brioso, e altivo, e o amor de Deos, e do proximo o fez tão penitente, tão pobre, e tão humilde, que de si, não deixou em si semelhança.

27. No trato dos enfermos não só se aplicava com disvello ao reparo das necessidades do corpo, mas ao remedio dos achaques do Espirito. Tanto que os recebia no seu hospital, fazia com que examinassem miudamente as suas consciencias, insinuava lhes como se havião de preparar para as confições, de que modo havião solicitar o perdão de Deos, como se havião de conformar com a sua vontade, e entregarse totalmente nas suas mãos, com animo prompto para aceytar sem repugnancia o que o Senhor dispuzesse das suas vidas. Do fogo soberano do amor de Deos, como fonte procedida do amor divino, redundava em todas as suas acçoês, e desejos demonstraçoes fervorosas da caridade com o seu proximo. Parecendo-lhe que não podia fazer-lhe mayor serviço, nem obsequio, que fosse a Deos mais grato, do que erigir hum hospital, em que com melhor cõmodo podesse acodir a tantos enfermos desemparados, o intentou, e o conseguira na ultima perfeição, e grandesa, se a morte não atalhara seus caritativos designios.

28. A cordeal, e fervorosa devoção com que venerava hũa Imagem de N. Senhora, com o titulo da Soledade, o persuadio a irigir hũa sumptuosa Igreja, em que a May de Deos fosse adorada com grandiosos e devotos cultos. O Capitão Euzebio de Olyveira lhe fez doação

de hum sitio de terras ja cultivadas no lugar da Boavista, para nelle se fundar o novo Santuario. Havidas as licenças necessarias, se dispoz a fabrica para a qual concorrerão logo os moradores com copiosas offertas. Em companhia dos Escravos, carregava o servo de Deos sobre seos debelitados hombros os materiaes para a obra; e ao passo que assim edificava a Igreja, a todos edificava com a alegria com que se exercitava nestes virtuosos abatimentos.

29. Com repetidos prodigios mostrou a Senhora ser do seu agrado aquella caza. Os milagres, e maravilhas que obra, e tem obrado esta poderosa Senhora, não seria facil numerallos. São innumeraveis os que deste Santuario saem apregoando os seos poderes, deixando pendurados os sinaes, em testemunho do beneficio que receberão, os quaes como trofeos das victorias que a Senhora alcançou, nos dizem, o quanto he poderosa a nosso favor. Das enchentes da graça da Raynha dos Anjos, participava seo fiel servo com os resplandores da graça milagroso, mas era com tanta cautella, que o inimigo universal não tivesse meio algum para minar a sua humildade, com as fortes batarias da vangloria.

30. Não so exercitava o seu zelo nos limites desta caza, mas estendia se pelos reconcavos, acodindo a pessoas miseraveis, e fasendo fervorosas missões; deo lhe o Ceo particular graça para este santo ministerio, no qual lhe fez copiosos serviços: por que de ordinario sahião os ouvintes de seos sermoens com dezejos, e propositos de ēmendar a vida, e servir a Deos. Poz este Senhor em seo rosto hũa rara alegria, em suas acçoens hũa maravilhosa modestia, e humildade, e com estas cadeas prendia de tal sorte os animos, que ninguem escapava da rede da sua doutrina, e exemplo. Fez em Pernambuco, asestido do auxilio celeste, notaveis mudanças nos custumes, trasendo muytas pessoas a graça do Senhor pelo arrependimento, e emmenda das vidas.

Da grande abstinencia com que elle se tratou sempre passando os dias sem comer em todas as occasioēs, que se occupava no bem das almas /posto que esta iguaria fosse o seu mayor regalo/ enfraqueceo se a natureza, não podendo a valentia do Espirito vencer, nem ainda sustentar as grandes debilidades, e fraquezas do corpo. Veyo finalmente a pagar o costumado feudo a sua fragilidade, mas com a gloria de não descançar em mortificalla athe o ultimo ponto em que ella se arruinou. A paciencia com que sofria as dores da ultima infirmidade, compungia, e edificava aos que lhe asestião. Logo no principio se preparou com os sacramentos, e com os sentidos recolhidos em alta contemplação passava horas comunicando com Deos as ancias que sempre tivera de o lograr na celeste Patria. Fez seo testamento, mais para recomendar a seos testamenteiros o amparo dos pobres, e enfermos, que para dispor de bens, que possuisse. Resignado todo na vontade daquelle Senhor, a

quem sempre amara acabou o curço da vida, sendo a serenidade do seu transito demonstrativo da felecidade do seu premio.

31. Não se pode expressar com palavras o sentimento que motivou em todos os moradores, e com especialidade nos enfermos, e pobres a falta deste servo de Deos em que colocavão a sua esperança para os remedios da alma, e do corpo. Os pobres com muytas lagrimas clamavão que morrera o seu amparo, e os ricos que lhe faltava o seu medianeyro, e consolador. Os que com trato mais quotidiano tinhão mais larga noticia da sua virtude, não podendo dissimular o sentimento do coração, manifestavão a todos com as vozes das lagrimas a sua dor, e a santidade do defunto; Muytas cousas se contão deste servo de Deos, mas basta para esplendor do seu nome, de que viveo e morreo como perfeito sacerdote. Foy sepultado na mesma Igreja da Soledade, que edificara, ficando sempre vivo na nossa lembrança aquelle insigne nome, que mereceo na vida por suas penitencias, e maravilhosa caridade.

32. Depois de manifestas as acçoēs illustres de hum tão grande Mestre de virtudes, tem lugar a memoria, de hum seu discipulo na escola da santidade, que se não excedeo na fama, lhe fez competencia na virtude; este he o virtuoso conego João Maximo, que muytas vezes o acompanhou em seos santos exercicios. Ordenado de sacerdote, embarcou para Lisboa de donde voltou provido na dignidade de Arcediago da Sé de Olinda Esfera em que resplandeceo cō abundantes luzes a Fama da sua santidade. Não individuamos os exercicios della, porque tinha todos os que se achão nos varōes Justos, e muytos em grao superior. No do coro da Cathedral, causou sempre admiração, não faltando em tempo algum aos louvores divinos, por mais que as occupaçoēs o dispençassem, e os Estatutos lho permitissem. No confessionario fazia tanto serviço a Deos, como no pulpito, dirigindo copiosas almas pelo caminho seguro da sua ley, e amor. Concedeolhe o mesmo Senhor graça de pacificar discordias, estinguir odios, reconciliar vontades, e reformar costumes, o que sendo visitador deste Bispado executou com geral aplauso. Occupado felizmente nos santos exercicios de devoção, humildade, paciencia, zelo, e caridade, tratando sempre da salvação propria, e alhea, chegou a idade decrepita. Adoecendo levemente conheceo q̃ morria, os remedios de que usou, forão os sacramentos, que pediu com fervor, e recebeo com grande ternura, e devoção. Com estas sagradas medecinas foi corroborando a sua alma ate o instante que veyo a morte, que se não attreveo a impedir-lhe as vozes, que sempre se empregarão nos louvores divinos, e todo enlevado nelles, deu os ultimos alentos, e com muyta paz, e socego entregou sua alma ao seu Creador.

CAPITULO 7°

ACÇÕES LOUVAVEIS DE OUTROS SERVOS DO SENHOR

33. O Padre Simão Nunes Coelho nasceo na freguezia de Ipojuca, de nobre familia, para que não faltassem ao precioso de seos exẽplos, os exmaltes, que fazem mais decorosos, e mais bem vistos os exmaltes da santidade. Chamavão-se seos Pays Simão Alves de Souza, e Isabel Coelha Machado, a quem este ditoso filho constituhio mais preclaros. Nos annos da Infancia, e puericia deu indicios dos progressos da mayor idade, na modestia, e inclinação as couzas de Deos, em cujo amor o educarão seos Pays, dispondo-o com a graça divina para exemplar de perfeitos sacerdotes.

34. Navegava a sua alma pelo mar espaçoso das boas obras, quando o inimigo universal invejoso de o ver tão aproveitado no comercio do ceo, e trato com Deos, despedio em seu alcance hũa poderosa armada de piratas mundanos, que dando-lhe caça, de improviso lhe tomarão o balravento, e arribando sobre elle lhe derão hũa forte carga. Bem devia fugir a todo pano largo, mas querendo sustentar o combate, repetindo-se a bataria ficou lastimosamente prisioneyro de hum corsario. Via-se captivo deste pirata cruel, e fluctuava em pelagos de tempestuosos discursos sem atinar com o rumo, que devia seguir para sair do conflicto. Quiz o altissimo acodir a seu servo neste perigo, em que se perdia, e com a tempestade de hũa perigosa infirmidade o fez apartar da corcova inimiga. Livre já de inimigo tão poderoso, seguio o rumo certo da penitencia, e o Norte fixo da virtude. Parecendo-lhe que navegaria mais seguro o baixel de sua alma debaixo da bandeira do Patriarcha Serafico se alistou na sua milicia da Terceira Ordem, tomando por farol a regra, por amarra o cordão, por leme a obediencia, e por guia o Espirito do mesmo santo Patriarcha humilde, pobre, e despresador de todas as couzas terrenas. Convertidos os regalos de pouco tempo, em dilatadas asperezas; as conversaçoẽs de poucas horas, em continuo silencio; e os risos de instantes em perpetuas lagrimas; E para que fosse mais veloz nas sangraduras de penitencia lhe asestio no discurso da sua vida em popa, com toda vehemencia o vento galerno do Espirito Santo, com que felizmente arribou a porto de salvação.

35. Não se estreitava o seu zelo somente ao bem da propria alma mas estendia-se as almas dos fieis vivos, e defuntos, as destes com copiosos sufragios, as daquelles com virtuosos exemplos, e admoestaçoens. Todos os dias convidava aos moradores do Reciffe, para que

livrando-as das penas do purgatorio com os seos sufragios, avançassem neste cõmercio o mayor lucro, pois ellas os livrarião com seos rogos das penas eternas, que he hum avanço infinito, e para que todos os moradores entereçassem neste commercio, continuou sempre neste negocio persuadindo-os pelas suas portas ; e para que em exercicio tanto de seu gosto, tivesse parte a mortificação, e penitencia trazia sempre a cabeça descoberta exposta aos activos rigores do sol.

36. O santo exercicio da oração lhe levava todo tempo que lhe ficava livre de outras virtuosas occupaçoẽs, e por este suave caminho da bemaventurança nunca deu passo que não trilhasse os durissimos abrolhos de asperas penitencias. Para que se conservasse o corpo obediente aos dictames do espirito, o trazia sempre domado com cilicios, mortificando o gosto com abstinencias continuas, e a lingoa com o silencio perpetuo, e não fallando mais que o muito necessario, e se era preciso responder a algũa pergunta curiosa, com hũa inclinação de cabeça dava satisfação ao termo da politica. Apetecia ardentemente affrontas, dores e trabalhos, parecendo-lhe que so assim corresponderia agradecido as misericordias divinas padecendo infinitas penas por Christo. Contemplava as deste Senhor, e achandose obrigadissimo aos favores de sua immensa piedade, não lhe occorria para o agradecimento sacrificio mais proprio, que o de padecer copiosas tribulações em seu obsequio com o lenitivo de celestes consolações aliviava o Senhor as suas penas e trabalhos.

37. Era cordialmente amador do proximo, não consentindo que na sua presença, se dicesse palavra, que perjudicasse a algũa pessoa, sendo que de muytos recebeo agravos, que tolerou com heroica paciencia. Erão-lhe reveladas muytas couzas futuras, que elle predice, e nos effeitos se virão correspondentes aos oraculos, e se julgarão profeticos. Com a propria luz penetrava os segredos mais occultos do coração humano. Do effeito correspondente aos seos oraculos se achão hoje multiplicadas testemunhas em diversos acontecimentos ; foy admiravel o cazo seguinte com o qual provaremos este argumento.

39. (*) Manoel Aranha, homem de negocio, morador neste Reciffe, trazia hum seu navio na costa de Africa com o negocio de resgatar captivos. Era passado o tempo custumado para estas viagens, e corria hũa voz de se haver perdido com toda carga. Assustado com a noticia, e temeroso da perda, pedio ao virtuoso Padre Simão Nunes encõmendasse o seu navio a Deos, para que o livrasse de todo perigo, e trouxesse a salvamento. Conpadeceo-se o veneravel sacerdote da grande aflição, e angustia, em que estava posto Manoel Aranha, e levado da

(*) *Em vez de 38.*

sua caridade, querendo aliviallo do susto, lhe disse: não havia que sentir, pois o seo navio estava salvo, e passados tres dias chegaria a este porto; e assim socedeo. E para que se não podesse duvidar desta profecia, havia o servo de Deos recõmendado a Manoel de Aranha lhe trouxesse hũa pouca de palha da que vem de Angola para della fazer hum cordão de S. Francisco, advertindo-lhe, que seria necessario que elle a procurasse com mayor deligencia, porque não sendo droga em que intereçasse o cõmercio, somente a acharia na cacha de hum passageiro. Chegado o navio fez o Aranha deligencia pela palha; e dizendo todos os passageiros, que a não trazião; repetidas as instancias se lembrou hum que na sua caxa trazia quanta bastasse para fazer hum cordão, e teve-se por muyto ditoso de fazer este pequeno obsequio ao servo de Deos. Deste, e de outros acontecimentos futuros, e occultos lhe dava na oração noticia a graça do ceo. Daqui resultava estimarem-se como profecias as suas palavras.

40. Quiz finalmente o Senhor dar-lhe o premio de tantas e tão boas obras, e primeiro o purificou na fornalha da ultima tribulação em que o poz. Permittio-lhe hũa penosa infirmidade que sofreo com muita conformidade, e extremada paciencia. Com o rosto risonho qualificava a fortaleza do animo, e constancia do sofrimento. Recebeo todos os sacramentos com exemplar devoção e como era todo o seu encanto o amor celeste, lhe entregou sua alma com tanta suavidade, como quem descançava no peito deste soberano amor, em vinte de Dezembro de 1741. Foy enterrado seu corpo na Igreja da Congregação do Oratorio, ficando sempre vivo na lembrança de suas virtudes, e penitente vida.

41. O Padre Leandro Camello, nobre pelo nascimento, e mais illustre pelas virtudes, perseverou em santos exercicios, com opinião de bom servo do Senhor ate hũa dilatada idade, a qual concluhio com grande explendor do seu nome. O emprego, que levava todos os cuidados, e pençamentos a este virtuoso sacerdote era o trato com Deos na santa oração, e meditação de seos attributos, na qual se engolfava com tanto gosto, que lhe parecia hum instante o trato de todo hum dia. Mas assim socede a quem logra a presença da fermosura encreada, cuja delicia atrahe o espirito aos braços do seu amor, aonde adormece para todas as cousas do mundo. Nenhũa sabia dellas este candido e sincero sacerdote, por que suposto existisse na terra, andavão seos discursos perenemente pelas estancias da gloria, e quando descia desta celeste altura era para desprezar glorias mundanas, e effeituar os dictames, que recebia nas aulas da caridade eterna.

42. Os pobres forão acredores da mayor parte dos seos disvellos, e quanto mais possuhia empregou em obsequio de Maria Santissima, e para que no patrocinio da Senhora segurassem todos os peccadores as

viagens deste mundo, e fizessem felices os successos das suas navegaçoẽs, mandou fazer hũa Imagem com o titulo da Boaviagem, e a colocou em hũa magnifica Igreja, que erigio para a parte do meyo dia distante duas legoas do Reciffe sobre as prayas do mar, para que todos acudão, como acodem com immenso concurso, a procurar o seu patrocinio, pondo as suas esperanças nesta Senhora cujo cuidado he levar nos sempre ao desejado porto de salvação, por que olla he no tempestuoso mar da vida a esperanca firme, e a ancora segura de hum e outro mundo.

43. Quem cômunicava este servo de Deos via na sua candideza hum retrato de Nathaniel, de quem dizia o Redemptor que não havia em seu coração malicia, porque era tanta a sua sinceridade, que nem sabia enganar, nem presumia que outros usassem de cavilaçoẽs, e enganos. Mas se tinha esta grande singeleza de pomba para não conciderar malicia no seu proximo, tinha igual prudencia, e astucia em desviar a sua alma dos obstaculos que podião lastimar a propria virtude exercitando muytas com que se fez amado de Deos, e querido dos homens. A sua morte foy causada de hũa queda achando-o a voz do altissimo preparado com todos os sacramentos, que logo recebeo, e com aquellas virtudes, que lhe seguravão o salto da eternidade, e se este para se acertar requer grandes forças de espirito, e anticipadas carreiras de boas obras, como bem exercitado nos passos da virtude cahiria seguro nas celestes moradas, onde receberia os premios prometidos aos fieis servos do Senhor.

44. Na freguezia da Moribeca floreceo o Padre Christovão Fernandes, taes candores brilharão em seos santos custumes, que parecia a todos estar ainda nos limites da innocencia. Permittio Deos q̃ perdendo o original Adão, negassem os animaes a obediencia ao homem, e os tratassem, como inimigos, olhando-os sem respeito, e com desapego; e parece que reconhecendo os animaes neste virtuoso sacerdote hũa singular candidez se lhe sugeitavão respeitando nelle a sua innocencia. Os saguins buscavão a sua casa cada dia, e com natural instinto lhe pedião o sustento, e não se apartavão da sua presença emquanto da sua mão não recebião a comida e a benção. Nunca se lhe vio acção que não fosse muyto ajustada com os primores da virtude. Era humilde com todos, e se o louvavão, se compungia, e no semblante mostrava, que a consideração da sua propria villeza o levava a hũ infimo abatimento. Na ultima infirmidade derão estas flamantes tochas hũa grande luz na rara paciencia, com que soportou as dores, e penalidades della, e a sua morte hum notavel brado, que aos moradores principaes convocou para lhe asestirem como a santo seu no enterro.

45. Na freguezia do cabo de S. Agostinho, com muy qualificadas virtudes florecerão os Padres Agostinho de Crasto, e Domingos Vieyra,

merecendo na vida, e na morte muytos louvores, e applausos, que a devoção lhe rendia admirada das suas grandes virtudes, por que resplandecião em suas obras todas as que exmaltão a sublime dignidade do sacerdocio. Erão humildes, modestos, devotos, penitentes, recolhidos, e tinhão outras muytas prendas, e enfeytes, com que a beleza da santidade se faz agradavel aos olhos de Deus, e ainda as atençoẽs dos homens. As acções destes fieis servos do Senhor em todo discurso de suas vidas respirarão suavissimas fragancias de caridade, não se formando nos seus corações, outros pensamentos, mas que os de servir ao Creador, e acodir as necessidades das criaturas. Forão tão conformes no modo de viver virtuoso, que nos pareceo acertado darmos a ler em hum so paragrafo os seos louvaveis custumes, pois que as mesmas virtudes sem algũa diferença resplandecerão em ambos. Como forão conformes na vida, forão semelhantes na morte, sahindo deste mundo com abundantes meritos.

CAPITULO 8º

DE OUTROS SERVOS DO SENHOR QUE AUTHORISARÃO A PATRIA COM VIRTUDES PRECLARAS

46. As do Reverendo e zeloso vigayro do Reciffe Francisco da Fonceca Rego, forão muy qualificadas; nobre no sangue, e dotado de notaveis prendas assim naturaes, como adqueridas, e amavel, e respeitado. Sahio das aulas com todos os requesitos para os empregos Ecclesiasticos; occupou dignamente na Sé de Olinda a cadeyra de Chantre, e desta Dignidade o trouxe a Providencia divina para a Vigararia do Reciffe, para que neste grande theatro fosse mais notoria ao mundo a sua virtude. Entre os cuidados da obrigação de Parocho, nunca se descuidou de alentar seu Espirito com exercicios devotos, os quaes davão muyta fermosura a pontualissima observancia com que sempre se ouve nas obrigaçoẽs do seu officio. A todos os empregos virtuosos acodião promptamente seus freguezes, vendo o fervor, e gosto com que nelles se exercitava o seu Parocho, nem se excusavão aos actos humildes vendo o seu vigayro pelos péz de todos nas processoens de penitencia.

47. Era affavel, caritativo, e muyto esmoler, e tanto que sendo muito rendosa esta Igreja, viveo e morreo pobre, por que os pobres e necessitados erão os acredores de todos as suas rendas e riqueza. Sobre tudo foy cordialissimo devoto de Maria Santissima Senhora nossa, em cujo obsequio /alem de outros muytos com que a venerava/

já mais negou couza algũa que se pedisse em seu nome. O seu mayor disvello era a Santissima Paixão do Redemptor, cuja memoria penetrava sua alma com agudos sentimentos, e para que tivesse materia mais viva aos incendios do seu amor, para ornato, aseyo, e grandeza das procissoens de Passos, e enterro, lhe parecião lemitados os thesouros de todo mundo, e empregava nestes devotos obsequios copiosas quantias. N'estes santos exercicios continuou ate que na idade de mais de oitenta annos acabou a vida de hũa morte intempestiva e violenta.

48. Festejavão os moradores o dia da gloriosa Santa Catharina Martyr no anno de 1715, na Parochial Igreja do Corpo Santo, e para ser mais plausivel a festa ordenarão hum castello de artificiosos fogos. Acabadas na Igreja as solemnes vesporas, a que asestio o Reverendo Vigayro, e convidarão para ver o fogo, aseitou o convite, e passou com alguns clerigos para as cazas ao Capitão Mor Gabriel da Sylva do Lago, que ficavão vezinhas ao castello, principiou este a circular rodas, a arder panellas, a brilhar Estrellas, a chover lagrimas, a rugir montantes, e a derramar com girandolas rutilantes diluvios, quando hum foguete solto de hũa roda, entra na caza em que estava o Reverendo Parocho, e faz rebentar com grande violencia hum vaso guardado em hum armario, no qual estava certa quantidade de polvora. Foy incendio tão impetuoso na brevidade, como furioso no estrago, voarão os telhados, e foy arruinada com horrivel estrondo a caza, que era de dous sobrados. Dos que nella estavão a huns ferio, e a outros matou, sendo coatorze os que padecerão nestas ruinas, hũa trave despedida de alto dando na cabeça do Reverendo Vigayro lhe tirou a vida: golpe que derrubando sugeito de tantas prendas fez hũa grande, e doloroza ferida no corpo deste immenso povo.

49. Mas como no mundo tambem ha santidades menos afortunadas, que outras: e ha Escritores cuja mizeria os precisa lançar mão de qualquer ficção para comprovar seos asumptos; não faltou hum que valendose deste caso /para prova de hum argumento a que faltavão outras verdadeiras e concludentes/ se atrevesse com summa crueldade, a por hũa nota infame, na fama respeitada, e na reputação bem adquerida deste virtuoso, e honrado Ecclesiastico. Este he o Autor do Peregrino da America, que no seu livrinho a folhas 102, escreve este cazo com mais borroens, que letras. Vão as formaes palavras, para que melhor se conheça a impostura.

50. Hum sacerdote desta America estava publicamente concubinado com hũa mulher, havia muytos annos, com grande escandalo de hum povo inteyro, mas todos lhe dissimulavão este peccado, ainda aquelles que o podião emendar, e reprehender. Succedeo pois que em hũa noite estando elle com a concubina em hũa sacada das cazas em que morava,

para ver certo festejo que na rua se fazia, pegou fogo em huns barris de polvora, que estavão nas logeas das mesmas cazas, e fez o incendio voar o edificio, e do ar veyo hũa trave, que cahio sobre ambos, e os matou; ficando todos os mais, que junto delles estavão livres do perigo. E adverte a margem socedera este cazo em Pernambuco, na cidade de Olinda no anno de 1715.

51. Nada se lê em toda esta narração, que não seja falso, e absolutamente quimerico. Por milhares se contão ainda hoje testemunhas deste lamentavel successo; que com razão se admirão da temeridade deste Escritor. Escrevia na Bahia, onde cada dia entrão muytas pessoas, que vão de Pernambuco, e tendo tantos instrumentos com que convencer, e rebater esta falcidade, se se quisera (como devera) aplicar a esse preciso exame, sem algum, deo a luz quimera tão horrivel. Com hũa falcidade conhecida, supoem em hum sacerdote virtuoso hũa lascivia dezenfreada que o acompanhou toda vida ate a idade outogenaria; hũa torpe, e reprehensivel omissão nos seos Prelados, e hum mao exemplo a todos os seos freguezes. Cita como prova concludente de cazo tão affrontoso huma carta, que vio ler, como se fora bastante documento para julgallo comprovado, e não fora semelhante narração injuriosa a vivos, e defuntos, com obrigação de lhes restituir a honrra, e fama, que lhes tirou com o seu escrito; fazendo-os odiosos a todos os seculos. Não queremos presumir que neste Autor faltasse a pedra de toque para distinguir nas noticias de Pernambuco o ferro do ouro, mas vendo atropellada a verdade, para corroborar hum argumento com hũa notoria ficção, accrescentadas circumstancias da propria invenção, e não se descobrindo interece deste Escritor nesta noticia, devemos discorrer, que não foy outro o motivo que fazer abundante de Exemplos modernos o seu Peregrino da America.

52. Presumir de todos os que acabão a vida com morte violenta e repentina, que seja castigo de suas culpas, he fazer hum juizo muito temerario. E suposto que muy pura hade ser hũa alma, e muy ajustada e perfeita hũa conciencia, para que em hũa morte repentina segure hum bom sucesso, he certo que da morte repentina de hum justo he Deos principal artifice, porque vendo as vezes, que algum está em estado de graça, lhe tira a vida de repente, para que não padeça as ancias, dores, e angustias da morte, sendo as vezes beneficio grande, o que se podia atribuir a castigo. Da limitada esfera do humano entendimento, procede o engano com que julgão os homens. Quantos vendo em hum peccador hũa morte com socego a tomão por annuncios da gloria, que vão gosar; e quantos vendo em hum Justo algum dezastre na sua morte, a calculão por prognostico da sua condenação.

53. De hum grande Santo Eremita, conta o grande Espelho de exemplos, que morrera nas garras de hum leão, que a pedaços o foy comendo vivo, e foy revelado por hum Anjo, a outros Santos Eremitaens, que permitira Deos acabasse este santo penitente com hũa tão desestrada morte, para que purgando com as angustias della alguns defeitos minimos, pudesse logo entrar no Ceo, como entrou sem passar pelo Purgatorio. S. Simeão Estylita o mais moço, que estando por muytos annos em sima de hũa columna fazendo a mais aspera penitencia, foy no fim delles morto a violencia de hum rayo, que o partio pelo meyo. S. Cirmon Abbade, e S. Andre Avellino, forão ambos mortos de repente com accidentes improvisos, e não se podem chamar repentinas estas mortes, para as quaes estes santos, se aparelharão toda vida. Por isso a morte violenta, e repentina do Reverendo Vigaryo Francisco da Fonceca Rego em nada prejudica a sua fama; porque na realidade teve hũa vida boa; assim como as aparencias de hũa morte boa aproveitão de nada a quem na realidade a tiver tido ruim: porquanto a boa, ou má vida he a que decide a questão, como a Santa Brigida o revelou o mesmo Christo.

CAPITULO 9º

SANTAS OPERAÇOENS DO VIRTUOSO PADRE CAETANO PEREYRA DE LIMA

54. A memoria deste grande servo de Deos deve pouco cuidado a seus Patricios, porque apenas se acha hoje quem deste se lembre; aos estranhos he mais obrigado o seu nome, porque ainda conservão os resplendores delle, na viva recordação dos seos progressos. Nasceo no Reciffe mais favorecido da natureza que da fortuna, logo no oriente da vida deu mostras do ternissimo affecto com que havia de amar ao Altissimo, palavras compostas, e acçoés modestas forão os exordios do que havia de obrar na mayor idade. Adverso as pompas, e vaidades terrenas, propendião seus affectos, para o Estado Ecclesiastico, em o qual achava caminho mais amplo para os desafogos da sua alma. Tem a conciencia dous actos, ou officios; o primeiro he examinar, e o segundo aconselhar: hum previo exame, e concelho da conciencia, forão as duas tochas, que a sua razão levou sempre diante de todos os actos da vontade, para se não desviar do caminho mais seguro da sua salvação.

55. Examinado bem pela conciencia o que a vontade queria se deliberou a procurar ordens. Com reverendas deste Bispado se embarcou para a Bahia no anno de 1713, donde conseguio as ordens, que

pertendia. Vendo-se no Estado clerical, começou com mais liberdade a exercitar se em actos virtuosos: fundando sobre os alicerces de hũa solidade o edificio da sua virtude. Ordenou a sua vida de maneira que todas as suas acçoens fossem acompanhadas de hũa caridade christãa, dirigida a gloria de Deos ao bem do proximo, e salvação das almas. Da cidade da Bahia proseguio a sua viagem para a do Rio de Janeiro; muito prospera a conseguio em a navegação da virtude, posto que por diferentes ramos, já entregando-se aos mares empolados, e profundos de hũa exemplar penitencia, e santa meditação; ja ao tranquillo e espaçoso occeano da caridade. Conhecido naquella cidade o seu talento, por não demorar o proveyto, que delle podia resultar ao proximo, o elegeo o Bispo para Paracho, e vigario da vara das minas do Sabara, com grande sentimento recebeo a noticia da nomiação, que delle para Paracho fazia o Prelado, e posto a seos pez lhe rogava o livrasse de semelhante occupação, deixando-o servir a Deos em ministerios livres de embaraços, e encargos. Como a repugnancia tinha por fundamento o servir a Deos, lhe respondia que muitos obsequios lhe podia tributar no officio aonde tinha hũa dilatada messe, em cuja cultura podia encher os celleyros da reformação christã com abundantissimos frutos. Nada o movia porque a tudo respondia: A minha obrigação não he curar almas alheas, quando ainda não sey tratar da propria; porem tirando o Prelado pela espada da santa obediencia, lançou por terra todas as repugnancias, sacrificando o servo de Deos o seu parecer nas aras da resignação, protestando porem que serviria o cargo emquanto lhe não perjudicasse a conciencia, nem inquietasse a sua alma. Entrou na regencia daquella Parochial Igreja como quem apetecia dedicar se com todas suas potencias, e forças no augmento do culto divino, bem das almas e reforma dos custumes; neste empenho trabalhou tanto que não he facil referir a numerosidade dos em que o meteo o seu zelo. Sendo as minas clima contrario ao temperamento da innocencia, não pode alterar no servo de Deos a armonia de seus virtuosos custumes, mas sendo aquella Igreja de copiosos reditos, e não havendo então na freguezia pobres com quem os repartisse, por serem todos os seos habitadores mineyros abastados, e poderosos, começou a temer que essas riquezas fossem cadeas de ouro, e grilhoẽs preciosos, que o prendessem com mais força, do que se fossem de ferro, e chegassem a captivarlhe a liberdade do espirito, occupado ou na sua concervação ou no seu augmento. Teme-as como estimulos da vaidade, e materia para os tumores da soberba; que se Jesu-Christo com interjeição comminatoria pragueja, e amaldiçôa os ricos (Luc. 6. 24); parece tem as riquezas em si hũa certa maldição, que como as agoas, que antigamente se davão a beber a mulheres suspeitas de adulterio, a qual se não cauza inchaçôes no ventre, no espirito, e

fantazia dos ricos, gera huns tumores que os fazem aborrecidos de Deos, e dos homens. E o mesmo Senhor diz que as riquesas são espinhos, e sobre cama de taes espinhos, entendia o virtuoso sacerdote não poderia o seu espirito tomar repouso.

55 (*). Com suas prendas e virtudes conciliou de tal modo o amor dos Freguezes, que se apostavão a render-lhe obsequios, e offerecer lhe regallos, e com estas effectivas demonstraçoẽs se considerava posto no meyo de Jerusalem, e Babilonia tão oppostas entre si, e que não podia caminhar a ambas partes juntamente. Via que hum he o Calvario, monte de cruzes; outro o Tabor, monte de glorias; que os Anjos que vio Jacob, que baxavão, não erão os que vio que subião; que so na necedade Filistea, cabia querer juntar em hũa Ara a Arca de Deos verdadeiro, e o Idolo de Dagon. Sabia, que nada tem que ver Christo com Belial; que hum Jupiter la se accomoda em hum mesmo templo, com Venus; e no altar em que cabe Mercurio poderá haver lugar para Juno, mas que Deos não cabe com outra Deidade, e intentar ajuntar o terreno, com o celeste, o humano com o Divino, seria querer viver como o peixe Menas, que no inverno está negro, no verão branco. Conciderava finalmente que honrras, e riquezas do mundo são flores; e quem nesta vida as goza, parece se despede de as gozar na outra.

56. Quem muito deseja chegar a hum termo, busca o caminho mais certo, e entre os certos o mais siguro; senão descobre outro, que o arduo, e escabroso, por elle segue as jornadas, porque não busca na comodidade do caminho, a mesma comodidade, senão nella, e no caminho o termo da sua carreira. Resolve se pois o servo de Deos a dirigir seus passos para o inculto de hũa soledade, e para o fragoso de hum monte; para imitar a Christo, Mestre Soberano, que sempre buscou os montes, ou para descanso de perseguiçoens, e fadigas; ou para orar a seu Eterno Padre. Transfigurou-se Christo em hum monte, diz S. Bernardo, para ensinar a seos servos, que com a concideração subão ao monte da Bemaventurança daquella gloria eterna para donde fomos criados, fugindo das occasioens, e tropeços do mundo, apartando-nos das suas vaidades, e retirando-nos a hũa soledade, cadeyra de desenganos, de donde melhor se vê o que he o mundo, e como são caducas, e transitorias todas as suas glorias. Via o servo de Deos ser arriscada a demora, e temendo engolfarse no abismo de conveniencias temporaes; sem mais interpor dillações com heroico despreso, do que possuhia de bens terrenos, sae das minas sem mais roupas que hũa roupeta, que cobria muitos cilicios; a pé, e descalso, com a cabeça exposta aos rigores do tempo, caminha para a lapa do Rio de S. Francisco.

(*) *Numero repetido.*

57. Esta prodigiosa lapa obra da natureza he fabricada em forma de hum perfeito Templo, com capella mor, e collateraes, tendo o cruzeiro trinta e tres passos de largura, e oitenta de comprimento toda a estancia. Nos lados se vem aberturas semi-circulares na grossura de fortissimas paredes, que formão vistosas capellas, as quaes com primorosas columnas sustentão em competente altura a pesada machina da sua transparente abobeda. Abre sobre o rio hũa varanda descoberta de sincoenta palmos, por onde penetrando a luz lhe faz todos os lugares claros. A este todo se entra por hũa grande porta, e para prova de que esta mysteriosa lapa estava destinada para templo catholico, tinha pendente do tecto, e nascido na abobeda hum sino de pedra, obrado pela natureza em forma de columna, com quinze palmos de comprimento, e o instromento com que se toca tambem de pedra, que ferindo-o o faz soar com retumbantes, e sonoras vozes.

58. A materia de toda esta fabrica são jaspes de cores diversas tão brilhantes, e de cores tão bellas, e tão varias, que o Arco celeste se não tivera as suas em mayor altura, as invejara; no tecto com disposição peregrina embutidos, parecem estrellas, que servem de pomposo adorno, e perpetuas alampadas deste maravilhoso Templo. Por fora na eminencia da penha, em que se encontra a lapa, se descobrem muitas arvores entrechaçadas com innumeraveis, e altos corpos da mesma pedra, que ao longe com agradavel engano dos olhos, representão, em justa proporção, torres, pyramides, campanarios, castellos, e mais edificios de hũa perfeita, e bem fabricada cidade. No alto e por toda a circunferencia da penha, a que chamão Etaberaba (que no idioma do Paiz, quer dizer pedra que luz) estão abertas varias grutas, e cavernas, estancias proporcionadas a vida erimitica, e contemplativa; e para mayor maravilha, estando o templo metido na lapa, tem o pavimento terra solta para sepultura dos mortos. O primeiro habitador desta lapa foi o Padre Francisco da Soledade, que resolvendose a fugir do mundo, e viver em hum deserto, para nelle fazer penitencia, sahindo da cidade da Bahia, com a companhia de hum santo crucifixo, e hũa Imagem de sua May Santissima, melhor guia da carreira da humana vida, foi penetrando os certoens, ate que descobrio esta lapa. Entrando nella achou em hũa das capellas collateraes para a parte do Evangelho hum perfeito monte Calvario, com hũa prodigiosa abertura tão proporcionada ao pé da cruz, que levava, que logo aly o collocou, e junto a ella a Imagem da May de Deos. Alguns annos depois tendo o Arcebispo da Bahia D. Sebastião Monteiro da Vide, noticia deste prodigio da natureza erigio em capella a lapa, com a Invocação do Bom Jesus, e com o titulo de Senhora da Soledade.

59. Chegou o servo de Deos a possessão pacifica desta soledade,

Joya para cujo achado havia empregado todo cabedal de seos desejos, e preço de seus trabalhos: dava-se mil parabens por este bem em seu apreço tão estimavel, como lhe havia sido custoso. Quis neste devoto domicilio confirmar por exemplo, o mesmo que ensinava com a doutrina, e se na Igreja do Sabarà era penitente, nesta lapa subio de ponto nas austeridades, e rigores. As mortificaçoẽs penaes com que macerava seu corpo, erão tantas, como rigorosas. O Jejum era continuo, e quase sempre com legumes, celicios perpetuos de penetrantes pontas, cruentas disciplinas, a dureza da terra por cama, e o sono tão escaço, como promettia a dureza do leito. Seu corpo estremecido aos golpes de tão dura mortificação, apezar das rebeldias grosseras da sensualidade, estava com sugeição ao espirito, em cujo tribunal sentada de pè firme, governava a razão. As armas com que se defendia dos assaltos do Inimigo Infernal, erão entre outras as da santa oração e perpetuo silencio. Usava tambem das da humildade, vivendo com grande submissão, e abatimento; e assim estas, e aquellas erão vigorosissimas para destruir a todo inferno.

60. Porem esta vida santa, e rigorosa, pelo mesmo cazo que era muito agradavel aos olhos de Deos, era igualmente molesta ao inimigo universal da virtude, o qual por si, e por alguns Instrumentos buscava occasioẽs, com que perturbar a serenidade de seu espirito. Em hũa fez com que certo clerigo o maltratasse com palavras injuriosas, e elle conhecendo o motor, o amofinou respondendo aos oprobrios com rasoens humildes. Vendo se frustrado por este meyo applicou fortes combates, envestindo-o com a vaidade, e, soberba. Erão muitos os peregrinos que concorrião aquelle novo Santuario pelos muitos milagres que a Senhora obrava; e achando os homens tratantes na Minas do Sul transito mais breve por aquella parte para Pernambuco, e Bahia, abrirão caminho junto a nova Igreja, e ficou sendo aquelle deserto pelo grande concurso de romeiros, e caminhantes muito frequentado. Como a virtude nunca pode estar tão solitaria, e encoberta, que finalmente os homens a não descubrão, a fama da penitente e virtuosa vida do servo de Deos se fez notoria por tal modo, que não havia em aquelles lugares pessoa algũa, que o não quizesse conhecer de vista, e os que o tratavão largarião tudo pela sua communicação, e, presença; mas destas veneraçoens a sua humildade nenhum apreço fazia, e so servia para mais se fundar no conhecimento da propria vileza.

61. Ainda que na soledade daquella lapa havia chegado a gozar seu espirito aquelle socego, e paz, que são fruto de perfeitos desenganos, e de hũa conciencia pura, como a virtude, que he verdadeira não se contenta só com o bom, e annella sempre ao melhor, desejava adiantar-se, sacrificando-se todo a Deos nas Aras da Religião de S.

Bruno, donde sem reserva algũa fizesse de si inteiro sacrificio. Havendo consultado com seu confessor a sua vocação, e por elle aprovado seu destino partio se para a cidade da Bahia, e emquanto não havia embarcação para passar para o Reyno foy viver em hum bosque, fugitivo do comercio humano, donde são muy frequentes os perigos, por que nelle os vicios, com a viciada inclinação propria, se socorrem da malicia alhea, que com a pratica de seus máos exemplos, faz menos horroroso o veneno da culpa. Passou para a Bahia, e desta cidade se embarcou para a de Lisboa com o designio de se recolher no Mosteiro dos Cartuxos da sagrada ordem de S. Bruno. Chegado a corte se hospedou em caza do Padre Pedro de Oliveira, sacerdote de bom nome, regeitando todas as asistencias que lhe queria fazer o capitão Domingos do Rego Barboza por recõmendaçoens de seu irmão o capitão Mathias Barboza da Sylva, para viver mendigo. Grande estranheza lhe pudera cauzar o trafego da corte, a não ser tão virtuoso que soube conservar os silencios do deserto, no ruidoso torpel de tão populosa cidade. Hum dos seus principaes cuidados foi dobrar as guardas a seus sentidos, que estando bem mortificados são baluartes, que defendem as purezas da alma.

62. Viveo alguns annos em Portugal desconhecido de illustrissimos parentes, que tinha na corte, gososo de viver olvidado no mundo, por eternizar no ceo sua memoria. Não sabemos por menor os passos da sua vida em Portugal. Por hũa carta, que escreveo no anno de 1718 ao Padre Frey João da Purificação Religioso da Reforma do Carmo, vemos, que não tendo effeito o seu primeiro destino estava determinado a servir em certo hospital. Nesta carta, e em outra que escreveo a sua May se da a ler a valentia do seu espirito no despreso do mundo.

63. Aqui chegão as noticias, que temos do que elle obrou ate o anno de 1718, as quaes constão de varias relaçoens autentieas asignadas por pessoas de autoridade e referidas por testemunhas de inteyro credito. Sabemos tambem que proseguio fazendo ao ceo copiosos serviços ate o anno de 1723, que foy o de sua ditosa morte, em o qual com muitos sinaes de salvação coroou os merecimentos da vida, com estas ultimas noticias deixamos sua memoria, para que a continue quem as tiver mayores, e mais individuaes dos seos progressos, e prodigios da sua morte de que tanto publica a Fama.

CAPITULO 10

MEMORIAS DE OUTROS MUITOS SACERDOTES QUE ILLUSTRARÃO A PATRIA COM SANTOS PROCEDIMENTOS

64. Instruido nas letras e ordenado presbitero o devoto Padre João de Lima natural do Reciffe lhe encarregou o Exm°. Bispo D. Frey Joze Fialho a administração da Parochia da Boavista; nesta occupação deu bem a conhecer o seu talento, zelo e virtudes. Amava a Deos com todas as suas forças, e desta enchente de caridade, procedião os affectos com que os pobres, e zelava o bem das almas. Tão longe extreminou de si as paixoens naturaes, que dizião lhe injurias em vilipendio do seu nascimento e proferião oprobrios contra o seu bom procedimento, e todos achavão em seu animo tanta insensibilidade, como se fora hum rochedo. Era singelo, humilde, penitente, austero, e muito dado a contemplação dos bens eternos, e em santas obras acabou a carreira da vida com hũa morte santa.

65. O Padre João Moreyra nasceo no Reciffe para espelho de sacerdotes na modestia pureza de vida, e santidade dos custumes; brando, affavel, pacifico, e muito desapegado das couzas da terra, mas por isso mesmo os grandes della o extimavão como varão do ceo. Os Exm.os Prelados desta Diocese formando delle hum grande conceyto lhe encarregarão a regencia da Igreja, e hospital da Soledade, e muitas vezes o visitavão neste Recolhimento, onde em obras de caridade seguia os vestigios do servo de Deos o veneravel Padre Antonio Manoel Feliz. Caminhando como elle pela estrada de hũa altissima perfeição, e pisando durissimos abrolhos de penitencia, tambem como elle poz termo as mortificaçoẽs deste rigoroso caminho, pois cançada a natureza com os rigores da mortificação, e debilitada com os trabalhos, veyo a cahir prostrada do rigor de hũa febre. Logo no principio della pedio o Santissimo Sacramanto por viatico, e depois de o receber de joelhos, pedio a todos, que se achavão presentes perdão de algum escandalo que lhes ouvesse dado (quando a todos tinha edificado com seus bons exemplos) e que resassem com elle a ladainha da Senhora, a qual finalisada recitou as oraçoens, que se costumão. Conhecendo finalmente que era chegada a hora da sua feliz partida, proseguio em amorosos colloquios, e com muito socego entregou sua alma nas maós do Senhor, que a havia creado, e remido.

66. Na Parrochial Igreja de Ipojuca descanção as cinzas do seu zeloso, e virtuoso vigayro Manoel Correa Feyo. Nasceo no Reciffe no

anno de 1692, forão seos Pays João Correa Feyo Sodre e Luisa da Assumpção de Moura. Logo na primeira idade deu grandes sinaes do que havia de ser na mayor. Era muito composto na pessoa, modesto nas acções, puro nas palavras, e bem instruido nas letras, prendas que lhe merecerão o grao de Presbitero, e ser eleyto para Parocho de hũa das maiores freguezias deste Bispado. Entre as muitas prerogativas, que lograva, e o fazião merecedor daquelle cargo, era notavel a sua submissão, caridade, e modestia. Tão acautelado vivia em guardar a Joya da castidade, que nunca levantava os olhos para ver rosto de mulher, os seus custumes, as suas palavras, e inclinaçoẽs respiravão fragancias de virtude, testemunhando a pureza que conservou por toda a vida o confessor que lhe ouvio a confissão ultima. Predisse o dia do seu fallecimento, e depois de morto acharão seu corpo apertado dos cilicios com que o martyrisava para o ter sempre sugeito as leys do espirito.

67. O Padre Cypriano Pacheco, natural da freguezia do Cabo, supposto não fosse letrado, nem occupasse lugares honrrosos, aspirou a outros mais levantados, que se possuem na Bemaventurança, e adquirẽm pelo estudo, e sabedoria da observancia das leys Divinas. Estudou o que bastava para entender a lingua latina, e cazos de conciencia, para servir a Deos no altar, e ao proximo no conficionario. Era humilde, modesto, candido, sincero, e penitente, desvelado em exercicios de caridade, muito cuidadoso das obrigaçoẽs do seu estado, e igualmente sofrido nas occasioens de trabalho. Em todos os tempos, e em todos os actos respiravão suas acçoens, e palavras fragancias de honestidade, e modestia. Foy sua morte semelhante, e correspondente a innocencia da sua vida, e teve hũa circunstancia, que a fez muito celebre; ao redor de hũa barra, que lhe servia de cama nascerão varias plantas, e tanto que o servo de Deos falleceo, aparecerão todas copadas de flores brancas. Forão muitos os que presenciarão esta maravilha, e louvarão a Deos por este indicio da virtude, e Bemaventurança do seu servo. Ainda que a caza tinha o pavimento terreo, e se podesse entender que poderia produzir aquellas plantas, o seu apreçado crescimento, não mostrarem sinaes de produzir flores, porque não se via nellas hum so botão, e secarem brevemente depois da sua morte, confirmou a todos no assombro deste successo. He a virtude de castidade flor, e Deos honrrou, e publicou a deste seu servo com flores; que foy o mesmo que hum mudo pregão, que dizia: Christi bonus odor sumus Deo (2. Cor. 2.14). Em pessoa deste virtuoso sacerdote, bem podemos dizer aquillo do Ecclesiastico: Flores mei fructus honoris, e honestatis; As flores que produz a minha caza, são frutos de honrra, e honestidade; das honrras que desprezey no mundo, e da honestidade que conservey por toda vida.

68. Com principios, meyos, e fins fervorosos conseguio o Padre Antonio Martins, natural de Ipojuca, Irmão do Deão da Se de Olinda Francisco Martins Pereira hũa feliz passage desta vida mortal para a eterna. Havia cultivado como lavrador cuidadoso a vinha de sua alma, arrancando do terreno viciado pela primeira culpa, as sylvas agrestes de avessas paixoens com o arado da penitencia; e abrigando o puro grão da ley Evangelica com o rego de suas lagrimas, e calor da graça, veyo a colher copiosos fructos. Alegre no fim da vida vendo proxima a colheita, se abrasava seu coração em amorosas ancias de ter em possessão o glorioso premio de seus trabalhos. Fortalecido com os sacramentos entregou seu espirito em o osculo do Senhor, como quem se entrega a hum doce sono, e felicissimo descanso.

69. He a caridade hũa elegante, e compendiosa cifra de todas as virtudes. Laço que as une, e diadema que as coroa. Nesta virtude fez admiraveis progressos o Padre Balthezar Correa dos Reys, natural de Olinda. Pela estrada real do amor de Deos, e do proximo fez todo o comercio de sua vida, caminhando do humano ao divino, e tornando do divino ao humano, e gyrando neste perfeito circulo vinhão todas as linhas de suas virtudes unidas a parar no centro da caridade. Por mais de cincoenta annos servio na Igreja, e hospital da Misericordia desta cidade, louvando a Deos e servindo ao proximo. Com hũa innocencia, e santa ambição desejava o mayor valimento na corte do ceo, e por que sabia que quem na terra mais deo por amor de Deos, no ceo he mais cabido; tudo que possuhia dava a pobres por amor de Deos. De nenhũa cousa deste mundo fazia apreço, nem tinha olhos mais que para tirar delles motivos de louvor ao Senhor. Era muito humilde, modesto, devoto, e penitente, e por mais q̃ cuidou em occultar com a capa da propria humildade, e cautella, o fino da sua virtude, foy sempre estimado por varão santo, e com especialidade do Bispo D. Mathias de Figueredo. Fallava-lhe este santo Prelado como custuma hum filho a seu Pay, e o servo de Deos com candida lhaneza lhe chamava filho. Revelou-lhe o Senhor a hora do seu transito, cujo annuncio encheu a sua alma de hum extraordinario prazer. Rendeu-lhe as graças, e tratou de dispor se para o logro appetecido. De jöelhos esperou o sagrado viatico, e banhado de lagrimas o recebeo. Tanto que sentio junto a si a morte abraçando-se com o santo crucifixo se despedio desta vida, deixando nesta Provincia opinião veneravel.

70. Na freguezia de S. Amaro de Jaboatão nasceo o virtuoso Padre Apolinario Moreira de Vasconcellos; seus Pays Antonio Moreira Dalto, e D. Isabel Caldeira de Vasconcellos erão da primeira nobreza desta Provincia. Pozerão na sua educação muito disvello, como temerosos de Deos imprimindo no candido papel de sua alma de tão boa tinta

os virtuosos custumes, que os conservou com exemplo, e extimação de seos naturaes. Applicado ao estudo das letras instruido, e ordenado de Presbitero conseguio por opposição a vigayraria da Luz, onde se constituhio hum perfeitissimo Paracho. O exercicio da vida activa mais ordinario, depois da administração dos sacramentos a seus freguezes, era assestirlhes em suas infermidades, e trabalhos, consolando-os, favorecendo-os, e exortando-os a q̃ com a conformidade, e paciencia os fizessem aos olhos de Deos preciosos. O agrado, afabilidade, e discrição com que os tratava, era de summo alivio em suas dores, angustias, e afliçoens. Em estando algum de perigo não se apartava da sua cabeceira, cuidando em que nada lhes faltasse para remedio da saude do corpo, e da alma, alentando-os com santos desenganos ao desprezo desta vida mortal, e ao verdadeiro apreço da eterna. Com a mesma pontualidade acodia a caza dos pobres, aos quaes asestia com largas esmollas para soccorro das suas neccessidades. Este constante exercicio de virtudes, o puzerão em altissima extimação, em que perigara a sua humildade, se a não tivera fortalecida a mão do altissimo, para que vivesse aterrado no profundo conhecimento da sua propria miseria. Nestes sagrados ministerios passou os dias da vida, ate que foy receber a coroa de seos virtuosos trabalhos.

71. O Padre Francisco Leitão, filho de Paulo Leitão de Versoza, nasceo na Povoação de Ipojuca. Por ser insigne Gramatico, e Musico teve escola publica destas sciencias, que ensinava sem outro interesse, que o aproveitamento de seos discipulos. Com mayor disvelo lhes ensinava bons costumes mostrando a experiencia, que o mesmo era ser seu ouvinte, que virtuoso. Por suas virtudes, e rara modestia adquerio na geral extimação nome de santo. Attenuado com o excesso das penitencias, lhe sobreveyo hũa aguda febre pela qual conheceo ser chegado o termo da sua vida, e recebendo os sacramentos com grande piedade, entregou seu espirito nas mãos do seu creador.

CAPITULO II

SANTA MEMORIA DO CONEGO JOÃO DE TORRES DE RIBEIRA, A QUEM ACOMPANHÃO OUTROS DOUS SACERDOTES DE NOME LOUVAVEL

72. Nasceo o grande servo de Deos João de Torres de Ribeira na cidade de Olinda, onde forão seos Pays João de Torres, e sua mulher Isabel de Barros, que o criarão com o cuidado que pedia a boa indole que manifestou na infancia. Era de genio docil, e suave, e como em branda cera estampavão a bella imagem das virtudes. Vendo seos

Pays a genial applicação ás letras, e devotos exercicios, e que na gravidade das suas operaçoẽs desaparecião todos os devertimentos pueris, não quiserão, que corresse so a conta da domestica doutrina o progresso, que promettião tão elevados principios, e resolverão fiar esta importante empreza aos estudos, e doutrina do collegio Patrio dos Padres Jesuitas. Applicado as letras se adiantou muito, estudando para saber, e não para medrar, fazendo cabedal das noticias, para comerciar no bem das almas, e servindo-se da sua Luz para disterrar sombras de culpas, guardando-se com disvelo grande da ambição, e vaidade. Instruido nas sciencias amenas, e severas, e não menos no exercicio das virtudes se ordenou de Presbitero, e applicado ao ministerio do pulpito foy insigne Pregador, por concorrerem nelle as admiraveis prendas de hũa presença veneravel, voz clara e sonora, acçoẽns ayrosas, natural facundia, copiosa noticia das letras sagradas, e doutrina dos Padres. Conhecendo porem que este conjuncto, negocea mais applauso, que fruto, e temeroso do applauso, tratou de cultivar em si as virtudes, para melhor persuadir com o exemplo. Esta prudente deligencia foy regular-se as leys de perfeita caridade, que começa em si propria para derramar-se aos proximos. Pelo admiravel exemplo das suas virtudes, pela efficacia de seus sermoens, e pelos admiraveis frutos da sua doutrina subio a suprema altura da extimação, sendo venerado como hum oraculo. O Illustrissimo Bispo D. Frey Francisco de Lima conhecendo a rectidaõ do seu procedimento desejou servir-se delle no officio de Escrivão da Camera Ecclesiastica, e não conseguio que por mais de quinze dias exercitasse aquella occupação, dizendo: aceitara o cargo para mostrar que obedecia, e o largava por entender que lhe não convinha. Para ser digno possuidor do canonicato da cathedral da sua Patria, em que fora collado, poz todo seu cuidado em dar inteira satisfação a sua obrigação. Se na oração vocal gastava no choro as horas determinadas pelos Estatutos, na mental se detinha todo tempo, que ficava livre de precisas occupaçoens. Cheyo de merecimentos, que excedião os annos passou placidamente desta vida temporal para a eterna, deixando gloriosa fama da sua santidade.

73. O insigne Padre Leandro Ferreira de Azevedo nasceo em Goyana, onde foraõ seus Pays Manoel Ferreira do Amaral e sua mulher Jeronima de Almeida ambos descendentes de nobres familias. Acabados os estudos, e aperfeiçoado em elles sem defraudar o das virtudes se ordenou Presbitero, e começou com alentos novos a exercitar se no manejo da santidade, por serem as armas com que alcançamos do inimigo commum as mais gloriosas victorias. Por toda sua vida levou muito adeante a mortificação dos sentidos. Nunca em suas palavras se ouvio demazia, engano, ou falcidade, e por isso com grande lizura, e

sinceridade fallava, e tratava a todos. Ninguem no seo conceito era máo, como tinha coração singelo, e sem refolho, a todos conciderava adornados da candidez de animo, que elle tanto estimava. Era humilde de coração, e amava por extremo a paz; aborrecia de sorte o que pudesse parecer porfia, que com facilidade se deixava vencer das rasoens dos outros, ainda que conhecesse as suas mayores efficacias. Regulava de sorte as suas acçoẽs que servião de claros espelhos a seus Patricios para comporem perfeitamente as vidas. Competia a severidade dos Jejuns com o rigor das disciplinas, revelando muitas vezes o sangue impresso nas paredes do seu aposento, a multiplicidade dos golpes, com que reduzia o corpo as leys do Espirito. Era innumeravel o concurso de pobres que frequentavão sua caza, cujos clamores soccorridos com a esmolla paravão em applausos. Com a gloria de suas piedades illustrou a caza da Misericordia daquella nobre villa, de que foy capellão mor por muitos annos, feito pelo Fidelissimo Rey D. João V. Com os enfermos pobres se mostrava mais liberal a sua caridade, visitava-os, exortando-os a paciencia, e os deixava remediados. Querendo o santo Tribunal da Inquisição servir-se do seu talento o nomiou seu cõmissario, cujo ministerio desempenhou com a satisfação, que promettião suas letras, e virtudes. Hum dos argumentos mais convincentes das virtudes heroycas deste servo do Senhor, era aquelle anhelo de tratar sempre com pessoas Espirituaes, e perfeitas. O santo entre santos serà santo, porque tem a virtude suas emulaçoens, e estas alentão a melhorar seus partidos, se vive entre peccadores, ha de ser a virtude muy bem complexionada para que a não inficione o seu contagio. Para melhor conseguir frequente cõmunicação com pessoas Religiosas, formou da sua caza hum hospicio, e erigio hũa capella, que dedicou a May de Deos de quem era cordialissimo devoto, e convidava aos Religiosos Esmolleres, que andavão por aquellas partes, para lhe fazerẽ companhia em seos virtuosos exercicios, e os tratava com grande reverencia e amor. Tendo vivido oitenta e trez annos com grande fama de santidade, ate que ja o corpo gravado com o peso dos trabalhos, e extenuado com o rigor das penitencias se rendeo a summa fraqueza, e deo liberdade a alma para que voasse a sua Patria celestial livre das pençoens lastimosas deste desterro em sete de setembro de 1756. Predisse o dia da sua morte, que esperou de joelhos fortalecido com os sacramentos. Tanto que se publicou o seu fallecimento, accodirão em numeroso concurso os moradores de Goyana, e achando o corpo do servo de Deos com sinaes de vivo, romperão em louvores das suas virtudes. Vestido o veneràvel cadaver com as sagradas vestimentas, e santo habito de S. Francisco de que era profeço na Ordem Terceira, e colocado no corpo da Igreja Matriz daquella nobre villa, concorrerão a veneral-o

pessoas de todos os sexos, estados e condiçoens. Huns lhe beijavão os pez, outros as mãos, e todos procuravão a posse das suas alfayas; não sendo possivel atalhar-se cortarenlhe cabellos, e unhas, e parte das roupas. Esteve trez dias exposto, incorrupto, e flexivel, no fim dos quaes foy sepultado na capella mor, no jasigo de seus Mayores.

74. Obrou o Senhor em confirmação da piedosa fe que se tinha de sua santa vida, e eterno descanso muitos prodigios. Padecia o servo do Senhor hũa rotura pela qual sahindo parte dos intestinos tinhão formado hum grande tumor, tanto que falleceu desapareceo de tal sorte aquella deforme inchação, que não deixou sinal algum do que fora. Depois de quarenta e coatro horas morto, lhe cortarão as unhas, e ferindo os dedos sahio sangue fresco. Applicando hum morador a seus olhos lastimosamente enfermos hum barrete de seu uzo se vio repentinamente livre da molestia, que padecia a muitos mezes. Applicado o mesmo barrete ao ventre de huma mulher, que por quatro dias tinha padecido as dores, e angustias de hũ perigoso parto, pario immediatamente a criança com tanta facilidade e felicidade, que encheo de goso a quantos testemunharão o prodigio. Como tal se publicou logo pela villa o que move a muitos a procurarem as suas alfayas como reliquias. Deus q̃ he admiravel em seos santos, farà que sirvão para mayor gloria deste seu fiel servo; cuja intercessão piamente cremos, que não nos faltara, se implorarmos com fe sincera, humildes rogos, e obsequiosa submissão.

75. O Padre João Velho Gondim, nasceo no Reciffe, e forão seus Pays Francisco Velho Gondim natural de Ponte de Lima, Fidalgo da Caza Real, cavalleiro na Ordem de Christo descendente de Garcia de Gondim Fidalgo Frances, da Illustrissima caza dos Gondini de França, que depois de servir na India, e occupar honorificos postos veyo a Pernambuco e cazou com Dona Luiza Monteira. Passou sua mocidade envolto nas vaidades do mundo, ainda que no meyo das delicias, com que brinda o seculo a seus amantes çoçobrava o seu coração em temores, que fazião amargosas suas falças doçuras, e o assustavão as poderosas vozes do desengano. Ferido do estimulo do temor santo de perder-se, se resolveo a servir a Deos no Estado Ecclesiastico e estando bem instruido na lingua latina, e Theologia moral se ordenou de Presbitero. Conhecendo a obrigação, em que o poz a sublime dignidade do sacerdocio, era tal a modestia do seu semblante, a compostura das suas palavras, a madureza de seus custumes, e a mortificação de seus sentidos, que chegou a edificar com seos exemplos, aos mesmos que havia escandalisado com suas vaidades. Cõ heroica resignação tolerou a ultima infirmidade, e tendo com grande ternura recebido os sacramentos passou placidamente desta vida caduca para a eterna.

CAPITULO 12

SANTA VIDA E PRECIOSA MORTE DO VENERAVEL PADRE ANASTACIO DE BRITO GOES

76. Coroaremos os capitulos antecedentes com o presente em que tratamos da santa vida e preciosa morte do veneravel Padre Anastacio de Brito Goes, nasceo este insigne sacerdote na freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres de Marangoape sendo seus Pays Manoel da Costa Meyreles, e Luiza de Brito Goes. Logo na idade juvenil cuidou muito em não desperdiçar o tempo em divertimentos pueris, e para evitar as fataes consequencias da occiosidade se applicou no collegio dos Padres Jesuitas do Reciffe ao estudo das sciencias, e ao exercicio das virtudes. Ordenado de Presbitero se dedicou ao estudo da Theologia moral, como tão necessaria ao Estado Ecclesiastico, que professava, em que sahio consumado. Pela inteireza dos custumes, sciencia, e actividades do seu zelo, foy nomiado coadjutor da Igreja de Marangoape, distante pouco mais de hũa legoa da cidade de Olinda para o Norte, e de que era então vigario Alexandre da Fonceca, hoje conego da cathedral desta Provincia. Como bom operario trabalhava o servo de Deos nesta vinha do Senhor, com toda a efficacia; e todas as molestias, que padecia lhe parecião suaves pelo ardente zelo, com que anhelava o bem das almas. Era morador na mesma Freguesia certo homem indigno de lhe escrevermos aqui o nome, que escandalosamente vivia concubinado. Foy muitas vezes chamado, exortado, e convidado por mil modos para se apartar da occasião dos seus escandalos; porem como ha espiritos, ou tão contumazes, ou tão fatuos, que se mostrão rebeldes contra os avisos divinos, pois por mais que estes os movão interiormente, arguindolhes os seus delictos, e estimulando-os a penitencia, elles se não dão por entendidos. Não servião a este miseravel os avisos, e concelhos se não do que serve o sol a hũa topeira, e do que servio o canto das sereas as orelhas de Ulysses; mas como a conciencia não cessasse de o importunar com remorsos, nem o seu Parocho de lhe fallar com amorosas admoestaçoens, respondia com excusas apparentes, desculpas frivolas, e promessas falças, confundindo (a maneira dos sacerdotes de Baal) com o ecco de seus affectados discursos as vozes, que Deos lhe estava dando as portas do coração, para que as não podesse perceber com clareza, e se visse obrigado a lhes responder com promptidão, ficando se desta sorte sepultado como dantes em seu peccado, baldados os divinos auxilios, as deligencias pastoraes sem fruto, e a sua salvação em perigo; e isto não por trez annos, como

aquella arvore, que Deos mandou cortar, mas por muitos mais annos. Depois de tanto sofrimento ainda continuava o servo de Deos em avisallo, mas elle cada vez mais cego, surdo, insensato, e insensivel as inspiraçoēns divinas, aos impulsos da Graça, e aos ameaços da Justiça, com viciosa constancia perseverava na sua teima, e contumacia.

74 (*). Tendo o Parocho feito mais do que era obrigado, deu conta ao Illustrissimo Prelado do escandalo, que causava aquelle morador, e das muitas deligencias que havia feito pelo fazer melhor, fazendo elle tudo por pior se fazer. Penetrado o Prelado com o vivo sentimento de ver aquella ovelha nas unhas do lobo, e cerbero infernal, sem que tantas deligencias a podessem trazer ao rebanho, e pasto saudavel, julgou prudentemente de uzar de outros meyos, para ver se o temor do castigo o fazia retroceder da precipitada e cega carreira, que a passos contados o levava ao infalivel despenhadeiro da sua perdição eterna; mandou se procedesse contra elle com cençuras, e mais penas de direito, ate com effeito se emendar. Foy a execução do castigo commettida ao Padre coadjutor, por se achar o vigario auzente, que entendendo que para a emenda eterna da sua alma, seria inutil, e ainda nocivo o rigor, por que o medo da pena, quando muito o faria hipocrita, e nunca penitente; e para que não socedesse, que tirada a occasião de hum peccado, reconcentrada a má intenção, produsisse outro novo peccado no odio contra o Juiz, que o castigava; com vozes, e admoestaçoēns excessivamente brandas, e amorosas torna a instar, e a persuadir a emenda do seu peccado, e escandalo.

77. Sendo a benegnidade nos Prelados o antidoto de maior efficacia contra o veneno das culpas dos subditos, porque a aspereza tanto exaspera os animos, quanto a brandura anima, e conforta os coraçõens, nenhum effeito causou no coração d'aquelle peccador a suave bataria com que o servo de Deos combateo a forte muralha de seu obstinado peito. Como o miseravel homem não desse esperanças de melhoria, senão de continuar no infelice destino, a que o precipitava a sua fragilidade, junta com o depravado costume, obedeceo ao mandado do superior, e o declarou escommungado, não ignorando que se expunha a padecer os effeitos da vingança de hum homem obstinado, e soberbo. Intimada a sentença de excomunhão, devendo ser o collyrio mais efficaz que lhe abrisse os olhos da alma, para ver o miseravel estado, em que torpemente jazia, foy tal a paixão, que concebeo, que abrazado nos incendios da ira, e nos desejos da vingança, se arrojou a commetter uma acção verdadeiramente barbara, e que apenas se podia achar em hum gentio obstinado. Acompanhado de outro malfeitor de

(*) *Numero repetido e deslocado.*

tão ruins procedimentos, e de vida tão estragada como elle, esperou entre alguas arvores ao servo de Deos, que se retirava da caza de seus Irmãos, moradores no Pao Amarello, para a sua, situada ao pe da Parochial Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres de Marangoape, e com dous tiros de espingarda o trespassarão com muitas ballas, tirando com sacrilegio tão horrivel a vida a hum Ministro de Deos, tanto menos culpado, quanto elle mais criminoso. Em hũa rede o carregarão logo para a cidade de Olinda, e recolhido em casa do seu vigairo, foy visitado pelos mais peritos cirurgioens, que declararão serem, por penetrantes, mortaes as feridas. Com animo constante, e juizo claro pedio o veneravel sacerdote os sacramentos, e sem alguma demora lhe forão administrados. Bem se deixa conciderar a ternura, e devoção com que receberia aquelle Senhor por cujo amor morria. Com ardentes affectos, e ternissimas lagrimas, que lhe nacião do coração entrou a dispor-se para a jornada da eternidade, e depois de pedir perdão de suas tibiezas, e maos exemplos, com aquella ingenua humildade, que poem a alma na lingoa dos justos perdoou a seus inimigos, e pedio a seus Irmãos, que não fossem partes na accusação dos sacrilegos homicidas; e abraçado com hum santo crucifixo não cessou de lhe pedir perdão com amorosas lagrimas até entregar seu espirito nas mãos do criador com aquella paz, a que David chama dormir; porque a morte dos justos he somno suave, em que descanção dos trabalhos desta vida mortal, quando se vem na eterna. A' dor, e sentimento dos que assestirão a seu transito, expressado entre lagrimas e soluços era incomparavel. Assestirão a seus funeraes o Illustrissimo Bispo com seu clero, e a Nobresa da cidade, e se lhe deo sepulchro na Cathedral em 13 de Abril de 1737 sete horas depois que foy ferido, onde espera a Ressurreição universal, para em companhia da sua bemaventurada alma se revestir dos sobrenaturaes dotes, com que Deos promette glorificar os corpos de seus servos em premio da fidelidade, que tiverão em ajudar os espiritos na exacta observancia de seus divinos preceitos.

78. Qual fosse o escandalo que causou o sacrilegio, que commetteo homem tão barbaro, não ha para o ponderar aqui, porque por si mesmo se está manifestando. A causa que houve para tão execrando excesso, ja dissemos, que fora por cumprir o servo de Deos com as obrigaçoens do officio Pastoral. Canonisado fica o bom Paracho na morte, que padeceo, e na corôa que alcançou de Martyr. Chamo martirio a gloriosa morte deste illustre sacerdote, porque nem todo martirio nasce do odio, que tem a nossa santa fe o infiel Tiranno, senão que tambem o he a constancia, que por amor a virtude sabe fazer sacrificio da vida dando a cabeça ao laço, o pescoço ao cutello, e o peito a balla. Sobre esta materia disputa largamente o erudito Padre Theophilo

Raymundo em seu Tratado de Martyrio per pestem, assentando, que ainda o morrer em serviço dos apestados a instancias ferverosas da caridade, e da misericordia he martyrio, sem que neste genero de morte tenha parte a crueldade dos Tirannos. O que no nosso caso melhor se verefica da autoridade do grande Padre S. Agostinho sobre o Psalmo 40, cujas são a letra as seguintes palavras legalmente traduzidas do latím a nosso vulgar: De verdade, diz o Santo, muitos morrerão, e são Martyres, porque os peccados dos homens os contradizião, e elles resistindo a suas maldades, são tidos por Martyres; porque tudo aquillo, que o homem padece em testimunho da verdade, e da justiça, tudo isso acceita, e computa o Senhor por Martyrio. He tambem sentença expressa do Angelico Doutor S. Thomas 2. 2. q. 124. art. 5. diz assim: As obras de todas as virtudes, segundo se referem, e encaminhão a Deos, são humas certas protestaçoens da Fe, pelas quaes se nos da a entender, que Deos quer, e pede de nos outros estas obras, e que por ellas nos premea, e segundo esta concideração podem ser causa do Martyrio. Por esta rasão erão chamados no tempo de S. Agostinho Martyres os Confessores, que por amor de Jesu Christo padecião tormentos. Os que são desterrados em odio da Fe, e os que morrem nas guerras santas contra infieis, e hereges em defensa da Christandade são tidos por Martyres. A Santo Thomas de Cantuaria se dà o titulo de Martyr, por ter defendido a custa de seu sangue os direitos da Igreja.

CAPITULO 13

VENERAVEIS MEMORIAS DE MUITOS NATURAES DE PERNAMBUCO, QUE NA SAGRADA RELIGIÃO DA COMPANHIA DE JESUS, FLORECERÃO EM VIRTUDE E DOUTRINA

79. He a sagrada Religião da Companhia de Jesus hum ceo exmaltado de brilhantes Estrellas, e hum lusido globo de resplandecentes Astros. Neste firmamento de resplendores luzio como superior Planeta o veneravel Padre Laureano de Britto. Nasceo no Reciffe, e no collegio da cidade da Bahia profeçou o instituto da Companhia com muitos indicios de aproveitar nas virtudes e letras. Seguio estas sem largar o estudo d'aquellas, e por ambos caminhos se constituio eminente nas duas Theologias Mystica e Escolastica. Não foy menos insigne nas humanidades, e artes, sendo preclaro Filosofo, eloquente orador, e em tudo perfeito. E quando estas prendas unidas a hua vida honesta, pura, e inculpavel podera administrar premios a seus meritos, se vio expulso da Companhia estando occupado na Presidencia dos Estados de Olinda.

Sem acodir a justificação da sua innocencia com heroica insensibilidade respondeo so com o silencio, e com fazer no seculo hũa vida exemplarissima. Da pena que lhe motivou sucesso tão estranho, e não esperado, formou pennas para voar ao ceo. Os trabalhos se ouve culpa, são castigos, e se culpa não ouve são augmento de merecimento.

80. Fez a calumnia neste insigne Jesuita, o mesmo que faz a neve nas plantas. Logo que a neve cobre as plantas, não se destinguem as cores, porque a todas igualou na cor, mas ao aparecer do sol se derrete a neve, e se desfaz aquella superficie, que encobria aos olhos a verdade, com o que tornando as plantas a cobrar sua cor cada hũa parece o que he. Coberta esteve dous annos a virtude do veneravel Padre com semelhanças de culpa, mas ao aparecer do sol da verdade se desfizerão todas as viciosas aparencias com que a emulação a occultara, e cobrira. O cuidado, e caridade com que o Rm̃ Padre Geral Miguel Angelo Tamburino zelava o credito da Companhia, e honra de seos Alumnos foi tão generosa, que informado da innocencia do Padre Laureano, a todas as razoens preferio o lustre da sua reputação, soltou as duvidas, tirou as suspeitas, e declarou abertamente que o veneravel Padre aindã que expulso não era criminoso, e mandou que tornasse para a Religião. Oh se os Prelados sempre conhecessem a verdadeira causa dos infortunios dos subditos, quantas vezes acharião a innocencia perseguida da emulação, combatida da inveja, deslusida com suspeitas desfigurada com calumnias, e com injustiças opprimida. Saibão os Prelados que a restauração destas ruinas he o mais firme fundamento da sua gloria, e então fica mais avultada sua justiça, bonpade, prudencia, e Religião, quando se declarão defençores da innocencia.

81. Em receberem os Prelados outra vez em a sua Companhia este illustre soldado de Jesus, não so foy o veneravel Padre o interessado, mas teve a Companhia singulares conveniencias. Renascido no ceo da Religião como sol no berço do seu oriente, e nas mantilhas da Alva, expoz para admiração do mundo, e credito da Companhia os bellissimos resplendores da sua sciencia, e virtude. Havendo destinado Deos a este varão Apostolico para Mestre, e Pregador das verdades, e perfeiçoens Evangelicas, o enriqueceo com enchentes de virtudes, para que se lograsse seu Magisterio, que mais que nas palavras, funda suas eficacias nos bons exemplos, que tem a mais eloquente persuasiva. Pregou na cidade da Bahia a seguinte Quaresma, e nos sermoens que fez mostrou a sua sciencia, e fervoroso zelo, que sempre teve do serviço de Deos, e do augmento da sua gloria na salvação das almas, cuja utilidade espiritual incãçavelmente procurou e promoveo ardentissimo orador, que com o fogo do Espirito Santo acendia os coraçoens

dos ouvintes, e os exortava a reformação de suas vidas, como quem bebera o Espirito abrasado de seu grande Patriarcha S. Ignacio de Loyola. Arribara neste tempo a Bahia hũa nao da India, em que vinhão embarcados muitos operarios da Companhia, que passavão ao Oriente a derramar luzes de doutrina naquellas remotissimas regioens, fallecera na viagem o Padre director dos Noviços, e o veneravel Padre Laureano se offereceo aos Superiores para suprir aquella falta. Embarcado se fez a nao na volta da India, e no discurso da viagem exercitou o seu zelo em grandes obras de caridade, que lhe grangearão cômum applauso, e veneração. No collegio de Goa se vio obrigado pelos superiores a ensinar Theologia, mas sendo outro o seu destino, recorreo ao Padre Geral, e conseguio empregalo na asperrima, e arduissima missão do Reyno do Malabar, situado na costa da Azia, na peninsula do Rio Indo, aquem do Ganges, ao Poente do Cabo Comorim, por alguas duzentas legoas de comprido. Nesta costa se comprehendem muitos Reinos, que das suas cidades principaes tomão o nome, como Angaleme, Calecut, Cananor, Cochim, Coulão, Travancor, Granganor, Tanor etc. Toda esta região esteve algum dia sugeita ao dominio de hum so Principe, e dizem que o ultímo se chamava Samara Perimal, hoje esta debaixo do dominio de diversos Principes. São os Malabares tão supersticiosos, que com a mão direita não tocão cousa algũa suja. Pode hũa mulher tomar quantos maridos quizer, ao contrario da ley dos Mahometanos, que aos homens permite quantas mulheres quizerem. Castigão com notavel rigor latrocinios, ao passo que outros delictos, ou são canonisados como virtudes, ou não castigados como culpas.

82. De Goa fez viagem a Travancor com o designio de reduzir para Deos os coraçoẽs gentilicos; começou a espalhar o grão Evangelico com tanta felicidade, que em breve tempo colheo copiosos frutos, trazendo a Fe innumeraveis idolatras de cuja barbaridade indomita se não esperava sugeitassem os animos ao suave jugo da ley Evangelica. Pelo numero de infinitos se computavão os infieis, que este excellente Missionario convertia a Fé de Christo. Animado com o bom successo desta primeira empreza, e incitado com as inspiraçoens da graça Divina entrou pelo interior do Reino aonde do proprio modo vio bem remuneradas as suas fadigas em reducçoens notaveis daquelles felices barbaros, que lograrão a dita de enviarlhe o altissimo de tão longe quem lhes mostrasse o caminho da salvação.

83. Não podia jà o inimigo do bem das almas sofrer tanta destruição, e ruina em seu diabolico imperio, e enfronhado nos coraçoens ferinos dos sacerdotes Idolatras /aos quaes em publicas disputas havia muitas vezes o servo do Senhor convencido/ fez que com aparentes e

fantasticas razoens persuadissem a seu Principe o perigo a que estava exposta a sua authoridade, e vida, pela multidão de vassallos, que havião abraçado a Fé dos Christãos; que ou causarião irremediaveis rebelioens, ou sem respeitar a Magestade o obrigarião a abandonar a seyta de seus mayores. Com estes, e semelhantes discursos de apparentes conveniencias, e infernaes astucias, provocarão de tal modo a ira do Rey, que com cruel desatino manda que posto o servo de Deos ao sereno (que naquelle Paiz he subtilissimo homicida) acabe a vida. Prezo de pez e maõs o puzerão em hum campo para que sem resguardo padeça os mortaes effeitos do pestifero ar. Mas que frustados forão os seus intentos, trocou-se o nocivo sereno, em saudavel, e precioso orvalho, que lhe acrescentava as forças, ao passo que mais lhe alentava o espirito; vendo os infieis que para com o servo de Deos perdera o sereno a sua activa e maligna calidade, o passarão para hũa estreita e rigorosa prisão, aonde o deixarão carregado de grossas cadeyas, injurias, e opprobrios. Tolerou o veneravel Padre este tormento com insigne paciencia, e porque julgava os tormentos por mimo do ceo, os agradecia ao Senhor com devotas ternuras. Nesta prizão padeceo trabalhos immensos, porem suavisados com o muito fruto, que fazia consolando os convertidos, e fortalecendo-os na Fe. Com este fruto entretinha a actividade do seu zelo, gososo de não ter em ociosidade o seu talento. Considerando o Rey, que ao mesmo passo que o servo de Deos padecia na prizão mais affrontas, e injurias, pullava a Fé, e florecia a Christandade, pois vendo os convertidos, e os infieis a sua constancia nos tormentos que padecia, se confortavão aquelles, e estes se sentião movidos a crer a innocencia da sua vida, e a verdade da Religião, que pregava; entendia, que este excellente Missionario fazia mayor opposição, que todos, as profanas veneraçoens de seus Idolos; e esta razão foy suficiente para que o Principe com os sacerdotes sequazes das suas diabolicas supersticoens conjurassem contra a vida do veneravel Padre, crendo, que so com a morte deste acerrimo defençor e ardente Pregador da ley de Christo, podia reynar segura a Idolatria.

84. Com ardentissimo dezejo suspirava o veneravel Padre pelo Martyrio; mas tão contrario foy o sucesso ao seu desejo, que estando já condemnado a morte de cruz, receoso o Rey de hum motim improviso fomentado pelo grande numero de fieis seus vassallos, que sentião mal das injurias, e tormentos, com que era tratado o servo de Deos, o mandou soltar. Muy sentida foy do veneravel Padre esta inesperada suspenção de sua morte, aconteceo lhe o que succede a hum Rey victorioso, que determinando de entrar triunfante em hũa cidade se entristece, e aflige se por algum caso inopinado se retarda o dia da sua entrada, e do seu triunfo. Que nenhũa couza mais magôa o coração,

do que a suspenção de hum bem de que ja está quase segura a posse, e infalivel o logro; mas quiz Deos conservarlhe a vida para perpetuar em seu coração a pena de não morrer, que para ser Martyr no dezejo era preciso, que padecesse hũa pena sem lemite. Depois de solto cada instante de vida foi para elle hum tormento, e cada hora hum Martyrio, porque não pode haver Martyrio mais vivo, do que aquelle que do mesmo viver se origina. Consumido finalmente com os tormentos, que havia padecido, e perennes desvellos (não desestindo das applicaçoens trabalhosas de Missionario) e carregado de annos, e merecimentos passou desta vida a lograr na outra o premio de tão boas obras.

85. O Padre João de Maria, natural de Olinda, na idade da adolescencia deixando o mundo recebeo a Roupeta da Companhia em o collegio da Bahia. Logo no Noviciado se admirou a sua virtude tão adulta, que servia de exemplar, e estimulo aos seus companheiros; nas letras foi tambem admiravel o progresso que fez o seu talento, das quaes começou brevemente a ser Mestre lendo por largo espaço de annos Rethorica, Filosofia, Theologia Especulativa, e Moral, admirando assim os domesticos, como os estranhos a novidade das suas opinioens subtilmente ventiladas, e nervosamente defendidas. Não foi menos insigne o seu talento no Pulpito atrahindo com as suas vozes a muitos peccadores ao caminho da penitencia. As suas grandes letras unidas a benevolencia do genio, urbanidade do trato, e consumada prudencia lhe agenciarão o Reytorado do Seminario de Bethlem, de cuja saudavel doutrina derão testemunhos muitos seminaristas, que sahirão a illustrar diversas Religioens. Eleito Reitor do Collegio de S. Paulo; mostrou-se obediente em admittillo, e modesto em renunciallo. Os cuidados que havia applicar para o governo, os dedicou a pregação Evangelica, sendo incansavel em conduzir almas para o ceo. Em devotos exercicios continuou até que foy receber a corôa de seus Apostolicos trabalhos preparada aos justos, dando fim a vida no mesmo collegio, em que nasceo para a Religião.

86. Nasceo o insigne Padre Manoel Sarayva na cidade de Olinda de nobre prosapia, e mostrou logo na puericia o engenho, e genio do que havia de manifestar na idade adulta. Com estas esperanças acompanhadas de boas prendas foy recebido na Companhia quando contava quinze annos de idade. Continuou o noviciado em o collegio da Bahia, no fim do qual aprendeo as sciencias mayores adiantandose nellas com vantagens muy conhecidas e envejadas. Por ser insigne nas letras humanas as ensinou nas primeiras classes, e no collegio da Bahia leo Filosofia, Theologia Especulativa, e Moral, com grande proveito de seos ouvintes. Ao exercicio das sciencias, correspondia o das

virtudes, que lhe merecerão o esplendor de varias Prelazias. Foy Mestre de Noviços, devendo-se a sua vigilante cultura frutificarem aquellas novas plantas como herdeiras do seu espirito, não somente em beneficio da Religião, mas de todo o Brazil.

87. Deste lugar foy tirado para secretario da Provincia, e deste para Reytor do Collegio de Olinda. Ainda não tinha finalisado este cargo, quando o Rm.º Geral o nomeou visitador da Provincia do Maranhão, e superior absoluto de todas as missoens d'aquelle vastissimo Estado. Acompanhado de alguns varoens Apostolicos promovidos do seu exemplo partio para o Maranhão a procurar com indefesso trabalho o augmento da Religião, e conversão daquella Gentilidade. Chegado aquella Provincia tratou de aproveitar o tempo em beneficio do proximo. Penetrou muitas vezes descalço, e sem algum viatico para sustentar a vida, fragosas serras, lugares incultos, e solitarios, tolerando excessivos calores, e rigorosos frios. A tão laboriosa cultura correspondeo abundantemente o fruto, reduzindo ao suave jugo do Evangelho a infinitos barbaros, que vivião mais como feras, do que homens embrenhados na espessura dos matos, domesticando os seus custumes, illustrando seus entendimentos, e purificando com as agoas do bautismo as suas manchas, devendo-se ao seu incansavel disvello a conversão de infinitos gentios, e a edificação de innumeraveis Aldeyas. Attendendo o Reverendissimo Geral da Companhia ao incansavel desvelo, com que tinha agregado tantos filhos ao gremio da Igreja, e serviços que havia feito a Religião o nomeou Provincial do Brazil, lugar que aceitou constrangido, e não exerceo, por que consumidas as forças, e alentos vitaes com o ardor de tantas Apostolicas emprezas cahio enfermo, e depois de receber os sacramentos entre fervorosos colloquios entregou a alma a seu creador.

88. Em todas as regencias e Prelazias (que na verdade são dificultosissimas) se ouve o servo de Deos como quem tinha especial graça deste Senhor para plantar virtudes, e dissipar abusos, sendo tão estimado, e querido de todos nas demonstraçoens de brandura, como nas execuçoens de rigor. Acrescentou o esplendor da sua Fama com a clemencia, e sendo naturalmente colerico, e ardente, so lhe servia a ira para estimulo do valor, e instrumento necessario para dificultosas, e arduas emprezas. Em todos os mais acontecimentos a piedade aplacava em seu coração as alteraçoẽs occasionadas do affecto impetuoso da ira; que servindo-lhe de temperamento, e moderação lhe communicava hũa suavidade, e cortesania, que obrigava a todos a amallo, e os subditos a obedecer lhe com primor.

89. A força da sua vigilancia, e cuidado, assestida dos vigores da Graça divina, devem as Missoens do Maranhão o seu espiritual, e

temporal augmento, motiva porem admiração, o rigor, e austeridade, com que este virtuoso Prelado se tratava em tão laboriosos empregos; mas assim obrão aquelles que aceytão os cargos para sacrificarem nelles as vidas em obsequio da Magestade eterna. Gastos os dias de vida em frequentes estudos, occupaçoens trabalhosas, muitas penitencias, acompanhadas de outras pençoẽs desabridas, rompeo as prisoens da mortalidade, e se retirou para a Bemaventurança; deixando nos annaes da Companhia o nome de gloriosa memoria, brazão, com que o condecorou o Reverendissimo Geral bem merecido, por compendiar em hũa vida breve, muitas virtudes preclaras.

90. Em todas as idades serà plausivel o nome do muyto douto, e virtuoso Padre João Nogueira. Nasceo no Reciffe, e logo nos primeiros annos deo sinaes evidentes do que havia de ser na maior idade. Alistado na Companhia de Jesus, seu raro talento o constituio em virtudes admiravel, e nas letras singularissimo, nestas encheo o Brazil de admiraçoens, e com aquellas de exemplo. Sua virtude foi solida sem affectação, e sua sabedoria eminente sem vaidade. Nunca se lhe divisou defeito algum; mas sempre hũa robusta constancia no amor da virtude. Se os seus escritos se derão ao Prelo, podião formar se delles diversos tomos, os quaes acharião universal estimação, porque lograrão muita dos homens mais doutos, consultando-o nas materias mais graves, cujo voto era venerado como decisão, por ser estabelecido em profunda literatura, e conciencia timorata. Não era este Padre applaudido pela razão somente de ser muito douto, mas por que as suas letras andavão germanadas as prendas, e virtudes de Religioso perfeito, era humilde na cõdição, e aspecto; affavel no trato, e para todos tão benigno, que ao mais vil escravo dava confiança para recorrer a elle quando necessitava do seu amparo, ou concelho. Quiz a Religião occupar seu talento nas Prelazias, porem a morte, que como invejosa da gloria dos homens, afoga no seu nascimento as maiores emprezas, cortou com o fio da vida deste insigne Jesuita as linhas, que com o cargo de secretario do Provincial se hiaõ lançando para a execução deste discreto intento.

91. No collegio da cidade de Olinda he plausivel a memoria do insigne Padre Paulo Carneiro, nasceo de illustre prosapia na caza do Brum situada na freguezia da Varzea, pouco mais de hũa legoa do Reciffe, sendo filho de Paulo Carvalho de Mesquita, e de Ursula Carneiro. A graça divina, que logo de tenrros annos o foy prevenindo, e dispondo para seu fiel servo, o ajudou nas applicaçoens litterarias, para que adornado seu espirito com virtuosos custumes, acompanhassem a estes os matizes de boas prendas; com hũas, e outras era agradavel a todos, e o foy tanto aos Padres da Companhia, que com boa vontade

o receberão no seu sagrado gremio. No estado Religioso encherão seos procederes, e virtudes toda a esperança que derão principios de virtude tão ferverosos, adiantando-se tanto no caminho do ceo, que nos primeiros annos já parecia provecto, e muy douto na escola da perfeição. Mais empenho mostrava em solicitar os agrados do Senhor, a quem dezejava servir, que em singularizar-se nas faculdades, que estudava. A mayor, e melhor parte do tempo era para a sabedoria do ceo, dando a menor a erudição da terra; mas na escola da oração tinha hum grande meyo, para afinar o Juizo, fecundar o entendimento, exercitar a memoria, e afervorar a vontade. Querendo sacrificalla ao divino amor nas aras de copiosas fadigas aceytou o cargo de Reytor do collegio da Capitania do Espirito Santo, e depois dos collegios do Reciffe e Olinda, em cujas ocupaçoens fez Deos numerosos obsequios. Era de extremado talento para os mais altos empregos; por concorrerem nelle letras e virtudes alem da prudencia, e socego de animo, pelas quaes prendas conseguia numerosos agrados, e dava fim a difficultosas emprezas. A mayor prova da sua capacidade foi a eleição, que delle fizerão os Prelados para Procurador Geral assim no Brazil, como em Portugal em tempo de importantes negocios, por se conhecer que tinha em tudo, que obrava respeito ao esplendor da Religião, e não reparava no proprio descomodo, quando delle podia resultar emolumentos a sua ordem. Depois de ter servido com boa satisfação muitos lugares (os quaes o buscavão pela virtude, e não elle a elles pela ambição) buscou descanço a seu espirito no collegio d'Olinda. Era universalmente reverenciado por amigo de Deos, brando, affavel, benigno, e socegado, e teve húa morte feliz com muitos sinaes de predestinado.

92. O Illustre Padre Jose Coelho nasceo em Olinda de preclara familia, para honrra da mesma cidade, a quem remunerou o nascimento e creação com o esplendor de muitas, e illustres virtudes. Passou sua mocidade envolto nas vaidades do mundo, occupado nos cargos honrrosos da Republica, e com pouca applicação ao exercicio da devoção, ainda que em meyo das delicias, com que o mundo brinda a seus amantes, soçobrava seu coração em temores que fazião amargas suas falças doçuras. Cahio finalmente no laço do desengano com os reclamos das inspiraçoens divinas; e trocando as verduras da sua idade em sazonados frutos de exemplos, emprendeo húa vida difficultosa pelas asperezas da mortificação, porem muito facil pelo concurso dos soberanos auxilios. E sendo bem inclinado promptamente seguio a vocação do ceo, e a poz em effeito alistando-se na Companhia de Jesus. Abraçou os rigores do noviciado com generoso espirito, vencendo todas as lutas, e violencias com que o amor proprio se oppoem aos actos de abatimento, e aniquilaçoens da humildade. Entregou-se a contemplação dos

bens eternos, e nesta escola, em que se adquire mais luz, do que em todas as universidades do orbe, achou aquella sciencia que o graduou Mestre em preclaras virtudes, e brilhou nelle gloriosamente a santidade sobre a nobreza do sangue.

93. Applicou se as letras sem ambição de applausos por não envillecer seos nobres suores, feriados ao leve preço de hũa vaidade, que deixa o coração vazio de toda virtude, e o affea com soberba inchação. Punha se na tarefa dos livros com virtuosa cobiça de saber para aproveitar-se a si, e ao proximo, cõmunicando sem inveja as luzes da sua doutrina. Applicou sua attenção e estudo as sagradas letras, por ser este o estudo, que havia de dar copiosa materia a seu Apostolico zelo. Na lição dos santos Padres não so achava gustosos frutos seu entendimento, mas sentia dulcissimos affectos sua vontade. Não se pode declarar com quanto cuidado appetecia que Deos fosse venerado, e servido na terra; este ponto lhe levava continuamente as attençoens. O ardente zelo da mayor honrra de Deos, que tinha este virtuoso Padre não se estreitava aos termos precisos da Religião, cujo governo teve muitas vezes sendo Mestre de noviços, Reytor do seminario de Bethlem, e do collegio do Reciffe, se não tambem a propagação da Fe em gentios infieis, e em outros ja convertidos. Para o conseguir trabalhou perennemente na vinha do Senhor, enriquecendo a Igreja Brasiliana com tão copiosos frutos, que so na Provincia dos Ilheos converteo a Fe catholica hũa nação inteira. Em outras muitas Aldeas arvorou a bandeira das virtudes, e fez para a milicia de Deos muita gente, que nas auzencias de seu capitão, e caudilho guardavão suas ordens, e fazião ao Demonio vigorosa guerra. Com esta mesma felecidade, e admiraveis progressos a favor das virtudes, e extirpação dos vicios fizerão seos sermoens hum notavel effeito. Pregava com aquelles creditos, e frutos, que lhe merecerão sua santidade, e zelo Apostolico, enchendo o nome de luz, e sol (proprio dos Pregadores) com a infatigavel tarefa de seos resplendores, dando ao mesmo tempo calor as virtudes com sua doutrina, e exemplo.

94. Na observancia dos seus estatutos foi pontualissimo, entendendo que o cumprimento da obrigação he o mais perfeito. A maior e mais segura defença da Alma he o retiro, em cujo silencio ouve mais vivas as vozes de Deos em suas santas inspiraçoens. Praticou o veneravel Padre Joze Coelho esta maxima com todo cuidado em tudo que permitiaõ os Apostolicos exercicios da Companhia, em que he preciso comerciar com o mundo para os ganhos do ceo; porem neste ruidoso trafego achava o seu coração espaços largos para formar dezertos em cujo silencio tinha sem faltar a utilidade dos homens todo seu trato, e conversasão com Deos. De Maria Santissima foy cordialissimo

devoto, e ardentissimo amante, venerando entre suas admiraveis excellencias a sem exemplar prerogativa da sua virgindade fecunda e perpetua. Teve-a sempre por sua especialissima Patrona, e refugio em suas tribulaçoens, e recebia da sua poderosa mão singulares favores. Com esta santa vida em provecta idade se achava morador no collegio de Olinda quando o asaltou a ultima infirmidade e para que a morte o achasse bem previnido se fortificou com os sacramentos. Desta sorte sem lhe causar temor o seu horrivel aspecto, nem os conflictos, e combates da sua tirannia aballo, suavemente lhe offereceo o despojo corporeo que pertendia, retirando-se com o trofeo de victoriosa sua alma a receber a coroa prevenida para os que contendem pelo premio da gloria.

95. O Padre Jeronimo de Albuquerque natural de Olinda filho de Mathias de Albuquerque Governador da Parayba, neto de Jeronimo de Albuquerque Governador do Maranhão, despresando o mundo, e suas grandezas, e attrahido da virtude dos Padres Jesuitas abraçou o seu instituto, recebendo a roupeta no collegio da Bahia, onde o inimigo commum lhe representava as delicias, e licenciosa liberdade da vida passada, e lhe propunha os inconvenientes da que estava praticando, porem armado da divina graça resistia a violencia destas sugestoens. Profeçou com grande jubilo da sua alma, e em todo tempo de sua vida se mostrou na oração continuo, na penitencia rigoroso, na abstinencia admiravel, e na charidade ardente. Atenuado com o numero dos annos, e muito mais com as penitencias se retirou ao collegio Patrio, onde dando bons exemplos a seus naturaes viveo alguns annos no fim dos quaes provada a sua paciencia com hũa penosa, e diuturna enfermidade, recebidos os sacramentos com summa piedade, entregou placidamente o espirito ao seu creador.

95 (*). O veneravel Padre Francisco Fialho, nasceo nas Ribeiras do Rio de S. Francisco da parte de Pernambuco, e no lugar em que seu Pay o coronel João Pereyra Fialho erigio hum sumptuoso Templo, que dedicou a Maria Santissima com o titulo de N. Senhora do O, de que depois fez doação para Igreja Parochial. Erão seus Pays igualmente nobres, que opulentos, e vendo que este filho desde a puericia começou a mostrar a inclinação, que tinha para o exercicio das virtudes mais heroicas, sendo compassivo, e modesto, de tal sorte que servia em idade tão tenra de exemplar aos annos mais provectos; o mandarão para a cidade da Bahia, para que com a doutrina dos Padres Jesuitas fosse doutamente instruido. Com copiosas assistencias o entregarão a hũa honesta matrona, que lhe deo em seu coração o lugar de filho, tratando da sua educação com affectos de verdadeira May. Não

(*) *Numero repetido.*

tinha outro cuidado, que lhe roubasse o tempo para esta amorosa occupação; e na soledade que padecia lhe era de conveniencia a grata companhia do minino, porque no seu ensino tinhão proveitoso exercicio suas virtudes.

96. Entrou nas classes da Companhia, com dezejos de saber, e sabendo que são sem applicação aos livros innuteis os dezejos, se aplicou de tal sorte, que ajudado de rara comprehenção, e feliz memoria, fez em pouco tempo nas sciencias amenas admiraveis progressos. Augmentava-se mais a admiração, que causava a sua habilidade com a innocencia da vida, que observava, abstendo-se de todo genero de divertimento pueril, fugindo a companhia de viciosos, e occupando-se com summa seriedade superior aos seos annos, nos exercicios de piedade, e devoção. Obedecendo a vocação de Deos, recebeo na florente idade de quatorze annos no collegio da Bahia a roupeta da companhia, e foy tal o fervor com que abraçou o seu sagrado instituto, que no Noviciado pareceo veterano na observancia regular. Depois de feita a profição, não dedicou menor cuidado ao estudo das sciencias escolasticas, do que applicava em alcançar as virtudes religiosas. Depois de ensinar a lingoa latina, e humanidades em algúas aulas dos collegios da sua Provincia, passou a ler louvavelmente hum curso de artes no de Olinda, e logo depois a exercer o cargo de Perfeito dos Geraes do collegio da Bahia, onde finalmente foy cathedratico de Theologia por alguns annos. Mas como seu espirito o exercitava com vehemencia ao santo exercicio das Missoens com licença do seu Rm.º Geral fez dimissão da cadeira de Theologia para se applicar totalmente a Pregação do Evangelho nas praças mais principaes da mesma Bahia, Rio de Janeiro, e Pernambuco: e despindo-se totalmente dos applausos mundanos prezava unicamente a Jesus-Christo, e quanto menos se prezava a si mesmo, então erão mais numerosos os curiosos: tanto assim que ainda os mayores templos, vinhão ser limitada esfera para os ouvintes. Ainda hoje são memoraveis os concursos, e as processoens do Padre Fialho, missionando as portas da Igreja da Senhora da Palma na cidade da Bahia. Foy então a materia dispor húa procissão dos condenados de todos os Estados pela distribuição de cada hum dos dias da mesma missão comprovada com a sagrada Escriptura, e amplificada com exemplos das letras sagradas, e reflexoens dos santos Padres, dos quaes tinha muito boa lição, que ajudado com a graça divina, actividade no dizer, e efficacia no persuadir, causou húa notavel reforma nos ouvintes, e excitou nelles húa fervorosa devoção a Maria Santissima, persuadindo-os para sinal de predestinados o serem devotos da mesma Senhora, trazendo juntamente pendente ao pescoço o Rosario da mesma Senhora.

A este bom fim distribuhia por sua propria mão os mesmos Rosarios; e nestas circunstancias ainda os mais ricos, e de maior graduação de ambos os sexos, e de todos os Estados chegavão a receber da mão deste fervoroso Missionario o seu Rosario que logo passavão ao pescoço. Esta mesma devoção procurou sempre introduzir com exemplos, que referia aos seus discipulos sendo Mestre, e aos seus ouvintes nas suas Pregaçoens, assim panegyricas, como doutrinaes. Nos collegios onde asestio pregava com frequencia, e as tardes de Quaresma repetidos sermoens. Visitava alguas vezes na semana os carceres, e os Hospitaes, repartindo com os enfermos e encarcerados a huns a veronica, a outros o Rosario, para assim melhor os attrahir à devoção de Maria Santissima, e dos mesmos Santos cujas imagens se vião esculpidas nas mesmas veronicas, persuadindo os juntamente a pureza da conciencia por meyo de hũa confissão perfeita, e de hũa vida ajustada. Para os pobres, que encontrava pelas ruas erão as algibeiras da sua roupeta hum thesouro aberto em beneficios; a huns dava dinheiro, a outros a fatia de pão: e a este as contas, a aquelle a veronica, ou resisto de pergaminho, com a obrigação porem de rezar logo hum Padre Nosso com hũa Ave Maria ajoelhados a porta da Igreja mais proxima, ou da cruz mais vizinha, a que tudo assestia de caminho e ajudava a rezar este bom Padre, quando a occasião lho permetia. Para este subsidio da pobreza tinha prompto o soccorro dos seus parentes, e a faculdade dos superiores; e ainda do mesmo Geral bem informado da caridade, e fiel distribuição deste bom esmoler. Os moribundos em toda a parte o procuravão ter a sua cabeceira, e ao seu lado os padecentes, e ajustiçados ate o seu ultimo supplicio; porque a todos abrangia a sua notoria commiseração. So comsigo parecia pouco caritativo; porque era muy parco, e moderado no seu comer, e muito pobre no seu trato. No seu cubiculo (do qual so o vião fora quando a obediencia, ou caridade para com o proximo, ou as visitas ao S.S.mo Sacramento lho persuadião) não se vião mais do que instrumentos de mortificação, pobreza, e devoção; porque tinha pela ordem das paredes pregadas huãs pequenas cruzes de paos distribuidas com tal ordem, que lhe servião de Via-Sacra, ladeadas por todas as partes com alguns resistos pequenos de pergaminho pobremente pregados na parede para fomento da sua devoção, aos quaes nos seus dias festivos accendia algũas luzes, e nos dias, em pregava, deixava o mesmo cubiculo a maneira de hum sepulchro com vellas accezas athe voltar depois da pregação ao seu custumado recolhimento. Estes estimulos da sua devoção para com Deós, e para com os Santos, poucos Religiosos chegavão a perceber; por que a sua cautella era tão industriosa, que a todos impedia a entrada no mesmo cubiculo em occasião de parabens, com apodos festivos, e gracejos engenhosos; tanto assim que a não ser o superior nestas

occasioens, ou o enfermeiro, e medico nas suas enfermidades, nenhum outro podia facilmente resistar com olhos o que temos referido. Ainda hoje na via sacra das tribunas do collegio de Olinda buscando o choro pela parte do Evangelho a respeito do altar mor, existem na parede em frente, hum fermoso quadro de Christo crucificado, e pelos lados das paredes pregadas as cruzes de madeira, que fez ali collocar com licença dos superiores, para desafogo da sua devoção a Paixão sagrada de Christo, onde hia so, e outras vezes acompanhado de outros Religiosos, corria devotamente a Via Sacra. Nestes, e outros empregos da sua devoção, e juntamente no exercicio de admiraveis virtudes se achava este veneravel Jesuita, quando opprimido de trabalhos, cansado de affliçoens, acomettido de dores, e enfermidades, que forão crescendo com os annos, o assaltou a ultima, e logo conheceo que o era pela dissipação das forças. Quem tanto soube preparar-se para a morte parece, não tinha para que temella, mas como era sabio tratou da disposição mais conveniente. Confessou-se com os vagares de quem queria repassar as contas de toda vida para as apresentar no tribunal tremendo do supremo Juiz, recebeo o santissimo viatico com devota ternura, e pouco depois o sacramento da unção, armando-se com estes sagrados escudos para a ultima batalha. O tempo, que lhe restou de vida gastou em repetidos colloquios a Maria Santissima, aos Santos Patriarchas S. Ignacio, e S. Francisco; ao Anjo da sua guarda, e a outros muitos Santos da sua devoção. Os actos de contrição erão frequentes, e as reconciliaçoens a cada passo; e porque são justos todos os temores naquella hora derradeira, por que athe a ultima queda he contingente o perigo, prudente o receyo; pedio aos Religiosos, que lhe assestião o absolvessem, quando já fora dos sentidos o vissem por a mão sobre o peito em sinal de que assim o pedia a sua dor, e contrição; mas foy Deos servido conceder-lhe o uzo de todos os sentidos, athe entregar a ditosa alma a seu creador com a suave spiração dos santissimos nomes de Jesus e Maria. Logo que se divulgou a sua morte foy grande a comoção da cidade, que concorreo com a principal Nobreza a venerar aquelle cadaver, que fora depositario de hũa alma, thesouro de todas as virtudes, Fenix dos engenhos, Alcacer da sabedoria, e deposito da caridade. O afflito sentia o haver perdido a pratica dos conselhos saudaveis; o penitente chorava a falta desta verdadeira guia de peccadores nos confissionarios para as melhoras do seu espirito, o pretendente achava menos esta valia para o premio do seu merecimento; e mais que todos chorava a pobreza vulgar haver perdido nelle hum verdadeiro Pay da pobreza. Em conclusão o grande, e o pequeno, o Ecclesiastico, e o secular tinhão materia sobrada para o elogio das suas virtudes. Foi notoriamente venerador do Estado

Ecclesiastico, e com muita especialidade o foi dos filhos do Seraphico Patriarcha, do qual foi tambem no modo possivel filho espiritual com licença dos seos Prelados, professando na sua Ordem Terceira de Penitencia, e distinguindo-se com a insignia do seu cordão, que trazia continuamente cingido pela parte interior da roupeta; imitando tambem nesta parte ao grande Padre S. Frãcisco de Borgia ornamento immortal da sagrada Companhia. Os Religiosos de Nossa Senhora do Carmo da Observancia, referirão com notavel edificação sua, e consolação da Companhia, que o Padre Fialho ajoelhava as portas da sua Igreja a fazer oração a Nossa Senhora do Carmo todas as vezes que por ali passava. Publicavão todos suas virtudes ao mesmo tempo, que exprimião com sentidas vozes os affectos da dor na falta deste veneravel Jesuita.

96 (*). O Insigne Padre João Pereyra, nasceo na opulenta, e famosa villa do Reciffe, onde teve por Pays Nicolau Pereyra, e D. Leonor de Abreu, ambos de conhecida nobreza; foy bautizado na Parochial Igreja do Corpo Santo, e logo no oriente da luz da razão deo mostras da grande claridade de juizo, de que o ceo o dotara, e não menos de hũa singular inclinação ao exercicio das virtudes.

97. Na idade de quatorze annos, se alistou na sagrada companhia, armado com os virtuosos exemplos, que lhe derão seus Pays, e Mestres nas doutrinas do temor de Deos. Recebeo a roupeta no collegio da Bahia, e a santa criação do noviciado unida a hum genio docil, e bem morigerado fez os effeitos que todos admirarão neste sugeito illustre; em cujas operaçoens se virão sempre fervores de hum abrazado zelo, flamantes luzes de caridade, authorisada a composição Religiosa, no aspecto, e a perfeição Evangelica nas virtudes. Depois de ter cursado as escolas com maravilhosa comprehenção das sciencias, o occuparão seus Prelados em varias cadeyras com grande aproveitamento dos seos discipulos. Passados alguns annos neste ministerio trocou as cadeiras pelo pulpito, no qual brilhou com tantos creditos da sua erudição, como frutos que fazia nas almas o sublime da sua doutrina, alentada com os vigores da graça do ceo.

98. A Religião que o trazia muito na frente da sua acceitação e agrado, começou a occupallo no governo de varios collegios portando-se nelle com hũa vigilancia admiravel, e com sua custumada prudencia. As suas acçoens, e custumes veneraveis, tambem acceytos de todos erão notorios aos Prelados Geraes por andarem assistidos sempre da claridade famosa da sua prudente conducta, e solida piedade. Como Deos lhe havia concedido a graça de ser agradavel a todos, não havia algum,

(*) *Numero repetido.*

que não o dezejasse collocado no melhor lugar; por esse respeito no anno de 1736 lhe mandou o Rm.º Geral (inspirado sem duvida pelo ceo, para lhe fazer numerosos serviços) patente de Provincial desta Provincia do Brazil, porque ja era tempo de se dilatar, e estender a sua presença pelos mesmos passos da sua fama, dando por toda esfera destas vastissimas regioens a conhecer por esperiencia o que jà era vulgar por noticia. Em todo Brazil era conhecido por doutissimo, e santo, e agora confirmou no posto a fama, ajuntando-lhe com o seu governo preclaros creditos.

99. Cresciào os brados da fama, e lhe concorrião porfiadamente os cargos, estimaçoens e honras; depois de ser Provincial, foi Reytor do collegio da Cidade da Bahia, e nesta occupação se achou privado da vista, pela doença dos olhos, a que os Doutores chamão Amaurosis, palavra Grega, que val o mesmo que hebetação, ou escuridão, e o que vulgarmente chamamos Gota serena; e suposto que com tal privação da vista, sem sinal exterior, nem lezão sensivel nos olhos, conservando esses toda a sua serenidade apparente. Nesta felice incapacidade de ver objectos feyos a vista, e execrandas injustiças, e outras mil escandalosas indignidades, que não são para ver; viveo coatorze annos com muita consolação, e alegria de ter fechadas as portas pelas quaes por tantos modos entra o peccado, e com o peccado a morte. Apagada a luz do corpo, e accesa a luz da alma vagava a sua intellectual vista perennemente pelas estancias da gloria, onde seu espirito achava doce repouso. Os seos affectos se encaminhavão a Maria Santissima, cuja devoção era amorosa fragoa, em que se abrasavão suas amorosas ancias. Todos os dias resava o officio Divino valendo-se do que conservava na memoria, e de outro Religioso, que o ajudava a recitar todas as horas canonicas; gastava o tempo, que lhe restava na presença do Santissimo Sacramento, contemplando na grandeza deste innefavel mysterio. Caregado de annos, e merecimentos chegou ao fim de seus dias, os quaes concluio com hũa ditosa morte em 2 de Janeiro de 1755, na idade de setenta, e sinco annos incompletos, deixando em todo Brazil muito acreditado o seu nome, e a Companhia enriquecida com a preciosa Joya da sua santa opinião.

100. O insigne Padre Paulo Teixeira, nasceo na caza do Engenho Novo de Igarassú em 16 de Mayo de 1697, e foy baptizado em 26 do dito mez na Parochial Igreja de Santos Cosme, e Damião, pelo seu Reverendo Vigairo Gonçallo Pereira, sendo seus Padrinhos o Padre Manoel de Azevedo, e Isabel Caldeira seos parentes. Teve por illustres progenitores Carlos Teixeira de Azevedo, Fidalgo da Caza Real filho de Paulo Teixeira de Azevedo, e este filho de Ascanio Teixeira de Azevedo, e Neto de João Teixeira de Azevedo, Senhor de Teixeira, por

antonomasia o grande, e todos com o foro de Fidalgos da Caza de Sua Magestade; e de sua mulher D. Vicencia de Sepulveda filha do Capitão da Fortaleza de Tamaraca, Miguel Rodrigues Sepulveda, cavalleiro da Ordem de Christo, e de sua mulher D. Jeronima de Souza, Irmãa de Carlos de Sepulveda, natural de Olinda, Capitão que foi da Fortaleza do Morro da Bahia, e neta de Gonçallo Rodrigues da Sylva de nobre prosapia. O raro engenho, e a prespicaz penetração de que profusamente o dotou a natureza se admirarão na velocidade, com que comprehendeo no collegio de Olinda dos Padres Jesuitas as sciencias Ecclesiasticas, podendo ensinallas, quando as aprendia. A innocencia da vida, e a madureza dos custumes servia ao mesmo tempo de exemplo, e estimulo a seus condiscipulos. Ordenado de Presbitero mereceo distintas extimaçoens do Illustrissimo Bispo D. Frey Jose Fialho, que sendo devidas a nobreza do seu nascimento, se fazia d'ellas maior acredor pela sublimidade do talento. Não contava muitos mezes de assistencia neste Bispado, quando saindo a visitallo o elegeo seu Secretario, e Escrivão da primeira visita que fez; e logo depois foi provido no coadjutoria do Reciffe, beneficio, que conseguio por opposição para vigario collado da sua Patria, húa das mais opulentas Igrejas deste Bispado. Conhecendo o Prelado cada vez mais a profundidade do seu talento, e extremada prudencia do seu juizo, o nomiou vizitador Geral. Em todas estas occupaçoens se mostrou vigilante em a reforma dos custumes, extirpação dos vicios, e augmento das virtudes, não so com o exemplo, mas com as palavras proferidas nas repetidas praticas, e exortaçoens, que fazia do pulpito: principal obrigação do officio Pastoral.

101. Foi maravilhosa a fecundidade do seu magisterio, por que por muito cuidado em cultivar a vinha do Senhor semeava virtudes em obras, e palavras. Com as palavras se entrava no coração pelos ouvidos; com as obras se metia nos olhos com o exemplo, e sendo estes dous sentidos os que logrão mayor efficacia para mover o animo, conformando se ambos em tocar unidas para a virtude obras, e palavras, tinhão força muito poderosa para render as vontades a sua imitação e exercicio. Esta maravilhosa efficacia para mover aos coraçoens ao seguimento das virtudes, lhe comunicou a graça Divina logo na idade juvenil. Falecera seu Pay Carlos Teixeira, e sendo elle de seis Irmãos, que ficarão orphãos o mais velho, e de tenros annos, o seu exemplo era o espelho, em que todos compunhão as suas acçoens; sahindo todos com o seu familiar trato tão bem instruidos, que os Irmãos nos edificão com as suas virtudes; e as Irmaãs casando húa com o capitão João Baptista de Vasconcellos, seu parente, filho do capitão mor do Ceará grande Francisco Duarte de Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Santiago, e neto do Mestre de Campo, Governador

que foi de Angola Andre Duarte de Vasconcellos; e outra com Sebastião Teixeira de Azevedo, Irmão do dito João Baptista, mostrarão no estado do Matrimonio, que nas suas mãos pusera Deos o fio de ouro de seu santo temor, e amor, para que vencidos os embaracos, e labyrintos deste estado sahissem coroadas de triunfos.

102. Sendo o servo do Senhor tão dedicado ao emprego das virtudes, e aos cuidados de Paracho era a sua humildade tão profunda, e o conceito que tinha feito de si tão baixo, que lhe parecia obrar pouco mais de nada, no muito que obrava. Qualquer leve descanço, que dava as suas continuadas fadigas, julgava criminal, e perigoso, e assentava por indubitavel não ter a suficiencia requisita para Paracho. Tanta cobardia em tanto disvelo, tanto temor em tanta deligencia, he outra tanta acusação daquelles espiritos, que com pouco cabedal de virtudes entrão intrepidos no tremendo comercio de governar almas, como se as Dignidades Ecclesiasticas se derão so para ocupar suas cadeiras, descançar a sombra de seus doceis, e engrossar nos cabedaes e extimaçoens. Procurar e asseitar Dignidades, antes de conhecer o talento, que para ellas tem, he presunção temeraria; mas tomar sobre si o peso com forças para o levar, he acerto. Os que anhelão Prelazias sem entender a sua capacidade, estes devem ser culpados, e devem ser aplaudidos os que sabem medir as forças com o peso; e muito mais devemos aplaudir este servo do Senhor, pois sendo de tão superior talento, e insigne capacidade para os maiores empregos, era tão extremada a sua humildade, que nem ainda com os felices effeitos, que tocava em seu officio, não podia dar a seu coração descanso, nem a seus escrupulos alivio.

103. Algum tempo viveo preplexo no expediente, que tomaria para viver com quietação de animo, escutando atento as delicadas vozes da inspiração Divina. Chamava o esta ao desprezo dos bens temporaes, e a gozar a liberdade verdadeira do coração, rotos todos os laços da carne e sangue, e politicas dependencias, que são muy fortes e quase inexcusaveis aos que occupão lugares no seculo. Batalhando com temores, e desenganos, pedia a Deos com ferverosas instancias lhe desse luz para o acerto daquelle estado, que fosse de seu maior serviço, e seguridade de sua conciencia. Ouvio o Senhor suas justas petiçoens, e fallando-lhe ao coração lhe declarou seu beneplacito tão vivamente, que entendeo que so na Religião da Companhia de Jesus acharia tranquillo porto a seu espirito. Pedio a roupeta, e foy admetido com aprovação geral desta gravissima Provincia em o anno de 1733, como vaticinando a gloriosa fama, que havia resultar a sua Religião, com este insigne alumno. Nos dous annos de Noviciado, que teve no collegio da Bahia deo com seus Religiosos procedimentos toda satisfação as boas esperanças

que se havião concebido da sua boa vocação. A seu tempo se lhe deo a profição com igual gosto, que se lhe havia dado a roupeta.

104. Tendo gastado no seculo as incomparaveis doçuras do amor santo com incansaveis esforços se fatigava na Religião por assegurar se na posse deste superior bem, fazendo preço de trabalhos, mortificaçoens, penitencias, e disvellos, para fazer mais sua, joya tão preciosa; levantando os voos do espirito a mais alta esfera, consagrou a Deos com inteiro sacrificio sua vontade amante, tão rendido, e tão sugeito, que nada obrava sem obediencia. Tinha muitas horas de oração, e do concerto e harmonia interior, que na sua devota alma causava a continua presença do Senhor lhe nascia a maravilhosa composição, e ordem tão apontada em suas palavras, que nunca nelle se achou tratar de materias impertinentes, pezando sempre as suas palavras na balança da consideração. Era de hum genio tão docil, de hum coração tão humilde, e brando; de hum natural tão piedoso, e caritativo, que a todos tratava com lanheza, afabilidade, agrado, e caridade; e nunca ouve quem o visse fallar agastado, por mais que fosse provocado. Desejava tanto o proprio abatimento, que procurava com quantos meyos erão imaginaveis, occultar o que em os olhos das creaturas podia negociar-lhe extimação.

Trazia o rosto tão alegre ainda nas maiores advirsidades, que não parecia sugeito a paixoens naturaes. Enamorado da cruz, chave mestra, que franquea as portas do ceo, com vivas ancias desejava padecer por Christo, sabendo que em tanto seria certo o seu amor, emquanto pela imitação de suas penas copiasse em seu coração a imagem do seu amado. Nas Quaresmas tempo que consagrou a Igreja a proveitosa consideração, e reverente culto da Vida, Morte, e Paixão de Christo Senhor nosso, fazia alguns penaes exercicios, mais que os comuns, em rigorosos jejuns, asperos cilicios, e cruentas disciplinas: o que tambem executava em todas as sextas feiras do anno. Na devoção de Maria Santissima era extremadissimamente effectivo, e em tudo, e por tudo era hum singularissimo exemplar de perfeiçoens Religiosas.

105. Impelido do seu Apostolico espirito se entregou ao exercicio de Missionario; a pé e descalço andou muitas vezes em continuo gyro os asperos desertos da Região de S. Paulo, Coratuba, e Prayas de Parnaguá; sendo inexplicaveis os trabalhos que padeceo, e immensos os suores, que derramou nesta dilatada, e agreste vinha, para agregar ao rebanho de Christo copiosas almas. Com a noticia das conquistas de Alexandre se animou Cezar para as suas militares emprezas, e com a noticia das acçoens heroicas do servo de Deos, se animou o Padre Miguel Teixeira, Presbitero do habito de S. Pedro, e seu Irmão, para o imitar no zelo da salvação das almas; para cujo effeito fez de huás nobres cazas, em que morava na villa de Igarassu, Recolhimento para

mulheres convertidas, e depois de consumir todas as riquezas, que possuhia na sua sustentação; se sacrificou a pedir esmolas para conservação daquella casa, devendo-se a sua ardente caridade, a sua conservação, e augmento, e tem com grande jubilo da sua alma edificação, e utilidade da patria conseguido seja convento professo.

106. Pelas suas heroicas virtudes mereceo o veneravel Padre Paulo Teixeira o declarado affecto dos Illustrissimos Bispos do Rio de Janeiro, Minas, e S. Paulo; e ganhou com os povos tanta opinião, que todos o veneravão como varão santo, e o apelidavão S. Paulo das Provincias do Sul. Sahirão a recebello, e despedillo com excessivas demonstraçoens de veneração e honra, fazendo-se todos pregoeyros das suas virtudes, com expressoens tão encarecidas, que ouvera perigado sua humildade, se assestido das luzes do desengano, não se ouvera fortalecido tanto com as armas do proprio despreso. O cumulo de tantas virtudes foy motivo de ser nomiado primeiro Mestre de Noviços do coll° do Rio de Janeiro, por entenderem os superiores, que com o rego de seus saudaveis exẽplos frutificarião de tal sorte as plantas novas, que dessem á religião copiosos frutos. Via-se prostrado ao golpe de continuas dores, debilitado ao rigor de continuas penitencias, porem em todos estes impedimentos corporaes dispensava seu vigoroso espirito, com os invenciveis esforços, que lhe dava sua ardente caridade, para não faltar em hum apice ás obrigaçoens de Mestre. Acomettido de húa infermidade maligna, causada de húa chaga gangrenosa nas veas hemorroidas, e supressão das fezes, tomou maiores forças com o dissimulo do servo de Deos, que callava seu mal, por não suspender seus exercicios. Não pode porem a fraqueza da carne supportar os galhardos esforços do seu espirito, e se rendeo aos golpes de agudas dores, e ardores da maligna febre. O sinal primeiro que deo da sua infirmidade foi faltar a assistencia de seos discipulos; e os que tinhão bem conhecido seu zelo ardente, entenderão logo que novidade tal, arguia na infermidade grande perigo. Vendo que as dores, que padecia no corpo erão correyos que lhe trazião a alegrissima nova, de que se avisinhava o seu transito, chamou um Novico, e mandou que lhe lesse o Evangelho do Mandato, em que tudo são lembranças das finezas, com que Deos amou aos homens, para que com a recordação das Divinas finezas no seu coração se unissem todos os ardores dos serafins, e que na sua alma ardessem todas as labaredas, com que todos os Anjos se abrazão na fragoa do Amor. Bem quizera o servo de Deos, que se não cuidasse de remedios humanos porque sabia (como se presume) que todos havião de ser sem effeito, mas como ainda nos ultimos alentos apetecia a sua obediencia exercicio, consentio nos remedios applicados pelos professores de Medicina, e solicitados pelos seus

domesticos, que com o sentimento de haverem de perder aquelle exemplar de todas as virtudes, os fazia conceber com a esperança da vida, hum alento mais firme nas muitas deligencias, que punhão para lha conservar; a que com sinaes de gratidão respondia: Para que? se pouco resta: mas obedeçamos. Desenganados porem de que era irremediavel a perda accodirão com os remedios da Igreja administrando-lhe os sacramentos e com elles os ultimos officios de seu fraternal amor. Recebidos do servo do Senhor com devota ternura; pedio lhe dessem a Protestação da Fe, em cujo obsequio se achava seu entendimento tão obsequiosamente rendido as verdades catholicas, que a tentação, que neste estado da vida custuma ser muy molesta, e muy frequente, nem com hũa leve sombra pode atrever-se a valentia das suas luzes. Mea hora antes de morrer pedio-lhe lesse o Evangelho da Paixão, que ouvio sem abrir os olhos, sem fallar, sem fazer movimento algum, com grande quietação, e singularissima modestia, e compostura, para assim lograr melhor em este misterio seus affectos amorosos. Decahidas finalmente de todo as forças naturaes, esperou a morte com taes actos, que internecidos os assistentes publicavão com vozes, e lagrimas, que Deos lhes tirava da vista a hum homem verdadeiramente santo. Com a falta dos pulsos, crescerão os jubilos do espirito, e tendo com Christo crucificado amorosos colloquios lhe offereceo e entregou seu feliz espirito em 27 de Agosto do presente anno de 1756, as onze horas da noite, em idade cincoenta e nove annos, trez mezes, e dezasete dias.

107. Assim morreo este illustre Jesuita, que para acertar a morrer, viveo como se vivo não fora. No discurço da infirmidade em que erão intensissimas as dores, nunca se lhe ouvio hum so ay, nem voz de queixa, com que explicasse o que sentia conservando-se no meyo de tantas angustias com hũa inalteravel inteireza. Fallava a todos com hũa alegria moderada, e sem aquellas melancolicas transformaçoẽns de rosto, com que muitos enfermos explicão seus sentimentos. Era tanto o cuidado q̃ tinha em trazer rendido, e prostrado o corpo ás leys do espirito, que nem nos ultimos instantes da vida quiz fazer tregoas com este inimigo, temendo-se sempre dos seus insultos. Por esta cauza, nem quando a necessidade era tão certa quiz admetir outra cama, que hũa esteira sobre hum duro leito. Finalmente ate a hora da morte seguio a Maxima mystica e certa que para subir a alma as eminencias da perfeição, he meyo eficaz, e escada segura atropellar a natureza pizando seus apetites, e paixoens, por que na carne rendida levava seguros os trofeos seu espirito victorioso.

108. Exposto o veneravel cadaver na capella do Noviciado do collegio da cidade de São Sebastião capital da Provincia do Rio de Janeiro para conservar a sua memoria, o mandarão os superiores

retratar, cuja honorifica demonstração se não vio nunca practicada entre os Padres Jesuitas, senão com os sugeitos mais eminentes, e illustres em virtude, e doutrina na sua Religião. Logo que se divulgou na cidade a sua morte, accudio em tropel confuso gente numerosa dando-lhe acclamaçoens de santo, e chorando sua perda, como de prenda digna do amor e extimação de todos. As suas exequias concorrerão as Religioens, clero, nobreza e povo em numeroso concurso, e forão os officios beneficiados pelo vigairo da Candelaria, que com todo clero se offerecerão para este acto, fazendo mais solemne a sua magestosa pompa, a confusão, e ruido dos que chegavão a tocar no veneravel corpo, contas, veronicas, resistos, e outras mais prendas. Não satisfeita a devota ambição do povo (com thesouras que trazião prevenidas) valendo-se de hum leve descuido dos que guardavão o feretro lhe cortarão dos cabellos, e roupas. e se não acodem com pressa os guardas, serião maiores os excessos do seu ferveroso desatino. Quatro barretes lhe puzerão, e outros tantos pares de sapatos lhe calçarão, por que outros tantos lhe tirarão. Emquanto durarão os funeraes se occuparão insignes Pintores em retratallo, por mandado de pessoas principaes, cujas copias se multiplicão para satisfação de innumeraveis pessoas, que desejão em retrato conservar sua santa memoria, que os incita a maior devoção por verem nas copias a fermosura, e compostura daquelle rosto, em que estavão desapparecidos os horrores, e palidezes da morte, e em que só se vião sinaes de quem descançava em aprazivel, e suave sonno. Vendo os Religiosos ser cada hora maiores os concursos, receando os inconvenientes que na dilação do enterro poderião succeder, muito a pezar do povo daquella grande cidade, que desejava estivesse exposto muitos dias lhe derão sepultura.

109. Tem o Senhor obrado em credito das virtudes heroicas deste seu fiel servo muitos milagres; os de que ate o presente temos noticia, são participados pelas relaçoens dos Padres Jesuitas do collegio do Rio de Janeiro, aos Padres assistentes no collegio deste Reciffe, mas sem as declaraçoens necessarias para os escrevermos aqui com mais distinta clareza, e são como se segue. Certa senhora das principaes desta cidade, havia muito tempo, que perdera uma Joya de diamantes de grande valor, e extimação, pedio ao servo de Deos com ferverosas instancias lhe descobrisse dita Joya, e lhe fez certa promessa. Logrou o fervor da sua fé, o feliz effeito de que em menos de huma hora appareceo a Joya perdida, com circunstancias taes, que fizerão indubitavel ser milagroso o achado. Duas mulheres que padecião fluxo de sangue, tocando-se com as reliquias do servo de Deos ficarão inteiramente saãs do seu penoso achaque. Muitas pessoas, que padecião chagas putridas, fistulosas, corrosivas, e grangrenosas applicadas as reliquias sararão de

repente. Outros que padecião vehementes dores de cabeça, e outras rebeldes e inveteradas infirmidades, sem que para seu alivio bastassem humanos remedios pela intercessão do servo de Deos, e contacto das suas reliquias conseguirão ver se livres de seus achaques. Tem corrido a voz destas maravilhas por todas as partes, e são de cada dia maiores os concursos dos que pedem reliquias das cousas de seu uzo publicando repetidos prodigios. Deos Senhor Nosso seja servido de manifestar tudo para honra, e gloria sua, bem e edificação dos fieis.

CAPITULO 14

NATURAES DE PERNAMBUCO QUE NA RELIGIÃO BENEDICTINA FLORECERÃO EM VIRTUDE E DOUTRINA

110. São os filhos do Principe dos Patriarchas S. Bento, pinturas celestes, em que se vem todas as virtudes retratadas, e quanto mais se afastão da vista dos homens, mais se acreditão na extimação. Não se logrão os frutos das arvores plantadas ao longo dos caminhos, e frutificão com abundancia as plantas cultivadas na clausura de hum Jardim, ou no descampado de hum monte. No da cidade de Olinda, onde fundarão estes Religiosos o primeiro Mosteiro de Pernambuco, tanto teve de mais apartado, quanto teve de mais frutifero. Nelle lançou grandes raizes no caminho da perfeição o insigne Padre Frey João da Ressurreição, nasceo de Pays nobres na mesma cidade, e vestio a cogula Monachal no Mosteiro da Bahia. Logo no Noviciado deo claros sinaes de ser grande ornato, não somente da sua Patria, mas de toda sagrada Ordem Benedictina. A severa observancia dos Estatutos, que praticava era estimulo para os noviços, e confusão para os provectos. As virtudes, que nelle brilhavão com tanto excesso, e o conhecimento experimental para grandes emprezas, e tolerancia para os maiores trabalhos, que delle tinhão seus Prelados, foy motivo de mandarem viesse a Pernambuco na occasião em que os seus Patricios cõ formidavel guerra disputavão a liberdade da Patria. Assestia o Padre Mestre Frey João da Victoria, Provincial que então era da Provincia do Brazil, no Mosteiro de S. Bento da Cidade da Bahia, quando advertido da sacrilega tirania com que o Olandez embarcara para Indias, a todos os Religiosos das Provincias de Pernambuco, e entre elles aos da sua obediencia, que desterrados do Mosteiro de Olinda, se recolhião em hum Engenho seu, chamado Mosurepe, onde so ficara o Dom Abbade, que então era Frey Anselmo da Trindade, por intercessão da sua muita velhice, e de sua grande virtude, respeitada ainda quando mais

aborrecida. Desejando o Provincial acodir ao desemparo do velho, e da fazenda, deu-lhe o tempo a melhor occasião na volta, que fazião da Bahia dous Embaixadores Olandezes, e para o sobredito fim mandou ao Padre Frey João da Ressurreição, e a outro Religioso chamado Frey Antonio, tambem natural desta Provincia para assistirem ao Dom Abbade, e a cultura da fazenda, confiando na valentia do seu zelo, desempenharia esta comisssão. Desembarcarão no Reciffe, confiados no favor dos Embaixadores. Apresentarão-se aos Presidentes do governo, e os informarão do fim da sua vinda. Veyo o inimigo em ciume, e suspeitou que os dous Religiosos erão espias dissimulados. Detiverão-nos dentro do Reciffe com cautella, ate que ouvesse embarcação, que os levasse para fora da terra. Tardou a execução, e o tempo lhes abrio caminho aos dous Religiosos a comprar licença para sahirem do Reciffe para o seu Mosteiro. Receberão o donativo de quatro caixas de Assucar e quebrou-se o salvo conducto, mandando-lhes que logo se recolhessem ao Reciffe.

111. Não lhe causando terror os graves perigos, que o esperavão, nem as cominaçoens que se acompanhavão de hum Imperio cruel, e violento, ornado de valor intrepido se foy encorporar com o nosso Exercito, onde ate o ultimo periodo da guerra deu claros argumentos da sua animosa caridade. Não descahio de animo, nem padeceo o menor abalo com todas as tempestades, em que vio por muitas vezes naufragar a sua Patria, antes como Palma, que se obstenta mais sublime quanto mais oppugnada de peso contrario, e muito parecido tambem a hũa rocha, que nos combates das ondas recebe mais fortaleza para resistir-lhe, seguio as leys do verdadeiro valor. Confessor e soldado nos conflitos despertava a emulação de todos, e a inveja de muitos. Com persuaçoẽns e exemplos ensinava a despresar os perigos de hũa, e outra vida, com a applicação do sacramento, e com o vigoroso do braço ; e seu animo assi intrepido, que estropeado das ballas inimigas, que muitas vezes o ferirão, não servia de impedimento, que o retirasse do conflito, antes mais irritado o seu valor, e mais ardente a sua caridade nos estorvos bebia novos estimulos. Na interpreza da Ilha de Tamaraca, se adiantou aos soldados no pulso; e aos sacerdotes no zelo. Com as armas cortava sem reparo, e pelas ballas entrava sem medo. A caridade com que acudia a confessar os moribundos, lhe fazia desprezar os perigos, com tanto animo, que o influia nos soldados, com a exortação e o exemplo. Em hum choque dos Afogodos se excedeo a si mesmo sem temor das ballas confessava os cahidos, e fazendo-se temer os buscava entre os contrarios, fazendo-os apartar dos agonisantes, a poder de seus golpes. Em 22 de Janeiro de 1651 sahio o inimigo do Reciffe com hum grosso de Infantaria,

e outro de gastadores com todas as armas, e aprestos necessarios para levantar hum reducto entre as Fortalezas dos Afogados, e das Sinco Pontas. Derão as sentinellas de Henrique Dias rebate do intento do Olandez. Acodirão os seus soldados promptamente a impedir a obra ; deu o Ecco dos tiros rebate no Arrayal, avisando a hum mesmo tempo do lugar e do conflito. Era nestas occasioens certa a presença do Padre Frey João da Ressureição, sendo o primeiro que acodia a confessar como sacerdote, a ferir como soldado, e animar como capitão. Deu de rosto com algũas mangas de pretos, e brancos que se retiravão opprimidos da multidão contraria ; deteve-os com o respeito, e com a exortação dizendo-lhes : Que he isto filhos, deixais os companheiros no perigo, despresais a gloria, e buscais a infamia ? Quereis sepultar com a villeza de hũ dia, as proezas de tantos annos ? Voltay, voltay a buscar, e imitar os companheiros, que vos chamão com o exemplo, e com a necessidade. Vamos todos, que quero mais offerecer a vida em obsequio da vossa fama, que conservalla a vista da quebra da vossa reputação ! Avança, avança, e va tudo em hũa poeyra. Deste ultimo termo, com que animava os soldados nos conflitos mais perigosos, teve origem o appelido de Poeyra, com que entre o vulgo era conhecido. Inflamados todos com o ardor das suas rasoẽns voltarão com novo alento (recebido tambem de nova causa, por que naquelle tempo passou ao Religioso pelas espaduas hum pelouro, de que esteve arriscado a perder a vida) e entrarão na peleja buscando a reputação, a vingança, e a victoria. Conseguida finalmente a restauração da Patria, sahio do Reciffe hũa caravella de aviso para o Reino, e nella este insigne Religioso assistente que havia sido a todo o processo da guerra desde o seu primeiro movimento ate o ultimo passo d'ella, mandado pelo mestre de Campo João Fernandes Vieira, interessado, em que Sua Magestade premiasse seus grandes serviços : e suposto tomasse a barra de Lisboa no mesmo dia de 18 de Março de 1654, em que tambem chegava a nao, em que fora Andre Vidal de Negreiros teve a fortuna de sahir primeiro a terra, e dar a ElRey a nova da Restauração destas Praças, e não sabemos fossem seus heroicos serviços remunerados com algũa mercê.

Em premio porem do zelo, com que attendia pelo explendor da sua Religião, foi eleito Provincial desta Provincia do Brazil, e nelle experimentarão os subditos benevolencia de Pay. Excedia a todos na abstinencia do comer, assistencia do coro, observancia do silencio, e mortificação dos sentidos. Admirada a grandeza do seu espirito em tantas acçoens heroicas, chegou a maior excesso a fortaleza do seu animo, quando se vio tolerar com paciencia heroica a sem Razão com que o Geral da Congregação do Reyno nomiou no mesmo tempo o

Padre Frey Pedro do Espirito Santo da mesma congregação Provincial desta Provincia; e alcançando ordens reaes, sendo ElRey D. Pedro Principe Regente, o mandou ao Brazil com poderes para o depor, e remeter prezo para Portugal, por dizer era intruso, e não eleito com as solemnidades, que prescrevem suas leys. Incluindo na mesma ordem os Padres Frey Leão de S. Bento, e Frey Ignacio da Purificação, e outros benemeritos Religiosos. Este movimento causou grande sentimento nas pessoas de maior graduação deste Estado, e seria causa de grandes perturbaçoens, e escandalos se a sua prudencia, e virtude não cedera da sua authoridade em obsequio da paz, e concordia dos subditos. Cheo de virtudes e merecimentos, com animo constante e juizo claro esperou a morte, como se pode cunjecturar da sua justificada vida, e de quem nunca soube temer os seus horrores. Fortalecido com os sacramentos espirou placidamente. Das virtudes, de que se ornou o seu espirito, he illustre pregoeyro Frey Rafael de Jesus, Castriot. Lusit. Liv. 6. n. 24, e 25, n. 55, e 61, e 124, Liv. 7. n. 12, e 39. Liv. 10. n. 47.

112. O veneravel Frey Ruperto de Jesus, Doutor pela Universidade de Coimbra, nasceo na celebre villa de Igarassu a 9 de Agosto de 1644, seus Pays o educarão tão virtuosamente, que deixado o seculo buscou o claustro da Augusta Religião do Principe dos Patriarchas S. Bento, vestindo a Monastica cogulla em o Mosteiro da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, quãdo contava 17 annos de idade. Foy varão doutissimo, e de virtudes admiraveis. Occupou todo tempo da sua vida em os importantes empregos da Cadeira, e Pulpito. Na Cadeira criou famosos discipulos, e celebres theologos, que adiantarão muito o credito da sua Provincia. Em o Pulpito adquerio a Fama de orador preclaro, e se deverão a efficacia das suas exortaçoẽns, e ao exemplo de suas virtudes admiraveis conversoens de peccadores obstinados. Da cadeira o tirarão os superiores para o governo dos conventos da Bahia, e Pernambuco, e depois para Provincial desta Provincia do Brazil. Em todas estas Prelazias mostrou severa observancia do instituto, e summa afabilidade, com os subditos, os quaes emendava mais com o exemplo, que com a voz. Brilhou neste Prelado a opinião de santidade contra a opposição de sombras, com que a emulação de ambiciosos, e perversidade de emulos quiz empecer o curso de seus resplendores. Era notavelmente humilde, brando de coração, muito modesto, de hua prudencia consumada, e grandemente propenso a concideração dos bens eternos. Nunca na religião admetio izençoens, ou privilegios, sendo o primeiro que aparecia no choro, e em todas as funçoens da communidade. A feliz união de virtudes, e sciencias se seguio ser não so aplaudido por varão santo, mas consultado como oraculo. Mais

carregado de merecimentos, que de annos foi acomettido da ultima infirmidade, e resignado catholicamente no beneplacito Divino recebeo o sagrado viatico de joelhos, e a Extrema Unção com tanto acordo, que respondia ao sacerdote, que lha administrava. Ultimamente fazendo a Christo crucificado amorosos colloquios lhe entregou placidamente seu espirito a 4 de Agosto de 1708, quando completava 64 annos de idade. Foy sepultado no convento da Bahia, e as suas exequias forão muito solemnes, com assistencia de todas as pessoas principaes, e immenso Povo. Os seus domesticos para conservarem a sua illustre memoria o mandarão retratar, e conservão no mesmo Mosteiro o seu retrato com grande decencia.

113. O insigne Frey Antonio das Chagas Pernambuco natural do Reciffe, professou o Instituto Benedictino na idade de 19 annos. Applicado ao estudo das sciencias, sahio tão consumado que grande emolumento dos seus domesticos, e credito de seu nome, Filosofia, e Theologia. E nestas faculdades foi eminente não foi menos em o pulpito onde conciliou geral aplauso. Correspondeo a profundidade do seu talento, a valentia do seu espirito, sendo muito observante dos seus institutos. As virtudes Religiosas praticadas por toda a vida lhe adquirirão em idade provecta hũa feliz morte no Mosteiro de Olinda, onde descanção suas cinzas, e permanece a fama do seu nome.

CAPITULO 15

NATURAES DE PERNAMBUCO QUE NA RELIGIÃO DE S. BERNARDO, E DE S. DOMINGOS FLORECERÃO EM VIRTUDE, E DOUTRINA

114. O insigne Frey Feliciano de Albuquerque, foi filho de Antonio de Almeida de Albuquerque Coelho, natural de Olinda, Governador, e capitão General do Estado do Maranhão, de quem em outra parte fazemos distinta memoria. Depois de bem instruido nas letras humanas, passou a estudar as severas na universidade de Coimbra, e quando com grande esplendor do seu nome tinha consumado o tempo que as leys Academicas prescrevem para receber o grao de Doutor na faculdade dos sagrados canones, despresando a gloria, e os logares honorificos, que lhe prometião as suas relevantes qualidades, se recolheo na Illustrissima Religião de S. Bernardo, recebendo a cogulla cisterciense no Real convento de Alcobaça, onde unindo ao exercicio das letras o das virtudes sahio consumado em huãs, e outras. Era pio, devoto, urbano, affavel, e summamente observante dos seus institutos. Aborrecia muito a detracção, e dissimulava com fraternal affecto os

deffeitos alheos, sendo rigido censor dos proprios. Conciderando os superiores quanto seria conveniente a Religião occupar o seu grande talento no governo dos seus conventos, o nomiarão Abbade do do Desterro de Lisboa, que governou com igual rectidão, que suavidade, promovendo com seus exemplos a observancia da disciplina regular. Amado dos domesticós, estimado dos extranhos, e aplaudido de todos, acabou a carreira da vida, com húa feliz morte.

115. Frey Manoel de Macedo, brilhante Astro do ceo Dominicano, de cuja primeira luz foy feliz oriente a bellissima cidade de Olinda, nasceo em 5 de Março de 1599, e teve por illustres proginetores o Doutor Cosme Rangel de Macedo, que foi Desembargador da Relação do Porto, e D. Joanna Cavalcante, filha de Felippe Cavalcante. A competencia dos dotes, com que o formou a natureza, o ornou a graça de juizo penetrante, genio docil, memoria feliz, e talento maduro, de cujas sublimes prendas teve por primeiro theatro á Patria, onde cultivou as sciencias amenas, e depois a Athenas Conïmbricense, onde estudou as severas. Ao tempo que em tão famosa Universidade lograva as acclamaçoens merecidas a sua erudição desenganado da caduca gloria do mundo abraçou o sagrado instituto da preclarissima Ordem dos Pregadores, onde com observancia Religiosa augmentou a clara origem do seu nascimento. Entre os mais famosos oradores Evangelicos de seu tempo se destinguio com manifesto excesso atrahindo a attenção de numerosos auditorios com o semblante agradavel, gentil presença, voz sonora, e representação animada. Mereceo pelo seu grande talento, insigne virtude, e excellente literatura ser Pregador da Duqueza de Mantua, D. Margarida de Austria, Governadora do Reyno de Portugal, no tempo da dominação castelhana, e que fiasse da sua profunda capacidade, e heroicos exemplos, negocios da maior importancia. Em Janeiro de 1635 tomou esta Princeza posse do Governo de Portugal assestida do Marquez de la Puebla, que veyo de Madrid sem occupação, so para aconcelhar a Duqueza nas materias difficultosas. Forão-se repetindo as ordens de Castella de lançar tributos, e para este effeito se levantou uma Junta de Ministros, a que derão nome do desempenho, immediata ao Concelho de Madrid. Os da Junta passarão ordens a todos os corregedores das comarcas, as quaes continhão, que os Povos havião de dar todos os annos a ElRey quinhentos mil cruzados, alem das imposiçoens antigas, e que estes se assentassem á satisfação dos povos. Os corregedores executavão com aperto as ordens, e os povos sentião a sem razão, com que dispunhão tyrannisal-los. Por causa deste tributo se sublevou o Povo de Evora, e crescendo as desordens, chegou a Villa Viçosa este movimento, e trocado pelos seus moradores em alvoroço, acclamarão o Duque de Bragança D. João II do nome, e oitavo no titulo, Rey de Portugal.

116. A Duqueza de Mantua, que havia feito pouco cazo da alteração de Evora, vendo que os mais lugares da Provincia do Alentejo tomavão a mesma voz, de tal sorte se lhe introduzio o temor, que não perdoou diligencia algũa, que julgasse adequada para se livrar de tão grande cuidado. Fez a Madrid repetidos avisos, animou a Nobreza de Evora a continuar no zelo de aplacar o Povo, e ordenou a Frey Manoel de Macedo, aplaudido pelas suas virtudes, e agradavel pela sua conversação, que fosse a Evora exercitar o seu genio no pulpito, e no trato, confiando da sua actividade a quietação daquelles Povos. Entrou em Evora, e com a efficacia das suas palavras, e prudente Juizo, se de todo não conseguio a conclusão do negocio, a que fora mandado, por achar os animos muito endurecidos contra o governo de Castella, fez com que se suspendessem muitas extorçoens, e se atalhassem muitas ruinas. Nas materias politicas consultavão as pessoas da primeira Jerarchia ao seu Juizo por arbitro, e sem preocupação de lizonja expunha livremente a sua decisão, que era venerada como de oraculo. Procurado da maior parte da fidalguia, aprendião da sua judiciosa conversação eruditas noticias, e de seus bons exemplos, e concelhos virtuosos documentos. De tão singulares honras se não deixava atrahir o seu coração, antes triunfante da vangloria lhe servião de estimulo, para exercitar com maior disvelo as virtudes religiosas. Do bem merecido conceito, que se fazia do seu grande talento, e insigne persuasiva tomarão seus emulos motivo, para o delatarem no Juizo da Inconfidencia de ser Author da precipitada resolução, com que depois da felice Aclamação delRey D. João IV, se auzentarão para Castella D. Duarte de Menezes, Conde de Tarouca, D. João Soares Alarcão, Alcayde mor de Torres-Vedras, D. Pedro Mascarenhas, vedor da Caza Real, e D. Jeronimo Mascarenhas, Deputado da Meza da Conciencia. Foy preso, e nos apertos da prisão esteve sempre com grande quietação de espirito, e mandado para a India sahio a embarcar-se com rosto sereno, sem que o perturbasse a horrorosa imagem da infame culpa de inconfidente, antes dava rendidas graças ao Senhor que lhe participava de algum modo as glorias da sua Paixão, padecendo innocente. Constando a ElRey a sua fidelidade, ordenou que voltasse no anno seguinte para o Reyno merecendo a gloria, de que a emulação fosse apologista da sua innocencia; porem como na viagem arribasse o navio, em que vinha a Angola, tolerada com heroica constancia hũa penosa enfermidade, depois de receber devotamente os sacramentos, finalisou o curso da sua vida, digna pelos dotes, de que era ornado, de ser mais feliz, e prolongada. Fazem honorifica memoria do seu talento, D. Luiz de Menezes, Portug. Restaur. Tom. 1. Liv. 2. pag. 65. aplaudido pela discrição de seus sermoens, e agradavel conversação, Frey

Pedro Monteiro, Claustr. Dominicano Tom. 1. pag. 143, Religioso muy conhecido por suas letras, e virtudes, Tom. 3. pag. 281, e Diogo Barboza Machado. Bib. Luzit. Tom, 3. pag. 300.

CAPITULO 16

RELIGIOSOS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE NA RELIGIÃO SERAFICA FLORECERÃO EM VIRTUDE, E DOUTRINA

117. Horto chamou a Religião Serafica o Summo Pontifice Nicolao III, e com muita propriedade, por que nos Hortos, a diferença dos campos em todas as estaçoens do anno, nascem novas plantas, e se produzem novos frutos; e a Religião Serafica desde sua fundação em todos os tempos esta dando novas plantas para dilicia da devoção, e exemplo das virtudes.

Esta maravilhosa fecundidade se admirou sempre no celebre convento de Nossa Senhora das Neves da cidade de Olinda, terreno feliz, que ha dado a Religião maravilhosos frutos em Religiosos, que com suas virtudes, edificarão não somente esta cidade, e Provincias de Pernambuco, mas a todas as partes do nosso Brazil. Neste feliz solar de varoens insignes em santidade, sobirão eminentes cedros entre vulgares arvores, e florecerão com copiosos frutos de excellentes virtudes os Padres Frey Manoel da Piedade, e Frey Bernardino de Santa Maria, ambos naturaes da mesma cidade. Foy o Padre Frey Manoel da Piedade, filho do illustre João Tavares, primeiro Governador da Parayba, e de sua mulher Constancia Dias, descendente de nobre prosapia. Educado com virtuosos documentos e bem instruido na lingua latina, e humanidades, profeçou o austero instituto da Serafica e Reformada Provincia de Santo Antonio, no Convento de Olinda aos 13 de Março de 1598 quando contava 17 annos de idade. Nesta sagrada Esfera de brilhantes Astros, descobrindo igual genio para as virtudes, que para as letras, as aprendeo, e ensinou com grande fruto, e admiração dos seus domesticos. Se na cadeira brilhou o seu talento com grande aplauso dictando hum curso de Artes; no Pulpito encheo as obrigaçoens de Declamador Evangelico, sendo os seus discursos formados mais para a extinção dos peccados, que para a lizonja dos ouvidos, em cujo Apostolico trabalho, colheo copiosos frutos. Inflamado no desejo da salvação das almas pedio a Missão do Maranhão, e alcançada faculdade dos superiores, partio para aquelle vastissimo Estado no anno de 1614 em companhia do veneravel Frey Cosme de S. Damião, que com grande satisfação o tomou por seu

socio. Neste grande theatro de seus Apostolicos trabalhos cultivou com grande fervor todas as virtudes, que lhe canonizarão a memoria na posteridade. Padeceo gravissimas molestias, que fazia suaves sua ardente caridade, e forão tantos os filhos, que gerou para Christo, como immensas as fadigas, que tolerou nesta empreza. Não havia coração tão duro, e barbaro que se não rendesse a vehemente efficacia das suas palavras, porque proferidas com espirito verdadeiramente Apostolico, e ajudadas da elegante energia, com que fallava a lingua Brasilica.

Para se dispor para este divino ministerio, teve maiores occasioẽs para merecer, que os Apostolos, por que nenhum genero de trabalho tiverão de Apostolos em aprender os peregrinos idiomas, com que celebrarão as grandezas de Deos, e promulgarão a sua santa ley. O mesmo foy cair sobre as suas cabeças aquella celeste chuva de linguas ardentes, que soltarem se das suas bocas torrentes de eloquencia em todas as linguas.

Pelo contrario para o servo do Senhor, Frey Manoel da Piedade comprehender tão diversos idiomas, quantos são os que fallão as muitas naçoens, que habitão as terras do Maranhão, foi-lhe preciso aprender muita variedade de linguas a custa das penalidades de continuos estudos, e trabalhosas peregrinaçoens, sugeitando a soberania do seu entendimento aos impertinentes preceitos dos seus Gramaticos, não reparando em se fazer discipulo de muitos Mestres, elle que era Mestre de todos. Sendo innumeraveis os trabalhos, que constantemente padecia, mayores forão as victorias, que conseguio do inferno, não só na redução de infinitos barbaros ao conhecimento da verdadeira Divindade, mas na confutação da protervia de hereges, que das partes septentrionaes tinhão passado aquellas Regioens para semear o pestifero veneno de seus erros, de que era infame cabeça hum Francez de Arrochella, que cegos a luz da verdade, e surdos as vozes do dezengano, despresavão ouvir a palavra Divina. Para convencer a estes filhos das trevas, convenceo primeiro em publica disputa a seu famoso Predicante, obrigando-o a abjurar os hereticos dogmas, que profeçava. Era tão hydropica a sede de ganhar almas para Deos, que ja mais se achou saciada, nem extinguido aquelle zelo, com que procurava a salvação eterna de seus proximos. A esta conta encaminhava todas as suas fadigas. Em muitos casos se evidenciou o grande amor, que este feliz homem teve aos proximos, acudindo lhes, sempre que os via em algũa aflição corporal, ou espiritual, como remedio prompto, e opportuno, segundo o estado, e circunstancias, em que se achavão. Para consolação de seus naturaes, que padecião horrorosas molestias, arrastando cadeas, e gemendo debaixo do pesado, e cruel jugo, que tiranicamente lhes poz, e fez por 24 annos soportar Olanda, se restituio a Patria; e

não podendo o abrazado Etna de seu serafico espirito conter dentro de si as vigorosas actividades de tantes incendios; ornado de valor intrepido na formidavel guerra, em que se disputou a liberdade da Patria, deu claros argumentos da sua animosa caridade.

118. Empenhado Sisgismundo Vanscoph General Olandez na conquista da Provincia da Parayba, para onde se tinhão retirado os moradores das Praças conquistadas, preparou hũa poderosa armada, e sahindo do Reciffe, e arribando a ella, deitou gente, artelharia, e muniçoens em terra, com todas as demonstraçoens de sitiar a Fortaleza do Cabedelo.

Era capitão mor da cidade, e Governador da capitania Antonio de Albuquerque, a quem o primeiro rebate poz na campanha, com todos os moradores, que a brevidade do tempo, e o repente do assalto lhe deixou conduzir. Erão os combates a medida dos dias, e em todos assestia o servo de Deos Frey Manoel da Piedade com desprezo da propria vida metendo se intrepidamente por entre nuvens de ballas, exercitando a obrigação de confessor, e o officio de soldado. Ao tempo que furiosamente em hum destes encontros se combatião os nossos com os Olandezes, com manifesto perigo se meteo pelo meyo dos esquadroẽs para acodir com os remedios da alma aos que mais luctavão com a morte, que com o inimigo, quando querendo a fortuna vender aos Pernambucanos por tão custoso preço a victoria deste dia; ou sendo chegado o tempo de se remunerarem os seos heroicos padecimentos; foy o servo de Deos atravessado pelo peito com hũa balla, que lhe tirou a vida transitoria para começar a eterna. Delle fazem memoria Frey Rafael de Jesus Castr. Lusit. liv. 3. n. 35. pag. 71. Frey Agostinho de Santo Maria, Sant. Marian. Tom. 3. liv. 2. Tit. 47. § 1. pag. 363.

119. O Insigne Padre Frey Bernardino de Santa Maria Irmão do sobredito veneravel Frey Manoel da Piedade, nasceo na cidade de Olinda, e profeçou o instituto serafico no convento Patrio, em 28 de Janeiro de 1588, onde praticou aquellas virtudes, que mais deixou encomendadas a seus filhos o serafico Patriarcha, quaes são humildade, e pobreza. Unindo com admiravel applicação e destreza as duas vidas activa e contemplativa, fez de ambas escada firme para subir de virtude em virtude á eminencia da perfeição. Era incansavel no ministerio apostolico atrahindo com a efficacia das suas vozes innumeraveis Gentios ao Gremio da Igreja Romana. Sendo os Gentios Potiguares os que mais se oppunhão aos Portuguezes na conquista do Riogrande, não podião os nossos estabellecer aquella colonia, emquanto esta nação nos fosse contraria. Procurando o Governador Jeronimo de Albuquerque fazer pazes com estes Indios o conseguio pela intervenção deste insigne

Religioso, muito perito na lingua Brasilica, e dos Potiguares, que o respeitavão, e amavão muito pelas suas grandes virtudes. Por sua direcção deixarão os supersticiosos custumes, que praticavão, e fizerão pazes com os Portuguezes. Cheo de merecimentos passou desta vida a gozar o premio promettido aos servos fieis do Senhor.

120. O Padre Frey Antonio dos Anjos nasceo na Cidade de Olinda de nobre geração, abraçou o Instituto Serafico, quando contava dezaseis annos de idade, e professou no convento Patrio em 13 de Junho de 1599. Consumados com grande credito do seu talento os estudos se occupou por muitos annos no exercicio concionatorio, não perdoando ao menor instante, que não gastasse em beneficio das almas. Conhecida pelas superiores a madureza do seu Juiso o elegerão custodio desta Provincia, quando ainda era sugeita a de Portugal, cujo lugar acceitou com repugnancia, e administrou com humildade, e prudencia. Não deu menores argumentos da sua grande capacidade, quando no anno de 1631 se introduzio o Olandez nesta Provincia. Tendo praticado todas as virtudes dignas de hum verdadeiro filho de S. Francisco, faleceo piamente no convento da Bahia.

121. O veneravel Frey Raphael de S. Boaventura, nasceo na Cidade de Olinda, herdando de seus Pays com a nobreza do sangue os bons exemplos. Na idade de 16 annos profeçou o instituto serafico no Convento da Bahia em 9 de Março de 1602. Depois de consumar a carreira dos estudos, manifestou no Pulpito a excellencia do seu talento, e a actividade do seu zelo. Praticou com exemplar observancia, e creditos de virtuoso os preceitos da Regra de S. Francisco, fazendo viagem do Convento da Capitania do Espirito santo para o da Bahia em companhia de outros Religiosos no anno de 1756 (dous annnos depois da Restauraçao da sua Patria) foy a embarcação prisionada pelos Olandezes, que ainda cursavão os nossos mares. Innumeraveis forão as fomes, sedes, e ludibrios, que padeceo o servo do Senhor todo tempo, que navegarão até a altura da Bahia da Treição, ao norte da Cidade da Parayba, onde lançarão em terra os seus companheiros, e a elle por que lhes mostrava os erros de seus falços dogmas atado de pez, e mãos, e com hũa pedra ao pescoço, foy victima da impiedade heretica, que dandolhe a beber no mar a morte, lhe adquirio a laureola de Martyr.

122. O Padre Frey João do Desterro, natural de Ipojuca, filho de Antonio Gonçalves de Miranda, e de sua mulher D. Luzia de S. João e Irmão de Pedro de Miranda, Cavalleiro na Ordem de Christo, e sargento mor do Terço da guarnição do Reciffe; com virtuosa resolução desprezou na idade juvenil as delicias da caza paterna, e abraçou o instituto serafico na Reformada Provincia de Santo Antonio do Brazil, onde se fez exemplar de todas aquellas virtudes, que constituem hum

perfeito Religioso. A madureza do juizo, com a sinceridade do animo se admirarão unidas nas Prelazias que exercitou, sendo muitas vezes Guardião, e ultimamente Provincial. Carregado de annos, e merecimentos passou desta vida mortal para a eterna no Convento de S. Francisco da Bahia.

123. No mesmo Convento he plausivel a memoria do Padre Frey Jeronimo da Ressurreição, natural do Reciffe, filho de Manoel de Estrada, e de sua mulher Margarida Madeira, nobres, e opulentos. Profeçou o instituto serafico no Convento de Ipojuca em 13 de Abril de 1675, e applicado ao estudo das sciencias escholasticas fez nellas taes progressos, que com grande credito do seu nome e esplendor da sua Religião dictou aos seus domesticos nove annos Filosofia, e Theologia. Entre as virtudes, que practicou foy insigne na humildade, e pobreza, e tão amante da castidade, que não sofria palavra, que de algũa sorte pudesse offender esta angelica virtude. A fama da consumada prudencia, e ardente zelo, com que governara alguns conventos, moverão aos Irmãos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia da Bahia para o pedirem por seu Commissario Vizitador, occupação que exercitou por muitos annos com igual actividade, que zelo em promover os seus augmentos. Acomettido da ultima enfermidade esperou a morte fortalecido com os sacramentos, e entre amorosos coloquios com Christo Crucificado lhe entregou placidamente seu espirito em 11 de Abril de 1723. As suas exequias forão solemnissimas com numeroso concurso, e liberal dispendio dos Irmãos Terceiros.

124. No Convento de Igarassu descanção as cinzas do Padre Frey Lourenço de Santa Maria, nasceo em Serinhem de Pays nobres, e ricos. Com a sua boa indole, e inclinação a virtude, tomou por primeira lição o temor de Deos, e devoção de sua santissima May. Acesa no seu inocente coração a chama do amor divino, solicitou com ancia subir a avezinhar-se a seu celestial centro, e entendendo que apartando-se do seculo, se a avezinhava ao ceo, pedio o habito serafico, que profeçou no Convento de Olinda. O emprego unico de suas racionaes potencias era a imitação da vida de seu serafico Pay, e Patriarcha S. Francisco, em cujo exemplo estudava, copiando suas virtudes, que fundava em profunda humildade. Fazia de si tão baixo conceito, que estranhava não o tratarem cõ summo desprezo, e lhe faltava alento para tratar com os homens. Com discreta singeleza compunha varias coplas, que recolhido na sua cella cantava ao menino Deos, em cujos amorosos canticos sentia a sua alma admiraveis effeitos do amor divino. Todos os dias dizia missa com grande ternura, e reverencia, e nunca se valeo da dispença dos annos para faltar aos actos da communidade, sendo o primeiro, que aparecia no choro, e o ultimo que delle sahia. Com o

presidio de hũa vida inocente, e mortificada chegou em idade muy provecta ao termo da vida, que acabou com huma morte santa.

125. As virtuosas acçoens do Insigne Padre Frey Paulo de Santa Catherina podião offerecer copioso assumpto para muitas folhas, se a culpavel omissão de quem as devia notar nos não precisasse a reduzillas a hũa breve, e succinta narração. Nasceo este illustrissimo varão na celebre cidade de Olinda, onde teve por preclaros progenitores D. Felippe de Moura, filho de D. Manoel de Moura, e de sua mulher D. Izabel de Albuquerque, e D. Genebra Cavalcante de Albuquerque, filha de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, filha de Jeronimo de Albuquerque, e de D. Maria do Espirito Santo. Instruido com aquellas artes e sciencias dignas do seu illustre nascimento se fez querido, e extimado de seus naturaes. Quando chegou a idade competente para tomar estado, arrebatado da rara fermosura, grande calidade, e excellentes prendas de sua prima com irmãa D. Brites de Mello, filha de João Gomes de Mello, e de sua mulher D, Margarida de Mello, se desposou com ella. Pouco tempo viverão contentes na união das vontades, porque a Divina providencia com a intempestiva morte da esposa rompeo o apertado vinculo do seu amor.

126. Tão altamente penetrou o coração de D. Paulo de Moura esta fatal calamidade, que para não ter prezentes os estimulos de hũa pena, que julgava ser inconsolavel, determinou auzentar-se para sempre da sua caza, e companhia de seus pais e parentes. Conhecendo a caduca duração das dilicias mundanas, buscou resolutamente as eternas na austera reforma da custodia de Santo Antonio do Brazil (não lograva nesse tempo as preheminencias de Provincia) cujo instituto professou no convento da sua patria em 29 de setembro de 1596, quando contava 21 annos de idade. Em hũa grande desgraça do mundo achou este varão illustre a porta aberta para o ceo, e ficando superior aos contrastes da carne e sangue fez gloriosissima sua victoria, trunfando de si mesmo. Quantas vezes se ha visto ser hũa desgraça antesalla de hũa grande fortuna, como ao contrario ser hũa grande fortuna precipicio fatal para hũa grande desgraça. Esta ingeniosa quimica, praticou com grande primor D. Paulo, attento as vozes do Apostolo, que diz, que aos que Deos tem destinado para santos, todas as couzas succedem, e cooperão a seus bens. Consultou com o seu entendimento esta verdade, e compondo-se com seus dezejos, lhe ficarão livres os olhos da razão para ver as luzes do desengano. Não satisfeito so com deixar as dilicias da sua caza, e agradavel companhia de seus parentes, se resolveo a deixar tambem a patria. Embarcou-se para o reyno, e advertindo judiciosamente que fora chamado, depois de gozar mundanos divertimẽtos, pelo celeste

agricultor para cultivar a vinha da religião, se empenhou a competir, e exceder aquelles, que com inocente idade a cultivarão. Amou com excesso a pobreza evangelica; cegamente sogeitou a vontade propria as ordens dos superiores; e para ter sugeita a rebeldia da carne as leys do espirito a castigava com asperas penitencias. Na caridade para com os enfermos foy insigne, aos quaes assistia compassivo, e ministrava prompto. Com religioso culto, e cordeal affecto venerava a Maria Santissima obsequiando-a quotidianamente com o seu rosario, que devotamente prostrado recitava. O interno ardor, com que adorava a Christo sacramentado, se fazia patente em ternuras, quando celebrava o incruento sacrificio do altar.

127. Estudou as sciencias escholasticas no Convento de Santo Antonio de Lisboa, e nellas fez grandes progressos. Foy ornado de grande talento para o pulpito, e na corte de Lisboa, fecundo theatro de famosos oradores conciliou a extimação, e aplauso de insigne pregador. Depois de ser guardião em dous conventos daquella provincia, foy eleito custodio para a de Santo Antonio do Brazil, para onde veyo no anno de 1617, e voltando para o reyno no de 1620, foi nomiado guardião do Convento de Santo Antonio da Castanheira, em cujos governos mostrou a sua prudente capacidade. Attenuado com a applicação do estudo, cuidado das prelasias, e juntamente com o excesso das penitencias, cahio enfermo, e como se tinha preparado com muitos actos virtuosos para a ultima hora, a esperou com sereno aspecto. Recebidos os sacramentos, com fervorosas ternuras entregou placidamēte seu espirito ao Creador no dito Convento de Santo Antonio da Castanheira.

128. Foy herdeira dos bens, que deixou no seculo, sua filha D. Maria de Mello, e Moura, que casou com Francisco de Mendonça Furtado, alcayde mor de Mourão, commendador de Villa Franca de Xira, governador de Masagão, de quem nasceo D. Maria Luiza de Mendonça, q. casou com João de Almada de Mello, commissario geral da cavallaria da Beira, alcayde mor de Palmela, senhor do Morgado dos Olivaes, e do Soutto del Rey, de quem nasceo D. Thereza Luiza de Mendonça, que casou com Manoel de Carvalho e Atayde, commendador da ordem de Christo, capitão de cavallos na corte, senhor da quinta da Granja, filho de Sebastião de Carvalho e Mello, capitão de cavallos dos familiares de Lisboa, terceiro senhor do Morgado de Sernácel, e da quinta de Granja, e padroeiro de Nossa Senhora das Merces; e de sua mulher D. Leonor Maria de Atayde, filha de Gonçalo da Costa Coutinho, commendador da ordem de Christo, governador de Aveiro, Buarcos, e Figueira; e deste matrimonio nasceo o excellentissimo Sebastião Jozé de Carvalho e Mello, do concelho de Sua Magestade, e seu secretario de estado da repartição dos negocios do reyno e merces.

129. Professou o mesmo instituto no Convento da Cidade de Olinda em o primeiro de Fevereiro de 1597, D. Manoel de Moura, natural da mesma cidade, que atrahido do exemplo de seu irmão D. Paulo de Moura, de quem asima fizemos merecida memoria, se resolveo abraçar este sagrado instituto. Fugitivo da caza paterna para os claustros franciscanos augmentou com virtudes religiosas os herdados esplendores da sua coroada ascendencia. Chamou-se na religião Fr. Manoel da Conceição, pela cordialissima devoção, e singular obsequio, com que venerava este mysterio. Ouvio com applicação pelo espaço de seis annos as sciencias severas, que lhe servirão para bem exercitar os ministerios do pulpito, e confessionario. Ornado de natural urbanidade, animo sincero, e exacta observancia exercitou os lugares mais honorificos da sua provincia; e na de S. Ant°. de Lisboa, adquerio singulares extimaçoens. Provada a sua tolerancia com hũa importuna infermidade depois de se fortalecer com as armas dos sacramentos para o ultimo conflicto, faleceo placidamente no Conv°. de Via Longa, com geral sentimento dos domesticos, e estranhos.

130. Os frutos de santidade, letras, e armas, com que a illustre descendencia de Jeronimo de Albuquerque tem enriquecido os claustros, tribunaes, e campanhas são tão notorios, como admiraveis. Entre elles goza hum dos primeiros lugares nos monumentos da provincia de Santo Antonio de Lisboa, e nos annaes da fama, o insigne Padre Frey Paulo de Santa Catharina, segundo no nome, e digno primo do primeiro de quem asima tratamos. Nasceo na cidade de Olinda, onde forão seus illustres progenitores Antonio Cavalcante de Albuquerque, filho de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, filha de Jeronimo de Albuquerque; e D. Izabel de Goes, filha de Arnao de Olanda, sobrinho do Papa Adriano VI, e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos. Acompanhou a seu irmão Lourenço Cavalcante de Albuquerque na restauração da Bahia, indo em hua fragata armada a custa da fazenda de seu pay a esta gloriosa empreza. Mas como resolvesse seguir as letras se embarcou para o reyno, e na universidade de Coimbra se applicou ao estudo do direito Cesareo. No tempo que fazia grandes progressos nesta faculdade, deixou as aulas e com heroica resolução buscou os claustros. Entre todos elegeo como palestra de sabios, e seminario de santos a serafica Ordem de S. Francisco, professando solemnemente o seu instituto no Convento de Santo Antonio de Lisboa a 19 de Fevereiro de 1632. Applicado ao exercicio das virtudes, e ao estudo da theologia escholastica chegou a brilhar com toda a intenção entre os mais observantes, e entre os mais doutos. Foy universalmente estimado por insigne filosofo, excelente theologo, e eloquente pregador. Pela exacta observãcia

da sua regra, com que servia de exemplar aos seus domesticos, foy eleito guardião no Convento da Pedreira, Provincial da sua provincia, por eleição de seis de mayo de 1662, e visitador geral da provincia da Piedade.

Livre dos cargos passou alguns annos, no estado de subdito, esperando a morte com excessiva preparação de virtudes. Assim o achou o termo da vida no Convento de Lisbôa a 3 de fevereiro de 1693, com fama de religioso perfeito que ainda hoje acompanha a sua memoria agradavel, e plausivel na sua provincia. D'elle faz honorifica menção o abbade Diogo Barboza Machado. Bibl. luzit. Tom. 3. lit. P. pag. 519.

131. Com igual resolução tinha abraçado o instituto serafico seu irmão mais velho Manoel Cavalcante de Albuquerque, professando solemnemente no Convento de Olinda sua patria em 9 de Novembro de 1618, com o nome de Frey Manoel de Santa Catharina. Nesta virtuosa palestra fez tantos progressos nas virtudes, como nas letras. Foy ornado de genio affavel, e modestia religiosa, com que atrahia a todos, que o vião, e tratavão, Com dependencias desta provincia passou ao reyno, onde logrou extimações de virtuoso, e douto.

Não temos certeza onde faleceo, e só achamos nas memorias, que escreveo Antonio de Sa de Albuquerque (sendo elle vivo) que estava eleito bispo sem dizer de que bispado.

132. O Padre Fr. Andre da Conceição, natural do Reciffe, foi filho de Mathias Gomes Pereira, e de Luzia Pereira descendentes de familias nobres. Instruido nas letras amenas, recebeo o habito serafico, e professou solemnemente no Convento de Olinda em 16 de Abril de 1675, quando contava 21 annos de idade. Pela sua prudencia mereceo exercitar os maiores lugares da religião, até ser eleito provincial em 11 de fevereiro de 1702, temperando de tal sorte a severidade com a clemencia, que se fez ao mesmo tempo amado, e temido dos seus subditos. Practicou com grande exacção as virtudes religiosas, e mereceo particulares extimações das primeiras pessoas deste estado. Ao tempo que com geral aplauso estava governando esta provincia, cahio enfermo, e conhecendo ser chegada a ultima hora, pedio os sacramentos, que recebeo com summa devoção, e acabando de pronunciar as palavras, Maria Mater gratiæ etc partio a lograr o premio das suas boas obras em 2 de novembro de 1703, no Convento da cidade da Bahia.

133. Frei Francisco de S. Antonio, de profição Leigo, preto na cor, e clarissimo nas obras; depois que com insigne valor triunfou dos inimgos da patria, na restauração destas praças; se determinou a fazer viva guerra aos inimigos da alma; e para o conseguir vestio o habito de Donato no Convento de Olinda, onde se exercitava no manejo das virtudes, que são as armas com que se alcanção delles as

mais gloriosas victorias. Vendo que esta serafica e austera provincia era a palestra em que melhor se lhe offereciāo meyos de conseguir os triunfos; dezejou professar o seu instituto, e sabendo que a sua cor lhe servia de impedimento, se embarcou para o reyno, onde em remuneração de seus grandes serviços, e virtudes conseguio voltar para a patria recomendado da piedade del Rey D. Pedro segundo, e que os prelados o admetissem a profição, que fez em dous de agosto de 1689.

No dito convento viveo muitos annos em vida tão austera, e penitente, que não podendo a comunidade dar alcance a seu exemplo, era a sua admiração. Dos favores, e merces que recebia de Deos, era argumento, o muito que era perseguido do inimigo comum.

Não podendo a sua infernal inveja sofrer quanto se adiantava no caminho da perfeição, o maltratavã repetidas vezes com pancadas, e horriveis visoens. Cheyo de merecimentos passou desta vida mortal para a eterna no dito Convento de Olinda em 25 de agosto de 1695, quando contava oitenta annos de idade.

CAPITULO 17

DE ALGUNS RELIGIOSOS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE NA ILLUSTRISSIMA RELIGIÃO DO CARMO FLORECERÃO EM VIRTUDE E DOUTRINA

134. Apenas apparecerão na esfera Pernambucana os luzidos astros do ceo carmelitano, quando logo occuparão como luminosos esquadroens os postos, e caminhos do ceo, praticando todo o genero de virtudes; e sendo tão vivos, e tão ardentes no dezejo de aproveitar as almas, que parecia lhes emprestara o Santo Proto-Patriarcha Elias os incendios daquella flamante carroça, em que fora arrebatado ao paraizo. Porem como no mundo tudo continuamente vay circulando, e na circulação as mesmas cousas vão subindo e baixando, e o ultimo gráo do subir, he o primeiro para baixar, com as diferenças do tempo padecia já a religião algũas quebras na inteireza de suas observancias. Entrando alguns religiosos em conhecimento das froixidoens permitidas, com que se hião resfriando os primitivos fervores, se abrazavão em ardente zelo do seu remedio, para não chegarem a ver escurecido o ouro purissimo da regular observancia, nem amortecida aquella fermosa cor, com que arrebatavão os olhos, e os affectos de todo Brazil.

135. Com pureza de intenção, e santo zelo entrarão na dificultosa empreza de hũa reforma, e para que não ficasse seu zelo infamado com a nota de ambicioso, e imprudente, e por arbitro de novidades odioso elegerão meyos suaves, efficazes, e proporcionados, e conseguirão

gloriosamente o seu logro, vencidas as dificuldades, que fomentava com suas mas artes o demonio para embaraçar a cultura desta vinha do monte Carmello, e seus abundantes, e maravilhosos fructos. O que não alcançarião se o seu zelo, sobradamente fogoso, e arrebatado turvasse os coraçoens, que devião ganhar-se com a força da razão, temperada ao dictame da prudencia.

136. Teve principio esta reforma no anno de 1677, em hum hospicio levantado na celebre villa de Goyana. Quando nelle entrarão erão poucos, mas em breve tempo forão tantos os religiosos, que levados do suave atractivo da virtude se agregarão, que foy necessario recorrer a multiplicidade de conventos para dar cumprimento a innumeraveis vocaçoens. ElRey D. Pedro II lhes deo licença para fundar conventos, offerecendo com real benignidade, favorecellos para os progressos da sua reforma, que se adiantava sem queixa dos observantes, porque os conventos ficavão immediatamente sugeitos aos seus Provinciais governando-se os reformados por commissarios, ate que estabelecida dita reforma conseguirão total independencia daquelles prelados, com a honra de provincia separada. Convem uniformemente huns, e outros em a guarda do seu instituto, e se diferenção em algũas austeridades, que entre observantes, e reformados da a conhecer o excesso.

137. Hum dos mais vivos agentes da reforma foy o insigne padre Fr. Manoel da Assumpção. Aquelle fervor de espirito, com que entrou no noviciado, continuou depois de professo com ardente dezejo de cada vez se adiantar mais no caminho da perfeição. Os empenhos da reforma, que reprezentando-se arduos acobardavão os coraçoens com aparentes fantasmas de ponderados descursos, forão faceis a luz da sua virtude, porque tinha suas esperanças fundadas no firmissimo elemento da providencia divina. Favorecido das enchentes da graça sentio em seu coração hũa dilatação suavissima, e em seu entendimento hũa claridade tão dezembaraçada, que ao mesmo tempo, que lhe deo a conhecer as dificuldades desta empreza, lhe declarou os meyos de as vencer. Foy este varão illustre para a sua reforma exemplo, e oraculo de santidade, lavrando com sua doutrina, e exemplos os espiritos dos seus domesticos. Para illustrar com as sciencias a nova congregação dictou filosofia, e theologia com grande emolumento dos seus ouvintes.

Assestia com summo gosto as conferenças, e disputas particulares de seus discipulos, para adiantar com replicas o argumento, e dar solução as dificuldades. Foy muitas vezes prior e commissario geral, e nestas occupaçoens se mostrou tão vigilante que parecia haver-se tresladado a seu peito o fogo de Elias para zelar a cauza de Deos, e promover a observancia dos seus institutos. A maior parte do tempo, que lhe restava das occupaçoens de prelado, de ouvir peccadores no

confissionario, e reprehender vicios no pulpito, o consumia em obras de caridade. Foy Deos servido que tivesse seu zelo fervoroso, emprego dignissimo, em que desafogar seus fervores, porque havendo-se ateado na cidade da Paraiba o fogo do pestilente contagio, que no anno de 1686, começou no Reciffe, se applicou a asistencia dos apestados, exercicio donde poem seos mais vigorosos esforços a caridade, offerecendo a vida para remedio dos corpos, e salvação das almas. Apagou-se o incendio da peste, e ficou por morador daquelle convento, e nelle acabou com felicidade, o curso de sua vida, deixando de si a seus irmãos muitos dezejos, bons exemplos, e gloriosa fama de suas gloriosas virtudes.

138. Floreceo na mesma reforma, e em seu principio o padre pregador Fr. Estevão de S. Miguel, natural de Reciffe, e filho de Andre Coelho. Foy singularissima neste varão religioso a abstração do seculo, retirado sempre em seus estudos, em cujo retiro dispensava somente o zelo do bem das almas e a necessidade dos proximos. Ornado daquellas prendas, que formão perfeito hum religioso, quaes são negação da propria vontade, pureza de conciencia, pobreza de espirito, esquecimento do mundo, desprezo de si proprio, modestia, silencio, affabilidade, e penitencia, acabou sua virtuosa vida no convento patrio, sendo suas cinzas objecto de piedoza memoria, e veneração.

139. O padre Fr. Antonio de Santa Roza, nasceo no Reciffe, onde teve por pays Matheus Garcia, e sua mulher Maria de... Tomou o habito no convento de Goyana, tendo a cada hum dos religiosos deste reformado convento por exemplar, fez suas pela imitação as virtudes de todos. Depois de professo o applicou a obediencia ao estudo das sciencias, e na grande capacidade de seu talento achando lugar amplissimo as subtilezas filosoficas, e theologicas, as dictou aos seus domesticos. Esteve alguns annos detido no exercicio do pulpito, e confissionario, mas conhecendo a religião quanto era ardente o seu zelo na conservação, e augmento da nova reforma, o elegerão prior do convento de Goyana, e Parayba, diffinidor, e ultimamente commisario geral, em cujos onerosos ministerios, dezempenhou as obrigaçoens de hum superior perfeito. No convento patrio, e em idade provecta foy chamado por Deos com hũa morte feliz para lhe remunerar os seus merecimentos.

140. No mesmo convento descanção as cinzas do padre Fr. Jozé da Madre de Deos, natural do Reciffe, filho de Manoel Duarte e de sua mulher Maria Peres. Na idade da adolescencia foy admitido a congregação do oratorio, e na caza de Nossa Senhora Madre de Deos deste Reciffe recebeo a roupeta, em cuja palestra aprendeo as virtudes, em que foi eminente, e as letras, em que sahio consumado. Por justas cauzas largou a congregação, e profeçou o instituto carmelitano, no

qual exercitou com maior excesso as virtudes, que sempre practicara. Foy mestre de noviços, prior do convento da Parayba, e duas vezes do do Reciffe, diffinidor, e provincial, observando em todas estas prelazias igual prudencia, que virtude para os subditos. Viveo muito annos no convento patrio, em cuja fabrica material trabalhou muito, não sendo menos diligente na espiritual, edificando domesticos e estranhos com seus bons exemplos. Carregado de annos e merecimentos morreo placidamente, e jaz sepultado no dito convento.

141. O veneravel Fr. Nicolao de Jesus Maria Joze, que no seculo se chamou Nicolao Paes Sarmento, nasceo no Reciffe, onde forão seus pays Domingos Paes Sarmento, e Maria Tavares Benevides. Instruidos nos preceitos da lingua latina, poesia e oratoria passou a universidade de Coimbra, onde resoluto a seguir a vida ecclesiastica, se formou na faculdade dos sagrados canones, como propria do estado, que elegera, e voltando para a patria mereceo pelas suas letras, e virtudes ser provido no deado da cathedral de Olinda, sendo o primeiro deam desta se; e posto que lograva esta dignidade junta com a de provisor, e vigario geral do bispado, deixou este logar, e passou por nova promoção para deam da cathedral da Bahia; e vagando o deado de Pernambuco por morte do doutor Francisco Martins Pereyra, que lhe succedera, para satisfazer as repetidas instancias, com que os seus naturaes lhe pedião se restituisse a patria, procurou segunda vez ser provido nesta cadeira. A sua grande litteratura, unida com a rectidão do seu procedimento moverão aos illustrissimos D. Fr. Francisco de Lima, e D. Manoel Alveres da Costa para se servirem da sua pessoa nas materias consernentes a obrigacão pastoral, fazendo-o provizor, e vigario geral, cuja eleição, e a de governador do bispado, que exercitou por muitos annos desempenhou com geral aplauso do seu nome. Na administração da justiça encheo todas as obrigaçoens de ministro recto, e solicito, não havendo instante vago, que não occupases em beneficio das partes. Reprehendia, e castigava severamente os vicios, mas com tanta prudencia, que atrahia suavemente os criminosos.

142. Estes dotes com que se ornava o seu espirito o habilitarão para desprezar, resolutamente a dignidade, elegendo para centro da sua tranquilidade o religioso claustro do convento de Goyana, onde professou o instituto do Carmello reformado. Neste sagrado domicilio se fez exemplar daquellas virtudes proprias de hum perfeito regular, sendo na abstinencia rigoroso, na oração continuo, no zelo inflamado, na obediencia prompto, e no silencio observante. E ainda que solicitou sua modestia ficar desconhecido, e olvidado, não pode conceguir o que tanto dezejava, porque a voz clamorosa de hum tão exemplar desengano, e de hua vida tão penitente, o descobria para o exemplo, e lhe negociava maiores veneraçoens, que as que havia desprezado.

Como lhe fosse revelada a ultima hora da vida, disse a ultima missa com a pauza, e devoção custumada, e de tarde depois de rezar vesporas, e completas se recolheo ao seu cubiculo. No seguinte dia foy acomettido de hũa febre, que no juizo dos medicos não era executiva, mas conhecendo o servo de Deos ser chegada a ultima hora pedio que lhe administrassem os sacramentos, que recebeo com devota ternura.

Ficou algum tempo em altissima contemplação, e abrindo depois os olhos empregando-os em hum santo crucifixo invocando os dulcissimos nomes de Jesus e Maria, entregou placidamente o espirito nas mãos do seu creador.

143. No mesmo convento de Goyana he veneravel a memoria do padre Fr. Domingos de S. Maria, natural do Porto Calvo. Foy filho de pays nobres, e timoratos, que cuidarão muito na sua boa educação. Professou o instituto carmelitano no dito convento, onde viveo alguns annos dando em todas as suas acçoens admiraveis exemplos. Era muito penitente, humilde, e observante; na oração continuo, e cordialissimo devoto de Maria Santissima. Foy prior do convento, donde nasceo para a religião, e diffinidor da provincia, mas de tal maneira se portava nesta, e outras occupações em que o metia a obediencia, que o não distrahião do interior trato, e amoroso comercio com Deos. Morreo em idade provecta com a felicidade, que prometião suas virtudes.

144. O insigne Fr. Affonso de Albuquerque, nasceo na cidade de Olinda, onde teve por illustres progenitores Christovão de Albuquerque, fidalgo da caza real, comendador na ordem de Christo, filho de Jeronimo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatario, e de sua mulher D. Catharina de Mello, filha de D. Christovão de Mello, governador geral do Brazil; e D. Ignez Falcão, filha de Simão Falcão de Souza, fidalgo da caza de sua magestade, e primeiro provedor da fazenda real de Pernambuco, e de sua mulher D. Catharina Paes. Aprendidas as primeiras letras, desprezou as delicias da caza paterna, e vaidades do mundo na florente idade de 16 annos recebendo o habito de carmelita observante no convento de Olinda.

Nesta virtuosa e douta escola tão grandes forão os progressos, que fez nas virtudes, como nas letras. Para sempre acertar no caminho da perfeição obedecia não somente ao preceito expresso, mas a vontade conjecturada do seu prelado, reduzindo com asperas penitencias o corpo para o ter sempre sugeito as leys do espirito. Era muito penitente, e mortificado, conservando porem hua tal compustura, e alegria no semblante, e afabilidade nas palavras, e trato com o proximo, que o fazia igualmente amado, que venerado. Foy ouvido no pulpito como clarim do evangelho, e no confissionario attendido como insigne director das

almas, sendo procurado de muitos peccadores para se confessarem com elle, buscando na sua direcção o socego das suas consciencias.

Os habitadores de Olinda movidos da fama do seu talento concorrião a consultallo em graves controversias, de que era constituido o arbitro para a sua decisão, sendo sempre o seu parecer recebido com satisfação das partes. Eleito prior do convento patrio, governou os subditos com muita prudencia, e affabilidade. Certificado o reverendissimo general da ordem dos seus merecimentos, e excelente capacidade o nomiou commissario geral, e vizitador dos conventos desta provincia, o que humildemente regeitou, protestando não ter forças para bem exercitar aquelle cargo, e conseguio viver no estado de subdito ate a morte, que esperou no dito convento com grande preparação de virtudes.

CAPITULO 18

NATURAES DE PERNAMBUCO, QUE EM VIRTUDE E DOUTRINA FLORECERÃO NA CONGREGAÇÃO, QUE FUNDOU O VENERAVEL PADRE D. JOÃO DUARTE DO SACRAMENTO

145. O veneravel padre João Alveres da Encarnação nasceo em 4 de março de 1634 no lugar de Tracunhem, freguezia de Santo Antonio; onde teve por pays Antonio Jorge Guerra, e sua mulher Izabel Taveyra, descendente da illustre familia dos Taveiras. Deo desde a idade juvenil pronosticos certos de sua futura santidade, com a madureza de seus bons custumes. A bondade da sua indole, ajudou muito a bôa educação de seus pays. Esteve em seu poder até receber ordens de presbitero, porem vivendo violento nos trafegos do seculo, chamado por divinas inspiraçoens ao silencio dos claustros, elegeo o estado de congregado, e no convento de santo Amaro de Olinda pedio humildemente a roupeta. Foy admetido com contentamento daquelles varoens apostolicos, e vendo-se em estado das maiores obrigaçoens, em que se havia posto de consagrar-se todo ao serviço de Deos, obrava nas duas vidas activa, e contemplativa com incansavel applicação. Era humildissimo, e nunca estava mais gostoso, que quando mais empregado nos serviços mais infimos da comunidade. No trato interior com Deos, se adiantou muito, tendo muy disposta a alma, para as influencias divinas em a inocencia da vida, e pureza da conciencia. Assim como Deos o destinava para director, e mestre de gentios novamente convertidos a fé, e de peccadores esquecidos da sua salvação, tambem lhe asistio com as prendas, e condiçoens necessarias para tão insigne emprego.

A confiança em Deos o fazia desprezar perigos, não fraquear nos trabalhos, dezejar perseguiçoens, não temer os demonios, vencer dificuldades, gloriar-se com as affrontas, e viver nas adversidades contente. Nas suas infirmidades esperava de Deos os remedios e de tal sorte se via assestido da esperança neste senhor, que sempre a trazia por companheira nas suas jornadas, e caminhos. Macerava o corpo com continuos jejuns, sustentando-se com ervas, legumes, e com hua fruta agreste chamada catolé. Era o seu coração de bronze pela fortaleza, porem tão penetrado do fogo do amor divino, que em seus affectos, não parecia senão o mesmo fogo do divino amor. Quando conciderava, fallava, fazia, e padecia, tudo era movimento da ardentissima caridade, com que amava constantemente a Deos. A devoção a Maria Santissima era princeza primorosa q̃. presidia no choro das suas virtudes, para obrigallas a exercitar com decoro todas as funçoens concernentes a honra, e ao serviço de seu bemdito filho. Do amor do proximo procedia o ardente zelo, e fervoroso affecto, com que acudia, e se occupava em remediar as indigencias do corpo, e da alma, porque a todas se estendião os incansaveis disvelos da sua admiravel caridade. Era muito humilde no fallar, e no trato, que se via obrigado a ter com os homens, tudo respirava abatimento proprio, por fazer de si hum baxissimo conceito.

146. Inflamado do ardente dezejo de conquistar almas para Jesu Christo, alcançando dos superiores a faculdade, que tanto dezejava, partio para o Seará, e tanto que chegou a destinada baliza das suas apostolicas fadigas, he incrivel a ancia, com que principiou a cultivar aquella agreste, e dilatada vinha. Não se podem reduzir a numero os trabalhos, e vigilias, que constantemente tolerou, os caminhos fragosos, e innacessiveis, pelos quaes muitas vezes descalço discorreo, os perigos, e ciladas a que heroicamente offereceo a vida para atrahir a fè os coraçoens dos idolatras, merecendo por estes evangelicos ministerios ser chamado apostolo desta missão. Aos indios redusidos a fe asestia com santos concelhos, e efficazes exortaçoens, e virtuosos exemplos, para que no exercicio das virtudes redimissem o tempo perdido em as idolatrias; e aborrecidas as trevas da gentilidade, amassem a luz do evangelho, que os tirou do abismo, e captiveiro das sombras da culpa, para a ditosa liberdade da graça. O demonio que tanto aborrece as luzes da verdade, porque destroem o tirano imperio das suas trevas, moveo hũa perturbação, que pudera ter arruinado o edificio, que tinha levantado o seu ardente zelo.

Pertendeo o capitão mor daquella provincia servir-se dos indios já domesticos com dominação violenta, e imperiosa severidade, sem outro fim que a propria conveniencia. Pisando as leys da natureza, da razão,

e da equidade, fazia destes subditos escravos, e querendo intimidar-lhe os animos, os esforçou, porque o maior arrojo, he filho do mayor medo, que he a desesperação, e he facil a execução daquelle acto que não tem de terrivel senão o facto. Para se livrarem das suas violencias, a maneira dos xantios, que por duas vezes se queimarão para não cahirem nas mãos de Arpalo, de Alexandre, e de Bruto, puzerão fogo as aldeas, e se mostrarão postos em campo terrivelmente armados.

147. Sentio amargamente o servo de Deos este acontecimento, que sem duvida fomentara com suas artes o demonio, para embaraçar o cultivo desta vinha, e seus abundantes frutos; e para que se não puzessem nas mãos do perigo, trabalhou no ajuste das partes com ardente zelo. Muitas dificuldades teve que vencer, em que tiverão exercicio a sua prudencia, e a sua tolerancia, porque causas, que são de justiça, tem para seus agentes como assalareadas as perseguiçoens, porem não tivera tanto de glorioso o triunfo se não o alcançara o valor, ao custoso preço do trabalho. Conseguio finalmente com as doçuras da caridade temperar as amarguras dos seus sentimentos, e que largando as armas, e depondo as desconfianças viessem outra vez povoar, e assestir nas aldeas. Correo a boa opinião deste insigne missionario, e atrahidos os que andavão dispersos de tamanha bondade, concorrerão tantos, que foi preciso fundar novas residencias.

148. Que este varão de Deos fosse em virtudes muy insigne o provão seus singularissimos milagres, que não somente tem o apoyo da tradição immemoravel, mas serem muitos delles antenticados por hum summario de testemunhas, que por ordem do illustrissimo bispo D. Frey Jozê Fialho, tirou o licenciado Alexandre da Fonseca, vigairo geral do Seará, que de prezente occupa hũa cadeira de conego prebendado na cathedral de Olinda. Do dito summario consta os seguintes prodigios.

149. Sendo o varão de Deos chamado para administrar os sacramentos a hum enfermo de perigo, e que vivia em distancia de seis legoas, chegando as margens de hum dos muitos rios, que fertilisão a campanha, vio que as agoas hião muy rapidas, e profundas pela crescente occasionada das chuvas, e não se atreveo a tentar o váo, em que reconheceo manifesto perigo se resolvesse a passallo a pé. Achando-se confuso a margem do rio, reparou que estava pacendo na ribeira hum poldro e chegando-se a elle, o achou de tanta mansidão, que tomou a resolução de montar nelle para passar o rio.

Entrou pelo rapido, e profundo das correntes, arrebatarão estas o bruto, e o levarão a hũ profundo redomoinho que fazião as agoas, donde dando algũas voltas o sorverão, desaparecendo aos olhos dos indios, que o acompanhavão. Voltarão estes para a sua povoação tão

tristes, como certos da morte do seu padre, e dando a seus companheiros noticia deste a seu parecer funesto sucesso, sahirão todos a vadear o rio para descobrir o corpo. Nesta deligencia passarão toda noite, e parte do seguinte dia sem acharem o que procuravão; e quando já determinavão voltar para a sua aldea, virão não sem grande admiração, que o servo de Deos aparecendo na ribeira contraria, entrou pelas correntes, se sumergio nas agoas, e caminhando pelo mais profundo sahio á terra não so com vida livre, senão com os habitos secos, e enxutos sem sinal de humidade algũa.

150. Correo a voz do aperto, em que se achava o capitão Carlos Ferreira, que com a sua companhia estava de guarnição na fortaleza do Seará, por lhe terem dado hum tiro, e despedaçado o hombro direito com duas ballas. Determinou fazerlhe huma visita em prova do amor, que lhe tinha, e achou o enfermo nimiamente aflicto. O cirurgião lhe dava muy poucas horas de vida, por não acertar a tomarlhe o sangue. Tomou o servo de Deos por sua conta a cura da chaga, e pondo lhe hũas folhas de tabaco, atou o hombro com o lenço de seu uzo, e se retirou para a sua residencia. Sentio logo grande alivio, e que calmavão suas terriveis dores, deixando livre o movimento do braço, e restituido a suas vigorosas forças. Clamava dizendo estar perfeitamente são, e que lhe desatassem a atadura das feridas; e assim se executou, e com admiração de todos, que estavão lastimados da sua fatalidade, se acharão serradas, os ossos inteiros, com hum sinal leve das cicatrices.

151. Compadecido outra vez o varão de Deos dos extremos lastimosos de hum rapaz indio, que subindo a hũa larangeira se lhe cravou pela pupilla do olho direito hum espinho, o tirou com brandura, e pondo lhe da sua saliva calmarão no mesmo ponto as dores, que erão vehementissimas, se cerrou a ferida, sem ficar cicatriz algũa, e so ficou hum pequeno sinal vermelho como para rubrica deste milagre.

152. A mandioca de que se faz a farinha usual do Brazil, sendo refinado veneno antes de lançada de molho, he utilissimo sustento depois de beneficiada.

Outras raizes ha do mesmo genero, e feitio, mas de diversa qualidade, que se chamão aypiz, e são de quatro especies, assû, branco, preto, e poxá, e de todas se fazem por varios modos agradaveis guisados. Nas olhas se assemelhão aos nabos, e assadas tem o mesmo sabor que as castanhas verdes de Portugal.

Alguas vezes tem succedido enganarem-se alguas pessoas comendo assadas as mandiocas, cuidando ser aypis, e se lhes não acodem com remedios promptos sentem os terriveis e mortaes effeitos deste veneno. Este engano padecerão dous homens, e sentindo grandes ancias no

coração, lembrando-se das piedades, que o servo de Deos usava com os afligidos, por hum dos assistentes lhe pedirão o remedio. Chegou o inviado a sua prezença, e sem dizer ao que vinha, lhe disse o veneravel padre: volte irmão com pressa para acodir a fulano, a quem em agoa fria darã a beber o que vày neste papelinho (erão poz de assucar branco) e confie em Deos, que livrarã do perigo. Fulano já não carece de remedio. Admirado de ver que ao servo do Senhor lhe erão prezentes sucessos distantes, voltou apreçado para o lugar onde estavão os enfermos, e achou ser hum ja falecido, e que o outro não tinha de vivo mais que a frequente, e trabalhosa respiração de agonizante, e bebidos os pos de assucar ficou de repente livre do extremo perigo. Outros muitos milagres constão de varias tradiçoens, os que se provarão no dito summario forão os referidos, que bastão para prova da sua virtude, e santa vida.

152 (*). O conhecimento dos segredos do coração, e dos futuros contingentes, he dom sobrenatural de muy superior esfera, porque foge inteiramente do humano entendimento, e he excelencia reservada a Deos que he infinito. Teve o servo de Deos por participação gratuita como se vio em muitos successos, dos quaes referiremos hum somente. Indo de viagem passou pelo engenho do Pantorra, situado na freguezia do Cabo, revelou-lhe o Senhor que naquella caza succederia hum lastimoso cazo, não tendo ordem para fallar claro, disse : que os ameaçava hum grande golpe se o não evitassem com a penitencia, ou não o desarmassem com a prudencia. Despresarão o avizo, e em breve tempo virão decifrado o mysterio, sendo o dono della morto a punhaladas por hum assassino na sua mesma cama.

153. Não conhecem as actividades do amor santo, os que determinão limites as suas tarefas, entonces começa a obrar mais fervoroso, quãdo parece que caminha a seu descanço. O pezo da velhice, e os muitos achaques poderão ser decente pretexto, e precisa necessidade para este varão de Deos fazer pausa em seus laboriosos exercicios, e solicitar algum alivio ; mas não consentia o ardente zelo do bem das almas estar aprisionado sem exercicio, porque fora ter mortificada a sua caridade padecendo de ociosa. Livre já das obrigaçoens de missionario se recolheo ao convento do Reciffe, onde perennemente assestia no confissionario, dirigindo as almas pelo caminho da salvação. Padecia hum horrivel cancro, a cujo remedio não applicava outra medicina, que a da paciencia, posto em termos de incuravel, começou a corromper-se com perigo proximo da vida.

A intenção das dores, e muito mais as vehemencias do amor,

(*) *Numero repetido.*

forão apurando o residuo das suas forças, em cuja debilidade tinha a alma hypothecados os seus maiores alentos. Com elles, e a viva concideração de que ja se hia chegando a hora de passar do trabalho deste mundo para o eterno descanço, confeçou-se e pedio os mais sacramentos com humildade, e os recebeo com grande reverencia, e abundancia de lagrimas. Pedio perdão aos prezentes, e auzentes daquelles máos exemplos, que avultava a sua humildade aos olhos do desengano. Abraçado com a imagem de seu amantissimo senhor crucificado lhe entregou a alma, cerrando a sua vida, com a chave de ouro de húa preciosa morte.

Ouve grande sentimento não so nos padres congregados, que perdião tão rico thesouro de virtudes, mas em todo Reciffe pela fama de santidade, e geral devoção ao servo de Deos.

Pedião as alfayas de seu uzo, e cortavão pedaços das suas vestimentas, que venerão como reliquias. Em dous dias, que o veneravel cadaver esteve sem se entregar a sepultura, se vio flexivel, e a carne tão branda, e tractavel como se fosse animada. Com alguns particulares protentos acreditou o Senhor a virtude, e eterna felicidade deste seu servo, e entre outros foy admiravel o seguinte. Aquelle tumor ulcerado, que em sua vida exhalava hum cheiro corrupto, que offendia o olfato, e o cerebro, de quem lhe assestia, logo que se apartou do corpo o espirito, desapareceo em hum instante, exalando húa fragancia suavissima, e não conhecida, e tanta que se participou a todo o espaçoso ambito da igreja. Porem o mayor, e mais firme testemunho das virtudes deste fiel servo do Senhor he o que se escreve no livro da vida dos bemaventurados, de cujo numero piamente cremos, que he, e será por toda aquella eternidade a que subio em 29 de setembro de 1719, aos tres quartos para as oito horas da manhãa.

154. Do rico thesouro de santos homens, que depositados no convento da Madre de Deos de padres congregados do Reciffe, esperão a ressurreição universal tiramos tambem as virtudes de dous naturaes de Pernambuco, que pela perfeita observancia da ley divina, e seus estatutos merecerão o louvor cómum de verdadeiros filhos do patriarcha S. Felippe Nery. Foi hum delles o padre Silvestre Simoens, outro he o padre Luis Correa, de cujas virtudes trataremos depois, para darmos o primeiro lugar, ao que foy primeiro em seu felicissimo transito. Foi o padre Silvestre Simoens natural da cidade de Olinda, onde forão seus pays Simão Gaspar, e sua mulher Antonia Villela. Na idade da adolescencia recebeo a roupeta em 6 de julho de 1681, e illustron a sua congregação, sendo, varão consumado em virtudes, de grande austeridade, e penitencia, observante pontualissimo dos seus estatutos, e despresador valente das vaidades do mundo. Em a oração continuo,

e fervoroso, e nella distilava o coração em lagrimas ao penetrante calor do amor divino. Tinha tão impressionado no seu coração o bem de seus proximos, que com suas palavras, e exemplos persuadia a muitos a virtude, porque a graça, que lhe dava ardores para se abrazar no amor de Deos, lhe comunicava chamas para que accendesse os coraçoens de muitos, que andavão frios no mesmo divino amor. A obediencia era o unico arbitro de todas as suas acçoens, a pobreza a senhora, que dominava os seos dezejos, e a castidade o iman atractivo de todos os seus agrados. Acomettido da ultima infirmidade se preparou com os sacramentos, e abraçado com hum santo crucifixo entre mil ternuras de coração, com suave, e alegre rosto esperou a morte, que o levou para a eterna vida tão ornado de trofeos, como de merecimentos em o primeiro de outubro de 1726.

155. As virtuosas acçoens do insigne padre Luis Correa podião offerecer copioso assumpto para muitas folhas, se a nimia cautella da sua humildade escondendo-as por hũa parte, e a culpavel omissão de quem as devia notar, e agora declarar, sepultando-as por outra, nos não precizasse a reduzi-las a hũa breve, e succinta narração. Diremos porem o que a nossa deligencia pode descobrir, e o conhecimento, que tivemos deste varão insigne, pode alcançar. Nasceo na famosa villa do Reciffe, onde teve por pays o coronel Miguel Correa Gomes, fidalgo da caza de sua magestade, cavalleiro na ordem de Christo, e escrivão proprietario da fazenda real; e sua mulher D. Catharina Gomes de Figueredo. Foy numerosa a descendencia destes nobres consortes, e de seis filhos, que illustrarão o estado ecclesiastico, e diversas religioens, so podemos dizer de todos em comum, o que S. Jeronimo disse a Leta em particular. Que se Jupiter fosse da sua geração, ou tivesse com ella algum genero de parentesco, pudera reduzir-se a fé, e seguir verdadeiramente a Christo. D'elles nascerão o padre Vicente Gomes, deam que foy da cathedral de Olinda, e hoje insigne alumno da companhia de Jesus. O padre Ignacio Correa da mesma companhia, de notoria sabedoria, e virtude, a quem a religião tem occupado em repetidas prelasias. Frey Felippe do Espirito Santo da illustre reforma carmelitana, Manoel Corrêa Gomes e Lino Gomes Correa, este vigario da Varze, e aquelle da cidade do Rio grãde, com tão escrupulosa observancia das obrigaçoens de pastor, q̃ conhecendo a grandeza do rebanho, e temendo faltar-lhe com o pasto espiritual, sem reparar na deminuição dos reditos tem pedido muitas vezes ao excellentissimo prelado divisão daquella igreja. Nesta mina pois de varoens justos nasceo o padre Luis Correa, tão prendado dos dotes da natureza, que parece se esmerou em o dar a conhecer pela sua mais primorosa idea; gentil na prezença, agudo no engenho, feliz na memoria, e indole tão docil, que como em branda

cera se imprimia a imagem das virtudes. Concluido o estudo da gramatica, e posto em idade competente para escolher estado, se resolveo a seguir a vida, em que não perigasse a sua salvação. Para este fim buscou o padre preposito da congregação do oratorio, e lhe participou seus intentos. Deferirão os padres a sua suplica vestindo lhe a roupeta a 24 de dezembro de 1708. Nesta virtuosa palestra começou a praticar os exercicios espirituaes com inexplicavel fervor, sendo o primeiro nos actos de humildade, e sem segundo nos da mortificação. Procurava exceder a todos com viva ancia de ir sempre adiante no caminho da perfeição, servindo ao mesmo tempo de estimulo aos outros congregados. Applicado as sciencias severas de tal sorte se dedicou a estas, que os exercicios das subtilezas escholasticas, não divertirão a attenção singela das virtudes eternas. Com tão fervoroso cuidado, e diligente applicação cuidava no aproveitamento proprio, que extimando mais os affectos amorosos da alma, que as noticias adqueridas pela especulação, reservava a maior parte do tempo para o tracto com Deos; e porque dava a Deos a melhor parte, permittio o mesmo senhor, que mais brilhasse o seu talento na cadeira, e no pulpito, merecendo singulares aplausos de eruditos auditorios.

156. A maior e mais segura defença da alma he o retiro, e abstracção das creaturas, em cujo silencio ouve mais vivas as vozes de Deos em suas santas inspiraçoens. Practicou Luiz Correa esta maxima com grande cuidado em tudo, que permitia o emprego das aulas, e continuo exercicio do confessionario, e pulpito, em que era preciso comerciar com o mundo para as ganancias do ceo. A humildade, que he a firme baze de toda fabrica espiritual, a teve em grão heroyco, tendo-se por hũa das mais inuteis creaturas do mundo. Tanto mais se profundava no conhecimento do seu nada, tanto mais subia no conhecimento da bondade divina; esta com sua fermosura se fez senhora absoluta da sua vontade, e lhe robou todos os seus affectos. Daqui tinha origem o amor do proximo, com que acodia a remediar, e conçolar infermos, e afligidos, achando estes em suas palavras tanto alivio, que o procuravão como efficaz medicina das suas angustias, afliçoens, e necessidades.

Era sua caridade benigna para reduzir peccadores applicando remedios a enfermidade da culpa, sem offensa dos culpados. Tinha-o Deos dotado de singular prudencia, e modo de governar almas, e como concorria nelle o raro exemplo com que edificava seus confessados, vendo muito que imitar, e nada que arguir, ouvião-no com attenção para emenda dos peccados; e desta sorte teve a fortuna de trazer a muitos pretos de varias naçoens, que dirigia no confessionario tão observantes da ley de Deos, e pontuaes em acodir aos sacramentos, que se verificou nelles, o que Deos promettera pelo profeta Exequiel aos filhos

de Israel: Que os havia trazer de divervas povoaçoens, e terras, por onde andassem espalhados; e que dando lhes espirito novo, os uniria em hum só coração; para que observando os seus preceitos, e andando pelo caminho das suas justificaçoens fossem o seu povo, e elle o seu Deos.

157. A moderação no fallar foi hum dos principaes exercicios deste varão insigne, e que fez mais plausivel seu nome, quando ouvia que algum censurava a vida de outro, logo o reprehendia, ou se retirava, para que não passasse adiante, e se pertendia darlhe satisfação, dizendo: que o fazia movido da caridade, e zelo da salvação de seu proximo, lhe respondia: Deixe essa caridade, que lhe asseguro que seu proximo lhe perdoarà esse amor; que se ella fora verdadeira. o reprehendera fraternalmente, cumprindo com o evangelho. He bem certo que nas comunidades religiosas ha santissimas almas, que se exercitão em heroycos actos de virtudes, mortificando suas paixoens; porem o demonio deixa muitas vezes livres suas linguas, porque conhece que muy poucas vezes se movem estas sẽ peccar; parecelhe que este he o mais seguro caminho para os render; assim o executou com o santo Job, a quem despojou de todas as riquezas, afligindo-o desde os pez ate a cabeça, e vendo que não pudera contrastar sua paciencia, nem manchar sua alma lhe deixou a boca livre, como quem entendia, que tendo lingua para fallar, logo cahiria. Por isso adverte o Espirito Santo, como por admiração, que Job não peccou com sua boca.

He tambem certo que aquelle que não tem lingua para a murmuração, he muito perfeito no estado religioso, e muito parecido a Deos. Pierio Valeriano em seus jeroglificos, diz, que os egipcios adoravão ao crocodilo, e a razão que da, he, porque he animal sem lingua, signfiicando os antigos que o que a não tem para murmurar, parece que merece o honrem como a Deos. Tanto se assinalou nesta virtude, que ninguem se attrevia a murmurar na sua prezença, e se algũa vez fallavão contra o procedimento do proximo, e elle aparecia, dizião: callemonos para não sentirmos as correadas do padre Luiz, alludindo ao seu apelido de Correa.

158. Dezanove annos e hum mez tinha passado o servo de Deos nestes louvaveis empregos, e virtuosos custumes, sem afroxar hum ponto na comum observancia, e outras obras de virtude, que acrecentava o seu fervor as da obrigação; quando se vio acometido de hũa infirmidade mortal. Foy esta originada dos excessos da caridade com que fora assestir a hum enfermo, pay de certo congregado, morador des legoas distante do Recife. Tres dias, e tres noites assestio fervoroso ao moribundo, para o dispor para a jornada da eternidade, sem dar repouso a seu corpo, nem attender a hũa febre que o atormentava; recolhido

ao seu convento, rendeo a vida entregando sua feliz alma a seu Creador em 24 de janeiro de 1727. Sabida no Reciffe a noticia de que era fallecido o servo do senhor concorreo o melhor delle, com innumeravel multidão do povo, sentindo cada hum a falta de tão grande padre; porque a fama da sua virtude heroica o tinha no coração de todos para a veneração. Cauzava hũa devota ternura ver as expressoens de sentimento dos pretinhos seus confessados; entre copiosas, e sentidas lagrimas o apelidavão pay santo, mestre, e consolador das suas afliçoens, e necessidades; a porfia lhe beijavão os pez, e muitos dias não cessarão de vir chorar ao pe da cadeira, em que ouvia suas confições, Bem quizera a devoção dos que concorrerão que o veneravel cadaver estivesse exposto por alguns dias a sua veneração, mas a modestia dos padres não consentio que se conservasse publico mais que o tempo permitido antes do enterro. Faz memoria especial delle o livro dos obitos deste convento, e merecia que ate nos bronzes, e nos marmores se estampasse a sua lembrança, para que as futuras idades tivessem mais hum exemplar nos capitolios da virtude, e nos fastos da sabedoria admirassem mais este esplendor.

159. O insigne padre Gaspar Dias, natural da cidade de Olinda foi filho de Manoel Dias e de Maria Sarayva, e irmão do veneravel padre Manoel Sarayva da companhia de Jesus, de quem fizemos neste livro merecida memoria. Desde a menor idade deu claros argumentos do que havia de ser na mayor. Cuidou muito em não empregar seos affectos nas creaturas, porque com a luz do ceo conheceo, que ellas quanto mais lizongeadas do nosso amor, são mais crueis accusadoras do nosso castigo. Por este motivo fugia de admetir em si affeiçoens particulares, e era summamente recatado de mulheres, não se atrevendo a fixarlhe os olhos, porque sabia que estes são os poros, e veas secretas por onde o deleite comunica até o ultimo da vontade o mortal veneno da sua depravada infecção. Ouvia todos os dias missa com grande devoção, assestia aos sermoens attento, e compungido, e frequentava os sacramentos com summa reverencia, e em tudo procedia tão conforme com as leys de Deos, que a sua observancia era o espelho, em que os seus contemporaneos compunhão as suas acçoens.

160. Esta regularidade devida, e inclinaçoens quase naturaes para tudo quanto era de virtude facilmente o determinarão a deixar o mundo, calcando até as esperanças com os pes do desprezo. Vendo que o convẽto dos Congregados de Olinda era a aula, em que se ensinava com o exemplo a seguir este desengano, professou o seu instituto, e com as suas letras, e virtudes ajudou e concorreo muito para o lustre e augmento da primitiva perfeição desta virtuosa palestra. Passava dias e noites, contemplando em os divinos attributos, de cuja suave

meditação o suspendia o zelo, com que sahia a pregar pelas aldeas dos indios, e lugares visinhos, colhendo sempre copiosos frutos das suas apostolicas tarefas. O silencio, a mortificação, o retiro, e a contemplação das couzas do ceo erão os polos sobre que se movia a roda de toda sua observancia. Com animo imperturbavel tolerou diversas contradiçoens, que se armarão contra os primeiros congregados, por outros, que vierão do reyno, fomentadas pelo padre João Lobo, valendo-se da sua profunda humildade, e resignação na vontade divina para vencer todas as dificuldades. Sentindo as desordens, e disturbios, que causava na congregação a variedade de pareceres, sahio da sua patria depois de haver provado os ultimos esforços da contradição. Fugitivo, e estropeado de sem rezoens, porem não queixozo, que não quiz dar a seu padecer este pequeno alivio, nem com tão pequeno alivio, quiz malograr o merito da sua paciencia, passou a Roma, onde não acertou a abrir caminho nem facil, nem seguro a suas pertençoens, ficando todas as suas deligencias superadas de forças contrarias, senão mais naturaes, mais poderosas.

Atenuado com tantos trabalhos, e com o excesso das penitencias lhe sobreveyo hũa aguda febre pela qual conheceo ser chegado o termo da sua vida, e recebendo os sacramentos com grande piedade faleceo em hum hospico de Roma.

CAPITULO 19

SANTOS CUSTUMES E VIRTUOSAS OBRAS DO ILLUSTRE JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO

161. Jorge de Albuquerque Coelho, nasceo em a cidade de Olinda a 23 de abril de 1539, forão seus progenitores Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario de Pernambuco, e D. Brites de Albuquerque. Ainda que não fora tão fecunda a illustre, e antiga arvore dos Coelhos, Pereiras, e Albuquerques bastava esta unica produção para servir de coroa a portentosa fertilidade de seus frutos. E ainda que Pernambuco não tivera produzido outro filho, bastaria este para sua immortal gloria. Querendo a natureza formar na sua pessoa hũa perfeita imagem da heroycidade, dispoz. que sahisse a luz do mundo em segundo lugar, servindo-lhe a formação de seu primeiro irmão o grande Duarte Coelho de Albuquerque de ensayo para acertar em hua obra, que lhe custava tanto disvelo. Não foy menor o empenho, com que a graça, em competencia da natureza ornou o seu espirito, comunicando lhe todo genero de virtudes, que religiosamente praticou desde a infancia

ate a ultima idade. Merecendo distinta gloria pelas acçoens politicas, e militares, de que em outra parte fazemos illustre memoria, ainda fez mais memoravel o seu nome pelo exercicio das moraes, e catholicas. Desde os primeiros annos exercitou os seus marciaes, e virtuosos espiritos em obsequio da Magestade divina, e humana, consumindo a maior parte da sua fazenda, e derramando o proprio sangue, pela dilatação da fé, e augmento da monarchia Logrando a sua capitania da paz sigurada com muitas victorias, que conseguio de francezes, e gentios, para não passar o tempo em torpe ocio, se deliberou a passar ao reyno. Nesta viagem padeceo hum naufragio de que livou milagrosamente. Chegou a Lisboa, e de todos foi aplaudido de cortezão, generoso, discreto, liberal, affavel e modesto.

Frequentava os sacramentos da penitencia, e eucharistia com manifestos sinaes de verdadeira compunção. Orava frequẽtemente pedindo a Deos auxilio contra as tentaçoens, e perseverança para as virtudes. Dispendia largas esmolas em beneficio dos orphãos, amparo das donzellas, e soccorro das veuvas.

Foy profundo venerador das familias religiosas, e fez altissimas deligencias, para que viessem fundar conventos nesta provincia, de que foi terceiro donatario. A maior parte das suas rendas dedicava com generosa profusão em obsequio da divindade; eternos obeliscos desta liberalidade são varios templos, que edificou. Sendo nomiado por El Rey D. Sebastião, enfermeiro mor do exercito, com que passou no anno de 1578 ao campo de Alcacer, depois de ter recebido onze penetrantes feridas nas partes mais nobres do corpo, foy conduzido do campo quasi agonisante em hum carro ate a cidade de Fez, onde para ser curado das feridas lhe tirarão vinte ossos, de cuja violenta operação, que durou o largo espaço de sete mezes, tolerou com heroica paciencia horriveis dores. Como a cura foi tarde, já o corrosivo das materias havião feito irreparavel o damno dos nervos, e ainda que pode com seu disvelo a cirurgia conservar a vida, não alcançarão seus remedios, a embaraçar que não ficasse baldado em extremo tão lastimoso, que hũa das pernas feridas ficou com notavel encolhimento muy desigual a outra, e corcovado todo corpo de sorte, que em duas moletas podia mover-se com muita dificuldade, e trabalho. Sobre ellas andou tres annos, e quatro mezes, e no fim delles dexou hũa em 23 de abril de 1582 pendente do altar de Nossa Senhora da Luz para memoria do beneficio, que da sua maternal clemencia recebera. Foy muy singular na devoção de Maria Santissima, e favorecido de Deos com o dom da profecia. Havia comprado na cidade de Evora hum cavallo ruço, forte no trabalho, ligeiro na carreira, bem criado, bem pensado, leal a seu dono, docil, e alentado; por cujas boas partes foy gavado a El Rey, que entrou no dezejo

de o possuir, e para o poder alcançar se fizerão grandes deligencias, sem lhe dar a saber quem o pertendia, com ordem para que lhe dessem quanto dinheiro elle pedisse, ao que não differindo se deu ordem a fidalgos, que lhe dissessem como El Rey dezejava aquelle cavallo, parecendo lhe que isto bastasse para lho offerecer; porem não bastando, lhe mandou El Rey rogar pelos mesmos, que lho vendesse, a que resistio com desculpas. Crescendo em El Rey a vontade com as dificuldades, cara a cara lhe disse que lho vendesse; ao que Jorge de Albuquerque respondeu: senhor, não quero vender a V. A. o meu cavallo, V. A. he rey poderoso, e pode mandar vir do fim mundo quantos cavallos quizer, e eu senhor quero este para servir a V. A. com elle, e podera ser, que vos tenhaes por mais bem servido em outra occasião, do que se agora vo-lo desse. Esta profecia calificou o effeito quando perdida a batalha, e desbaratado o nosso exercito deo o mesmo cavallo a El Rey para que nelle se salvasse; dizendo lhe, que para aquella occazião o guardara. Cazou duas vezes a primeira em 18 de dezembro de 1583 com D. Maria de Menezes, sua segunda prima, filha de D. Pedro da Cunha, e D. Maria de Menezes, de quem teve hũa unica filha. Por morte de sua mulher sucedida a 12 de mayo de 1585, passou a segundas vodas a 25 de novembro de 1587 com D. Anna de Menezes irmãa da Duqueza de Leiria, Marqueza de Villa Real, filha de D. Alvaro Coutinho, filho de D. Francisco Coutinho Conde de Redondo, e Vice Rey da India; e D. Brites da Sylva, de quem teve a D. Brites de Albuquerque, Duarte Coelho de Albuquerque, Marquez de Basto, Conde, e Senhor de Albuquerque, gentilhomem da camera de Felippe IV e do seu concelho, e Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, general das armas do Alentejo, e Conde de Alegrete. Entre as virtudes que exactamente cultivou, se distinguio na continencia, conservando por toda vida inviolavel fe ao thalamo conjugal. Ainda que molestado de continuos achaques, nunca cessava de orar mental, ou vocalmente, sendo estas as armas com que por diversas vezes triunfou das astucias do demonio.

Cumulado de insignes virtudes depois de receber com ardente piedade os sacramentos, passou ao descanço eterno em idade provecta. A tão insigne varão dedicarão grandes elogios muitos escritores, e alguns lhe dão o titulo de santo, como affirma o padre Jozé Pereira Bayão, no Portugal cuidadoso, e lastimado, Liv. 5. Cap. 35. pag. 700. col. 1.

CAPITULO 20

MEMORIAS DE OUTROS PERNAMBUCANOS QUE ILLUSTRARÃO A PATRIA COM SANTOS PROCEDIMENTOS

162. O irmão Manoel João, nasceo na cidade de Olinda, servio com valor na guerra contra os Olandezes, e restaurada a patria se determinou a fazer viva guerra aos inimigos da alma. Com heroica valentia trazia a rebeldia da carne muito sugeita as estreitas leys do espirito a golpes de rigorosas penitencias. Para melhor se defender dos asaltos do inimigo commum, se encastellou no convento de Nossa Senhora da Penha de França de religiosos barbadinhos do Reciffe, onde servindo como donato, se fez exemplar de perfeiçoens religiosas. Nesta virtuosa palestra não teve outro modo de vida, mais que o levantar se muy cedo a fazer oração mental, acabada ella, ouvia de joelhos todas as missas, que se dizião na igreja, sem nunca se encostar a couza algũa, todo o tempo, que lhe restava dos officios de humildade, em que servia ao convento, como se fora escravo, gastava em oração. Na abstinencia foy excessivo, na caridade ardente, e na devoção de Maria Santissima fervoroso. Nestes virtuosos ministerios perseverou ate contar cento, e quatro annos de vida, e com morte feliz foi receber o premio de seus merecimentos no dito convento no anno de 1704.

163. No lugar de Ipojuca nasceo, e viveo Antonio de Castilho igualmente nobre, que virtuoso. Foy de hũa vida innocente, e tão penitente, que nem nos ultimos dias deu a seu corpo o alivio de tirar os cilicios, com que o trazia sempre apertado, nem consentio que o deitassem em cama, pois sempre descançou sobre hũa taboa, com hũa pedra por cabeceira. Sendo acometido da ultima infirmidade, preparou-se com os sacramentos, e com muitos actos de piedade passou desta vida mortal para a eterna.

164. As virtudes deste servo de Deos imitou Fernão Gomes de Abreu, natural de Ipojuca, e morador no lugar, chamado Henrique, em terras do Engenho da Pindobinha. A fama das suas virtudes obrigou aos que asestirão a sua morte, entenderem, que estava em extasis, e não morto, e nesta concideração esteve tres dias insepulto, cõservando-o Deos incorrupto para credito da sua virtude.

165. Antonio Velho da Gama, filho do capitão Julião de Oliveira, cavalleiro na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria da Gama, viveo no lugar, em que está situado o Engenho de Gorjahu de sima, de que era senhor seu cunhado o capitão Bento Gonçalves Vieyra.

Foy em todas as suas palavras, e obras exemplarissimo, nos jejuns muy continuo, e tão austero, que os mais erão de ervas, e legumes. Muito dado a oração mental, de sorte que pela continuação de estar sempre de joelhos, se lhe formarão nelles duas chagas, que forão cauza da sua morte. Predisse o dia em que havia passar desta vida caduca para a perduravel, e preparado com todos os sacramentos, entregou placidamente o espirito a seu Creador.

166. Manoel Alveres Correa, nasceo na provincia da Parayba no lugar, em que está situado o Engenho do Espirito Santo, e forão seus pays o capitão Bertholameu Alveres Correa, e sua mulher Maria Corrêa, que igualmente erão nobres, e virtuosos. Cazou no Cabo de Santo Agostinho com Izabel de Medeiros, filha do capitão de infantaria Francisco de Linhares, descendentes de nobres familias.

Teve filhos, que educou em temor, e amor de Deos. Foy de honrados procedimentos, e de custumes louvaveis, e de hum genio muy sincero, e candido. Tão amigo da verdade, que nunca se lhe ouvio hua mentira, nem se queria capacitar que outro a fallasse. Era muito esmoler, e devoto das almas do purgatorio, frequentava os sacramentos com grande reverencia, e ternura, e em todas as suas obras mostrava muito amor a virtude.

Carregado de annos, e merecimentos cahio enfermo, e julgãdo os assistentes ser lhe chegado o termo da vida chamarão o padre Antonio da Costa Nogueira, que prezentemente ocupa com grande credito da sua caridade o lugar de capelão mor do hospital do Reciffe, para lhe assestir na hora da morte. Depois que lhe agradeceo o zelo, com que vinha ajudallo naquelle terrivel tranze, lhe pedio se retirasse, dizendo: não ser chegada a hora, que elle o chamaria quando fosse tempo.

Passados oito dias, quando os medicos affirmavão estar livre do perigo, disse elle chamassem ao dito sacerdote, e tanto que o vio, lhe disse: he tempo meu padre de sahir a minha alma das prizoens deste corpo, ajude-me a fazer esta viagem. Estando já nos ultimos parocismos da vida, tendo nas mãos hum santo crucifixo o inclinou a seu peito, e o senhor despregando os braços, e pez da cruz se abraçou com elle, e nestes amorosos affectos acabou a vida com tanto socego, como se se entregara a hum doce sono em de junho de 1745. Jaz sepultado na parochial igreja de Santo Antonio do Cabo.

167. Paulo Leitão de Versoza, nasceo no lugar de Ipojuca, tão nobre por geração, com illustre por virtudes. Cazou com hũa donzela, em quem concorrião as prendas de nobreza, virtude, e fermosura, que fazem ditozo este estado, no qual se portou exemplarmente, vivendo em mutuo vinculo de amor, unido com sua consorte. Tiverão frutos de benção, e applicarão grande disvelo em educallos com santa

doutrina. Ficando veuvo se consagrou de todo a Deos. Seo jejum era continuo, o sono muy escasso, porque a dureza da cama, lhe permitia pouco tempo para o descanço. As disciplinas erão crueis, o silicio perpetuo, e a oração perenne, sendo a materia das suas meditaçoens a vida, e morte de Christo senhor nosso, de cujo sagrado exemplar copiava com diligente applicação muitas perfeiçoens. Com agrado, e piedade attendia as necessidades do proximo, doendo-se dos seus trabalhos, mais que dos proprios. Cheyo de dias, e merecimentos teve celestial avizo, de que se chegava o termo ditoso, de que sua alma rompesse as pezadas prizoens da carne, para voar ao ceo. Recebidos com muita ternura os sacramentos, fez a seus filhos hũa fervorosa exortação as virtudes, e vendo-os em summa desconsolação pela sua falta os alentou a conformidade, e abraçado com hum santo crucifixo acabou a carreira da vida com ditosa tranquilidade, deixando de suas virtndes gloriosa fama. Seu veneravel cadaver se entregou a terra na igreja do convento de S. Francisco de Ipojuca debaixo do coro para a parte do evangelho. Passados muitos annos abrindo-se o seu sepulchro se achou incorrupto, e trattavel, e com todos aquelles sinaes que custumão ter aquelles corpos, que Deos conserva inteiros em premio de terem sido virtuosa morada de hũa alma santa.

CAPITULO 21

ACÇOENS LOUVAVEIS, E SANTAS OBRAS DE DOUS HOMENS PARDOS, E DOUS PRETOS

168. Jozé Pereyra, homem pardo, conhecido pelo nome de Jozé santinho, nasceo na cidade de Olinda, onde teve por pays hum homem branco, e hũa mulher preta escrava do doutor David de Albuquerque, e de sua mulher D. Anna Joanna Pereira. Desde os annos juveniz deo pronosticos certos de sua futura santidade, sendo muito inclinado a actos virtuosos. Era muito humilde, modesto, recolhido, devoto, obediente a seus amos. Todos os dias ouvia missa, a que asestia com muita devoção, frequentava os sacramentos, e gastava o tempo, que lhe restava de trabalhar no officio de sapateiro, a que o applicarão, em devotos exercicios. Foy insigne na virtude da castidade, conservando-se por toda vida em enteireza virginal purissimo. Esta virtude lhe negociou o implacavel odio dos demonios, que com todo o esforço de suas mas artes intentarão apagar o incendio do amor divino, que ardia em seu coração, mas o servo de Deos com as invenciveis armas da humildade, abstinencia, e mortificação dos sentidos, desbaratava todas as maquinas da sua infernal soberba. Foy a sua vida se se mede pelo

computo dos annos muy breve, se pelo das virtudes muy larga, porque viver bem, he viver muito. Na clausula de vinte e tres annos se encerrou sua vida, e em idade tão breve viveo seculos de virtude. Faleceo com os sacramentos, e com muitos actos de piedade em dous de abril de 1751, e por insinuação de seus confessores foy sepultado com coroa, e palma na parochial igreja de S. Pedro Martyr da cidade de Olinda, em sinal da victoria, que alcançara do mundo, diabo e carne.

169. João Henriques, preto crioulo escravo do insigne conego João Maximo, arcediago da sé de Olinda, illustrou a escuridade de seu sangue com o esplendor das suas virtudes; na virtuosa eschola de seu amo estudou a ser perfeito, sendo inseparavel companheiro dos seus immensos trabalhos. Tinha por unica diversão dos ministerios de captivo, o rosario, e a oração, negando-se a todos aquelles divertimentos, em que perdem tempo outros pretos, e estava tão embebido neste devoto emprego, que nem dormindo descançava da sua devota tarefa: virão-no muitas vezes em sonho mover os labios, e pronunciar a pedaços as oraçoens, e sendo muy natural o sonhar como se vive, dava a entender nos effeitos do seu sonho, que alhea estava sua alma dos cuidados da terra, e que entranhada nas delicias do ceo.

Morto seu senhor, e deixando-o liberto, se recolheo no hospital da Soledade, onde o seu exercicio mais ordinario era assestir a cura, e serviço dos enfermos, applicando-se aos ministerios mais baixos, e a limpeza dos vazos immundos. Officioso, e compassivo consolava os leprosos em seos asquerosos achaques, exortando-os a que com a conformidade, e paciensia os fizessem aos olhos de Deos preciosos. Perdeo a vista dos olhos, e sentindo-se privado do mais nobre sentido para não passar ociosamente o tempo, valendo-se dos olhos alheos continuava em trabalhar acarretando agoa, e lenha para gasto do hospital. As horas desocupadas gastava na igreja ouvindo muitas missas, e assestindo ao rosario, e ladainha da senhora, que todos os dias se cantava neste devoto santuario; não desestindo de afligir sempre o corpo com asperas disciplinas, e austeros jejuns. Chegou a hua idade decrepita, e vendo-se descahido de forças, e que era chegado o termo da vida, se preparou com os sacramentos, e entregou placidamente seu espirito nas mãos do seu creador.

170. Antonio de Brito, crioulo forro, viveo alguns annos esquecido da sua salvação, convertido ao caminho da penitencia as fazia muito grandes em satisfação das suas culpas. Cobrio-se de asquerosas chagas, e vindo para o hospital do veneravel padre Antonio Manoel Felix, era hum vivo exemplar de paciencia, e conformidade com a vontade divina. Não podendo a natureza com o pezo de tantos achaques cahio de cama, e a molestia, que nella mais sentia, era não poder

frequentar tantas vezes os sacramentos da sagrada comunhão, que as penitencias, e exercicios espirituaes os fazia na cama. Chegou finalmente aos ultimos parocismos da vida, e depois que tomou o santissimo viatico, passou o tempo, que lhe restou em coloquios com Christo crucificado, a quem placidamēte entregou seu espirito no anno de 1714.

171. O humilde servo de Deos, Irmão Ignacio, homem pardo, nasceo no Reciffe, e forão seus progenitores Domingos de Sa e Sylva, e Catharina Gonçalves de Azevedo, filha de Manoel Gonçalves de Azevedo, que sendo pardo os seus merecimentos lhe agenciarão o posto de capitão de artilharia, e de capitão mor da provincia do Rio grande, era irmão do doutor Domingos de Sa, e Sylva, advogado da caza da suplicação, que em Lisboa adquerio grande nome pela sua insigne literatura, e sobrinho do doutor Manoel Gonçalves de Azevedo, de quem se diz, fora eleito bispo de S. Thome, no reynado do serenissimo rey o senhor D. Pedro segundo. Movido o irmão Ignacio, que no baptismo se chamou Pedro, e mudou o nome quando foi chrismado, de superior impulso, se auzentou da caza de seus pays na florente idade de dezoito annos. Procurando o seu espirito a solidão para totalmente se dedicar a contemplação das delicias celestiaes, encaminhou seus passos para o certão do rio de S. Francisco; em hum logar dezerto, edificou hua caza de barro disposta de sorte que fosse mais sepulchro, que morada de hum vivente, onde vestido de saco, e cingido com hua corda fazia vida eremitica, servindo-lhe as ervas do campo de alimento, a terra nua de cama, e hua pedra de cabeceira.

Neste solitario domicilio viveo dez annos sem fallar a outra pessoa que a hum virtuoso sacerdote, que lhe administrava os sacramentos; em todo este tempo não mudou roupa, nem fez a barba, nem cortou as unhas, molestado das forçosas immūdicias do cilicio, tormento que por ser amante da limpeza, e aceyo lhe ficava sendo mais sensivel, e penoso. Do seu retiro, e penitencias estava aquelle certão com grande edificação, e tinhão os seus habitadores feito grande conceito das suas virtudes, mas ao servo de Deos fazião summa dissonancia os aplausos, e temendo encontrar nellas algum perigo se resolveo a deixar aquella habitação. Passou para a provincia de Sergipe del Rey, onde assestio alguns annos sem affroixar em seus penitentes exercicios. Deste lugar se mudou para a Bahia, e nesta grande cidade apareceo vestido em hum saco pardo muy remendado, e grosseiro; a barba, e cabello muy crescidos, e emmaranhados, palido o rosto, os pez descalsos, a cabeça sempre descuberta, e sacrificado alegremente nas aras da pobreza, vivia de esmolas; reservando porem a melhor, e a maior parte de tudo quanto chegava as suas mãos para repartir com outros pobres.

172. Para que tivesse impressos em sua memoria tão vivamente os

mysterios dolorosos de nossa redempção, que nem divertido a exteriores ocupaçoens os perdesse de vista, trazia hũa cruz ornada com todos os martyrios da paixão de Christo bem nosso.

O augustissimo sacramento do altar, misterioza cifra das maravilhas de Deos, e de seu infinito amor emblema maravilhoso, era dulcissimo, e delicioso objecto de seus ardentes affectos. O intenso ardor, com que adorava a Christo sacramentado, se fazia patente pelos olhos derramando muitas lagrimas, quando o recebia em seu peito. Estando exposto em algũa igreja se não apartava da sua prezença adorando-o com summa reverencia, e entranhavel devoção. Apenas fazião os sinos signal de que o senhor sahia fora a vizitar algum enfermo, arrebatado seu coração de hum espirito fervoroso sahia correndo pelas ruas da cidade, e rompia seu affecto em amorosas queixas, se não chegava a tempo de o acompanhar, o que lhe succedia em occurencia de sair o senhor em duas, ou mais freguezias. O zelo da salvação das almas o levava a pregar pelas praças, e ruas penitencia. Para que as suas vozes (que trasião até no som pavor, e assombro) fizessem maior impressão nos coraçoens adormecidos na culpa, fazia as suas pregaçoens no silencio da noite. A materia era excitar a penitencia dos peccados, intimando da parte de Deos aos obstinados, que os castigaria o senhor com horriveis estragos, e dava fim aos seus discursos dizendo em tôm funestissimo: Ay de ti infeliz, e miseravel peccador, se desprezando os avizos de Deos, e sua palavra te obstinas cegamente em tuas enormes culpas. Ay de ti se arrependido não acodes as aras da misericordia divina, verás sobre ti as iras da sua justiça. Ao principio erão ouvidas suas vozes com desprezo, porem vendo os moradores da Bahia a sua summa pobreza, a austeridade do seu habito, a mortificação dos seus sentidos, e a modestia, e compostura das suas acçoens, e palavras, conhecerão a virtude por seos proprios sinaes, e o tratarão com piedades, sem contradiçoens. Muitos peccadores se aproveitarão das suas advertencias, e com a reforma da vida emmendarão seus desmanchos. Da efficacia das suas pregaçoens faz prova singularissima o seguinte successo.

Havia naquella famoza cidade certo sugeito menos ajustado a modestia de custumes, que pedia o seu estado. Com a comunicação de hua mulher, foy fomentando em seu coração hum amor tão torpe, que brevemente veyo a castidade a ser victima infeliz de tão impuro fogo. Entre estes incendios viveo alguns annos, e ja reduzido o voto, que fizera a Deos, a cinzas, se lhe hia tambem queimando a opinião; quando acodio o irmão Ignacio a apagar aquella chama; ou porque sabia o estado daquelle miseravel, ou que Deos o levasse para aquella parte, onde pudesse ser ouvido do dito peccador, todas as noites lhe pregava penitencia.

Não se dava por convencida a sua obstinação, ate que clamando em hua noite com tom funestissimo, dizia: Ay desaventurado de ti, e como temo que as relaxaçoens da tua vida te levem ao inferno, por meyo de hũa morte repentina.

Poz o Senhor tanta eficacia nestas vozes do seu servo, que de tal sorte penetrarão o coração daquelle peccador, que lhe parecia ver armado o ceo de rayos, e que a mesma terra se hia já abrindo para o tragar vivo. O fogo sensual, em que se abrazava se converteo logo em agoa, que aly em correntes lhe sahio pelos olhos. Retirou-se para sua caza, correo sequioso a sagrada fonte do sacramento da penitencia, onde lavou as feas nodoas, que tanto lhe tinhão inficionado a sua alma, e soube daly por diante restaurar penitente o que tinha perdido peccador.

173. Ainda que as suas palavras erão eloquentes para desterrar vicios, muito mais o erão os exemplos da sua virtude. A cama em que dormia, era precisamente hua taboa, ou a terra nua, em que sempre se deitava vestido; a sua refeição limitada, e de manjares grosseiros, a que ajuntava cinza, e couzas amargosas, com que martyrisava o apetite. A continua oração, em que gastava muitas horas era sempre de joelhos. Todos os domingos, e festividades se confessava, e comungava com ternissima devoção.

Era summamente caritativo com os pobres, e tão humilde, que se admirava de que ouvesse quem delle tivesse compaixão, supondo de si que só merecia ultrajes, affrontas, e injurias. Ao duro golpe de penitencias rendeo a natureza as suas forças, e o reduzio a tão extrema fraqueza, que parecia hum vivo esqueleto, mas sem afroixar os rigores erão no fim da sua vida os voos do seu espirito a Deos muy frequentes, e impetuosos. Acodia todos os dias a ajudar os que trabalhavão na edificação da igreja do santissimo sacramento, alem do Carmo; e pedia aos administradores daquelle magnifico templo o acabassem com brevidade, porque elle seria o primeiro, que nelle se enterrasse; e tanto tempo se demorasse, outro tanto estaria privado de sair do desterro desta miseravel vida.

Acabada a dita igreja se foy a caza de hua honesta matrona, pediolhe agasalho dizendo: vinha a morrer na sua caza; porque lhe restavão poucos dias de vida. Pasmava a devota matrona vendo a inteireza, com que dezia, e despunha de seu enterro, hum homem, em quem não via sinal algum, que pudesse persuadir o ultimo aperto; porem como as muitas experiencias de seu elevado espirito lhe tinhão ganhado a piedoza afeição para a fé de seu pronostico, chamou o confessor, com quem fez confissão geral de suas culpas com muita copia de lagrimas, tomou por viatico o santissimo sacramento, em cuja recepção gosou sua alma inefaveis duçuras. Acabadas estas devotas funçoens,

passou toda noite em coloquios espirituaes, e ao romper o dia seguinte, crusados os braços, e postos em elevação os olhos entregou a Deos seu espirito, pronunciando os santissimos nomes de Jesus e Maria no anno de 17.. quando contava settenta annos de idade. Sabida na cidade a noticia, de que era falecido o servo de Deos irmão Ignacio, concorreu o melhor della com multidão do povo, porque a sua virtude o tinha no coração de todos para a veneração. O seu corpo ficou flexivel e com o rosto tão alegre, como se estivera vivo, deo-selhe sepultura na igreja nova do santissimo sacramento, e sendo o primeiro, que foy enterrado na dita igreja, se verificou a sua profecia. Manoel da Rocha, morador na provincia do Piahuy, diz, ser o irmão Ignacio seu irmão, por serem ambos filhos de Antonio da Rocha, posto que havidos em diversas mays, acrecenta fora nacido no lugar da Torre de Garcia de Avila, fora casado, e por morte de sua mulher passara para a cidade da Bahia onde em exercicios de virtude acabara a vida. Não seguimos esta noticia por ser constante que Pedro de Sa depois que no certão se exercitou em rigorosas penitencias, fugindo os aplauzos que lhe havião agenciado as suas virtudes passou para Sergipe del-Rey onde mudando o nome viveo desconhecido.

Affirma com juramento hum seu sobrinho que indo a Bahia o conhecera, e tratara, e o mesmo certificão outras pessoas.

CAPITULO 22

DE MUITOS INDIOS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE FLORECERÃO EM SANTIDADE

174. Em hua náo, que da Parayba navegava para Lisbôa, fazião viagem quatro indios de idade tão tenra, que o mais velho so contava treze annos, e o mais moço apenas tinha sete. Na altura de Lisboa foi o baixel acometido de hum navio de mouros, e não tendo forças para se defender, foi rendido. Em novembro de 1690 tomarão terra os captivos em Marrocos, para no mar da escravidão, sulcarem as ondas das mayores tormentas. Forão todos postos na prezença do rey Muley Ismael, que mandando retirar os mais captivos, ordenou ficassem no seu palacio os quatro meninos brasilianos. Começou a tratallos com excessos de amor, sinais de extimação, e muitas promessas cheas de encarecimentos, persuadindo-os com caricias, e afagos, que deixassem a ley de Christo, e abraçassem a de Mafoma. Em poucas palavras responderão dizendo: Que primeiro perderião a vida, que deixar a fé de Christo, que professavão. Vendo o tirano que com traças, e artificios não podia dobrar a constancia dos valerosos meninos, procurou

conseguillo com rigores. Mandou que com tiras de couro cru torcidas fossem rigorosamente açoutados, e sendo-o com extrema crueldade, insensiveis aos golpes da tirania, a cada açoute dizião: somos christãos pela graça de Nosso Senhor Jesu Christo. Vendo-se os illustres meninos com tão abundantes primiças de seu dezejado martyrio, levantarão as vozes animosos, pregando as verdades de nossa santa fé, e abominando os enganos do falso profeta. Cansarão os verdugos depois que a carne despedaçada abria portas para que sahissem as entranhas, e vendo el-rey que sua constancia cansava aos tormentos, os entregou a hum eunuco, para que a poder de tiranias os obrigasse a seguir sua maldita seyta. Tomou o mouro com tanto empenho o preceito de seu principe, que chegou a exceder os mesmos excessos da crueldade. Tres dias os teve fechados em hũ escuro aposento, sem companhia, e sem lhes dar algum alimento, mas vendo, que confortados com a graça divina, cada vez estavão mais fortes, e robustos; prezos pelas gargantas com hũa corda os arrastava por lugares escabrosos, e immundos. Depois deste tormento lhes deo tantos, e tão crueis açoutes, que ficarão todas as suas carnes rasgadas, e seus corpos cobertos de copioso sangue. Assim feridos e maltratados os obrigava a carregar grandes cestos de terra, que não podião suportar suas forças, sendo acompanhado este tormento com o de muitas pancadas, que lhes davão outros mouros. De noite erão carregados de prizoens, donde os vinhão ver os filhos do rey, e outros moços, e com páos, ferros agudos, e penetrantes espinhos, com que os lastimavão, compunhão o seu dezenfado; mas os bemditos meninos rindo-se do rigor, e zombando dos tormentos, achavão nos espinhos rosas, nas dores delicias, nos opprobios honras, e nas affrontas victorias.

175. Era o mais pequeno dos quatro meninos, chamado Jozé, o alvo em que a crueldade mais empregava suas forças, vendo sua maravilhosa constancia despedião nelle os rayos da indignação, multiplicando tormentos.

Separado dos tres companheiros o carregarão de prizoens, e maos tratamentos, e atando-o pelas mãos o pendurarão de hum alto muro dizendo; que se aly não renegava da fé, o deixavão cahir despenhado; ao que respondia: Que outra couza será esse que chamais precipicio, se não hum voo para a gloria. Repetião os algozes: ou mouro, ou morrer, e elle respondia: morrer ou mouro, tudo he o mesmo. Não podendo reduzillo com meyos tão inhumanos lhe puzerão por força o turbante, que elle arrojava de si com indignação santa. Vestião-no de mouro, e dizia-lhes: Que importa a força, com que me obrigaes a parecer o que não sou, se sou, e serey sempre verdadeiro christão. Cansados de atormentar o bemdito menino, o entregarão a hũ mestre do

alcorão, para que o doutrinasse em sua falsa seyta, e com novas caricias o persuadisse a seguilla. Tomou o mouro a seu cargo este empenho, e depois de lhe fazer muitos afagos lhe disse: não quizesse malograr seos tenros annos, que seguisse a ley de Mafoma, e teria toda sua vida delicias, e conveniencias. O santo menino lhe respondeo: tu te lastimas de meus poucos annos, e eu me lastimo da tua cega obstinação, pois nella te espera hua morte eterna, e em minha morte temporal padecida pelas verdades infaliveis de minha santa fé, tenho assegurada hüa vida inteiramente gloriosa. Continuava o mestre a persuadillo, dando lhe liçoens da sua seyta, porem o douto menino não aprendendo erros, lhe ensinava verdades, e desenganos. Não descobrindo já meyos para vencer a sua constácia deu conta a el-rey do pouco fruto das suas deligencias, o qual mandou o puzessem, e a seus companheiros com os mais captivos ao trabalho. Forão levados ao convento de S. Francisco de Marrocos, para serem curados das muitas chagas que abrirão em seus corpos rigorosos açoutes. Os tres mais velhos convalecerão depois de muitos dias, ficando firmissimos na fé, e com hua santa inveja do menino Jozé, que não podendo resistir ao rigor da crueldade, com que o tratarão aquelles barbaros entregou sua bemdita alma no seguinte dia nas mãos do Creador, e sahio desta vida a lograr a coroa merecida pelo martyrio.

176. Em grandes tropas descião muitas vezes indios dos certoens para serem doutrinados nos lugares onde residião padres, que se occupavão na conversão, e doutrina de outros indios. Socedeo por alguas vezes serem asaltados de barbaros seos contrarios, em cujos improvisos asaltos erão roubados, feridos, e mortos muitos delles.

Quaes esforçados machabeos davão a vida temporal com alegria, protestando, que em fé do sagrado bautismo, que dezejavão, querião e vinhão buscar, morrião com firme esperança de conseguir a eterna vida. Abrazados nos dezejos do amor divino, e sequiosos das salutiferas agoas do sacramento, dizião a seus inimigos: Matai-nos, e comei-nos embora como famintos, e raivosos caens, que nossas almas hão de ir ao ceo, que promete Deos aos que deveras o amão.

177. Com extremada constancia sofreo innumeraveis tormentos hum nobre indio parente de D. Diogo Pinheiro Camarão. Pertendeo hum ministro holandez, reduzillo a seguir o seu partido, e errada seyta; e não podendo dobrar sua constancia cóm caricias, e promessas, o quiz vencer com rigores. Tratou-o com suma crueldade por muitos dias tendo-o em apertada prizão, mas vendo que cada vez se mostrava mais forte, forão tantos os açoutes, que lhe deo, que nelles acabou a vida para merecer eterna gloria.

CAPITULO 23

DE OUTROS INDIOS, QUE FLORECERÃO EM SANTIDADE

178. Os indios de Pernambuco, que como temos dito, erão os mais esforçados politicos, e entendidos sobre todos os mais indios, que habitavão as vastissimas terras do Brazil, não cessavão de inviar seos embaixadores, pedindo aos ministros do evangelho, quizessem ir a suas aldeas denunciarlhes a palavra de Deos. Recebião os padres com as maiores demonstraçoens de alegria, e contentamento. Era a multidão grande, e os obreiros poucos, e para poder suprir esta falta, escolhião alguns para serem primeiro cathequisados, e depois mestres dos mais. Instruidos na fé, sahião pelos lugares, e pelos campos annunciando a ley evangelica, com grande exemplo, e conversão de seus parentes, e patricios. Leonardo do Valle, e Gaspar Lourenço, e outros indios tabayaras, em companhia do padre Leonardo Nunes jesuita, obrarão maravilhas no ministerio da pregação da ley de Deos, sendo huns dos grandes sugeitos, que pelos annos de 1550 florecerão em santas, e virtuosas obras.

179. Foy de espiritual consolação a conversão de hum indio chamado Pirigoa Obyg, tão entrado em annos, que pelas suas contas vinhão a ser cento e trinta. Desceo dos certoens a impulsos do fervor, com que dezejava alistar-se nas bandeiras de Christo. Pedio instantemente a hum padre da companhia lhe concedesse com toda pressa aquella agoa, com que lavava os filhos de Deos, porque elle por não morrer sem ella, tinha deixado o certão, e passando gravissimos incomodos vinha a seos pez para conseguir o bem, que ardentemente dezejava. Entrou o padre em desconfiança, que a extrema fraqueza, em que estava, lhe perturbaria o intendimento, para não perceber bem os misterios da nossa santa fé; mas apenas o começou a instruir, conheceo que tanto penetrava os pontos da instrução, que mostrava, mais que ordinaria capacidade. Propunha lhe o misterio hũa só vez, e ficavalhe impresso nalma. Sobre o misterio da encarnação do filho de Deos, reparou muito, em que a senhora ficasse virgem depois do parto, e se alegrava de ouvir as razoens da especial prerogativa de may de Deos. O misterio da ressurreição se lhe imprimio no coração com tanto jubilo da sua alma, que o repetia a cada passo, e chamava seos filhos, e netos, que o acompanharão nesta jornada, e com toda efficacia, e fervor lhes ensinava aquelles misterios, que do padre tinha aprendido.

180. Bem instruido, e disposto foy levado em hũa cadeira a fonte

da Graça, e sendo perguntado o que pertendia, respondeo: Que ser lavado naquella agoa que levava ao ceo, porque de continuo cuidava na ira, com que Deos havia de vir julgar aos homens, para dar o mericido premio aos bons, e castigo aos maos. Que detestava sua vida passada, que por falta do conhecimento da verdade, commettera muitos peccados, de que muito se arrependia, e a Deos pedia o perdão. Foy bautizado, e ao tempo que lhe lançarão a agoa rompeo em copiosas lagrimas, e sentidos suspiros. Perguntado pela cauza, respondeo: Que porque lhe lembrava que os seus maiores se forão ao inferno, sem chegarem a lograr aquelle bem, que elle tendo sido tão grande peccador estava logrando.

181. Sentia, e sentia com muita razão, este illustre indio a condemnação eterna de seus maiores; mas parece que nem porque os indios do Brazil viverão pelo espaço de muitos seculos, sem as luzes do evangelho, deixarião de exprimentar grandes mizericordias da bondade divina, e da piedade de Deos, que não permitiria que toda a immensa vastidão de almas de hum mundo inteiro, até a vinda dos pregadores evangelicos ouvesse de perder-se todas, sendo certo que morreo Christo por salvallas, e quer Deos que todas se salvem.

182. Primeiramente se o Brazil foy povoado (como alguns auctores affirmão) por Ophir indico, filho de Iectan, neto de Heber, filho de Sale, neto de Cainam, filho de Arphaxad, e neto de Noe, foy a sua povoação pelos annos de 45, depois do diluvio, em cuja segunda idade do mundo vivião os homens na ley natural, sem haverem cahido na impiedade da idolatria que tanto offendeu a unidade de Deos; porque Thare pay de Abrahão, e Nacor forão os primeiros, que adorarão os idolos pelos annos de 2040 da creação do mundo, 384 depois do diluvio. Neste suposto vivirião os habitadores do Brazil na ley natural, e nella se podião salvar todos os que observassem a dita ley. Tambem he certo, que na confusão de tantos seculos, quando a nossa America estava escondida, e antes que a ella passasse o apostolo S. Thome, ou outros pregadores, os homens desta região vivião ordinariamente nas trevas do seu gentilismo com ignorancia invencivel da fé divina, e por conseguinte sem peccado de infidelidade porque ouvessem de ser condemnados. Esta resolução he recebida dos melhores, e mais pios doutores com santo Thomaz secunda secundæ quæst. 10 art. 1. E a razão he clara; porque estes homens não tiverão conhecimento algum da fé, nem souberão que couza he revelação; logo não podião peccar contra o preceito da fé, que não sabião. He o que diz S. Paulo ad Roman. 10. Quomodo credent, si non audierunt, aut quomodo audient sine prædicante. Para que a ley obrigue he necessario que se promulgue: ita D. Thomas. 1. 2. quæst 90, artic. 4. donde diz: Promulgatio ipsa necessaria est ad hoc, quod lex habeat suam virtutem. Nisto convem

todos os doutores ; porque a ley ignorada não pode observar-se: logo a ley, que obriga, precisamente hade saber-se. O meyo para saber-se he a promulgação: logo com que razão se imputara a peccado a falta da sua observancia a indios a quem nunca veyo ao pençamento obrigação da ley evangelica.

183. Podemos tambem supor que na sua gentilidade tinhão ignorancia invensivel, não so dos misterios sobrenaturaes da fé, trindade, encarnação, e remuneração, que são de si sobrenaturaes, e excedem o conhecimento natural do homem, mas tambem dos proprios misterios naturaes de Deos autor da natureza, como de haver Deos, ser hum so, independente, omnipotente, etc. pelo menos em alguns mais barbaros, e por algum tempo da vida. Porque estas verdades ainda que podem conhecer-se com a luz do entendimento natural, com tudo não são proposiçoens per se notas, nem primeiros principios, quanto a nos, posto que o sejão em si, e he necessaria, ou propria invenção, ou doutrina alhea. Para a propria invenção serião os entendimentos de muitos pouco capazes de especular nestas materias. Donde se dissermos que alguns por algum tempo tiverão ignorancia de Deos, segue-se que seos homicidios, adulterios, furtos, e semelhantes obras, ainda que contra o lume da razão natural, e materialmente sejão más, não são comtudo peccados mortaes theologicos, nem por elles merecião o inferno, senão outra pena temporal; porque como não conhecião a Deos, não commettião contra elle injuria, na qual consiste o ser infinita a culpa do peccado, e merecedora da pena eterna ; antes os que entre elles tivessem ignorancia semelhante invensivel de alguns dos principios moraes (o que não repugna ao menos em alguas materias não tão conhecidas, como na simples fornicação, vingança, e semelhantes) segundo os doutores não peccarião nem ainda fisica, e materialmente, porque então nem offendião ao dictame da razão.

184. Finalmente devemos piamente supor que entre os nossos indios vivião muitos segundo a justa ley da razão, e dictame do bom, e honesto, conservando a observancia da ley natural, e estes poderião alcançar de Deos graça, e salvar-se segundo aquelle principio dos theologos: Facienti, quod in se est, Deus non denegat gratiam. E este principio poderia ter effeito tambem nos que peccassem no discurso da sua vida, se no fim della tivessem efficaz arrependimento, e lhes pezasse deveras de haver offendido aquelle que conhecessem por Deos, ou o mesmo lume da razão, porque farião o que em si era, e pode-se crer da grandeza da mizericordia do Senhor, que quer que todos os homens se salvem, lhes concederia assim arrependidos o mesmo auxilio da graça, que no primeiro cazo, para que se salvassem, o que he conforme a boa razão, e doutrina de muitos doutores.

CAPITULO 24

ACCOENS LOUVAVEIS DE OUTROS INDIOS

185. Entre muitos indios, que derão maravilhosas demonstrações de valor, e christandade foy hum delles o illustre Simão Soares, chamado dos seos Jagoari, tio de D. Antonio Felippe Camarão. Muito deve a igreja, e estado de Pernambuco a este illustre indio. Elle se fez companheiro dos missionarios, elle lhes fazia cazas, levantava igrejas, e fazia que todos respeitassem os ministros de Deos, e seguissem o partido dos portuguezes. Cheyo de annos, e merecimentos acabou a vida temporal para lograr na eterna o fruto das suas obras.

186. Antonio Gonçalves, indio principal da nação Caropotos ainda Cathecumeno fez maravilhosas obras, depois de bautizado reduzio a fé, e trouxe ao gremio da igreja catholica todos os indios da sua nação, trabalhando sempre por augmentar a christandade. Acometido da ultima infermidade se preparou com os sacramentos, e com hũa morte feliz deu fim a sua illustre vida.

187. No anno de 1744 era superior da missão da Caocaya o padre Rogerio Canisio da Companhia de Jesus, e estando para dizer missa lhe pedio hum indio confissão, dizendo: Padre conheço que minha vida acaba, e ja que o Senhor he servido que eu morra, lhe dou muitas graças, e a vossa reverencia pesso ajude a minha alma neste conflicto. Vendo-o o padre Rogerio sem sinal de molestia algũa, e com perfeita saude, lhe perguntou pelo motivo de asseverar a sua morte estando robusto e forte; e respondeo, que Deos lhe havia dado a conhecer o pouco tempo que lhe restava de vida, e que queria aproveitar esse em se preparar para aquella jornada. Fez a sua confissão com tanto sentimento das suas culpas, que bem mostrava obrava Deos naquelle coração predestinado; e depois de receber em seu peito o santissimo sacramento se retirou para sua caza, que distava da igreja quaze duas legoas. Passados tres dias foi chamado o dito padre para ungir, e ajudar a bem morrer hum enfermo, que era o mesmo indio de quem tratamos. Tanto que o padre chegou a sua prezença lhe disse: Não disse eu a vossa reverencia que era chegado o tempo de sahir deste desterro para a patria celestial, ajude-me a louvar ao Senhor, que com esta vil creatura uza de tantas misericordias. Recebidos os sacramentos com hum santo crucifixo nas mãos lhe entregou placidamente a sua alma.

188. Sirva de coroa a este capitulo o insigne D. Antonio Felippe

Camarão, terror dos Olandezes, assombro das suas armas, e honra dos tobayaras. Nasceo indio, porem nobre entre os indios. O nascimento lhe deo o nome de Poty (que na lingua brasilica he o mesmo que camarão) o baptismo lhe deo o de Antonio. No tempo de Mathias de Albuquerque era ja respeitado entre os seos por Maioral, com muitos dos seos soldados, e subditos o veyo soccorrer, e servir a nação, quando o nosso poder se alojava no arrayal velho, de Pernam merim. Illustre prova da fidelidade, e amor, servir a nação, e ao principe, quando os perseguia a fortuna. Em servir a igreja, e a coroa ganhou luzido credito de soldado, e religioso, tão observante das suas obrigaçoens, tão obediente aos preceitos divinos, que nunca o vio destrahido quem sempre o vio soldado. Todos os dias ouvia missa, e rezava o officio de Nossa Senhora, modesto, e devoto. Gastava muitas horas na oração, a que se applicava ainda entre os maiores estrondos da guerra. Para sair aos rebates, e para entrar nas batalhas, primeiro se fortalecia com os sacramentos, que com as armas. Nas occazioens mais arriscadas recorria ao favor divino pedindo auxilio a duas imagens do Senhor, e da Senhora que entre as roupas trazia de continuo sobre o peito. Em quanto soldado não ouve capitão mais amado, nem mais obedecido, porque não ouve capitão, que achasse mais imperio na affabilidade, que no dominio, do que este valeroso capitão. As emprezas o esperavão sempre com as victorias, e ganhou tantas victorias, quantas forão as occazioens, em que pelejou. Para o seu genio era o ocio martirio, e o trabalho descanso.

Seu nome como memorial de suas proezas, se ouvia entre os nossos com respeito, e entre os inimigos com espanto, e dilatou-o de sorte a fama, que chegou aos ouvidos do seu rey tão distante, quanto o apartavão os dilatados mares, que dividem a America da Europa.

Sem petição da sua parte o despachou com habito de Christo, titulo de dom, e o posto de governador geral de todos os indios da America, limitado premio a seos grandes merecimentos. Zelou o decoro, que se devia ao posto, que occupava com toda a circunspecção, que lhe ensinava seu claro juizo. Com as pessoas grandes, estranhas, e de respeito fallava sempre por interprete (ainda que sabia a lingua portugueza) porque entendia ser a impropriedade, e inculto das vozes fiscal do animo, e discredito da pessoa. Na arte da milicia foi insigne, na do governo claro, com os seos era facil no trato, com os superiores grave na conversação; com os estranhos affavel no agasalho, mas tão medido com todos, que obrigava amor, e reverencia. Em todo tempo, e lugar o achou o serviço de Deos prompto, e o culto dos santos liberal.

Viveo como discreto, porque soube viver para Deos, e para os homens. Morreo como bom christão, porque se soube aproveitar de

todos os remedios, que ajudão a salvação. Na vida adquirio glorioso nome, na morte mostrou que passara a eterna vida (como se pode piamente crer de hum christão, que viveo obediente aos divinos preceitos) intacto quaze do chumbo e ferro sahio de innumeraveis combates, e batalhas, e entregou o espirito a seo Creador (poucos mezes depois da victoria dos guararapes, e pouco antes do ultimo complemento da restauração da sua patria) em sua propria cama, para que lhe não faltasse a sua morte o parecer sono.

189. Do repouso do leito foy levado a sepultura, que se lhe deu na igreja do Arrayal, com a funeral pompa, que custuma a piedade, e a milicia, e com aquelle concurso, a que obrigava o amor, e o respeito. Com a grandeza possivel se lhe fizerão as exequias, sendo as do sentimento iguaes as da perda. A de seu valor choravão os cabos, os soldados a de sua disciplina; os moradores a de sua defensa; os indios a de sua honra; os soldados do seu terço a do seu remedio, trazendo-lhes a magoa a lembrança naquella hora as muitas vezes, que nelle acharão o amparo da vida, e o soccorro da miseria. Com estas memorias o não perderão da vista, quando ja o escondia a terra; porque se o não vião os olhos, se deixava ver nas lagrimas. Em todos os prezentes crescia o sentimento com a repetição das causas; e nellas achavão todos hum continuo dispertador das suas saudades.

190. Esta he a descripção, que deste famosissimo heroe faz o auctor do Castrioto Lusitano, bem merecida das suas relevantes qualidades. O excellentissimo Conde da Ericeyra no seu Portugal restaurado confessa que seria muito difficultoso achar-se outro de acçoens mais sinaladas; porque com espirito verdadeiramente catholico, e valeroso nẽ ouve acção heroica, que este incomparavel brasiliano não exercitasse, nem demonstração de christandade, que não fizesse, unindo em todo espaço da sua illustre vida, as virtudes as victorias.

CAPITULO 25

MEMORIAS DE MUITOS VAROENS ILLUSTRES EM VIRTUDE QUE TENDO TEMPO, E HABITAÇÃO EM PERNAMBUCO SE CONSTITUIRÃO RIGOROSAMENTE NATURAES DESTA PROVINCIA

190 (*). O illustrissimo D. Frey Bartholomeu do Pilar, nasceu na villa das Vellas na ilha de S. Jorge, bispado de Angra; na parochial igreja do Salvador foy bautizado aos 21 de setembro de 1667, forão

(*) *Numero repetido.*

seus pays João de Avilla Betancor, e Maria da Silveira. Instruido nas primeiras letras vestio o habito da illustrissima religião do Carmo no convento da villa da Horta, na ilha do Fayal aos 31 de outubro de 1686, e professou solemnemente no primeiro de novembro do anno seguinte. No mesmo convento estudou filosofia, e dous annos theologia e foy continuar esta sciencia ao Collegio de Coimbra, e fez nestas faculdades grandes progressos. Com aprovação do illustrissimo D. Frey Francisco de Lima, e de seus prelados foy eleyto para vir ler as sciencias escholasticas aos padres da Congregação de Pernambuco, onde chegou no principio do anno de 1696, e na Caza do Reciffe deu logo principio ao curso de artes, que leo quatro annos. Ensinou segunda vez esta sciencia, e depois theologia, no que gastou doze annos com grande aproveitamento de seus ouvintes, e credito do seu talento. No anno de 1720 foy nomiado bispo do Pará, e foy sagrado no dia 22 de dezembro do dito anno na santa igreja patriarchal pelo eminentissimo senhor cardeal patriarcha de Lisboa D. Thomaz de Almeida, sendo assistentes os illustrissimos D. João Cardozo Castello, arcebispo de Lacedemonia, e D. Manoel Alveres da Costa bispo de Pernambuco, que depois o foy das ilhas dos Assores. Assim no estado religioso, como de bispo exercitou insignes virtudes, que lhe gravarão no templo da fama immortal nome.

191. O illustrimo D. Frey Manoel de Santa Catharina, natural da cidade de Lisbôa, foy filho de Francisco Gomes Corrêa, e de sua mulher, Felippa de Ascenssão e Lima, nasceo aos 25 de novembro de 1656, e foy bautizado na igreja matriz de S. Julião em 3 de dezembro do mesmo anno. No collegio de Santo Antão dos padres jezuitas aprendeo as primeiras letras, e bem instruido na lingua latina, humanidades, e filosofia tomou o habito de Nossa Senhora do Carmo, no convento patrio em 28 de outubro de 1671, e professou aos quatro de dezembro de 1672. Nesta sagrad a plestra se fez insigne no magisterio das letras, e exercicio das virtudes. Regentou a cadeira de theologia moral no seu convento de Setuval, e no da villa da Horta na ilha do Fayal leo filosofia, e theologia.

Em companhia do governador, e capitão general de Angola, Antonio de Saldanha Mesquita Lobo Albuquerque, Castro, Ribafria, passou ao dito reino, onda o illustrissimo bispo Dom Luiz Simoens Brandão o nomeou provizor. A mesma occupação teve neste bispado, por eleição do illustrissimo D. Manoel Alveres da Costa, na qual procedeo em forma que se fez merecedor de huma geral aceitação. No anno de 1720 foy eleito bispo de Angola, e em 14 de julho do dito anno sagrado na Santa Basilica Patriarchal pelo illustrissimo, e reverendissimo senhor D. Thomaz de Almeida primeiro patriarcha de Lisboa, sendo assistentes

o illustrissimo D. João Cardoso arcebispo de Lacedemonia, e D. Manoel Alveres da Costa, bispo de Pernambuco. No primeiro de novembro de 1721 partio para o seu bispado, e com feliz viagem chegou ao porto da cidade de Loanda aos 19 de março de 1722, e em 22 do dito mez fez a sua entrada na forma do ceremonial dos bispos. Exercitou o officio pastoral com ardente zelo da salvação das suas ovelhas, dirigindo-as com saudaveis admoestaçoens, e virtuosos exemplos. Pèlas grandes virtudes, que ornavão a este insigne prelado foy muito sentida a sua morte.

192. O veneravel D. João Duarte do Sacramento, fundador da congregação do oratorio, e bispo eleito desta diocese, assestio muitos annos nesta provincia, e nella faleceo com grande fama de santidade, como temos referido no livro terceiro, e no catalogo dos bispos de Pernambuco.

193. O religioso padre João Rodrigues Victoria, largando em Portugal patria, fazenda e esperanças, passou para esta provincia em companhia do veneravel padre João Duarte, em beneficio espiritual de portuguezes, e gentios. Exercitou incansavelmente os seus piedosos desvelos em perpetuas missoens.

Foy hum dos principaes agentes da congregação do oratorio, por dependencias da mesma congregação passou a Roma, onde mereceo do santissimo padre Clemente decimo hum paternal affecto de amor, e extimação, que entre outras notaveis graças lhe mandou dar muitas reliquias, com que se enriquece o magestoso templo da madre de Deos do Reciffe. Faleceo em Roma com grande credito de virtuoso.

194. O padre João Gonçalves, natural da Villa Franca, termo de Lisboa, na florente idade de 15 annos passou para este paiz, recebeo a roupeta de congregado no convento de Santo Amaro de Olinda, e se exercitou em raras virtudes, sendo muito penitente, zeloso, obediente, e charitativo; faleceo no mesmo convento em 8 de fevereiro de 1686.

195. O padre Thomaz de Auturim, natural de França, vindo a Pernambuco se fez congregado, e nesta sagrada palestra floreceo em letras e virtudes. Faleceo sendo preposito da caza do Reciffe em 28 de setembro de 1701.

196. O padre Manoel Rodrigues da mesma congregação foy varão consumado em raras virtudes, faleceo em 5 de julho de 1712. Hua religiosa em Portugal vio em visão que a sua alma sobira ao ceo no mesmo instante, em que sahira do corpo, no convento da Madre de Deos do Reciffe.

197. O padre Alvaro Barboza, nasceo no termo de Valdevez, arcebispado de Braga, tomou a roupeta de congregado em 12 de março de 1696, e faleceo com muitos sinaes de predestinado no convento da Madre de Deos do Reciffe em 13 de novembro de 1740.

198. No mesmo convento he plausivel a santa memoria dos irmãos Antonio Rodrigues, que tomou a roupeta no convento de Santo Amaro, e faleceo no do Reciffe aos 24 de fevereiro de 1741, Manoel Rodrigues, que entrou na congregação em 22 de junho de 1702, e faleceo em 21 de março de 1734, Bernardo de Payva, natural da cidade da Guarda, que tomou a roupeta em 7 de março de 1700, e morreo em 28 de janeiro de 1745, Domingos Alveres, natural da freguezia de S. Martinho de Lagares, concelho de Penafiel, bispado do Porto, que foy recebido a congregação em 25 de dezembro de 1714, e faleceo aos 29 de junho de 1755.

199. No dito convento descanção as cinzas do irmão Manoel da Silva, varão de insigne virtude. A modestia das suas acçoens, a mortificação dos sentidos, a affabilidade do seu trato, e a caridade ardente, lhe ganharão tanta opinião de santidade, que domesticos, e estranhos lhe tinhão hũa grande veneração. Foy favorecido de Deos, e de sua may santissima com celestiaes vizoens. Cheyo de dias, e merecimentos acabou com felicidade o curso da sua vida em 8 de janeiro de 1747. Celebrarão-se suas exequias com grande concurso de povo; que acodio aos clamores da opinião de sua virtude. O seu corpo ficou flexivel, e fermoso, e mostrando ter as veas de vivo, o picarão, e lançou sangue liquido.

200. No convento de Nossa Senhora das Neves da cidade de Olinda, faleceo em 18 de mayo de 1592, o veneravel padre Frey Francisco de S. Boaventura, hum dos primeiros sete religiosos da provincia de Santo Antonio de Lisboa, que passarão de Portugal ao Brazil a fundar conventos. Foy este servo de Deos em extremo penitente, humilde, pobre, obediente, e caritativo. Em vida, e morte obrou o senhor por este seu fiel servo muitos prodigios, que por taes, e por publicos são argumento irrefragavel das suas heroicas virtudes.

201. No mesmo convento he veneravel a memoria do padre Frey Bernardo de S. Clara. Depois de ter occupado na religião os lugares de guardião de tres conventos, e diffinidor, se recolheo no dito convento, onde se exercitava nos exercicios mais austeros, e humildes, renovando os primeiros fervores da sua primeira vocação. Cheyo de annos, e merecimentos passou desta vida mortal para a eterna em. . .

202. No convento de Igarassu finalizou santamente a vida no anno de 1734 o irmão Fr. Joze de S. Maria. Nos exercicios da vida activa servia a comunidade officioso, e compassivo, e o tempo que lhe sobrava das precisas obrigaçoens gastava em continua oração, e meditação da vida, morte, e paixão do Redemptor. Era dotado de santa simplicidade, summa obediencia, e insigne caridade. Viveo e morreo com grande opinião, e foy sepultado no dito convento com grande concurso e veneração do povo.

203. Frey Joze de S. Antonio, religioso leigo de S. Francisco foy verdadeiro frade menor; seu habito era o mais pobre, andando sempre descalço sem admetir o uso das sandalias, nem ainda quando caminhava muitas legoas por caminhos asperos, e fragosos. Sendo no tratamento da sua pessoa muy austero, era no comercio fraternal muy affavel; na caridade para com os pobres foy excessivo, e na humildade profundo. Foy de tanta edificação, e exemplo para domesticos, e estranhos, que o ordinario modo, com que o tratavão era, chamando-lhe Frey Jozé Santinho. Acreditou o Senhor a sua virtude com o dom de profecia, e graça de fazer milagres. Acabou no convento de Olinda cheyo de meritos para a gloria, e jaz sepultado no claustro do dito convento.

204. Como o amor verdadeiro nada dezeja tanto, como transformar-se pela imitação no objecto amado, nada dezejou tanto o veneravel padre Frey João de S. Jozé, como sentir em si as dores de Chisto bem nosso, e para conseguir este singular favor observou sempre grande austeridade de vida.

O seu habito era o mais grosseiro, e pobre. A sua cama era huma esteira sobre hua dura taboa; o seu jejum era continuo, e as suas penitencias muy rigorosas. Foy o primeiro commissario geral da reforma do Carmo, eleito pelo reverendissimo padre geral mestre Frey Angelo Monsignani em 17 de dezembro de 1683. Nesta incumbencia mostou claramente o prudente juizo de que era ornado, e que o zelo do serviço de Deos fora quem o movera a solicitar aquella reforma. Cheyo de annos, e merecimentos faleceo no convento do Reciffe, onde he veneravel o seu nome.

205. O padre Frey João de S. Elias aspirou com grandes veras a perfeição a que o obrigava seu estado. Foy duas vezes prior do convento do Carmo de Olinda, e vizitador dos conventos da sua provincia, e nestes lugares deu a conhecer a inocencia de seus custumes, e prudencia das suas acçoens. Em idade muy decrepita acabou a vida no dito convento de Olinda, e passou, como piamente cremos, sua alma a lograr o premio, que o Senhor promete a quem fielmente o serve.

206. O veneravel padre Frey Andre de Bernico, filho da provincia de Brexia da illustrissima familia dos capuchinhos italianos, foy varão de virtudes admiraveis, como se infere da sua preciosa morte, e da incorrupção do seu corpo. Depois de assestir muitos annos no convento de Nossa Senhora da Penha do Reciffe, e ter sido prefeito se embarcou para a ilha de S. Thome, e tendo exprimentado muitos contratempos na viagem arribou depois de nove mezes a costa da mina. Teve avizo do ceo da sua morte, e o declarou aos navegantes antes de sahir para terra. Recolhido em hua caza se poz de joelhos com as

mãos levantadas, e nesta postura passadas nove horas, o acharão morto com os olhos devotamente elevados para o ceo. Foy sepultado no lugar, em que estivera hũa igreja dos portuguezes, e depois de dous annos foy o seu corpo achado incorrupto, e fresco. Resgatado do poder dos olandezes por hum bom donativo, que lhes fez o capitão Joze Garcia; foy posto em hua náo com grande reverencia, e intentando os olandezes impedir a viagem, sobreveyo hum vento tão rijo, que soltas as amarras se poz o navio em caminho de sorte que em dezoito dias entrou no porto do Reciffe. Com grande concurso foy levado o corpo do servo de Deos para o seu convento, e sendo prezente o illustrissimo bispo D. Frey Jozé Fialho se abrio a caixa, e virão todos os prodigiosos sinaes da sua eterna felicidade na incorrupção admiravel do servo de Deos. Foy sepultado no enterro comum dos religiosos, de que ficou muito mal contente a devoção dos moradores, que o quizerão ver colocado em lugar mais digno.

207. Com opinião de santidade finalizarão a vida no dito convento de Nossa Senhora da Penha do Reciffe, Frey Feliz Maria de Modena da provincia de Lombardia em 13 de abril de 1743, Padre Frey Carlos de Specie, da provincia de Genova, insigne operario na vinha do Senhor em 11 de março de 1752, Padre Frey Bernardino de Napoles, varão admiravel, e muy insigne em a humildade, e pobreza apostolica, em 28 de outubro de 1728, Padre Frey Francisco de Briciquella, da provincia de Bolonha, fazendo hũa vida toda apostolica, observando exactamente os preceitos da sua regra, e os apices dos concelhos evangelicos, em 14 de julho 1755. E na missão do Piancho faleceo com aquella boa opinião, que lhe negociarão seos religiosos procederes, singular pureza, e santas obras aos 4 de outubro de 1753, o padre Frey João Francisco de Palermo.

208. No mosteiro de S. Bento de Olinda he muy plausivel a memoria do insigne padre Frey Bernardo, em todas as virtudes foy preclarissimo, e com especialidade na humildade, e desprezo das glorias mundanas. Faleceo de hũa penosa enfermidade, mas com tal resignação, e paciencia, como alegria e gosto de se ver perto da fruição do eterno bem. Seu corpo foy sepultado no jazigo commum dos religiosos, e abrindo-se depois de muitos annos a sua sepultura se achou incorrupto e inteiro.

CAPITULO 26

CONTINUÃO AS MEMORIAS DE OUTROS VARÕES ILLUSTRES EM SANTIDADE, QUE PELA HABITAÇÃO SE FIZERÃO NATURAES DE PERNAMBUCO

209. Entrando no anno de 1635 os olandezes no destricto da villa do Porto Calvo, não se ouvião naquelle lugar mais que estragos de vidas, fazendas, e deshonra de mulheres occasionando tudo da furiosa insulencia de hua heretica, e mal disciplinada milicia. Neste tempo se achavão aly os veneraveis Frey Miguel, e Frey Francisco de Jesus da ordem de S. João de Deos, varoens muy austeros, e em a vida activa, e contemplativa muy aproveitados; que compadecidos de tanta calamidade, e arrebatados do zelo da religião, com resolução intrepida, se poserão em prezença dos cabos, e affearão com apostolica liberdade suas crueldades, e desaforos. Offendidos os cabos da reprehenção os entregarão ao furor dos soldados, os quaes tendo na mão a occasião da sua vingança, tratarão de tomalla a toda satisfação.

Atarão-nos ao tronco das arvores, e pondo-lhes ao peito armas de fogo, solicitarão primeiro dobrar a sua constancia a seguir seos falços dogmas, mas vendo que nenhum abalo fazia em seos coracoens o medo da morte, disparados os arcabuzes forão atravessados com muitas ballas, que abrirão as portas por onde sahirão suas almas triunfantes com a coroa do martyrio em 4 de junho do dito anno.

210. O padre João do Rosario, natural de Lisbôa, veyo a esta provincia de tenra idade; na cidade do Olinda aprendeo as primeiras letras; ordenado de presbitero tomou a roupeta de congregado no convento de Santo Amaro, por justas causas largou a congregação, e em companhia do padre João Alveres clerigo do habito de S. Pedro professarão na terceira ordem da penitencia de S. Francisco na capella do Reciffe, onde fizerão sua habitação para mais livremente se empregarem em exercicios espirituaes. Modestos, recolhidos, penitentes, pios e exemplares acabarão a vida com grande fama de santidade, e jazem sepultados na dita capella.

211. As virtudes destes servos de Deos imitarão o padre Julião Gonçalves, que fora tambem congregado, e morreo sendo regente do hospital do Reciffe, o padre Domingos Dias da Veiga, natural de Braga, capellão das recolhidas do convento da Conceição de Olinda onde esta sepultado, e o padre Vicente de Souza, que morreo na villa das Alagoas.

212. O padre Jozé Ferreira de Carvalho natural do bispado do

Porto, aprendeo no Reciffe as sciencias amenas e severas. Ordenado de presbitero, passou para o certão do Piancho, onde se exercitou em heroicas virtudes, sendo muito modesto, devoto, penitente, e esmoler. Depois de sofrer com catholica resignação hua penosa enfermidade, entregou placidamente sua alma nas mãos do creador em janeiro de 1750.

213. O padre João de Christo, resoluto a deixar o seculo, pelo austero claustro da congregação de Santo Amaro, renunciou o posto de capitão de infantaria do terço da guarnição de Olinda, e tomando a roupeta, servio de exemplar aos seus domesticos. Vendo a congregação fatalmente perturbada com contendas, que se levantarão entre os irmãos, sahio della, e se foi viver em hum lugar solitario na freguezia de Goyana, onde até a morte se exercitou em heroicas virtudes.

214. O insigne padre João Guedes da Companhia de Jesus, natural do reyno da Bohemia, e fundador do hospicio do Ceará, foy huma perfeita idea de religiosas virtudes. Havendo empregado sua vida em apostolicos exercicios, acabou santamente, no dito hospicio.

215. O padre Manoel Baptista da Companhia de Jesus, natural da freguezia de Santa Christina, arcebispado de Braga, trinta annos viveo na continua tarefa de ganhar almas a Deos. Assestio aos indios do Ceará com summa caridade, instruihindo-os com seos exemplos, e santas direcçoens. Os ultimos sinco annos da sua vida se recolheo ao real hospicio da dita provincia do Ceará, onde com grande esplendor de virtudes finalizou a vida no fim de julho de 1756, quando contava 75 annos de idade, e foy o primeiro sepultado na igreja de Nossa Senhora da Assumpção do dito hospicio.

216. O padre Manoel Alveres senior, natural do reyno de Algarve, foy hum dos primeiros e mais fervorosos fundadores da residencia da colonia. Recolhido ao collegio de Olinda da Companhia, gastava a mayor parte das noites, e muita dos dias em oração, recebendo nella altissimos favores. Foy de tanta edificação, e exemplo para seos irmãos, que o venerarão e atenderão como a idea de perfeita santidade. Tendo vivido santamente mais de cem annos faleceo no dito collegio, onde he veneravel a sua memoria.

217. O veneravel padre Felippe Bourel da Companhia de Jesus, era natural de Alemanha, e conhecendo os superiores o grande talento, de que era ornado, o destinarão para trabalhar nas conversoens dos gentios, que se dilatavão pelos vastos certoens de Pernambuco. Foy para os indios exemplo e oraculo de santidade, e ainda que as noticias, que temos deste servo de Deos, são (como de outros muitos) escassas, supre a excacez das noticias a excelencia dos milagres, que obrou no tempo da sua vida, sendo singularissimo o seguinte. Entrando na aldea do Apody achou hua india, que com lagrimas incomparaveis chorava

a morte de hum seu filho, que falecera sem bautismo, e fora enterrado no campo. Lastimado o coração compassivo do servo de Deos deste lastimoso successo, e instado do poderoso instinto da caridade, rogou que desenterrassem o corpinho, e sendo assim executado, e trasido a sua presença, o recebeo nos braços, e pondo-se em oração, resuscitou o menino, e depois de o bautizar o entregou a sua may, e foy Deos servido que sobrevivesse alguns dias, resultando deste prodigio gloria a magestade divina, grande opinião para o servo do Senhor, e edificação dos fieis. Este milagre se ve primorosamente retratado em hum quadro que se conserva na igreja da dita aldea. Favorecido de Deos com espirito profetico predisse cousas futuras, que calificarão os effeitos.

Ao padre Mauricio seu companheiro o previnio com a preçagiosa noticia da sua morte, declarando-lhe a fatalidade, que o ameassava se acompanhasse os indios, que entravão a fazer guerra aos gentios. Não fez o padre cazo do annuncio, e no primeiro encontro, que tiverão cõ o inimigo foy morto, e vindo hum indio com a noticia antes que proferisse algua palavra, lhe disse: Ja sey que frechado acabou a vida o padre Mauricio, e pela sua alma tenho applicado sufragios, e dito missas. Nos ultimos annos praticou com maior disvelo as virtudes, que exercitara em toda a vida, ate que partio a receber o premio dellas deixando de seu apostolico espirito gloriosa memoria.

218. No convento de Nossa Senhora do Desterro de Olinda, de Carmelitas descalços, viveo, e morreo santamente o irmão Domingos. A fama de suas virtudes levantou mais animosa suas vozes, vendo sua santidade contestada com milagres. Obra o Senhor nos que com piedosa fe visitão seu sepulchro muitas maravilhas, e com especialidade exprimentão a efficacia do seu patrocinio os que padessem febres intermitentes.

219. João Paes Barreto, natural de Vianna de Caminha na provincia de Entre Douro e Minho, descendente de nobre prosapia, passou a Pernambuco, onde adquerio copiosas riquezas, que lhe não servirão de estimulos para a vaidade, nem de materia para os tumores da soberba. Casou com D. Ignez Gualdes, de quem teve copiosa descendencia. Instituhio dous morgados, que deixou a seus herdeiros, e foy muito caritativo para com os pobres. Entregando a seus filhos os bens que lhes tocava, se recolheo na Santa Caza da Misericordia de Olinda, de que sempre fora bemfeitor, onde entregue aos exercicios espirituaes, e cheyo de boas obras faleceo piamente a 16 de mayo de 1617.

220. No lugar do Piancho passou desta vida temporal para a eterna no anno de 1744 Marcos Fernandes da Costa, natural de Coura, freguezia de Mosello, filho de João Barreiros da Costa, de nobre prosapia, muy adornado de virtudes, e com evidentes sinaes de que hia gosar do eterno descanço.

221. Manoel Ferreira Gomes, natural de Lisboa, e cazado no lugar de Tijucupapo, exprimentando no mar do mundo mais frequentes as tempestades, que as bonanças, e que quem devera adoçarlhe as amarguras, lhe dava a beber tragos de morte, com heroica resolução vestio hum habito de ermitão, e pela carreira da via purgativa, chegou com felicidade ao fim da vida em o anno de 1749.

222. Na igreja de Nossa Senhora dos Remedios do Certão do Rio do Peixe descanção as cinzas de Domingos João de Almeida, natural de Arouche. Foi varão de muita penitencia, de muita oração e de insigne caridade, dispendendo todos os cabedaes, que adqueria em beneficio da pobreza.

222 (*). Pedro Gomes, natural do Reyno de Congo, escravo do coronel David Gomes de Sá, com insigne sofrimento soube desprezar os desprezos de captivo, e com o esplendor das virtudes deu realces ao negro da sua cor. Viveo e finalisou santamente a vida no anno de 1739, e foi sepultado na igreja de Nossa Senhora dos Remedios do Certão do Rio do peixe.

223. Manoel Luis ermitão da igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, natural da provincia de Entre Douro, e Minho, sendo cazado, padeceo a furiosa borrasca dos zelos, em que por algum tempo çoçobrou inquieto. Podendo com o sangue alheo, lavar offenças proprias, e tomar do seu agravo hua honrada vingança, vingou-se com se não vingar. Vestindo o habito de ermitão, com os espinhos da mortificação, e penitencia, maravilhosamente dispoz sua alma para ser morada de Deos. Com fama de santidade faleceo em janeiro de 1756 annos.

224. David da Costa de Araujo, thenente coronel de hum dos regimentos de cavallaria e familiar do santo officio nasceo no lugar de Redunfinho ter°. de Guim^s. onde teve por nobres progenitores Joze da Costa de Araujo, e sua mulher Senhorinha Francisca. Quando contava dez annos passou para esta provincia, chamado de seus tios o capitão mor Domingos da Costa de Araujo, fidalgo da caza de Sua Magestade, cavalleiro da ordem de Christo, e do capitão João da Costa de Araujo. Navegou athe a idade de quarenta pelo mar de deleites mundanos, e conveniencias temporaes, em que se affogavão as inspiraçoens divinas, com que Deos lhe batia as portas do coração. Com tudo por hua parte os estimulos da conciencia, por outra olhando para a brevidade da vida, para as vaidades do seculo, e para as esperiencias, que o tempo lhe dera se moveo a seguir o caminho da penitencia. Dando finalmente costas ao mundo, e dirigindo a rosto firme seus passos ao ceo, vestio o habito descuberto da terceira ordem de

(*) *Numero repetido.*

S. Francisco. Repartio a sua fazenda com os pobres, reservando somente quãto bastasse para hua honesta sustentação, e para não ter ociosa a sua caridade. Não faltou quem glosasse esta mudança a ligeireza de animo. Como se não ouverão mudanças, que executa a melhor prudencia, para suas melhoras; mas elle sem fazer caso dos pareceres dos homens, so cuidava em agradar a Deos.

Assestia nos templos com summa reverencia, frequentava os sacramentos com grande devoção, e fazia rigorosos penitencias. Sendo muito atormentado com o temor das penas, que se padecem na outra vida, para ficar a alma perfeitamente limpa das manchas da culpa, lhe servia este temor de incentivo para ser em extremo piedoso com as santas almas do purgatorio; para cujo descanço e alivio, não so applicava muitos de seus penitentes exercicios, mais copiosos sufragios. Não satisfeita a ardente caridade, que abrasava seu coração, com estas obras sahia todos os dias pedindo pelas portas esmolas, com que mandava celebrar muitas missas pela mesma tenção, e neste trabalho não somente exercitava a sua piedade, mas tambem a sua paciencia, trazendo sempre a cabeça descuberta aos rigores do sol, cuja actividade lhe causava repetidas queixas, que sofria com animo constante, e alegre aspecto. Agravarão-se seos ordinarios achaques, e porque estava mal assestido em sua caza, o persuadirão alguas pessoas a que asseitasse a offerta, que de melhor aposento, e assistencia lhe fazia hum seu parente. Sendo trasido em hua cadeira de mãos, passando pela parochial igreja do Corpo Santo, esteve bastante tempo parado em devota oração, e continuando o caminho fez a mesma pausa diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Ponte. Posto na prezença da raynha dos anjos forão tão fervorosos os affectos, que delles resultou ficar em hua muda suspenção, dando doces, e amorosos suspiros, até que rotas as prizoens do corpo teve a alma liberdade para voar, como piamente supomos, a sua patria celestial livre das lastimosas pensoens deste desterro.

Faleceo no dia da ascenção do Senhor no anno de 1755, e jaz sepultado na capela da ordem terceira de S. Francisco do Reciffe.

CAPITULO 27

MEMORIAS DE ALGUNS VAROENS MUITO ILLUSTRES EM SANTIDADE, QUE SENDO EDUCADOS EM PERNAMBUCO, E HABITANDO NELLE MUITOS ANNOS FORÃO MORRER EM OUTRA PROVINCIA

225. O veneravel frey Cosme de S. Damião, natural da freguezia de S. João de Guelhife, termo da villa de Arrifana de Souza, foy filho

de Gonçallo Manoel, e de sua mulher Comba Luiz. Na primeira idade passou para Pernambuco, onde aprendeo as primeiras letras, e quando contava vinte e sete annos, professou o instituto serafico no convento de Olinda a 20 de janeiro de 1598. Por ordem dos superiores acompanhou a Jeronimo de Albuquerque quando no anno de 1614 foy a conquista do Maranhão, nesta agreste, e dilatada vinha semeou a palavra divina com tanto fructo, que parecia se animavão as suas vozes, com o espirito dos primeiros promulgadores do evangelho. Entregue a oração, e exercicios de penitencia muy rigorosos, recebeo de Deos singularissimas merces. Teve o dom de profecia, e a graça de fazer milagres. Faleceo no convento da Bahia no primeiro de novembro de 1659, com acclamaçoens de santo, e manifestou o Senhor as virtudes heroicas deste seu fiel servo com a voz de milagres depois da sua morte.

226. No dito convento de Nossa Senhora das Neves de Olinda primeiro solar da serafica provincia de S. Antonio do Brazil, tomou o habito em 24 de abril de 1621, e professou no seguinte anno o insigne frey Francisco do Rosario. N'esta sagrada palestra praticou severamente os preceitos do seu instituto, e manifestou o zelo apostolico, que lhe ardia no peito em beneficio dos indios. No convento da Bahia morreo com opinião de santo no anno de 1649.

227. O padre Felippe da Crus vêyo de Portugal para Pernambuco de idade tão tenra, que no Reciffe aprendeo a ler, e escrever. Ajudado de hua inclinação natural para tudo, quanto era de virtude, facilmente chegou ao auge da perfeição. Ordenado de presbitero recebeo a roupeta de congregado no convento de S. Amaro de Olinda, onde viveo alguns annos em sumo desprezo das couzas mundanas e totalmente entregue aos exercicios espirituaes. Por justas causas, sahio da congregação, e passou para a cidade da Bahia, e recolhido no convento de N. Senhora da Piedade de religiosos capuchinhos italianos, foy exemplar de religiosas virtudes. Acometido da ultima enfermidade se preparou com todos os sacramentos, e entregou placidamente sua alma nas mãos do Creador. Virão-se em sua morte muitos sinaes, que confirmarão os creditos de sua santidade. O cadaver ficou fermoso, e tratavel, e querendo os assistentes lavallo para o amortalharem, virão repetido aquelle prodigio, com que em semelhante acto o patriarcha S. Felippe Nery defendeo a sua honestidade. Como este servo de Deos logrou em grão eminente a pudicicia, esmalte da innocencia, companheira da continencia, e guarda do decoro, ainda depois de morto, cuidadoso da decencia, acodio com as mãos a cobrir aquellas partes, que cobre o pudor, e occulta o pejo. Acclamorosa voz, e fama da sua santidade concorrerão os dous estados ecclesiastico e secular com os excellentissimos arcebispo

bispo e vice-Rey em numero immenso, e com elles as comunidades religiosas. Esteve tres dias exposto, e virão-se nas suas exequias todas aquellas demonstraçoens, e excessos, que obrão os movimentos da piedade christãa.

228. No convento de N. Senhora do Carmo da cidade de Olinda, tomarão o habito, e professarão os padres frey Cosme da Anunciação e frey Andre da Natividade. Com zelo da religião acompanharão no anno de 1615 a Alexandre de Moura na viagem, que fez ao Maranhão, onde fundarão convento da sua ordem, de que foy o padre frey Andre primeiro prior. Trabalharão na vinha do Senhor com grande fervor, e colherão copiosos frutos. Cheyos de annos, e boas obras faleceo hum no convento do Pará, e outro no do Maranhão, deixando das suas vtrtudes gloriosa fama.

(Continúa).

RELATORIO

BIBLIOTHECA NACIONAL

RELATORIO

APRESENTADO AO

SR. DR. SABINO BARROSO JUNIOR

MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES

PELO DIRECTOR

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva

1901

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1902.

Sr. Ministro

PROSEGUINDO na tarefa que me impuz de contribuir até o limite do meu restricto alcance para o engrandecimento e a prosperidade da Bibliotheca Nacional, é para mim motivo de satisfação, que sufficientemente compensa os esforços empregados, poder assignalar no relatorio, que ora vos apresento, do occorrido em 1901 um movimento superior sob muitos pontos de vista ao de qualquer dos annos antecedentes.

A diversas das minhas solicitações formuladas no sentido de prover a necessidades que se me afiguravam palpitantes dignou-se de attender o vosso eminente antecessor, o Sr. Dr. Epitacio da Silva Pessoa, que dispensou á Bibliotheca repetidos favores. A outras porem não lhe foi dado acudir com as providencias que as circumstancias reclamavam. Renovando as que não puderam ser satisfeitas e accrescentando outras que o posterior conhecimento das necessidades da Bibliotheca me tem suggerido, faço-o na expectativa de que o vosso elevado criterio não lhes recusará o apoio de que precisam.

PESSOAL

Reassumi a 21 de Janeiro o exercicio do meu cargo, do qual me havia afastado a 3 de Dezembro pelos motivos expostos no relatorio precedente. Até 20 d'aquelle mez conservou-se na directoria o chefe da 2ª secção, bacharel Antonio Jansen do Paço.

Continuou no goso da licença até 15 de Junho o amanuense da 1ª secção bacharel Manoel Eugenio Pereira Maia, que a 17 foi exonerado a pedido. Estiveram igualmente licenciados o amanuense da 2ª secção (4 mezes), dous dos auxiliares (4 mezes um, 5 mezes outro) e o ajudante do porteiro (2 mezes).

Como acontece todos os annos, o 1° official da 2ª secção deixou de comparecer á Bibliotheca durante dous mezes para occupar-se com o serviço eleitoral e durante um mez esteve impedido no serviço obrigatorio do jury, onde tambem serviu cerca de vinte dias o chefe da mesma secção.

Foi exonerado a 25 de Janeiro o auxiliar interino nomeado a 28 de Agosto do anno antecedente. Foram nomeados auxiliares interinos: Marcos Bezerra Cavalcanti Filho que prestou serviços de Janeiro a Setembro, Edmundo Cavalcanti de Castro Goyanna de Fevereiro a Abril e de Junho em diante e Livino de Vasconcellos e Flavio Nunes de Agosto a Dezembro.

Alem dos auxiliares interinos, cuja nomeação se torna indispensavel sempre que são licenciados os effectivos ou por estes são substituidos os amanuenses, foram admittidos por ser insufficiente o pessoal do quadro os seguintes auxiliares extranumerarios, que prestaram serviços gratuitos: Edmundo Cavalcanti de Castro Goyanna desde Maio e Flavio Nunes desde Junho até que passaram a interinos, Henrique Augusto de Lima e Cirne de Junho a Novembro com interrupções, Joaquim de Albuquerque Lima desde Setembro, Augusto Martins Barreto desde Outubro e José Lourenço Vianna Filho durante alguns dias de Outubro e Novembro.

Para o provimento do logar vago de amanuense mandastes por Aviso de 25 de Setembro abrir concurso, para o qual se inscreveram 22 candidatos. Devendo começar a 9 de Dezembro, foi o concurso adiado por motivo de molestia de um dos inscriptos e como o prazo do adiamento terminasse durante as ferias só puderam ter logar as respectivas provas no começo do anno seguinte áquelle a que me estou referindo.

SECRETARIA

Expediente.— Foram expedidos 187 officios, 65 cartas officiaes, 290 cartas impressas acompanhando publicações e 61 accusando o recebimento de doações e permutas, 7 portarias e 130 pedidos de fornecimentos e recebidos 36 avisos ministeriaes, 98 officios e 138 cartas. Foram celebrados 7 contractos, registradas 6 portarias de nomeação e 7 de licença, lavrados 5 termos de posse e 129 de registro e despachadas 168 petições.

Permutações Internacionaes.—No intuito de imprimir maior desenvolvimento ao serviço das permutações internacionaes solicitei que fosse elevado a 100 o numero de exemplares das publicações officiaes que para esse fim tivessem de ser enviadas á Bibliotheca e por Aviso de 26 de Abril dirigido aos demais Ministerios e aos Presidentes dos Estados foi o meu pedido satisfeito. Infelizmente porém diversas d'essas publicações não foram recebidas ou o foram em numero inferior ao recommendado e dos Estados só o de S. Paulo e o do Amazonas satisfizeram a requisição enviando o primeiro 102 obras em numero desigual de exemplares, formando 5305 volumes, e o segundo 4 obras em iguaes condições, sommando 328 volumes. Devo igualmente mencionar a remessa do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, composta de 24 obras com um total de 1248 volumes.

Por não permittir a estreiteza da consignação orçamentaria destinada a occorrer ás despezas com o serviço de que

me occupo, deixei de adquirir por compra obras nacionaes cuja divulgação fosse conveniente fazer-se fora do paiz. Para tal fim adquiri apenas 163 exemplares de duas obras em troca de publicações da Bibliotheca.

Elevei de 59 a 162 o numero de estabelecimentos destinatarios das publicações que á Bibliotheca cabe distribuir em execução do serviço de permutações que lhe está confiado. Entre esses com que abri relações está o *Bureau of the American Republics*, ao qual remetti uma collecção do Diario Official desde Abril de 1897, por saber que o desejava, sem que aliás m'o tivesse solicitado. O Diario Official começou a ser remettido regularmente não só a esse estabelecimento mas tambem a 58 outros, todos do estrangeiro.

Fiz imprimir e remetti relações das publicações enviadas, cartas em que solicitava a necessaria compensação e bilhetes postaes para o aviso de recebimento.

Novos intermediarios alem dos antigos tiveram de ser procurados afim de mais promptamente chegarem ao seu destino as remessas da Bibliotheca.

Foram 3 as remessas, 44 as caixas remettidas (não incluidas 10 que vieram do Museu Nacional e seguiram endereçadas á *Smithsonian Institution*) e 68 os pacotes, estes por intermedio dos consules residentes nesta cidade e d'aquellas 21 pela *Smithsonian*, 5 pela Bibliotheca Nacional Victor Manoel, de Roma, 4 pelo Ministerio da Instrucção Publica, da França, 3 pelo Serviço Belga das Permutas Internacionaes, de Bruxellas, 3 pela *Oficina de Canje Internacional*, de Montevideo, 3 pela Inspecção Geral das Bibliothecas e Archivos, de Lisboa, 3 pela Bibliotheca Nacional de Buenos Ayres e 2 pela de Santiago do Chile.

Subiu a 7706 o numero de volumes (de 150 publicações differentes) remettidos em 1901, excluidos os procedentes do Museu.

Durante o anno foram recebidas 45 caixas, das quaes 38 da *Smithsonian*, 4 do Serviço Belga, 2 do Ministerio da Instrucção Publica, da França, e 1 da Inspecção Geral das

Bibliothecas e Archivos, de Lisboa. Alem dos pacotes destinados á Bibliotheca, continham as caixas 695 outros endereçados a estabelecimentos publicos, associações, auctoridades e homens de lettras d'esta cidade e dos Estados.

O movimento das permutações internacionaes foi, como se vê, consideravel e a todos os respeitos excedeu não só o do anno antecedente como o de qualquer dos que o precederam.

Para estabelecer o confronto com o movimento do anno de 1900 basta notar que em 1901 se entabolaram relações com mais 103 bibliothecas e estabelecimentos estrangeiros, foram mais 2 as remessas, mais 68 as publicações e mais 3324 os volumes remettidos, mais 35 as caixas em que seguiram e mais 15 os pacotes, mais 18 as caixas recebidas e mais 214 os pacotes a distribuir.

E não se fez esperar o resultado, proveitoso para a Bibliotheca, d'esse incremento que experimentou o serviço de permutações. Foi assim que, tendo apenas começado a reciprocidade, já a cifra das acquisições d'essa procedencia augmentou visivelmente, como mostrarei quando me occupar da secção de impressos.

As permutações nacionaes não puderam ter igual desenvolvimento. O accumulo de trabalho não permittiu mais do que iniciar o respectivo serviço, sendo feita uma só remessa a 11 bibliothecas do paiz. Pretendo porem dedicar-lhes uma parte dos meus esforços e estabelecer relações com todas as nossas bibliothecas, com o fim de obter o maior numero possivel de obras publicadas nos Estados, as quaes á falta de contribuição obrigatoria e de agentes pesquizadores deixam de figurar e mesmo de ser conhecidas na primeira das bibliothecas brasileiras.

Direitos auctoraes. — De accordo com o que determinou a lei do orçamento vigente em 1901, publicou-se no Diario Official de 30 de Janeiro a primeira relação de obras registradas para garantia dos direitos de auctor. Comprehendeu a publicação os registros effectuados até Dezembro de 1900, sob os ns. 1 a 213, dispostos nessa ordem numerica, sem distincção de especies nem de assumptos, por não ser exigida

nas Instrucções de 6 de Dezembro de 1899, que no art. 2º estabeleceram um só livro de registro.

De Janeiro a Junho de 1901 não se fizeram registros, não porque deixassem de ser requeridos, mas porque, tendo sido estabelecida pela citada lei do orçamento, art. 13, a taxa de 2$000 correspondente a cada registro, aguardava-se que ficasse resolvido por quem de direito o modo de cobral-a, si em sello de verba, si em estampilhas, até que expedidas a 11 de Junho e publicadas a 13 as novas Instrucções, poude ser cobrada a taxa em estampilhas, as quaes só em começo de Julho foram fornecidas pelos requerentes. A 10 de Agosto publicou-se a relação das obras trazidas a registro de Janeiro a Julho e d'ahi por diante seguiu-se regularmente a publicação mensal dos registros effectuados. Registraram-se durante o anno 129 obras sob os ns. 214 a 342.

A' questão que no meu anterior relatorio suscitei sobre o registro de obras dramaticas ou musicaes não impressas, mas publicadas pela representação ou execução, déstes, por occasião de apresentar-se em caso concreto, a solução constante do aviso de 19 de Agosto, estabelecendo que é susceptivel de registro o manuscripto de obras dramaticas publicadas pela representação, solução que abrange as obras musicaes divulgadas pela execução, uma vez que são identicas as disposições da lei de 1 de Agosto de 1898 que a umas e a outras dizem respeito.

1ª SECÇÃO (Impressos)

ACQUISIÇÃO.—Foram adquiridas durante o anno 4475 obras em 7068 volumes, bem como 185 mappas e 468 folhetos, assim distribuidos:

	obras em	volumes	mappas	folhetos
Compra	711	1644	54	0
Doação	2969	4210	1	287
Contribuição legal	225	263	8	135
Permuta internacional	559	937	122	43
» nacional	11	14	0	3
	4475	7068	185	468

A este resultado devem accrescentar-se 354 volumes de publicações periodicas que no decurso do anno foram encadernados, o que dá um total de 7890 volumes e folhetos que com os 185 mappas representam a acquisição realisada em 1901. Estes foram 179 mais do que no anno antecedente, aquelles mais 3556 e as obras mais 2379.

O numero de mappas impressos ficou elevado a 2669.

Subiu a 335 o numero das publicações periodicas recebidas, a saber:

Periodicos nacionaes.	95	por	doação
» »	88	»	contribuição legal
» estrangeiros . . .	60	»	assignatura
» » . . .	38	»	por doação
» » . . .	54	»	permuta internacional

Não poude ficar concluido o inventario da 1ª secção conforme era meu desejo, mas, adiantado como se acha, espero poder em breve conhecer a quanto monta com exactidão o acervo da secção.

Eis algumas das acquisições effectuadas em 1901 para a secção de impressos:

Por compra:

— C. Bach. Éléments des machines, leur calcul et leur construction. Trad. de la 7e éd. allem. par L. Desmarest. Paris. 1901. 2 v.

— J. M. Baldwin. Interprétation sociale et morale des principes du developpement mental. Trad. par G. L. Duprat. Paris. 1899.

— Biblia sacra vulgatæ editionis. Venetiis. 1688.

— Bibliothèque de la Compagnie de Jésus. 1e partie : Bibliographie, par les Pères Augustin et Aloys de Backer. 2de partie : Histoire par le Père Auguste Carayon. Nouvelle édition par Carlos Sommervogel. Bruxelles, 1890-98. 8 v.

— C. Calvo Le droit international, théorique et pratique. 5e éd. Paris. 1896. 6 v.

— P. Cauwès. Cours d'économie politique. 3e éd. Paris. 1893. 4 v.

— J. Cujacius. Opera. Prati. 1859-74. 9 v.

— J. D. Dana. The system of mineralogy. 6th ed. New York. 1899.

— J. Deniker. Les races humaines et les peuples de la terre. Paris. 1900.

— H. Derouin, A. Gory, F. Worms. Traité théorique et pratique d'assistance publique. Paris. 1900. 2 v.

— M. Dewey. Decimal classification and relativ index for libraries, clippings, notes, etc. 6 th ed. Boston. 1899.

— T. G. Djuvara. Traités, conventions et arrangements internationaux de la Roumanie actuellement en vigueur. Paris. 1888.

— A. de Ercilla y Zuñiga. La Araucana. Lisboa. 1582-88. 2 v.

— A. Febres. Arte de la lengua general del reyno de Chile. Lima. 1765.

— Fénelon. Télémaque polyglotte, contenant les six langues européennes les plus usitées. Paris. 1837.

— Goethe. Sämmtliche Werke in fünfundvierzig Bänden. Leipzig. s. d. 10 v.

— R. de la Grasserie. Des principes sociologiques de la criminologie. Paris. 1901.

— A. Graziani. Istituzioni de scienza delle finanze. Torino. 1897.

— M. de Guignard. L'Ecole de Mars ou memoires instructifs sur toutes les parties qui composent le corps militare en France. Paris. 1725.

— H. Hauser. L'Or. Paris. 1901.

— Homerus. Ilias graece quam vertebant latine soluta oratione G. Heyne, versibus item latinis R. Cunich, italicis V. Monti, germanicis Woss..., gallicis Aignan, ibericis Garcia-Malo. Florentiæ. 1837. 2 v.

— Th. Huc. Commentaire théorique & pratique du code civil. Tom. 1-13. Paris. 1892—1900. 13 v.

— F. Laurent. Cours élémentaire de droit civil. Bruxelles. 1887. 4 v.

— J. Lefort. Traité théorique et pratique du contrat d'assurance sur la vie. Paris. 1894—1900. 4 v.

— J. de la Llave y Garcia. Balística abreviada. 2ª ed. completamente refundida. Barcelona. 1894.

— L. Mattirolo. Trattato di diritto giudiziario civile italiano. 4.ª ed. Torino 1892-98. 6 v.

— B. van Muyden. Histoire de la Nation Suisse. Lausanne. 1896-99. 3 v.

— H. Osorius. De rebus Emmanuelis regis Lusitaniæ virtute et auspicio... gestis, libri duodecim. Coloniæ. 1597.

— A. Posada. Théories modernes sur les origines de la famille, de la société et de l'état. Trad. de l'espagnol par F. Zelner. Paris. 1896.

— J. Rae. La journée de huit heures. Trad. par G. F. Stark. Paris. 1900.

— J. Résal. Ponts métalliques. 2de éd. Paris. 1893. 2 v.

— E. Rostand. L'Aiglon. Drame en six actes. Paris. 1900.

— R. G. Watson. Spanish and portuguese South-America during the colonial period. London. 1884. 2 v.

— Gazeta do Rio. N.os 2-157. 3 de Janeiro-31 de Dezembro de 1822.

— La Ilustracion Sud-Americana. Tom. 1-7. 1892-1899. Buenos Aires. 7 v.

— O Popular. N.os 1-75. Pernambuco. 1830-31.

— Revue de legislation et de jurisprudence publiée sous la direction de M. L. Wolowski, 1834-1853. Paris 1835-53. 36 v.

— O Sete d'Abril. N.os 1-718. Rio de Janeiro 1833-39. 7 v.

Por doação:

Do Ex.mo Sr. Presidente da Republica:

— Das Buch vom Kaiser. Mit einer Einleitung v. Dr. J. A. Freih. v. Helfert. Herausgegeben v. Max Herzig. Wien. s. d.—Luxuosa publicação illustrada commemorativa da visita da Imperador da Austria a Berlim em 1900, por occasião das festas da maioridade do principe herdeiro da Allemanha.

— Luiz de Camões. Os Lusiadas. Grande edição autographica (Quarto centenario do descobrimento da India), prefaciada por D. Antonio Mendes Bello e Manuel Pinheiro Chagas, dirigida por Fernandes Costa. Lisboa. 1898.

— Marie Robinson Wright. The New Brazil. Its resources and attractions. Historical, descriptive and industrial. Philadelphia. (1901).

Dos auctores

— Anselmo Braancamp Freire. O conde de Villa Franca e a inquisição. Lisboa. 1899. Exemplar n. 60

— O mesmo. Livro primeiro & livro segundo dos brasões da sala de Cintra. Lisboa 1899-1901. 2 v. Ex. n. 60.

— Candido Costa. As duas Americas. 2.a ed. ampliada da obra «O descobrimento da America e do Brazil» em homenagem ao 4º centenario do descobrimento do Brazil. Lisboa. 1900.

— Rio Branco. Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Mémoire présenté par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, arbitre choisi. Paris. 1899. 7 v (incl.: L'Oyapoc et l'Amazone por J. Caetano da Silva. 3.me ed. 2 v.; Altas contenant un choix de cartes antérieures au traité conclu à l'Utrecht... 1 v.; Commission brésilienne d'exploration du Haut Araguary... 1 v.).

——— Idem. Second mémoire présenté par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, etc. Berne. 1899. 6 v (incl: Fac-simile de quelques documents reproduits aux tomes II, III et IV-1 v; Atlas 1 v.).

— R. Teixeira Mendes. O ano sem par. (Abril de 1845 a Abril de 1846). Rio. 1900. Exemplar em papel superior.

— Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos. Francisco Suárez (Doctor eximius). Collecção de documentos. Publicados por deliberação da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra para commemorar o 3º centenario da incorporação do grande mestre e principe da sciencia theologica no professorado da mesma Universidade. Coimbra. 1897. Ex. n. 321.

— Luis V. Varela. La Republica Argentina y Chile ante el árbitro. Buenos Aires. 1901.

Da Legação Argentina:

— Luis V. Varela. La Republica Argentina y Chile. Historia de la demarcacion de sus fronteras desde 1843 hasta 1899. Buenos Aires. 1899. 2 v.

Do Sr. Dr. Antonio da Cunha Barbosa entre outras doações:

— Carta do Pero Vaz de Caminha dirigida a El-Rey D. Manoel... Com prefacio e appendice de Francisco Augusto Pereira da Costa. Pernambuco. 1900.

Do Sr. João Martins Ribeiro:

— Joannes Minshaeus. Ductor in linguas. The guide into tongues. Cum illarum harmonia et etimologiis... in omnibus his undecim linguis, viz: anglica, cambro-britanica, belgica, germanica, gallica, italica, hispanica, lusitanica seu portugallica, latina, graeca, hebrea. Londini 1617. Raro.

Do Sr. Miguel Lemos entre outras doações:

— Augusto Comte. La synthèse subjective. Tome 1.er (seul publié). 2.de éd. Paris. 1900.

Da Directoria da Justiça do Ministerio do Interior:

— Revista General de Legislacion y Jurisprudencia. Madrid. 1853-83. 62 v.

— Boletin Semanal de la Revista General de Legislacion y Jurisprudencia. Madrid. 1854-83. 70 v.

— Jurisprudencia Administrativa (Coleccion completa de las decisiones dictadas a consulta del Consejo Real). Madrid. 1857-83. 28 v.

— Jurisprudencia Civil (Coleccion completa de las sentencias dictadas por el Tribunal Supremo de Justicia). Madrid. 1860-83. 47 v.

— Jurisprudencia Criminal (Coleccion completa de las sentencias...) Madrid. 1871-83. 24 v.

Do Sr. Francisco Rodrigues de Paiva recebeu a Bibliotheca

a doação de avultado numero de obras nacionaes e estrangeiras, na sua maior parte sobre sciencias medicas.

O Sr. Luiz Jordão fez doação de diversas obras sobre assumptos militares.

Por contribuição legal :

Da Companhia Typographica do Brazil :

— A decada republicana. Vol. VI-VII. Rio. 1900-01.

— Servulo Gonçalves. Cantos das montanhas. Versos. Rio. 1901.

De H. Garnier :

— Maximino de Araujo Maciel. Licções de botanica geral. Rio. 1901.

— Machado de Assis. Poesias completas. Rio. 1901.

— Joaquim Nabuco. Escriptos e discursos litterarios. Rio. 1901.

— Oliveira Lima. O reconhecimento do Imperio. (Historia diplomatica do Brazil). Rio (1901).

— José Verissimo. Estudos de litteratura brazileira. 1ª serie. 2ª serie. Rio. 1901. 2 v.

— Viveiros de Castro. Jurisprudencia criminal. Rio (1901).

Da Imprensa Nacional :

— Henrique d'Avila Junior. Topographia. Processo analytico. 1ª ed. Rio. 1901.

— Amaro Cavalcanti. Breve relatorio sobre direito das obrigações (Projecto do codigo civil brazileiro). Rio. 1901.

— Dr. T. V. Pecegueiro do Amaral. Noções elementares de chimica organica. Rio. 1900.

— Dr. Gustavo d'Utra. Cultura das plantas textis. Aperfeiçoamento da cultura do algodoeiro e meio de desenvolvel-a. Rio. 1901.

— Dr. João Vieira de Araujo. O codigo penal interpretado segundo as fontes, a doutrina e a jurisprudencia. Parte especial (Vol. I). Rio. 1901.

De Laemmert & Cª. :

— Tobias Barreto. Polemicas. Publicação posthuma dirigida por Sylvio Romero. Rio. 1901.

— Affonso Celso. Porque me ufano do meu paiz. Rio. 1901.

— Coelho Netto. Tormenta. Rio. 1901.

— João Mendes de Almeida Junior. O processo criminal brasileiro. Rio. 1901.

— Lucio de Mendonça. Horas do bom tempo. Memorias e phantasias. Rio. 1901.

— A. O. Viveiros de Castro. Manual do contribuinte. (Estudo theorico e pratico sobre os impostos). Rio. 1901.

Da Typographia Aldina :

— Samuel de Oliveira. Concepção da philosophia. (Propaganda evolucionista). 1ª parte. Rio. 1901.

— Raul Pompeia. Canções sem metro. Rio. 1900.

Por permuta internacional:

Da « Biblioteca Nacional » de Lima:

— J. Haënke. Descripcion del Peru. Lima. 1901.

Da « Biblioteca Nacional » do Mexico :

— F. A. Flores. Historia de la medicina en Mexico. Mexico. 1886-88. 3 v.

— N. León. Biblioteca botánico-mexicana. Catalogo bibliografico. Mexico. 1895.

Da « Biblioteca Nacional » de Santiago do Chile:

— M. Cruchaga. Nociones de derecho internacional. Santiago. 1899.

— B. Egaña. La cuestion de Tacna i Arica. Santiago. 1900.

— F. J. Herboso. Estudios penitenciarios. Santiago. 1892.

— J. T. Medina. Juan Diaz de Solis. Estudio histórico. Santiago. 1897. 2 v.

— F. Puga Borne. Compendio de medicina legal adaptado a la lejislacion chilena. Santiago. 1896.

— D. Riquelme. Compendio de historia de Chile. Valparaiso. 1899.

— F. Rivas Vicuña. Tracción eléctrica. Construccion y explotación de los tranvias eléctricos. Santiago. 1898.

— C. Walker Martinez. Romances americanos. 2ª ed. Santiago. 1899.

Da « Library of Congress » de Washington :

— House of representatives documents. Washington. 1897-1900. 196 v.

— Senate documents. Washington. 1898-99. 27 v.

Da « K. Norske Frederiks Universitet « de Christiania:

— La Norvège. Ouvrage officiel publié a l'occasion de l'Exposition Universelle de Paris. 1900. Kristiania. 1900.

Da « Oficina de Deposito, Reparto y Canje Internacional de Publicaciones » de Montevideo :

— Estudios relativos al puerto de Montevideo & Proyecto definitivo de las obras del puerto. S. l. n. d. 104 plantas e planos em duas pastas.

— N. N. Piaggio. Apuntes de telemetría. Montevideo. 1899.

Do «Service Belge des Échanges Internationaux» de Bruxellas:

— E. Allard. La mutualité et la bienfaisance belges en France. Bruxelles. 1896.

— E. Bacha. La chronique liégeoise de 1402. Bruxelles. 1900.

— H. Hauttecœur. La République de San Marino. Bruxelles. 1894.

— J. Justice. Dictionnaire des marques et monogrammes de la faïence de Delft. Gand. 1901.

— E. Nys. Études de droit international et de droit politique. 2me série. Bruxelles 1901.

Catalogação.— Os trabalhos do inventario, a necessidade de regularisar o serviço das salas de leitura, onde funccionou por muitas vezes uma parte do reduzido pessoal a que esteve confiada a catalogação, e finalmente as constantes remoções de livros que a construcção de galerias e novas divisões e estantes acarretou, foram outros tantos obstaculos a que proseguisse com a rapidez necessaria o serviço da catalogação. Foi assim que apenas entraram para o catalogo alphabetico 1144 obras em 1399 volumes e 142 mappas, extrahindo-se de 3456 cartões. A differença para menos em 1901, comparado com o anno de 1900, é sensivel, principalmente em relação ao numero de cartões, por não ter continuado a extracção de cartões de assumptos correspondentes aos antigos de auctores, como costumavam fazer fora da Bibliotheca alguns dos empregados.

Acredito porem que a differença será largamente compensada em 1902 em consequencia das seguintes providencias que permittirão prosiga de um modo relativamente rapido o urgentissimo e tão atrazado trabalho de catalogação e são a suppressão do preparo do bilhete para o catalogo systematico até que esteja em dia o catalogo alphabetico, pois si são igualmente necessarios os dous é preferivel ter um só completo a ter ambos incompletos, a reducção das referencias de assumpto ao estrictamente indispensavel e finalmente a resolução que já puz em pratica de mandar vir do estrangeiro os cartões de catalogo já revestidos do ilhó metallico, o que permittirá distribuil-os promptamente e supprimir o processo moroso da collocação

dos ilhós a cargo de alguns empregados mediante uma pequena gratificação extraordinaria.

CONSERVAÇÃO.— Á falta de melhor meio de conservação e na impossibilidade de restaurar um numero avultado de volumes deteriorados adoptei o alvitre de deitar entre as folhas dos livros alumen pulverisado, depois de tirar-lhes o pó e a traça, o que principalmente tive em vista por não confiar em absoluto na efficacia da substancia empregada. Tratando-se de estantes abertas, não produziria o effeito de afugentar a traça a naphtalina, que só pode convir quando empregada em caixas ou armarios fechados. Ainda não está resolvido o problema da extincção da traça e outros insectos que são o flagello das bibliothecas. O Congresso dos Bibliothecarios reunido em Pariz em 1900 limitou-se a emittir o voto de que devia a questão ser estudada procurando-se conhecer a evolução das diversas especies de insectos destruidores dos livros, a sua origem, e as suas predilecções.

Levado pelos conselhos de E. Rouveyre, na sua obra *Connaissances nécessaires à un bibliophile,* que reproduz os de outros bibliotheconomistas, fiz com o auxilio da Directoria Geral de Saude Publica d'esse Ministerio diversas experiencias de vaporisação do formol, sem resultado satisfactorio, por mais que se elevasse a quantidade da substancia e o numero de horas de exposição. É de justiça deixar aqui consignados os bons desejos e reiterados esforços do Sr. Dr. Jayme Silvado, que se encarregou de proceder ás experiencias, quer naquella Directoria quer no Laboratorio Bacteriologico.

Consegui começar em Janeiro o serviço regular da limpeza dos livros e distribuição do alumen pulverisado e desde então se tem feito diariamente com vantagem para a conservação.

Na madeira das estantes que fiz construir foi applicada como um preventivo uma solução de acetato de cobre.

Dos livros remettidos a encadernar em 1900 foram devolvidos encadernados os 398 volumes restantes.

Fizeram-se nove remessas em 1901 a diversas officinas de

encadernação, sendo preparados e enviados 1385 volumes, dos quaes foram recebidos encadernados 976. Dos 1374 recebidos durante o anno, 301 pertencem á collecção Thereza Christina.

Houve em 1901 mais do que em 1900 quatro remessas, 513 volumes remettidos e 210 recebidos. Não foi possivel ir alem com o diminuto pessoal que me foi permittido destinar a esse serviço.

CONSULTA. — Seguindo a marcha ascendente que se tem observado de anno para anno o movimento da consulta em 1901 excedeu consideravelmente o de 1900, offerecendo uma differença digna de nota. Foram 25296 os leitores e 35035 as obras fornecidas, o que importa numa differença para mais de 4645 leitores e 7941 obras.

A media diaria foi de 91,6 leitores para 126,9 obras.

A leitura feita na Bibliotheca é assim representada:

1º	trimestre	5122	leitores	e	6871	obras
2º	»	6652	»	»	9347	»
3º	»	7663	»	»	10696	»
4º	»	5844	»	»	8106	»
		25281	»	»	35020	»

A leitura domiciliar, limitada pelos motivos expostos no meu relatorio anterior a casos especiaes, como os de auctorisação d'esse Ministerio ou de serviço da Bibliotheca, resume-se assim:

1º	trimestre	Não se fizeram emprestimos				
2º	»	3	leitores	e	3	obras
3º	»	3	»	»	3	»
4º	»	9	»	»	9	»
		15	»	»	15	»

Foram restituidas todas essas obras.

Das emprestadas anteriormente foram restituidas 3, ficando reduzidas a 28 em 37 volumes emprestadas a 18 pessoas.

As obras consultadas em 1901 distribuem-se do seguinte modo por materias e por linguas:

MATERIAS	BIBLIOTHECA	DOMICILIO	SOMMAS
Bellas Lettras	8614	1	8615
Historia e Geographia	2929		2929
Sciencias mathematicas	2171		2171
» naturaes	2686		2686
» medicas	3948		3948
» juridicas	2231	7	2238
» sociaes	310	3	313
Theologia	224		224
Philosophia	556		556
Artes	498	1	499
Relatorios	192		192
Bibliographia	168	3	171
Almanaks	194		194
Jornaes e revistas	9751		9751
Encyclopedias	548		548
	35020	15	35035
LINGUAS			
Portuguez	21249	4	21253
Francez	11812	6	11818
Inglez	641	3	644
Italiano	443	1	444
Hespanhol	368		368
Latim	309	1	310
Allemão	99		99
Grego	60		60
Tupy-guarany	22		22
Arabico	11		11
Russo	4		4
Africano	1		1
Sanskrito	1		1
	35020	15	35035

Deixaram de ser fornecidas 1425 obras por não existirem na Bibliotheca, 203 por se acharem em encadernação e 555 por motivos accidentaes e justificaveis.

2ª SECÇÃO (Manuscriptos)

ACQUISIÇÃO.—Os documentos manuscriptos que se adquiriram em 1901 foram 844, entre os quaes se acham 454 contidos em 13 volumes encadernados e 13 brochados, 20 os mappas geographicos tambem manuscriptos, 2 os fac-similes e 16 os impressos que ficaram pertencendo á secção.

As procedencias foram:

Compra : 617 documentos mss. 15 mappas e 1 impresso ;
Doação : 227 » » 5 » 2 fac-similes e 15 impressos.

O total das acquisições (882) foi inferior ao das effectuadas no anno de 1900, em que se fizeram mais 83 por compra, mais 144 por permuta e menos 52 por doação.

O inventario numerico da secção, começado em 1901, não tardará a ficar concluido. Para tal fim foram organisados quadros impressos de tres especies differentes, sendo um para codices, outro para documentos avulsos e outro para mappas geographicos.

Principaes acquisições effectuadas para a Secção de Manuscriptos :

Por compra :

— Carta do Principe Mauricio Conde de Nassau a Ernst Gertzogen (Datada de 24 de Dezembro de 1667).

— Descendencia dos Reys de Portugal (Codice do sec. XVI. Termina no reinado de D. João III).

— Memorias genealogicas e historicas da familia Brant e outras. Transcripções e originaes por Pedro Caldeira Brant, conde de Iguassú (Com o brasão chancellado do auctor e setenta e quatro outros brasões por L. A. Boulanger).

— Roteiro da navegação do Rio Paraguay, desde a foz do S. Lourenço até o Paraná. Pelo Cap.m de Frag.ta A. N. I. Augusto Leverger. Cuiabá, 21 de Outubro de 1847 (Com a assignatura do auctor).

— Carta Corografica que comprehende a Capitania de S. Pedro, parte do Governo de Monte Video, incluza a Cidade deste nome, e os Importantes individuaes Reconhecimentos Geographicos, que se praticarão na Primeira Divizão da Demarcação de Limites d'America Meridional... Construida e Desenhada pelo Tenente Coronel Engenheiro Francisco das Chagas Santos empregado na mencionada Demarcação.

— Carta Geographia do Rio Guaporé desde a sua origem até a sua confluencia com o Mamoré : e igualmente dos Rios Allegre, Barbados, Capivari, Verde, Paragáu, Baures e Itonamas, que nelle desaugoão (*sic*) pela sua margem meridional : assim como dos Rios Aguapehi e Iaurú, com parte do Paraguai e Cuyabá...

— Carta Geographica do Rio Paraguay desde as suas cabeceiras athe a latitude de 28 graos, em que vão configurados exactamente, segundo as deligencias feitas em consequencia do Tratado de Limites de 1777, os Rios Cuiaba, Taquari e Paraguay athe a Bahia Negra... Esta carta N. 2 serve de contenuação a outra similhante do Guaporé N. 1. 1780. Capitão João Pedro da Silveira.

— Carta Topografica da Barra e Rio do Espirito S[to], do qual toma nome toda a Capitania, que mostra com distinção todas as V[as]., Fortalez[as]., Portos e Ilhas... pelo Cap[am]., Agg[do]., ao Corpo de Eng[os]., João Pedro de Gusmão e Vas[cos]. Mariz em 27 d'Outubro de 1853.

— Mappa Geral do Sul de Minas contendo os Valles dos Rios— Grande, Sapucahy, Mortes, Parahybuna e Parahyba, relativo ás Vias de Communicação. Levantado por Engenheiro Dr. J. Francisco Martins Paz em 1866.

— Planta da Estacada ou Forte de Miranda... Com um projecto de augmentar-lhe a defensa, feito em 1811 pelo Sargento mór Engenheiro Correspondente do Real Archivo Militar José Antonio Teixeira Cabral... Levantada e Desenhada pelo mesmo Major.

Por doação :

Do Ex.[mo] Sr. Presidente da Republica :

— La Ciudad de Buenos Aires á su ilustre huesped el Exmo. Señor Presidente de la Republica de los Estados Unidos del Brasil Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles. Octubre de MDCCCC (Diploma em pergaminho, a ouro e a cores, assignado pelo Intendente Municipal, pelo Presidente do Conselho Deliberante e pelos respectivos secretarios).

Do Sr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires :

Uma collecção copiosa de documentos relativos ao dictador do Paraguay D. José Gaspar de Francia, alem de outros manuscriptos de valor.

Catalogação.—Como um meio de facilitar a consulta continuou a ser feito o inventario por bilhetes, não só em relação ás novas acquisições, ás quaes corresponderam 171 bilhetes, como em relação aos documentos já existentes, que em numero de 156, dos quaes se tiraram 77 bilhetes, foram acondicionados em 2 latas novas.

Pelo chefe da secção foram catalogados 2532 documentos, relativamente aos quaes teve de organisar 2542 bilhetes de catalogo.

Está concluido, dependendo apenas de revisão, o catalogo dos mappas geographicos manuscriptos.

Continuou a fazer-se o serviço de distribuição e classificação methodica dos documentos avulsos ainda não inventariados, trabalho preparatorio do de catalogação e que attende provisoriamente ás necessidades da consulta publica. Restam por distribuir methodicamente os documentos contidos em 40 latas.

O resultado do trabalho levado a effeito em 1901, em confronto com o de 1900, apresenta, á parte a organisação de latas que se não repete annualmente, a differença de menos 77 bilhetes de inventario e menos 16 de registro, mas em compensação offerece a de mais 2542 bilhetes de catalogo e mais todo o trabalho do inventario numerico.

Conservação.—Com o fim de proteger os documentos acondicionados em latas contra a oxidação d'estas, foram adquiridas folhas de papelão que se distribuiram por 1068 latas, ficando em cada uma d'ellas os documentos resguardados por duas d'aquellas folhas, alem de envolvidos em capas de papel de linho formando pastas. Fizeram-se 8.000 d'essas capas, com dizeres impressos.

As 1068 latas receberam novos rotulos e nova numeração.

Todo esse trabalho, que continúa a ser feito, traz alem de outras vantagens a de offerecer occasião para sacudir-se o pó e examinar-se o estado de conservação de milhares de manuscriptos.

Foi igualmente objecto de cuidado a conservação dos codices encadernados.

Da bibliotheca especial da secção foram encadernados 103 volumes impressos.

CONSULTA.— Os seguintes algarismos resumem o movimento da consulta dos manuscriptos em 1901:

	Leitores	Documentos
1º trimestre	158	2687
2º »	173	412
3º »	313	21564
4º »	298	19586
	942	44249

Em relação ao anno de 1900 foram em 1901 mais 238 os leitores e mais 5539 os documentos fornecidos á consulta, tendo sido menos 127 os visitantes, que neste ultimo anno foram 261.

Segue-se a distribuição pelos assumptos sobre que versam os documentos consultados e pelas linguas em que estão escriptos.

Assumptos

DOCUMENTOS MANUSCRIPTOS

Brasil em geral.	22777	
Portugal	7759	
Rio de Janeiro	4112	
Biographia e doc. biograph.	2406	
Pará.	1570	
Pernambuco.	1092	
Mineração de diamantes .	768	
Bahia	698	
Ceará	492	
Revolução de 1817. . . .	330	
Matto Grosso	245	
Zoologia	223	
Limites Brasil e Argentina.	173	
Rio da Prata.	158	
Bellas-lettras.	150	
Metallurgia	148	
Revolta dos Farrapos . .	129	
Botanica	125	
Biblias e breviarios . . .	114	
Colonia do Sacramento. .	47	
Genealogia	36	
Calligraphia	28	
Bibliographia	25	
Ceylão	25	
Philosophia	25	
		43655
Transporte. .		43655
Rio Grande do Norte. . .	15	
Amazonas.	12	
Goyaz	7	
S. Paulo e Minas Geraes .	3	
Geographia antiga . . .	2	
Mexico.	2	
Parahyba	1	
		43697

CARTAS GEOGRAPHICAS

Pará e Amazonas. . . .	494	
Brasil em geral.	28	
America do Sul	26	
Pará.	3	
Cidade do Rio de Janeiro .	1	552
		44249

Linguas

Portuguez.	34003	
Portuguez e latim. . . .	7675	
Portug. hespanhol e latim	1850	
Hespanhol	359	
Latim	304	
Lingua geral.	54	
Grego antigo.	2	
Maya	2	
Total. . . .		44246

A consulta effectuou-se com a regularidade do costume apezar do augmento que experimentou e da exiguidade do pessoal da secção.

Em virtude de auctorisação especial foram facultados á consulta alguns documentos de caracter reservado.

Pelo Ministerio das Relações Exteriores foram afinal restituidos os tomos I e III da «Correspondencia com o Governo do Rio Grande» relativos aos annos de 1779 e 1781. Restituidos anteriormente os demais tomos, acha-se agora completa a valiosa collecção.

Foram igualmente devolvidos pelo mesmo Ministerio dous outros codices mencionados sob os n^{os}.4 e 7 na relação que os acompanhou de 30 de Maio de 1883, quando juntamente com outros foram emprestados pela Bibliotheca.

Aguardo outras restituições que aquelle Ministerio tem a fazer.

Mediante auctorisação concedida por esse Ministerio em diversos avisos, copiaram-se 20 documentos, sendo:

8	para o	Museu Nacional
7	» »	Governo da Republica Argentina
1	» »	Archivo Publico Mineiro
1	» »	Sr. Euzebio de Queiroz Mattoso Camara
1	» »	Sr. João Gomes do Rego
1	» »	Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo
1	» »	Sr. Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata
20		

Pelo pessoal da secção foram copiadas duas memorias para o volume XXIII dos Annaes da Bibliotheca.

3ª SECÇÃO (Estampas e Numismatica)

ESTAMPAS

Acquisição.—Sobem a 983 peças iconographicas as adquiridas durante o anno, das quaes 472 avulsas e 511 reunidas em 11 collecções.

Consideradas as especies e as procedencias distribuem-se assim:

	Compra	Doação	Permuta
Gravuras	354	3	3
Lithographias	118	79	0
Xilographias	0	3	1
Aguas tintas	40	0	0
Aquarellas	5	0	0
Pennejados	13	0	0
Desenho a lapis	0	1	0
Photographias	0	13	0
Photogravuras, etc	91	259	0
	621	358	4

Adquiriram-se mais 438 peças do que em 1900, ficando elevado a 104487 o acervo de estampas.

Entre as peças que entraram em 1901 muitas ha de grande valor artistico. Para a bibliotheca especial da secção foram compradas 3 obras em 6 volumes.

Merecem ser mencionadas d'entre as peças adquiridas as seguintes:

Por compra:

— Jesus a caminho do Calvario. Gravura attribuida a Bartolozzi. Prova *avant toute lettre*.

— Quatro vistas do Rio de Janeiro em 1812, sendo duas gravadas por Himely e duas por Jeakes.

— Retratos de todos os homens que adquiriram nome pelo genio, talentos... desde o principio do mundo até nossos dias... Com um resumo historico de suas vidas.—Collecção rara de 54 peças gravadas por J. J. de Sousa.

— Diversas estampas de reputados artistas italianos do numero d'aquellas cuja acquisição havia sido solicitada pelo fallecido chefe de secção Dr. Menezes Brum em seu relatorio apresentado em 1890.

— Views and costumes of the City of Rio de Janeiro from drawings taken by Lieutenant Chamberlain. London. 1822.—Aguas tintas e texto. Livro raro.

— Cinco aquarellas representando costumes do meiado do seculo XIX nesta Capital executadas por um artista brasileiro, Reis Carvalho, que floresceu nessa epoca.

— Collecção dos desenhos das principaes illuminações nos dias da coroassão (*sic*) do snr. D. Pedro 2º— pelo professor Raphael Mendes de Carvalho,desenhista da Casa Imperial. 13 desenhos.

Por doação:

Do Sr. Dr. Cyro de Azevedo:

— Collecção de 176 peças entre lithographias, photogravuras e photographias—distribuidas em Buenos Ayres por occasião da visita que lhe fez o Ex.mo Sr. Presidente da Republica.

Do auctor:

— Tres xilogravuras, assumptos nacionaes, executadas pelo Sr. Childe, artista aqui residente.

— Um retrato a agua forte, trabalho do mesmo artista.

CATALOGAÇÃO.—Para o catalogo por escolas tiraram-se 328 bilhetes, para o alphabetico por assumptos 333 bilhetes e para o alphabetico por nomes de artistas 354 cartões.

A catalogação excedeu á de 1900 em 239 bilhetes por escolas e 35 por assumptos e foi excedida em 355 cartões.

CONSERVAÇÃO.—Terminou o trabalho de reconstituição da collecção de retratos «Barbosa Machado».

A falta absoluta de espaço onde accommodar as estampas e collocar novos moveis é obstaculo á boa conservação do que de precioso se tem accumulado nessa parte da Bibliotheca.

Impõe-se como uma necessidade inilludivel o prolongamento do terceiro andar occupado pela secção, de modo a fornecer-lhe mais uma sala ao menos.

CONSULTA.—A frequencia foi de 162 consultantes e 21 visitantes, sendo consultadas 2271 peças. Em 1900 haviam sido menos 128 os consultantes e mais 3 os visitantes.

NUMISMATICA

ACQUISIÇÃO.—O numero de peças numismaticas que entraram para a sub-secção foi de 276, assim distribuidas:

	Compra	Doação	Permuta
Medalhas	75	71	45
Moedas	3	7	0
Vales metallicos	10	1	0
Reclamos	0	47	2
Sinetes	3	0	0
Veronicas	4	1	0
Notas	7	0	0
	102	127	47

Houve um excesso de 230 peças sobre a acquisição effectuada em 1900.

D'entre as peças adquiridas 191 são medalhas, das quaes apenas 12 são estrangeiras e 179 são brasileiras.

Reunidos a estas os reclamos e as veronicas, que podem ser considerados de modo geral como medalhas, ficou elevado o total da collecção brasileira a 671 peças ou mais 234 do que existiam em 1900.

Tendo-me empenhado pelo enriquecimento da collecção, acompanhado nesse proposito pelo chefe da secção, consegui chegar não sem difficuldade ao resultado que apresento.

Apezar do desenvolvimento que experimentou a collecção de medalhas brasileiras, ainda ha muito que adquirir. No que diz respeito ás moedas brasileiras fazem-se tambem necessarias algumas peças e das mais raras.

Para a bibliotheca da sub-secção entraram 96 obras em 130 volumes, a saber:

Por compra	68	obras	em	80	volumes
» doação	27	»	»	49	»
» permuta	1	»	»	1	»
	96	»	»	130	»

São dignas de menção as acquisições que se seguem:

Por compra:

— Asse italico de Hadria, de grande modulo. Bronze.

— Medalha da «Sociedade Propagadora das Bellas Artes. Homenagem e gratidão da sociedade ao seu professor exemplarmente assiduo». Ouro.

— Medalha do « Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. Assistencia Judiciaria ». Ouro.

— A mesma. Prata.

— Medalha commemorativa da visita da esquadra chilena ao Brasil. 1889. Prata.

— «Al Ejercito aliado en operaciones contra el Gobierno del Paraguay. Al valor y a la constancia la nacion agradecida ». Medalha de ouro.

— A mesma. Prata

— Cedula do Thesouro. Brasil-Imperio. 500$000. 5ª estampa. 1ª serie. N. 67860.

Por doação:

Do Ex.mo Sr. Presidente da Republica:

— Medalha commemorativa da visita do Sr. Dr. Campos Salles, quando presidente eleito, á Casa da Moeda de Pariz. 1898. Prata. Um dos dous unicos exemplares que se cunharão.

Do Sr. Dr. Cyro de Azevedo:

— Onze medalhas em prata, cobre e metal branco commemorativas da viagem presidencial á Republica Argentina.

Do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano:

— Medalha da abolição da escravidão no Brasil, mandada cunhar pelo Instituto. Prata.

— A mesma. Cobre.

Do Sr. Antonio Joaquim Barbosa Vianna:

— Medalha da abolição da escravidão, mandada cunhar pela colonia portugueza em Pernambuco. Cobre.

Do Sr. Dr. Celso Florentino Henriques de Sousa:

— «O Club do Cupim aos seus fieis adeptos». Medalha da campanha abolicionista em Pernambuco. Metal prateado.

Do Sr. José Pereira de Sousa:

— «A D. Joaquim Arcoverde os seus diocesanos. Rio de Janeiro. 1901.» Medalha de homenagem por motivo da peregrinação a Taquarembó. Prata.

— A mesma. Cobre.

Do Apostolado Positivista no Brasil:

— Medalha da fundação da primeira capella positivista no Brasil em 1893. Cobre.

Do Sr. Dr. João Florencio Gomes, Director do Collegio de S. José, na Bahia:

— Medalha de premio aos alumnos d'esse collegio. Ouro.

Do Instituto Geographico e Historico da Bahia:

— Medalha do 4° centenario do descobrimento do Brasil, mandada cunhar por esse Instituto. Cobre.

Da Commissão do Centenario no Pará:

— Quatro grandes medalhas commemorativas do 4° centenario, mandadas cunhar pelo Estado do Pará. Cobre.

Do Governo do Estado do Rio Grande do Sul:

— Medalha cunhada para commemorar a exposição estadual do Rio Grande do Sul em 1901. Prata.

— Outra maior. Cobre.

Do Sr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires:

— Medalha da Exposição Regional de Sabará. Prata.

— A mesma. Cobre.

Por permuta:

— «Derby Club. Corrida inaugural. 26 de Julho de 1885». Medalha commemorativa. Ouro.

— «Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro. Ao genio e á applicação». Medalha de premio. Ouro.

— Madalha da armada argentina á brasileira, cunhada por occasião da visita do Presidente Julio Roca ao Rio de Janeiro em 1900. Prata.

— Medalha do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. Exposição Internacional de Trabalhos Juridicos. 1894. Prata.

— Medalha do Congresso Scientifico Latino Americano reunido em Montevideo em 1901. Prata.

— Medalha da tomada da Bahia pelo Almirante Willekens. 1624. Prata.

Catalogação. — A necessidade de distribuir e arrumar systematicamente nos moveis e mostradores as moedas e medalhas, como um trabalho preparatorio do de catalogação e meio de facilitar os inventarios parciaes das collecções e de permittir o exame e a consulta antes do preparo dos catalogos completos, determinou a interrupção que soffreu o trabalho de organisação do catalogo completo das medalhas brasileiras a que se havia dedicado o chefe da secção em 1900.

Assim foram arrumadas não só todas as medalhas nacionaes, mas tambem as moedas brasileiras e portuguezas procedentes do Museu Nacional.

Conservação.—Tendo mandado preparar a titulo de experiencia cerca de 600 *passe-partout* em cartão para diversos modelos, foram por elles distribuidas as medalhas brasileiras. E agradavel o aspecto da collecção assim arrumada e menor o risco de trocar-se o logar ás peças.

A collecção de notas composta de 83 peças foi disposta num album de folhas moveis proprio para sellos.

Consulta.—Elevou-se a 114 o numero de consultantes e a 18 o de visitantes, sendo consultadas 934 peças.

Relativamente a 1900 foram mais 108 os primeiros e mais 3 os segundos.

Collecção philatelica.—Ainda não sobrou tempo ao restricto pessoal da dupla secção para occupar-se com a organisação da collecção philatelica para a qual adquiri albuns de folhas moveis.

Ainda em 1901 não se effectuou a esperada remessa que á Bibliotheca tem de fazer a Directoria Geral dos Correios de milhares de sellos estrangeiros não obliterados.

VARIAS INFORMAÇÕES

Galerias.—Tendo suggerido ao vosso antecessor a conveniencia de, no caso de continuar a Bibliotheca no edificio actual, construirem-se galerias a meia altura das estantes para substituir as escadas moveis, coube-me ver favoravelmente acolhida a minha ideia por aquelle ministro, que, resolvendo executal-a por partes, auctorisou desde logo a despeza com a construcção de galerias em seis salas do primeiro andar. Por minha parte aproveitei a occasião para elevar até o tecto as estantes d'essas salas, ganhando assim espaço para alguns milhares de volumes.

Fizeram-se as galerias, com $0^{m},50$ de largura, de madeira e ferro, leves, mas sufficientemente solidas, melhorando o aspecto das salas e tornando mais commoda a procura dos livros. Abaixo d'ellas foram collocados pedaes e alças que permittem chegar sem escada á divisão mais alta do primeiro trecho das estantes, áquella que fica immediatamente inferior ao passadiço.

A sala principal em que se faz a leitura de impressos, simples corredor que só as condições do edificio justificam seja destinado á leitura, foi a que mais aproveitou com a elevação das estantes e construcção das galerias, não só em aspecto, que era desagradavel, e em commodidade para os leitores por se terem retirado as escadas moveis que constantemente eram collocadas e utilisadas entre as mesas e as estantes para a procura dos livros, mas tambem em capacidade, pois accresceram alem de diversas estantes, tres divisões d'um lado e quatro do outro em toda a sua maior extensão.

O augmento que d'ahi resultou foi de 19 estantes e um numero consideravel de divisões, o que tudo representa espaço para accommodação de livros na extensão de mais de 500 metros.

Diante do resultado satisfactorio que deixo consignado, não devo hesitar em pedir-vos a continuação da obra encetada. Muitas outras salas necessitam de igual melhoramento, cuja execução de vós unicamente depende.

Deposito Candido Mendes. — Aos Srs. Drs. Candido e Fernandes Mendes de Almeida fiz entrega de 2282 volumes, 5 mappas e 8 estantes, que haviam pertencido ao fallecido senador Candido Mendes e se achavam desde longos annos depositados nesta Bibliotheca, occupando espaço que se fazia necessario desimpedir.

Não me parece conveniente conservar no estabelecimento aquillo que lhe não pertence e pode, confundindo-se com o que é seu, dar logar a questões cuja solução será necessariamente difficil.

Visita Presidencial.—Tendo recebido do Sr. Dr. Cyro de

Azevedo, Ministro do Brasil na Republica Argentina, numerosa collecção de publicações e medalhas argentinas relativas á viagem que a Buenos Ayres fez em 1900 o Sr. Presidente da Republica, resolvi confial-a aos cuidados do chefe da 3ª secção, bacharel Aurelio Lopes de Sousa, que a distribuiu e catalogou. Accrescentadas outras medalhas commemorativas do mesmo facto, aqui adquiridas, foi a collecção composta de impressos, estampas, medalhas, sellos, etc., reunida na sala de numismatica e ahi exposta á consulta e iniciada esta pelo Ex.mo Sr. Dr. Campos Salles, que, como era natural, foi convidado e dignou-se de comparecer a 17 de Julho, acompanhado do seu secretario, o Sr. Dr. Thomaz Cochrane, e do Sr. Dr. Epitacio Pessoa, Ministro da Justiça, igualmente convidados. Além destes, o Sr. D. Baldomero Sagastume, Encarregado de Negocios da Republica Argentina recebeu convite e compareceu.

Sem solemnidade tinha-se inaugurado a modesta exposição que vinha resumir ás nossas vistas as manifestações de apreço e sympathia de que na Republica visinha foi alvo a Nação Brasileira na pessoa do seu primeiro magistrado.

S. Ex. depois de examinar os objectos que constituiam a collecção exposta, percorreu todas as secções da Bibliotheca, fazendo-lhes demorada visita.

Exposta aquella collecção durante um mez, foi visitada por 115 pessoas.

Annaes.—Por motivo de economia transferi para a Imprensa Nacional a composição e impressão dos «Annaes da Bibliotheca», cujo volume XXIII, correspondente ao anno de 1901, ainda se acha no prelo.

Para a venda dos Annaes e outras publicações da Bibliotheca ou nella existentes em deposito organisei e foi approvada por esse Ministerio a tabella de preços que foi publicada no Diario Official de 4 de Junho. De accordo com o alvitre que propuz e foi acceito continuará a distribuição gratuita d'essas publicações pelas bibliothecas e outros estabelecimentos scientificos e litterarios e a dos Annaes tambem pelos particulares a

quem a Bibliotheca tem fornecido gratuitamente a respectiva collecção.

Venderam-se durante o anno 7 volumes dos Annaes, sendo a importancia de 51$000 recolhida ao Thesouro.

Eis a tabella de preços approvada por Aviso de 31 de Maio:

ANNAES DE:

1876—1887	Vol. I	Fasc. 1	.	10$000
		» 2	.	10$000
1876—1877	» II	» 1	.	10$000
		» 2	.	10$000
1877—1878	» III	» 1	.	8$000
		» 2	.	7$000
1877—1878	» IV	»	.	10$000
1878—1879	» V	»	.	10$000
1878—1879	» VI	» 1	.	5$000
		» 2	.	5$000
1879—1880	» VII		.	15$000
1880—1881	» VIII		.	8$000
1881—1882	» IX	» 1	.	7$000
		» 2	.	7$000
	» Supplemento		.	6$000
1882—1883	» X	. . . .		10$000
1883—1884	» XI	. . . .		8$000
1884—1885	» XII	. . . .		7$000
1885—1886	» XIII	Fasc. 1	.	15$000
		» 2	.	5$000
1886—1887	» XIV	» 1	.	5$000
		» 2	.	7$000
1887—1888	» XV	» 1 e 2		7$000
1889—1890	» XVI	» 1	.	3$000
		» 2	.	5$000
1891—1892	» XVII	» 1 e 2		9$000
1896	» XVIII	. . . .		7$000
1897	» XIX	. . . .		7$000
1898	» XX	. . . .		7$000
Collecção dos volumes I a XX			. .	200$000
1899	Vol. XXI	. . . .		6$000
1900	» XXII	. . . .		6$000

PUBLICAÇÕES EXTRAHIDAS DOS ANNAES:

Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Nacional:

Tomo I	1878	. . . .	10$000
» II	1878	. . . .	10$000
» III	1883	. . . .	10$000
» IV	Fasc. 1° 1892	.	5$000
	» 2° 1897	.	5$000

Catalogo da Exposição de Historia do Brazil, realisada na Bibliotheca Nacional:

Tomo I	1881	. . . .	10$000
» II	1881	. . . .	8$000
Supplemento		. . . . . .	6$000

Ensaio de cartographia brazileira 1883 . . . . 40$000

Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional. 1885:
- Papel commum . . . . . 8$000
- » superior . . . . . . 15$000

Ramiz Galvão. Biographia de Fr. Camillo de Monserrate—1887 8$000

Drummond — Annotações a sua biographia—1890 . . . . . 6$000

Cartas Andradinas—1890. . . . 6$000

Barbosa Rodrigues—Poranduba Amazonense—1890 . . . . 10$000

Catalogo dos Retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado. Tomos I a VII. 1893—1900. Cada tomo . . . . 3$000

Barbosa Rodrigues—Vocabulario indigena—1893 . . . . . . 3$000

Catalogo das Biblias existentes na Bibliotheca Nacional—1895 . 5$000

Teixeira de Mello. Subsidios existentes na Bibliotheca Nacional para o estudo da questão de limites pelo Oypoch. 1895. 3$000

Resumo Historico (Bibliotheca Nacional). 1897. . . . . . 3$000

Teixeira de Mello. Garrettiana da Bibliotheca Nacional. 1900 . 3$000

Mirales. Historia Militar do Brazil. 1900.
- Papel commum . . . . 6$000
- » superior . . . . . . 10$000

UBLICAÇÕES DA BIBLIOTHECA NACIONAL NÃO INCLUIDAS NOS ANNAES:

Bento Teixeira. Prosopopéa. 1873 7$000

Mamiani. Arte de grammatica da lingua Kiriri. 1877. . . . . 10$000

PUBLICAÇÕES EM DEPOSITO:

Montoya. Gramatica y diccionario de la lengua tupy, Viena. 1876 7$000

Souza. Mélanges de calcul intégral. Leipzig. 1882 . . . . 10$000

O comprador de cinco exemplares ou mais da mesma publicação gosará do desconto de 10 %.

Edificio.—Auctorisado como se acha o Governo não só a comprar mas tambem a construir edificios para offerecer conveniente installação aos estabelecimentos publicos, não deve esta occasião ser desprezada de resolver sobre a construcção do edificio definitivo da Bibliotheca Nacional.

Nem se pode deixar de considerar provisoria a installação actual, pois não tendo sido construido para tal fim o edificio que a Bibliotheca occupa, nem tendo siquer sido adaptado, não poderia offerecer as condições que são exigidas em estabelecimentos de tal natureza.

Por outro lado o desenvolvimento do deposito litterario e a necessidade de isolar o edificio têm tornado capital o problema da mudança.

As galerias e ampliações que tenho feito nas estantes não resolvem o problema. Offerecendo espaço a livros que já aqui existiam, mas deixando outros mal accommodados, não vieram adiar a solução, mas apenas permittir que durante a construcção do novo edificio não fiquem sem logar muitos e muitos volumes.

A Bibliotheca Nacional de Buenos Ayres acaba de installar-se num vasto e sumptuoso edificio que começado a construir para outro fim foi apropriado ás suas necessidades.

E porque não reclamar para a Bibliotheca Nacional do Brasil, a installação que lhe é devida e cuja necessidade é reconhecida pelos poderes publicos ha cerca de trinta annos ?

O que é preciso é começar e para começar é que appello para o vosso amor á causa publica. Que se lancem os fundamentos do novo edificio e a obra será necessariamente levada por diante.

São estas as informações que me cabia prestar-vos relativamente ao anno de 1901.

Saude e fraternidade.—Ao Sr. Dr. Sabino Barroso Junior, Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

O Director,

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.
(PHILOBIBLION. CAP. XVI)

1903
VOLUME XXV

SUMMARIO:

RIO DE JANEIRO
Officina Typographica da Bibliotheca Nacional
1904

Introducção

Completam a parte primeira e unica que se conhece do interessante trabalho inedito do benedictino D. Domingos do Loreto Couto os livros quinto a oitavo, com que começa o volume XXV d'estes Annaes.

A noticia, que a respeito dos «Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco» está promettida na Introducção ao volume precedente, será brevemente inserta nesta publicação e acompanhará a tiragem de duzentos exemplares que dos mesmos «Desaggravos» se fará em separado.

Seguem-se o processo instaurado contra João de Bolés e a justificacão por elle requerida.

Não é destituido de interesse o processo do famoso companheiro de Villegaignon no forte Coligny, o calvinista francez João de Bolés, sobre cuja identificação com João Cointa já não pode subsistir a menor duvida. A justificação que a seu requerimento teve logar na Bahia veiu demonstrar que a Mem de Sá e á causa dos portuguezes prestou Bolés reaes serviços, que entretanto não obstaram a que fosse perseguido como propagador de doutrinas hereticas e consequentemente consideradas subversivas.

A divulgação de semelhantes documentos, cujos originaes se

acham no Archivo da Torre do Tombo, vem esclarecer pontos de historia e tanto basta para justificar a preferencia que se lhes deu.

Conforme o estabelecido, termina o volume com um relatorio dos trabalhos da Bibliotheca Nacional e esse é o que se refere ao anno de 1902.

Agosto de 1904.

M. C.

DESAGRAVOS
DO BRAZIL
E
GLORIAS
DE
PERNAMBUCO
(Conclusão)

LIVRO QUINTO

PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM AS LETRAS

CAPITULO 1º

MEMORIAS DE ALGUNS NATURAES DESTA PROVINCIA QUE COMPUSERÃO, E IMPRIMIRÃO

1. Escreve Eliano que os principes de Mitilene introdusirão nos seus estados a ignorancia para castigo dos povos, que se rebelavão, para cujo effeito desterrarão os doutos, e exterminarão as academias: e affirma Plutarco que Cyro deu o mesmo castigo aos povos da Lydia, e Xerxes aos de Babilonia. Hum homem sem saber, he hum pequeno mundo sem luz, em que não aparecem as extrellas, porque se ignorão as verdades; não se vem os precipicios, porque não se conhecem os enganos. O vicio se equivoca com a virtude, a realidade com a apparencia, e toda vida de hum ignorante he hua continua noite, porque todas as suas acçoens são cegueiras. Esta espiritual cegueira, he o maior achaque, dos corpos de hua republica, e não tem castigo mais funesto húa provincia, que as trevas de hùa profunda ignorancia, porque quando as suas sombras escurecem os entendimentos arma o engenho ciladas a verdade, erra o zelo o caminho da razão, não se conhece o mal, e não se applica o remedio, as determinaçoens são deliros, e as execuçoens desatinos.

2. Se a prescripção das letras he hum dos mayores castigos que se pode dar a hum reyno, claro está, que o estabelecimento das sciencias he hum dos maiores beneficios, com que se pode procurar a felicidade de hua republica, donde será sempre maior serviço para hũa monarchia o estender-lhe os limites do engenho, do que adiantar lhe as balizas do imperio.

Assim o entenderão os monarchas portuguezes, não permittindo estivessem no Brazil ociosos os influxos da doutrina. Para que o sol do magisterio, que reside nos doutos, presida ao dia das virtudes, ao passo que povoavão estas provincias estabelecião escolas, onde os seus

naturaes adquirão o mais rico ornamento do espirito. Os primeiros mestres, que substituirão aos seculares, que ensinavão em classes publicas, forão o padre Affonço Gonçalves de ler, escrever e doutrina; e de latim o padre Amaro Gonçalves, religiosos da companhia no seu collegio de Olinda. Em julho de 1568 se abrirão estas classes por ordem do Rm.º Provincial Luis da Gram, e o insigne padre João Pereyra foy o primeiro que no mesmo collegio leo filosofia, e theologia moral, e a este se seguirão outros famosos mestres com grande aproveitamento dos seus ouvintes. Crecerão as escolas como se multiplicarão collegios, e conventos, de donde saem cada dia muitos sugeitos para desempenho dos pulpitos, e cadeiras, e para o governo de varias igrejas.

3. Mas oh! dor! ainda que hajão nestas provincias innumeraveis espiritos de vastissima comprehensão, e mais que ordinaria habilidade, capazes de abarcar muitas faculdades, de precisão se hão de limitar as sciencias, que aqui se ensinão. Não tem outras escolas mais que da lingoa latina, filosofia, e theologia; faltão professores, que os instruão em outras faltão livros donde as estudem, e a muitos faltão meyos para sahir da patria em demanda do velosino de ouro, em que consiste a maior gloria do homem. Se em outras provincias he mais frequente que nas nossas achar-se muitos homens consumados em varias faculdades, não he porque logrem melhor capacidade para as sciencias. (Todo mundo conhece a grãde aptidão, engenho e habilidade, de que são dotados os naturaes do Brazil). Outros são os capitulos por onde em a gloria literaria aparecem superiores, mas não tanto que excedão aos nossos que se aplicarão ao estudo das sciencias.

4. Ainda que correm vulgarisadas pela estampa as excellentes prendas, naturaes qualidades, e singulares acçoens virtuosas do illustre, e memoravel heroe Jorge de Albuquerque, e temos delle feito illustre memoria no livro quarto, ajudaremos neste os brados da sua fama, levantando mais este padrão a sua bem merecida memoria, com lhe repetir os traslados dos seus merecimentos na veneração dos elogios. Foy este insigne pernambucano hum daquelles espiritos raros para cuja producção tarda seculos inteiros a natureza, pois a sua rara virtude, e insigne valor, acrecentou hua profundissima erudição, e conhecimento das letras humanas.

Era de tão sublime engenho, e de juizo tão solido, que se podia prometter o commum applauso sobre qualquer assumpto, que emprendesse. Instruido em todas as artes dignas de seu illustre nascimento, teve profunda instrução da historia antiga, e moderna, e seus discursos gosavão de hũa eloquente energia, e concludente efficacia, como manifestão as seguintes obras, que compoz.

5. Falla, que fez aos governadores, e defensores dos reynos de

Portugal aos 19 de junho de 1580, e assi aos procuradores dos povos, que estavão juntos em Setuval para começarem a fazer cortes. Dita em o dia que veyo a nova, que o campo, e exercito del Rey Felippe de Castella entrava pelo reyno de Portugal sem querèr esperar que se julgasse quem era herdeiro destes reynos. Começa: Senhores, venho saber se he verdade. Acaba: Da pessoa que nomeardes por rey, e verdadeiro senhor destes reynos. Fol. M. S.

Concelho, e parecer, que deu a alguns parentes, e amigos seus, e aos criados da sua caza. Fol. M. S.

Reconciliação, protestação, e supplicação feita a N. Senhor Jesu Christo, e a virgem Maria Nossa Senhora em dia dos tres reys magos, era de 1558 annos na se da cidade de Lisboa na capella do santissimo sacramento o dia, que o recebeo. Fol. M. S.

Todas estas obras com as petiçoens, que fez a Felippe Prudente sobre o despacho dos seus serviços, que são muito extenças, se conservão em hum volume de folha na livraria do excellentissimo Marquez de Valença. Fazem memoria de Jorge de Albuquerque Coelho Miguel Leitão de Andrade, Miscel. da Luz, Historia, Cap. 7. o padre Joze Pereyra Bayão, chron. del Rey D. Sebastião, Liv. 5. Cap. 35. Diogo Barbosa Machado, abbade reservatorio da parochial igreja de S. Adrião de Sever, e academico do numero da academia real. Bibliotheca Lusitana. Tom. 2. f. 791 e outros muitos escritores.

6. Alexandre de Moura, natural, e governador de Pernambuco, possuio em gráo heroico aquelles dotes, que constituem hum varão perfeito, sendo ornado de summa urbanidade, insigne valor, profunda politica, e erudição. Escreveo:

Roteiro da jornada, que fez com o piloto Manoel Gonçalvez desde Pernambuco ate o Maranhão, cujo M. S. em folha se conserva na biblioteca del Rey catholico, como affirma o moderno addicionador da Bib. Occid. de Antonio de Leão. Tom. 2. Titul. 13 Col. 690, e o abbade Diogo Barboza Machado, Bib. Lusit. Tom. 1. pag. 97.

7. Bento Teixeira Pinto, natural da cidade de Olinda, teve genio sublime para a poesia, sendo igualmente perito na historia de que são argumento as seguintes obras.

Prosopopeya dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho, capitão, e governador de Pernambuco, nova lusitania. Lisboa por Antonio Alvares 1601. 4. São outavas juntamente com a relação do naufragio, que fez o mesmo Jorge de Albuquerque indo de Pernambuco em a náo Santo Antonio em o anno de 1565. Sahio duas vezes impressa na Histor. Tragico-Marit. Tom. 2. desde pag. 1 ate 59.

Dialogo das grandezas de Brazil em que são interlocutores, Brandonio, e Alviano. M. S. Consta de 106 folhas. Trata de muitas curiosidades

pertencentes a corografia, e historia natural destas capitanias. Conserva-se na livraria do Conde de Vimieiro. Desta obra e do autor fazem memoria o moderno addicionador da Bib. Geog. de Antonio de Leão. Tom. 3. tit. unic. Col. 1714, e a Bibliot. Lusit. Tom. 1. fol. 512.

8. Jacob de Andrade, Velosino, nasceo na celebre villa do Reciffe em o anno de 1657. Ambicioso de enrriquecer o seu talento com thesouros scientificos deixando a patria depois que os Pernambucanos expulsarão destas provincias aos olandezes, passou a Amsterdão, e applicando-se ao estudo da medicina, forão taes os progressos que a sua viva comprehenção nella fez, que distinguindo-se entre todos os professores mereceo a melhor fama, pela singular methodo, com que triunfava das infirmidades mais perigosas, e eximia do ultimo transe a muitos infermos, que agonisantes ja estavão luctando com a morte, principalmente em as cidades de Haya em Olanda, e de Anveres em Flandez. Compoz.

Theologo Religioso. He hũa invectiva contra o Theologo Politico de Bento de Espinosa, que de judeo se fez atheista.

Messias Restaurado contra o livro de Monsiur Jaqueloto ministro calvenista, que intitulou: Dissertaçoens do Messias.

Epitome de la verdad de la ley de Moyses. Esta obra que era composta pelo Rabino Morteira, que em Amsterdão conheceo, e admirou ao Padre Antonio Vieira no anno de 1647, reduzio a melhor estilo Jacob de Andrade, e lhe acrecentou douctissimas reflexoens. Delle faz menção o autor da Bib. Lusit. Tom. 2. pg. 468.

9. Frey Paulo de S. Catharina, de quem fizemos memoria no livro quarto, capitulo 16, instruido nas sciencias escolasticas, e letras divinas sahio insigne pregador. O tempo, que lhe restava das occupaçoens de prelado, e do exercicio do pulpito, consumia na lição dos livros asceticos donde extrahia documentos para a direcção das almas. Pela severa exação, com que observou o seu instituto serafico, e consumada prudencia, com que governou a sua provincia de Santo Antonio de Portugal, foy eleito visitador da provincia da Piedade. Compoz:

Sermão das chagas de Christo, pregado no mosteyro de Lorvão em 23 de outubro de 1661. 4. Coimbra por Thome Carvalho 1662. e ibi pela veuva de Manoel Carvalho 1671. 4.

10. Lobo Curado Garro, natural da cidade da Parayba, e hum dos tres governadores da acclamação da liberdade pernambucana naquella capitania, a natureza o ornou de talento perspicaz, e de intrepido valor, com a espada, e com a penna triunfou dos inimigos da patria, alcançando pelas suas proezas fama perduravel, e nome eterno. Para mostrar que sabia ao mesmo tempo jogar as armas, e mover a penna, escreveo em 23 de outubro de 1645 aos mestres de campo Andre Vidal de

Negreiros, e João Fernandes Vieyra, governadores da liberdade de Pernambuco.

Breve, verdadeira, e authentica relação das ultimas tirannias, e crueldades, que os perfidos olandezes viarão com os moradores do Rio grande, sahio impressa no valeroso Lucideno composto por frey Manoel Calado a pag. 277. Lisboa por Domingos Carneiro, 1668. Fol. Delle faz memoria o autor de Castrioto Lusit. Liv. 5. n.° 82. Liv. 6. nº 142, e a Bib. Lusit. Tom. 3. pag. 16.

11. Frey Ruperto de Jesus, monge de S. Bento natural de Igrassu, de quem fizemos memoria no livro quarto, foy ornado de hũ engenho agudo, comprehenção rara, memoria feliz, cujos dotes o fizerão igualmente celebre na cadeira, como no pulpito, merecendo pela sua grande literatura as acclamaçoens de grande theologo, e de insigne pregador, ser doutor pela universidade de Coimbra, Qualificador do S. Officio, provincial e visitador geral da sua religião. Faleceo no mosteiro da Bahia a 9 de agosto de 1708, quando completava 64 annos de idade. Dos muitos sermoens, que pregou com geral applauso, e dispoz em varios tomos se fizerão publicos somẽte os seguintes:

Sermão da gloriosa madre Santa Thereza na occazião, que os religiosos carmelitas descalsos abrirão a sua igreja nova da Bahia anno de 1697, Lisbôa por Manoel Lopes Ferreira 1690. 4.

Sermão do glorioso S. Bento o Patriarcha Principe, ou o Principe dos Patriarchas, ibi pelo dito impressor. 1700. 4.

Sermão do Santissimo Sacramento na Santa Se da Bahia. Lisboa por Antonio Pedroso Galrão 1700. 4.

Tres sermoens panegyricos com o mesmo thema do grande, e mais que patriarcha Santo Agostinho sempre aureo, porque sempre Aurelio, pregados no convento da Palma, Hospicio dos Agostinhos descalsos na Bahia em tres annos successivos, ibi pelo dito impressor 1700. 4.

Sermão do glorioso S. Pedro Martyr, o primeiro inquisidor martyrisado, ou o primeiro, que deu a vida em defensa da fé, que defende o Santo Tribunal da Inquisição na primeira festa, que celebrarão os familiares do Santo Officio na cidade da Bahia, trazendo em procissão solemnissima a imagem do santo para o mosteiro de S. Bento, ibi pelo dito impressor. 1700. 4.

12. Frey Manoel de Santa Catharina, natural da cidade de Olinda, instruido nas letras humanas, e gramatica latina professou o instituto carmelitano, onde adquerio creditos de virtuoso, grande theologo, e excelente pregador. Compoz:

Suave armonia sobre cinco vozes, que são as cinco palavras, que fallou Nossa Senhora. 4. M. S. Desta obra como do seu autor faz menção frey Manoel de Sa Mem. Hist. dos escritores do Carmo da provincia

de Portugal. Cap. 72. pag. 368. Diogo Barbosa Machado Bib. Lus. Tom. 3. pag. 218.

13. Padre Manoel Rodrigues Correa de Lacerda, nasceo no Reciffe sendo filho de Manoel Rodrigues de Lacerda, e D. Izabel Dias de Almeida. Instruido nas letras humanas, para as quaes mostrou prôpta comprehenção passou para o reyno, e com virtuosa ambição de fazer progressos nas sciencias, frequentou a universidade de Coimbra, e depois de receber o gráo de mestre em artes se formou na faculdade do direyto pontificio no anno de 1741. O illustrissimo Bispo de Leiria D. Alvaro de Abranches o nomeou seu secretario, bastando esta eleição (como pondera hum douto escritor) para credito da sua literatura, e inculpavel procedimento, por ser feita por hũ prelado ornado de todas as virtudes episcopaes. Por morte do dito prelado passou a Roma, e nesta sagrada curia se acha bem accomodado na familia de hum cardeal. A natural inclinação, que tem para a poesia vulgar o impelio a compor com elegancia summa, e admiravel enthusiasmo.

Genethliaco, ou Natalicio augurado da senhora D. Maria do Carmo, e Noronha, filha primogenita do senhor D. Alvaro de Noronha successores da illustrissima, e excellentissima caza dos senhores condes de valadares. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonceca. 1741. 4. Consta de 74 outavas. Delle faz menção o abbade Diogo Barbosa Machado na Bib. Lusit. Tom. 3. pag. 358.

14. Padre Mathias Rodrigues Portella, natural da cidade da Parayba, filho do thenente coronel de ordenança Manoel Rodrigues Portella, e de Isabel Mansa, estudou a lingua latina no collegio dos padres jesuitas da patria, e filosofia no do Reciffe, em que defendeo com applauso conclusoens, e recebo o gráo de mestre em artes. Em concurso de outros oppositores levou o logar de examinador dos estudantes do curço de filosofia da cidade da Parayba. Ordenado de presbitero se dedicou ao ministerio do pulpito, no qual mostra a grande capacidade, que tem para elle. Por ser muito perito em os preceitos gramaticaes sendo ainda estudante, compoz.

Cartapacio de syllaba, e figuras conforme a ordem dos mais cartapacios de gramatica ordenado para melhor commodo dos estudantes desta faculdade nos pateos da companhia de Jesus, Lisboa, por Antonio Pedroso Galrão 1738. 4. Delle faz mēção a Bib. Lusit. do abbade Diogo Barbosa Machado. Tom. 3. pag. 454.

15. Frey Serafim de Santo Antonio nasceo no Reciffe sendo seus pays Francisco Lopes Martins, e Catharina de Oliveira. Instruido na lingua latina, e oratoria, recebeo o penitente habito serafico no convento de Peraguassu em 6 de Abril de 1727, e professou solenemente em 6 de Abril do anno seguinte. Aprendeo com tanta comprehenção, e

viveza de engenho as sciencias escholasticas, que com grande applauso ensinou aos seus domesticos filosofia, e theologia. No pulpito enche as obrigaçoens de declamador evangelico, e dos muitos sermoens, que tem pregado deu ao prelo.

Sermão do triunfo do santissimo nome de Jesus, pregado no convento de Nossa Senhora das Neves da cidade de Olinda. Lisboa por Francisco da Sylva. 1751. 4.

Sermão nas exequias do fidelissimo, e augustissimo rey D. João V, pregado no convento de Nossa Senhora das Neves da cidade do Olinda. Lisboa por Francisco da Sylva 1755. 4.

16. Frey Luis Botelho do Rosario, nasceo no Reciffe a 25 de agosto de 1695, onde teve por pays a João Baptista Campelli, e D. Beatriz Bandeira de Mello. Aprendeo a lingua latina em o collegio da companhia de Jesus, tendo tambem por mestre ao padre Agostinho Diniz, Presbitero do habito de S. Pedro, que em escola publica a ensinava com grande credito da sua sciencia. Quando contava dezasete annos de idade recebeo em o convento de Olinda a 26 de dezembro de 1713 o habito de Carmelita observante, cujo instituto professou a 27 de dezembro do anno seguinte. Desejozo de cultivar as sciencias severas navegou para Portugal, e sendo admetido a collegial no seu collegio da universidade de Coimbra fez nella taes progressos a viveza do seu engenho, soccorrida com a promptidão da sua memoria, que mereceo distinta veneração de todos os cathedraticos.

Laureado com as insignias doutoraes na faculdade da theologia no anno de 1722, voltou para a patria, e no convento da Bahia dictou theologia alguns annos aos seus domesticos. Foy nomiado primeiro socio do capitulo geral celebrado em Ferrara no anno de 1726, em o qual assistio como diffinidor geral por falta do provincial. Restituido segunda vez para a patria occupou os lugares de primeiro diffinidor, presidente do capitulo, regente dos estudos, chronista da sua provincia, qualificador do santo officio, e prior do convento da Bahia. Passou segunda vez a Portugal, de donde se embarcou para Roma, e no capitulo geral da sua religião foy eleyto secretario do reverendissimo geral, assistente da nação lusitana, lugar que está exercitando com grande applauso do seu talento. Dos muitos sermoens, que tem pregado, se fizerão publicos os seguintes.

Sermão panegyrico da invenção da cruz santissima de Christo, estando manifesto o santissimo lenho na festividade, que annualmente lhe consagra a irmandade dos santos passos do mesmo Christo na igreja dos religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo calçado na cidade da Bahia no dia 3 de mayo de 1738. Lisboa por Miguel Menescal da Costa Impres. do Santo Officio, 1740. 4.

Sermão nas exequias dos sacerdotes irmãos de S. Pedro da Congregação dos clerigos da cidade da Bahia. Lisboa por Miguel Menescal da Costa, 1741. 4.

Sermão panegyrico pregado no solemnissimo dia da festa da canonisação de S. João Francisco Regis, celebrado pelos reverendos padres Carmelitas calçados da cidade da Bahia de todos os Santos no real collegio da companhia de Jesus. Lisboa por Miguel Rodrigues impressor do emminentissimo senhor cardeal patriarcha 1741. 4.

Sermão moral, historico, e panegyrico no festivo dia, em que o excellentissimo, e reverendissimo senhor D. Jozé Botelho de Mattos arcebispo metropolitano da Bahia, primaz do Brazil, do concelho de sua magestade se vio adornado com a vestidura do pallio archiepiscopal, recitado em domingo 14 de mayo de 1741. Lisboa por Miguel Menescal 1743. 4. delle faz memoria a Bib. lusit. Tom. 2. fol. 64.

17. Frey João da Presentação Campelli, irmão do sobredito Frey Luis Botelho, nasceo em o anno de 1690, em a opulenta villa do Reciffe. O sublime genio, que logo descobrio nos primeiros annos para as letras, moveo a seu pay, para que o mandasse estudar no seminario de Bethlem, quinze legoas distante da cidade da Bahia, em que naquelle tempo estudavão muitos filhos de Pernambuco. Sahio egregiamente instruido na latinidade, e letras humanas, e tendo ouvido dous annos filosofia no collegio dos padres jesuitas da dita cidade, resoluto a deixar o seculo, recebeo o austero habito de S. Francisco em o convento de Santo Antonio de Paraguassu desta provincia do Brazil a 20 de novembro de 1708, e professou solemnemente a 21 do dito mez do anno seguinte.

Acabada a carreira dos estudos escholasticos, em que sahio com applausos de grande estudante, subio a ler filosofia, e theologia nos conventos do Reciffe, e Olinda com grande credito da sua literatura. Não se limitou o seu estudo as especulaçoens escholasticas, dilatou-se pelos vastos campos da historia sagrada, e profana, e tal foy o conceyto, que fez o excellentissimo Bispo de Pernambuco D. Frey Jozé Fialho da sua religiosa modestia, maduro juizo, e profunda sciencia, que o elegeo para seu confessor, examinador synodal, e missionario, cujos ministerios exercitou pelo espaço de oito annos; acompanhando a este prelado nas vizitas exercitou exactamente as obrigaçoens religiosas, e consiliou grande applauso pelos seus sermoens, com que penetrava os coraçoens, e reformava os custumes. Sendo promovido o dito prelado ao arcebispado da Bahia, e delle ao bispado da Guarda não permittio que deixasse a sua companhia, valendo-se em ambas estas dioceses da sua grande literatura, de tal sorte, que o tinha nomiado lente de theologia moral do clero da cidade da Guarda. Assistio no capitulo geral

celebrado em Valhadolid no anno de 1740 donde voltando foy creado penitenciario geral da ordem serafica, e qualificador do santo officio. Restituido a patria o pedirão os irmãos da Terceira Ordem da Bahia para seu commissario visitador. Acommettido da ultima infirmidade se preparou como observante religioso para a morte, e recebidos devotamente os sacramentos espirou no Convento da Bahia. Delle faz illustre memoria o autor da Bib. Lusit. Tom. 2. pag. 729. Compoz.

Sermoens varios asceticos, moraes, e panegyricos. 4. 4 Tom.

Vida do excellentissimo e reverendissimo D. Frey Jozê Fialho, no tempo de Bispo de Pernambuco, Arcebispo da Bahia, e Bispo da Guarda.

Prolusiones Sacra ad perfectam aliquarum vocularum sacræ scripturæ intelligentiam.

18. Padre João de Mello natural do Reciffe, filho de João Fernandes Sylva, cavalleiro da ordem de Christo, sargento mor da ordenança e de D. Isabel Gomes de Figueredo, pessoas de conhecida nobreza. Na tenra idade de quinze annos se alistou na Companhia de Jesus no Collegio da Bahia, onde applicado aos estudos das sciencias amenas, e severas sahio em todas muito perito.

Foy tão observante do seu instituto, como prudente em suas acçoens, conciliando o amor, e veneração de todos, e por ser ornado de summa capacidade foy eleito procurador geral da provincia. A morte que intempestivamente o arrebatou no mesmo collegio, em que nasceo para a religião, impedio que possuisse aquellas dignidades, com que ella premea aos benemeritos. Em applauso do dezembargador Ignacio Dias Madeira ouvidor geral da Bahia publicou.

Glosa e outava de Camoens da egloga 5. da 1. parte das suas rimas, que começa.

Avos se dem a quem junto se ha dado.

Quatro decimas, e hum romance jocoserio ao mesmo assumpto. Lisboa, por Miguel Manescal da Costa 1742. 4.

19. Padre Jozé Nogueira, natural do Reciffe, filho de Antonio Nogueira Jorge, e Maria da Costa, quando contava desasete annos de idade recebeo a roupeta da Companhia de Jesus no collegio da Bahia a 9 de novembro de 1727, onde depois de aprender com suma habilidade as sciencias amenas, e severas ensinou humanidades, e rhetorica. Passando de Bispo do Maranhão para Bispo de Marianna nas minas seu tio D. Fr. Manoel da Cruz alcançou dos prelados fosse o sobrinho para sua companhia, para mestre de theologia moral, autualmente a está ensinando com grande aproveitamento dos seus ouvintes, e beneficio espiritual daquelle Bispado. Sendo mestre da primeira classe de humanidades, compoz.

Juris Consultissimo Domino Ignatio Dias Madeira Olim Indiarum

Quæstori integerrimo, nunc Brasiliensis status Criminalium Causarum Censori absolutissimo Epigramata varia. Ulyssipone apud Michaelem Manescal da Costa. Typ. S. Officii. 1742. 4.

20. Frey Antonio de S. Maria Jaboatão, cujo apelido indica o lugar do seu nascimento por ser na freguezia de S. Amaro de Jaboatão, distante do Reciffe para o norte quatro legoas sendo filho do sargento mor Domingos Coelho Meirelles, natural do mesmo lugar, e de D. Francisca Varella, ambos das principaes familias da dita freguezia. Tendo já aprendido a lingua latina, e humanidades com seu tio Agostinho Coelho Meyrelles, vigario da mesma freguezia, em que nasceo, professou o penitente habito de relgioso capucho na provincia de S. Antonio do Brazil, em o Convento de Peraguassu. Depois de estudar filosofia, e theologia, foy eleito pregador, cujo ministerio tem exercitado com grande credito do seu nome. He excellente rhetorico, e elegante orador, como mostrão os frutos do seu florido engenho, onde se admirão felismente unida a viveza das acçoens, e a energia da frase com a fineza, e sublimidade dos conceitos. He insigne em formar os caracteres para os livros do coro, debuxando com a penna como se fora pincel as letras iniciaes, e illuminando-as com ouro, e diversas cores.

Tem grande destreza em abrir subtiz estampas, e primorosas imagens ao buril, e rara habilidade para exercitar todas as artes. Não dedicou menor cuidado ao estudo das sciencias, e artes, do que applicava em alcançar as virtudes religiosas, sendo indeciso entre os seus domesticos em qual dellas he mais eminente. Inflamado com o nobre ardor de dilatar a gloria da sua provincia, posto que impedido com as multiplicadas occupaçoens, que exercitou na religião, sendo secretario do provincial, guardião duas vezes do convento da cidade da Parayba, e duas vezes do Convento do Recife, mestre de noviços, e diffinidor actual, se deliberou em aceitar o encargo de chronista desta provincia, cuja laboriosa incumbencia intentada por varoens insignes da mesma provincia, e nunca conseguida emprendeo com disvelo, e executarà com promptidão. Tendo escrito muito, e preparado varios tomos de sermoens, tem ate o prezente dado ao prelo.

Oração nas exequias funeraes do fidelissimo, e augustissimo rey de Portugal D. João V. celebradas no Convento de S. Antonio do Recife em Pernambuco em 12 do mez de dezembro de 1750. Lisboa por Francisco da Sylva. 1754.

Discurso historico geographico, genealogico, politico, e encomiastico recitado na nova celebridade, que dedicarão os Pardos de Pernambuco ao santo da sua cor, o Beato Goncallo Garcia. Lisboa na officina de Pedro Ferreira, impressor da augustissima raynha N. S. anno de 1751.

Sermão do glorioso S. Pedro Martyr, pregado na igreja matriz do

Corpo Santo da villa do Reciffe de Pernambuco. Lisboa por Pedro Ferreyra, 1731.

Sermão de Santo Antonio, pregado no seu convento da villa do Reciffe em dia de Corpo de Deos, por Pedro Ferreira, 1751.

Discurso encomiastico na feliz, auspicada, e real acclamação do augustissimo, e fidelissimo senhor D. Joze 1º rey de Portugal, recitado na igreja matriz da cidade da Parayba, por Pedro Ferreira, 1754.

Josefina Regio-equivoco-Panegyrico. Praticas em a novena do senhor S. Jozé em o Convento de S. Antonio do Reciffe por Pedro Ferreira, 1751.

21. Frey Luis de S. Maria, natural do Reciffe, foy filho de Jozé Pereyra da Cunha Pinto, e de sua mulher Barbora Pereyra de Lacerda, pessoas nobres, e opulentas. Quando contava desaseis annos de idade recebeo o habito de carmelita calçado em o reformado convento de Goyana. Aprendidas as sciencias escholasticas com sumo disvelo, as dictou com igual applauso aos seos domesticos. Foy prior dos conventos da Parayba, e Goyana, e primeiro diffinidor, onde mostrou ser igualmente afavel, e prudente. He insigne orador, unindo a intelligencia dos textos sagrados com a autoridade dos mais doutos expositores, em que he profundamente versado. Dos muitos sermoens, que tem pregado, fez somente publico.

Sermão do exclarecido principe, e excellente archanjo S. Miguel pregado na Matriz da villa de Goyana. Lisboa na officina de Ignacio Rodrigues. 1745. 4.

22. Frey João do Rosario, nasceo no Reciffe em 27 de agosto de 1725, sendo seus pays Manoel Alvares Ferreira, e Felicianna de Freytas Bacelar, igualmente opulentos, que nobres. Recebeo o habito serafico em o convento de Paraguassu quando contava dezaseis annos de idade, e professou solemnemente em oito de março de 1742. Na serafica palestra aprendeo as sciencias escolasticas com disvelo para as ensinar cõ applauso, concorrendo na sua pessôa grande engenho, e perspicaz juiso. Foy mestre de estudantes, e por desistencia que fez da cadeira de prima em theologia Frey Joze da Conceição, por ser insigne o seu talento foy mandado dictar theologia, dezempenhando tão alta incumbencia com satisfação de todos os mestres. A natureza o dotou de genio sublime para a poesia, e de excellente capacidade para a predica, e por premissas do seu talento publicou os seguintes epigramas.

In obitu Domini Joannis V. Portugaliæ Regis.

Ad Dominum Joannem Quintum juxta traditionem referentem in ejus Capite post obitum repertum fuisse cerebrum amplius ac diffusius, et similiter maius pectus, ac magis amplum præter usitatum in reliquis

D. Joanni V. Lusitaniæ Regi, Salamoni comparato.

De Assimilatione D. Joannis V. cum Baptista puero.
Super numerum quinarium omnia includentem.
Epithaphium Acostrichon. Inscriptio Acrosthicon.
Subditorum lacrymis inconsolabiliter deplorato.
Liberalitatis virtute summopere insignito.

Ao sobrenome do serenissimo rey D. João V, em o seu sepulchro. Decimas. Lisboa por Francisco da Sylva, anno 1755, 4.

Sermão do senhor Bom Jesus das Portas pregado na sua capella do Reciffe no anno de 1755, e no mesmo anno dado a luz por Pedro Ferreyra, 4.

Elegia em verso leonino, que vem impressa na relação panegyrica das honrras funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor rey fidelissimo D. João V, conçagrou a cidade da Bahia escrita pelo doutor João Borges de Barros, mestre escola da sua cathedral. Lisbôa na officina real sylviana, 1753. Fol.

23. Padre Cornelio Pacheco, nasceo na celebre villa de Igarassû em 13 de dezembro de 1699, e sendo virtuosamente educado por seus pays Cosme Affonso de Alarcão, e Isabel Gome de Lima, naturaes da mesma villa, e da sua principal nobreza, se alistou na companhia de Jesus quando contava desasete annos de idade. Admettido a profição dos tres votos simples a 17 de outubro de 1718 fez profição dos quatro votos em 15 de agosto de 1738. Ao estudo das sciencias unio a cultura das virtudes, mostrando em todas as acçoens vida inculpavel. Como o genio o inclinasse mais para o pulpito, que para a cadeira preferio o exercicio concionatorio ao cathedratico. Pelo largo espaço de vinte e quatro annos pregou nos mais authorisados pulpitos da Bahia, e Pernambuco com geral aceitação dos ouvintes, ate que hua intempestiva cegueira o privou de tão sublime ministerio, recolhido no collegio do Reciffe se occupa em dirigir no conficionario muitas almas ao caminho da perfeição. Dos muitos sermoẽs, que pregou se fez somente publico.

Oração funebre, que recitou o padre Cornelio Pacheco da Companhia de Jesus na igreja de N. Senhora da Graça do Real Collegio de Olinda nas exequias, que os senhores Deão, Dignidades, Conegos, e mais cabido da Santa igreja cathedral da mesma cidade celebrarão no dia 16 de março de 1754 pelo coronel Antonio Borges da Fonceca, governador, que foy da capitania da Parayba, impresso em Lisbôa em 1754 sem nome do impressor.

24. Frey Feliciano de Mello, nasceo no Reciffe, e forão seus pays Pantalião Ferraz de Carvalho, e D. Maria de Mello Sylva. A nobreza do nascimento fez mais illustre encontrando-se por beneficio da graça com a preclarissima familia Carmelitana recebendo o habito no convento de Olinda, e tendo o noviciado, e professando solemnemente no

da Bahia. A grande comprehenção, e agudo engenho, de que era ornado, não so lhe facilitarão penetrar as dificuldades maiores das sciencias escholasticas, mas explicallas aos seus domesticos com grande gloria do seu magisterio. Laureado com as insignias doutoraes na Athenas conimbricense, e restituido a patria ensinou theologia aos seus domesticos, e governou prudentemente o convento da Bahia, ate que por uniforme acclamação foy eleyto provincial do mesmo convento, em cujo lugar exprimentarão os subditos a natural benevolencia do seu animo. Acquerindo grandes applausos o seu talento na cadeira, não forão menores os que alcançou no pulpito. Tendo composto muitos sermoens em cujos discursos se vem unidos a elegancia das palavras com a subtileza dos conceitos publicou somente.

Sermão de tarde na solemnissima festa, e desagravo, que fizerão no segundo dia do Triduo os reverendos capitulares da sé da Bahia ao sacrilego desacato,que ao divinissimo sacramento se fez no templo,e sé cathedral da mesma Bahia na noite de 21 para 22 de fevereyro deste prezente anno de 1729. Pregado na dita cathedral em 10 de março do mesmo anno. Lisbôa por Pedro da Costa impressor da religião de Malta, anno de 1730, 4.

25. O padre Francisco de Faria, natural da cidade de Olinda, nasceo em o primeiro de setembro de 1709, sendo seus pays Pedro de Faria que depois de viuvo tomou ordens de presbytero, para melhor exercitar as virtudes, de que foy ornado, e D. Maria Jozé de Queiros. Na idade juvenil se destinguio de todos os engenhos, que com elle estudavão, assim na lingua latina, e noticia de letras humanas, como em os primores da poesia, e preceitos da oratoria, por cujos dotes foy admettido a Companhia de Jesus, e recebeo a roupeta no collegio da Bahia em 21 de novembro de 1723, quando contava coartoze annos de idade. Admiravel foy o progresso, que fez o seu talento nas faculdades escholasticas, das quaes começou brevemente a ser mestre, ensinando latim, e humanidades no Collegio da Bahia, filosofia e theologia no do Rio de Janeiro, e actualmente occupa a cadeira de prima no Collegio da Bahia com grandes creditos do seu talento. O applauso, que conciliou nas cadeiras, corresponde ao que tem nos pulpitos exercitando o ministerio concionatario nas principaes cidades do Brazil. Foy eleito para fundador do Collegio de Santa Catharina, desempenhando tão laboriosa incumbencia com o zelo, e prudencia, que do seu espirito e insigne capacidade se esperava. Nomiado para presidente da academia dos selectos, que na cidade do Rio de Janeiro se celebrou em obsequio, e applauso de Gomez Freyre de Andrade, do concelho de Sua Magestade, governador, e capitão general das capitanias do Rio, Minas Geraes, e S. Paulo, satisfez cabalmente o empenho, como se vê da oração panegyrico, que recitou, e anda impressa nos...

Jubileos da America, na gloriosa exaltação, e promoção do illustrissimo, e excellentissimo senhor Gomes Freyre de Andrade etc. Lisboa, na officina do doutor Manoel Alvares Sollano anno 1754, 4. Compoz.

Vida do veneravel padre Jozé de Anchieta escrita na lingua latina, por ordem do seu reverendissimo padre geral para effeito de melhor poder tratar da canonisação deste grande servo do Senhor. M. S.

Cartas annuaes em Fol. 15.

26. Frey Manoel de Macedo, natural de Olinda, da ordem dos pregadores, de quem já fizemos merecida memoria no livro quarto. Imprimio.

Politica religiosa, y carta de un padre a un hijo... Çaragoça, por Juan de Lanaya, y Quartanet. 1633. 16. Sahio tradusida em portugues por Frey Manoel de Lima eremita Augustiniano, e não Frey Francisco de Brito, como escreve Frey Pedro Monteiro, claustr. Dominic. Tom. 3. pag. 283. Consta de huma instrucção, que dá hum pay a seu filho do modo, como se ha de haver com os religiosos, dos quaes vay ser companheiro. Delle fazem honorifica memoria D. Luis de Menezes, Portugal Rest. Tom. 1. liv. 2. pag. 65. Frey Pedro Monteiro Claustr. Dominic. Tom. 1. pag. 143, e Tom. 3. pag. 281, e Diogo Barbosa Machado Bibl. Lus. L. M. Tom. 3. pag. 300.

27. Frey João de Santa Angela Alagoas, nasceo na villa que indica o apelido de que usava, forão seus pays Braz Martins Correa, e Angela Gonçalves de Moraes, que o educarão com virtuosos exemplos. Aprendeo na patria os rudimentos gramaticaes, e arte da poesia para que teve natural cadencia, de que deu claros indicios quando contava treze annos. Resoluto a abraçar instituto religioso preferio o serafico, e com grande efficacia pedio o habito ao reverendissimo provincial Frey Miguel de Santa Catharina seu patricio, mas como tinha somente coartoze annos de idade dificultou o prelado que fosse admettido antes de chegar aos annos competentes, porem instado dos rogos do pertendente o recebeo, entrando na religião em outubro de 1724, e esperando dous annos pela profição, que fez no Convento de Peraguassu em 18 de outubro de 1726. Aprendidas as sciencias escholasticas, as explicou aos seus domesticos com súmo applauso sendo mestre reparante no Convento de Olinda, alcançando-o maior quando regeitou a cadeira de theologia no mesmo convento. Entre a severidade destas sciencias cultivou o ameno cume do Parnaso, donde colheo abundantes frutos, metrificando com grande suavidade, e não menos afluencia em a lingua materna, e latina, merecendo-lhe esta particular affecto, bebendo os mais reconditos misterios deste idioma das puras fontes dos mais famosos latinos. Não foy menos insigne o seu talento no pulpito,

atrahindo com suas vozes, e com a edificação de hum aspecto penitente, e de hũa vida bem morigerada, austera, e sem macula a muitos peccadores ao caminho da penitencia.

Com incansavel disvelo procurava a salvação das almas despertando a hũas do pulpito do lethargo da culpa, e dirigindo a outras no confissionario para o caminho da vida eterna. Porem como a virtude acontece muitas vezes perigar manoseada da malicia, porque invejosa dos seus applausos a ultraja, succedeo lhe acabar a vida tragica victima do furor de hum homem barbaro, que podera haver deslustrado a sua boa opinião, se o ceo se não empenhara em defender com prodigios sua innocencia.

Tres dias depois de morto foy visto incorrupto, e flexivel, e o sangue, que havia derramado sobre a terra tão vivo e fresco, como se no mesmo instante sahira das veas, e como se a terra não fora porosa, nem tivera virtude atractiva. Clama contra o sacrilego homicida ao ceo por hua parte o sangue daquelle Abel innocente, e por outra a justiça humana o busca para o castigar como merece a atrocidade de tão execrando delicto. Foy universalmente lamentado o tragico fim deste insigne Franciscano. Com o sentimento da sua lastimosa morte nos deixou para recomendação do seu engenhoso talento.

Conclusiones variæ theologiæ, ad mentem subtilissimi Doctoris Marianni, venerabilis Patris Joannis Duns Scoti etc. A esta obra redusio com elegancia, e agudeza toda poesia latina; e dedicou ao reverendo Manoel de Araujo de Carvalho Gondim, doutor em canones pela universidade de Coimbra, conego doutoral da Sé de Olinda. Lisbôa por Manoel Menescal da Costa, 1754. Fol.

Oração panegyrico funebre na morte do fidelissimo, e augustissimo rey D. João V e exposta no convento de S. Antonio do lugar de Ipojuca. Lisboa, na officina de Francisco da Sylva, 1755, 4. Vem nos Gemidos Seraficos.

28. Ignacio Ribeiro Noya nasceo no Reciffe em 5 de outubro de 1688, sendo seus pays Martinho Ribeiro, e sua mulher Joanna da Sylva. Aprendeo com incrivel brevidade os preceitos da gramatica latina no Collegio Patrio dos Padres Jesuitas, e passando aos estudos das sciencias severas no de Olinda se admirou a viveza do seu engenho acompanhada de hua suma modestia. Ordenado de presbitero correspondeo a estado tão alto com hua vida muito ajustada as obrigaçoens de hum perfeito sacerdote. He muito douto na theologia moral, na qual he consultado frequentemente, sendo sempre o seu voto fundado na mais solida doutrina. He excellente musico, e tangedor de todo genero de instrumentos, de tal sorte que compoem a letra, e posta por elle em solfa a canta com boa voz, summa graça, e destreza. Na metrificação

por versos latinos, e vulgares he excellente. Tem composto muitas obras musicaes, e poeticas das quaes tem sahido a luz.

Glosa ao mote geral em louvor a S. Gonçalo Garcia. Soneto a assumpto particular, ao mesmo intento. Epigrama vertido depois em hum soneto, que vem impresso na summa triunfal de Soterio da Sylva Ribeiro, a pag. 93, 115, e 145. Lisboa por Pedro Ferreira 1753. 4.

29. Felippe Benicio natural do Reciffe, nasceo em 23 de agosto de 1724, forão seus pays Manoel Barbosa Ferreira, e Ignacia Maria. A viveza do engenho, e felicidade da memoria lhe facilitarão a comprehenção dos misterios scientificos. Estudou filosofia, e theologia nos estudos dos padres congregados de S. Felippe Nery saindo muito perito nestas sciencias. Ordenado de sacerdote regulou todas as acçoens da sua vida pelas obrigaçoens de tão sublime estado. Applicado ao ministerio do pulpito mostra a grande capacidade que tem para elle. Ajudada a sua natural inclinação, e cadencia para a poezia, de hũa vasta erudição, produz a sua musa diversos generos de metros a assumptos sacros, e profanos. He insigne tangedor de arpa, e celebre professor da musica. Das obras que tem composto sahirão a luz na summa triunfal de Soterio da Sylva Ribeiro (Frei Manoel da Madre de Deus). Lisbôa, por Pedro Ferreyra, 1753. 4.

Hua glosa ao mote geral em coatro decimas.

Hum soneto. E tem preparado para imprimir.

Sermão de S. Miguel pregado na igreja parochial do Corpo Santo em 29 de setembro de 1752.

Sermão da quinta dominga da quaresma na mesma igreja no anno de 1756.

Sermão do glorioso S. Jozé, pregado na igreja do Convento da Penha de Capuchinhos italianos.

30. Francisco de Sales Sylva, capitão de ordenança, natural do Reciffe, nasceo em 29 de janeiro de 1712. Forão seus pays Jacinto da Sylva, e Antonia da Rocha Brava. Ainda que nos primeiros annos não se applicou a sciencia algũa por inercia de seus pays, tanto que chegou a passar da adolescencia, como o genio o incitava para os estudos, começou sem ter mestre a ser discipulo de si mesmo, saindo igualmente versado na rethorica, como perito na sciencia da poesia, metrificando ou na lingua materna, ou castelhana, com prompta facilidade, suave elegancia, aguda descrição, adquerida mais por natural impulso, que por aplicação estudiosa, de que são manifestos argumentos as suas discretas, e engenhosas obras. Compoz.

Quatro comedias, primeira em portuguez: O que poderão palavras. Segunda: O que padece a verdade neste mundo de mentira. Terceira,

em lingua castelhana : Los vencimientos del cielo. Quarta : El estorvo de un padre, y la constancia de um hijo.

Quatro oraçoens, em que foy presidente de academias. Varias loas, glosas, vilhancicos, enigmas, cançoens, e romances. Varios sonetos em louvor do excellentissimo general Luis Jozé Correa de Sá de D. Verissimo de Lancastre, e de outras pessoas.

Cento, e dezaseis bailhes para varias comedias. De todas as obras metricas, que tem composto somente sahirão a luz.

Glosa ao mote geral : Foy Gonçalo de Jesus etc. Decimas a Assumpto particular : Por Deus deixa a mercancia etc, quatro decimas em louvor do presidente da academia. Vem na summa triunfal de Soterio da Sylva Ribeiro, Lisboa por Pedro Ferreira. 1753. 4.

31. Padre Jozé Corrêa de Mello, natural do Reciffe, nasceo em 14 de junho de 1719, e teve por pays o capitão Francisco Correa Gomes, e D. Isabel da Sylva e Figueredo, filha do sargento mor João Fernandes Sylva, cavalleiro na ordem de Christo, aprendeo a lingua latina, poetica, e rethorica, como tambem filosofia, em que sahio egregiamente instruido, e recebeo o gráo de mestre em artes, no collegio patrio dos padres jesuitas. Ordenado de presbitero se dedicou ao ministerio do pulpito, em que encheo as obrigaçoens de orador evangelico. O seu feliz engenho cultivado com todo genero de erudição, em diversos metros, unio a suavidade da cadencia com a elevação do enthusiasmo. Das muitas obras metricas, que tem composto se fez somente publica a oração, que recitou em verso sendo presidente da academia que se fez em applauso do glorioso martyr S. Gonçalo Garcia.

Oração academica

O mais inclito martyr, a quem guarda
e festeja hoje a gente da cor parda
em o templo, ou igreja do tal povo
com zelo collocado santo novo
he o objecto do applauso tão decente
e a quem venia toma o presidente.

Consta de dous sonetos, outavas, motte e glosa, e hua decima, que sahirão impressas na summa triunfal da nova, e grande celebridade do glorioso e invicto martyr S. Gonçalo Garcia. Lisboa na officina de Pedro Ferreira, anno de 1753, 4.

32. Manoel Feliz da Cruz, natural do Reciffe, presbitero do habito de S. Pedro, beneficiado da igreja de N. Senhora do O do Salgado, aprendeo na patria as sciencias amenas, e severas. Applicado ao ministerio do pulpito, he hum dos apostolicos missionarios, que com

infatigavel zelo discorreo pelo bispado convertendo para o caminho do ceo muitos peccadores. Na poesia latina, e vulgar fez não pequenos progressos compondo desde a primeira idade muitos versos a diversos assumptos. He insigne gramatico, ensinando em escola publica a lingua latina, a muito dos seus naturaes para bem se alistarem no estado ecclesiastico. O tempo que lhe resta das occupações do pulpito, e magisterio consome na lição dos livros moraes, e asceticos, donde extrahe documentos para a direcção das almas. Das muitas obras que compoz, somente se fez publica.

Glosa ao motte geral.
Foy Gonçalo de Jesus
Tam pefeito imitador.
Que acabou por seu amor
Tambem com morte de cruz.

4 decimas. Assumpto particular: Mostrar a gloria que o Santo Martyr gosa no ceo. São 12 decimas. Vem na suma triunfal a fol, 97, e 119. impressa em Lisboa por Pedro Ferreira, 1753. 4.

33. Manoel Rebello Pereyra, prebitero secular, nasceo no Reciffe em 4 de março de 1717. sendo seus pays Appolinario Rebello Pereyra, e D. Luiza. Instruido profundamente em as sciencias amenas, e severas se dedicou ao ministerio do pulpito, para o qual o inclinava o genio, concorrendo na sua pessoa a valentia, com que representa, e a elegancia com que orna os seus discursos. Estudou a gramatica latina com tanta applicação, como a ensina com applauso. He insigne na poesia latina, e vulgar, de cuja fecunda veya se lem produçoens na summa triunfal de Soterio da Sylva Ribeiro impressa em Lisbôa por Pedro Ferreira 1753. 4. a fol. 95, e 116.

34. Padre Antonio da Sylva Alcantara, natural do Reciffe, filho de Manoel da Sylva Alexandre, e de sua mulher Maria da Roza, nasceo a 19 de outubro de 1712. Na idade juvenil estudou a arte da musica, e sahio famoso professor desta armonica faculdade. Ainda não contava catorze annos de idade, e sabia especulativamente compor diversas obras, que lhe conciliarão universal applauso. Ordenado de presbitero mostrou pela integridade de vida, e modestia do semblante, ser digno de tão sublime estado. Foy convidado para mestre da cathedral de Olinda, sendo insigne tangedor de todos os instrumentos, e dos mais celebres professores de musica de seu tempo, como testemunhão as obras, que tem composto, sendo as principaes.

Terectos, sonatas com trompas, eboes, e duas missas.

Tres sonos para as comedias reaes, e a solfa toda para as ditas comedias, representadas no terreiro do palacio do governador sendo governador, e capitão general o excellentissimo Luiz Jozé Correa de Sá, anno de 1752.

Ladainha por Solfa a quatro vozes com trompas, violinos e violoncello obligado.

Te Deum laudamus a quatro choros com todos os instrumentos, que compoz em pouco tempo, e se cantou no Carmo do Reciffe.

Te Deum laudamus a dous choros, cantado na misericordia.

Antiphonas de Santa Cicilia.

Sonatas para rebecas, para cravo, e para cithara.

35. Ignacio Duarte natural da cidade de Olinda, nasceo em 31 de julho de 1689, e forão seus pays Manoel Duarte, e Maria da Conceição, desde a adolescencia se applicou ao estudou da poesia, a que naturalmente o impellia o genio, e de tal modo alcançou os preceitos desta divina arte que mais parecem inspirados, que aprendidos. Das muitas obras, que tem composto, sahirão somente a luz.

Glosa ao assumpto geral: Foy Gonçallo de Jesus etc.

Descrição da coroação que fizerão os anjos a S. Gonçallo Garcia pelo martyrio, que recebeo. 12 Decimas. 4. Hum soneto, e duas Decimas em louvor do Padre Jozé Corrêa de Mello. Vem na sũma triunfal, impressa por Pedro Ferreira. 1753. 4.

36. Antonio Doya Benevides, nasceo no Reciffe, filho natural de Pedro Doya Benevides, e de Maria de Mello. He summamente applicado ao estudo da poesia vulgar, em que tem composto varias obras, das quaes sahirão a luz na summa triunfal impressa em Lisboa por Pedro Ferreira, anno de 1753. 4.

Glosa ao mote geral: Foy Gonçallo de Jesus, etc.

Redondilhas em ecco em louvor do presidente da academia.

37. Francisco de Souza Magalhaens, natural do Reciffe, nasceo em 12 de junho de 1718, sendo filho natural de Francisco de Souza Magalhaens, que deixando a vida militar, e seus progressos, se ordenou de presbitero. A natureza o ornou de rara memoria, summa agudeza, e feliz engenho, pois quando contava doze annos, já sabia latim, e rethorica. Deixando as letras, seguio as armas, mas dezenganado de não alcançar os augmentos, que justamentente pertendia, deu baixa, e abrio escola da lingua latina, e humanidades. Bebeo com tanta afluencia das puras fontes da latinidade, e poesia, que merece ser venerado assim na elegancia, como no estilo por hum dos mais celebres corifeos do idioma latino. He tambem insigne na poesia vulgar, e latina, em que tem composto excellentes obras, sendo as principaes.

Glosa ao mote geral: Foy Gonçallo de Jesus, etc. 4. Decimas.

Doze oitavas, em que mostra o gosto, e contentamento, que teve S. Gonçallo Garcia, quando o tiranno o prendeo para o martyrizar. Josephi penna Martis, superat mucronem.—Soneto em esdruchelos.—Epigramma. Lisbôa por Pedro Ferreira. 1753. 4.

Hua comedia latina: Castitatis victoria, dedicada ao excellentissimo senhor D. Marcos de Noronha, Conde de Arcos, Governador que foy de Pernambuco, e Vice Rey actual do estado do Brazil, e representado por seus discipulos em outubro de 1756. Oração encomiastica em prosa em louvor do patriarcha S. Francisco. Poema latino a exaltação ao trono real do fidelissimo rey D. Joze 1°, recitado no sallão de palacio do Reciffe, sendo governador, e capitão general o excellentissimo Luis Jozê Correa de Sâ. Varios sonetos, decimas, sylvas, poemas, epigramas etc, em a lingua latina, e portugueza. M. S.

38. Antonio Splanger Aranha, nasceo na Boa Vista, onde teve por pays Jozê de Mattos, e Luzia Splanger Aranha. He dotado de exquisita viveza de engenho para as sciencias, e artes, a que se applica. Sendo sua profição a arte de pintar, igualmente he escultor de madeira, jaspe, e marfim, e dourador. He insigne musico, e tem natural inclinação para a poesia, compondo com elegancia, e cadencia versos de todo genero de metros, sendo as principaes obras varias comedias, sendo a primeira — El hijo de sus arañas; a segunda. Socessos del buen socesso; a terceira. El amparo de Maria contra astucias del infierno; a quarta em o idioma portuguez. Castigos do amor profano, e premios do amor divino. E agora de proximo acabou de escrever hũa que se representou em 27 de outubro de 1756, intitulada: Guerra entre amor, e desden, tracion, zelos, y valor. Tem dado principio a primeira parte das guerras de Pernambuco, e tomadia do Olandez com o titulo: El heroe mas alentado nel terreno americanno. Tem presidido em dez academias publicas, nas quaes orou. Imprimio.

Duas glosas, e hua sylva, que vem na summa triunfal de Soterio da Sylva Ribeiro impressa em Lisboa por Pedro Ferreira 1753, a fol. 104, e 137.

39. Padre Felippe Nery da Trindade, presbitero do habito de S. Pedro, natural do Reciffe, nasceo em 20 de mayo de 1714, e forão seus pays Francisco de Almeida Pessoa, e sua mulher Maria Botelho Campely, pardos de honrado procedimento. He tão perito na lingua latina, como consumado nos preceitos da oratoria, e poesia. He mestre de humanidades a dezoito annos, e compoz hum plauso em louvor de N. Senhora no anno de 1752, exercendo a mesma occupação na villa formosa de Sirinhaem, e o fez representar pelos seus discipulos com assistencia dos da primeira nobreza, clero, religiosos, e frequencia de immenso povo no primeiro de janeiro daquelle anno, dia em que

costuma hua devota irmandade, a que chamão da senhora dos congregados, tributar-lhe particular, e solemne culto. Compunha-se o dito plauso de hum dialogo proeminal de seria critica, e ascetica interlocução, com que se dava principio ao acto, e se proseguia com hua oração solta, hum poema em verso hexametro, outro elegiaco, hũa ode alcaica, outra saphica, e outra em senario jambico, rematando finalmente a obra com hum breve, e elegante epilogo. Compoz tão bem varios poemas acrosticos laudatorios a diferentes assumptos, elegias sacras e profanas, epigramas, e toda a sorte de lyricos, e na lingua vulgar tem composto varias obras. He musico, compositor, e instrumentista, tange rabeca, arpa e violla. Imprimio.

Duas glosas, e hum epigrama, que vem na summa triunfal de Soterio da Sylva, Lisboa por Pedro Ferreira. anno 1753. 4.

40. Padre Jozê Rodrigues Ferreira, natural da cidade da Parayba, nasceo em 6 de agosto de 1709, sendo seus pays Manoel Rodriguez Ferreyra, e Josefa Pereira. Estudou na patria as letras amenas e severas, onde deu a conhecer a viveza do engenho, e promptidão da memoria. Profeçando a vida ecclesiastica se faz extimavel pela integridade dos custumes, e vastidão de letras. Applicado ao ministerio do pulpito he excellente pregador. Cultiva as musas com tal enthusiasmo, que na sublimidade, e elegancia pode competir com os primeiros corifeos da poesia. Tem composto as seguintes obras irrefragaveis testemunhas do seu grande talento, oito comedias M. S., e que forão reprezentadas.

Tragicos arrependimentos, e lagrimas de S. Pedro.—S. Gonçallo, flor do ceo,—Santo Andre entre os espinhos.—Lagrimas da Europa na morte delrey D. João V.—Colonia combatida.—Da vida de Porcina, depois de morta Reynar.—Fernando restituido.—Alexandre convertido, e Zelim baptisado.—S. João depois do incendio acontecido na sua igreja de Olinda. He hua discripção deste tragico successo. Imprimio.

Receyos metaphoricos, e prantos Neptuninos. Lisboa por Jozé Antonio Mamplate anno 1745. 4.

Hum labyrintho glosado em louvor de Santo Andre, que se lê tres mil quinhentas, e noventa e cinco vezes, preparado para dar ao prelo.

41. Antonio Carneiro de Albuquerque Gondim, nasceo na cidade da Parayba em 12 de junho de 172... onde teve por illustres progenitores Antonio Carneiro de Albuquerque, capitão de granadeiros, descendente das principaes familias desta provincia, e sua mulher D. Maria Velha Gondim, filha do thenente coronel Antonio Velho Gondim, irmão de Domingos Velho Gondim, fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, que em Vianna cazou com D. Brites de Castro da nobreza mais qualificada da provincia de Entre Douro, e Minho, e delles nascerão o mestre de campo João Velho de Castro Gondim, e Gonçalo

de Sousa Castro Gondim, cavalleiro na ordem de Christo, e capitão de cavallos, que com extremado valor morreo na batalha de Almansa. Aprendeo a lingua latina no collegio da patria, e ouvio filosofia no da cidade de Olinda dos padres jesuitas, onde teve por mestre ao padre Antonio da Costa, natural do Rio de Janeiro, cujo nome será sempre memoravel pela sua discrição, e doutrina. Com o dezejo de penetrar os mysterios das leys, e canones pontificios, preferindo o amor da sciencia ao da patria, passou a universidade de Coimbra, e taes forão os progressos que a sua viva penetração fez neste genero de estudo que depois de receber o grão de licenciado se oppoz a primeira cadeira, que vagou, com geral aceitação de todos os cathedraticos. Não podendo conter-se nas demoras da esperança, que lhe prometia augmentos, voltou para a patria, onde estão as suas letras pouco menos, que ociosas e sem premio o seu merecimento. Instruido nos preceitos da poesia, a sabe cultivar com igual elegancia, que facilidade. Entre as obras metricas latinas, que compoz, publicou somente as premissas da sua musa.

Acrostichis metrica, et vaticinatum in sapientia augmentum, præstantissimi herois D. Josephi Damiani da Matta Gião. Dedicatio etc.

In ejusdem laudem, Ode. e idem tres epigrammas.

Coimbra por Antonio Simoens Ferreira, anno 1749.

CAPITULO 2º

PESSOAS NATURAES DE PERNAMBUCO, QUE COMPUSERÃO, E NÃO IMPRIMIRÃO

42. Luis de Almeida Correa de Albuquerque, natural do Reciffe, filho do capitão Manoel Gonçalves Correa, que depois de ter vencido ao inimigo com a espada, largou esta, e pegou da penna para assestir como secretario ao tratado das capitulaçoens da entrega, que de alguas praças fez o olandez, e de sua mulher D. Maria de Albuquerque, filha de Luis de Almeida, e de D.Luiza de Albuquerque, filha de Gonçallo Mendes Leitão, e de sua mulher D. Antonia de Albu querque, filha de Jeronimo de Albuquerque; aprẽdidas as primeiras letras na patria se auzentou occultamente para Lisboa deixando a seus pays hũa carta, que no decoro das expressoens mostra rendimentos de filho; na nobreza do estilo engenho agudo, e nas desculpas da intempestiva resolução genio sublime, e juiso prudente. Sabendo sahir-se de seus pays, sem sahir de si, estudou na universidade de Coimbra o direito Cesareo, e depois que com aceitação dos cathedraticos fez formatura, veyo para Lisbôa donde assestindo alguns annos passou para a cidade de S. Sebastião capital do Rio de Janeiro, onde occupou o lugar de procurador da coroa com grande credito do seu

nome. As acçoens que obrou em todo dizcurso da sua vida claramente publicarão, que erão dirigidas pelos illustres espiritos, que lhe animavão o peito, pois teve heroico animo para intentar emprezas arduas, como se vio em Lisboa quando em hua noite gritou a sua porta hua mulher cazada, que se vira violentamente sacada da sua caza por quatro homens que a levavão a certo cavalleiro, que se valia de violencia tão infame para cumprimento de seus torpes desejos, sahindo a rua sem outras armas que hua espada, e com ella desembainhada ardendo nas chamas da sua virtuosa paixão investio com os agressores na resolução de os fazer em pedaços se não largassem a preza, como largarão fugindo todos, porque em tão perigoso lance, era a unica resistencia, a que lhes dava faculdade o valor de Luiz de Almeida. O esforço do animo era acompanhado de summa urbanidade, e cortezia com todos. A continua applicação ao estudo da jurisprudencia o não privou do da historia, e genealogia, em que foy eruditamente versado, como testemunhão os tratados de familias destas provincias, e successos das nossas armas, que deixou M. S.

43. Jozê de Sá de Albuquerque, fidalgo da caza real cavalleiro da ordem de Christo, e padroeyro da Capella mor do Carmo de Olinda, e senhor do morgado de Santo Andre instituido por seu avõ Duarte de Sá, nasceo nesta cidade no anno de 1615, e foy filho de Antonio de Sà Mahia, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque. Do estudo genealogico teve profunda instrução, e não menos da historia. Compoz.

Tratado das povoaçoens, e cousas notaveis de Pernambuco. Fol.M. S.

Historia genealogica dos descendentes de Jeronimo de Albuquerque ate o anno de 1700. Fol. M. S.

44. Antonio de Sá de Albuquerque, fidalgo da caza real, filho do dito Jozê de Sá, e D. Catharina de Albuquerque, nasceo na cidade de Olinda. Foy muito instruido nas sciencias amenas, perito na historia, e muito applicado ao estudo genealogico. Addicionou as obras, que fez seu pay, com methodo mais claro, e estilo mais elevado, escrevendo por ordem alphabetica, e com indagação, e boa critica.

45. Fernão Fragoso de Albuquerque natural de Ipojuca, filho de Reynaldo Fragoso de Albuquerque, e de sua mulher D. Anna da Sylveira, neto de Gaspar Fragoso, filho de Alvaro Fragoso, Fidalgo da caza real, que era filho de João Fragoso, governador de Chaves, e do Castello da Mina, filho de João Fragoso, neto de Pedro Fragoso, e bisneto de Octaviano Fragoso Duque de Genova, e de D. Joanna de Albuquerque mulher do dito Gaspar Fragoso, filha de André de Albuquerque, que occupou grandes lugares, e de sua mulher D. Catharina de Mello. He muito versado na historia genealogica, em que tem escrito hum difuso tratado sobre as familias.

46. Antonio Jozé Victoriano Borges da Fonceca, fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, alcayde mor da villa de Igoyana, e thenente coronel do regimento de infantaria paga da guarnição do Reciffe, nasceo nesta celebre villa em 25 de fevereiro de 1718, e foy baptisado na parochial igreja do Corpo Santo em 9 de março do mesmo anno. Forão seus pays Antonio Borges da Fonceca mestre de campo de Olinda, e governador da Parayba, e D. Francisca Pires de Figueiroa, filha do sargento mor João Baptista Jorge, e D. Rosa Lourença Thenorio igualmente nobres, que opulentos: Logo nos annos juveniz deo evidentes sinaes da prespicacia do engenho, e exforço do animo, com que o dotara largamente a natureza. Tanto que começou a receber as primeiras instruçoens da lingua latina, e letras humanas forão tantos os progressos do seu agudo engenho, e penetrante comprehensão, que claramente se distinguia de todos os seus collegas.

Depois de bem instruido na gramatica latina, rethorica, e humanidades, se applicou ao estudo da filosofia, em que fez grandes progressos, e recebeo o gráo de mestre em artes. Porem como hûa natural inclinação herdada de seus illustres progenitores o arrebatasse para as armas, preferio ao ocio de minerva, os tumultos de Bélona, e julgando que servia melhor a patria com a espada, que com a penna trocou a aula pela campanha. Com animo mayor que a idade, pois não excedia de dezoito annos se embarcou para a colonia commandando hûa das companhias, que no anno de 1736 forão de soccorro para aquella praça sitiada pelos castelhanos. Deste primeiro theatro do seu valor voltou para a patria, e ainda não tinha descançado de tão larga jornada, quando emprendeo outra por ordem do general de Pernambuco, que o mandou governar a ilha de Fernão de Noronha, cargo, em que mostrou ser digno de outros mayores empregos. A natural inclinação que tão bem tem para as sciencias o faz conservar entre o tumulto das armas familiar comercio com as letras, alternando os seus cuidados entre Marte belicoso, e Minerva pacifica. He summamente inclinado a lição da historia sagrada, como profana, versado nos ritos e ceremonias sagradas, e nas linguas mais pulidas da europa, e muito instruido nas sciencias, e artes necessarias ao caracter da sua pessoa. Parece incrivel, que lhe reste tempo das suas grandes occupaçoens para escrever materias tão diversas como as seguintes.

Antiguidades de Pernambuco, em Fol.

Memorias para a historia ecclesiastica de Pernambuco, em fol.

Varios titulos genealogicos de algûas familias de Pernambuco, em fol.

Pareceres varios sobre os mais difficultosos pontos das ceremonias, e rubricas sagradas, em cartas.

Palas armada, formatura dos esquadroens em oitavo. Tem esta obra as licenças necessarias para se imprimir.

47. Jeronimo Mendes da Paz, sargento mor da artelharia, e intendente das minas dos Caririz novos, nasceo na famosa villa do Reciffe em 23 de Abril de 1709, sendo seus pays Francisco Mendez da Paz, capitão de artelharia partidista da aula de engenharia, que elrey D. Pedro mandou instituir em Pernambuco, e D. Brites de Sobral, pessoas de distinta nobreza. Logo na primeira idade mostrou indole capaz para emprezas grandes, sendo amante da verdade, inimigo do interesse, judicioso nos votos, e acautelado para os futuros. Aprendeo a lingua latina no collegio dos padres jesuitas, e filosofia nos estudos dos padres congregados, e sahio muito perito. Tem grande inteligencia das linguas franceza e italiana, como vasta noticia da historia sagrada, e profana. Por seguir os passos de seu pay preferio a escola de Marte, a de Minerva. A madureza do juizo com a fortaleza de animo, e fermosura de espirito lhe conciliarão a extimação dos governadores, e applauso do povo.

Toda esta acclamação merece a suavidade do seu genio, e urbanidade da sua pessoa sempre inimiga da vangloria, e unicamente amante da moderação. A fidelidade, e desinteresse, com que serve, fas com que os superiores o occupem nos empregos mais altos, e difficultosos, e sabe sempre illustrar a nobreza do seu nascimento com as heroicas acçoens, que obra em obsequio da patria, e serviço delrey. O justo conceito, que tinha formado o governador, e capitão general Luis Jozé Correa de Sá, da sua actividade, inteireza, e capacidade foy causa de que o nomiasse regente das minas do Cariry novamente descubertas. Nesta deligencia, em que tanto intereça o reyno, soube regular com tão escrupulosa advertencia os seus descobrimentos, e exames, que servirão de claros espelhos aos intereçados para tomarem as mais certas medidas dos seus interesses. Informado elrey do bem, que o serve, sem que elle o pertendesse, lhe mandou passar patente de sargento mor com soldo dobrado, lhe fez merce do habito de Christo, e nomiou intendente destas minas. Em todas as artes liberaes he profundamente versado, sendo erudito cosmografo, perito astrologo, insigne arithmetico, e consumado geometra.

48. Jeronimo Cesar de Mello, fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, capitão mor de Marangoape, nasceo na cidade de Parayba, sendo seus pays Agostinho Cezar de Andrade fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo; e D. Laura de Mello. Applicado as sciencias amenas, e severas sahio nellas egregiamente instruido. Teve genio particular para a poesia, em que compos diversas obras, que podião eternizar a sua memoria, se assim como as soube compor, as soubesse mandar imprimir.

49. Padre Francisco de Almeida, natural do Reciffe, foy filho de Domingos de Almeida, e de Maria da Cunha de Figueiredo, tanto se anticiparão na puericia as luzes do seu engenho, que estudando os primeiros rudimentos da gramatica no collegio dos padres Jesuitas o atrahirão para seu companheiro, sendo admettido no noviciado da Bahia, onde aprendeo as sciencias amenas, em que sahio tão insigne que sempre levou o primeiro premio. Não forão menos admirados os progressos, que fez nas sciencias severas, confessando os seus mesmos competidores o conhecido excesso, que lhes fazia o seu talento, sendo os seus argumentos tão subtis, como nervosos, por cuja causa, erão ao mesmo tempo timidos, que admirados. Deixando a religião, em que tão virtuosamente se educara, voltou ao Reciffe, onde vacilante entre o estado, que segueria, elegeu o de cazado, desposando-se com D. Francisca de Freytas.

Vendo-se em poucos annos livre dos vinculos do matrimonio, que rendo melhorar de estado se ordenou de Presbitero, e anhelando aprender a jurisprudencia pontificia, passou a universidade de Coimbra, onde applicado a esta faculdade, mereceo geraes acclamaçoens a viveza do seu engenho. Restituido a patria exercitou por algum tempo o officio de advogado de causas forenses com grande credito da sua literatura. Dedicou-se ao ministerio do pulpito, em que encheo as obrigaçoens de orador evangelico, ou fosse na profundidade do discurso, ou na efficacia da representação. Deixou preparados para se imprimirem cinco tomos de sermoens, e outras mais obras.

50. Antonio Peres e Cardenas, sobrinho do padre Felix Xavier, religioso da Companhia, e filho do sargento mor Carlos Pereyra de Burgos, e de sua mulher D. Maria Benedicta Ponce de Leon, nasceo no Reciffe em 24 de dezembro de 1717. Estudou os rudimentos gramaticaes no collegio patrio dos padres Jesuitas, cujo instituto abraçou em o noviciado da Bahia quando contava quinze annos de idade. Applicado as letras amenas e severas, com viveza de engenho, e facilidade de comprehenção, sahio insigne humanista, grãde filosofo, e excellente theologo, sendo nestas sciencias venerado por subtil, e profundo. Na florente idade da adolescencia exprimentou tão propicias as musas ao seu enthusiasmo, que com maravilhosa facilidade compoz hum poema latino com dous mil e tantos versos ao lastimoso incendio de hua náo da India, que no anno de 1738, tinha arribado a Bahia. Neste poetico prologo da sua fecunda vea se ensayou para outros poemas, e outras metrificaçoens assim mysticas, como heroicas. Por justas causas sahio da Companhia, e restituido a patria vive com exemplar procedimento. Tem composto hum tomo em 4.

De proprietate nominum, pronominum, verborum linguæ latinæ.

Memorias das antiguidades romanas. Fol.

51. Manoel de Almeida Botelho, irmão do padre Felippe Nery da Trindade, e filho de Francisco de Almeida Pessoa, e de sua mulher Maria Botelho Campely, nasceo no Reciffe em cinco de junho de 1721, praticou desde a primeira idade com summa profundidade a sciencia do contraponto, sendo hum dos mais famosos compositores da presente idade, em cujas obras se admirão unidas a novidade da idea, com o gosto da consonancia sempre regulada pelos rigidos perceitos desta armonica arte.

Passou a Lisboa no anno de 1749, e conciliou na corte extimaçoens da primeira grandeza pelas suas prendas, e virtudes, sem que a cor parda lhe servisse de obstaculo, e sim de exmalte ao candido de seus custumes. O emminentissimo senhor cardeal patriarcha D. Thomas de Almeida agradado da sua grande modestia, e rara habilidade, o tomou debaixo da sua protecção, e amparo, ordenando-o de todas as ordens, e permittindo dicesse a sua primeira missa em seu oratorio particular, a qual assestio com todos os seus capellaens, e familiares. Do excellentissimo senhor Marquez de Marialva, e de outros grandes da corte recebeo favores, e agrados gostando de verem a summa destreza, com que tocava todos os instrumentos, sendo na viola incomparavel. As suas obras, e composiçoens musicas tiverão singular aceitação entre os melhores professores de Portugal, sendo as principaes hua missa a quatro vozes, e dous violinos. O psalmo, lauda Jerusalem a quatro vozes, dous violinos, oboe, e trompas. Tres, Tantum ergo, a quatro com rebecas, e hum a dous choros. Varias sonatas, e tocatas tanto para viola, como para cravo. Cinco mottetes, e hum miserere a quatro vozes de composição modulada para a semana santa, que provando-se em caza do mestre da solfa Joachim Borges usava d'elles nas suas funçoens. Alem das referidas obras compos em Lisboa outras muitas cantilenas, como duos, minuetes, tonos, etc. acreditadas com a aprovação, e testemunho de Caetano Monsi, italiano de nação, e insigne cantor, e compositor da S. Igreja Patriarchal de Lisbôa.

52. Padre Felix Xavier, chamado no seculo D. Felix Gabriel Ponce de Leon, nasceo no Reciffe em 14 de março de 1695, forão seus pays D. Francisco Ponce de Leon, e D. Joanna Maria Thenorio, que vierão a Pernambuco das Indias de Espanha, herdar a copiosa herança que lhes deixara seu avo materno Luiz Lopes Thenorio. Instruido nas primeiras letras abraçou o instituto da Companhia de Jesus no Collegio da Bahia em... de novembro de 1712. Em os annos de noviciado deo com seos religiosos procedimentos a conhecer que forão bem fundadas as esperanças, que se havião concebido da sua boa vocação, procedendo com muito exemplo, com que a seu tempo se lhe deo a profição dos

quatro votos, com igual gosto ao com que se lhe havia dado a roupeta. Sua applicação as letras foy tanta, que dos bancos sahio insigne filosofo, e tão excellente theologo, que sobio logo as cadeiras, ensinando filosofia no Collegio da Bahia, e theologia no do Rio de Janeiro, e Bahia.

A sua prudente capacidade o habilitou para exercitar com geral acceitação dos domesticos, e estranhos os lugares de secretario da provincia, reytor duas vezes do Collegio do Seminario de Belem, e da segunda vez foy escolhido para socegar certos movimentos, que perturbavão a boa ordem daquelle seminario. Por ser muito observante do seu instituto foy eleito reytor da caza do noviciado, e de prezente o està sendo do Collegio do Rio de Janeiro. No anno de 1751 foy nomiado para procurador geral em Roma com igualdade de votos com o padre João Honorato, e por não ser precizo irem ambos ficou na provincia occupado sempre em seus mayores empregos. He hum dos varoens mais doutos, e circunspectos que hoje tem a Companhia de cuja profunda sabedoria, e capacidade tem dado claros argumentos. Todos os sermoens que pregou, são dignos da luz publica, e tem preparados varios tomos.

53. Padre Miguel Ribeiro, nasceo na villa do Reciffe em 9 de janeiro de 1716, sendo seus pays Simão Ribeiro Riba fidalgo da casa real, cavalleiro profeço da ordem de Christo, comissario geral da cavallaria; e D. Clara Gomes de Figueredo filha do coronel Miguel Correa Gomes, fidalgo da caza de Sua Magestade, cavalleiro da ordem de Christo, escrivão proprietario da fazenda real. Quando contava a tenra idade de 16 annos recebeo a roupeta da Companhia de Jesus, em 24 de dezembro de 1730. Nesta illustre, e virtuosa palestra aprendeo as sciencias severas com applicação, e sahio nellas muito perito. Por justas causas obteve de seus prelados faculdade para sahir a tratar de varias dependencias da sua caza, e vive com exemplar procedimento retirado no seu engenho novo do Cabo.

He elegantissimo poeta, e entre os canoros cisnes do Parnaso merece lugar eminente, assim pela cadencia do metro, como pela elegancia das vozes, e discrição dos conceitos, ou seja metrificando em assumptos heroicos, ou liricos. O sublime enthusiasmo, de que o dotou a natureza, se admira ornado de varia erudição, de cujos versos, em que imitou a magestade de Virgilio, e a agudeza de Marcial, compoz em hum tomo de 4.

Quinhentos epygrammas ao nascimento do menino Deos.

54. Domingos de Sa e Silva, homem pardo, natural do Reciffe, foy filho de Domingos de Sa e Sylva, e de sua mulher Catharina Gonçalves de Azevedo, filha de Manoel Gonçalves de Azevedo, a quem o

accidente da cor não impedio o posto de capitão de artelharia, e capitão mor do Rio grande, que mereceo pelas suas heroicas acçoens obradas em serviço delRey, e da patria. Desde a primeira idade deu claros argumentos do juizo, e capacidade do talento para comprehender as sciencias, que praticou no largo espaço de tempo, que viveo. Instruido na lingua latina com a ultima perfeição deixou a patria, e se embarcou para o reyno chamado de seu tio o doutor Manoel Gonçalves de Azevedo, natural de Pernambuco, e assistente em Lisboa. No collegio de Santo Antão dos padres jesuitas aprendeo filosofia, e theologia, e passando a frequentar a universidade de Coimbra, fez taes progressos na jurisprudencia a sua viva penetração, que ainda sendo discipulo, era respeitado como mestre. Deixando a universidade continuou na penetração das mayores difficuldades de ambos os direitos, e passando da especulação a practica exercitou o officio de advogado de cauzas forenses na corte de Lisboa, sendo o seu principal cuidado evitar dilaçoens nocivas, e gastos superfluos aos litigantes. Foy insigne humanista, e excellente poeta, profundo filosofo, grande theologo, egregio jurisconsulto, e advogado da caza da suplicação, compondo elle a lição quando fez opposição a este lugar. El Rey D. Pedro o dispençou para se poder oppor aos lugares de letras, graça de que não quiz usar a sua grande modestia.

55. Balthesar Gonçalves Ramos, natural do Reciffe, fidalgo da caza de Sua Magestade, foy filho de Gabriel Gonçalves, e D. Maria de Sobral. Para se instruir nas sciencias amenas, e severas, não foy necessario sahir da patria, onde depois de estudar a gramatica latina, e os preceitos da poesia, e oratoria se applicou com mayor disvelo a penetrar as subtilezas da jurisprudencia, em que fez taes progressos o seu maduro talento, e admiravel comprehenção, que mereceo entre todos os advogados de causas forenses distinta veneração. Núca patrocinou causa, em que a justiça não fosse clara, e patente attendendo com particular circunspecção aos fundamentos solidos da controversia, que se agitava, e não as rezoens apparentes procedidas mais da subtileza do discurso, que do dictame da verdade. Escreveo varias obras em a lingua latina, e portugueza, que a inercia de seos filhos tem desbaratado.

56. Padre João de Lima, natural da freguezia de Santo Amaro de Jaboatão, insigne musico do seu tempo, ou cantando, ou compondo, pelas quaes partes mereceo os applausos dos mayores professores desta arte. A fama, que corria da sua grande sciencia obrigou a que fosse convidado com largos partidos para mestre da cathedral da Bahia, onde por largo tempo ensinou musica assim practica, como especulativa, saindo da sua escola taes discipulos, que depois assombrarão como

mestres a todo o Brazil. Voltando para a patria teve a mesma occupação na cathedral de Olinda, com igual aproveitamento de seus ouvintes. Sendo peritissimo na musica, foy insigne tangedor de todos os instrumentos, de cuja destreza, e sciencia deu manifestos argumentos com assombro de quantos o ouvião.

Duvidando o Bispo D. Mathias de Figueredo, que elle com perfeição tocasse todos os instrumentos de cordas, ou de assopro, se foy a sua caza acompanhado de varios capitulares, e virão (não sem grande assombro) que este insigne musico, e tangedor de instrumentos, sabia tanger com perfeição os instrumentos de assopro, como orgão, pifaro, baixão, trombeta, etc. e os de corda como viola, rebecão, cithara, theorba, arpa, bandurrilha, e rebeca, e que em todos era anfião na lyra e orfeo na cithara. As suas obras musicas são merecedoras de se darem ao prelo para instrução dos professores desta arte.

57. Padre João de Faria, natural do Reciffe, foy filho de Mathias Ferreira de Sousa, e de sua mulher Maria Soares de Faria, nobres e opulentos. Na idade de 15 annos foy recebido na Companhia de Jesus, e tomou a roupeta no Collegio da Bahia. Applicado ao estudo das sciencias escholasticas sahio eminente filosofo, consumado theologo e insigne pregador. Sahindo da Companhia, exercitou com geral acclamação o officio de orador evangelico na cidade da Bahia, e neste sagrado ministerio terminou em idade muy provecta a carreira da vida mortal, para principiar a eterna. Deixou M. S. muitos tomos de sermoens, merecedores da luz publica.

58. Feliciano Dourado de Brito, natural da cidade da Parayba, foy filho de Manoel de Brito Gramacho, e de D. Isabel Dourada irmãa do provedor da fazenda real da dita cidade Salvador Quaresma Dourado. Aprendidas as primeiras letras na patria passou a estudar filosofia no collegio de Olinda dos padres jesuitas, em companhia de seu irmão Antonio de Brito Gramacho, que foy sargento mor engenheiro na cidade da Bahia, e veyo por ordem del Rey a ilha de Fernão de Noronha delinear as fortificaçoes da dita Praça. Foy insigne poeta, compondo varias obras de que se podião formar dous grandes tomos.

59. Padre Manoel Xavier, natural da villa do Reciffe, filho de Jozè Ribeiro Riba, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e commissario geral da cavallaria; e de D. Maria da Costa de Araujo, filha do capitão mor Domingos da Costa de Araujo, fidalgo da caza real, e cavalleiro da ordem de Christo; nasceo em 26 de fevereiro de 1713. No oriente da luz da razão foy tal a sua viveza, e tão feliz a memoria, que aprendendo as sciencias amenas erão as suas liçoens mais recordação de quem ja sabia, do que repetição de quem ainda principiava. Nos certames poeticos, nas competencias da prosa, e nos

argumentos da classe, sempre levava os premios, e tanto era ja o temor dos que sahião com elle a campo, que se davão por vencidos, antes que se julgasse da sua parte a victoria. Na florida idade de 15 annos recebeo a roupeta no collegio da Bahia, em 16 de novembro de 1727, e fez a profição do quarto voto em 30 de fevereiro de 1746. Applicado aos estudos das sciencias severas alcançou a primasia entre todos os seus condiscipulos, sendo illustres pregoeiros da sua profunda subtileza, e vastissima erudição repetidos actos literarios, onde ou argumentando, ou defendendo se venera o seu nome em todo Brazil. Foy mestre das primeiras cadeiras de humanidades na Bahia, e Pernambuco. Presidente, examinador de hum curso de artes em o collegio de Olinda, no do Rio de Janeiro ensinou filosofia, e theologia, e no da Bahia autualmente theologia sendo as suas postillas muito extimadas pelo excellente methodo, que nellas observou, em que se ve unida a subtileza, com a profundidade. No ministerio de orador evangelico he admiravel assim na fineza, e profundidade dos pençamentos, como na valentia, e naturalidade das acçoens.Destes dotes, de que he ornado tem sido muitas vezes theatro os pulpitos de Pernambuco, Bahia, e Rio de Janeiro, onde tendo por ouvintes os homens mais doutos applaudem os seus discursos sempre elevados e solidos, discretos, e eloquentes. Dos seos excellentes sermoens pode formar-se muitos volumes. em cujos padroens se perpetue o seu nome.

60. Padre Ignacio Ribeiro irmão do sobredito padre Manoel Xavier, nasceo no Reciffe em 19 de abril de 1716. Na idade juvenil se distinguio de todos os engenhos, que com elle estudavão assim na intelligencia da lingoa latina, e noticia de letras humanas, como em os primores da poesia, e preceitos da oratoria por cujos dotes era apetecido de muitas religioens, mas chamado do exemplo de seu irmão foy admettido a companhia de Jesus, e tomou a roupeta no collegio da Bahia em 24 de dezembro de 1730, e fez profição do quarto voto em o collegio de S. Paulo em 19 de março do anno de 1747. Com tão rapido vôo subio ao cume das sciencias, que dos bancos foy tirado para as cadeiras.

O mayor argumento da vastidão da sua sciencia, e da promptidão do seu talento he ter sobido a duas cadeiras de filosofia extemporaneamente hũa quando o primeiro bispo de S. Paulo pedio mestre de artes, que as ensinasse aos seus domesticos, e foy nomiado para dictar esta sciencia, sem lhe darem tempo para fazer postillas; outra quando no anno de 1756, acodio a remediar a falta do mestre eleito para ensinar filosofia no collegio do Rio, que a tempo que abria o curso lhe sobreveyo infirmidade, que totalmente o impidio. Ficando por este incidente vaga a cadeira, o mandou o Rm.º Provincial João Honorato, natural da Bahia, que a illustrasse segunda vez com o seu magisterio, para cujo fim obedeceo sem demora, e posto que somente teve o breve

espaço de dous dias para fazer a oração de sapiencia subio a cadeira, e pareceo aos juizos mais discretos serem as suas oraçoens, e postillas produçoens de huns estudos muito meditados, e não de huns acasos repentinos.

Igual acclamação merece em o pulpito sendo procurado para orador em as mais celebres solemnidades, onde concorrem as pessoas mais eruditas a formar lhe o auditorio.

CAPITULO 3º

DOS QUE PELA SUA RARA HABILIDADE SEM TER MESTRES, DE QUEM APRENDESSEM FORÃO INSIGNES EM ALGUAS ARTES

61. Antonio Carvalho Guimaraens, natural da freguezia do Cabo de Santo Agostinho, filho de Antonio Carvalho Guimaraens inclinado aos estudos da mathematica, e engenharia, e dotado de engenho agudo, achou modo de adiantar, com hum precioso invento, a maquina dos engenhos de lavrar assucar, fazendo que esta ficasse com mais suave e facil manejo sem os dispendios do antigo, e sem os riscos, que exprimentão os que nella trabalhão. Pedia que lhe desse cada senhor de engenho quatrocentos mil reis por hua vez, ou se obrigasse a pagar a elle, e a seus descendentes, e herdeiros a penção annual de quatro por cento de tudo que redituasse dito engenho. Não teve effeito este novo invento, por que entre as demoras do trato o arrebatou improvisamente a morte.

62. Joze Pinhão de Mattos, natural do Reciffe, foy filho do alferes Jeronimo Mendez da Paz, e de sua mulher Izabel Peres de Almeida, logo nos primeiros annos mostrou tal inclinação a pintura, que com appena, como se fora consumado paisista, sabia fingir arvoredos, longes, prados, fontes, e lugares campestres. Por não ter mestre que lhe ensinasse as regras desta insigne arte, exercitava a pintura mais pela sua habilidade, que pela sciencia.

Para fazer os progressos que admirou a nossa idade se applicou ao estudo de seus preceitos, e fundamentos, e ajudado da viveza do seu engenho conseguio ser na idade de 14 annos excellente pintor practico, e insigne theorico. Foy Zeuxis na propriedade, com que pintava. Parrasio, na semelhança com que fingia, e Aristides Thebeano na valentia, com que exprimia no gesto do corpo as paixoens da alma.

Com prodigiosa fecundidade pintava a oleo, a fresco, a tempera, de illuminação, de colorido, de pennejado, de mosaico. Pintura esgrafiada, perfilada, cançada, empastada, delambida, deslavada, e de caustico.

Os grandes lucros procedidos de tão primorosa arte os distribuhia com summa profusão, senão em escandalosas profanidades, em mal reguladas despezas. Em idade provecta passou a Lisboa, onde finalisou o curço da vida em fevereiro de 1734, sem que a morte lhe desse tempo para mostrar na corte os primores do seu pincel.

63. Agostinho Rodrigues Leite, nasceo no Reciffe em 22 de agosto de 1722 sendo seus pays João Rodrigues Leite, familiar do Santo Officio, e sua mulher Anna Teixeira Leite. He dotado de hum peregrino engenho, sem outro mestre que a propria penetração faz excellentes orgãos, e para os templos da patria, e da Bahia os tem feito primorosissimos. Ao mesmo tempo que exercita esta rara habilidade, mostra que se não cega do interesse dando a suas obras preço muito inferior ao seu devido valor.

64. Marcos Barbosa natural e morador da freguesia de Mamangoape na provincia da Parayba, teve por pays Luiz Pereira Barboza, e sua mulher Cicilia Gomes. He ornado de agudo engenho, e incrivel industria, nascendo, e vivendo em hum lugar, onde não ha escolas, ẽ que se ensinem as sciencias, nem mestres, com quem os naturaes aprendão as artes, sendo discipulo de si mesmo he insigne gramatico, e excellente musico, e tangedor de instrumentos, sendo-lhe connaturaes as faculdades, e virtudes operativas, não so imita com perfeição as obras, que outros inventarão, senão que com novos inventos lhes da maior excellencia. Fez hum instrumento de cordas, que forma diverso som dos antigos, muito suave, e agradavel aos ouvidos. Com especialissima perspicacia achou a arte de voar, o que fez muitas vezes, com admiração dos circunstantes. Representou-se a certo indio facil aquelle impossivel, e barboleta inquieta, que ordinariamente queima as azas na chama, da qual se namora, para sua ruina deu quanto tinha pelas azas, e armando-se em qualidade de passaro, subio a hũ monte de donde lançando-se aos ares, os cortou veloz, mas não sabendo, ou não podendo suspender o voo, passou para a parte do mar, que lhe ficava vizinho, e fez verdadeiro o que de Icaro fabulizão os poetas. Oliverio de Malmesbury, de quem João Pitseo refere que alcançou a mesma arte, affirma que o não conseguira com tanta facilidade que passasse de cento e vinte passos, e Marcos Barbosa estendia o voo a incriveis distancias, o que nenhum outro homem conseguio, cuja destreza foy vista, e admirada por muitas testemunhas, que ainda hoje existem.

65. Manoel Ignacio Valcacer, da villa de Igarassu, teve por pays Jeronimo Mendes Valcacer, e sua mulher Cosma Gonçalvez Coelha. He este sugeito de exquisita vivacidade, e de portentosa penetração para discorrer, e alcançar os reconditos segredos das sciencias, e artes, logrando tambem aquella faculdade intelectual chamada invectiva, que se

requer para novos descobrimentos. Faltarão-lhe mestres em cujo magisterio achasse o fio de Ariadne para sahir do labyrinto das suas duvidas, e perplexidades, e começou sem ter mestre a ser discipulo de si proprio, sahindo a custa de proprias experiencias consumado em muitas artes, e sciencias. Aquellas obras, que tal vez forão mais filhas de hum acazo, que do engenho de seus inventores as sabe imitar sem mestre, que lhe declare o modo com que se fazem. Ve qualquer obra, e com a prespicacia do seu juizo alcança os seus misterios, e as imita com o ultimo primor, e perfeição. Faz excellentes orgãos, e todo genero de instrumentos de assopro, ou de cordas. Em lavrar ouro, e prata, em cravar pedras, e fazer esmaltes he insigne. Com a força natural do entendimento inventa, e obra muitas couzas. Quando contava doze annos de idade, com engenhoso artificio, fez hum presepio de primorosas figuras, que se movião, e dançavão por si proprias. Sobindo com a concideração ao ar presumio alcançar o segredo com que as aves se levantão da terra, se sustentão no ar, e se movem nelle com as azas. Feitas varias experiencias entendeo ter alcançado a arte de voar, fabricou azas a proporção do seu tamanho, e com ellas conseguio mover-se, ainda que não com tanta felicidade, que passasse a muitos passos. Entendendo seu pay que o filho occupava o engenho em noticias innuteis, e que envestigar materias que não aproveitão era perdimento de tempo, e querer voar arriscado a hum precipicio, lhe cortou as azas para que outra vez não voasse, e por este successo he geralmente conhecido pelo voador.

CAPITULO 4º

PESSOAS ORIUNDAS DE PERNAMBUCO QUE FLORECERÃO EM LETRAS, COMPUSERÃO, E IMPRIMIRÃO

66. Duarte de Albuquerque Coelho, de quem ja fisemos menção, foy Marquez de Basto, Conde, e Senhor de Pernambuco das villas de Olinda, S. Francisco, Magdalena, Bom Successo, villa Fermosa, e Igarassù, gentilhomem da camara de Felippe IV, e do seu concelho de estado em Portugal, nasceo em Lisboa a 22 de dezembro de 1591, e a 29 do dito mez recebeo a graça bautismal na parochia de S. Nicolao sendo seu padrinho D. Diniz de Lancastro commendador mor de Aviz. Teve por progenitores o grande Jorge de Albuquerque Coelho, de quem em varios lugares fizemos distinta memoria, e de sua segunda mulher D. Anna de Menezes. Aquelles famosos dotes, com que os espiritos grandes se distinguem na idade varonil dos outros homens lhos

comunicou a natureza com tanta prodigalidade, que logo nasceo heroe ornado de profũdo juizo, grave prudencia, summa affabilidade, natural genio para as armas, e boa indole para as letras, e para mostrar que igualmente era versado na palestra de Marte, que na de Minerva, escreveo.

Memorias diarias de la guerra del Brazil por discurso de nueve años empeçando desde el de 1630. Madrid, por Diogo Dias de La Carreira impressor delRey del Reyno de 1654. 4.

Compendio de los Reys de Portugal, escrito no anno de 1652 cujo original em folha se conserva na livraria do excellentissimo Marquez de Valença. Começa em o Conde D. Henrique, e acaba cõ a morte do cardeal rey D. Henrique. Principia: Aunque avemos de escrivir recopiladamente las vidas de los reys de Portugal. Acaba: Hasta que El Rey D. Felippe II de Castilla, y primeiro de Portugal entro, y succedio em estos reynos. Esta composto este cõpendio com muitas circunstancias dignas de memoria que se não achão nas chronicas dos reys, de que escreve.

Compendio de las vidas de los reys de Aragon, Navarra, Napoles, Sicilia, e Condes de Barcelona. Fol. M. S. Conserva-se na livraria do excellentissimo Marquez de Abrantes.

67. Sebastião da Rocha Pitta, fidalgo da caza real, cavalleiro professo da ordem de Christo, coronel do regimento da ordenança da cidade da Bahia, e dos privilegiados della, e academico supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza nasceo na Bahia de todos os Santos capital da America Portugueza a 3 de mayo de 1660. Forão seus progenitores João Velho Gondim natural de Ponte de Lima, irmão de Marcos Velho Gondim, fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, que servio no Brazil, sendo capitão de infantaria na cidade de S. Luiz do Maranhão, e capitão mor na do Pará, que cazando em Pernambuco deixou copiosa successão, e D. Brites da Rocha Pitta, natural da nobre villa do Porto Calvo, filha do capitão mor Sebastião da Rocha Pitta, fidalgo da caza de Sua Magestade, cavalleiro professo da ordem de Christo, pay de João da Rocha Pitta chanceller da relação da Bahia, de quem tomou o apelido, porque lhe erdou a sua caza. Foy dotado de gentil presença, engenho agudo, condição affavel, discrição natural, intelligencia das linguas latina, italiana, e castelhana, e muito versado na historia secular, genealogica, e poetica, cujos singulares dotes lhe conciliarão universal extimação. Morreo na patria a 2 de novembro de 1738, quando contava setenta e oito annos de idade. Compoz.

Breve compendio, e narração do funebre espectaculo que na insigne cidade da Bahia, cabeça da America portugueza se vio na morte del

Rey D. Pedro II de gloriosa memoria senhor nosso. Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, impressor delRey. 1709. 4. Alem da narração historica estão do mesmo autor tres sonetos, e hum romance castelhano.

Summario da vida, e morte da excellentissima senhora D. Leonor Josefa de Vilhena, e das exequias, que se celebrarão as suas memorias na cidade da Bahia, Lisboa por Antonio Pedrozo Galrão. 1721. Nesta obra estão do mesmo autor tres sonetos, duas decimas, e hum romance.

Historia da America portugueza desde o anno de 1500 do seu descobrimento ate o de 1724. Lisbôa por Jozê Antonio da Sylva, impressor delRey, e da academia. 1730. Fol. Desta obra fazem menção o addicionador da Bib. Occid. de Antonio de Leão. Tom. 2. pag. 684. as Memorias de Trevoux, e a Bib. Lusit. do Abbade Diogo Barbosa Machado, Tom. 3. pag. 700.

68. Gonçalo Ravasco Cavalcante, e Albuquerque, nasceo na Bahia, filho natural de Bernardo Vieyra Ravasco, secretario do estado, e sobrinho do padre Antonio Vieyra, oraculo dos pulpitos e de hũa filha de Lourenço Cavalcante e Albuquerque, naturaes de Pernambuco de preclara familia, de quem tomou o apelido de Cavalcante e Albuquerque; que sendo facil em se deixar render a hum amor lascivo com affronta do seu nascimento, com firmeza de animo, que não admitte concelho, dizia: que o errar fora nella propriedade da natureza corrupta pelo peccado; que tinha desculpa a seu erro por ser commettido em idade, que pode muito, e concidera pouco; mas que cazar com Bernardo Vieyra, seria errar duas vezes. Foy Gonçallo Ravasco, fidalgo da caza de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo, alcayde mor da cidade de Cabo frio, secretario de estado, e guerra do Brazil, e herdeiro do espirito poetico, de que se ornou seu pay. Compoz diversas obras poeticas, sendo as principaes, de que faz menção a Bib. Lusit. Tom. 2. pag....

Tres autos sacramentaes. M. S.

69. João Alvares Soares, nasceo em a cidade da Bahia a 8 de setembro de 1676, sendo filho de Rafael Soares da França, moço fidalgo da caza real, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de D. Catharina de Souza Barbalho da illustrissima familia dos Barbalhos de Pernambuco. Instruido nos primeiros rudimentos aprẽdeo as letras humanas, e severas no collegio dos padres jesuitas, e neste prologo dos seus estudos deu claros indicios para maiores faculdades, mas levado de hum genio marcial deixou as letras, e seguio as armas assentando praça de soldado no terço da infantaria da guarnição da praça da Bahia, de que era mestre de campo seu irmão Antonio Soares da França, onde foy alferes do mestre, e depois capitão. Deixada a vida militar seguio

a ecclesiastica recebendo ordens de presbitero no anno de 1718. Do natural genio com que desde os primeiros annos cultivou a poesia, e da sua grande erudição, são argumentos as obras seguintes.

Quatro sonetos castelhanos a lamentavel morte do augustissimo rey de Portugal D. Pedro II. Sahirão no breve compēdio, e narração do funebre espectaculo, que na insigne cidade da Bahia se vio na morte del Rey D. Pedro II. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes, 1709. 4.

Sermão da gloriosa Santa Anna, may de Maria Santissima Senhora nossa na festa, que lhe consagrarão os moedeiros na cathedral da cidade da Bahia. Lisboa na officina Augustiniana. 1733. 4.

Progymnasma litterario, e thesouro de erudição sagrada, e humana para enriquecer o animo de prendas, e a alma de virtudes. Tom. 1. que contem setenta e dous discursos moraes e politicos, academicos, doutrinaes, asceticos, e predicaveis, dispostos pelas letras do alfabeto até a letra C. Lisboa, na officina da musica de Theotonio Antunes de Lima, impressor da sagrada religião de Malta 1737. Fol. Promette mais quatro volumes desta obra. Delle faz menção a Bib. Lusit. do Abbade Diogo Barboza Machado. Tom. 2. Lit. 9. pag. 586. Col. 2.

70. Christovão Soares de Abreu, cavalleiro professo na ordem de Christo, nasceo em a nobre villa de Ponte de Lima em a provincia de Entre Douro e Minho, e foy filho de Francisco Soares de Abreu, e de sua mulher D. Catharina Brandão, natural de Pernambuco. Seu sobrinho Belchior Brandão veyo a esta capitania, e casou com sua prima D. Catharina Lins, e com a sua caza passou tambem para Ponte de Lima no anno de 1710.

Estudou em a universidade de Coimbra direito civil, e depois de ser graduado nesta faculdade servio alguns lugares, até que de dezembargador do porto, passou para a caza da suplicação em 23 de novembro de 1646. Entre a severidade da jurisprudencia cultivou as flores da poesia, sendo numerado entre os famosos poetas, que produsio o reyno por Jacinto Cordeiro nos elog. dos poetas portug. Estanc. 26.

Sendo o mais antigo senador da cidade de Lisbôa, na occasião, que os serenissimos monarchas D. Affonso VI, e D. Maria Frácisca Isabel de Saboya derão a publica entrada na cidade de Lisboa a 29 de agosto de 1666 os congratulou em nome da mesma cidade com a obra seguinte.

Oração em nome da camera de Lisboa a El Rey D. Affonso VI e a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, entrando na dita cidade em 29 de agosto de 1666. Lisboa por João Leite Pereira, impressor da serenissima rainha. 1666. 4. e no Portug. Restaurad. Tom. 2. p. 838.

A esta oração applaude Jacinto Cardoso em o Triunf. Lusit. Fol. 9.

Publicou em seu nome.

Officium in laudem sacrosancti eucharistiæ sacramenti cum Litania,

Precibus, et Hymnis in usum privatum devotorũ. Ulyssipone apud Petrum Craesbeeck Typ. Reg. 1630. 24.

Morreo em Lisboa a 4 de junho de 1684, e esta sepultado em a capella de S. Francisco do convento de Santa Anna de religiosas Franciscanas. Foy casado com D. Maria de Almeida, e delle faz menção a Bib. Lusit. Tom. 1. pag. 588. Lit. C.

71. Antonio Pereyra Rego, natural da villa de Ponte de Lima, cavalleiro professo na ordem de Christo, irmão de Paulo de Amorim Salgado, que casando em Pernambuco deixou copiosa successão, foy filho de Fernando Pereyra Rego descendente de nobres familias desta provincia, e de Margarida Salgado, natural de Pernambuco. Instruido nas artes dignas do seu nascimento, foy valeroso na campanha, destro e ayroso no manejo dos cavallos, e sciente no jogo das cavalhadas. Publicou.

Instrução da cavallaria da brida, com hum copioso tratado de alveitaria. Coimbra por Jozê Ferreira, 1679. 4. et. ibi por João Antunes. 1712. 4.

Teve hũa filha unica, herdeira da sua opulenta caza, que casou com Antonio Pereyra Rego, seu primo com irmão, cavalleiro na ordem de Christo, natural de Pernambuco, que passou ao reyno para contrahir este matrimonio, e morreo em Lisboa vindo a ella em occasião de cortes como procurador da celebre villa de Ponte de Lima. As suas excellentes partes redusio a hum romance Jeronimo da Motta abbade de Magaens, que está impresso no principio da sua obra. Delle faz menção a Bib. Lusit. Tom. 1. pag. 348. Col. 2 L. A.

CAPITULO 5º

PESSOAS NATURAES DE PERNAMBUCO, QUE PELAS LETRAS MERECERÃO, E ALCANÇARÃO DIGNIDADES ECCLESIASTICAS DE MAIOR GRADUAÇÃO NA PATRIA, E FORA DELLA.

72. João Ribeiro Pessôa de Lacerda, nasceo na antiga caza do Brum, celebre pela amenidade dos campos, que a cercão, e pelo rico engenho, que lhe dà nome, e não pouco ditoso por haver nascido em seu terreno esta generosa planta, que foy lustroso decoro da santa igreja patriarchal, e glorioso credito da sua patria. Forão seus pays o capitão mor Jozê Camello Pessôa, cavalleiro da ordem de Christo, e de conhecida nobreza; e sua mulher D. Maria de Lacerda, filha de Jeronimo Cavalcante de Albuquerque, e de D. Catharina de Vasconcellos, descendentes de preclaras familias desta provincia. Deo este varão

illustre desde os annos juveniz certos pronosticos de sua futura virtude na modestia de seus custumes, sem os comuns resabios da meninice. A bondade da sua indole ajudou muito a bôa e cuidadosa educação de seus pays, que reconhecendo a prompta inclinação do filho as virtudes lhe administravão concelhos, e exemplos, para que as aperfeiçoasse. Applicarão-no ao estudo das primeiras letras, em que fez grandes progressos seu agudo engenho. Entrou nos estudos de filosofia no collegio dos padres jesuítas de Olinda muy fervoroso, com dezejos de saber, e sabendo que são sem applicação aos livros inuteis os dezejos, e que a sabidoria he hũa preciosa joya, e purissima perola encerrada na concha da erudição, e sepultada no profundo mar da especulação e que nenhum a encontra se a não busca, bracejando com o engenho logrou com felicidade o cabedal de suas applicaçoens, fasendo nos estudos progressos admiraveis, e a seus condiscipulos ventajosos. Este bom logro persuadio a seu pay para o mandar estudar a universidade de Coimbra, onde se applicou ao estudo da jurisprudencia canonica para ser hum dos seus maiores ornatos, pois recebendo nesta faculdade a borla doutoral, foy hum dos mais egregios oppositores as cadeyras, fazendo respeitavel o seu nome, e pessoa pela gravidade do semblante, e profundidade do talento. Tanta foy a opinião, que conciliou da sua litteratura, e virtude que o elegeo El-Rey para conego da patriarchal igreja, e pouco depois foy elevado a dignidade de monsenhor, e prelado daquella santa igreja, nomiando-o do seu concelho, onde se admirou summa gravidade, unida a hũa natural benevolencia, e urbanidade. Acomettido da ultima infirmidade, conhecendo ser anuncio certo da ultima hora, recebidos os sacramentos com summa piedade entregou placidamente o espirito cumulado de boas obras ao seu creador em... de dezembro de 1735 quando contava completos sincoenta de idade. Correspondendo o sentimento da sua morte, a estimação da sua pessoa.

73. O doutor Nicolao Paes Sarmento, de quem fizemos merecida memoria no livro quarto, quando tratamos dos Pernambucanos, que florecerão em virtude na religião carmelitana, onde se chamou Frey Nicolao de Jesus Maria Jozê. Foy deão, provizor, vigario geral, governador, e vizitador geral deste bispado.

74. O doutor Francisco Martins Pereira, natural do lugar de Ipojuca, estudou a lingua latina na patria, donde passando a universidade de Coimbra estudou direito pontificio, em que sahio profundamẽte erudito. Restituido a patria recebeo hũa murça de conego da cathedral de Olinda. O seu talento unido com a sua virtude o fez merecedor de ser elevado a dignidade de deão, por passar o doutor Nicolau Paes Sarmento, que a lograva, para deão da Bahia. Falleceo em idade de 45 annos; porque

não quiz Deos que lograsse muitos annos de vida, por ter muitos merecimentos para gosar o da gloria.

75. O doutor Vicente Gomes Correa, nasceo na villa do Reciffe sendo seus pays, Miguel Correa Gomes, fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, escrivão proprietario da fazenda real, e coronel da ordenança do Reciffe, e D. Catharina Gomes de Figueiredo. Aprendidas as sciencias amenas na patria no collegio dos padres jesuitas abraçou o instituto da companhia de Jesus, e deixado este por justas causas, passou a universidade de Coimbra, onde applicado a jurisprudencia canonica mostrou grande capacidade de talento, e madureza de juizo, e recebeo com satisfação as insignias doutoraes dos cathedraticos. A sua profunda sciencia com a integridade dos custumes o constituirão digno, de que o illustrissimo bispo D. Frey Jozê Fialho o nomiasse para tomar em seu nome posse do bispado, encarregando-lhe o seu governo, em quanto se demorou na corte. Depois de lograr a dignidade de arcediago passou para a de deão, mas conciderando o quanto erão caducas as glorias mundanas, penetrado de hum heroico dezengano se resolveo deixar a dignidade e seguir a sua primeira vocação. Para effeituar este inclyto intento, deixando as estimaçoens que lhe conciliarão as suas letras, nascimento, e dignidade, se alistou outra vez com inexplicavel consolação do seu espirito na sagrada milicia da companhia de Jesus. Em o noviciado se mostrou tão exacto observador dos estatutos, que servia de estimulo, e de confusão aos seus companheiros. Depois de professo copiou em si todas as virtudes que constituem hum perfeito religioso, dedicando-se ao beneficio espiritual dos proximos, dirigindo a huns com saudaveis documētos em o confessionario, e reprehendendo a outros com prudente energia em o pulpito. Oprimido dos annos, e achaques se recolheo ao collegio de Olinda, servindo de estimulo, e exemplar aos seus domesticos, assim na promptidão, com que obedece, como na aspereza, com que se mortifica. Todo o seu disvello he da gloria divina, e não da humana, deixando por ella não so o mundo, e suas grandezas, mas ate o declarado affecto de seus parentes, para vagar sem obstaculos terrenos, pelas estancias celestes, em perēne meditação dos atributos divinos.

76. O doutor Pedro Velho Barreto, natural de Olinda, foy filho de Arnaldo de Olanda Barreto, fidalgo da caza real, e sobrinho do chanceller mor do reyno João Velho Barreto, de quem em seu lugar faremos merecida memoria. Aprendidas na patria as primeiras letras, passou a universidade de Coimbra, onde com applauzo geral dos cathedraticos recebeo o gráo de licenciado em canones.

Seguindo a vida ecclesiastica tomou ordens de presbitero, em que mostrou ser igualmente douto, que virtuoso. Ornado de muitos dotes,

com que copiosamente o enriquecera a divina liberalidade, nunca se descobrio em seu animo o mais leve sinal de jactancia, antes recebendo notaveis honras, e extimaçoens das pessoas da primeira nobreza não erão poderosas para lhe alterarem a humilde condição do seu genio. Foy conego, e dignidade na metropolitana de Evora, e certamente subira aos maiores lugares que lhe seguravão as suas letras, e virtudes, se lho não interrompesse a morte.

77. O doutor Antonio Alvres Crasto, natural do Reciffe, nasceo a 4 de junho de 1666, foy filho de João de Crasto, e Margarida Gonçalves. Estudou na patria humanidades, e filosofia, e depois de ordenado de presbitero passou ao reyno, e frequentou a universidade de Coimbra, onde recebeo o gráo de bacharel na faculdade dos sagrados canones. Restituido ao Reciffe exercitou o officio de advogado com grande concurso de cauzas, em que pelas suas letras adquerio fama de insigne letrado assim no foro ecclesiastico, como secular. Deste ministerio passou a dignidade de thesoureiro mor da sé de Olinda, e depois foy provido na de deam da mesma cathedral, de que não chegou a tomar posse por perder a vista com hũa intempestiva cegueira. Retirado da sé vivia para Deos occupando a maior parte do tempo em devotos exercicios. Cumulado de obras meritorias, e atenuado de diversos achaques passou da vida caduca para a eterna em 9 de janeiro de 1747.

CAPITULO 6º

DOS QUE AO PRESENTE LOGRÃO DIGNIDADES DE MAYOR GRADUAÇÃO NAS CATHEDRAES DE ALGUNS BISPADOS

78. Antonio Sarayva de Leão, nasceo em Olinda aos 13 de dezembro de 1704. Forão seus pays Manoel Sarayva Leão, e Maria da Ascenção Velha. Estudou filosofia no collegio patrio dos padres jesuitas, e recebeo o grao de mestre em artes. Ordenado de presbitero passou a universidade de Coimbra, onde se applicou a faculdade dos sagrados canones nos quaes fazendo formatura com aprovação dos cathedraticos se restituio a patria, e nella exercitou o lugar de advogado de causas forenses. O illustrissimo cabido Sede Vacante o nomiou provisor, e vigario geral, cujos lugares exerceo com tanta rectidão, e prudencia, que tomando posse deste bispado o excellentissimo D. Frey Luis de Santa Thereza, o quizera conservado nos mesmos cargos, se de Lisboa comsigo não trouxera outros ministros, atendendo porem a sua grande capacidade, e merecimentos o nomiou visitador da parte do sul,

e depois vigayro encómendado da cidade da Parayba, seu secretario, e escrivão da vezita do Reciffe, portando-se em todas estas occupaçoens com grande credito da sua literatura, e virtude. Tendo o vigayro geral, que viera de Lisboa ja nomiado, servido muito mal este lugar, querendo o prelado atalhar o perjuizo das partes, e geral escandalo, que causava aquelle ministro, o depôz, e o nomiou na dita occupação, da qual modestamente se excusou. Foy provido em hum canonicato, e delle passou para a dignidade de thezoureiro mor da sé, que está exercendo com grande zelo do culto divino, e honra de Deos.

79. Manoel de Araujo de Carvalho Gondim, nasceo na deliciosa povoação da Boa Vista, freguezia da sé, em 15 de setembro de 1724. Forão seus pays o coronel Manoel de Araujo de Carvalho, de que se fez illustre memoria no livro primeiro, capitulo 5º, e sua mulher D. Anna da Fonceca Gondim, filha de João Alvares de Coutto, neto de Alvaro Eanes de Coutto descendente de Ruy Gonçalves de Coutto, cavalleiro parmazão, e de sua mulher D. Laura Soares Gondim, filha de Marcos Velho Gondim, fidalgo da caza real, cavalleiro na ordẽ de Christo, capitão de infantaria paga na cidade de S. Luiz do Maranhão, e capitão mor do Parà, e de D. Izabel Soares da Fonceca, filha de Bertholameu Soares Canha, que com o posto de capitão de infantaria, por patente passada em 15 de Novembro de 1645 servio na guerra da restauração da patria, havendo servido com a de capitão da gente de Ipojuca desde o principio desta guerra achando-se em muitas occasioens do mayor empenho, e nas batalhas de Pindarama, Garapu, Jaboatão, Tabocas, Gararapez, e outras, ficando algũas vezes ferido, e nas das Tabocas com perigo de vida, mas sempre com extremado valor, e constancia. No prologo dos seus estudos manifestou a viveza do juizo, e capacidade do talento, de que prodiga o ornara a natureza, destinguindo-se dos seus condiscipulos, assim na inteligencia da lingua latina, preceitos da oratoria, e poesia, como na penetração das maiores dificuldades da filosofia, em que defendeo conclusoens publicas com tanto applauso, que era infalivel pronostico dos progressos, que havia fazer em outras sciencias. Recebido o gráo de mestre em artes no collegio dos padres jesuitas de Olinda, passou a penetrar os mysterios da sagrada theologia nas classes dos padres congregados de S. Filippe Nery do Reciffe. Instruido profundamente nestas duas sciencias, seguio a vida ecclesiastica, recebendo ordens de presbitero; e passando a universidade de Coimbra, applicado a jurisprudencia canonica mostrou pela viveza do entendimento, e facilidade da comprehenção herdara o insigne talento de seu parente Dionysio Rebello de Gondim lente e collegial do real collegio de S. Pedro da mesma universidade, conego doutoral das sez de Lamego, provido aos 13 de janeiro de 1657, da

da Guarda em 23 de julho do mesmo anno, e de Braga em julho de 1660.

Recebida a borla doutoral com geral acceitação dos cathedraticos se restituhio a patria, e tanto que chegou se oppoz ao canonicato doutoral de Olinda, que vagara no mesmo tempo, e sendo os oppositores excellentes letrados, a todos foy preferido no exame com grande credito da sua literatura.

80. Manoel de Souza Magalhaens, nasceo no Reciffe em 22 de de junho de 1680, sendo seus pays Jeronimo de Souza Magalhaens, e sua mulher Joanna Netta. Bem instruido na lingua latina, preceitos da oratoria, e poesia, e não menos versado na filosofia, passou a universidade de Coimbra, e applicado a jurisprudencia canonica fez grandes progressos, e se formou com geral acceitação dos cathedraticos. Restituido a patria exercitou alguns annos o officio de advogado de causas forenses com grande credito do seu nome. Passando ao reino de Angola, a sua grande literatura acompanhada de procedimento inculpavel o fez digno de ser collado no canonicato doutoral da se de Loanda, e ser eleito provizor e vigayro geral daquelle bispado, occupaçoens, que exercita a mais de trinta annos com geral acceitação e applauso.

81. Luis de Souza Magalhaens natural do Reciffe, nasceo em 28 de janeiro de 1708, sendo seus pays João de Souza Magalhaens, capitão de infantaria paga, e D. Luiza Hylaria da Fonceca, filha do capitão mor Manoel da Fonceca Jayme, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Maria de Proença, filha do mestre de campo Manoel Lopes Galvão, fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, commendador de S. Maria da Covilhãa. Obrigado dos preceitos de seu pay seguio as armas, mas impelido do genio se applicava ao mesmo tempo as letras, destinguindo-se de todos os engenhos, que com elle estudavão, assim na inteligencia da lingua latina, e noticia das letras humanas, como em os primores da poesia, e preceitos da oratoria. O progresso que fizera nas letras amenas foy igual ao que fez na filosofia, e ambicioso de adquerir o precioso thesouro das sciencias, com que se illustra o entendimento, e enrriquece a memoria, deixou o posto de alferes com as bem fundadas esperanças do seu augmento em as armas, e passou a universidade de Coimbra, onde o mesmo genio, que lhe concedeo a natureza para as sciencias amenas, exercitou felizmente nas severas, com grande credito da sua applicação. Neste erudito theatro se admirou repetidas vezes a metrica consonancia das suas vozes, e a elegante energia das suas glosas com tanta facilidade da poesia latina, que vertia extemporaneamente em versos heroicos as liçoens que ouvia dictar nas aulas. Formado em canones passou para Angola chamado de seu tio

paterno o doutor Manoel de Souza Magalhaens conego doutoral naquella cathedral, onde depois de tomar ordens de presbitero foy eleito chantre da mesma sé, dignidade, que dignamente está occupando.

82. Feliciano Jozê Antunes, nasceo no Reciffe a 9 de junho de 17... e forão seus pays Francisco Antunes, e Maria da Luz Tavares. Aprendeo na patria a lingua latina, e filosofia, e bem instruido nestas sciencias passou a universidade de Coimbra, onde ordenado de sacerdote regulou todas as suas acçoens pelas obrigaçoens de tão sublime estado. Applicado a jurisprudencia pontificia forão taes os progressos, que fez, que mereceo as informaçoens de bom estudante, e recebeo com satisfação dos cathedraticos o grão de licenciado. A sua grande literatura, modestia do semblante, madureza do juizo, e integridade de vida o habilitarão para ser dezembargador da relação ecclesiastica de Braga, e juiz de casamentos. Os seus grandes dotes lhe estão promettendo mayores empregos, e superiores lugares.

CAPITULO 7°

PESSOAS NATURAES DE PERNAMBUCO, QUE PELAS LETRAS MERECERÃO, E ALCANÇARÃO DIGNIDADES SECULARES

83. O doutor João Velho Barreto, natural da cidade de Olinda, foy filho de Luis do Rego Barros, fidalgo da caza real, filho de Affonço de Barros Rego, e de sua mulher D. Maria Nunes Barreto, e de D. Ignes de Goes, e Vasconcellos, filha de Arnaldo de Olanda, o qual era filho de Henrique de Olanda, barão de Rhenoburg, e de sua mulher Margarida de Florença, irmãa do papa Adriano VI, e de Brites Mendes de Vasconcellos a Velha, filha de Bertholameu Rodrigues, camareiro mor do infante D. Luis, filho del Rey D. Manoel. Nos primeiros annos mostrou tal viveza de juizo, que foy infalivel vaticinio do sublime progresso, que havia fazer na maior idade. Depois de ter estudado na patria as sciencias amenas, passou a Portugal, e na universidade de Coimbra se applicou com sûmo disvelo ao direito pontificio. Recebido o grão de licenciado, foy eleyto para collegial do real collegio de S. Paulo em 7, e tomou posse em 15 de junho de 1628, servindo de Vice-Reytor o doutor D. Lourenço Coutinho. Da especulação da jurisprudencia passou a pratica, onde mostrou ser igual á rectidão do seu animo, a perspicacia do seu juizo.

A integridade da vida unida ao esplendor do nascimento, e profundidade da literatura lhe formarão os degrâos para subir a dezembargador do Porto da caza da suplicação, e dos agravos, juis da coroa,

chanceller do Porto, dezembargador do paço, e chanceller mor do reyno. A recta administração praticada em tantas occupaçoens o habilitou para que El-Rey o nomiasse prior mor de Aviz, que heroicamente regeitou por se lhe não darem os cahidos desde a vacatura de D. frey João de Sotto Mayor.

84. O doutor João da Rocha Pitta, nasceo na nobre villa do Porto Calvo, sendo seus pays Sebastião da Rocha Pitta, fidalgo da caza real, cavalleiro na ordem de Christo, e hua das primeiras e mais poderosas pessoas de Pernambuco, que no serviço del Rey, e da patria juntava ao merecimento do valor, a despeza do cabedal, e a quem nas guerras dos Olandezes forão concedidos poderes sobre todos os capitaens mores, e justiças dos destritos do Porto Calvo, Alagoas, e Rio de S. Francisco. O juizo penetrante, e a comprehenção sublime, de que o ornou beneficamente a natureza, lhe facilitarão a inteligencia das letras amenas, e severas. Depois de receber a borla doutoral na faculdade do direito cesareo na academia conimbricense foy inviado por El Rey D. Pedro, sendo ainda principe regente, por sindicante das provincias do sul, as maiores diligencias, que até aquelle tempo se tinhão offerecido naquella região, e com o poder mais amplo, que nella se concedera a ministro algum, tres annos e meyo se empregou naquelle serviço, e El Rey o elegeo por governador do Rio de Janeiro, cargo que não exerceo por se ter recolhido para a relação da Bahia. Fez lhe a merce do seu concelho ultramarino; mas não podendo, impedido pelos seus achaques, passar ao reyno, foy provido no cargo de chanceller mor da relação deste estado, que exerceo nove annos e meyo ate o de mil setecentos e dous, em que faleceo.

Mandando El Rey abrir na cidade da Bahia casa de moeda, o elegeo por superintendente della, dandolhe poder para dispor tudo a seu arbitrio. Possuhio João da Rocha Pitta em grão heroico todos aquelles dotes, que constituem hum varão perfeito, sendo ornado de súma urbanidade, profunda politica, insigne literatura; e natural actividade para emprender, e conseguir as maiores dificuldades.

Teve a estatura mais que ordinaria, o aspecto grave de tal sorte, que olhado infundia respeito. Foy com os pobres liberalmente charitativo, com os humildes súmamente humano, e com os governadores geraes parcamente communicavel. Como inimigo jurado da adulação fallou sempre com liberdade estranhando, e castigando aos fautores de acçoens criminosas, proferindo o seu voto com maior atenção a consciencia, do que a respeitos mundanos, antepondo sempre a honra ao interesse, a benevolencia a severidade, e a verdade a lisonja.

85. O doutor Feliciano Dourado, natural da cidade da Parayba, foy filho do doutor Gaspar Fernandes Dourado, e de sua primeira

mulher D. Isabel Nunes de Bulhoens, filha de Amador Velho de Bulhões, e de sua mulher D. Catharina de Mello de Miranda, pessoas de qualificada nobreza. Ao esplendor do nascimento correspondeo a prespicacia do juiso, admirando-se ja na tenra idade o talento, com que se fez venerado na adulta. Instruido nas primeiras letras resolveo seu pay fosse estudar a universidade de Coimbra, onde fez celebre o seu nome pelos acelerados voos, com que se remontou o seu penetrante engenho a investigar às difficuldades de hum e outro direyto. O seu profundo talento, grande capacidade, e summa prudencia o constituirão hum dos mais celebres politicos, que respeitou a sua idade, tendo por theatros das suas negociaçoens as cortes de França, e Olanda, onde com o caracter de inviado da magestade del Rey D. João o 4º, e da raynha regente D. Luiza, representou não so a justiça do seu soberano elevado ao trono de Portugal, mas triunfou com artificiosa sagacidade dos ardiz dos castelhanos, e das cavillaçoens dos Olandezes, e concluhio tratados, de que resultou igual gloria, que conservação a monarchia portugueza. O primeiro emprego, com que sahio de Portugal, foy de secretario da embayxada, que fez a França Francisco de Souza Coutinho, que vendo era necessario passar a Lisboa a communicar a El Rey os muitos, e diversos accidentes, que fasião duvidosa a amisade de França muito precisa para a conservação de Portugal, voltou para o reyno, e ficou assestindo em Pariz o doutor Feliciano Dourado, como agente dos negocios do seu principe. Logo que partiu o embaixador, e ficou elle encarregado de todas as dependencias da coroa, crescerão de qualidade as controversias de Pariz, que intentando os duques de Orleans, e de Beaufort na caza do parlamẽto, que os ministros delle se unissem para a exclusão do cardeal Massarino, pedirão elles para se resolverem oito dias de praso, sem admitirem em outra forma a proposição dos duques. Enfadados elles de não conseguirem o seu intento, sahirão do parlamento, e comoverão o povo que acomettendo a caza do parlamento, e achando-a cerrada, juntarão lenha, e lhe puserão fogo. Os do parlamento vendo-se nesta extremidade lançarão por hũa janella bandeira branca, apagou-se o fogo depois de muitas mortes, e para mitigar o poderoso impulso do povo, obrigou a raynha ao cardeal, a que passasse a Alemanha.

Feliciano Dourado conhecendo que a guerra civil de França era em total beneficio dos interesses de Castella, e por consequencia em manifesto risco da conservação de Portugal, usava neste tão grande empenho, de todos os meyos possiveis, que lhe dictava o seu profundo talento, para concordar os animos alterados.

N'este tempo se havia juntado em Pariz hũa congregação dos bispos de França a tratar gravissimos negocios ecclesiasticos. Tendo El Rey

D. João esta noticia, não quiz perder occasião de justificar cõ o pontifice o daño, que padecião as igrejas de Portugal a sua justiça na forma que lhe procurava o remedio, e a sua obediencia nas repetidas vezes, que havia solicitado, que admittisse os seus embaixadores que forão a darlha. Propoz Feliciano Dourado na congregação dos bispos a justiça do seu soberano, apontou os meyos que poderia ter para facilitar os embaraços, que em Roma se offerecião fomentados pela industria dos castelhanos para conseguir o fim pertendido de conceder o sumo pontifice as igrejas de Portugal os muitos prelados, que nellas faltavão, com tanto cabedal de eloquencia, com tanta efficacia de razoens, e satisfação tão adequada, e clarissima a todas as duvidas, que persuadidos os prelados, que se achavão na congregação, de tão justo requerimento, mandarão a Roma a Christovão bispo bellemitano a tratar este importante negocio.

Antes que o bispo partisse para Roma escreveo a El Rey hũa carta do theor seguinte :— O estado ecclesiastico de França achandose em congresso geral em Pariz, e sendo perguntado pelo embaixador de Vossa Magestade sobre o estado da igreja de Portugal, conduendo-se do seu desemparo, tratou com ardente zelo, e procurou meyos, com que pudesse ajudar a sua irmãa carissima, que lhe pedia soccorro. Escreveu ao sumo pontifice, fez muitos officios com o nuncio; e sendo agora finalmente perguntado segunda vez em nome de Vossa Magestade, resolveu enviar hum bispo a Roma, o qual em nome do clero de França trate prezentemente com sua santidade este tão grande negocio, com aquella reverencia, prudencia, e zelo, que convem, e cuidadosa e deligentemente lhe faça as instancias necessarias, athe que proveja as igrejas deste reyno. E acordou o estado dos bispos eleger-me para esta fonção, e pôr sobre meus hombros, posto que fracos, o pezo de toda esta negociação. Eu pois serenissimo rey, que sou aquelle, que muito tempo ha choro o dezemparo de tantas igrejas, e os daños, que delle se podem seguir as almas, accei tey com grande gosto, o que para bem deste negocio, me era mandado; como quem achando-se o anno passado em Roma, não reciou representar a sua santidade hũa e muitas vezes este prejuizo das almas. E se só com o impulso da caridade christãa fuy tão solicito do que convinha as igrejas de Portugal, com quanto mais esforço agora que sou mandado a isto mesmo proseguirey empreza de tanta importancia. Tenho por certo que he escusado encarecer mais esta verdade. Presente he ao embaixador de Vossa Magestade quando em Pariz trabalhei por vencer as difficuldades, que se offereção, e quão sinceramente me houve nestes particulares.

Com toda verdade digo em poucas palavras, que guardey em tudo a inviolavel fe, que devo a Vossa Magestade, e que não perduarey a

cuidado algum, ou trabalho athe que minha embaixada obre o desejado effeito, e eu faça nottoria minha fidelidade não so com palavras, senão tambem com obras. Parti de Pariz a 6 deste mez para que com mais brevidade possa executar os mandados de Vossa Magestade, que em Roma espero receber.

Sou com tudo constrangido para evitar os embaraços, com que os espanhoens poderião procurar impedir meu caminho a fazer mais larga jornada, passando com a brevidade possivel as altissimas montanhas dos grysoens, esperando ser em Roma pelo fim da quaresma. O autor de todos os bens, em cuja mão está o direito de todos os reynos seja servido de favorecer aos desejos de Vossa Real Magestade, para que o fruto, que espera da minha deligencia, possa eu com o favor, e virtude do mesmo senhor publicar para gloria sua, consolação de Vossa Magestade, paz de todo reyno de Portugal, e bem espiritual das almas. Escrita etc. a 20 de fevereiro de 1652.

Conseguida esta negociação, continuou Feliciano Dourado a assistencia de França, por não voltar de Lisboa o embaixador Francisco de Souza Coutinho, e posto que o tempo era contrario as conveniencias de Portugal, valendo-se da sua profunda politica, e sagaz actividade, triunfou dos ministros castelhanos, e francezes. Da inclusão de Portugal na paz, que se tratava entre as duas potencias a solicitou com zelo ardente.

Retirando-se o Duque de Aveiro de Portugal para Castella, fazendo transito por França, o seguio este ministro, e achando o Duque em Bordeos, teve com elle varias conferencias, para o persuadir a deixar seus errados intentos, mas conhecendo que era infrutuosa toda sua deligencia, sahio de Bordeos, e se recolheu a Portugal depois de assestir em França nove annos, não para descansar das suas laboriosas fadigas, mas para exercitar o seu talento em novos empregos.

No principio do anno de 1659 nomiara a raynha regente embaixador de Olanda a D. Fernando Fellis de Faro, entendendo que devia fiar da sua capacidade commissão tão importante, e de tantas consequencias, como a embaixada de Olanda; mas elle com a maior maldade, que inventou a vileza humana confundindo os segredos do seu principe, faltando a fé, e a verdade deixou a occupação, e passou por Italia a Castella, onde o fez El-Rey de Hispanha Conde de Arada, o que acabou de infamar a sua memoria. Admirado Luis Alvares Ribeiro secretario desta embaixada da treição de D. Fernando deu conta a raynha, que promptamẽte mandou a Olanda por inviado Feliciano Dourado, confiando da sua profunda capacidade felizmente dezempenharia as obrigaçoens do seu cargo; fiando juntamente do seu zelo, e prudencia a emmenda dos desacertos de D. Fernando, e a concordia

dos desabrimētos, que havia introdusido nos ministros dos estados, por ser a sua fidelidade a melhor triaga para superar o veneno, que o infiel embaixador havia introdusido. D. Fernando foy sentenciado a o degolarem em estatua, queimando-se com o theatro, e se lhe fez a execução no mez de agosto do anno de 1659, e mandava a sentença que se lhe arrasassem, e salgassem as cazas, pondo-se nellas hum padrão para eterna memoria do seu infame delito. Feliciano Dourado por este, e outros relevantes serviços não obteve mais premio, que o de concelheiro ultramarino, onde exprimentarão as conquistas os effeitos das suas prudentes maximas.

86. Fernando Barbalho Bezerra, filho do governador, e capitão general Luis Barbalho Bezerra, de quem em seu lugar fazemos illustre memoria, nasceo na vargea pouco mais de hũa legoa distante do Reciffe, servio no Brazil, porem como a grandeza do seu espirito não podia coarctar-se aos limites da patria, foy preciso que se dilatasse por outros esmiferios. Passou a Portugal, onde servio nas guerras da acclamação, e depois embarcando para a India mostrou que em toda parte sabia desempenhar as obrigaçoens do seu illustre nascimento. El-Rey o nomiou vedor da sua fazenda pela grande intelligencia que tinha de seus interesses, e praticou este ministerio com grande disvelo, incorrupta inteireza, e summa urbanidade.

87. O doutor Gonçallo de Freytas Baracho, nasceo no Reciffe, onde teve por nobres progenitores Domingos Pereyra Baracho, e D. Clara Nunes de Freytas. Aprendidas as primeiras letras na patria passou a universidade de Coimbra, onde applicado ao estudo do direito cesareo fez grandes progressos. Formado nesta faculdade, e examinada a sua capacidade no dezembargo do passo, servio dous lugares de juiz de fóra, e foy despachado para ouvidor geral das minas, e para criar a ouvidoria do rio das mortas, o que executou com grande trabalho, rectidão e prudencia; e pelo bom procedimento que teve nas ditas occupaçoens foy premiado com a toga de dezembargador. Mandando El Rey passar da Bahia ao Rio de Janeiro ao doutor Luis de Mello da Sylva, chanceller da relação do estado, e aos dezembargadores Manoel de Azevedo Soares, e Andre Leitão de Mello, os quaes com o ouvidor do Rio de Janeiro ministro togado, e outro do mesmo caracter, que com o ouvidor da provincia de S. Vicente havião de formar hũa relação de sete ministros na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro para sentenciarem os culpados na entrega della aos francezes; veyo nomiado por adjunto da dita relação. Foy este ministro dos mais celebres letrados do seu tempo, muito recto na administração da justiça, e inimigo jurado do interesse, como paixão indigna de animos generosos. Delle dizia o governador, e capitão general Francisco de Tavora,

irmão do Marquez de Tavora, Beca Baracho, que sendo rico, e criando o primeiro lugar das minas, ficou pobre. Faleceo em Lisboa, e dos legados pios, que deixou em seu testamento se manifesta a sua bondade, e inteireza.

88. O doutor João Rodrigues Campello, cavalleiro na ordem de Christo successor do morgado de Mathias Gonçalves Paes, nasceo no Reciffe, sendo seus pays o sargento mor Antonio Rodrigues Campello, e D. Ignacia de Barros Rego, igualmente nobres, que opulẽtos. Aprendidas as primeiras letras na patria, passou a universidade de Coimbra, e nella se applicou ao estudo do direito cesareo, em cuja faculdade se formou com grande opinião do seu talento. Servio os lugares de juiz de fóra das villas do Campo de Ourique, e da Feyra, de ouvidor geral, e corregedor na capitania de S. Paulo.

Foy despachado por dezembargador na relação do estado do Brazil, com posse tomada na relação do Porto, donde ao prezente se acha. Nestes tribunaes mostrou sempre a sua sciencia acompanhada de summa rectidão, por cuja recta administração se expoz a violencias de hum governador, que soube resistir com efficacia revestida de prudencia. A fatal calumnia, que a maledicencia de alguns emulos soube fomentar na Bahia, depois de apurada cõ diversos argumentos, e examinada por ministros dezapaixonados, foy sentenciada a seu favor, podendo gloriar-se que apezar de tantas maquinas tem triunfado sempre com grande credito do seu nome.

CAPITULO 8º

PESSOAS NATURAES DE PERNAMBUCO, QUE FORÁO PROVEDORES DA FAZENDA REAL, E JUIZES DA ALFANDEGA

89. O primeiro provedor da fazenda real de Pernambuco depois da sua restauração foy Cosme de Castro Passos natural de Olinda, tão nobre por geração, como insigne por talento. Com igual vigilancia, que desinteresse attendia pelos direitos reaes. Restauradas estas praças, que violentamente occupavão os olandezes, entrou deligente em fazer da sua parte guardar as capitulaçoens estipuladas ao inimigo, sem detrimento da fazenda, cuidando muito dos aprestes das embarcaçoens para o seu transporte. Via-se embaraçado o general Sigismundo Vanscoph na venda das fazendas, que não podia transportar, e lhe pagavão os moradores a troco de páo Brazil. Com consentimento e approvação do governador mestre de campo general fez prõptos quatro mil quintaes applicando tão efficaz expediente nesta materia, que com brevidade os

obrigou a sahir nos nossos portos. Poz em bôa arrecadação tudo que pertencia a El Rey, e tendo servido com grande satisfação, não conseguio por este, e outro relevante serviço a propriedade deste officio como pertendera.

90. João Gomes de Mello, natural do Cabo de Santo Agostinho, fidalgo da casa real, cavalleiro na ordem de Christo, filho de Manoel Gomes de Mello, e de sua mulher D. Adriana de Almeida Lins, filha de Balthezar de Almeida Botelho, fidalgo da caza de sua Magestade, e professo na ordem de Christo, e de sua mulher Brites Lins, filha de Sibaldo Lins, entrou a servir este officio em outubro de 1669, depois de ter servido na guerra da restauração da patria com grande credito do seu nome.

91. Jorge Lopes Alonço, natural de Serinhem, e filho de Hypolito Alonço de Verçosa, de quem falla frey Raphael de Jesus no Castrioto Lusitano Liv. 6 n. 43. Seguio as armas, e as letras, e em hũas, e outras foy insigne. Pela sua grande intelligencia foy nomiado provedor da fazenda real, e juiz da alfãdega, lugares que exercitou com satisfação desde o anno de 1672 athe o de 1675.

92. João do Rego Barros natural da cidade de Olinda, fidalgo da caza real, e commendador na ordem de Christo, foy filho do capitão mor Francisco do Rego Barros, fidalgo da caza de Sua Magestade, cavalleiro na ordem de Santiago, e de D. Archangela Josefa da Sylveira, filha de Domingos da Sylveira, irmão de Duarte Gomes da Sylveira, instituidor do morgado do Salvador do mundo. Foy capitão mor e governador da Parayba, e passando ao reyno conseguio de propriedade o officio de provedor da fazenda, de que tomou posse em 20 de dezembro de 1675.

93. Casou com D. Catharina Theodora Valcacer, filha do capitão Francisco Camello Valcacer, e teve a Francisco do Rego Barros, que nasceo no Reciffe, fidalgo da caza real, commendador na ordem de Christo, que succedeu a seu pay no officio de provedor, e foy o segundo desta familia.

94. Casou com D. Monica Josefa de Barros, filha de Arnao de Olanda Barreto, fidalgo da caza de Sua Magestade, e de sua mulher D. Luzia Pessoa, e teve João do Rego Barros, natural do Reciffe, fidalgo da caza real, cavalleiro na ordem de Christo, que foy terceiro provedor, e servio desde março de 1704, athe novembro de 1738, em que falleceo.

95. Casou com D. Luzia Pessoa de Mello, filha do capitão mor Andre de Barros Rego, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Adriana de Almeida Vandarley, de quem teve Francisco do Rego Barros, fidalgo da caza real, que nasceo na Parayba, e foy quarto

provedor desta familia. Entrou a servir em novembro de 1738, e servio athe junho de 1750.

96. Casou com D. Maria Manuela de Mello, filha do capitão Manoel Gomes de Mello, fidalgo da caza real, filho de João Gomes de Mello, que foy provedor da fazenda, como dicemos asima, e teve João do Rego Barros fidalgo da caza real, provedor actual, e quinto desta familia.

97. Bernardo Pereira de Vasconcellos, natural de Olinda, e filho do doutor Diogo Rodrigues Pereyra, e de sua mulher D. Maria de Souza de Vasconcellos, servio de provedor interino no anno de 1751.

98. Alberto Dourado de Azevedo, natural da Parayba, filho do doutor Gaspar Fernandes Dourado, e de sua segunda mulher D. Clara de Azevedo, filha de Matheus de Azevedo, fidalgo da caza real, e alcayde mor de Olinda, e de sua mulher D. Maria de Heredea, filha de Christovão Queixada, fidalgo castelhano, que nesta terra casou com Clara Fernandes de Lucena, filha do famoso Vasco Fernandes de Lucena. Servio depois da restauração de provedor da fazenda real da Parayba, durante a menoridade de seu sobrinho Salvado Quaresma Dourado, a quem ElRey fez merce da propriedade deste officio.

99. Salvador Coresma Dourado natural da dita cidade foy filho de Luis Coresma, que tambem servio de provedor, e de sua mulher D. Maria Dourada de Bulhoens, irmãa inteira do doutor Feliciano Dourado, Concelheiro ultramarino, de quem no capitulo antecedente fizemos merecida memoria. Servio muitos annos, e por sua morte entrou a servir

100. Bento Bandeira de Mello, natural da Parayba, fidalgo da caza de Sua Magestade, escrivão proprietario da fazenda, filho de Hypolito Bandeira de Mello, e de sua mulher D. Maria da Conceição, filha de Miguel Alvares de Brito, e de Maria Ribeira Pinta, neto de Bento Bandeira, que com o posto de capitão servio na guerra do Olandez, e foy o primeiro proprietario do officio de escrivão da fazenda da dita provincia.

101. O doutor Manoel Rodrigues da Fonseca, natural da mesma cidade, filho de paes nobres, e ricos actualmente serve de provedor da fazenda real da dita capitania.

102. Da provincia de Tamaraca tem servido o officio de provedor da fazenda, João Lopes Vidal, seu filho, e seu neto, todos naturaes da mesma provincia.

CAPITULO 9º

CONCLUSÃO DESTE LIVRO V. COM A NOTICIA DE MUITOS LENTES DE THEOLOGIA QUE EXISTEM NO ANNO PREZENTE

102 (*). Não numeramos neste livro todos os que alcançarão murças de conegos, varas de ministros, e copia de parochos, e letrados, por não ser possivel reduzir tantos a numero, e serião muitos mais, se muitas, e muitas vezes não forão desatendidos seus grandes merecimentos. No clero são mais de duzentos os que existem laureados com o gráo de mestre em artes, e muitos graduados em direito canonico pela universidade de Coimbra, e entre regulares, e seculares insignes pregadores, e excelentes moralistas. Só dos naturaes da villa do Reciffe existem no tempo prezente os seguintes mestres, que das cadeiras com muito credito da sua sabedoria tem derramado as luzes sua doutrina, com grande emolumento dos seus discipulos, e esplendor das suas religioens.

O padre Manoel de Araujo, filho do capitão mor Domingos da Costa de Araujo, fidalgo da caza real, cavalleiro na ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza Gomes de Figueredo, ensinou filosofia, e theologia no collegio da Companhia de Jesus do Rio de Janeiro.

Os padres Manoel Xavier, e seu irmão Ignacio Ribeiro sobrinhos do dito padre Manoel de Araujo, de cujos fizemos memoria neste livro capitulo 2 num. 59, occupão dignamēte as cadeiras de theologia, dos collegios da Bahia, e Rio de Janeiro dos padres jesuitas.

O padre Jozê Xavier da mesma companhia, filho do sargento mor João Baptista Jorge, e de sua mulher D. Rosa Lourença Thenorio, regeitou a cadeira de filosofia do collegio de S. Paulo, a autualmente a de theologia de vesporas do collegio do Rio de Janeiro de ditos padres.

O padre Ignacio Correa, filho do Coronel Miguel Correa Gomes, fidalgo da caza de Sua Magestade, cavalleiro na ordem de Christo, escrivão proprietario da fazenda, e de sua mulher D. Catharina Gomes de Figueredo; depois de ensinar filosofia e theologia tem sido reytor de varios collegios, e o està sendo do collegio do seminario de Belem da companhia.

O padre Feliz Xavier, de quem fizemos menção no capitulo 2º num. deste livro, depois de ensinar por muitos annos filosofia e theologia nos collegios da Bahia, e Rio de Janeiro, tem occupado os lugares

(*) *Numero repetido.*

de secretario do provincial, reytor dos collegios de Belem, do Noviciado, e autual do collegio do Rio de Janeiro.

O padre Nicolao Tavares, natural do Reciffe, filho do sargento mor Bento Nunes da Sylva, e de D. Catharina Tavares Pinto, ensinou muitos annos filosofia, e theologia a domesticos, e estranhos no collegio do Rio de Janeiro.

O padre João Nogueira, de quem fizemos menção no capitulo primeiro, num. 19, deste livro, asiste nas minas em companhia de seu tio Bispo de Marianna, onde ensina theologia moral a numeroso concurso de ouvintes.

Frey Bento da Graça, filho de Antonio de Miranda Vieyra, e de sua mulher Ursula Maria da Fonceca, e Monge do Principe dos patriarchas S. Bento, tendo dictado aos seus domesticos filosofia, e theologia, esta eleito abbade do mosteiro da cidade de S. Paulo.

Frey Alexandre da Purificação, filho do thenente João Correa Vieyra, e de sua mulher D. Ignacia Diniz Bandeira ensina theologia no mosteiro de Olinda.

Frey Ruperto de Jesus, provincial que foy da provincia de Santo Antonio do Brazil, filho do capitão Manoel Antonio Torres, e de sua mulher Josefa de Souza, foy lente de filosofia, e theologia de vesporas, e prima no convento de Santo Antonio do Reciffe.

Frey Jozê de Santa Clara filho do capitão Jozê de Mello de Albuquerque, e de sua mulher D. Suzana Correa de Azevedo, foy lente de theologia, e commissario actual da veneravel ordem terceira da penitencia do Reciffe.

Frey Serafim dos Anjos, de quem fizemos menção no capitulo primeiro, num. 15, deste livro. Leu filosofia e theologia de vesporas e prima no convento de Olinda.

Frey João do Rosario, de quem fizemos menção no capitulo primeiro deste livro num. 22, he lente actual de prima no convento de Olinda.

Frey Luis de Santo Antonio, filho de Jozê Ribeiro Lima, e de sua mulher Leonarda Pereira de Oliveira, lente autual de theologia no convento de Santo Antonio do Reciffe.

Frey Felippe da Madre de Deos, filho do coronel Manoel de Souza Teixeira, cavalleiro na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Mello e Sylva, filha do capitão Feliciano de Mello, depois de regentar as cadeiras de filosofia, e theologia, foy elevado a provincial da provincia do Carmello reformado do Reciffe, lugar que está exercitando com grande credito do seu talento e bondade.

Frey Manoel da Ascenção Mello, filho do capitão Jozê de Mello de Albuquerque, e de sua mulher D. Suzana Correa de Azevedo.

He secretario do provincial da dita reforma do Carmo, foy lente de theologia.

Frey Jozê dos Remedios, primeiro diffinidor da dita provincia, filho do capitão Manoel Ferreira Pinto, e de sua mulher D. Filippa de Mello da Sylva, ensinou aos seus domesticos, e estranhos filosofia e theologia no convento do Carmo do Reciffe.

Frey Jozê de Jesus Maria, filho de Athanasio de Crasto, e Nataria Garcia, ex provincial da dita reforma, ensinou filosofia, e theologia no seu convento do Reciffe.

Frey Manoel da Conceição, diffinidor autual, filho de Carlos da Sylva Portella, e de sua mulher Luiza Gomes, ensinou filosofia e theologia a domesticos, e estranhos no convento do Carmo da Parayba.

Frey João da Encarnação, filho de João Marques do Valle, e de sua mulher Francisca de Almeida, foy lente de filosofia, e de prima em theologia no convento do Carmo do Reciffe, onde existe.

Frey Manoel de Santa Cruz, filho do sargento mor Jozê Gomes Ferreira, cavalleiro na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria da Cruz Ferreira, he lente de prima no dito convento do Carmo do Reciffe.

Frey Antonio da Natividade, filho de Antonio de Mello Lima, e de sua mulher Roza Maria Xavier, filha de Francisco Dantas Salgado, sobrinho do conego penitenciario Francisco Dantas Salgado, he lente de vespora em dito convento.

Frey Manoel de Santa Thereza, filho do sargento mor Manoel Correa de Araujo, e de sua mulher Thereza de Jesus, he lente de filosofia no convento da Parayba.

Frey Luiz Botelho do Rosario, filho de João Baptista Campelli, e de D. Beatriz Bandeira de Mello, de quem fizemos memoria no capitulo primeiro num. 16 deste livro. Doutor pela universidade de Coimbra ensinou theologia aos seus domesticos no convento do Carmo da Bahia.

O padre Paulo Campelli, irmão do sobredito, foy congregado de S. Filippe Nery no convento do Reciffe, e depois de ensinar filosofia, e theologia a domesticos e estranhos por justas causas passou para a congregação de Braga, onde existe.

O padre João de Araujo, filho do licenciado Antonio de Araujo Lopes, sirurgião mor do regimento de infantaria da guarnição do Reciffe, e de sua mulher Anna Maria de Britto, foy lente de theologia no dito convento da congregação do Reciffe.

Frey Jeronimo de Bellem, filho de Bento Machado, e de sua mulher Maria de Figueredo, passou a India, onde professou o instituto serafico na reformada provincia da madre de Deos de Goa; aprendeo

e dictou as sciencias escholasticas, foy duas vezes provincial, e he o padre mais digno da dita provincia.

Frey Antonio de Jesus Maria, naceo no Reciffe e foy baptisado no colegio dos padres jesuitas, pelo padre Manoel da Cunha de Carvalho; criou-se em casa de Manoel da Sylva de Araujo, e Maria Gomes Ribeira. Instruido na lingua latina, estudou filosofia no colegio patrio, e com o designio de estudar o direito Cesareo, passou ao reyno, onde resolvido a seguir a vida religiosa, tomou o habito serafico da provincia da Madre de Deos de Goa, onde professou, e fez taes progressos nas sciencias, que com grande credito do seu nome as dictou aos seus domesticos

103. Concluiremos este livro fazendo menção de dous homens pardos naturaes do Reciffe, e cegos de nacença. O primeiro he o Faustino Pereira Nunes, que no officio do sollicitador de cauzas forenses conciliou grande aplauso, não somente pelo ancioso cuidado, e primorosa deligencia, com que procurava os negocios, mas pelo seu animo desintereçado, valendo-se de olhos alheos para lhe lerem as ordenaçoens do reyno, regras do direito, e estillo dos tribunaes, foi a sua memoria tão fiel depositaria do que ouvia, que se fez insigne no direito civil, e practica judicial. Não foi menos extimavel a sua habilidade na destreza, com que tangia, e cantava arrebatando pelos ouvidos a attenção dos mais insignes tangedores. Faleceo no anno de 1754.

104. O segundo he Manoel Soares, que ainda que cego de nacença tem o intendimento muito claro. Suaviza a triste fatalidade da sua cegueira com o innocente comercio das musas, que lhe assistem benevolas ao seu excelente enthusiasmo, pelo qual merece ser numerado entre os corifeos do parnaso portuguez. Com admiravel promptidão, e agudeza, gloza com ellegancia de vozes, e discrição de conceitos, explicando e amplificando o motte, ou seja de hũa, ou de duas regras, ou de qualquer outro modo, que se offerecer. Contando hoje oitenta e coatro annos de idade conserva em idade tão avançada não so entereza, e agilidade intelectual, mas tambem hũa voz mui sonora, e vigorosa, com que cantando, recrea a quem o ouve.

LIVRO SEXTO

PERNAMBUCO ILLUSTRADO PELAS ARMAS

CAPITULO 1º

NATURAES DE PERNAMBUCO QUE FLORECERÃO EM ARMAS FORA DA PATRIA

1. O amor da patria he hum mal contagioso que do coração do primeiro homem, se comunicou a toda sua infelice descendencia. Criou Deos a Adão no campo damasceno, esta foi propriamente a patria de Adão, por que foi o berço do seu nascimento; e quando quiz Deos que Adão paçasse do campo damasceno para o paraizo terreal, parece teve Adão intentos de fugir, porque diz a escritura, que Deos prendeo a Adão, e o levou em pezo para aquelle delicioso domicilio. A patria de Adão era hum campo, e o lugar para onde Deos o mudou era hum parayzo, mas tão cego he o amor da patria, que prefere o dezabrido de hum campo as delicias de hum parayzo. Aos filhos de Adão se communicou este contagioso affecto, e se vemos que muitos se resolvem a sahir das suas patrias, de ordinario imitão os rios; da fonte donde nasce, se aparta o rio, mas quanto mais se aparta, mais se enriquesse, porque ao mesmo passo, que anda, crescem os seos liquidos cristaes, e a sua transparente prata se augmenta. Do mesmo modo saem muitos da sua patria; porque nascendo pobres, e miseraveis buscão em terras alheas os cabedaes, que na propria não possuião, e navegando como argonautas buscão o vello de ouro nos laberintos do comercio.

2. Que differentes são, e sempre forão os motivos da peregrinação dos naturaes do Brazil. Tão fora estão de quererem sair da patria, para acrecentarem a fazenda, que antes liberalmente repartem a que possuem, e se accomodão tambem com o pouco, que logrão. Porque se a mofina, e a cobiça, tem desterrado do mundo a liberalidade, no Brazil está muito de assento. Quando os naturaes do Brazil se resolvem a sair da sua patria, imitão as aves, e não os rios. Fes Deos as aves com a substancia das agoas, de maneira que o elemento da agoa foi

a patria das aves, mas deixarão as aves a patria para estenderem as azas; porque se ficarão na agoa, como os peixes, não poderião voar, nem cantar; e peregrinando pelos ares, sobrepujão a todos os animaes com o voo, e com o canto fazem o seu nome celebre no mundo.

3. He verdade, que não pode lembrar sem lastima, que muitos, e bellos espiritos, e generosas almas, que o ceo tem dado a Pernambuco, se deixarão como peixes ficar nas agoas pelos engodos da patria, mas outros semelhantes as aves com magnanimo impulso extendendo as azas andão nas da fama, porque se desterrão da patria, porque voarão a outras terras, chegarão a sublimes postos, e espalharão pelas mais remotas regioens os seos nomes.

4. Se na restauração de Pernambuco excederão os pernambucanos aos Scipioens, Pompeos, Camillos, e Cezares, e no zelo da religião aos Numas; na restauração da Bahia se excederão a si mesmos. Com hua armada, em que vinhão tres mil homens, e por seu general João Vandort tomarão os olandezes a cidade da Bahia, que acharão em grande descuido, porque os seus moradores tendo só por objecto os intereces do comercio, nenhum cuidado puzerão no que era preciso para sua defença.

Tanto que esta noticia chegou a corte de Madrid, foy D. Francisco de Moura Rolim, nomiado por El Rey, governador deste estado. Nas guerras de Flandes servia com satisfação, valor, e fama, delle fiou a restauração daquella praça. Havia feito guerra ao olandez o bispo D. Marcos Teixeira, morreu quando dava mayor calor a empreza. Succedeo-lhe Francisco Nunes Marinho, em quanto D. Francisco de Moura vem a Pernambuco sua patria, e acompanhado de parentes, amigos, e outra mais gente, se embarca em tres caravelloens, e arriba sobre a Bahia. Salta em terra, assalta logo ao inimigo, e apezar da resistencia contraria, ganha o bairro do Carmo, com igual presteza, e valor occupa o arrayal de S. Bento, e poem em apertado cerco os olandezes. Em sexta feira santa vinte e oito de março de 1622, entrão pela barra duas armadas de portuguezes hũa, e outra de castelhanos. Era general da portugueza D. Manoel de Menezes, e da castelhana com superioridade D. Fradique de Toledo. Tomão terra /defendidos das nossas tropas/ escolhem sitio, dispoem plataformas, accomodão a artelharia, batem as fortificaçoens do inimigo, com força tanta, que cortado do nosso ferro, entrega a cidade, salvas as vidas. Em vinte de abril se vio corrido e castigado, aquelle orgulho, com que no junho antecedente havia entrado triunfante e atrevido. Os naturaes de Pernambuco, que se acharão neste sitio, de mayor nome, forão Felippe de Moura, Lourenço Cavalcante de Albuquerque, Affonço de Albuquerque, Feliciano Coelho de Carvalho, Jeronimo Cavalcante de Albuquerque, que foi de

Pernambuco em huma náo com dous irmãos João Cavalcante de Albuquerque, e Felippe Cavalcante de Albuquerque, e duzentos homens a sua custa.

5. Vaidoso o Conde de Nassau com a facil entrada, e prosperas victorias, com que se introduzirão as armas olandezas em Pernambuco, sem deixar entorpecer do descuido as emprezas alcançadas, servindolhe esta de estimulo para intentar outras, se lhe representava muy decoroso ao seu credito ganhar novamente a cidade da Bahia, que os nossos havião restaurado, como fica referido.

Resoluto nesta empreza entrou com vigor a cuidar della. Chegarão as noticias deste intento a Bahia, poz mão ao trabalho da defença, quando era tempo de estar já disposta a pervenção. Acodirão aos preparos a gente de Pernambuco, que a impulsos da desgraça se havia retirado da patria. Achavão-se servindo na Bahia os mestres de campo Andre Vidal de Negreyros, e Francisco Rabello; e os governadores dos indios, e pretos D. Antonio Felippe Camarão, e Henrrique Dias. Tambem havia chegado a Bahia Luis Barbalho, que o olandez fizera prisioneyro em Pernambuco /depois de sahir vencedor muytas vezes/ e remetera a Olanda, donde passando a Espanha, o fez El Rey mestre de campo de hum terço, que se levantava em Lisboa, e trouxe delle trezentos homens com patentes de capitaens para Pedro Cavalcante de Albuquerque, Antonio Bezerra, Gaspar de Souza de Carvalho, Tristão de França, Guilherme Barbalho seu filho, e Antonio Teixeira seu alferes, todos naturaes de Pernambuco, e como vinha a infantaria de Lisboa para se agregar com a de Pernambuco aquartelouse na Torre de Garcia de Avila. Com a vinda do Barbalho escreveo o Conde de Banholo ao de Nassau, que a troco de alguns interesses concideraveis, lhe enviasse sua familia de mulher, e des filhos, com as dos capitaens Antonio de Freitas da Sylva, e Gaspar de Souza Uchoa, que ficarão na campanha olandeza. Respondeo o Nassau generosamente, e com decoroso tratamento, e explendida passagem mandou todas as pessoas, que lhe pedirão em hũa náo aprestada somente para este effeito. Se bem se entendeo que levava esta bizarria encoberta a deligencia de observar nossas forças.

6. Preparado o Conde de Nassau de tudo que lhe poderia ser necessario para hũa empreza tanto de seu pundonor sahio do Reciffe em vinte e hum de Março de 1638, com hũa armada composta de quarenta náos, de que era governador João Mastio, e nella sette mil e oitocentos homens entre soldados, e marinheiros. Em coatorze de Abril entra pela Bahia com tantas confianças de triunfo, que antes da batalha publicava a victoria. Deu fundo em Tapagipe, poz a gente em terra, e formado marchou para a cidade. Fez alto no Oiteyro, que fica

eminente ao engenho de Diogo Moniz Telles, sahirão os nossos ao encontro, e se deixarão estar os contrarios menos de tiro de canhão sem algum movimento, ate que o Conde de Banholo, disse ao governador geral, levantando a voz, que todos o ouvissem : Não ser prudencia buscar o inimigo fora das nossas fortificaçoes deixando a cidade exposta a invasão dos contrarios, e ser tomada, por não ficar nella guarnição, que a defendesse.

Este parecer ainda que não aprovado da gente Pernambucana, o seguirão os da Bahia, e voltarão para a cidade. O povo julgando pacto feito com o inimigo, a retirada ; tangido o sino da camera, e junto, clamava que se o general não determinava pelejar, e defender, elle nomiaria, quem o defendesse, e pelejasse. Acodio o bispo, com Duarte de Albuquerque, e poderão aquietar dificultosamente os alterados animos. Por esta causa o mestre de campo general com a infantaria, e gente de Pernambuco, que passava de mil homens, e dous terços da Bahia sahio quase hũa legoa a buscar o inimigo, no dia seguinte, no mesmo posto onde ficou no antecedente. As extorçoens, mortes, roubos, tiranias, e violencias executadas na sua patria lhes infundio com a colera novo esforço, com que investirão ao inimigo, e com mão tão pezada o carregarão, que o fizerão tornar atras, confuso e arrependido. Reprimidos e castigados,se forão retirando, e tiverão tempo de occupar hum lugar eminente nas costas do convento do Carmo. Aqui levantarão hua trincheira, fizerão plataformas, assentarão a artelharia, e se aquartelarão. Na mayor occupação de seus gastadores são assaltados dos nossos, com lastimoso estrago dos miseraveis olandezes, e com tanto assombro dos seos cabos, que nem ao conde ficou acordo para mandar, nem a seos soldados tino para obedecer.

7. Irritado o conde com a opposição, que não suppunha, empenha todas as forças na conquista da cidade ; com a bataria de mayor calibre a manda bater ; no mais aceso do combate, por entre nuvens de ballas saem os pernambucanos a castigarlhe a ousadia, e obrarão de sorte, que se os não esperara a patria para na sua restauração obrarem maravilhas, bastarião as deste dia, para fazer illustre seu nome em todas as idades. Tão cortado ficou o olandez deste golpe, que apenas teve acordo para se recolher as suas embarcações, e da preça, e receyo com que o fez, nos ficarão por testemunho quatro canhões de bronze nas suas batarias. Nos fortes de S. Bertholameu, Monçarrate e Agoa de meninos, quantas pesas havia nelles. De armas, e ferramentas hum grande numero ; mil e sincoenta barris de farinha, e outros muytos legumes. A barraca do Conde de Nassau, cantidade de fornos, e caldeyroens ao lume, que estavão cozendo o pão, e a comida. Na noite de vinte e seis de mayo se fez a vela na volta do Reciffe, depois de

durar o sitio, que poz a cidade, quarenta dias, e perder dous mil homens.

8. Os naturaes de Pernambuco que nesta occazião perderão gloriosamente a vida, forão os seguintes, Estevão de Tavora, que procedeu sempre asinaladamente, saindo sete vezes ferido de outros tantos encontros, que teve com o inimigo, Antonio Bezerra Monteyro, primo do mestre de campo Luis Barbalho; João Soares, e Antonio Lopes da Fonceca, João de Barros Cardozo, que por duas vezes defendeo na Parayba o forte do Cabedelo, foy para a Bahia para lá perder a vida com oitenta annos de idade, e Christovão Paes de Altero. Os feridos de mayor supposição, o sargento mor Antonio de Freytas da Sylva, Pedro Marinho Falcão, e João Paes de Mello, que já ferido de duas ballas e prisioneiro rompeo por entre os inimigos, e se poz em salvo.

Entre os moradores do reconcavo, em que a ira do inimigo executou os ultimos estragos, e dando pelas cazas intempestivamente, degolavão, homens, mulheres, e familias inteyras, foy morto Antonio de Sa Mahia que se recolheo para a Bahia depois da perda de Pernambuco, deixando no cabo de S. Agostinho dous engenhos, que possuia, que depois da restauração logrão seos descendentes.

9. Reconhecendo quanto se aventajara a gente de Pernãbuco, a camera da cidade determinou fazerlhe hũa paga, ou donativo de muitos mil cruzados, declarando que em nenhum tempo se metesse esta com as del Rey, de quem tinha ainda por cobrar a primeyra. Repudiarão os nossos soldados duas vezes a offerta com tanto desapego, que delle com razão se admira o douto escritor Francisco de Britto Freire no decimo livro de suas decadas numero 893 por estas formaes palavras: Assim padecendo tantos descomodos /falla sobre a repugnancia, que tiverão em aseitar a paga dos moradores/ servindo tantos annos, e continuando muitos mais, deu /o seu desapego/ antes admiração que exemplo a outras nações, as quaes precipitadas de ordinario pelo interesse de seos soldos quando lhos devem, e lhes faltão, faltão ellas tambem ao que devem.

CAPITULO 2º

CONTINUA A MESMA MATERIA

10. Viasse o olandez oprimido de tal modo em Pernambuco que nem alcançava victoria na terra, nem fazia preza alguma nos nossos portos do mar. Determinou buscar espadas, aonde cortassem menos

agudas; pareceolhe que na Bahia as acharia remissas, pois sabia que fora della estavão as espadas daquelles pernambucanos, que por elles por duas vezes havião cortado largamente; mas não se lembrou que supposto acodirão esses pernambucanos a restauração da patria particular, para defender a patria cómua /qual he todo Brazil/ estavão na Bahia, aquelle valeroso Rebelinho, que na entrepreza do Reciffe fez espirar entre seos braços, toda robustez, e forças de hum valente olandez. Aquelle valeroso Assenso da Sylva, que no assalto da ilha de Tamaraca nenhum cazo fez das suas ballas, pois dandolhe duas no peito cahirão a seos pez, sem se attreverem a cauzarlhe damno. O destemido Antonio Gonçalves Tição, que em emboscadas, e assaltos lhe havia cauzado grandes destroços.

11. Levado de seu pençamento, e esperança, sahio do Reciffe o general Sigismundo de Vanscoph, com hûa poderosa, e formidavel armada, avistou a Bahia, entrou pela enseada della, tomou terra tres legoas da cidade, em hum sitio chamado Taparica, onde levantou húa fortaleza, capaz de alojamento para os seos soldados, plantou muyta, e boa artelharia para a defença, e em circulo fabricou quatro redutos em tal forma, que occupavão as emminencias de donde a fortaleza poderia receber damno. Dos vazos da sua armada fez hum cordão pela parte do mar, que lhe servia de muralha. Não deixou o inimigo em todo contorno engenho, nem fazenda que não roubasse, e destruisse, nem pela costa embarcação, que não perseguisse, e tomasse. Com o que crescia na cidade o temor, e se augmentava o numero das pessoas, pelas muytas que fugindo a ultima ruina se recolhião. e com ellas crescia a falta de mantimentos.

12. O governador geral do estado instigado da reputação, e da magoa, que lhe causava o sentimento dos moradores, se resolveo a despejar tão ruim vezinhança a todo custo. Chamou o concelho, e propos o seu intento. Achavasse no congresso o mestre de campo Francisco Rabello, e com animo livre, disse; que lhe não parecia conveniente aquella empreza, que seria arriscar toda força da cidade as contigencias de hum assalto, que mais acertado era consumirlhes o poder, ajudados do tempo, concervando sempre inteiro o poder, e reputação de nossas armas. Com enfado ouvio o governador as razões do Rebello, e confirmandose no seu primeyro intento, postos os olhos em Francisco Rabello, disse: que se naquella junta havia quem buscava desvios para fugir ao choque, se ficasse em sua caza, e não quizesse desviar a empreza, que se havia executar assim como a tinha determinado. O mestre de campo que entendeo a elle se dirigia a censura, respondeo que elle não temia o olandez, que em Pernambuco mostrara nas occaziões, que se lhe offerecerão, que por estas contava o vencimento:

que sô apontava os incovenientes, e consequencias de hũa e outra fortuna, para que sua senhoria escolhesse se convinha ao estado vencer sem perda, ou perder sem frutto; e que o suceço diria o como sabia morrer, por saber aconselhar.

13. Inflamado nos extimulos da honra, e certo nos perigos da vida sahio do conclave, e sem demora partio para o campo com os mais cabos, com mil e duzentos soldados, ao romper da menhãa seguinte avançarão a fortaleza com apostado valor. Recebe-os o inimigo com nuvens de ballas, por entre ellas se meterão os nossos, que não sabião temer, e so cuidavão em se adiantar. Invejoza a fortuna de tamanho valor encaminhou dous pelouros aos peitos de Francisco Rabello e de Antonio Gonçalves, que lhes tirou as vidas, e deu fim a batalha, porque ao mesmo tempo que cahirão seos corpos desanimados, ficou a nossa gente vencida. Mas de quinhentos homens os acompanharão na morte, perdendo a vida mais por obedientes que por temerarios; os feridos forão quase todos, e entre elles o capitão Assenso da Sylva.

Fora infalivel a perda da cidade se no mesmo tempo que os da Bahia exprimentarão este fatal golpe, não chegara do Reciffe ao general Sigismundo avizo, e ordem dos do concelho supremo, para que sem algũa demora se recolhesse a esta praça, que os naturaes tinhão em apertado cerco, e não sucedesse que a divizão do poder, lhe occazionasse a ultima ruina.

CAPITULO 3º

CONTINUA A MESMA MATERIA

14. No anno de 1612, se introdusirão os francezes no Maranhão, dizendo; que os reis de Portugal não tinhão mais direito a aquellas terras, que o seu principe. De Pernambuco sahio Jeronimo de Albuquerque a desalojallos; e o fez com tanto valor, que os francezes forão lançados fora de toda costa, e tambem hospedados das nossas armas, que largarão a pertenção, e nunca mais lá tornarão.

15. Vendose os moradores do Pará apertados com guerras e inimigos, que os não deixavão aquietar, pedirão socorro a Pernambuco, e Jeronimo de Albuquerque, que governava o Maranhão, mandou a seu sobrinho Salvador de Mello, e de Pernambuco sahirão quatro navios, e por capitão da armada Jeronimo Fragoso de Albuquerque. Obrarão em defença daquelles povos, heroicos feitos, e deixando-os livres de seos inimigos, se retirarão, e aquella povoação no logro da paz foy em grande augmento de moradores e riquezas.

16. Para descobrir o famoso Rio das Amasonas, veyo de Portugal a Pernambuco o capitão Luis Aranha de Vasconcellos, e Mathias de Albuquerque, que governava estas capitanias, lhe deo para o acompanhar soldados pernambucanos, que o seguirão naquella dilatada, e perigosa derrota, com tanta constancia, e valor nos repetidos choques, que tiverão com varias nações, que habitão pelas margens daquelle grande rio, que confessava Luis Aranha dever aos nossos muytos bons sucessos, que conseguio naquella empreza.

17. Com outro socorro sahio deste Reciffe o capitão Fernão Carrilho para livrar aos moradores do Maranhão das invasoens dos gentios, que por toda aquella capitania havião executado horriveis estragos. Castigou o orgulho dos barbaros, poz a capitania em socego, governou dous annos a provincia, e tendo desempenhado as obrigações de seu cargo se retirou para a patria, onde se lhe faltou o premio, e outras occasioens, em que mostrar seu valor, não lhe faltou aquelle nome, que adquirem os varões illustres com as suas acçoens.

18. Foy a colonia sitiada no anno de 1735, em outubro de 1736, e em junho de 1737 sahirão deste Reciffe dous soccorros, e por capitaens da infantaria Antonio Jozê Victoriano Borges da Fonceca, Manoel Rodrigues Campello, e Francisco de Oliveyra de Miranda, cavalleiros profeços na ordem de Christo, officiaes, que da sua calidade, brio, e valor confiou o governador, e capitão general, que os mandou, o desempenho das nossas armas. Em o soccorro que da Bahia foy mandado a esta praça quando governava Fernão da Veiga Cabral, mostrou o sargento mor Luis Thenorio quanto sabia dezempenhar o nome Pernambucano, que outros de seos patricios souberão acreditar por todas as partes.

19. Da ilha de Fernão de Noronha se apoderarão os francezes, e no anno de 1737 sahio deste Reciffe hũa pequena armada a desalojallos da ilha, e arribando sobre ella entrarão sem temor a fortaleza, que tinhão levantado, trouxerão presos os francezes, que se remeterão para Lisboa. Hoje se acha esta ilha fortificada, e de seis em seis mezes he soccorrida, e reformado seu presidio para que não soceda ser occupada de algua nação estrangeira, o que cederia em grande prejuizo de todo Brazil.

20. Pela experiencia que tinha Caetano de Mello de Castro governador e capitão general, que foy deste estado, vindo de Vice Rey da India, para segurar a náo del Rey, em tempo que traziamos guerra com Castella e França, e cursavão os mares muytas náos francezas, arribou a Pernambuco, e pedio soldados (dizendo os queria pernambucanos) forão-lhe dados todos, que pedio, e com elles seguio sua derrota, sem receyo dos nossos contrarios. Este mesmo conceito fizerão os

governadores de Angola, que por sete vezes pedirão a El Rey, soldados de Pernambuco, para sojugar os inimigos do estado onde conceguirão gloriosas victorias.

CAPITULO 4º

CONTINUA A MESMA MATERIA

21. Florecia o cetro anglicano debaixo do imperio de Carlos I. rey da Gram Bretanha, quando por varias causas da antiga religião, e de mudar justamente o governo, se levantou a furiosa discordia dos parlamentarios. Depois de diversos, e duvidosos sucessos foy prezo o rey legitimo pelos subditos rebeldes, e no principio do anno de 1649 com horrivel desatino, execranda raiva, extraordinario furor, e nunca vista crueldade, em Londres em hum theatro publico lhe foy cortada a cabeça, sendo autores desta cruel, e inaudita maldade Farfais e Cromuel.

Concluidos estes sucessos, todos os principes do mundo reconhecerão a Carlos II por legitimo successor, e rey de Inglaterra, o qual mandou logo a nossa corte de Lisboa hum inviado chamado Lista, que offereceo cartas de crença do seu rey, nas quaes lhe dava autoridade para tratar com ElRey de Portugal as preposiçoens feitas em seu nome, pelo principe Roberto seu sobrinho. Consultado este negocio deliberou ElRey responder a Lista com a significação da amizade assentada com todos os inglezes, e que havia de admitir livremente nos seos portos as náos daquella nação, sem distinção algũa, e que poderião vender as prezas, e refazer-se de qualquer damno, com declaração, que as que entrassem nos portos, ou fossem delRey, ou dos que seguião a cauza do parlamento, lhes não seria licito sahirem delles antes de passarem tres dias. Com este concerto entrarão no porto de Lisboa, os principes Roberto general do rey da Gram Bretanha, e seu irmão Mauricio, trazendo em sua companhia tres navios mercantis tomados aos parlamentarios, intentando vendellos para sustentar os que o seguião.

22. Erão estes principes filhos do Conde Palatino, que em odio do emperador Ferdinando foy feito rey de Bohemia, e tendo tomado posse desta coroa, vencido na importantissima batalha da cidade de Praga pelo Duque de Baviera, e general Vucoy, quando dezenganado do logro do novo imperio se quiz restituir a seu estado antigo, achando-se despojado delle pelas armas catholicas, perdeo o proprio, em quanto intentou conquistar o alheo. Para em outra parte estabelecer hum

dominio, em que recuperasse o perdido, cuidava ElRey de Inglaterra concorrer com as suas forças a guarnecer a Bahia tomada pelo Olandez, para daly invadir Pernambuco, e tomar este estado, para que delle fosse rey este Conde Palatino, ideas, que não produzirão effeito, pelos adversos sucessos desta conquista, e gloriosas victorias das nossas armas.

23. A chegada dos principes occasionou grandes confusoens na corte pelo receyo do parlamento, mas não bastou toda politica de alguns ministros del Rey para lhe desviar o animo da justa commiseração, e amparo destes perseguidos principes, pervalecendo a generosidade real contra o temor das numerosas armadas do parlamento. Estando aprestados os principes para navegar, appareceo a vinte de março de 1650, em Cascaes a armada parlamentaria, que constava de quinze navios, e Blac seu general declarou por cartas, que era o seu intento pelejar dentro do porto de Lisboa com os principes Roberto, e Mauricio. Vista maduramente esta proposta nos mais secretos concelhos del Rey, se determinou por votos de todos, que primeyro se impedisse com suavidade aos parlamentarios tão temerario intento, porem que presestindo nelle com fogo, e ferro se lhe resistisse a entrada da barra. Depois de differentes propostas com o general Blac, presestindo elle na determinação de não valer aos principes o sagrado do porto de Lisbôa, mandou ElRey aparelhar hũa armada de treze navios, de que fez general a Antonio de Siqueyra Varajão, e elegeu por seu almirante a D. Pedro de Almeyda, irmão segundo do Conde de Avintes, que havia chegado da India por capitão mor das náos.

24. Hião por capitaens de mar, e guerra, da náo Santa Crus João Saramenho; de S. Pedro, e S. João, João de Figueredo Napoles; de N. Senhora da Estrella, Jorge de Mesquita; de N. Senhora da Conceyção, Ignacio Gago da Camara; de S. Lourenço Manoel Pacheco de Mello; de S. Francisco, Simão Correa da Sylva; de S. Jorge, Manoel Lourenço; de S. João Baptista, Manoel Alveres Galvão; da Candalaria Francisco de Britto Freyre; de N. Senhora da Esperança, Sancho Dias de Saldanha; e de N. Senhora da Natividade, Dom Francisco de Souza, natural de Pernambuco.

Os principes Palatinos alegres com este soccorro unindo a sua, a nossa armada, sahirão a buscar a armada do parlamento a vinte de julho, com ordem, que não passassem alem dos cabos, porque pelejando entre elles poderião conseguir mayores ventagens. Os parlamentarios, tanto que virão sahir a armada, levantarão as ancoras, e se fizerão ao mar, e sem outro progresso se tornou a recolher a armada. Foy esta acção murmurada dos que entenderão, que não devia recolherse sem pelejar, e El Rey depôz a Antonio de Siqueyra do governo da armada, e elegeu em seu lugar a Jorge de Mello, ficando por seu almirante

D. Pedro de Almeida. Fizerão as duas armadas segunda sahida, não com melhor successo, porque fazendose os parlamentarios ao mar, como o havião feito a primeyra vez, se levantou hum temporal, que espalhou toda nossa armada, de que alguns navios forão dar ao Algarve, e outros se recolherão. Correndo tormenta encontrou Dom Francisco de Souza com a armada do parlamento, não reparando na grande desigualdade do poder, pelejou tão valerosamente, que a sua náo se não rendeu emquanto elle teve vida, que acabou gloriosamente com assombro dos parlamentarios, que para renderem aquella náo parecia pelejavão com toda armada portugueza. Morto Dom Francisco, e rendida a sua náo, derão os parlamentarios vista da frota do Brazil, de que levarão quinze navios, e fazendose na volta de Inglaterra, largarão os nossos mares, e desembaraçarão a sahida aos principes, que seguirão a sua derrota.

25. O valor com que Dom Francisco de Souza soube pelejar com a armada dos parlamentarios, sem reparar na grande desigualdade do poder, fez acreditar por impulso do natural esforço aquelle offerecimento, que fez da sua vida pondo-a em evidente risco em desagravo delRey D. João IV. Refiriremos o cazo. Fugio para Madrid Domingos Leyte, natural de Lisboa, de nobre nascimento, e de animo perverso. Offereceo-se aos mayores ministros delRey de Castella, e ajustou com elles matar ElRey D. João na parte em que elle menos se receava, e em que com mais confiança podia estar sem receyo do perigo. Recebendo por esta traidora offerta o habito de Christo, outras merces, e grossos cabedaes, partio de Madrid acompanhado de Manoel Roque, no mez de mayo de 1647 chegou a Lisboa. Alugou hũas cazas na rua dos torneyros, e dellas foy insensivelmente alugando todas as que se continuavão ate hũa pequena praça, que fica nas costas da igreja de S. Nicolau.

Estas moradas de cazas comunicou hũas com outras, abrindo nas paredes frestas com pontarias oppostas para segurar o tiro, ou pela frente, ou pelas espaldas del Rey, preparadas varias escopetas carregadas com ballas ervadas; aguardou dia de Corpo de Deos /que cahio este anno a vinte de junho/ em que ElRey costumava, com devoto zelo, acompanhar a procissão do Santissimo Sacramento; intentando ao tempo que ElRey chegasse ao meyo da rua dos tanoeyros, hũa das mais estreytas de Lisboa, empregar qualquer das escopetas. Atalhou toda esta determinação a divina providencia, porque aparecendo El Rey tão perto da pontaria, se representou a Domingos Leyte com hũa tão soberana Magestade, que o fez desalumbrado perder a pontaria, intentou na segunda, e mais frestas empregar o tiro, e em todas lhe sucedeo o mesmo, que na primeyra. Passou ElRey livre de tão manifesto perigo,

e Domingos Leyte, cerradas as portas de todas as cazas, que havia alugado, foy buscar ao Mosteyro de N. Senhora da graça a Manoel Roque, que o esperava montado em hum cavallo com outro de redea. Caminhou para Madrid, desculpando com suppostos embaraços a falta da execução. Resoluto a intentalla segunda vez, voltou a Lisboa com ordem mais apertada de não faltar ao prometido. No caminho descobrio a Manoel Roque o seu intento, mais confiado na sua amizade, porque na primeira jornada lhe havia dito, que a determinação cõ que vinha era de matar a sua mulher, levantando hum testemunho a sua honrra, para executar mais fea maldade. Apartado Manoel Roque de Domingos Leyte com o prestexto de alugar cazas, se adiantou do lugar da Povoação de Dom Martinho, tres legoas de Lisboa, logo que entrou na corte deu conta a ElRey, que promptamente mandou alguns ministros de justiça, a ordem de Luis da Sylva Tellez, que entrando na estalagem onde Domingos Leyte estava pousado, o prendeu, e fazendo-se lhe perguntas, depôz o seu delicto, e todas as circunstancias delle. Foy sentenceado a enforcar, cortandolhe primeyro as mãos no pilourinho, e o seu corpo dividido em quartos. ElRey mandou em todo reyno render as graças a Deos de beneficio tam sinalado; e a Raynha deu ordem a que se levantasse no lugar, em que o malfeitor havia intentado tirar a vida a ElRey, hum convento dedicado ao Santissimo Sacramento, e o mandou occupar por religiosos Carmelitas descalços, e no retabulo da capella mór a insignia do Santissimo Sacramento acompanhada delRey, e da nobreza, na forma em que custuma ir na procissão de corpo de Deos.

26. Era este cazo no tempo, que se fez publico, materia das admirações, discursos, e paixão com que os portuguezes abominavão a execranda maldade delRey de Castella, ouvindo pratica tão indigna, permitindo intento tão abominavel. Achavasse D. Francisco de Souza em concurso de outros fidalgos, e vindose a tratar deste cazo disse: que não sendo do desagrado de sua magestade, dezejava ser elle o que tomasse satisfação de tamanho agravo. Introduzida esta pratica a hũ dos primeiros ministros da corte, que não desagradou por vir vestida nas cores do amor de seu principe; lhe perguntou como lhe era possivel conseguir o desagravo da magestade offendida. Respondeu D. Francisco que matando a ElRey de Castella, o que elle faria sem se valer de siladas, e sem a nota de asasino. Não teve, nem podia ter effeito o dezejo de D. Francisco de Souza sugeitandose as determinaçoẽs de hum monarcha, muito alheyo dos impulsos da vingança; que se os ministros castelhanos com promessas de concideraveis interesses derão calor a abominavel acção de hum malfeitor, aborto da natureza, e filho adulterino da patria; o monarcha portuguez soube generosamente catholico desprezar a vingança, com o que melhor segurou a sua coroa.

Perdoou David a vida a Saul quando na cova o podera matar, e diz o texto, que tanto que Saul soube que David não tivera mãos para o offender, logo lhe pronosticou que havia de reynar. Não permitio ElRey que D. Francisco de Souza executasse seo valeroso intento, e cedeo o subdito ainda quando mais incitado da justa ira que havia concebido, pelo agravo, que a toda nação havia feito ElRey de Castella, quando entendeo, que perdendo ElRey D. João IV. a vida as mãos de hum traidor, seria o meyo de assegurar suas felicidades. Nem deixaria aquelle valeroso pernambucano de executar o que determinava fazer, por ter a experiencia mostrado quanto soube sempre desprezar os mayores perigos em dezagravo, e beneficio da patria. Creado desde o berço entre as lanças, mosquetes, e arcabuzes, sem temer os pelouros de huns, nem os ferros das outras, destemido se arrojava as emprezas mais arriscadas. De Pernambuco se retirava para a Bahia, em companhia de sua may D. Catharina Barreto, veuva ja de seo pay D. Luiz de Souza; no Porto Calvo teve hum arriscado encontro com os olandezes, senhores da campanha; acompanhado somente de dez homens os investio, matou por suas mãos sinco, e fez prizioneiro ao secretario do general Sigismundo. E quem aprendeo menino a disciplina marcial, e robusto cresceo homem afamado em gloriosas façanhas com desprezo da mesma vida, não duvidava entrar naquella ardua empreza, ainda conhecendo levava certo o perigo.

27. Expulso do throno de Marrocos o africano rey Xarife Muley Hamet por seu tio Mulei Maluco, passou a Lisboa a valerse do poder delRey D. Sebastião, para o introduzir nelle. Para facilitar a sua pertenção, offerecia muito mais do que podia dar; mas ElRey que não apetecia outros interesses, que os lances, em que pudesse mostrar o seu ousado coração, pegou deste com tal empenho, que desprezando conselhos, vencendo dificuldades, não fazendo cazo de clamores, e zombando de ameaços, passou a Africa com hum exercito de dezoito mil homens, mais lustroso, que desciplinado. Entre os fidalgos, que nesta temeraria empreza acompanharão a ElRey, forão Duarte Coelho de Albuquerque, e seu irmão Jorge de Albuquerque Coelho, naturaes de Olinda, e filhos de Duarte Coelho, primeyro donatario de Pernambuco, e D. Brites de Albuquerque. Em Lisboa nomiou ElRey por enfermeiro mor do exercito a D. Manoel de Menezes Bispo de Coimbra, e que com elle igualmente tivesse o mesmo cargo Jorge de Albuquerque. Quando se formou o nosso exercito para a batalha com os mouros, depois delRey o correr, e animar se veyo por na vanguarda, e dianteira de todos, diante da bandeira real, que levava o alferes mor D. Luis de Menezes, e junto della se puzerão soltos, e fora das fileyras, vinte e quatro fidalgos dos mais valerosos, chamados por ElRey, não sem

escandalo de outros, que se concideravão merecedores do mesmo conceyto, e de não menor merecimento. Entre os chamados foy Jorge de Albuquerque, e Duarte de Albuquerque, que em todas as occazioens souberão dezempenhar as obrigaçoens do seu nascimento.

28. Tanto que o nosso exercito começou a marchar para o campo, os mouros se moverão a esperallo, estendendose em forma de meia lua para o recolher no meyo. Lançado o serco, derão fogo a muytas peças de artelharia. Causarão as suas ballas mayor espanto, que damno nos nossos. Desparando outras peças causarão mayor confusão; porque matarão, alguas pessoas de qualidade. Continuando a artelharia dos mouros em atirar, e ElRey indeterminado no romper com os inimigos, lhe requereo Jorge de Albuquerque gritando, que não quizesse esperar que a artelharia inimiga cauzasse mayor desordem nos nossos; movido ElRey deste, e outros clamores deu Santiago nos mouros, e os investio, acompanhado dos fidalgos da primeira fileira, a quem seguirão outros, e se travou a batalha, em que por occultos juizos de Deos forão os nossos vencidos no campo de Alcacere Quibir, aos quatro dias de agosto do anno de 1578.

29. Sendo já desbaratado o nosso exercito encontrou ElRey a Jorge de Albuquerque, coberto de feridas, que lhe havião feito, hum tiro pelas verilhas, hũa setta pelo peito, quatro cutiladas, e outros muitos golpes na cabeça; e estando mortalmente ferido, teve alento para perguntar a ElRey que vinha so: Em que estado se achava? ElRey lhe respondeo: Eu bom estou mas este meu cavallo, já não pode dar passada. Disse-lhe o Albuquerque: senhor o meu cavallo ainda está muito bom para V. A. se servir delle, e se salvar. Aseitou ElRey a offerta, mas vendo que Jorge de Albuquerque não se podia apear pelo estado em que estava, e lhe pedia o mandasse ajudar por Ruy Gil Magro, que, chegou neste tempo, repugnava aseitar o cavallo pelo miseravel estado, em que o via; instou o Albuquerque, e ajudado de Ruy Gil se apeou, e não podendo sustentar-se em pé, cahio de costas, e ElRey vendo-o prostrado por terra, lhe disse; Quanto me peza, Jorge de Albuquerque de vos ver dessa maneira; e elle com animo forte lhe respondeo: Senhor, salvasse V. A. que he o que mais importa, que eu contente morro aqui por serviço de Deos, e vosso.

30. Da terra onde ficara Jorge de Albuquerque de costas pizado dos que passavão, o puzerão Francisco Alvres irmão coadjutor da Companhia de Jesus, e Ruy Gil em hũa carreta para que não acabasse a vida atropelado dos que vagavão pelo campo.

Neste posto padeceo grandes tormentos, mas com tão singular valor que nunca largou a espada da mão, e passando alguns mouros de pé, e cavallo os fazia apartar com fortes golpes, e ainda que descarregarão

contra elle muytos tiros de escopetas, e lanças de arremeço, permitio Deos que o não acertassem, athe que veyo hum renegado, que o levou para sua caza, e curado das feridas convaleceo, e voltou para Portugal resgatado com os primeyros fidalgos, que sahirão do captiveyro dos mouros.

31. Duarte Coelho de Albuquerque, irmão de Jorge de Albuquerque acompanhou tambem a El Rey D. Sebastião nesta infeliz empreza, e foy chamado por El Rey para a frente do exercito no numero dos vinte e quatro fidalgos chamados, e dos primeyros que investirão com os mouros, indo em seguimento del Rey, cuidando o levava diante soube que repetindo voltas, voltara para tras pela grande confuzão, em que se pôs o nosso exercito, e lamentavel estrago que nelle fazião os inimigos, e ainda que se pudera salvar, retirando-se para Arzilla, ou Tangere, por não haver por aquella parte mouros que lhe impedissem a retirada, o não quiz fazer, e voltando o cavallo, disse aos que encontrava; que vissem como podendo salvar-se o não fazia por ir em busca do seu Rey, a morrer com elle. A todos perguntava por El Rey athe chegar a perguntallo ao mesmo rey, sem o conhecer, e respondendo-lhe, que elle era, o acompanhou, pelejando á seu lado com extremado esforço, athe que sendo derribado, foy cativo, e depois de passar muytos tormentos, vindo jà resgatado, faleceo antes de chegar a Portugal, acabando nelle hum singular valor, e excellentes virtudes.

32. Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete, ainda que nasceo em Portugal, foy filho de Jorge de Albuquerque natural de Pernambuco e por este principio pertence a Pernambuco boa parte das suas glorias; porque os que logrão melhores principios em o nascimento, tambem para crescer, e obrar, são ajudados de mais felices subsidios, que se a virtude dos pays não se transfunde nos filhos cõ a nobreza do sangue, os dispoem para serem virtuosos.

Foy governador de Pernambuco, e general do nosso exercito na felice aclamação del Rey D. João IV. e tres vezes governou a provincia do Alentejo, com grande satisfação dos soldados, e moradores, de quem era summamente amado assim pelas virtudes, que reconhecião no seu animo, como pelo grande cuidado que tinha de lhes procurar todas as comodidades. Obrou no Brazil, e Portugal valerozas acçoêz, e mereceo a opinião, que conseguio, por que era valeroso sem jactancia, entendido sem desvanecimento, liberal por natureza, domestico por costume, e prudente por esperiencia. El Rey pela victoria de Montijo que alcançou, lhe fez merce do titulo de Conde de Alegrete.

Esta foy a primeyra batalha que depois da aclamação os portuguezes ganharão aos castelhanos, e concideradas as circunstancias della,

merece ser celebrada por hũa das mais insignes acçoẽz que tem acontecido no mundo.

33. Antonio de Carvalho fidalgo da caza real, e natural da freguezia da Varze, com distinto valor servio na guerra da aclamação, e morreo de hũa balla, sendo capitão de infantaria na provincia do Alentejo a vinte e seis de Mayo de 1644. Era filho de Bernardino de Carvalho fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Joanna Barreto.

34. Bernardino de Carvalho irmão do dito Antonio de Carvalho, fidalgo da caza real, passou com seu irmão a Portugal, e com elle sentou praça na provincia do Alentejo, depois de occupar honorificos postos ficando prisioneiro na batalha de Montijo o levarão para a cadeya de Badajos, onde faleceo pelo máo tratamento, que lhe derão os castelhanos.

35. Lourenço Cavalcante de Albuquerque, fidalgo da caza real, e cavaleiro da ordem de Christo, nasceo na cidade de Olinda, filho de Antonio Cavalcante de Albuquerque, fidalgo da caza real, e cavaleiro da ordem de Christo, e de D. Izabel de Goes, ambos naturaes de Pernambuco. Neto por via paterna de Felippe Cavalcante o florentino, de quem falla Villas Boas na sua Nobiliarchia Portugueza, verbo—Cavalcantis—e de D. Catharina de Albuquerque, a quem chamarão a velha, por ser a primeyra filha que teve Jeronimo de Albuquerque cunhado do primeiro donatario, e de D. Maria do Espirito Santo, ou Arco Verde, Neto por via materna de Arnao de Olanda, natural de Utrek, de quem falla Carvalho na sua Corografia Portugueza, e de Brites Mendes de Vasconcellos a velha a qual era filha de Bertholameu Rodrigues, camareiro mor do infante D. Luiz, e de D. Joanna de Goes de Vasconcellos.

Desde a primeira infancia amando o que era heroico, e aborrecendo o que era pueril, se dedicou com grande inclinação aos exercicios militares. Com hũa fragata preparada de gente, e muniçoens a sua custa foy a restauração da Bahia, onde obrou accoens illustres. Foy governador de Cabo Verde, e se a morte não atalhara os progressos com a espada abriria largo caminho a seos augmentos.

36. Manoel Nunes Leitão, fidalgo da caza real, natural de Olinda, filho do Doctor Manoel Nunes Leitão, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, passou a servir em Portugal, e mereceo pelas armas o posto de sargento mor de batalhas.

37. Manoel Nunes Leitão natural de Olinda, filho do dito Manoel Nunes Leitão, fidalgo da caza real, passou a Portugal onde servindo nas armas mereceo ser governador da Parayba, e comissario geral da cavallaria na guerra da aclamação. Cazou em Portugal com hũa senhora illustre, de quem teve Paulo Caetano de Albuquerque, mestre de campo

general, governador de Elvas, e depois do Reino de Angola, onde faleceo, e Manoel Nunes Leitão thenente coronel do regimento da cavallaria do Caes, que morreo no anno de 1744.

CAPITULO 5º

CONTINUA A MESMA MATERIA

38. Jeronimo de Albuquerque de Mello, e seu irmão Jorge de Albuquerque de Mello, filhos de Jeronimo de Albuquerque, cunhado do primeyro donatario, passarão a servir na India, onde fallecerão depois de occuparem honorificos postos, e estabelecerem com suas heroycas acçoens o esplendor do seu nome, e fama.

39. Luis Barbalho Bezerra, nasceo na antiga caza do Monteyro, pouco mais de hũa legoa distante do Reciffe para o poente, o qual adquerio a mayor grandeza com a producção de tão grande filho ; foy illustre por sangue pelo serem seus pays Felippe Bezerra Monteyro, e Camilla Barbalho, e muito mais pelas heroicas façanhas obradas pelo seu braço na restauração da sua patria. Para vingar as injurias que recebera dos Olandezes, depois que do captiveiro de Olanda passou livre a Lisboa, e foy nomiado mestre de campo de hum terço. Veyo a Bahia, e não perdeo occasião de satisfazer a sua justa colera. Foy insigne em todo o genero de virtudes dignas de hum cavalhero, liberal para todos, affavel para os domesticos, e estranhos, terrivel para os inimigos da fé e da patria ; e religioso para com Deos, e seus santos. Foy governador da Bahia na deposição do Vice Rey Marquez de Montalvão, e governador, e capitão general do Rio de Janeiro.

40. Simão de Mello e Albuquerque, natural de Olinda, filho de Manoel de Albuquerque, e de sua mulher D. Maria de Mello. Em 17 de fevereyro de 1646 foy provido no posto de capitão de infantaria do terço, que ElRey D. João IV mandou levantar nas ilhas pelo mestre de campo Francisco de Figueiroa. Da dita patente consta que servio logo no principio da guerra de Pernambuco seis annos, achando-se em muytas occaziões de peleja, nas quaes procedeo com valor, ate ser rendido no forte do Porto Calvo, de donde o levarão os olandezes as Indias de Castella e vindo ao reyno de Portugal foy provido no posto de alferes com o qual foy servir a Flandes, onde servio sinco annos effectivos. Depois da felice aclamação delRey D. João IV se recolheo ao reino com grande risco de sua vida, redusindo alguns portuguezes para que o seguissem, e condusindo-os a sua custa de Flandes ate a corte de Haya, de onde forão enviados a Portugal pelo embaxador,

que aly estava. Chegado ao reyno foy servir as fronteyras de Elvas, achando-se no sitio que lhe pos o Marques de Tarracusa; e sendo ornado de partes dignas de seu illustre nascimento pelas quaes merecendo occupar os lugares que tiverão seus mayores, não exercitou outro mais que o de capitão de infantaria do dito terço, e de hum do Alentejo, de onde passou com o mesmo posto para sua patria e nelle morreo.

41. Felippe Bandeira de Mello, nasceo em a cidade de Olinda de illustres progenitores, quaes forão Antonio Bandeira de Mello fidalgo da caza real, e natural da mesma cidade, e de D. Jeronima de Mesquita, tambem de Olinda. Neto por parte paterna de Felippe Bandeira, e de sua mulher D. Maria Maciel, e pela materna de Matheus de Freytas de Azevedo, fidalgo da caza real, e o primeyro alcayde mor que teve Olinda, e de sua mulher D. Maria de Heredeyra. Esta D. Maria de Heredeyra foy filha de Christovão Queixada, cavalheiro castelhano, que cazou com Clara Fernandes de Lucena, filha de Vasco Fernandes de Lucena, fidalgo da caza real, a quem se deveo muito na conquista de Pernambuco, e de quem procedem os Queixadas na Parayba.

Chegando a idade adulta, chegou a aborrecer o ocio, e a aspirar a gloria immortal, que se alcança pelas armas para cujo nobre intento concorreo seu pay mandando-o para Portugal, que no tempo da restauração era famoso theatro de Marte, onde ja como soldado, ja como capitão executou singulares proezas. Estas lhe merecerão o governo da capitania do Porto Seguro, e da Praça de Almeyda, como consta da sua patente que se acha registada na vedoria geral desta provincia.

42. Gregorio Cadena Bandeira de Mello, nasceo em Olinda, filho de Pedro Cadena Villasanti, moço fidalgo da caza real, e escrivão da fazenda da capitania da Parayba pelos annos de 1619, e de D. Brites Bandeira de Mello. Illustrado com o esplendor do seu nascimento, e valor, se fez acredor de honorificos postos, vindo a fallecer com o de mestre de campo nas guerras de Catalunha, e do Brazão, que se lhe passou no anno de 1633 sendo capitão, delle consta ter alianças com a primeira nobreza do nosso reyno.

43. Nicolao Aranha Pacheco natural de Olinda, foy filho de Francisco Aranha Barboza, primeiro marido de D. Brites de Barros Rego. Neto por via paterna de Gaspar Aranha, e de D. Ignes de Oliveyra; e pela materna de Luis do Rego Barreto, e de sua mulher Ignes de Goes, filha do primeiro Arnao de Olanda, e de Brites Mendez a velha. A sua patente de mestre de campo foy passada por ElRey D. João IV, a 22 de abril de 1648, della consta, que servio nas guerras da patria com extremado valor desde o anno de 1631 ate o de 1645,

em praça de soldado, alferes e capitão, achando-se na maior parte das occaziões, que se offerecerão com os olandezes.

Sendo mandado ao reyno a certos requerimentos por Andre Vidal de Negreyros, veyo provido em sargento mor da Bahia, e feito mestre de campo, veyo a conclusão da restauração da patria, e depois della se retirou para a Bahia a exercer dito posto, em que falleceo.

44. Christovão de Barros Rego, natural de Olinda, foy filho de Francisco de Barros, e de sua segunda mulher Maria Barroza, filha de João Fernandes Pessoa, e de sua mulher Maria Gonçalves Rapozo.

Com creditos de valeroso, e politico servio nas guerras da patria, e forão remunerados os seus serviços com o governo de S. Thome, e outras merces. Restituido a Pernambuco fundou os morgados do Cayarâ, e Conceição, que hoje logrão seus descendentes.

45. Duarte Gomes da Sylveira, instituidor do morgado da Parayba, nasceo na cidade de Olinda, filho de Pedro Alves da Sylveira, e de Maria Gomes Bezerra. Deveo-selhe muito na conquista da Parayba, e capitanias do sul.

Forão remunerados seus grandes serviços com a merce do titulo de Marques da Cupaoba, com a condição de fundar hũa villa no dito lugar, o que não chegou a ter effeito pela entrada dos olandezes em Pernambuco, feliz acclamação del Rey D. João o 4°, e sua morte o que tudo fez infrutuosa a merce, que era dos Felippes de Castella.

46. Agostinho Barbalho Bezerra, nasceo na caza do Monteiro, filho de Luis Barbalho Bezerra, governador da Bahia, e Rio de Janeiro, foy este fidalgo herdeiro das virtudes de tão illustre pay. Creados os brios na memoria, o valor no exemplo de seos claros ascendentes, fēz tão clara a fama do seu nome, que chegando os seos eccos aos ouvidos del Rey, o remunerou com varios premios, sendo o ultimo, que logrou o de governador, e capitão general do Rio de Janeiro.

47. João Soares de Albuquerque, natural de Olinda, fidalgo da caza real, foy filho de Fernando Soares da Cunha, e de D. Catharina de Albuquerque, filha de Gonçallo Mendes Leitão, irmão de D. Pedro Leitão, Bispo do Brazil e de sua mulher D. Brites de Albuquerque, filha de Jeronimo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatario de Pernãbuco, e de D. Maria do Espirito Santo, Arco Verde. Seguio as armas com bom nome em Portugal, e occupou honorificos postos.

48. Affonço de Albuquerque, natural de Olinda, fidalgo da caza real, alcayde mor de Olinda, filho de Jeronimo de Albuquerque, e de sua mulher D. Felippa de Mello, filha de D. Christovão de Mello, e de D. Joanna da Sylva; mereceo pelas armas ser nove annos governador do Rio de Janeiro, e se mostrão documentos, por onde consta que El Rey de Espanha, que então era tambem de Portugal o fizera cavalleiro do tuzão.

49. Jeronimo de Albuquerque, natural de Olinda, e alcayde mor da mesma cidade, foi filho do sobredito Affonço de Albuquerque, e de sua mulher D. Izabel Tavares, teve a merce de governador do Rio de Janeiro, e não occupou este lugar por falecer a tempo, que dispunha a sua viagem para aquella cidade.

50. Jeronimo de Albuquerque, natural de Olinda, filho de Jeronimo de Albuquerque, governador de Pernambuco, e de D. Maria do Espirito Santo, foy heroe de incomparavel valor. Duas vezes restaurou o Maranhão do poder dos francezes. El Rey Felippe lhe concedeo por timbre das suas proezas o apelido de Maranhão. Foy governador e capitão general deste estado, e obteve outras muitas merces por premio de seus grandes merecimentos.

51. Affonço de Albuquerque, natural, e alcayde mor da cidade de Olinda, foy filho do dito Jeronimo de Albuquerque, estando pelos seos merecimentos despachado com hũa commenda na ordem de Christo, e no posto de mestre de campo para esta capitania de Pernãbuco faleceo em Lisboa.

52. Antonio de Albuquerque Maranhão, natural de Olinda, foy filho do dito Jeronimo de Albuquerque. Herdou de seus claros progenitores com o sangue heroycas acçoens, foy commendador do Ervedal, e das commendas da Ilha do Porto Santo, e senhor da ilha grande, governador da Parayba, e capitão general do Maranhão. Cazou com D. Joanna Luiza de Castello branco, filha de D. Duarte de Castello branco, Conde de Sabugal, meyrinho mor do reyno. Seu irmão Mathias de Albuquerque imitando as mesmas illustres obras, foy governador da Parayba, e commendador de S. Vicente de Figueira.

53. Antonio de Almeida de Albuquerque Coelho de Carvalho, comendador de S. Martinho, e de S. Martinho das Moutas na ordem de Christo, e donatario das capitanias do Camutá, e Tapitapira no Estado do Maranhão; nasceo na cidade de Olinda, sendo seus pays Francisco Coelho de Carvalho, que foy commendador de Cea, governador da Parayba, e S. Thome, o qual cazou com D. Maria Monteyro, filha de Antonio Salvado de Almeida, e de D. Brites de Albuquerque, filha de Antonio Cavalcante de Albuquerque, as suas preclaras acçoens o constituirão hum dos mayores homens do seu secculo. Voou pelos lugares, e postos honorificos com as azas do seu grande merecimento athe chegar ao de governador, e capitão general do Maranhão. Cazou com sua prima com irmãa D. Ignes Maria Coelho, filha de seu tio Antonio Coelho de Carvalho, fidalgo da caza de Sua Magestade, e do seu concelho, dezembargador do paço, embaixador em França, e deputado ordinario do Santo Officio, o qual foy segundo marido de D. Brites de Barros, que foy filha de Arnaldo de Olanda, o qual era

filho de Henrique de Olanda, Barão de Rhenoburg, e de sua mulher Margarida Florença irmãa do Papa Adriano VI, que veyo a Pernambuco com Duarte Coelho Pereyra primeiro donatario, e cazou com Brites Mendes de Vasconcellos a Velha, que tambem veyo em companhia de D. Brites de Albuquerque, era natural de Lisboa, filha de Bertholameu Rodrigues camareiro mor do infante D. Luiz, e de sua mulher Joanna de Goes. Deste matrimonio nasceo Antonio de Albuquerque Coelho, alcayde mor da villa de Sines, commendador de S. Ildefonso na ordem de Aviz, senhor do couto de Outil por merce delRey D. Pedro II junto a villa de Tentugal, com o padroado da igreja de S. Maria Magdalena, Priorado, que rendia então quinhentos mil reis, aonde confirmava as justiças, e pautas do mesmo concelho.

Foy sargento mor de batalha, governador da Beyra Baxa, e da praça de Olivença. Foy capitão mor do Pará, e depois governador, e capitão general do estado doze annos, de que o fizerão acredor seus merecimentos, e que administrou com satisfação da pessoa sem degenerar de seos claros progenitores, de que tinha herdado no sangue os appellidos, as virtudes no nascimento, achando nelles para as acçoens heroicas estimulo, para as de piedade exemplo. Acompanhados de illustres acçoens, forão os progressos da sua vida nos governos do Maranhão, Rio de Janeiro, Minas, e Angola, onde em beneficio da patria veyo acabar gasto ainda mais dos trabalhos, que dos annos, faltando-lhe para gozar dos premios a vida, que lhe sobrou para os merecimentos, que chegou adquerir nos lugares, onde mostrou a esperiencia seu valor emulo do talento pela inteireza com que na paz soube observar o marcial sem na guerra estragar o politico.

53 (*). Antonio de Albuquerque Maranhão, nasceo na illustre caza do Cunhahu, na capitania do Rio grande, filho primogenito de Mathias de Albuquerque Maranhão, foy governador da Parayba, e cazou nobilissimamente em Lisboa, onde teve so hũa filha, que cazou na Caza dos Bicos.

54. Luis de Albuquerque natural de Olinda, filho de Francisco de Moura, e de D. Maria de Albuquerque, neto por parte paterna de Alexandre de Moura, que antes dos olandezes foy governador de Pernambuco, servio em Portugal com insigne valor, occupando honorificos postos, morreo afogado na costa de França na armada de que era general D. Manoel de Menezes.

55. Alexandre de Moura e Albuquerque, irmão do sobredito, e ambos fidalgos da caza real em 1615, sendo governador geral Gaspar de Souza, por sua ordem foy ao Maranhão, expulsar daquelle estado

(*) *Numero repetido.*

os francezes, que o debelevão, e o conquistou do seu poder; de Pernambuco passou a servir em Portugal, e o fez com tantos creditos, e reputação de valeroso, e politico, que foy mestre de campo em Atentejo, governador de Portalegre, e ultimamente da Ilha da Madeyra.

56. Nuno de Mello, natural de Olinda, era filho de Diogo Martins Pessoa, segundo marido de D. Felippa de Mello, filha de Jeronimo de Albuquerque, e de D. Felippa de Mello: foy capitão de hum galeão da armada do Conde da Torre, o qual derrotado foy parar as Indias de Hespanha, por grande fortuna sua, porque la foy general da frota de Indias, e morreo com o titulo de marquez. Cazou em Espanha, nobilissimamente, e não temos noticia se deixou successão.

57. D. Francisco de Souza de que ja se fez illustre memoria, foy capitão de cavallos na guerra da acclamação, e governador de Alconchel.

58. Alvaro Fragoso de Albuquerque nasceo na cidade de Olinda, foy filho de Alvaro Fragoso, governador da Mina, e de D. Joanna de Albuquerque, filha de Jeronimo de Albuquerque, servio na patria com o posto de capitão na guerra dos olandezes mostrando em todas as occazioens o valor herdado de seus maiores. Por muitas vezes destroçou grandes troços de inimigos. Com lastima e indignação ouvio o horrivel estrago que o olandez fizera no Rio grande, e convertendo a tristeza em ira, deo sobre elles, e os fez retirar com muita perda. Passou a Cunhahu, a expedir do seu porto para o de Tamandaré alguãs pequenas embarcaçoes. Tanto que chegou, chegarão tambem quinhentos olandezes sobre aquella barra, donde havia com quatro pessas de ferro hum tão debil, como mal obrado reduto, que fizerão os moradores, dos quaes intrarão quinze a guarnecello, em companhia de oito soldados, e do capitão.

Assaltado no quarto da alva o reduto, se retirarão os contrarios rechaxados dos nossos, deixando alem dos feridos trinta e sete degolados. Tanto que a aurora veyo dando cor ao mundo, virão ao que chamamos reduto, ser hũa couza limitadissima, mais ridicula que defensavel; e envestindo segunda vez acharão a mesma resolução em Alvaro Fragozo, ate que com elle ferirão sinco, e matarão outros tantos, pelo que vendose os mais perdidos, se lançarão oito ao rio para se salvarem nadando. O capitão, que so ficara asestido de seis, como entre o ardor de matar, não se lembrava de morrer, ainda tirando lhe a dous a vida pelejou tão intrepidamente, que com a primeira ferida, recebeo muitas, e cahio sem acordo. Entrando depois o inimigo, passou os quatro a espada, e poz fogo a alguns barcos, hum pataxo, e duas caravellas, em que tinha chegado Balthezar da Rocha Pitta, com sessenta homens de soccorro. Mas reconhecendo o capitão Alvaro

Fragozo de Albuquerque o levantou nos braços, e remeteo ao Reciffe, onde foy bem asestido na cura, e no regallo. Remetido para Olanda se passou a Portugal, servio na guerra da acclamação com o posto de commissario geral da cavallaria. Cazou em Lisboa com D. Ignes de Menezes, filha de D. Nuno Alvarez Pereira, que foy o quarto filho na ordem do nascimento de D. Manoel Pereira, herdeiro da caza, e titulo da feira, general do norte, e de Malavar, e de Ceilão, e do Mar do Sul, e governador de Moçambique na India ; e de D. Sebastiana de Menezes, a quem tinha dado palavra de cazamento, sua prima segunda, filha de Bernardo de Carvalho, que foi captivo na batalha de Alcacer, e de D. Ignes de Menezes sua mulher, filha de D. Manoel de Menezes, sexto senhor de Catanhede.

59. Pedro de Albuquerque nasceo na villa de Serinhem filho de Affonço de Albuquerque, e de D. Maria da Rocha e Vasconcellos. Servio na patria na guerra dos Olandezes, e para defensa do Rio Fermoso onde erão saqueadas, e queimadas as nossas embarcaçoens, levantou hum fortim, que servia pelo fraco da obra antes de atalaya, que defensa ao abrigo dos navegantes, e a conveniencia dos moradores. Do que tendo noticia Domingos Fernandes Calabar, mulato rebelado, solicitando os inimigos veyo sobre elle com oito náos, e quinze lanchas. Divididos em dous escoadroens de trezentos soldados cada hum assaltarão o fortim. O capitão Pedro de Albuquerque, vendo impossivel o soccorro, e a desgraça sem remedio, elegeo o de não faltar a resistencia, emquanto lhe durasse a vida. E como o desprezo da propria he dominar sobre a dos contrarios, com esforço, de que os mesmos inimigos confessarão a singularidade em louvor da virtude, os rechaçarão quatro vezes, perdendo oitenta homens.

Ate que ultimamente ganhado o fortim, virão jazer dezanove mortos, e o que faltava para vinte /numero de que constava toda guarnição/ salvarse a nado com tres feridas, achando so mais agonisante, do que vivo, passado pelos peitos de hum mosquetaço, o capitão Pedro de Albuquerque. Tratarão delle com particular cuidado, e deitando-o depois nas Indias se embarcou para Espanha, onde o fez ElRey governador do Maranhão.

60. João Paes Barreto natural do Cabo de S. Agostinho cavalleiro na Ordem de Christo, filho de João Paes Barreto, e de D. Ignes Gualdres, e herdeiro do morgado do Cabo; que instituhio seu pay João Paes Barreto senhor de dez engenhos, foy cazado com D. Anna de Coutto, filha de Andre de Coutto pessoas das principaes desta provincia, servio na patria na guerra do olandes, occupou varios postos honorificos, e sendo mandado com Manoel Dias de Andrade thenente de mestre de campo general a Hespanha pelo conde de Banholo,

solicitar soccorros o nomiou ElRey Felippe II commissario geral da cavallaria, e em quanto não voltou para a patria foy servir a Flandes, onde assestio dous annos, e nas occazioens, que se offerecerão deo grandes mostras de seu valor, e esforço.

61. Manoel de Mello de Castro, natural de Olinda, foy filho illegitimo de Caetano de Mello e Castro, governador que foy de Pernambuco, e Vice-Rey da India; e de Clara Bermudes, filha de pays incognitos. Por ordem de seu pay se embarcou para Lisbôa, e aspirando o seu grande espirito a emprezas dignas do seu nascimento se embarcou para as conseguir na militar palestra da India. Servio naquelle estado com tanto credito, que foy nomiado capitão mor de huma armada do norte, e se a morte o não arrebatara na flor da idade, serião os empregos muito conformes a seus grandes merecimentos.

62. Caetano de Mello de Albuquerque nasceo na cidade do Natal capital do Rio grande, sendo filho de Manoel de Mello de Albuquerque, natural de Olinda, filho illegitimo de João Velho Barreto; e de D. Eugenia Rodrigues de Sá, filha natural do doutor Simão Rodrigues de Sá, que depois de a ter se ordenou de presbitero, e foy arcediago da Sé de Olinda, e morreo sendo Vigario collado do Rio grande. Servio nesta capitania sendo capitão, sargento mor, e coronel das ordenanças, e passando a Lisboa foy eleito capitão mor, e governador da ilha do Fogo, onde morreo.

63. Servirá de Coroa ao illustre catalogo dos pernambucanos, que fora da patria occuparão postos de mayor graduação, o famoso heroe Andre Vidal de Negreiros, de quem ja fizemos distinta memoria, quando tratamos dos governadores, e capitaens generaes de Pernambuco. Foy governador, e capitão general do reyno de Angola, e do estado do Maranhão. As suas acçoens e insignes proezas louvão Fr. Rafael de Jesus no Castrioto Lusitano; Fr. Salvador Calado, no valeroso Lucideno; o general Francisco de Brito Freire nas guerras do Brazil; o Conde da Ericeyra, no Portugal Restaurado; o coronel Sebastião da Rocha Pitta, na America portugueza, e o Principe dos Oradores Padre Antonio Vieyra em hua carta escrita do Maranhão em anno de 1655 ao serenissimo rey D. João IV. que anda impressa no primeiro Tom. das suas cartas a pag. 91, em que lhe faz o seguinte elogio.

64. De Andre Vidal de Negreiros direy a V. Magestade o que me não atrevi ate agora, por me não apressar, e porque tenho conhecido tantos homens, sey que ha mister muito tempo para se conhecer hum homem. Tem V. Magestade muy poucos no seu reyno, que sejão como Andre Vidal, eu o conhecia pouco mais que de vista, e fama. He tanto para tudo o demais, como para soldado: muito christão,

muito executivo, muito amigo da justiça, e da razão, muito zelozo do serviço de V. Magestade, e o observador das suas reaes ordens, e sobre tudo muito desinteressado, e que entende muy bem todas as materias, posto que não falle em verso, que he a falta, que lhe achava certo ministro grande da corte de V. Magestade. Pelo que tem ajudado a estas christandades lhe tenho obrigação, mas pelo que toca ao serviço de V. Magestade /de que nem ainda cá me posso esquecer/ digo a V. Magestade que està Andre Vidal perdido no Maranhão, e que não estivera a India perdida se V. Magestade lha entregara, digo isto porque o digo neste papel, que não hade passar das mãos de V. Magestade, e assim o espero do conhecimento, que V. Magestade tem da verdade, e desinteresse com que sempre falley a V. Magestade, e do real, e catholico zelo, com que V. Magestade dezeja que em todos os reynos de V. Magestade se faça justiça, e se adiante a fé etc. ate aqui o elogio, que lhe faz o grande Padre Antonio Vieyra, e bem poderamos fazer hum perfeito paralello deste heroe insigne com os mais famosos capitaens do mundo, pois não tiverão nas suas acçoens menos semelhança, que Romulo, e Theseo, Marcello, e Pelopidas; Annibal, e Scipião, Lizando, e Sylla, Humenes, e Sertorio, Angicilao, e Pompeo, e outros heroes que os antigos compararão, se não entenderamos que Andre Vidal de Negreiros so consigo mesmo se compara bem.

65. Não damos aqui a ler as acçoens illustres, com que innumeraveis pernambucanos animados de bellicosos impulsos declararão perpectua guerra aos hereges olandezes, que occupavão estas provincias, coroando-se de diversos louros em diversos combates, perdendo as vidas, e fazendas com morte, e perda gloriosa, que lhes immortalizou os nomes na posteridade da fama, e que levados de generoso impulso acabarão as vidas, pelejando valerosamente nesta guerra, como acabarão treze irmãos de ambos os pays chamados Baptistas, de que o mais velho era capitão. Sinco irmãos filhos de Cosme Vianna. Outros sinco irmãos filhos do capitão Francisco Monteiro Bezerra ; outros sinco, primos destes, largando a caza de sua may D. Maria Barboza, veuva de Francisco de Barros Rego, outros sinco mandados pelos mesmos pays Gonçallo Velho, e D. Maria de Souza. Outros sinco de que era o maior o capitão Gregorio Lopes de Abreu, sinco mais de que o capitão Matheus Gomes de Lemos era mais velho ; como o era de mais sinco o capitão João de Amorim. Deixamos de relatar o valor raro, com que buscados os perigos em todas as quatro partes do mundo debelados em repetidos conflictos os inimigos da patria acreditarão nossas armas ; o singular esforço com que pelo interesse da honra passarão varias vezes ao reyno de Angola, onde a custa do proprio, e alheo sangue destroçado o poder dos contrarios, sustentarão em seus braços

aquella grande porção do Imperio Portuguez. Nem referimos o que emprenderão atravessando dilatados certões habitados de infinitos barbaros passando vastas regioens, e climas diferentes, fazendo a ElRey de Portugal tributarias mais naçoens do que levavão soldados, e finalmente callamos o que souberão muitos adquerir valentes, merecer faceis em arriscar pela patria a vida, a pessoa, a fazenda pela opinião, porque ainda que nos incita o amor do sangue e da patria de dar a ler as proezas illustres dos que ficarão famosos mais na tradição que nos escritos, mais nos merecimentos, que nos premios; não parece possivel reduzir successos tão grandes a summa tão breve, ainda que quizeramos representallos nella, como em mapa. Basta lhes para honra a fama, de que se fizerão benemeritos, ainda que com menos fortuna a não alcancassem nos premios, nem nos escritos. Contentem-se com que como a Scipião os chore ou os cante com saudades a posteridade sem epitafios nas sepulturas, ou estatuas nos capitolios, que as inscripçoens, que fazem mais celebres os heroes, não são os rotulos soberbos, que subtilmente abre o buril da vaidade no pé de suas imagens, senão os letreiros humildes sem caracteres que na falta de copias dem a conhecer o original, porque debuxa o delicado pincel da tradição no templo da memoria, sem o perigo de gastar-se na idade a tinta, ou no tempo consumir a letra.

CAPITULO 6º

PESSOAS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE OCCUPARÃO NA PATRIA DEPOIS DA RESTAURAÇÃO POSTOS DE MAYOR GRADUAÇÃO

66. Andre Vidal de Negreiros foy duas vezes governador de Pernambuco, como temos escrito no catalogo dos governadores. Lugar que tambem occupou D. Francisco de Souza.

67. Alvaro de Azevedo nasceo na cidade de Olinda, foy filho de Salvador de Azevedo, capitão de ordenança que acompanhado de vinte e dous valerosos moços, vendo irremediavel a perda da patria para acabar com honrra buscou o ultimo alivio a ultima desgraça acometendo cara a cara ao poder de Olanda, que sem resistencia entrava por Olinda; e não fora vencido se a virtude se não vira opprimida da multidão, que a custa de muitos officiaes, e soldados franqueou a marcha, com a sua morte,e de seos companheiros. Emulando Alvaro de Azevedo o valor de seu inclyto pay,servio na guerra da restauração com insigne valor, e constancia. Sendo alferes da companhia de que era capitão Antonio Jacome Bezerra pelejou em Serinhem com esforço tão destemido, que bem mostrou ter

herdado com o sangue o valor de seos mayores. A medida das occazioens sobia de credito o seu nome, e erão tantas as occasioens, que se não podem reduzir a numero. Depois de restauradas estas praças, foy eleito pelo governador e mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes em 4 de mayo de 1654 para capitão mor do Seará; subio depois a thenente de Mestre de Campo General, e ultimamente a Mestre de Campo; dezempenhando em todos lugares e tempos o alto conceito, que se tinha formado do seu grande talento.

68. João Soares de Albuquerque, de quem já fizemos menção servio na patria na guerra da restauração, sahio do seu engenho acompanhado de seu irmão João Leytão, e de vinte homens da sua caza, mandando a todos os moradores, que pegassem nas armas, e o seguissem, o que todos fizerão, e unidos em hum corpo tomarão a derrota de Gorjahú, recolhendo de caminho os moradores da freguezia do Cabo. A poucas jornadas encontrarão com o capitão mor Amador de Araujo, que com a gente de Ipojuca seguia o mesmo destino; e feitos todos em hum corpo, chegarão ao alojamento do Covas, onde forão recebidos do governador João Fernandes Vieyra, e dos mais cabos com aquella alegria que a todos deu soccorro, que se fazia estimar pela calidade, e pelo numero. Com estremado valor se achou nas occazioens de mayor empenho ate a restauração da patria. Passou a Portugal, e servio no Alentejo, de donde voltou para a patria com o posto de mestre de campo do terço da guarnição da cidade de Olinda. Limitado premio a seus grandes merecimentos.

69. Antonio de Albuquerque Maranhão, fidalgo da caza real, cavalleiro e commendador na ordem de Christo, foy filho de Mathias de Albuquerque Maranhão, governador da Parayba. Estimulado do genio militar, que herdou de seus mayores sentou praça de soldado, e pelo progresso do tempo sahio tão disciplinado, que foi terror dos inimigos do estado. Discorreo pela mayor parte das nossas conquistas, domando com a violencia das armas alguns gentios rebelados. Occupou varios postos, sendo o ultimo o de mestre de campo do terço da guarnição de Olinda.

70. Zenobio Achioli de Vasconcellos, fidalgo da caza real alcayde mor da cidade de Olinda, e commendador de S. Miguel de Ribeira-Dio, nasceo na illustre caza de Tubatinga, na freguezia de Ipojuca, onde teve por pays, Gaspar Achioli de Vasconcellos, filho de Simão Achioli, filho segundo dos Marquezes de Achioli em Italia, de quem falla Villas boas na sua Nobiliarchia, fol. 230; e de sua mulher D. Anna Cavalcante de Mello, filha do coronel João Gomes de Mello, fidalgo da caza real, cavalleiro na ordem de Christo, e de D. Maria de Albuquerque Cavalcante. Servio na patria, e justamente logrou na

extimação de todos a opinião de valeroso. Sendo capitão mor de Tijucupapo, com trinta soldados assaltou os olandezes, que em grande numero, e aparato militar arribarão aquelle porto, e não deixou aos contrarios mais acordo, que o de fugirem para as suas nãos, e nellas para a Ilha de Tamaraca, levando vinte feridos, e deixando no campo trinta mortos, e muitos petrechos.

Segunda vez, com mayor poder intentarão a interpreza, ao rebate, que derão as sintinellas acodio com a gente, que a pressa lhe deixou juntar, e investindo o inimigo, assombrado do seu destroço se poz em vergonhosa fugida. Conservou o seu destrito livre dos estragos, que outros exprimentarão, e não largou as armas em quanto ouverão inimigos que vencer. Livre Pernambuco dos Olandezes, vio-se oprimido pélos negros dos Palmares, a castigar estes fez duas entradas, talandolhe a campanha, e inquietando-os por todas as partes, não lhes deixando lugar de aproveitar-se das cautellas cõ que se melhoravão de partido, descuidandonos da defença, com propostas de ajustes. Marchou em demanda de hum grande Mocambo do qual sahião grossas, e furtivas tropas, que causavão nos moradores grandes estragos, e como esperava seu natural ardor, não tardou em por-se a vista daquelle arrayal. Chegado a hum sitio, que se lhe representou proporcionado a occultar-se aos olhos do inimigo, esperou que se juntassem e vendo-os recolhidos a sua fortificação, os assaltou, e se fez senhor da preza, sem resistencia, que lhe fizesse a facção custosa. Mas como pela vezinhança de outros Mocambos fosse sentido, tiverão lugar de acodirem com mayor poder aquella parte, e se faltou para retirar-se tempo, não lhe faltou acordo, e valor para esperar o inimigo, que investio com tanto vigor, que rotos os primeiros, e destroçados os segundos, se poz em precipitada fugida, não sem perda dos melhores, que sentindo menos a perda da vida, que da liberdade, comprarão esta com a morte. Das acçoens famosas com que soube no posto de mestre de campo da guarnição da cidade de Olinda acreditar os acertos da eleição, so diremos, que não trabalhou menos com o cuidado no descanço, do que com os braços nos conflictos.

71. João de Freytas da Cunha, nasceo no lugar de Beberibe, meia legoa distante da cidade de Olinda para o poente, forão seus pays Francisco Barbosa, e sua mulher Maria de Almeida, ambos de conhecida nobreza. Servio na patria, e foy sempre entre os cabos, e soldados celebrado seu esforço, por ser o primeiro em buscar os perigos, e o ultimo em se retirar delles, forão seus serviços remunerados com o posto de mestre de campo do terço da guarnição do Reciffe.

72. Por sua morte foy mestre de campo do mesmo terço D. Frãcisco de Souza, natural do Reciffe, filho do mestre de campo D. João

de Souza, de quem fizemos illustre menção na serie dos governadores de Pernambuco.

73. João da Motta, cavalleiro na ordem de Christo, mestre de campo do terço da guarnição do Reciffe, nasceo na villa das Alagoas onde teve por pays Pedro da Motta, e sua mulher Francisca Correa. Despedido do lugar em que tinha nascido, passou a servir no Reciffe, onde de seu valor será a fama chronista melhor que os escritos. Não individuamos com especial memoria suas acçoens famosas, que com algũa desculpa na diffusão aqui deramos a ler com menos escassa penna, a não ser relação estranha ao estillo que seguimos; so não callaremos o que obrou em defença desta praça. Governando por morte do mestre de campo, e auzencia do sargento mor o terço da sua guarnição, obrou gentilezas quando em 1711 padeceo rigoroso cerco, posto pelos amotinados contra o governador Sebastião de Castro Caldas. Arribando com hum exercito de mais de trinta mil homens os sublevados sobre o Reciffe, sem o abalar tão inesperado accidẽte com officiaes, soldados, e moradores promptos a resistencia, correo a mostrar-se aos contrarios substituindo com os corpos o lugar das pedras, com os braços a falta de muralhas. Receoso que por ser praça aberta não pudesse sustentar o sitio por muitos dias, procurou com presteza igual a necessidade acodir aonde o chamava o perigo. A hum mesmo tempo com as armas em hũa mão, e as enxadas em outra se deo principio a cavar a terra, abrir fossos, meter estacadas, fazer parapeitos, formar contra escarpas, acarretar pedras, conduzir madeiras, levantar fortes, terraplenar baluartes, acodir aos rebates, e defender o lugar; o que se obrou tudo com tão incrivel presteza, que igualou a deligencia a resolução, excedeo a necessidade. Neste emprego tão molesto se deleitava João da Motta, sendo o primeiro, que com exemplo, mais que com as palavras incitava aos outros; ultimo que sem o cansar o trabalho, se retirava da obra asestindo tão continuo, sem pouparse aquelle importuno exercicio, como quem despresava o sucego, sem que o ocio se atrevesse a parecer vicio na pessoa; ou descanso, que pudesse interpretar-se descuido na obrigação do cargo. Compondo-se a guarnição da praça de soldados bisonhos, outros auxiliares, e alguns milicianos que nem pelo nome conhecião a Belona, nem pelas armas a Palas, por ser aquella a primeira vez, que virão o semblante a guerra, tirados ou das escollas, ou dos officios, ou das tendas para cingirem a espada, a sombra das bandeiras deste Marte, se mostravão tão destemidos, que nem as mortes lhe causavão horror, nem o sangue desmayo. Lucrada a conservação da praça, mal sofrido na opreção, que padecia cercado, mostrou ter valor, e gente sobeja para a defender, com resolução superior a com que os sublevados

intentavão dominalla. Não só os esperou constante, mas investio valente, conseguindo por algũas vezes tirallos fora das suas trincheiras; tirando da sua resolução mostrarlhes que não temia assaltos em suas fortificaçoens, quem a peito descuberto os buscava em seus alojamentos. Encarecido o esforço devemos louvar a disciplina, com que conservou esta grande praça, até que chegado o governador, e capitão general Feliz Jozé Machado se levantou o cerco, e derão fim as diferenças, e contendas. Os seos grandes serviços o fizerão acredor tão benemerito, que sem precederem pretençoens, ou deligencias ao despacho se achou acrescentado com o posto de mestre de campo e habito de Christo.

74. D. João de Souza nasceo na illustre, e antiga caza de Juçaca, situada no Cabo de S. Agostinho seis legoas distante do Reciffe para o sul. Foy filho de D. Luis de Souza quinto filho de D. Francisco de Souza, alcayde mor de Beja; neto de D. Pedro de Souza, segundo Conde do Prado; e de sua segunda mulher D. Violante Henriques, que depois de frequentar a universidade de Coimbra deixou a estudiosa aplicação para seguir a seu pay, que passava ao Brazil para governador, e capitão general das provincias do sul, habilitando-se nesta jornada para lhe succeder no mesmo posto de governador em virtude da faculdade real, que a seo pay fora concedida de poder nomiar o dito governo, o que fez em dito seu filho D. Luis de Souza em 11 de junho de 1611, e de sua mulher D. Catharina Barreto filha de João Paes Barreto senhor de dez engenhos, e de sua mulher D. Ignes Gueldres pessoas principaes desta capitania. Formado pela natureza para heroe começou desde adolescencia a dar claros argumentos de generosos brios. Anelando o seu marcial espirito copiar na sua pessoa a imagem de hum perfeito capitão, se dedicou com incançavel disvelo a aprender as regras da disciplina militar, em que sahio tão consumadamente perito, que ninguem ouve que lhe disputasse a primazia. Para não estar ocioso este valor que lhe animava o peito se offereceo occasião de o exercitar em beneficio da patria, em o mayor theatro das façanhas portuguezas, qual foy a guerra de Pernambuco; mas sendolhe preciso acompanhar a sua may já veuva e a seos irmãos, que se retiravão para a Bahia, para assim se livrarem das crueldades do olandes, se embarcou para Portugal, e logo que chegou a Lisboa passou a servir nas fronteiras do Alentejo, onde por espaço de alguns annos fez taes proezas, que deixou gloriosas memorias do seu valor. Insignes forão os argumentos da sua militar disciplina na batalha de Montijo, no qual sendo capitão comprou com o proprio sangue a liberdade do reyno tyranisado pela ambição castelhana.

Com o mesmo posto de capitão, e com as commendas de S. Euricio,

e de S. Fins, por merce del Rey D. João IV voltou para a patria depois da sua restauração, e feito mestre de campo do terço, que fora de Andre Vidal de Negreyros, mostrou em varias occazioens, que a prudencia do juizo competia com a heroicidade do coração. Foy casado com D. Ignes Barreto de Albuquerque sua prima com irmãa, filha de Felippe Paes Barreto, morgado da Conceição do Cabo, e de sua mulher D. Brites de Albuquerque.

75. Affirma o douto autor da Historia Genealogica da Caza Real Portugueza no Tom. 13. Cap. 43, que D. João de Souza não fora casado com D. Ignes Barreto, dizendo ibi: Não cazou com D. Ignes sua prima com irmãa, filha de Felippe Paes Barreto, e de D. Brites de Albuquerque, de quem teve natural D. Luis Antonio de Souza, que parece não teve estado. Venero neste insigne escritor candor de animo, e rectidão de coração sobre sua muita discrição, e virtude, mas certamente não pode negar-se, que escrupolisou pouco em introduzir, sem mayor exame em seus escritos noticia tão injuriosa a hũa senhora illustre em todo genero de virtudes; e não menos affrontosa a seus pays, e parentes, que sabemos quanto forão sempre ciosos do seu credito, cuidadosos, e zelosos da sua honrra.

76. Autores distantes do lugar, ou do tempo, que escrevem estão expostos a ser enganados por algum dos muitos canos por onde commumente baixão as noticias, e se immediatamente a invenção de algũa fabula não occorre o desengano, depois não ha remedio, e menos o poderia haver, consideradas as circumstancias de ser publicada esta infamia por hum escritor digno de especial nota, pelo caracter da pessoa, pela deligencia que applicou para escrever, e por outras circunstancias, que lhe facilitarão mais pontuaes noticias; se não tiveramos tanto a vista testemunhos, e instrumentos que servem para convencer de falça esta noticia. Ainda vivem em Pernambuco muitas pessoas, que conhecerão esta senhora, e sabem foy cazada com D. João de Souza, de quem ouve hum unico filho, que falleceo menino. Ella foy a que com seu marido erigirão o hospital de Nossa Senhora do Parayzo no Reciffe, elles os que lhe doarão muitos mil cruzados, que se dispendem em beneficio da pobreza. Estes forão os dous illustres consortes, que dispenderão mais de duzentos mil cruzados na fundação da sua magnifica igreja, hospital, e officinas; obras em que mostrarão a sua devoção, e magnificencia. Elles os que fizerão os estatutos com que se governa esta caza, confirmados por ElRey, como se manifesta do seguinte alvará, que anda encorporado aos ditos estatutos desta caza.

Alvará

77. Eu ElRey faço saber aos que este meu alvará de confirmação virem, que tendo respeito ao que se me representou por parte de

D. Ignes Barreto de Albuquerque moradora na capitania de Pernambuco, veuva do mestre de campo D. João de Souza, que levada ella, e o dito seu marido do zello do serviço de Deos, commovendo-se dos pobres necessitados, e por verem que de entre ambos não havia successão, tendo opulencia de bens, determinarão fundar hum hospital na praça do Reciffe da invocação Nossa Senhora do Parayzo, e S. João de Deos, por aly o não haver para os doentes pobres, acharem nelle jazigo, e remedio a sua aflição, e não morrerem ao dezemparo, erigindo tambem hum templo para no fundamento delle se solidar a duração desta obra tão pia, ao qual vincularão bens de suficientes rendas com as clausulas declaradas nos capitulos da erecção, e instituição, de que o theor he o seguinte.

78. Continuão vinte capitulos, e no fim delles.

Pedindo me a dita D. Ignes Barreto de Albuquerque lhe fizesse graça, e merce mandar confirmar a dita instituição. E tendo a tudo consideração, e ao que respondeo o procurador da minha coroa, a que se deu vista. Hey por bem de confirmar a fundação, e erecção do dito hospital com as condiçoens, e clausulas neste incorporadas com que fizerão o dito D. João de Souza, e sua mulher a dita D. Ignes Barreto de Albuquerque. Pelo que mando ao governador da capitania de Pernambuco, mais ministros, e pessoas a que tocar, cumprão e guardem este alvará na forma referida, e o fação cumprir e guardar inteiramente como nelle se contem sem duvida algúa, o qual valerá como carta, sem embargo da ordenação do livro 2° fol. 4° em contrario, e se passou por duas vias. Não deve novos direitos por ser por esmola esta merce, e eu assim o ordenar, como constou por certidão dos officiaes delles. Manoel Pinheiro da Fonceca o fez em Lisboa aos 19 de agosto de 1689, o secretario Andre Lopes de Lavra, o fez escrever. Registado nos livros da secretaria do conselho ultramarino a fl. 73. v° em Lisbôa 5 de outubro de 1689, e na chanchalaria mor do reyno e corte no 1° dos officios, e merces a fl. 308, Lisboa 20 de setembro de 1689.

CAPITULO 7°

DOS MESTRES DE CAMPO DE AUXILIARES, E CORONEIS DE CAVALLARIA NATURAES DE PERNAMBUCO QUE SERVEM NO TEMPO PREZENTE

79. Do terço de auxiliares da Parayba he mestre de campo Mathias Soares Taveira, natural da mesma provincia, filho de Jozé Soares Taveira, instituidor da capella do Corpo Santo.

80. Do terço de Goyana, Lourenço Gomes Pacheco, natural do Reciffe, filho de Antonio Gomes Pacheco, cavalleiro na ordem de Christo, capitão mor que foi de Tamaraca, filho do coronel Lourenço Gomes Ferraz cavalleiro na ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza de Faria, e de D. Maria Coelho de Reboredo.

81. Do terço de Igarassú, Francisco de Moura Rolim, natural de Ipojuca, fidalgo da caza real, filho segundo de Felippe de Moura Achioli, fidalgo da caza real, commendador de S. Miguel de Ribeira Dio na ordem de Christo, e alcayde mor de Olinda, e de sua mulher D. Margarida Achioli, filha do sargento mor do estado João Baptista Achioli, irmão do mestre de campo Zenobio Achioli de Vasconcellos; e de sua mulher D. Maria de Mello.

82. Do terço do cabo de santo Agostinho, João Marinho Falcão, natural do Cabo de Santo Agostinho, senhor do morgado de S. Bento de Cayarú, filho do capitão Fernando Rodrigues de Castro, filho do capitão mor Estevão Paes Barreto, e neto de João Paes Barreto o velho instituidor dos morgados do engenho velho, e Juriçaca; e de D. Brites Maria da Rocha, filha do capitão mor João Marinho Falcão, e de sua mulher Maria da Rocha, filha de Andre da Rocha Dantas.

83. Do terço de Serinhem, Antonio da Sylva e Mello, natural da dita villa, filho do coronel Christovão da Rocha Vandarley, filho do capitão João Mauricio Vandarley cavalleiro na ordem de Christo, filho do capitão Gaspar Vandarley fidalgo flamengo, e de sua mulher D. Maria de Mello; e de D. Felicianna de Mello, filha do capitão Feliciano de Mello e Sylva, e de sua mulher D. Brites de Barros.

84. Do terço do Ceará Jorge da Costa Gadelho, natural de Igarassu, filho de Jorge da Costa Gadelho, e de sua mulher Maria Teixeira, neto de Manoel da Costa Gadelho, cavalleiro na ordem de Christo, e capitão mor, que foy do Rio grande.

85. Coronel do regimento de cavallaria de Olinda, e Reciffe que he de dragoens, composto de dous batalhoens, cada hum de dez companhias. Sebastião Antonio de Barros Rego, natural do Reciffe, fidalgo da caza real, filho segundo do provedor da fazenda, Francisco do Rego Barros, fidalgo da caza real, e de D. Maria Manoela de Mello, filha do coronel Manoel Gomes de Mello, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Ignes de Goes de Mello.

86. Do regimento da cavallaria das Alagoas he coronel Matheus Casado Lima, natural do mesmo lugar, filho do capitão Francisco Cazado Lima, e de sua mulher Mariana de Ar°. Lima, filha do capitão João de Araujo Lima.

87. Do regimento da cavallaria ligeira de Goyana, he coronel Antonio de Albuquerque Mello, filho do capitão mor Pedro de Albuquerque,

filho do capitão mor, e governador actual da provincia do Rio grande, e de sua mulher D. Maria Correa de Paiva.

88. Do regimento de dragoens da Parayba, he coronel João Peixoto de Vasconcellos o moço, filho de João Peixoto de Vasconcellos, capitão mor de Mamangoape, e de D. Joanna Gomes da Sylveira Bezerra, herdeira do morgado do salvador do mundo, bisneto de Duarte Gomes da Sylveyra, instituidor do dito morgado.

CAPITULO 8°

PESSOAS NATURAES DE PERNAMBUCO, QUE NESTE TEMPO SE ACHÃO COM O GOVERNO DE PROVINCIAS, CIDADES, VILLAS, E CAPITANIAS DA PATRIA ; E DOS CORONEIS DA CAVALLARIA DO CERTÃO

89. Luis Coresma Dourado, natural da cidade da Parayba, filho illegitimo de Salvador Coresma Dourado, provedor da fazenda real da dita provincia, filho do provedor Luis Coresma, e de sua mulher D. Maria Dourado, sobrinha do Doutor Feliciano Dourado, concelheiro ultramarino, e inviado as cortes de França, e Olanda; seguio a vida militar, e tendo occupado com satisfação varios postos, foy provido no de capitão da real fortaleza do Brum, que exercitou por muitos annos, de donde passou para capitão mor, e governador da dilatada provincia do Ceará, que está governando com muito acerto.

90. Pedro de Albuquerque e Mello, nasceo no aprasivel lugar do Bibiribe, freguezia da Sé de Olinda, e forão seus pays o capitão João Gomes de Mello e Albuquerque, e sua mulher D. Filippa Nunes de Freytas, filha de João Nunes de Freytas, ambos de qualificada nobreza. Foy muitos annos capitão mor de Goyana, e por servir com satisfação, o premiou ElRey com o posto de capitão mor, e governador da provincia do Rio grande, que está exercitando com geral applauso.

91. Manoel Cavalcante de Albuquerque, nasceo na nobre caza do Apuá, freguezia da Luz, e forão seus pays o coronel João Cavalcante de Albuquerque, e sua mulher D. Izabel da Sylveira, filha do capitão Manoel da Motta da Sylveira, e de sua mulher D. Catharina de Barros, filha de Christovão de Barros Rego, governador, que foy de S. Thome. Os seus merecimentos lhe agenciarão o posto de capitão mor do Taipú.

92. João Peixoto de Vasconcellos, natural da Parayba, filho de Bertholameu Peixoto de Vasconcelhos, e de sua mulher D. Paula Ferras, de nobre prosapia, he capitão mor da capitania de Mamangoape.

93. Francisco de Oliveira Ledo, nasceo no lugar do Cariry, capitania da Parayba, sendo filho do capitão mor Theodosio de Oliveira

Ledo, filho do capitão mor Custodio de Oliveira Ledo, que com valor e dispendio da sua fazenda servirão a patria na conquista dos certoens das Piranhas, pelos seus merecimentos se fez merecedor de ser nomiado capitão mor da capitania do Piancho.

94. Nicolao Mendes de Vasconcellos, natural da Parayba, e filho do capitão Pantalião Lobo Bareto, e de D. Maria de Alcacer, pessoas de conhecida nobreza. Com boa satisfação serve de capitão mor da sua patria.

95. Jozê Camello Pessoa, cavalleiro da ordem de Christo, administrador da capella de N. Senhora das Angustias do collegio da Companhia de Olinda, pay do illustrissimo Monsenhor Pessoa, nasceo na caza da Boa vista em Goyana, e forão seus pays, Nuno Camello, sargento mor da comarca, e sua mulher D. Ignes Pessoa. Está servindo o lugar de capitão mor de Goyana amado, e respeitado dos moradores pela sua inata bondade, e consumada prudencia.

96. Francisco Xavier Carneiro da Cunha, familiar do Santo Officio, natural da Varge, e filho de João Carneiro da Cunha, capitão dos familiares, e priviligiados, filho do coronel Manoel Carneiro da Cunha, e de D. Sebastiana de Carvalho; e de sua mulher D. Antonia da Cunha Sotto Mayor, filha do capitão Gonçalo Novo de Brito, e de D. Cosma da Cunha de Andrade; disciplinado em as artes dignas do seu nascimento, e ornado de grande capacidade para qualquer emprego, foy eleito capitão mor de Igarassu, que está exercendo com boa aceitação.

97. Manoel da Cruz de Mello, natural de Tamaraca, filho do capitão Francisco Monteiro de Sa, e de D. Joanna de Oliveira Maciel, filha de Antonio Bandeira de Mello, descendentes de nobres familias, serve com satisfação o posto de capitão mor da dita villa.

98. Pedro Velho Barreto, fidalgo da caza real, nasceo no Reciffe em 29 de junho de 1708, tendo por illustres progenitores João do Rego Barros, fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, provedor da fazenda, e juiz da alfandega, e sua mulher D. Luzia Pessoa de Mello, filha de Andre de Barros Rego, fidalgo da caza real, e cavalleiro na ordem de Christo, filho de Arnáo de Olanda Barreto, e de D. Adriana de Almeida Vandarley. Depois de ter occupado varios postos honorificos com boa satisfação, por concorrerem na sua pessoa insigne capacidade, e excelente expedição nos negocios, e ordens dos superiores foy nomiado capitão mor da cidade de Olinda.

99. Roque Antunes Correa, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e proprietario do officio de almoxarife da fazenda real, nasceo no Reciffe, onde teve por pays Manoel Antunes Correa, familiar do Santo Officio, e almoxarife da fazenda, lugar que servio

com notavel desinteresse; e sua mulher D. Antonia Maria Correa. Os seus merecimentos o fizerão digno do potso de capitão mor da sua patria.

100. João Salgado de Castro Achioli, nasceo na antiga caza de Sibiró, onde teve por preclaros progenitores, o capitão mor João Salgado de Castro, filho do coronel Paulo de Amorim Salgado, irmão de Antonio Pereira Rego, cavalleiro professo da ordem de Christo, filhos de Fernando Pereira Rego, e Margarida Salgado, descendentes de nobres familias da provincia de entre Douro e Minho do reyno de Portugal, que vindo a Pernambuco casou com D. Francisca Cavalcante Achioli, filha de João Baptista Achioli, e de D. Maria de Mello, veuva de Gaspar Vandarley, e irmãa do mestre de campo Zenobio Achioli de Vasconcellos, e sua mulher D. Thereza de Jesus Maria, filha do capitão Bento Gonçalves Vieyra, e de sua mulher D. Maria de Oliveira, filha do capitão Julião de Oliveira, cavalleiro da ordem de Aviz. Depois de se applicar ao estudo da lingua latina, e humanidades no collegio dos padres jezuitas do Reciffe, deixou as letras, e aquelles augmentos no estado ecclesiastico, que lhe pronosticavão as suas prendas, e illustre nascimento, e tendo servido nas occupaçoes militares com satisfação foy nomiado capitão mor da villa de Serinhem, e seus dilatados termos, que tem exercitado com extremada prudencia.

101. Gonçalo da Rocha Vandarley, nasceo no Porto Calvo, onde teve por illustres progenitores o capitão João Mauricio Vandarley, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Gaspar Vandarley, fidalgo flamengo de nobre prosapia, e de sua mulher D. Maria de Mello, filha de Manoel Gomes de Mello, e de D. Adriana Lins, filha de Balthezar de Almeida, e de Brites Lins, filha de Sibaldo Lins, fidalgo irlandez, que casou em Pernambuco, com D. Brites de Albuquerque filha de Jeronimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho de Albuquerque, primeiro governador, e donatario desta provincia. Dotado de insigne talento, e extremada prudencia foi nomiado capitão mor da nobre villa do Porto Calvo, e sua comarca, quando não so os merecimentos herdados, mas os proprios o constituirão merecedor de mais altos empregos.

102. João Marinho Falcão, morgado de Santo Antonio do Reciffe, nasceo na nobre caza do Jiquia em S. Miguel do Sul, onde teve por pays o capitão mor Antonio Alvares Bezerra, filho do capitão Francisco Alvares Camello, cavalleiro da ordem de Christo, proprietario dos officios de juiz de orphãos, escrivão da camera, e do judicial da villa do Penedo, o qual era filho de Bertholameu Alvares Camello, instituidor do dito morgado, e de D. Joanna Bezerra, filha de Antonio Bezerra natural de Vianna, filho terceiro do morgado de Paredes, e de sua mulher D. Luiza Felippa de Eça, filha do capitão mor Diogo

Falcão de Eça, filho de Leão Falcão de Eça, filho de Vasco Marinho Falcão, e de sua mulher D. Ursula Berenguer, filha de Francisco Berenguer de Andrade, irmãa de D. Maria Cezar, mulher do governador, e capitão general João Fernandes Vieyra; com boa acceitação servio de sargento mor das ordenanças da comarça de S. Miguel no rio de S. Francisco, e com a mesma está servindo de capitão mor da villa das Alagoas, e seu termo.

103. João Dantas Barbosa, natural do Rio de S. Francisco, filho de João Dantas Aranha, commissario geral, que foy da cavallaria da dita capitania; he capitão mor da villa do Penedo, lugar que occupa com satisfação dos superiores.

104. Gaspar de Albuquerque Maranhão, fidalgo da caza real, filho de Affonço de Albuquerque Maranhão, fidalgo da caza real, senhor do Cunhaú, e de sua mulher D. Izabel de Barros filha de Gaspar da Costa cazado. He capitão mor de Goyaninha.

Coroneis de cavallaria do certão.

105. Antonio de Lima natural da villa de Igrassú filho de Antonio de Lima do regimento da ribeira do Apodi.

106. Miguel Barbalho Bezerra natural da Parahiba do regimento do Assû.

107. Pascacio de Oliveira Ledo filho do capitão Antonio Ferreira Guimarês e Christina Rodrigues de Oliveira filha de Pascacio de Oliveira Ledo do regimento do Cariri.

108. Do regimento de Jagoaribe João da Cunha Gadelha filho do capitão Antonio Joze da Cunha.

109. Francisco Alvares Feitoza natural do Rio de S. Francisco, irmão de Lourenço Alvares Feitoza do regimento dos Inhamûs.

110. Das minas novas dos Cariris, Domingos Alvares de Mattos filho de Antonio Mendes Lobato, e natural do Rio de Baixo.

CAPITULO 9º

MEMORIAS DOS INDIOS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE DEPOIS DA RESTAURAÇÃO DA PATRIA, SE FISERÃO FAMOSOS PELAS ARMAS, E OCCUPARÃO POSTO DE MAIOR GRADUAÇÃO

111. D. Diogo Pinheiro Camarão, fidalgo da caza real, cavalleiro na ordem de Christo, succedeo no posto de governador geral de todos os indios a seu primo o famoso D. Antonio Felippe Camarão, que falleceo depois da victoria dos Garapes, pouco antes da restauração de Pernambuco, e de quem fizemos illustre memoria no livro quarto.

Foy este grande capitão para seus soldados, exemplo, e para os inimigos assombro. As suas acçoens lhe negociarão creditos de valeroso, e prudente, e o fizerão merecedor de encher cabalmente aquelle lugar que fora occupado por hum varão tão illustre. As emprezas difficultosas em que se empenhou o seu valor na guerra dos olandezes não cabem em ponderação. Em serviço da patria peregrinou depois por varias terras com immensos trabalhos, atropelando perigos, e pizando com planta firme espinhos de contradição, ate acabar a vida em beneficio da monarchia.

112. D. Sebastião Pinheiro Camarão, fidalgo da caza real, cavalleiro e commendador na ordem de Christo, e governador geral de todos os indios, foy filho do sobredito D. Diogo Pinheiro de quem com o sangue herdou as virtudes. Era o Palmar de negros rebelados, de que em outra parte daremos noticia, pestifera fonte da qual cruelmente brotavão violencias, latrocinios, incendios, homicidios, e calamidades, que destruhião lugares, fazendas, e cazas dos moradores dos destritos das villas do Porto Calvo, Alagoas, e Penedo, chegando aquelles negros a crescer tanto em atrevimentos, que muitas vezes não escaparão ao rigor das suas armas, as mesmas negras, que o sexo, e fraqueza izentava das leys da guerra para o que lhes dava lugar o terreno semeado de arvores, de que se formavão bosques tão espessos, que occultavão os negros ate chegarem as portas das cazas. Lastimado D. Sebastião Pinheiro dos males, que referião os moradores, encarecidos nas lagrimas com que choravão tantas perdas recebidas, e as que ainda receavão, entrou a discorrer o remedio de tantos damnos, e se dispoz a buscar o inimigo em suas povoaçoens, onde juntos recebessem o castigo dos absurdos que cometião divididos. Mandou descobrir a campanha por indios praticos no paiz, escoltados de alguas tropas em corpos diferentes, mas sempre em distancia, que se pudessem dar as mãos. Feito na volta dos Palmares marchou com tanta cautella que em 14 de agosto de 1675 arribou sobre húa fortaleza feita de grossos madeiros, que guarnecião mais de seis mil negros; sem esperar tempo arremeteo com os seus, com resolução tão valente, que pareceo buscava a victoria pela morte, pelo sangue a vingança. Travou-se a peleja porfiada de ambas partes, durou mais de quatro horas sem declinar daquelle ardor, com que tinha começado, porque os negros como excedião no numero, e erão defendidos da sua estacada, e não inferiores no valor sustentavão firmes o combate. D. Sebastião enfadado da resistencia dando a conhecer nos golpes a pessoa, envestio a porta com resolução tão determinada que a ganhou, e voltando sobre os que se conservavão firmes, os carregou com tanto vigor, que não podendo sofrer mãos tão pezadas, desempararão os postos e sendo

entrados por todas as partes, nenhum ouve, que escapasse de morto, ou prisioneiro. Seguio a marcha e em distancia de oito legoas pelo certão descobrio outro Mocambo habitado de innumeraveis negros, que venceo, e destruhio a fogo e ferro. Em 1681 seguio a hum esquadrão de negros, que havião furtado mulheres, filhas escravas, e moveis de alguns moradores do termo das alagoas, alcançados os inimigos, se mostrarão ousados; acomettidos esperarão constantes o primeiro repellão em que cahio morto o seu zumbi, e muitos dos seus sequazes, que lhe forão iguaes na desgraça. Os mais perdida a esperança de salvar-se pelejando, largando a preza se puzerão em fugida deixando a campanha cuberta de cadaveres. Foy celebrado este triunfo de todos os vezinhos daquelles lugares, principalmente dos que erão intereçados na victoria, e na vingança. Ao trabalho incansavel de tão famoso capitão devem os moradores do Reciffe a sua conservação no cerco, que padecerão em 1711, posto pelo povo rebelado, de que daremos noticia quando tratarmos das calamidades de Pernambuco. Trabalhou muito em meter mantimentos nesta praça, para que a falta de bastimentos sem os soccorros de fora não obrigasse a acabarem com valor desesperado; e soube moderar de sorte animos inquietos, que veyo a conseguir, que alguns, ainda irmãos, se separassem voluntarios dos que seguião o partido contrario. Posto em campo pela parte do Reciffe, se vio este varão constante muitas vezes carregado de forças superiores, que rechaçou tão desassombrado, que chegarão os contrarios, respeitado o valor a invejar-lhe o esforço. Em todas as occasioens referidas se mostrava superior só para a obediencia; para os perigos tão igual, que aos que o dissuadião de exporse tão discuberto as ballas dos contrarios, respondia que não tinha a sua vida por mais preciosa, que a do menor soldado, nem extimava a occupação senão em quanto lhe deixava a liberdade de escolher posto, em que servisse com a pessoa aos seus de exemplo. Deixando a relação de outras muitas occasioens, em que servio a patria, so não deixaremos em silencio a gratidão com que os moradores do Reciffe, não sabendo pôr taxa aos applausos com que reconhecidos ao beneficio, o acclamarão redemptor das pessoas. Com este nome foi tratado daquelle povo, quando a primeira vez entrou nesta famosa villa, sendo levado como em triunfo pelas suas principaes ruas.

113. Simão Soares, chamado dos seos Jagoarari, fidalgo da caza real, cavalleiro na ordem de Christo, tio de D. Antonio Felippe Camarão. Entre alguns Indios que se passarão para os olandezes obrigado do amor da mulher, e de hum filho, que casualmente forão com elles, se meteo depois com elles, mais para os reduzir, que para lá se ficar.

Por esta acção em que se fez erro, não commetteo delicto, padeceo durissima prizão, e ferros de oito annos em o forte do Rio grande, do qual sendo livre por Mathias Ceulio Olandez, que com mil, e quinhentos soldados tomou dito forte, foy voluntariamente fazer as partes dos nossos pelas aldeas dos seus, dizendolhes: Que como a pena não desacredita, e so a culpa he que a infama, supposto lhe estavão ainda vertendo sangue as chagas frescas das cadeas antigas, sem valerlhe para o tratarem os portuguezes com menos severo rigor, ter procedido com perpetua fidelidade, havião elles, e elle de mostralla muito aventajada para mostrar milhor a fineza dos indios, a ingratidão dos portuguezes, que quando a fortuna se obstinava tanto a molestallos, se dispunha mais a seguillos; em cuja resolução de todo o que lhe não fosse leal companheiro, seria cruel algoz, porque, com estar a vista de suas mesmas vexaçoens, esperava viver melhor entre a ira dos nossos, que na amizade dos olandezes. Deste modo não menos zeloso, que deligente, juntou, e fez servir a elrey quantas aldeas havião por aquellas partes. Servio com extremado valor nesta guerra, e servio depois da restauração, onde o chamava o cargo de capitão mor, ou pedia a necessidade do estado, sem nunca no rosto, ou nas palavras se descobrir sombra, que desse a conhecer indicio da mais leve desconfiança, ou ligeiro movimento, que na conservação do pezar deixasse perceber algum affecto de vingança contra os que o arguirão de menos leal. Tendo procedido em todas as occasioens com grande esplendor do seu nome, alcançou da magestade despachos e merces conformes ao seu grande merecimento.

114. Antonio Pessoa Arco-Verde, governador dos indios xocos, ohes, e cahetes, como era no nascimento principal, vestio a lealdade primeiro que as armas. Sendo moço livrou a muitos portuguezes, trazendo-os por veredas occultas, para não cahirem em hua emboscada, que havião armado immensos barbaros. Ensayando-se para o manejo das armas procurava crear forças gastas em hum trabalho, a sombra de outro. Foy incansavel em servir a ElRey, e a patria. Com tanto imperio o dominava o dezejo de merecer nome, que foy visto muitas vezes contra os negros do Palmar avançar-se rayo da guerra, e pareceo apagava com o fogo da colera incendios, com que o inimigo cuidava abrasallo. Conservou por toda vida aquelle reverente temor de Deos, com que christão se mostrava catholico, e aquelle valor, que he alma das batalhas, e fundamento dos triunfos.

115. João Doy de nação Potiguaré, e entre os seus indio principal, foy mestre de campo governador dos indios do Seará, e Rio grande por patente do mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes. Seguirão algũas das aldeas destas provincias, que permanecião

na gentilidade, aos olandezes, e depois de serem lançados fora destas praças se conservarão sem sugeição a nosso imperio: commettendo horriveis hostilidades contra os moradores.

Em 24 de mayo de 1654 se lhes deo em nome delRey hum perdão geral, de que não fazendo cazo aquelles gentios, continuavão em commetter delictos. Contra estes rebeldes se poz em campo João Doy, e deu logo não vulgares mostras do seu valor. Venceo e castigou a todos os que se lhe mostrarão contrarios, e tendo por esfera estreita a seus espiritos os inimigos da sua mesma nação, resolveo estimulado dos brios ir buscar maiores perigos, do que se lhe representarão na opposição dos seus. Passou a conquistar outras naçoens, o que conseguio apesar de immensas contradiçoens. Não individuamos com especial memoria suas acçoens famosas, porque bastalhe para credito a constancia, com que esforçado soube vencer matando, e a gentileza com que valente chegou a triunfar morrendo.

116. Antonio Gonçalves, indio principal da nação dos Caropotos sendo redusido a fé pelo missionario frey Jozé de Bluerme capuchinho frances, com as suas persuaçoens, e doutrina converteo todos os gentios da sua nação a ley evangelica. Repugnavão sugeitar-se ao imperio portuguez, ou por odio, e ferocidade, ou com temor de perder a liberdade, e com tanto artificio soube a sua doutrina crear de novo diversos habitos nos seus naturaes, que trocada em humanidade a feresa, chegarão a communicar-se trataveis; vendo os conformes veyo ao Reciffe dar obediencia a elrey no seu governador, e lugar tenente D. João de Sousa, de quem foi recebido com não vulgar extimação de agrado. Nomiado governador, e mestre de campo dos seus por hua patente, que depois confirmou elrey servio com tanta satisfação o estado, que soube mostrar-se não só acredor do premio, mas de estatuas.

117. Valentim da Rocha, indio principal entre os da sua nação, mereceo pelo seu valor, e fidelidade, que o governador, e capitão general D. João de Souza o nomiasse capitão mor, e governador do presidio da Garça torta no destrito da villa das Alagoas, onde com gente da sua nação havia assestido alguns annos cõ o posto de capitão para rebater por aquella parte os assaltos, que fazião os negros da barbara republica do Palmar, com irreparaveis ruinas de seus moradores.

Occupou o posto com tantas demonstraçoens valentes, que nem as mortes, nem as feridas forão poderosas a apartallo hum passo daquelle lugar, em que nas maiores porçoens de trabalho lhe coube sempre superior risco. Os negros como vivião dos roubos, e se vião atalhados, acodindo com grande poder aquella parte procuravão com ultimo esforço ou vencer, ou morrer vingados, mas sangrados do ferro dos nossos indios cederão muitas victorias depois de merecerem na obstinação a

fama de valentes, que perderião so pela desgraça, a não se terem feito pelos insultos indignos de nome. Forçado do imperio dos superiores apartou-se do lugar, cujas ordens o levarão ao Siará, onde morreo em serviço do estado, viagem, que fez tão mal sofrido, que a não ser delicto maior a falta de sugeição, desprezara a obediencia, que o arrancava do lugar, aonde a preço do sangue tinha comprado a honrra, e merecido a fama.

118. O insigne capitão Coutto de nação Tabayar, foi assombro dos olandezes, e terror dos barbaros, não ouve acção em que ou expugnando, ou defendendo não alcançasse immortal fama o seu valor. Excede a credulidade a illustre gloria, que adquerio, quando os prudentissimos governadores da liberdade o nomiarão para na Capitania da Parayba trazer a nosso partido os indios que repugnavão obedecer ao nosso estado. Para conseguir esta heroica empreza, foy necessario valer-se de toda a fidelidade do seu coração, e valor do seu espirito. Restaurada a patria, servio na guerra dos Palmares, e do mesmo modo, que os olandezes, sentirão os negros rebelados os golpes da sua espada sempre triunfante.

119. D. Jozé de Souza e Castro, cavalleiro da Ordem de Santiago governador da Serra de Ibyapaba, nasceo entre os indios topez com distinta nobreza, herdando de seus maiores com o sangue o valor, e lealdade. Frondosas palmas, e louros colheu o seu invencivel braço dos rebeldes pitiguares e outros gentios. Para vingar as hostilidades causadas pelas formidaveis armas de tantos barbaros, correo triunfante desde o Seará até o Maranhão, e rendeo menos a violencia do ferro, que ao respeito de seu nome as naçoens contrarias, obrigando-as a que rendidas, e obsequiosas o buscassem para tutelar das suas aldeas. Constando ao fidelissimo rey D. João V o valor, zelo, e lealdade, com que o servia este insigne indio lhe fez varias merces, que serião maiores se a morte o não arrebatara intempestivamente no anno de 1730.

120. D. Felippe de Souza e Castro, cavalleiro da Ordem de Santiago, nasceo na famosa serra de Ibyapaba, e teve por pay o dito D. Jozé de Souza e Castro. Foy educado na campanha, em cuja marcial palestra anhelando unicamente ser emulo de seu pay, mostrou que o valor para ser heroico não depende da dilação do tempo. Não foy inferior a gloria que então conseguio o seu braço em varias expediçoens, nem a que alcança agora em todas as occasioens, que se offerecem do serviço del Rey, em que sempre tem a maior parte o valor, que a cobiça. He mestre de campo do terço, que existe na dita serra, e em seus robustos hombros sustenta toda aquella dilatada provincia incontrastavel a violentas invasoens.

121. D. Sebastião Sarayva, cavalleiro da Ordem de Santiago, parente muito chegado dos ditos D. Jozê, e D. Felippe de Souza. Não sendo em os dotes do espirito inferior aos seus maiores, o tem sido no exercicio das virtudes militares, e politicas, merecendo pela sua singular capacidade, e insignes merecimentos, que El Rey D. João V o nomiasse capitão mor da dilatada, e opulenta Serra da Ibyapaba. Ao ardor militar excede o pio, e catholico, que lhe inflama o coração, sendo ao mesmo tempo capitão, e catequista, igualmente vigilante em augmentar o estado para seu principe, como em estender o imperio para Christo.

122. Jorge Dias de Carvalho, por antonomasia, Matarua, natural do certão do Rodellas, e de nação Porcaze, foy governador de todos os indios da Ribeira do Rio de S. Francisco. Illustrou a nobre qualidade do seu animo com os admiraveis progressos, que fez na palestra de Bellona, havendo deixado celebre o seu nome em todo Brazil por triunfar sempre a sua espada dos inimigos do estado, e as suas heroicas acçoens merecerão ser remuneradas com duas tenças pela Augusta Magestade do Fidelissimo Rey D. João V. Imitador de suas illustres proezas foy hum seo filho, e veyo a exprimentar fortuna tão infausta a seus augmentos, q̃ chegou a padecer os effeitos de hua infame aleivosia, com que os brancos lhe derão cruel morte.

123. Leandro da Sylva, natural da aldea do Aracapá, certão do Cabrabó, da nação dos Caririz, filho do insigne Martinho da Sylva, capitão mor dos indios da sua mesma nação. Como a fortuna lhe negou ser herdeiro de alguns premios, que lograsse seu pay, o quiz ser do seu valor, concebendo desde os primeiros annos espiritos tão heroicos, e militares, que parece se anima o seu coração com o bellico furor de Marte. Com o braço, e com a voz sabe rebater os impetos dos indios, que se atrevem a profanar nossas leys, conseguindo pela sua incansavel industria, prudente direcção, e insigne valor ter domesticada a ferocidade de algũas naçoens, e abertos, seguros, e patentes, os caminhos para segurança, e commodo dos homens tratantes nas minas e certoens do sul. Por patente real he mestre de campo, e por patente do excellentissimo vice-rey do Brazil he governador dos indios das ribeiras do famoso rio de S. Francisco da parte da Bahia, e por patente dos illustrissimos governadores de Pernambuco he governador de todos os indios, que habitão os dilatados certoens das provincias do sul, que se comprehendem na sua jurisdição.

CAPITULO 10

MEMORIAS DE HENRIQUE DIAS E DE OUTROS PRETOS, QUE OCCUPARÃO POSTOS HONORIFICOS E SE FIZERÃO FAMOSOS PELAS ARMAS

124. Henrique Dias, fidalgo da caza de sua magestade, cavalleiro na Ordem de Christo, mestre de campo do terço de homens pretos, chamado de Henriques, nasceo na cidade de Olinda, filho legitimo de pays humildes, porem com o resplandor das suas virtudes, em que foi eminente, illustrou a escuridade do seu sangue, e subio a nobreza mais extimavel adquerida a esforços da sua bondade, e não devida as casualidades da fortuna. Contava dezoito annos de idade quando os olandezes conquistarão Pernambuco, e vendo crescer o inimigo na declinação das nossas armas, e quanto careciamos de mais gente para rebater suas forças, se offereceo ao general Mathias de Albuquerque com a que pudesse ajuntar da sua cor. Asseitou o general a offerta, e o nomiou capitão de trinta e seis negros que escolhera, para trazer comsigo. Cresceo brevemente a Terço a nova Companhia, assentando nella a forros, e a escravos, que faltos então da liberdade, a merecerão depois, que restaurada a Patria, pagos da Fazenda Real, ficarão izentos de toda obrigação em premio da victoria. Emboscado pelos matos, e metido pelos lamaçaes alcançava quantos passos o inimigo dava matando, e ferindo nelle com mão tão pesada, que os punha em confusão, e lhe causava grandes damnos ; nunca o Olandes lhe vio as costas, e sempre o temeo pela cara, fazendo para as retiradas caminho com a espada, que em sua mão mais tinha de rayo, que de ferro.

Retirava-se o Conde de Banholo para a Bahia, mais applicado a nossa ruina, que a nossa defença, e no porto Calvo tiverão os nossos hum pesado encontro, com os Olandezes, a Henrique Dias ferio hũa balla o collo da mão esquerda, suspeitou ervado o chumbo, e por fazer a cura mais breve, e menos perigosa a mandou cortar, dizendo: que na direita lhe ficavão muitos para servir a seu Deos, e a seu Rey, e que para a vingança saberia fazer seu dezejo de cada hum dos dedos hũa mão ; que se Quinto Mucio soube dar ao fogo hũa mão pela Patria, este Capitão a deu ao ferro pela opinião. Difficuldades, que passavão a parecer impossiveis ao mais ousado coração, só o deste Capitão destemido soube intentar, e vencer. Emprezas que ainda depois de conseguidas, se fazião duvidosas, ao seu valor erão faceis. Ajudou com incrivel esforço a defender a Cidade da Bahia, e voltando a Patria obrou maravilhas, ficou ferido na batalha de D. Anna Paez, tomou hum importante comboy ao inimigo, destroçando huma grande partida de

Olandezes, assalta, ganha e arraza hum reduto, que se cobria com a Fortaleza das cinco Pontas, guarnecido de muitos soldados, com artelharia de mais que mediano calibre. Com so os seus negros ganhou outro. Entrou na Campanha do Rio grande, por tudo o que tinha vida, cortou a sua espada, tudo o que tinha prestimo consumio com o fogo. Passa a Cunhaû, e rende a sua Fortificação. Reprime na Parayba o orgulho com que o inimigo ganhava terra. Com o seu Terço se acha na entrepreza de Olinda, e obra proezas. Acomette a Fortificação dos Guarairas com agoa, e lodo pela cinta, e que para carregarem os mosquetes os seus soldados lhes era forçado porem as armas huns sobre os hombros dos outros, e lhes servio o impedimento de estimular a colera, e accender a ira, e todos os inimigos acabarão na contenda sem que o ferro izentasse estado, sexo, nem idade. Castiga a altiveza de hum coronel olandez, e soccorrido das suas estancias totalmente o desbarata. Na famosa victoria dos Garapes deu a conhecer ao mundo que o valor não he herança, senão excellencia. Em a segunda victoria dos ditos montes, exprimentarão os Olandezes mais forte o seu valor, e mais viva a perseguição; porque nem aquelles, que os matos esconderão por livrarem do primeiro ferro, escaparão a seus golpes. Nos soldados deste famoso heroe admirou o mundo homens imperturbavelmēte animosos; não mudavão de cor no meyo dos tormentos, com que os afligia a tirannia olandeza, zombavão da crueldade dos Tirannos. Da sua fortaleza, e constancia julgarão os Olandezes do valor dos Pernambucanos, desconfiarão de ter por inimigos homens que sem medo se arrojavão as lanças, ferro, e fogo, e que nem querião, nē davão quartel. Se não forão estes pretos para a restauração da Patria fundamento, forão rayos para estrago dos inimigos. Quem quizer fazer conceytos das suas valerosas acçoens lea as historias das guerras, que teve Pernambuco, e concideradas as sedes, fomes, frios, e calmas que sofrerão, cercos que defenderão, praças que expugnarão, e victorias, que conseguirão, justamente julgarā a Henrique Dias por hum dos famosos heroes, e valerosos capitaens, que logrão estatuas no templo da Fama.

125. Por falecimento do valeroso Henrique Dias, primeiro Mestre de Campo do Terço dos pretos, foy nomiado por ElRey para Mestre de Campo, Jorge Luis Soares, natural do lugar da Varze, que em praça de soldado, alferes e capitão havia servido com distinto valor na guerra da Restauração, e se via premiado com o habito de Aviz, e outras merces. Depois de Mestre de Campo foy mandado ao Rio grande com cinco companhias do seu Terço em oito de Mayo de 1688 para reprimir as invasoens, e hostilidades que o gentio fazia naquella capitania; o que fez com tanto valor, e prudencia, que os venceo, castigou, e reduzio a viver obedientes as nossas leys. Carregado de annos

falleceo no Reciffe, deixando illustre memoria do seu valor e virtudes.

126. Succedeo-lhe no posto de Mestre de Campo, Domingos Rodrigues Carneiro natural do Reciffe, Cavalleiro na Ordem de Santiago, crioulo ornado de extimaveis dotes de valor, e fidelidade, e de conhecimento, e praxe para governar homens da sua cor, sendo capitão do mesmo Terço se achou no anno de 1680, na entrada, que se fez aos Palmares dos negros levantados, em que ouve muitos mortos, e feridos, entrando no numero destes o Zumby seu Principe. Foy o que lhe poz fogo as cazas, e armazens de mantimentos, e a quem se deveo muita parte do bom successo desta empreza. No anno de 1686 andou oito mezes e meyo em seguimento destes levantados sahindo-lhes a encontro nas sortidas, que fazião, e assaltos, que davão aos lugares de Serinhem, Ipojuca, e Porto Calvo: e conseguindo tantas victorias, quantas erão as occasioens de peleja. Havendo o negro Camoanga faltado a palavra, que havia dado ao Bispo D. Frey Francisco de Lima de se reduzir, continuando na sua rebeldia, lhe mandou ElRey por ordem de 12 de Janeiro de 1700 fazer guerra para acabar com as reliquias destes negros, que ainda depois da ultima victoria, que alcançamos das suas armas permanecião em varios lugares; e com alguas Companhias do seu Terço seguio a entrada, que se fez pelas terras por elles dominadas, e sem perder hum so homem destruhio muitos Mocambos, e presionou cem negros, e ao filho mais velho de Camoanga, irmão do Zumby morto, que depois por descuido do capitão da fortaleza do Brum fogio da prizão, em que estava. Em todas as mais occasioens do serviço, soube dezempenhar o conceito que sempre fizerão os superiores da sua capacidade, valor, e zelo.

127. Por sua morte foi provido no posto de Mestre de Campo, Manoel Barbalho de Lira, natural de Olinda, que com satisfação exercitava o posto de sargento mor do mesmo Terço, e que imitando as virtudes dos seus antecessores mostrou tinha talento, genio e capacidade para os empregos do serviço delRey, e da Patria.

128. Succedeo-lhe no posto de Mestre de Campo, Bras de Brito Soutto, natural da villa de Igarassu, e filho de Severino de Brito Freyre, crioulo forro, e de Maria de Souza tambem crioula. Militou muitos annos em praça de soldado, alferes, capitão, e sargento mor cõ grande distinção entre os melhores soldados do seu Terço, e por premio de seus serviços conseguio ser mestre de campo, posto que està exercitando com satisfação dos Governadores, e credito da sua pessoa.

CAPITULO II

HOMENS PRETOS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE DEPOIS DA GUERRA DOS OLANDEZES SERVIRÃO A PATRIA, E SE FIZERÃO APPLAUDIDOS POR VALEROSOS

129. D. Pedro de Souza Castro Ganasona, natural do lugar de Cucahu, termo da villa de Serinhem, foy filho de Ganazumba, de nação Arda, e rebelado, que tendo agregado muitos negros fugidos a seus senhores, havia formado hua grande povoação distante das nossas, de donde sahindo dava furtivos assaltos, e commettia horriveis estragos. O seu arrayal era refugio dos negros do Palmar, quando erão acomettidos das nossas tropas, e aly se reparavão, e voltavão com vigoroso impulso a fazer-nos cruel guerra. Teve o governador Ayres de Souza de Castro inteligencias com dito Ganasona, e conseguio que este preto viesse com hum siguro real ao Reciffe em 5 de Novembro de 1678, acompanhado de quarenta pretos, de hum seu irmão, e de hua sobrinha. Instruido nos artigos da fé, recebeo o sagrado bautismo, e com extremado valor, e insigne fidelidade militou a nosso favor contra todos os rebelados, conseguindo das suas armas ciladas, e encontros insignes victorias. Com grandes sinaes de predestinado falleceo em 11 de Novembro de 1781, deixando dous filhos João, e Jeronima, aos quaes o governador confirmou as merces, que em nome delRey havia feito a seu Pay a requerimento de Antonio Cavalcante Correa, seu tutor.

130. Bras de Souza Castro, irmão de Ganasona, e filho do rebelde Ganazumba, seguio a seu Irmão assim em receber a Fé, como em militar contra os rebelados, o que fez com insigne valor, e constancia.

131. João Martins crioulo forro, natural do Reciffe, e sargento mor do Terço dos Henriques, servio na guerra do Palmar com tanto valor e capacidade, que o governador, e capitão general Ayres de Souza de Castro o mandou tratar concertos de paz com Zumby principe dos negros rebelados, e posto que por então não conseguio reduzillo a sugeitar-se a nosso Imperio, prisionou o negro Mayoyo principal de hum Mocambo, e Autor de grandes delictos. Acompanhado de Alexandre Cardoso seu parente, e capitão do seu Terço, com valor maior que as forças depois de discorrerem por lugares desertos em beneficio daquella empreza, forão a dar em hum sitio occulto, onde o medo tinha escondido trezentos negros, que vendo-se assaltados de repente, sem tempo para salvar as pessoas, com desesperado valor se lançarão aos nossos, para vender-lhes caras as vidas.

Travou-se a peleja, em que ouverão muitos mortos e feridos, e para que a todos chegasse o castigo, tomarão-se os que escaparão do ferro prisioneyros, e vierão para o Reciffe arrastar nas miserias de cativos as cadeas de escravos, serviço que agradeceo a seus soldados com as palavras, e remunerou com premios satisfazendo a custa de seus proprios, e limitados bens as dividas da Magestade.

132. Depois que as nossas armas destruirão o Imperio do Zumby Principe do Palmar, faltavão por castigar alguns principaes, que complices na rebelião, tinhão sido parciaes nos delictos, mas como o temor os tivesse, acautellados antes, se retirarão a lugares remotos, onde passavão tão vigiados, que não era facil darlhe alcance. O Governador Caetano de Mello e Castro, a quem trazia cuidadozo este negocio, por depender a paz das villas do Porto do Calvo, e Alagoas da morte, ou da prizão daquelles Regulos, e principalmente de hum que com o nome de Zumby pertendia restaurar aquelle negro Imperio, vendo a dificuldade de apanhallo as mãos, sinalou premio a quem o entregasse, ou matasse. Teve valor Antonio Soares, crioulo natural do Reciffe, para intentar empresa tão arriscada, pedindo em premio do que obrasse perdão de alguns delictos, que havia commettido. Com promessa de lhe serem perdoados seus crimes caminhou para o Palmar, e posto na presença de Zumby, sem se valer de fingimentos, a punhaladas lhe tirou a vida. Cheyos de horror, e pasmo os da sua guarda, derão lugar a que sem perigo se pusesse em salvo. Conseguio o perdão, que pertendia, e dado pelo Governador, o confirmou ElRey em 25 de Agosto de 1697.

133. A proporção dos membros, a boa disposição da natureza, o vigor e temperamento para aturar as inclemencias do ceo, injurias do tempo, e todo genero de trabalho, que commumente logrão estes homens pretos, ajudão a execução de difficultosas, e laboriosas empresas; mas não de maneira, que sejão estas condiçoens o fundamento das suas proesas, por serem tambem dotados de húa fortaleza varonil independente das forças do corpo. Os que sofrem e trabalhão por conveniencia propria, e não com zelo do bem publico não merecem o titulo de valerosos, e devem ser chamados mercenarios. Os soldados deste Terço seguem as leys do verdadeiro valor, pois servem sem por a mira no premio. Obrar bem sem outro fim que o do bem que se obra, he a baliza, e o termo a que pode chegar o obrar bem; e não podemos negar que elles tem por baliza do seu obrar a gloria de obrar bem, pois servem, e servem nas occasioens mais arduas, e trabalhosas sem premio nem esperança de o conseguir, quando de sua natureza não he (como diz Tito livio) a virtude tão doce e suave, que sem o condimento, ou acipipe do premio possa sair gostosa ao padar

de quem se lhe afeiçoa. Quando do proprio suor resultão abundancias, não parece mal a colheita. Os ministros deputados para a negociação do bem publico, não recusarão o dinheiro, que ElRey da Persia lhes consignou do seu proprio erario para o sustento. Tambem Simonidez aceitou os riquissimos donativos de Ipparco Atheniense. Não se fez Seneca rogar para acceitar as grandes riquezas, com que o Principe premiou os seus serviços; mas nunca será decente trabalhar com os olhos no lucro, fineza que vemos fielmente praticada por estes soldados pretos na cor, e preclaros nas obras.

134. Deixamos de escrever as acçoens famosas de outros muitos pretos benemeritos de honrrados elogios, por que o descuido, ou o seu nascimento obscuro lhes riscou os nomes, que sem culpa deixamos sepultados nos mesmos jazigos, onde sem epitafio descanção suas cinzas, acabando na memoria dos seus com os horrores de cadaveres, em nossos escritos com a fortuna dos humildes, como se o procedimento não fizesse mais illustre, o que pela conservação da Monarchia offerece nas Aras de Marte em holocausto o sangue; a vida em sacrificio pela liberdade da Patria.

LIVRO SETIMO

PERNAMBUCO ILLUSTRADO PELO SEXO FEMENINO

Noticia de muitas Heroinas Pernambucanas que florecerão em Virtude, Letras e Armas

CAPITULO 1º

DE ALGUAS SENHORAS, QUE PADECERÃO MARTYRIO EM DEFENÇA DA CASTIDADE

1. Assim como ha homens, cuja virtude mereceo gloria superior a dos Anjos, assim ha mulheres, que com suas prendas, e excelencias sobrepujão os homens. Do lugar do seu nascimento se podem tirar provas da sua nobreza, que as leva a obrar acçoens heroicas, foy creada no Parayso Terreal, e foy a materia do seu corpo mais solida que a do homem. Nascimentos illustres ordinariamente dão impulsos maiores a virtude. Apostadas parece se mostrarão a graça, e a natureza em esclarecer muitas heroinas Pernambucanas, porque quando Deos reparte seos dons com as almas generosas, não dá a hũa só hũa prenda, senão que no laço de muitas, e talvez de todas, logrão hũa em gráo mais iminente; esta em as Pernambucanas, de que primeiro tratamos, foy a virtude da castidade. Para conservarem aquella honestidade, recolhimento, modestia e recato tão vinculado as mulheres de Pernambuco, entregarão muitas vezes as gargantas aos alfanges, os peitos aos punhaes dos Olandezes; outras se sugeitarão a hum perpetuo degredo, e algũas tirarão a si mesmas a vida, quando de outro modo não podião resistir a barbaras violencias.

2. A João Blar o mais cruel homem, que virão as idades, mandou sahir do Reciffe o Olandez, com hum corpo de mais de mil homens todos mais feras, que as mesmas feras. Sahio arrogante, cruel, e vingativo, entrou pela freguezia de S. Lourenço da Matta, passou as freguezias de Ipojuca, e Cabo de Santo Agostinho, e em mais de vinte legoas de terra tudo cortou o ferro, e consumio o fogo. Não ouve crueldade, que não executasse, nem injuria que não permitisse a seus

soldados. Aquelle natural pudor, com que a natureza refrea ate os brutos de mais generoso instinto, rompeo a bestial licença daquelles abortivos monstros do genero humano. Valia-se a sua lascivia de força, e do dominio; e o deleyte, da crueldade, e da tirannia, e para que não se apartasse o martyrio da infamia, buscavão testemunhas, que vissem a torpeza, e a força. A cara descoberta roubava a força as mulheres sem distinção de estado, nem de calidade, facilitando as violencias com matarem, desterrarem, e prenderem anticipadamente aquelles homens, que ou por obrigação, ou por brio podião defender o rapto, ou castigar o insulto.

3. Os Magistrados que pela razão do seu cargo, havião de atalhar tantos dezaforos, com o seu exemplo animavão o atrevimento. Vião ou tinhão noticia de algũa mulher fermosa, com o desengano de honrrada, logo com fingido pretexto mandavão prender as pessoas, que a podião guardar, e com descarada lascivia lhe entravão em caza, sem que bastassem para a defender as lagrimas, e suspiros, de que sua castidade se armava; antes como era de brutos a força, crescia a violencia com a defença, cevando-se o apetite nos mesmos desvios da luxuria. A D. Brazia mulher de Pedro Cavalcante de Albuquerque, e a sua May D. Maria Pessoa, arrastarão como a viz escravas, e derão crueis golpes, porque despresando a perda da fazenda, não consentirão, nem ainda na mais leve mancha da honrra. Em outras muitas senhoras assim donzellas, como cazadas, e veuvas, executarão este, e outros muitos ultrajes, affrontas, e injurias, por resistirem os depravados impulsos da heretica torpeza.

4. Forão muitas as que buscarão no desterro da Patria o seguro da sua honra. Seria proluxidade nomiar todas as familias principaes, que se retirarão de Pernambuco, deixando grandes cabedaes expostos a cobiça, e estrago dos Olandezes, para não exprimentarem indignas violencias, nomiarey algũas: D. Catharina Barreto, veuva de D. Luis de Souza, largando dous engenhos que possuhia. Do mesmo modo largou tambem dous engenhos D. Magdalena veuva de Felippe de Albuquerque. D. Catharina Camella e sua sobrinha D. Catharina, veuva esta de Jeronimo de Atayde, e aquella de Pedro de Albuquerque. D. Isabel, e D. Mecia de Moura, irmãas, e veuvas, hũa de Cosme Dias da Fonceca, e outra de Antonio Ribeiro de Lacerda. Acompanharão outras muitas a seus pays, irmãos, ou maridos no seu desterro; dos que deixavão dous e tres engenhos entre outros (não he possivel nomiar todos) erão Jeronimo Cavalcante de Albuquerque, Lourenço Cavalcante, Francisco do Rego, Bras Barbalho, Ambrosio Machado de Carvalho, Luis Lopes Thenorio, Gaspar Caminha, Manoel de Novalhas, Nuno de Mello, Leonardo de Albuquerque Carvalhosa, Andre de Coutto, Antonio

Gonçalves da Paz, Luis Marreyro, Julião Paes Daltro, Gaspar de Mery, Francisco Viegas, Romão Peres, Luis Ramires, João de Albuquerque, Rodrigo de Barros Pimentel, Christovão Botelho, João Paes Barreto. Estes e outros muitos desemparando Patria, e fazenda a rogos de suas mulheres, irmãas, e filhas se retirarão de Pernambuco para terras estranhas, padecendo as descomodidades, trabalhos, e afliçoens de hũa jornada dilatada, e chea de perigos; sendo lhes necessario ajuntarem-se mais de oito mil nesta perigrinação primeira, para se livrarem dos assaltos, e acomettimentos do Olandez, que os perseguio ate a extrema do Rio de S. Francisco.

5. Outras senhoras a que a nobreza, e honestidade tivera sempre recolhidas, vendo-se expostas as tirannas violencias, e barbaras torpezas do Olandes, não atinavão com o remedio. A humas o custume do grilho lhes impedia a fuga, a outras que se vião rodeadas de filhos, detidas do amor por hũa parte, e ameaçadas da violencia, e da morte por outra, nem tinhão escolha para fugir nem para padecer. As donzellas reciosas de perderem a mais preciosa joya, não sabião determinar-se em deixar a caza, ou buscar o matto, porque no matto, e na caza se lhes representava o mesmo perigo. Algũas ouve que buscarão as brenhas, e montanhas, fiando das suas cavernas a defença de suas honrras, e a conservação da sua honestidade; assim passavão dias, e noites em sũmo desemparo, achando muitas nas garras das feras, e no veneno das serpentes, o estrago da morte.

6. Se foy acção generosa despresarem hũas a fazenda, e a Patria, para redemir a deshonra, e outras viverem entre feras para se conservarem castas. Acção foy gloriosa perderem muitas a vida, primeiro que a violencia commettesse a injuria. Aborrecendo os infieis aquella varonil constancia, com que tão illustres mulheres se defendião virtuosas, querendo antes perder a vida, que sofrer a violencia, tingirão no innocente sangue de quarenta e sinco donzellas, e matronas, as suas afiladas espadas, com cuja tirannia se livrarão as castas senhoras dos ardilosos laços do demonio, e dos despresos dos seus Ministros, voando suas almas ao ceo, para receberem as gloriosas palmas da virgindade, e as resplandecentes coroas do martyrio.

7. O valor com que as referidas donzellas, e matronas souberão dar as vidas para defenderem a castidade, imitarão hũa moça de rara fermosura, e destinta nobreza, e duas famosas mestiças morrendo as maõs de barbaros Tapuyas em defença da sua pureza. Venderão os Olandezes a dita illustre donzella que era natural da cidade do Rio grande, a hum barbaro seu auxiliar por hum cão de caça, quis o Indio abusar da compra, valendo-se da violencia, e enfurecido com a resistencia cruelmente lhe tirou a vida. Era custume dos Gentios Tamoyos,

servirem-se das mulheres prisioneiras para materia da sua lascivia. Em continuos assaltos corrião pelos certoens aquelles barbaros, com estrago de muitas aldeas dos Indios Christãos. Em hũa dellas se achava moradora hũa veuva de conhecida virtude. Com espirito profetico declarou a outras mulheres da mesma aldea, que os barbaros Tamoyos virião brevemente sobre aquelle lugar, e que ella ficaria captiva de seus inimigos, mas que se não deixaria levar viva, para que não corresse perigo a sua castidade. Chegou o tempo asinalado pela virtuosa veuva, vierão os barbaros sobre a povoação, e entrando-a executarão nella todos aquelles estragos, que custumava a sua ira. Pegarão da serva do Senhor para a levarem prisioneyra. A toda violencia barbara resistio a mulher constante. Irritados os infieis da repugnancia, que mostrava em seguillos, lhe derão a escolher, ou seguir aos vencedores, ou acabar a vida as mãos da sua crueldade. Ouvio a condição, e escolheo a morte, que lhe era preciosa. Atravessada muytas vezes de hũa aguda, e penetrante faca entregou constantemente alma a seu Criador.

8. Mas notavel he o cazo, e martyrio de outra mystica cazada, e dotada de elegante formosura. Era virtuosa, empregava muytas horas em oração, e passava os dias em santos exercicios. Claramẽte profetisou o que lhe havia socceder. Acabando de comungar em hum Domingo, chegando a sua caza disse a seus familiares, e alguas amigas, e parentas (como despedindo-se de todas): Que os barbaros Tamoyos virião sobre a sua aldea, que ella seria prisioneyra, que a levarião em suas canoas, e passaria bradando por tal parte (declarando-a) e não haveria quem lhe acodisse, e resgatase do poder do inimigo. Soccedeo tudo assim como o predisse. Vierão os Tamoyos, derão o assalto, e captivarão entre outras a esta virtuosa matrona. Recolhidos em suas canoas, foy levada pela parte que havia declarado, gritando sem haver quem sahisse ao encontro dos inimigos, e a livrar-se do poder daquelles barbaros. Chegou a terra dos Tamoyos, e o senhor da preza fez a seu Pay prezente della, como da melhor prenda de seos despojos. Recebeo-a o Infiel, e a deputou para sua concubina.

Tratou-a com agrado, e declarou-lhe o seu intento. Bem conhecia a virtuosa mulher que a conservação de sua vida consestia na satisfação do intento do barbaro, porem fortalecida da graça resistio fortemente a todas as batarias com que o infiel combatia sua constancia. Suspendendo o agressor da torpe maldade, a ira a que o provocava a resistencia, ocultou a fereza, esperando vencella em outros combates. Deixou-a livre cuidando alcançar com o bom tratamento, o que não havia conseguido com os feros nem com as ameaças. Para illudir os depravados intentos do Gentio determinou fugirlhe; assim o executou metendo-se pelos incultos matos, procurando entre as feras conservar

aquella virtude contra a qual se armava o poder de hum tiranno sem fé, e sem piedade, querendo antes perder a vida entre os brutos, que sofrer acçoens, que se a não vencião, continuamente a escandalisavão. Passados tres dias, que viveo entre as brenhas escondida, falta do necessario aliméto, se resolveo a sahir para onde pudesse achar, com que sustentar a vida. Foy sentida dos que a procuravão e preza. Trasida a presença do barbaro Tamoyo, se dispoz a tomar della cruelissima vingança. Segura em fortes cadeyas a teve até que parisse (porque se achava pejada) e a vista da May, matou, assou, e comeo o filho. Sentio a valerosa May o fatal estrago de seu filho, mas sempre firme em não consentir com a vontade do tiranno. Vendo este que nem a rogos, nem a rigores conseguia vencer aquelle animo constante, furioso, desesperado, e cruel a fez em pedaços, e fez materia da sua gula, a que a não quizera ser da sua lascivia. Querendo antes esta forte matrona sofrer tormentos, e padecer duas mortes, que cometter hũa so offença de Deos. Foy esta illustrissima mulher aplaudida dos christãos do Brazil por verdadeira Martyr da castidade. Desta matrona fallão varios escritores com bem merecidos elogios, e o Beato Jozé de Anchieta falla desta virtuosa matrona como de hũa alma bem aventurada, que gosa do premio, e coroa do Martyrio.

9. No presente tempo vimos renovado o heroico valor, com que as antigas Pernambucanas perderão a vida em defença da Castidade. Joanna Nhanupatyba India cazada, e natural da Serra da Ibyapaba na Provincia do Ceará, sendo acommettida muitas vezes por hũ Indio da mesma Serra, que com promessas, affagos e ameaços procurava render a fortaleza da sua honestidade, nenhum abalo fazião no seu constante, e fiel coração os fortes assaltos, que lhe dava. Vendo o Indio que ella sempre ficava triunfante, a esperou em hum bosque em dia de Nossa Senhora das Neves, cinco de Agosto de 1753, e pondo-lhe hũa faca no peito a ameaçou com a morte se não satisfazia seu desordenado apetite. A valerosa e casta matrona mostrou tão pouco temor do ameaço, que com heroico valor lhe offereceo o peito dizendo: que nelle livremente podia empregar seos golpes; porque de nenhũa sorte consenteria acção, em que pudesse offender a Deos, e a seu marido. Cego o Indio com o fumo, que exaltava o sensual fogo, em que ardia seu coração torpe, lhe tirou a vida com muitas e penetrantes facadas; e com fim tão glorioso passou sua bemdita alma desta vida mortal a coroar-se na eterna.

10. Vivia na mesma Serra hũa India chamada Catharina, donzella de angelicos custumes, e vida inocente. Cazarão-na seus Pays com hum Indio da mesma nação, que havia provado de bom natural: porem como não basta grangear bom nome, porque he preciso conservallo,

offuscou depois de cazado a gloria de suas passadas virtudes offendendo muitas vezes o thalamo conjugal, e não podendo sofrer as admoestaçoens, que brandamente lhe fazia sua mulher, para o desviar da concubina, lhe deu hũa facada tal, e em tal parte, que não so a matou, se não que ouvera occultado o seu delito, a não haver quem o descobrisse. Carregou elle mesmo com o corpo de sua mulher defunta, e trazendo-o para a Aldea disse: tinha fallecido no mato de hum executivo accidente, pedindo ao Padre Missionario a enterrasse logo; porem como se fizesse publico o seu delito, fugio apressado, e o seu Governador o procura com boas deligencias para que seja o seu crime castigado como merece. Foy esta India de tão boa vida desde a sua infancia, que se fez celebre entre as demais Indias, como exemplar da virtude. Foy morta por seu marido no anno de 1754, quando contava desasete de idade.

CAPITULO 2º

CONTINUA A MESMA MATERIA

11. Depois que a crueldade dos hereges olandezes executarão nos moradores do Rio grandes e horriveis tormentos, que temos referido no livro 4º n. 13, caminharão com espantoso tumulto para o lugar onde estavão as mulheres, filhas, irmãas, e parentes dos mortos, vivamente aflitas com o receyo da sua perda, e desemparo. Depois de lhes intimarem a morte dos seus, e falta de defença as invadirão brutos, e crueis, porque com acção indistinta satisfiserão a colera, e a torpeza; esta so achou satisfação nas que sufocados os espiritos, e perdidos os alentos, perderão tambem os sentidos, e ficarão como mortas. Não assim outras que assestidas de varonil esforço primeiro perderão as vidas que a honra, se a pode perder quem se não pode resistir. As que desmaiadas padecerão a violencia restituidas a seus sentidos com lagrimas innuteis choravão a sua affronta, alivio que castigava a tirannia dos Infieis condenando por delito o natural sentimento.

12. Despojadas donzellas, e matronas ate das roupas que pede a modestia, por mandado de João Bolestrater, autor de tamanha crueldade, forão levadas a Parayba. Aqui apparecerão tão consumidas, e desfiguradas do rigor com que havião sido atormentadas, que se via em cada hũa o retrato da morte, e da miseria, e tão barbaramente roubadas, que as não podião ver os olhos sem pejo, e magoa.

A todas que puderão escapar das mãos dos Olandezes com vida

(forão mais de sincoenta as que padecerão cruel morte) recolheu a piedade dos moradores da Parayba, agasalhando-as com amor, e cobrindo-as com decencia; o que não foy bastante para que, muitas cortadas do horror da lembrança da sua affronta, e desfalecidas pelos tormentos passados, não acabassem a vida. A D. Maria cazada com Manoel Rodrigues Moura, que no martyrio de seu marido, o acompanhava fervorosa, e o chorava despedaçado, cortarão os pes, e as mãos, para que se não pudesse apartar da cauza da sua magoa, e entre os corpos desanimados bebesse a morte no sangue das feridas, e no horror da companhia, martyrio em que durou tres dias, até dar a alma a seu Criador. Em odio da fé, e constancia dos Martyres, e de hũa May, que a gritos condenava seus erros, lhe tirarão hũa filha de dous annos dos braços, e com apostado tiro a estralarão no tronco de hua arvore. A outra criança, pela mesma causa, partirão em duas partes de alto abaixo com o golpe de hum alfange.

13. Não ha muitos annos que a este Reciffe arribou certo homem com o fim de adquerir cabedaes, e não achando comodo na praça sahio a mascatear pelo reconcavo, passados poucos annos armou seu casamento com hũa moça, filha de Pays posto que humildes, brancos e bem procedidos. Não passou muito tempo que lascivamente não empregasse a vista em hũa donzella parenta de sua mulher. Com agrados e afagos, que sabia fingir a sua rustiquez, intentou vencella; não produsindo effeito as suas carinhosas batarias, a combateo com promessas (era a donzella pobre) mas nada bastava para conseguir della o que pertendia.

Reforçou a avançada, dizendo-lhe: Que se teimava em resistir a seus intentos cuidaria elle em a infamar com testemunhos. Gemia a aflita moça vendo-se exposta as calumnias de hum homem infiel, e recorria a Deos pedindo-lhe que o torvão do ameaço não chegasse a fulminar o rayo da injuria, e que se resolvesse em vãos relampagos. No tempo em que ardia mais impetuoso, neste homem, o fogo da sensualidade, foy precizado a fazer certa jornada, em que gastou alguns mezes. Recolhido a sua caza, e indo algũas vezes a dos Pays da moça, mostrava que ou estava esquecido da sua torpe pertenção, ou totalmente emendado da sua culpa. Para o bautisamento de hum filho convidou seus parentes, e acodirão tambem os Pays da dita donzella trazendo-a em sua companhia. Vivião huns distantes de outros mais de hũa legoa, e foy preciso anciparem na vespora a sua vinda, e passarem hũa noite todos na mesma caza.

14. Não estava apagado, se não coberto de cinzas o odio que aquelle malvado homem tinha concebido contra a virtuosa moça; esperava occasião oportuna para se vingar de sua resistencia, e tanto que a

teve pegou della, e executou a mais execranda maldade. O odio ao verbo encarnado em revelação, fez a hum Anjo Demonio la no ceo, e sendo tal a perversidade deste peccado, que transformou em Demonio ao Anjo mais bello, que metamoforseos não faria neste homem, a quem a lascivia, e ira já havia posto na classe dos brutos. Tendo preparada certa confeição lha intrudusio em hũa bebida. A copia de vapores, que se levantarão do estomago, e sobirão ao cerebro a meteo em hum tão profundo sono, que podia temer fosse elle o ultimo termo da vida. Tanto que a vio sepultada no lethargo, e recolhidos os assistentes, com certo instrumento lhe destruhio a inteireza de donzella, ficando muito satisfeito de lhe deixar irreparavel a virgindade da carne. Em quanto dormindo não pode a moça sentir o estrago, porque foy mais poderosa actividade da confeição, que o sentimento do golpe. Restituida a seus sentidos, ainda que estranhou alguns sinaes, não atinou com a causa. Não tardou muito tempo que o mesmo barbaro executor de tamanha maldade lhe não declarasse o que deshumanamente havia executado, dizendo: Que já estava satisfeito, e vingado do seu desprezo; porque se a sua resistencia era para se conservar inteira, e cazar-se, que o fizesse no estado, em que estava, e levaria ariscada a vida a hum veneno, ou exposta a continuos dissabores. Sentida da injuria, e da perda da sua virginal inteireza, falta de alento para viver affrontada, cahio enferma em hũa cama, e como não havia remedio para o seu mal acabou a vida em poucos dias.

15. Todos os vicios são vicios, violentar hũa mulher he infame culpa, mas culpa que pode ter desculpa na precipitada cegueira de hum apetite dezordenado; porem corrompella por odio, e vingança he maldade, de que talvez não haverá exemplo. A todos os viciosos excedeo este perverso homem, e ainda aos animaes mais feroses; porque elles ainda que faltos de rezão, e de piedade, não são faltos daquelle instinto, que os retira de obras, que são oppostas a natureza. Póde sim o odio deste homem, como tambem a barbara torpeza dos Olandezes violar algũas donzellas a virgindade material, mas não a virgindade formal, porque esta conservarão virtuosas, com santo e firme proposito de se não contaminarem com couza venerea, e assim aquella violencia a não podia destruir por ser como joya guardada em hũa caixa, que não se perde a joya ainda que a caixa se quebre. Involuntariamente perdendo a virgindade material, tão fora estiverão de perder a virgindade formal que antes se duplicou o seu esplendor. Por isso a virgem Santa Luzia, vendo que a levavão ao degouladoro da pudecicia, disse ao Tiranno Pascacio: Que se involuntariamente fosse violada essa violenta oppressão lhe duplicaria a coroa da sua virginal pureza.

CAPITULO 3º

DE MUITAS HEROINAS PERNAMBUCANAS, QUE SE MATARÃO COM SUAS PROPRIAS MÃOS PARA SE CONSERVAREM CASTAS

16. Com varonil esforço souberão muitas Pernambucanas defender das violencias dos Olandezes a sua castidade. Virão o perigo iminente da sua honra, e revestindo-se de hum heroico valor se despojarão a si mesmas da vida, remindo deste modo a sua honestidade. Sobre esta generosa resolução hão deixado correr a penna graves Autores, huns laureando-a com repetidos elogios e outros movendo questão se he ou não acertada. Não ventilamos sobre a acção das que antes se deixarão matar, que consentir na injuria da sua honra, e virgindade; nem das que resistindo a vontade, era opprimido o corpo, porque hũas, e outras merecerião as coroas multiplicadas. Toda duvida está nas que para não sofrerem a violencia, se matavão por suas proprias mãos. Sobre o que he resolução certa, que a nenhum Christão he licito o matar-se ou martyrisar-se a si mesmo por defender a fé, porque segundo as providencias regulares, e cómuas, ninguem pode ser homicida de si mesmo. Santo Agostinho reprehende a alguns, que se arrojavão as agoas e aos fogos para acabarem a vida; e o mesmo faz a outros que a abrevião com penitencias exquisitas.

Todas estas doutrinas, que são geralmente muy certas, e seguras, padecem em o particular algua excepção, e esta consiste, em que similhantes acçoens sejão executadas por especial impulso do Espirito Santo, que as dicta para o exemplo: e assim sabemos, que Sansam abrasado em zelo de Deos se matou a si mesmo, e aos Philisteos abraçando-se com as columnas, e dando sobre todos com a maquina daquelle grande theatro. Euzebio não acaba de encarecer a hua fermosa Matrona de Antiochia, que com duas filhas muy formosas se arrojou no profundo de hum rio, fugindo dos illicitos desejos dos que as perseguião, para satisfazerem a seos torpes apetites. Cedreno refere o mesmo da mulher do Santo Martyr Audacter. Niceforo louva muito a Sofronia, que se matou com hum punhal por se livrar do cruel emperador Maxencio, que queria violar sua pureza. Santo Ambrosio, e S. João Chrisostomo fazem mil elogios a virgem Santa Pelagia, que se lançou de hũa torre para não cahir nas mãos do Tiranno, que determinava ultrajar a sua castidade, e as suas reliquias forão muy veneradas em Antiochia, e Constantinopla de todos os Christãos. Ultimamente celebra a Igreja a gloriosa virgem e Martyr Santa Apolonia, que se arrojou no fogo por influxo, e comoção celestial.

17. Toda dificuldade consiste, se estes impulsos, e movimentos procedem do Espirito Santo, porque he certo, que tambem Satanaz se transforma muytas vezes em Anjo de luz para enganar as almas, como affirma S. Paulo, e de que ha muitos exemplos, e ninguem pode saber, que espirito he o que o move. O que parece mais seguro he, que sendo o Espirito bom, e de Deos, dá então similhantes impulsos, para obras tão heroicas, aos que são seos servos verdadeiros, pois estes somente se movem a execução pela virtude, pela honra, pela gloria de Deos, e pela defença da sua caza, e Igreja: e assim não permitte o Senhor, sejão enganados do Demonio para percipicios. Porem se os impulsos cahem em gente de má vida, amigos de seos gostos, inimigos da Cruz de Christo, e pouco pacientes nas adversidades, nestes termos, são indicios de desesperação, originados de máo Espirito, como vemos muitas vezes socceder em escravos rebeldes, viciosos, e de ruins custumes, que impacientes no captiveyro, pouco sofridos nos trabalhos, desesperados nos castigos, se arrojão aos rios, se percipitão de lugares altos, se enforcão, e por mil modos tirão a si mesmos a vida. O mesmo desatino obravão os antigos Gentios, faltos do conhecimento das verdades evangelicas. Quando se vião sem esperança de escapar das mãos do inimigo, seu mais presentaneo, e na sua extimação glorioso remedio era tirar-se com suas proprias mãos a vida. Neste absurdo cahirão Catão Uticense, e outros muitos, de que faz menção a historia, mas com a luz da Fé se conhece o engano desta falsa generosidade. Quem teme a Deos, e quer (como deve) guardar os mandamentos divinos não pode licitamente entregar-se a desesperação, e contra a obediencia que deve a seu Criador, anticipar com morte voluntaria o fim da sua vida. Em todo caso semelhantes acçoens se devem executar rarissimas vezes, e nessas hão de ser primeiro muy examinadas com os labios, prudentes, e zelosos, para se não cahir nos laços do inimigo. Tambem para se conhecer, se he de bom espirito o movimento se julga por boa circunstancia a alegria, e o gosto, com que os servos de Deos executão essas acçoens, porque os que as fazem por impulso maligno, se achão tristes, temerosos, e perturbados, e ordinariaméte sentem repugnancias para o mesmo que executão nascidos do Anjo bom, que procura desviallos dos enganos do Demonio, e elles obstinados despresão seos interiores avisos.

18. As donzellas, e matronas de Pernambuco, que por suas proprias mãos se matarão, parece forão movidas a obrar acção tão heroica, por impulso divino, e não por espirito de desesperação, ou algum outro fim vicioso. Erão senhoras virtuosas, castas e recolhidas, como taes quiserão com a morte, que a si mesmas derão, conservar a fé, com a pureza da alma, e corpo, para se apresentarem limpas, e puras aos divinos olhos do esposo Jesu Christo. Despresarão a vida temporal, para

com o preço de seu proprio sangue conseguirem a eterna. Viva está ainda, para o sentimento a lembrança da violencia, com que a bestial torpeza dos hereges ultrajou a honra de muitas mulheres Pernambucanas, e he digno de reparo, e admiração, que nenhũa concebeo daquelles forçados ajuntamentos, do que se manifesta (como sabem os Phisicos) não haver da parte dellas, algum voluntario consentimento, sendo tão forte, e activa a resistencia interior, que pode vencer, e destruir aquella precisa deleitação, e sensaçoens naturaes a que está sugeita a natureza humana, ainda sem concorrer a vontade, para complemento dos actos. Não se jacte pois Roma de haver dado ao mundo hũa Lucrecia, que se soube matar depois de affrontada, quando Pernambuco deu muitas, que vivas para a resistencia, as achou a violencia mortas para as affrontas.

19. Se a verdade podera fallar, que justamente se queixára da calumnia com que certo escritor moderno preferindo sonhos, illusoens, e enganosas aparencias as demonstraçoens, e realidades da razão e da esperiencia supoem no Brazil hum tão ardente, e adusto clima, que descompoem a honestidade dos costumes, inficiona a pureza dos affectos, e influe estimulos, que inquietão a tranquilidade do espirito. Se o não viramos escrito não creramos, haveria quem depois de tantos desenganos seguisse a errada opinião, que em tempos antiquissimos seguirão os sabios da Europa, Asia, e Africa com desabono das terras, e clima da America. Disse Aristoteles no 2. liv. dos Sety Meteoros, c. 5 com toda a escola dos seus discipulos ; que toda terra que corresponde a zona, a que chamava torrida /entre os dous circulos solsticios de Cancro, e Capricornio/ era terra secca, e requeimada, pelos excessivos ardores causados da proximidade do sol, e como tal incapaz de ser habitada pelos homens, por que não produsiria frutos, nem haverião agoas para sua sustentação.

A este filosofo seguirão depois Plinio, Liv. 2 cap. 68, Virgilio em suas Georgicas, Liv. 1º, Cicero, Philo Judeo, Beda, S. Thomas, Escoto, Durrando, referidos pelos Conimbricensis 2. Colo. c. 14. quest. 1. art. 3. tiverão a mesma opinião. Porem que dirião, se virão elles o que vemos nós ! dirião : Que o Brazil e essa zona torrida, não só não he terra seca, ardente, adusta, e requeimada mas sim hũa região temperada, fresca, amena, abundante de chuvas, orvalhos, fontes e rios, com viraçõens continuas, vitaes, suaves, e benignas. Dirião que no Brazil são os dias iguaes com a noite, e o calor do dia muito mais breve, e muito menos intenso, que o que se sente em outras partes do mundo no verão ; porque o frio da noite diminue o calor do dia, e o calor do dia o frio da noite, e assim ficam temperados de tal sorte calor e frio, que não sentem os corpos mudança algũa.

20. Isto he o que dirião, e isto he o que exprimentamos, e ja em tempos antigos ouverão tambem muitos doutos, que acertarão no conhecimento desta verdade. Assim o affirmavão Erathostenes, Polybios, Ptolomeo, Avisena, e não poucos dos nossos theologos, de que faz menção Santo Thomaz na sua 3ª parte, quæst. 102. art. 2. e em tanto gráo, que chegão muitos a defender, que nesta parte debaixo da linha equinocial creara Deos o Paraiso terreste, por ser esta a parte do mundo mais temperada, deleitosa, suave, e amena para a vida humana. Isto clamavão em outro tempo egregios Autores, isto estão vendo, e exprimentando milhoens de testemunhas, e só a não quiz ver, nem confessar o Autor da Historia da - - - - chamando ao Brazil clima adusto, provocativo de sensuaes torpezas. E para que? para nos dizer que certo expulso da sua religião pelas torpezas dos seus apetites viera degradado para o Brazil, onde o concidera muito mais relaxado em seu vicio pela liberdade, e influencias deste adusto clima, como se fora possivel a intẽperança libidinosa daquelle miseravel homem ter augmento, ou que se podesse dar fogo que mais augmentasse em sua alma o infernal incendio, sendo elle tão intenso, como declara na sua Historia.

21. O fogo sensual he mal hereditario, que os primeiros Pays deixarão nas entranhas dos seus descendentes, em todas as partes do mundo com os filhos de Adão nasce este immortal inimigo, cresce com elles, de seu sangue se alimenta, com o seu sono se restaura, do seu descanso toma vigor, e com as suas armas lhe faz guerra. Salomão em Jerusalem, Annibal em Capua, Cesar em Alexandria, Heliogabalo em Roma, Demetrio em Grecia, Antonio no Egipto, Henrique em Inglaterra, Rodrigo em Hespanha, forão muy vencidos da paixão venerea. As influencias sensuaes são connaturaes, em toda parte, e em qualquer lugar o seu fogo sempre esta ardendo, se o não apagão com muita oração, e com muita penitencia, e assim aquelle que for mas devoto, e mais penitente será tambem o mais casto. Tem os anjos a pureza por natureza, e os homens por graça auxilio, que nunca lhes falta. Tem esta virtude o seu assento no coração, e o juizo certo da santidade o tem somente Deos, em cuja mão está o pezo do santuario, fora desta certeza tudo mais he juizo temerario.

22. O certo he que este Autor não consultou a sua temeraria proposição com as nossas historias, nem tambem com as infalliveis regras da experiencia. Não com as historias porque acharia no Brazil infinitos exemplares de heroica honestidade; nem com a experiencia, porque se tivera conhecimento desta região soubera que sendo demonstrativos da castidade, a vergonha, recolhimento, pejo, encolhimento, cizudeza, e modestia, são essas virtudes o insigne distinctivo das mulheres do Brazil, a guarda do seu decoro, inseparaveis companheiras

da sua continencia. He verdade que em muitas mulheres pretas, e pardas falta talvez a compostura, e sobeja a liberdade. Não negamos que sirvão de tentação, mais esta guerra permitte Deos no mundo para os vencedores merecerem a coroa da gloria. Quando na terra da Promissão entroduzio Deos aos Israelitas não lançou fora os Cananeos, não expulsou os Amorrheos, não exterminou os Iebuseos, deixou na dita terra todos estes inimigos do povo de Israel, para que tivessem com quem guerrear, e a quem vencer, erão estes homens figura dos inimigos da alma, com elles he necessario pelejar na terra para triunfar no ceo. Este que muitos chamão conflicto perpetuo, qual será a terra livre d'elle.

CAPITULO 4º

DE ALGUÃS ILLUSTRES DONZELLAS, E MATRONAS QUE SENDO CASTAS, E VIRTUOSAS, FALÇOS TESTEMUNHOS LHES AGENCIARÃO MORTES VIOLENTAS

23. Ainda que o Brazil tem visto innumeraveis escravos, que hão querido muito a seos senhores, e obrado grandes finezas de lealdade em seu serviço: C. Cornelio Tacito não tem por alhea do escravo a lealdade, quando a compara com a da May para com seu filho; da mulher para com o marido, e de huns parentes para com outros: e Seneca no lib. 3º de Beneficiis conta muitos, e muy insignes. Com tudo a experiencia de casos soccedidos no grande, e espaçoso theatro deste Paiz tem mostrado a falcidade de outros, q̃. livres em sua vida, são escrupulosos na dos Senhores, não havendo descuido, ou acção, de que não julguem mal, e com falços testemunhos tem muitas vezes ultrajado senhoras esclarecidas em modestia, e honestidade, não sem grande damno das que innocentes acabão as mãos de seos Pays, Irmãos e maridos, ou enfermão no seu credito mortalmente offendidas do veneno das suas lingoas, sem que tantos exemplos sejão remedio para lançar fóra do corpo dos irados e ciosos, o espirito da ira, e os affectos da vingança.

24. Os funestos effeitos da maledicencia de um infiel escravo lastimosamente exprimentarão a mulher, e tres filhas do Coronel Fernão Bezerra Barbalho, nobre, e opulento natural, e morador de Pernambuco. Vivia em hum seu engenho na freguesia da Varzea, pouco mais de hũa legoa distante do Reciffe, no lugar que hoje chamão da matança. Fez certa viagem acompanhado de seos filhos Fernão, e Antonio Bezerra. Voltando para sua caza, encontrarão na villa de Goyana hum seu escravo, que havia com a fuga desviado o castigo, que a

Senhora lhe mandara dar por crimes, que havia comettido na ausencia do Senhor. Este perverso captivo encobrindo as suas culpas, mostrou que arrebatado do zelo, e fidelidade, vinha comunicar noticias, em que intereçava a honra, e reputação da familia, e com iniqua falcidade deu conta do que não havia, e expoz o modo, com que vira, que hũa das filhas admetia certo amante, que coberto com o veo da noite, se attrevia desconhecido a profanar o decoro devido a semelhante caza. Acrescentou que suposto encobrisse por algum tempo, com estudado recato, a sua criminosa affeição, não pode a sua culpa ser tão artificiosamente occulta, que não transpirassem as especies da sua deformidade, descobrindo sinaes exteriores da leviandade do seu precedimento, de que já dava inevitavel indicio, apezar de todos os resguardos, e cautellas, a que ajudavão sua May, e Irmãas.

25. Como esta noticia (de que devia duvidar prudente) cahio em hum homem irado, vão, glorioso, soberbo, e pouco temente a Deos, dando por infalivel a sua affronta, cheyo de arrebatada ira aspira colericamente a vingança. Com resolução filha da loucura, do furor, e cegueira do entendimento, determina sem mais averiguação do delicto, tirar a vida a sua mulher, e filha. Acompanhado de seu filho primogenito, e de alguns escravos caminhou apreçado para a varzea, chegou a sua caza, e tomadas as portas da rua, sobio acima. Accendem-se-lhe os olhos, enrrição-se-lhe os cabellos, enfurece-se-lhe a voz, e dezembainhando as armas, cortando pelas ternuras do amor paterno, impetuosamente se arroja as innocentes victimas, que descuidadas, e affectuosas sahirão a recebello, e com horrivel crueldade lhes trespassa o peito, luctuoso desempenho de hũa paixão cega, e lamentavel lembrança de hũa horrivel crueldade. A mulher, e filhas sem tempo para ver no conflito de movimentos contrarios, e no colerico dos semblantes a impiedade da resolução, se virão á força de penetrantes, e mortaes feridas banhadas no innocente sangue exallar a vida.

26. Marcos Bizerra que se achava no lugar, ouvindo os clamores de sua Tia e Primas, intentou entrar na caza com o dezejo de atalhar quanto estivesse da sua parte o curso de tamanha crueldade; mas repelido pelos que guardavão a porta, e ferido com duas ballas de hũa pistolla, que lhe puserão ao peito, fez companhia na morte as que quizera livrar com vida. Estas rozas com sangue, e jasmins desmaiados, que a humanidade se fazião objecto lastimoso, e aos olhos espectaculo horroroso, so se fez grato ao filho matricida, e fratricida, porque não repara em violar a immunidade do sangue, e com cruenta ira festeja as exequias da fama, e o funeral da reputação. O Pay, quem tal cuidara! com alegria triste, com hũa tristeza alegre, com hum martyrio de que gosta, e com hum gosto, que o martyrisa se

glorea, que elle mesmo fosse o executor deste cruel, e rigoroso suplicio.

27. Não duvidarão muitos Pays por impulso do paternal affecto de se entregarem a si a morte, so para que seos filhos não perdessem a vida; mas que ouvesse Pay tão tiranno, e tão cego que arremeçado de hum injusto odio, e de hum suposto agravo chegasse feito verdugo a matar as suas proprias filhas, a quem dera o ser, e communicara da vida o alento he cazo de que apenas se achará algum exemplo. De Solon hum dos famosos sete sabios da Grecia, escreve o Principe da humana eloquencia, que não estabelecera ley, em que se determinasse pena algũa aos parricidas, porque lhe pareceo que era como impossivel o haver filho tão deshumano, e cruel, que tirasse a vida a seu Pay, ou May, nem ainda o intentasse. Isto supoz aquelle sabio, e com grande fundamento, mas o que se julgou não podia caber nos limites da possibilidade, vimos que chegara em Pernambuco ao estado da existencia, conjurando-se o odio de hum filho contra a vida de sua May rasgando como peconhenta vibora aquellas mesmas entranhas, em que recebera o ser de homem, que agora se via transformado em ser de fera.

28. Livrou d'esta cruel carnificina aquella filha, que fora calumniada pelo infiel escravo, soccorrida de hũa escrava, que vendo os primeiros golpes empregados nas primeiras senhoras, que sahirão a salla, soube leal occultar esta de modo que burlhou todas as deligencias, que se fizerão em sua busca: talvez por providencia divina para que não ficasse a verdade muda, a virtude confusa, a innocencia culpada, e a falsidade triunfante. Vivendo mostrou não commettera a culpa, que falsamente lhe arguira o maligno escravo, e que aquelle imbuste teve toda sua origem na sua negra malicia. Porem de que aproveitou a Fernão Bezerra o desengano adquerido com tal evidencia, e com a incontrastavel verdade da mesma vista? hum perpetuo tormento na concideração do seu erro, e engano.

Quanto mais sensitivo he o golpe do espirito, que do corpo, tanto mayor damno exprimenta confundido do seu mesmo delicto. Os actos motivos da sua paixão cega se terminavão no comum idolo da honra, dictou-lhe a postilla da vaidade, que para ser homem de nome devia vingar-se por semelhante modo, e que assim estabeleceria veneraçoens a sua fama, porem succedeolhe tanto pelo contrario, que perdeu a fama, a honra e o nome, conseguindo somente o de leve, imprudente, temerario, e soberbo; porque para averiguar o successo não esperou pelo tempo, que tudo apura, nem buscou a razão que tudo manifesta, mas com cega precipitação abraçou a mentira, virou as costas a verdade, e atropelou a innocencia. Commoverão seus parentes contra

elle justas iras, e tratarão-no como o mais criminoso homem do mundo. D. Isabel de Goes May de Marcos Bizerra o accusou á Justiça, e não achando abrigo, ou seguro em parte algũa, foy preso, e remetido para a Relação da Bahia, onde em publico cadafalso pagou com a cabeça coberta de cãas as liviandades, e desatinos do seu errado juizò. O filho aconselhado do seu mesmo perigo soube melhor esconder-se as deligencias da Justiça da terra, mas não pode livrar-se de hua morte dezestrada, e violenta por sentença de Juizo superior; o seu delicto foy a chave, que lhe abrio no peito a porta por onde entrou hũa bala, com que o matou hum vil mulato. Sepultado em hum deserto dos certoens da provincia do Rio grande, so o pasmo e a infamia lhe servem de epitafio.

29. De algum modo restaurou Fernão Bezerra com o primor de hua honrada bizarria, a notta de cruel, e precipitado. Se os movimentos da ira, com que executou tão execranda tirannia forão dominados da soberba, elevados da ambição de honra, e nome, teve o seu coração generosos alentos para descontar com a penitencia os seus escandalosos desatinos. De nenhum modo quiz admittir a pratica dos que lhe aconcelhavão corresse o seu livramento a custa da fama de sua mulher, e filhas. Publicava a innocencia daquellas virtuosas senhoras, e só culpava a cegueira do seu entendimento, e precipitação da sua colera. Esta moderação contribuhio muito para fazer menos detestavel a memoria das suas paixoens. Considerando-as como partos de hum animo altivo, que então atendeu aas melindres da honra, e agora somente atendia as firmezas da verdade.

CAPITULO 5º

CONTINUA A MESMA MATERIA, COM A NARRAÇÃO DE SEMELHANTES CASOS

30. Vivia na illustre villa do Reciffe o Sargento mor Nicolao Coelho, muito abastado de bens, tinha entre outros filhos hũa filha de rara fermosura, e descripção chamada D. Anna. Casou esta senhora com Andre Vieyra de Mello, mas sentido o demonio q̃ estes dous nobres consortes vivessem em amorosa união, e concordia das vontades, para os fazer discordes, usou de hũa industria verdadeiramente diabolica. Enfronhou-se no coração de huma vil escrava, que achou proporcionado para o seu intento; e tendo-a sugerido, e disposta para obrar qualquer excesso em perjuizo da honra, e vida de sua senhora, disparou na seguinte maldade. Affectando hum grande segredo, disse a May do marido: Que sua nora esquecida das obrigaçoens do seu estado dava furtivas entradas

a João Paes Barretto, que com sacrilego desprezo do sacramẽto, e de tão authorisadas pessoas injuriava o thalamo conjugal, circumstanciando a noticia com mil particulares, que as suas observaçoens havião alcançado e descoberto. Esta quimera, que so na maliciosa imaginação da escrava tinha subsistencia, admetio ligeiramente a sogra, despresando muitos motivos que se offerecião para duvidar da sua verdade, procurando fazer força o seu entendimento por não perder o lanço de satisfazer com seos antigos, e envelhecidos rancores.

31. Comunicou sem demora tamanho enrredo ao filho, persuadindo-o a vingança. O filho a quem a experiencia tinha dado cabal conhecimento da virtude de sua Esposa, despresando a falsa noticia, que os affectos de amante lha fazião penosa /receando que a aspereza, e genio da May lhe acrescentasse outro mayor pezar/ procurou dissuadilla, pedindo-lhe desprezasse aquella quimera, que creara a maldade da escrava, e abortara o seu atrevimento, conformando-se com a certeza de que sua nora não faltava as obrigaçoens de honrada. A May a quem a antipathia de sogra tinha endurecido o coração, e preocupado o entendimento, apurada nas razoens do filho a paciencia, não sabendo dissimular o seu odio com soberba indignação lhe disse: Se lembrasse das obrigaçoens, com que nascera, e advertisse não era aquelle caso para disfarçado, e quando se mostrasse froixo em acodir pela sua honra, e reputação correria por sua conta o desagravo. O Pay a quem logo se deu conta do que a custa do credito tinha alcançado a escrava, menos sofrido na noticia mostrou tão vivo sentimento, que logo deliberou que primeiro matassem a João Paez, e depois a sua nora, insultando o filho de hua paciencia, que nelle supunha indigna de homem, escandalo do mesmo amor, opprobrio da natureza, e da sua posteridade estrago. Algum tempo porfiou o filho em defender a innocencia de sua mulher, mas não se atrevendo, ou não podendo socegar as vingativas iras de seus Pays, veyo a ceder de covarde. Verdugo, e homicida de si mesmo se agenciou a si proprio a ruina consentindo na morte da Esposa.

32. Ignorava a innocente matrona a infernal machina que contra a sua honra, e vida estava levantada, e vivia descançada no gremio de hũa suave tranquilidade. O marido pelo contrario acezo hua vez no animo o fogo da desconfiança, e ciume, cego com o fumo da paixão /vapor opaco, que escurece do ceo do amor a mais serena parte/, sem mais ter olhos para ver o sol da razão, com desabrimento no trato, remoques na conversação a trazia duvidosa, até que com patentes desprezos lhe deo a conhecer a causa do seu odio. Degenerada a desconfiança em fereza vio a aflicta mulher a sua desgraça, e perigo, mas o socego da sua conciencia adquerido na representação da sua vida

passada, e a lembrança da fidelidade, e amor com que sempre tratara a seu marido lhe dava hũa grandissima confiança para se defender sofrendo, tendo por armas a tranquilidade, e por escudo o silencio. Tanta força como isto tem a conciencia, que se os culpados lhe parece que sempre tem diante dos olhos o verdugo, os innocentes não temem cousa algũa.

33. Mas sabendo que a João Paes Barreto havião dado a morte em hũa cilada, que armarão, conheceo que ella brevemente seria victima do mesmo odio. Via-se dezemparada de seos parentes, e só assestida das suas lagrimas, que ao soccorro da sua dor modestamente corrião· Carregada de opprobios, so se achava soccorrida da sua confuzão, que lhe cobria no rosto os deliquios d'alma, com as purpuras da erubescencia. Já estáva o Marido armado de hum activo veneno para nelle a obrigar a beber o triste trago da morte, quando animada do amor, e piedade, pondo por intercessor a hum Tio do cruel Esposo, impetrou desistisse da impia execução de dar-lhe morte estando pejada, cortando no ventre a vida ao filho em flor, condenando-o a hũa morte eterna sem fim. Pela intercessão deste medianeiro conseguio dilatarselhe o prazo de vida, para que o innocente filho, que trazia no ventre, livrasse do lamentavel naufragio, a que sua May estava condemnada. Para conservar algum tempo a vida, viase obrigada a sacrificar affectuosos rendimentos a hum idolo indigno da sua adoração, e a receber com agrado /pelo longo tempo de coatro mezes, que se demorou o parto /insoportaveis affrontas. Via-se como perola cercada das asperezas de hua dura concha, como coral no meyo de escura noite, innundava o pranto o seu rosto angelico, asylo da modestia, e trono da gentileza; e com sentidas vozes, e ardentes suspiros, publicava não sentir a crueldade do destino, que na primavera dos annos lhe cortava a flor da vida; e que pouco lhe emportara o morrer senão morrera infamada, porque a morte lhe acabaria os dias, e a infamia lhe eternisaria as ignominias.

34. Chegou finalmente a hora, em que as dores do parto lhe acrecentarão as angustias do coração, mas neste terrivel aperto mostrou que o seu coração, era maior que o seu infortunio. Depois que vio ao filho, que pario livre do perigo, a que estava sacrificado nas suas entranhas pedio lhe trouxessem hum habito do Patriarcha S. Francisco, de quem era muito devota e lhe chamassem hum confeçor. Confeçou-se com muitas lagrimas, e pedio aos que se achavão prezentes perdão de algum escandalo, que ouvesse cauzado, e amortalhando-se no habito seraphico se dispoz para morrer. Derão lhe hũa potagem envenenada, e a recebeo com hũa constancia pasmosa, e desconfiando os verdugos da sua efficacia lhe derão outra de diferente especie e isto a livrou, porque o segundo veneno empregou sua força em dissipar a actividade do primeiro.

Mandarão-lhe, que entregasse os pez, e braços para lhe serem rasgadas as veas e arterias, e sem algua repugnancia os offereceo ao sangrador. Rasgadas com súma crueldade as veas e arterias, não quiz o sangue pullar nestas, nem correr por aquellas, talvez por não sair a ser testemunha de acção tão deshumana. Repetirão-se incisoens, e venenos, mas sem effeito, ate que obrigada de hũa rustica mão inclinou como flor a tenra garganta, e esperou o golpe de hum garrote, que lhe deu a sogra. E ainda que esta constante matrona debaixo do pezo de tantos tormentos, gemia, lograva ao mesmo tempo hum espiritual contentamento, com o qual senhoreou de sorte os sentidos, que os teve quietos, e alegres debaixo do jugo da divina vontade athe o ultimo instante, em que se despedio do corpo a sua alma.

35. Nesta durissima violencia, e em nenhum dos tormentos, que lhe resultarão della, conhecerão os verdugos domesticos, que sempre lhe fizerão guarda, inquietaçoens, ou mudanças no animo, antes muita conformidade com o beneplacito divino, a quem offerecia todas as angustias, e penas com grande mansidão, e brandura. Aqui se conheceo o elevado do seu Espirito, propriamente olimpo sublime, a cuja eminencia não chegão as nevoas, que se derivão dos charcos. Mas assim o permitiria o Altissimo para que esta preciosa pedra fosse pulida com os rigorosos instrumentos de tantas crueldades, e tirannias, e parecesse a seos olhos com os resplandores da paciencia mais primorosamente agradavel.

36. Depois que no meyo de inevitaveis crueldades acabou a vida aquella fermosura igualmente perfeita, que infelice, foy mandado seu corpo a enterrar sem pompa na Igreja do Convento de S. Francisco de Ipojuca. Os Religiosos derão a sepultura, e fizerão por caridade as exequias daquella belleza defunta, que a humanidade se fazia objecto de lastima, aos olhos espectaculo horroroso. He fama constante, que passados dez annos abrindo-se a sua sepultura se achara seo corpo fragante, e incorrupto. Quereria Deos com o privilegio da incorrupção mostrar a inteireza da sua castidade.

37. Fez este cazo sobre inhumano, escandaloso, a publicidade com que foi comettido. Todos os que uzão de venenos para instrumentos da morte se mostrão vergonhosos, e acautellados para livrarem da suspeita. Desta traça se valeo Pison depois de ter dado veneno a Germanico. Ludovico Sforza conhecendo que seu sobrinho brevemente morreria da peçonha, que lhe havia dado, não se quiz achar em Millão, mas passou para Placencia. Quando Parifatides, may de Xerxez, Rey da Persia, quiz matar com veneno a nora, com hũa faca untada de veneno so por hum lado cortou na meza hũa ave. A parte envenenada deu a nora, e reservou para si a parte intacta; a moça inda

que receosa das siladas da sogra vendo que comia a parte que lhe tocava da ave, não reparou em comer o seu quinhão, do qual morreu. Com estas cautellas, e com pejo se valem do veneno, como de destro, e occulto inimigo; mas os criminosos de que tratamos fazendo alarde da vingança, não cuidarão em encobrir o seu delicto. Parecerá a alguem, que assim ficou a innocencia atropelada, e a iniquidade triunfante, porque a Justiça adormecida, ou corrupta não obrou o que devia, com descredito dos Ministros, e escandalo dos povos. Emmudece o Pay por afligido, os parentes se calão por confuzos, e a Justiça deixa as partes sem satisfação. Assim soccedeo, por ser em tempo das sublevaçoens, que causou o turbulento governo de Sebastião de Castro Caldas, e por isso passou este desatino envolto na confusão de outras desordens, sem ser punido pela Justiça humana, mas não lhe faltou o da Justiça divina.

38. Bernardo Vieyra, e seu filho Andre Vieyra forão prezos para Lisboa por outras culpas, que lhe arguirão, e ambos acabarão com mortes repentinas a vida. A sogra, que nesta tragedia fez o primeiro papel da crueldade, permitio Deos que na sua alma, e conciencia se lhe formasse o seu carcere, e o seu suplicio. Ainda que aos olhos do mundo andasse solta, e livre trazia comsigo o carcere, em que estava preza invisivelmente trateada de ancias, que a inquietavão, de remorsos que a picavão, e de temores, que a afligião, e a assustavão. Ninguem a perseguia, ella era a perseguidora de si mesma. Ella se perseguia, e se prendia, ella se prendia, e atormentava; finalmente a sua conciencia foy o carcere, e o patibulo, que a levou como desesperada a morrer no mato entre as feras, como fera.

CAPITULO 6º

CONTINUA A MESMA MATERIA

39. Com a mesma pena, e pela mesma Justiça, com que foy castigada a sogra da innocente D. Anna, foi punido Miguel Ferreira rendeiro do Engenho do Tapicurá. Tam perdidamente se affeiçoou este homem a hũa mulata chamada Maria Antonia, que com offensa de Deus e injuria do thalamo primeiro era a concubina a que desfrutava os agrados as assistencias, e os dispendios devidos a sua legitima mulher, e a nove filhos, que della tivera. Com extremada paciencia sofria a prudente, e virtuosa matrona os seus agravos, e quanto mais sofrida, mais atormentada.

Do centro dos desprezos passou para o theatro das crueldades.

Tendo a concubina por insofrivel a sua prezença determina com hum falso testemunho acabar com ella, diz ao marido: Que a mulher se facilitava com o Padre João da Rocha, capellão do Engenho. Acredita Miguel Ferreira o embuste, e determina matar a ambos. Para cometer o delicto com aparencias de desagravo, e fundamento do seu livramento, com detestavel engano chama a sua casa o innocente sacerdote, e com dose facadas lhe dá a morte, e com igual tirannia tira a vida a sua mulher. Poz o cadaver de hum junto ao outro no proprio leito, e se auzentou. Chegou a luz do dia, acodirão os vesinhos, e vendo-os em semelhante estado, encorrerão a publica notta de adulteros. Não havendo acusadores que o delatem, nem testemunhas que o convenção, nem Juizes que os sentenceem, por justissima disposição divina vivia tão perturbado com a recordação da sua impiedade, e tirania, que nos braços da concubina esperimentava os garrotes da maior tribulação; e no seyo do descanço a mayor angustia. A sua propria conciencia era o açoute que lhe flagelava a alma com iremediavel opressão, e tristeza. Com a reprezentação do seu sacrilego excesso se lhe figurava ver diante dos olhos duas sombras, que representando os dous mortos, lhe davão continuos tratos a vida com extraordinarias angustias do espirito. Os annos que viveo, depois que cometteo tão abominavel maldade não logrou um só dia tranquillo, e veyo acabar a triste vida depois de crueis desasocegos, horores homicidas, ancias assombrozas e inexplicaveis tormentos da sua mesma conciencia.

40. Com desmedida profusão consumio João de Nabathas nos pomposos aparatos da sua vaidade os bens da copiosa herança de hũa sua Irmãa orfãa e donzella. Para remediar tão pernicioso desbarate procurava casalla com hum sogeito, que não tinha olhos para conveniencia do dote, cego com o resplendor da calidade. Repugnou a donzella, mostrando estar muito longe de consentir na desigualdade daquelle casamento. Empenhou-se o Irmão a reduzilla a seu parecer, e cada vez a achava mais forte na repugnancia, desesperado de não poder render com branduras, nem atrahir com ameaços o consentimento da Irmãa, se persuadio a que aquella constancia era filha de algum afrontoso e bastardo amor. Sem o leme da prudencia, e so com as velas de hũa maliciosa curiosidade foi navegando por hum mar de suspeitas, ate que descobrio no orisonte da imaginação de hum escravo a região das chimeras, o que bastou para aribar logo ao porto do naufragio. Pernicioso logro pelo qual perdeu a Irmãa a vida e elle a honra.

40 (*). Na aurora da vida, na primavera dos annos se vio a triste senhora sacrificada ao outono dos tormentos, ate chegar a sofrer as

(*) *Numero repetido.*

violencias da morte que afogando-a lhe deu o mesmo mulato calumniador da sua innocencia. Sentio o rigor de grosseiras mãos esta delicada flor, eclipçou-se com lutos, quando o tempo lhe dava mais gala, e não tardou muito tempo, que não pagasse João de Nabathas tão barbara crueldade.

41. Com aquella liberdade que se permitte a hum parente, entrava em casa de hum seu Primo, e la ouve outro calumniador, que falsamẽte lhe arguhio a lialdade devida a seu proprio sangue. O Parente que supoz certa a offença, determinou matallo : ordena a hum vil escravo, que vindo a sua casa lhe tire a vida. Communicou o escravo a outro escravo o perceito de seu Senhor, e este o avisa para que se retire, e não entre mais naquella caza.

42. Não ha damno por maior que seja, a que se não resista na execução, se se temeo no ameaço, por isso dispoem sabiamente a providencia, que os males pareção maiores quando ameassão, que quando chegão, para que armando-nos de hum grande temor a sua grandeza, e de hũa grande pervenção o nosso receyo, lhe possamos resistir, e os possamos vencer. Despresou João de Nabathas o aviso, porque a mesma Providencia permitio que faltasse a pervenção para que não faltasse o seu castigo. Não temeo o damno, que o ameaçava, para que faltando a cautella exprimentasse a ruina. O mesmo negro o matou, e pagou com hũa morte violenta a crueldade, com que fez tirar a vida a sua innocente Irmãa.

43. Pouco Juiso tem quem se não sabe aproveitar do engano q̃ outros exprimentarão para proceder acautellado, e não vir a cahir nos mesmos erros. Não tem bastado tantos exemplos, para que muitos se não arrojem a commetter excessos semelhantes, sem ainda, como requer a boa razão, fazerem a menor deligencia para reconhecer a verdade. Excepção desta regra foy o Doutor David de Albuquerque natural, e morador na cidade de Olinda, que tendo valor para executar qualquer desagravo, como tinha inteligencia para conciderar, e juiso para deliberar, despresou a calumnia de hũa mulata sua escrava, com que quiz infamar a honestidade da Senhora, sabendo temperar o rigor desta noticia com o lenitivo da prudencia deixou a sua certeza encõmendada a experiencia. Quiz a escrava fazer certo o seu testemunho, e disse ao Senhor : Que todas as noutes vinha o adultero ao seu quintal, e que debaixo de hũa arvore esperava pelo sinal para poder entrar em casa. Flutuante o coração de David de Albuquerque entre duvidas esperou o dezengano pela vista. Erão onze horas da noute, quando vio hum vulto saltar o muro, e recolher-se debaixo de hũa laranjeira : ardendo em ira lhe fez pontaria com hũa clavina e o ferio com duas ballas. A vehemencia da dor fez a escrava disfarçada em outros trajes romper em gritos, e por elles foy conhecida e descoberta a sua falsidade : no seu desfarce achou o

seu castigo e com hũa morte violenta punida a sua culpa, e manifesta a innocencia da senhora.

CAPITULO 7°

VIDA E VIRTUDES DA VENERAVEL MADRE SOROR ANGELA DO SACRAMENTO, E DE SUA IRMÃA SOROR MARGARIDA DA TRINDADE, QUE FLORECERÃO NO CONVENTO DE S. CLARA DE COIMBRA

44. Hũa das maiores provas do poder humano, asestido com os auxilios da graça, he a Profição Religiosa, por ser hũa empresa, que pede muito alento, e muitas forças. Emquanto a essencia dos votos he igualmente perfeita em todo genero de pessoas, mas não se pode negar, que o valor das naturaes de Pernambuco, que passão a Portugal para na prizão de seos Claustros sacrificarem a Deus a sua liberdade, he sem comparação maior, que o valor com que nos grilhoens dos votos se prendem outras nos conventos da sua Patria.

A razão he manifesta, aquellas senhoras que do domicilio paterno passão para a clausura dos Mosteiros, fundados na sua Patria, rodeão como Estrellas encaixadas sempre no circulo da sua mesma Esfera, assegurão a sua gloria, no mesmo tempo, que empenhão a sua liberdade, e se captivão os alvedrios, he sem a pena de hum desterro. As naturaes de Pernambuco sobem ao divino thalamo pelos degráos de hum degredo perpetuo, vencendo obstaculos, e atropelando dificuldades. Com heroica determinação emprendem huma dilatada, e perigosa viagem. A despedida de seus Pays, e parentes he a peroração da lembrança, o prefacio do esquecimento, e a nuvem com que se eclipsão os objectos, para que se apaguem as memorias. Encerradas, depois de despedida tão sensivel, na fluctuante prizão de hum baixel, se entregão aos tempestuosos pelagos do mais alto occeano, em que não vem mais que ceo, e agoa, tendo debaixo dos pez fluctuantes abismos, e diante dos olhos a immensa concavidade das Esféras, em que so andão os Planetas, insensiveis testemunhas do seu dezemparo. Nesta insofrivel detença do mar são corpos mortos, que respirão, anatomias que vivem, e difuntas que sentem. Os seus leitos ataudes, as suas casas sepulturas, e os navios tumulos, em que se celebrão continuas exequias a sua vida, porque desta não logrão mais que o sensitivo para as penalidades, porque tudo que vem são incentivos para a mortificação. São os seus coraçoens atormentados de continuos sustos, e de repetidos temores, por terem lançado as ancoras da sua esperança na Patria dos naufragios e infortunios.

45. Bem podemos comparar a sua vida do mar com a penitencia mais aspera de húa Religiosa nos limites da mais apertada clausura de hum carcere vacilante, vivem sem poder ver, sem poder sahir, sem ter mais que poucas pessoas com quem fallar, e esta he húa das maiores penitencias que se pode fazer por toda a vida, no que se vê um anticipado retrato da penitencia, que estas valerosas virgens fazem depois nos apertos da sua clausura, por que nella se vem por todas as partes fechadas a recreação dos sentidos, e a variedade dos objectos; e por isso vencedoras com anticipadas victorias das procelosas tempestades do mundo.

46. Este preferir o desterro as delicias da Patria, he resolução tão galharda, que só se pode atribuir aos poderosos impulsos do amor divino. Rompe nellas o amor de Deos os vinculos do amor da Patria. Os divinos amores são as intelligencias celestes, que arrebatão estas Estrellas por terras estranhas. Com resolução maravilhosa deixão totalmente a Patria, e saem della para nunca mais voltar, e suposto sabem, ficão as agoas do occeano eternamente congeladas em cristalinas paredes para perpetuo impedimento da sua passagem, como a determinação he superior a suas naturaes forças, nada he bastante para as fazer ceder da sua constancia.

47. Passada a penitencia do mar, fervorosas buscão a clausura dos Mosteiros, e ainda que esta para todas as Religiosas seja perpetua, de algum modo he interrupta para as naturaes de Portugal, e para as do Brazil sempre fechada. Para as naturaes de Portugal tem parte de liberdade nas grades abertas para verem, e fallarem a seos Pays, e parentes, o que não logrão as naturaes do Brazil, sendo para ellas a clausura de tal maneira a portas fechadas, que de todo perdem a liberdade com a auzencia, e nesta inocente crueldade, e voluntario desterro, não so vivem separadas da Patria, Pays e parentes, mas obrigadas a violentar o seu natural para comprazer a naturaes encontrados, e para sempre ter paz com a belicosa antipathia de genios, e climas diversos. Tudo sabem vencer com a grandeza de huns coraçoens, que se não deixarão cercar dos limites do patrio clima, não cabendo, onde cabem grandes imperios. Servio-lhes a casa paterna como o oriente ao sol de berço para nascerem, mas não de esfera para luzirem. No Brazil tomarão as primeiras faiscas, para em Portugal despenderem luzes. Ca nascerão a natureza, para lá viverem a graça; ou para melhor dizer, cá morrerão ao mundo para lá nascerem ao ceo; que se o mesmo Monarcha das luzes morre a hum emisferio para nascer ao outro, morrem as naturaes do Brazil para nascerem no Emisferio da Europa. Entre muitas, que com heroica resolução deixarão a Patria para em Portugal professarem o Estado Religioso, foi insigne a veneravel Madre Soror Angela do Sacramento.

48. Nasceo esta grande serva de Deos no lugar de Juriçaca, distante do Recife seis legoas para o Sul, onde vivião seus Pays, e tinhão hum grande Engenho de lavrar assucar, situado na parte mais oriental do famoso cabo de Santo Agostinho ; tão salutifero pela pureza dos ares, como rendoso pela bondade do sitio, fazendo-o mais celebre dous Templos de boa architectura e suficiente grandeza ; dedicados, hum ao soberano Percursor de Christo S. João Baptista, outro ao inclito S. Gonçalo, ali venerado e buscado todo anno de innumeraveis, e devotos romeiros.

49. Teve por progenitores D. Luiz de Souza Henriques, e sua mulher D. Catharina Barreto ; desta tão pura, e elevada fonte trazia a sua muy alta origem esta grande serva do senhor, ficando assim aparentada com os mais sublimes, e autorisados titulos do Reyno, e com a mais calificada nobreza, a quem este ditoso fruto fez preclarissima, eternisando-a com singulares creditos nos mesmos obeliscos da extimação, que lhe levantou a fama de suas illustres virtudes. O nome de Angela, que lhe foy dado no Baptismo, foy felix presagio da sua angelica pureza, pois com tal resolução conseguio gloriosos triunfos em credito da sua virgindade, que prevaleceo aos fortes combates de seus parentes, que levados de aparentes conveniencias do mundo, se empenhavão em dar lhe esposo terreno ; mas a heroica virgem applicando celestes lavaredas a seu peito, queimou no seu coração as raizes dos contagiosos amores da terra, da Patria, das riquesas, e da mesma vida.

50. Antes quiz Crotilo discipulo de Platão perder húa rica herança, que exporse a passar um rio para tomar posse della, e esta valerosa virgem com desprezo da mesma vida, e com resolução estranha ao amor, mimo e regalo, com que fora criada se entregou aos perigos e trabalhos de húa navegação dilatada. Desejava a alma santa esmerar-se nos obsequios de seu divino Esposo, e lhe pedia a levasse apoz si para terras estranhas que ella o seguiria por onde quer que a levasse. Com este lanço da Esposa dos Cantares se pareceo o lanço desta Esposa de Christo, deixando a sua Patria, e seguindo o Esposo divino em terras mais distantes. Chegando a Lisboa entrou no Mosteiro de Santa Martha, mas outro era o jardim, em que queria o Senhor que esta candida Angelica exalasse peregrinas fragancias ; outro era o Paraiso, em que sem perigo da culpa havia de estar arreigada nesta flor, a innocencia. Recebeo com grande jubilo da sua alma o habito de Noviça, e forão logo tantas as enfermidades que lhe sobrevierão, que não lograva hum só dia de saude. Padeceo húa com tantos simptomas mortaes, que entenderão os medicos não haver na Medecina remedio, que a podesse livrar da morte. Estando já sem esperança de vida, e ja com a Santa Unção melhorou de repente, no mesmo ponto que lhe applicarão uma

medida da Raynha Santa Isabel, que lhe mandara hũa Tia sua Religiosa no convento de Santa Clara de Coimbra, onde existe o corpo da Santa. Entendeo a serva de Deos, que com aquella fita a quizera prender Santa Isabel para lhe segurar celestes venturas, e que era a fita laço, com que a queria preza no seu Mosteiro.

51. Agradecida ao primor, com que a Santa Raynha se mostrou cuidadosa da conservação da sua vida, satisfez a vocação com uma prompta obediencia. O primor da obediencia foi o dezempenho do seu agradecimento, por que obedecer a Deos com toda promptidão, he o mesmo que dar graças a Deos com todo affecto. Abreviando a jornada passou de hum Mosteiro a outro, e no de Santa Clara de Coimbra recebeo o habito e profeçou. Neste sagrado domicilio viveu retirada, e apartada de todas as noticias do mundo, não so para obrar bem, mas ainda para ignorar o mal. Com esta discreta ignorancia desejava vivessem todas as Religiosas, e por que hũa sua Sobrinha, filha de seu Irmão D. João de Souza, fallara em um raro a pessoa do seculo, foi tão vivo o seu sentimento, que vencendo o amor, que lhe tinha, a apartou de si, lançando-a fora do seu cubiculo, e para a admittir lhe fez rigorosos exames. Dizia Que as Esposas do Senhor, que de tão longe o buscavão, o devião fazer com tão grande pureza, e innocencia que parecesse, que só tinhão conhecimento da virtude, sem nenhuma noticia do peccado; e que para estarem totalmente sacrificadas ao divino Esposo era preciso dezestimasse a sua vontade ephemêros passatempos, sendo Rozas que no desabrido inverno do mundo so se abrissem para Deos, apurando-se em finezas, que exallassem suavissimas fragancias do amor divino.

52. Animada com um Espirito de verdadeira filha de Santa Clara, cuidou em ser imitadora da sua virtude. Era a sua conversação o silencio; o seu regalo, a abstinencia; não largou a touca, de que usara sendo noviça, nem teve outro leito mais do que hũa humilde barra. Por não poder andar descalça pelos achaques, o compensava com rigorosos jejuns, sendo toda sua vida hum continuo sacrificio de penitencia. A sua tença, que era copiosa, so lhe servia para honrar a Deos nos seus Santos, e nos seos pobres; os ornatos do seu cubiculo erão os esmaltes da pobreza serafica, e as proprias necessidades, erão as ultimas que acodia. Na caridade imitava a Raynha Santa de quem era singular devota, dedicando-lhe festivos cultos todos os annos. Em remuneração destes obsequios a fez Santa Izabel dispenseira de seos beneficios, como se comprova do caso seguinte.

53. Vivia no mesmo Convento certa Religiosa, que não tendo tença, nem parentes para acodir as necessidades, que padecia passava por varios descomodos, e desabrigos, e por não recorrer a pessoa

algũa pedia a Raynha Santa o remedio. No dia seguinte a mesma hora entrou no seu cubiculo a veneravel Madre, como esmoller da Santa Raynha, com o dinheiro, que era necessario para reparo dos rigores, que padecia, dizendo-lhe: Agora chegou a minha tença, aqui vos trago esta quantia, que será para comprar tal cousa, e era a mesma, de que a Religiosa carecia; ficou esta perplexa, declarando-lhe, que aquillo mesmo havia pedido a santa no dia antecedente a mesma hora; a veneravel Madre lhe respondeo com as vozes mudas das lagrimas, que começarão a correr de seos olhos.

54. Tinha grande devoção a Virgem Maria Senhora nossa da Conceição, e perpetuou a memoria do seu affecto a este sagrado misterio em hũa capella, que erigio, cujo primor, riqueza e preciosidade logra a primeira entre as mais ricas. De partes remotas fez vir os officiaes mais peritos, sem reparar em maiores despezas. No meio da obra lhe fugio hum dos Artifeces com dinheiro concideravel, outro morreo assestindolhe a veneravel Madre com todos os gastos da doença, e correndo por sua conta o seu funeral, e enterro. Vendo-se sem officiaes dava graças a Deos e fallando com sua Mãy Santissima, lhe dizia: Minha Senhora, vos não quereis que se aperfeçoe a vossa casa, eu a faço com grande amor, e acabar-se-ha quando vos quizerdes. Estes erão todos os seos desafogos, e não se lhe ouvião outros nos muitos exames, que nesta acção teve a sua paciencia. Depois de concluida a obra era admiravel o cuidado, com que se exmerava no concerto, e aceyo do altar, e com persuaçoens, e offertas solicitava que todos fossem cantar o terço diante da Imagem da Senhora. Como amava muito aquelle purissimo misterio era tambem muito affeiçoada à pureza, e por isso muito candida, e limpa em seos pençamentos. Não so era amante da pureza em sua pessoa, mas apetecia que todos o fossem. Costumava dizer, que as Espozas de Christo não havião de ter affecto algum, que não se dirigisse a este amantissimo Espozo, e com o seu as persuadia á imitacão, por que todas as suas obras unicamente se encaminhavão aos agrados do mesmo Senhor, sendo como Angelica que com penetrantes perfumes de solidas virtudes se adiantava a toda florida Gerarchia d'aquelle virginal Jardim.

55. Assim como era exacta na observancia deste voto, o foy no da obediencia não tendo outra vontade que a de Deos, e para conseguir este effeito nem tinha vontade propria para repugnar, nem palavras para contradizer os preceitos de seus superiores. Dos seraphins, que diante do trono de Deos cobrião com as azas os olhos e o rosto, aprendeo este Anjo a ser subdita, por que para obedecer não lhe era necessario ver, nem examinar os mandados dos seus Prelados. Assestia perennemente no choro, e frequentava o sacramento da penitencia

ambiciosa dos augmentos da graça, e daquelles actos, e exercicios, que lhe pudessem grangear os seus gráos, purificava seu Espirito muitas vezes nesta soberana fonte. Pondo os olhos em algũa Imagem de Christo Crucificado, voava logo o seu espirito a presença de quem a remio, mutivando notavel edificação a todos o seu arrebatamento, e ternura, saindolhe pelos olhos o coração em fios de lagrimas, liquidado a efficacias dos desejos, e appetencias da sua divina face.

56. He a ira, como aquelles rayos, de que a furia se quebranta na brandura dos corpos, que lhe não fazem resistencia; e a maledicencia he como Ecco, que retumba a qualquer palavra, e só quãdo ninguem falla, se calla; e assim como ha Eccos, que com sonora perfluidade multiplicão as vozes, assim tem os maledicos uma fecunda dicacidade para injuriosas respostas, e so a modestia do silencio tem virtude para atalhar esta affrontosa disonancia. Certa Freyra chea de hũa paixão irada, e de hũa ozadia temeraria, sem respeitar na veneravel Madre os annos, qualidade, e virtude, e sem algum motivo lhe disse palavras injuriosas, e descompostas, ameaçando-a que lhe havia de dar com hum chapim. Nas tempestades da colera poucas vezes sôa o trovão da voz, que o não acompanhe o rayo da injuria. Muy ariscada está a paciencia nos males, de que he facil a vingança, e raras vezes dissimula o sofrimento quando se achão promptas as armas para o desagravo. Para nos desaffrontarmos das palavras, que nos offende, todos temos espada na lingua; e sendo tão facil, e tão natural esta satisfação que emquanto temos bocca, sempre está em perigo de se manifestar a impaciencia, não se valeo destas armas a serva de Deos; offerecendo ao Senhor a vergonhosa purpura, que cobrio seu rosto aquella atroz, e não merecida injuria e com pacifica dissimulação, e profundo silencio fez cessar os estrondosos contrastes e sonorosos conflictos daquella lingua, sentindo muito mais que a sua affronta, a culpa em que havia cahido aquella Irmãa, para que se não recolhesse sem demonstração de arrependimento, atropelando todos os pondonores, e caprichos terrenos, atendendo somente ao bem da sua alma, foy a sua cella, lançou-se a seus pez pedindo-lhe com muita submissão, que lhe perdoasse a occazião, que por ventura daria ao seu agastamento. Acção verdadeiramente propria de caridade christãa, e muito grata a Deos, por que he ver huma creatura racional, e sencitiva, chea de feridas, abraçada com a pessoa, que lhas fez. Ficou a Religiosa assombrada a vista de hũa acção de tanta humildade em pessoa de esfera tão superior, e que sendo a offendida pedia o perdão como se a tivera agravado. Com manifesta confuzão conheceo a offençora o seu desatino, e confessou a sua culpa. Posta tambem a seus pez dizia; que so a ella pertencia pedir perdão da offença por ella ser

somente a culpada. Deste heroico acto de humildade não so resultou o arrependimento de delinquente, não so nasceo a paz, e da paz a união, e da união o contentamento, mas hum geral aballo nas conciencias das que sendo culpadas se eximião de reconciliar-se com as mesmas a quem tinhão offendido, conservando paixoens sem attender á humildade do seu estado prezente, nem a severidade e rigor do Juizo futuro. Assim soube a serva humilde do Senhor dissimulando offenças, e sofrendo aggravos, unir em amor, e caridade aquelles animos, que se achavão discordes pela ira, e desunidos pela paixão, porque trazia muito prezente na sua lembrança as obrigaçoens de verdadeira serva do Senhor, donde lhe procedia a humilhação e conformidade com o beneplacito Divino em todos os dissabores, e adversidades.

57. Por isso era muito soffrida nas molestias, e infermidades, que padecia, com os sentidos sempre arrebatados no ceo, não advertia, nem reparava nos sentimentos do corpo. A ultima que padeceo foy hũa hydropesia, em que deo excellentes documentos de paciencia, cõ inalteravel constancia entre tantas dores, e angustias lograva hũ espiritual contentamento, e ao passo que se desfazia, e myrrhava no rosto se dilatava no coração louvando as disposiçoens da vontade Divina. Continuou o achaque dissipando-lhe as forças, e proseguio a serva de Deos alentando as da alma com os sacramentos que foi pedindo, e recebendo com devotas ternuras, entregue sempre a meditação da eterna felecidade, a que sempre aspirava. Neste acto existia quando hum dos Padres confessores da caza, fallando com certa Religiosa lovou a Serva de Deos, pelo motivo de a ver enlevada na contemplação das cousas Divinas entre dores, e agonias mortaes ; mas ella que ouvio o elogio, levantou-se na cama exclamando : Padre, não diga tal, por que sou hũa grande peccadora : o demonio he subtil ; mas appello para a misericordia de Deos, e della confio que me hade perdoar os peccados. Despedio-se logo amorosamente das Religiosas, e fez hũa devota pratica a suas sobrinhas encomendando-lhe muito a observancia das obrigaçoens do seu estado, e voltando todas as attençoens para Christo Crucificado, e para suas santissimas chagas lhe dizia affectuosas palavras, acompanhadas de ardentes, e piedosas ternuras. Entre estes e outros colloquios deu indicios de apariçoens celestiaes, com que Deos a consolava, e que Maria Santissima lhe aparecera, para em seos soberanos braços entregar a sua alma, morrendo reclinada naquelle virginal regaço, onde tomou vida a mesma vida. Confortada com o favor da May de Deos, chamando por ella com as palavras : Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ, de sahio deste mundo, seguindo seos passos para as celestes moradas, deixando o esplendor da sua boa opinião por prendas aquelle

Mosteyro, onde sera perpetua a saudade da sua companhia, e eterna a memoria das suas virtudes. Desta veneravel Religiosa faz illustre memoria Fr. Fernando da Soledade na 5ª parte da Chronica da Provincia de S. Francisco da Cidade.

58. A Madre Soror Margarida da Natividade Irmãa da dita veneravel Madre Soror Angela do Sacramento, buscou nos orizontes da graça aquella união, que ja conseguira no oriente da natureza, de tal sorte irmanou a sua vontade com a de sua santa Irmãa, que se ja tinhão nascido Irmãas pela affenidade do sangue, nascerão outra vez Irmãas pela consanguinidade da Religião. O nome de Margarida, que seus Pays lhe puzerão, foy para que em toda sua vida mostrasse que era Margarida preciosa. Margarida significa graça e virtude, estes dois exemplares lhe derão no nome o empenho, e nas suas louvaveis acçoens acreditou o seu dezempenho. Com as prendas das virtudes logrou os dons da graça para que o mundo visse, e principalmente as Religiosas do Convento de Santa Clara de Coimbra, que nella logravão hũa preciosa Margarida, e animada Perola, que com os subidos quilates de suas relevantes virtudes as havia de enriquecer de exemplos. No nome de Margarida se significou aquelle valor, com que sahio da Patria para nunca mais voltar, porque o voto da pobreza a inhabilitou para recuperação dos bens, que deixava; o voto de castidade a impossibilitou para o logro das delicias, que desprezara; e o voto da obediencia e da clausura a fez incapaz de resgatar a liberdade, que sacrificara, sagrados vinculos, e divinas cadeyas, com que eternizou até o fim da vida a gloria dos seus triunfos.

CAPITULO 8º

DE OUTRAS HEROINAS PERNAMBUCANAS QUE FLORECERÃO NO ESTADO RELIGIOSO

59. No Mosteiro de Santa Clara de Lisboa, florecerão D. Maria, D. Ursula, e D. Paula, naturaes da cidade de Olinda, e filhas de Antonio Cavalcante de Albuquerque, e de sua mulher D. Ignez de Goes, pessoa de sangue mais fidalgo, que nobre. Não relato as virtudes, em que se exercitarão na Religião, por que não achey quem individualmente as declarasse, contentandose as antigas relaçoens com dizer que forão muito virtuosas. A resolução com que se deliberarão a passar a terras estranhas foy admiravel, sem attenderem aos rogos, e lagrimas com que sua May intentou persuadir-lhes a sua companhia, e o Estado do matrimonio, se embarcarão para o Reyno. Esta heroica resolução, e os exercicios devotos, em que se exercitarão desde a sua

infancia sendo muito modestas, recolhidas, devotas, e caritativas, forão argumentos dos seus santos progressos na Religião.

60. D. Antonio Maria de Castello branco teve por illustres progenitores Antonio de Albuquerque Maranhão, Cõmendador do Ervedal Governador da Parayba e Capitão General do Maranhão, de quem em seu lugar fizemos illustre memoria; e sua mulher D. Joanna Luiza de Castello-branco, filha de D. João de Castello-branco, Conde de Sabugal, Meirinho mor do Reyno, cazou esta senhora com D. Braz Telliz de Menezes; filho de D. Fernando Telliz de Faro Menezes de Carvalho, Senhor das villas Lamarosa, e Sarcosa, commendador de Nossa Senhora da Campanha, de São Romão de Mouriz, S. Damião de Azere, e Santa Maria de Nede em a ordem de Christo. Tambem succedeo na caza de seu Avo Materno D. Francisco de Faro, e no senhorio da villa, e Morgado de Carvalho por ser bisneto de Alvaro de Carvalho, senhor do dito Morgado. Quando esta Senhora se resolveo a cazar certamente se persuadio, que tinha no seu cazamento todos aquelles interesses, que inganosamente lhe pintou a fantazia, e lhe prometteo a esperança. Pintou-lhe a fantazia que no seu amor havia de achar alivios, descansos, e logros; mas quando chegarão as experiencias achou por logro penas; por descanso trabalhos; e por alivios, tormentos; buscar felecidades nos gostos terrenos não he outra couza, que colher frutos nas hortas de Tantalo; maçâns de Sodoma, bella apparencia a vista, horriveis ao tacto, e ao gosto amarguras.

61. Tendo sido seu sogro hum dos Acclamadores del Rey D. João IV, a quem com satisfação servio na guerra do Alentejo, e em Pernambuco contra os Olandezes, voltando para Portugal foy mandado por Embaixador aos Estados de Olanda, aonde esquecido de todas as suas obrigaçoens dezamparou a Embaixada, e se passou ao serviço del Rey de Castella. Pela culpa do Pay forão confiscados todos os bens ao filho D. Braz Telliz, e padeceo sua mulher D. Antonia Maria as duras consequencias daquelle delicto com constancia tão heroica, que mais sentia a infamia da treição de seu sogro, que as calamidades da sua caza. Resoluto o marido a professar o instituto Religioso da Terceira Ordem de S. Francisco, assim soube esta mulher forte quebrar as forças ao amor proprio, assim com o orvalho da Graça Divina soube apagar as chamas do amor conjugal, que sem sentir os affectos naturaes do apartamento de seu consorte que ternissimamente amava, era ella quem animava a resolução do marido, e foy quem primeiro vestio o austero habito de Santa Clara no Reformado Convento da Madre de Deos de Lisboa. Nesta virtuosa palestra taes excessos de penitencia obrou, em quanto lhe durou a vida, que mais servião para motivar assombros que para conciliar imitaçoens,

chea de merecimentos passou placidamente desta vida mortal para a eterna, deixando de suas illustres virtudes e heroicos dezenganos santos exemplos.

62. A Madre Soror Agueda de Jesus Maria, nasceo no Reciffe onde teve por Pays o capitão mor Domingos da Costa de Araujo, Fidalgo da Caza Real, e Cavalleiro da ordem de Christo, e sua mulher D. Thereza Gomes de Figueredo. Nos exmaltes do sangue, e copiosos bens da fortuna tinha bastantes atractivos para seguir os faustos terrenos, e não menores na vontade paterna, que para os mesmos a incitavão com persuaçoens frequentes; mas a graça do ceo que a prevenira com a benção dos seus auxilios lhe administrou alentos para romper, e lançar por terra a todos os lanços do mundo. Era em o natural de galharda disposição, e fermosura excellente (que não quiz o ceo fiar de concha menos pura Margarida tão preciosa, como foy sua alma) por tantas prendas motivou sentimento grande a sua ausencia ao passo, que sua alma adquiria consolaçoens extraordinarias vendo no convento de Santa Clara da Cidade de Angra, Capital da Ilha Terceira, effeituados os seus desejos. Logo no Noviciado deu exemplares mostras das virtudes, e santidade, que lhe illustrarão a vida toda. Com tal ancia accodia as obrigaçoens do Estado de Religiosa, que sem attender as molestias do corpo, que pelo curso dos annos adquirio por achaques, era sempre o choro, e actos da cõmunidade o unico alivio, que dava as suas queixas, e trabalhos. Finalmente atenuado seu corpo com asperas penitencias, e acommettido da ultima infirmidade a suportou com notavel conformidade. Chegou ao ultimo perigo, e recebidos os sacramentos com grande fervor, e devoção deo fim a tão santa vida passando a eterna, quando contava 63 annos de idade, em 16 de Fevereiro de 1752.

63. D. Bernarda Maria de Albuquerque, Abbadeça do Mosteiro de Lorvão, D. Luiza de Albuquerque, Religiosa no mesmo convento; D. Marianna de Albuquerque, Religiosa em Santa Clara de Lisboa, forão filhas de Antonio de Albuquerque Coelha, Governador, e capitão general do Maranhão, de quem no livro sexto fizemos illustre memoria, e de sua mulher D. Ignes Maria Coelha, filha de Antonio Coelho de Carvalho, Embaixador em França, que cazou com hũa senhora tambem natural de Pernambuco, como em outra parte temos declarado. Brilhou nas ditas senhoras a virtude sobre a nobreza do sangue, e tiverão muitas, com que derão grandes lustres aos seus Mosteiros.

64. D. Margarida de Souza, natural do Reciffe, filha do Mestre de Campo, D. João de Souza, e Irmãa de D. Francisco de Souza, Mestre de Campo e Governador de Pernambuco; com heroica resolução deixou a Patria, e todas as delicias mundanas, e se embarcou para

o Reyno, profeçou a regra de Santa Clara no convento de Coimbra, e de sua Tia a veneravel Madre Soror Angela do Sacramento aprendeo a ser observante dos seus institutos. Pelos annos de 1729 foy Abbadeça do dito Mosteiro, que governou com insigne prudencia, e observancia. Da illustre resolução, com que deixou as grandezas do seculo e despresou a practica de hũa boda com esposo de relevantes prendas, inferimos os seus virtuosos progressos, que não relatamos com individuação, por nos faltarem as noticias, que se contentarão com dizer somente fora ate a morte muito observante dos seus estatutos.

65. Soror Julia Maria do Menino Jesus nasceo no Reciffe, e forão seus Pays Athanasio de Castro, e Nataria Garcia ; como Deos a tinha escolhido para si, desde a infancia se inclinou aos exercicios espirituaes, gastando a mayor parte do tempo no exercicio da oração. Era muito modesta, penitente e caritativa para com os pobres, não tendo cousa algũa que com elles não repartisse. Inclinada ao Estado Religioso, sem levar saudades dos muitos cabedaes, que possuia seu Pay, nem da Patria e parentes, se embarcou para o Reyno, e professando o instituto da Conceição, no convento da Luz, pouco distante de Lisboa, nelle viveu, e morreu como boa Religiosa.

66. O mesmo exemplo de santos dezenganos deu Soror Thereza do Sacramento, Irmãa da dita Soror Julia, embarcando para o Reyno, tomando o habito, e fazendo profição no mesmo Convento de Nossa Senhora da Conceição da Luz, donde acabou seus dias, chea de merecimentos, com opinião de virtude.

CAPITULO 9º

DE SINCO ILLUSTRES DONZELLAS, E HUA INSIGNE MATRONA QUE NO RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE OLINDA, FLORECERÃO EM VIRTUDES

67. D. Isabel, D. Cosma, e D. Luiza de Albuquerque, naturaes de Olinda, e filhas de Jeronymo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatario Duarte Coelho Pereira, e de sua mulher D. Felippa de Mello, filha de D. Christovão de Mello, Governador do Brazil, forão de virtude tão consumada que tendo no mundo as maiores conveniencias, todas desprezarão por seguir a seu Esposo Christo Jesus. Morrerão seus Pays, e as deixarão herdeiras de copiosas heranças, e do remanescente de suas opulentas terças. Ficarão na Tutella de parentes, e estes parecendo-lhes que se perdia tempo começarão a tratar com muito calor de seus casamentos. Desenganarão-os as illustres donzellas, dizendo escusassem deligencias, que não havião ter effeito por que ellas tinhão feito eleição de Esposo, que fosse guarda,

e não perigo de sua virginal inteireza, a quem tinhão feito voto de perpetua castidade. Não fizerão a esta proposição concideravel repugnancia, acazo porque por este meyo pensarão ficar enteressados em seus cabedaes. As santas donzellas guiadas de superiores, e divinas luzes tomarão a resolução de deixar o seculo, e viver em Religião, e para o conseguirem applicarão boa parte da sua fazenda para as obras do convento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda, que em pouco tempo ficou capaz de viverem nelle regularmente. Porem como não conseguissem as licenças necessarias para ser convento de Freyras professas, se acomodarão a viver em dito recolhimento por toda vida, posto que em habitos secúlares em Religiosos exercicios, sendo estes sacrificio voluntario, e muy agradavel aos divinos olhos. Erão hũa perfeita idea de Religiosas perfeiçoens, negando-se em todo possivel ao comercio das creaturas, por terem sua conversação no ceo. No exercicio da oração forão excellentes, e no da caridade insignes, dispendendo copiosas riquezas em beneficio da pobreza. Não usavão de trajės, que não fossem muy honestos, fazendo hũa vida toda pura, e santa em tudo.

68. Sentio feramente o Demonio a heroica resolução destas illustres virgens, que sendo das primeiras, que nascerão em Pernambuco, e de tão superior esfera, temia fosse o seu exemplo nesta Provincia a ruina do seu infernal imperio. Assim tentou todos os meyos que pode cogitar a sua malicia para as fazer retroceder da santa vida, que observavão ; confortadas porem as servas de Deos com a graça que o mesmo senhor lhes ministrava, de tudo triunfarão, ficando o inimigo comum sobre vencido, confuzo, e envergonhado, não colhendo dos seos assaltos, senão reconhecer, que estas heroinas erão verdadeiramente mulheres fortes. Como forão semelhantes nas virtudes da vida, o forão tambem na preciosidade da morte, com que no mesmo convento passarão desta vida temporal para a eterna a gozar o premio das suas santas obras.

69. No mesmo Recolhimento florecerão em virtude D. Maria da Trindade, e D. Anna de Mello Barreto, naturaes de Cabo de Santo Agostinho, e filhas de Christovão Paes Barreto, e de sua mulher D. Margarida de Mello, tão nobres por geração, como opulentos por cabedaes. De tenra idade fugìrão ambas aos olhos do mundo, para serem bemvistas do ceo; esconderão-se as attenções da terra para aparecerem a Deos adornadas com as graças e virtudes divinas. A May de Deos era doce emprego de seos affectos, e seu unigenito filho incentivo amoroso de suas ancias, que perennemente suspiravão pelo logro da sua face, e para conseguirem este bem o amavão fielmente livres de todos os embaraços, que prendem, e divertem do ceo os coraçoens humanos. Erão ambas companheiras nos exercicios devotos,

imitando hũa o que fazia a outra com tanta conformidade, e união de suas almas, que dificultosamente se poderia distinguir qual era mais sublime na perfeição, porque ambas tinhão o mesmo espirito, o mesmo amor da virtude, o mesmo abatimento nos actos de humildade, e o mesmo esforço nos rigorosos da penitencia. Passarão estas duas ditosas Irmãas deste valle de miserias a fruição da eterna Bemaventurança em hum mesmo anno, que foy o de 1626. D. Maria da Trindade em sete de Agosto, e D. Anna de Mello em vinte e tres de Setembro. Forão sepultadas no mesmo Recolhimento, correndo seus funeraes, que forão muy solemnes, e as disposiçoens de seus legados pios, por conta do Illustrissimo Bispo D. Mathias de Figueiredo.

70. Maria Roza veuva, que ficou de Pedro leitão, foy admiravel em virtudes, principalmente na humildade, e caridade para cõ os pobres, aquem soccorria com mão larga, e generosa. Para melhor se empregar em exercicios devotos, fundou hũa capella na cidade de Olinda, que dedicou a May de Deos com o titulo de Nossa Senhora das Neves, e neste devoto santuario, acompanhada de outras virtuosas Matronas, passava os dias em suave contemplação dos bens eternos, e em fervorosas oraçoens a Maria Santissima, e a seu unigenito filho. Da dita Igreja fez plena doação aos Religiosos do glorioso Patriarcha S. Francisco, de quem era filha, por ter professado a sua ordem terceira de penitencia; e neste lugar fundarão os primeiros Padres desta sagrada Religião, que passarão ao Brazil o seu primeiro convento; e ella acompanhada de outras matronas, e algũas donzellas devotas se retirou para este Recolhimento, onde se exercitou em heroicas virtudes. Na ultima infirmidade mostrou não somente resignação na vontade Divina, mas muito contentamento, por ver era chegada a hora de ir gozar do summo bem, por que suspirava toda sua vida. Faleceo com opinião louvavel, deixando das suas boas obras, e insignes virtudes gloriosa fama.

CAPITULO 10

VIDA E PRECIOSA MORTE DA PENITENTE JOANNA DE JESUS, QUE FLORECEO NO NOVO CONVENTO DA VILLA DE IGARASSU

71. Esquecidos os Pays de Joanna de Jesus, mulher parda do preciso cuidado, que devião ter na boa educação d'esta filha, a criarão sem doutrina, e so occupada nos infructuosos entretenimentos de hũa vida ociosa. Morrerão e a deixarão em summo desemparo, seguindose da sua pobreza soltura e liberdade aquellas occasioens, que são progenitoras

dos peccados. Pouca efficacia terião essas para a vencerem se ella mesma as não provocasse para a batalha, e como não soube, ou não quiz fugir, rendeo lhes por esta causa a victoria. Alguns annos viveo no Reciffe onde nascera entregue a hũa vida licenciosa, e lasciva; passou para a villa de Igoyana, não para mudar de custumes, mas sim para dar novos pastos a sua torpeza; fez esta jornada em tempo que naquella celebre villa pregava de Missão o insigne Padre Gabriel de Malagrida da Companhia de Jesus. Concorreo a ouvir alguns sermoens, e assestida dos auxilios divinos, brilhantes tochas, com que Deos a illustrou, e alumiou para mais facilmente poder achar a drachma, e Joya da divina graça, que havia perdido entre as sombras da culpa, se converteo. Levantou o amor divino em seu peito hum tão grande incendio, que com a sagrada actividade das suas celestes lavaredas, pode consumir dentro de si mesma, e reduzir a cinza todos os trofeos do peccado. Com hũa confição geral, verdadeira contrição, e preposito firme de nunca mais offender a Deos, desbaratou em hum so conflicto todo o infernal exercito das suas culpas; e com o uzo dos Sacramentos, e exercicios de penitencia destruio as depravadas inclinaçõens da natureza.

72. Com copiosas lagrimas, e grandes instancias pedio ao Padre Miguel Rodrigues Sepulveda, fundador e administrador do Recolhimento da villa de Igarassu a admitisse por domestica daquella casa, e sendo admitida no numero das primeiras, que entrarão no dito Recolhimento, tendo-se por indigna de viver entre as mais Recolhidas, formou na cerca hũa casinha de taipa, onde depois de servir nos officios mais viz, e humildes da cõmunidade, se recolhia; não para descançar do trabalho, mas sim para se entregar toda a contemplação dos bens eternos. Todos os dias se açoutava rigorosamente com disciplina de ferro, trazendo o corpo apertado com rigorosos cilicios. Os jejuns erão continuos, comendo hũa so vez no dia, uzando somente de alimentos singelos, e em pequena quantidade mais para refeição da alma, que para sustento do corpo: e mais para alentar o espirito na oração, do que para dar forças a natureza. Era muito affavel, caritativa, laboriosa, humilde, e obediente, e sobre tudo cordialissima devota de Maria Santissima Senhora Nossa, em cujo obsequio (alem de outros muitos com que a venerava) tanto que ouvia pronunciar o santissimo, e dulcissimo nome da Senhora ajoelhava com ambos os joelhos em terra. Nunca depois que foy para o Recolhimento dormio em cama, porque a de que usava era sobre a terra, tendo por cabeceira um madeiro em que se recostava. Este rigor, com que tratava seu corpo, lhe agenciou hũa hydropesia, e nesta terrivel infermidade mostrou quam subidos erão os quilates da sua virtude, por que

jamais para desafogo das dores e ancias, que padecia deu hum ay, ou despedio hum suspiro dos seus labios, e sô repetia algũas vezes estas unicas polavras: Muito mais mereço pelos meus peccados, e fallando com Deos dizia: Senhor permitti pela vossa infinita bondade e misericordia, que pague eu nesta vida as dividas, que devo pelas minhas culpas; castigay-me com os tormentos que fores servido, com tanto que consiga darvos na gloria as graças dos incompensaveis beneficios, com que tendes favorecido a hũa creatura tão vil e tão ingrata.

73. Estando ja totalmente prostrada, e sem forças para se mover nem levantar, em hum sabbado onze de Janeiro de 1754 se levantou da pobre cama, em que jazia, e foy para o oratorio cantar o officio de Nossa Senhora junto com as mais recolhidas, e todo dia gastou cantando Hymnos, e louvores a Deos, e a sua May Santissima, revestido o seu rosto de hũa rara fermosura, e excessiva alegria. Assombradas as Recolhidas com successo tão maravilhoso lhe perquntavão pela causa de tão repentina melhora, e pelo motivo de tanto prazer; ao que respondia: Porque lhe concedia Deos a morte para descanso dos trabalhos da vida temporal, e que não era razão estivesse triste, quando lograva a seguridade da gloria, e nella todas as felecidades, cujo contentamento alentara de tal modo o seu espirito, que pode vencer as fraquezas do corpo. Toda noute de sabbado passou em contemplaçoens celestes abrazada nos incendios do amor divino, e como erão excessivas as chamas, que estavam ateadas no seu coração, no rosto reberberavão as suas luzes. As seis horas da menhãa do Domingo recebeo os sacramentos com devotas ternuras, e passou ate as tres horas da tarde em doces coloquios com Christo Crucificado, e com sua May Santissima, neste tempo levantou ao ceo os olhos brilhantes e luzidos, e entregou placidamente a alma nos braços do seu amado Jesus. Ficou o seu corpo flexivel, e o seu rosto tão corado, e com tanta fermosura, que nella desaparecerão todos os sinaes da morte, e os estragos causados pelos rigores da penitencia. Foy sepultada na Igreja do dito Recolhimento assestindo a suas exequias immenso concurso, que accodio a admirar tantos prodigios. Depois da sua morte muitos mezes se sentio na cazinha, em que habitava hum cheiro tão suave, que excedia ao dos aromas, e flores mais fragantes. Em sua vida fez alguns prodigios, com que o Senhor foy servido acreditar a virtude desta sua serva.

74. Foy esta serva de Deos a primeira Irmãa, que faleceo no dito convento de Igarassu, onde exercitou todas as virtudes, e perfeiçoens religiosas; o mesmo fazem muitas donzellas, e matronas, que ali religiosamente vivem, digo religiosamente, porque em nada differe este Recolhimento de hum Reformado Mosteiro de Freyras, andando

as recolhidas vestidas, como Religiosas, e tendo exercicio de choro, e outros muitos espirituaes, e sobre tudo vivendo em apertada clausura, sem admittirem vezitas seculares, com frequentes confiçoens, e outros santos empregos, em que perennemente se occupão.

CAPITULO II

DE VINTE E DUAS DONZELLAS, QUE POR FALTA DE CONVENTOS, ONDE VIVESSEM EM PERPETUA CLAUSURA, FIZERÃO DAS SUAS CAZAS RECOLHIMENTO E CLAUSURA

75. Para conseguirem a pureza do corpo, e da alma, e constituirem-se domicilios de Deos, suspirão muitas donzellas Pernambucanas pelos retiros do claustro, e quietação dos Mosteiros, onde livres dos insultos mundanos se entregassem somente a santa meditação dos attributos Divinos, e ao exercicio de Religiosas perfeiçoens. Para suprir esta lamentavel falta, fazem muitas das proprias cazas clausura, onde empregada a concideração na fermosura do Divino Esposo resulta a seu espirito alentos tão vigorosos, que não obstante a falta de Regulares Mosteiros, e de Mestras, que lhes ensine o caminho da perfeição Religiosa, sobem ao Empyreo com azas de abrazados affectos buscando o incentivo das suas ancias. Quem assim se engolfa nos abismos da gloria, bem mostra ter conseguido a pureza que pertende, porque naquella estancia celeste não entra couza manchada.

76. Para fazerem-se digna habitação do Esposo divino, e conservar os candores, que deve ter húa esposa de Deos com heroica determinação se empenharão Maria de Crasto, e Beatriz da Costa em húa batalha, que não acabou senão com o ultimo conflicto da morte, emprendendo guardar na propria caza, em que nascerão na villa das Alagoas, depois do fallecimento de seus Pays, perpetua clausura. Feitas Juizes de si mesmas se condemnarão innocentes a hum carcere, de que não sahirão, senão para o carcere da sepultura. Postas no caminho da penitencia para segurar a jornada do ceo, se empenhava seu espirito em debelitar o corpo com os rigores de hum perpetuo jejum, não se sustentando mais que com ervas cruas, e frutas sylvestres; banhando-o de sangue com rigorosos açoutes, e uzando de penetrantes espinhos em lugar de cilicios, passavão os dias, e noites em continua oração, e em outros devotos e exercicios. Chegarão todas a idade decrepita, e acabarão santamente, com grandes creditos de virtuosas, e estão sepultadas na Igreja Matriz da dita villa.

77. No lugar de Ipojuca nascerão, e florecerão em heroicas virtudes Vicencia, e Helena de Crasto Irmãas de Antonio de Castilho, de quem no livro quarto cap. XX, fizemos merecida memoria. Aspirando ambas aos maiores empenhos do rigor da penitencia fiserão da propria casa estreita clausura. Perseveravão a maior parte do dia, e noite em contemplação da divindade, e quanto mais se engolfavão no pelago das suas doçuras, tanto mais se esquecião do corporal descanço; o sol as achava pela menhã no proprio modo que as tinhão visto as Estrellas a noite. Hum dos exercicios mais penosos para o seu coração compassivo, era poren-se de joelhos diante de hum crucifixo, e com os braços abertos em cruz resavão repetidos, Miserere mei Deus, ao passo de copiosas lagrimas, ardentes suspiros, e amorosas ancias, com que dezejavão acompanhar a este senhor seu Esposo nas penas, crucificando-se com elle na propria cruz, e os jejuns erão tão rigorosos, que nunca passavão de ervas, e legumes. Morrerão estas servas de Deos com grande opinião de Santas. Quando faleceo a Irmãa Vicencia ficou seu corpo tão fermoso, e engraçado, que mais parecia que dormia viva, do que descançava morta. Foy sepultado no convento de S. Francisco do mesmo lugar, onde já fora enterrada sua Irmãa Helena; abrindo-se dahi a muitos annos a sua sepultura, para enterrarem outra defunta, o acharão fresco, incorrupto, e fragante, sinaes evidentes da sua santidade.

78. Viverão, e morrerão no Reciffe onde nascerão sete Irmãas, filhas de Francisco Mendes de Oliveira, e de Leonor d'Almeida pessoas nobres e ricas. Mortos seus Pays se conservarão na propria casa, com os reguardos de hum Mosteiro observante. A sua modestia e recolhimento era tão grande, e tão exacto o seu retiro, que nem aos seus parentes conhecião mais que pelo nome. A sua ordinaria habitação era em hum oratorio, que havia na mesma caza, nelle perseveravão muitas horas de joelhos orando ja mental, ja vocalmente, derramando neste exercicio muitas e copiosas lagrimas. De sua caza somente sahião a ouvir Missa, confessar, e commungar na Igreja dos Padres Congregados de S. Felippe Nery, que lhes ficava mais vizinha, e vinhão tão modestamente cobertas, que não se acha quem lhes visse os rostos. Com hũa vida exercitada em raras virtudes foy a morte levando hũa depois de outra, e acabarão todas com fama de santidade.

79. As virtudes que são proprias de hũa verdadeira Religioza, imitarão duas Irmãas naturaes do logar de Ipojuca, ambas do habito descoberto da Terceira Ordem de S. Francisco, chamava-se hũa Margarida do Espirito Santo, e da outra se ignora o nome. Ficando orphãas, e de pouca idade se entregarão com heroica resolução aos exercicios devotos. Viverão clausuradas na patria caza, e fallecerão com muitos creditos de virtude.

80. Benção copiosa foi a que Deos lançou sobre a casa de dous nobres e virtuosos consortes, Vicente Rodrigues da Fonceca, e Luiza Pinta da Fonceca moradores na Moribeca termo do Reciffe; dilatando com grandes creditos d'ella nas operaçoens de seis filhas, os santos procedimentos dos Pays, para que de tal sorte crescesse a virtude, e sobissem estas plantas tão eminentes, que mediante os orvalhos da graça, e calor do Planeta Divino, produsissem flores de singulares virtudes, e frutos de maravilhosa santidade. Chamavão-se Anna, Luzia, Beatriz, Margarida, Luisa, Maria, tão unidas pela afinidade do sangue, como conformes pela união das vontades de servir a Deos, que parecia não haver em todas mais que hum so querer, e hum so Espirito. A nenhũa se ouvia palavra, que não fosse conforme a ley da virtude, nem se lhe via acção, que não fosse argumento de santidade.

81. A caza, em que vivião era fundada no meyo de hũa matta chamada Macuge, lugar solitario, e retiro mais apto para a oração, e contemplação dos Divinos misterios. Neste pomposo theatro da natureza vegetante, vivião estas excelentes donzellas com melhor recolhimento, e devoção, que nas mattas de França os Druidas antigos sacerdotes d'aquelle Reyno. Na matta Epidaurea, vivia Esculapio venerado por Deos da Medecina; na matta Nemea de Acaya matou Hercules hum formidavel leão; na Ericina deu a ninfa Egeria liçoens de serimonias sagradas a Numa Pompilio; na de Terebintho aprendião os Fenicios a dar saltos; pela de Pyrene corrião ribeyros de prata; na Abugena dava respostas o oraculo; e na de Dodonea se recolherão as pombas brancas que baixarão do ceo. Na matta de Macuge se acolherão estas seis candidas pombas, para della subirem ao Empyreo, aqui com celestiaes medecinas se persevarão dos males da culpa, vencerão o monstro dos monstros, Dragão orgulhoso, e inimigo eterno. Nesta matta erão os coraçoens destas humildes servas do Senhor vales por meyo dos quaes corrião as enchentes da graça; aqui lhes fallava o Divino Esposo ao coração; nella se seguravão o salto da eternidade, e derão a todo mundo liçoens de assombrosas penitencias.

82. Morrerão seos Pays, e ellas que ja se tinhão armado contra todas as vaidades do mundo, com tal desprezo das couzas temporaes, se dispuzerão para melhor assegurar as eternas. A primeira couza que fizerão, foy arrancar de suas almas as raizes de quanto havia no mundo, para que ficando em estado de pobreza verdadeiramente evangelica, vivessem a beneficio da providencia Divina, e podessem com mais liberdade seguir o caminho da perfeição. Entregarão as heranças paternas a hum seu Irmão, e despirão de si todas as alfayas do proprio uzo, formando da propria caza um apertado recolhimento. Purificados por este modo seus espiritos das fezes terrenas, os quizerão

fazer Paraysos, em que se deliciasse o Divino Esposo; plantando nelles flores de excellentes virtudes, as regavão quotidianamente com o sangue das disciplinas, e deffendião dos assaltos das tentaçoens, com os muros de penetrantes e pungentes cilicios. Não cuidavão senão em excederse húas a outras na perfeição, tendo muitos exercicios da devoção, e penitencia, e horas determinadas para levantar os pençamentos ao ceo na santa meditação. O silencio tinha o seu asylo nestas servas de Deos, porque nellas habitava perpetuamente, e para melhor observancia desta virtude não admittiao pessoa algúa no seu recolhimento, em que guardavão inviolavel clausura; e so húa das Irmãas sahia algúa vez a pedir pelos vezinhos algum mantimento grosseiro para sustento das infermas, porque fora dessa necessidade se sustentavão com ervas, e frutas sylvestres. Assim fazião húa vida de Anachoretas passando-a com total separação do comercio humano. Vião se os mundanos obrigados a pagar tributos de admiração a singularidade destes objectos, que aos Anjos erão agradaveis espectaculos, notando as mortificaçoens destas criaturas innocentes.

83. Entre todas devemos dar o primeiro lugar a mais digna, posto que fosse entre ellas a ultima no nascimento, esta era a chamada Maria, cujas prerogativas necessariamente pedem relação mais extença. Na infancia erão as suas occupações ensayos do grande rigor, com que se havia depois tratar, não foy necessaria a experiencia dos annos para dar a conhecer sua grande virtude, porque a modestia do aspecto em hum rosto angelico, a brandura do trato, a honestidade das acçoẽns, e a humildade do genio a mostrava veterana na virtude. Mortos seus Pays com suas proprias maõs formou de barro, e ramas húa cazinha algum tanto separada da caza, em que vivião suas Irmãas, nesta estreiteza aonde o corpo mal podia estender-se lhe dava o alivio do repouzo, sobre húa taboa de quatro palmos de comprido e hum e meyo de largo; desta apertadissima clauzura fez seu espirito espaçozo theatro de grandes rigores, e asperrimas penitencias. Que mais podia fazer no dezerto hum santo Anachoreta! Que austeridades, e rigores podia uzar com sigo, que a serva de Deos não experimentasse na soledade desta cova em que vivia! Aqui se occupava perennemente na santa contemplação, e para não gastar o tempo nas pervençoens e preparos para o seo sustento, húa larangeira, que dava os frutos azedos, plantada ao pé da cazinha, era a ministra da sua comida, e bebida; com o summo que expremia de húa laranja passava dous e trez dias. Admiramos as maximas da simplicidade, e innocencia daquellas primeiras idades, em que os Arcadios vivião comendo somente Bolotas; os Coromanes, tamaras; os Sauromates milho; e os Persas terebintos, e cardos; e que admiração não cauzara

sustentarse esta serva do Senhor por muitos annos com o summo de laranjas azedas, o que lhe servia mais para mortificação do gosto, que para dar forças a natureza; sempre forte e robusta para o exercicio de rigorosas penitencias, parecendo esta creatura feita de materia differente dos mais humanos, ou que lograva húa condição de marmore. E não causava menor assombro que sendo a fermosura de húa boa cara bem tão caduco que o tempo que aperfeiçôa, estraga; abstinencias, e penitencias a destroe, conservasse sempre aquella belleza, que consiste não só na proporção das feiçoens do rosto, mas na viveza, e perfeição das cores.

84. Todas as noutes vinha a sua cova aquella Irmãa que sahia do recolhimento, quando a necessidade o pedia, e com huma grossa corda (por satisfazer a seos rogos) a prendia de pez e mãos, e se retirava deixando-a amortalhada sobre a terra nua. No meyo da cazinha tinham as formigas fabricado o seo aposento, e erão ellas de certa casta, que tem os dentes tão venenosos, que a parte picada por elles incha, e cauza grande dor. Assim atada de pes e mãos se entregava a innumeraveis formigas, que sahindo das suas covas investiam com o corpo da serva de Deos, que com inalteravel paciencia, e sem algum movimento sofria suas mordeduras. Esta tolerancia tão assombrosa procedia da alienação de si mesma, trazia os sentidos sempre arrebatados no ceo, não advertia nem reparava nos sentimentos do corpo; com semelhantes estragos, gloriosos caracteres, com que a penitencia escrevia em seu corpo os triunfos da sua alma, se apresentava cada vez mais bella aos olhos do Divino Esposo.

85. Não podemos referir os favores Divinos, que possuirão em portentosas vizoens estas servas de Deos; nem declarar os misteriosos segredos, que da graça, que lhes assestia, inferião os juizos dos homens, porque sua humildade o soube occultar e esconder a nossa noticia. Faremos abreviada relação do que se fez manifesto pela declaração de seos confessores, e de algúas pessoas authorisadas, que forão testemunhas de alguns dos prodigios, com que Deos quiz dar a conhecer a virtude destas suas servas, cujas relaçoens ainda que diminutas são verdadeiras, e contestadas por pessoas de inteiro credito.

86. A serva de Deos Beatriz teve o dom das lagrimas, derramando-as continuamente aos pez de Christo crucificado, com a continuação de tão perenne pranto veyo a perder a vista dos olhos, que recobrou perfeitamente algum tempo antes de fallecer. A penitente Luiza arrebatada dos incendios do amor divino sahia do seu cubiculo, e buscando a parte mais occulta, abstrahida dos sentidos ficava em activa contemplação absorta, e parecia que a alma se apartava de corpo deixando-o sem movimento, e sem algum uso dos sentidos. O fallecimento da

serva de Deos Anna, foy festejado com suaves canticos de passarinhos, que voando vierão por-se em seus pez, e corridos hũa, e mais vezes repetidos os voos, e canticos sem se apartarem do lugar, a que os trazia superior impulso. Nas mãos da virtuosa Margarida se virão muitas vezes multiplicadas as porçoens de farinha que pedia por esmolla para sustento dos enfermos. A serva do Senhor Luiza Pinta era hum rezumo de todas as virtudes, andava continuamente elevada em Deos em contemplação de seus attributos. Inflamada com os rayos do seu divino amor, não podia levantar o pençamento as eminencias da sua infinita bondade, sem que o corpo deixasse de padecer mortaes accidentes.

87. A todas excedeo nos prodigios a serva de Deos Maria Pinta. Já dissemos vivia separada da companhia de suas Irmãas, para viver mais solitaria, e para que não tivessem seus olhos outro objecto mais que as Imagens de Christo crucificado, e de Maria Santissima sua May purissima, e senhora nossa, a quem venerava com singularissima devoção ; e quando nesta soledade e esquecimento de todas as couzas terrenas se achava unida com Deos, e então lhe fallava ao coração este amorosissimo Senhor, e aos olhos do seu espirito mostrava espelhos da sua paixão sagrada, para que diante deste exemplar de tribulaçoens, ou desse christal de magoas compozesse, e adornasse com as joyas e enfeites do sofrimento, e conformidade a sua paciencia.

88. Zelava tanto o Divino Esposo o retiro, e recolhimento desta sua Esposa, que em sua guarda poz hũa horrivel serpente, chamada cascavel (cobra tão venenoza, que apenas se acha remedio que atalha o mal que cauza) para que com a extremidade da cauda fazendo ruido sonoro avisasse aos que passavão da sua assistencia naquelle lugar, e os fizesse retirar medrosos do seu venenozo encontro. Sendo tão grande a antipathia da serpente com a mulher que achando-se hũa só mulher em hũa roda de homens, primeiro investirá a serpente com a mulher, do que com qualquer delles ; sendo esta inimisade parte do castigo em desagravo do mal, que fez ao genero humano Eva, dando ouvidos a venenoza pratica de hũa serpente. Perdida para com a serva de Deos sua natural antipathia, e deposta sua venenoza condição, se lhe mostrava officiosa, e rendida, tão domesticada em sua companhia, como se fora capaz de razão, e com maravilhoso instincto se enroscava a um canto do cubiculo todas as vezes que nelle entrava algum sacerdote para administrar os sacramentos a serva do Senhor, e para com todas as mais pessoas assanhada corria logo a porta, para impedir a entrada. Emfim sendo em toda a sua vida perfeita, mostrou na morte o que fora na vida ; predisse o dia do seu fallecimento, e disposta com os sacramentos, que recebeu com singular ternura, e devoção, posta de joelhos com as mãos levantadas ao ceo, lhe rendeo as graças pelos dons recebidos.

Pedindo hũa vella aceza com ella em hũa mão, e hum santo crucifixo em outra esperou a voz do Senhor, que lhe dera tão vigoroso espirito, em cujas mãos entregou amorosa, e devotamente a sua alma. Com acclamaçoens de santa foy sepultada na Parochial Igreja da Moribeca no anno de 1751.

89. Todas as mais servas do Senhor desta ditoza familia, nas ultimas enfermidades se dispuzerão com os sacramentos, recebendo-os com profunda humildade, e exemplarissima ternura, occupãdo-se dahi por diante em discursos da gloria, para os quaes se inclinarão sempre os seus affectos, e então caminhavão com mais força suas amorozas ancias. A estas servas do Senhor imitarão, e imitão (fazendo as proprias casas claustros) outras muitas donzellas, cujas vidas podem servir d'esemplar as q̃ quizerem seguir o caminho da perfeição, por que sabe o amor de Deos ser Architecto para fabricar dezertos na corte, e nas cazas seculares moradas religiosas.

89. (*) D. Leonor, D. Luiza, e D. Ignez, naturaes do Recife, forão filhas de Braz da Rocha, Mestre de Campo do Terço da guarnição da Bahia. A sua casa podia servir de norma ao mosteiro mais austero, não ouve naquella cidade quem as visse, nem aos criados da mesma casa, era permittida entrada, onde assestião. Vivião com tal recolhimento, e recato que unicamente erão patentes a Deos, e a seus confeçores as suas acçoens mortificadas. Prodigas com os pobres e parcas com as suas pessoas, dispenderão com generosa mão, copiosas esmollas. Conservando-se virgens acabarão cheias de annos e merecimentos santamente a vida. Forão sepultadas na capella mor do Mosteiro de S. Bento, da parte da Epistola.

CAPITULO 12

LOUVAVEIS PROCEDIMENTOS DE ALGUAS TERCEIRAS DE S. FRANCISCO, E OUTRAS DO CARMO QUE VESTIRÃO O HABITO DESCUBERTO

90. D. Joanna de Albuquerque foy natural de Olinda, e filha de Antonio Cavalcante de Albuquerque, e de sua mulher D. Izabel de Goes. O exemplo, que lhe derão suas Irmãas D. Maria, D. Ursula, e D. Paula, passando a Portugal, e sendo religiosas, como ja escrevemos, lhe servio de idea para a direcção da vida. Dezejou muito seguir os mesmos passos de suas Irmãas, o que não conseguio, por

(*) *Numero repetido.*

que quando chegou a idade competente para se poder embarcar, e seguir sua vocação, entrarão os Olandezes em Pernambuco e ficarão por esta cauza impedidos os seus ardentes dezejos. Teve varias lutas com os inimigos da Patria, e das almas, que procurarão triunfar da sua castidade, porem, de todas sahio, como a valeroza Judith triunfante. Depois da Restauração destas Provincias, vestio o habito da Terceira Ordem de S. Francisco para melhor se exercitar na virtude da penitencia. Conservou-se por toda a vida casta, e pura, e cheya de meritos para a gloria passou da vida temporal para a eterna no anno de 1667.

91. Catharina Paes, mulher de Antonio de Azevedo, syndico, que foy dos Religiosos Franciscanos; nasceo na villa das Alagoas, e por consentimento de seu marido, vestio o habito descuberto da Terceira Ordem de S. Francisco, e n'elle fez grandes penitencias, e se exercitou em heroicas virtudes. Foy a sua humildade tão profunda, que ate se reconhecia por indigna de servir as suas mesmas escravas, dizendo, que ainda que a fortuna as tivesse feito captivas, erão filhas de Deos, a que ella não merecia servir, por ser húa grande peccadora. Faleceo esta serva do Senhor tão cheya de annos, como de merecimentos, com húa morte feliz, acreditando Deos a sua virtude com alguns prodigios, foy sepultada no convento da dita villa.

92. Maria Jose, natural do Reciffe, filha de Pays nobres e ricos, desde a primeira idade se applicou aos exercicios da devoção e penitencia. Para desengano dos que pertendião o seu cazamento, distribuio pelos pobres a maior parte do seu dote, reservando somente quanto bastasse para húa honesta sustentação da sua familia, e cortando os cabellos, e depondo as galas vestio o habito de Terceira do Carmo; dando-se dalli em diante toda a penitencia, e oração em que gastava a noute, e dia. Não só castigava o seu corpo com asperos cilicios, mas tambem com a aspereza dos jejuns, e disciplinas. Foy muito devota de S. Felippe Nery, e dos Padres da Congregação do Oratorio, a quem imitava nos exercicios espirituaes; sendo seu director o Illustrissimo Bispo do Pará D. Fr. Bertolameo do Pilar (que neste tempo dictava as sciencias Escholasticas aos ditos Padres congregados) que das suas raras virtudes estava muito agradado. Arrebatado seu espirito na meditação dos misterios divinos ficou muitas vezes transportada em amoroso extasi. Hú teve ja propinqua a sua morte, que nas palavras, que proferio quando acordou claramente se conheceo, que Deos lhe mostrara as remuneraçoens das suas penitencias, e brevemente as foy gozar entregando a sua alma nas maõs do mesmo Senhor, que em sinal de lhe ser agradavel a penitencia, com que macerou o corpo por toda a vida para se conservar pura e fermoza aos olhos do Espozo

divino, lhe concedeo depois de defunto hũa extraordinaria belleza. Jaz sepultada no convento da Madre de Deos da sua Patria.

93. D. Juliana de Nabathas, nasceo em Ipojuca, de Pays muito nobres, e opulentos. Desde a sua infancia foy inclinada ao estado de Religiosa, sem que fosse possivel a seus parentes vencer a constancia, com que repugnou tomar o estado conjugal. Vendo que não lhe permittião embarcar-se para o Reyno para ser Freyra, depondo as galas, vestio o habito do Carmo, e com elle floreceo em grandes virtudes, na da caridade para com os pobres foy muito excessiva, na oração continua, e nas penitencias extremosa. Tendo setenta annos de idade passou da vida temporal para a eterna no de 1740, sem que os annos, nem a dilatada infirmidade, de que morreu, lhe debilitassem o entendimento, pois ate os ultimos paroxismos da vida teve as custumadas horas de oração mental. Jaz sepultada no convento do Carmo do Reciffe.

94. Aguida de Jesus, Irmãa do Padre Leandro Camello, conhecendo quam vãos, e caducos erão os deleites mundanos os despresou com tão singular resolução, que sem a estorvarem os obstaculos de seus parentes, vestio o habito descuberto de Terceira de S. Francisco, e nelle se exercitou em raras virtudes, conservando por toda a vida a pureza da alma e corpo. Foy a sua humildade tão profunda que sobre seus delicados hombros carregava os materiaes para a Igreja de N. Senhora da Boa Viagem, que seu Irmão edificara, depois de acabada nella gastava dias, e noutes inteiras, orando ja mental, ja vocalmente. Chea de merecimentos passou desta mortal vida a eterna, e foy sepultada na dita Igreja. Imitadora das mesmas virtudes foy D. Ignez, filha de Antonio de Sa, e de sua mulher D. Catherina de Albuquerque. Vestio o habito da 3ª Ordem de S. Francisco e nelle viveo, e morreo santamente.

CAPITULO 13

SANTAS OBRAS DE MUITAS MATRONAS QUE NO ESTADO DE CASADAS, E VEUVAS FLORECERÃO EM VIRTUDES

95. D. Ignez Barreto de Albuquerque illustre fundadora do Hospital de Nossa Senhora do Rosario do Reciffe, natural de Cabo de Santo Agostinho, casou com D. João de Souza, de quem no livro sexto cap. 6 num. 74 fizemos illustre memoria. Exercitando no Estado de casada muitas virtudes, depois que enviuvou totalmente se deo a Deos. Para dar nova forma ao governo Economico da sua casa, consultou com a

discrição, e prudencia as despezas, a satisfação da decencia, e não do fausto. Fez computo dos reditos annuaes da sua fazenda, para tomar a medida aos gastos, para viver satisfeita e gosava com o necessario, sem dar alimentos a vaidade com o superfluo; e não viver como muitas veuvas queixosas do que lhes falta, ou por não cingiren-se ao necessario, ou por não saberem governar bem o que lhes sobra. Assegurando seus escravos com amor, e bom trato em seu maior serviço, poz grande cuidado, em que fossem de louvaveis custumes, para que não deslusisse a bondade da senhora, a relaxação dos captivos, e compoz de tal sorte a sua familia, que parecesse mais claustro Religioso, que caza secular.

96. Vesitava muitas vezes o Hospital, que fundara, varria os aposentos, fazia as camas dos enfermos, e repartia com elles muitas esmolas, e regallos. Quotidianamente dava de comer em sua casa a muitos pobres, e todos os annos vestia aos mais necessitados. Sustentava em sua casa muitas orphãas, e a algũas deo dote para tomarem estado. Frequentava os sacramentos, e a seu exemplo toda a sua familia fazia o mesmo, recebendo muita desconçolação se advertia falta neste particular. Foy cordialissima devota de Maria Santissima, venerando-a diariamente com o seu rosario que resava de joelhos, e com jejuns de pão, e agoa nos sabbados, e vigilias das suas festividades. Chegando a hora da morte se dispoz com todos os sacramentos, e fazendo o seu testamento, deixou muitos legados pios, e perpetuos, e para augmentar a renda do seu hospital lhe deixou o Engenho dos Algodoaes muito bem fabricado. Falleceo com todo socego, espirando ao tempo, que acabava de pronunciar os dulcissimos nomes de Jesus, e Maria. As suas exequias forão solemnissimas, com assistencia de todo clero do Reciffe, e Cabo, muita nobreza, e immenso povo, e foy sepultada em jasigo proprio na capella mor da Igreja do dito Hospital.

97. D. Laura Soares Gondim, natural da cidade de Olinda, e filha do capitão mor Marcos Velho Gondim, Fidalgo da Casa Real, cavalleiro professo na Ordem de Christo, e de D. Izabel Soares da Fonceca, filha do Capitão Bertholameu Soares Canha, casou com João Alvares de Coutto, e não forão poderosos os cuidados de cazada para adivertirem dos exercicios espirituaes, em que fora educada. Quem se occupa com bom zelo no cumprimento da obrigação, nem no tropel ruidoso dos maiores disvelos, perde a quietação, ou padece distracção, porque sabe a virtude trazer a seu coração os silencios do dezerto. Aproveitando-se dos livros espirituaes achava muitos documentos para doutrinar seus filhos, governar sua familia, e para se aproveitar no amor Divino; delle fallava com tanto proposito, como se fora muito veterana em as escollas da Theologia Mystica. Era notavelmente severa em fazer

a seus domesticos observar a ley de Deos, e muito exacta em não consentir couza algũa, que offendesse a modestia: Sendo porem inflexivel nestas observancias, era muito affavel com todos os da sua familia, os quaes sempre achavão nella entranhas de caridade, com hum coração candido, e singelo, mas juntamente muita sciencia, e discripção nas couzas de Deos, do credito, da reputação, e da honra.

Hum dos principaes documentos, com que os doutrinava era advertir-lhes que fugissem de todos os pençamentos, e acçoens de soberba: e para conceguirem a virtude da humildade, e modestia lhes ensinava varias devoçõens, com que impetrassem do Senhor agraça destas virtudes. Nunca permittio a suas filhas passeyos, nem vizitas, e nas precisas não consentia proferissem palavra superflua, ou mal soante, e todo seu cuidado, e disvelo era fallar em couzas do agrado de Deos; e se acaso na sua prezença se proferia algũa palavra ociosa, ou dissonante reprehendia, e muitas vezes castigava asperamente a quem a proferia.

98. Nas assistencias da Igreja tinha as delicias do seu coração, e o remedio das suas dores. Frequentava os sacramentos, e todos os dias ouvia muitas missas na Igreja do Collegio dos Padres Jesuitas do Reciffe, e todo seu alivio consestia em ler, e mandar ler as vidas dos santos, e acodir ao remedio dos necessitados. Amava muito os rigores do jejum, e com a frequencia delles adquerio o habito de passar o anno em continua abstinencia contentando-se com hũa so refeição no discurso do dia, e essa muito limitada, e não era possivel apartalla de tanta austeridade. Desde que pario o ultimo filho, ate que falleceo, em que passarão trinta e sete annos não comeo carne, e sobre esta mortificação, trazia o corpo sempre atormentado com cilicios, e so tinha por regalo tudo o que lhe vinha da mão de Deos, com cuja vontade se conformava muito, e sem ella nada apetecia. Foy cordialissima devota de Maria Santissima, obsequiando-a cada dia com o seu Rozario, que rezava de joelhos, da continuação desta postura se lhe formarão nelles dous tumores, que vierão a corromper se, com offença do osso chamado da rotula.

99. Vendo os cirurgioens Manoel Duarte Sylva, e Manoel dos Santos Cardozo o perigo, que ameaçavão aquellas chagas, e que para atalhar a ultima ruina, era necessario uzar de ferro e fogo, o que não podia ser sem ficar aleijada. Vierão em hũa menhãa preparados para executar dita operação, a serva do Senhor a não consentio, dizendo: que a May de Deos havia curalla sem os terriveis aparatos, com que elles determinavão fazer aquella cura. Applicou na parte infecta o azeite da alampada do Altar da Senhora da Paz do Collegio do Reciffe, e no seguinte dia se achou sãa sem sinal da molestia, que padecera, pagandolhe a Senhora com este e outros beneficios os obsequios com que a servia.

100. Nunca negou couza, que se lhe pedisse pelo seu amor, e de seu Santissimo Filho. No tempo das sublevaçoens em que exprimentarão os habitadores do Reciffe extrema falta de mantimentos por cauza do apertado cerco, que lhe puzerão os amotinados, acodião tantos pobres a sua caza, que era impossivel bastar o que havia de iguarias para a menor parte delles, porem ella continuou em dar as esmolas, que se lhe pedião por amor de Deos, e de Maria Santissima, e permitia o Senhor, que nunca lhe faltasse para poder dar aos seos pobres. Certo moço vadio lhe fez hum concideravel furto, de hum traste precioso fez entrega a hũa mulher, que se esquecia das suas obrigaçoens, e de outros a hum parente. Descoberto o author do delicto confeçou as repartiçoens que fizera, e entregou somente a menor parte do que furtara, pedindo por amor do Senhor e da Senhora, o não entregassem a Justiça. Assim o fizerão a serva de Deos, e seu marido deixando-o livre para que se puzesse em salvo, e nunca falarão no que havia dado a dita mulher, nem repartido com o seu parente, para que não ficassem infamados em seu credito e honra.

101. A summa abstinencia, e rigor das penitencias forão dissipando e consumindo as forças naturaes, e debelitando a natureza de tal sorte, que lhe occasionarão hũa summa debilidade. Nestes desmayos da carne prostrada dilatava-se seu espirito nas ancias, com que anhelava gostar as doçuras do summo bem; e vendo se chegada a ultima hora pedio os sacramentos, e os recebeo com summa devoção, despedio se de todas as pessoas da sua familia recommendando-lhes muito o amor, e temor de Deos. Tal era a opinião da sua virtude, que nesta occasião o Padre João Vieyra Religioso da Companhia de Jesus, seu confessor, varão consumado em letras, e virtudes lhe pedio que quando se visse na presença de Deos, orasse por elle. Finalmente coroada de grandes meritos, passou a lograr o seu premio como piamente cremos em 20 de Outubro de 1735. Fez-se-lhe o seu enterro com muita pompa, e forão as suas Exequias muy solemnes, e jaz sepultada na Capella da Ordem Terceira de S. Francisco do Reciffe. Muitas outras couzas poderamos dar aqui a ler em prova do seu elevado espirito, ardente caridade, summa honestidade, austera penitencia, e profunda humildade sem que o affecto de filho nos fizesse encarecido, mas baste dizer que perseverou por toda vida no exercicio de boas obras, pelas quaes deixou fama veneravel.

102. Aquellas virtuosas acçoens que canonisão a memoria de Heroinas insignes, forão innocente exercicio dos primeiros annos de D. Anna da Fonceca Gondim, natural da Cidade da Parayba, e filha de João Alveres de Coutto, e de sua mulher D. Laura Soares Gondim, de quem assima fizemos merecida memoria. Logo na infancia mostrou

sendo muito dada a exercicios virtuosos, que por beneficio de graça fora nascida no gremio da devoção, e bebera com o leite, e herdara com o sangue a candura dos custumes de seus Pays sugeitando-se em tudo a vontade destes, da sua obediencia passou a sugeição de hum Espozo, cazando com o coronel Manoel de Araujo de Carvalho. As muitas occupaçoens, a que se entregou (mudando de estado) não forão poderosas a variar-lhe os bons custumes, a que desde as faxas pueris se inclinou; nem os disvellos de cazada forão bastantes para perder as excellencias, de que a natureza, e a graça a tinhão dotado. Tratava com cuidado das couzas, que erão do agrado de seu marido, e juntamente de Deos, pois lhe não servião de estorvo as assistencias da familia, e carinhos do espozo, para acodir menos prompta aos exercicios espirituaes, em que se creara. Teve dous filhos, ao primeiro poz o nome de Francisco a honra do Seraphico Patriarcha S. Francisco, empenhando-o no nome para o dezempenho das obras; ao segundo o de Manoel para que Deos fosse com elle, e elle com Deos. Não lhe servia de obstaculo o tempo de pejada, para deixar de ouvir todos os dias missa. Na educação de seus filhos se disvellou muito em os instruir no caminho da virtude, sem que lhe servisse esta occupação, e as mais do governo dos domesticos de impedimento para deixar de exercitar a virtude da sua ardente Caridade com os estranhos necessitados, mandando crear em sua caza alguas crianças expostas.

103. Depois de desaseis annos de cazada enfermou o marido por espaço de quatro mezes, e agravando-se-lhe a enfermidade cada vez mais ella lhe assestio com tão pontual cuidado, e tão fino disvelo como se fora húa criada humilde. Ordenou seu testamento, e o persuadio que da sua Terça (que era copiosa) dispuzesse em sufragios, e legados pios, sem que d'ella se lembrasse para a deixar herdeira de algúa parte. Ordenou o seu enterro com singular pompa, e grandeza, e não satisfeita a sua liberalidade com os muitos sufragios, que pela sua alma deixara seu marido; por conta da sua meação lhe mandou fazer outros muitos, assim de Missas, como de officios, e esmolas a pobres.

104. Crescerão-lhe no estado de veuva os cuidados, porem nenhũ aballo fazião elles no seu coração, nem a divertião de seus virtuosos exercicios, e do seu intento, que era possuir pacificamente a graça de Jesu-Christo, para este fim se havia com todos branda affavel e humildemente. A sua ordinaria habitação era na Igreja de S. Francisco do Reciffe, onde todos os dias ouvia todas as missas, que se dizião, em cujo misterio soberano esmorecia o seu amor pela entranhavel devoção, que tinha ao augustissimo Sacramento do Altar. Era

a primeira pessoa, que entrava, e a ultima, que sahia da dita Igreja, e muitas vezes acabados os officios divinos se ficava em oração por largo tempo. Retirando-se para sua caza, se recolhia no seu oratorio, e nelle permanecia ate o meyo dia de joelhos orando ja mental, ja vocalmente, exercicio em que continuava depois das tres horas da tarde, e muita parte da noite. A sua boca era hum manancial de preciosidades, que della não sahião senão louvores do proximo, e louvores de Deos; fallava deste Senhor com tanto fervor, e acerto como quem havia estudado muito na escola da meditação de seus attributos soberanos. Mostrava-se compassiva, efficaz e liberal no sentimento das miserias alheas. Era tão amante dos mendicantes, que nenhum chegou a pedir-lhe esmola, que se retirasse descontente. Tinha por perdido o dia em que não obrava repetidas vezes este acto de caridade, não se contentando so com alimentar os pobres, que lhe vinham a caza, nas alheas buscava pessoas honradas e recolhidas com o remedio para as suas necessidades. Não se satisfazendo so com ser esmoler, ordenava a seus filhos fizessem o mesmo, e por sua morte lhes deixou certa quantia, para que a dispendessem pondo a sua meza todos os dias hum pobre, dos que pedissem esmolas pelas portas, para assim os affeiçoar a esta virtude. A algũas das meninas engeitadas por seus Pays, que creou em sua caza, deo estado com decencia, e a hũa que cazou com o Doutor Thomaz Ignacio d'Oliveira Xavier dotou liberalmente.

105. Na mortificação dos sentidos, e na virtude da abstinencia foy insigne. Jejuava todas as Quaresmas, Adventos, e Sextas feiras do anno, abstendo-se de todas as iguarias, em que o corpo podia experimentar regalo, e o paladar doçura. Levantou hum padrão perpetuo da tolerancia na admiravel paciencia, com que se via comer de hum cancro, que nascendolhe sobre o peito, sofreo silenciosamente o grande tormento, que lhe causava, so por não ser visto pelos cirurgioens, e quando se quiz acudir a sua cura, ja o mal não tinha remedio. Augmentava suas dores uma ardente secura, com que se consumia em sede, havia pedido a Deos a fizesse participante dos tormentos da sua paixão sagrada, e parece lhe quiz dar o Senhor na terrivel sede, que padecia, a gostar d'aquelles tormentos.

106. Nem o rigor da infirmidade, nem a debilidade das forças lhe impedião o continuo exercicio da oração, porque sempre estava orando. Como tinha Missa em seu oratorio, por graça que lhe fora concedida, a ouvia com a custumada reverencia, e devoção e recebia o Divino Sacramento da Eucharistea com fervorosas ternuras. Nesta ultima enfermidade a visitou o Illustrissimo Bispo D. Frey Luiz de Santa Thereza, e admirou a constancia com que sofria tantas dores

esta mulher verdadeiramente forte. Estando já no ocaso da vida pedio o Sacramento da Extrema unção, e depois que o recebeo passou muitas horas em hum profundo silencio. No seguinte dia, que se contavão 26 de Junho de 1748 despedio-se de todas as pessoas, que lhe assistião, e chamando a seus filhos, com amorosas palavras lhes encomendou fossem muito tementes a Deos, caritativos e humildes, sem que o terrivel mal, de que morria, fizesse termo, que descompuzesse a serenidade do seu rosto e Juizo, com quietação admiravel ouvio Missa, e pegando do seu rozario o rezou devotamente. Continuou em outras oraçoens, e Jaculatorias com tanto socego, que os Padres Cornelio Pacheco, e Antonio Alveres da Companhia de Jesus, que ainda existem no collegio deste Reciffe, e outras pessoas que lhe assistião se persuadirão, que ainda não era chegada a ultima hora. Depois que deu fim a suas oraçoens, levantando as maõs e os olhos ao ceo para onde propendião os seus affectos caminhou para elle seu ditoso Espirito tão placidamente, que pareceo aos circunstantes que a sua alma ainda animava o corpo, pois não tinha feito nelle mudança a morte, mas vendo que ja a alma se tinha separado delle, publicarão com lagrimas o seu sentimento. Foy sepultado seu corpo na capella da Ordem Terceira de S. Francisco do Reciffe, e forão suas Exequias solemnissimas com assistencia do Excellentissimo Bispo, da illustrissima Irmandade de S. Pedro, de todo Clero, Religioens, nobreza e immenso povo.

107. D. Antonia de Soutto, natural de Olinda foi cazada com Francisco de Figueiroa, que com o posto de Mestre de Campo servio na guerra do Olandez, e depois da Restauração foi governar a ilha de Santo Thome. Ficando veuva abraçou a cruz da penitencia, e se entregou aos exercicios da devoção, e piedade, buscando a Deos por meyo da oração, e frequencia do Sacramento, e soccorrendo aos proximos necessitados com copiosas esmolas. Da maior parte de seus bens (que erão muitos) fez doação ao Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda, para se distribuirem os seus rendimentos em obras pias. Chea de annos, e virtudes passou deste desterro para a Patria Celestial, onde como piamente cremos está gozando o premio de seus merecimentos.

108. D. Barbara Fialho, natural da villa do Penedo foi mulher do coronel João Pereyra, e May do insigne Padre Francisco Fialho da Companhia de Jesus, de quem se fez menção em seu lugar. Todo o periodo da sua vida gastou no exercicio de raras virtudes, e na da caridade para com os pobres, foi muy solicita, inquirindo das pessoas necessitadas para lhes acodir com o remedio. Na devoção para com as almas do Purgatorio foi extremosa, mandando-lhe dizer muitas

Missas. Coroada de grandes meritos, passou a lograr o seu premio com hũa morte semelhante a sua vida. Determinou em seu testamento que o seu corpo fosse sepultado na Parochial Igreja da dita Villa, e para se dar cumprimento a este mandado, foi trazido em hũa barca pelo Rio assima. Conta-se que duas pombas acompanharão o corpo ate a Igreja, e assentando-se sobre a cornija de hũa Tribuna assestirão aly emquanto durarão os officios Divinos, os quaes acabados sahirão da Igreja e desaparecerão. Tambem se affirma que a sera que ardeo emquanto durarão os officios, que se fizerão por sua alma, não teve diminuição, porque pesando-se, se achara depois com o mesmo peso.

109. D. Maria Jose da Costa, natural da cidade de Olinda, foi filha de Manoel da Costa Gayo, e Luiza Ribeira de Queiroz, mulher do Licenciado Pedro de Faria, e may do Padre mestre Francisco de Faria, Lente de Prima actual de Theologia no collegio da Bahia de Padres Jesuitas, de quem em seu lugar fizemos merecida memoria. Foy esta Matrona hum magnifico exemplar de virtudes, sendo na paciencia invicta, na caridade ardente, na oração fervorosa, na penitencia austera, e profunda na humildade. Assestia continuamente nos Templos, e frequentava os Sacramentos, juntamente com outras devotas mulheres, que se lhe aggregarão por companheiras. Faleceo esta serva do Senhor em 20 de Março de 1747, tão chea de annos, como de virtudes, com hũa morte feliz, que predisse muitos dias antes.

110. D. Luiza Pereira Caldas, natural do lugar de Moribeca, filha do capitão Gregorio Pereira de Caldas, e molher do capitão mor Domingos Bezerra Cavalcante, sobre outras muitas virtudes, em que floreceo, foy singularmente caritativa de maneira que, se passava dia algum, em que não tivesse exercicio a sua caridade, derramava muitas lagrimas de sentimento. Foi muy devota de Maria Santissima, e muito dada a oração mental, onde ferido o seu coração das douradas settas do amor Divino, padecia deliquios, e desmayos, que tem tanto de suaves para o espirito, como de penosos para a carne. Faleceo esta serva do Senhor com poucos annos, e muitas virtudes, com hũa morte Santa, que acreditou Deos com alguns prodigios.

111. Donna Maria Pessoa, natural da Varze, filha do Sargento mor Nuno Camello, e de sua mulher D. Ignez Pessoa. Foi cazada com o coronel Andre de Barros Rego. Em todas as virtudes foi preclarissima, e com especialidade na modestia, e caridade com os pobres, a quem soccorria com mão larga e generosa. Cuidou muito na boa educação de seos filhos, e domesticos, instruindo-os no caminho da salvação, com o exemplo das suas raras virtudes. Chegou finalmente aos ultimos parocismos da vida, e depois que tomou os sacramentos

não fallou mais, que com o seu confessor e entre doces colloquios com Christo Crucificado, e com sua May Santissima passou da vida temporal para a eterna.

112. Cezilia Soares mulher parda, e veuva natural, e moradora no lugar onde está situado o Engenho de Gojahu de sima, freguezia de Santo Amaro de Jaboatão, foi ornada de muitas virtudes, principalmente da da simplicidade. Era muito penitente, devota, e esmoller; todos os dias ouvia Missa com grande reverencia, e devoção, e mereceo ver na hostia consagrada a Christo bem nosso na forma de sacerdote revestido e com excessivo jubilo da sua alma o declarou a D. Maria de Oliveira, mulher do capitão Bento Gonçalves Vieira em cuja caza assestia. Sabendo do cazo o Padre Jeronimo Vieira Pinto, sacerdote grave, e prudente inquiriu della as circunstancias de vizão tão maravilhoza, e ficou glorificando a Deos, que assim se communica aos simplices de coração. Acabou com creditos de santidade, e jaz sepultada na capella do ditto Engenho.

113. Angela Gonçalves de Moraes, natural da villa das Alagoas, mulher de Braz Martins Correa, e May do Padre Mestre Frey João de Santa Angela Alagoas, de quem em o livro quinto, fizemos menção, foi matrona de grande espirito, a sua honestidade era tão celebrada, como as virtudes de que foi enriquecida. Teve dom de lagrimas na sua oração, sendo tal a compostura do seu rosto, que parecia nelle não haver olhos pela sua rara modestia, viveo, e morreo com muitos creditos de virtuosa, e está sepultada na Igreja do convento de S. Francisco da sua Patria.

CAPITULO 14

DE DUAS MOLHERES PECCADORAS CONVERTIDAS AO CAMINHO DA VERDADE

114. Verdugos dos escravos são aquelles senhores, que esquecidos da doutrina e boa educação, que lhes deverão dar, os deixão viver com viciosa liberdade de custumes. Infancia bem criada dizia Platão, promete bons annos para o restante da vida, e faltando (como falta a muitos escravos) educação cuidadoza, e christã cultura do animo para dar luz ao entendimento, autoridade a razão, limites a vontade, freyo ao apetite, regra as acçoens, e leys para toda vida, ficão submergidos em hũa torpe cegueira sem conhecimento das virtudes, e entregues a vicios. Padeceo esta falta Clara Henriques mulher preta, escrava de Maria Henriques, mulher meretriz, que não somente lhe faltou com doutrina santa, senão que a provocou com ruins exemplos. São os

bons exemplos pela imitação a faculdade generativa dos santos, como pelo contrario os maos, progenitores de peccados. Seguindo Clara Henriques os custumes de sua Senhora na idade de quatorze annos se entregou a huma vida torpe, em que viveo tão esquecida da sua salvação que a preço de perder a Deos o devido respeito, so tratava de acrescentar culpas a culpas. Acodio Deos a esta molher peccadora, quando mais submergida em suas torpezas, com as enchentes da sua graça. Entrando certo dia na Igreja de Nossa Senhora do Rosario dos pretos, lhe poz diante dos olhos da concideração suas enormes culpas, e tão vivamente reflectio sobre ellas, que banhada em lagrimas se prostrou com o peito em terra ante o Altar da Virgem Santissima, pedindo-lhe com ardentes suspiros lhe alcançasse de seu bemdito filho perdão de suas culpas. Presistio muitas horas nesta humilde, e contrita suplica, e vio com os olhos da alma, que a Senhora compadecida da sua mizeria rogava por ella a seu santissimo filho, e que a sua intercessão era o fio de Ariadna, que a conduzia para a luz da verdade, livrando-a o Senhor do escuro labyrinto, em que a havião posto seus enganosos apetites.

115. Clara já outra mulher sahio do templo, e depois de fazer huma confissão geral, se começou a exercitar em virtudes. Na da penitencia foi excessiva, porque os cilicios, jejuns, e disciplinas erão continuos; a caridade para com os pobres era muy relevante, pois quanto podia adquirir por esmolas, ou trabalho de suas maos dispendia no remedio de suas necessidades. Concedeo-lhe o Ceo dom de lagrimas, para que com as correntes dos olhos regasse as flores, que no horto do seu espirito produzira o calor da Divina Graça. Tambem se vião as suas abundancias nas confissoens em as quaes a dor das offenças, que havia cõmettido contra Deos, era huma imprensa, que apertando-lhe o coração o fazia liquidar, e correr pelas faces. Teve o dom de profecia, porque disse muitas couzas, que ao depois se virão compridas. Invejoso o commum inimigo dos singulares favores, com que o Senhor a engrandecia lhe apareceo muitas vezes em horrendas figuras, maltratando-a com crueis golpes. Outras vezes lhe representava com impuras suggestoens vivamente lascivos objectos; mas a serva de Deos, confortada com a graça divina triunfava de seus diabolicos ardiz, e das suas infernais furias. Finalmente chea de merecimentos passou desta mortal vida a eterna, como piamente se pode conjecturar, deixando aos moradores de Olinda, onde nasceo, viveo e morreo, edificados com suas virtudes, muito mais do que os tinha escandalisado com seus vicios.

116. Maria Tavares, natural do Piancho, preza nos laços do deleite viveo algum tempo entregue a hum homem, que com fingida promessa de casamento, triunfou da sua virgindade. Parecendo-lhe depois que não lhe estava bem casar com ella, por ser muito pobre, se ausentou

deixando a feita alvo de libidinosas pertençoens. Acodio Deos a esta molher, permittindo que outro homem cazasse com ella. Em muita concordia, e exemplar honestidade vivia com seu marido, quando voltou para o mesmo lugar o malfeitor, que fazendo da posse alhea, tormento proprio, se abrazava nos incendios do ciume, e da inveja, e foy tal o odio que concebeo contra o innocente marido, que clandestinamente lhe tirou a vida. Depois de executar tão horrivel maldade, intentou perverter a casta matrona, e achando-a constante em não admetir o seu comercio, quiz com força vencer a sua constancia, e por que com varonil esforço se defendia da violencia, arrebatado de infernal furor com hum punhal lhe atravessou o peito, de que faleceo no seguinte dia com muitos sinaes de predestinada.

CAPITULO 15

DE ALGUAS INDIAS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE NESTES ULTIMOS ANNOS FLORECERÃO EM VIRTUDE

117. Não cessão os maliciosos de perseguir os nossos Indios com censuras, mas o Senhor, que a seus fieis servos os quer honrados, ainda na militante Igreja com a gloria accidental da veneração humana, avivou a Fé piedosa dos bem intencionados, com prodigios que cedessem na presente idade em credito das virtudes de alguãs Indias servas suas. Pelos annos de 1744 floreceo em santidade Luiza natural da Aldea da Cascaya. Criarão-na seos Pays nas miserias da sua fortuna, mas pozerão em sua boa educação muito cuidado, que lograrão com felecidade, correspondendo a seu trabalho com abundantes frutos. Era o seu principal emprego a assistencia na Igreja, onde muy devota e modesta assestia aos officios Divinos. A perseverança na devoção despertou a attenção dos Religiosos da Companhia de Jesus para sondar o fundo do seu espirito, e tocavão com evidencia, que esta criatura era huma flor do campo, fermosa sem artificio, suave e cheirosa sem mais rego, que o das influencias do ceo. Posto que o seu desejo era conservar-se no estado de perpetua virgindade, sugeitando-se ao arbitrio de seus Pays e do Padre superior da sua Aldea, contrahio matrimonio com hum indio da sua mesma nação. Neste estado era hum perfeito exemplar de mulheres casadas, e devendo amalla seu marido pelas suas relevantes prendas, divertido em outros empregos faltava a devida fidelidade, e a tratava com excessivos rigores; mas ella sentindo menos as suas offensas, que as de Deos, estas erão as que mais sentia.

Em poucos annos se vio inficcionada do mal venereo, que o marido contrahira em seus desmanchos, e não lhe acodindo a tempo com os remedios, ficou toda coberta de chagas, e tumores. Auzentou-se o marido, deixando-a em summo dezemparo, e a serva de Deos ao passo, que via reduzido seu corpo ao golpe de dores atrocissimas, e accidentes mortaes, a esse passo levantava os voos do espirito a eminencia da contemplação, conciderando a Christo bem nosso posto em hũa cruz coberto de chagas, e a vista deste exemplar soberano, tudo quanto padecia lhe parecia tão pouco, que como envergonhada, pedia com lagrimas ao Senhor, mais e mais padecer.

118. Reduzida ja aos ultimos apertos da infirmidade, foi chamado o Padre Rogerio Canisio da Companhia de Jesus, para lhe administrar os sacramentos, e ao tempo de lhe applicar o da santa unção, vio o dito Padre, que a serva de Deos, dizia em palavras rusticas conceitos admiraveis das perfeiçoens Divinas e sentenças profundas das vaidades do mundo. Vio que tendo o rosto banhado em resplendores, pondo os olhos em elevação, ficara como alienada do uso dos sentidos, dando sinaes de ter prezente algũa celeste visão. Quaze mêa hora permaneceo nesta suave suspenção, e depois d'ella com veneração e reverencia levantou as mãos e proferio amorosas jaculatorias, que a fazião voar ao alto para buscar, e se introdusir na sua esfera. Finalmente pelos affectos, e effeitos não parecia, senão que nella ardia o mesmo fogo do Divino Amor.

119. Passadas estas cousas lhe mandou o mesmo Padre superior da Missão lhe dicesse tudo quanto havia passado em seu mental excesso, a que ella obedecendo disse: vi que se abria o ceo, e delle sahião doze meninos de celestial fermosura com tochas muito alvas nas maos acompanhando a outro menino bellissimo, e refulgente, e dizendo-me que o seguisse, fuy levada a um delecioso Payz, cuja belleza, e amenidade nunca olhos alguns humanos divisarão, nem terrenos ouvidos perceberão. Neste lugar olhando para o meu corpo vi que cada chaga parecia hũa flamante estrella, e cada tumor hum resplendente Sol. Perguntou-me o menino se eu queria ficar naquelle aprasivel sitio, ou tornar para a minha Aldea: e respondendo lhe que aly queria permanecer para sempre: desapareceo a vizão. Perguntada, o que entendia por aquella vizão, respondeo: Que o Senhor com ella a quizera animar a sofrer com paciencia nesta vida dores, tormentos, e trabalhos para depois lhe dar o premio no ceo.

120. Ficou a serva de Deos depois desta celestial vizão com tão briosos alentos, que avaliava os tormentos por alivios. Alegrava-se com as penas, porque com ellas se fazia senhora dos avanços grandes do seu contrato, pois via que pelo vigor dos quatro dotes da

Bemaventurança, tendo metido ao ganho hum corpo pezado o havia de receber agilissimo; hum corpo enfermo, o havia de receber impassivel, hum corpo disforme, o havia de receber luminoso; hum corpo material, o havia de receber sutilizado, e finalmente porque via que tendo metido a hum corpo vil, feito de barro, o havia de recuperar immortal, cheyo de gloria. Hum anno viveo depois deste successo, occupada toda em a contemplação das couzas do Ceo, gosando favores da piedade divina em grande abundancia, com admiração, e exemplo dos seus naturaes, nos quaes fez muito fruto com exortaçoens, e concelhos. Tendo revelação (como se presume) do ultimo dia da sua vida com grande serenidade, e socego esperou a morte, com ardentes ancias suspirou pelo Ceo, com excessivo gosto se despedio da carne, e com insigne conformidade, e illustre deliberação entregou seu espirito nas mãos do seu Creador.

121 No mesmo anno de 1744, faleceo na Aldea da Parangaba hũa India chamada Barbara, mulher de bons custumes. O Padre Rogerio Canisio lhe asestio na hora da morte, e lhe administrou os Sacramentos que ella recebeo com summa piedade. Tres dias depois do seu falecimento apareceo a Suzana da Sylva, mulher do Indio Manoel de Almeida, matrona muito devota, e muito honesta, pedindo-lhe dicesse ao Padre Superior da Missão applicasse por sua tenção, mais hũa missa, de que necessitava para sahir do Purgatorio a gozar da Bemaventurança. No mesmo dia celebrou o dito Padre Missa pela sua alma, e estando dormindo a India Suzana lhe apareceo a India Barbara vestida de hũa roupa talar, cuja brancura excedia a dos mais puros Arminhos, e banhada dos resplandores da gloria, lhe disse, que hia a gozar de Deos por toda a eternidade.

122. Na Aldea do Payacus practicou hũa India taes virtudes que forão remuneradas com celestiaes favores. Era superior desta Missão pelos annos de 1745 o Padre Francisco Leal da Companhia de Jesus, que conhecendo a penuria, em que vivia esta India lhe dava todos os dias hũa ração, que ella repartia com outras mulheres necessitadas. Com a mesma caridade a tratou o Padre Rogerio Canisio vindo para Superior da dita Aldea. Em hum Sabbado pela tarde lhe pedio a India confissão; e dizendo-lhe o Padre esperasse para o dia seguinte, respondeo: Queria confessar-se logo, e que no Domingo receberia a Sagrada Comunhão acrecentando, q̃. lhe restava pouco tempo de vida. Confessou-se com sinaes de grande arrependimento, e vindo no Domingo pela menhãa para a Igreja recebeo o Santissimo Sacramento, com devota ternura, e depois que teve o Senhor em seu peito, rompeo em tão affectuosos colloquios com Deos, e palavras de tanta edificação, e exemplo, que a todos os circunstantes fez derramar muitas lagrimas

de gozo, e ternura. Inflamada a sua alma no dezejo de se ver no ceo com Christo, impaciente de esperar mais tempo, de tal sorte se incendeo com affectos, que suas chamas lhe queimarão as prizoens do corpo, com que no seguinte dia lhe abreviarão a vida, para lhe facilitarem a jornada; morrendo desta sorte esta illustre India, mais de Amor Divino, que achaque algum da natureza humana.

123. Na Serra da Ibyapaba vivia pelos annos de 1749 huma Gentia, que em companhia de alguns Gentios, vierão do intimo do certão habitar na dita Serra. Era superior desta Missão o Padre Manoel Baptista da Companhia de Jesus, que depois de a instruir na doutrina Christãa, e mysterios da nossa Santa Fé, a quiz baptizar. Repugnou a Gentia receber o Sagrado Baptismo, dizendo; não era ainda tempo. Passados dous annos veyo a Igreja, e disse: Padre, he chegada a hora, em que a minha alma se lave na fonte da Graça, das manchas da culpa, dai-me o Santo Baptismo, e seja logo, porque me restão poucas horas de vida. Não tardou o Padre em lhe administrar este sacramento, e depois que com grande jubilo da sua alma o recebeo, se poz de joelhos, e arrebatada em hum amoroso extasi pregando no Ceo os olhos, entregou ditosamente a sua alma nas mãos do seu Creador, com admiração, ternura, e inveja de todos os que virão maravilha tão singular, e transito tão feliz.

CAPITULO 16

DE MUITAS HEROINAS PERNAMBUCANAS, QUE FLORECERÃO EM LETRAS E ARMAS

124. Sendo as letras e as Armas os dous polos da gloria varonil nestas duas prerogativas imitarão algũas Pernambucanas os homens mais celebres do mundo. Na gloria das letras se acharião muitas mais parallelas a homens doutos, se assim como são dotadas de Engenho agudo, viva comprehenção, e exquesita capacidade para as sciencias, lhes não faltasse o exercicio das letras, pois vemos que a qualquer sciencia ou Arte, a que se applicarão sahirão superiores aos homens, que quizerão competir com ellas. No Imperio das Armas tem as Pernambucanas mais excedido, que imitado aquelle valor, que em todas as idades deu a natureza ao sexo mais fraco de maneira que poderão faltar occasioens para mostrarem seu valor, mas nunca nellas faltará valor para assombrarem no mundo, nas occasioens.

125. Nas letras floreceo com grandes creditos D. Ritta Joanna de Souza, natural da Cidade de Olinda, e filha do Doutor João Mendo Teixeira. Com a viveza do seu subtil engenho penetrou mais que

ninguem os segredos da Filosofia natural, em que compoz diversos opusculos. Teve grande lição das historias de França, e Hespanha, e com tanta applicação, que ajudada da sua admiravel memoria dava de todos os successos especifica e individual noticia. Inclinou-se a Pintura, e obrou nesta nobre Arte os maiores prodigios, que a fama publica dos mais insignes Mestres, que a professarão. Faleceo de vinte e tres annos, e alguns mezes no de 1618. Fazem della illustre memoria Diogo Manoel Ayres de Azevedo no Portugal illustrado pelo sexo femenino, pag. 99. n. 45. Foy mulher sapientissima. Diogo Barboza Machado. Bibl. Luzit. p. 3 Lit. R. pag.

126. Sendo a Pintura aquella Arte, que aos Pays encomenda Aristoteles a mandem aprender aos filhos da idade de sete annos para os quatorze, porque he Arte, que apura muito o Juizo da a conhecer as medidas, symmetria, e perfeição de todas as couzas visiveis, fez della tanta extimação Antonio de Sepulveda, Pintor de profissão que a ensinou a suas filhas Thereza, Lucindra, Veronica, e Luciana, que nascerão na cidade de Olinda. Com poucas liçoens sahirão todas muy consumadas nesta Arte; riscão, debuxão, e pintão com perfeição, e singularidade tal, quanto inculca, o singular apreço, que se faz de qualquer artificio seu.

127. D. Anna Francisca Xavier Lins, filha do Mestre de Campo Manoel Alveres de Moraes Navarro, e de sua mulher D. Thereza Lins, ambos de qualificada nobreza; e mulher do Doutor João Luis da Serra, falla com toda a elegancia os idiomas Latino, e Castelhano, tem grande Lição da Historia, e he celebre na promptidão com que discorre sobre qualquer materia. Tem composto muitos elogios latinos a diversos assumptos, dignos certamente da luz publica.

128. D. Maria de Lacerda, Filha de Leão Falcão de Eça, e Viuva de Antonio da Cunha e Sylva, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Sargento mor Comandante da Fortaleza de Tamaraca; he insigne no estillo epistolar, muito discreta, e judiciosa; e naturalmente tão abundante de palavras, e conceitos, que com elegancia discorre sobre qualquer materia sem interrupção.

129. D. Isabel de Barros, filha de Antonio Fernandes Caminha de Midina, Viuva de Antonio de Nobrega, como se tivera frequentado as aulas discorre profundamente em materias scientificas, e falla com grande acerto, e propriedade de termos.

130. D. Antonia Cosma dos Santos, natural de Olinda, mulher do Capitão Francisco Lopes Orosco, foy muito dada a Filosofia natural, e Lição da Historia; e se vê natural propensão a Poesia, em que compoz algũas obras.

131. D. Laura Soares Gondim, de quem fizemos memoria no Livro

Setimo, num. 97 aplicou-se a Lição da Historia Ecclesiastica em que sahio consumada. Foy tambem versadissima nas Historias do nosso Reyno, e de muitos estrangeiros, conservando na sua feliz memoria os sucessos de tal sorte, que os reteria sem deixar circunstancia algũa, com admiração de quantos a ouvião.

132. Finalmente se houveramos de numerar todas as Heroinas Pernambucanas que florecerão em Letras, fora mui extensa, e dilatada a sua noticia ; e assim concluimos este capitulo, dizendo ; que vivem hoje innumeraveis que escrevem com rara perfeição, e bordão com excelente primor. Na Musica, e Instrumentos ha muitas muy insignes, e não menos na Historia, e Filosofia natural.

CAPITULO 17

DAS QUE FLORECERÃO EM ARMAS

133. Os moradores da povoação de S. Lourenço de Tejucupapo, que serião até cem homens, com seos capitaens Alvaro de Azevedo, Agostinho Leytão, e Paulo Teixeira, estimulados do perigo com que os ameaçava o Olandez, que postos em campo marchavão para aquelle lugar com o designio de os passar todos a espada ; se recolherão com suas familias, e toda mais gente da povoação em hum meyo reduto, cercado de hũa groça paliçada (prevenida para semelhantes apertos) com todas as armas, fazendas, e mantimentos, que a limitação do tempo lhe permitio. Era Sargento mor da gente meliciana Agostinho Nunes, soldado animoso, e pratico. Ordenou a hum moço destemido, e valente chamado Matheus Fernandes, que com outros trinta do seu lote, destros nas veredas, e praticos no terreno, ficassem de fora da estacada, para que como soldados valerosos, e volantes picassem o inimigo, cobertos de mato, com repetidas cargas, e ordenou tudo o que podia servir para a resistencia. O breve tempo que os nossos tiverão para se prevenir, tiverão os inimigos para chegar, com hum groço Esquadrão, que guiava hum valente Olandez, pelo posto, que tinha, de sargento mayor de batalha. Vio que atrevessavão o caminho dous soldados nossos, e que com accelerado passo hião a meter-se no reduto, e com o chapeo na mão lhe disse : Senhores Portuguezes não fujão, que todos somos amigos. Como de inimigos fogem ! pois entendão que antes de duas horas os havemos de fazer a todos em pedaços.

Hũa das nossas sintinellas, que por entre o mato seguia o inimigo, ouvindo estas palavras, encarou o mosquete, e passou com duas ballas ao Sargento mayor olandez pelos peitos, deixando naquelle lugar para

sempre sepultada a vida, e o nome. O olandez que se vio descuberto, para que a vingança não desse tempo a fuga, apressou quanto pode a marcha. Chegou a paragem, onde os trinta soldados volantes, o esperavão de emboscada, e recebeo hũa carga, em que se não perdeo tiro. Passou adiante, deixando 23 mortos, sem fazer detença, e os nossos trinta soldados, muito mais ligeiros por entre o arvoredo, se adiantarão a dar-lhe segunda carga, da segunda emboscada, e recebeo igual perda. Cresceo com o damno a ira, e com a ira o desejo da vingança, descobrio o Reduto, e o investio colerico, e animoso. Deu a primeira carga, debaixo da qual avançavão os gastadores com machados a cortar a estacada, que os nossos rebaterão com extremado valor. Neste grande aperto, em que se vião opprimidos da multidão, e em perigo de serem entrados, e destruidos, hũa mulher com a Imagem de Christo crucificado nas mãos andava animando os soldados, em todo tempo do conflicto com total desprezo das ballas. Debaixo de bandeira tão sagrada tomarão armas as mais mulheres, e com ellas forão ajudar os combatentes militando com tal distinção, que a seu exemplo os mesmos covardes, obravão proezas singularissimas. Rebatido o inimigo primeira e segunda vez (mais obstinado, que vencido) investio terceira vez o Reduto, e o entraria, se aquellas illustres Matronas com animo invencivel, se não opposerão a força contraria. De tal sorte se ouverão neste terceiro combate, que depondo a fraqueza natural; se revestirão de hum tão varonil espirito, e carregarão ao Olandez com mão tão pezada, e animo tão forte, que excederão aquelle valor, com que as mulheres Espartanas na guerra contra os Messenios tomarão as armas para ajudarem a seus maridos no conflicto. Carregando o inimigo o puzerão em vergonhoza fugida, deixando o campo semeado de armas, e corpos mortos, e todos assentarão firmemente, que a não ser o esforço daquellas illustres matronas, irremissivelmente se perdia o Reduto.

134. Na guerra da restauração de Pernambuco obstentou D. Clara mulher do Governador dos Indios D. Antonio Felippe Camarão o seu insigne valor com os mais illustres realces; porque armada de espada, e broquel, e montada em hum cavallo, foi vista nos conflictos mais arriscados ao lado de seu marido com admiração do Olandez, e aplauso dos nossos, obrar gentilezas, que deixarão escurecida a memoria de Zenobia Rainha dos Palmiranos; de Camilla Raynha dos Volceos; e de Semiramis Rainha de Babilonia. A sua memoria será eterna no Templo da Fama, para que em todo tempo seja celebrado seu nome, com os elogios, que soube merecer seu varonil esforço.

135. Muitas forão as Heroinas Pernambucanas, que se matarão, e deixarão matar pelos infieis Olandezes, para não serem offendidas em sua honestidade, como temos visto; e forão tambem muitas, as que

depondo a fraqueza natural se revestirão de hum tão varonil espirito, que defenderão a sua honra, tirando a vida aos que a querião ultrajar, e offender, remindo deste modo a sua honestidade, e acreditando ao mesmo tempo a sua valentia.

136. D. Maria de Souza natural de Serinhem da principal nobreza desta Provincia, veuva de Gonçalo Velho, matando-lhe os Olandezes em diversos conflictos hum genro, e tres filhos, sendo o ultimo Estevão Velho, que degolarão no assalto, que deu Andrezon Sargento mor de Batalha na villa de Serinhem, recebendo a noticia da morte de seus filhos, de tal modo venceo a aflicção natural com o espirito varonil, que chamando outros filhos, que tinha de catorze, e treze annos, lhes disse : A Estevão tirarão hoje a vida os Olandezes. E posto que filhos meus, perdi já tres, e hum genro, antes vos quero persuadir, que desviar da obrigação precisa aos homens honrados, em hũa guerra onde tanto servem a Deos, como a El-Rey, e não menos a Patria. Pelo que cingi logo espada, e a triste memoria do dia, em que a pondes na cinta, esquecendo-vos para a dor, se vos lembre para a vingança, matando, ou sendo mortos, tão esforçadamente, que não degenereis desta May, e daquelles Irmãos. E sem dilação mandou sentar praça de soldados aos dous meninos, que ambos na companhia de Manoel de Souza mostrarão depois serem digno fruto daquella generosa raiz. Com admiravel constancia seguirão o mesmo exemplo outras illustres matronas nesta guerra, que sem a menor demonstração de sentimento pelos filhos mortos, persuadirão aos vivos, animando-os com palavras, e lembrando-lhes a obrigação que tinhão de pelejar, e morrer pela Fé, e pela Patria.

137. Domingas de Souza, natural do Reciffe foi varonil, alentada, e animosa. Offendida de certo homem, que a tratou com injurias, dando lhe hum empurrão o fez cahir em terra, e promptamente saltou nelle, e com hum páo o maltratou de sorte, que o deixou quasi morto. Tinha por officio vender couzas comestiveis, e louça de barro, entrou na sua tenda certo homem, e tomando-se de razoens com ella, lhe quiz por as mãos, e ella pegando lhe pelos cabellos o trouxe de rasto pelo chão, quebrando lhe nas costas, e cabeça quantas panellas tinha na venda. Era o seu animo tão esforçado e destemido, que nem ainda nos mayores perigos mostrava o menor desmayo, não sabendo desviar-se de acçoens temerarias se empenhou em hũa, envestindo com furiosa resolução a hum Meirinho, ferindo-o, e maltratando-o, por cuja culpa foi preza, e rigorosamente castigada.

138. Thereza de Mello, a Cariry por antonomazia, tendo cazado com hum moço, natural de Lisbôa se vio delle em pouco tempo desprezada por hũa mulher estranha. Insofriveis em seu coração as

injurias do amor, e levada do furor do ciume entrou hũa noute pela caza da concubina, e achando nella o marido lhe afeou com vigorosas palavras o seu delicto, e pegando delle, o poz fora da caza. Irado o marido sacou de hua faca e lha meteo por hum lado; vendo-se a mulher assim ferida, veyo com elle a luta, e o derrubou em terra, e não tendo arma algũa, com que o ferir, vendo que a faca ficara cravada na mesma ferida, sacando-a lhe penetrou o corpo com tres feridas, e infalivelmente matara o marido, se a muita gente que acudio a não embaraçara.

139. Anna de... mulher ordinaria chamada por alcunha a malagueta, cazada com hum carpinteiro, era de tão esforçado animo, que todas as vezes que se armavão bulhas a sua porta sahia a rua com hum dardo, e se metia entre os que contendião, e se não cedião logo da porfia envestia contra todos, e os fazia apartar a pancadas.

140. Jacinta Correa, mulher de Manoel Lobão, naceo no Recife de Pays humildes, e pobres. Seria prolixidade importuna se houvessemos de referir todos os casos, e occasioens em que esta mulher exercitou o exforço do seu varonil animo. Diremos hum lance que lhe succedeo com seu marido. Era este de má criação, de genio rustico, de temerarios impulsos, e de grandes forças. Com palavras injuriosas, e de affronta, e com repetidas pancadas maltratava muitas vezes a sua mulher. Não era ella do genio das Mascovitas, das quaes se diz, desconfião da benevolencia de seus maridos, se de tempo em tempo as não convidão com quatro bofetadas; antes se lhe mostrava terrivel quando por elle era injustamente affrontada. Indignada em certa occasião que a tratou com maior insolencia, não se vingou delle como Clitemnestra Raynha de Mycenas no Peloponeso de seu marido Agamenon; nem como Ariadna do Emperador Zenon Isaurico; mas investindo-o com hũa faca lhe deu na boca hum grande golpe, em castigo da soltura com que a sua lingoa tinha proferido nomes que não merecia a sua honra e honestidade.

141. Antonia Gomes, natural do Piancho, acometida de hum ferocissimo Jaquaré, especie de Tigre muy feroz, summamente alentada rebateo a sua furia. Com hum dardo lhe fez hũa profunda ferida, recuou a féra sentida da dor, e com horriveis brados a acometeo segunda vez. Sem perder o animo esperou a valeroza mulher o combate, e dandolhe repetidos golpes, completou o seu triunfo tirando-lhe a vida.

142. Com hũa onça teve Bazilia Tavares natural de Jagoaribe semelhante combate, e não tendo outras armas, que hum páo, com elle se defendeu, e lhe deu morte.

143. No certão do Rio do peixe existe hua mulher, que tem

obstentado em muitas occaziões animo tão valerozo como destemido. Vendo que hũa onça vinha muitas vezes dentro do sitio em que morava fazer preza nos animaes domesticos, sahiu a caça della cachando-a, tomando maior coragem avista de seo mesmo perigo a investio cravando-lhe no corpo hũa lança, a sustentou firme, ate que a fera exausta de sangue, cahiu morta.

144. Outros muitos cazos semelhantes a este omitto, porque ao nosso intento bastão os referidos. Nem tão bem fazemos memoria das acções de algũas mulheres, que cegas da ira, obrarão com mais ouzadia, da que pede a razão. Nunca pareceu bem a temeridade, nem merece louvor, o que he somente exesso de atrevimento.

145. Imaginou Francisco Orelhano, Thenente General de Gonçallo Pizarro, ter achado as verdadeiras Amazonas na Provincia do Pará, por ter visto muita gente armada, em que andavão mulheres misturadas com os homens, não só guerreando e pelejando, mas governando e mandando o exercito. No primeiro Livro das noticias do Brazil pag. 23. o P. Simão de Vasconcellos descreve estas mulheres com circunstancias semelhantes as antigas Amazonas da Scythia e Lybia. Porem he certo, que no Brazil nem houverão em outro tempo; nem no prezente se achão Amazonas, com as circunstancias, com que alguns Authores as descreverão e se publicou na Europa. O que não tem duvida, por ser constante, he, que, as Indias de nasção Topinambà, Pitigoaras, e outras, que habitão estas Provincias, são mulheres bellicosas, e destemidas, acompanhão a seus maridos em todos os conflictos, e pelejas, fazendo-se formidaveis a seus contrarios p.lo insigne valor, e incrivel destreza, com que sabem jogar as armas, e vencer inimigos.

Se puzermos os olhos na guerra Pernambucana se nos offerecerá a vista, e a entendimento, hũa memoria deploravel, e hum objecto illustre, de innumeraveis heroinas Pernambucanas a quem os perigos, os trabalhos, as fomes, e os tormentos, /deficeis de suportar ao varão animoso, que se deleita nas cousas asperas, para mostrar-se mais constante no que mais custa/ lhe forão faceis. Quando o aperto da ultima fortuna /que desconhece o parentesco mais chegado/ não attendia as Esposas, ou aos filhos, nem estes aos Pays, ou aquellas aos maridos: souberão muitas acompanhar Pays, filhos, e maridos, sendo-lhes companheiras na morte; padecendo e espirando com varonil esforço, a seu lado; faltando lhes primeiro a vida, que o alento.

LIVRO OUTAVO

PERNAMBUCO CONSTANTE, VALEROSO, E FIEL NAS CALAMIDADES

CAPITULO 1º

DAS BEXIGAS CHAMADAS DO XUMBERGA

1. Os tres açoutes, com que Deos custuma castigar os Reynos, e Provincias, são Peste, Fome e Guerra ; o que os antigos significarão pintando ao seu fabuloso Jupiter, com tres rayos na mão ; mas o que em breve tempo cauza maiores estragos, he a peste, e por isso o Propheta, que intimou a David a sentença dos castigos, que Deos queria dar ao Reyno de Israel, lhe significou, que escolhesse hum dos tres, a saber, sete annos de fome, tres mezes de guerra, ou tres dias de peste, dando a entender, que hũa peste so de tres dias, he hum tão grande mal como as sanguinolentas batalhas de hũa guerra de tres mezes, ou as mortaes inedias de hũa fome de sette annos. Em diversos tempos tem Pernambuco sentido os penosos effeitos destes açoutes, mas ainda que com estes golpes o Senhor nos aflige, devemos entender que não nascem estes castigos de rigor, e crueldade algũa, e que são lanços da sua piedade amorosos, em que sae a sua providencia para com elles nos persuadir a nossa emmenda, e provar nossa constancia. Tem os trabalhos que Deos da aos homens nesta vida hua verdadeira reprezentação da luta de Jacob : nella Jacob sua, cança e lida toda hũa noite inteira até o romper da aurora, sae manço da briga, e nisso esteve o mayor favor. Que indulto mais crescido que ver se entre braços e braços de Deos, parece luta, e são abraços ; parece rigor, e he amor ; parece castigo, e he mimo ; parece trabalho, e he regallo.

2. Calamitoso se vio Pernambuco com o tirano, e heretico Imperio dos Olandezes, gemeo oprimido com o pezo de hum cruellissimo jugo ; vio-se asolado, e destruido com vinte e quatro annos de furiosa guerra ; sacudio com gloriosas façanhas de seos hombros o pezado jugo, que opprimia, e com insignes victorias conseguio a restauração mais gloriosa ;

porem não logrou por muito tempo as felicidades, que esperava das victorias que tinha alcançado contra o poder de Olanda; porque no anno de 1665 o vizitou Deos com húa das maiores calamidades, que padecera desde o seu descobrimento, e conquista, para que as delicias da paz o não fizesse rebelde e vicioso. Escrevem varios Autores que precedera a esta calamidade hum horroroso cometa, que lhe annunciara o damno que havia de sentir. Que os cometas sejão cauza, ou presagios de infortunios ou desgraças, he erro popular, porque não são mais nocivos, que húa candea, ou tocha, que se poem em distancia proporcionada a nossa vista. Segundo a opinião de alguns Filosofos tão antigos, como modernos, estes cometas são Planetas, que aparecem e desaparecem, conforme a sua maior, ou menor distancia da terra, e por isso diz Seneca, que são Astros verdadeiros. Querem outros que os cometas se formem de muitas Estrellas juntas, como as de que se compoem a Via Lactia; ou que se componhão de Astros, que tem movimentos desiguaes, e de tempo em tempo se ajuntão, e com a sua união se fazem visiveis aos nossos olhos. Imaginou Aristoteles que os cometas erão producçoens sublunares, meteoros e fogos, ou inflamaçoens procedidas das exalaçoens dos ares crassos. Porem segundo as observaçoens dos Astronomos, são os cometas muito superiores a Lua, e comúmente assentão que aparecem sobre o ceo de Saturno. Descartes conciderando que ha muitas estrellas, que a vista não pode alcançar, e que muitas d'ellas podem largar o seu lugar, como mostra a experiencia nas Estrellas novas, que tem aparecido, e na auzencia de outras, que não se vem mais na sua antiga situação, tem para si, que o cometa, não he outra couza que húa destas Estrellas movediças, e fugitivas, que perdendo a sua claridade, e assento natural, e arrebatada de algum dos turbilhoens, que o dito Autor imaginou, se avezinha ao ceo de Saturno, aonde recebendo as luzes do sol se faz visivel aos nossos olhos. Os que renovarão a opinião de Seneca, que os cometas são Planetas, com movimentos regulares, e cronicas appariçoens em certo espaço de annos, tem em seu favor a observação, que se tem feito de alguns cometas, que com a mesma figura tornarão aparecer em certa distancia de tempo. V. g. o cometa, de que tratamos, que apareceo no anno de 1664, ja se havia visto quarenta e seis annos antes, a saber no anno de 1618, e muitas outras vezes retrocedendo de quarenta e seis, em quarenta e seis annos pouco mais ou menos segundo as noticias, que se achão nas memorias da antiguidade. De sorte que os sequazes desta doutrina são de opinião, que nos intervallos da apparição deste ou de outros cometas, haverá a mesma distancia de annos para o tempo futuro, da que já ouve no passado. No livro oitavo da Astronomia, proposição sexta o Padre De-Chales depois de refutadas estas opiniões, pertende que o cometa não seja outra couza, que hum vapor, ou

exalação, a que elle chama Halito, levantado não da terra, mas do ceo, e de algum Astro, ou fixo ou errante, e juntamente quer que este Halito parte opaco, e parte diaphano, seja alumiado do Sol.

3. O Padre Vicente Quinisio da Companhia de Jesus, no seu Livro intitulado Gymnasticæ Allusiones, tras hum discurso, em que pertende provar, que os cometas são presagios de felicidades. Diferente juizo fez o Padre Valentim Extancel, que de hum Ecclipse da lua, e de outro do sol, que precederão ao fatal contagio q̃. padeceo o Brazil pelos annos de 1686 pronosticando por elles muitas infirmidades nestes paizes; sendo os Ecclipses conhecidamente naturaes, porque o Ecclipse do sol he hũa diversão dos rayos do sol, sobre nos occasionado da interposição da Lua entre o Sol, e a nossa vista: e o Ecclipse da Lua he hũa privação da luz do Sol no corpo da Lua cauzada da interposição diametral da terra entre a lua e o sol.

4. Nesta diversidade de juizos, e opinioens, o que devemos seguir he, que nem nos devemos atemorizar com estes extraordinarios expectaculos, nem devemos desprezallos. O primeiro seria seguir a opinião daquelles Filosofos antigos, e tão cegos, que todas as acçoens humanas atribuião aos corpos celestes, dizendo que influião, e obravão nos inferiores com necessidade inevitavel, opinião impia, e como tal condemnada por heretica. Nem tambem devemos seguir aos que fugindo deste extremo cahem em outro igualmente reprovado, negando terem os Ceos, e Planetas actividade algũa nas couzas deste mundo inferior, affirmando que Deos per si so sem intervenção de cauzas medias, obrava o que no mundo succedia, não reparando, que suposto Deos dispoem todas as couzas por si mesmo, como cauza primeira, toda via para se manifestar mais as creaturas inferiores, concedeo em certo modo a execução do seu governo aos ceos, e corpos celestes, dandolhes particulares virtudes de influencias que absolutamente lhe tira quem nega nelles outras acçoens.

5. Entre estes dous extremos reprovados ha hum meyo catholico, e verdadeiro, que devemos seguir, como seguido dos Santos, e Theologos, que nem concede que os Planetas exercitem todo o primeiro, nem lhe nega totalmente suas actividades, como o segundo; mas concedendo que com suas influencias dispoem a inclinação, e fazem as creaturas promptas para obrar salva, e livre da sua Jurisdição, a liberdade do alvedrio humano, que Deos izentou de toda a influencia superior, fazendo a cada qual absoluto senhor da sua vontade; e assim em nos he Deos quem immediatamente move, e excita nossa vontade, o Anjo quem a clarifica, e alumia; e os corpos celestes, os que a inclinão a obrar, e como fora erro intoleravel crer, que os cometas podião obrigar, ou incitar vontades humanas para que seguissem os

males, que pronosticavão, assim tambem não se devem desprezar nem entender serem produzidos pela natureza sem algũa significação, ou misterio. Porque de mais de alguns santos dizerem que são presagios de calamidades; para sinal da ruina de Jerusalem, e do fim do mundo, apontou Christo bem nosso sinaes do Sol, Lua, Estrellas, e mais corpos celestes, e elementaes, ensinando-nos com isto a respeitar, e temer o castigo da sua mão divina, quando por meyo de alguns prodigios nos aviza da sua indignação.

6. Antes da final destruição do povo Judaico, affirma Josepho aparecera sobre Jerusalem hum cometa da feição de espada, que durara espaço de hum anno inteiro. Outro cometa annunciou a perda de Constantinopla, e lamentavel ruina do Imperio Grego. Outro pronosticou a perda del Rey D. Sebastião, e do seu Exercito no Campo de Alcacere Quibir; e assim outros cometas tem sido presagio de varios, e notaveis acontecimentos, tendo-se por muitas vezes observado, que muitas ruinas de republicas trouxerão diante estes sinaes. Bem poderamos pois supor que com aquelle cometa pronosticou o ceo a Pernambuco a fatal calamidade, que havia sentir com o rigor das bexigas, que chamarão do Xumberga, por ser em tempo, que governava estas Provincias o Governador Jeronimo Furtado de Mendonça por Antonomasia o Xumberga.

7. São as Bexigas, mal contagioso, e tão perigosamente sympatico, que muitas vezes a Irmãos, e Irmãas ainda que distantes huns dos outros, no mesmo tempo se communica. Pernambuco por beneficio da bondade do seu clima não sentia este mal, e livres delle morrião homens de cem, e mais annos de idade. Porem neste tempo veyo sobre elle com as forças de hum leão sequioso do sangue humano; como furioso inimigo, que acomette a fortaleza da vida dos homens. Era Pernambuco hum hospital pelo grande numero de apestados, em todas as suas cidades, villas e lugares, arvorou aquella epidemia o estandarte da morte. Já não cabião nos hospitaes os enfermos, e nas sepulturas não havia lugar para os mortos, e se alguns ainda estavão vivos, a sua mesma vida era o seu tormento; porque a sua pena era sem alivio, e o seu mal sem remedio. Os campos não se semeavão, porque faltavão os agricultores, não se vizitavão os amigos, não se convidavão os parentes, e as mesmas mays se apartavão de seos filhos, porque o mal era tão perfiadamente contagioso, que athe com os abraços dos filhos se comunicava, pegava-se com o cheiro, entranhava-se com o bafo e feria com hum asopro. Em concluzão tudo era horror, desmayo da vida, estragos da morte.

8. Mas todas estas conciderações forão incapazes de embargar a caridade dos vivos, que arrebatados do amor de Deos, e do proximo,

desprezando o perigo, acudião ao remedio dos enfermos sem receyo de que a morte os alcançasse. Principiando em Pernambuco este voraz contagio, correo todo Brazil, fazendo maiores estragos nestas Provincias, que nas da parte do sul. Falecerão infinitos escravos, e sendo estes os que cultivão as terras, e trabalhão nos Engenhos, fazendas e lavouras, com a sua falta ficarão os senhores destas possessoens pobres, e impossibilitados para beneficiar as suas propriedades, por todo tempo da sua vida. Seguio-se hũa geral falta de mantimentos, e padecerão os que livrarão com vida, as mortaes inedias de hũa fome de muitos annos.

CAPITULO 2º

DA PESTE A QUE CHAMARÃO BIXA, E DE DOUS CONTAGIOS

9. São os trabalhos do mar deste mundo, como as ondas, que vem hũas sobre outras, e com successivos impulsos se multiplicão. Ignorancia foy de Nabuco pertender, que seja toda de ouro, o que o destino da Providencia Divina quiz entrepor com prata, cobre, ferro e barro. Serenada a mortandade, que cauzou o mal das bexigas, lograva Pernambuco os effeitos da benignidade de seu saudavel clima, quando o tornou a vizitar Deos com o açoute de hũa terrivel peste. Duas são as cauzas da peste no mundo, hua cauza natural, e outra cauza moral; a cauza natural são os Astros e os Elementos; a cauza moral são os nossos peccados: das malignas influeucias dos Astros se origina a peste, e conforme a observação dos Mathematicos a conjunção dos Planetas Saturno, e Marte no signo de Gemini, são cauza destas malignas influencias. Tambem os Elementos são causa da peste, quando se corrompe o Ar por demasiada humidade, ou pelo excessivo calor, mas a principal, e mais formidavel cauza da peste são os peccados. Da sagrada escritura consta que a primeira peste, que ouve no mundo, foi no Reynado de Pharaó Principe de Egipto, que sendo os custumes daquella corte tão depravados, e corruptos, foi precizo que Deos reprimisse com a violencia dos contagios a exorbitancia dos seos peccados.

10. Devendo attribuir-se a cauza do pestilento mal, que opprimio Pernambuco no anno de 1686, aos peccados dos seos moradores, que esquecidos dos açoutes passados, com culpas, e vicios provocavão a Justiça divina, lhe indagavão origens diversas. Attribuião aquelle contagio a hũas barricas de carne, que voltarão em viagem da Ilha de Santo Thomé, e abertas por hum tanoeyro, espalhando malignos

halitos, e indigestas exhalaçoens, o ferira tão fortemente, que brevemente espirava, e logo alguas pessoas da sua caza, a quem comunicara o contagio. Este se foi ateando no Povo do Reciffe com execução tão violenta, e appressada, que em pouco tempo matou mais de duas mil pessoas. Daqui foi passando logo a Cidade de Olinda, e ao seu reconcavo, sendo muy poucas as pessoas, que escaparão daquelle achaque pela malignidade, e vehemencia do mal. Não se ajuntavão ja os cidadoens nas praças porque receavão de se ajuntarem nas tumbas; não assistião os ministros nos Tribunaes, porque temião ouvir aly a sentença da sua morte; os campos se trocarão em sepulcros, porque erão sem numero os que morrerão, deixando ermas de moradores, e faltas de amparo as cazas, e familias de Olinda, e do Reciffe.

11. Os simptomas deste mal erão entre si tão diferentes e varios, que não mostravão sinal certo. Era em huns o calor tepido, e o pulso socegado; noutros inquieto, e grande febre; huns tinhão ancias, e delirios, outros animo quieto, e discurso desembaraçado. Huns com dores de cabeça, outros sem ellas, e finalmente desiguaes athe na crise mortal do contagio, porque acabavão ao terceiro, ao quinto, ao sexto, ao setimo, e ao nono dia; alguns ouve, que morrerão ao primeiro, e ao segundo. Nesta variedade perdeo o tino a sciencia Medica. Dos Professores dizião huns que aquella peste era hũa podridão animada, inimiga, e destruidora de todas as forças, e acçoens da vida; dizião outros ser hum levedo e fermento contagioso, ou hum corpusculo venenoso, cujas cauzas remotas erão os malignos influxos celestes cauzados dos Eclipses do Sol e Lua, que havião precedido; ou os corruptos vapores, que saindo das barricas de carnes podres inficionarão os ares, e so se conformarão em lhe dar em Pernambuco o nome de males /porque parece incluião em si todos os achaques/ e na Bahia o de Bicha, que a todos mordia, e de seu veneno poucos livrarão, pois era o mesmo adoecer, que acabar. Dos que morrerão foi o Governador, e Capitão General Fernão Cabral, senhor de Belmonte, que no horror desta confusão mostrou em obras de piedade a fineza dos quilates da sua generosa christandade.

12. Correo esta peste todo Brazil, e pela costa maritima fez mayores estragos. Os primeiros feridos deste achaque na Bahia forão dous homens, que jantando em caza de hũa mulher meretriz morrerão em vinte e quatro horas. A morte apreçada destes miseraveis fez parecer, que em hum prato de mel lhe disfarçara o veneno, mas pelos sinaes, com que a outros foi ferindo o contagio se conheceo, que delle falecerão. Por muito tempo continuou esta peste, e se contavão os mortos pelos enfermos, athe que a misericordia de Deos tendo mão

na existencia dos moradores, suspendeo o açoute, restaurando as suas ruinas, e dandolhe novas forças para perpetuar a sua duração.

13. Foy materia digna de reflexão, que deste contagio não enfermarão negros, mulatos, Indios, nem mesclados, como senão tivera o mal forças para combater com as destes humanos compostos, ou lhe faltara Jurisdição para nelles empregar seos golpes. Tambem os moradores dos reconcavos exprimentarão menos vigoroso o seu veneno, assim na extenção, como na actividade, e dos que enfermavão morrião poucos, ou porque na vastidão da esfera sempre assestida de ares benignos não fazia muita impressão, e assento o ar inficionado em outras partes, e perdia a força da corrupção; ou porque pegando-se a peste aos panos, vestidos, roupas, cartas, papeis, e pelo contacto corporal, sabião os moradores de fora livrarse do contagio, não vindo as cidades, querendo antes perder qualquer interece, que arriscar a vida. Das donzellas suposto que algũas infermassem deste mal, não consta que algũa falecesse. Respeitão os Demonios as virgens por força, os Anjos por inclinação, e as respeitaria talvez o contagio por decreto superior.

14. Dos Religiosos de N. Senhora do Carmo do Convento de Olinda nenhum morreu, e dous que levemente adoecerão se virão logo restituidos a hũa perfeita saude, pagando-lhes a Senhora da Bôa-morte com liberalidade de Raynha os serviços que lhe fazião estes seos devotos filhos. He venerada neste convento hũa milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Boa-morte, em Lisbôa se mãdou fazer, e se obrou com toda perfeição. Embarcando-a para Pernambuco, o fizerão em hũa charrua, a quem davão o nome Boa fortuna. Com prospera viagem arribou ao Porto do Reciffe, e com alegria dos navegantes, e intereçados deu fundo no poço, surgidouro das náos. Porem ainda que se achava nella a Imagem daquella Senhora, que he a Estrella dos mares, e a quem elles obedecem, e que para todos os seos devotos alcança as boas viagens, e seguro porto da salvação, permitio que a charrua combatida de huma grande tempestade, desse a costa sem della se salvar couza algũa. O caixão, em que vinha a Imagem santissima de Nossa Senhora, tres dias vagou pelos mares e depois tomou terra em hũa praya vezinha do convento onde havia ser adorada. Tanto que os Religiosos tiverão noticia, de que a sua Senhora aly se achava, com lagrimas de jubilo em triunfal, e devota procissão, que acompanhava immenso povo, a trouxerão para a sua Igreja, e a colocarão em hũa magnifica capella, onde com muito grande devoção he adorada, e todos os moradores dezejão de a servir, e de se empregarem nos seos obsequios. No fatal contagio de que tratamos, a invocarão os Religiosos daquelle convento, e a todos livrou a May de

Deos, nem o contrario lhes podia succeder em males, que para outros não tinhão remedio, tendo da sua parte a que deu remedio ao Mundo.

15. Pelos annos de 1730 se presumio, que envolta nas mercancias passara da Asia a nossa America hũa epidemia, que se fora tão executiva, como era contagiosa, não ficaria vida que não tirasse. Com momentanea passagem se pegou o contagio a estes ares, e a estes elementos. Com velocidade de rayo correo todo Brazil, ficando os seos habitadores infectos do mesmo mal, sendo commua a todo genero de pessoas de qualquer sexo, idade, ou qualidade, padecendo os enfermos angustias, e desmayos sem morte, e mortes sem falecimento. Semelhante Epidemia exprimentamos no anno de 1754.

CAPITULO 3º

PERTURBAÇÕENS CAUSADAS PELAS DEMASIAS DE ALGUNS GOVERNADORES

16. Governava Pernambuco Jeronimo de Mendonça Furtado, sem guardar a razão cortezia no recato; nem o menor respeito as leys, no receyo. Deleitava-se em executar injustiças, e augmentar as vexaçoens; obstentava ardente vehemencia em castigar culpas leves, e entendia que nos abatimentos da nobreza estabelecia os acrescentamentos da sua grandeza. Sentião os Pernambucanos as ignominias, injustiças, e injurias, merecendo o seu nascimento, a sua fidelidade, e serviços, que havião feito a coroa, diferente tratamento, mas elle com barbara semrazão, dava por razão de tamanhos agravos, os excessos do merecimento. Tanto se foi apartando do centro da prudencia, e Justiça, que obrigava a nobreza a mostrar o seu sentimento nas queixas, e do Povo a sua dor, nas iras. Perdida finalmente com a paciencia aquella attenção reverente com que o respeitavão ainda os mais ouzados, diminuido aquelle grande respeito, com que os vassallos do Brazil não só obedecem, mas idolatrão a seos Governadores, sem atenderem ja ao que a obrigação de subditos pedia, e so ao que o agravo lhes aconcelhava, se resolverão a prendello.

17. Prevenidos os dous Terços de Infantaria paga, juntas as pessoas principaes, e a maior parte do povo na cidade de Olinda, se encarregou a execução, a Andre de Barros Rego, que aquelle anno era Juiz Ordinario do Senado da Camara, indo acompanhado dos vereadores actuaes. Sahio o Governador de Palacio ao seu passeyo, e saindo-lhe ao encontro o Juiz Ordinario, lhe disse que se desse por prezo: perguntou-lhe o Governador alterado, quem tinha poder para o

prender. Respondeo o Juiz, que em nome del Rey, a Nobreza, e Povo de Pernambuco. Empunhou o Governador colerico a espada, e fizerão o mesmo os officiaes, e criados, que o acompanhavão. André de Barros sem se perturbar, com muito socego, lhe disse: se abstivesse de desembainhar a espada, porque se o fizesse não poderia impedir lhe dessem a morte, os que se achavão prezentes, e vivião tão offendidos das tiranias, com que os havia tratado. Vendose o Governador em semelhante aperto, prezos, e maltratados os da sua comitiva, deo-se por prezo, e foi levado para a Fortaleza do mar. Com as culpas, que lhe formarão, o remeterão para Lisboa, disculpando-se com El Rey nesta detestavel acção, como unico remedio, que podião ter para se livrarem de hum governo, não menos tiranico, que o com que os hereges Olandezes oprimirão estas capitanias, cujas violencias não permitião os vagares do recurço a Magestade, ameaçando por instantes as suas injustiças a ruina do Estado.

18. Não conciderarão /como devião/ os Pernambucanos as damnosas concequencias desta temeraria, e precipitada acção. Raras vezes ameaça a hum lado Scila, que ao outro não se faça temer Caribdes. Não pode negar-se que as vezes tanto se apertão as cordas, que não he maravilha estalem, e estalando offendão os olhos de quem desmedidamente as aperta, e que he violencia terrivel a com que alguns Governadores no Brazil querem obrigar, contra o concelho de Tacito a servir aquelles, que so se sugeitarão para obedecer como filhos, e não para servir como excravos, mas sem embargo das suas violencias, sempre deve ser reprovada a acção, e detestavel o seu exemplo, porque se huma vez se aplaude, ou dá licença a Republica para prender, e depor seu Governador, quem suspendera a raiva do Povo, a que não conspire contra quem o governa por levissimas causas, e dê nome de tirania a qualquer execução ajustada com a justiça, e razão. Será pois saudavel concelho, triaga deste veneno, e unico remedio deste mal, reccorrer a Deos e a ElRey, e não a acçoens precipitadas, ainda que pareção mais modestos e justificados os pretextos; porque como diz Santo Agostinho as crueldades de maos Ministros não succedem acazo, e he necessario acodir para o remedio dellas a Deos Nosso Senhor, que as permite, ja para castigo dos povos viciosos, ja para prova dos bons cidadoens, já por outros fins occultos e secretos da sua altissima providencia, e movido de nossas oraçoens as atalha, facilitando o recurso, acodindo com o remedio promptamente, ou mudando o coração do Governador, que injustamente aflige o Povo.

19. A temeraria resolução dos Pernambucanos pareceo porem governada por superior impulso, porque não estarião seguras estas Provincias, governando-as hum homem, em quem vacilava a Fé e lialdade

devida a seu Principe. Por complice na treição de seu irmão Francisco de Mendonça Furtado, Alcayde mor de Mourão /que fugio para Castella/ foi confiscada para a coroa a sua caza, e degolado em estatua. Foi Jeronimo Furtado posto em rigorosa prizão logo depois de chegado a corte.

Metido a tratos, negando o cargo que se lhe fazia, não bastou para ficar livre do crime, e foi por sentença condenado a perpetua prizão em hua Fortaleza da India, onde morreo. Não forão talvez os Pernambucanos castigados, porque se entenderia que o impulso, que nelles parecera violento, e temerario, fora regido por aquelle soberano braço sempre empenhado em defender Portugal de seus inimigos, desviando tudo, que possa perjudicar a seos interesses, e concervação da sua Monarchia.

20. Ha naturaes de tão má digestão, e tão encaprichados nas suas teimas, que nem os domão fracasos, nem os pode correger exéplos. Sem embargo do cazo referido, que parece serviria de freyo as demasiadas licenças, que tomão muitos Governadores na America, não passarão muitos annos, que não viesse a Pernambuco outro Governador, que imitasse a Jeronimo de Mendonça nas injustiças, e violencias.

Depois que se lograrão os pacificos governos de seus successores, e o aplausivel de D. João de Souza, irmão do Marquez das Minas, succedeo João da Cunha Sotto Mayor que sem fazer cazo do exemplo, que tinha aos olhos, desprezando aquelle triste som, que ainda atroava os ouvidos, se empenhava somente em defender huas crueldades com outras. Entretido no gosto de suas conveniencias nem atendia as vexaçoens dos moradores, nem as injustiças do seu governo. Erão poucas as pessoas publicas, e particulares, que escapavão de injustas prizoens. O mesmo Ouvidor Geral o Doutor Dionizio de Avila Vareiro, que depois foi Dezembargador da Rellação da Bahia, se vio precisado a desviar-se de violencias com a fuga para aquella cidade. Trouxera em sua companhia dous filhos que fiados no poder do Pay obravão desatinos, e se avançavão a quanto os incitava o seu apetite, ou a sua conveniencia. Recorrião os vexados ao Governador Geral do Estado, aliviados de hũa opreção, sobrevinha logo outra. Nada era bastante para meter em razão ao Governador, que desmentia com as obras, quanto o Marquez Governador Geral concebia nas esperanças. Informado o Marquez do pouco fruto, que fazião as suas advertencias e ordens, determinou tirar a João da Cunha do governo senão punha termo as suas demazias. O medo desta execução o fez moderar, mas não emendar, porque nem a sua cegueira se curava com estes remedios, que não chegavão a causticos, nem a obstinação se diminuia endurecida com os annos. Derão fim os escandalos, quando espirou o governo.

CAPITULO 4º

DAS GUERRAS CERVIZ DO PALMAR

21. A rustica, e rebelde Republica do Palmar teve principio no anno de mil, e seis centos e trinta e hum, tempo em que o Olandez havia conquistado estas Provincias. Os seus primeiros fundadores forão quarenta negros do Gentio de Guine, que ou levados do natural, e comum dezejo da liberdade, ou apertados do rigor do captiveiro fugirão a seos senhores, levando comsigo suas mulheres, e concubinas, armas muniçoens, e ferramentas. Procurando em terras remotas lugar, onde levantassem húa povoação, em que vivessem com liberdade, e seguros de serem achados, fizerão assento em hum ameno vale, que fica em nove gráos ao certão do Porto Calvo, murado ao redor com serras tão altas, como se as formara a natureza para rusticas Piramides, e toscos obeliscos deste theatro de verduras. Aly as copadas arvores, quando como Gigantes frondosos o assombrão, então deixão a seos habitadores mais defendidos das inclemencias do tempo, e mais occultos as deligencias de seos senhores. Ajuntando-se o trabalho, e industria nas plantas, que lavrarão, e nas feras, que caçavão, abundavão de sustento em todo anno.

22. Muito tempo viverão incognitos, e sem mais perjuizo q̃. a perda, que causarão a seos senhores com a sua fugida, mas fazendo-se notorio por todas as partes este receptaculo de foragidos, o hião buscar outros muitos negros, e mulatos, assim captivos, como libertos, fugindo huns aos castigos de seos amos, outros aos da Justiça, que havião merecido por seos delictos. Não poucos obravão o mesmo para viverem em liberdade, e não por tiranias, que tivessem exprimentado. Augmentavá o numero de seos habitadores muitos que nas sortidas, que fazião, e asaltos que davão, captivavão, e por este modo em poucos annos contarão mais de trinta mil negros divididos em varias povoaçoens, que occupavão mais de sesenta legoas de terra de Norte a Sul, e de Nascente a Poente sem limite, por comprehender dilatados certoens. Crescia cada dia o seu poder por que multiplicando os asaltos nos Engenhos, e cazas dos moradores mais vezinhos a suas estancias, captivavão innumeraveis escravos, o que sempre fazião a seu salvo, com notavel estrago, e perjuizo das fazendas. Nem temião que os buscassemos nestes seos alojamentos, porque sempre prevenidos de varedas occultas, por ser muito coberta a campanha, e elles tão destros nella, que metendo-se pelos matos, e sustentando-se de animaes, e frutas

silvestres tão facil lhes era largar hũas Aldeas, quando os buscavamos, como occupallas outra vez, quando as largavamos.

23. Vendo-se com grande poder se animavão a fazer aos Povos de Pernambuco os damnos, que exprimentarão os de Roma na guerra cervil, que por possuirem muitos escravos não poderão impedir que se levantassem sessenta mil debaixo do dominio de Espartaco, e causassem notaveis estragos na propria cabeça daquella famosissima Republica. A cobiça dos mercadores ha introduzido no Brazil immensos escravos, pàra augmentarem seos cabedaes, trazem muitos das suas terras já por engano, já por força, e de huns portos a outros os trafegão, como se forão linhos, lãas, ou outras drogas, de que se seguem tres damnos muy concideraveis. O primeiro que havendo-se feito a liberdade dos homens mercancia, não podem deixar de ser achacosos muitos dos titulos, com que se tomão, e vendem. O segundo, que vindo infinitos arreigados em seos ritos, seytas, e máos custumes, cuidando pouco seos senhores em doutrinallos, e afeiçoallos aos perceytos divinos, continuão suas abominações, pervertem os outros, e lhes introduzem seos erros. O terceiro, que se enchem as Republicas desta negra provizão com perigos de alborotos, e rebelioens, e assim como a quantidade moderada se pode tratar sem estes escrupulos, e com notaveis utilidades commuas a escravos, e senhores, o excesso he muy occasionado a qualquer desconcerto. Não porque se deva temer que os escravos se levantem com a Republica /que em coraçoens viz, não cabem pençamentos reaes/ senão porque o amor da liberdade, he natural, e a troco de conseguilla, se podem ajuntar a debelalla, como com effeito fizerão esses negros do Palmar.

24. Os Escravos dos Setios tomando as armas contra seos senhores, bastou para os sugeitar, que sahissem a elles cada hum com hum açoute na mão, para que vendo-os os Escravos lhe cahissem os braços e as armas, e impelidos do animo cervil se derão logo a partido, e contentes de haverem conseguido o perdão do castigo, seguio cada hum seo senhor, desfazendo-se em hum instante a cervil rebelião. De outro modo succedeo com os negros do Palmar. Animados com o bom successo de algũas emprezas, rotos os laços da obediencia, e quebradas as cadeas do temor, so cuidavão em augmentar o poder, fazerem-se temidos, e respeitados. Sendo já muitos em numero de gente, repartirão as terras pelas familias, que pondo-as em cultura, fazião mais rica, e dilatada a sua jurisdição.

25. Como o fundamento, conservação, e augmento das Republicas consiste nas leys, e Justiça, formarão a sua Republica ao seu modo bem ordenada. O seu Principe com o nome de Zombi /que no seu idioma quer dizer Diabo/ era feito por eleição, e por toda vida, tinhão

acesso a ella os negros, mulatos, e mystiços de mais recto procedimento, de maior valor, e esperiencia. Tinhão outros Magistrados de Justiça, e milicia. Castigavão com pena de morte o homicidio, o adulterio, e o roubo. Os Escravos, que por sua vontade os buscavão, recebião com agrado, e ficavão livres; os que tomavão por força ficavão captivos, e podião ser vendidos; se estes intentavão fugir lhes, erão castigados com moderação, e aquelles com pena capital. Conservavão o rito catholico, que entre nos profeçarão, mas a falta dos sacramentos, e Ministros da Igreja, que elles não buscavão pela sua rebelião, e pela liberdade dos custumes, em que vivião, lhes havia introduzido ridiculas superstiçoens, e erros, culpa mais da sua ignorancia, que da sua maldade.

26. Muito padecião os moradores com os seos continuos assaltos. Como enxames rebentavão dentre as moitas, assolando, matando, e roubando, fazendas, cazas, e lavradores, e suposto respeitassem as moradas das pessoas principaes, não guardavão esse respeito as suas fazendas, e escravos. Já nenhũa deligencia bastava para os reprimir, e menos para os vencer succedendo huns estragos a outros, sem que em nos se visse algũa demonstração, mas que a da paciencia, com que soportada no silencio a dor, soffriamos o sentimento dos agravos, sem tomar satisfação cabal das offenças. Encarecido o numero da gente, os valerosos guerreiros com que se achavão, a destreza, com que sabião jugar todas as armas, a fortissima muralha da sua circunvalação, a abundancia dos mantimentos, que colhião, com o que podião resistir ao mais largo assedio, e frustrar o impulso das nossas armas; Quase perdida a esperança de os expugnar, o que só obravão os Governadores, era impor penas aos moradores que os communicassem, e pôr em certos sitios algũas instancias com gente que lhes impedisse o transito para nossas povoaçoens; opposição que não bastava para impedir o curso de seos poderosos assaltos, porque sem temer a resistencia, que encontravão continuavão nos insultos, fazendo-nos ja descoberta a guerra, em que não encontravão competente opposição, que os fizesse voltar bem castigados. E como estavão sempre a mira no que obravamos, para ou se recatarem, ou adiantarem suas crueldades, nos tinhão causado concideraveis perjuizos, passando ja a asombrar o temor ate onde não chegavão as suas armas.

27. Passou o atrevimento dos negros a crescer avultado de sorte, que já o temor tinha despovoado de todo aquelles sitios, que ficavão mais vezinhos a suas instancias, e alguns moradores para se conservarem em suas cazas, e fazendas se vião obrigados, a ter com elles secreta confederação, dando lhes armas, polvora, balas, e roupas, sem attenção as gravissimas penas, em que encorrião, e com que alguns forão

punidos. Em virtnde do trato occulto ficavão seguras suas cazas, e escravos.

28. A calamidade, que padecia Pernambuco com esta oppressão do Palmar, vião, e não podião remediar os Governadores. Clamavão os Povos pelo remedio, e offerecião as pessoas, e os cabedaes para a guerra, que escusada nos perdia reputação, e interesses, feita nos cobrava o respeito, e segurava a fazenda. O Governador Caetano de Mello, e Castro, ouvidas as queixas dos moradores, tendo por maior injuria sofrer desprezos de negros levantados, do que empenhar-se, em huma empreza tão arriscada, escreveo ao Governador, e Capitão Geral D. João de Lancastro, dando-lhe conta da sua determinação, e pedindo-lhe ordenasse ao Mestre de campo Domingos Jorge, natural da cidade de S. Paulo, que com o seu Terço, que residia no certão do Piancho, marchasse para o Porto Calvo, onde se havia ajuntar com o Exercito da gente de Olinda, e Reciffe. Approvou D. João de Alencastro a resolução, e ordenou ao Mestre de campo Paulista que com a maior brevidade caminhasse a se encorporar com a nossa gente. E como os Paulistas são homens, que faceis seguem a guerra pela honrra da victoria despresando o enteresse dos despojos, caminharão apressados a esta empreza, em que nos forão iguaes no trabalho, na gloria companheiros.

29. Do lugar da sua estancia forão atravessando com hum corpo de mil homens o Urubâ, e querendo de caminho, dar vista aos Palmares para examinar as forças do Inimigo, arribarão aos Garanhûs defronte da Fortificação. Depois de discorrerem, crusadas todas as estradas, q. cortavão a campanha, que acharão tão fertil, e amena, como salutifera, pela pureza dos ares, aguas e batimentos; descobrirão troncos de desmedida grandeza, e copia de madeyras de preço, e de tudo conducente ao sustento, e ao regalo, em tanta abundancia, que bastava abastecer muitas povoaçoens, o que aly sobrava do necessario. Divertidos os soldados em colher os frutos de hum bananal, sahio da Fortificação dos negros, hum grande esquadrão delles, e acometterão aos Paulistas com estranho furor e raiva. Os Paulistas ainda que descuidados no perigo como erão no valor soldados, na resolução promptos, sem perderem acordo no repente tomadas as armas se opposerão aquella multidão tumultuaria; travou-se hüa renhida batalha, em que morrerão de ambas as partes mais de quatrocentas pessoas, ficando feridas outras tantas, e seria maior o estrago dos Paulistas se reconhecendo desigual o seu partido, se não forão com valor, e disciplina retirando para o Porto Calvo, onde acharão o exercito, que o Governador tinha enviado aquella villa.

30. Constava de tres mil homens de Olinda, e Reciffe, mil e quinhentos das villas das Alagoas, e Penedo de baixo da conducta

do Sargento mor Sebastião Dias; as ordenanças, e pessoas principaes do Porto Calvo, conduzidos pelo Alcayde mor Christovão Lins de Vasconcellos, o Capitão mor Rodrigo de Barros Pimentel, o Coronel da Nobreza Christovão da Rocha Barbosa, e com outras muitas pessoas principaes, que voluntariamente quizerão ir naquella expedição, chegou o exercito a seis mil homens. De todo Exercito era Cabo com o posto de Capitão mor Bernardo Vieira de Mello, natural de Pernambuco, que do seu Engenho das Pindobas condusindo muita gente armada se viera offerecer ao Governador para aquella conquista. Era homem nobre valeroso, e esperimentado na guerra dos negros, que em algũas occasioens havia reprimido o seu orgulho, e castigado as suas insolencias.

31. Postos os nossos em armas marcharão formados em demanda do Palmar, para onde caminharão fiados mais no valor, que no poder, ajuizando que os negros mediriào nossas forças, pelo nosso atrevimento. Seguião a jornada com batedores diante, que descoberta a marcha descobrião as estradas, por fazellas suspeitosas os espessos arvoredos, e seguravão os passos das emboscadas, artificio Marcial, em que estribava a maior parte da disciplina daquelles negros. Asegurados os passos, que muitos por estreitos se representavão perigosos, como os batedores, que marchavão avançados em algua distancia do corpo da batalha, forão os nossos penetrando o interior do certão, ate que chegarão a distancia, em que ou sentidos acazo pelos negros, ou avizados das vigias, que sobidas em sima dos troncos mais levantados occultos entre as ramas espiavão os caminhos, que guiavão a seus quarteis, derão rebate entre os seos, e os inimigos com militar discurso colherão todos os frutos, e legumes, que estavão sazonados, prevenindo-se para o cerco, e destruindo todos os de que pelo tempo adiante se poderia aproveitar a nossa gente. Com a primeira noticia, que tiverão da nossa expedição tinhão abandonado os Mocambos /este nome dão as suas Aldeas/ e recolhido dentro da circunvalação da sua muralha a maior parte da sua gente, para que unido o seu poder, podessem triunfar do nosso, estando elles na posse de não serem na sua fortificação acomettidos.

32. Chegou o nosso Exercito ao Palmar /nome que se lhe deo pelas muitas Palmeiras, que lhes plantarão os negros/ e virão que comprehendia mais de húa legoa em circuito esta sua principal Povoação cuja muralha era húa estacada de duas ordens de páos altos, lavrados em quatro faces. Tinha tres portas da mesma fortissima madeira, com suas plataformas, em iguaes distancias, e cada húa guardada por hum dos seos capitaens de mayor suposição, e mais de duzentos soldados no tempo da paz, porem nesta guerra guarnecidas

de muito maior poder. Por varias partes daquella circunferencia havia baluartes da propria fabrica, e fortaleza, O Paço do seu Zombi, era toscamente sumptuoso, as cazas dos particulares ao seu modo magnificas, e recolhião mais de vinte mil pessoas de ambos os sexos. Usavão de armas de todos os generos, assim de fogo, como de espadas, alfanges, frechas, dardos, e outras arrojadiças. Havia dentro da Povoação, húa eminencia elevadissima, que lhes servia de atalaya. Tinhão húa alagoa, que lhes dava copioso peixe, muitos ribeiros, e fontes, que a fazião deliciosa, e amena. Fora tinhão quintas, ou sitios, com dilatados pomares, e culturas. Outras povoaçoens mais pequenas estavão extendidas pelas dilatadas terras de seu dominio, em que assestião muitos cazaes, defendidos dos seos mais fieis, e veteranos soldados.

33. O Capitão mor, que dezejava de húa vez acabar aquella guerra vendo que a fortuna lhe tinha juntos os inimigos mais esforçados, e que a mesma facilidade, que os unia, os podia separar, resolveo atacallos dentro em seos mesmos alojamentos: Formou regularmente o sitio, o Capitão mor se postou na porta do meyo, a do lado direyto encomendou a Domingos Jorge, Mestre de Campo dos Paulistas, a do esquerdo encarregou ao Sargento mor Sebastião Dias, e com os outros cabos occupou toda a circunferencia da muralha. Estando assim cercada se começou fortemente por hum ataque geral, que no mesmo tempo se fez por todas as partes. Arrimadas as escadas /que levavão prevenidas/ a muralha derão hum destemido assalto com a espada na mão, mas como o numero dos inimigos que se defendião com desesperação era grande, e refrescado continuamente, depois de hum porfiado combate forão os assaltantes rechaçados em todas as partes, e obrigados a retirar-se com algua perda, que lhes causarão as armas de fogo, frechas, aguas fervendo, e brazas acezas, lançadas pela estacada.

34. Continuarão os assaltos com maior vigor, resolução, e fereza, e os sitiados não perdião o animo, e se defendião vigorosamente ao favor das estacadas, cuja força resistia a toda sorte de maquinas, e tambem por haver entre os negros, muitos muy alentados, e resolutos, a defender a praça até a morte, ate que abertas as portas, que quebrarão a grandes golpes, os que as defendião se occuparão tanto do temor, e da destemida resolução, com que os nossos as entrarão, e muito mais dos horriveis golpes, que vião dar nos primeiros, que perdendo inteiramente o animo e o juizo, se precipitarão huns sobre os outros para se salvarem. O seu Principe Zumbi com os mais esforçados guerreiros querendo obviar o ficarem captivos da nossa gente, correrão a toda preça a tomar a eminencia, que havia na circunvalação, cuja valentia ainda que misturada de hum furor brutal, mostrou

a todo nosso Exercito hum espectaculo, que não pode deichar de se ouvir com espanto pois sobidos ao mais elevado cume, com desesperado valor se despenharão, mostrando não amar a vida na escravidão, nem querer perdella aos nossos golpes. Os nossos ainda que ja cançados do trabalho se avançarão a encontrar hum esquadrão dos inimigos, que nos acomettia desesperado, aonde o estrago igualou ao valor, com que nos esperarão firmes, sustentando por largo espasso a peleja com esforço, ou natural, ou adquerido nos affectos do odio, ou no receyo do castigo; ate que perdidos os melhores, e tendidos tantos, que lhe faltou a muitos a terra para cahirem, como pelejavão amontoados hum mesmo pelouro sobre o segundo derribava o primeiro, que ou mortalmente feria, ou matava de todo; outros indo a investir, ou a retirar-se tropeçando nos cadeveres, cobrindo-os em sima lhe ficavão fazendo companhia. Destruido este corpo todos os mais correrão em hũa desordenada confusão pelas ruas a ganhar as suas cazas, levando sempre pelas costas aos victoriosos, q. cortando, e matando tudo, o que encontravão, fizerão hum grande estrago. Todos os que ficarão vivos vendo que a resistencia era inutil, o fugir impossivel, resolverão entregar-se. Com hum grande numero de mulheres, e crianças em prantos inconçolaveis, e clamores excessivos se renderão, implorando humildes a clemencia dos vencedores.

35. Senhoreada inteiramente a Povoação acharão nella os nossos, muitos arcos, e aljavas guarnecidos de setas, muitas armas de fogo tratadas com grande asseyo, e outros instrumentos Marciaes. Destruido o inimigo com tão pezado golpe voltarão os nossos mais carregados de honra que de despojos. Chegados ao Reciffe forão recebidos do Governador com demonstraçoens de agrado não vulgar; do Povo levados como em triunfo, aplauso que huns celebrarão como intereçados na vingança, outros pelo credito das nossas armas, e todos pelas conveniencias da paz. Com hũa procissão solemne de acção de graças, se derão a Deos as graças como a Senhor dos Exercitos e das victorias.

36. Forão trazidos para o Reciffe os negros onde entrarão a reprezentar na sua desgraça o nosso triunfo. Todos os que erão capazes de fugir, ou dé se rebellar os transportarão para as outras Provincias do Brazil, e alguns se remeterão a Portugal. As mulheres, e crianças, em quem não cabia a suspeita, ficarão em Pernambuco, chegando a todos o merecido castigo da sua rebellião, passando de hũa vida liberta, a arrastrar nas miserias de captivos, as cadeas de escravo.

37. Este fim tão util, como glorioso teve a guerra, que fizemos aos negros do Palmar. Pelo espaço de secenta e sete annos, forão o escandalo desta Provincia, porque os Governadores demasiadamente

prudentes se contentavão com lhes fazer hua guerra deffensivel, para rebater lhes seos ousados acomettimentos, deixando de os seguir em seus alojamentos, e esta irresolução os salvava do ultimo estrago, em que de todo acabarião; julgando os negros, respeito das suas armas, nossa paciencia; e nossa cautella, receyo do seu poder. Deveo-se agora ao zelo, com que Caetano de Mello de Castro, governava estas Provincias, ficarem em paz muitas legoas daquelle certão, que os negros occupavão. Atento a conservação dos subditos dispoz esta empreza, com tanto ardor, que se dispunha para entrar nella pessoalmente, e quando lhe chegou a noticia da victoria, tinha juntado dous mil homens para com elles, e duas peças de artelharia marchar para aquella campanha, para ter parte na gloria da peleja. Por este, e outros relevantes procedimentos, sahio deste e de outros governos com tantos creditos, que lhe grangearão o superior lugar de Vice Rey da India.

38. Da satisfação com que os Pernambucanos nesta occasião servirão a Patria, damos a ler a menor parte, deixando em silencio muitas acçoens dignas de memoria, que por parecidas nos fez callar o receyo do fastio, que causarião repetidas, sendo semelhantes pelo successo, e so differentes pelo tempo, mas bastelhes por illustre elogio saber-se, que servirão a Patria vencendo hum inimigo poderoso, que livrarão estas Provincias de hum perpetuo vexame, que merecerão illustre fama, com perigo, despeza, e honra, sem premio.

CAPITULO 5º

DAS GUERRAS CIVIZ, COM OS NOMES DE NOBRES E CAMAROENS

39. Não he o mayor damno de hua Republica ver-se opprimida com guerras forasteiras, nem ainda com tiranias domesticas; não he o mayor mal o excesso dos gastos, nem tambem o pezo dos tributos: o mayor damno e mal, que padecem os povos he a dezunião, e discordia entre as pessoas, que governão, porque he impossivel, que com ella se não arruine, e destrua a Republica. Errada he, e foi sempre a maxima, que aconcelha o contrario, e pertende persuadir aos Principes, que tenhão nos lugares Ministros encontrados em seus pareceres, louvando a Catão Censorino, que sempre procurou semear descordias entre os Ministros das Republicas para que vigiassem huns sobre o procedimento dos outros; e do sabio Licurgo, que fumentou a dissenção entre os Reys de Lacedemonia, e ordenou que sempre os Ministros fossem inimigos para que huns censurassem as acçoens dos outros; doutrina não so temporal, e em detrimento da ley Evangelica, mas

alhea de toda razão. E quem podera negar que não pode haver igual padrasto para os acertos, como a divizão dos Ministros; pois como dizia Dion Chrisostomo, se os marinheiros não estão conformes facilmente se perde a nao, porque querendo huns fazer-se a vella, e outros surgir ao porto, qualquer tormenta he poderosa para a meter a pique, ou dar com ella a costa. Que se pode esperar do Exercito, em que os capitaens são inimigos? Ou que Justiça administrara o Tribunal, cujos juizes se dividem em bandos?

Quantas vezes se ha visto contradizer-se huns aos outros por inveja, e emulação, e aventurar tudo por repugnar o parecer que não querem ver aprovado? Assim o fazia Agesilao Rey de Lacedemonia, que contradizia a Lisandro em quanto votava por lhe diminuir o credito, e Virgilio finge que Drance se oppoz ao parecer de Turno, na junta do Rey latino, so por lhe ser contrario. Em conhecendo-se dissenção entre os que governão se fazem parciaes os subditos, e com o amparo de hum Ministro se atrevem ao outro, e se impede a cada passo as resoluçoens da justiça, semelhante opposição he o cavallo de Troya, que tras dentro em si hum formidavel Exercito de Espiritos diversos, como aquelle artefacto continha no bojo hum esquadrão de furiosos soldados.

40. Por isso tão mal parece a desunião a Deos, que ainda quando se ordena para o seu serviço mostra não ser de seu agrado; e por isso o demonio semeador de sizanias, e inimigo de toda paz, dezeja, e procura tanto introduzir nos homens contradição nas vontades, porque sabe, que com esta industria se hão de certamente arruinar. Estranho foi o estratagema, de que se valeo Annibal Africano na batalha naval contra Eumene. Vendo-se com inferior partido mandou encher de cobras, Aspides, e outros animaes venenosos, de que abunda Africa, innumeraveis vazos de barro, tapados por sima. Qùando a sua náo abordou, e se prendeo a inimiga para principiar o conflicto, fez que nesta se lançassem improvisamente todos aquelles vasos, os quaes quebrando-se, com a pancada, sahirão as cobras, serpentes, e Aspides assanhados com o golpe; e ja assoviando, ja mordendo atterrarão de sorte os soldados, que todos sem ordem, nem attenção a peleja, tratavão so de fugir de tão venenosa praga. Esta he tambem a industria, e destreza do Demonio, o qual para vencer, e arruinar hũa republica, procura introduzir-lhe discordias, e desunioens, que são outros tantos Aspides, e Serpentes, com que logo no povo fervem as bulhas, as pendencias, os desgostos, as perdas, e se levantão guerras civis, e intestinas, de que custumão seguir-se horriveis, e lastimosas calamidades.

41. Bem tem Pernambuco exprimentado esta verdade, e sentido por muitas vezes os lastimosos effeitos da desunião, e discordia entre

os que governarão suas Provincias. Daremos menos succinta relação das calamidades, que padeceo Pernambuco, causadas pela discordia do Governador Sebastião de Castro Caldas, e Ouvidor Geral Jozé Ignacio de Arouche. Pelos annos de 1710 se ateou entre elles huma refinada inimizade, não sendo nenhũas deligencias bastantes para outra vez os unir, e congraçar. Antipodas hum do outro, andando mutuamente oppostos, e ás avessas nunca mais se unirão, e concordarão entre si. Este funesto principio se unio coligado, e formou hũa cadea, que com os fuzis da vingança, ira e odio compuzerão hũa corrente de absurdos, que se forão seguindo huns aos outros, imitando sempre as mesmas desordens, e metendo os subditos em hũa guerra domestica, em bandos perniciosos, e em contendas cruentas.

42. Por Alvara de 19 de Novembro de 1709 foi El-Rey servido mandar criar em Villa o Reciffe, ordenando ao Governador, que com o Ouvidor Geral, determinassem para a nova jurisdição o termo, que entendessem podia caber no destrito da nova villa. Para determinar dito termo, chamou o Governador ao Ouvidor Geral, mas como havia desunião nos animos, não foy possivel haver união nos pareceres. Não esperou o Governador que o Ministro se capacitasse do que elle determinava, e chamando logo ao Doutor Antonio Rodrigues da Costa, Procurador da coroa, e fazenda com o seu voto ajustado a seu arbitrio, satisfez a condição da Real Ordem. Queixoso aquelle Ministro deste procedimento, persuadio ao Senado de Olinda pedisse vista da divizão dos termos, para pôr embargos de terceiro perjudicado, mostrar a nullidade della. Para autorizar o requerimento veyo com elle o Veriador, mais velho Lourenço Gomes Ferraz, que foi ouvido com paixão, e despedido com injurias. Em 15 de Fevereiro de 1710, mandou o Governador levantar o Pelourinho /que se fizera occultamente/ e pouco depois tomarão posse da governança os veriadores novamente. No mesmo tempo largou o Doutor Arouche o lugar de Ouvidor para occupar o de Tombador, em que viera provido por sua Magestade, entrando no seu cargo o Juiz de Fora Luiz de Valençuella Ortiz, e no de Juiz Ordinario o veriador mais velho de Olinda. Por hũa portaria ordenou Sebastião de Castro que o veriador do Reciffe, levantasse tambem vara de Juiz; o que vendo o de Olinda, por concelho do dito Arouche, fez notificar aos Escrivaens para que não escrevessem com o Juiz do Reciffe por ser intruso, e não haver ordem delRey, que tal mandasse; de que offendido o Covernador mandou prender, e carregar de ferros ao Juiz Ordinario de Olinda.

43. Se athe este tempo procedia Sebastião de Castro, tão violento que sem algum motivo prendia indecorosamente muitas pessoas principaes, com maior excesso depois destas controversias erão

maltratadas. Crescião cada dia mais os escandalos, quando em 17 de Outubro as sinco horas e meia da tarde, passando o Governador /acompanhado de mais de vinte pessoas/ pela rua chamada hoje de S. Pedro, e então da agua verde, lhe derão de hũa caza terrea hum tiro, de que dizem ficara levemente ferido. Envestirão os da sua comitiva a caza com o dezejo de castigar o agressor de temeridade tão estranha, e já não acharão nella pessoa algũa, e so virão que a passo largo se retiravão tres homens avançados ao rio, que divide esta povoação da da Boa vista. Recolheo-se o Governador ao seu Palacio, e acodirão logo a elle todas aquellas pessoas, que costumavão assestir-lhe. Mais que ao remedio da ferida se cuidava na satisfação da offença, e neste furioso congresso todas as paixoens desabridamente concorrerão com o seu parecer, e com o seu voto. Votou o odio, a ira, o medo, a inveja, e a vingança. He o Juizo a balança humana, e nelle tomarão aquelles concelheiros o pezo tão mal as couzas, que não podião ser justos os juizos, nem acertadas as resoluçoens. O Medico Domingos Pereira da Gama, a quem pouco antes havião espancado, tomando o pulso ao proprio agravo, achou razoens para affirmar fora autor deste delicto o Capitão Andre Dias, de quem supunha /sem verdade/ ter recebido a injuria. Outros entenderão que Leonardo Bezerra prezo com hum filho pela culpa, que lhe imputavão de hũ homicidio mandara em odio do Governador executar aquella maldade, e alguns affirmavão que do Ouvidor Arouche vinha todo mal. Finalmente ajuizando todos como lhe dictava a sua paixão erão diferentes os pareceres. Faltou naquelle congresso o voto da razão, da verdade, e da consciencia, mas dominado o Governador de maior paixão não esteve capaz de conhecer o engano, nem de se conformar cõ o prudente sucego da razão. Vibrando iras, cuspindo coleras, e fulminando vinganças queria satisfazer sem demora o seu odio no sangue alheo, mais que estivesse innocente. Seguio com tal furor o alcanse de quantos quiz supor culpados, que sendo esses quase todas as pessoas principaes, a todas procurou prender; não he maravilha voassem as suas resoluçoens, porque a sua paixão já não estava capaz dos vagares, que são precizos, para se proceder com as formalidades da Justiça.

44. Na mesma noite foi prezo Andre Dias, Manoel Bezerra Cavalcante, e Affonso de Albuquerque, e assim a estas, como a outras pessoas principaes, que havia mandado prender antes do tiro, fez trazer para a enchovia da cadea do Reciffe, e carregar ignominiosamente de ferros. Intentou prender o Ouvidor Arouche, e porque já caminhava para a cidade da Parayba em companhia do Illustrissimo Bispo D. Manoel Alveres da Costa, mandou em seu seguimento vinte soldados, e hum Ajudante, com ordem para que a todo custo lho

trouxessem preso. Alcançarão-no recolhido como o Prelado a descançar do trabalho da jornada em hũa capella sita no lugar da Tapirema. Sem guardarem a Igreja respeito, nem ao Bispo cortezia, quizerão prender o dito Ministro, defenderão esta violencia algũas pessoas ecclesiasticas, que se acharão prezentes, e pode o Ouvidor livre da prizão seguir a sua viagem.

45. Destacou da praça do Reciffe no seguinte dia todas as companhias de Infantaria paga de sua guarnição, e as repartio por varios destritos em alcance dos culpados; mas como a cautella anda tão anexa ao temor, e a segurança acompanha sempre a cautella, o rebate das prizoens feitas no Reciffe, e determinadas no referido conclave, fez com que quase todos não chorassem a ruina na prizão, por se armarem de prevenção no perigo. Suspendeo a todos os Capitaens mores das villas, e freguezias de fora, e nomiou outros em seu lugar. Destes, e de outros excessos, e haver quẽ affirmasse tello visto de pe, sinal de que não padecia molestia fez suspeitar a muitos fora ordenado por elle aquelle tiro, para melhor poder destruir a quantos olhava com paixão, e via com odio e fazião lembrança de hum bando, em que com graves penas prohibia as armas, e mandara, que todos os Pernambucanos entregassem as que tivessem para se guardarem nos almazens reaez: Ordem, que antes do tiro tinha enviado por varios officiaes para a executarem em todos os lugares desta Provincia. Destas antecedencias, e ver-se agora afugentada toda Nobreza, e destacada para fora da praça toda Infantaria, tomarão muitos motivo para entenderem, e publicarem /com menos verdade/ que o Governador queria entregar estas praças de sua Magestade a nação inimiga. Não he crivel o effeito, que fez no animo de todos hum discurso cheo de ponderaçõens funestas, vestidas com tal adorno de suspeitas, que absorto o juizo nas conjecturas parecia a todos, que para verdade dellas, não faltava mais que a experiencia.

46. A Nobreza de Pernambuco, e seus moradores, que fora do seu Rey natural, para elles outro Imperio he detestavel, como descendentes daquelles, que com o seu sangue se libertarão do jugo Olandez, sugeitando a obediencia do seu Rey natural, o que lhe tinhão os Hereges usurpado, foi o mesmo ouvirem a referida proposição que abrasados do amor do seu Principe, e impelidos da sua grande fidelidade, tomarem as armas entendendo, que para impedir semelhante damno erão necessarios remedios promptos; e sem fazerem outro discurso, se puzerão em campanha com aquellas forças, que o repente lhes ministrou. Marcharão para o Reciffe unidos com a Infantaria, que sahira da praça /conformes todos no mesmo parecer/ com intento de prenderem o Governador, e remettello a El Rey fazendo lhe prezente

o motivo, que os obrigara a semelhante excesso. Arribarão sobre o Reciffe em quinta feira seis de Novembro com hum Exercito de quase trinta mil homens. Tendo noticia Sebastião de Castro deste improvizo levantamento, e serem chegados ao lugar dos Afogados, ordenou ao Doutor Ouvidor Luiz de Valençuella Ortiz sahisse a fallarlhes para se certificar do seu intento, e quando fosse esse libertar os prezos, lhes segurasse a sua soltura e os persuadisse a voltarem para as suas cazas, com a promessa de que suspenderia as execuçoens intentadas. Propoz o Ouvidor aos principaes do povo amotinado a Embaixada do Governador, e teve por reposta que nenhũa outra couza pertendiao, mais que segurar a Patria da traição, que supunhão contra ella machinada o que não podião conseguir sem a prizão do Governador.

47. Perturbado Sebastião de Castro com a deliberação dos amotinados na mesma noite se embarcou occulto, publicando na Bahia, onde descançou, que levantando-se contra elle huma formidavel conjuração, sem outro motivo, que a rebeldia dos subditos, fora precizo para salvar a vida acautellar a auzencia; mas deixando nas violencias, que executou em Pernambuco tão vivas testemunhas da sua paixão, mal podia justificar seos procedimentos; e por isso na Bahia onde erao notorias suas injustiças, foy recebido com enfado, e tratado com menos decoro.

48. Amanheceo o dia de sexta feira sete de Novembro e se fez publica a retirada do Governador. Com a sua auzencia ficou a Nobreza, e povo desassustado, e vendo mandava El Rey, que em falta de Sebastião de Castro entraria o Illustrissimo Bispo a governar; em observancia deste mandado tomou posse do governo.

Nesta soblevação ouve-se a Nobreza com notavel cuidado em evitar aquellas demazias, que em semelhantes cazos custuma haver: Não soltarão os prezos sendo o ouvidor Geral, quem os mandou aliviar das prizoens de algemas, grilhoens, e cadeas em que os havia posto a paixão, e tirania do Governador, e sem dar motivo a escandalos se retirarão todos para suas cazas desfazendo-se suavemente aquella maquina, que parecia ameaçar grandes ruinas.

CAPITULO 6º

CONTINUA A MESMA MATERIA

49. Tomou o Illustrissimo Bispo as redeas do governo, e tudo corria prosperamente, nem o sentimento de alguns parciaes de Sebastião de Castro era bastante para perturbar a Republica porque parava

em murmuraçoens de particulares, que pausando mais os animos terião fim, mas esta que julgavamos fortuna, não sabendo estar quieta cedo deu a volta, que de ordinario custuma. Entrou Sebastião de Castro a procurar da Bahia divisão dos animos, que julgava partidos; persuadio a seus parciaes lhe segurassem a entrada no Reciffe inspirando nos moradores hũa sublevação, que lhe facilitasse introduzir-se outra vez no governo, cuidando conseguir assim a restauração do seu credito, e a vingança dos seus agravos. Não conciderava que levava esta pertenção envolta em si duas grandes consequencias; hũa, que voltando a Pernambuco, era infalivel a alteração dos povos, e inevitavel o seu perigo; outra que com estas negociaçoens fazia a seus amigos participantes do odio publico, e os sacrificava as iras dos amotinados. Informado o Governador Geral D. Lourenço de Almada que Sebastião de Castro andava nestes tratos e que pertendia furtivamente sahir da Bahia para vir a Pernambuco renovar as dissençoens, a que dera cauza, mandou detello em prizão na Fortaleza de Santo Antonio, alem do Carmo de donde o remeteo o Governador, e Capitão Geral Pedro de Vazconcellos para Lisboa.

50. Hũa voz vaga havia divulgado em Pernambuco as negociaçoens de Sebastião de Castro, mas como alguns avizos vinhão trazidos por pessoas, que os affectos parciaes fazião suspeitozas não logravão entre os prudentes inteyro credito; porque sendo muy poucos os seos afeiçoados, e esses intereçados no seu commodo e não suficientes para concluir, nem ainda intentar, a ardua empreza da sublevação de todos os moradores do Reciffe, ou perdião o credito, no desprezo; ou não deixavão mais que hum leve receyo na suspeita, e todos entendião que aquelles rumores fingião alguns idolatras, que com reverente culto adorando ainda de longe o Idolo incensavão o altar com o incenso da Lizonja. Este rumor que ja no silencio dava mostras de estar totalmente desprezado e quando para total sucego da Republica so era necessario pausar mais os animos oppondo suavemente ao veneno que aquellas vozes tinhão difundido o antidoto, que o tempo mostrasse mais conveniente para o remedio, foy bastante hum accidente não esperado, nem previsto para desbaratar todo o edificio, que tinha levantado a concordia, e estabelecido o novo governo.

51. Deu motivo a novas alteraçoens a contenda de hum Frãcisco da Cunha, natural da Bahia soldado do Terço do Reciffe com outro soldado do Terço do Palmar, de que era sargento maior Bernardo Vieira de Mello, que fora capitão mor do Exercito, que venceo, e conquistou os negros rebelados. Viera Bernardo Vieira ao Reciffe por dependencias da sua conquista trazendo em sua companhia alguns soldados hum delles brigou com o dito Francisco da Cunha por respeito

de hũa mulher meretriz e entendendo este ficara mal posto por levar o peor da peleja convidou alguns seus amigos para o despique, que acomettendo em tropa ao do Palmar, e a seus companheiros, os ferirão e maltratarão.

Queixou-se desta demazia o sargento mor Bernardo Vieira, e o Illustrissimo Bispo Governador passou apertadas ordens para serem todos prezos; o que não teve effeito porque se homisiarão logo no Convento do Carmo. Era Francisco da Cunha de espiritos inquietos, e genio turbulento, e soube enganar seus companheiros, conseguindo levar comsigo des soldados, cuja ignorancia movida da primeira aparencia de suas razoens, desenfreada correo ao risco, e se precipitou cega. Em hũa quinta feira 18 de Junho de 1711 a horas de meio dia, quando todos os moradores se achavão recolhidos em suas cazas, sahirão do Carmo e vindo a caza do Tambor mor o fizerão pegar em hũa caixa de guerra e vir com elles tocando rebate, obrigando a todos os que accudião, a seguillos armados, gritando, viva El Rey D. João V, e morrão traidores, e como alguns andavão mal acompleicionados foi facil revolvidos os humores seguir sem violencia o tumulto dos soldados. Caminharão todos em demanda da caza de Bernardo Vieira, que ouvindo as vozes, e vendo-se insultado com o infame nome de traidor, sentido da offença, colerico no agravo, apareceo destemido em hũa janella, e em vozes altas lhes estranhou o atrevimento; dous soldados mais atrevidos em seu mesmo delicto lhe apontarão dous tiros, de que Bernardo Vieira se livrou, desviando-se com tempo. Chegou na mesma hora o ouvidor Geral acompanhado de algũas pessoas principaes, que procuravão sucegar aquelle motim; mas elles sem darem atenção a suas razoens clamavão se puzesse Bernardo Vieira em prizão para que não tivessem effeito as alteraçoens, que intentava nem se satisfizerão em quanto o não virão seguro na cadea.

52. Favorecida de algũa nobreza a liberdade da plebe descorria pelas ruas, encarecido o fingido mal que huns crião, e de que outros com razão duvidavão. Vieram os amotinados parar ao terreiro do collegio da Companhia para onde se recolhera o Illustrissimo Bispo a quem propozerão, que para segurança da praça era muito preciso reforçar o prezidio das fortalezas e conservarem-se armados ate chegar de Lisboa o Governador, que El Rey fosse servido mandar governar estas Provincias. Concedidos, e ainda aprovados seus tumultuosos requerimentos vagavão pelas ruas sem mais sugeição que as leys do seu apetite. Vendo que o bispo ao terceiro dia se retirara para a cidade de Olinda, se atreveo o soldado Francisco da Cunha a lavrar, e publicar hum bando, que dizia ser Sebastião de Castro o verdadeiro e legitimo Governador de Pernambuco, a quem somente devião todos obedecer. E posto que

os moradores do Reciffe desprezasssem como merecia, procedimento tão despropozitado, e se desculpassem com o Bispo Governador, rogando-o viesse para o Reciffe para moderar com sua prezença a demazia dos inquietos, como ja as vozes articuladas do Reciffe fazião nos seos ouvidos hum tão confuso ecco, que se não deixavão perceber, ficou opprimida a virtude de huns, do vicio de outros, todo tempo que ou o respeito, ou o temor lhe criou na esperança o sofrimento, ate que alucinados huns e outros de falças suspeitas, e mal fundados temores romperão em absurdos, e temeridades.

53. Como a lavareda, que tinha levantando o incendio das pertençoens de Sebastião de Castro, se occultava a sombra das duvidas, e se achava por opprimida violenta, rebentou agora com impetos de rayo, e com ruina igual a vingança, ou por ter creado na opposição maiores forças, ou por achar maior resistencia. Resolverão algûas das pessoas principaes de fora vir armadas sobre o Reciffe, trazendo comsigo agentalha do Povo, que sobre a desposição natural, com que sempre está prompta para aprovar inventos novos, agora de mais de atiçada de sua mesma inclinação, alegava como incentivo, que Sebastião de Castro intentava vir a Pernambuco, não só para cruelmente opprimir e vexar seos moradores, mas para entregar a França estas Provincias. Esta noticia tiverão por firme, porque o temor os não fez vacilar entre a duvida, e a certeza. Chegou a noticia de que na Bahia fora Sebastião de Castro prezo por mandado do Governador Geral, para que não viesse, como pertendia, a Pernambuco, causar desordens; e bastando esta certeza para desvanecer os receyos continuarão em armar-se contra o Reciffe, a que com numeroso exercito puzerão apertado cerco.

Achavao-se os moradores do Reciffe faltos das couzas necessarias para defender hûa Praça aberta. Não obstante todas as dificuldades, em poucos dias levantarão dez fortificaçoens com seos fossos, cavas, baluartes, e montada muita artelharia de superior calibre, que encarregarão a cabos de maior suposição. Continuava o sitio rebatido com grande esforço, e sustentado animosamente, que por ser tão prolixo, e perigoso se espalhou a sua fama até mover os coraçoens dos moradores da cidade da Parayba, e das villas de Goyana, Tamaraca, Porto Calvo, Alagoas, e Penedo, e de muitos destritos, que se puserão pela parte do Reciffe, acodindo-lhe com provimẽtos, e pondo-se em campo com hum poderoso Exercito contra os sitiadores, de que resultou entre huns, e outros; entre Irmãos, e Irmãos, parentes, e parentes, naturaes, e naturaes, varios encontros pelejas, e combates com iguaes perdas, e mortandandes.

54. Não damos especial noticia de muitas acçoens famosas, e valerosas, e de muitos casos dignos de lembrança que resultarão destas

guerras por não enfastiarmos com relação estranha aos mesmos Patricios, so dizemos que nestas perturbaçoens se equivocarão os crimes com as virtudes, e a culpa com a innocencia ; e que bom fora tivessem suspendido com urbanidade mental os arremeços do juizo, para não tirarem a razão a sua preeminencia, e a verdade o seu lugar.

55. Estando o Reciffe posto em apertado sitio desde 18 de Junho, athe 6 de Outubro, apareceo neste formoso dia affrotta de Lisboa em que vinha Feliz Jozé Machado, provido no governo destas capitanias. Deu a não capitania fundo fora da barra, e de Olinda, e Reciffe sahirão logo varias pessoas principaes a comprimentar ao Governador.

Dada exacta relação dos successos não deixarão no silencio encarecer o muito que a sua parcialidade merecia na obediencia e lialdade, querendo mostralla não so acredora do premio, mas de Estatuas. E como o Governador advertisse ter o Bispo largado o Governo ao senado de Olinda, e ao Doutor Ouvidor Geral, assistente na mesma cidade depois de agradecer aos enviados a noticia os despedio urbano, com ordem para que se entregasse o governo ao Bispo, para das suas maós o receber, o que assim se executou.

56. Despedidos os enviados se fez a Não a vella no dia 7 de Outubro, e veyo surgir ao Porto do Reciffe. Com geral contentamento foy o Governador recebido, e conduzido com aplauso para o Collegio da Companhia, onde magnificamente foy hospedado. Vio-se de repente mudada a triste scena de tantas calamidades. Socegada a tempestade do levantamento, e com momentanea transformação se virão amigos aquelles que até aly pareciáo contrarios, vindo ambos os partidos no inteiro conhecimento de ser a razão de queixa suposta, a offença aparente, a suspeita falça, o receyo mal fundado, e o motivo, que os trazia encontrados chimerico. Conhecerão que hum mal concelho os levava ao despenhadeiro, onde verdugos de si mesmos caminhavão cegamente a precipitar-se. Depois de conciderarem admirados o perigo, a que os expuzera hũa aprenhenção apaixonada, depostos os antigos rancores, começou a correr entre todos aquella antiga communicação, com que antes travados os affectos se tratavão humanos, e se correspondião fieis.

57. Passadas as primeiras cortezias em que a gratidão do superior respondeo aos comprimentos dos subditos, deu o Governador mostras de se inclinar mais para a parte, que seguira o partido do Reciffe, mostrando-se a estes com estranha urbanidade, afavel na conversação, e no trato facil. Começou logo a Justiça a parecer indignação e o procedimento, vingança. Provadas com culpas supostas, outras de que acuzavão aos que maquinarão o cerco da praça, forão prezos Leonardo Bezerra, seus filhos, e outros muitos, e remetidos para Lisboa. El Rey

conhecendo que os prezos correrão a precipitar-se em hum delicto, em que a mesma lialdade os fizera agressores, e o valor culpados, e que os erros em que cahirão forão incitados de motivos, que pezados em balança menos fiel, obrigarião a menor excesso que muitas culpas de que os arguião erão supostas, os absolveo benigno e permitio se restituissem sem nota a sua Patria, contentando-se com o castigo de dous, que fez embarcar para a India, ou por culpados nos delirios da rebellião, ou por outras culpas, em que menos comedidos temerariamente cahirão.

58. Se houveramos de continuar exemplos deste argumento tinhamos materia para muitos volumes de bom tamanho e como para prova deste assumpto, temos mostrado o que basta deixamos de relatar successos, que são mais dignos de horror e silencio, que de memoria. Nesta primeira parte demos noticia, posto que succinta, das pessoas naturaes de Pernambuco, que florecerão até o principio deste anno de 1757, em virtude, e doutrina, lettras, e armas, deixando algũas, por nos faltarem as informaçoens, para a segunda parte, em que havemos falar de outras muitas cousas desta Provincia, dignas de atenção, e de se fazer dellas especial memoria; e tambem dos naturaes de outras Provincias do Brazil, illustres em santidade, Letras, e Armas.

Laus Deo.

INDEX DAS COUSAS NOTAVEIS

A

B

D

E

F

G

H

N

O

P

R

S

T

PROCESSO

DE

João de Bolés

E

JUSTIFICAÇÃO

REQUERIDA PELO MESMO

(1560-1564)

PROCESSO

DE

JOÃO DE BOLÉS

TERLADO de culpas e autos que ho senhor bispo mandou fazer de joanano cojnta monsjor de boles asy das culpas que vierão de São Vicente tiradas pelo vigairo da dita capitanja, como das mais que se aqui tirarão e forão perguntadas pelo dito auto. e os ditos terlados são os que ao diante se seguem .//.

Ano do naçimento de noso Senhor Jesus Christo de mil e qujnhentos e sesenta anos aos vinte e oyto do mez de dezembro da dita hera foy ho vigairo geral e eu escriuão e antonjo lopez meirinho do eclesiastico e manoel gonsalues meirinho dante ho ouvjdor geral destas partes per mandado do Senhor bispo a huma naoo que hora arribou a este porto a qual naoo foy tomada no Rio de Janejro. e dela foy mandada pera o Rejno a qual harribando a este porto. e sabendo o ho Senhor bispo / que a dita naoo haquj hera arribada mandou que fosem a dita naoo a prender monsjor de bolles per humas culpas que o dito Senhor tinha dele dito monsjor de boles as quais culpas lhe vierão de São Vicente omde ho dito monsjor Resedira hum tempo / pelo qual ho vigairo geral e eu escriuão e o meirinho do eleçiastico e manoel gonsalues meirinho dante ho ouvjdor destas partes per mandado do dito Senhor bispo fomos todos a dita naoo omde vinha por capitão estaço de saa sobrinho de men de saa governador destas ditas partes e em a dita naoo achàmos ao dito monsjor de boles o qual lhe foy dito pelo dito vigairo geral e meirinho que estiuese prezo. da parte do dito Senhor bispo e per elle dito monsjor de bolles foy dito que se ho mandaua chamar ho dito Senhor bispo por boa amizade que heria ao outro dia mas se ho mandaua prender que não queria yr que não conheçia bispo nem arcebispo nem auja de ser julgado por clériguo nenhum nem os conheçia e depois de lhe dizerem que auja de

uir prezo per elle dito monsjor foy dito que tinha feitos muitos seruiços a el Rey e que ajmda que elle quebrara a cabeça a Jesus christo/ que lhe ouuera dagardar dous ou tres dias pera que elle sayra fora o que nos trouxemos ao dito monsjor de boles prezo. perante ho dito Senhor bispo/ e pelo dito Senhor bispo foy mandado que o leuasem a cadea ahomde foy leuado e fiquou prezo. e emtregue ao dito caserejro como consta pelo auto da entrega que lhe foy feito ao dito caserrejro e asjnado por elle de como se ouue por emtregue do dito monsjor de boles e per elle dito Senhor bispo, foy dito que ho vigairo geral comiguo escriuão asjnasemos em baixo. de como hera verdade que ele dito monsjor de bolles disera as tais palavras ho que nos asjnamos eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj.

Auto da emtrega que eu escriuão com ho meirinho Antonjo lopes fizemos de Joanano Coynta monsjor de boles francez.

Ano do naçimento de noso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e sesenta anos. em os vinte e oyto dias do mes de dezembro da dita hera fuy eu escryuão com ho meirinho a cadea desta cidade e em a dita cadea emtregamos a antonjo fernandes aljubeiro a Joanano coynta francez e o qual lhe emtregamos prezo ao sobredito e o dito antonjo fernandes aljubeiro se ouve por emtregue do dito joanano coynta e eu escriuão lhe notifiquej que ho não soltase ate espiciall mandado do Senhor bispo/ e por se elle auer por entregue ho asjnou ho dito antonyo fernandes aljubeiro e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj / *antonio fernandez*.

Sumarrio de testemunhas que ho Senhor bispo mandou tirar nesta cidade do Salvador baya de todolos Santos terras do brasill contra monsjor de bolles prezo na cadea desta cidade.

Ano do naçimento de noso Senhor Jesus Christo de mil e qujnhentos e sesenta e hum anos aos sete dias do mes de janejro da sobredita hera tirrey eu escriuão con ho vigairo geral sertas testemunhas que ha este caso fazião/ as quais forão perguntadas per a pitição / que se perguntarão testemunhas em São vicente e vierão ao dito Senhor da dita capitanja de São vicente as culpas e deuasa as quais testemunhas são as que ao diante se seguem em deuasa acostada no cabo desta jnquirisão / eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj.

BALTESAR DE GOIS testemunha jurada aos Santos auangelhos que pello vigairo geral lhes foram dados pera que disese a verdade do que lhe fose perguntado o que lhe prometeo de dizer e perguntado pelo custume e cousas delle dise que é amiguo do dito monsjor de bolles e que deria a verdade

Perguntado elle testemunha pello conteudo na pitição das culpas que

vierão da capitanja de São visente que pelo vigairo geral lhes foy lido e declarado dise elle testemunha que outra cousa não sabe somente ouujr dizer ao dito monsjor de boles que ha homde estaua deus que se não podia pedir nada aos Santos que hera tirar a deus ho seu. e que os jejuns herão muito boons mas não ya pera deixado de jejumar ser peccado mortall e dise elle testemunha que tamto que falão ao dito monsjor de bolles na ygreja de Roma não esta nela e o que diz contra ella elle testemunha não he bem lembrado e que não se ha de crer senão ho que esta na sagrada escritura e dise mais elle testemunha que disera ho dito monsjor de bolles que ningem hia a gloria por seu mereçimento se não por misericordia de deus e da dita pitição all não disc e eu escriuão lhe ly seu testemunho. e elle ho asynou com ho emqueredor dise elle testemunha que lhe lembra mais que ho dito monsjor de bolles louuaua mujto as obras de calujno lutero dizemdo que hera muito vertuoso e que fazia muitas esmollas e omde quer que ho dito calujno estaua tudo herão Santidades e esmolas e vertudes e djzendo lhe muitas particularidades neste caso do que ele testemunha não he lembrado e dise ho dito monsjor de bolles a ele testemunha gastais quatro anos por qua hi gastar laa huum e folgareis de uer ao dito calujno e a suas obras e al não dise e ho asynou com ho dito vigairo geral e asym dise elle testemunha que em deus e sua conciensja pelo que ouujra dizer ao dito monsjor que não seguja os mandamentos da santa madre jgreja de Roma e al não dise e ho asjnou e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj= *baltesar de gois Sylvestre lourenço* mestre escolla.

E depois desto aos tres dias do mes de janeiro da era de mil e qujnhentos e sesenta e huum anos fuy eu escriuão com ho vigairo geral as pousadas omde hora pousa ho Senhor gouernador men de saa e tiramos por testemunha a estaco de Saa seu sobrinho e ho dito delle he ho que ao diante se segue e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuy.

ESTAÇO DE SAA caualeyro fidalguo da casa del Rej noso Senhor e sobrinho do dito senhor gouernador mem de saa testemunha jurada aos Santos avangelhos que pelo vigairo geral lhes foram dados do que ele testemunha prometeo dizer verdade e perguntado pelo custume e cousas dele dise nichel.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo no dito auto. que pelo vigairo geral lhe foi lydo e declarado dise elle testemunha perguntado se ho vja ler por alguns ljuros erretiquos djse ele testemunha que nunqua lhe uio ler por liuros erretiquos e os que lya não lhe sentia neles errezia alguma e ysto quanto no nauio que ele dito monsjor hia pera o Rejno e foi perguntado pelo mais conteudo no dito auto. dise elle testemunha que não sabja

mais nada e eu escriuão lhe ly seu testemunho e ele ho asjnou com ho dito vigairo gerrall e eu fernão vaaz escriuão que ho escrevj *estaço de Saa Sylvestre lourenço* mestre escolla.

E depois desto aos noue dias do mes de janeiro da hera de mil e qujnhentos e sesenta e huum anos foy ho vigairo geral comiguo escriuão ha see desta çidade e tiramos as testemunhas que ao diante se seguem eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj.

FREY JOAM RODRIGUES freire da ordem dauis clériguo dordens dauangelho testemunha jurada aos santos havãogelhos que pelo vigairo geral lhes foram dados ao que elle testemunha prometeo dizer verdade do que lhe perguntasem e perguntado pelo custume e cousas dele dise que era amiguo do monsyor de bolles.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo na pitição per que se perguntarão as testemunhas da deuasa que veo de sam visente que pello vigairo gerall lhe foy lyda e declarada dise elle testemunha que outra cousa não sabe somente que estando ele testemunha em pernãobuquo ouujra dizer a cristouão queixada alcayde moor da dita uilla dolimda que estamdo huum dia na igreja com ho dito monsjor de boles estamdo todos a misa lhe uira por hum liuro por que Rezaua debaixo do giolho ao tempo do aleuantar da ostea e o dito cristouão queixada lhe disera que como metja aquele liuro debaixo do giolho pois hera de rrezar e o dito monsjor de boles lhe Respondera que não hera de Rezar que hera hum liuro defeso e o dito cristouão queixada lhe tornara que pois hera defeso que pera que ho trazia e que então lhe disera o dito monsjor de boles que ho trazia pera prender ho custume dos lutaros porque hera muito boom leterado e que auja de desputar contra eles e pugnar pela fee e que pera este Respeito ho fazia pera saber de que maneira auja de defender ho erro dos lutaros e outro sj ouujo ele testemunha dizer afonso Rodrigues segundo sua lembrança ou a outras pesoas que hum dia de sesta feira ou sabado perguntarão ao dito monsjor se hera pecado comer carne ha sesta feira ou sabado e que ele Respondera que em todos os dias que ha comesem cujdamdo que hera pecado ajnda que ho não fose pecauão mortalmente e ysto tudo dise elle testemunha que ouuira como dito tem as pesoas açima ditas he não he lembrado de outra alguma cousa que vindo a sua memoria protestaua vir denunçiar por ser em cousas da fee e al não dise e eu escriuão lhe ly seu testemunho e o asjnou com ho vigairo geral e ho asjnarão e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *frei Joam Rodrigues Silvestre lourenço* mestre escola.

E depois desto aos vinte dias do mes de janeiro da hera de mil e qujnhentos e sesenta e hum anos foy ho vigairo geral comiguo escriuão /a aldea de são paulo omde estava ho padre/ lujs da graam prouenciall da companhia

de jesus e ho tiramos por testemunha neste caso e pelo conteudo na petição que ele dito padre deu contra o dito monsjor de boles e ho seu dito e testemunho he o seginte e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj.

HO PADRE LUJS DA GRAAM prouencial da ordem de Jesus testemunha jurada aos santos avangelhos que pelo uigairo geral lhes foram dados pera que disese a verdade do que lhe fose perguntado o que ele prometeo de fazer e do custume e cousas dele dise nichel.

Perguntado ele testemunha pelo conteudo na pitição da deuasa que se tirou em são visente e por a dita pitição foram perguntadas as testemunhas atras que pelo vigairo geral lhe foy lyda e declarada se elle testemunha que neste caso ele dita testemunha tem ja denunçiado perante ho vigairo gonsalo monteiro da capitanja de santos como Pero de la cruz disera na borda do campo perante muitas pesoas mujtas cousas escamdelosas que ouujra ao dito monsjor de boles e dise elle testemunha que se Reporta do mais a petição e denunciacão / que elle fez em a uilla de santos ao vigairo gonsalo monteiro a qual esta aqui acostada a deuasa que se tirou em a uila de santos e que a ela Reporta tudo o conteudo na pitição e al não dise e o asjnou com ho dito uigairo geral e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *lujs da graam sjlvestre Lourenço* mestre escolla.

E depois desto aos vinte dias do mes de janeiro da hera de mil e qujnhentos e sesenta e hum anos fuy eu escriuão as pousadas do Senhor bispo/ e o dito senhor comiguo escriuão/ tiramos maria marques molher de gilherme da porta francez e ho seu testemunho e dito he o seginte e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj.

MARIA MARQUES molher de gilherme da porta prezo testemunha jurada aos santos avangelhos que pelo senhor bispo lhe foram dados pera que disese a verdade o que ela prometeo de dizer do que lhe fose perguntado e perguntada pelo custume e cousas dele dise nichel.

Perguntada ella testemunha pelo conteudo na pitição / per que forão as testemunhas e per que se tirou a deuasa em são uisente que pelo senhor bispo/ lhe foy lydo e declarado dise ella testemunha que seu marrido antes de conuersar e ter amizade com monsjor de boles ambos francezes hera mujto deuoto e amiguo de deus e se tinha dinheiro loguo maudaua dizer misas he hia sempre a jgreja e depois que ho dito monsjor de boles viera do Rio de janeiro omde estaua com os outros francezes viera ter ha esta çidade domde ela dita maria marques estaua diguo molher portuges estaua casada com gilherme da porta francez e o dito monsjor de boles comesou yr a sua casa e a ter amizade com seu marrido loguo dahy a pouquos dias achou ella ao dito seu marrido perturbado e muito apartado de deus e que lhe ouujo dizer ella testemunha ao dito seu marrido depois de amdar metido nesta amizade que as bulas do papa heram huma falsjdade e hera por tirar

dinheiro dos pobres e ysto dezia ho marido dela testemunha e que lho ensynara ho dito monsjor de boles e que se não auja de crer outra cousa senão o que deus dezia e não ya o que dezião os santos e o papa e que lhe ouujra dizer que como pedisem misericordia a noso Senhor que loguo herião ao parraiso e que ouujra ela testemunha ao dito seu marrido que nam auja dadorrar as Jmagens que hera hum pedaço de pedra e paoo e dise mais ela testemunha que ele dito seu marrido lhe dezia mujtas vezes que tinha grandisjma tristeza e pezar de yr aos domingos a ygreja e que hia laa por demais porque a misa não ha fizera deus senão os cleriguos por ganharem dinheiro e por tamto ele não/ querria yr a misa nem queria que sua molher laa fose e que deus que dezia que aujão de uir huma gente de humas barbas tozadas e Roupas compridas que se não fiasem deles que aujão de ser maoos e que ysto se entendia pelos cleriguos e que bem se uja neles que herão mercadores e que vendião as misas por dinheiro e que se não auja de pedir nada aos santos por que elles não podiam nada e que dezia que não gardasem os dias santos e a fazia trabalhar e ele tambem trabalhaua e que deus que não mandaua guardar os santos e dise mais que pera que herão jejuns que deus que não mandaua jejumar nem tolhia que comesem carne a sesta feira e ao sabado e asjm a comia e a fazia comer a ela testemunha e que na corresma lha fazia cozer e lhe dezia que ajnda que ella comese carne na corresma que se cujdaua que não peccaua que não hera pecado nenhum porque os papas mandauão yso e que deus que ho não mandaua e que ysto lhe dezia ho dito monsjor de boles ao dito seu marrido porque em quanto tempo Atras fora casada com ele sempre ho sentira mujto amiguo de deus e de jr a jgreja e jejumar e de não comer carne a sesta feira nem sabado nem na corresma mas agora depois que teue amizade com ele ho vjo apartado e asjm a queria apartar a ella dos mandamentos de deus e que tambem lhe lembrava que ho dito seu marrido lhe dezia agora que milhor hera hum homem confesar se ao pee de huma mouta que a nenhum cleriguo e que tudo ysto herão doutrinas do dito monsjor de boles e mais não dise no conteudo na dita pitição / e eu escriuão lhe ly seu testemunho e Rogou a mim escriuão que asjnase por ela por não saber asjnar o que eu asjney a seu Roguo com ho dito senhor e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj asjno a seu Roguo *fernão vaaz* ·/. *O bispo.*

E depois desto ao derradeiro dja do mes de janeiro da hera de mil e qujnhentos e sesenta e hum anos fuy eu escriuão com joão marante escriuão da camara do djto senhor bispo / ao colegio de Jesus e tjramos por testemunhas ao diante nomeados e seus ditos e testemunhos sam os segjntes eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj.

HO PADRE ADÃO GONSALUES da companhia de Jesus testemunha jurada aos santos avangelhos que pelo dito joam marante escriuão da camara do

dito senhor lhes foram dados em que ele pos a mão perante mim escriuão / e prometeo de dizer a verdade do que lhe fose perguntado e perguntado pelo custume e cousas dele dise nichel.

Perguntado ele testemunha pelo conteudo na petyção per que forão perguntadas as testemunhas em são visente que pelo dito joam marante lhe foi todo lydo e declarado dise ele testemunha que não sabe mais somente que ouuir estando no Rjo de Janeiro quando se tomou ha fortaleza ouujo ele testemunha humas perfias grandes que tinhão sertos homens com ho dito monsjor de boles as quais ele testemunha não ouujo bem por estar arredado e jmdo elle testemunha depois para omde tiuerão as ditas perfias lhe contarão aqueles homens que aly estauão que as perfias foram que ele dito monsjor querja sostentar hos francezes que haly estauão de boons cristãos dado caso que não tiuesem jgrejas nem cruzes nem outras cousas que lhes os ditos homes que hi estauão estranharão /dizendo que ha santidade não estaua nas jgrejas nem nas cruzes nem nas contas e outras palauras que dauão escamdalo as pesoas que as ouujão / e dizendo que hos francezes que herão mais santos que hos padres de Jesus o que tudo ysto naquele fragante lhos contarão a ele testemunha os que estauão com ho dito monsjor de boles e dise elle testemunha que no Rio de Janeiro não se achou cousa que paresese synal de christãos por que não tinhão cruz nem jmagem e do seisto artiguo não dise mais nem dos outros atras por não saber mais dos outros atras senão deste e dise mais ele testemunha que ao tempo /que ho dito monsjor viera de são visente a primeira vez viera ter a porto seguro onde ele testemunha estaua e achando se ele testemunha em quasa de felype gilhem prouedor da fazenda de sua alteza estando presentes dioguo aluares e gaspar barbosa ahi moradores vindo a falar com ho dito monsjor sobre a teyma ma que tinhão os luteranos dizendo eles que tinhão ma tensão naquelo que sostentauão e o dito monsjor Respondeo perante elle testemunha e das que asjma vão escritas que não tinhão ma openjão os luteranos mas antes hera boom o que tjnhão e gabando os que tinhão boa opinjão e que lhe parese a ele testemunha que ho derria a seu pareser deles luteranos e que tambem os gauaua de boons leterados e que segundo o pareser delle testemunha o que vio no dito monsjor hera sostentar os ditos luteranos do que loguo sem ho auer nunqua visto nem conheçido nem saber dele nada teue muito Roim sospeita dele e lhe parreserão muito mal suas cousas e isto he o que elle testemunha dise que sabja e mais não dise e eu escriuão lhe ly seu testemunho e ele ho asjnou com ho dito joam marante e eu fernão vaz escriuão que ho escreuj *adão gonsalues joam marante.*

HO PADRE GASPAR PINHEIRO da companhia de Jesus testemunha jurada aos Santos avangelhos que pelo dito joam marante lhes foram dados perante mim escriuão /o que elle prometeo de dizer a verdade do que lhe fose perguntado e perguntado pelo custume e cousas dele dise nichel.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo na pitição /que forão perguntadas as testemunhas em são visente que pelo dito joam marante lhe foi toda lyda e declarada dise ele testemunha que não sabe mais somente quanto ao seisto artiguo da pitição dise elle testemunha que ouujra ao dito monsjor de boles que não fazia ao caso não terem hos francezes do Rio de Janeiro ymages nem cruzes pera deixarem de ser por yso christaos e dise mais ele testemunha que segundo as palauras do dito monsjor daua a emtender que não herão boons christãos hos franccezes do Rio de Janeiro e por ele dizer que hos Reprendia pelejara com uilla ganhão / e fugira do Rio de Janeiro por este caso segundo o dito monsjor dezia e dise mais ele testemunha que vindo hum dia a pratiqua com elle dito monsjor lhe disera elle dito monsyor a ele testemunha que estiuera tres anos antre os judeus apremdendo abraiquo e que milhor lhe paresja os custumes dos judeus que hos nosos em algumas partes e dise ele testemunha que estamdo em pernãobuquo con sjnquo ou seis pesoas estamdo antre ellas ho dito monsjor de boles praticamdo neste jnstante derrão as auemarrias e todos se asentarão em giolhos ficando elle dito monsjor em pee Rindo se dizendo pera que seruem auemarrias e ysto Rindo se com desprezo de que ho vigairo de pernãobuquo mandarra fazer hum auto disto e doutras cousas delle dito monsjor de boles segundo elle testemunha ouujo dizer e dise elle testemunha que ouujra dizer que estando na jgreja em pernãobuqo aos officios diujnos nunqua tiraua o dito monsjor de boles o barrete ou gora nem quando ale• uãotauão ho Santo Sacramento batja nos peitos do que a gente da dita uilla o tinha a mall e ho tachauão / e asj mais ouujo elle testemunha dizer que ho mesmo fazia em são visente e dise mais ele testemunha que ouujo dizer a mauoel Ribeiro que vindo na naoo com ele monsjor de são visente ouujra a hum criado do dito monsjor que hera mujto grande parvoyse confesar hum homem seus pecados a hum pecador como elle senão ao pee duma moyta e aly dizer seus pecados e que ysto parrese a ele testemunha que são doutrinas do monsjor e al mão dise de todo o conteudo na dita pitição / e do mais que sabja e eu escriuão lhe ly seu testemunho e ele ho asjnou com ho emqueredor que o emquereo por mandado do dito senhor bispo / e ho asynarão e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *gaspar pinheiro. joam maramte.*

E depois desto aos vinte e cinqo dias do mes de feuereiro tirou ho Senhor bispo este testemunho que ao diante se segue e mandou a mim escriuão ho acostase a esta deuasa do dito monsjor de boles ho que eu escriuão em comprimento do dito seu mandado ho acostej e he ho que ao diante se segue e eu fernão vaaz que ho escreuj.

CANTIM FERNANDES francez morador nesta cidade testemunha jurada aos Santos avangelhos que pelo Senhor bispo lhe foram dados pera que disese a verdade do que lhe fose perguntado o que ele prometeo de dizer e

perguntado pelo custume e cousas delle dise que hera amiguo de monsjor de boles e que deuja mais a deus e a sua alma e por yso que auya de dizer a verdade do que soubese.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo no auto que pelo senhor bispo / lhes foy lydo e declarado dise elle testemunha que falamdo muitas vezes com monsjor de boles ele fora o que lhe emsjnara a dizer e persuidira que deus que não defendia que comesem carne a sesta-feira e ao sabado e todo o tempo / e que lhe disera o dito monsjor de boles que as ymagens que hera hum pouquo de paoo ou pedra e que se não auja de ter conta com elas nem adorar e que os Santos que se não aujão de gardar que ho não mandaua nosso senhor e que lhe emsinaua ho sobre dito que se não auja de gardar senão os dominguos por que deus não mandaua que se gardasem os santos al não dise e dise que se lhe lembrar mais que ele ho uira dizer e denunçiar e por ele mais não dizer eu escriuão lhe ly seu testemunha e ele ho asjnou com ho dito Senhor bispo / e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *cantim fernandez o bispo.*

TRESLADO de hum auto que gonsalo monteiro ouujdor do ecclesiastico mandou fazer ha Requerimento do padre luis da graam.

Ano do naçimenio de noso Senhor Jesus Christo de mil e qujnhentos e sesenta anos em os uinte e dous dias do mes dabril da sobre dita hera em esta uilla de porto de Santos capitanja de são visente de que he capitão e gouernador o senhor martim afonso de Sousa por el Rej noso Senhor e do seu comselho etc em esta dita villa per mandado de gonsalo monteiro vigairo e ouvjdor eclesiastico em todas estas capitanjas de santos e santo amaro pelo muito Reverendo Senhor dom pero leytão / bispo da cidade do Salvador da baya de todolos santos e comisairo geral em toda esta costa do brasil por el Rej noso senhor e do seu conselho foy mãodado a mim escriuão / que fizese este auto a Requerimento do Reverendo padre luis da graam em como lhe Requeria da parte de deus que ele mãodase fazer este auto porquanto elle he emformado que nesta capitanja ha algumas pesoas que temem mal da fee como consta de huma pitição / que loguo ahi apresentaua pela qual lhe Requeria que ha mandase aquj acostar e per que ela diguo e per ela se perguntasem as testemunhas e que outro sj loguo daua em Roll as mais que do caso lhe paresesem pera sabjda a verdade fose prouido como lhe paresese justica / o qual loguo a nomeaua por testemunhas ao primeiro artiguo / fernão luis / ho yrmão josee / pero de la cruz / jorge moreira / e ao segundo / aliador / ao terceiro josepe adorno / ao quarto o padre manoel da nobregaa / ao quinto / antonjo teixeira cristouão dinis e ao sesto ho padre nobriga / e ao septimo jorge grego e tauares pelo qnal o dito vigairo mandou fazer o dito auto e se nomearrão loguo as testemunhas e acostej aquj a dita pitição / e o

dito gonsalo monteiro ho asjnou e eu Antonjo Rodrigues dalmeida que ho escreuj *gonsalo monteiro*

Pytição   Senhor vigairo

diz ho padre luis da graam prouemciall da companhia de Jesus nestas partes do brasill que ho ano pasado de mil qujnhentos e sesemta vosa merce emquerrio e tirou huma deuasa sobre sertos errorres herresjas e noujdades que se comesauão / a samear pela terra / as quais hos fransezes que estauão em ho Rio de Janeiro fogião e por que a deuasa que vossa merce tirrou se mandou ao Senhor bispo e se escondeo. o que foi causa de sua senhoria nela não prouer e por que outro sj depois se souberão / outras cousas mujtas da mesma calydade e em perjuizo da noṣa santa fee catolyca as quais elle agora de nouo tornara denunçiar e lhe Requere da parte de deus e da santa madre ygreja e da santa jmquisysão / que de uouo jnqueira de todo ho seguinte.

Primeiramente denunçia em como pero de la cruz dise na borda do campo perante muitas pesoas muitas cousas escandolosas que honuja dele ao monsjor de boles de que ele padre luis da graam foy auizado por algumas pesoas e depois perguntado ao mesmo pero de la cruz em peratininga ele as tornou a comtar as quais ele fez escreuer perante elle a hum yrmão / de casa e sam as seguintes.

Primeiramente que dezia monsjor de boles que a jgreja de Roma não tinha mais que ha de lisboa ou de paris que tamta denjdade tem hum bispo como ho papa e ho papa he hum homem como nos hum bugiarrão / que tem em Roma cutarias de homens por que pagam dinheiros e que noso senhor mandou a são pero qne pregase aos judeos e são paulo aos gentios e que são pero não havya de sajr do mandado de deus pera deixar de pregar aos judeus e ser papa negando ho que dele se diz que foi vinte e quatro anos papa que as bulas do papa he huma falsydade muj grande que as faz por tirar dinheiros e per dois Reales asolue de culpa e pena e que não hade crer outra cousa senão ho que esta na sagrada escritura e que dise são paulo que ajmda que viese algum amjo do seo a pregar fora do que eles pregauão / que não no cresem. e que não se crea auer outros Santos senão os apostolos e que os outrss não se podem chamar santos e que não hahi prugatoreo senão que ou vão loguo direitos a gloria ou jmferno e que a paixão de Jesus Christo basta pera leuar homem ao seo ajnda que este no artiguo da morte com dizer senhor avej misericordia de mim pela paixão que uiestes a padeser. e que has hobras que fazemos boas são boas por amor de deus mas que se cujdamos que por nosas obras nos auemos de saluar que fazemos gramde peccado e nos ymos ao jmferno e que mais perfeito he ho jmferno diguo e que mais perfeito he ho matrimonjo que a Relegião / e que deus não defende que os padres sejão casados e falando numa excomunhão / que vosa merce fizera Respondeo Rio me eu desas excomunhoes e asj disera que se hade dar ha excomunhão / aos

leyguos com pão e vinho consagrado e que o pero de la cruz lhe perguntara e vos aveilo de tomar tambem e que ele lhe Respondera tomaloey como ho tomão os outros e que estas cousas lhe dezia em muito sagredo e em lugares apartados avizando o mujto que as não disese a ningem ate ele não ser hido desta terra e que todas estas cousas quando as contaua o dito pero de la cruz elle luis da graam as examinaua se as dezia monsjor de boles Referindo o que dezião os jnrreges ou se herão openjons suas e o dito pero de la cruz. se afirmaua que herão opinions do mesmo monsjor de boles e ele padre luis da graam se afirma que do modo e palauras com que ho dezia clarjsimamente se uja que as dezia como sua opinjão / e o mesmo entendeo ho yrmão josee que escreueo. e o padre fernão luis que lhe ouyo algumas delas vindo todos tres de peratininga pera qua pera ho mar. e depois topando o ele padre luis da graam ho dito pero de la cruz em santos lhe perguntou se tinha ele dito a vosa merce ho mesmo que lhe tinha dito elle lhe Respondera que todo ho djsera porem que depois que ele viera do campo. lhe disera monsjor de boles que ho que lhe auja dito hera o que lhe dezião os luteranos o que parrese dizer elle dito monsjor de boles por ter ja notiçia que se enqueria disto.

Mais denunçia elle dito padre luis da graam a vosa merce que ele ouujra dizer alyador he so que ouyra a monsjor de boles sertas cousas escamdolosas e erreticas que elle dirra per ho seu testemunho.

Que Josephe adorno lhe dise a ele padre luis da graam depois de ser ydo pera a baya monsjor de boles que ja se daua por enganado a cerqua da boa opinjão / que ele tinha pelo que depois ouujra o que elle dirra em seu testemunho e ele dirra tambem os liuros que monsjor de boles trouxe que herão / de doutryna luterana ho padre manoel da nobriga dise a ele padre luis da graam auere lhe ouujdo cousas por onde ho tinha por muito sospeito que ele testemunhara.

Antonjo teixeira lhe contara a ele luis da graam diante de mujtas pesoas cousas que lhe ouuira dizer escandolosas aserqua da cruz e ymagens desculpando os fransezes que estauão em ho Rio de Janeiro. e louuaudo os de boons cristãos em huma perfia que teue com cristouão dinis sendo eles notoriamente erreticos e o mesmo monsjor de boles ho confesa.

Jtem mais denunçia que esta domjnica jn ables que agorra pasou vindo se ele monsjor de boles a desculpar de algumas cousas que dele dezia disera a ele padre luis da graam que no Rio de Janeiro herrão tres seitas de que ele hera cabeça de huma e da outra monsjor de uilla-ganhão / e da outra herão dous menistros que mandarra joam calujno. de janeura e que todos tres se chamão huns aos outros erreges por algumas diferensas que antre eles aujão nas opiniões e perguntando lhe por elas confesaua aver consentido na excomunhão / sub utraque specie e que não se consertando eles escreuerão todos ao almjrante e a leterados de frança e janeura pera que lhe mandasem a Resulução a qual não hera chegada ate o tempo / que

deles se apartara e dyzendo lhe ele padre luis da graam como se não comtemtauão ha detriminação / da jgreja ele Responderra que não tinhão comta com elle se não / com ho que diserrem leterados e que ho dito monsjor de boles gabaua de deuota a çea que se fazia no Rio de Janeiro comtando dela que nela excomungão / a mujtos gregos de pesoas amtre as quais excomungão hos sacrilegios que ele diz que entendem per os papistas e nas suas praticas parrese consentir com elles em se dizer ha misa e os outros sacramentos por qualquer ajnda que não fose ordenado e jsto ouujo o padre manoel da nobrigaa.

Item os dias pasados ouujo ele padre luis da graam dizer que ele monsjor de boles disera perante jorge grego e a tauares humas ystoreas que herão em desprezo das cruzadas e perguntara a jorge grego. per ho modo. do selebrar dos gregos. e dizendo que selebrauão em fermentato. e que não tinhão ymagens nem vulto ele notara ho não serem de uulto as ymages e louuara os gregos de cristanisjmos e por tanto Requeiro a vosa merce que deuase sobre tudo e achando culpado ao dito monsjor de boles o Retenha que não se ua pera o Rejno por quanto esta de caminho nesta naoo que hora parte pera o Rejno e faça deligençia com breujdade e por que todos os seus companheiros que com ele uierão tem a mesma causa deuase tambem sobre eles o que lhe asj Requeiro da parte da samta madre jgreja e da santa jnquisyção a quem Requeiro que os remeta com as culpas ou ao senhor bispo a baya / *luis da graam*

Acoste se esta pitição a hum auto que mandej fazer e tiremse as testemunhas comteudas neste auto e com ysto satjsfeito me torne a mãoo pera mandar ho que for justica / *gonsalo monteiro.*

E depois desto vinte e dous dias do mes dabrill de mill e quinhentos e sesenta anos em esta uilla de porto de Santos em as pousadas de gonsalo monteyro ouujdor com elle e comiguo escriuão foram perguntadas as testemunhas abaixo. pelo conteudo Em a pitição atras e seus ditos e testemunhos são os segintes e eu antonio Rodrigues dalmeida escriuão que ho escreuj.

HO PADRE MANOEL DA NOBREGA padre de misa da companhia de Jesus testemunha jurada aos Santos avangelhos em que ele pos a mão / perante mim escriuão e prometeo a dizer verdade do que lhe fose perguntado pelo conteudo em a pitição e artiguos a que foi nomeado e prometeo a dizer verdade e perguntado ao custume e cousas dele dise nichel.

Perguntado ele testemuuha pelo quarto artiguo que lhe todo foy lydo e declarado dise ele testemunha que per cousas que ouujra a monsjor de boles o tinha por mujto sospeito na fee e as cousas mais sobstanciais sam as segintes. a saber. que em ele testemunha estamdo em a sjdade do

saluador da baya em as pousadas do mesmo monsjor de boles lhe ouujra dizer muito mal do papa clemente septimo Referindo trouas e versos que lhe fizerão/ e depois lendo ele testemunha em huma carroniqua que ho dito papa fora muito justo e que gouernara Roma em muita paaz e que fora persegidor de martim lutero e dahi a dias estamdo ele testemunha com ho dito monsjor de boles no estudo do colegio ele testemunha lhe mostrara a carroniqua a qual dera Reposta que aquelo se escreuera que he pera comtentar domde ele testemunha notou que por aquele papel clemente ser contra os lutaros o poderia ter aquela ma vontade e asjm mais dise ele testemunha que perante ele o dito monsjor de boles lera em hum seu cartapasio serta leytura que tresladara de hum liuro do lutaro dizendo lhe que não achara nele outra cousa boa dizendo lhe ele testemunha que como lyo o tal liuro pois hera defeso sob pena de excomunhão a que ele deu em Reposta que na sua terra hera licito ler todos os liuros. e asj dise ele testemunha que segundo sua lembrança lhe parrese que ouujra dizer ao dito monsjor de boles que na sua terra não Reseberão a bula do papa que defemde ler os tais livros E asj dise mais elle testemunha que em todas as pratiquas ou as mais delas que com ho dito monsjor de boles tiuera sobre as arresjas dalemanha sempre escuzaua e desculpaua e louuaua os jrrejes de Retos e ables e de boons leterados e na maneira de Referir nas errezias parresja querelas persujdir e que hnm dia dizendo lhe ele testemunha que ho lutero tiuera molher sendo antes frade de santo agostinho. o dito monsjor de boles o desculpara e louuara de vertuoso dizendo que lhe aleuantarão yso como na verdade elle testemunha aja lydo em liuros catolicos ter ho lutaro molher E asj mais dise ele testemunha que tratamdo com ho dito monsjor de boles sobre ho sacramento da unsão e tratamdo da epistola de samtiaguo que delle trata elle dito monsjor de boles disera que folgara de saber o que calujno que he hum grande erretiquo de janeura dezia sobre aquelo e outra vez vindo ambos em a naoo a meza do gouernador men de saa tratamdo das obras e do que os errejes dezião/ sobre yso elle dito monsjor de boles disera a ele testemunha perante o dito gouernador e as mais pesoas que hahi estauão que folgara de saber ho que ho mesmo calujno dezia sobre yso de que foi Repremdido do dito gouernador e delle testemunha e asj mas ouujra dizer a ele testemunha geralmente que ninguem vira nunqua ao dito monsjor de boles adorar ao Santo Sacramento e diso ho notauão/ e que ouujra dizer que gaspar barbosa lho Reprendera estrahando lho e que ho dito monsjor de boles lhe Respondera que deus sabja seu corração E asy dise mais ele testemunha que vindo em a dita naoo ou carrauela em que vinha o gouernador em tratamdo ambos sobre a orracão do pater noster elle monsjor de boles disera que lhe faltauão sertas palauras que estauão no grego elle com elas ho Rezaua as quais palauras ele testemunha achara depois que estauão em huns liuros da doctrina luterana que agorra vierão

do Rio de Janeiro com outros mujtos tambem luteranos e do conteudo no dito artyguo mais não dise.

E perguntado ele testemunha pelo seisto artiguo a que foi dado dise elle testemunha que tudo o conteudo em o dito artiguo. hera verdade per ele testemunha estar de presemte quando ho dito monsjor de boles estar diguo ho dezia ao padre luis da graam e decrarou mais ele testemunha ao quarto artiguo que ho dito monsjor de boles lhe disera que ho liuro dos macabeus não hera autentico e asj mais sabe elle testemunha que ho dyto monsjor de boles disera ao bispo/ que hisau hera saluo de que ho bispo ho Reprendera e que ysto sabja por ho ouujr dizer ao dito monsjor de boles aqueixando se da Reprensão aspera do senhor bispo e sostentando ajnda sua opinião e tratando se da pratica que com ele testemunha tiuera a materia da prestinação diguo da predistinação ele monsjor de boles disera mujtos herrores que ele testemunha agora lhe não lembrão e do conteudo em o dito artiguo e artiguos mais não dise e ho asjnou aquy com ho dito vigatro e eu antonjo Rodrigues dalmeida escriuão que ho escreuj / *gonsalo monteiro / nobrega.*

O IRMÃO JOSEE da companhia de Jesus testemunha a qnem ho dito vigairo deu juramento sobre os santos avangelhos em que pos a mão perante mjm escriuão e prometeo a dizer a verdade do que soubese pelo conteudo em a dita pityção ao primeiro artiguo a que foy dado e prometeo a dizer a verdade e perguntado pelo custume e cousas delle dise nichel.

Perguntado ele testemunha pelo primeiro artiguo da pitição a que foi dado dise ele testemunha que he verdade que as palauras que em ho primeiro artiguo se diz que dise pero de la cruz que ele testemunha escreuera todas per mandado do padre luis da graam perante ho mesmo pero de la cruz dizemdo a ele mesmo e que tanto que has tiuera escritas lhas tornara a ler as quais palauras dezia pero de la cruz que lhas disera o monsjor de boles e que ysto disera o dito pero de la cruz como opinião do dito monsjor de boles e não como Referia hopinjão de outros e que he verdade que o dito pero de la cruz dezia ao padre luis da graam que se escondese e que ele faria ao dito monsjor de boles que tornase a dizer tudo o que dito he e outras muytas cousas de que ele não hera lembrado e dise ele testemunha que ouuira dizer ao dito pero de la cruz que dezia ho dito monsjor de boles que estas cousas lhe tiuese em muito sagredo diguo em muito grande sagredo e do conteudo em o dito artiguo mais não dise e o asjnou aquj com ho dito vigairo e eu Antonio Rodrigues dalmeida que ho escreuj / *Josee gonsallo montejro* /.

E depois desto aos vinte e tres dias do mes dabril de mil e qujnhentos e sesenta anos em esta uilla de porto de Santos em as pousadas de dioguo Rodrigues foram perguntadas as testemunhas abaixo as quais

foram perguntadas per o dito gonsallo monteiro comiguo escriuão e seus ditos e testemunhos sam os segintes e eu antonjo Rodrigues dalmejda escriuão que ho escreuj.

JORGE MOREIRA morador em a uilla de santo amdre e em la morador orra estante em esta uilla de santos testemunha jurada aos santos auangelhos em que ele pos a mão perante mim escriuão e prometeo de dizer a verdade per ho conteudo em a pitição e foi ao primeiro artiguo a que foi nomeado e perguntado ao custume / dise nichel.

Perguntado elle testemunha per ho primeiro artiguo da dita pitição que lhe o dito vigairro leo e dise ele testemunha que ouujo dizer a pero de la cruz que estamdo em casa de josephe adorno que ouujra dizer ao monsjor de boles que ho papa que hera hum papista e que em outro tempo que os papas nam querrião ser que os apedrejauão e que agora per as denjdades que tem e muitas Rendas o folgam de ser e dise elle testemunha que ouujram dizer ao dito pero de la cruz que dezia ho monsjor de boles que não auja mas apostolos que hos doze de Christo e que todos hos mais he uento e que não se podião chamar santos e asj dise mais ele testemunha que ouujra mais dizer ao dito pero de la cruz que ouujra dizer ao dito monsjor de boles que hera mais perfeito ho estado. do matrimonjo que ho da Religião e que outro sy deus não defemde que hos padres sejão casados. e que ysto dezia ho dito pero de la cruz dizemdo mais que quando ho dito monsjor de boles lhas dezia que ho apartaua em lugares escuzos dizendo lhe que ho não descubrise damdo lhe muitos exemplos que per se descubrir tal cousa se perdera tall cidade e outras cousas que ele testemunha não he lembrado dizemdo mais que estas bulas e bentinhos que ho santo padre pasaua que tudo hera bulrra e que jsto ouujra ele testemunha tudo dizer a pero de la cruz e do conteudo em o dito artiguo mais não dise e o asjnou aqui com ho dito vigairo e eu antonjo Rodrigues dalmeida escrjuão que ho escreuj/ *jorge morreira gonsalo monteiro.*

E depois desto em os vinte e quatro dias do mez dabril da sobre dita hera em esta uilla de porto de Santos em as pousadas de gonsalo monteyro ouujdor do eclesiastico foram perguntadas as testemunhas abaixo comiguo escriuão e seus ditos e testemunhos sam os segintes e eu antonjo Rodrigues dalmeida que ho escreuj.

LYADOR ABANOS morador em a uilla de santo testemunha jurada aos santos auangelhos que lhe foram dados pelo dito ouujdor em que ele testemunha pos a mão perante mim escriuão / e prometeo dizer verdade do que soubese e perguntado ao custume e cousas dele dise nichel.

Perguntado ele testemunha per ho segundo artiguo da dita petição a a que somente foi dado que ele testemunha per sy mesmo leo dise ele

testemunha que não dezia mais do que ja dito tinha em outro testemunho que ja tinha dado sobre este caso. e que ele se Reportaua e depois ouujra ele testemunha dizer a hum manoel tauares que os negros lhe diserão que ho dito monsjor de boles disera a ditos negros que não catasem cortezia nem fizesem Reuerencia a algumas ymages de Santos e que náo dezia mais do que dito tem a que se tem Reportado e ho asjnou aquj com ho dito ouujdor e eu antonjo Rodrigues dalmeida escriuão que ho escreuj *lyador abanos gonsalo monteiro.*

E depois desto aos vinte e cinqo dias do mes dabril de mil e quinhentos e sesenta anos em esta uilla de porto de santos em as pousadas de mim escriuão com gonsalo monteiro foram perguntadas as testemunhas abaixo per ho conteudo em a dita pitição e artiguos a que foram nomeados e eu antonjo Rodrigues dalmeida que ho escreuj.

JOSEPHE ADORNO prouedor da misericordia morador em esta villa e em ho seu emgenho testemunha jurada aos Santos evangelhos que lhe foram dados per ho dito vigairo em que ele pos a mão perante mim escriuão e prometeo dizer verdade do que lhe fose perguntado e perguntado ao custume dise nichel.

Perguntado ele testemunha per ho primeiro artjguo da dita pitição dise ele testemunha que não dezia mais do que dito tem em outro testemunho que ja dito tem a que se Reporta,

Perguntado ele testemunha pelo terceiro artiguo da dita pitição dise ele testemunha que he verdade que vimdo elle hum dia com ho padre luis da graam de são visente vindo ele testemunha a falar no monsjor de boles dizemdo o dito padre que dezião algumas pesoas que hera lutero o dito monsjor de boles Respondeu ele testemunha em verdade que se asjm he eu me acho enganado com elle por que ho tinha por boom cristão e quanto he aos liuros que ho dito monsjor trouxera que se Reporta ao testemunho que ja tinha dado sobre ho dito caso e ysto quanto he aos liuros que trouxe a primeira vez que de outros não sabja e al não dise e não foi perguntado a mais artiguos por que não foi nomeado mais que somente a estes dois e o asjnou aqui com ho dito vigairo e eu antonjo Rodrigues dalmeida que ho escreuj/ *josephe adorno / gonsallo monteiro.*

MANOEL TAUARES carpinteiro morador em ho emgenho de Josephe adorno testemunha jurada aos santos auangelhos que lhe foram dados por ho dito vigairo em que ele pos a mão perante mim escriuão e prometeo dizer verdade do que soubese per ho conteudo em ho artiguo e em a pitição a que he nomeado e ao custume dise nichel.

Perguntado ele testemunha per o septimo artiguo da pitição do sopriquante dise elle testemunha que não sabia mais do que dito tem em ho outro testemunho que já tem testemunhado por esta causa a que se Reporta

e mais não dise e ho asjnou com ho dito vigairo e eu antonjo Rodrigues dalmeida que ho escreuj *manoell tauares / gonsalo monteiro.*

E despois desto em os vinte e seis dias do mez dabril e mil e qnjnhentos e sesenta anos em esta uilla de porto de santos em as pousadas de mjm escriuão com ho Senhor gonsalo monteiro ouujdor do eclesjastico tiramos as testemunhas abaixo per ho conteudo em a pitição atras e seus ditos e testemunhos são os segintes e eu Antonio Rodrigues dalmeida que ho escreuj.

CHRISTOUÃO DINIS morador em esta uilla de Santos testemunha jurada aos santos avangelhos que lhe foram dados per o dito ouujdor perante mim escriuão e prometeo dizer verdade do que soubese e lhe fose perguntado per o artiguo a que he nomeado em a pitição e ao custume dise nichel.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo em o dito quarto capitulo da pitição do sopriquante dise ele testemuuha que estamdo elle testemunha em ho Rio de Janeiro em pratica falando disera ele testemunha pelos franccezes que fogirão e per monsjor de boles que daly sayra que de presente estaua olhay estes caymens que não tinhão aqui cruz nem jgreja e os liuros por que Rezão não tem gloria merrecião por yso ser queimados ao qual Respondera o dito monsjor de boles que os que aly estauão herão tão vertuosos como os padres de jesus e tão christãos como elles e que Respondera elle testemunha que pois elles herão tão vertuosos e tão cristãos que per que Rezão por liuros que não tem gloria nem Jmagem de santos ao qual o dito monsjor de boles Respondera que quem jnstitujra a gloria e do conteudo em o dito artiguo e sercumstancias delle mais não dise e o asjnou aquj com ho dito ouujdor e eu antonjo Rodrigues dalmejda escriuão que ho escreui/*cristouão dinis / gonsalo monteyro.*

E depois desto em os vinte e seis dias do mes dabril de mill e quinhentos e sesenta anos em esta uilla de porto de santos em as pousadas de gonsalo monteiro ouujdor do ecclesiastico tiramos as testemunhas abaixo per os artiguos a que foram dados em a dita pitição e seus ditos e testemunhos são hos segintes e eu antonjo Rodrigues dalmeida que ho escreuj.

FERNÃO LUIS dalcunha Carrapeta padre de misa da companhia de Jesus a quem ho dito ouujdor deu juramento sobre os santos avangelhos em que ele pos a mão perante mjm escriuão e prometeo a dizer verdade do que soubese do conteudo Em ho dito artiguo a que foi dado e ao custume dise nichel.

Perguntado elle testemunha pelo dito artiguo que ele testemunha per sj mesmo leo dise elle testemunha que ouuyra dizer a pero de la cruz que dezia ho monsjor de boles que a jgreja de Roma não tem mais denidade que outra qualquer e que tanta denjdade tinha hum bispo como hum papa e que ho papa hera hum homem como os outros e bogiarão e que outro sj ouujra

dizer ao dito pero de la cruz que dezia ho dito monsjor de boles que as bulas do papa hera huma falsjdade muj grande e que ho fazia por tirar dinheiros e que asj lhe disera mais que as excomunhões do vigairo daqui de santos que tanto valyão como nada e que asj lhe ouujra mais dizer ao dito pero de la cruz que dezia o dito monsjor de boles que não auja mais santos que os apostolos e que os outros se não podião chamar Santos e que nem auja hahi purgatoreo que loguo hião ao jmferno ou parrayzo como de qua deste mundo partyão que bastaua a paixão de christo pera se saluarem e que lhe disera o dito pero de la cruz a ele testemunha que ho dito monsyor de boles lhe contaua estas cousas em muito segredo que fizese o padre luis da graam com josephe adorno que dese licença pera que estiuesem sertas testemunhas escondidas em sua casa em parte que os podesem ouvir e que ele pero de la cruz lhe tornarria a fazer que disese outra vez tudo o que lhe tinha dito pedindo mujto ao padre que ho não descubrise por amor de josephe adorno por ter mujto boas obras Resebjdas e o dito monsjor de boles pousar em sua casa e do conteudo em o dito artiguo mais não dise e o asjnou com ho dito gonsalo monteiro e eu antonjo Rodrigues dalmeida escriuão que ho escreuj / *fernão luis carrapeta gonsalo monteiro.*

E depois desto em os vinte e seis dias do mes dabril da sobredita hera em esta uilla de porto de Santos em as pousadas omde orra pouso com gonsalo monteiro ouujdor e comiguo escriuão foram perguntadas as testemunhas per a dita pitição aos artiguos a que foram nomeadas e seus ditos e testemunhos são os segintes e eu antonjo Rodrigues dalmeida que ho escreuj.

PERO DE LA CRUZ castelhano orra morador em esta Capitanja testemunha Referida a quem ho dito ouujdor deu juramento sobre os santos avangelhos em que elle pos a mão perante mim escriuão e prometeo a dizer verdade do que soubese e lhe fose perguntado per ho conteudo em a dita pitição em o primeiro artiguo a que somente he dado e perguntado per ho custume e cousas dele dise nichel.

Perguntado elle testemunha per ho primeiro artiguo da dita pitição e Referimento dos ditos das testemunhas atras que lhe todos foram lydos dise elle testemunha que não dezia mais do que ja tinha dito em outro testemunho que sobre este caso tem testemunhado que ho dito gonsalo monteiro tinha tirrada ao que ele testemunha se Reportaua e não dezia mais do que dito tinha e ho asjnou aquj com ho dito vigairo e ouujdor e eu antonjo Rodrigues dalmeida que ho escreuj / *d. pero de la cruz / gonsalo monteiro.*

E tirradas asj as ditas testemunhas per ho conteudo em a dita pitição atras per gonsalo monteiro ouujdor oje vinte e seis do mes dabril foy mandado a mim escriuão que ajumtase a dita pitição ao auto e a dita jnquirição que foi tirada e que tudo juntamente lhe fizese concruso pera mandar o que

justica lhe parresese e eu antonjo Rodrigues dalmeida escriuão que ho escreuj.

Concruso ao senhor ouujdor
E depois desto em os quatorze dias do mes de majo de mill e quinhentos e sesenta anos nesta uilla de porto de Santos per mim escriuão foram leuados estes autos comcruzos ao vigairo e ouujdor gonsalo monteiro pera neles mandar o que lhe parresese justica e eu antonjo Rodrigues dalmeida escriuão que ho escreuj.

Vistos estes autos e o que per eles se mostra não nos ey por obrigatoreos contra joam de cojnta monsjor de boles porque ha denunciação do padre luys da graam não hobriga que se Refere [e pero de la cruz] e o testemunho de pero de la cruz antes ho salua que comdena o dito monsjor de boles e o testemunho do padre manoel da nobrega no Remate dele escuza ho mesmo boles hatribuyndo lhe a jgnorancias suas cousas e o testemunho do jrmão josee Reportase ao padre graãm e pero de la cruz ho que tudo não parrese cousa jmportante nem que obrigue pelo que ho absoluo e apelo pera o senhor bispo / *gonsalo monteiro.*

E depois desto loguo em o dito dia mes e hera asjma escrito em esta dita uilla per o dito vigairo e ouujdor gonsalo monteyro me foram tomados estes autos com ho despacho segundo dyguo açima em segredo. e mandou que se comprise como se em ele contem. e eu antonjo Rodrigues dalmeida que ho escreuj o qual tresladõ eu sobredito escriuão o tresladej do proprio que em meu poder fiqua e ho consertej com gonsalo monteiro ouujdor com os propios bem e fielmente omde ambos asjnamos de nosos sjnaes Razos oje primeiro dia do mes de junho de mil e quinhentos e sesenta anos e vai sarrada e aselada e cosida esta dita deuasa oje o primeiro de junho sobredito da sobredita hera e eu Sobredito que ho escreuj antonjo Rodrigues dalmeida/ e comiguo gonsalo monteiro ouujdor e vigairo / *gonsalo monteiro.*

E depois desto aos sjnquo dias do mes de agosto acostej eu escriuão as culpas ao diante escritas a estes autos atras pera se as atras e ao diante se tresladarem pera ao diante escritas se tresladarem diguo pera as ao diante escritas com atras yrem pera a santa jnquisysão da çidade de lixboa aonde ja mandarão as atras escritas na naoo que se no Rio de Janeiro tomou e as emtregarão ao dito mestre e estas que ao djante vão acharam nesta cidade depois de ho dito monsjor estar prezoe são as que se seguem eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj.

E depois desto aos dezaseis dias do mes de julho da hera de mil e

quinhentos e sesenta e hum anos nas pousadas do senhor doutor bras fragoso ouujdor geral destas partes do brasil e prouedor mor da fazenda do dito senhor estamdo ahj ho senhor bispo loguo ho senhor bispo mandou uir perante sj as testemunhas segintes e as perguntou e eu fernão vaaz escreuão que ho escreuj.

DUARTE DE MENEZES testemunha jurada aos santos avangelhos que pelo senhor bispo lhes foram dados em que ele pos a mão perante mim escriuão e prometeo de dizer a uerdade do que lhe fose perguntado.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo do dito auto que pelo senhor bispo lhes foj lydo e declarado dise ele testemunha que estando elle prezo na cadea desta cidade omde monsjor de boles estaua per muitas vezes lhe disera o dito monsjor de boles que não auja dauer ahi papa na jgreja de Roma que hera bugiaria auelo porque depois que são pedro fora papa deus não permitira que ouuese mais outro papa e os papas que agora auja que leuauam dinheiro e que pera yso herão papas e que São Pedro nunqua leuara dinheiro e que a jgreja de Roma não tinha mais que qualquer outra jgreja de uila ou lugar dizendo lhe elle testemunha que noso Senhor que dixera que aquelo que são pero atase na terra auja de ser atado no seo e o que dezatase na tera auja de ser desatado no seo por omde parrecia que auja de aver papas a quem noso Senhor dera o dito poder a que ho dito monsjor de boles Respondera que não sabia o que dezia porque aquillo que se não emtendia senão de são pedro com que noso senhor falaua e que depois que ele morreo que não auja dauer nenhum papa na jgreja e que asj dixera por mujtas vezes que as bulas do papa herão falsydades e que não as daua senão pera leuar dinheyros e que por dinheiro tiraua as almas de culpa e pena e jsto Rindose e fasendo escarneo diso e dizendo que as almas que estauão no foguo do prugatoreo não sayão dele nem se tirauão com bulas nem com misas nem com Resas nem com outra cousa alguma senão depois que acabauão de purgar o por que la forão e que se não auja de dar credito aos consjlios dos Santos papas nem as escrituras da jgreja nem de nenhuns Santos dela somente se auja de dar credito a sagrada escritura da briuja fazendo zomberia das outras escrituras e consjlios e que não auja ahj Santos senão os apostolos e que senão auja de pedir nada aos Santos senão a deus somente nem se aujão dadorar os santos e que as Jmagens dos santos e de Jesu christo e da crus e de nosa senhora não nas auja dauer nem por nos altares nas jgrejas nem em outra parte nenhuma nem se aujão dadorar zombando de quem as adoRaua por que niso hião contra ho mandamento de Deus e que asjm lhe ouuira dizer per vezes que não auja hahi purgatoreo senão jnferno e paraizo dizendo que quando o dito monsyor de boles dixera que as almas não aujão de sajr do purgatoreo senão depois que as almas acabauão de purgar ho por que la hião que ho dezia por ho jnferno e que hahi asj dezia que ho matrimonio

hera mais perfeito que a Relegião e que deus que não defendera que os padres não fosem casados e que os cleriguos avião de ser casados e que não auia de aver ahi Religioes nem Relegiosos nem bispos e que não auja excomunhões nem lhe daua por quantas excomunhões ahi auja nada e que por hum seitil que lhe desem ho excomungasem quantas vezes quisessem Rindose das excomunhões e que tambem lhe ouuira per muitas vezes dizer que deus que não estaua na ostea consagrada depois de ditas as palauras da consagração ditas pelo Sacerdote nem se auja de dar ho santo sacramento da ostea dos penjtentes da maneira que ho dão aos christãos da Samta madre jgreja mas que se auja de dar como se deu na sea damdo a cada hum seu pequeno de pão e pouquo de uinho pera beber sobre elle como fazião os luteranos que asym se auja de fazer e que huma vez no ano herão obrigados a fazer a dita sea da dita maneira e se pregauão os pregadores que aujão de ser leyguos ordenados pera aquelo e lhes pregauão e fazião a dita sea mais vezes no anno que lhe hera necesario dizendo que asy se auja de fazer e ter e que aquela hera a verdade e dezia que não auja de auer misa mais que a sea da maneira que asjma dyto he e que asim lhe ouuira dizer per vezes que se não aujão de confesar aos cleriguos senão a deus somente fazendo escarneo e contando estoria de zombaRia daqueles que se confesauão aos cleriguos dizemdo que herão cleriguos pecadores e amansebados e que não tinhão poder pera perdoar pecados e que se não aujão de gardar os dias santos somente o dominguo nem se aujão de jejunar as besporas dos santos que pela jgreja são dados nem os da coResma que todos os dias se podia comer carne asjm da coResma como sestas feiras e sabados e dias de jejuns sem pecar e que ele testemunha lhe uira per muitas vezes comer carne as sestas feiras e aos sabados e dezia que não pecaua niso e que por ho não acusarem desia que tinha pedido licença a sua Senhoria e dezia e louuaua os luteranos de grandes leterados e vertuosos e de boa ujda zombando dos leterados da jgreja Romana folgando mujto quando dezia que ja toda fransa hera da opinjão dos luteranos e que sedo auja de yr a Castela e a portugall e que asjm lhe ouuira dizer que hera milhor comfesarse a huma mojta que ha hum cleriguo

= Perguntado se as ditas cousas que ele testemunha ouujra dizer ao dito monsjor de bolles se lhas dezia que dezião outros ou se as dezia de sj mesmo e que asjm se auia de ter e crer como elle dezia dise que elle as dezia de sj mesmo e que asjm se auja de ter e crer como dito tinha porque aquela hera a verdade dizemdo por mujtas vezes a modo de ho emsjnar e de lho persuadir ser aquela a verdade e as mujtas cousas das sobre ditas quamdo lhas dezia estauão presentes jacome pinheiro e antonio fernandes ho casereiro he gilherme da porta fransez e mais não dise e do custume dise nichel somente ser amiguo do dito monsjor de boles e ho seruir no que se manda e declarou que passando hum dia o licenciado jorge fernandez por a cadea o dito monsjor

de boles dixera perante elle testemunha e outras pesoas que hahi estauão que não se auja de pedir misericordia quando estauão prezos por ha santa jnquisysão e que antes aujão de morer que confesar ho que dezião as testemunhas que não auja de querer que na sua teRa fosem dizer que ele pedia misericordia e confesaua ho que dezião as testemunhas e por yso a não auja de pedir zombando do dito licenciado por que a pedira quando estiuera prezo por ha Santa jnquisysão dizendo que não tinha vergonha de andar pelas Ruas temdo pedido misericordia e que ho sobredito lhe tinha ouujdo dizer per muitas vezes e que asy lhe ouujo dizer per vezes vindo a falar com ele que não auja mais que dois auangelistas—a saber Sao joam e são matheus e que os outros não herão avangelistas nem se lhe hauja de dar credito ha suas escrituras e ho asjnou com ho Senhor bras fragoso ouujdor geral e prouedor mor da fazenda de sua alteza e com ho Senhor bispo e eu fernão vaaz escriuão que ho escreui// e declarou mais que ho dito monsjor de boles lhe disera estamdo presente ho dito jacome pinheiro e antonio fernandes caseReiro que ho lutaro que tomou ho samto sacramento com as mãos das mãos do sacerdote que estaua selebrando mjsa diante de El Rey que deus tem o qual queimarão por yso na cidade de Lisboa hera homem pera mujto e mandado pelos grandes leterados luteranos e que quando fora a fazer ho sobredito que bem sabya que ho aujão de matar por yso mas que fora morer pela verdade gabando o mujto por yso que hera homem de mujta calydade e que tinha mujto de seu e que tudo deixara por yr morer pela verdade e que olhase que fizera aquelo e que não morera loguo por yso senão depois que ho matarão dizendo que se deus uerdadeiro estiuera aly no sacramento da ostea comsagrada que loguo morera o dito lutero e ho tomando nas mãos e por que não estaua aly deus na ostea por yso não morera que ele testemunha lhe Respondera que se fora em outro tempo quando deus se chamaua deus das vingansas que emtão morera ou o matara deus por a ofensa que lhe fizera mas agora que hera deus de misericordia não castigaua loguo as ofensas que lhe fazião/ e que ja se uira alguns judeos tomar ho Santo sacramento na boca e botarem no fora e nem por yso os castigaua deus loguo e que ho dito monsjor de boles lhe Respomdera que se calase que nasera ontem e não sabja o que dezia nem sabya o que ho dito lutero fizera gabando lhe o que tinha feito e louuando o outro lutero que dezia que auja pouquo tempo que em fransa emtrara em huma jgreja e tomara huma ymagem de nosa senhora estando a pregação e a Remesara no chão e que ho matarão por fazer ho sobredito louuando o que morera pela verdade e ho asjnarão e eu fernão vaz que ho escreuj *duarte de menezes//*. e dixe mais que os dias pasados depois de fazerem as perguntas ao dito monjor de boles elle dixera a ele testemunha que se ho chamasem pera testemunhar no seu caso que não disese algumas cousas que lhe tinha ouujdas e que ho que pasase e lhe perguntasem que lho Rogaua que lho fose dizer e contudo dixera verdade do que sabia e ho asjnou eu fernão

vaaz escriuão queh o escreuj/ *duarte de menezes o bispo do Saluador blasjus.*

E depois desto aos dezasete dias do mes de julho da hera de mil e quinhentos e sesenta e hum anos foi ho senhor bispo as pousadas do Senhor bras fragoso comiguo escriuão e tirou ele dito Senhor estando presente o dito bras fragoso as testemunhas seguintes e seus ditos e testemunhos são os que ao diante vão escritos eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj.

ANTONIO FERNANDES casereyro da cadea desta cidade testemunha jurada aos santos avangelhos que pelo senhor bispo lhes foi dado em que ele pos a mão perante mim escriuão e prometeo dizer uerdade.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo no dito auto que pelo Senhor bispo lhes foy lydo e declarado dise que falando elle testemunha com monsjor de boles que Rezão auja hahi pera não auer papa em Roma como ele dezia que não auja de auer ho dito monsjor de boles lhe Respondera que asjm hera uerdade que deus que ho não mandaua que não auja de auer hahi papa em Roma e não se achaua em escritura que deus mandase que ouuese ahi papa e que pois deus ho não mandaua que ho não auya hahi dauer dizendo lhe elle testemunha que dezião os pregadores quando pregauão que noso senhor que dixera a são pedro que ele hera pedra e sobre ele auja de fundar a sua jgreja que aquelo que ele atase na tera auja de ser atado no seo e o que dezatase na tera auja de ser dezatado no seo. que pois aquelo asy hera que auja dauer papa pois ho noso Senhor dixera a são pedro ao que ho dito monsjor de boles Respondera que aquelo que deus dezia que deus dixera a são pedro ho dixera a são pedro somente e que são pedro somente fora papa e que não auja de auer depois de ele papa nenhum e que os papas que depois ouuera na jgreja de Roma fora cousa que os homens acresentarão pera ganharem dinheiro e que herão tiranos e per amor de dinheiros fasião tudo e que as bulas e perdões que os papas concedião herão falsydades e que não aprouejtauão pera nada nem as concedião pera mais que pera lhe darem dinheiro por elas / por que elle vira já molheres emfermas e prenhas e fogos e maRes grandes e vira muitas pesoas com as ditas bulas e perdões e aReliquias e porem nos nas ditas e tempestades e nunqua lhes uira fazer nenhuns milagres e que pera verem como os papas depois de são pedro tudo fazião por dinheiro contara huma estorea de hum Rej que casara com huma sua parenta e mandara pedir despensasão ao papa pera estar casado com ella e que ho papa lhe Respondera que não auja de despensar com elle senão damdo lhe huns tantos mil cruzados e que ho dito Rej quando vira que ho papa lhe pedira tanto dinheiro dixera que auia de ir tomar conselho com hum lutaro ou calujno como de feito fora e lhe contara como ho papa não queria despensar com elle senão com lhe dar muito dinheiro e que ho dito calujno luteRo lhe Respondera que fizese huma pitisão ao papa em seu nome dele Rej não declarando que hera Rej e que lha mandase que ho papa despensa-

ria com elle por pouquo dynheiro e que ho dito Rey o fizera asy e ho papa despensara com elle com lhe mandar pagar cinquo cruzados somente dizendo que por aly ueria ele testemunha como os papas fazião tudo por dinheiro e não guardauão ygualdade Rindose e zombando do papa e das cousas que fazia que emtão creRão os da opinjão de calujno que tudo hera bulRaRia que os papas fazião e que ho dito monsjor de boles dixera a ele testemunha que os papas e a jgreja de Roma não tinha mais poderes que ho que tinha qualquer outro homem diguo cleriguo e qualquer outra jgreja de qualquer uila ou lugar e ho boom hera não auja de auer ahj ymagens de Jesu Christo nem de nosa Senhora nem cruzes porque não estaua a saluação dos homens em hum paoo atrauesado nem de outros Santos nenhuns por que adorar as ditas ymages hera ydolatrar e que Respondendo lhe elle testemunha que como se auja de desfazer o que hos santos fizerão e o que a jgreja tinha ordenada elle Respondera que mujto auja de dizer niso e asjm lhe ouuira dizer que os Santos canonizados pela jgreja como hera são pedro e são francisquo e outros santos que ele testemunha nomeaRa que não estauão no parayso nem elle leRa nem sabja onde estauão e que são francisquo que esta de fora da porta do paraizo esperamdo por ho companheiro e que não entrara no paRayzo ajnda e que se não auja de gardar os dias santos somente ho dominguo hum dia na Sobmana de oyto em oyto dias porque deus não no mandara nem ele não no lera na escritura diguo em a escritura e que herão cousas que se acresentarão e emuentarão depois hos homens e que não aujão de jejunar na coResma nem nos outros dias que a jgreja mandaua jejunar e que em todos os dias asjm da çoResma como sestas feiras e sabados e dias de jejuns da jgreja podião os homens comer carne sem por yso pecaRem nem yrem ao jnferno e que esta coResma pasada ele testemunha lhe uira comer carne dous dias da coResma e hum dos dias fora bespora dum Santo que quayra na coResma a qual carne lhe consertara a molher de gilherme da porta e outra lhe consertarão em casa de cantim fernandez franses e que tambem ouujra ao dito monsjor de boles que não auja hahi purgatoreo senão ynferno e paraizo e que as bulas do papa não tinhão vigor nem valyão pera tirar as almas do purgatoreo por que não no auja e elle ho lera e que se não aujão de dar credito a nenhumas escrituras dos Santos somente a sagrada escritura da briuja por que todas as escrituras herão cousas que hos homens fazião por darem outras jmterpetrações e sentidos a sagrada escritura e que asy dezia que se não auja de pedir nada aos Santos por que duuidaua estarem no parajso e não se sabja onde estauão ajnda que a jgreja os tinha canonjzados e que lhe ouujra dizer que não auja de auer ahi ordens de Religião que todos aujão de ser casados asj bispos cleriguos frades como quaisquer outros Relegiosos que asj estaua hasentado no consjlyo e que hera mais Rezão seRem casados que tambem lhe ouuyra dizer que as excomunhões que se pasauão contra as pesoas

que herão Reueis como se o bispo lhe posese pena de excomunhão a ele testemunha que não deixase sahir da cadea a hum prezo que ele tiuese prezo na cadea que tal excomunhão não aproueitaua pera nada e zombaua dela e que tambem lhe disera que os Sacramentos quando se daua aos penitentes que se auja de dar na mão e huma so vez no ano como fazião os luteros e que não seruja de nada Rezar por comtas por que se não auja de dar a deus nada por comto e que esta coResma pasada pelas andoensas pomdo os prezos a porta da cadea da banda de fora huma ymagem de hum Santo sobrehuma mesa pera lhes darem esmola como se custuma a fazer vendo o dito monsjor de boles por a dita jmagem a porta se agastara diso e pelejara com quem a punha não querendo consentir que se posese e dixera que antes queria pagar ha esmola que se aly podia dar que ver estar aly a dita jmagem e que atirasem daly a qual ymagem hera hum Retauolo de nosa Senhora e dizendo alguns prezos que a esmola que soya aRender herão mil reis elle lhes dixera que daRia dous ou tres tostois e que lhe tirasem daly a dita jmagem nem lhe uira fazer nenhuma ReueRençia nem tirar baRete que tambem lhe ouujra dizer que os luteranos que herão auangelistas por que comprião ho avangelho e que a sua opinião hera a verdade e que se auja de ter que hos christãos que herão papistas que hobedecião ao papa zombando deles e fazendo escarneo dos que hobedeçião ao papa e que gabaua mujto e louuaua a martjm lutero e a joam calujno luteros de grandes leterados e vertuosos e Santos e que se os eles deixasem pregar huma soo vez que eles comverterião todos os papistas mostrando lhe a verdade e que eles herão os avangelistas e que dezião que ja fransa toda e jtalia en Roma e em muitas partes em portugal secretamente segião a dita opinjão dos luteranos diguo dos ditos luteros e os que a segião herão jamais que os papistas folgamdo mujto e leuando gosto e contentamento quando ho contaua e dezia que aquela hera a verdade e que ele testemunha sabe que ho dito monsjor de boles se não confesara esta coResma e que ho djto monsjor de boles lhe dixera que estaua prezo por causas da fee e da jnquisysão e que ele que não auja de pedir perdão nem misericordia e que antes queria morer martil que abaixarse a pedir misericordia e que mais afronta Receberia seu paj em fransa com lhe dezerem que ele pedira misericordia que com lhe dizerem que morera por sostentar o que emtendia=

Perguntado se as ditas cousas asjma ditas que ele testemunha dezia que ouujra dizer ao dito monsjor de boles falando com elle se lhas dezia emitando algumas opiniões ou dizendo que asjm se auja de ter e crer aquelo que lhe ele dezia dise que ho dito monsjor de boles lhe disera que asjm ho emtendia e o tinha pera sj e o crja porque tinha lydo por mujtas vezes na sagrada escritura e que aquelo hera a verdade e o que se auja de crer e que todo ho mais herão cousas que os homens fazião a que ele não daua credito e do custume dise que ele hera casereiro e

que tinha ho dito monsjor de boles prezo na cadea por mandado de Sua Senhoria e em tudo dixera a verdade e declarou que ho dito monsjor de boles lhe dixera mais que deus deixara quatro mandamentos somente aos homens ho primeiro adorar a huum soo deus e não a jmages nem outras figuras porque eu sou deus sjozo que não quero que outrem seja adorado senão eu e que ho segundo mandamento hera que trabalhasem seis diaz asjm homem como sua molher e filhos e criados e que o septimo dia gardasem e o terceiro mandamento hera não adulterar que não hera lembrado do quarto dizendo o dito monsjor de boles que os outros mandamentos acresentarão os homes e que os ditos quatro mandamentos se aujão dacresentar somente diguo se aujão de gardar somente e nos mais punha duujda dizendo que nunqua as lera he o asjnou com Sua Senhoria e o doutor bras fragoso e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *antonjo fernandes/ o bispo/ blasjus/.*

E depois desto aos dezoito dias do mes de julho da hera de mil e quinhentos e sesenta anos diguo e hum anos foi ho senhor bispo e eu escriuão as pousadas omde oRa pousa o doutor bras fragoso ouuidor geral destas ditas partes do brasil e prouedor mor da fazenda de Sua Alteza e o dito Senhor bispo mandou uir perante si as pesoas ao diante escritas em persensa de suas pesoas dambos as tirara as quais o Senhor bispo tirou comiguo escriuão e seus ditos das testemunhas são os seguintes e ao diante vão escritos e eu fernão vaz escriuão que ho escreuj.

JACOME PINHEIRO morador na fazenda dafonso de tores testemunha jurada aos Santos avangelhos que pelo Senhor bispo lhes foram dados perante mim escriuão e prometeo dizer verdade.

Perguntado pelo conteudo no dito auto que pelo Senhor bispo lhes foy lydo e declarado dise elle testemunha que estando elle testemunha na cadea omde estaua falamdo ho Reo com ele testemunha per muitas vezes lhe dixera que não auja dauer ahi papa porque deus não fizera papa e que ho emperador foquas fora ho que fizera ho primeiro papa a hum cleriguo seu priuado que lhe dixera que pois que ele emperador mandaua todo secular que fizese com que elle mandase todo ecleciastiquo e que da dita maneira ho fizera conheser por papa e que dahi sosederão depois outros papas que foram e são e porem que hera contra ho mandado de deus e que as bulas que pasauão e fazião herão pera ganharem dinheiros e que hum cleriguo tamto poder tinha como ho papa e ho papa como o cleriguo e todos herão cleriguos yguais e que hasy ho mandaua deus na sagrada escritura e que os poderes que hos papas tem que lhos deu ho dito emperador e que a jgreja de Roma não tinha majs que outra qualquer e que se não ha de dar credito senão a sagrada escritura Rindo-se

dos consylyos dizemdo que ho que os papas faziāo hera contra o que mandaua deus e que se lhe não auja de dar credito a eles e que tambem lhe dixera que os dias santos que deus que hos não mandaua guardar somente os dominguos e que os papas forão os que os mandauão guardar os dias santos e que segundo o que ele testemunha emtendeo do dito monsjor de boles hera que se não aujão de gardar os dias santos por que hera contra ho mandamento de deus e que os christãos chamando lhe papistas herão os que gardauão os dias Santos e que não sabjão o que fazião e que ele gardaua a lej de deus jnteiramente como ele ho mandaua e que os cristãos papistas andauão herados e não gardauão a lej de deus e que se não auja dadorar nem pedir nenhuma cousa aos santos senão a deus somente porque deus mandara que lhe não pedisem por intersesão alhea senão por sj mesmo que se não aujão de adorar os Santos nem ymagens nenhumas de jesus christo nem da crus nem de nosa Senhora nem em nenhum Santo e que todos os dias asj sestas feiras como sabados e dias da CoResma e de jejum da igreja se auja de comer carne e que comendoa não peccauão porque deus que não defendera que nos ditos dias comesem carne e que hos papas ho defendeRão e por yso se auja de comer e que não herão obrigados a jejumar em nenhum tempo do ano e que os papas foram os que hordenaram os dias de jejum mas que não pecauão os homens que não jejuauão nos dias da coResma nem da obrigação da jgreja que manda jejumar e que tambem lhe disera que deus que fizera a ordem dos casados somente e não fisera outra nenhuma ordem de Relegiosos e que ha dos casados hera a boa e asy lhe dixera que as excomunhões dos papas nem dos ordinayros nem quais quer outros herão cousa de Riso e escarneo e que herão emvensois que hos papas fazião mas que não ligauão nem empesjão a ninguem nem tinhão forsa pera cousa alguma zombando e escarnesemdo delas que tambem lhe dixera que não aujão de dizer misas e que as misas que as fizerão os papas pera ganharem dinheiros que deus não fizera misas e que ho sacramento que se não auja de dar como dão os christãos papistas diguo que disera que deus que quando fizera a sea que dera ho pão partido e sobre ho pão vinho e que asj deRa noso Senhor ho seu corpo aos apostolos e que se auja de dar a dita sea tres vezes no ano — a saber — natal pascoa e pinticoste e que a dita sea auja de fazer qualquer cleriguo que se achase que se auja de fazer nas ygrejas mas porem que nas ditas jgrejas não auja de auer Jmagens que hera adrolatar e que ele testemunha lhe uira comer tres ou quatro dias ao Reo na coResma e que nunqua ao comer daua graças a deus senão alguma oRa quando lho ele testemunha dezia nem nunqua lhe uira Rezar nem ter liuro nem comtas de Resar e que tambem lhe disera que os lutaros tinhão que se aujão de confesar a deus somente e não aos clериguos e porem que lhe não uira aprouar nem Reprouar aquela opinjão e que tambem lhe disera que joam calujno que fizera muitos liuros que hera muito grande letrado e muito amiguo de deus

e que pregaua ho avangelho milagrosamente e que todos ho segião como que hião a ganhar perdões e que gabaua muito por estremo as cousas e obras do dito joam calujno e que tambem gabaua muito a martim lutero de uertuoso e gramde leterado e amiguo de deus e que deixara escrito muitas cousas na fee que todos avyão por boas aserqua dos avangelhos e que falando neles o dito joam calujno e martjm lutero os gabaua como homem que auja por bom e aprouaua ho que eles tinhão feito e que conuerterão toda jtalya e toda alemanha e que hera verdade que quamdo ho Reo dezia as ditas cousas lhas dezia como homem que estaua pregamdo e emsjnando com gosto e comtentamento que lhe sentja e lhe uya leuar e que todas as cousas do papa e de Roma pragejaua ausalutameute e pubriqamente e negaua todas as suas cousas zombando e fazemdo escarneo delas e que pelo que lhe ele testemunha uio fazer e ouujo dizer e pragejar de cousas da nossa fee tem pera sy que he lutero e que não he cristão por louuar muito as cousas dos luteros e pragejar das dos christãos e que estando o Reo na cadea pergumtara a ele testemunha que maneira se tinha em portugal com hos prezos da Santa jnquisyção que pedião misericordia e perdão que ele testemunha dixera que ho não sabja mas que lhe paRecia que a quem meRese ser queimado pedindo misericordia que lhe dauão casere perpetuo ou outra qualquer pena que não fose de morte e a quem meRese pena que não fose de morte lhe darião outra menor pena segundo pareser dos jnquisydores e que ho Reo lhe dixera que não auja de pedir misericordia da dita maneira por que antes queria ser queimado que ho porem huma oRa a misa a porta da see com huma tocha na mão e que ho Reo lhe gabara muito e louuara ho feito que fizera hum homem de fora da teRa que tomara ho santo sacramento das mãos ao saserdote que estaua dizemdo misa em lisboa no paço diante del Rej que deus tem no tempo que ha prinseza fora de castela dizendo que ho fizera como homem de grande animo e zeloso da sua fee e que pelo modo que ho Reo o contaua daua a emtender que ho dito homem fizera aquelo pela fee e que fizera niso seruiço a deus e mais não dise nem dos Referimentos per que foi perguntado somente que quando lhe o Reo dezia as ditas cousas estauão presentes duarte de menezes e antonio fernandes caserejro e pero fernandes de graçia da uilla mulato e gilherme da porta e cantim fernandes e do custume que hera grande amiguo do Reo e comja e bebia com ho Reo e comtudo dixera a verdade e o asjnou com ho dito Senhor bispo e com ho doutor bras fragoso ouujdor geral destas partes diguo destas ditas partes e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *jacome pinheiro* / *O bispo* / *blasjus* /

PEDRO FERNANDES testemunha Referida catiuo de graçia da uilla e foi Referida por jacome pinheiro e prometço de dizer verdade.

Perguntado ele testemunha pelo conteudo no libelo da justiça que pelo senhor bispo lhes foy lydo e declarado dise que estamdo prezo na cadea com

monsjor de boles o dito monsjor de boles lhe dixera por muitas vezes que deus que não fizera os papas nem os auja dauer ahi e que as bulas que eles consedião das emduligencias e quais quer outras cousas que fazião que tudo herão por ganharem dinheiros mas que lhe não aujão de dar credito nem tinhão força pera cousa alguma e que vindo os dias pasados huma bula do Santo padre pera se ganharem as jndulgencias prubiquando se na see quando ho dixerão ao Reo dixera que queria ho papa ganhar dinheiro porque como queria ganhar dinheiro loguo consedião os jubileos e jndulgensjas e que zombaua das cousas dos papas e que tambem lhe dixera que os dias santos senão aujão de gardar senão os domingos e que deus que dixera sete dias trabalharas e hum gardaras e que as sestas feiras e sabados e dias de jejum e na coResma se podia comer carne como nos outros dias e que tambem sabia a carne a sesta feira como nos outros dias e que não se auja de jejumar por que deus não ho mandaua e que se não auja de pedir nada aos Santos somente a deus e por que com deus queria elle estar bem e com os Santos que não e jndo algumas vezes algumas pesoas as grades da cadea dizendo aos prezos que se encomendasem alguns santos ho Reo se Ria deles e zombaua de dizerem que se emcomendasem a santos e que contando huma pesoa que nosa Senhora deRa leite a huma molher sem ter lejte ho Reo dise que não podia ser que nosa Senhora que não podia fazer ese milagre que herão estorias que contauão os portugeses e que tambem dixera que não se auia de dar credito se não ha sagrada escritura e não aos santos que se prouerão nem aos consjlios dos papas que herão homens emvejozos e que tambem dezia que não auja dauer ymagens nem de noso senhor nem da crus nem de nosa Senhora nem dos outros Santos nem se aujão de adorar e que dezia que auja ahi parayzo e jnferno e purgatoreo não sabja o que chamauão os christãos purgatoreo e que tambem dezia pubricamente que todos aujão de ser casados que não hauia dauer estado de Relegião nem cleriguos e que as ladroyses dos cleriguos e frades se emuentarão de pouquos tempos pera qua pera ganharem dinheiros e que em fransa que os tomauão e que os metyão nas gales e os cleriguos aujão de ser casados e que as excomunhões que hera cousa de zombaria que não podião fazer mal a ninguem por que tudo fazião por dinheiro e que ele testemunha vira per vezes em dia da coResma e outros dias que a jgreja defendia comer carne ho dito monsjor de boles a comia e zombando dos portugueses porque a não comião e lhes dezia não chegeis nos outros qua que nos excomungarão nos outros sos queremos ser os excomungados zombando dos que não comjão carne nos ditos dias e que por yso não pecauão os que a comjão neles e que tambem dezia que não aujão de jejumar os dias da coResma nem nos outros dias que a jgreja mandaua jejumar nem pecauão os que não jejuasem que comese carne cada hum e leuase boa ujda que ha sagrada escritura esta clara que nela estaua soo a Saluação e que tambem lhe dixera que se não aujão de confesar

aos cleriguos que a deus somente se auja de confesar e que perguntara a algumas pesoas que penitencia lhe derão quando se confesarão zombando diso e dezia que ele que não se auja de confesar aos cleriguos e que tambem dezia que não auja de ouuir misa porque deus não nas fizera nem as ordenara e que as fizerão os papas pera os cleriguos ganharem dinheiros e dezia que ho santo sacramento que se auja de dar ao modo que noso Senhor fizera a sea quando dera aos apostolos — a saber — que lhes auja de dar a cada hum seu pequeno de pão na mão aos penitentes e cada hum seu pouquo de uinho e que em lugar de misa se auja de pregar que ysto mandaRa noso senhor e não dizer misa e que a sea auyão de fazer os pregadores que aujão de ser homens leyguos e casados e que asj ho fazião no Rio de janeiro e em fransa e que lhe ouuira gabar e louuar muito ho homem de fora da teRa que tomou ho samto sacramento da mão ao sacerdote que estaua selebrando misa em lisboa na capela del Rej e ho espedaçara dizendo que hera homem pera mujto e que fizera naquelo grande seruiço a deus e que ho que dezia a sagrada escritura que valya mais e hera melhor morer queimado e yr avante com a sua que tornarse a desdizer que noso senhor heria pela sua allma e que ouuira por mujtas vezes gabar e louuar mujto a martim lutero e a joam calujno e a todas suas obras dizendo que herão homens mujto vertuosos e amjguos de deus que herão mujto grandes leterados e que eles herão os que mostrauão ho caminho da uerdade e que vinhão de mujtas partes desputar se com eles e que eles hos comuertião e emsynauão ho caminho da uerdade e que os portugeses cristãos que herão yReges que não sabjão ho que fazião e que leuauão ho caminho eRado e ho que emsjnauão martim lutero e joam calujno hera a verdade e depois que eles vierão comuerterão asjm mujta gente de fransa e desfizerão huns mosteiros de fransa e que tudo ho asjma dito que lhe ouujra dizer ho dito monsjor de boles dezia que hera a verdade e o que se auja de ter nas cousas da fee que quem pera sj tinha o comtrairo que herão eReges e que monsjor de boles lhe disera que nam auja de pedir misericordia nem se auja de desdizer do acima dito e que ainda que lhe sua Senhoria dese penitensja hum pater noster somente que se não auja de desdizer nem pedir misericordia e que antes se auja de yr meter numa fugeira de foguo se estiuese presente e com esta sua opinjão auja de yr ao cabo e que pelas endoensas pondo os prezos huma ymagem de nosa senhora a porta da cadea pera lhes daRem esmola ho dito monsjor de boles dixera que tirasem daly a dita ymagem e Retauolo porque ho deshonrauão pomdo o aly omde elle estaua e que ele daRia outro tamto como lhe podião dar de esmola e que fazia zombaria e escarneo de nosa Senhora que estaua na cadea e mais não dise e do Referimento somente que são amiguos e dixera a verdade e ho asjnou com ho dito senhor bispo e com ho doutor bras fragoso ouuidor geral eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj /*pedro fernandes* / *O bispo* / *blasjus*.

GILHERME DA PORTA franses testemunha jurada aos Santos auangelhos que pelo seuhor bispo lhes foram dados em que elle pos a mão perante mim escriuão e prometeo de dizer verdade.

perguntado elle testemunha pelo conteudo no dito auto que pelo senhor bispo lhes foi lydo e declarado dise ele testemunha que estando prezo com monsjor de boles lhe ouujra per mujtas vezes dizer que não auja de auer papas e que tanto poder tinhão os bispos como ho papa e que os papas não tinhão mais poder que hum bispo e que ho emperador fizera ho primeiro papa no tempo que mafamede fizera a lej de mafoma e que a ly por diante fizerão os outros papas e que dixera que como hum homem não tiuese feito pecado ajmda que o excomungasem que lhe não empesja a excomunhão e que ho uira zombar dos papas e dos cleriguos e das cousas que fazião e dezia per muitas vezes que tudo aquelo que fazia a santa madre jgreja de Roma e os papas que tudo não valya nada e não hera valyoso nem pera atar nem pera desatar e zombaua de todas as cousas que a santa madre jgreja de Roma ordenaua e fazia e que deus que não fizera papas e que tudo ho que fazião os papas herão por ganharem dinheiros e que senão ha de dar credito aos consjlios nem aos doutores santos somente a sagrada escritura e que ho testamento nouo e o uelho todo hera huma lej por que deus não he mudauel como os outros homeus que aja de mudar cada dia huma lej e ho que a jgreja de Janebra e alemanha fazião e detremjnauão hera o boom e o que se auja de ter e crer e não ho que fizer e ordenar a jgreja de Roma e asj o tinha e cria pera sj o dito monsjor de boles diguo asjm ho cria e o tinha pera sj o djto monsjor de bolles segundo ele testemunha tem pera sj pelos modos com que ho dezia e ho aprouaua e que tambem lhe disera per vezes que não auja hahi purgatoreo senão parayso e jmferno por que os pecadores forão lauados com ho sangue que jesu cristo deRamou na paixão e que todos os dias da coResma e sestas feiras e sabados e dias de jejuns da jgreja se podia comer carne e que comendoa não pecauão nem herão obrigados hos cristãos ą jejumar nos dias de jejuns da igreja e que se não ha de pedir nada aos santos nem se hão de gardar os seus dias nem ha dauer jmages de jesu cristo nem da crus nem dos Santos nem se hão de adorar e que se ele estiuera no tempo que ho comsjlio se ordenou que ouuese jmages e jgreja elle fora em opinião que as não ouuera e os que adorauão as images de jesu cristo e da crus e de nosa senhora e dos Santos que herão jdolatres e que não ha dauer cleriguos nem frades que todos hão de ser casados que deus que não fizera senão as ordens dos casados e que as excomunhões dos papas de Roma que não obrigauão nada e que a excomunhão da jgreja da alemanha e janebra hobriga quando se poem ao que fes algum pecado e que na ley que não ha majs que hum pecado soo e que não ha diferensa ao pecado uenial e mortal e orginal e que tambem lhe dixera por vezes em pratiqua que no sacramento da ostea que ho saserdote

consagra quando diz misa depois de ditas as palauras da consegração na dita ostea não esta ho corpo de jesu cristo deus e homem verdadeiro e que os saserdotes que fazem aquelo e selebrão ho santo sacramento que são jdolatres e eReges e que vão contra a fee de jesu cristo e lhe chama papistas e que hos avangelistas como são da opinjão de calujno de genebra e do lutero que fazem na sea e dão a cada hum seu piqueno de pão e vinho a cada hum penitente e que naquele pão que lhe dão naquela sea vay ho corpo de jesu cristo e no vinho ho seu sangue e que a dita opinjão he a uerdadeira e a que se ha de ter gabando mujto e louuando ho dito joam calujno e lutero de todas as suas obras e de homens vertuosos e santos e amiguos de deus e gramdes leterados e que tudo o que eles dizem he conforme a ley deles e que yso se ha de ter e crer e a verdade e que dizendo lhe ele testemunha hum dia em como hum homem de fora da teRa tomara ho Santo sacramento das mãos do saserdote que estaua dizendo misa em lisboa na capela del Rej no tempo que veio a princeza de castela e depois de prezo lhe dezião algumas pesoas que pedise perdão a el Rej em cuja persemsa fizera o sobre dito e que pedise misericordia e perdão a deus e que lhe perdoarião e que ho dito homem dixera que pederia perdão a el Rej pela descortezia que lhe fizera en sua persensa mas que a deus não tinha que lhe pedir perdão nem misericordia ho dito monsjor de boles Respomdera que ho dito homem dixera mujto bem por que não tinha ofendido a deus por tomar ho santo sacramento da mão do saserdote e que não se aujão de confesar a nenhum cleriguo senao a deus somente e que tambem lhe ouujo dizer que depois que hum homem pecaua contra algum mandamento ajnda que se aRependese que havja de yr ao jmferno porque deus não lhe auja de perdoar porque deus não auja de tornar com sua palaura atras e que os cleriguos não tinhão poder pera perdoar pecados por serem peccadores e que por mujtas vezes ele testemunha vio comer carne as sestas feiras e sabados e aos dias da coResma ao dito monsjor de boles e dezia que não pecaua por as comer nos ditos dias e asjm lhe ouujo dizer por vezes que por as ditas cousas asjma declaradas nem por outras não auja de pedir perdão nem misericordia porque aquela hera a verdade e o que se auja de ter e crer e que antes auja de consentir que ho castigasem se pequara que pedir misericordia porque ho que dezia hera a verdade e mais não dise do Referimento e do custume dise que hera seu amiguo e comia e bebia com ho Reo e comtudo dixera verdade e ho asjnou com ho dito senhor e com ho doutor bras fragoso ouujdor geral destas partes e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *gilherme da porta / O bispo / blasjus /*

E depois desto aos vinte e quatro dias do mes de julho da hera de mil e qujnhentos e sesenta e hum anos em as pousadas do senhor bras fragoso ouujdor geral e prouedor moor da fazenda de sua Alteza estamdo ahi ho

senhor bispo ho dito senhor bispo mandou uir perante sy a gilherme de la porta prezo e lhe fez pergunta se sabia algumas pesoas ou ouuira dizer a quem ho dito monsjor de boles emsjnase as ditas opiniões e cousas que dezia ou que estiuesem persentes ao tempo que ele as dezia dixe que antes de ser prezo das culpas da Santa jnquisyção pousando o dito monsjor de boles numas casas junto da porta de Santa luzia foy elle testemunha laa a vizitalo em suas casas per mujtas vezes e quando emtraua em sua casa por ser seu amiguo não falaua a porta e emtraua aonde elle estaua e per mujtas vezes ho uio estar lemdo pela briuja e cantim fernandes asentado junto dele e elle testemunha emtrando deixaua de ler a dita briuja e mudaua ho preposjto de maneira que emtendia elle testemunha que ho tinhão em pouquo por omde lhe não queria dar conta do que lya e praticaua com ho dito cantim fernandes e que huma vez declarando hum paço da briuja a ele testemunha e não he lembrado se estaua ahi o dito cantim fernandes Reprendera ao autor da Salue Regina em quanto dis esperansa nosa que não se auja de dizer esperansa nosa por nosa senhora senão a noso Senhor somente e que não se auja de Rezar a nosa senhora nem aos Santos nenhuma oRação senão ho pater noster a noso senhor e que não se auja de rogar pelos defuntos por que quando moRião hião ao seo dabrahão omde aujão de estar ate ho dia do juizo e que ho credo que se não auja de dizer por oRasão se não que hera huma protestacão e que ele testemunha tem pera sj pela mujta comuersasão que ve ter a cantim fernandes com ho dito monsjor de boles que ele deue de ter algumas das ditas suas opinjões e que algumas vezes falamdo nas cousas da fee ho dito monsjor de boles com ho dito cantim fernandes depois de agora estarem prezos na dita cadea emtremetendo se ele testemunha niso pera perguntar algumas cousas ho dito monsjor de boles e cantim fernandes se asenauão hum ao outro como pesoas que se emtendião e fazião escarneo dele testemunha e que do mes de janeiro este pasado fez hum ano a esta parte teue ele testemunha em sua casa a hum bretão que veo do Rio de Janeiro por nome olìueiras pinel seis mezes pouquo mais ou menos pera lhe emsynar o officio de tecelão e no dito tempo lhe dise per vezes que se podia comer carne em todos os dias de coResma e sestas feiras e sabados e dias de jejuns da igreja sem pecar e que não herão os cristãos obrigados a jejunar nem pecauão deixando de jejumar nos ditos dias e que ho papa jnstitujo a coResma e ele testemunha lhe ujo comer carne muitas vezes a sestas feiras e sabados e dias da coResma e de jejum e dezia que não auja hahi papas na jgreja e que as bulas hera huma falsydade e que as cousas que fazia hera huma falsydade nem auja misas e que jesu cristo não estaua na ostea depois de ditas as palauras da consegração e que se auja de fazer a sea ao modo que ha fazem os discipulos e que tem a opinjão de calujno e que se não ha de dar credito senão a sagrada escritura e que se não ha de pedir nada aos santos senão a deus

somente e que se não hão de gardar os dias Santos senão aos dominguos somente e que não auja hahi dauer ymages e que quem he bautizado e tiuer fee que salua sem obras e que se ha de confesar a deus somente e não aos cleriguos porque hum pecador não se hade confesar a outro pecador e que não hahi dauer cleriguos nem frades e que os cleriguos hão de ser todos casados e que o dito oliveiros pinel tinha todas as opiniões que tinha e tem ho dito monsjor de boles e que ho dito olíueiros emsjnara a ele testemunha todas as ditas opinyões e lhe disera que o dito monsjor de boles se uiera do Rio de Janeiro porque ho capitão Vilaganhão mandara fazer huma crus e adoRaRa e mandaua que todos os que estauam na dita fortaleza hadoRasem e queho dito monsjor de boles ha não quisera hadoRar e se apartara dele com medo de ho fazer adoRar por força ou de lhe fazer algum mal pelo dito uilaganhão lhe dizer que ou auja dadorar ou ho auja de matar e que ho dito monsjor de boles fugira e se fora pera são Visente e dezia o dito oliveiros que ho sobredito hera a verdade e que aquelo se auja de ter e dixe ele testemunha que outro franses por nome dinis que oRa esta prezo veo do Rio de Janeiro criado do dito monsjor de boles que dezia que no Rio de Janeiro ho seruia e o serue e o seruio depois que veo de la e que quamdo o dito monsjor de boles dezia as ditas cousas o dito dinis estaua presente a elas mas ele testemunha nunqua lha vio contradizer nem aprouar nem sabe ele testemunha de que hopinjão he pelo nunqua ouujr falar nas cousas da fee e porem pelo que ele testemunha tem ouujdo dizer dos fransezes que estauão no Rio de janeiro e das seRimonjas e opiniões que tinhão lhe paRecia seRem da dita opinjão e porem se ho dito dinis he da dita opinjão ou não elle testemunha ho não sabe e que quando ho dito olíueiros dezia as cousas asjma ditas a ele testemunha lhe dezia per muitas vezes que se gardasem nam no descubrisem por que hos não acusasem e os não prendesem e que quando o dito olíueiros lhe dezia as ditas cousas lhas dezia pela lingoa franceza e que sua molher andaua por casa e que bem as poderia ouuir mas não sabe se as emtendia por ella não saber a lingoa franseza e declarou elle testemunha que as cousas de que se tem acusado segundo sua lembransa as dixera ou partes dellas a mestre vasco e a outras pesoas de que ao presente não he lembrado e declarou que no tempo que o dito monsjor de boles dezia as cousas asjma ditas estauão presentes duarte de menezes e antonio fernandes caseReiro a algumas delas e muitas vezes vira o dito antonjo fernandes servindo de caseReiro emtrar de nojte dentro na cadea omde ho dito monsjor de boles estaua e se asentaua junto dele numa Rede e estaua muitas vezes ate a mea nojte perguntando lhe por cousas da fee e o dito monsjor de boles lhas dezia e estauão praticamdo muito espaço de tempo e que huma vez uira ao dito antonio fernandes pedir por escrito sertas cousas da fee ao dito monsjor de boles dizemdo que lhas deixase por escrito pera sua lembransa pera lhe

ficar pera depois que se ele fose e que ho dito monsjor de boles se lhe deu alguma cousa por escrito foy mujto pouqua cousa e que ho dito antonio fernandes hera mujto contino em lhe perguntar cousas da fee e em lhe ouujr as cousas açjma ditas e que tambem estaua persente quando o dito monsjor de boles as dezia jacome pinheiro e pedro escrauo de graçia da uilla e cantim fernandes e outros prezos que estauão na cadea de que não he lembrado e ysto dixe pelo juramento que lhe foi dado em que elle pos a mão e o asjnou com ho senhor bispo e ho ouujdor geral e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj / *gilherme de laporta* / *O bispo* / *brasius* /

CANTIM FERNANDES testemunha jurado aos santos avangelhos que pelo Senhor bispo lhe foram dados em que ele pos a mão perante mim escriuão e prometeo dizer verdade—

Perguntado elle testemuuha pelo conteudo no dito auto que pelo senhor bispo lhe foi lydo e declarado dise elle testemunha que ele ouujra dizer a monsjor de boles que os papas que hahi auja na jgreja de Roma que não os auja hahi dauer porque deus não mandara que ouuese papas e que as bulas e as emdulgençias que consedia e as outras cousas que fazião que ho fazião por ganharem dinheiro que não aproueitaua pera se saluarem as almas e que não auja dauer mais que jmferno e paraizo e que não tinha mais poder a jgreja de Roma do que tinha qualquer outra doutra uila ou lugar e que se não auja de crer senão a sagrada escritura e que noso senhor não mandara gardar mais que hos dominguos e que se não avjão de gardar os dias Santos diguo que os dias santos não mandara gardar deus e que senão auja de pedir nada aos Santos senão a deus somente e que nos dias das coResmas e sestas feiras e sabados e dias que a jgreja mandaua jejumar se auja de comer carne e que não pecauão comendoa e ele testemunha lhe uira comer carne algumas vezes nos ditos dias e que não se aujão dadorar os santos senão a deus somente e que nam ha dauer ymages de Jesu cristo nem da crus nem de nenhum santo nem se hão de adorar nem se aujão de por nas jgrejas e que noso senhor mandara que não ouuese ahi frades e que auja dauer casados somente e clериguos emlegidos pelo pouo pera emsynarem e pregarem ao pouo e que não auja dauer hahi mosteiros de frades nem de freiras nem Relegions porque ho emuentarão os homes e que asy lhe ouujra dizer per vezes que calujno e os seus decipulos e que segião a sua opinyão pregauão ho euangelho e que se chamauão evangelistas e os que segião os papas e ha jgreja de Roma herão papistas e que asi gauaua muito e louuaua o dito joam calujno de vertuoso e santo e amiguo de deus e que o dito joam calujno pregava ho evangelho e que as ditas cousas lhes dixera per vezes o dito monsjor de boles lendo lhe a briuja nas casas onde pousaua junto da porta de santa luzia defronte das casas onde oRa pousa Sjmão da gama e outras vezes na cadea decrarando algumas autoridades e pasos da briuja que não he lembrado que estiuese pesoa alguma no tempo que lhe dezia as ditas cousas

nas ditas casas junto da porta de santa luzia e que quando lhas dixera na cadea estiuera persente bras aluares e dinis franses criado do dito monsjor de boles e gilherme da porta e hum taypeiro que se chama antonio marques e al não dise e ho asjnou com ho dito senhor bispo e o doutor bras fragoso ouujdor geral destas partes e do custume dixe que he amiguo do Reo e come e bebe com elle e dixe a verdade e eu fernão vaz escriuão que ho escreuj *cantim fernandes | O bispo | blasius. |*

E depois desto aos vinte e oyto dias de julho da hera de mill e quinhentos e sesenta e hum anos foy ho senhor bispo comiguo escriuão as pousadas onde hora pousa ho doutor bras fragoso ouujdor geral e prouedor da fazenda de Sua Alteza e tiramos a dinis franses por testemunha e seu dito he o que ao diante vay escrito eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj/

DINIS FRAUSES criado do dito monsjor de boles testemunha jurado aos santos avangelhos que ho Senhor bispo lhes deu e ele pos sua mão perante mim escriuão pera que dixese a verdade do que lhe fose perguntado.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo no dito auto que pelo senhor bispo lhes foy lydo e declarado dise elle testemunha que hauera tres anos pouquo mais ou menos que ele testemunha serue ao dito monsjor de boles como seu criado e ele lhe da o neçesario e que viuendo com elle no Rio de janeiro e depois per mujtas vezes e depois de estar na cadea lhe ouujra dizer que não auja dauer ahi jmagens de jesu cristo nem da crus nem dos santos porque deus não mandara que as ouuese e que hera ydrolatar adoralas e porque as não aujão dadorar e que no Rio de janeiro uira per muitas vezes a monsjor de boles comer carne as sestas feiras e sabados e dias da coResma e que não gardauão la a coResma e dezia que a todo tempo se podia comer carne nos ditos dias porque deus não defendia que a comesem e que tambem lhe ouujo dizer que Rogase quem quisese aos santos que ele não auja de Rogar senão a deus porque hera mais serto Rogar a deus que aos santos e al não dixe no conteudo no dito auto e por majs não dizer ho asjnou com ho senhor bispo e o doutor bras fragoso ouujdor geral e do custume que he criado do monsjor e o serue e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *| dinis | O bispo | blasius |*

JOAM VAAZ testemunha jurado aos santos auangelhos que pelo senhor bispo lhe foram dados em que elle pos a mão perante mim escriuão prometteo de dizer verdade //.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo no dito auto que pelo Senhor bispo lhes foy lydo e declarado dise elle testemunha que os dias pasados estando elle testemunha na cadea fora pedro de graçia da uilla e monsjor de boles lhe perguntara que dixera ao Senhor bispo quando ho mandara chamar e que ho dito pedro lhe dixera que ele dixera a Sua Senhoria como ouujra dizer ao dito monsjor de boles que não auja dauer ahi papas na

jgreja de Roma e que ho dito monsjor de boles dixera antão que hera verdade que ele ho dixera e que asjm ho dezia e o tinha pera sj que não os auja dauer e que asjm ho dixera a sua senhoria quando lhe fizera as perguntas e que tambem lhe ouujra dizer que as excomunhões dos papas e ordinarios hera cousa de Riso que não empesjão contra quem as punhão que não nas auja dauer e que elle testemunha vira hum dia ao dito monjor de boles comer carne a hum sabado estando são e a gilherme da porta e a cantim fernandes e a carne que comião era de porquo e que lhe ouujo tambem per muitas vezes que não avja ahi dauer Jmages de jesu cristo nem da crus nem dos santos nem se aujão dadorar e que a deus se auja de pedir somente e que se não hão de gardar os dias Santos somente ho dominguo e dia de natal ajnda que não caya em dominguo e que trabalhamdo nos ditos dias santos não pequão porque deus que não mandara gardar senão os dominguos e que tambem lhe ouujra dizer per muitas vezes que não auja dauer cleriguos nem frades e que per eles se auja de perder ho mundo que todos avião de ser casados e que tambem lhe ouujra dizer ao dito monsjor de boles que ele quando pecaua que se confesaua a deus somente e que não auia de dizer os seus pecados a hum homem pecador como elle principalmente aos portugeses e que asjm se auja de fazer e mais emquanto estiuese amtre os portugezes e que tambem lhe ouujo gabar e louuar a joam calujno dizendo que hera muito grande leterado e homem Santo que hera ho mor leterado que hahi auja e o que ele emsjnara e pregaua hera a verdade e o que se auja de ter e crer e que asjm o prouaria quando fose necesario e gauara muito todos os liuros que ho dito joam calujno fizera que herão verdadeiros que emsynarão a verdade das cousas da fee e que asjm ho faria serto e prouaRia e que tambem lhe ouujo dizer que não aujão de pagar dizimos nem permisjas e que jndo ho dito pedro de testemunhar nesta deuasa dixera ho dito monsjor de boles que hera verdade que ele dixera que não posesem pelas andoenças huma ymagem de hum Retauolo de nosa senhora diante delle a porta da cadea porque não hera sua vontade que antes queria pagar ha esmola que se auja de tirar que antes a queria pagar de sua bolsa que ver estar aly a ymagem e que tambem lhe ouujra dizer que bem no podião queimar mas que ele que não auja de pedir misericordia por que hera mujto boom cristão e não auja de pedir misericordia pelo que ho senhor bispo prendeo e que quando ouujra dizer as ditas cousas ao dito monsjor de boles estaua presente gilherme da porta e cantim fernandes e dinis e pedro de graçia da uila e al não dise e o asjnou com ho dito senhor bispo e o ouujdor geral e do custume dixe nada e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj / *joam vaaz/ O bispo / blasius/.*

E depois desto aos dezanove dias do mez de junho da hera de mil e quinhentos e sesenta e hum anos fuy eu escriuão a casa do ouujdor

geral estamdo la ho senhor bispo e tirou ho dito senhor a bras aluares e estaua persente o dito ouujdor geral e seu dito he o que ao diante se segue e eu fernão vaaz escriuão que ho espreuj.=

BRAS ALUARES morador em vjla velha testemunha jurado aos santos auangelhos que pelo senhor bispo lhes foram dados em que ele pos a mão perante mim escriuão e prometeo de dizer a verdade=

Perguntado elle testemunha pelo conteudo no dito auto que pelo sénhor bispo lhes foi lydo e declarado dise ele testemunha que os dias pasados depois de monsjor de boles estar prezo na cadea desta cidade por causa da santa jnquisyção lhe ouujo dizer per vezes que não auja de auer ahi papa na jgreja de Roma e que os papas que vendião tudo o que fazião por dinheiro asjm bulas como jndulgensjas e que vendidas asjm não tinhão efeito nem herão valyosas e que deus que não mandaRa que as desem por dinheiros senão de graça como fazia são pedro e tambem lhe ouujra dizer que não sabja se auja ahi purgatoreo que na sagrada escritura que não dezia senão que auja jmferno e parayso e que tambem lhe ouujra dizer per vezes que não se auja de dar credito a nenhuma escritura senão a sagrada escritura e que tambem lhe ouujra dizer que não se auja de pedir nada aos santos senão a deus somente e que tambem lhe ouujra dizer que se ele estiuera no consjlio quando se tomou detremjnação sobre as ymages dos santos que ele fora em voto de não nas auer ahi e que tambem lhe ouujra dizer que se não auja de dizer misa da maneira que os clериguos a dezião e selebrauão no santo sacramento senão que se auja de dar aos penitemtes cada hum seu pequeno de pão na mão e hum pouquo de uinho pulo pera comer ho pão e beber ho uinho sobre elle porque noso senhor asj ho deRa a seus deçipulos e que asjm se auja de fazer e que tambem dixera por vezes que os cleriguos não tinhão poder pera perdoar pecados que herão pecadores como os outros homens e que deus somente os perdoaua e tinha poder pera ysso e que ho sobredito dezia jsto quando uja passar os padres da companhia as mais das vezes e que ao tempo que ele ouujra dizer as ditas cousas ao dito monsjor de bolles estauão persentes antonio fernandes caseReiro e cantim fernandes e gilherme da porta e dinis e pedro escrauo de graçia da uilla e hum moço por nome joane e mas não dise por mais não saber e o asjnou com ho dito senhor e o ouujdor geral e do custume dise nada e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *bras aluares / O bispo / blasius //.*

E depois desto aos vinte e seis dias do mez de junho da hera de mill e quinhentos e sesenta e hum anos nas pousadas do doutor bras fragoso ouujdor geral destas partes e prouedor mor da fazenda de sua alteza estando ahi ho Senhor bispo por ho dito senhor foi mandado vir

perante sj a monsjor de boles prezo por antonjo lopes meirinho dante ho dito senhor e lhe fizerão as perguntas segintes estamdo a elas persentes o ouujdor geral e francisco bicudo escriuão da coRejção e luis da costa tabaliam do pubriquo judiciall e as ditas perguntas são as que ao diante vãoo escritas e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj //.

Perguntado como se chama dise que se chamaua joauano cojnta natural de bolles lugar de fransa da jurdição de troia cãopanho do arcebispado de saãs solteiro filho de joauano cojnta e de francisca calfunja lhe foi feito pergunta se fizera profisão em alguma ordem dise que não perguntado se tinha ordens dise que sendo menino mujto pequeno ho crismara ho cardeal de borbom na jgreja de brunel e que não sabja se lhe derão emtão ordens— perguntado que quem no trouxera a estas partes do brasill e que viera fazer a elas dise que estamdo em framsa mandamdo o chamar a Rainha velha descorsja pera se seruir delle e pera cousas de seu seruiço elle se fora espedir do conde estable monsjor de fransa e sabendo o almirante que elle se queria yr de fransa pera escorsja e ho mandara chamar hum primo seu por nome monsjor de saler e que lhe dixera que fisese com elle joauano cojnta que quisese vyr ao Rio de janeiro que esta nestas partes do brasil omde estaua por capitão monsjor de uilla ganhão com gente de fransa pera os por em ordem da gouernamsa que aujão de ter na Repubriqua amtre sj e pera lhe fazer estatutos e leis e que vivesem conforme ao tempo e a desposjsão da teRa por ser homem douto e ter boa opinyão de que ho poderia fazer e que ho dito seu primo hacabara com elle que não fose a escorsja e que viese ao Rio de Janeiro e como de feito elle se embarquara loguo em huma armada do dito capitão monsjor de uilla ganhão que no dito tempo tratara com os moradores dise que esteue diguo que partio de fransa pera o dito Rio de janeiro e que esteue ahi em companhia do dito capitão monsjor de uila ganhão que no dito tempo tratara com os moradores dise que esteue com eles obra de seis mezes e no dito tempo fizera alguns estatutos aserqua da gouernamsa da teRa que lhes amtão paResera neçesario= perguntado se no dito tempo lhes emsynara alguma cousa da fee ou fizera sobre yso alguns estatutos dise que não hera ese seu cargo e que na mesma armada omde elle veio em outra naoo vierão dous homens um por nome mestre gilherme e outro mestre pedro os quais vinhão pera pregarem e pregarem a fee aos que na dita fortaleza estauão e que não sabja se herão teoleguos os quaes herão naturais de janebra e desjpulos de calujno os quais em chegando ao Rio de janeiro comesarão loguo de pregar e pregarão no tempo que ha hi estiuerão a opinjão de calujno e de os que ho segião dizemdo antre outras cousas que se não auja de por os oleos da crisma nem os mais outros somente que se auja de bautisar na augoa sem nenhuma mais seRimonya somente eu te bautizo em nome do padre filho e esprito santo e que se nao auja de deitar augoa no vinho quando se

consegraua e que se não auja de dizer misa somente quatro vezes no ano a saber aujão de fazer a sea a qual sea tomauão hum pão qual achauão em casa e com sertas palauras depois de ditas sertas oRações aquele homem que escolhião pera yso sem ter ordens nem ser emleyto canoniquamente tomaua o dito pão e o partia em pedacinhos e a cada pesoa auja de dar hum pedaçinho sem dizer as palauras da consegração dizemdo que comesem aquele pão em lembransa de como cristo morera por elles e asjm como ho pão hera ujda do corpo asjm aquele pão senificaua a ujda de cristo diguo o corpo de cristo hera ujda da alma e depois de darem a cada hum seu pedaçinho lhes aujão de dar a cada hum seu pouquozinho de uinho pulo sem augoa sobre ho pão dizemdo lhe que se lembrasem que cristo derramara ho seu sangue por elles e que qualquer do pouo podião emleger pera fazer a dita sea diguo ho pouo pera fazer a dita sea comtanto que ho que emlegesem soubese e pregase a dita opinjão de calujno a qual estaua empreza em liuros que eles tinhão na dita fortaleza do Rio de janeiro e que tinhão as outras opinjões de calujno e que não crião na santa jgreja de Roma e que lhe chamauão mansebia de Roma e que os papas se chamauão ante cristos e que emganauão os cristãos e que os papas herão tiranos e leuão dinheiros e que vendião bulas e que herão falsydades tudo e que ho fazião por ganharem dinheiros e que quanto ho papa mandaua herão tudo falsydades e não tinha efeito nem uigor em os seos que dezião que são pedro não fora papa nem auja ahi papa e que não auja de auer ahi cleriguos nem frades nem outros Relegiosos canoniquamente ordenados e que todos aujão de ser leyguos solteiros ou casados por que ho saserdosjo lhe hera serimonja que acabara com as outras seRemonias com ha morte de cristo e que a jgreja de Roma nam tinha mais que qualquer jgreja de uilla ou sjdade e que nas jgrejas não auja dauer altares nem jmages de uulto nem Retauolo de cristo pinturas somente auja de ser huma casa pera nela yrem ouujr as pregações e fazer as oRações e que tambem pregauão que se não auja de crer nem dar autoridade a nenhuns liuros nem a nenhuma escritura senão a sagrada escritura nem se auja de dar autoridade nem credito aos consjlios nem teolegos doutores da sagrada escritura nem a nenhum doutor sagrado da jgreja e que tambem pregauão e emsynauão que hos Santos que estauão bem auemturados no paRaiso e que não sabião ho que se fazia na teRa e que lhes não auyão de pedir nada a eles que se auja de pedir a deus somente e que não se lhe aujão de gardar as festas que os cristaos qua gardauão somente se auja de gardar ho dominguo e que se não auja de jejumar nenhum dia nem a coResma e que em todos os dias podião comer carne quando quisesem e que não se aujão de confesar os cristãos aos cleriguos nem frades nem outros Relegiosos Somente se aujão de confesar a deus dizemdo lhe a deus suas culpas jmente sem as pernunciar por palaura e que tambem pregauão que não auja purgatoreo senão paraizo e jmferno ho paraizo pera os boons o jmferno pera os mãos e que se

auja de ter e crer toda opinjão do dito joam calujno porque a sua opinjão hera a verdadeira e que se auja de ter e todas as houtras herão falsas.

Perguntado que pesoas herão as que estauão na dita fortaleza do Rio de janeiro omde ele estaua que tinha e segião a dita opinjão do dito joam calujno dise que herão dez ou onze homes naturais de janebra de saboya que vierão com elles na dita armada e mais o dito capitão do Rio de janeiro monsjor de villa ganhão os quais se chamão a saber felipe de corquilhel e joam deliueira e mateus e que lhe não lembrauão os nomes dos outros diguo dos mais e que no principio o dito monsjor de uilla ganhão segia em todo a dita opinjão de joam calujno e que dahi a sertos mezes temdo duujda se ho pão auja de ser afermentado ou não e se ho uinho se lhe aujão de botar augoa ou não com pareser dos mais mandou que se não fizese a sea de que asjma faz mensão ate uir Reposta de fransa das cartas que sobre yso tinhão escritas.

Perguntado de que hopinjão hera elle monsjor de boles joauano cojnta se hera da dita opinjão de calujno dise que não e que elle tynha e cria o que tinha e cre a santa madre jgreja de Roma e quanto a opinjão que tem os decipulos de calujno que na sea se ha de dar ho pão nas mãos ao que ho hade tomar e que ele com ha sua mão ho ha de meter na boqua e que ho que lho da ho não ha de meter na boqua /dise que se elle estiuera no tempo em que a jgreja ho detreminou no consjlio que ho saserdote metese na boca ho santo sacramento ao penitente como se agora faz e uza antre os cristãos que crem na Santa madre jgreja que ele fora em uoto e opinjão que ho saserdote não metese ho santo sacramento na boqua ao penitente senão que lho dese na mão do penitente e que ho penjtente da sua mão ho metese na boqua porquanto asjm ho fez cristo aos apostolos e em a primytiva jgreja se usaua e porem que agora que estaua detryminado pela santa madre jgreja que ho saserdote metese o santo sacramento na boqua ao penitente e lho não dese na mão que ele tinha e cria que asjm se auja de fazer porque ele fora bautizado e criado na jgreja de greçia omde se custuma dar ho santo sacramento na mão que ele fora da opinjão de o darem na mão por que tem pera sj que ho paReser dele hera mais probauel e mais conforme a escritura e ao custume dos orto doxos da primitiua jgreja—perguntado se tem e cre que tudo aquelo que o papa faz na tera uzando de sua jurdisão asjm pera atar como pera comdenar e pera dezatar a absoluer nas almas se he feito e fiqua feito da mesma maneira nos seos pera com deus e suas bulas que ele pasa se tem força e vigor nos seos pera com deus dise que ele tinha pera sj e cria que tudo aquelo que ho papa fazia na teRa uzando de sua jurdição justamente asj pera comdenar as almas como pera absoluer que hera feito nos seos pera com deus se ho papa justamente ho fazia e que se ho papa fazia alguma cousa com paixão ou zelo de vingansa enjustamente não hera feito no seo pera com

deus nem tinha força nem uigor pera com deus e que se o papa fazia algumas cousas quer pera absoluer as almas quer pera as comdenar na teRa paResendo lhe que ho que fazia hera justo e que niso fazia justiça se as cousas em sj herão emjustas não obrigauão no seo pera com deus nem tinhão forsa nem uigor pera cousa alguma somente que quando excomungaua alguma pesoa paResendo lhe que ho excomungaua justamente se ha causa per que ho excomungaua hera emjusta que hera obrigado a se absoluer ho excomungado pera euitar ho escandalo do pouo e porem que ha dita excomunhão nam ataua nem desataua pera com deus=perguntado se tinha pera sj e cria que hauja ahi estado de Relegião cleriguos e frades e que daly se podião saluar os cristãos dise que ele nesta parte nam se estreuja a sostentar em desputa auer de auer estado de Relegião como tem permetido a jgreja de Roma que aja por que não lhe ue fundamento domde saise e se fundase pelo que tem uisto na sagrada escritura nem menos a opinjão de calujno que tem que não hahi de auer Relegião e que ategora que não se detremjnaua em mais que ter aquelo que cre a santa madre jgreja=perguntado se com ha morte de cristo se hacabaua ho sacerdosjo e se auerya ahi mais que huma lej dise que ho saserdosjo de abrahão sesaRa e acabara com a morte de cristo e que depois de sua morte ficara o saserdosjode melchisede e que a lej velha e noua que tudo hera huma lej e que por morte de cristo espirara as sjrimonjas da lej uelha e algumas promisois somente ficarão as persentes legais e moRais=preguntado se a jgreja de Roma se tinha mais poderes que ha de paris ou de qualquer outra sjdade e asjm hos mesmos bispos se tinhão mais poder que ho de Roma que hos outros bispos dise que ate o tempo do emperador foquas e do papa bonefacio tercio tinhão todos os bispos ygual poder com ho de Roma e asjm as mesmas jgrejas e que a de Roma nam fora cabeça ate aquele tempo e que jsto tinha por mujto serto. e que foquas emperador o fez e fauoReseo a bonifacio terçio com que ficase por bispo huniuersal e cabesa de todos os outros bispos e que todos lhes obedesesem o qual bonifaçio terçio hera bispo de Roma e que por esta causa e por comsagrarem em pão fromentado e por casarem os cleriguos se apartou a jgreja de greçia da Romana e que são gregorio excomungou aquele que fizerão hatreujdo que se chamase bispo uniuersal e que depois disto que nos consjlios que se depois disto fizerão comfirmarão ho bispo de Roma por vniuersal.

Perguntado se as jmages e Retaulos em que estauão os Santos pintados e as jmages de cristo e de nosa senhora e da crus se se auião de ter nas igrejas como tem os cristãos da jgreja de Roma ou se senão deuem de ter como tem os que seguem a opinjão de calujno dise que no ano de seis sentos e trinta depois da morte de cristo não ouve ahi jmagem nenhuma nas jgrejas das asjma ditas e que no dito tempo o papa martino primeiro

mandou que se posesem as ditas jmages nos portais da igreja de são pedro nam pera se adorarem nem pera lhes fazerem oRação somente pera omRa e memoRia das jmages de jesu cristo e dos Santos que Representauão e que quando o dito papa ordenara e jnstituira as ditas jmages ouue na jgreja de Roma grandes diferensas antre os papas que depois sosederão e os emperadores e o pouo e os que tinhão que não aujão dauer jmages excomungauão os que mandauão que as tiuesem e os mandauão desemterar os papas e deitalos no Rio tigre e os que tinhão a contraira opinjão mandauão fazer ho mesmo os que tinhão o contrairo e que se ele monsjor de boles fora naquele tempo em que os papas tinhão deferensa se auja dauer as ditas jmages ou não nas jgrejas ele fora de opinjão e uoto que as não ouuese nas jgrejas nem de jesu cristo jmagens nem jmages da crus nem de nosa senhora nem de todolos outros santos asj de uulto como em pintura em Retauolos por que tem pera sj que ha dita opinjão he majs prouada visto os mandamentos de deus e ho decreto do papa jalacio sexto e porem que agora pois que a jgreja em que elle foi bautizado de Roma tem que ha de auer as ditas ymages nas jgrejas lhe parese que terião alguma Rezão em ho mandaRem fazer e que tem pera sy que ho deue de auer jmages nas jgrejas nam pera as adoRaRem se não pera os adiotas se alembrarem dos Santos e que jsto tem agora pera sj = perguntado se nas cousas da fee se se hade dar credito a outros liuros ou santos ou consylyos ou escrituras afora a sagrada escritura ou se se deue de dar fee e credito a sagrada escritura somente como tem os que segem a opinjão de calujno dise que nas cousas da fee não se ha de dar credito senão ha sagrada escritura que he o testamento nouo e velho e que quanto hera a pulicia ecleçiastiqua que he a solenjdade dos officios deujnos que se podia dar credito aos doutores santos como santo agostinho e santo ambrosjo e outros emquanto nom contradiserem diReitamente a sagrada escritura e quanto aos consjlios que são feitos geralmente e congregados do espirito santo que quer dizer que feitos sem jrem com preposjto e zelo de detreminarem cousa serta e detremjnada em seus pareseres senão com zelo e detremjnação de ho não detremjnarem no consjlio senão naquelo que no consjlio pelo esprito santo lhe fose espirado o qual esprito santo nunqua deixa a sua jgreja cayr em eRo por cristo asj ho ter prometido e aos tais cousjlios se ha de dar credito nas cousas da fee asj e da maneira que se da a sagrada escritura porque nunqua ordenão cousa que não seja deduzida formalmente ou uertualmente da sagrada escritura e que quanto aos outros consjlios feitos particulares e poruenciais podem eRar e não obrigão aos cristaos aqueles porque são sospeitos porque podem eRar nas detreminacões das cousas da fee e que aos santos se ha dc Rogar e pedir não como dadores daquelo que lhe pedem senão como empetradores e Rogadores pera com cristo =

Perguntado se ho gardar dos santos diguo gardar das festas dos santos

se se deue de fazer e gardar e não se gardando os que as não gardarem se pequam mortalmente e se yrão por yso ao jmferno dise que lhe paRese bem gardarem os cristãos as festas dos santos por que niso se louua quẽ nos fez que he deus e porem que se aqueles que as não guardão por as não guardarem fiquão obrigados a yr ao jnferno ou não que ele ho não sabe porque nunqua ho excaldrinhou e que em esta parte tem o que tinha a madre santa jgreja = perguntado pelo jejum dise que nesa parte tinha o que tinha a santa madre igreja = perguntado se nos dias de jejuns e sestas feiras e sabados se se podia comer carne dise que quando se comja ex consensu que pecaua o que a comja mortalmente e porem que se huma pesoa comese carne nos ditos dias jgnorantemente nam temdo pera sj que herão diaz de jejum nem sexta feira nem sabado senão que hera qualquer dia de somana ajnda que fose sexta feira ou sabado o dia que a comeRa jgnorantemente nam pecaua por yso mortalmente por aquela ignoransja crasa o escusaua a tanto e não a todo. e que pecaua venialmente e quanto ha confisão dise que hera de direito deujno confesarse ho cristão ao sacerdote e que não se confesando na coResma quando manda ha santa madre jgreja não sabe se pequa mortalmente se não nem se por yso yra ao jmferno ou não = perguntado se tinha pera sj que os cleriguos podião ser casados e se não pecauão mortalmente casamdo como diz que dezião os que tinhão opinjão de calujno dise que a jgreja latina tinha que não podião casar e que casamdo pecauão mortalmente e que a jgreja grega tinha que podião casar e que não pecauão cazando e que ele que nasera e fora bautizado na jgreja latina e que por yso tinha e cria e tinha o que tinha a jgreja latina e que se nasera e fora bautizado na jgreja grega que teuera e crera o que tinha e cria a jgreja grega. = perguntado se depois que viera ha estas partes do brazil se se confesara e tomara ho santo sacramento dise que auera quatro anos que partio de fransa pera estas partes do brasil e que no tempo que esteue no Rio de Janeiro que seRia dous anos pouquo mais ou menos nunqua se confesara nem tomara o Santo sacramento porque na dita fortaleza nam auja saserdote pera se poder confesar a ele nem lhe dar o santo sacramento e que auera dous anos que anda antre os portuguezes e que neles se confesara duas vezes ao vigairo de são vicente goncalo monteiro e que dambas as vezes tomara o santo sacramento por duas pascoas que la estiuera e que esta pascoa pasada senão confesara por a coResma nem tomara ho santo sacramento athe ho persente porque estaua prezo e tinha odio algumas pesoas que tinha pera sj que ho fizerão prender = perguntado por que cousa se deixara estar no dito tempo no Rio de Janeiro omde não tinhão sacerdote pera ho confesar e por que causa ho não leuara de fransa quando pera laa fora e se deixara estar amtre os asjma ditos que dezia que pregauão a opinjão de calujno e que não auja de auer hahi saserdote e se não aujão de confesar a eles dise que quando fora de fransa pera o Rio de Janeiro não fora com preposjto e tenção de

morar laa somente pera ordenar a Repubriqua com seus estatutos e custumes com ho que se auja de gouernar a puliçia dela e tornarse pera fransa e que estamdo la pera uer se os sobreditos dezião que se auja de consagrar o corpo de cristo em qualquer pão ajnda que fose formentado e que se não auja de lansar agoa no vinho quando se consagrase o sange de cristo e que não hera necesario no bautismo de uzar dos oleos e que se não auja de gardar as jurdicões de homes eclesjasticos como dito tem elle se apartara com alguns que hos segirão dos que tinhão a opinjão de calujno ate uir a Reposta de fransa do que aujão de ter e crer acerqa das ditas duujdas dos leterados de fransa a quem tinhão escrito.

Perguntado que leterados herão e como se chamauão hos ditos leterados a quem tenha escrito dise que escreuera a hum abade de paris que se chama monsjor de saljna e ha querculos lejtor abraico Resjdente em paris e o monsjor de paris doutor em teologia e ao almirante de fransa que tomase pera yso aqueles doutores que lhe mjlhor paResese e que lhe não viera mais a Reposta e que estamdo asj apartado e ter por emformação que hos jndios hiam contra os portugeses de São Vicente lhe fora dar auizo e se ficara em são Vicente e não fora mais pera os fransezes e feitas as dita sperguntas as asjnou o dito joauano cojnta monsjor de boles com ho senhor bispo e com ho senhor doutor bras fragoso ouujdor geral nestas partes diguo nestas ditas partes e prouedor moor da fazenda de Sua Alteza e com francisco bicudo escriuão e luis da costa outro sj escriuão e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj asj diguo por que asj creo quem mejor me emsjnare reuocare / *des boules / o bispo / blasjus / francisquo bicudo / luis da costa /*

E depois desto aos dous dias do mes dagosto da hera de mil e quinhentos e sesenta e hum anos fui eu escriuão estando ho Senhor bispo as casas omde pousa o doutor bras fragoso e em sua persensa se perguntou ha testemunha ao diante escrita pelo senhor bispo e seu dito he ho que ao diante se segue e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj,

JOAM FERNANDES criado de fernão vaaz da costa testemunha jurado aos Santos avangelhos que pelo senhor bispo lhes foram dados em que elle pos a mão e prometeo dizer verdade.

Perguntado elle testemunha pelo conteudo no dito auto que pelo senhor bispo lhes foy lydo e declarado dise elle testemunha que estamdo prezo na cadea ouuira dizer a monsjor de boles que tambem esta prezo na cadea que a ygreja de Roma não tinha mais poderes do que tinha qualquer outra ygreja nem o papa tinha mais poderes que qualquer outro cleriguo e que os cleriguos aujão de ser todos casados e que os cleriguos e bispos que herão porquos de deus e que ho que fazião que ho fazião por dinheiro e que a crus que hera hum paoo e que os Retauolos que herão tintas e que hera pintar como querião que não se aujão dadorar as ditas ymagens nem crus e

que podião comer carne as sextas feiras e sabados e dias da coResma sem por yso pecar e que os dias do jejum da ygreja que os podião jejumar se quisesem e que ajmda que os não jejumasem que não pecauão por yso e que se Ria das cousas que fazião os papas e zombaua delas e dezia que dezia hum liuro que ele tinha a que ele testemunha não sabe ho nome somente dizer gilherme da porta que ho dito liuro hera de hum lutaro e que aquele liuro lhe auyão de dar credito porque ele emsynaua a uerdade e que o que ele dezia he verdade e que estamdo elle testemunha prezo pelas amdoenças hum prezo da dita cadea mandaRa por hum Retauolo de nosa senhora com huma bacia pera lhe deitarem esmola elle dezia que deixasem a basja e tirasem ho Retauolo que daria esmola quem quizese e que se não auja de pedir por amor de deus que hera Rizo e al não dise elle ho asjnou com ho Senhor bispo e com ho dito ouujdor geral e perguntado pelo custume dise nichel e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj *joam fernandez/ o bispo / blasius/*

E depois desto aos tres dias do mes dagosto da hera de mil e qujnhentos e sesenta e hum anos mandou ho senhor bispo uir perante sy a monsjor de boles e lhe amoestou que confesase suas culpas porque confesando aueria com elle misericordia lhe fez as perguntas ao diante escritas estamdo a elas persentes o doutor bras fragoso ouuydor geral nas ditas partes e prouedor moor de sua alteza e eu fernão vaz escriuão que ho escreuj=

Segundas preguntas=

E loguo lhe foi dado juramento aos Santos avangelhos em que ele pos a mão pera dizer verdade o que ele prometeo de dizer pelo juramento que lhe foi dado e lhe foi perguntado se dixera ou fizera algumas cousas contra a fee de noso senhor jesu cristo ou que Repuchase aos seus santos mandamentos ou contra a jgreja de Roma e foy perguntado pelos perseitos e mandamentos dixe os dez mandamentos e a doutrina cristãa e os pecados mortais pater noster e aue maRia credo que lhe não alembraua a salue Regina e fez ho sjnal da crus = e perguntado se tinha dito algumas cousas contra a fee de jesu cristo ou tinha pera sj algumas opinjões contra a fee ou contra a santa madre igreja de Roma dixe que nunqua dixera cousa alguma contra a sagrada escritura nem contra as detremjnações da jgreja de Roma e que alguns sabados e dias da coResma comja carne dous dias por ter necesidade e por estar doente mas não que tiuesse pera sj que comendo a nos ditos dias nam pecaua e que estamdo hum dia em pernãobuquo tendo quatorze ou quinze pesoas pera comeRem com elle por não auer pescado em abastamsa pera lhe dar de comer mandara asar hum lombo de uaqua pera sj por estar mal desposto e trazendo o a mesa dixera contra a gente que estaua que quem tiuese pera sj que não pecaua comendo carne no dito dja que comese do dito lombo porque ele que a comja por estar mal desposto elle comeRa do

lombo e tres ou quatro amtre os quais fora hum ospade de casa dioguo dabreu segundo sua lembrança e que estauão persentes dom felipe e frei joam e goncalo Ribeiro e gaspar pinheiro da conpanhia de jesus e que he verdade que estamdo elle no Rio de Janeiro fora la ter hum cristouão Rodrigues que fora procurador da uilla de Santos da capitanja de são vicente e em pratiqua dixera a ele monsjor de boles e contra outras pesoas que estauão persentes que hos francezes que herão judeus eReges que não tinhão crus elle monsjor de boles lhe Respondeo com paixão—ho homem de baixo emtendimento que cujda que ha Relegiaam cristaam consjste em ter hum paoo atrauesado nam consjste senão em ho misterio da crus nam viste que estes pobres homens nam tinham ajnda feito casa pera se meterem como avião de fazer crus e que ele tem pera sj e asim ho cre que ha crus he jmagem de jesu cristo e de nosa senhora e dos santos senão has am dadorar somente são pera lembransa das cousas que se não vem se am dadorar e que se hos homens todos forão leterados que hera milhor nam nas auer as ditas jmages que auelas ho que pera os adiotas he boom avelas pera lhes Representar ho do que são jmages e que estamdo em são vjsente pouquo mais ou menos fora ter omde ele pousaua com liadoro alemão e lhe dixera abrindo ho liuro do acopalipsi numa autoridade que dezia qui habet intelectum computet numerum bestiæ que lhe declarase como se emtendia aquela autoridade elle monsjor de boles lhe dixera que sobre fora mujto pouquos doutores e que ele não lera mais que huma expuzisão de hum doutor que se não nomeaua ho nome dele e elle tinha pera sj que he calujno ou doutro alemão a qual expuzisão hera excandelosa e que entrepetaua pela jgreja de italya dando lhe pera yso Rezões e porem que ele tem pera sj que se não ha de entrepetar senão de mafamede e que depois de elle estar prezo na cadea algumas pesoas lhe forão perguntar que lhes dixese ho porque ho acusauão porque ho prenderão elle lhes dezia que ho prenderão porque ele dixera em algumas partes em são visente e contara mujtas opinjões que tinhão os lutaros mouros e judeus e que algumas pesoas foram dizer que ele que dezia que as ditas cousas e opinjões dos luteros mouros e judeus heram as verdadeiras e as que se aujão de ter e que pelo que as ditas pesoas dixerão ho prenderão.

Perguntado que opinjões herão as que dezia que contaua que tinhão os sobreditos dixe que herão todas as opiniões que eles tinhão e que ele que ho contaua a homes entendidos com que falaua que ho emtendião e que os outros jgnorantes que estauão persentes ou por ignorancia ou por malicia dezião que ele que dezia que as ditas opinjões aujão de ter e crer nam sendo asj porque ele nam tinha nem cria que as opinjões dos luteros nem calujno nem dos mouros nem dos judeus he a verdadeira e que os que as tem são afastados da verdade e do gremio da ygreja e feitas outras mais perguntas ao caso necesarias dise que não dezia mais que ho que tinha dito nas outras perguntas que lhe dantes foram feitas e que as cousas asjma ditas nestas perguntas

e nas outras que lhe tinhão feitas as dixera com boom zelo e com boa temsão e que por yso que não tinha necessidade de pedir misericordia nem perdão e que pedia justiça e com justiça ho despachasem e por mais nam dizer ho asjnou com ho dito Senhor bispo e com ho doutor bras fragoso ouujdor geral que as ditas perguntas esteue persente e eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj / *des boules* / *O bispo* / *blasius* /.

E depois desto aos vinte cinquo dias do mes dagosto da hera de mill e qujnhentos e sesenta e hum anos fiz eu escriuão estes autos comcrusos ao senhor bispo com as Jnquirições que vierão de são visente do Reo monsjor de boles com os mais ditos que se aquj nesta cidade tirarão depois do dito monsjor de boles estar prezo com as mais que ja dantes herão tiradas pelo diguo per ele dito senhor bispo asjm ho mandar e em comprimento do dito mandado o fiz comcluso eu fernão vaaz escriuão que ho escreuj.

E tresladados asj os ditos terlados per mim Joam marante escriuão da camara do dito Senhor bispo por mo ho dito Senhor mandar dos proprios que em poder de fernão vaaz escriuão fiquão e eu escriuão os terladey dos propios bem e fielmente sem antrelinha nem buradura que duujda faça e os coRie consertej com ho dito fernão vaaz escriuão que abaixo vay asjnado e as antrelinhas e buraduras e mal escrito que nos ditos terlados vão são hos segintes / antrelinhas / per humas culpas que o dito senhor tinha dele dito monsjor de boles / dito / desto / e o testemunho de pedro de la crus / doutor / somente ho dominguo / nem se auja de jejumar as besporas dos santos. nem aja duujda no termo da antrelinha que se fez por verdade obrygados / em lisboa / a qual sea / mal escritos. eReges/ ho / Risquado o doutor bras fragoso ouujdor geral por que tudo se fez por verdade e vão escritos em vinte e sete meas folhas de papel todas escritas e vão seRadas e aseladas com ho selo do dito Senhor e asjnamos oje vinte cinqo dias do mes dagosto joam marante escriuão da camara do dito senhor bispo a fez ano do nacimento do noso senhor Jesu cristo de mil quinhentos e sesenta e hum anos. *joam marante.*

Pagou quatrocentos e sinqoenta reaes.

Conserttado comigo fernão vaaz escriuão da corte he vigairo geral.

fernão vaaz.

Remeto estes autos visto a materia delles aos Senhores presidente e deputados da sancta jnquisição da cidade de lisboa e mando que ho dito monseor de bolles seja entrege ao mestre da nãoo santyaguoo que hora vay para o Reyno para que elle entrege o dito monseor de bolles aos ditos

senhores emquisidores com estes autos os quais mando que seião cerrados e asellados com o sello das nossas armas e mando ao escriuão que faca auto de entregua com testemunhas conhecidas de que yra ho tresllado e o dito aluaro eannes mestre da dita nãao trara certidão de como ho entregou o dito monseor de bolles na sancta emquisição //.

Bispo dom Saluador—/.

Señor—Disen me que Vuestra Señoria pone gran diligencia en pescudar si yo sé letras y si las que yo sé son sacras o prophanas, para tirar Vuestra Señoria desto trabaio, sepa que yo me precié siempre de cauallero, y tingo por gran pulla llamarme letrado ca aun que my niñez y mocedad gasté en letras, passé my juuentud en armas, por las quales yo nascy, pues desciendo de Jupiter de creta en linea indireta por hercules thebano y los doze ptolomes de egipto, la qual casta es de vna gente tan aguda en larte marcial y paladia que a nuestro gran auelo llamaron hijo del dia y del cielo, porque era tan celeste en su sciençia tan luzido en su vida, y esfuerzado en su guerra que los cretenses eran espantados de ver los titanes vencidos y crecer cada dia en sabios hechos para la republica y heroycos para la guerra. A hercules porque era gran astrologo sustento en sus ombros el cielo para aiudar a ahtlas como fingen los poetas ptolomeo lago conquisto la india philadelpho su hijo descubrio la canaria y hizo en griego treladar la biblia hizo vna bibliotheca muy famosa en alexandria en fin muy pocos descendieron desta felice casta quy no fuesen esfuerzados en armas y consummados Juntamente en letras como es manifiesto en todas las historias sacras y prophanas, y porque soy participante dela influencia del beneuolo astro, siendo niño me dauan pan en vna mano y azote en la otra, y agora que soy mancebo, tingo siempre libro o espada, no aprendy letras para ganar algo con my sciencia mas estudie en las prophanas por desinfadamiento y las sacras para descanso de my consciencia, se desir todavia a Vuestra Señoria que ande por francia españa y italya y nunca hallé quy me leuasse auantage en grammatica, rethorica, dialetica, logica, phisica, y philosophia y nunca hallé my ygual ny quy me llegasse vna legoa en methaphisica, profundesa de lescritura sagrada, y en la speculatiua prophana, o theologia pratica, que si lotro dia por no disputar o sophisticar dixe que yo no era theologo no negué que yo no entendiese la biblia, mas quisé desir que yo tenia en poco las questiones litigiosas y sophisticas no dexo toda via de tener leidos y aun decorados quasi todos los comentarios de los dotores antigos, hebraicos, griegos y latinos Vuestra Señoria me toma por paruo porque desmasiadamente me gabo mas afin que pueda reyr a boca abierta, otra vez digo que mucho mas se me queda para desir, que no tingo escrito quizé rememorar my grandeza, [lo que yo no determinaua hasta que yo

llegasse al reyno] la qual sobre la heredar de mys avuelos la tingo en my persona afin que Vuestra Señoria no se espante si tanto me quexo en mys cartas de la frenta que me hizo, ca aun que yo vuiese merecido algum castigo no merecy ser iniuriado mando dios a Jehu que matasse la cruel hiezabel muger del impio acab que destruya el culto diujno, mas le cato cortesia no le negando sepulcro sepelite [inquit] eam quia filia regis est.

Siento mucho tambien el menosprecio que Vuestra Señoria me haze teniendo mys peticiones que releuen a my justicia vn mes sin despachar y sus pages no las quieren dexar entrar, y por esso a las vezes me desmando y hablo de Vuestra Señoria lo que se me antoja.

Mando Vuestra Señoria llamar el carcelero my mortal enemigo el qual me puso despues de pocos mezes vna espada en los pechos y si no le tiré la vida es porque yo estaua en hierros y porque tiene miedo que no le acusen de Judio ca por tal fué su padre [como es fama] ya quemado, dixo lo que quizo, a saber que yo desia mal de los clerigos y que el dia de las endolencias yo no queria que se poniese altar a la puerta de la prision, esso es Verdad mas de Vuestra Señoria digo mal y de luis dagran, no por Vuestras ordenes, sino por el mal que siento del altar es Verdad que no tenia verguenza de ser en casa onde pidian esmola, porque vn tal hombre como yo, auia de ser goardado de soldados quy la conpañassen quando quisiesse yr por las calles, y plaças y no faser con los pobres quy piden esmolas, = testifico tambien contra my vn desoreiado menezes, porque yo le arguy de lo que desia que era Judio, porque a la Verdad desir lo que desia y negar a cristo todo es vno, nunca passé con el otra cosa si algo adeuino poco se me da, ca el hombre a Juizio de todos ruyn no pode preiudicar a lo quy al Juizio de todos es Bueno Ruego a Vuestra Señoria que me mande tornar mys papeles quy no deuen nada a Justicia y los libros para les tornar a su dueño. Beso las manos de Vuestra Señoria.

A seruicio de Vuestra Señoria *Des Boulez* =

E depois desto aos vinte e seis dias do mes dagosto da era de mil e quinhentos e sesenta e hum anos mandou o Senhor bispo a mim escriuão que acostase esta carta que aqui vay acostada escrita pelo dito monsjor de boles e asinada por elle a qual carta o dito monsjor mandou ao senhor bispo e por nelas falar algumas cousas que Repunhão a santa fee catoliqua mandou que acostase aqui e he a seginte e eu joam marante escriuão da camara do dito senhor bispo / ho escreuj e asjnej com fernão vaaz escriuão dante o vigairo geral do dito senhor.

Joam marante. //
fernão vaz. //

E despos desto aos oito dias do mes de mayo da era de mill e quinhentos e sesemta e tres annos nesta cidade do saluador bahia de todollos samtos teRas do brasyl em as pousadas do Senhor dom pedro leitão bispo desta cidade do Salluador e comisairo gerall em todas as capitanias e teRas desta costa do brasil do conseiho del Rey noso Senhor e etc. pelo dito Senhor Bispo foy dado a francisco da luz seu prouisor e vygairo gerall huma carta aduocatoria do Senhor cardeall Jfte Jmquisidor gerall nestes Reynos de portugual per que o dito Senhor manda leuar a desboulest framçes da prisão domde estãa com as cullpas que delle ouuer aos senhores jmquisidores apostollicos do arcebispado de lisboa prezo a bom Recado pelas ditas cullpas serem tocantes ha nosa santa fee e a santa ymquisição / dizendo o dito Senhor bispo ao dito prouisor e vigario gerall que loguo com breuidade mandase fazer prestes ao dito preso des boulest frances com ho treslado de todas suas cullpas pera com ellas ser leuado asy como se continha na dita carta aduocatoria aos senhores jmquisydores do arcebispado de lisboa e pelo dito vigairo geral foy mandado a mjm escrivam que fizese este termo nestes autos e aquy tresladase a dita carta aduocatoria pera comtudo mandar o dito des boulest conforme a dita carta na nao baRillejra que ora esta surta nesta bahia pera seguir sua viagem pera a cidade de lisboa de que he mestre e senhorio guoncalo diaz de pomte e eu manuel nunez que ho escreuj //.

TRESLADO da carta aduocatoria do Senhor cardeall Jfante. //

O Cardeal Jfante lleguado de latere nas cousas da fee Jmquisidor geral em estes Rejnos e senhorios de purtugual etc fazemos saber a Vos Reverendo dom pedro leitão bispo do brasjl do conselho del Rey meu Senhor / como somos emformado que diamte vos pemde huma causa criminal contra hum des boulest frances de nacão / prezo por causas tocamtes ha nossa santa fee catholica / E porque nos pareçeo çeruiço de nosso Senhor aduocamos a vos a dita causa por vertude de hum breve espeçiall que do samto padre temos pera os semelhantes casos / cujo treslado com esta uos sera dado / vos mandamos autoridade apostolica tamto que esta nosa carta aduocatoria vos for mostrada mandeis no prymeiro navyo que pera este Reyno vier o dito frances com quaesquer autos e cullpas que delle ouuer a bom Recado aos Jmquisidores apostolicos deste arcebispado de Lisboa per elles examinarem seu neguoçio e o procesarem e despacharem finalmente como lhes pareçer Justiça e seruiço de nosso Senhor por que pera yso lhe temos dada comisão espeçial e fareis guardar o treslado do dito breue aduocatorio não soomente pera este neguoçio senão pera outros que ao diamte se acomteçerem desta calidade que nos pareser que cumpre a seruiço de noso senhor serem a nos aduocados e nisto senão pretenda jnnorançia / dada em Lisboa sob noso

sinal e sello do santo ofiçio aos noue dias do mes de Janeiro amtonio Rodrigues a fez de mill e quinhentos e sesemta e tres anos //.

E apresentada a dita carta aduocatoria como dito he o dito provisor e vigairo gerall mandou que se comprise como se nella continha e que o dito desboulest fose emtregue preso e a bomRecado a gonçalo diaz de pomte mestre e senhorio da nao baRillejra pera que asj o emtreguase aos senhores Jmquisidores apostollicos do arcebispado de lisboa e que eu escriuão treasladase as cullpas do dito desboulest pera yrem per duas vyas aos ditos Senhores emquesydores e eu manoel nunes escrivão que o escrevy.//

francisco da luz.//.

ho qnall termo dapresemtação de carta aduocatoria e a dita carta e despacho do vigairo gerall per que mandou que se comprise eu escrivão tresladey do proprio que em meu poder fica e coRegy e concertey com ho dito vigairo e tudo vay serrado e asellado pera asj se emtregue aos senhores jmquisidores apostollicos do arcebispado de lisboa com ho dito preso des boulest e eu manoel nunes escrivão que o escrevy // Concertado comigo vigairo gerall//.

francisco da luz.//.

E comiguo escrivão *manoel nunez*=

Aos vinte e oyto dias do mes de outubro de mil quinhentos sesenta e tres anos em lisboa no Carcer da Santa Jnquisição foy entregue a pedro fernandes alcayde delle Joam Cojnta senhor de boles frances que veyo preso do brasil e porque se ouue delle por entregue asygnou aquy Manuel Cordeiro o escrevy.//.

Pedro fernandes.//. 1564=

Aos cimco dias do mes de nouembro de mjl quinhentos e sesenta e tres annos em lisboa na casa do despacho da Santa jnquisição estamdo hy os senhores jnquisidores mamdarão vir peramte sy a joauano Cojnta monseor de boles framces que veyo preso do brasil a este carcere do santo officio por elle pedir audiencia e lhe deram juramento dos santos avamgelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e o amoestarão da parte de noso senhor Jesu cristo e da santa madre jgreja que elle metese a mão em sua conçyençia e trouxese a memoria quaesquer culpas que teuera crera e praticara da secta lutherana asy pollas ler em alguuns lyuros dannados e Reprouados como per comonicação que teuese em alguns logares de franca ou em outras partes com pesoas erradas contra nosa santa fee catholica que confesase a verdade de tudo e declarase sua jntenção e pedise perdão de seus erros com

verdadeiro conhecymento e aRepemdimento delles porque com jso serya muito comsolado em sua alma e vsaryão com elle de muita claridade e lhe serya comcedida a mysericordia da Santa madre Jgreja porquanto pera jso fora mandado trazer do brasill omde estaua prezo por culpas comtheudas em esta amoestação pertemcentes a este santo officio as quaes com elle forão trazidas e que soubese que se não confesase que serya necesareo acusarem no comforme a larga emformação que contra elle avya e que o verdadeiro comselho era comfesar a verdade e não esperar acusação e por elle foy dito que avya tres annos que estaua preso per mandado do senhor bispo do brasil e que elle tynha cuydado em sua conciencya e a não achaua emcaregada em cousa que teuese crida nem dita contra a fee nem comtra a samta madre jgreja de Roma e que se algum escrupulo teuera em esas cousas ja o la disera e confesara diante do senhor bispo nas perguntas que lhe fizera com o ouujdor doutor bras fragoso e que a ellas se Reportaua posto que la nom quis pedir perdão nem que o bispo o julgase senão que o Remetese qua / e por mais não dizer foy mandado a seu carcere e asygnou aquy juntamente com elles senhores Jmquisidores Antonio Rodrigues o escreuy.//.

Diguo que não são lembrado auer dito nem feito mais do que então confesei= *Des Boulez.//.*

Jorge goncalves Ribeiro.//.

Ambrosius doctor//.

Aos onze dias do mes de nouembro de mil quinhentos sesenta e tres anos em lisboa na casa do despacho da Santa jnquisição estamdo hy os senhores Jnquisydores mandarão vyr perante sy Joauano Cojnta monseor des boles frances de nação preso no carcer do santo offiçio contheudo em estes autos e lhe derão juramento dos santos evangelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade / o qual pedio audiencia pera vir diante delles Senhores Jnquisidores e Disse que elle pedira audiencia / pera amostrar a suas merces hum papel que tinha escrito que fazia a bem de sua justiça pedia que lho mandase ajuntar a seus autos / o qual papel leo logo elle Joauano conjnta de verbo ad verbum e disse pelo juramento que tinha Recebydo que tudo o que nelle tinha escrito era verdade e que em nenhuma outra cousa sentia escrupulo em sua consciençia que pertencesse ao santo offiçio da Jnquisyção e asynou o dito papel e eu notario o ajuntey a seus autos e he o segujnte Manoel cordeiro o escreuj e de tudo os senhores Jnquisydores mandarão fazer este termo e o asynarão. /

Des Boulez ·//.

Jorge Goncalues Ribeiro ·//.

Ambrosius doctor ·//.

=Confiçam de culpas=

lembrame que na capitania de São Visente en casa de josep adorno estando presente josep adorno nicolas grilho e Jacomo doria geneuezes e hum joam tauares portugues e pedro de la cruz castelhano falando em lingoajem italiano por eu então não entender portugues contei as opinioens que tinhão os luteros que estauão no rio de janeiro e as autoridades que allegam da sagrada escritura e as não reprouei por en a pratica se leuantar huma diferença entre mj e nicolao grilho sobre ele dizer que o padre santo podia tudo e que vira já hum grande senhor de sua terra muito discreto e muito sabio falar a Sua Santidade por omnjpotencia e eu responder que não era ben falado porque aquelle epiteto não conujnja senão a deos e que o papa não podia senão o que era justo e ele perfiar que podia escommungar qven quizesse e eu perfiar que não podia e se o fizesse o tal não seria excomungado no ceo e por se mudar a pratica não falamos mais nisso por então .//.

lembrame que na mesa do gouernador men de saa contej o mesmo estando presentes Sua senhoria e—Bastião alures e pedro de seabra e frutuoso afonso e alguns outros mais loguo reprouej tudo e dei a reposta que os ortodoxos dan a seus argumentos como isto viram no tempo do dito gouernador en hum instrumento que tirej por mj com licensa do Senhor bispo //

lembrame que eu dise muitas cousas destas a Baltazar de goes e lhe lej en portuguez hum liuro que eu tinha feito en latim contra deliria calujnj e acabaado de lhe ler lhe disse estes são os principaes pontos en que diferimos co os lutheros que se nestes concordaram conosco / no de mais me pareceu ter rezão e estendendo se a pratica como eramos ociosos na nao lhe especifiquej muitas cousas que eu temo as auer elle acrescentadas se por auentura foi testemunha porque quando me prenderão estauamos mal por ele me auer feito velhaqueria en cousa que se estranha muito entre os homens tendo receuido de mj muitas amizdades e eu o tinha afrontado pondo o fora de casa e dizendo aos outros a rezão=lembrame que eu disse huma vez a dom philipe de moura que estaua rezando, pera que he tanto rezar! deixais rezar os frades que pera isso estan no moesteiro e vamos almorçar e ele respomdeo bom he todo homem rezar=lembrame que estando prezo no brasill muitas vezes quando o carcereiro antonio fernandes vinha ver os ferros assentaua se junto comigo e praticauamos duas ou tres horas pera passar a noute e muitas vezes nossas praticas eram sobre mjnha prizão e sobre as cousas de que me acusauam en presença de todos os prezos como me parece que ja tenho dito nas preguntas no brasill e não dubdo que eu não dissesse muitos desatinos porque a ocasião que eu tinha e a prizão bastaua pera desesperaçam e porem não são lembrado porque tenho a memoria danada dos inhumanos traualhos que passei e a jra podia turbar o Juizo como acontesce aos prezos e por auer muito tempo.

ho que eu disse das imagens he que os antigos que as introduxeram não o fizerão pera seren adoradas senão pera seren liuro dos idiotas e que pouco a pouco as reuerenciarão e dahi vierão a lhes dar a mesma adoracam que a os que representauam e teuerão logo theologos que especularão que aquillo era bom pera fauorecer ao erro popular e concruserão que a imagem de deos se deuia adoraçam de latria e a da virgen madre de hiperdulia mais que isso era falso porque o que representaua era deos mais aquillo era papel e tinta e lhe não deuiam adoraçam nenhuma ho mais andanas preguntas do brasil.

Das indulgencias não me lembra nunqua auer falado nem en ben nen en mal se não somente hum dia a molher de hum prezo truxe a seu marido huma bulla de muitos perdoens que eram vindos do porto de portugal que o bispo do brasil não quiz que se puricasse e leendo me pergunto hum prezo que sinificauam aquellas quarentenas e millares de anos eu lhe respondi que eu não sabia nem nunquam achara quem mo podesse dizer, e ele repricou, quem o sabra se vos o não sabeis então respondi soi eu obrigado per força a saber tudo e se fora cousa da sagrada escritura ou de philosophia por auentura que o soubera mas isto é sciencia de creligos —Quando estas cousas se disserão ou a moor parte dellas estaua presente o dito carcereiro o qual foi testemunha contra mj e quentim fernandes e guilherme da porta o qual guilherme he hum teçelão que mercou huns liuros em lingoagem francés a hum marinheiro que fora já a frança e perguntado quem lhe dera aquelles liuros e cujdando que se dissesse que eu lhes dera não lhe os tomarian e porque cujdou que eu estaua ja ca en lisboa disse que eu lhes mandara, ho que he falso e requeri ao Senhor bispo que soubesse dos que pregaran a caixa como fora aquillo e elle respondeo que isso não releuaua, e porem releua me porque não se se aquelles liuros eram bons ou maos nem o bispo o pode julgar porque ele não entende frances.

este guilherme perguntou a hum mancebo que viera do rio de janeiro que opinião era dos luteros e a tomou toda en hum rol e se foi as preguntas e jurou que tinha dito tudo aquillo e pois quiz imformar se a si mesmo não sera muito que infame outrem como de feito infamou aquelle mancebo dizendo que ele lhe tinha insinado e prouou se o contrairo, eu tambem temo segondo ele he homen sen vergonha que tenha posta a culpa en mj porque foi sentenciado por tres vezes perjuro e por somitigo con carocha=

ho quentim fernandes ben se que me condena porque eu lhe fiz fazer pera vello solto e hir remediar aas deshonestidades que goncalo mendes irmão do senhor bispo fazia en sua casa, estando prezo somente pera testemunhar contra mj, e assim sao certo que pera verse liure e polla licenca que lhe dej auia de culpar me mais que ninguem.

=Conficam de fee=

Eu creo todos os liuros do canon por verdade infalible inspirada do

esprito santo e dou muita autoridade aos outros agiographos e apocriphos onde não contrarian en diametro con os canonicos.

Creo a santa catholica egreia cujo primado esta en roma ser regida pelo esprito de verdade per onde não pode errar en determinaçoens da fee estando junta en concilio aecumenjco en vnião sen scisma e tenho por congregaçam satanjca toda secta e couenticulo contrairo protestando morrer en sua obediencia como nela fui bautizado e se do dia que recebi o bautismo tee ora disse cousa que a ela e a sua doutrina seja contraira, reuoco e pro non dicto haberi suplico protestor enim illi inherere, credere et obedire nec vnguem tranversum ab illius sacrosanctis prescriptionibus dissentire velle nec voluisse.

Das culpas que aqui confesso e das que nas preguntas confessei e de quanto tenho esqnecido en que ofendi a nosso senhor e escandalizei meu proximo diguo mea culpa e gravisima culpa e peço a nosso saluador por sua morte e paixam remissam de meus peccados confessados e esquecidos e a vosas senhorias misericordia.

Polla mesma morte e paixam de nosso Senhor suprico a vosas senhorias que abreuien minha prizão que foi ja tan prolongada e foi tan estremada pollas circonstancias agrauantes e seu libello me queiran despachar pollos papes que vierão contra mj e pellos que eu truxe por mj juntamente e os liuros que escreuj no rio de janeiro de dogmate genebensium et contra deliria caluinj, respeitando os trauailhos que eu passei polla defençam da igreia como leram nos meus instrumentos e como eu cortei os erpes aos hereies pera que não fosse sua empresa adiante tirando os totalmente da terra ho que se não podia fazer sen mj que foi muito seruiço a nosso senhor e a mj grande perda temporal de muita fazenda e passei muitos riscos de minha vida [que vtinam tunc deo libata foret] si quidem pereundo non perissem sed moriendo, vixissem, in gloria et in fama, nec vidissem me factum injmjcis meis subsanationem qui vbi resciuerint miraculo se vltos, haud dubie asseuerabunt

Des Boulez .//.

E junto como dicto e o amoestarão os senhores Jnquisidores que confessase suas culpas que tiuesse cometidas contra a fee e contra o que tem e cre a Santa madre Jgreja de Roma e declarasse Jntenção que tyuera e pedise perdão pera com elle poderen vsar de mysericordia e por não dizer mais soomente o que tinha declarado no dicto papel e asy nas preguntas que lhe forão feytas no brasyl foy outra vez amoestado e mandado a seu Carcer e asynou aquy Manoel Cordeiro o escreuj .//.

Des Boulez .//.
Jorge gonçalves Ribeiro .//.
Ambrosius doctor .//—

Aos dezaseis dias do mes de nouembro de mil quinhentos sessenta e tres Annos em lisboa na casa do despacho da Santa Jmquisisão estamdo hy os Senhores Imquisidores mandarão vir perante sy a Joauano Cojnta frances prezo no carcere comtheudo em estes autos por elle pedir audiencia e lhe derão juramento dos santos avamgelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e disse que elle queria declarar a verdade de sua comciencya e dizer todo o que fizera e crera em seu coração acerca das culpas porque lhe parecia que foy preso no brasil e o porque la foy pergumtado / e pera com jso ser despachado e alcansar myscricordia e se escusar hir ao brasil e fazer autos sobre seu neguoçyo e que he verdade que quamdo elle partio de framça que avera oyto annos pera o Rio de Janeiro nas partes do brasil elle hia muito bom cristão e catholico e o foy lá estamdo no dito Rio e contradezia hos lutheranos e suas openioes e os perseguia os quaes lutheranos erão todos os que estauão na fortaleza asy os que vyerão de framça como de genebra e elle comfesamte veyo per mamdado do almyrante de framça pera os governar e dar ordem de como avyão de viuer e fazer certas prematicas diso e se tornar pera framça / e por elle comfesamte se aleuantar per algumas vezes em fauor dos catolicos contra os pregadores seus que pregauão a secta lutherana / elles se amotinarão algumas vezes contra elle comfesamte / e por tres dos sobre ditos lutheranos terem conjurado antre sy de se aleuantarem contra elle a primeira vez que elle os contradisese e lhe fose a mão semdo elle emformado diso dise ao monseor de villa ganhão capitão mor da sua fortaleza que elle pela descenção que vya amtre aquela gente e por não quererem Receber delle comfesamte a Repremsam nem a ordem que lhes querya dar da polecya e governamça da Repubrica pera que elle comfesante fora emvyado per o almirante se queria hir morar a terra firme e deyxalos como de feyto o fez posto que lhe elle dise que lhe pesaua diso querelo deyxar em tal tempo e que o almyrante lhe avya de pesar diso / e que emtemdese elle comfesamte nas cousas da Repubrica e que se nom emtremetese nas cousas da Relegião e as deyxase porque pera jso forão emviados os ministros de ginebra que hy estauão e que sem embargo diso se foy elle comfesamte dahy pera a terra firme duas legoas dahy e fez humas casynhas pera sy e pera a sua gente pera estar ahy ate vir embarcação pera se hir pera framça e esteue ahy com sua gente que erão doze ou treze pesoas seys ou sete mezes e por a embarcação tardar muito e o capitão mor dos francezes se comfadrar com os negros da terra e os comcordar todos pera se ajuntarem e jrem todos estroyr a capitania de martjm afonso de sousa / elle comfesante se tornou a dita fortaleza e dise ao capitão e a todo o pouo que elle protestaua de nom consentir em tal e que elles não curasem de fazer liança com os negros nem lhe darem nenhuma ajuda nem fauor contra os portugueses por serem da liamça del Rey de framça e tambem por o almirante lho emcomendar que lhe nom

fizesem nenhum agrauo aos portugueses e que depois disto por o capitão mor nom querer desistir elle comfesamte se foy a dita capitania de martim afomso com as espias dos negros fingindo que hia de guerra comtra elles e que la deu aviso ao capitão como hião sobre elles e que se posesem em cobro pomdo sua vida a Risco e por sua causa nom forão estroydos como tudo consta per autos e despojs disto foy ter com o gouernador men de saa e lhe deu conta de tudo e de como os francezes estauão lutheros / e lhe deu elle comfesamte ardis e maneira como avyão de tomar a fortaleza e se embarcou elle comfesamte com o dito governador Men de saa e forão tomar a dita fortaleza dos franceses e os botarão fora com os ardis que elle comfesamte pera jso deu como consta per autos e estes que pede que se ajuntem a estes pera se veren quando o ouuerem de despachar e que feyto jsto se tornou elle com o dito governador a sam vicente e dahy se embarcou pera este Regno pedir aluiçaras a el Rey noso senhor de como os franceses erão desbaratados e a fortaleza tomada trazendo cartas do dito governador e que com tempo tornarão aRibar a cydade do saluador omde estaua o bispo o qual bispo logo em chegamdo estando ajnda na nao o mandou premder e que esteue la preso per mandado de sua senhoria perto de tres annos escreuendo qua muitas vezes a suas altezas que ho mandasem vyr pera se conhecer qua de suas culpas e se por em ordem seu despacho / e que estando embarcado ja seu fato pera se vir pera o Regno em huma não em que veyo por capitão estacyo de saa e despoys tornou o bispo aver por bem que não vyese tendo logo em pryncipio posto despacho em seus autos que ho Remetia a jmquisição e que em todo em este tempo elle comfesante amdou catolico cristão em seu coração como tem dito posto que elle tinha dito algumas palauras escamdalosas majs por corosuydade que por ter crença nellas falando nas openyões lutheranas majs por corosuydade que por outra cousa Repremdendo as algumas vezes e outras não e jsto depois de desbaratados os franceses asy no Rio de Janeiro como en Sam Vicente e asy no mar e omde quer que se oferecya a falar na maneira do viuer daquela gente, e que depojs de preso se pos a cuydar que este mal domde lhe veria e asy tanta jngratidão do pouo temto elle feyto tanto bem aquela terra / e veyo a comcloyr comsigo que lhe não podia aquelo vir se não por segredo castigo de deus por ser em ajuda de botar os franceses fora da terra e por nom consentir que fosem com sua presa avante a qual empreza lutherana lhe pareceo dahy en diante ser boa e verdadeira e jsto trazendo a memorya alguuns emxempros que tinha sido em hum lyuro lutherano que se chama dous martires de alguuns que os perseguirão e ouuerão ma fim e com este pemsamento e jmaginação que tinha se veyo a descobrir com hum frances que estaua ahy tanbem preso que se chamaua cantim fernandes dizendo lhe que o sobre dito de sua prisam lhe nom avya acontecydo senão por causa do sobre dito dizendo lhe majs que era o que tinham os lutheros que nom teuesem os santos

da premetiua jgreja / dizem que não ha dauer papa / tambem não uo avya no tempo de tortolyano e de jrineo e sam cipriano e santo agostinho e sam Jheronimo / e asy lhe dezia majs que dezião que as bullas não se ordenarão senão pera ajuntar dinheiro e que vya que a escritura dezia que ninguem tinha poder pera perdoar pecados senão soo deos / dizem majs que não ha daver jmages / e que vya no tempo dos santos amtigos que nom aya ahy images e que deos o tinha defemdido que as nom ouuese dizemdo majs elle comfesamte que hum papa com outro teuerão deferenças se as avya daver ou não e que hum em seu tempo dise que as avja daver e outro depois deste dise que as nom avya daver e depojs veyo terceyro e excomumgou o que dise que as nom avya daver e lhe mamdou deytar os ossos no tibre dizemdo lhe mais dizem que nom ha daver deferença dos manjares e que cada hum comese o que quizese em qualquer dia e tempo e que elle jsto vya pela sagrada escritura sem lhe alegar autoridade pera jso / dizemdo lhe majs dizem que nom temos outro auogado senão a cristo e que jso mesmo vya na sagrada escritura que a elle soo avyam de Rogar e não a outrem / dizendo lhe majs dizem os lutheranos que não vyam na sagrada escritura que mandase aos clerigos que não casasem e que nem elle comfesamte o achaua na sagrada escritura / e segundo sua lembrança lhe nom especeficou majs particularidades e dise per conclusam / em fim veyo per sua parte que casy todas suas cousas prouão pela sagrada escritura e nos não e que a jsto lhe Respomdeo o dito frances eu sua lingoa como falauão que elle confesamte tirase estas cousas de sy porque nom erão boas e lhe causaryão huma farnesia que lhe podia muito perjudicar a sua saude / e que jsto praticauão ante minham jazendo cada hum em sua cama estando presentes outro frances e outros presos que hy estauão que lhe pareçe que tambem ouuyrão jsto e todos forão chamados per o bispo pera darem seus testemunhos e que tambem o carcerejro avya de ouuir jsto por elle comfesamte falar Alto e o carcereiro que se chamaua antonio fernandes dormir ahy perto / e jsto falou per huma vez pryncipalmente e despois tambem tornou a falar em algumas destas cousas per vezes com os ditos presos e outros que vinhão e hyão / e que vindo o ahy vesitar hum baltezar de goes soldado e moço da camara del Rey elle lhe dise que lhe nom podião acontecer estas cousas senão pela causa que dito tem / e lhe pareçe que tãobem praticou nas mesmas praticas ou em algumas dellas sobre o purgatoreo dizemdo que os lutheranos dezião que não avya ahy purgatoreo / e que o dito baltezar de goes ouuindo o falar nisto não no quis ouuir fazendo ho synal da cruz dizendo jesuus / hum caualeiro como vos a nos aveys de dizer jso / e que elle comfesamte por ter lydo per liuros lutheranos que os franceses tinhão no Rio de Janeiro / e asy tambem pela jmaginação que tomou da dita prisão como dito tem veyo a ter crença nestes erros que acyma tem declarados parecendo lhe que os lutheranos tinhão majs Rezão em estes artigos que os catholicos e se chegaua nisto majs a

parte dos lutheranos que dos catholicos/ apartamdo se njsto da santa madre jgreja de Roma e que diso pede perdão e mysericordia e que amdou em estes erros que asy praticou com as ditas pesoas obra de tres ou quatro meses pouco majs ou menos estamdo preso e depois cuydamdo em sua concyemcya e que era mal feyto o que tinha dito e crido/ elle se aRepemdeo diso e tornou a crer todo o que tem e cre e emsina a santa madre jgreja de Roma e se pos a escreuer hum liuro contra judeos e mouros que se jntitula/ coloquio de Joauano Senhor de boles/ com alchana de farao capitão turco/ escrito de sua propia letra que aquy veyo ao Santo Officyo/ e ja damtes tinha escrito outro estamdo no Rio de Janeiro contra caluino e suas obras hereticas e em fauor dos catholicos o qual lyuro lhe tomou o bispo com outros lyuros e se o nom tem ajmda visto pede que ho mandem vir perante sy se for posiuel porque faz muito a seu caso pera por elle verem que antes que fose prezo elle era muito catholico e perseguia os lutheranos per palaura e per esprito estamdo no Rio de Janeiro / e que elle se sogeyta em tudo e per tudo nos ditos artigos e majs a todo aquelo que tem cre e emsyna a santa madre jgreja de Roma e protesta de nunca se della apartar e de comprir a penytencia que lhe for dada / e que nom confesou jsto diante do bispo estamdo no brasil por ter pejo do bispo conhecer de sua causa e lhe parecer que lhe era sospeyto e que se la o despachasem não ho deyxarião vir qua pera o Regno por dizerem alguuns dos pouos que o não avyão de deyxar sayr do brasil porque se fose a franca tornarya ao brasil por saber la as entradas e saydas e poderia fazer muito mal / posto que o carcereiro lhe dezia la que o bispo lhe mandaua dizer que se quizese que elle o despachase que pedise perdão de suas culpas e que o bispo mesmo lhe dise que pedise elle perdão de suas culpas e que o poria na Rua porque doutra maneira nom no podia fazer / e que elle comfesamte lhe dise que não avia de pedir perdão porque nom sentia em sy de que /. e que doutra cousa não he lembrado/ e com jsto foy amoestado que elle confesase jnteiramente todo o que lhe majs lembrase de suas culpas e se andara majs tempo nos ditos erros ou sabya dalgumas outras pesoas qne estiuesen em este Regno ou no brasil que nelles cresem que de tudo pedise perdão porque vsarião com elle de muita mysericordia e lhe darião penytencia saudauel pera sua Alma e por majs nom dizer foy tornado a seu carçere e asygnou aquy juntamente com os Senhores Jmquisidores Antonio Rodrigues o escrevy // etc com os Riscados atras .//.

Des Boulez .//.
Jorge Goncalues Rybeiro //.
Ambrosius doctor .//.

Aos vinte seis dias do mes de nouembro de mil quinhentos e sesenta e tres Annos em lisboa na casa do despacho da santa Jmquisição estamdo hy os Senhores Jmquysidores mamdarão vir perante sy a joauano cointa monseor de boles frances preso no carcere contheudo em estes autos por elle pedir audiemcia e lhe derão juramento dos Santos avamgelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e dise que elle cuydara em sua comcyencya depois que fora desta mesa e que a nom achaua emcaregada em outra cousa majs do que tem dito em sua comfisão supra proxima nem era lembrado de majs nada nem de erros que teuese nem crese contra a nosa Santa fee catholica nem contra o que tem a santa madre jgreja de Roma majs do que tem dito e comfesado nem menos amdou majs tempo errado do que tem dito / e que com nenhuma outra pesoa falou nem praticou sobre as preposicões que tem comfesado soomente com as que tem declarado as quaes pesoas elle soube que o senhor bispo do brasil todas mamdou chamar e perguntou soomente lhe lembra que o vigairo de sam Visente pergumtou tambem ao padre nobrega da companhia sobre elle comfesamte mas que elle não he acordado praticar com elle em nenhuma destas cousas que tem comfesado soomente lhe lembra praticar com elle sobre a predestinação e elle comfesamte lhe dezia que deos nom predestinaua senão em bem / e o dito padre dezia que deos predestinaua em bem e em mal e que tiuerão sobre jsto pratica e nom ficarão niso comcordes e que nom sabe se o dito padre se escamdalizou disto / e que estaua taobem presente a esta pratica outro padre da mesma companhya que se chama Ruy pereira / e que quando elle veyo de franca vinha muito bom cristão e tynha todo o que tem cre e emsina a santa madre jgreja de Roma / e que / esta he a verdade e que se elle majs tempo amdara errado nos erros que comfesou elle o declarara pera descarego de sua concyencia e saluação de sua alma / e que nom comfesou logo jsto como veyo a este santo officyo tão claramente por aver pejo de comfesar pasar por elle tantas fraquesas em cousas da fee / e que de todo pede perdão e mysericordia e que protesta de viuer e morer na Santa fee catholica e sempre ter e crer o que tem cre e emsina a santa madre jgreja de Roma e numca della se apartar e comprir a penitencya que lhe derem / e com jsto foy amoestado em forma e mandado a seu carcere e asygnou aquy juntamente com elles senhores Jmquisidores Antonio Rodrigues o escreuy .//.

Des Boulez
Jorge goncalues Rybeiro .//.
Ambrosius doctor .//.

Aos sete dias do mes de dezembro de mil quinhentos e sessenta e tres Annos em lisboa na casa do despacho da Santa jnquisição estamdo hy os

Senhores jmquisidores mandarão vir perante sy a joauano cojnta monseor de boles por elle pedir audiencia e lhe derão juramento dos Santos avangelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e dise que elle tinha cuydado em suas culpas e que nom lhe lembraua majs cousa nenhuma do que tem comfesado em suas comficões atras / soomente que bem pode ser que estamdo na cadea lhe ouuisem la dizer os erros que tem comfesado outras majs pesoas que hy estauão alem das que tem declaradas em suas comfisões atras / e lhe lembra que estauão ahy majs hum pedro fernandes mourisco catiuo e hum bras alures e duarte de meneses e Jeronimo vaz todos presos que foram degradados deste Regno por suas culpas e que por outras culpas que la fizerão os tornarão la a premder e que taobem estaua ahy preso hum jacome pinheiro que foy alfayate e agora tinha certas Roças que grangeaua e que elle praticou seus erros que tem confessado estamdo estas pesoas tambem presas naquele tempo na dita cadea e que pode ser que elles lho ouuisem e outros que premdião e tornauão a soltar que nom conhece nem lhes sabe os nomes por ser estrangeiro e dise majs que he verdade que elle antes que o premdesem falou com os padres luis da grão e com o nobrega / sobre as openiões dos lutheranos que vyerão de frança e estauão no Ryo de Janeiro os quaes vyerão ter a frança de geneura / falando sobre o que elles la tinhão sobre a Relegião cristam perguntando lhe o dito luys da gram por jso e que louuaua elle comfesamte o modo de viuer dos ditos lutheranos acerca de seus costumes moraes e que huma vez disse a hum cristouão denis cristão nouo estamdo no Rio de Janeiro e dizemdo lhe o cristouão denis mal dos franceses que erão huns somitigos e outras cousas dise elle comfesante com paixão que não disese aquelo porque quanto era a sua maneira de viuer viuiam tambem como os padres da companhia e porem que em sua fee nom falaua nem no que tocaua a Religião cristam e pode ser que os ditos padres e outras pesoas dyante quem elle podia falar alguumas destas cousas se escamdalizasem diso e que logo ao outro dia despojs de elle falar com o dito padre luis da gram se foy ao vigario da pouoação de santos e denuncyou delle acerca do que lhe tinha dito elle comfesamte / e que hum pedro da cruz castilhano foy o que dise ao dito padre luis da graam como elle comfesamte tinha falado em estas cousas em casa de josep hadorno genoes / e que he verdade que elle fallou com as ditas pesoas tambem em estas cousas dos erros lutheranos como se contem em hum papel escrito de sua mão e asynado por elle que amda em estes autos sem elle comfesante ao tal tempo Repremder os ditos erros em que falauão e lhe parece que por estas cousas que asy falaua sem as Repremder o mamdou premder o bispo mas que na verdade elle ao tal tempo estaua catholico cristão sem ter crença nos ditos erros nem lhe parecerem bem posto que tinha grande culpa em falar neles e os Referir sem os Repremder do que podia causar gramde escamdalo e que jsto he o que

pasou na verdade e que doutra cousa não he lembrado e que de todo pede perdão e mysericordia e com jsto foy outra vez amoestado em forma e mandado a seu carcere e asygnou aquy juntamente com elles Senhores Jmquysidores Antonio Rodrigues o escreuy.//.

Des Boulez
Jorge Gonçalues Rybeiro //
Ambrosius doctor .//.

Aos quatro dias do mes de janeiro de mil quinhentos e sessenta e quatro annos em lisboa na casa do despacho da Santa jmquisição estando hy os Senhores Jmquisidores mandarão vir perante sy a joauano cojnta monseor de boles preso no carcere comtheudo em estes autos e lhe derão juramento dos santos avamgelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e dise que elle pedira audiencia pera pedir a suas merces que olhasem o muito tempo que avya que estaua preso e o despachasem e vsasem com elle de mysericordia e ouuesem Respeito a elle ser homem honrado e de calidade e lhe desem aquela penytencia que per os autos lhe parecese que mereçya porquanto elle queria estar pelos autos e não tinha majs que dizer e que não tinha contraditas a nenhuma das testemunhas da justiça /

E foy perguntado se elle era lembrado estamdo no brasil louuar as obras que escreuera calvino e dizer dellas bem dise que lembrado era praticamdo algumas vezes sobre homens doutos dizer que o dito caluino era dos majs doutos homens que avya debaixo do sol ao presente / e jsto por o que lera em suas obras e por o que ouuyra dizer delle açerca de suas letras e suas leituras e per que elle leo lhe parecyão doutas e emgenhosas posto que tinhão muitos erros e cousas contra a fee e contra a santa madre jgreja de Roma / os quaes elle comfesamte nunca aprouou antes lhe parecyão mal e escreveo contra elles em hum liuro como tem declarado atras e lhe nom lembra agora diante quem praticou jsto e que lhe pareçe que serya diante do governador ou na cadea / perguntado se disera ou crera que a jgreja de Roma nom tinha majs poder que outra qualquer e que soomente sam pedro fora papa dise que elle nunca dise que sam pedro fora soomente papa / nem no creo soomente dise que ate o tempo do emperador focas semdo papa bonifacyo terçeiro estaua a jgreja de Roma como qualquer outra / e que jsto dise na prisão com jra e jmaginação que hy teue como ja tem declarado e porem que antes disto e depojs elle sempre creo que o bispo de Roma tinha poder vniversal de direito e porem que de facto elle nom no exercytara senão depojs do papa bonifacyo terceiro e outra cousa nom dise acerca disto / perguntado se disera que era graca comcilyos e que nom tinha poder ou o crera dise que elle sempre crera e disera que os concilios vniuersaes nom podiam errar e tinham todo poder e autoridade de

escritura e porem que particularidades que podiam errar como se vira muitas vezes se Reuogarem que verdade he que elle dise falamdo em este concylyo que era por demajs fazer se porque os lutheros nom estauão la e não avyam de querer estar por elle pergumtado se disera que hera milhor o estado de casado que do Relegioso dise que lhe pareçe que nunca tal dise porque nunca jsto creo antes teve sempre por milhor e majs perfeyto o estado da Relegião e que muitas vezes dezia mal estando na prisão dos Relegiosos e do bispo e de luis da gram e asy dalguuns mosteiros mas que da Relegião em geral numca dise mal / perguntado se disera mal das excomunhões e que se não avya de ter conta com ellas dise que de tal nom era lembrado / senão se fose dizer da maneira que os lutheranos tem de excomungar perguntado se dise e crera que nom avya daver jejuuns nem se avyão de pagar dizimos nem se deuyão de guardar os santos dise que quanto aos jejuuns dise que pela sagrada escritura nom se defendia o nom comer da carne nem o jejuar nem se obrigaua a jejuar dias detriminados senão quando a pesoa sentise a carne Rebelar contra o espirito e que despojs os papas ordenarão os jejuuns da coresma e os outros e que nuca dise mal dos jejuuns da jgreja antes lhe pareçeo senpre que erão obrigados a jejuar os que podesen pojs a jgreja o mandaua e que dos dizimos nom falou nada / e que dos dias santos dise que era constituycoes do papa e que noso Senhor Jesu cristo nom ordenara senão o domingo e dos dizimos dise que era mandado no velho testamento que se pagasem e não no nouo testamento e que pelo canone era conçedido que se pagase aos curas e que com jso se contentasem e nom tomasem cousa nenhuma por ministrar os sacramentos nem por emterar mortos nem por outras cousas semelhantes perguntado se alguma ora errara no santisymo sacramento ou falara alguma cousa contra elle e comtra as misas e comtra a comfisão sacramental dise que nunca errara no santisymo sacramento antes crera sempre que estaua aly o corpo e sangue de noso senhor Jesuu cristo soomente estamdo praticamdo contou da maneira que os lutheranos comungauão e fazião a çea e asy da maneira que comungauão os gregos dizendo majs que aquela era a propea maneira que comungauão os apostolos na premitiua jgreja nom dizendo que lhe parecya bem nem mal e que verdade he que lhe parecya bem o comungar dos gregos a saber que aos domyngos se ajuntasem todos na jgreja e se disese misa e lhes dese o padre a comunhão a todos/ e dise majs que estamdo praticamdo na cadea acerca do jmgres que fez o jmsulto na capela del Rey noso senhor no santisymo sacramento elle dise que aquele feyto era de homem que vinha muito detriminado louuando a detriminação do tal homem ousar de fazer aquelo tão detriminadamente por sua ley porem que o feyto em sy não lhe pareçeo bem nem o louuou antes lhe pareceo muito mal e muito gramde sacrilegio nom soomente aquelle mas todos os majs que se fizerão em outras partes da cristandade/ e que quanto a misa nom he lembrado

dizer nenhuma cousa contra ella/ e que quanto a comfisão elle sempre teue pera sy que era de jure devino e que era necesareo comfesarense a sacerdote sacramentalmente posto que elle falou na cadea da maneira que os lutheranos se confesauão geralmente e asy os gregos e que praticaua jsto e o contaua como ocyoso sem o aprouar nem Reprouar/ perguntado se disera elle alguma ora que era bom os pregadores serem casados como erão os lutheranos dise que soomente praticou que amtre os gregos que pera hum ser bispo auya de ser casado e ter filhos perguntado se disera alguma ora que a paixão de cristo pagara por todos e que por jso nom erão neçesareas majs obras nem penitencyas per os viuos nem pelos mortos dise que perguntando lhe hum dia o carcereiro la no brasil se leuauão os lutheros pão e vinho per os defuntos elle lhe Respondeo que não que elles nom tinham outro purgatoreo senão o sangue de cristo porque elle pagara por todos mas que sempre creo que avya ahy purgatoreo e que se avya de fazer penitencya dos pecados e que outra cousa nom tratou acerca diso nem lhe lembra majs outra cousa nenhuma senão se as testemunhas o entendesem mal asy por nom falar bem portugues como por serem pesoas rusticas e jgnorantes e se poderem enganar e al não dise senão que de todo pede perdão e mysericordia e foy amoestado em forma e mandado a seu carcere e asygnou aquy juntamente com elles senhores jnquisidores Antonio Rodrigues o escreuy.//.

Des Boulez.//.
Jorge gonçalues Rybeiro
Ambrosius doctor.//.

Aos uinte e quatro dias do mes de Janeiro de mil quinhentos e sessenta e quatro Annos em lisboa na casa do despacho da Santa jnquisição estamdo hy os Senhores jnquisidores mandarão vir perante sy a joauano cojnta frances preso no carcere comtheudo em estes autos por elle pedir audiencia e dise que elle nom tinha majs dizer soomente que pede que ajam com elle mysericordia e o despachem com breuidade avemdo Respeito a estar preso no brasil tres annos e vir de la com muito trabalho e ter gastado quanto tem e que pede por amor de noso senhor que o despachem com breuidade e com mysericordia e com jsto foy mandado a seu carcere Antonio Rodrigues o escreuy e dise que nom lhe lembra majs nada nem tem majs que dizer =

Aos tres dias do mes de feuereiro de mil quinhentos e sessenta e quatro annos em lisboa na casa do despacho da Santa jnquisição estamdo hy os senhores jnquisidores mandarão vir perante sy a joauano cojnta frances preso no carcere comtheudo em estes autos e lhe diserão que elle fora per

vezes amoestado que acabase de comfesar suas culpas pera poderem vsar com elle da mysericordia da Santa madre jgreja o que elle ate agora nom quizera fazer que o tornauão amoestar que o fizese asy senão que serya neçesareo acusarem no do que nom confesaua e por dizer que nom tinha majs que comfesar nem era lembrado de majs pareceo hy o promotor fiscal e apresentou hy hum libelo acusatoreo pedindo que lho lesem e lho Recebesem e lhe mandasem que ho contestase e lho mandarão ler e he ho seguinte //.

Muito magnificos e Reuerendos Senhores jnquisidores .//.

Perante vosas merces diz o Promotor fiscal do Santo offiçio em nome da justiça Autor contra des Boulez frances preso no carcere da Santa Inqui sicão pello crime da heresia .//.

E se cumprir //.

Prouara que sendo o dito Des Boulez cristão baptizado e por tal tido e conhecido e obriguado a ter e crer todo o que tem cre e ensina a santa madre Jgreja de Roma assi como no santo baptismo professou elle Reo o fez pello contrairo apartandose della, affirmamdo e persuadindo proposicões hereticas e luteranas contrairas ao que tem e obserua a santa jgreja Romana ./.

Prouará que en çertas companhias em que o Reo se achou de quoatro annos a esta parte e demais tempo elle Persuadia e dogmatizaua per resões a seita luterana, e vimdo a falar em Martim luter dizendo lhe a companhia que elle fora o que aleuantara tantos males na jgreja de deos e que sendo frade professo de santo agostinho se casara publicamente e tinha mulher e filhos o Reo defendia e o louuaua de virtuoso e letrado dizendo que tudo isso lhe asacarom e aleuantarom, e dizia elle Reo que o matrimonio era mais perfeito estado que o da relegião, e que não auia dauer relegiões, e que os cleriguos auião de ser casados e que os pregadores auião de ser leiguos e casados, e que nom se auião de pagar dizimos nem primitias a jgreja, e que senão auia de dar credito aos conçilios nem aos doutores santos senão a sagrada escriptura, porque o testamento velho e nouo todo era huma lei porque deus nom era mudauel como os outros homens que aja de mudar quada dia huma lej e que o liuro dos macabeus não era authentico, que não auia mais euangelistas que são joão e São Mateus, porque os outros não erão euangelistes .//.

e que era Bugiaria papa em Roma, porque tanto poder tinha qualquer clериguo e bispo como o papa, e que so são pedro fora papa mas que depois delle deus não consentira que outro nenhum fosse papa nem a jgreja de Roma tinha mais poder pera ligar ou desatar que outra qualquer e que senão auia de jejumar por que deus o nom mandara //.

Prouara que o Reo outrossi dizia pera que erão suffragios aos defuntos porque não auião de sahir da pena senão depois que acabasem de paguar,

e que pouquo lhe aproueitauão missas nem se auia de rroguar por elles e que em lugar da missa se auia de pregar porque depois que daqui partião hiao ao çeio de Abrahão onde auião de estar ate o dia de Juizo, e dizia elle Reo que não auia dauer missas mais que comungar como na sea do senhor em pão e vinho e que assi se auia de dar aos penitentes, e que ditas as palauras da consagração pello sacerdote deus não estaua na hostea e que os sacerdotes que fazem aquillo e celebrão o santo sacramento que são herejes jdolatras e que uão contra a fee de Jesu cristo e lhe chamaua papistas e que os euangelistas como são da opinião de caluinio de genebra e de lutero, que fazem a sea e dão a quada hum seu pequeno de pão e vinho, e que naquelle pão que lhe dão, naquella sea vai o corpo de jesu cristo e no vinho o seu sangue e que aquella opinião e a uerdadeira e a que se ade ter, e assi dizia elle Reo que a confissão auia de ser mental a deus somente e que se não auião de confessar aos clериguos e se ria de quem a elles se confessaua, e assi zombaua das excomunhões e que por hum ceitil que lhe dessem lhe não daua de quantas excomunhões lhe posessem, o que elle Reo tudo assi dizia affirmaua dogmatizaua e persuadia como pesoa que assi o cria e tinha pera ssi e que sentia mal do que a Santa Catholica jgreja romana tem e ensina e as confissões do Reo acejto no que fazem contra elle somente pella justiça .//.

Pede a justiça Recebimento a seu libelo e prouado o neçessario somente que baste pera contenação o Reo seja declarado ut juris complementum postulat exegit et fiat ius e justiça //

E as custas .//.

E lido o dito libello per eles Senhores jmquysydores foy dito que o Recebião e que asy se asentase per termo e derão juramento dos santos avangelhos ao Reo joauano cojnta pera Respomder ao comtheudo no dito libelo e o contestar como era pedido per o promotor fiscal / e per elle Reo foy dito que elle he cristão bautizado e por tal se tem / e que quanto ao majs contheudo no dito libelo dise que elle tem confesado suas culpas e dellas pedido perdão e que agora nom he lembrado de majs nada que pede lhe dem o trelado do dito libelo pera o ver e que se lhe lembrase majs alguma cousa elle o dira todo e lhe foy dito que pojs nom confesaua nem satisfazia ao comtheudo no dito libelo que lhe era necesario fazer procurador pera o ajudar a defemder em esta sua causa e sendo lhe nomeados os procuradores que a esta mesa vem procurar dise que fazia seu procurador apud auta ao doutor manoel bacjas procurador na casa do cyuel e lhe daua os poderes acostumados e elles senhores jmquisidores lhe mandarão asentar esta procuraçam e que fose dado Recado ao dito seu procurador pera vir aceytar a causa e Receber juramento em forma e que lhe fose dado o trelado do dito libelo pera estar jnstruito na materya de sua acusação ao

tempo que o dito seu procurador vyese falar com elle e de todo mandarão fazer este termo e que elle o asynase como asynou Antonio Rodrigues o escreuy.//.

Des Boulez .//.
Jorge goncalues Rybeiro .//.
Ambrosius doctor .//.

Aos oyto dias do mes de feuereiro de mil quinhentos e sessenta e quatro annos em lisboa na casa do despacho da Santa Jmquisição estamdo hy o Senhor doutor Ambrosio Campelo imquisidor mandou vir perante sy a joauano cojnta frances preso no carcere contheudo em estes autos por elle pedir audiencia e lhe deu juramento dos Santos avangelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e dise que elle vira o libelo da justiça que lhe foy dado e que Respomdendo a elle dise que elle daua per escrito feito per sua letra e per elle asygnado todo o que lhe lembraua e logo apresentou ho dito papel em que jsto se comtinha e elle senhor jmquisidor lhe mandou que lese a dita Reposta e elle a leo toda de verbo a verbo/ e dise que todo o que nelle dezia era verdade e ho senhor jmquisidor ho mandou ajumtar a estes autos e he a seguinte e lhe dise elle Senhor jmquisidor que sua confisam nom vinha em forma nem satisfazia aos artigos do libelo que cuydase njso muito bem e se Resolvese fazendo confisam clara e destinta em que declarase particularmente os erros que teuera e crera de que he acusado e quanto tempo andara na crença delles e as praticas que tinha acerca do sobredito não soomente na cadea do brasil mas fora della porque a jmformação dizia que elle praticaua as cousas e erros contheudos no libelo nom soomente Referindo o que os lutheranos e herejes tinhão senão como pesoa que asy o cria e tinha pera sy porque jsto era muito neçesareo que declarase e se era lembrado das pesoas com que as comonicara tudo pera descargo de sua concyencya e saluação de sua alma porquanto o que dezia na dita confisam escrito era majs Rezões que confisam pera por ella mereçer myserycordia e por majs nom dizer foy tornado a seu carcere pera njsto cuydar e asygnou aquy juntamente com elle senhor Jmquisydor Antonio Rodrigues o escreuy.//.

Des Boulez.//.
Ambrosius doctor.//.

Aos dez dias do mes de feuereiro de mil quinhentos e sessenta e quatro annos em lisboa na casa do despacho da Santa jmquisyção estamdo hy os Senhores Jmquysydores mandarão vir perante sy a Joauano Cojnta frances contheudo em estes autos por elle pedir audiencia e lhe derão juramento

dos santos avamgelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e dise que elle trazia aly huma folha de papel escrita e asynada per sua mão em que declaraua sua confisam Respomdendo ao libelo da justica e artigos delle e que doutra cousa não he lembrado e que de tudo pede perdão e miserycordia e elles senhores jmquisidores mandarão ajumtar a estes autos a dita comfisão asynada primeiro e lida por elle / e que algumas cousas destas que comfesa elle dise amtes de ser preso na cadea do brasil diante algumas pesoas sem as Reprouar mas que na verdade elle ajmda emtão estaua catholico e por tal veyo de framça e que depojs que foy do Rio de janeiro estamdo elle com o governador na cydade do Saluador vjndo nouas que el Rey de frança estaua luthero e que mandara apregoar o jnterim / em seu Roguo cuydando niso e no que la pasaua veyo a tetubar e duuidar se era majs verdadeiro o dos lutheros se o dos catholicos e estamdo em esta duuida / desistia de hir com o governador com quem estaua asentado de hir com elle contra os francezes / dizendo entre sy que pojs seu Rey era luthero que nom era bem hir contra elles pojs ho não fazia senão por serem lutheros e porem que nom dise a ninguem que desistia diso por esa causa e que toda vya foy com o dito governador como tem declarado e tornou asentar na fee catholica por lhe dizerem que era mentira que el Rey era luthero senão que se aleuantarão alguuns lugares e vilas e que prendendo o depojs o bispo como dito tem veyo a crer as openiões dos lutheranos e o dizer e manifestar na cadea como tem declarado e niso permaneçeo o tempo que tem comfesado e que quanto a comfisam que sempre creo que era de jure diuino e que nuca hya de hum lugar pera o outro sem se comfesar e que bem pode ser que disese Referindose que dezião os lutheros que nom avya daver comfisam vocal e que o disese asy na cadea / e que doutra cousa não he lembrado e que de todo pede perdão e miserycordia e com jsto foy amoestado em forma e mandado a seu carcere e asygnou aquy juntamente com elles Senhores jnquisidores Antonio Rodrigues o escrevy com anterlinha omde diz primeiro e lyda que se fez por verdade etc .//.

Des Boulez .//.
Jorge goncalues Rybeiro .//.
Ambrosius doctor .//.

Libello da justiça contra des boules .//.

Prouará que sendo o Reo des Boules cristaom bautizado e por tal tido e conhecido e obrigado a ter e crer todo o que tem, cre, e ensina a Santa madre jgreja de Roma assy como no Santo baptismo professou elle Reo o fes muito pello contrairo apartandosse d'ellas, affirmando e persuadindo

proposições hereticas, e lutheranas contrairas ao que tem e obserua a Santa jgreja de Roma .//.

Prouará que en certas companhias em que o Reo se achou de quatro annos a esta parte e de mais tempo elle persuadia e dogmatizaua per razões a secta lutherana. e vimdo a fallar em Martim luther dizendo lhe a companhia que elle fora o que aleuantara tantos males na jgreja de deus e que sendo frade professo de Santo Augustinho se casara publicamente e tinha mulher e filhos o Reo o defendia e louuaua de virtuoso e letrado dizendo que tudo isso lhe asacarão e aleuantarão e dizia elle Reo que o matrimonio era mais perfeito estado que o da religião e que não auia dauer religiões e que os clerjgos auião de ser casados e que os pregadores auião de ser leigos e casados e que não se auião de pagar dizimos nem primitias ha igreja e que se não auia de dar credito aos concilios, nem aos doctores Santos se não ha sagrada scriptura. Porque o testamento velho e nouo todo era huma ley porque deus não era mudauel como os outros homens que aja de mudar quada dia huma ley e que o liuro dos Machabeus não era authentico que não auia mais evangelistas que São Joam e sam Matheus porque os outros não eram euangelistas. E que era Bugiaria Papa em Roma, porque tanto poder tinha qualquer clerigo e bispo como o papa e que so sam pedro fora papa mas que depois delle deus não consentira que outro nenhum fosse papa nem a jgreja de Roma tinha mais poder pera ligar ou desatar que outra qualquer e que se não auia de jejumar porque deus o não mandara //

Prouara que o Reo outro sj dizia pera que erão suffragios aos defunctos porque não auião de sahir da pena senão depois que acabasem de pagar e que pouquo lhe aproueitauão missas nem se auia de rogar por elles e que em lugar da missa se auia de pregar porque depois que daqui partião hião ao seo de Abraham onde auião de estar ate o dia do juizo, e dizia elle Reo que não auia dauer missas mais que commungar como na cea do senhor em pão e vinho e que assy se auia de dar aos penitentes. e que ditas as palauras da consagração pello sacerdote deus nom estaua na hostia e que os sacerdotes que fazem aquillo, e celebrão o Santo sacramento que são herejes jdololatras e que vão contra a fe de noso senhor Jesu cristo e lhe chamaua papistas e que os evangelistas como são da opinião de caluino de genebra e de luthero que fazem a cea e dão a cada hum seu pequeno de pão e vinho e que naquelle pão que lhe dão naquella cea vay o corpo de Jesu cristo e no vinho o seu sangue que aquella opinião he verdadeira e a que se ha de ter.

E assy dizia elle Reo que a confissão auia de ser mental a deus soomente e que se não auião de confessar aos clerigos e seria de quem a elles se confessaua e assy zombaua das excommunhões e que por hum ceitil que lhe dessem lhe não daua de quantas excommunhões lhe pusesem

o que elle Reo tudo assi dizia, affirmaua, dogmatizaua e persuadia, como pessoa que assi o cria e tinha pera sy e que sentia mal do que a Santa Catholica Jgreja Romana tem e ensina e as confissões do Reo accepto no que fazem contra elle soomente pella justiça .//.

Pede a justiça recebimento a seu libelo e prouado o necessario soomente que baste pera condemnação o Reo seja declarado ut juris complementum postulat exigit et fiat ius et justicia .//.

Nil opus est bello veniam pacemque rogamus occurram armato vis vt inermis ego.

Respomdendo ao libelo da justiça digo que é verdade que de toda minha força persegui os lutheros que estauam no rio de janeiro somente polla doutrina que insinauão e tinhão atrahido asi todo o pouo e que passei por isso muitos trauailhos com eles ate serme necessario apartar me de sua companhia como ja tenho dito e isso he notorio a todos os homens do brasil como tambem consta por hum instrumento de que he escriuão Aleixo lucas e estando com ho governador men de saa damdo lhe conta de como vira o caualhero villa ganhão sen licenca del rey e de todo o sobredito rogoume que eu quisese ajudar a botallos da terra que seria gran seruico a deus pois ahi estauão contra a uontade de meu rei e com tão danada empresa ho que logo lhe prometi, mais entrementes esperauamos a armada acontesceo os portugueses prenderem hum francés na costa e o trazerem preso a cidade a quem o dito governador perdoo por eu lhe pedir de merce e preguntando lhe pollas nouas de frança me contou entre as outras cousas que el Rej henrique era falescido e que el rei francisco era feito lutero e mandara pregoar por frança ho jmterim/ a som de trombeta de modo que em cada lugar de normandia avia igreia de cristãos e outra de luteros en purico ha qual noua me deu muito espanto e logo vierão a minha casa quentim fernandes e guilherme da porta francezes a preguntar me pollas nouas e contando as não aprouei nem reprouei nada e outra vez estamdo tambem presentes os ditos quentim fernandes e guilherme da porta pera prouar se ho dito frances dizia verdade preguntei lhe se vira os lutheros fazer seus ritos e elle respondeo que si que por curiosidade hia com outros seus companheiros a vellos e me deu tais sinais assim do modo que tem em seus ajuntamentos como em casar e admjnistrar os sacramentos que eu conocj ser verdade e dizendo estas cousas eu dizia aquelle he ho modo que tinhão na primitiua igreia esta he a maneira que tinhão os apostolos de fazer a cea e de bautizar e assim das outras cousas e depois cuidando niso com temor de ofender a meu rei nisto buscaua modos pera não cumprir ao governador ho que lhe tinha prometido ho que veendo jontou conseilho e diante de todos me dise que me requiria da parte de deos e del rei de

portugal e del rei de frança que eu não fizesse escrupulo de hir com elle e encaminallo nesta jornada e mandou leer ou elle mesmo leo a carta que sobre isso lhe escrevera a rainha a qual antão dizia que tinha escrito a el Rei de frança e elle respondera que não conecia aquelles homens e que herão leuantados de seu reino que os tomasse Sua Alteza e os castigasse então eu respondi que se fizesse hum termo assinado por todos que não auião de fazer mal a a gente nem lhes tomar suas fazendas senão dar lhes embarcaçam pera suas terras que eu iria com sua Senhoria e o poria em posse da fortalesa ho qual termo foi feito e cumpriouse de huma parte e doutra tudo, e lancei de mj o espanto que me derão as nouas sobreditas senão que as contei a mesa do gouernador por vezes e porem reprouando as tais opinioens como ho mesmo governador he testemunha em hum instrumento de que he escriuão pedro da fonsequa e não deixe de fazer a guerra aos ditos francezes lutheros que estauão no rio de janeiro onde eu recebj muitas frechadas no meu corpo e perda de mais de tres mil cruzados de mjnha fazenda e porem eu não deixaua de contar onde a ocasião se ofrecia que foi em muitas partes assim as sobreditas nouas como as opinioens particulares que tinhão aquelles do rio de janeiro aprouando algumas serem conformes a igreja primitiua e reprouando outras do que ho vigairo de sanctos tirou deuassa a instancia de luis da grão e não achando per onde me prendesse deixou me hir solto pera qua onde eu vinha com cartas do governador a pidir a Sua Alteza albricias e satisfaçam de minha fazenda, mais arribando a cidade por certo odio que me tinha e por aquellas culpas que lhe vierão de São Vicente prendeu me e me iniuriou pondo me na cadea puurica com ladroens, e outras afrontas me fez, sendo eu homem de muito respeito e de muita qualidade, então com raiua de me ver assim afrontado e tão mal galardoado de tão pias e tão custosas obras que tinha feitas aquelle pouo reduzi a memoria ho que tinha lido nos liuros lutheranos no rio de janeiro e como frança andaua toda em este parecer omde ha tão doutos homens vim a crer que eu era enganado e que deus me castigaua de castigo tão atroz pollo mal que eu avia feito e me pesou de ho auer feito e vim a crer que não auia dauer papa, e que ho começo de ho auer fora ambiciom do papa Bonifacio, posto que dantes tinha escrito hum liuro contra isso e que quanto fizerão os papas assi por nas ordenaçoens como pollos concilios que forão depos que a igreia foi rica ho fizerão por seu interece sem aver fundamento na escritura e que deos não dera mais poder a são pedro que aos outros apostolos e que os bispos erão todos iguais em poder e dinidade cada um em seu bispado e que não auia purgatoreo senão que deos perdoando a culpa perdoaua tambem a pena e que era superstiçam os clériguos não casarem que era inuençam humana auer frades e que mais acepto era a deos hum homem casado que viuia de seu suor que os frades que viuem da fazenda alhea e em estas cousas praticaua na prisão com os presos por

vezes e geralmente todo ho contheudo no libello da justiça excepto que eu não dise nem erei que se não avia de dar credito aos concilios se não somente a aquelles consilios em que presidia o papa e que forão celebrados depois de auer papa na igreia esso he depois de bonifacio terceiro nem disse que são lucas e são marcos não erão euangelistas senão que não erão apostolos, nem disse que são pedro soo fora papa mais antes dizia que elle ho nam foj, nem disse que se não auia de Jejumar, senão que deos não especificara no nouo testamento dias certos pera Jeiumar senão quando a rebelião da carne ho requeria nem disse que ho corpo de cristo não estaua na hostia depois das palauras da consegraçam nem disse que o corpo de cristo estaua no Sacramento dos lutheros porque nem elles tão pouco ho dizem nem vsam de nenhuma consegraçam senão dão o pão como vem do forno e ho vinho como vem da pipa sem mistura de agoa assim como no bautismo vsão da primeira agoa que acham.

Quanto he da confiçam não são lembrado auer falado nella, bem he verdade que passando tempo com os outros prezos contaua algumas graçias para riir que acontescerão na confiçam nem da excummunhão não falei tão insolentemente como diz ho libello posto que são lembrado que querendo hum prezo mandar tirar huma excommunhão por não sei que lhe furtarão eu lhe disse sera hum tostão mais perdido, quanto a mj quando eu não fizer conta do mandado que diz não furtarás sabea que não he de fazer polla excommunhão, que se as testemunhas dizem estas cousas de outra maneira sera por ellas ho não entenderem ou por fazer a vontade ao bispo que as inquiria sendo meu mortal imigo e que por vezes os mandou chamar pera testimunharem e lhes dizia que não ouuessem medo que eu o soubesse por que o custume da Santa inquisição era não dar vista dos autos e que eu me avia dir e elles fiquariam na terra e não os podendo induzir com estas palauras mandou por a quentim fernandes e a olivueiras pineu na prisão hums dias cum cada hum dous grilhoens de que eu tendo magoa aconselhei a quentim fernandes que se enformase de guilherme da porta e que disesse como elle disera que se me não daua nada e isso he ho que passa e me nom lembra fora da prisão auer destas cousas al dito do que tenho confessado senão foi por ventura a baltazar de goes que vinha comigo na nao onde eu ouuera de vir a quem eu contei muitas destas cousas na nao e em paranambouc e na grade da cadea como tenho dito na confiçam, e aqui não repeto ho que disse a São Vicente em casa de Joseph adorno e de nicolao grilho que foi ho começo porque denunciou de mj luis da grão porque todo falaua historicamente sendo então muito imigo de tais opinioens, e decraro que na cadeia, me durou aquela ceguedade tres ou coatro mezes e depois tirando me da paixao e occupando me em outros cuidados e por vir noua que el rei francisco era morto e que ho irmão que succedia no reino leuantara ho interim e persiguia a tal secta concluj

comigo de me reduzir a obediencia da igreia a a qual me subieto com rependimento de meus pecados dos quaes peço perdão e misericordia respeitando em mj muitas cousas que rezão manda se respeitarem .//.

Calamum quassatum nolite confringere et lignum fumigans nolite extinguere .//.

decraro mais que quanto ao sacramento e ao dizer das missas que eu disse e crei que mais singella e mais conforme a a sagrada escritura e a igreia primitiua he a manera que tem os lutheros que a nossa e que se ouuera de commungar sub utraque specie mais eu não disse que os sacerdotes erão hereies ni idolatras senão que os lutheros quando falam de nos dizem os idolatras ou os papistas fazem isto ou esso outro e por quanto nam creem na transubstanciação dizem que he idolatria adorar ho sacramento e isto diria refirimdo mais não aprouando que eu seja lembrado quanto aos dizimos e primicias disse que as primicias senão auiam de ofrecer porque era cerimonia da velha lei que expirou nj tam pouco os dizimos se auiam de pagar ex prescripto legis senão somente pontificia ordinatione e que com isto se aviam de sustentar os perlados sem tomar nada quando bastam pera sua sustentaçam mais as testemunhas que não sabem por diferença ou o bispo mesmo entre dizimos e primicias juntam hum com outro Aures vulgi, pessimi testes, seia como for posto que me não lembra mais, refirome ao que as testemunhas dizem e de tudo assim confessado como esquecido peco misericordia .//.

Des Boulez .//.

Aos desoito dias do mes de feuereiro de mil quinhentos e sessenta e quatro annos em lisboa na casa do despacho da Santa Jnquisição estamdo hy o Reuerendissimo dom João de melo bispo do Algarue Jmquisidores ordinario e deputados da Santa jmquisyção mandarão vir perante sy a joauano Cojnta frances comtheudo em estes autos e lhe derão juramento dos santos avamgelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e o amoestarão que elle comfesase jnteiramente suas culpas sem lhe ficar nenhuma cousa por dizer pera poderem vsar com elle da miserycordia da santa madre Jgreja ./.

Aos vinte e seis dias do mes de feuereiro de mil quinhentos e sessenta e quatro annos em lisboa na casa do despacho da Santa Jnquisição estamdo hy os senhores jnquisidores mandarão vir perante sy a Joauano Coynta frances prezo no carcere contheudo em estes autos e lhe deram juramento dos santos avamgelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e lhe diserão que seus autos e comfisão forão aquy vistas na mesa e que nom ficarão

satisfeytos de sua comfisão por parecer que nom tinha aquelas partes que era necesarea pera poderem vsar com elle da miserycordia da Santa madre jgreja que o amoestavão que cuydase muito bem em sua concyencya e a desemcaregase jnteiramente fazendo confisam jnteira e verdadeira de todas suas culpas e erros que fizera crera e praticara contra a fee e contra o que tem e cre a santa madre Jgreja de Roma e todo o tempo que amdara errado e se o vinha ja ao tempo que vinha de frança segundo pareçe dizendo a verdade de tudo por que fazendo asy vsarião com elle de muita miserycordia e serya comsolado em sua alma / e por elle foy dito que elle tem comfesado suas culpas e erros e todo o tempo que nelles andou segundo se contem em suas comfisões e que doutra cousa não he lembrado e que quando elle partio de franca elle vinha catholico e não sabya da calidade daquela gente nem do capitão e lhe parecya que seryão catholicos / e por ver no rio de Janeiro a falsa doutrina que pergauão e como o capitão e os majs erão lutheranos se apartou de sua companhia e os deixou e que esta he a verdade que por esta causa os deixou e não per outra e que se outra cousa fora elle ho comfesara e declarara como comfesou o majs do que tudo pede perdão e miserycordia e que esta prestes pera comprir a penitencya que lhe derem e com jsto foy amoestado em forma e mandado a seu carcere e asynou aquy juntamente com elles Senhores Jnquisidores Antonio Rodrigues o escreuy .//—

Des Boulez .//.
Jorge gonçalues Rybeiro .//.
Ambrosius doctor .//.

Veio outra vez aa mesa e foy amoestado com jnstancia e não disse cousa de substançia somente que estaua conuertido e arrependido de seus erros / cinco de Julho de quinhentos e sessenta e quatro .//.

Aos vinte e dois dias do mes de julho de mil quinhentos e sessenta e quatro annos em lisboa na casa do despacho da Santa Jnquisição estamdo hy os senhores Jnquisidores mandarão vir perante sy a joauano Cojnta frances preso no carcere contheudo em estes autos por elle pedir audiencia e dise que pedia que ho despachasem porque avya muito tempo que estaua preso porque elle nom era lembrado de mais e com jsto foy amoestado muito largamente acerca de suas culpas que fizese dellas jnteira e verdadeira confisão pera saluação de sua alma / e bom despacho de sua causa e por dizer que nom tinha majs que dizer foy tornado a seu carçere Antonio Rodrigues o escrevy .//.

Des Boulez .//.
Jorge gonçalues Rybeiro .//.
Ambrosius doctor .//.

Acordão os Jnquisidores Ordinario e deputados da Santa Jnquisiçam que vistos estes autos, e confissão de joam Cointa frances de nação senhor de boulez Reo preso que presente estaa. per que se mostra, que sendo cristão baptizado e obrigado a ter e crer a nossa Santa fee catholica e o que tem e cree a santa madre igreja de Roma : elle por ler per liuros hereticos e de authores damnados, e reprouados veyo a ter crença na maldita secta lutherana e em muitos erros della, e de outros herejes crendo que elles tinhão mais rezão, que os catholicos e sentia mal do poder do Santo padre e lhe parecia que nom tinha mais poder que os outros bispos e que nom aproueitauão as bullas e indulgencias que concedia e que não tinha poder pera perdoar peccados senão soo deos e que não auia dauer Papa e que o começo de o auer fora ambição. E bem assy cria e tinha, que os clerigos auião de ser casados; e que era superstição, nao casarem e não auia dauer frades, e era inuenção humana auellos e louuaua elle Reo huum sacrilegio que huum lutherano fezera contra o setimo sacramento e contra a fee e assy louuaua outro grande heresiarcha e suas obras e bem assy creo, e teue que se não auia de rogar aos santos senão a deos nem auia dauer jmagens delles. E assy disse, e cre o que não auia dauer differença dos manjares, e comer de carne, em quaesquer dias, ainda que fossem defesos pella igreja e cria, outro sy, e dizia que não auia ahy purgatorio e que assy o tinhão os lutheranos os quaes erros elle cria, e praticaua e assy Referio outros muytos da dicta secta lutherana sem os reprouar nem contradizer os quaes erros todos são hereticos, lutheranos, damnados, e reprouados pella Santa madre jgreja de Roma, e elle permanesceo na crença delles estando e residindo nas partes do Brasil per muito tempo scandalizando muito as pesoas catholicas, que lhos ouuião dizer. O que tudo visto com o mais que dos autos consta declarão que o Reo foi hereje lutherano apartado da nosa santa fee catholica e da Santa madre jgreja de Roma e que encorreo em excomunhão mayor, e nas outras penas em direito contra os semelhantes estatuidas e porem, visto como elle vsando de milhor conselho, confessou suas culpas e pedio dellas perdão, e misericordia com sinaes de arrependimento, dizendo que de verdadeiro coracão se conuertia com o mais que dos ditos autos resulta. Recebem o Reo ha reconciliação, e vnião da santa madre jgreja como pede. E lhe mandão que abjure seus hereticos errores em forma e em pena e penitencia delles lhe assignão carcer pello tempo que parecer aos Jnquisidores somente o qual carcer seraa naquella parte e lugar que lhe seraa assignado e nelle seraa instructo nas cousas que cumprem pera saluação de sua alma como nos taes casos se requere e faraa a dicta abjuração na mesa diante os jnquisidores e seus officiaes, e ahy seraa absoluto in forma ecclesiæ da dicta excommunhão mayor, que encorreo. E se confessaraa as tres pascoas do anno e nellas receberaa o setimo sacramento de conselho do seu confessor que isso mesmo

lhe seraa assignado e Resaraa os sete psalmos penitenciaes em todalas quartas e sextas feiras da somana per tempo de hum ano com suas preces e ladainhas e mais orações fazendo todos os mais autos de bom e catholico cristão e se guardaraa muito da comonicação de pesoas suspectas, e que lhe possão causar damno a sua alma nas cousas da fee. E da mais pena e penitencia pubrica, e ordinaria que pello caso merecia o releuão, auendo respecto ha qualidade do dicto caso e de como passou. e assy aa qualidade da dicta confissão e de sua pessoa, e ser estrangeiro e do lugar onde cometteo as dictas culpas. Com outras considerações que nisso se ouuerão e não sairaa do Regno sem licença dos jnquisidores .//.

O bispo .//.
Jorge gonçalues Rybeiro //
Ambrosius doctor .//.
A. Bulhão .//.
Symão de saa pereira .//.
Frei manoel da veiga .//.

Foy pubricada esta sentença atras escrita em lisboa na casa do despacho da Santa jnquisição per o senhor doutor Ambrosio canpelo jnquisidor aos dose dias do mes dagosto de mil quinhentos e sessenta e quatro annos Antonio Rodrigues o escrevy.

Abjuração em forma

Eu joam cointa frances de nação senhor des boulez perante vos Reverendos Senhores jnquisidores contra a heretica prauidade e apostasia juro nestes santos evangelhos em que tenho minhas maos que de minha propia e liure vontade anathematizo e aparto de mym toda especia de heresia que for ou se leuantar contra a santa fee catholica e see apostolica specialmente estas em que caj que tenho confessadas amte vossas merces que aquj agora em minha sentença me forão lidas as quaes aquj ey por repetidas e declaradas e juro de sempre ter e guardar a santa fee catholica que tem e ensina a santa madre jgreja de Roma e que serej sempre obediente ao nosso mui santo padre papa pio quarto hora presidente na igreja de deus e a seus successores e confesso que todos os que contra esta fee catholica vierem são dignos de comdemnação e prometto de nunqua me ajuntar com elles e de os persiguir e descobrir as heresias que delles souber aos inquisidores e perlados da Santa madre jgreja e juro e prometto de comprir quanto em mym for a penitencia que me he ou for imposta e se em algum tempo tornar a cayr em estes erros ou em outra qualquer specia de heresia ou não comprir a denitencia que me he ou for imposta quero e me apras que seja avido por

relapso e castigado conforme a direito e se constar em algum tempo o contrario do que tenho confessado e declarado por meu juramento quero que esta absoluição me não aproueite e me sometto ha generidade dos sagrados canones e requeiro ao notario do Santo officio que desto passe estromento e aos que estão presentes que sejão disso testemunhas e assignem aqui comigo—A qual abjuração fez na casa do despacho da Santa jnquysyção aos dose dias do mes de agosto de mil quinhentos e sessenta e quatro estamdo presentes por testemunhas damyão mendes meirinho do santo offiçio e domingos symões notario do santo officyo e adriano mendes familiar do mesmo Santo officyo e eu Antonio Rodrigues notario do Santo offiçyo dou fee elle fazer a dita abjuração e asygnamos aquy .//.

Des Boulez .//.
Antonio Rodrigues .//.
Domingos Simõees .//.
Damião mendez de vasconçellos .//.

Aos vinte e dois dias do mez dagosto de mil quinhentos e sessenta e quatro annos em lisboa foy leuado joauano cointa monseor de boles contheudo em estes autos ao mosteiro de sam domingos desta cydade omde sua alteza mandou dizer ao priol do dito mosteiro que ho Recolhese pera ahy acabar de comprir sua penitencya e lhe serya ahy dado hum confesor leterado com que comonecase e deste se mandou fazer este termo Antonio Rodrigues o escrevy .//.

e lhe asygnarão o dito mosteiro por carcere donde nom Sayra sem licença dos Senhores jnquisidores comforme a sua sentença Antonio Rodrigues o escrevy .//.

Supliqua humildamente a Vosas Senhorias jehouana Des Boulez como assim seia que esteue ja vinte dias no moesteiro de são dominguo praticando de contino con os padres de cousas de sua consciencia ho que fazeu com muito amor e caridade e se confessou. ja dous vezes ao padre frei pedro ychoa y duas vezes communguou e tem muita necessidade de negociar con Suas Altezas e outras pesoas: ajan por seruiço de deos lhe dar licença que possa algumas vezes hir polla cidade de huma hora atée completas e receberá muita merce .//.

---

dão licença ao supplicante que possa sair pera a cidade duas vezes na somana e nella andar pera seu refrigerio e recreação, e tãobem pera entender em seus negocios / e porem com suas Altezas não fallaraa por ora / e

se tornaraa a sam domingos e compriraa o que lhe foy mandado em sua sentença de reconciliação. e se ajucte a seos autos em lisboa dezaseis de setembro de quinhentos e sessenta e quatro .//.

O arcebispo .//.
Jorge goncalues Rybeiro .//.
Ambrosius doctor .//.

Diz Jehouanan des Boulez que por Vossas Senhorias lhe terem dado por sentença que esteuesse no conuento de sam domingos a sua merce no qual esteue atee hoje comprindo o que lhe foy mandado dando de si taes sinais de bom cristão quaes podran dizer os padres do dito conuento supliqua a Vossas Senhorias ajam por seruiço de deos leuantar lhe a prisão e dar lhe licença de hir pera sua terra ou onde Sua Alteza ouuer por bem mandallo, respeitando ser elle estrangeiro e não ter com que manterse nesta terra e Sua Alteza ser de camjno pera fora e recebera muita merce ·//.

---

enformação dos padres de sam domingos de como o supplicante cumpre sua penitencia e que mostras tem dadas de bom e catholico cristão no tempo que laa esteue / pera com isso se prouer no que pede como parecer seruiço de nosso senhor //.

afirmo quanto posso conjecturar que o suplicante he bom cristão e eu o confessey por algumas vezes e por tal o tenho, e aqui nesta casa nos tem dado muito bom exemplo, em fe do qual asiney aqui oje quinse de nouembro *frey pedro yçhoa* .//. e cumpre sua penitencia .//.

Vista a petição do sopricante joauanão de boules frances / e as certi doens que apresenta dos padres do mosteiro de são domingos como cumpre sua penitencia com humildade e mostras de bom e catholico cristão / e asy a forma de sua sentença com carcere arbitrio dos jnquisydores soomente com a majs enformação que do caso e seus autos se ouue / ha sua alteza por bem vsar com elle de miserycordia e lhe aleuanta a majs penitencya do carcere que ajnda tinha por comprir e manda que seja solto e posa sayr do mosteiro de sam domingos que lhe foy asynado por carcere / e porem comprira as majs penitencyas que na dita sentença lhe forão asynadas / e que prometeo em sua abjuração / e não sayra do Reyno sem licença do dito senhor e este despacho se ajuntara a seus autos em lisboa a quinse de nouembro de mil quinhentos e sessenta e quatro .//.

O arcebispo .//.
Jorge gonçalues Rybeiro.//.
frei manoel da veiga .//.
Ambrosius doctor .//.

Por algumas vezes tratei com o sopricante comferindo com elle algumas cousas da scriptura e dos statutos da sancta madre jgreja e sempre nelle achei huma muj desenganada cristandade isto he o que sempre delle me pareceo e principalmente em se reportar sempre [nas cousas duujdosas] a determynacam da sancta igreija nos sanctos consilios e o parecer dos sanctos padres em fe do qual affirmei aquy o acima dito .//.

frei vicente dassumpcam .//.

Sempre vy no soplicante, muy boas mostras de catholico. e algumas vezes que com elle fallej em tudo o achei tal .//.

Thomas de Sousa .//.

Eu frei afonso sancristão deste mosteiro de sam dominguos diguo que eu estou edeficado deste sopricante e em todo o tempo que aquy anda tem dado de sy bom emxemplo e se tem confesado e comuguado per duas ou tres vezes em fe do qual asynej aquy oje quinse de nouembro de mil quinhentos e sessenta e quatro.

frei afonso sancrestam .//.

Porquanto eu tiue cujdado de aguasalhar ho sopricante todo ho tempo que esteue nesta casa diguo que em sua conuersação e mostras de pratiqua sempre ho achei muito catholico cristão assim em ouvir suas misas como em se comfesar e comunguar por algumas vezes e ao parecer ter e comprir suas penitencias em fe do qual me asiney aqui quinse de novembro.

frei francisco da piedade .//.

---

asim e da manejra que os padres razoão da boa cristandade do sopricante e meu parecer a quinse de nouembro .//.

frei francisco de bovadilla prior .//.

Inquisição de Lisboa

Processo n. 5451

JUSTIFICAÇÃO

REQUERIDA POR

JOÃO DE BOLÉS

Diz Jehouanan des Boulez que com muito detrimento de sua pessoa e perdimento de sua fazenda fez na terra do brasil muitos seruiços a el rei, en especial preseruando a capitania de são Vicente dos imigos e dando ardil e modo de se tomar a fortaleza do rio de Janeiro que hum caualheiro francés leuantado do reino tinha feita com proposito danado do que se tirou hum instrumento largo no dito lugar de São Vicente que foi mandado a suas Altezas assi pera prouer aa terra como pera fazerem merce ao suplicante em satisfaçam das perdas que tinha reciuidas no sobredito—mais por quanto sera esquecido pollo interuallo do tempo supliqua a Vosas Senhorias lhe mandem dar por mão do escriuão ho trelado dos testimunhos do gouernador men de saa e de Antonio de crasto, nos artigos somente que toccam ao dito caso que estam em hum puurico instrumento daboaçam do qual he escriuão ho tabeliam Aleixo lucas ho qual esta em poder do notairo do Santo Officio, que bastara pera lembrança com a carta que sobre isto mandou o dito gouernador ao secretario se as que mandou a Suas Altezas forem perdidas e Vossas Senhorias faram seruiço a nosso senhor e ao suplicante muita merce .//.

Que se dee ao Suplicante o treslado dos testemunhos que diz en sua petição, en modo que faça fee / en lisboa vinte e noue de agosto de quinhentos e sessenta e quatro .//.
Jorge gonçalues Rybeiro .//.
Ambrosius doctor .//.

Aos dous dias do mes de septembro de mil quinhentos e sessenta e quatro annos Eu notario abaixo nomeado per mandado dos Senhores Inquisidores acostej os proprios autos que o supplicante pede a esta sua

petição atras pera que lhe sejão dados e por elles requeira sua justiça e satisfação e acabados seus negocios tornara a entregar os dictos autos neste Santo officio pera se acostarem a seu processo e por isto constar a todo tempo fis este termo Domingos Simõees o screvj .//.

Saibão quoamtos este pubrico estromento dado per mandado e autorydade de justica com ho theor de huma pityção e Reposta e dytos de testemunhas viRem que no anno do naçimento de nosso Senhor Jesu cristo de mjll e quinhentos e sessenta e tres Annos aos desasete djas do mes de março do dito anno nesta cidade do Salluador da bahya de todollos samtos terras do brasjll a porta da cadea della por monseor de bolles que na djta cadea estava me foy dado uma pityção com hum despacho nella do juis gaspar de baros magalhājs juiz hordenajro na djta cydade do sallvador e seus termos ho presemte anno em que mamda que dem a vysta ao padre lluys da gram provycyall da companhya de Jesu nestas partes do brasill, e com sua Reposta lhe torne concruso Requerimdo me ho djto sopricante que dese a vysta della ao djto padre lluys da gram pera Respomder ao qujnto artigo de sua pityção se qujsese como na dyta pityção elle pedya ha qual he a seguimte e ho djto despacho do djto juys alleyxo lluquas tabelliam que ho screvj .//.

Senhor Juyz .//.

Diz Jehouanan senhor des boullez que a ele compre fazer certos per ditos de testemunhas hos artygos abayxo e delles lhe passar hum estromento em modo que faça fe pello que pede a vosa merçe que hasym ho faça comforme a seu carego tyramdo as testemunhas que elle apresentar no que ReçebeRa merçe / e os artygos são hos seguintes .//.

Provara que ho Rjo de JaneyRo foi pavoado pello cavallejro vylla ganhão majs de hum anno prymeyRo que elle sopricante viese a esta terra onde veo a Rogo do allmeyRamte pera ver saber a Rezão por que avya Reuolltamento no pouo que qujsera matar ao djto vyllaganhão por omde eu ho sabemdo emforcara tres da comjuração e fyzera dous servyr como escravos .//.

Provara que na jlha dyta de colljnhy omde ho dyto cavalleyRo villa ganhão tinha sua fortelleza e morado avya hum mestre pieeRe e hum gjlherme menjstros que vylla ganhão mamdara vyr de genesue em sujca com dez ou doze outros homens os quayes emsynauão e pregauão comtra a samta ygreija de Roma aos quays elle sopricante foy llogo a mão e lhes quys tolher a pregação em todas maneyras ate detryminaRem tres delles per consemtjmento de todos matallo em trajção ho que sabemdo e nom

vemdo emmenda se foy a terra fyrme com sua gente espeRamdo embarcação pera jr a framça dar comta do que pasava e do que hachara na gemte pera por a yso cobro que elle nom podeRa emmemdar .//.

Provara que vemdo elle sopricante asy apartado delles jumtouse de symcoenta llegoas de costa huma geRa de symco ou seys mill Jmdyos pera yRem assollar ha capitania de sam Vicente com hos quays ho djto villa ganhão mandou sete ou outo omens companheyRos dygo seus com picõys e allcamcyas e outras cousas de geRa ho que sabemdo ele sopricante depoys de pasadas sobre isto muitas pallauaras e ameaças porque has queRya estrovar foy se escomdidamente tomar as espyas que estauão a quynse llegoas day e se foy com ellas fymgymdo que hya de geRa e llogo que chegou llarguose dygo llamçouse com hos portugueses e os defemdeo dos contrayRos e deu conselho e avyso ao capitão de são vjçente que mandase Recolher toda a gemte que estava espalhada pollas Roças e fazendas de maneyRa que todos os que hobedeceRão ao pregão do capitão se sallvaRão e os emmygos nom tomaRão majs de vymte e tres ou vymte quoatro pesoas em huma toRe de hum amtonio Rodrigues ho quall de contumas nem quys obedeser .//.

Provara que llogo como chegou deu comta ao capitão e a toda a camara que semdo apartado da jlha e villa ganhão polla Rezão sobredyta porque tardava a embarcação vemdo que tamtos comtrairos e tambem providos darmas nom podião deyxar de fazer muito mall se fora com as espyas pera lhes fazer aquelle servyço pera que lhe fizesem merçe de lhe dar embarcação pera portugall pera day pasar a framça e por antam vyr Recado de sua allteza que heRa seu servyço e a vontade del Rej de framça tyrase hos framseses do dyto Ryo eu dey ardyll e maneyRa pera hos botar da terra .//.

Provara que estamdo na vylla de São vjçente hum padre per nome lluys da gram pregou na vylla de são viçente e dysse pallauras escamdolosas contra ho capitão dos franseses dizendo que elle nom heRa bom crystão segundo ha emformação que tinha e como ho povo fose escamdallizado de tajs pallavras ho domjgo segjnte veo ha Samtos a pedyr perdão em pullpito a ele sopriquante e a todo ho povo dyzendo e juRamdo que uom dyxera aquyllo contra elle sopricante senom contra ho capitão da jlha pedjndo pello amor de deus que lhes perdoasem e que nymgem tevesse pera sy que ho dixera por outrem e porem porque ja ho djto lluys da gram tinha hodjo a elle sopricante por huma imuetiua que lhe tinha escrita des emtão fycarão mortays imygos ate ho da gram jndo de são viçemte a samtos ou de samtos a são vyçemte jr por detras dos monRos nom uzamdo pasar polla moRada delle sopricante que he Raso camjnho comum e yso prymeyro que se tevesem vistos .//.

As testemunhas são estas

ho governador a todos hos artygos em como deRa comta a sua senhoRya e ao doutor pedro borges ouvydor que eu me apartara dos da jlha por seRem lluteros que foj ha pryncypall Rezão que moveo sua senhoRya a lhes fazer gera como as dise aos solldados quando quyzeRão dar ho combate .//.

joão torudo ao prymeyRo segundo / pedro de vjlla nova = denys boilhi nicullão mendes = joão francisco = camtjm rodrigues he tratado meu escrito em llatym em um llyvoro que ho bispo me tomou em minha casa quando me premdeo cuijo tytollo he assertiones orthodoxæ bollorum toparchi comtra delljria callujnj ao segundo artigo = outro tratado meu no mesmo llyvoro escryto outro sy em llatym de tymta vermelha cuijo tytollo he exemplum epystollæ quam ex america scripsit bollorum toparchus ad (1) proçeres framsiae contra genebensjum dogma ao segundo os quajs llyvoros RequeyRi a vosa senhorya hos mandase comygo ao jmfamte cardeall //

antonio de crasto = djogo trystão francisco mendes = de são viçente ao terçeiRo e quoarto artigo e qujnto = jsabell dantas ao quynto = jeRonyma de farya ao quynto = marya da costa ao qujnto .//.

despacho do Juiz

Aja o padre lluys da gram vysta desta pityção e com ho que dyserme torne *gaspar de baros magalhãjs* //

E sendo me asy apresemtada a dyta pityção com ho despacho do dito juiz eu taballiam a llevej ao provjcyall lluys da gram pera que se qujsese dyser allguma cousa do conteudo no quinto artigo ho dysese allejxo lluquas tabaliam que ho screvy .//.

Reposta do provjmcial lluys da gram =

Os juizes seculares nom podem conheçer das cousas que tocão as pesoas ecllezyastycas prjncypallmente Rellegyosos por yso nom tenho aquy majs que responder a vosa merçe que pedyr por caRydade que nom mande preguntar por cousa que a mym toque que se me fora llycyto respomder en pe perante quem nom he meu sopryor eu dyxera ho que pasa que he muj defeRente do que ho sopricante diz porque eu a mostrey ho (2) pouo na vjlla de são vjçemte que se gardasem dos framseses que amtam

---

Cotas marginaes:

(1)—Juntense per linha estes tratados ao feito por bem de minha justiça—
ho requerimento desso he no segundo instrumento—

(2)—difamaçam pubrica

heRão chegados do Ryo de janejRo honde vivião llutramente como eles mesmo o pregavão e se vya pellos llyvoros que trazião e que os que vyeRão (1) da carioca eRão todos huns ho que eu teemndya por monseor de bolles seus companheyRos como cllaramemte se emtemdja ajnda que ho eu nom nomease e poRem por que em a villa de samtos estão outros estramgeyRos (2) moRadoRes que ho tomarão por sy e se me mostrarão qujxosos tornej noutra pregação na villa de Santos a decrarar que ho nom dysia senom pellos que vjerão do Ryo de janeyro nem jurey como ho sopricante diz nem pedy perdão que nom havya ahj de que se houvera em publlyco e partycollar ho pedyra a quem fora nesesaryo fuy huma soo vez pollo camjnho que ele diz que he atalho e a vjnda vjm por a casa de joseph adorno onde ele estaua e lhe falley a prymeira vez nom me moveo a huma jmuetiua que aquj a tenho e bem se pode ver que nom ha nella cousa porque nenhum homem deua de ter odjo como ele diz e jsto decraro asy porque como cristão devo tyrar todo azo pera que allgum fraquo se escamdalljze e nom por perjudycar ao priuillegio eclleziastyco Respomdendo perante juiz secular =

Lluys da gram .//.

E depoys desto aos vjnte e quoatro dyas do mes de março de mill e qujnhemtos sesemta e tres annos nesta cidade do Sallvador no mosteiro de Jesu por ho padre Rodrigo de freytas me foj dado esta pityção com a Reposta atras escryto do provjcyall da companhya de jesu com a quoall eu tabaliam fiz concrusa ao dito juiz gaspar de baRos conforme seu despacho eu Alleyxo lluquas tabaliam que ho screvy .//.

---

despacho do Juiz

Pregumte hum tabaliam com hum emqueRedor as testemunhas que ho sopricante aponta nesta pityção pollos capitollos della tyRamdo ho quinto que por este se nom perguntara testemunha allguma vysto como a sostamcya delle nom faz a bem de sua justyca e ser tocamte ao padre lluys da gram que he Rellegyoso e tyradas lhe pase ho estromento que pede /

gaspar de baros magalhãjs .//.

Reposta do sopricante .//.

Senhor // ho quynto artygo faz majs a mynha justyca que nenhum outro por quoamto ho padre lluys da gram he que denuncyou de mym

---

Cotas marginaes :

(1)—é falso porque homens que vinham en huma canoa de cortisa como auiam de trazer liuros nem bons nem maus .//.

(2)—se disse nomeadamente os que vinham do rio de janeiro como auiam de tomar por si esses que são genoeses que ha vinte cinquo annos que estam em samtos—

e emduzio çertos homes a testemunhaRem contra mym como enymjgo capitall em ysto nom peço que vosa merçe conheça sobre os Rellegyosos nem ho cuso nem demando dyemte de vosa merçe senom somente quero mostrar que semdo ja meu emmygo denunçiou de mym e fez quoamto pode para me empesar mays ho vigayRo de samtos e ho vjgayro geRall conheçendo sua sanha jullgarão as cullpas por nom hobrygatoryas e ajnda que ele mesmo se decrara majs jmygo dyzemdo que craramente dyse aqujllo por mym ho que nom fez porque se ho fyzera ouvera de conheçer que cousa he sinalar hum tall homem como eu em pullpito pera que mynha verdade seja notoRja RequeyRo a vosa merce da parte de deos e del Rey que mande perguntar as testemunhas apontadas pello quynto artygo .//.
e se ho padre lluys da gram tever all as contradytas ou sospeyção a podera allegar porque as testemunhas são apontadas pollo quinto artigo moores de toda exçepçam e nom ho queRemdo fazer protesto ho dyto artygo ser provado e por yso quys apomtar as testemunhas pera que ele as vyse quem herão pera que dysese se tynha que dyzer contra ellas que são pesoas muito omRadas como ele mesmo sabe //.
des Bouleʒ—atc .//.

E depoys desto aos vjnte e nove djas do mes de março de mill e qujnhentos sesenta e tres anos nesta cidade do salvador a porta da cadea por ho sopricante me foi dado esta pityção dyzendo que ho juiz lha mandara com ho despacho atras e que ele tornara a Respomder que me RequeRia que a tornase a llevar ao dito juiz com sua Reposta atras eu tabaliam a llevey ao dito juiz Alleyxo luquas tabaliam que ho escrevj .//.

---

despacho do juiz
ho soprjquamte me dyse a porta da cadea que pollos artygos e de sua pitição lhe mandase perguntar suas testemunhas e pasar seu estromento e que quanto ao qujmto e deRadeyRo artjgo nom queRia mays que ho que ho padre lluys da gram dizia em sua Reposta e portanto mando que pellos mays lhes sejão perguntadas e pasado seu estromento da maneyRa que em meu despacho atraz faz menção oje seys dabryll de mill e qujnhentos e sesemta e tres .//.—
gaspar baros magalhãjs .//—

E depois desto aos sete dyas do mes dabrill de mill e quinhentos sesenta e tres annos nesta cidade do sallvador no paço do conçelho della estando aj pedro teyxera emqueredor desta cidade perguntou comygo tabaliam as

testemunhas segymtes por parte do sopricante que nos forão hapresemtadas e por suas casas e seus testemunhos são hos segymtes Alleyxo luqas tabaliam que ho escrevj=

Item—pedro de villa nova framses estamte nesta cydade testemunha ha que ho dyto emqueRedor deu juRamento dos Samtos avamgelhos peramte mj tabaliam e do costume dyse que ja comeo e bebeo com ho sopricante e que dyRa verdade //

E do prjmeyRo artygo da pityção do sopricante dyse elle testemunha que sabe que vjlla ganhão veo prymejRo ao Ryo de janeyRo hum anno pouquo mays ou menos que ho sopricante e que ao tempo que ho sopricante chegou ao Ryo de janeyRo ho dito vylla ganhão estava deferemte com a gemte que tinha a seu carego e tinha mamdado emforcar tres e outros muitos tinha em ferros e al nom dyse do djto artigo .//.

e do segundo artigo djse elle testemunha que he verdade que na companhia dos navyos em que ho sopricante vyeRa do Reyno vjeRa hum pregador—a saber—se chamava mestre pedro e outro mestre gylherme os quajs trazião muita gente da sua parte que os favoRecya os quajs pregadoRes herão de huma cidade de framça domde são llutteros e depoys deseRem no dyto Ryo do janeyRo na jlha omde estava ho dyto vylla ganhão começarão a pregar ha seita llutarana e que ho sopricante lhes fora a mão dyzemdo que pregavão muitas cousas contra ha fee e que por ho sopricante os Repremder hos ditos pregadoRes e os da sua companhya queRyão grande mall ao sopricante e ho sopricante se fora da ilha donde elles estavão e se foj viver na terra fyrme contra gente e all nom dise do djto artygo .//.

e do terçeiro artygo dyse ele testemunha que ao tempo que ho sopricante se foj pera são vjçemte já ele testemunha heRa fogydo pera ho mesmo são vjçemte somente ouvjo ele testemunha dizer que ho sopricante fora em companhia dos negros do Ryo de janeyRo que hyão dar geRa aos moRadores da capitanja de são vjçemte e que depois de serem na djta capitanya na bertioga que ho sopricante se llamçara com hos portugueses e os avysara da maneyra que hos jmdyos hyão e all nom dyse do dyto artygo nem do quoarto que nom sabe majs do que dyto tem e asynou Alleyxo luquas tabaliam que ho screvy .//.

Pedro teixeira //.

Vjlla nova .//.

Item—Amtonio de crasto morador nesta cidade testemunha ha que ho dyto emqueRedor deu juramento dos Samtos avamgelhos paramte mym tabaliam e do costume dyse nada .//.

e do conteudo na pityção do sopricante dyse elle testemunha do terceyro artygo que nom sabe outra cousa somente que avera quoatro annos pouquo majs ou menos que estamdo ele testemunha na capytanya de são vjçemte fora lla ter muita soma do gemtyo do Ryo de janeyro e amgra dos Reys que seRyão tres ou quoatro mill jmdyos amtre os quoajs hyão sjmco ou seys framseses e asy ho sopricamte sendo na dyta capytanya de são viçemte ho sopricamte monseor de bolles se llamçou logo com os portugueses e lhes deu ho avyso dos que hos dytos ymdyos vjnhão fazer e asym hos framseses que vjnhão em sua companhia pello quoall avyso e ho sopricante deu ao capitão e majs gemte se nom perdeu a capytanya / dygo como se perdera se ho elle nom fora polla muyta gemte (1) que vjnha e os portugueses seRem pouquos e estaRem descujdados pello que hos dytos jmdyos nom tomarão mays que sertas pesoas que nom qujseRão por em sallvo no que ho sopricante fez mujto proveyto a dyta (2) capitanya e moRadores e que amtam ouvyo ele testemunha dyser na dyta capitanya no dyto tempo por elle testemunha aj estar que ho djto monseor vjnha defeRemte com vylla ganhão capitão dos framseses que estavão no Ryo de janeyro por lhes jr a mão que nom usasem da seyta llutarana que usavão e que sobre yso vierão a ter defeRemsas e que por yso fogyra e que ysto ouuyo ele testemunha dyser por aj geRallmente e al (3) nom djse do djto artygo .//.

e do quoarto artygo djse ele testemunha que ouvyo dizer que geRallmente que ho sopricante dera ardill e maneyRa ao governador mem de (4) saa pera tomar ho Ryo de janeyro e que fora aj presente com ho dyto governador e que nysto servyra bem a el Rey noso senhor e al nom dyse do dyto artygo nem do primeyro segundo e asynou Alleyxo luqas tabaliam que ho screvj .//.

Pedro teixeira .//.

antonio de crasto .//.

Item—Camtym fernandes framses morador nesta cidade testemunha ha que ho dyto emqueRedor deu juramento dos samtos evangelhos paramte

Cotas marginaes.

(1)— ouuera de se perder a capitanja sem meu fauor e aiuda//.

(2)— não se quizerão por en saluo de contumaces—

(3)— isto dixe eu chegando na camara que ja o tinha dito manoel ribeiro portugues que viera primeiro do rio de janeiro .//.

(4)— a todos he notorio mas são trauailhos de hercules—

mym tabaliam e do costume dyse que he amygo do sopricamtee comeo e bebeo com elle as vezes e que dyra verdade .//.

e do primeyro artygo dyse elle testemunha que ouuyo dyser allguns framseses que a esta cydade vyeRão que ho Ryo de Janeyro fora prjmeyro pavoado por vjlla ganhão muito tempo amtes que ho sopricamte monseor vyese ay ter e que depojs delle ay estar vyeRa ho sopricante per mamdado do allmeyRamte de framsa e que se asy he ou nom ele testemunha ho nom sabe e al nom dyse do dyto artigo .//.

e do segundo artygo dyse elle testemunha que ouvyo dyzer aos framseses que djto tem que estamdo ho vjlla ganhão em huma jlha no Ryo de janeyRo com a gemte que tynha em sua companhya estauão com ele hums dous mestres que pregavão contra ha fee e que ho sopricante monseor hos Repremdera dyso de maneyRa que hos framseses lhe vieRao a queRer mall e se pasara a terra fyrme pollo quererem matar e al nom dyse do dyto artygo .//.

e do terçeyro artygo dyse ele testemunha que ouvyo dyzer aos dyto franseses que dyto tem que fazendo hos negros do Ryo de janeyro muita gemte prestes pera yRem dar na capytanya de são vyçemte mandado com eles villa ganhão seys ou sete framseses com artefycyos de geRa em companhia dos negros ho sopricante se fora tambem com elles e sendo na dyta capitanya de são viçemte se llamcara com hos portugueses e lhes dera de maneyra que ha capitanya se nom perdeo como se perdera se ho sopricante nom deRa ho dyto avyso pollos contrayRos serem muitos e os portugeses seRem pouquos e estaRem descujdados e al nom djse do dyto artygo nem do quoarto que nem sabe mays do que dyto tem e asynou Alleyxo luquas tabaliam que ho screvy .//.

Pedro teyxeira .//.

Item mem de saa do concelho dell Rey noso Senhor e governador geRall nestas partes do brasyll testemunha ha que ho dyto emqueRedor deu juRamento dos samtos avamjelhos paramte mym tabaliam e do costume dyse que comeo ho sopricante com sua SenhoRja a sua mesa e fora ao Ryo do JaneyRo com ele .//.

e do prymeyRo artygo dyse sua senhoRya que ouvyo dyzer que prymeyro vyeRa vjlla ganhão do Ryo do Janeyro que ho sopricante e que asy ho tynha sua senhorya pera sy e al nom dyse do dyto artygo nem do segundo .//.

e do terçeyro artygo dyse sua senhoRya que sabe que ho sopricante foy do Rjo do janeyRo polla terra a fortelleza da byrtjoga e ay se metera e deu avyso aos de são vyçemte como vjnhão os tamoos a lhes dar gera e que segundo sua SenhoRya ouvyo dizer ho sopricante fora muita parte de se

(1) nom tomaRem as fortelezas da bertyoga porque segundo hos descujdos que nellas ha e a pouqua gemte e apaRelho que tem pera sua defemção se ho sopricante nom avysara e ajudara a defemder a dyta fortelleza se (2) tomara por hos comtrayros que vynhão sobre ella e asy fizerão gramde dano aos de são viçemte se hos nom avysarão por hos dytos comtrayRos vyRem muytos e trazerem framseses comsygo, com artelharya e outras monyçöys de gera e al nom dyse do dyto artygo .//.

e do quoarto artygo dyse sua senhoRya que na capitanya de são vyçemte se deu embarcacão ao sopricante pera vyr a esta cydade e estamdo nella e ordenando sua senhoRya de jr tomar ho Ryo do janeyro fallara ao sopricante que fose em sua companhya ho quall fyzera de boa vontade e lla pellejara bem e mostrara bom ardil de tomar a fortelleza aos framseses como se tomara e al nom dyse do dyto artygo e asynou Alleyxo luqas tabaliam que ho screvy .//.

pedro teyxeira .//.

E depoys desto aos doze dias do mes de mayo de myll e quinhentos e sesenta e tres annos nesta cydade do sallvador na casa da cadea della perguntou pedro fernandes emqueRedor da coReyção comigo tabaliam as testemunhas segujmtes no paço do concelho Alleyxo luquas taballiam que ho screvy .//.

Item—njcullão mendez morador nesta cidade testemunha ha que ho dyto emqueRedor deu juramento dos samtos avamjelhos peramte mym abaliam e do costume dyse que ele esta preso com ho sopricante e cotmem ambos muitas vezes e dyra verdade e do prjmeyro artvgo dyse ele testemunha nada .//

e do segundo artygo dyse ele testemunha que ouvyo dyzer a oullyveRa (3) framses que ho sopricante monseor Repremdera a vjlla ganhão e outras pesoas no Ryo de janeyRo que pregavão contra ha fe e que sobre yso teverão defeRemças e que ho sopricante se auzemtara deles pera jr dar Rellação a framça do que passava e al nom dyse do dito artygo .//.

e do terçeiRo artygo dyse elle testemunha que ouvyo ao dyto framses (4) e manoel Rybeyro que ho sopricante se fora pollas deferemças que tevera

---

Cotas marginaes:

(1) — disso tiraram os moradores instromento pera mandar a suas Altezas e derão conta ao governador do bem que lhes tenho feito—

(2) — tomandose a fortaleza a villa não tinha defençam .//.

(3) — este oliuera era cirurgiam de villa ganham e veo comigo por não querer viuer em tal secta .//.

(4) — este manoel ribero he hum portugues que saluamos dos negros que ho tinham pera ho comerem no rio de janeiro o qual he testemunha de vista .//.

com vjlla ganhão por ho semtyr mão da fee se fora camynho da capytanya de são vyçemte e lla deRa avyso do que pasava e como estavão pera vyr sobre eles e que se ho sopricante nom fora sempre se fyzera muyto dano do que se fez e al nom dyse e asynou e do quoarto que ho sabe como dito tem e asjnou Alleyxo luquas tabaliam que ho screvy .//.

nicullão memdez .//.

pedro fernandes .//.

Item—joão francisco morador nesta cidade testemunha ha que hodyto emqueRedor deu juramento dos samtos avamjelhos peramte mym tabaliam e do costume dyse nada .//.

e do prjmyeRo artygo dyse ele testemunha que ouvyo dyzer aos framses que ho sopricante vjeRa ao Ryo de janeyRo per mandado do allmej-Ramte e al nom dyse do dyto artygo .//.

e do segundo artygo dyse ele testemunha que houvyo dyzer que ho sopricante estevera mall com ho villa ganhão e se fora vyuer a terra fyrme e que nom sabe porque e al nom dyse do dyto artygo .//.

e do terceyro artygo dyse ele testemunha que ouvyo dyzer que ho sopricante se fora do Ryo de janeyRo pera a capytanya de são vjçemte e lla dera avyso ao capitão da bertyoga e de são vjçemte como hia muita gemte sobre eles que se gardasem e que se ho sopricante nom fora se perdera a dyta capytanya mays do que se perdeo se ho sopricante nom fora e al nom dyse do dyto artygo .//.

e do quoarto artygo dyse ele testemunha que sabe que ho sopricante foy com ho governador ao Ryo do janeyRo lla pellejara bem e dera allguns ardys pera se tomar ho Ryo de JaneyRo e al nom dyse e asynou Alleyxo luquas tabaliam que ho screvy .//.

pedro fernandes .//.

---

e tyradas as djtas testemunhas como dyto he pollo sopricante foy dyto a mym tabaliam que lhe pasase seu estromento como heRa mamdado pollo dyto juiz com protestação de tyRar a joão toRudo que tynha hapontado no Roll que tynha por emformação que vinha preso a esta allcada e cidade do Sallvador ho quall estromento en Alleyxo luquas tabaliam do publico e do (1) judycyall por el Rey noso senhor nesta sua cydade do Sallvador e seus termos que este estromento fis he o tomey em meu llyvoro de notas dygo he o pasey do propyo que em meu poder fyca bem e fyellmente na verdade

---

Cota marginal:

(1)—este foi criado de villa ganhom no rio de janeyro testemunha de vista do todo.

e ho coRy e consertey com ho propyo oRegynall e com ho tabalyam abayxo asynado sem cousa que duvida faça e vay scryto em omze folhas de papel com esta e vay asellado com ho sello desta çidade e com hos Rysquado que dizem / apomtadas pollo quynto artygo / e mall scryto que dizem / cem / ção que tynha e / se / mos comfeçavão / dey e aquy asyney de meu / dygo e vay scryto em omze folhas de papeel com esta e aqui asyney de meu publico synall que tal he .//.

Consertado comjgo tabaliam .//.

francisco byqudo .//.

Logar do signal publico .//.

Comigo tabaliam //

Alleyxo luquas .//.

---

momtouse neste estromento con ho termo do conserto çemto e cincoemta e tres reaes

momtouse no propio donde sayo da conta cento setenta e sete reaes .//.

da conta nove reaes .//.

Sommão ao todo com as contas trezentos e trimta e oito reaes .//.

Pero fernandes .//.

Ao sello nove reaes .//.—

Gaspar de barros emqueredor .//.

Inquisição de Lisboa

Processo n. 1586

RELATORIO

BIBLIOTHECA NACIONAL

RELATORIO

APRESENTADO AO

Sr. Dr. José Joaquim Seabra

MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES

PELO DIRECTOR

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva

1902

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1903.

Sr. Ministro

APRESENTANDO-VOS o relatorio dos trabalhos realisados em 1902 e do movimento que n'esse anno se operou na Bibliotheca Nacional, seja-me licito começar pela affirmação de que, fiel ao compromisso contrahido, continuei por todo esse periodo de tempo a empenhar todos os meus esforços no sentido da reorganisação e do desenvolvimento do estabelecimento cuja direcção me foi immerecidamente confiada.

Comprehendi ao assumir a directoria que os serviços que me sentia em condições de prestar poderiam ser de algum modo uteis á Bibliotheca na situação difficil em que a encontrei, com um avultado numero de volumes em mau estado de conservação, sem um catalogo systematico dos livros impressos, atrazada a respectiva catalogação alphabetica, organisados defeituosamente diversos serviços, devido a causas diversas que não puderam ser removidas pelo meu antecessor, que aliás, reconhecidamente competente, deu provas de muita dedicação á Bibliotheca

Em taes condições dediquei-me inteiramente á administração, procurando leval-a a effeito de modo intensivo, convencido de que assim cumpriria melhor a minha missão e melhor consultaria os verdadeiros interesses da Bibliotheca e os do publico que a frequenta.

Tendo procurado compenetrar-me das necessidades que de preferencia deveriam e poderiam ser attendidas, para ellas tenho dirigido os meus cuidados e, apezar das difficuldades que me são proprias, dos obstaculos que me tem sido necessario vencer e das asperezas que o caminho me tem offerecido, tenho á custa de actividade e de resistencia conseguido um resultado relativamente satisfactorio, aquem dos meus intuitos, mas alem do parco auxilio que me foi possivel obter d'aquelles que commigo collaboraram, feitas honrosas excepções.

A marcha tem sido lenta, mas com os elementos de que pude dispor não era possivel passar em pouco tempo da quietude ao movimento, do repouso ao trabalho incessante, como as condições da Bibliotheca exigem.

Movimento do Pessoal

Por conveniencia do serviço foram transferidos no começo do anno os 2^os^ officiaes Antonio Luiz Pinto Montenegro da 3ª secção para a 1ª e Alfredo Mariano de Oliveira da 1ª para a 3ª, voltando este em Agosto á secção a que pertencera para occupar-se com a contagem dos impressos. Por igual motivo foi, ao começarem os trabalhos, transferido provisoriamente para a 1ª secção, onde se conservou durante todo o anno, um dos dous amanuenses da Secretaria.

Estiveram ausentes em goso de licença de 8 dias a 3 mezes cada um o ajudante do porteiro, quatro auxiliares, um dos amanuenses da 1ª secção e o respectivo chefe. O secretario, João Aydano da Costa Imbuzeiro, esteve licenciado cerca de 4 mezes, vindo a fallecer a 23 de Maio.

O serviço de qualificação eleitoral e o do jury continuaram a reclamar a presença do 1º official da 2ª secção. O chefe da mesma secção e dous 2ºs officiaes serviram igualmente no jury, o primeiro durante tres mezes.

Sem as substituições por escala em caso de impedimento, como estabelece o regulamento, e sem as nomeações interinas, com as quaes se completa o quadro do pessoal, quando desfalcado por licenças, providencia que desde 1900 consegui fosse adoptada, essas longas e successivas ausencias teriam perturbado enormemente o serviço, que já tanto soffre com as repetidas faltas de comparecimento.

Varias foram as designações que tive de fazer para preencher em substituição os claros abertos por impedimentos diversos. Para substituir ao secretario designei a 16 de Janeiro o 2° official da Secretaria, Julio Cesar de Moraes, que até 2 de Junho se conservou no exercicio do cargo, vago desde 23 de Maio. A 3 de Junho assumiu o exercicio e n'elle continúa o engenheiro José Luiz Baptista, nomeado secretario interino por acto de 31 do mez antecedente.

José Bonifacio de Almeida Salles, Joaquim de Albuquerque Lima, Henrique Augusto de Lima e Cirne, Augusto Martins Barreto e Flavio Nunes, este por duas vezes, foram nomeados auxiliares interinos, permanecendo cada um d'elles em exercicio por espaço de um a seis mezes approximadamente.

Á excepção do primeiro, que foi exonerado a pedido, todos conservaram-se em exercicio até cessarem os impedimentos que haviam motivado essas nomeações, a que os quatro ultimos se tinham recommendado por serviços gratuitos. Cessou em Fevereiro a interinidade do auxiliar Edmundo Cavalcanti de Castro Goyanna que havia sido nomeado em 1901.

Com a devida regularidade realisaram-se a 16, 17 e 18 de Janeiro as provas do concurso para o provimento de um logar de amanuense. Compareceram 15 dos candidatos inscriptos, sendo considerados habilitados os seguintes que foram classificados n'esta ordem: Mario Behring (1° logar), João Paulo Coelho Barreto (2°), Miguel Mello (3°), Mario de Barros e Vasconcellos (4°), Manoel Cassius Berlink e Eugenio Barbosa de Barros (5°), Eduardo João Barbalho Uchoa Cavalcanti (6°) e Edmundo Cavalcanti de Castro Goyanna (7°).

A nomeação, effectuada por portaria de 4 de Fevereiro,

recahiu no candidato classificado em 1° logar, Mario Behring, que a 6 do mesmo mez tomou posse e começou a servir na 2ª secção, para onde foi designado.

D'entre os candidatos classificados foram admittidos como amanuenses gratuitos Eugenio Barbosa de Barros, que prestou serviços na 1ª secção de Abril a Julho e Mario de Barros e Vasconcellos que os prestou na 2ª de Junho a Agosto e na 1ª de Agosto em diante.

Como auxiliar gratuito foi admittido Manoel José Fernandes Lopes que serviu de Agosto a Dezembro.

Para o provimento do logar de secretario fui auctorisado por Aviso de 1 de Julho a abrir concurso, auctorisação que foi suspensa até segunda ordem pelo Sr. Dr. Sabino Barroso Junior, que a havia expedido, e ainda não se acha restabelecida.

Expediente da Secretaria

Foi somente em 1902 que puderam começar a ter inteira execução as disposições do art. 6 n. 5 e do art. 7 n. 2 do Regulamento de 8 de Agosto de 1894, isto é, o registro de entrada das obras adquiridas deixou de fazer-se na Secretaria, passando a ser feito exclusivamente nas secções, a cujos chefes o secretario fez a respectiva entrega e de quem exigiu recibo. Estabelecendo o modo de execução d'essas disposições, julguei conveniente, para obviar difficuldades, determinar em portaria n. 1 de 15 de Janeiro de 1902 que as remessas ás secções fossem acompanhadas de relação das obras remettidas, para o que se fizeram as competentes guias.

As principaes providencias estabelecidas na portaria a que me refiro foram as seguintes:

« 1. A remessa a que se refere o art. 6 n. 5 do Reg. será acompanhada de uma relação das obras adquiridas, que, depois de assignada pelo chefe da secção a que ellas se destinarem e onde deverão ser registradas, será devolvida ao secretario.

2. Alem do mappa da frequencia de cada mez, mappa que nos tres primeiros dias do mez seguinte será remettido á directoria pelos chefes de secção, por estar incluido o da consulta entre os serviços sob a direcção dos mesmos chefes, deverão elles remetter igualmente o resumo mensal dos trabalhos effectuados em suas secções por cada um dos respectivos empregados.

3. Ficará interrompido até segunda ordem o preparo dos bilhetes para o catalogo systematico dos impressos, devendo convergir os esforços do pessoal da 1ª secção no sentido de ter andamento rapido a organisação do catalogo alphabetico, reduzidas ao estrictamente necessario as referencias de assumpto e assignalada em todos os cartões que se forem preparando a circumstancia de não lhes corresponderem bilhetes systematicos.

4. Continuará a fazer-se com a possivel presteza a contagem dos manuscriptos e impressos de modo a tornar-se conhe cido o acervo das duas primeiras secções.»

A correspondencia expedida constou de 10 portarias, 224 guias de remessa das acquisições n'ellas relacionadas, 183 officios, 131 cartas manuscriptas e 420 impressas e 171 pedidos de fornecimentos e a recebida de 27 avisos ministeriaes, 186 officios, e 139 cartas. Alem d'isto foram despachadas 82 petições, lavrados 70 termos de registro, 8 de posse e 1 de contracto e registradas 9 portarias de licença e 8 de nomeação.

Serviço de Permutas

As relações da Bibliotheca, como estação intermediaria brasileira incumbida das permutas internacionaes, com as bibliothecas e outros estabelecimentos estrangeiros, que em 1901 foram consideravelmente ampliadas, continuaram a ter incremento no anno de 1902.

Foi assim que de 59 em 1900 e 162 em 1901 passou

a 189 o numero dos estabelecimentos destinatarios das publicações brasileiras.

Foram remettidas 76 publicações em 10.727 volumes, variando o numero de exemplares de cada uma d'ellas, cuja differença de 74 para menos em relação ao anno de 1901 é compensada largamente pela de 3.021 volumes para mais.

A distribuição não se fez indistinctamente, subordinou-se á natureza das obras a enviar, conforme pudessem interessar aos fins dos institutos que as deveriam receber ou n'elles tivessem cabimento.

Fizeram-se tres remessas, como no anno antecedente, acompanhadas de cartas e relações para recibo.

Expediram-se 103 caixas (mais 59 de que em 1901) e 16 pacotes (menos 52). Todos estes e 6 d'aquellas foram entregues aos Consules dos paizes estrangeiros para os quaes ainda não foi adoptado outro intermediario. As 97 caixas restantes foram enviadas aos seguintes estabelecimentos, simples intermediarios ou tambem destinatarios das publicações brasileiras: *Smithsonian Institution,* de Washington (58 caixas), *Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts,* de Pariz (8), Inspecção Geral das Bibliothecas e Archivos Publicos, de Lisboa (6), *Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele,* de Roma (6), *Service Belge des Échanges Internationaux,* de Bruxellas (4), *Biblioteca Nacional,* de Buenos Ayres (4), *Oficina de Deposito, Reparto y Canje Internacional de Publicaciones,* de Montevideo (3), *Biblioteca Nacional,* de Santiago do Chile (1), *Biblioteca del Instituto Nacional,* da mesma cidade (3), *Biblioteca Pública,* de La Plata (2) e *Biblioteca del Ministerio de Instruccion Pública y Bellas Artes,* de Madrid (2). Aos tres ultimos fizeram-se pela primeira vez remessas directas.

Não estão incluidas nos numeros acima as publicações do Museu Nacional que por intermedio da Bibliotheca foram enviadas á *Smithsonian Institution* e occuparam 3 caixas e 7 pacotes.

Segue-se a lista dos estabelecimentos estrangeiros a que a Bibliotheca fez remessas em 1902 e a cada um dos quaes

corresponde uma folha distincta no *Livro de sahida* que organisei em 1901 :

Smithsonian Institution. Washington.
Library of Congress. Washington.
Bibliotheca Nacional. Lisboa.
Oficina de Deposito, Reparto y Canje Internacional de Publicaciones Montevideo.
Biblioteca Nacional. Buenos Aires.
Biblioteca Nacional. Santiago de Chile.
New-York Public Library. New-York.
British Museum. London.
New-York State Library. Albany.
Biblioteca Nacional. Lima.
Oficina General de Informaciones y Canjes. Asuncion.
Biblioteca Pública. La Paz.
Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts. Paris.
Service Belge des Échanges Internationaux. Bruxelles.
U. S. Department of Agriculture. Washington.
Bibliothèque Fédérale. Berne.
Bibliothèque de la Législature de la Province de Quebec.
Königliche Bibliothek. Berlin.
Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele. Roma.
Biblioteca Nacional. Madrid.
Bibliotheca da Universidade. Coimbra.
Biblioteca Nacional. Mexico.
Biblioteca Nacional. Caracas.
Biblioteca Nacional. Tegucigalpa.
Biblioteca Nacional. Guatemala.
Biblioteca Nacional. Bogotá.
Biblioteca Pública. Valparaiso.
Biblioteca Pública. La Plata.
Biblioteca Nacional de San José. Costa Rica.
Biblioteca Nacional. Managua.
Biblioteca Nacional. S. Salvador.
Biblioteca Municipal. Guayaquil.
Real Bibliotheca Publica. Porto.
K. K. Hof-Bibliothek. Wien.
Department of Public Instruction. Tokio.
Bibliotheca Nazionale. Napoli.

National Bibliothek. Budapest.
Bibliothèque Générale Ottomane. Constantinople.
National Library. Athens.
R. Biblioteca Nazionale Centrale. Firenze.
Universitäts und Kantons Bibliothek. Zurich.
Biblioteca Nacional. Habana.
Bibliothèque de la Ville. Bordeaux.
Bibliothèque Municipale. Havre.
Bibliothèque de Marseille. Marseille.
Free Public Library. Liverpool.
Stadt Bibliothek. Hamburg.
Free Library. Dublin.
Public Library. Edinburgh.
Bibliotheca Publica. Evora.
Gorodskaia Publichnaia Biblioteka. Odessa.
Imper. Publichnaia Biblioteka. St Petersburg.
Kongelige Bibliothek. Christiania.
Kongelige Bibliotheket. Kjöbenhavn.
Kongliga Biblioteket. Stockholm.
Bibliothèque Nationale. Paris.
State Library of Pennsylvania. Philadelphia.
Newberry Library. Chicago.
Koninklyke Bibliotheek. Haag.
Bibliothèque Publique. Genève.
Stadt Bibliothek. Frankfurt. a/M.
Biblioteca Nacional. Quito.
Public Free Libraries. Manchester.
Rotterdam Municipal Library. Rotterdam.
Bibliothèque Ste. Geneviève. Paris.
Free Public Library. Sydney.
Public Library, Museums and National Gallery. Melbourne.
Museo y Biblioteca Pedagogicos. Montevideo.
Shanghai Library and Museum. Shanghai.
Biblioteca Union de la Juventud. Leon. Nicaragua.
Biblioteca de la Sociedad Economica de Amigos del Pais. Habana.
National Library. Sophia.
Bibliothèque Publique de la Ville. Anvers.
Auckland Free Public Library. Auckland.
Public Library and Museum. Adelaide.
Bibliothèque Communale. Lille.
Bibliothèque de la Ville. Lyon.
Public Library. Batavia.

Public Library. Calcutta.
South African Public Library. Cape Town.
Staats Bibliotheek. Pretoria.
Library of Parliament. Ottawa.
Legislative Library. S.t John (Newfoundland).
Biblioteca Nazionale di Brera. Milano.
Stadt Bibliothek. Köln.
Biblioteca Nazionale. Palermo.
Biblioteca Municipale. Bologna.
Stadt Bibliothek. Lübeck.
Stadt Bibliothek. Strassburg.
Stadt Bibliothek. Bremen.
Stadt Bibliothek. Leipzig.
Public Library. Aberdeen.
Free Public Library. Nottingham
London Library. London.
Brighton Public Library. Brighton.
Public Library. Kingston. (Jamaica).
Department of Public Instruction. Bombay.
Museo y Biblioteca de las Filipinas. Manilla.
Raffles Library and Museum. Singapore.
Government Central Museum and Library. Madras.
Parliamentary Library. Sydney.
Library of Parliament. Hobarton.
Bibliothèque Royale de Belgique. Bruxelles.
Königliche Öffentliche Bibliothek. Hannover.
Königliche Öffentliche Bibliothek. Dresden.
Königliche Öffentliche Bibliothek. Stuttgart.
Plymouth Free Public Library. Plymouth.
Bureau Central de Statistique de la Finlande. Helsingfors.
University of Nebraska. Lincoln.
Exchange Library. Birmingham.
Stadt Bibliothek. Braunschweig.
Königliche Hof-und Staats-Blibliothek. München.
Université de Gand.
Université de Liège.
Université de Louvain.
Imperial College. Yokohama.
Bibliothèque Publique de la Ville. Rouen.
Universidad de Chile. Santiago de Chile.
Biblioteca del Instituto Nacional. Santiago de Chile.
Consejo Nacional de Educacion. Buenos Aires.

The American Geographical Society. New-York.
Sociedade de Geographia. Lisboa.
Universidad. Madrid.
Universidad Central de Venezuela. Caracas.
Universidad. Barcelona.
Universidad. Salamanca.
Universidad. Sevilla.
Universitäts-Bibliothek. Basel.
Universitäts-Bibliothek. Königsberg.
Universiteits Bibliotheek. Amsterdam.
Imper. Moskofsckii Universitet. Moscow.
University Library. Cambridge.
K. Universitäts Bibliothek. Berlin.
Universitäts Bibliothek. Göttingen.
K. Norske Frederiks Universitet. Christiania.
Kongliga Universitet. Upsala.
Kongelige Danske Videnskabernes Selskab. Kjöbenhavn.
Statistiska Central Byran. Stockholm.
K. K. Universitäts Bibliothek. Wien.
K. K. Öffentliche Universitäts Bibliothek. Prag.
Bibliothèque de la Ville. Alger.
Commission Pénitenciaire Internationale. Neuchâtel.
Bibliothèque Cantonale et Universitaire. Lausanne.
Stadts Bibliotheek. Haarlem.
Bibliothèque de Luxembourg. Luxembourg.
Public Library. La Valetta (Malta).
Biblioteca Nazionale di San Marco. Venezia.
R. Biblioteca di Parma.
Bibliotheca Civica. Padova.
R. Biblioteca Estense. Modena.
Public Library. Belfast.
Bristol City Library. Bristol.
Grossherzogliche Bibliothek. Oldenburg.
Bibliothèque de la Ville. Ajaccio.
Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti. Venezia.
R. Accademia di Torino.
Director General de la Instruccion Pública. Madrid.
Library School. Albany.
Museo Nacional. Montevideo.
Bureau of American Ethnology. Washtngton.
International Bureau of the American Republics. Washington.
Bodleian Library. Oxford.

Washington Academy of Sciences. Washington.
American Museum of Natural History. New-York.
State Mining Bureau. California.
Geological Survey Department. Ottawa.
Bibliothèque de l'Université de France. Paris.
Académie des Sciencies et Lettres. Montpellier.
Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Toulouse.
R. Accademia dei Lincei. Roma.
Academia Real das Sciencias. Lisboa.
Academia Romåna. Bucuresci.
Queensland Museum of Natural History. Brisbane.
Instituto Historico y Regional de Americanistas. Asuncion.
Museo Nacional. Buenos Aires.
Imperial Academy of Sciences. Tokio.
Office International de Bibliographie. Bruxelles.
Accademia Pontificia dei Nuovi Lincei. Roma.
Königliche Akademie der Wissenschaften. München.
Universidad. Asuncion.
Académle Royale des Sciences, des Lettres et des Arts de Belgique. Bruxelles.
R. Accademia Virgiliana di Mantova.
Peabody Museum of Archaeology and Ethnology. Cambridge. Mass.
R. Istituto Lombardo di Scienze e Lettere. Milano.
University of Missouri. Columbia. (U. S. A.)
Imperial Tungwen College. Pekin.
Museum of Fine Arts. Boston.
University Club. New-York.
R. Accademia della Crusca. Firenze.
Museo Nacional. Mexico.

Para o serviço de permutas foram recebidas 79 publicações nacionaes, em desigual numero de exemplares, formando um total de 11.953 volumes. Merecem ser mencionadas as 50 collecções de Annaes da Camara dos Deputados e Annaes do Senado Federal enviadas, a meu pedido, pelas Secretarias das duas casas do Congresso, constando de 108 volumes cada uma das collecções ((Camara—1895 a 1902 sessão extraordinaria; Senado—1891 a 1902 sessão extraordinaria), ou sejam 5.400 volumes ao todo, que já foram distribuidos.

Alem dos Estados de Pernambuco, S. Paulo e Amazonas que remetteram em 1900 aquelle e estes em 1901 publicações officiaes destinadas ao serviço de trocas, nenhum dos outros attendeu até agora á solicitação que lhes dirigiu esse Ministerio em Avisos de 3 de Julho de 1900 e 26 de Abril de 1901.

Não permittindo os recursos do orçamento que se adquirissem por compra publicações nacionaes destinadas ás trocas internacionaes, limitei-me a distribuir as recebidas dos Ministerios, da Imprensa Nacional, da Repartição Geral da Carta Maritima, etc., e algumas das sobras existentes em deposito. Aos estabelecimentos que têm entrado n'estes dous annos para a nossa lista de remessa serão com vantagem enviadas essas sobras, exemplares que ficaram de distribuições effectuadas quando os destinatarios não attingiam a 60 e que de outra sorte não seriam aproveitados e continuariam a occupar espaço que outros livros estão a disputar.

Havendo separado das brochuras que pertencem á Bibliotheca, com as quaes estavam confundidas, aquellas que se destinam ás permutas internacionaes, resta agrupal-as por especies e relacional-as para que se regularise esse serviço que á Bibliotheca foi annexado.

Com destino ao serviço de permutas receberam-se do estrangeiro 45 caixas (o mesmo numero das recebidas em 1901) e 3 pacotes, procedentes de: *Smithsonian Institution* 35 caixas, *Service Belge* 5 caixas e 3 pacotes, *Ministère de l'Instruction Publique* 2 caixas, Inspecção Geral das Bibliothecas e Archivos 1, Academia Real das Sciencias, de Lisboa, 1 e *Biblioteca del Instituto Nacional*, de Santiago do Chile, 1.

Elevou-se a 905 (mais 210 de que em 1901) o numero de pacotes contidos nessas caixas e endereçados a diversos institutos scientificos, associações e particulares, não só d'esta Cidade, como tambem dos Estados. Não se acham ahi comprehendidos aquelles pacotes em que se continham obras enviadas á Bibliotheca para lhe ficarem pertencendo e que como era de prever, dado o desenvolvimento das relações, foram mais numerosas que no anno antecedente.

Ainda não puderam ter o desejado incremento as permutas nacionaes, pois as internacionaes, a que tenho de dar preferencia, não o tem permittido. Fiz entretanto 3 pequenas remessas a 28 bibliothecas brasileiras, ás quaes enviei 267 volumes.

Direitos auctoraes. Registro

Tornada dependente de registro a garantia da propriedade intellectual, passando consequentemente ao dominio commum as producções da intelligencia que dentro de determinado praso não forem submettidas a semelhante formalidade, era de suppor que auctores e editores procurassem todos collocar-se sob a protecção da lei apenas as suas obras sahissem á luz.

É entretanto muito reduzido o numero de obras até agora registradas.

Seja pelo desconhecimento da necessidade do registro como condição *sine qua non* para o reconhecimento dos direitos de auctor, ou pelo pouco receio de contrafacção, ou pelos embaraços que resultam da distancia para as pessoas que residem nos Estados, onde bem poderiam ser encarregadas, senão do registro, ao menos do recebimento e da remessa das obras a garantir, as bibliothecas publicas das respectivas capitaes, o certo é que apenas 70 registros (ns. 343 a 412) foram effectuados durante o anno, dos quaes 27 dizem respeito a composições musicaes e 22 a gravuras a agua forte e a trabalhos de lithographia, photographia e esculptura, não restando mais do que 21 relativos a obras litterarias e scientificas.

Houve menos 59 registros de que em 1901 e mais 17 de que em 1900.

Fez-se regularmente a publicação mensal da lista das obras registradas, de conformidade com o art. 10 das Instrucções de 11 de Junho de 1901.

Ainda não foi resolvida a consulta feita em Dezembro

de 1900 relativamente á convenção sobre propriedade litteraria e artistica estabelecida entre o Brasil e Portugal a 9 de Setembro de 1889. Sem a solução, que, uma vez feita a consulta, não posso deixar de aguardar, não se têm registrado obras portuguezas não comprehendidas na lei n. 496 de 1 de Agosto de 1898.

Na ausencia de disposição legal que regule especialmente o registro dos periodicos e das obras que se publicam por fasciculos, tenho auctorisado o registro d'aquelles mediante o deposito de um dos numeros que mais recentemente se tenham publicado, numero que é expressamente indicado no termo de registro, procedendo quanto ás obras por fasciculos como si cada um d'estes constituisse uma obra á parte, salvo si alguns ou todos são registrados d'uma só vez.

A lei hespanhola de 10 de de Janeiro de 1879 e o respectivo regulamento de 3 de Setembro de 1880 previnem as duas hypotheses, dispondo, em relação ao registro das publicações periodicas, que no fim de cada anno sejam depositados exemplares de todos os numeros publicados durante o anno e, quanto aos fasciculos, que só sejam admittidos a registro depois que formem volume.

Secção de Impressos

Em proveito da encadernação e da restauração foi necessario reduzir a sub-consignação orçamentaria applicavel á acquisição de livros, o que fez decrescer a cifra das acquisições por compra em 1902. A doação e a permuta nacional tambem apresentam differença para menos, mas a contribuição legal e a permuta internacional offerecem resultado superior ao do anno antecedente, em que o total das acquisições attingiu a um numero bastante elevado.

Assim se distribuem as acquisições realisadas para a secção de impressos durante o anno de 1902:

Compra	256	obras em		564	volumes ;	35	mappas
Doação.	475	»	»	653	»	3	»
Contribuição legal. . .	376	»	»	429	»	2	»
Permuta internacional. .	892	»	»	1663	»	0	»
» nacional . . .	7	»	»	7	»	0	»
	2006	»	»	3316	»	40	»

Os mappas foram em 1901 mais 145 e os volumes mais 4574.

Aqui ficam consignadas algumas das obras adquiridas :

Por compra :

— J. B. Alberdi. Obras completas. Buenos Aires. 1886-87. 8 v.

— Americanized encyclopaedia britannica revised and amended. Edited by W. H. Depuy. New York. 1901. 10 v.

— Autógrafos de Criotóbal Colon y papeles de America. Los publica la duquesa de Berwick y de Alba. Madrid. 1892.

— J. Chantre y Herrera. Historia de las misiones de la Compañia de Jesús en el Marañon Español. 1637-1767. Madrid. 1901.

— P. Dauze. Index bibliographique. Répertoire des ventes publiques cataloguées. 1894-98. Paris. 1895-1901. 5 v.

— H. La Fontaine. Pasicrisie internationale. Histoire documentaire des arbitrages internationaux (1794-1900). Berne. 1902.

— D. Maria Telles da Gama. Le comte-amiral D. Vasco da Gama. Paris. 1902.

— H. Harrisse. John Cabot the discoverer of North-America and Sebastian his son. London. 1896.

— G. De l'Isle. Carte de la Terre Ferme du Perou, du Brésil et du Pays des Amazones. Paris. 1703.

— F. Johow. Estudios sobre la flora de la Isla de Juan Fernandez. Santiago de Chile. 1896.

— E. D. Mathews. Up the Amazon and Madeira Rivers through Bolivia and Peru. London. 1879.

— Reclamaciones presentadas al tribunal anglo-chileno (1894-96). Santiago de Chile. 1896. 4 v.

— A. de Saint-Hilaire. Flora Brasiliae Meridionalis.Parisiis.1825-32. Ed. in-fol. com estampas coloridas. 3 v.

— A. Saldias. Historia de la Confederacion Argentina. Buenos Aires. 1892. 5 v.

— Sammlung Göschen. Leipzig. 1900-01. 133 v.

— Hans Staden. Veritable histoire et description d'un pays habité par des hommes sauvages... nommé Amérique... pub. par H. Ternaux. Paris. 1837.

— W. Storck. Vida e obras de Luis de Camões. Primeira parte. Versão do original allemão annotada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Lisboa. 1897.

— J. E. Warren. Pará, or scenes and adventures on the banks of the Amazon. New York. 1851. (Exemplar emendado pelo auctor).

Por doação:

Dos auctores:

— J. Lucio de Azevedo. Os Jesuitas no Grão-Pará. Lisboa. 1901.

— Clovis Bevilaqua e G. Thaumaturgo de Azevedo. Memoria XV do 3° Livro do Centenario. Relações exteriores: Allianças, guerras e tractados; Limites do Brasil. Rio. 1902.

— R. Blanco Fombona. La americanisacion del mundo. Amsterdam. 1902.

— Campos Salles. Discursos: I. Na propaganda; II. Na Republica. Rio. 1902.

— E. de Carvalho Braga. Glossario hebreu-portuguez. S. Paulo. 1902.

— Frota Pessoa. Critica e polemica. Rio. 1902.

— Dr. Dòmingos Jaguaribe. Cartas de Londres. S. Paulo. 1902.

— Miguel Calmon du Pin e Almeida. Applicações industriaes do alcool. Bahia. 1902.

— Dr. João Chrysostomo da Rocha Cabral. Das fallencias e do respectivo processo. Lei n. 859 de 16 de Agosto de 1902. Recife. 1902.

Do Dr. Alexandre Henrique Vieira Leal:

— Diversos jornaes maranhenses de 1827-61, entre os quaes «A Imprensa», annos 1°, 2°, 4° e 5° (1857-58, 1860-61) e «O Progresso» ns. 1-67. (1861-62).

Do Director do Museu Goeldi:

— O Pará em 1900 (Quarto centenario do descobrimento do Brazil). Publicação commemorativa feita pelo governo do Estado. Pará. 1900.

Do Duque de Loubat:

— Codex Fejérváry-Mayer. An old mexican picture manuscript... elucidated by Dr. Eduard Seler. Berlin and London. 1901-02.

— Codex Vaticanus n. 3773. Eine altmexikanische Bilderschrift... erläutert von Dr. Eduard Seler. Berlin. 1902. 2 v.

Do Gabinete da Presidencia da Republica:

— Mensagens com assignatura autographa do Exmo. Sr. Presidente da Republica apresentadas ao Congresso Nacional a 25 de Fevereiro e 3 de Maio por occasião da abertura das sessões extraordinaria e ordinaria de 1902.

Do Laboratorio de Analyses do Pará:

— Dr. G. Martina. Estudo chimico sobre algumas fructas brasileiras. Belem. 1902.

Da Legação Brasileira em Buenos Ayres:

— M. A. Montes de Oca. Limites argentino-chilenos. El «divortium àquarum» continental ante el tratado de 1893. Buenos Aires. 1899.

— Luiz V. Varela. La República Argentina y Chile. Historia de la demarcación de sus fronteras (desde 1843 hasta 1899). Buenos Aires. 1899. 2 v.

— E. S. Zeballos. Sir Thomas Holdich. From the Himalaya to the Andes. 1902.

Do Sr. Moisés Montt:

— J. T. Medina. El tribunal del Santo Oficio de la Inquisicion en las Islas Filipinas. Santiago de Chile. 1899.

— Robustiano Vera. La colonia de Magallanes i Tierra del Fuego. 1843-97. Santiago de Chile. 1897.

— Vicuña Mackenna. El libro de la Plata. Santiago de Chile. 1882.

Por contribuição legal:

Da Companhia Litho-Typographia:

— João Barbalho. Constituição federal brazileira. Commentarios. Rio. 1902.

De H. Garnier:

— Maximino de Araujo Maciel. Grammatica descriptiva baseada nas doutrinas modernas. Rio. 1902.

— Olavo Bilac. Poesias. Edição definitiva. Rio. 1902.

— Graça Aranha. Chanaan. Rio. s. d.

— Lucio de Mendonça. Murmurios e clamores. Poesias completas. Rio. 1902.

— Antonio Salles. Poesias. Edição definitiva. Rio. 1902.

— José Verissimo. Homens e cousas estrangeiras. I. 1889-1900. Rio. 1902.

Da Imprensa Nacional:

— Dr. A. V. Alves Sacramento Blake. Diccionario bibliographico brazileiro. 7° vol. Rio. 1902.

— Brazil Silvado. Les aveugles au Brésil. Rio. 1902.

— Dr. Luiz Cruls. Limites entre o Brasil e a Bolivia. Relatorio. Rio. 1902.

— Dr. Antonio da Cunha Barbosa. Estudos historicos. Rio. 1902.

— Aristides A. Milton. A campanha de Canudos. Rio. 1902.

— Lauro Sodré. A funcção do governo. Rio. 1901.

De Laemmert & C.:

— Carlos de Carvalho. Questões praticas de contabilidade. Rio. 1902.

— Vicente de Sousa. Restituição da pronuncia latina. Rio. 1902.

— Dr. A. O. Viveiros de Castro. Manual do contribuinte. Estudo theorico e pratico sobre os impostos. Rio. 1901.

De Leuzinger & C.:

— Dr. Almeida Magalhães. O coração no beriberi. Estudo clinico. Rio. 1901.

— Thomaz Rabello. Historia do turf no Brasil. Rio. 1902.

Da Typ. Escolar de Jacintho R. dos Santos:

— João Ribeiro. Versos. 3ª edição. Rio. 1902.

— Lafayette Rodrigues Pereira. Principios de direito internacional. I. Rio. 1902.

Por permuta internacional:

Da «Academia Real das Sciencias» de Lisboa:

— C. A. de Magalhães Sepulveda. Testamento de D. João de Castro. Memoria. Lisboa. 1901.

— Sousa Viterbo. Trabalhos nauticos dos portuguezes nos seculos. XVI e XVII. Lisboa. 1898-1900. 2 v.

— A. C. Teixeira de Aragão. Breve noticia sobre o descobrimento da America. Lisboa. 1892.

Da «Biblioteca Nacional» de Lima:

— Anales del Cuzco. 1600-1750. Lima. 1901.

— D. Pedro Portillo. Las montañas de Ayacucho y los rios Apurimac, Mantaro, Ene, Perené, Tambo y Alto Ucayali. Lima. 1901.

Da « Biblioteca Nacional » de S. José de Costa Rica:

— C. Cagini. Diccionario de barbarismos y provincialismos de Costa Rica. San José de Costa Rica. 1892.

— M. M. de Peralta. Historia de la República de Costa Rica. (1502-1880). Madrid. 1891.

— J. B. Romero. Elementos de agricultura tropical. San José de Costa Rica. 1897.

Da « Biblioteca Nacional » de Santiago do Chile:

— D. Barros Arana. Exposicion de los derechos de Chile en el litijio de limites. Santiago de Chile. 1899.

— J. G. Guerra. Sarmiento, su vida y sus obras. Santiago de Chile. 1901.

— M. A. Ponce. Bibliografia pedagogica chilena. Santiago de Chile. 1902.

Da « Biblioteca Pública » de La Plata:

— J. B. Alberdi. Escritos postumos. Buenos Aires. 1895-1900. 10 v.

— A. M. de Cerdeña. Arte y vocabulario de la lengua Lule y Tonocoté. Buenos-Aires. 1877.

— Estudios sobre puertos de la provincia de Buenos Aires. La Plata. 1897. 4 v.

— R. Merlo. Elementos de fortificacion. La Plata. 1897.

Da « Inspecção das Bibliothecas e Archivos Publicos » de Lisboa:

— H. A. de Carvalho. Expedição portugueza ao Muatianvua. Lisboa. 1892-94. 4 v.

— Exposição bibliographica no bi-centenario do padre Antonio Vieira. Lisboa. 1897.

Da « Library of Congress » de Washington:

— Handbook of the new Library of Congress. Boston. 1901.

— P. Lee Phillips. A list of maps of America in the Library of Congress, preceded by a list of vorks relating to cartography. Washington. 1901.

— House of representatives documents. Washington. 1899-1901. 106 v.

— Senate documents. Washington. 1899-1901. 63 v.

Da « New York Public Library »:

— Journal of the Board of Education of the city of New York. New York. 1854-99. 98 v.

Da «Oficina de Deposito, Reparto y Canje de Publicaciones» de Montevideo:

— A. B. Carranza. Digesto constitucional americano. Buenos Aires. 1901. 2 v.

— A. Giribaldi. El regimen penitenciario en Montevideo. Montevideo. 1901.

— Severiano de Olea. Curso de zoologia general. Montevideo. 1899.

Receberam-se 342 publicações periodicas, sendo 172 nacionaes e 170 estrangeiras. Das primeiras entraram 91 por doação e 81 por contribuição legal e das ultimas 18 por doação, 74 por permuta internacional e 78 por assignatura.

Comparadas com as que se receberam em 1901, verifica-se que agora foram mais 18 as recebidas por assignatura e mais 20 as que do estrangeiro nos vieram por permuta. Foram em menor numero as adquiridas por doação e por contribuição legal, mas o total offerece para mais a differença de 7 publicações, pois em 1901 haviam sido 335.

Relativamente aos jornaes e revistas que se adquiriram por assignatura e cujo numero foi elevado de 60 a 78, substituido somente o *Journal Officiel de la République Française*, que solicitei por permuta, cumpre notar que tem surtido o melhor effeito a deliberação que tomei de encarregar das assignaturas aos commerciantes Aillaud & C., de Pariz, que remettem pelo correio em pacotes registrados, quinzenalmente e com regularidade, os numeros que vão sendo publicados. O elevado preço de cerca de 3:500$000 que em cada um dos ultimos annos havia cobrado por 60 assignaturas a casa commercial aqui estabelecida que era encarregada d'esse serviço e o modo irregular por que o executava, a ponto de deixar incompletas muitas collecções, levaram-me a tentar esse outro meio que deu em resultado uma economia digna de reparo: as 78 assignaturas de anno, uma das quaes não entra no numero das recebidas de Pariz, custaram 2:001$503.

Eis a relação das publicações periodicas estrangeiras recebidas por assignatura em 1902:

Academy (The).
Agriculture Pratique des Pays Chauds.
Annales de Chimie et de Physique.
» » Géographie.
» d'Hygiène Publique et Médecine Légale.
» des Ponts et Chaussées.
» » Sciences Naturelles. Botanique et Zoologie.
Anthropologie (L').
Archives des Sciences Physiques et Naturelles.
Archivio di Psichiatria.
Art Journal (The).
Athenaeum (The).
Bibliografia Italiana.
Bibliographie de la France.
Bibliothèque de l'École des Chartes.
» Universelle.
Brasil-Portugal.
Bulletin du Bibliophile et du Bibliothécaire.
» de l'Institut International de Bibliographie.
» » la Société Astronomique de France.
Chronique des Arts.
Comptes-rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres.
» » » » » Sciences.
Éclairage Électrique (L').
Fortnightly Review.
Gazette des Beaux-Arts.
» Médicale de Paris.
» des Tribunaux.
Génie Civil (Le).
Géographie (La). Bulletin de la Société de Géographie de Paris.
Giornale della Libreria.
Globus.
Illustração Brasileira. Pariz.
Illustrated London News (The).
» Sporting and Dramatic News (The).
Illustration (L').
Illustrazione Italiana.

Ilustracion Sud-Americana (La).
Journal d'Agriculture Tropicale.
» Asiatique.
» des Économistes.
» » Savants.
Lectures pous Tous.
Library Journal.
Literarische Centralblatt.
Literary News.
Mondo Artistico (Il).
Moniteur Scientifique.
Muséon (Le).
Nature (La).
Numismatischer Verkehr.
Nuova Antologia.
Petermanns Mitteilungen.
Photogram (The).
Polybiblion.
Revue (La). Ancienne Revue des Revues.
» Archeologique.
» d'Art Dramatique.
» Belge de Numismatique.
» Biblio-Iconographique.
» du Cercle Militaire.
» Critique d'Histoire et de Littérature.
» » de Législation et de Jurisprudence.
» des Cours et Conférences.
» » Deux Mondes.
» de Droit International et de Législation Comparée.
» Générale des Sciences Pures et Appliquées.
» Historique.
» de l'Instruction Publique en Belgique.
» Numismatique.
» Philosophique.
» Politique et Parlementaire.
» Scientifique.
» des Traditions Populaires.
Séances et Travaux de l'Académie des Sciences Morales et Politiques.
Times Weekly Edition.
Tour du Monde (Le).
Woche (Die).

É para sentir que ainda d'esta vez não seja apresentado o resultado do inventario numerico a que me tenho referido nos relatorios de 1900 e 1901.

Verificando ser inacceitavel a ultima contagem que dos impressos se havia effectuado, conforme expuz no primeiro d'aquelles relatorios, resolvi, para tornar-se conhecido o acervo da secção, que se procedesse a uma nova contagem e recommendei que alem do numero de volumes se indicasse nos quadros, que organisei e fiz imprimir, a circumstancia de estarem ou não catalogados os livros encontrados e quaes os seus numeros de ordem, para assim ficarem assignaladas as faltas, e que ao mesmo tempo fossem repostos nos devidos logares os volumes que apparecessem deslocados. Assim, alem do resultado principal que era chegar ao conhecimento do numero exacto de volumes pertencentes á secção, obtinham-se outros não menos proveitosos, como fossem — determinar os logares que os livros por catalogar occupam e onde para tal fim deverão ser procurados e restituir á consulta diversos outros que, achando-se transviados, estão como perdidos.

Em portaria de 15 de Janeiro de 1902, da qual já transcrevi alguns trechos, foi determinado que continuasse a contagem dos impressos, medida em que insisti em portaria de 2 de Agosto, dando-a por muito recommendada. Para auxiliarem n'esse serviço ao pessoal da 1ª secção designei a 12 de Agosto o 2º official da 3ª e o amanuense gratuito da 2ª. Finalmente, no intuito de obter o resultado a tempo de incluil-o no presente relatorio, propuz a exemplo do que havia feito em relação á 2ª secção que ao mesmo 2º official e a dous amanuenses, que se prestavam a trabalhar na secção de 15 de Dezembro a 15 de Janeiro, fosse concedido gosar mais tarde de um periodo equivalente de ferias, o que vos dignastes de auctorisar. Não consegui entretanto ver concluido esse trabalho. Logo que me chegue ás mãos o seu resultado, cumprirei o dever de leval-o ao vosso conhecimento e de informar-vos do modo por que se effectuou semelhante inventario.

A catalogação experimentou em 1902 sensivel differença para mais, si bem que o numero de obras que entraram para o catalogo esteja ainda muito aquem do que fora para desejar.

Supprimido provisoriamente o preparo de bilhetes destinados ao catalogo systematico a ser organisado e utilisados como foram os cartões que adquiri já revestidos do ilhó metallico, era de esperar fosse maior aquella differença.

Incluiram-se no catalogo alphabetico 2245 obras em 2418 volumes e extrahiram-se 5236 cartões, ahi comprehendidos 248 cartões correspondentes a 93 obras em 131 volumes pertencentes á collecção D. Theresa Christina. Em 1901 as obras catalogadas foram menos 1101, os volumes menos 1019 e os cartões menos 1180, tendo sido porem catalogados 142 mappas, o que se não fez em 1902.

Foram objecto dos meus cuidados a organisação e a integração de diversas collecções que me passaram sob as vistas, salientando-se a collecção da «Flora Brasiliensis» de Martius, que ficou scientificamente disposta e n'essa ordem foi encadernada.

Sem o auxilio de um pessoal extranumerario, remunerado em proporção aos serviços realmente prestados, não será possivel por em dia a catalogação alphabetica e começar a classificação systematica que constitue uma das maiores necessidades da Bibliotheca.

Lamento essa situação que me não permitte por em execução o systema bibliographico decimal, essencialmente pratico, de cujas vantagens estou desde muito tempo convencido.

A conservação dos livros e mappas impressos continuou a merecer-me toda a attenção, como era aliás do meu dever.

O desempoeiramento dos livros e o emprego do alumen

calcinado fizeram-se ininterruptos. A naphtalina pulverisada ou em balas foi applicada ás estantes fechadas e ás gavetas que contêm mappas.

Foram restituidos encadernados todos os volumes (409) restantes das remessas effectuadas em 1901. A diversas officinas fizeram-se em 1902 seis remessas, até que, installada em Julho a officina da Bibliotheca, para ahi sómente foram enviados os livros a encadernar ou restaurar. Remetteram-se a essa officina 1275 volumes e áquellas 794 ou um total de 2069 volumes, (mais 684 do que no anno antecedente), sendo restituidos 964 dos primeiros e 178 dos outros. Reunidos estes e aquelles aos 409 que haviam ficado do anno de 1901, resulta que foram encadernados durante o anno 1551 volumes ou mais 575 do que no antecedente. Na officina da Bibliotheca foram entelados 9 mappas. Da collecção D. Theresa Christina foram remettidos a encadernar 345 volumes, sendo promptificados 34, uns e outros já incluidos na estatistica acima.

Para melhor accommodação das brochuras a cargo do conservador accrescentaram-se nos compartimentos que lhes servem de deposito diversas prateleiras fixas que forneceram espaço onde estender, distribuir e colleccionar um grande numero de revistas, fasciculos, folhetos, etc.

Pena é que se não tenha continuado a construcção das galerias que permittem elevar as estantes e obter assim espaço para mais alguns milhares de volumes.

A consulta conservou-se quasi estacionaria, depois de haver subido consideravelmente de 1900 para 1901.

A 24822 consultantes foram em 1902 fornecidas 34297 obras, resultado que, comparado ao do anno antecedente, á primeira vista afigura-se inferior. Considerando-se porem bue foi menor o numero de dias uteis, verifica-se que a

inferioridade é simplesmente apparente, pois a media diaria de consultantes passou de 91,6 a 91,9 e a de obras de 126,9 a 127.

O movimento da consulta realisada na secção foi o seguinte em cada um dos trimestres :

1º trimestre	4698	consultantes	e	6537	obras
2º »	6517	»	»	9112	»
3º »	7938	»	»	10623	»
4º »	5663	»	»	8018	»
	24816			34290	

O emprestimo domiciliar só foi effectuado mediante auctorisação d'esse Ministerio ou a serviço publico e limitou-se a 7 obras em 11 volumes emprestados a seis consultantes, quatro dos quaes já fizeram a devida restituição de 4 obras em igual numero de volumes.

Deixaram de ser contempladas entre as emprestadas em 1901 tres obras em tres volumes, uma já restituida.

Foi igualmente restituida a obra :—J. D. Cortés. Parnaso argentino. Poesias liricas. Santiago. 1873—que fui encontrar n'uma loja de livros.

Assim se distinguem por materias e por linguas as obras consultadas em 1902 :

MATERIAS	OBRAS CONSULTADAS NA BIBLIOTHECA	OBRAS EMPRESTADAS	SOMMAS
Bellas Lettras	7726		7726
Historia e Geographia	2632		2632
Sciencias mathematicas	1945		1945
» naturaes	2423		2423
» medicas	3259		3259
» juridicas	2147	4	2151
» sociaes	731		731
Theologia	135		135
Philosophia	622		622
Artes	601		601
Relatorios	166		166
Bibliographia	119		119
Almanaks	169		169
Jornaes e revistas	10366	3	10369
Encyclopedias	1249		1249
	34290	7	34297
LINGUAS			
Portuguez	21702	4	21706
Francez	9770	1	9771
Inglez	1014	1	1015
Italiano	588		588
Hespanhol	384	1	385
Latim	315		315
Allemão	452		452
Grego	25		25
Tupy-guarany	38		38
Arabico	2		2
	34290	7	34297

Deixaram de ser attendidos 2003 pedidos para consulta por corresponderem a obras que a Bibliotheca não possuia e 1013 porque as obras a que se referiam estavam a encadernar-se, ainda não estavam catalogadas, achavam-se na occasião em poder de outros consultantes ou não se encontravam nos respectivos logares por motivos accidentaes.

O pessoal das salas de consulta foi dividido por conveniencia do serviço em duas turmas, conforme encontrei em Julho de 1900 ao assumir a directoria. A preferencia que o regulamento reclama para o serviço da consulta e a necessidade de evitar as prejudiciaes consequencias das constantes faltas de comparecimento, que são tanto mais sensiveis quanto mais reduzido é o pessoal de cada turma e maior o numero de turmas, levaram-me a reduzil-as de tres a duas, sem que aliás tenha deixado de ser observado o art. 10 do regulamento, pois a presidencia do serviço continua a caber por escala a tres 2^os^ officiaes, a cada um dos quaes cumpre em determinados dias desempenhar outros trabalhos.

Outra medida que em relação á 1^a^ secção julguei necessario adoptar desde o começo de 1902 por conhecer praticamente as suas vantagens foi a de encarregar a um só empregado de recolher ás estantes os livros consultados no dia antecedente, trabalho a realisar nas primeiras horas do expediente e mediante confronto com os boletins de pedido. O transviamento de um grande numero de volumes deve ser attribuido á defeituosa reposição effectuada até então por diversos empregados e na mesma occasião em que outros volumes eram retirados das estantes para as salas de consulta.

Foi franqueada ao publico ao começar o anno de 1902 a sala principal de consulta, depois de elevadas as estantes, construidas as galerias, modificada a disposição das mesas e numerados os logares destinados aos consultantes, que assim aguardam sentados, nos logares correspondentes ás senhas, que os auxiliares lhes entreguem as obras reclamadas.

Secção de Manuscriptos

Para a 2ª secção foram adquiridos 682 documentos manuscriptos (inclusive 150 contidos em 14 volumes), 52 mappas, 66 obras impressas em 103 volumes e 17 impressos avulsos, sendo por:

	docs.	mappas	obras	volumes	impressos
Compra	587	52	43	68	0
Doação	90	0	9	9	17
Permuta nacional . .	5	0	0	0	0
« internacional.	0	0	14	26	0
	682	52	66	103	17

Em 1901 adquiriram-se mais 162 documentos e 2 fac-similes e menos 32 mappas e 67 impressos.

Entraram tambem para a secção remettidos pela directoria diversos documentos e obras já existentes na Bibliotheca, a saber: 38 documentos diversos e 29 livros findos da Secretaria, contendo 10702 docs.; 33 docs., 1 fac-simile e 16 impressos pertencentes á collecção D. Theresa Christina e 30 obras em 36 volumes e 39 fasciculos.

Os impressos que se recolhem á secção de manuscriptos são de duas especies:— constituem documentos que não devem ser destacados dos manuscriptos a que estão annexos ou são obras de bibliographia que interessam de perto á secção, a cuja bibliotheca especial devem pertencer.

O registro de acquisições, continuando a ser feito por bilhetes, começou a fazer-se tambem no livro que para esse fim estabeleci. Para registrar a acquisição das obras impressas destinadas á bibliotheca especial da secção institui um livro á parte que igualmente começou a ser utilisado.

D'entre as acquisições realisadas mencionarei as seguintes:

Por compra:

— Collecção de documentos manuscriptos sobre Cayenna, Guyana e S. Domingos, escriptos em grande parte por Malouet (1771-79).

— Collecção de 526 documentos manuscriptos relativos á revolução federalista no Rio Grande do Sul.

— Diarios de viagens e informações obtidas de marinheiros hollandezes e portuguezes relativamente á navegação nas Antilhas e costas do Brasil. 39 ff. inn.—Manuscripto em hollandez do notavel cartographo Hessel Gerritz, acompanhado de varios desenhos (1627).

Foi comprado em Londres na conhecida livraria de Bernard Quaritch, em cujo catalogo de Julho de 1901 está mencionado. Fazem parte do codice diversos extractos de diarios de viagens ao Brasil,ineditos e perdidos, emprehendidas por Jan Baptiste Syens (1600), Rinke Pieters, Dirk Symonsen (1626) e outros.

Está sendo traduzido pelo illustrado benedictino D. Majolo de Caigny, que desinteressadamente se encarregou de semelhante trabalho.

— Theodosio Duarte Coimbra. Descripção exacta do destricto da Guarda Moria destas Minas do Paracatú, onde se declara quantos mineyros existem no d° destricto... q^tas^ dattas possuem... 1769. 78 pp. Manuscripto autographo e inedito.

— Ensaio sobre a critica de Alexandre Pope. Traducção portugueza do Marquez de Aguiar reduzida a verso heroico por Joaquim Ignacio Silveira da Motta. Manuscripto inedito.

— Recherches historiques sur les principales découvertes des Espagnols dans l'Océan au XV^e^ siècle et dans les commencements du XVI^e^. 113 pp. Manuscripto inedito do seculo XVIII.

— Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil. Autor o P^e^ Simam de Vasconcellos da Comp^a^ de Jesu. Copia antiga.

— Mappa topographico do Paraguay Diamant° e dos 6 descobertos repartidos ao Povo em 1814 e 1820 pelo Des^or^ Ouv^or^ G^al^ Ant° J^e^ de Carv° Chaves.

— Terra de Santa Cruz a que vulgarmente chamam Brasil. Collecção de 16 cartas geographicas do seculo XVI. Copia moderna.

— J. W. Bradley. A dictionnary of miniaturists, illuminators, calligraphers, and copyists... from the establishment of christianity to the eighteenth century. London. 1887-89. 3 v.

— A. Giry. Manuel de diplomatique. Paris. 1894.

— U. F. Kopp. Palaeographia critica. Mannhemii. 1817. 4 v.

— P. Paris. Les manuscrits françois de la Bibliothèque du Roi, leur histoire et celle des textes allemands, anglois, hollandois, italiens, espagnols de la même collection. Paris. 1836-48. 7 v.

— B. Quaritch. Examples of the art of book-illumination during the middle ages. Reproduced in fac-simile. London. 1889.

— H. Shaw. Alphabets, numerals and devices of the middle ages. London. 1845.

Por doação:

Do Ex^{mo} Sr. D. Joaquim Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro:

— Incipit Sancti Ambrosii Liber Exameron id est De Sex Diebus. 78 ff. inn.

— Incipiũt capl'a Ambrosii epĩ officiis. 72 ff. inn.

São dous raros e valiosos manuscriptos datados de 1465 e acham-se reunidos em um mesmo codice com encadernação da epoca.

Do Sr. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello:

— Uma collecção de escriptos de Francisco José Moreira Ribeirão e Joaquim Ribeiro da Silva Peixoto e documentos para a biographia de ambos.

Por permuta internacional:

Da «Bodleian Library» de Oxford foram recebidas entre outras obras impressas que ficaram pertencendo á 2ª secção as seguintes:

— W. H. Black. A descriptive, analytical and critical catalogue of the manuscripts bequeathed unto the University of Oxford by Elias Ashmole. Oxford. 1845.

— Calendar of charters and rolls preserved in the Bodleian Library, edited by W. H. Turner under the direction of the rev. H. O. Coxe. Oxford. 1878.

— A. Mortara. Catalogo dei manoscritti italiani che... si conservano nella Biblioteca Bodleiana. Oxonii. 1864.

— A. Neubauer. Fac-similes of hebrew manuscripts in the Bodleian Library. Oxford. 1886.

Ficou concluido, como era de esperar, o inventario numerico a que havia mandado proceder em 1901 e cuja continuação recommendei a 15 de Janeiro de 1902.

Attendendo ao louvavel empenho do chefe da secção em concluir esse inventario a tempo de constar do seu relatorio o respectivo resultado, propuz e auctorisastes que lhe fosse concedido bem como ao 1º official e ao amanuense da secção o adiamento das ferias para que pudessem ser aproveitados os seus serviços de 15 de Dezembro a 15 de Janeiro.

O resultado veiu demonstrar que á contagem procedida de 1894 a 1895 havia escapado uma grande somma de documentos, pois a notavel differença para mais que acaba de ser verificada não é preenchida pelas acquisições que de então em diante se fizeram. Os documentos biographicos passaram de 42156 a 195463 e os demais avulsos de 23511 a 90357, contados somente os documentos de texto, os codices que eram 1897 em 2073 volumes com 115513 docs. são agora 2270 (afora os codices-latas) em 2452 volumes com 166521 docs. de texto e os mappas elevaram-se de 416 a 1236. Accrescentem-se facsimiles, estampas e documentos e mappas impressos annexos a manuscriptos, etc. e subirá de ponto a differença sobre a contagem anterior.

O seguinte quadro resume o resultado do inventario numerico que abrange as acquisições effectuadas em 1902 :

RESUMO DO INVENTARIO DA 2ª SECÇÃO

	DOCS. DE TEXTO	MAPPAS MSS.	FAC-SIMILES	DESENHOS	ESTAMPAS	DOCS. IMPRESSOS	VOLS. E FASC. IMPR.	MAPPAS IMPRESSOS	MAPPA PHOTOGRAPH.	AMOSTRAS	SELLO PENDENTE	CHAPAS GRAVADAS	SOMMAS
2270 Codices encadernados em 2452 vols. contendo.	166521	201	23	1582	285	258	—	2	1	—	1	—	168874
99 Codices-latas com 1621 pastas contendo . .	11386	37	—	10	—	82	—	—	—	—	—	—	11515
1068 Latas com docs. biogr. (44926 pastas) contendo	195463	38	—	42	7	712	—	3	—	1	—	—	196266
595 » e 65 pacotes com docs. avulsos de outras classes (13232 pastas) contendo . .	90357	107	165	230	105	1113	—	12	—	6	—	—	92095
Mappas geographicos avulsos em 1046 ff. . . .	—	853	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	855
Desenhos, planos, plantas, projectos, etc. em 631 ff.	—	—	—	554	—	—	—	—	—	—	—	—	
Impressos da bibliotheca da secção (415 vols. enc., 119 broch. e 138 fasciculos)	—	—	—	—	—	—	672	—	—	—	—	—	554 672
EM DEPOSITO:													
Exemplares de 24 estampas de epigraphia (commissão Valle Cabral)	—	—	—	—	36683	—	—	—	—	—	—	—	36638
Chapas grav. em que se imprimiram taes estampas	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	24	24
16 Exemplares do catalogo da secção	—	—	—	—	—	—	80	—	—	—	—	—	80
SOMMAS	463727	1236	188	2418	37080	2165	752	19	1	7	1	24	507618

Excluidos os 672 impressos da bibliotheca especial da secção e os objectos que ahi se acham em deposito, verifica-se que o acervo da 2ª secção monta a 470159 peças, das quaes 465517 são documentos, mappas, planos, etc, todos manuscriptos. A contagem anterior havia accusado o total de 181604 peças.

Alem de offerecer occasião para que fossem numerados todos os documentos, mappas, plantas, etc, trouxe o inventario a vantagem de indicar os documentos manuscriptos a que se acham annexos mappas geographicos e documentos impressos por catalogar.

Para o catalogo de manuscriptos foram preparados pelo proprio chefe da secção 1466 bilhetes correspondentes a 1465 documentos catalogados. A necessidade de concluir a contagem geral impediu que tivesse maior desenvolvimento a catalogação dos manuscriptos.

Prepararam-se igualmente 24 bilhetes para o catalogo das obras de bibliographia existentes na secção.

Em 1901 ficaram organisados mais 1052 bilhetes de catalogo.

Correspondentes aos manuscriptos e impressos adquiridos em 1902 fizeram-se 547 bilhetes de registro ou mais 376 do que no anno antecedente.

Não se tiraram bilhetes de inventario, dos quaes em 1901 se haviam feito 77.

Ficou terminada a distribuição methodica dos documentos avulsos a inventariar por bilhetes. Occupavam 42 latas e diversos pacotes e, feita a distribuição pelas differentes classes já estabelecidas e por outras agora creadas, passaram a occupar 107 latas novas, que assim foram organisadas em 1902, trabalho que não poude ser levado a effeito em 1901.

Até que se complete a catalogação dos manuscriptos, a sua distribuição por classes vae de certo modo compensar o atrazo

do catalogo e prestar serviços á consulta publica, da qual de outra sorte continuariam por longo tempo excluidos documentos em grande numero.

No sentido da conservação muito se fez em 1902 na secção de manuscriptos. Procedeu-se cuidadosamente, folha por folha, ao limpamento dos codices encadernados, em todos os quaes se fez a applicação de alumen calcinado e naphtalina em pó. A naphtalina em balas foi empregada nos documentos avulsos e mappas, que se conservam em latas, pacotes ou gavetas e foram todos desempoeirados. Puzeram-se folhas de papelão em 629 latas, ficando assim melhor protegidas os papeis ahi acommodados. Empacotaram-se todos os mappas que os moveis não puderam comportar, os manuscriptos de grande formato e diversos outros para os quaes se tornou insufficiente o numero de latas existentes, algumas das quaes já não encontram logar nas estantes. Adquiriram-se 16 latas e muitas receberam nova numeração. Foram carimbados em todas as folhas 194948 documentos contidos em 1058 latas.

Não preciso salientar a importancia d'esse trabalho incessante de conservação. É assim que devem ser tratados thesouros inestimaveis, como aquelles de que se ufana a secção de manuscriptos.

Para accommodor as latas que já se acham fora de estantes e as que deverão ser adquiridas faz-se necessario ir procurar espaço no alto das estantes e construir galerias semelhantes ás da 1ª secção. Logar para novos moveis destinados a guardar mappas é que não poderá ser encontrado nas tres salas em que a secção está installada.

A consulta effectuada na secção de manuscriptos em 1902 é assim representada por trimestres :

1º trimestre	91 consultantes	3858 docs. mss.						41 obras impr.		
2º »	121 »	27526	»	»	(inclusive	4	cart. geog.)	19	»	»
3º »	270 »	31809	»	»	»	228	» »	68	»	»
4º »	229 »	36273	»	»	»	365	» »	44	»	»
	711	99466				597		172		

Os consultantes foram menos 231 do que em 1901, mas as peças consultadas foram mais 55389, o que indica que o serviço da consulta exigiu maior somma de trabalho. Os visitantes não passaram de 236 ou menos 25 do que no anno antecedente.

Distinguem-se do seguinte modo, por assumptos e por linguas os manuscriptos e os impressos que foram objecto de consulta na 2ª secção:

Assumptos

DOCUMENTOS MANUSCRIPTOS

Pará	27132	
Brasil em geral	22011	
Rio de Janeiro	18048	
Vice reinado de B. Ayres	10270	
Missões (Paraná e Uruguay)	4302	
Documentos biographicos	4070	
Bahia	3090	
Ceará	2649	
Pernambuco	1558	
S. Paulo	1552	
Rio Grande do Norte	1270	
Santa Catharina	841	
Maranhão	674	
Parahyba	669	
Bellas-lettras	222	
Agricultura	134	
Ilhas Malvinas	118	
Gran-Chaco	54	
Commercio	52	
Bibliographia	38	
Limites Brasil e Argentina	28	
Santiago del Estero	15	
Matto Grosso	14	
Minas Geraes	13	
Paraguay	13	
Biblias e breviarios	9	
Inconfidencia mineira	9	
America hespanhola	6	
Ethnographia brasileira	3	
Cordova	2	
Genealogia	2	
Botanica brasileira	1	98869

Transporte		98869
CARTAS GEOGRAPHICAS MANUSCRIPTAS		
Portugal e conquistas	516	
Brasil em geral	67	
Rio de Janeiro	4	
Maranhão	3	
Pará	3	
Rio Grande do Norte	2	
Rio Grande do Sul	2	597
		99466
OBRAS IMPRESSAS		
Bibliographia	168	
Historia do Brasil	2	
Diplomacia	1	
Paleographia	1	172
		99638

Linguas

MANUSCRIPTOS

Portuguez	83370	
Hespanhol	14833	
Portuguez e hespanhol	720	
Portuguez, francez e latim	516	
Latim	21	
Hollandez	6	99466
OBRAS IMPRESSAS		
Portuguez	141	
Hespanhol	25	
Francez	5	
Latim	1	172
Total		99638

Em virtude de auctorisações concedidas por esse Ministerio em 1899 e 1901 foram extrahidas copias de 35 documentos para o sr. dr. Manoel de Mello Cardoso Barata e de 167 para o Governo Argentino, sendo estas ultimas, bem como as que com o mesmo destino se haviam extrahido anteriormente, authenticadas de conformidade com o Aviso n. 572 de 9 de Maio de 1902. Foi tambem authenticada, mediante o pagamento do sello de certidão uma copia que em Aviso n. 1555 de 12 de Novembro o sr. Alfredo E. dos Santos foi auctorisado a extrahir. Para o Grande Oriente do Brasil foi começada uma das copias que o Aviso n. 452 de 19 de Abril auctorisara.

O Ministerio das Relações Exteriores conserva em seu poder varios documentos que lhe foram emprestados quando se faziam necessarios para a elucidação das questões das Missões e do Oyapock. Diversos documentos comprados para a Bibliotheca no leilão da collecção Linhares, em Lisboa, estão incluidos no emprestimo. Seria para desejar que fossem todos restituidos a este estabelecimento, a que pertencem e d'onde alguns estão ausentes desde 1883.

Continúa por fazer-se a divisão da collecção Pimenta Bueno, composta de mappas manuscriptos e impressos e memorias manuscriptas, comprada em 1896, desde quando se acha aqui depositada. Uma parte d'essa collecção cabe ao Ministerio das Relações Exteriores, que contribuiu para o pagamento com uma quantia inferior áquella que despendeu a Bibliotheca. A difficuldade da partilha e a conveniencia de não ser fragmentada a collecção são rasões em favor da acquisição que á Bibliotheca se deve proporcionar da parte que lhe não pertence e quando pertencer estará por meio de emprestimo á disposição d'aquelle Ministerio.

Secção de Estampas e Numismatica

ESTAMPAS

A Bibliotheca adquiriu e incorporou á 3ª secção 278 peças iconographicas, sendo 227 avulsas e 51 formando 3 collecções.

Feita a distincção por especies e procedencias, as acquisições ficam assim distribuidas :

	COMPRA	DOAÇÃO	CONTRIB. LEGAL	PERMUTA NACIONAL	SOMMAS
Gravuras a buril	1	—	—	1	2
» a agua forte . .	4	—	10	—	14
Lithographias	201	19	5	—	225
Xilographia.	—	1	—	—	1
Aquarella	1	—	—	—	1
Pennejados	3	—	—	—	3
Photographias.	18	8	—	—	26
Photogravuras.	—	3	3	—	6
	228	31	18	1	278

D'estas referem-se 86 a assumptos brasileiros e 192 a assumptos estrangeiros. Em permuta por um volume dos «Annaes» foi adquirida uma das gravuras.

Comparando o total acima com o das acquisições de 1901, nota-se que no anno ultimo a Bibliotheca adquiriu menos 705 peças iconographicas.

Entraram ainda para a 3ª secção 99 estampas que já se achavam na Bibliotheca. Foram 11 gravuras a buril, 51 lithographias, 27 aguas tintas e 10 photographias, sendo 56 relativas ao Brasil. D'essas estampas transferidas para a secção 77 constituem 2 collecções.

Montaram assim as entradas a 377, o que eleva a 104864 peças o acervo do departamento das estampas.

A situação angustiosa em que por absoluta falta de espaço se acha a secção iconographica constitue um obstaculo a que, procedendo-se a uma revisão nas outras secções, principalmente

na de impressos, sejam transferidas para aquella numerosas peças que n'ellas não encontram o seu devido logar.

A bibliotheca especial d'esta parte da 3ª secção adquiriu 20 obras em 31 vol. (mais 17 obras e mais 25 volumes), sendo por compra 15 em 20 vols., por doação 4 em 10 vols. e por permuta internacional 1 em 1 vol. O registro de entrada d'essas obras foi lançado no livro para tal fim estabelecido.

Apontarei algumas das acquisições que em 1902 se fizeram:

Por compra :

— Panoramic views of Rio de Janeiro and its surrounding scenery. Lithographed by Jas. Dickson from paintings by Le Capelain, the original sketches by E.Nicolle. Liverpool. S. d (1840 ?). 10 lithographias.

— W. G. Ouseley. Views in South America, from original drawings made in Brazil, the River Plate, the Parana, etc. London. S. d (1847 ?). 25 chromo-lithographias.

— Quatro gravuras a agua forte de Rembrandt: O camponez e sua familia; a circumcisão; Rembrandt a desenhar; Rembrandt com uma mantilha em volta do pescoço.

— M. Christ. Dictionnaire des monogrammes. Paris. 1762.

— J. Renouvier. Des types et des manières des maitres graveurs pour servir à l'histoire de la gravure. XVᵉ siècle. Montpellier. 1853.

A catalogação das estampas effectuada em 1902 apresenta em confronto com a que se fez no anno antecedente a differença de 212 bilhetes e 125 cartões para menos. Prepararam-se apenas 186 bilhetes para o catalogo por nomes de gravadores tambem chamado catalogo por escolas, 263 para o catalogo de assumptos e 229 cartões para o geral alphabetico por nomes de artistas. A organisação da collecção numismatica attrahiu de preferencia os diligentes cuidados do chefe da secção, que, apezar da multiplicidade dos serviços a seu cargo, só pode contar com o auxilio de um 1º official.

A necessidade urgentissima de fazer avançar o catalogo da secção de impressos, ahi concentrando o maior numero possivel de empregados, e por outro lado as condições actuaes do pessoal

não me permittem fornecer ao chefe da 3ª secção os collaboradores de que elle precisa.

O acondicionamento e a conservação das estampas exigem condições que não puderam ser satisfeitas.

Nos dous pequenos compartimentos do terceiro andar occupados pela parte iconographica da secção não é possivel collocar novos moveis apropriados á guarda de estampas. As novas acquisições vão accumulando-se, sem que se lhes possa attribuir um logar definitivo, onde fiquem ao abrigo da deterioração e sejam promptamente encontradas quando necessario.

É indispensavel proporcionar mais algum espaço ao gabinete das estampas, que muito merece pelo que de precioso encerra. O que me parece de mais facil execução é o prolongamento do terceiro andar, como tive occasião de suggerir no relatorio passado.

Procedeu-se ao limpamento das estampas que em seguida foram tratadas pela naphtalina. Á falta de pessoal não poude proseguir a restauração, trabalho que d'ora em diante poderá com vantagem ser realisado no officina da Bibliotheca, em relação á qual não prevalece o motivo que exigia se fizesse na propria secção.

Receberam-se encadernados 5 volumes de estampas remettidos em 1901 á Imprensa Nacional. Da bibliotheca de iconographia foram a encadernar na officina do estabelecimento 7 obras em igual numero de volumes, registrando-se a sahida em livro destinado a esse serviço.

Collocado o gabinete das estampas no pavimento mais elevado do edificio, raras são as pessoas que o procuram. Contaram-se 56 consultantes, 5045 peças consultadas e 17 visitantes.

No anno antecedente houve mais 196 d'aquelles, menos 2774 d'essas e mais 4 d'estes.

O decrescimento do numero de consultantes encontra explicação na circumstancia de não ter sido normal a frequencia observada em 1901, anno em que fizeram assidua consulta diversas pessoas que se inscreveram ou pretenderam inscrever-se para o concurso a um logar de amanuense e procuravam habilitar-se para a prova pratica de iconographia.

Em relação ao anno de 1900 verifica-se em 1902 a differença de 22 consultantes a mais.

NUMISMATICA

As peças numismaticas adquiridas durante o anno elevaram-se a 432, excedendo em 152 o numero alcançado em 1901.

D'essas que deram entrada em 1902 são brasileiras ou referentes ao Brasil 362, das quaes 124 pertencem á categoria das medalhas. São metallicas 323 peças, das quaes 7 de ouro, 57 de prata, 139 de cobre, 46 de nickel e as restantes de ferro, chumbo e ligas diversas.

Considerando as especies e os modos de acquisição, as 432 peças que passaram a pertencer á Bibliotheca discriminam-se do seguinte modo:

	COMPRA	DOAÇÃO	PERMUTA NACIONAL	SOMMAS
Medalhas commemorativas ou de homenagem	89	21	20	130
» religiosas			24	24
Passadores para medalhas			3	3
Reclamos	1		9	10
Senhas			3	3
Condecorações	2		2	4
Conto (jeton para calculo)		1		1
Moedas	11	85	46	142
Vales metallicos		1	5	6
Pesos monetarios	2			2
Cedulas	1	9	25	35
Vales em papel		56	8	64
Apolices	1	2	5	8
	107	175	150	432

Continuei a promover a acquisição de peças que viessem preencher as numerosas lacunas de que se resentia e ainda se resente a collecção numismatica brasileira existente na Bibliotheca. Procurei assim obter por compra, nos estreitos limites que o orçamento permittia, aquillo que não consegui por doação ou permuta e mandei vir do estrangeiro, como já havia feito no anno antecedente, diversas peças, algumas das quaes foram adquiridas em leilão em Lisboa pelo obsequioso intermedio do Sr. M. da Silva Pontes, Consul Geral do Brasil. Com o mesmo fim auctorisei a acquisição de 150 peças em permuta de 125 outras, de igual valor, tiradas das multiplicatas e duplicatas.

Descontadas as que sahiram em permuta, bem como 65 cedidas do mesmo modo em 1901, resulta que as peças numismaticas existentes na secção ascendem a 25.641.

Entre as medalhas obtidas por doação e diversas, que compondo uma pequena collecção só puderam ser compradas em grupo, figuram 36 que vieram substituir exemplares em peior estado de conservação ou mesmo constituir duplicatas. Excluidas estas, verifica-se que o augmento real da collecção de medalhas brasileiras em exposição foi de 88 peças e que o total da collecção se eleva a 759.

Seria muito mais elevado esse numero si houvesse produzido o desejado effeito a recommendação que á Casa da Moeda dirigiu o Ministerio da Fazenda em data de 11 de Janeiro de 1900 e, conforme solicitei, foi em 1901 renovada e ampliada. Trata-se de obter d'aquelle estabelecimento um exemplar de cada medalha, moeda ou ensaio que alli se cunhar ou existir disponivel e de cada sello ou ensaio de sello que alli se imprimir.

Bem se vê que a Bibliotheca não tem a pretenção de reclamar para si a collecção numismatica da Casa da Moeda, que como estabelecimento productor necessita de peças para modelo e deve conservar uma collecção de todos os seus trabalhos. O ponto de vista da Bibliotheca é muito outro, entende com o estudo da historia de que a numismatica é sciencia auxiliar. Coexistem assim perfeitamente as duas collecções; uma não pode absorver a outra.

Seria de grande vantagem que aquellas ordens tivessem execução, que em nada prejudicaria a Casa da Moeda e enriqueceria a collecção brasileira da Bibliotheca, evitando que se adquirissem onerosamente, como já tem acontecido, peças alli fabricadas.

Outra auctorisação cujo cumprimento a Bibliotheca está aguardando desde 1900 é aquella que se refere á remessa que lhe tem de fazer a Directoria dos Correios de um exemplar de cada um dos sellos enviados pelos demais paizes da União Postal Universal.

D'entre as peças numismaticas adquiridas em 1902 destacam-se as seguintes :

Por compra :

— Medalha commemorativa da victoria obtida nas costas do Brasil pela armada hespanhola sob o commando de D. Antonio de Oquendo contra a frota hollandeza commandada por Pater. 1630. Prata.

— Medalha commemorativa da tomada de Cayenna aos francezes. Effigie de D. João, Principe Regente. 14 Jan. 1809. Prata.

— Medalha da Sociedade de Beneficencia Brasileira em Portugal. 2 de Dezembro de 1868. Com collar. Prata dourada.

— Medalha do Lyceo Litterario Portuguez no Rio de Janeiro. Deliberação de 24 de Março de 1885. Com fita, suspensor e passador. Ouro.

— Moeda de D. Sebastião. 500 reaes. Ouro.

— Cedula do Thesouro. Brasil-Imperio. 500$. 4ª estampa. 1ª serie. N. 16629.

Por doação :

Do Sr. Dr. D. Amador del Solar, Ministro do Perú:

— Medalha de homenagem ao Brasil «La Juventud de Lima a la República del Brasil. Noviembre 15. 1890.» Prata.

— Idem. Cobre.

— Medalha cunhada em Lima a 15 de Novembro de 1890, dedicada ao Sr. Dr. Cyro de Azevedo, Ministro do Brasil. Prata.

— Medalha commemorativa da inauguração da Escola Nacional de Agricultura em Lima a 22 de Julho de 1902. Prata.

Do Sr. Dr. Cyro de Azevedo:

— Medalha do centenario de Urquiza «Primer Presidente Constitucional de la República Argentina. MDCCCI. 18 Octubre. MCMI». Cobre prateado.

Do Sr. Julius Meili.

— Medalha do Yacht Club Argentino. Visita do Presidente do Brasil á Republica Argentina. 1900.

Por permuta:

— Medalha comemmorativa da inauguração do monumento a D. Pedro IV na cidade do Porto em 19 de Outubro de 1866. Prata.

— Duas condecorações da Ordem de Christo. Ouro e esmalte.

— Moeda de D. João VI. 960. Bahia. 1820. Erro: BARS. Prata.

— Tres cedulas da Provincia das Alagoas. 10$, 20$ e 50$.

— Cedula do Thesouro. Brasil-Imperio. 200$. 4ª estampa. 1ª serie. N. 45011.

— Idem. 100$. 4ª estampa. 3ª serie. N. 66262.

A bibliotheca especial de numismatica foi enriquecida com 12 obras em 40 volumes, sendo por compra 6 em 34 volumes, por doação 2 em 2 volumes, por permuta internacional 3 em 3 volumes e por transferencia de secção 1 obra em 1 volume, registrando-se em livro á parte essa especie de acquisições.

Das que foram obtidas por compra merecem especial menção as tres seguintes, recebidas da Europa depois de insistentemente pedidas, bastante raras a segunda e a primeira, esta a obra classica da numismatica grega:

— J. E. Mionnet. Description de médailles antiques, grecques et romaines. Paris. 1806-37. 16 v.

— J. Neumann. Beschreibung der bekanntesten Kupfermünzen· Prag. 1858-72. 6 v.

— Catalogo de la coleccion de monedas y medallas de Manuel Vidal Quadras y Ramón. Barcelona. 1892. 4 v.

Da bibliotheca de numismatica foram remettidas a encadernar 54 obras em 79 vols. que com excepção de 5 em 10 vols. foram promptificadas antes do fim do anno.

Em 1901 haviam sido distribuidas e inventariadas as moedas brasileiras e portuguezas procedentes do Museu Nacional e da collecção de D. Pedro de Alcantara, verificando-se o total de 1206 peças brasileiras e 744 portuguezas. Em 1902 procedeu-se do mesmo modo quanto ás demais moedas tambem brasileiras e portuguezas existentes na secção, sendo encontradas 1045 d'aquellas e 972 d'estas.

Taes numeros exprimem a totalidade das duas collecções, brasileira e portugueza, ahi comprehendidas duplicatas que vão sendo excluidas no correr da catalogação.

Não havendo motivo para conservar formando um todo distincto as peças inventariadas em 1901, foram ellas reunidas ás demais, fazendo-se de umas e outras uma só distribuição, separadas as nacionalidades.

Poude assim o chefe da secção começar o trabalho de catalogação das moedas brasileiras, ao mesmo tempo que o da escolha dos exemplares melhor conservados e exclusão das duplicatas. Como era natural, foi pelas moedas do periodo colonial que o trabalho se iniciou, sendo catalogadas por meio de cartões 55 moedas correspondentes ao reinado de D. Pedro II e 88 ao do seu successor D. João V.

É preciso porem ao mesmo tempo attender á necessidade urgente de separar as peças estrangeiras que em avultado numero ainda se acham confundidas, serviço que tem sido alternado com o da catalogação, ambos difficeis e demorados.

A consulta effectuada durante o anno no gabinete de numismatica experimentou, como a das estampas e pelo mesmo motivo do concurso, decrescimento sensivel quanto ao numero de consultantes, que se limitaram a 28 ou menos 86 do que no anno antecedente, em que o seu numero fôra anormal. Em compensação as peças consultadas elevaram-se a 3455 e os visitantes foram 26, mais 2521 aquellas e mais 8 estes do que em 1901.

Officina de Encadernação

Communicando a installação da officina dirigi ao vosso antecessor o seguinte officio que peço venia para transcrever:

« N. 90. Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 2 de Julho de 1903. Sr. Ministro. Cumpro o grato dever de participar-vos que foi inaugurada hoje, sem solennidade a Officina de Encadernação da Bibliotheca Nacional. Para conseguir que se traduzisse em realidade a idéa da creação da officina, necessidade indeclinavel cuja satisfação tive occasião de propor no relatorio de 15 de Março de 1901 e já havia sido reclamada por alguns dos meus illustres antecessores, solicitei, cabendo-me ser attendido, que fossem distribuidas diversamente do que succedia as sub-consignações orçamentarias destinadas á acquisição e á conservação de livros e mais objectos colleccionados na Bibliotheca, já augmentadas de 4:000$000 na proposta d'esse Ministerio, isto é, que se separasse a conservação da acquisição, dotada aquella com uma quantia maior por ser preferivel conservar os que existem a adquirir novos para os não conservar convenientemente e que se incluissem expressamente na sub-consignação «conservação de livros, etc.» a montagem e o custeio de uma officina de encadernação. Resolvida assim a maior difficuldade, foi-me dado organisar a officina em condições de poder, tal seja o pessoal que os recursos do orçamento permittam empregar, attender senão por completo ás necessidades da Bibliotheca, por não comportar a economia com que foi installada a acquisição de apparelhos e utensilios para trabalhos de luxo, ao menos ás suas necessidades mais frequentes, inclusive a encadernação dos livros de grande formato. Por occasião da inauguração foi lavrada uma acta que depois de assignada pelos empregados da Bibliotheca que se achavam presentes foi recolhida á Secção de Manuscriptos. Saude e fraternidade. Ao Sr. Dr. Sabino Barroso Junior, Ministro da Justiça e Negocios Interiores. »

A officina dispõe de seis machinas do conhecido fabricante Karl Krause, de Leipzig, fornecidas á Bibliotheca pela quantia de 3:191$960 pela Companhia Typographica do Brasil, que apenas cobrou a commissão de 10 °/₀ sobre as despesas. São as seguintes:

Machina de aparar, com pressão automatica. Comprimento do corte: 0^{m},825.

Dita pequena. Comprimento do corte: $0^m,355$.

Tesoura para papelão, com mesa de ferro. Compr. do corte: 1^m.

Machina de encaixe. Compr. da bocca: $0^m,45$.

Prensa de ferro com quatro columnas. Formato do marmore: $0^m,95$ por $0^m,66$.

Dita com duas columnas. Form. do marmore: 0,40 por 0,30.

Está igualmente provida dos pequenos apparelhos e utensilios necessarios para preparar encadernações communs. Faltam-lhe ainda para ser completa uma machina de dourar e o material necessario para a imitação das encadernações antigas que é preciso renovar conservando quanto possivel a feição primitiva das obras a reencadernar, material que já encommendei directamente para a Europa.

As obras remettidas de cada uma das secções da Bibliotheca são acompanhadas do livro, em que se registra a respectiva sahida e em que o chefe da officina deve passar recibo, e de uma relação á parte para seu governo, na qual por occasião da restituição passa recibo por sua vez o chefe da secção d'onde houver partido a remessa.

Até 31 de Dezembro foram encadernados ou reencadernados para as secções e para a secretaria 1052 volumes de differentes formatos, inclusive jornaes, e entelados 9 mappas.

Annaes da Bibliotheca e Publicações em Deposito

Ainda se acha na Imprensa Nacional o volume XXIII dos Annaes da Bibliotheca, do qual faz parte o tomo V do Catalogo dos Manuscriptos.

Foi recolhida ao Thesouro a quantia de 131$000 correspondente a 16 volumes de publicações vendidas de conformidade com a tabella approvada por esse Ministerio.

A « Flora Brasiliensis » depositada na Bibliotheca pelo Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, a cuja disposição se acha, continuou a ser entregue áquellas pessoas que de accordo com a lista de distribuição se apresentaram para receber os fasciculos que lhes competiam. Verificando porem que o numero de destinatarios excedia o de exemplares que o Governo do Brasil costuma receber de semelhante publicação, para cujas despesas contribue, solicitei para meu governo, em relação aos fasciculos a receber, instrucções d'aquelle Ministerio, que resolveu, segundo me foi communicado a 31 de Outubro pelo Director Geral da Industria, restringir a distribuição aos destinatarios que já possuissem mais de metade da collecção, excluindo-se da relação os que tivessem recebido, em epochas diversas, pequeno numero de fasciculos.

O inventario das publicações da Bibliotheca e das que se acham depositadas com destino ao serviço de permutas dependia do inventario da secção de impressos por estarem confundidas as brochuras. Apezar de não estar terminado o inventario da secção, consegui ultimamente, como já disse em outro logar d'este relatorio, fazer a discriminação e pretendo não só proceder á contagem das publicações da Bibliotheca e das destinadas ás permutas, mas tambem separal-as por grupos e relacional-as.

Illuminação

A energia necessaria á illuminação electrica passou a ser fornecida desde 16 de Agosto pelo Quartel da Brigada Policial, que para habilitar-se a esse fornecimento e ao mesmo tempo prover melhor ás necessidades da sua illuminação reforçou a sua installação electrica.

Poude assim ser augmentado o numero de lampadas que se fazia preciso para illuminar sufficientemente o interior do edificio, occasião que foi aproveitada para distribuir os focos mais convenientemente, como aconteceu na sala principal de leitura.

A luz tem-se conservado intensa, principalmente quando a força é recebida da bateria de accumuladores, como é preferivel para evitar interrupções que muito podem prejudicar o serviço da consulta publica.

Grande parte da antiga canalisação foi utilisada pelos contractantes da nova installação, que procederam com a mais exagerada economia, sendo empregado, em parte, material inferior ao que existia, não sendo collocados commutadores em numero sufficiente, sendo conservado como definitivo aquillo que foi feito atropeladamente para dar logar á inauguração a 16 de Agosto e finalmente deixando de ser attendidas justas reclamações.

A illuminação da fachada soffreu consideravelmente. As novas lampadas, de arco, pendentes dos antigos braços deteriorados, offerecem uma luz azulada, fraca e vacillante, não supportando comparação com os poderosos focos que vieram substituir e cuja luz clara e fixa era de todos conhecida.

O motor, a caldeira e o dynamo da Bibliotheca tinham-se tornado dispensaveis e ainda quando viessem a ser precisos não poderiam mais ser empregados com a canalisação actual calculada para uma voltagem muito superior. Propuz então ao Sr. General Commandante da Brigada Policial a troca que por esse Ministerio foi auctorisada em Aviso de 7 de Novembro e fiz-lhe entrega d'aquelle material. A Bibliotheca receberá em troca uma pequena typographia, capaz de imprimir os Annaes e outros trabalhos que constantemente são necessarios.

Orçamento

Resolvida a creação da officina typographica, fazia-se indispensavel obter os meios de custeal-a. Com esse fim propuz algumas modificações na distribuição da consignação «Material» do orçamento para 1903, que tive o prazer de ver approvadas e consistiram em juntar ao custeio da officina de encadernação o da typographia e em permittir a ampliação de

ambas, contribuindo as sub-consignações, por onde poderiam ser pagos trabalhos graphicos, para elevar a quantia destinada ás duas officinas. A mesma applicação teve o excssso de 5:000$ da rubrica « Illuminação» que ficou dividida em duas : «Material de illuminação» e «Contribuição á Brigada Policial pelo fornecimento de energia electrica.»

Para o exercicio de 1904 já tive occasião de propor uma pequena elevação na sub-consignação «Acquisição de livros» por ter verificado que reduzida como está não tem proporções para occorrer ás acquisições indispensaveis, n'aquella que se refere ás officinas por ser consideravel o numero de volumes a encadernar e restaurar e na «Contribuição á Brigada» por ser considerada insufficiente a do actual exercicio. Propuz alem d'isto que fosse auctorisada em orçamento a admissão de cinco coadjuvantes da catalogação dos impressos, emquanto atrazado esse serviço, medida que por si está justificada, tal a necessidade de por ao alcance do publico milhares de obras que se vão accumulando sem ser susceptiveis de consulta, porque é desconhecida a sua presença na Bibliotheca.

Os adiantamentos para occorrer ás despesas de prompto pagamento durante o exercicio de 1902 passaram a fazer-se ao 2° official da secretaria, Julio Cesar de Moraes, que de todos prestou contas exactas. A quantia adiantada teve de tornar-se maior para occorrer a uma despesa nova, como foi o pagamento do pessoal da officina.

Edificio

A segurança da Bibliotheca exige que se executem as obras de defesa contra incendio que foram objecto do meu officion. 114 de 10 de Julho de 1901 e cujo orçamento acompanhou o Aviso n. 292 dirigido a esse Ministerio pelo da Industria em data de 13 de Dezembro do mesmo anno.

Adiada desde então, apesar de modica a quantia em que

as obras foram orçadas, peço a vossa esclarecida attenção para essa providencia que se me afigura de importancia maxima.

O prolongamento do terceiro andar para offerecer mais uma sala á Secção de Estampas, a construcção de novas galerias, que suprimem as escadas moveis e permittem elevar as estantes augmentando-lhes a capacidade, e finalmente a pintura geral são necessidades que merecem ser attendidas na hypothese de ser conservada a Bibliotheca no edificio que occupa desde 1858.

A 29 de Julho dignou-se de visitar a Bibliotheca o Sr. Dr. Sabino Barroso Junior, vosso digno antecessor.

Percorrendo demoradamente todas as secções do estabelecimento, o Sr. Ministro teve occasião de verificar a impropriedade, má situação e insufficiencia do edificio e consequentemente a necessidade da transferencia da Bibliotheca para um outro que reuna as condições indispensaveis.

A escassez de espaço e a agglomeração d'ahi resultante não poderiam impressionar agradavelmente a quem penetrava pela primeira vez na Bibliotheca. O resultado da visita foi a confirmação de quanto n'este particular havia exposto nos meus relatorios de 1900 e 1901.

Agitava-se então a idéa da adaptação do Theatro S. Pedro de Alcantara, ao mesmo tempo que para o mesmo fim de adaptação a bibliotheca eram offerecidos á venda dous predios da rua da Gloria. Ouvido a respeito da preferencia que áquelle ou a estes deveria ser dada, abstive-me de influir na escolha, não deixando porem de expor as vantagens e os inconvenientes de cada uma das soluções e de tornar patente, uma vez que a construcção desde a base não poderia ter logar, que a transformação deveria ser completa de modo a serem preenchidos todos os requisitos exigidos pelo destino especial do edificio.

Offereceu-se-me assim o ensejo de submetter á consideração

do Sr. Ministro a enumeração das principaes condições que o novo edificio tinha a satisfazer e a das salas e outras divisões que me pareceram indispensaveis ao funccionamento regular de todos os serviços, attendendo desde logo ao provavel desenvolvimento da frequencia publica e á opportunidade de adoptar providencias modernamente introduzidas nas grandes bibliothecas estrangeiras.

Dada a preferencia ao Theatro, cujo maior inconveniente consistia em não admittir a possibilidade de prolongamento quando a Bibliotheca assumisse proporções incompativeis com a capacidade d'aquelle, fui encarregado de organisar um plano de adaptação, que difficilmente poude ser traçado por não permittir a largura do edificio uma boa divisão do interior.

Os pontos capitaes do projecto consistiam em construir um armazem todo de ferro com diversos pavimentos baixos, grandes janellas e claraboia, para comportar 900000 volumes, em destruir a parede curva que forma a sala de espectadores e approximadamente no mesmo logar installar o salão principal de consulta com a forma de um octogono regular alongado, grande zimborio ao centro e espaço para admittir 150 consultantes, limitado por columnas e paredes de ferro e finalmente separar por completo as salas de exposição e deposito de cada secção das salas de trabalho para o respectivo pessoal e d'aquellas destinadas á consulta.

A execução do projecto acceito pelo Sr. Ministro reclamava a completa transformação do edificio, do qual só seriam conservadas as paredes principaes, modificada a fachada e abertas amplas janellas lateraes.

Avalio que seria assaz dispendiosa a realisação de semelhante plano, para o qual só contribui na minha esphera, deixando á competencia do architecto a parte que lhe devia caber.

Posta de parte a idéa do aproveitamento do Theatro, como parece ter acontecido, peço permissão para manifestar a convicção de que haveis de attender aos justos reclamos da Bibliotheca fazendo levantar o grandioso edificio que ha de abrigar o maior thesouro bibliographico da America Latina.

Novo Regulamento

Não tendo sido utilisada a auctorisação que para a revisão do regulamento da Bibliotheca estava consignada na lei orçamentaria para o exercicio de 1901, renovou-a a lei n. 957 de 30 de Dezembro de 1902, que habilitou o Governo a «expedir novo regulamento para a Bibliotheca Nacional, reorganisando-a de modo a melhor preencher os seus fins, sem augmento de despesa». Esta condição restrictiva, incompativel com a reorganisação que se impõe, não impede que o novo regulamento consulte os verdadeiros interesses e satisfaça as necessidades reaes do estabelecimento, porque poderá ficar dependente, em parte, da approvação do poder legislativo.

O regulamento em vigor, datado de 8 de Agosto de 1894, e os que foram expedidos em 1892 e 1890 são a reproducção, com pequenas variantes, do regulamento de 4 de Março de 1876, que, vindo substituir os Artigos Regulamentares de 13 de Setembro de 1824, representava então assignalada conquista, mas que, dado o desenvolvimento que a partir d'ahi se operou, não mais corresponde ás exigencias e ás aspirações da Bibliotheca.

O projecto que organisei, auctorisado pelo vosso antecessor, que o acceitou sem impugnação, consignava entre outras medidas a divisão da Secção de Estampas e Numismatica, a creação do Instituto Bibliographico, a instituição de um premio annual conferido ao melhor trabalho de bibliographia brasileira, a constituição do patrimonio, o estabelecimento das conferencias a cargo dos chefes de secção como um primeiro passo para um curso de bibliotheconomia e finalmente o indispensavel augmento de pessoal.

Ás providencias ahi propostas, peço venia para accrescentar a creação da Secção das Cartas Geographicas, que hoje pertencem a duas secções e que o projecto, com o fim de conserval-as reunidas, annexava á de Manuscriptos.

O augmento do pessoal é uma das medidas mais urgentes e virá concorrer para terem impulso todos os serviços a cargo da Bibliotheca, sendo, como é de crer, escolhidos empregados que ás habilitações e á honestidade reunam o amor á ordem, a dedicação ao trabalho e a noção do dever.

Penso ter dado cumprimento á prescripção regulamentar, prestando-vos estas informações relativas ao occorrido em 1902, acompanhadas das considerações que despertaram.

Saude e fraternidade.—Ao Sr. Dr. José Joaquim Seabra, Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

O Director

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.